



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



BRUNA TRINDADE GOMES CARNEIRO

UM CÓDICE EM LÍNGUA GERAL:
EDIÇÃO, ESTUDO PALEOGRÁFICO E SÓCIO-HISTÓRIA DA
AMAZÔNIA (1750-1758)

VOLUMES I e II



FEIRA DE SANTANA- BA

2024

BRUNA TRINDADE GOMES CARNEIRO

UM CÓDICE EM LÍNGUA GERAL:

**EDIÇÃO, ESTUDO PALEOGRÁFICO E SÓCIO-HISTÓRIA DA AMAZÔNIA (1750-
1758)**

VOLUMES I e II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Dra. Alícia Duhá Lose

Coorientadora: Dra. Zenaide de Oliveira
Novais Carneiro

FEIRA DE SANTANA- BA

2024

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

Carneiro, Bruna Trindade Gomes
C287c Um códice em língua geral: edição, estudo paleográfico e sócio-história da Amazônia (1750-1758) – volumes I e II / Bruna Trindade Gomes Carneiro. - 2024.
836f.: il.

Orientadora: Alícia Duhá Lose
Coorientadora: Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2024.

1. Códice 69. 2. Língua Geral Amazônica . 3. Políticas linguísticas.
4. Linguística histórica. 5. Linguística – História social. 6. Português brasileiro. 7. Filologia. 8. Educação colonial. I. Lose, Alícia Duhá, orient.
II. Carneiro, Zenaide de Oliveira Novais, coorient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. IV. Título.

CDU: 801

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

TERMO DE APROVAÇÃO

BRUNA TRINDADE GOMES CARNEIRO

UM CÓDICE EM LÍNGUA GERAL:

**EDIÇÃO, ESTUDO PALEOGRÁFICO E SÓCIO-HISTÓRIA DA AMAZÔNIA (1750-1758) -
VOLUMES I e II**

Tese realizada com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e submetida ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

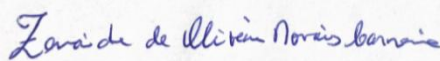
Aprovada em 04 de fevereiro de 2024.

Parecer: *A tese defendida, de alta complexidade, possui inegável qualidade científica, apresentando análises de extremo rigor teórico-metodológico, em perspectiva interdisciplinar e em um texto muito bem-organizado e normalizado, com excelente argumentação. Destacam-se a primorosa edição filológica, inédita, de documentação de grande valor histórico, e seu estudo paleográfico detalhado, bem como a criteriosa cobertura bibliográfica. A pesquisa em questão contribui, de forma importante, para as discussões sobre a temática abordada, em razão do que se recomenda fortemente sua publicação.*

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Alicia Duhá Lose
Orientadora (UEFS/ UFBA)

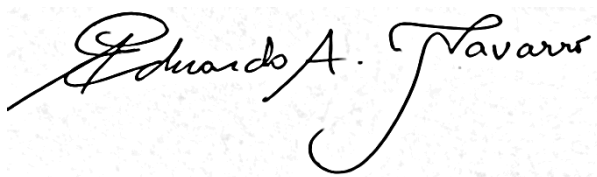


Prof. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro
Coorientadora (UEFS)



Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda
Avaliadora Interna (UEFS)

Profa. Dra. Maria Filomena Candeias Gonçalves
Avaliadora Externa (Universidade de Évora)



Prof. Dr. Eduardo Navarro
Avaliador externo (USP)



Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire
Avaliador Externo (UERJ)

Dedico este trabalho a Deus, criador de todos os povos; aos indígenas, cujas vozes gritam desde os acervos; a todos os pesquisadores que enfrentaram a pandemia do Covid-19; às mães que fazem ciência no Brasil, principalmente àquelas que geraram e amamentaram enquanto investigavam; e às minhas avós, que percorreram, por muitos anos, o chão da escola.

AGRADECIMENTOS

Michelangelo, ao ser perguntado sobre como fizera a escultura de Davi (com quase 4,5 metros em um só bloco de mármore, guardada na Academia de Belas Artes de Florença), ele disse: “Foi fácil; fiquei um bom tempo olhando o mármore até nele enxergar o Davi. Aí, peguei o martelo e o cinzel e tirei tudo o que não era Davi...”

Autor desconhecido

Por muito tempo, tentei escrever, aqui, sem que as lágrimas viessem aos olhos numa retrospectiva de toda caminhada até este momento. Hoje, tenho um coração imensamente grato por absolutamente tudo que vivenciei nesses quatro anos de doutorado. Como todos que sobreviveram à pandemia do Covid-19, por muitos momentos, o medo e a incerteza estiveram especialmente presentes nessa fase. Mas, é também por isso que, hoje, finalizo esta etapa com muita gratidão e a certeza de que não estive só. Afinal, realizar este feito sozinha seria impossível.

Agradeço ao Senhor, por ter conduzido perfeitamente todas as coisas até aqui e ter carregado no colo não só a mim, mas também meu filho – o meu trabalho mais importante e aquilo de mais sagrado que o Senhor confiou a mim. Sei que, desde o início, ainda que vacilantes, estiveste conosco, colhendo cada lágrima e ouvindo cada oração. Toda honra e louvor sejam dados a Ti, Rei dos reis, “porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente” (Rm 11:36).

À família que o Senhor me ajudou a construir – meu filho, Miguel, que esteve comigo desde o início do doutorado, ainda na barriga, e em muitas madrugadas de escrita, tendo nascido numa pandemia; e meu esposo, Eriton, que colaborou ativamente no agrupamento de cada fólio, no conforto da minha produção (lendo os capítulos e vislumbrando comigo novas possibilidades de investigação) e da nossa casa – parceiros em tudo e presentes sempre. Essa conquista é nossa!

À minha amiga Liliane – muito mais que uma amiga, uma irmã –, que esteve comigo num dos momentos mais delicados da minha vida, em oração e fisicamente, lembrando-me, a todo tempo, que as misericórdias do Senhor se renovam todos os dias. Você faz parte da minha família!

Às minhas três avós, pela inspiração à docência. Em especial, à D. Lourdes, que esteve com Miguel quando, por vezes, precisei me ausentar; e à D. Maura, que me ajudou no desmame do meu filho enquanto eu transcrevia os fólios do documento. Também à minha prima Diana, que, mesmo à distância, esteve comigo em oração.

Aos meus pais, pelo investimento na minha educação desde tenra idade; principalmente ao meu pai, Seu Carlos, por ter sido, em alguns momentos, o aconchego que meu filho precisou.

À minha orientadora, Profa. Dra. Alícia Duhá Lose, que me enxergou não apenas como uma orientanda, mas também como mãe, pela generosidade e delicadeza de suas orientações; e à minha coorientadora, Profa. Dra. Zenaide Carneiro, que me forja como pesquisadora desde a iniciação científica. Obrigada por acreditarem em mim quando, por muitas vezes, duvidei.

Aos grupos de pesquisa de que faço parte, *Modus Scribendi* e CE-DOHS, pela riqueza das nossas trocas.

À banca de qualificação e defesa, pela disponibilidade e participação nos exames, além dos grandes “nortes” que deram a esta pesquisa. Nomeadamente, à Profa. Dra. Mariana Fagundes (UEFS); à Profa. Dra. Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora); ao Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire (UERJ) e ao Prof. Dr. Eduardo Navarro (USP).

À Profa. Dra. Cristina Altman, muito solícita nos esclarecimentos sobre o acervo CEDOCH-USP e ficha catalográfica do documento base deste trabalho.

À Biblioteca Geral de Coimbra, que prontamente acolhia todas as minhas dúvidas sobre a catalogação do manuscrito objeto do meu estudo. Também à Libânia, integrante do *Modus Scribendi*, que, no auge do seu doutoramento na Universidade de Coimbra, auxiliou a professora Alícia na coleta de informações materiais sobre a obra, visitando o próprio acervo.

Ao Archivum Romanun Societatis Iesu (ARSI) – especialmente, a Mauro Brunello –, por disponibilizar os arquivos solicitados para a identificação da autoria do códice estudado. Também ao Prof. Dr. Karl Arenz (UFPA), por também ter fornecido alguns fólios para essa etapa da investigação.

À AERI, que possibilitou o contato com os primeiros documentos que definiram a temática da minha pesquisa, ainda em 2012, durante o meu intercâmbio.

Aos professores PPGEL/UEFS, por acreditarem neste trabalho e respeitarem o início da minha maternidade e o ritmo mais lento de produção, em virtude de uma LER que surgiu por amamentar enquanto eu escrevia. Em especial, ao Prof. Dr. Patrício Barreiros, que criou condições para que eu pudesse acompanhar as aulas, ainda que não fosse ao vivo, enquanto eu estava no pós-parto e vivíamos a modalidade remota das aulas, dado o contexto pandêmico.

À UEFS, a minha eterna casa.

À FAPESB, por viabilizar esta tese, com respeito ao meu período de pós-parto e de licença maternidade.

À Plataforma Pontue, que me ajudou a não me afastar totalmente da sala de aula, possibilitando continuar exercendo a minha profissão; mas em casa, com meu filho.

Aos meus alunos, que me instigam. A pesquisa começa neles.

E a todos que, ainda que não quisessem e não tivessem a menor intenção, acabaram por contribuir para a finalização desta pesquisa.

Depois da minha família, este foi o trabalho a que mais me dediquei. Diferente de Michelangelo (e não poderia ser de outra forma, evidentemente), considerei este um labor quase impossível e além das minhas capacidades, mas ei-lo pronto. E, se assim consegui o “esculpir”, foi porque todos vocês ajudaram-me a enxergar o meu “Davi”.

Verdadeiramente, obrigada.

*Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão
alta que não a posso atingir.*

Salmo 139:6

RESUMO

A pesquisa, que é parte de uma rede integrada pelos projetos *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS)¹, *Modus Scribendis*, 25-ALFAL², *Pombal Global* e *Guarda-chuva CE-DOHS*, analisou o códice 69, intitulado “*Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum diccionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*”, documento setecentista alocado na Universidade de Coimbra, no contexto das políticas linguísticas e educacionais da Amazônia colonial, cujo interesse derivou, também, de pesquisas prévias, realizadas no âmbito das pesquisas de iniciação científica e mestrado, ambas integradas ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (NELP)³. Por meio de uma abordagem interdisciplinar que combina Linguística Histórica, Filologia, Paleografia e História Social, o trabalho buscou compreender como a gramatização da Língua Geral Amazônica (LGA) influenciou a implantação da língua portuguesa no Brasil setecentista. O estudo, portanto, teve três objetivos principais: i) produzir uma edição semidiplomática do códice, preservando suas características materiais e textuais; ii) investigar o papel da LGA no projeto colonial, considerando sua normatização e uso no ensino e catequização; e iii) analisar como as políticas missionárias e pombalinas moldaram o multilinguismo da época. A pesquisa utilizou análises paleográficas para explorar os aspectos materiais do códice, como papel, tintas, marcas d’água e encadernação, além de estudar seu percurso histórico e contexto de produção. A edição semidiplomática visa democratizar o acesso ao documento e integrá-lo ao estudo da história linguística e cultural brasileira. O trabalho contribui para a história das políticas linguísticas no Brasil colonial, evidenciando as tensões entre projetos missionários e pombalinos; a compreensão do papel da LGA na formação do português brasileiro e na escolarização no norte do país e a ampliação do acesso acadêmico a documentos históricos por meio de uma edição semidiplomática inédita. Esta investigação reforça a importância de integrar métodos interdisciplinares no estudo de documentos históricos, destacando a LGA como elemento central na configuração linguística do Brasil setecentista; o ineditismo de uma edição semidiplomática e suas contribuições para uma história detalhada da escolarização no Brasil.

Palavras-chave: Língua Geral Amazônica; História social da escolarização em língua portuguesa no Brasil; Linguística Histórica Sócio-histórica; Paleografia e Filologia.

¹Cf. <https://www.uefs.br/cedohs/>

² Para a História Linguística do Brasil Colônia: Gramáticas, Sócio-história, Paleografia e Filologia (<https://mundoalfal.org/sites/default/files/proyectos/Proj25.htm>). Coordenação: Mariana Fagundes, Alcía Lose, Zenaide Carneiro

³ Cf. <https://nelp.uefs.br/>

ABSTRACT

The research, which is part of a network integrated by the projects *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS), *Modus Scribendis*, 25-ALFAL, *Pombal Global*, and *Guarda-Chuva CE-DOHS*, analyzed *Codex 69*, entitled *Grammatica da lingua geral do Brazil, com hum diccionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua* (Grammar of the General Language of Brazil, with a dictionary of the most commonly used words for understanding the said language), an 18th-century document housed at the University of Coimbra. The study situates the codex within the context of linguistic and educational policies in colonial Amazonia, an interest that also stemmed from previous research conducted within the scope of undergraduate and master's studies, both integrated into the *Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP)* at the *Universidade Estadual de Feira de Santana* (State University of Feira de Santana). Through an interdisciplinary approach combining Historical Linguistics, Philology, Paleography, and Social History, this work sought to understand how the grammaticalization of the *Língua Geral Amazônica* (LGA) influenced the implementation of the Portuguese language in 18th-century Brazil. The study had three main objectives: i) to produce a semidiplomatic edition of the codex, preserving its material and textual characteristics; ii) to investigate the role of the LGA in the colonial project, considering its standardization and use in education and catechization; and iii) to analyze how missionary and Pombaline policies shaped multilingualism at the time. The research employed paleographic analyses to explore the material aspects of the codex, such as paper, ink, watermarks, and binding, as well as to study its historical trajectory and production context. The semidiplomatic edition aims to democratize access to the document and integrate it into the study of Brazilian linguistic and cultural history. This work contributes to the history of linguistic policies in colonial Brazil by highlighting the tensions between missionary and Pombaline projects, understanding the role of the LGA in the formation of Brazilian Portuguese and education in the northern region, and expanding academic access to historical documents through an unprecedented semidiplomatic edition. This investigation reinforces the importance of integrating interdisciplinary methods in the study of historical documents, emphasizing the LGA as a central element in shaping Brazil's 18th-century linguistic landscape, the originality of a **semidiplomatic edition**, and its contributions to a detailed history of schooling in Brazil.

Keywords: Língua Geral Amazônica; Social history of schooling in Portuguese in Brazil; Socio-historical Historical Linguistics; Paleography and Philology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Periodização da história sociolinguística do Brasil	45
Figura 2	Nova hipótese sobre a formação do português brasileiro moderno	46
Figura 3	Construção de Blox Plot	70
Figura 4	Construção de Swarm Plot	71
Figura 5	Brasil colonial	115
Figura 6	Nheengatu e o Tupinambá na família Tupi-Guarani	126
Figura 7	Catálogo do código 69 na UC <i>Digitalis</i>	152
Figura 8	Marcação temporal do código 69	153
Figura 9	Marcação topográfica do código 69	154
Figura 10	Inserção posterior na folha de rosto com sugestão temporal	155
Figura 11	Alocação do fac-símile na <i>Digitalis</i>	159
Figura 12	Biblioteca de Fundo Antigo - ALMA MATER/UC	160
Figura 13	Ano de criação do site ALMA MATER/UC	161
Figura 14	Nova interface do fac-símile no site ALMA MATER/UC	162
Figura 16	Visualização simultânea do código 69 no fundo ALMA MATER/UC	162
Figura 17	Catálogo do código 69 na ALMA MATER/UC	163
Figura 18	Dupla numeração do código na folha de guarda	163
Figura 19	Imagem da sobrecapa de proteção do código 69	165
Figura 20	Imagem da lombada com sobrecapa de proteção com etiqueta de catalogação colada com fita adesiva	165
Figura 21	Medição da largura do código 69 com sobrecapa de proteção	166
Figura 22	Medição da altura do código 69 com sobrecapa de proteção	166
Figura 23	Medição da espessura do conjunto de cadernos	166
Figura 24	Medição da altura do código 69 sem a sobrecapa de proteção	167
Figura 25	Largura do código 69 sem a sobrecapa de proteção	167
Figura 26	Medição da largura do fólio	168
Figura 27	Medição da altura do fólio	168
Figura 28	Costura do código 69 apontada no fac-símile	169
Figura 29	Fac-símile capa do código 69	170

Figura 30	Consulta <i>in loco</i> do códice 69- primeira capa do códice	171
Figura 31	Fac-símile capa do fundo	172
Figura 32	Consulta <i>in loco</i> / Estado da lombada e capa do códice, mostrando, através do desgaste do revestimento da encadernação, as três nervuras que prendem a capa ao miolo do volume	173
Figura 33	Consulta <i>in loco</i> / Estado das folhas de gurada da contracapa	173
Figura 34	Consulta <i>in loco</i> / Marca de presença de bolor na folha de guarda fixa da capa do fundo	174
Figura 35	Consulta <i>in loco</i> / Imagem obtida com projeção de luz UV, deixando claras as marcas de umidade e os cordões usados na junção dos cadernos	175
Figura 36	Consulta <i>in loco</i> / Imagem obtida com projeção de luz UV, deixando claras as marcas de umidade nos fólhos do códice	176
Figura 37	Fac-símile da folha de rosto, contendo a numeração dos fólhos e carimbo da Livraria da Universidade	177
Figura 38	Fac-símile com numeração posterior feita com caneta de tinta vermelha	178
Figura 39	Fac-símile da última página do códice, mostrando o carimbo atual da Biblioteca da Universidade	179
Figura 40	Consulta <i>in loco</i> / Imagem obtida com projeção de luz UV, deixando claras as marcas de umidade em fólho mais próximo da capa	180
Figura 41	Consulta <i>in loco</i> / Imagem obtida com projeção de luz UV, deixando clara o estado de conservação do papel e da tinta	181
Figura 42	Carimbo da Livraria da Universidade na página numerada como 239 no códice 6	183
Figura 43	Carimbo da Livraria da Universidade, na folha de rosto do códice 69, sob luz ultravioleta	183
Figura 44	Recorte do fac-símile do <i>Diccionario da lingua brazilica</i> – ALMA MATER/UC	184
Figura 45	Recorte do fac-símile do <i>Loci communes sententiarum et exemplorum memorabilium, ex probatissimis scriptoribus probatissima electione deprompti, liberaliu[m] artium studiosis & catholicae observationi consecratis perutilis lectio</i> – ALMA MATER /UC	184
Figura 46	Recorte do fac-símile <i>Tratado dos oleos de enxofre, vitriolo, philosophor[um], alecrim, salva, e da agoa ardente, por mandado del Rey N[osso] S[enho]r D[om] João o quarto, dedicado ao mesmo S[enh]or</i> – ALMA MATER /UC	185

Figura 47	Recorte do fac-símile <i>Diccionario da lingua geral do Brasil, que se falla em todas as villas, lugares, e aldeas deste vastissimo Estado, escrito na cidade do Pará, anno de 1771 – ALMA MATER /UC</i>	185
Figura 48	Recorte do fac-símile <i>Primeira parte da regra de sacerdotes em a qual se contem as cousas mais necessarias de sua obrigação com muytas considerações sobre ellas– ALMA MATER /UC</i>	186
Figura 49	Carimbo da UC na última folha escrita	186
Figura 50	Imagem da cabeça do leão coroado, capturada com a utilização de negatoscópio entre as folhas do volume e incidência de luz ultravioleta	188
Figura 51	Imagem da metade inferior do leão, capturada com a utilização de negatoscópio entre as folhas do volume e incidência de luz ultravioleta	188
Figura 52	Primeira metade da marca d'água flor de lis no códice 69	190
Figura 53	Segunda metade da marca d'água flor de lis no códice - segunda parte	191
Figura 54	Imagem da letra maiúscula “B” como marca d'água complementar de canto no códice 69	193
Figura 55	Imagem da letra maiúscula “A” como marca d'água complementar de canto no códice 69	193
Figura 56	Ficha de catalogação da marca d'água “A” na Biblioteca Nacional Alemã	194
Figura 57	Marca d'água brasão no códice	195
Figura 58	Decalque Documento 680/ APM	195
Figura 59	Fragmento do dicionário do códice 69 com expressão que mistura o português e as línguas indígena	204
Figura 60	Mão do códice 81 – parte do dicionário	206
Figura 61	Mão do <i>scriptor</i> A à esquerda e mão do <i>scriptor</i> B à direita do códice 69 – parte do dicionário	206
Figura 62	Expansão da atividade missionária no Estado do Maranhão e Grão-Pará (1730)	208
Figura 63	Mapa da região do Baixo Amazonas que se estende do município de Parintins - AM até o município de Almeirim – PA	209
Figura 64	Distribuição das “mãos” pela mancha gráfica	211
Figura 65	Inclinação dos grafemas - <i>Scriptor</i> A	216
Figura 66	Tamanho médio dos grafemas - <i>Scriptor</i> A	217
Figura 67	Espaçamento entre letras - <i>Scriptor</i> A	217

Figura 68	Pressão do traçado- <i>Scriptor A</i>	218
Figura 69	Ligaduras entre letras- <i>Scriptor A</i>	219
Figura 70	Comparação do tamanho médio dos grafemas	230
Figura 71	Comparação da inclinação dos grafemas	230
Figura 72	Comparação da pressão do traçado	231
Figura 73	Tamanho médio dos grafemas- <i>Scriptor B</i>	240
Figura 74	Espaçamento entre letras ao longo do documento- <i>Scriptor B</i>	241
Figura 75	Pressão do traçado ao longo do documento- <i>Scriptor B</i>	241
Figura 76	Ocorrência de ligaduras ao longo do documento- <i>Scriptor B</i>	242
Figura 77	Genealogia códice 69	243

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Códices sobre a língua geral amazônica produzidos no século XVIII pelos padres <i>tapuitingas</i>	37
Quadro 2	Ordens religiosas que atuaram na Região Norte entre os séculos XVII-XVIII	85
Quadro 3	Origem dos missionários atuando no Estado do Brasil	91
Quadro 4	Origem dos missionários atuando no Estado do Maranhão e Grão-Pará	91
Quadro 5	Grupos linguísticos da Amazônia do século XVI	115
Quadro 6	Declinação dos nomes de acordo com João de Barros (1540)	137
Quadro 7	Lista dos coadjutores espirituais que chegaram à Amazônia entre 1750 e 1753	143
Quadro 8	Códices em língua geral	143
Quadro 9	Documentos sobre as línguas indígenas da Universidade de Coimbra	151
Quadro 10	Catlogação da marca d'água com a imagem do leão rampante coroadado em documentos pertencentes ao Fundo Casa dos Contos, do APM.	189
Quadro 11	Comparação das marcas d'água flor de lis com base em Gonçalves (2021)	192
Quadro 12	Relação entre Tupi Antigo, Tupi, Tupinambá e Língua Geral Amazônica do Século XVIII	204
Quadro 13	Hipóteses de autoria do códice 69	209
Quadro 14	Levantamento scriptográfico do <i>scriptor</i> A	212
Quadro 15	Comparação grafemática entre e <G> no título e no corpo do texto	220
Quadro 16	Exemplos de similaridades grafemática entre os códices 69, 81 e 94	221
Quadro 17	Ficha bibliográfica Padre Bettendorff	225
Quadro 18	Comparação entre o <i>Scriptor</i> A e os documentos assinados por Bettendorff	226
Quadro 19	Divergências entre gramática e dicionário do códice 69	229
Quadro 20	Levantamento scriptográfico do <i>scriptor</i> B	231
Quadro 21	Levantamento scriptográfico de grafemas em posição de destaque	236

LISTA DE CONVENÇÕES, ABREVIATURAS E SIGLAS

- / / – Representação de fonemas
[] – Representação fonética
< > – Representação de grafemas
AHU – Arquivo Histórico Ultramarino
APM – Arquivo Público de Minas
CEDOCH – Centro de Documentação em Historiografia Linguística
CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
f. – Fólio
FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LG – Língua Geral
LGA – Língua Geral Amazônica
LGBa – Língua Geral da Bahia
LGP – Língua Geral Paulista
NEL – Novos Estudos de Letramento
NELP – Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa
p. – Página
PB – Português brasileiro
PCl – Português clássico
PE – Português europeu
PHPB – Programa Para a História do Português Brasileiro
POC – Programa Operacional da Cultura
r. – Reto
SIBUC – Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra
UC – Universidade de Coimbra
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UnB – Universidade de Brasília
USP – Universidade de São Paulo
v. – Verso
TL – *Target Language* (língua alvo)

SUMÁRIO

VOLUME I

	ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA AMAZÔNIA SETECENTISTA	23
0	APRESENTAÇÃO	24
1	A PROPOSTA DA TESE	29
1.1	O TEMA E O PROBLEMA	29
1.2	OBJETIVOS	35
1.3	O ESTADO DA QUESTÃO	36
1.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	42
2	ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NO TRATO COM DOCUMENTAÇÃO SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS	44
2.1	DO CAMPO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA: A SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	45
2.1.1	As agendas de Mattos e Silva (2004a)	47
2.1.2	A via da escolarização	54
2.2	DO CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS	55
2.2.1	O recurso do paradigma indiciário	58
2.3	DO CAMPO FILOLÓGICO: AS LÍNGUAS SEM ESCRITA ALFABÉTICA	66
2.3.1	O trabalho de reconstrução das línguas indígenas	68
2.3.2	Critérios de transcrição adotados	72

2.3.3	Metodologia para configuração dos gráficos grafoscópicos dos scriptores	74
2.4	O CAMPO PALEOGRÁFICO	77
2.5	SÍNTESE DO CAPÍTULO	79
3	O CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO DO DOCUMENTO: ENTRE A CRISE DA COMPANHIA DE JESUS E A REFORMA POMBALINA	80
3.1	O SÉCULO XVIII E A ESCOLARIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	82
3.2	A AMAZÔNIA PRÉ-POMBALINA: O ÚLTIMO REDUTO DA CATEQUIZAÇÃO	90
3.2.1	“Catequizar para civilizar”: a importância de Antônio Vieira e João Felipe Bettendorff	94
3.2.1.1	A perda do poderio jesuítico	96
3.3	A ESTIGMATIZAÇÃO LINGUÍSTICA POMBALINA: AS "LÍNGUAS NÃO-CIVILIZADAS"	102
3.3.1	“Civilizar para escolarizar”	104
3.3.1.1	Os agentes civilizadores do século XVIII: um paralelo com o litoral da Bahia setecentista	105
3.3.2	A subjugação linguística	113
3.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	114
4	O CONTEXTO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO: A BABEL AMAZÔNICA E A TENTATIVA DE NORMATIZAÇÃO DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA	117
4.1	AS LÍNGUAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA SETECENTISTA	121
4.2	A COMPLEXA DEFINIÇÃO DE <i>LÍNGUA GERAL</i>	124
4.2.1	A formação da Língua Geral Amazônica	136
4.2.2.1	Mudanças pelo contato	138
4.2.2.2	A questão do português regional	142
4.3	A PERIODIZAÇÃO DA LGA (FREIRE, 2004)	144
4.4	A GRAMATIZAÇÃO DA LGA	144
4.4.1	A referência latina	146

4.4.2	Os recursos metodológicos para a descrição das línguas indígenas ameríndias do século XVIII	147
4.4.3	Tupinização e tapuização para dominação	149
4.4.4	As fontes “tapuitingas”	151
4.5	O PARALELISMO FONÉTICO-GRAFEMÁTICO	153
4.6	SÍNTESE DO CAPÍTULO	156

VOLUME II

	EDIÇÃO DE UM CÓDICE EM LÍNGUA GERAL E ASPECTOS PALEOGRÁFICOS	148
5	“A GRÂMÁTICA DA LINGUA GERAL DO BRAZIL, COM HUM DICCIONARIO DOS VOCABULOS MAIS UZUAES PARA INTELLIGENCIA DA DITA LINGUA”: ENTRE O MATERIAL E O DIGITAL	158
5.1	CATALOGAÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL	160
5.1.1	Sobre uma transcrição já realizada e a necessidade de uma nova edição	165
5.2	PARA UMA EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA: ASPECTOS FÍSICOS DO CÓDICE	167
5.3	ENCADERNAÇÃO E SUPORTE: AS MARCAS DO TEMPO	178
5.4	AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA	191
5.4.1	Marca de propriedade	191
5.4.2	Marcas d’água	196
5.4.2.1	Leão	196
5.4.2.2	Flor de lis em medalha e sob grande coroa	199
5.4.2.3	Letras “B” e “A”	202
5.4.2.4	Brasão	203
5.5	SÍNTESE DO CAPÍTULO	205
6	AS MÃOS QUE ESCRIVEM O CÓDICE 69: DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA E OS “RASTROS” DE AUTORIA	207
6.1	A QUESTÃO DA AUTORIA: ALGUMAS HIPÓTESES	209
6.2	A MORFOLOGIA DAS MÃOS DOS <i>SCRIPTORES</i>: DESCRIÇÃO INTRÍNSECA	219

6.2.1	Configuração da mão <i>scriptor</i> A	220
6.2.1.1	As pistas para identificação o <i>scriptor</i> A	228
6.2.1.2	A plausibilidade da autoria de Bettendorff	233
6.2.2	Configuração da mão o <i>scriptor</i> B	240
6.2.2.1	Letras em posição de destaque	245
6.2.2.2	As pistas para identificação o <i>scriptor</i> B	248
6.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO	251
7	A EDIÇÃO	253
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	822
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	828



**ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO DO PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO DA AMAZÔNIA SETECENTISTA**



O

APRESENTAÇÃO

Daí se conclui, por evidência, não se dever a origem das línguas às primeiras necessidades dos homens; seria absurdo que da causa que os separa resultasse o meio que os une. Onde, pois, estará essa origem? Nas necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os homens, que a necessidade de procurar viver força a separarem-se. Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes. Os frutos não fogem de nossas mãos, é possível nutrir-se com eles sem falar; acossa-se em silêncio a presa que se quer comer; mas, para emocionar um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza impõe sinais, gritos e queixumes. Eis as mais antigas palavras inventadas, eis porque as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas.

Rousseau, 1781 [1998], p. 267.

Esta pesquisa tem como foco principal contribuir para a história do português brasileiro, no campo teórico da Linguística Histórica Sócio-histórica, como proposto por S. Romaine (1985) e Mattos e Silva (2008), o qual destaca que a Linguística Histórica depende essencialmente da sua relação com a Filologia, Paleografia, Diplomática, Edótica e Filologia, nos termos também definidos por Lose (2017).

Essa interdisciplinaridade é, como dito por Clarinda Maia (2012) no seu texto “Linguística Histórica e Filologia”, consequência da aplicação de novos “olhares” a uma velha disciplina, o que levou a analisar os materiais escritos, de fases pretéritas, de acordo com novas e diferenciadas óticas. Dessa forma, a Linguística Histórica atingiu, de novo, um lugar proeminente nos estudos linguísticos.

Portanto, esta pesquisa resulta da parceria entre o grupo de pesquisa *CE-DOHS* (CNPq), desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); e o grupo de pesquisa *Modus Scribendi - Grupo de Pesquisas Paleográficas, Filológicas e Históricas* (CNPq), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), frente às séries de *corpora* e estudos linguísticos do português colonial e integrando uma larga rede de pesquisa¹.

O manuscrito editado, intitulado *Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum dictionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua* – o códice 69 – mostra claramente a relação direta entre Linguística Histórica – especificamente, com a Sócio-história, a Paleografia e a Filologia. O período de produção, meados do século XVIII, marca o contexto social e as condições que se associam ao manuscrito, um período dramático para o Brasil, em que, pelas políticas adotadas no Diretório Pombalino, associadas a outras questões, há o que Rosa Virginia Mattos e Silva (2004a, p. 14) concebe como a passagem de “um multilinguismo generalizado a um multilinguismo

¹ Cf. “Edições de manuscritos históricos brasileiros: a série Documentos para a história linguística do Brasil colônia”, por Alícia Duhá Lose, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, em **VI Congresso Internacional de Linguística Histórica (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2023)**. “O português no Brasil colonial: reflexões sobre as edições de manuscritos históricos brasileiros”, por Alícia Duhá Lose, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda e Lara da Silva Cardoso, em **XX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística e Filologia da América Latina - Projeto 3 da ALFAL, História do Português Brasileiro, da Europa à América (Faculdade de Humanidades e Arte da Universidade de Concepción, Chile, 2024)**. “O CE-DOHS na rede de pesquisa PHPB: recuando ao período colonial”, por Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Alícia Duhá Lose, em **XI Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Ensino - Perspectivas Críticas e Editoriais (Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024)**. “Reflexões sobre edições de manuscritos históricos brasileiros: o cruzamento de olhares paleográfico e linguístico”, por Alícia Duhá Lose, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, em **Simpósio da Contemporaneidade à Antiguidade: temas em debate (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra)**. “Fontes linguísticas para estudos do português no Brasil colonial: o exemplo do Testamento de André Vidal de Negreiros (séc. XVII)”, por Alícia Duhá Lose, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Victória Santana da Silva Araújo, em **IX Simpósio Mundial de Língua Portuguesa (Universidade da Madeira, Ilha da Madeira, Portugal, 2024)**. “O trabalho de organização de corpora históricos, a pesquisa empírica e a periodização da história sociolinguística do Brasil”, por Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Alícia Duhá Lose, em **30ª Jornada do GELNE**, em dezembro de 2024 (Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana).

localizado”. Uma das questões derivadas daí é o processo de escolarização na Amazônia portuguesa, em que, justamente a partir de 1750 – única marca temporal explícita do documento –, o governo português, sob a administração do conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, depois Marquês de Pombal, muda a política relacionada aos indígenas.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa foi, a partir da elaboração de uma edição semidiplomática inédita do códice citado, *Grāmatica da lingua geral do Brazil, com hum dictionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*, com alusão ao Pará como local de produção, caracterizar o processo de transição política das missões para a reforma pombalina e como a tensão política influenciou o contexto linguístico da Amazônia do século XVIII, principalmente no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa. Intenta-se, desse modo, contribuir para a construção de uma história da escolarização em língua portuguesa; para os estudos da configuração sócio-histórica do português brasileiro e, sobretudo, para uma história social linguística que inclua a complexidade do marco setecentista e das políticas linguísticas de então.

Nessa perspectiva, Mattos e Silva (2001, p. 298-299) destaca que a reconstrução da sócio-história linguística brasileira deve levar em consideração o multilinguismo na difusão da língua portuguesa no país e em cada área geográfica; além do processo de escolarização do povo brasileiro, sua face culta e face popular. Por isso, este trabalho partiu de um questionamento central: *de que forma a gramatização da Língua Geral Amazônica, no século XVIII, contribuiu para a implantação da língua portuguesa na região norte setecentista, considerando o multilinguismo e os problemas políticos existentes entre o projeto missionário e o projeto pombalino?*

A hipótese levantada é de que tanto o projeto missionário vigente no ano de 1750, quanto o pombalino, concebiam as línguas indígenas da mesma forma, não havendo uma política estritamente linguística inovadora, especificamente naquele ano, que diferencie os dois contextos, sendo, portanto, ambos os projetos de interesse civilizacional – e não apenas o de Pombal –, mas o último com estratégias firmes de estímulo à tecnização da tal língua, embora com precariedade didática dos agentes de ensino (os chamados agentes civilizadores). Concluímos ser impossível vincular o documento de estudo a uma política linguística específica, dado que, em 1750, o que havia era uma mescla de estratégias que concebiam, ao fim e ao cabo, a Língua Geral Amazônica da mesma forma.

A relevância deste estudo se dá justamente em razão da localização temporal do documento, que permite uma análise tanto dos ideais missionários quanto do pombalino no trato da Língua Geral Amazônica; mas, também, em virtude da própria localização geográfica, ora mencionada, que traz, em seu bojo, a complexidade de ser o último reduto de catequização. Assim, aqui, partimos de uma integração entre Linguística Histórica, Filologia e História Social da Língua Portuguesa, valendo-nos também da crítica paleográfica para situar o documento e seu provável *scriptor* no tempo e no espaço. Dessa forma, a tese organiza-se em dois volumes, a saber: o **volume 1**, que traz o estudo sócio-histórico da escolarização em língua portuguesa, com foco na região norte da colônia; e o **volume 2**, que incluem a própria edição do documento e uma abordagem sobre os aspectos paleográficos, isto é, a análise grafemática e análises materiais.

Nesta **Apresentação, capítulo 0**, consta a estrutura da tese, que se divide em *Volume 1*, cujo título é ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA AMAZÔNIA NO PERÍODO POMBALINO; e *Volume 2*, intitulado EDIÇÃO DE UM CÓDICE EM LÍNGUA GERAL E SEUS ASPECTOS PALEOGRÁFICOS.

Como **capítulo 1**, tem-se a **Proposta da tese**. Nele, são delineados o tema e o problema da pesquisa, além dos objetivos e o estado da questão.

Abrindo o *volume 1*, ora mencionado, tem-se o **capítulo 2**, que aborda “**Aspectos teórico-metodológicos no trato com documentação sobre as línguas indígenas**”, no qual discutimos a natureza interdisciplinar deste estudo e definimos as agendas de pesquisa nos respectivos campos: Linguística Histórica, História Social, Filologia e Paleografia. Também o **capítulo 3**, intitulado “**O contexto histórico-político: entre a crise da companhia de Jesus e a reforma pombalina**”, que versa sobre o contexto histórico-político onde se situa a produção material e intelectual do códice, o qual lançou as bases da escolarização em língua portuguesa no Brasil.

O **capítulo 4**, também incluído no volume 1, intitula-se “**O contexto histórico-linguístico: a Babel amazônica e a tentativa de normatização das línguas indígenas**”, e aborda o papel da Língua Geral Amazônica no contexto multilíngue da colônia, no ano de 1750, destacando a importância de uma (tentativa) de normatização dessa língua, além de estabelecer uma relação com a metodologia de ensino da língua portuguesa.

A partir daí, damos início ao *volume 2*, que é introduzido pelo **capítulo 5**, cujo título é “**A ‘Grāmatica da lingua geral do Brazil, com hum dictionario dos vocabulos mais uzuaes para intelligencia da dita lingua’: o material e o digital**”. Nele, apresentamos, propriamente, o documento objeto deste estudo, com destaque para os aspectos materiais, indicando o que eles nos informam sobre o documento e sua história de produção, percurso físico e de conservação, em uma tentativa de responder aos questionamentos sobre a autoria, localização e datação do texto. O **capítulo 6**, em sequência, intitulado “**As mãos que escrevem o códice 69: descrição grafemática e os ‘rastros’ de autoria**”, trabalha, finalmente, a morfologia das mãos dos *scriptores*, numa descrição intrínseca, considerando as configurações das mãos envolvidas; os traços distintivos e conjuntivos dos modelos caligráficos, em um estudo sobre a variação grafemática e a identificação da possível autoria mecânica do documento.

O **capítulo 7**, assim, dá conta da própria edição semidiplomática. Por fim, a seguir, são apresentadas as **Conclusões** do trabalho.

1

A PROPOSTA DA TESE

Que língua nós apagamos para termos uma língua nacional (o português)? De que língua (ou línguas) foi preciso nos distanciar historicamente e quais as línguas que tiveram de ser silenciadas para que obtivéssemos uma língua portuguesa?

Orlandi, 1993, p. 56.

1.1 O TEMA E O PROBLEMA

As pesquisas de temática indígena, quer sobre a influência das línguas indígenas no português brasileiro, quer sobre a atuação dos povos originários na constituição do Brasil enquanto nação, têm recebido atenção incomum nos últimos cinco anos, e é extremamente positivo que, hoje, as pesquisas sobre a figura dos povos originários enquanto sujeitos ativos dessa história, finalmente, estejam alcançando a visibilidade que merecem.

Sobre esta pesquisa, especificamente, é lícito dizer que esse interesse não surgiu agora, tampouco se pautou em tendências acadêmicas. Ele se manifestou ainda na graduação, em 2013, depois de atuar como bolsista de iniciação científica (Conselho Nacional de Pesquisa — CNPq) no projeto CE-DOHS² — *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* —, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); auxiliar na constituição de *corpora* editado semidiplomaticamente com textos

² Hoje o CE-DOHS se constitui como Grupo de pesquisa credenciado junto ao CNPq e validado pela UEFS.

referentes ao/ou produzidos sobre o português do século XX, sob a orientação da Profa. Dra. Zenaide Carneiro, e de retornar da mobilidade acadêmica na Universidade de Évora, em Portugal.

A possibilidade do intercâmbio acadêmico para Portugal, sob abrigo do Protocolo de Mobilidade Acadêmica próprio da UEFS, permitiu o contato com documentações várias e a observância do fato de ser a documentação de temática indígena pouco explorada pelos grupos de pesquisa — justamente pela carência de fontes. O interesse por este tema, portanto, surgiu de forma despretensiosa, até mesmo ao acaso, já que o contato inicial, no âmbito da prática filológica e do manuseio com documentação, tinha sido, até então, apenas com cartas do século XX.

Durante esse período de estágio no exterior, com o auxílio da Profa. Dra. Maria Filomena Gonçalves, tomamos conhecimento, mediante consulta aos acervos da Biblioteca e do Arquivo Distrital de Évora, das documentações referentes ao Brasil, ainda pouco estudadas, sobretudo por estudiosos das ciências da linguagem. As pesquisas sobre a influência das línguas africanas, no português brasileiro, eram uma tendência muito forte no momento, o que acabou por relegar, por muitos anos, o estudo dos povos originários apenas a historiadores, sociólogos e antropólogos. Consultando, então, alguns documentos dos acervos com digitalizações integrais disponíveis on-line, tivemos o contato com aquele que seria objeto da nossa dissertação de mestrado: *O Plano sobre a civilização dos Índios do Brasil, e principalmente para a capitania da Bahia*.

Na época, em 2012, o documento encontrava-se digitalizado apenas na intranet do Arquivo Distrital de Évora — fato que não coincide mais com a atualidade — e era possível fazer o download de todo o arquivo, disponível em imagens convertidas em pdf. Após esse período, retornamos ao Brasil com os arquivos de imagem digital em nossa posse. Assim, esse “despertar” do interesse linguístico pela cultura dos povos originários só aconteceu devido à experiência da mobilidade acadêmica e aos conhecimentos adquiridos nas aulas da Profa. Dra. Maria Filomena Gonçalves, que, posteriormente, esteve presente na banca de defesa dessa mesma dissertação, realizada em Portugal, tendo como objeto o referido *Plano*.

Portanto, o que, em 2013, após o intercâmbio, era um plano de trabalho para a iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), acabou se tornando um projeto mais extenso e com vistas a um mestrado que, oportunamente, viria a se realizar em Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e

Humanas da Universidade Nova de Lisboa, fato que facilitou o estudo, o qual se tratava de transcrição, acompanhada de uma descrição material do documento, agora perto de nós, sendo possível, e necessário, consultá-lo fisicamente para identificar elementos materiais não visualizáveis apenas através das imagens e em um grau de aprofundamento maior do que aquele pretendido para o plano de trabalho inicial de iniciação científica.

A pesquisa que resultou na dissertação teve, mais uma vez, uma forte contribuição da Profa. Dra. Zenaide Carneiro, que conheceu o documento quando da submissão do plano de trabalho para a iniciação científica, em 2013, à FAPESB. Os objetivos dos estudos ainda eram muito superficiais e só foram aprofundados no mestrado, quando houve, já de volta a Portugal, a contribuição da Profa. Dra. Teresa Brocardo, da Universidade Nova de Lisboa.

Foi na conclusão do mestrado, quando se descreveu, com base no *Plano*, o projeto linguístico pombalino, com foco na implantação da língua portuguesa na Bahia do século XVIII, que percebemos a necessidade de nos aprofundarmos na história da escolarização em língua portuguesa no Brasil e em compreender melhor como foram os últimos anos de incentivo ao uso das línguas gerais, um limiar importantíssimo na história brasileira, sobretudo no que diz respeito à história linguística do país.

Interessava, porém, não mais as questões situadas no litoral brasileiro, mas no interior — em especial, no cenário linguisticamente diverso e diferente do restante da colônia, a Amazônia —, já que a colonização e implantação da língua portuguesa, no Brasil, foi um processo longo e irregular. Nesse contexto, tomamos conhecimento da existência do códice intitulado *Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum dictionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*, objeto escolhido para este trabalho por se localizar num espaço-tempo oportuno para o desenvolvimento dos estudos sobre as políticas linguísticas que permearam a implantação da língua portuguesa, uma necessidade suscitada no mestrado.

Foi assim, nessa “ponte” entre Portugal e Brasil, que esta pesquisa, tal qual um embrião que, ao longo de meses, vai sendo nutrido e ganhando forma, tomou moldes e foi concebida. A metáfora ultrapassa a linguagem figurada, dado que tal trabalho foi nascendo ao longo dos quatro anos que coincidiram com o parto, propriamente dito, do meu filho e de uma pandemia.

É esta a representação do labor científico no Brasil, que se sustenta na sede de se fazer ciência, apesar da profunda ameaça que a área científica no Brasil sofreu ao longo desses anos, sobretudo ao longo de um contexto pandêmico; da falta de incentivos financeiros e da ausência de direitos trabalhistas. Eis aqui, portanto, o fruto da minha segunda gestação.

Sobre os objetivos desta pesquisa, dos quais trataremos adiante, eles incluem o fornecimento de fontes para a história da escolarização em língua portuguesa no território brasileiro, conforme afirmou Mattos e Silva (2004a), e a reconstrução da história social linguística do Brasil, que se dará, nos termos defendidos pela autora, por meio da reconstrução da história da escolarização. No entanto, ainda segundo a autora, “a história detalhada da escolarização no Brasil está à espera de um autor” e, aqui, seguimos no afã de apresentar um contributo para essa história.³

Os caminhos percorridos por Abreu (2011, p. 43), ao afirmar que “a ideia de uma história da escolarização em língua portuguesa no Brasil inaugura uma nova forma de considerarmos a história das línguas inserida nos estudos linguísticos”, inspiraram os caminhos que aqui trilhamos. O autor também destaca que, para a reconstrução de uma história da escolarização em língua portuguesa no Brasil, é essencial a recuperação de políticas linguísticas havidas ao longo da história do país.

Essas questões foram preconizadas por Freire (2008), ainda que não intencionalmente — já que reconstruir uma história da escolarização não fazia parte dos objetivos de seu trabalho —, em seu artigo “Nheengatu: a outra língua brasileira”. O autor, ao indagar os motivos que incentivaram a região que hoje compreende a Amazônia a falar português, mesmo habitada por indígenas falantes de tantas línguas, além de questionar qual é o português falado na Amazônia atualmente e o que aconteceu com as línguas indígenas que davam inteligibilidade à região, acabou por desenhar uma trilha possível para que esta pesquisa se tornasse viável. Admitimos, portanto, que suas descobertas influenciaram, em muito, na busca por uma história da alfabetização e do letramento em língua portuguesa, fitando a construção de uma história social do português brasileiro (doravante, PB).

³ Como forma de preencher esta lacuna, está nascendo a série editorial *Documentos para História do Brasil Colonial*, um trabalho coletivo feito a muitas mãos e coordenado pelas professoras Zenaide Carneiro, Mariana Fagundes e Alícia Duhá Lose (duas historiadoras da língua e uma filóloga e paleógrafa), a ser publicado pela editora da UEFS; incluindo, entre os seus volumes, a edição do manuscrito aqui estudado.

Nesse sentido, Mattos e Silva (2001, p. 298-299), a partir de fontes e estudos sobre a configuração social brasileira, ao tratar sobre a formação do PB no período colonial, defende que os atores fundamentais nesse contexto foram o *português europeu*, as *línguas gerais indígenas* e o *português geral brasileiro*, nos termos definidos abaixo:

- a) O *português europeu* na sua dialeção diatópica, diastrática, que teria ao longo do período colonial um contingente de 30% da população brasileira; seria esse *português europeu* base histórica do *português culto brasileiro* que começaria a elaborar-se a partir da segunda metade do século XVIII;
- b) As *línguas gerais indígenas*, que, plurais e dialetalizadas, poderiam até confundir-se com o *português geral brasileiro* nas áreas geográficas delimitáveis em que se difundiram;
- c) O *português geral brasileiro*, antecedente histórico do *português popular brasileiro* que, adquirido na oralidade e em situações de aquisição imperfeita, é difundido pelo geral do Brasil sobretudo pela maciça presença africana e dos afrodescendentes que perfizeram uma média de mais de 60% da população por todo o período colonial (Mattos e Silva, 2001, p. 298-299).

Sobre os termos definidos em **b)**, era ainda mais complexa a situação da região amazônica que, ainda de acordo com Freire (2008), até meados do século XIX, mantinha uma população recém-criada que não falava o português como língua materna. O autor também relata observações importantes feitas por Gonçalves Dias e relacionadas à leitura e ao ensino da língua portuguesa, o qual, após observar as aulas e inspecionar os cadernos dos alunos, constatou que o “uso do português, como língua oficial, era obrigatório na escola, mas a maioria da população desconhecia tal língua e falava, além de um idioma materno, a língua geral ou nheengatu” (Freire, 2008, p. 131).

Freire (2008) chama a atenção para o fato de que, no século XVII, eram faladas cerca de 718 línguas dentro dessa mesma região, e a chegada dos portugueses teria causado uma ruptura nesse quadro de línguas. Assim, com a criação do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, houve uma tentativa — por parte da Igreja e do Estado — de buscar uma unidade linguística e isso só seria possível através de uma (suposta) nova política.

É essa ideia ilusória de unidade territorial e política, aliada à visão deturpada de unidade linguística com base no português, que conduziu aos esquecimentos de que Freire (2008) fala: i) que não considerou que cada estado do Brasil e do Maranhão e Grão-Pará tinham legislação e dinâmica histórica própria; e ii) que não considerou que, antes da língua portuguesa se tornar hegemônica, houve, durante o período colonial, a expansão de duas línguas de base indígena que acabaram por se tornarem as línguas que permitiam

a comunicação interétnica entre indígenas, portugueses e negros. Aqui falamos da Língua Geral Paulista (doravante, LGP) e da Língua Geral Amazônica (doravante, LGA).

Assim, este trabalho analisa a relação existente entre o PB e a LGA. Utilizando como “pano de fundo” o códice *Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum diccionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*, documento anônimo, datado efetivamente⁴ do século XVIII — contexto final da catequização do Norte —, do qual não se conhece nenhuma edição moderna e que trata da descrição da língua geral do norte, buscamos analisar a complexa realidade proveniente do inevitável contato linguístico, de forma a oferecer elementos para uma história da escolarização em língua portuguesa e para a história social linguística do PB.

Assim, diante do conteúdo e do seu contexto de produção, esta pesquisa assentou-se nos seguintes questionamentos capilarizados na problemática maior, mencionada na **Apresentação** deste trabalho:

- I) Quem escreveu o documento?
- II) Como os falantes do português aprendiam as línguas gerais no século XVIII?
- III) Qual foi a metodologia adotada, a partir da aquisição das línguas gerais, para ensino da língua portuguesa?
- IV) Quais evidências de contribuições do português às línguas indígenas?
- V) Quais razões justificam a escolha de tal método justamente nos últimos momentos do processo de catequização dos indígenas do norte?
- VI) Quais implicações são observáveis, a partir da noção da língua descrita, para a história da escolarização em língua portuguesa da região amazônica do século XVIII?

Ao longo desta pesquisa, pretendemos responder a estes questionamentos. Fundamental é, portanto, conforme defende Lobo (2009, p. 313), o diálogo do linguista-filólogo com os historiadores da cultura escrita, que, segundo o paleógrafo italiano Armando Petrucci (2003, p. 7-8), se ocupam “de la história de la producción, de las características formales y de los usos sociales de la escritura y de los testimonios escritos em uma sociedad determinada”. Para tal, de posse do manuscrito, procuramos preencher as lacunas propostas por Petrucci:

⁴ Após análises materiais (de suportes, tintas, instrumentos e modelos caligráficos), constatamos que o documento tem sua produção mecânica coincidente com o período da datação nele explicitada.

Qué? En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción.

Cuándo? Época em que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando.

Dónde? Zona o lugar em que se llevó a cabo la obra de transcripción.

Cómo? Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto.

Quién lo realizo? A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era em su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura.

*Para qué fue escrito ese texto?*Cuál era la finalidad específica de ese testimonio em particular y, además, cuál podía ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir. (Petrucci, 2003, p. 7-8)

1.2 OBJETIVOS

Em virtude do exposto, o **objetivo geral** desta pesquisa foi, a partir da elaboração de uma edição semidiplomática do manuscrito *Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum diccionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*, caracterizar o processo de descrição das línguas gerais pelos missionários que chegaram à Amazônia no século XVIII, bem como a metodologia de ensino do português, a fim de contribuir para a construção de uma história da escolarização em língua portuguesa, com a configuração sócio-histórica do PB e, sobretudo, com sua história social.

Destaca-se o fato de não existir, ainda, uma edição rigorosamente filológica para o documento em que questão, que também carece de uma análise paleográfica, tendo sido objeto de estudo de raríssimos estudiosos. Assim, para atingir esse objetivo geral, foi necessário percorrer os seguintes **objetivos específicos**, divididos em três blocos:

Do documento: o quê? Cuándo? Donde?

- Elaborar uma edição semidiplomática;
- Explorar os aspectos codicológicos e paleográficos do documento;
- Descrever o documento (localização temporal-geográfica e características composicionais/materiais).

Dos autores: Quién lo realizo?

- Identificar, na medida do possível, autores e destinatários;
- Abordar as condições de escrita (ambiente sociocultural e temporal dos *scriptores* e da sua escrita);

Para qué fue escrito ese texto?

- Oferecer, através do paradigma indiciário, um panorama linguístico de diferentes sincronias passadas e um recorte diacrônico da transformação da língua portuguesa nas modalidades escritas e faladas pelas nações que constituíram as bases da população brasileira falante de português, com foco na situação dos povos originários;
- Buscar indícios para a reconstrução histórica da escolarização em língua portuguesa no Brasil;
- Fundamentar a metodologia de ensino descrita no documento quando da situação de multilinguismo, bem como a situação de aquisição da língua geral, com foco para a região e para o século em questão.

1.3 O ESTADO DA QUESTÃO

No tocante ao estudo dos documentos relacionados ao território brasileiro, é ainda mais gritante a questão daqueles que, mesmo realizados em universidades brasileiras, englobem a situação indígena; seja pela carência de documentação sistematizada nos acervos do país, seja pela prioridade aos estudos sobre o elemento africano na formação do PB. Pontos para os quais Freire (2008) também chama a atenção em seu artigo, já citado aqui.

Relativamente à área aludida no documento, o autor destaca as dificuldades existentes na consulta dos acervos amazonenses devido à sua desorganização e empobrecimento, e alerta para o fato de que sempre houve estudiosos preocupados com a história da Língua Portuguesa, mas que ignoravam — num primeiro momento — a existência das línguas indígenas. Por isso, não se discutiu, de forma tão profícua, a situação de contato delas com o português. Freire (2008) também pontua o tratamento preconceituoso que as línguas indígenas tiveram e que reforçaram a dicotomia “língua rica” e “língua pobre”.

No caso específico da região amazônica, das mais de 700 línguas que eram faladas naquele território no século XVII, 600 foram extintas, sobrando, hoje, cerca de 100 línguas portadoras de literatura oral. Por 500 anos, a diversidade linguística foi vista como algo ruim e essas sociedades, tal qual afirma o autor, eram vistas como carentes de escrita, quando, na verdade, sempre foram independentes dela. Freire (2008) afirma que essa percepção só mudou em 1988, quando a Constituição passou a reconhecer que essa diversidade seria boa para o Brasil como um todo, e não apenas para os indígenas.

Considerando as poucas línguas que sobrevivem hoje, uma política de preservação seria fundamental de forma a não apenas tolerar as diferenças, mas também incentivá-las. Assim, o decreto-lei, assinado no ano 2000 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, reconhece a existência do patrimônio imaterial e recomenda o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que se fizesse o registro desse mesmo patrimônio. Para tal, Freire (2008) argumenta que era fundamental deixar claro sobre o que deveria ser documentado e como essas línguas deveriam ser registradas. O autor, então, traz um importante alerta:

No entanto, em todo o Brasil, incluindo doutores, doutorandos, mestres, mestrandos, pesquisadores dedicados às línguas indígenas, existem aproximadamente 100 linguistas que pesquisam línguas indígenas, conforme levantamento feito por Aryon Rodrigues. É um linguista para quase duas línguas. É impossível, com tão poucos pesquisadores, dar conta do recado. Existe, então, uma política que valoriza esse tema, que o reconhece, mas existe também um certo descaso. (Freire, 2008, p. 141)

A necessidade de reconstruir um passado sobre essas línguas é cada vez mais latente e, na mesma proporção, extremamente difícil; daí a importância da constituição de *corpora* com documentações de temática indígena. Era esse, também, um dos objetivos da minha dissertação de mestrado na qual foi elaborada uma edição semidiplomática do manuscrito *Plano Sobre a Civilização dos Índios* e descrita a situação linguística, no âmbito da legislação pombalina e do fim do multilinguismo oficializado, circunscrita no auge dos ideais de civilização da época, com foco na então capitania da Bahia (a região sul, especificamente).

O *Plano*, mesmo tendo emergido quando da reforma pombalina e embora se propusesse a um diferencial, seguia, na verdade, o modelo proposto pelos jesuítas, não obstante alegasse ser inspirado nos ideais iluministas e visar a uma suposta reforma educacional. Tal modelo propunha que a metodologia eclesiástica dos jesuítas fosse substituída pela pedagogia da escola pública e laica; criação de cargos como o de escrevães-diretores e introdução de aulas régias.

Domingos Alves Branco Muniz Barreto, autor do *Plano*, relata que a educação dos indígenas do sul da Bahia esteve, mediante saída dos jesuítas, nas “mãos” de pessoas poucos instruídas para tal. Para além do contexto de grande diversidade linguística, a situação agrava-se ainda mais quando consideramos que a figura do professor ainda não existia, ficando o ensino da língua ao encargo de médicos, engenheiros e militares (Santos, 2016).

No documento, o capitão Muniz Barreto também relata que, embora tenha havido uma preocupação em conter os “índios bravos” e não manter as línguas gerais, essas foram apontadas no documento do capitão ainda que Aryon Rodrigues tenha dito o contrário para o contexto geográfico do *Plano*. Domingos, no entanto, menciona a coexistência de uma língua geral com a língua portuguesa no sul da Bahia do século XVIII. Inclusive o próprio capitão Barreto, embora contrário às práticas de ensino dos jesuítas, incentivou o uso dessas línguas gerais (tal como faziam os missionários) na instrução dos indígenas:

O projeto de Barreto provavelmente não foi o único enviado à Rainha D. Maria I, de Portugal, no fim do século XVIII, com objetivo a adoção de uma postura mais dura diante das comunidades indígenas que resistiam e que viviam nos sertões, zonas de pretensa riqueza mineral, ou que ocupavam territórios de interesses particulares.

Como resultado das pressões da colônia, há a decretação da Carta Régia de 12 de maio de 1798 (dois anos antes do envio do Plano de Domingos ao Bispo de Beja), que aboliu finalmente o Diretório Pombalino, “suprimindo o cargo de Diretor de Aldeia e o direito de o índio vender livremente sua força de trabalho”. Dessa forma, restringiu-se a liberdade do indígena, incentivando-se os descimentos e a imposição do trabalho compulsório. Com a queda de Pombal, em 1787, e o fim do Diretório dos Índios, em 1798, as relações de trabalho dos índios foram modificadas, de modo que ressurgiu, novamente, a centralidade da religião e a exigência de um tratamento mais direto e fiscalizador por parte da Coroa. (Santos, 2016, p. 77)

Assim, foi possível constatar que o *Plano* do capitão Barreto emergiu como uma das várias alternativas no tratamento das questões indígenas. Sendo ainda um período de profunda instabilidade, o que se reflete na educação na colônia, é nesse “vácuo” legal que surgem esse e tantos planos de civilização, o que torna cada vez mais necessária a busca de dados que possam subsidiar o estudo sobre a atuação do indígena na sociedade e na formação do PB e a questão das políticas linguísticas – antes, durante e depois da reforma pombalina.

O trabalho com essa documentação pertencente ao século XVIII, e sobre a Bahia, poderia servir para provar o que Nobre (2011) preconizara: havia, no sul da Bahia, uma língua já intitulada *geral* pelo capitão Barreto. No entanto, seria necessário a coleta de dados indiciais em documentações várias para que se pudesse comprovar a influência dessa língua no sul da região. Daí, o contato com outros documentos e com as linhas de pesquisa de Freire (2008) revelaram que, para entender a história da escolarização em língua portuguesa, importava conhecer e analisar documentação sobre as línguas gerais em contexto ainda mais complexo e, nesse sentido, foi feliz a escolha do objeto da presente pesquisa.

Isto porque as línguas gerais, além de se relacionarem desde os primórdios com a constituição da língua portuguesa, possuem uma relação de identificação com falantes ativos, como é o caso do *nheengatu*:

É o caso da etnia baré, que não tem nada a ver com os grupos tupis, é um grupo de fala Aruak, que durante décadas viveu uma situação de bilinguismo (língua baré x língua geral), mas acabou deixando de falar a língua baré, ficou monolíngue em língua geral e hoje é bilíngue (língua Geral x português). Então, hoje, a LGA ou *nheengatu* é uma língua de identidade dos barés. Eles dizem: “nós somos índios porque falamos uma língua que é a língua geral. (Freire, 2008, p. 139)

O documento que é, agora, utilizado como base para nosso estudo — *Grãmatica da lingua geral do Brazil* — ganha importância justamente por tratar de um período crucial na história das políticas linguísticas do Brasil e ter sido pouquíssimo explorado por historiadores, linguistas e estudiosos vários. Embora não se tenha notícias da realização de nenhuma edição, a última pesquisa divulgada sobre o manuscrito é de Cristiano da Silva Jesuita, defendida como tese, em 2020, na Universidade Católica de São Paulo e que, agora, encontra-se disponível na web.

Embora utilize o mesmo documento objeto desta nossa pesquisa, o foco do trabalho de Jesuita (2020) recai sobre uma análise comparativa do trabalho de descrição gramatical realizado pelos missionários no período colonial brasileiro. Dessa forma, pretendeu o autor contribuir para o estudo da história das gramáticas no período colonial brasileiro, reconhecendo se tratar de um documento que foi pouquíssimo explorado por linguistas e historiadores da linguagem. Desse modo, Jesuita (2020) se propôs a analisar a gramática considerando o contexto de colonização e catequização apenas, e a compará-la com a obra *Arte da Lingua Brasilica* (1621), de Luís Figueira, ponto alto de sua pesquisa. Segundo o autor, a conclusão foi de que há similitudes entre a gramática do códice 69 e a *Arte da Lingua Brasilica*; além de notar uma preocupação do autor da gramática do códice 69 em descrever a língua, registrando suas mudanças e variações.

A questão da autoria, no entanto, é posta por Jesuita (2020) como uma grande lacuna e como um ponto que, segundo o autor, não é pacífico entre os poucos estudiosos que se debruçaram sobre o documento: há autores que acreditam ser obra de um franciscano e outros atribuem à obra uma autoria jesuítica. Em ambas as perspectivas, há a consideração de se tratar de um documento produzido por um missionário.

Em termos gerais, para Zwartjes (2011, p. 169), o manuscrito foi composto por, pelo menos, três autores diferentes, uma prática comum naquela época. Edelweiss (1969, p. 148) é um dos estudiosos que defende a ideia de que o manuscrito tenha sido obra de franciscanos partindo do princípio de que o termo “língua geral” não poderia ser utilizado para denominar a língua descrita na gramática. Segundo Edelweiss (1969), só um franciscano que não conhecesse as diferenças entre o tupi jesuítico e o *dialeto brasileiro* poderia denominar a obra dessa maneira. Esse pensamento também é compartilhado por Mota (2017).

Para Barros (2003), no entanto, o documento insere-se na produção jesuítica missionária setecentista da região amazônica. A autora justifica sua hipótese com a leitura que faz da política linguística jesuítica do século XVIII da região norte. Nesse sentido, os jesuítas tinham posturas diferentes para textos impressos e manuscritos. Por isso, os textos impressos seriam mais conservadores e numa perspectiva mais conteudista e linguística, enquanto os manuscritos apresentavam uma menor preocupação com a standardização linguística. Daí carregarem marcas de oralidade.

Além disso, Barros também argumenta que, na região amazônica do século XVIII, surge, dentro da Companhia de Jesus, uma tendência de incorporar a fala comum aos discursos linguísticos e religiosos. Nesse sentido, Barros e Monserrat (2019), ao tratarem sobre a produção dos padres *tapuitingas* — como os indígenas chamavam os jesuítas da Europa Central que chegaram entre 1750 e 1753 na região que corresponde atualmente à Amazônia, de acordo com o relato do padre David Fay (Ronai, 1942, p. 268) —, observam que esse grupo produziu uma série de textos que incorporavam elementos da fala cotidiana, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1: Códices sobre a língua geral amazônica produzidos no século XVIII pelos padres *tapuitingas*.

Código e Biblioteca depositária	Datação e autoria	Conteúdo	Referências geográficas
<i>Vocabulario da lingua Brazil</i> (Biblioteca Nacional de Lisboa, código 3143)	Anônimo Sem data	Dicionário Português-Língua geral	Missão do Abacaxis (rio Madeira)
<i>Prosódia. Dicionário da lingua falada por indios do Brasil</i> . (Academia de Ciências de Lisboa, Código 569)	Anônimo Sem data	Dicionário Português-Língua Geral, lista de termos do corpo humano, canções e sonetos religiosos em	Missão Arucará (rio Xingu)

		tupi, narrativas rimadas com temas profanos.	
<i>Dicionário Português — Língua Geral e Língua Geral — Português.</i> (Biblioteca Municipal de Trier, Códice 1136/ 2048 4)	Anônimo 1756	Dicionário Português-Língua Geral-Português.	Missão Piraguiri (rio Xingu)
<i>Doutrina christãa em lingoa geral dos índios do Estado do Brasil e Maranhão [...] traduzida em lingoa geral e irregular usada nesses tempos.</i> (Biblioteca da Universidade de Coimbra, Códice 1089)	Anônimo Sem data	Diálogo de perguntas e textos exortativos.	Sem referência
<i>Material confiscado de Eckart em 1759.</i> (Torre do Tombo, Códice 59 nº 4)	1753 (?) - 1759	Pequenas listas lexicais	Sem referência
<i>Correspondencia de David Fáy aos familiares na Hungria</i> (Rónai, 1942)	1753	Oração do Pai Nosso traduzida em tupi	Sem referência

Fonte: Barros e Monserrat (2019)

Diante dessas hipóteses, percebemos que a busca pela autoria requer, antes de tudo, um trabalho filológico e paleográfico com critérios claros, o que não foi contemplado na pesquisa de Jesuita (2020), nem mesmo nas demais aqui citadas, e que, aqui, realizamos.

Portanto, considerando, as agendas de pesquisas de Mattos e Silva e as interfaces entre Linguística Histórica, Filologia e História Social, a proposta de análise fundamenta-se, igualmente, em três eixos, a saber:

- **Eixo linguístico:** na medida em que contribui com a formação de *corpus* para levantamentos linguísticos, considerando as sincronias e diacronias existentes;
- **Eixo filológico:** na medida em que interpreta e transcreve um documento de extrema relevância para as áreas das ciências sociais e humanas, promovendo a sua preservação e sendo ela o meio que sustenta o eixo linguístico;
- **Eixo histórico:** na medida em que se ampara no paradigma indiciário no afã de contextualizar o manuscrito a partir dos “vestígios” de uma realidade.

Acrescentamos a estes três eixos, comumente acionados pela área das Letras, o **eixo paleográfico**, na medida em que atentamos para elementos constitutivos das escritas, presentes no documento. a fim de distingui-las e tentar identificar a autoria intelectual e mecânica da mão principal, que produz a maior parte do documento. A essas análises, somamos também o olhar atento sobre a materialidade do documento; sua constituição, seu formato e as cicatrizes deixadas ao longo do seu percurso de existência.

1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foi abordada a proposta de pesquisa relacionada à história da escolarização em língua portuguesa no Brasil, com foco na análise do manuscrito *Grãmatica da lingua geral do Brazil*. Assim, a presente pesquisa se propõe a investigar o impacto das línguas gerais indígenas no processo de formação do português brasileiro (PB) e na escolarização, situando-se no contexto das políticas linguísticas do século XVIII, especialmente no período final da catequização no Norte do Brasil.

Destacamos que o interesse pela temática teve início no âmbito da iniciação científica e do mestrado, a partir de uma experiência de mobilidade acadêmica em Portugal, onde foi possível acessar documentos pouco explorados relacionados ao Brasil colonial. Assim, buscamos compreender como as línguas gerais indígenas (especialmente a Língua Geral Amazônica - LGA) influenciaram a escolarização e o processo de implantação do português como língua hegemônica no Brasil; levantar questões sobre a metodologia de ensino do português no século XVIII e as razões para a escolha das línguas gerais como mediadoras nesse processo; caracterizar o processo de descrição das línguas gerais pelos missionários e sua interação com o ensino do português e contribuir para a história da escolarização em língua portuguesa, conectando-a à história social do PB e ao contexto sociocultural dos povos indígenas.

Utilizamos, para isso, a edição semidiplomática do manuscrito e a análise paleográfica para investigar a autoria intelectual e mecânica do documento, enfatizando a interseção entre linguística, filologia, paleografia e história social. Desse modo, pretendemos oferecer subsídios para compreender o papel das línguas gerais e do multilinguismo no processo de formação do português no Brasil colonial e promover a

preservação e estudo de documentos históricos relacionados à diversidade linguística e cultural do país.

A pesquisa busca, ainda, contribuir para destaque do protagonismo dos povos indígenas e para relevância das línguas gerais no processo de formação linguística e cultural do Brasil.

2

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NO TRATO COM DOCUMENTAÇÃO SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS

[...] em nenhum lugar, de fato, estará a História pronta, esperando a mão do linguista para colhê-la. Essa história terá que ser escrita pelo próprio linguista concomitantemente aos seus estudos linguísticos. Escrever essa história implica aprender a historicizar os conceitos que utilizamos, implica desenvolver modos de historicizar o nosso fazer disciplinar.

Oliveira, 2001, p. 401.

Neste capítulo, discute-se a natureza interdisciplinar deste estudo e seus aspectos teórico-metodológicos. Inicialmente, em **2.1**, no Campo da Linguística Histórica, aborda-se, especificamente, o uso de fontes documentais como *corpora* nos estudos dessa área e a circunferência da pesquisa dentro das vias de Mattos e Silva (2004a). Em seguida, em **2.2**, no Campo da História Social da Cultura Escrita, sobre a necessidade de investigação em torno da dimensão externa da escrita, assim como sobre os aspectos metodológicos que se referem ao diálogo com a “História vista de baixo” e a via do paradigma indiciário para tratar da recuperação de línguas ágrafas. Em **2.3**, no Campo Filológico, comentam-se as contribuições da Filologia na construção de uma história social linguística, com foco na vertente indígena. Por fim, em **2.4**, no Campo Paleográfico, é abordada a importância

da paleografia para para comprovar a autoria mecânica e intelectual e distinguir e descrever as mãos que escrevem o códice 69, além da sua relevância para análise material.

2.1 DO CAMPO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA: A SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A proposta de reconstrução da história social linguística do Brasil constitui-se como um aspecto a ser priorizado no âmbito da complexa história do português brasileiro. No *III Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), Mattos e Silva (2002a) afirmou que, para o processo de reconstrução da sócio-história linguística brasileira, é necessário levar em consideração o multilinguismo na difusão da língua portuguesa no país, considerando cada área geográfica e o processo de escolarização do povo brasileiro, sua face culta e face popular (Mattos e Silva, 2002b).

Entre as sugestões apresentadas em sua pauta de pesquisa para o PHPB, destacam-se três:

1. para a reconstrução do passado do português brasileiro culto, pesquisar em *corpora* do português europeu contemporâneo e da mesma natureza dos nossos *corpora* os fatos linguísticos gramaticais que forem selecionados;
2. para a reconstrução do passado do português popular brasileiro, pesquisar no espaço brasileiro as variedades conviventes hoje sobretudo as dos não escolarizados das diversificadas áreas rurais do Brasil;
3. reconstruir, detalhadamente e com a precisão possível, a sócio-história linguística das diversas áreas brasileiras cobertas pelo Projeto, considerando as línguas que aí estiveram em contacto, os movimentos demográficos, a ausência/presença da escolarização e, consequentemente da escrita, como elemento normatizador.

A autora, filiada a uma vertente que considera a aproximação entre os estudos linguísticos e a história cultural, comenta a necessidade que a linguística brasileira tem de desenvolver um programa que consiga dar conta da constituição histórica do português do Brasil e afirma que, para tal, é necessário considerar os quatro campos de pesquisa interligados. Em sua perspectiva, na prática, esses campos deverão ser desenvolvidos de forma autônoma, uma vez que possuem metodologias próprias e dialogam com outras ciências.

- (a) O campo que se moverá na reconstrução de uma história social linguística do Brasil;

- (b) O campo que se moverá na reconstrução de uma sócio-história linguística ou de uma sociolinguística histórica;
- (c) O campo que se moverá na reconstrução diacrônica no interior das estruturas da língua portuguesa em direção ao português brasileiro;
- (d) O campo que se moverá no âmbito comparativo entre o português europeu e o português brasileiro.

Sobre o campo (a), especifica Mattos e Silva (2004a, p. 59):

O campo (a) se moverá fundado na história social do Brasil. Dos quatro, será aquele em que o historiador da língua estará mais próximo do historiador *tout court*. Entrevejo duas vertentes nessa reconstrução. Aproveitando a formulação de Antônio Houaiss, são elas: uma referente à recuperação da articulação entre fatos de ocupação territorial, fatos das sucessivas distribuições demográfico-linguísticas e fatos das prevalências e desaparecimento das línguas que prevêm, ainda segundo Houaiss, a via dos levantamentos diretos e indiretos sobre todos os processos languageiros havidos a partir (e mesmo antes para os indígenas e negros) dos inícios da colonização. A outra será a reconstrução da história da escolarização no Brasil, que Houaiss formula como a penetração da língua escrita, fator fundamental para a compreensão da polarização entre normas vernáculas e normas cultas do português brasileiro. Essa segunda vertente prevê a recuperação de políticas linguísticas havidas ao longo da história do Brasil [...].

Considerando a descrição acima, esta pesquisa centra-se nessas duas vias: a dos ***levantamentos diretos e indiretos sobre todos os processos languageiros havidos a partir (e mesmo antes para os indígenas e negros) dos inícios da colonização*** – ao propor uma edição semidiplomática do manuscrito *Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua* – e a da ***reconstrução da história da escolarização no Brasil*** – ao propor um estudo dessas fontes a fim de fornecer contributos que possam viabilizar uma história da escolarização através do resgate e edição de documentos históricos relevantes, sobretudo no que toca ao letramento indígena, temática carente de pesquisa.

Dessa forma, a reconstrução histórica do português brasileiro se movimentará na recuperação da história social e linguística do Brasil e, para que essa história seja recuperada, precisamos de um conjunto significativo de documentos que representem desde os estilos mais informais até os mais formais, a fim de captar as normas vernáculas e as normas cultas (Lucchesi, 1994). Assim, pretendemos, além de contribuir com *corpus* para o já mencionado “conjunto significativo”, cumprir com o objetivo fundamental de uma história do português brasileiro, que, segundo Mattos e Silva (2004a, p. 50), é:

Interpretar o passado linguístico e sócio-histórico do Brasil, em que, na segunda metade do século XVIII, a língua de colonização tornou-se hegemônica e oficial, para dar conta da inter-relação entre sócio-história e história linguística na constituição do português brasileiro heterogêneo, plural e polarizado.

2.1.1 As agendas de Mattos e Silva (2004a)

Seria impossível realizar qualquer trabalho que contribua para a história social linguística do Brasil sem considerar as pistas que a saudosa professora Rosa Virgínia deixou a fim de que, numa referência a Bourdieu (2004), *a história da qual precisamos realmente exista*.

Como representante, segundo Lobo (2015, p. 69), “de um pensamento vivo e instigante sobre a história social linguística do Brasil”, Mattos e Silva listou cinco pistas para as novas gerações de linguistas que se aventurarem pela história social linguística do Brasil – campo que “se moverá fundado na história social do Brasil, aquele em que ‘o historiador da língua estará mais próximo do historiador *tout court*’” (Mattos e Silva, 2004a, p. 59).

- 1) A história linguística do Brasil não se restringe à história da língua portuguesa no Brasil, nem à história do português brasileiro;
- 2) O português brasileiro emerge em contexto multilíngue: o contato linguístico é, pois, elemento constitutivo da sua formação;
- 3) Na cena linguística do Brasil colonial, destacam-se três atores principais: o português europeu, as línguas gerais indígenas e o português geral brasileiro.
- 4) Africanos e afrodescendentes foram os principais difusores da língua portuguesa no Brasil e os principais formadores do português brasileiro em sua variante social majoritária — o português popular brasileiro.
- 5) O passado sócio-histórico-linguístico do Brasil deverá ser interpretado para a compreensão do português brasileiro “heterogêneo e variável, plural e polarizado” da atualidade.

A primeira delas – *“a história linguística do Brasil não se restringe à história da língua portuguesa no Brasil, nem à história do português brasileiro”* – trata o fato de que a população monolíngue em português não foi obra do acaso, isto é, teria sido definida a partir da segunda metade do século XVIII, quando “o multilinguismo menos ou mais generalizado, a depender da conjuntura histórica local nos séculos anteriores, localiza-se e abre, então, o seu caminho o português brasileiro” (Mattos e Silva, 2004a, p. 20).

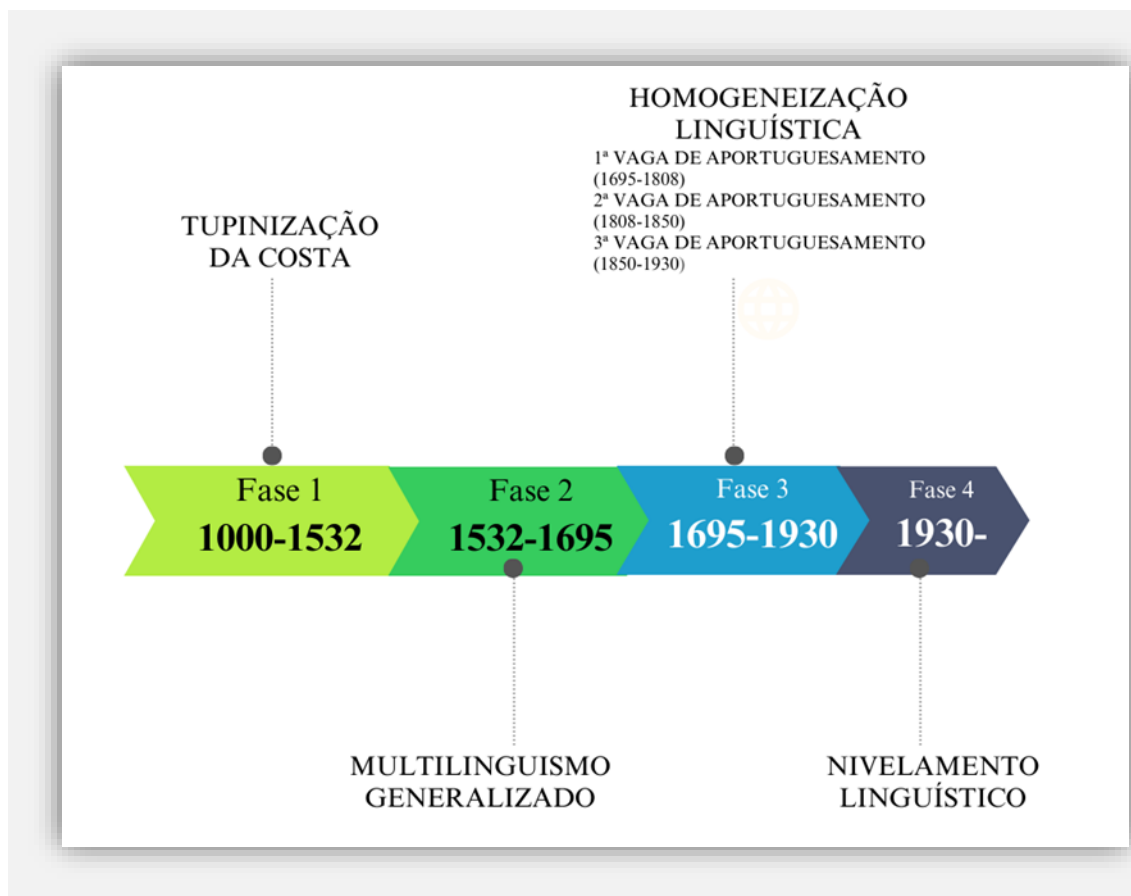
Isto porque políticas linguísticas foram gestadas com o objetivo de extinguir a diversidade linguística. Nesse sentido, as línguas indígenas e a geral foram um alvo claro de ações estatais glotocidas, principalmente a partir de meados do século XVIII. No entanto, houve também uma outra espécie de política linguística, igualmente glotocida,

realizada na prática, mas não explicitada em lei, a qual teria atingido as línguas negro-africanas. Prova disso é que, das 200 a 300 línguas transplantadas com o tráfico de escravos, nenhuma verdadeiramente se implantou nem se difundiu em território brasileiro, embora algumas delas pareceram ter relativa sobrevida, como o caso do quimbundo, na Bahia do século XVII; e do iorubá, também na Bahia, mas já no século XIX (Petter, 2006, p. 124).

O terceiro alvo dessas políticas foram as línguas da imigração que, a partir da metade do século XIX, passaram a chegar atingidas não apenas, mas também significativamente, pela política de nacionalização do ensino, implementada pelo Estado Novo, que proibia o ensino escolarizado em outra língua que não o português. Na atualidade, e de acordo com Morello (2012), apesar de não haver, no país, além do português e da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), nenhuma outra língua de abrangência nacional ou mesmo regional, há um conjunto expressivo de municípios onde se falam majoritariamente línguas indígenas ou línguas da imigração, o que requer iniciativas inovadoras no campo das políticas linguísticas do país.

Considerando, então, a periodização da história sociolinguística do Brasil, o diagrama feito com base em Dante Lucchesi (2017) ilustra, de maneira clara, suas fases:

Figura 1: Periodização da história sociolinguística do Brasil⁵



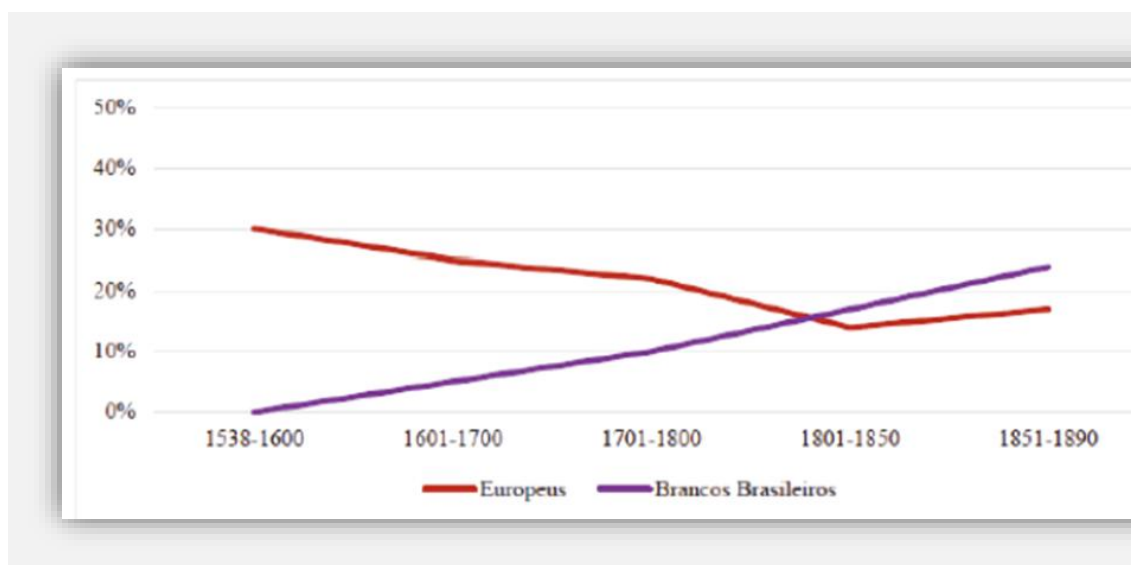
Fonte: Adaptado de Lucchesi (2017)

A segunda pista considera que *“o português brasileiro emerge em contexto multilíngue: o contato linguístico é, pois, elemento constitutivo da sua formação”*, admitindo que “a história das línguas passa necessariamente pela história demográfica de seus falantes” (Mattos e Silva, 2004, p. 17) e que o Brasil continua sendo um país multilíngue. Assim, o caminho pioneiro de estabelecimento de correlação entre configurações étnico-demográficas e configurações linguísticas foi, para a história do português brasileiro, aberto com objetividade por Antônio Houaiss e abordado, com rigor, por Alberto Mussa (1991).

⁵ Cf. LACERDA, M. F. O.; LOSE, A. D.; CARNEIRO, Z. O. N. **O português no Brasil colonial: reflexões sobre edições de manuscritos históricos brasileiros**. Working Papers em Linguística (on-line). Edição Especial História do Português Brasileiro: Uma homenagem ao professor Ataliba de Castilho. No prelo.

O quadro síntese da história demográfica do Brasil, abaixo, organizado por Mussa (1991), foi resultado da interpretação, pelo autor, dos dados colhidos no censo de Anchieta, de 1583; nos censos de 1850 e de 1890, em *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*, de Hasenbalg (1979); e em *Situação das pesquisas acerca do tráfico em Portugal*, de Carreira (1981). A partir dos dados de Mussa (1991) e da adaptação de Lobo (1996), Cardoso, Andrade, Carneiro (2023, p. 8) elaboraram uma nova hipótese, simplificada no gráfico abaixo:

Figura 2: Nova hipótese sobre a formação do português brasileiro moderno



Fonte: Cardoso; Andrade; Carneiro (2023)

A demografia populacional da América Portuguesa exhibe o aparecimento gradativo de indivíduos nascidos no Brasil, o que reflete o processo contínuo e intenso de miscigenação. Ao mesmo tempo, há, nesse período, uma queda no percentual de africanos e indígenas e, proporcionalmente, um aumento de negros brasileiros, mulatos e mamelucos; uma queda da presença de europeus e, proporcionalmente, um aumento de brancos nascidos no Brasil. Ao observarmos o gráfico acima, notamos que, no início do século XVI, os europeus alcançavam uma taxa de 30% da população total. Esse número cai aproximadamente pela metade até o fim do período colonial, chegando a uma taxa de 14%.

Por outro lado, a presença de brancos nascidos no Brasil cresce, saindo de 0%, em 1538, a 24% em meados do século XIX. Para Cardoso, Andrade, Carneiro (2023), esse aumento gradativo indica que uma das bases do PB foi a gramática dos brancos nascidos

no Brasil (i.e., o português colonial brasileiro) e não unicamente a gramática do português clássico (doravante, PCI); embora, no que diga respeito à constituição do PB, o PCI apresente uma interferência indireta. Assim, Mattos e Silva (2004a) chama a atenção para a necessidade de se avançar no desvelamento dos contextos regionais, inclusive dos microcontextos, a fim de que um panorama geral possa, no futuro, ser mais corretamente delineado.

Na sequência, a terceira pista deixada por Mattos e Silva diz respeito à consideração de que, ***“na cena linguística do Brasil colonial, destacam-se três atores principais: o português europeu, as línguas gerais indígenas e o português geral brasileiro”***, já referida inicialmente neste trabalho. Destacamos, porém, a importância, tal qual fez Lobo (2015), dispensada às línguas gerais, às indígenas e ao português geral brasileiro.

A base do cálculo de Rodrigues (1993) para a quantidade de línguas indígenas faladas no início da colonização, aqui já referidas (1.175), não foram as primeiras línguas indígenas com as quais os colonizadores portugueses tiveram contato (i.e, as línguas do tronco Macro Tupi, sobretudo da família Tupi-Guarani, que se estendiam por toda a costa e pelas bacias dos rios Paraná e Paraguai), conforme constata Lobo (2015). As línguas consideradas por Rodrigues (1993) foram, sim, as do tronco Macro-Jê.

Para que se possa falar em uma língua representativa de uma nação, há que se considerar a dificuldade em se saber a que terá correspondido o conceito de “nação”, em termos sociopolíticos e linguísticos. No entanto, Rodrigues (1996, p. 14) acredita que tenha sido o Tupinambá:

[...] a língua falada pelos índios abrangidos pela expressão de Anchieta ‘desde os Tamoyos do Rio de Janeiro até os Pitiguares da Parayba’ (ANCHIETA, 1595, p. 1-2), com ampliação para os índios da mesma cultura e língua que se encontravam ou vieram a encontrar-se na costa brasileira, do Rio Grande do Norte até o Pará, enquanto o tupi ou tupiniquim teria sido a «língua dos ‘Tupis de São Vicente’ do mesmo Anchieta».

A baía de Angra dos Reis era, justamente, o limite geográfico entre os falantes do Tupinambá e do Tupi no século XVI. Por isso, a história do Tupinambá e do Tupi/Tupiniquim, tal qual atesta Lobo (2015), é indissociável da história da língua que os colonizadores chamam de *geral*, “uma invenção verdadeiramente abominável e diabólica”, de acordo com o Diretório pombalino. Sobre a designação do termo, escreve Mattos e Silva (2004b, p. 78) que “[...] o que de diversidade linguística recobre essa

designação genérica [língua geral] é outra questão fundamental na reconstrução de uma história linguística do Brasil e, conseqüentemente, da história do português brasileiro.”

A hipótese complexa de Mattos e Silva é que, entre as duas línguas gerais referidas pelos estudos de Aryon Rodrigues, houve um *continuum* de situações com maior ou menor marca das línguas em contato. Assim, com base na leitura de *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* (1995), a autora defende que talvez “‘usar a língua geral’, ‘falar a língua geral’, ‘saber a língua geral’ [se] refira a um português simplificado, com interferência das línguas indígenas e das línguas africanas” (Mattos e Silva, 2004a, p. 79-81 *apud* Lobo, 2015, p. 77).

Diante de tal consideração, Mattos e Silva acreditou que as línguas gerais poderiam ser confundidas, em áreas geográficas delimitáveis, com o terceiro principal ator da cena linguística colonial, que ela vai chamar de *português geral brasileiro*, considerado o antecedente histórico do português popular brasileiro contemporâneo, ou, nos termos de Lucchesi (1994), das normas vernáculas do português brasileiro. Este aspecto polissêmico da *língua geral* será tratado mais adiante.

“Africanos e afrodescendentes foram os principais difusores da língua portuguesa no Brasil e os principais formatadores do português brasileiro em sua variante social majoritária — o português popular brasileiro” é a quarta pista deixada por Mattos e Silva. Considerando essa proposição, Lobo (2015, p. 78) propõe duas questões, a saber: “1) Por que o português se difundiu tão generalizadamente no Brasil?; 2) Que variedade do português se difundiu generalizadamente no Brasil?”.

Lobo (2015) afirma que a resposta à primeira pergunta está em Paul Teyssier (1997, p. 94-95). Segundo o autor:

Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições. Em 1694, dizia o Pe. Antônio Vieira que «as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas uma com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.» Na segunda metade do século XVIII, porém, a língua geral entra em decadência. Várias razões contribuem para isso, entre as quais a chegada de numerosos imigrantes portugueses seduzidos pela descoberta das minas de ouro e diamantes e o Diretório criado pelo marquês de Pombal em 3 de maio de 1757, cujas decisões, aplicadas primeiro ao Pará e ao Maranhão, se estenderam, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Por elas proibia-se o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o da língua portuguesa. A expulsão dos jesuítas em 1759, afastava da colônia os principais protetores da língua geral. Cinquenta anos mais tarde, o português eliminaria definitivamente esta

última como língua comum, restando dela apenas um certo número de palavras integradas no vocabulário português local e muitos topônimos.

Mas, também, em Ivo Castro (1992, p. 31-32 *apud* Lobo, 2015, p. 78):

Perante a radical eliminação da língua geral no Brasil e a imposição do ensino do português segundo a gramática de Lobato, quem hesitará em imputar a responsabilidade pela homogeneidade linguística do Brasil a um gesto político do Marquês de Pombal?

Essa constatação que Lobo (2015) apresenta também foi feita pela própria Mattos e Silva:

Em 1757, com o Marquês de Pombal, se define explicitamente para o Brasil uma política lingüística e cultural que fez mudar de rumo a trajetória que poderia ter levado o Brasil a ser uma nação de língua majoritária indígena, já que os dados históricos informam que uma língua geral de base indígena ultrapassara de muito as reduções jesuíticas e se estabelecia como língua familiar no Brasil eminentemente rural de então. O Marquês define o português como língua da colônia, conseqüentemente obriga o seu uso na documentação oficial e implementa o ensino leigo no Brasil, antes restrito à Companhia de Jesus, que foi expulsa do Brasil. (Mattos e Silva, 1993, p. 83)

Assim, Mattos e Silva defende que os africanos e afrodescendentes foram não apenas os principais difusores da língua portuguesa no Brasil, mas os principais formatadores do português brasileiro em sua variante social majoritária: o português popular brasileiro. Além disso, argumenta que:

1. Não tendo havido a possibilidade de se estabelecerem no Brasil línguas africanas, os africanos adotaram o português do colonizador, reestruturando-o profundamente, porque o adquiriram já adultos, em situações de oralidade e sob o efeito da aquisição imperfeita de uma segunda língua.
2. A massa de africanos e de afro-brasileiros (negros e mulatos) foi extremamente significativa na dinâmica da demografia colonial e pós-colonial brasileira: segundo os dados de Alberto Mussa anteriormente mencionados, os africanos e seus descendentes teriam correspondido a 20% no século XVI, 60% no século XVII, 60% no século XVIII e 65% no século XIX.
3. A presença de africanos e afrodescendentes foi generalizada em todo o Brasil colonial, ainda que com menos representatividade no Brasil meridional e amazônico. Para além de terem estado sempre presentes nas grandes frentes de exploração mercantil, desempenharam ainda múltiplos e pequenos, mas essenciais papéis no interior das famílias dos colonizadores e também no espaço extradoméstico, tanto nos núcleos urbanos em formação, como nas áreas rurais. (Lobo, 2015, p. 79)

“O passado sócio-histórico-linguístico do Brasil deverá ser interpretado para a compreensão do português brasileiro “heterogêneo e variável, plural e polarizado” é, finalmente, a quinta pista deixada por Mattos e Silva. Diante da consideração dessas características, a autora segue em direção ao passado e discute as vias de pesquisa para a

reconstrução das normas cultas e das normas vernáculas do PB, amparada na formulação teórica de Lucchesi (1994). Assim, seu projeto de reconstrução histórica do português culto brasileiro está baseado em duas afirmações (Mattos e Silva, 2002a, p. 451 *apud* Lobo, 2015, p. 80):

1. Afirma que se esteia em uma tradição escrita, do que decorreria a necessidade do escrutínio das fontes documentais remanescentes, para a constituição de um corpus representativo, a ser integrado por textos escritos por «portugueses letrados que aqui estavam ou [por] brasileiros seus descendentes que se literatizaram e representantes de outros grupos étnicos que compunham a sociedade colonial [,] que puderam chegar à condição de letrados»
2. Afirma que, apesar de não se poder definir o que teria sido o português brasileiro culto do passado sem considerar como termo essencial de comparação o que teria sido o próprio português europeu entre 1500 e o século XIX, sua origem remontaria à segunda metade do século XVIII, momento a partir do qual o ensino da língua portuguesa, ainda que precário, se teria tornado obrigatório, com as reformas pombalinas.

Sobre a reconstrução do português popular brasileiro, cujo antecedente histórico teria sido o chamado *português geral brasileiro*, esta se daria de forma arqueológica:

Tendo sido formado na oralidade o português geral brasileiro, antecedente histórico do português popular brasileiro, a busca do seu percurso histórico tem de ser feita não fundada em corpora escritos, [organizáveis] *ad hoc*, como para o português culto brasileiro, como é óbvio, mas num processo de reconstrução do tipo — que designarei metaforicamente — arqueológico, em que, de evidências dispersas, calçadas pelas teorias sobre o contacto linguístico e pela história social do Brasil, se possa chegar a formulações convincentes. Percurso análogo, *mutatis mutandis* e *modus in rebus*, ao da reconstrução do chamado «latim vulgar», cuja principal fonte de estudo é o seu resultado, as línguas românicas (Mattos e Silva, 2002a, p. 457).

É considerando esse perfil arqueológico, que escolhemos a via da escolarização como caminho possível para esta pesquisa, buscando a analisar a relação das línguas gerais com o português geral brasileiro.

2.1.2 A via da escolarização

Como dito, a reconstrução histórica do português brasileiro se movimentará na recuperação da história social e linguística do Brasil. Essa reconstrução também se dará por meio da reconstrução da história da escolarização, conforme afirmou Mattos e Silva (2004a). No entanto, ainda segundo a autora, a história detalhada da escolarização no Brasil está à espera de um autor, sendo este um dos pontos fundamentais para compreensão e reconstrução da história do português brasileiro.

Nesse labor, é necessário distinguir os conceitos de *alfabetismo* e *letramento*. Magda Soares (2014) defende que o estudo do fenômeno alfabetismo não se restringe a um único campo do saber, uma vez que é um processo complexo que se manifesta de diferentes formas e níveis, possibilitando, dessa maneira, novas abordagens e novos objetos. Por isso, atualmente, “os estudos linguísticos recentes buscam, cada vez mais, a complementação das análises da história interna da língua portuguesa através das análises da história social da linguagem” (Souza; Abreu, 2009, p. 227), uma vez que os processos de alfabetização e letramento são interligados e interdependentes.

Assim, os estudos do letramento possibilitam focalizar os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, de modo a se investigar “não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo” (Tfouni, 2006, p. 9). Desse modo, importa analisar as políticas que atravessaram o processo de colonização do Brasil no século XVIII, levando em consideração que é justamente na segunda metade desse século, como apontou Mattos e Silva (2002b, p. 457), que o ensino da língua portuguesa se torna obrigatório.

2.2 DO CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

O Prof. Dr. Gilvan Muller, há algum tempo, apresentou importantes constatações, também abordadas por Abreu (2011), que conduziram este último ao centro de dois grandes problemas, apresentados em sua tese cujo título é *A escolarização linguística como projeto de civilização*, a saber: a construção de uma história que se assente num paradigma tradicional de cunho político e econômico, isto é, no privilégio conferido aos documentos escritos e legitimados pelo Estado como fontes da História — o que faz com que as impressões do historiador funcionem como um reflexo do que os documentos registraram, mesmo não condizendo com o passado sociocultural das línguas, tanto na oralidade quanto na escrita; e a questão de que, na historiografia tradicional, o fato linguístico poucas vezes é tratado com o rigor científico necessário devido ao seu caráter cultural, envolto por elementos abstratos que, nas palavras de Abreu (2011), fogem do alcance da análise do historiador tradicional.

Assim, Abreu (2011) destaca a importância de uma *história feita por linguistas*, mas não só para eles. Segundo Le Goff (2003), para a elaboração de uma História Social Linguística, nos moldes propostos por Mattos e Silva (2004a), é necessário considerar que “a história está nos centros das controvérsias” (Le Goff, 2003, p. 17) e, dessa forma, a escrita de uma história das línguas que priorize o fenômeno linguístico e contemple as nuances desse objeto, além das suas relações com outros fatos humanos (políticos, econômicos, culturais), se torna uma exigência para uma compreensão mais ampla dessas mesmas línguas. É justamente na necessidade dessa Nova História que se intenta desvendar os caminhos próprios que a língua portuguesa aqui tomou, no afã de analisar a sua própria constituição.

Pontuar essa singularidade, portanto, é considerar a complexidade da composição do nosso quadro linguístico, que se deu de forma assimétrica e heterogênea e acabou por impactar na constituição histórica do português brasileiro – constituição esta que justifica, para muitos, a defesa da instituição de uma *língua brasileira*, e não mais um outro “braço” da língua portuguesa. A literatura brasileira, inclusive, já no século XIX, traz a dualidade sobre duas perspectivas acerca da língua portuguesa no Brasil: se por um lado, românticos, como José de Alencar, propunham a autonomia de uma língua brasileira; se por um lado, modernistas se movimentavam na busca pelo estabelecimento de uma identidade brasileira, inclusive através da língua; do outro, nunca faltaram gramáticos e eruditos que consideravam que só podíamos falar a língua portuguesa, “sendo o resto apenas brasileirismos, tupinismos, escolhos ao lado da língua verdadeira” (Orlandi, 2005, p. 29).

Se a “a atividade linguística de cada indivíduo contribui poderosamente para se reconhecer a si próprio e para ser reconhecido pelo outro” [...] “estaremos nós diante de duas línguas ou deveremos manter a mesma designação para as duas formas de falar?” (Mira Mateus (2003, p. 88). O que seria, afinal, essa atividade linguística?

Tal questão também é colocada por Rousseau, em seu *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*:

A PALAVRA DISTINGUE os homens entre os animais; a linguagem, as nações entre si — não se sabe de onde é um homem antes de ter ele falado. O uso e a necessidade levam cada um a aprender a língua de seu país, mas o que faz ser essa língua a de seu país e não a de um outro? (Rousseau, 2008, p. 159)

Se adquirir uma linguagem, tal como afirma Duranti (2000), é fazer parte de uma tradição; compartilhar uma história; ter uma memória coletiva; onde começa a história linguística de Portugal e onde se inicia a do Brasil? O *estritamente linguístico*, a qual Mira Mateus (2003) se refere, se resumiria apenas às diferenças ao nível da superfície que a própria autora elenca para, ao fim, constatar que “não há como provar que as diferenças inventariadas entre duas formas de falar próximas obrigam a que passem a ser consideradas como duas línguas distintas” (Mira Mateus, 2003, p. 88)?

Se a justificativa para a não separação das duas línguas se pauta numa opção política, seria, ainda, o Brasil tão dependente politicamente de Portugal? Para Lucchesi (2015), do ponto de vista da língua, não.

É comum ouvir afirmações do tipo “português é uma língua difícil” ou “o brasileiro não sabe falar português”. E não poderia ser diferente, já que a tradição brasileira exige que se escreva, ou até mesmo se fale, com a sintaxe portuguesa – o que é impraticável, porque a língua não parou de mudar, tanto em Portugal quando no Brasil, em um processo que, por vezes, assumiu direções distintas, ou mesmo contrárias, em cada um dos lados do Atlântico. (Lucchesi, 2015, p. 24)

Considerando os fatores que desenharam o nosso quadro linguístico e sua importância, importa analisar como eles contribuem para a construção de uma história social sobre o português brasileiro.

Para Freire (2008, p. 119), “no Brasil, apesar de sua relevância, o campo da história social das línguas foi até agora pouco explorado. Os documentos não foram, portanto, suficientemente interrogados”. É, todavia, ainda mais caótico o cenário para uma história das línguas indígenas do Brasil, pois há, no Brasil, uma expectativa que se opõe a uma realidade desanimadora. Embora existam, aqui, políticas linguísticas que estimulem a elaboração de uma norma, um dicionário, um alfabeto e uma gramática indígena, há que se lembrar das dificuldades no tratamento de línguas ágrafas, sejam elas ativas ou aquelas de que se tem notícias através de descrições documentadas historicamente.

Nesse sentido, a documentação é condição *sine qua non* para o estudo dessas línguas – seja como material de análise direto, como representativo de um estado da língua, um *corpus*; seja como fontes indiretas – oferecendo indícios da constituição de uma língua, sob a perspectiva histórica – o que hoje é conhecido como paradigma indiciário (Ginzburg, 2011).

A História Social, nesse sentido, pode contribuir para a proposição de um método para o trabalho com documentação de temática indígena e como um facilitador numa proposta para a história das línguas dos povos originários do Brasil. Além disso, é um campo que permite tratar da relação existente, e também com esse propósito, entre a Linguística Histórica e a Filologia — aqui entendida como a ciência que cuida da cultura dos povos, preservada através de sua língua e registrada em textos cientificamente editados ou reproduzidos de acordo com as técnicas do trabalho filológico da Crítica Textual.

A intenção é refletirmos sobre a necessidade de um aparato metodológico e epistemológico para a colocação dos povos originários como legítimos protagonistas — na mesma proporção em que o africano é posicionado nas diversas perspectivas de estudo — na construção de uma história social do português brasileiro — na medida em que resgata uma parte da história quer contada por eles ou com indícios — e, finalmente, também oferecer fontes para a construção de uma história do PB com foco na vertente indígena.

2.2.1 O recurso do paradigma indiciário

Nesse sentido, a Nova Historiografia e aquilo que se conhece por *paradigma indiciário* têm muito a contribuir.

É importante destacar que o paradigma indiciário emerge daquilo que Saviani (1997) chama de “crise de paradigmas”, vivenciada pelos historiadores do final do século XX. O autor, na altura, chamava a atenção para a ausência de preocupação com questões teóricas e metodológicas por parte dos historiadores da pós-modernidade. Isto é, de um lado, havia certo abandono do referencial teórico e das questões epistemológicas fundamentais do “ofício do historiador”; de outro, a incorporação acrítica das “ondas supostamente inovadoras”, como o legado de Michel Foucault. Essa era uma crítica aos historiadores ligados à chamada “História Cultural”.

Carlo Ginzburg, historiador italiano e idealizador desse modelo epistemológico, foi um dos fundadores da micro-história, um gênero historiográfico que faz um recorte do objeto em escala microscópica “mas explorando tal objeto à exaustão, de modo a desvendar o universo de uma sociedade para além do próprio protagonista do estudo” (Coelho, 2014, p. 3). Um exemplo dessa prática encontra-se em seu livro *O queijo e os*

vermes; e, nele, através da documentação sobre o processo de Menocchio pela Inquisição Católica, Ginzburg remontou a cultura popular de uma Europa pré-industrial.

Por sua formação assentada nas humanidades (literatura, filosofia e história), e até mesmo pela trajetória de seus pais – Leon Ginzburg e Nathalia Ginzburg, os quais promoveram estudos literários, traduções e composições de romances –, não seria estranha a relação que Ginzburg estabelece entre conhecimento histórico e os estudos da linguagem. No entanto, cabe ressaltar que, além da influência familiar, deve-se reconhecer que a atenção que Ginzburg dá aos estudos da linguagem se explica, também, e especialmente, pelo seu pertencimento a uma geração de estudiosos que se deixa marcar pela relação existente entre discurso, sociedade e poder.

Sobre as influências sofridas pelo historiador, foi em Freud que Ginzburg percebeu a importância dos estudos de caso; da atenção aos detalhes; àquilo que é periférico e aparentemente insignificante. E foi com Chabod que ele percebeu realmente “o que se podia fazer com a história” (Ginzburg, 2011, p. 19-44), passando a se dedicar ao entendimento do individual para o coletivo e baseando-se nos detalhes da linguagem para isso – exatamente o oposto da tendência dos estudos no âmbito das Ciências da Linguagem da época.

Com os linguistas Ferdinand Saussure e Roman Jakobson,

Ginzburg assumia a analogia entre a “cultura” e a “língua” em modos semelhantes aos da antropologia estrutural (que a havia colhido, por sua vez, na linguística estrutural de Roman Jakobson e Ferdinand Saussure). A célebre distinção elaborada por Saussure entre *langue* (a estrutura formal e inconsciente da língua) e a *parole* (a palavra, o uso singular da língua pelos indivíduos), assumida pela antropologia estrutural, era também encampada por Ginzburg. Contudo, à diferença da antropologia estrutural — que havia se voltado apenas para a *langue*, isto é, as “estruturas elementares”, ignorando as variações como irrelevantes —, Ginzburg interrogava simultaneamente as “possibilidades latentes” da cultura e os modos pelos quais eram efetivamente vividas por Menocchio, colocando no centro da sua atenção precisamente o “singular” ignorado pela análise estrutural. Assim, o que estava em jogo não era apenas estabelecer as relações entre cultura camponesa e a cosmogonia de Menocchio dissolvendo a segunda na primeira, mas, ao contrário, investigar exatamente a complexidade das relações que se estabeleciam entre ambas. (Lima, 2006, p. 327)

Bakhtin, por sua vez,

[...] percebeu com brilho a possibilidade de se resgatar a cultura das classes populares na França daquele período através da obra de um letrado, percebendo nisso um conflito de classes no plano cultural — e, mais precisamente, a carnavalização da cultura austera das elites no vocabulário da praça pública e no escárnio popular. Ginzburg procedeu do mesmo modo, embora tenha estudado não um intelectual das elites, mas um simples moleiro

que sabia ler. E o historiador foi além, ao propor abertamente o conceito de circularidade, noção somente implícita em Bakhtin, que se preocupava mais com as oposições do que com as interpenetrações culturais entre as classes. (Vainfas, 1997, p. 152)

Com Marc Bloch, Ginzburg foi instigado a enfrentar temas marginais com o objetivo de refletir sobre problemas mais amplos, o que acabou inspirando a prática da alteridade no enfrentamento dos discursos constituintes das fontes. Mas foi com Cantimori, Erich Auerbach, Leo Spitzer, Gianfranco Contini, entre outros, que o historiador percebeu a importância da filologia, já que o labor filológico “é capaz de oportunizar a captura profunda dos sentidos presentes nos textos, sem abrir mão, para isso, de posicioná-los contextualmente” (Paziani; Perinelli Neto, 2018, p. 5).

Ao iniciar meus estudos na Scuola Normale, em Pisa, pensava em trabalhar com história da literatura, tornar-me um literato. E havia um seminário de um professor que ensinava em Florença chamado Delio Cantimori, um dos historiadores mais importantes da Itália. Ele ia passar uma semana em Pisa, e disse que iria ler e comentar a obra de Burckhardt, *Considerações sobre a história do mundo*. Lembro-me muito bem do momento em que o vi pela primeira vez: era um homem gordo, não muito alto, de barba branca, com uma cara de cardeal, como nos retratos de cardeais de El Greco. Falava com uma voz pastosa, e perguntou: “Algum de vocês lê alemão?” Muito poucos liam. Ele continuou: “Bom, vamos ler o livro de Burckhardt, mas vamos comparar as traduções italiana, francesa, inglesa etc.” Começamos, e depois de uma semana tínhamos lido cerca de dez linhas. Aquilo me marcou profundamente. Aquela maneira de ler o texto levantando uma multiplicidade de problemas foi algo que me pareceu realmente magnífico. (Ginzburg, 1990, p. 255).

É daí que surge a preocupação em não apenas analisar minuciosa e lentamente os textos, mas também os nexos entre os textos e os diferentes contextos. É essa atividade que possibilita captar os sentidos profundos, pois ela considera o lugar social de produção, os sujeitos produtores de sentidos e a temporalidade histórica que os envolvem. Observamos como este modelo é essencial para os estudos que envolvem a história e pré-história das línguas indígenas, principalmente quando consideramos que, apesar das inúmeras teses defendidas, no Brasil e no exterior; do estudo intensivo de várias línguas indígenas e do sucesso da Escola Indígena Bilíngue, ainda é real o perigo de morte e extinção de 33 línguas..

Por isso, falar sobre a história dos povos originários, fatalmente, conduz a um trabalho de dedução; e, ao que se sabe até então é que, das 180 línguas restantes, a maioria se encontra na região amazônica, “numa população que se distribui em 41 famílias, dois

troncos, uma dezena de línguas isoladas” (Leite, 2007, p. 2). Essa região foi, durante o século XVII, marcada por um processo de extermínio populacional bem maior do que os dados estatísticos podem revelar, uma vez que lidar com as estatísticas de um período proto-estatístico tem suas limitações.

Em 500 anos, segundo dados de Aryon Rodrigues (1993), houve uma perda de 85% das línguas indígenas. Se as línguas indígenas não têm uma história escrita, é na documentação, quer de conteúdo etnológico quer linguístico, que teremos a profundidade histórica capaz de, por comparação com os dados atuais, acessar, através de indícios, um estágio mais anterior e depreender, com maior certeza, processos de mudanças, tanto espaciais quanto linguísticas. É nesta visão que a presente pesquisa se assenta.

Como dito, no intento de interrogar os documentos, importa, para tal, a reunião de um conjunto documental significativo. No entanto, esbarra-se na dificuldade de tratar dados para a história de línguas que são especificamente orais, além das dificuldades ainda existentes de consulta da documentação de temática indígena. Seja porque a maior parte da documentação encontra-se reunida em acervos europeus, seja porque ainda são poucos os documentos alocados em acervos brasileiros que estão devidamente sistematizados.

Essa busca por fontes diretas (escritas pelo próprio punho indígena) tem sido um trabalho difícil e pensar numa reconstrução da sócio-história das línguas indígenas é considerar o seu caráter essencialmente “arqueológico”, conforme defende Monteiro (1994, p. 11):

Repensar a história dos índios a partir da documentação textual e iconográfica, que é apenas arranhada aqui, significa muito mais do que simplesmente agregar mais estes ao crescente rol de ‘povos sem história’ que vêm sendo ‘resgatados’ pela historiografia ocidental. Significa reescrever capítulos inteiros da história do Brasil, para que esse novo conhecimento do passado possa lançar uma luz menos pessimista e mais justa sobre o futuro dos povos indígenas.

Assim, a inserção dos indígenas na cultura escrita ganha um facilitador a partir do *paradigma indiciário*, isto é, com base no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintoma. Este é um caminho capaz de produzir resultados não apenas no “rastreio” de pistas que deem conta – como no caso dos nossos objetivos – do processo de alfabetização dos indígenas quando da colonização, como também colabora com os estudos sobre as línguas indígenas vigentes e aquelas

desde antes da oficialização da língua portuguesa. Dessa forma, é fundamental considerar as contribuições daquilo que a historiografia chama de *micro-história*.

Tal modelo epistemológico, como dito, não se baseia nos elementos mais evidentes de uma situação de pesquisa, mas em indícios muitas vezes imperceptíveis. Oriundo das Ciências Humanas, no século XIX, seu surgimento relaciona-se com o nascimento da própria atividade narrativa, já que “o caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (Ginzburg, 1989, p. 152).

Nessa perspectiva, o caçador utilizava o paradigma indiciário como um *modelo venatório*, isto é, para compreensão do passado, para indicar que “alguém esteve ali” — embora o paradigma indiciário também possa ser usado num *modelo divinatório*, isto é, revelações através de indícios que ajudam a compreender o futuro. Assim, Ginzburg (1989) constatou a utilização do paradigma indiciário nos personagens de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes, no método do historiador de arte italiano Giovanni Morelli e nas pesquisas de Freud para o desenvolvimento da psicanálise. Para ele, os três casos trabalham com pistas: sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes) e signos pictóricos (no caso de Morelli).

Influenciado pelo marxismo, pela filosofia da linguagem de Bakhtin, pelos historiadores já mencionados — Erick Hobsbawn, Marc Bloch, Benedetto Croce, Federico Chabod, Delio Cantimori — e pelo filósofo italiano Antonio Gramsci, Ginzburg, a partir da atenção às pistas, conseguiu estudar temáticas várias em suas pesquisas historiográficas, encontrando caminhos para o mesmo objetivo que é, conforme descrevem Leandro e Passos (2021), entender o que as pistas significam e o que os documentos revelam.

Leandro e Passos (2021), por sua vez, trazem um comparativo do paradigma indiciário com o *paradigma galileano* que, para alguns, pode conferir àquele um caráter de pouco rigor, inconcluso, inacabado e não sistematizado. Porém, para Ginzburg (1989), existem disciplinas que acabam por não se enquadrarem nos critérios de cientificidade do paradigma galileano, como a própria História, a Linguística e a Filologia. Seriam estas, na perspectiva do autor, disciplinas indiciárias; sendo o paradigma galileano, nesse sentido, “não só inatingível, mas também indesejável para as formas de saber mais ligadas à experiência cotidiana” (Ginzburg, 1989, p. 178).

[...] a orientação quantitativa e antiantropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância (Ginzburg, 1989, p. 178).

Leandro e Passos (2021) argumentam que o paradigma indiciário está assentado em outros termos e que o seu rigor deve ser entendido como flexível, ou seja, deve se moldar pelo contexto de pesquisa e “a natureza do problema a ser estudado é que deve determinar as características das proposições, dos processos, das técnicas e dos dispositivos metodológicos utilizados, e não o contrário” (Ginzburg, 1989, p. 178 *apud* Leandro e Passos, 2021, p. 8).

Apesar de regras preexistentes não existirem no paradigma indiciário, os autores percebem elementos que o constituem. Nesse ínterim, nota-se a contribuição dessa via idealizada por Ginzburg à análise de narrativas e com base na busca de indícios específicos, como atestam Leandro e Passos (2021). Os autores denominam esses indícios de *indícios narrativos* e estes se diferenciam dos *indícios materiais*, encontrados nos exemplos de Morelli e Holmes, porque ligam-se à história do(s) sujeito(s).

Um dos elementos listados por Ginzburg que pode ser levado em consideração na análise de narrativas, na perspectiva de Leandro e Passos (2021), é a *firasa*, que é “a capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base de indícios” (Ginzburg, 1989, p. 179). Ainda segundo os autores, a *firasa* relaciona-se com a capacidade de duvidar, questionar aquilo que está escrito e, para tal, o pesquisador precisa ter consciência de sua ignorância. É este apelo ao desconhecido que conduz o pesquisador à busca por outras perspectivas que possibilitem, de uma outra mirada, um olhar sobre o sujeito. Operar com a *firasa* seria perceber aquilo que não está tão explícito.

Há, também, aquilo que Leandro e Passos (2021) chamam de *elementos imponderáveis* e eles incluem aspectos como o acaso, as sensações, o fato, o golpe de vista e a intuição. De fato, em se tratando de trabalho filológico, os textos acabam por determinar a trilha e é isto que faz a investigação ser sempre reformulada. Não esqueçamos que foi justamente o acaso que firmou os rumos desta pesquisa desde o momento do primeiro contato com documentos de temática indígena, ainda no ano de 2012, o que aconteceu, de forma displicente, numa procura por documentos sobre o Brasil no Arquivo Distrital de Évora.

O acaso, portanto, está presente no processo de análise das narrativas, pois a narrativa, por si só, pode levar o pesquisador a caminhos que ele não previa. Caberá a ele se deixar “guiar pelo acaso e pela curiosidade, e não por uma estratégia consciente” (Ginzburg, 1989, p. 12).

Por outro lado, o *faro*, por sua vez, é concebido como a capacidade de percepção das chaves de interpretação e é a sua apuração que irá conferir ao pesquisador maiores chances de perceber os indícios do seu fenômeno de estudo. Todavia, essa percepção dos indícios não é suficiente, sendo igualmente importante a maneira de enxergá-los, isto é, o *golpe de vista*. Finalmente, a *intuição* pode indicar caminhos para uma análise, apesar de não haver uma explicação clara sobre o seu funcionamento.

Todos esses elementos chamados *imponderáveis* juntam-se a outros, chamados *ponderáveis*, como aqueles considerados estruturais. Embora não estejamos lidando com um paradigma de natureza estruturalista, Ginzburg considera que os elementos formais de um texto podem fornecer meios para localizar indícios — como as palavras, as frases e a própria etimologia.

A etimologia, em especial, pode dar indícios sobre as motivações de uso de uma expressão por sujeitos diferentes e em lugares distintos. De igual modo, a reconstrução analítica dos elementos geográficos e cronológicos presentes nos documentos é, para Ginzburg, um contributo para a análise dos elementos temporais e atemporais nas narrativas. Essa associação é capaz de auxiliar na compreensão dos movimentos de mudança (quer de localidade, quer de pensamento) do narrador, conforme observam Leandro e Passos (2021).

Sem dúvidas, fazer uso do paradigma indiciário implica repensar, essencialmente, nossa postura enquanto pesquisadores e o ponto de vista a que nos filiamos. É justamente ele — o ponto de vista — um elemento base para que nos aproximamos daquilo que a história a história poderá ter sido. Para tal, é necessário se deixar atravessar, enquanto pesquisador, por outros pontos de vista — o cronológico, o espacial/geográfico, o cultural, o morfológico-etimológico e o temático (Ginzburg, 2012).

Além disso, Ginzburg (2012) também destaca a importância de se pensar sobre as concepções de distância e proximidade durante a análise de narrativas, ou seja, importa não apenas a *maneira como* se olha, mas também a *distância de que* se olha. Considerando os níveis de distanciamento e proximidade que um pesquisador precisa ter diante do seu

objeto de pesquisa, Ginzburg (2001, p. 13) considera que o excesso de distância cria a indiferença e “a ausência de empatia como desumanização”; por outro lado, a proximidade excessiva pode “desencadear a compaixão ou uma rivalidade aniquiladora” (Ginzburg, 2001, p. 203). De outra forma, uma distância justa, crítica, cria estranhamento, que seria um modo de atingir as coisas e de “libertar-se de ideias e representações falsas” (Ginzburg, 2001, p. 34).

No entanto, a concepção que Ginzburg (2001) tem sobre a distância não se limita apenas a um tipo. Ela engloba também as distâncias espaciais e temporais, e estabelecer uma distância justa entre passado e presente é o que o historiador considera ser uma tarefa viável apenas a partir do paradigma indiciário, já que não é possível analisar o passado com os olhos do presente.

Há, ainda, uma outra contribuição trazida por Ginzburg (2012), através do modelo indiciário, que é a necessidade de percebermos os indícios de uma história feita por indivíduos e/ou grupos sociais anônimos que não faziam parte das instituições oficiais de poder. Aquilo que Edward Thompson chamou de *história vista de baixo*.

Esse interesse por uma história social mais ampla ganhou força no século XIX, mas foi em 1936 que Bertold Brecht apresentou, em seu poema *Perguntas de um Operário que lê*, a necessidade de uma perspectiva alternativa à conhecida “história de elite”. No artigo *The History from Below*, publicado em 1963, Thompson, então, leva o conceito de *história vista de baixo* aos historiadores, os quais se sentiram atraídos a explorar as experiências históricas de homens e mulheres ignorados na história até então conhecida. A proposta de Thompson (1965, p. 12-13), desse modo, se fazia clara:

Estou procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual “obsoleto”, o artesão utopista e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não.

Com relação aos povos indígenas, Gerald Sider (1994), Steven Stern (1992) e Jonathan Hill (1996), assim, propõem uma revisão do paradigma da conquista, tanto na vertente da “perda” quanto na da “resistência”, que deixam para os povos nativos os papéis de vítima de aniquilação ou de mártires da tradição e da cultura. A dificuldade em demonstrar esse novo paradigma consiste no fato de que poucos documentos, quer sejam

produzidos pelas ordens missionárias, quer sejam produzidos por militares, foram editados a partir de critérios filológicos, comprometendo a conservação do material e nem sempre considerando seus aspectos paleográficos, diplomáticos e sócio-históricos.

2.3 DO CAMPO FILOLÓGICO: AS LÍNGUAS SEM ESCRITA

É ponto pacífico o fato de que ainda não há nenhuma língua indígena que esteja satisfatoriamente documentada, o que confere à América Latina o título de maior ignorância com relação às línguas nativas. Do que podemos usufruir, no entanto, para constituição do passado desses povos, na maioria dos casos, é dos documentos produzidos em/para Portugal, considerando o papel de missionários e de outros estudiosos no processo de catequização/civilização da colônia, nos termos defendidos por Santos (2014).

Considerando a via da escolarização, indicada por Mattos e Silva como caminho possível para novos estudos sobre a história social do PB, e a Nova Historiografia, é importante recordar, como menciona Santiago (2019) sobre o século XIX, que há poucas informações sobre o processo de escolarização formal, mesmo sendo esse o período que, historicamente, marca a institucionalização do ensino em língua portuguesa no Brasil. Por isso, ainda segundo a autora, há a necessidade de se procurar os indícios do processo de aquisição da leitura e da escrita no Brasil não apenas nas fontes oficiais. No caso desta pesquisa, importa conhecer os antecedentes da escolarização em território brasileiro, a qual possui o século XIX como marcador temporal oficial.

Petrucci (2003), ao lançar mão dos questionamentos, citados no **Capítulo 1**, sobre o ato de interrogar o documento, aponta um caminho de ocupação da história da produção, das características formais e dos usos sociais da produção da escrita e dos testemunhos escritos em uma determinada sociedade. Esse processo objetiva circunscrever o texto dentro de um contexto histórico, material e cultural, a fim de recriar a sócio-história das práticas de escrita, uma vez que

o texto escrito exige uma interpretação histórica desde o primeiro momento de sua existência porque ele é testemunho da experiência humana, forjado no cotidiano e se relaciona com práticas sociais peculiares de sujeitos historicamente constituídos. Esses sujeitos, por sua vez, também se inventam a partir das relações estabelecidas com os textos, entendidos como práticas escriturísticas. (Barreiros, 2017, p. 391)

Assim, Barreiros (2017, p. 391) preconiza a noção de *homem histórico*, aquele “capaz de compor um discurso sobre si mesmo”. Silva de Jesus (2021, p. 73), no entanto, destaca a importância de se considerar que tal noção não se restringe às sociedades que têm o domínio da escrita, mas, também, a homens e mulheres provenientes das sociedades ágrafas. Em se tratando do acesso à documentação indígena, tem-se justamente o problema de se fazer uma filologia para línguas sem escrita.

Nesse sentido, Souza (2019, p. 16) procurou reconstituir “as apropriações da escrita pelos povos indígenas do Brasil e suas formas de participação na cultura escrita, capítulo de nova história pregressa ainda a ser escrita”. Com foco na Capitania da Bahia, o autor buscou analisar o processo de aquisição da tecnologia da escrita por indígenas de aldeamentos elevados a vilas, na segunda metade do século XVIII e limiar do século XIX, com o objetivo de identificar os “agentes de letramento” e as formas como ocorreu o processo de aquisição da leitura e da escrita por esse grupo social.

Antônio Houaiss, em conferência no *Centenário da Academia Brasileira de Letras*, em 1997, afirma que há um consenso em se dizer que todas as línguas ágrafas — que são a maioria — têm uma literatura prévia. O estudioso diz que elas se representam através de uma “oratura”, fenômeno da transmissão da reserva grupal, geralmente em forma de canto. Tratar das línguas ágrafas, portanto, não é uma novidade para a Filologia, a qual permitiu à cultura helênica testemunhar, com os escritos homéricos, incontestavelmente anteriores ao advento da escrita em grego, que esse saber armazenado em forma de poema, em geral, é anterior à literatura.

Para aqueles que consideram a conceituação tradicional, Linguística e Filologia são ciências distintas. Na tentativa de distingui-las, no entanto, Silva Neto (1952) afirma que a Linguística está no âmbito mais geral, à medida em que a Filologia “encerra todos os estudos possíveis acerca de uma língua ou grupo de línguas”, dependendo fundamentalmente de documentos escritos, o que comprometeria, nessa perspectiva, estudos filológicos em línguas ágrafas. Por outro lado, Coutinho (1976, p. 17), define Filologia “como ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serviu de instrumento”.

Botelho (2021) destaca, porém, que embora existam diferenças não estanques entre as duas áreas, o campo de atuação da Filologia é de tal modo específico que não se confunde com nenhuma outra ciência que tenha a língua como um de seus objetos de estudo. No entanto, o autor também enfatiza a existência de uma interdisciplinaridade

entre as duas áreas quando relacionam a história de uma dada língua com um fato gramatical. Nesse sentido, o conceito de Basseto (2001), o qual define Filologia como uma ciência da linguagem e como pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura, baseando-se na sua língua materna ou em sua literatura, parece mais oportuno.

Reconstituir o passado linguístico das línguas indígenas, nesse sentido, com base na própria língua materna, é labor que atravessa incontáveis questões, considerando a extinção de tantas e o fato de a documentação remanescente de temática indígena ser, em sua maior parte, escrita do ponto de vista do colonizador, falantes de outro idioma, numa perspectiva que toma como base a “língua do príncipe” em detrimento das ditas “bárbaras”. No entanto, o trato com essa documentação permite, por meio do paradigma indiciário, o acesso a pistas sobre a história pré-colombiana do Brasil, além de, como define Souza (2019, p. 101), “formular hipóteses sobre a localização dos povos indígenas em diversos momentos do passado e, também, testar modelos de sequenciamento cultural histórico que situam a linguagem e a comunicação em relação às forças materiais, econômicas e políticas”.

Assim, se editar documentos que descrevem – no nosso caso – as línguas gerais, ainda que na perspectiva do colonizador, permite, também, tornar esses textos acessíveis a outros estudiosos das ciências sociais e humanas – no caso dos estudos no âmbito da Linguística Histórica, considerando as agendas de pesquisa ora mencionadas –, não há como viabilizar um estudo de sincronias pretéritas, como observou Jesus (2021, p. 56), sem “uma infraestrutura filológica e uma sólida preparação do investigador para a interpretação dos fenômenos linguísticos presentes no texto escrito”.

2.3.1 O trabalho de reconstrução das línguas indígenas

Makoni e Pennycook (2006) defendem que as línguas, no seu sentido mais literal, foram inventadas como parte dos projetos cristãos/coloniais. A noção ocidental de língua nasceu, então, de uma filologia europeia que legislou as diferenças humanas e coloniais e tomou o latim (parâmetro de língua escrita e língua da Igreja Católica e da Ciência) como planilha para o estudo de outras línguas (Errington, 2001).

Por esse motivo, para Bakhtin (2006, p. 100), a concepção de língua oriunda de uma reflexão linguística dessa filologia europeia, a qual tem como referência o latim, é a

de uma “língua morta-escrita-estrangeira” criada para codificar a língua e adaptá-la às necessidades da sua transmissão escolar. Segundo o autor, então, a Linguística “estuda as línguas vivas como se fossem mortas e a língua nativa como se fosse estrangeira”.

Quanto à concepção de língua e linguagem, existem muitas e diversas que derivam da Linguística e da Linguística Aplicada. Guerola Rodríguez (2015), porém, menciona que, a partir de Bakhtin, a concepção de língua mais firmada, considerando a “monologização dos discursos sobre a(s) língua(s)”, é a que parte do objetivismo abstrato. Tal objetivismo, segundo Bakhtin (2006, p. 79-82), tem a língua como objeto, um sistema fechado, “estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida”, desvinculada de ideologias. Para o autor, esse sistema não passaria de uma abstração que se originou de uma visão de mundo racionalista e mecanicista.

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ao contrário, ele nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua e de suas funções sociais (Bakhtin, 2006, p. 110)

Essa visão de língua não considera a concepção de “língua ideologicamente saturada [...] que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica” (Bakhtin, 2002, p. 81). Tal representação ocidental de uma língua escolarizada seria, de acordo com Makoni e Pennycook (2006, p. 23-27), um “regime metadiscursivo” que parte de um processo de violência epistêmica, nos termos defendidos por Guerola (2015), no qual “a invenção das línguas tem tido consequências insidiosas para os povos indígenas” (Makoni e Pennycook, 2006, p. 23).

Calvet (2007) divide as políticas linguísticas que se baseiam nesses regimes em planejamento de *status* das línguas — intervenção normativa nas suas funções sociais — e de *corpus* — intervenção normativa no sistema das línguas, para que possam assumir novas funções atribuídas. Para as políticas linguísticas de *corpus*, especialmente, segundo Calvet (2007, p. 62-67), é necessário que essas línguas tenham seus “déficits” reduzidos, de forma a equipará-las para que possam desempenhar seu papel. Assim, haveria um primeiro momento para isso: “dar um sistema de escrita às línguas ágrafas”.

O segundo momento seria, portanto, a criação de palavras ou neologismos, uma vez que “determinadas as necessidades” e repertoriado o vocabulário existente, chegaria

a hora de ‘eventualmente melhorá-lo [...] e depois divulgá-lo sob a forma de dicionários terminológicos, de banco de dados, etc’” (Calvet, 2007, p. 62-67). Como terceiro momento, Calvet (2007, p. 86) destaca a padronização dessas línguas, a sua inclusão nos currículos escolares e linguísticos etc. Nesse sentido, o autor menciona a importância do papel do linguista, responsável por “indicar o que é tecnicamente possível fazer e o que será psicologicamente aceitável pelos falantes. Toda a arte da política e do planejamento linguísticos está nessa complementariedade necessária entre os cientistas e os decisores” (Calvet, 2007, p. 86).

Sobre as línguas indígenas, é consensual, hoje, que as mais de 30 línguas que compõem a família linguística do Tupi-Guarani — faladas em partes do Brasil, Paraguai, Argentina e outros países da América do Sul — nasceram de uma “língua-mãe”. Um fato que também se faz presente com as línguas derivadas da família Jê Meridional, que pertencem ao tronco Macro-Jê, falado, atualmente, por povos indígenas como Xavantes e Kayapó, das regiões centro-oeste e sudeste do Brasil. Essa língua “originária” é objeto de estudo da Linguística Histórica, que segue em busca de uma reconstrução das línguas originárias, ou protolínguas, como o Prototupi-Guarani e o Proto-Macro-Jê.

O trabalho de reconstrução de uma língua não é, evidentemente, algo novo. Desde o século XIX, os neogramáticos alemães procuravam estabelecer as origens das línguas a partir da comparação entre elas, sendo que, anterior a este momento, entendia-se que este era um trabalho de natureza filológica. Foram esses estudos desenvolvidos, na Antiguidade, com o rótulo de Romanística — a qual tem como objeto de cotejo as línguas e os dialetos de origem latina e suas literaturas — que acabaram por originar a Linguística Histórica, antes concebida como Filologia Românica.

O termo Romanística, propriamente, começa com os tratados do filólogo alemão Friedrich Christian Diez — *Gramática de las lenguas românicas* (1842) e *Diccionario etimológico de las lenguas românicas* (1854) —; embora os estudos romanísticos, ou filológicos das línguas românicas tenham iniciado já em fins do século XVIII, em 1786, com os estudos de Sir William Jones sobre um falar ancestral comum às línguas europeias e hindus; de Friedrich Schlegel, que iniciou estudos comparativistas na Alemanha e corroborou a tese de Jones acerca do parentesco do sânscrito com o latim, o grego, o germânico e o persa, sugerindo a existência de uma origem comum entre tais línguas; e de Franz Bopp, que, a partir da comparação morfológica verbal das línguas alemã, grega, latina, sânscrita e persa, estabeleceu o método histórico-comparativo.

O método histórico-comparativo, então, passou a ser um procedimento fundamental nos estudos de Linguística Histórica e deu à Filologia Românica um papel essencial nos estudos de linguagem, uma vez que possibilitava cotejar objetos de estudo ao longo do tempo. Trouxe, portanto, um refinamento metodológico dos estudos histórico-linguísticos que se desenvolviam a partir da metade do século XIX, com a nova geração de linguistas da Universidade de Leipzig, colocando a Filologia Românica num novo rumo, pois, se antes, o método histórico-comparativo tinha propósitos genéticos, a partir de então também passaria a ser utilizado para a reconstituição de elementos de uma dada língua neolatina. Quanto à Linguística Histórica, tornou-se possível encontrar, nos textos latinos remanescentes, muitas formas originárias de inúmeros vocábulos portugueses, através de provas documentais.

Aquilo que foi possível reconstruir do protoindo-europeu possibilitou a empreitada com outras famílias linguísticas, mas não eliminou os desafios provenientes da falta de documentação dessa “língua-mãe”. Reconstruir as protolínguas indígenas é trabalho que enfrenta ainda mais dificuldades, mesmo com a relevância dos estudos de Aryon Rodrigues, pioneiro dos estudos das línguas indígenas da América do Sul; e com a contribuição de instituições como o Museu Nacional e o Museu Paraense Emílio Goeldi. Isto porque ainda há a falta de materiais de referência e de pesquisadores especializados no ramo, segundo Nikulin (2023), linguista e professor da Universidade Federal de Goiás.

Ainda segundo o estudioso, os linguistas nem sempre têm dados e materiais de consulta suficientes sobre as línguas indígenas. Sobre o Proto Tupi-Guarani, especialmente, destaca-se que, embora existam fartos materiais em comparação a outras famílias linguísticas da América do Sul, o principal obstáculo é a escassa documentação das línguas sincrônicas, base para os estudos da Linguística Histórica. Daí a necessidade de trabalho com as línguas que estão vivas e, em sua maior parte, ameaçadas por serem minoritárias, mas perdendo falantes e são desconhecidas em função da valorização da escolarização em língua portuguesa.

Esse problema resvala, por sua vez, na própria análise feita por linguistas não indígenas da documentação remanescente de temática indígena que descreve gramáticas em Tupi, por exemplo, uma vez que a falta de domínio de uma linguística indigenista pode comprometer a própria interpretação do documento, haja vista que recuar no tempo torna ainda mais complexo o acesso às informações dos documentos que poderiam definir melhor noções terminológicas, pois “os documentos escritos que nos parecem, tantas

vezes transparentes e de fácil compreensão, nos ameaçam com armadilhas diversas embutidas em cada palavra.” (Lopes *et al.*, 2017, p. 96). Daí a necessidade de uma sólida formação do investigador que precise lidar com descrição de línguas indígenas baseando-se em documentação remanescente, já que, como destaca Maia (2012, p. 540):

Por outro lado, o filólogo que pretenda estabelecer uma edição deve possuir boa formação linguística e sólidos conhecimentos da língua e da sua história, a fim de saber tratar as variantes linguísticas oferecidas pelo texto. Se a língua é variável em qualquer momento da sua trajetória no tempo, o editor não pode, na sua transcrição, desprezar a variação manifestada no texto, devendo, também na questão do desdobramento de abreviaturas, ter presente a variação que a língua da época podia apresentar em qualquer nível linguístico. Para que esse texto possa vir a servir de fonte para o estudo e conhecimento da história da língua, a edição deve refletir fielmente a variação linguística presente no manuscrito, uma vez que atualmente no estudo histórico da língua não é possível deixar de considerar os seus efeitos.

No caso da interpretação isolada de documentos dessa natureza — que descrevem a gramática dessas línguas, e escrito por falantes de outra língua materna — não se pode esquecer, no entanto, que a normatização dessa língua ágrafa — que passa a ser uma “língua inventada” — não passa de um artefato do pensamento europeu, conforme defende Guereiro (2015). Há que se ter, portanto, imenso cuidado em não inferir num movimento de canonização dessa normatização e sistematização linguística documentada em séculos passados — as quais têm como ponto de partida a língua portuguesa, no caso do nosso objeto de estudo — de línguas nomeadamente sem escrita que partem de uma interpretação primeira: a do escrevente, autor do documento.

Sobre a documentação setecentista, vale destacar, também, a influência da instabilidade das próprias línguas europeias e seus sistemas ortográficos. Daí a importância sobremaneira de se considerar a história de produção do documento.

2.3.2. Critérios de transcrição adotados

Segundo Lose (2017), “atribuir somente o nome de semidiplomática a uma edição não esclarece muita coisa sobre os critérios nela utilizados”. Assim, a seguir, apresentamos os critérios por nós estabelecidos – baseados nos critérios do Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação Paleográfica (CEPEDOP); e que foram pensados de modo a também contemplar a leitura por profissionais de outras áreas, já que as edições são feitas justamente para darem acesso e colocarem em circulação os textos editados, diminuindo as barreiras impostas pelo acesso, pela decifração da escrita, pela

interpretação e desenvolvimento de abreviaturas e pelo estabelecimento das fronteiras entre palavras. São eles:

- a) respeitar a disposição gráfica do texto na página (*mise-en-page*);
- b) manter a interlineação e a paragrafação do documento original;
- c) numerar todas as linhas da mancha escrita, contando, inclusive às que possuam apenas sinais particulares do *scriptor*;
- d) manter a grafia original do texto na íntegra, mesmo nos casos em que fica claro o lapso do *scriptor*;
- e) desenvolver as abreviaturas indicando a inclusão das letras omitidas no original entre parênteses;
- f) indicar as alterações (rasuras, substituições, supressões etc.) realizadas ao longo da escrita (pelo próprio *scriptor*), utilizando-se para isso os seguintes operadores:
 - [†] para escrito não identificado por incapacidade de decodificação;
 - [...] para leitura impossível por dano do suporte (rasgo, mancha, desbotamento extremo, oxidação extrema);
 - [←] para acréscimo de texto na margem esquerda;
 - [→] para acréscimo de texto na margem direita;
 - [↑] para acréscimo de texto na entrelinha superior;
 - [↓] para acréscimo de texto na entrelinha inferior;
 - ~~tachado~~ <acrécimo>; para substituição de uma palavra ou um trecho por sobreposição de escrita.
- g) o pontilhado não seguiu a quantidade exata de pontos, pois o objetivo era preservar a estrutura visual da página;
- h) acréscimos feitos em época posterior (identificado por lápis ou caneta) foram notificados;
- i) o sistema de de acentuação da segunda mão que escreve o códice 69 (pois são duas) foi marcado com “^” para nasalidade (em casos em que é explícito o sinal)

– os demais casos em que não havia clareza foram marcados com “i”, com exceção para a presença explícita de “~”, preservando a forma;

j) tremas foram mantidos, independentemente do contexto;

k) letras ou vocábulos entre colchetes (sem indicação de posição) tratam de conjecturas;

2.3.3 Metodologia para configuração dos gráficos grafoscópicos dos scriptores

Os gráficos foram elaborados com base nos seguintes procedimentos técnicos e metodológicos:

a) Coleta e organização dos dados:

- *Objetivo:* coletar e organizar as medidas grafoscópicas (inclinação axial, tamanho das letras, pressão) dos grafemas selecionados nos textos analisados.

Metodologia:

- *Seleção dos Grafemas:* Grafemas representativos foram escolhidos para a análise, como <A>, <M>, <Y>, <P>, <D>, <H>, <L>.

Critério de escolha: grafemas frequentes e com características visuais significativas.

- *Extração das Medidas:*

Inclinação Axial: Medida do ângulo de inclinação em graus em relação à linha horizontal.

Ferramenta: Software de medição gráfica (ImageJ, AutoCAD, ou medições manuais em imagens digitalizadas).

- *Tamanho Médio:* Altura e largura dos grafemas em milímetros.

Critério: Média obtida a partir de múltiplas medições por letra.

Pressão do Traçado: Avaliada em uma escala de 1 a 5. Analisada com base na espessura do traçado e intensidade da tinta (pressão leve e pressão forte).

- *Estruturação dos Dados:* Os dados coletados foram organizados em uma tabela estruturada no formato de DataFrame (usando a biblioteca Pandas no Python):

b) Análise comparativa e visualização

- *Objetivo:* Criar gráficos visuais que permitam comparar e interpretar as características grafoscópicas.

Metodologia:

- *Gráfico de linhas comparativo:*

Objetivo: Mostrar a variação da inclinação axial (em graus) para cada grafema analisado entre os três textos.

Ferramentas utilizadas: Biblioteca Matplotlib.

Procedimentos:

Eixo X: Grafemas analisados.

Eixo Y: Inclinação axial (em graus).

Linhas: Cada linha representa um texto. Cores e marcadores distintos foram usados para diferenciar os textos.

- *Box Plot Comparativo:*

Objetivo: Mostrar a dispersão e a variação dos valores de inclinação axial para cada grafema.

Ferramenta: Biblioteca Seaborn.

Procedimentos:

Dados Longos: Os dados foram convertidos em formato "longo" para criar um gráfico categorizado.

Eixo X: Grafemas.

Eixo Y: Inclinação axial (graus).

Caixas: Cada box plot mostra a média, mediana e a dispersão dos valores para cada fonte.

Hue: A variável "Fonte" foi usada para diferenciar as caixas por autor.

Figura 3: Construção de Box Plot

```
python Copiar código

sns.boxplot(data=df_long, x="Grafema", y="Inclinação", hue="Fonte", palette="viridis")
```

Fonte: Própria autora

- *Swarm Plot (Complemento do Box Plot)*

Objetivo: Sobrepor pontos individuais no Box Plot, mostrando cada valor real coletado.

Ferramenta: Biblioteca Seaborn.

Procedimentos: Pontos individuais foram adicionados ao Box Plot usando a função swarmplot. Cada ponto representa um valor real (medido) de inclinação axial.

Figura 4: Construção de Swarm Plot

```
python Copiar código

sns.swarmplot(data=df_long, x="Grafema", y="Inclinação", hue="Fonte", dodge=True)
```

Fonte: Própria autora.

c) Interpretação dos resultados

Comparação dos gráficos:

O Gráfico de Linhas facilita a visualização de tendências e diferenças na inclinação axial para cada grafema.

O Box Plot destaca a dispersão dos valores, permitindo identificar: Variações dentro de um mesmo texto (ex.: irregularidade na inclinação) e diferenças entre os textos (ex.: inclinação média mais alta ou mais baixa).

O Swarm Plot complementa com os valores individuais, garantindo que a interpretação não seja mascarada por médias.

d) Ferramentas utilizadas:

- *Phyton*: Linguagem de programação.

- *Bibliotecas*:

Pandas: Organização e manipulação de dados.

Matplotlib: Geração dos gráficos linhas.

Seaborn: Criação de Box Plots e Swarm Plots com visualização aprimorada.

2.4 O CAMPO PALEOGRÁFICO

A Nova Historiografia possibilitou a percepção de que toda fonte é válida “desde que posta sob criteriosa crítica e análise. Portanto, dispor de fontes primárias e ter acesso a elas é um diferencial em muitas pesquisas” (Lose, 2018, p. 24). Nesse sentido, conforme Lose (2018), são consideradas fontes primárias documentos originais, contemporâneos ao evento ou período ao qual se referem, enquanto as fontes secundárias seriam documentos indiretos elaborados a partir da análise das fontes e dados primários.

O estudo das fontes primárias, em diversas áreas do conhecimento, tem adquirido inflexões novas conferidas por diferentes direções epistemológicas no campo das Ciências Humanas as quais acenam para uma dimensão desconstrutora dos objetos de investigação e pesquisa.

[...]

No caso do estudo das fontes primárias, o olhar crítico de hoje, ao se lançar sobre elas, traz também as marcas do sentido da desconstrução. Além disso, a volta às fontes primárias acaba por levantar a questão do sentido dessa volta num instante em que se fala tanto do apagamento da origem como conceito operatório para a leitura dos textos da contemporaneidade. (Campos; Cury, 1997, p. 1)

Dessa forma, neste trabalho, os interesses filológicos e linguísticos se unem a partir da mediação da Paleografia. Além da execução mecânica, a Paleografia contribui para analisar aspectos que indicam o criador do conteúdo ou sua origem intelectual. Isso inclui o estudo de margens, anotações e características estilísticas que podem revelar o contexto cultural ou institucional do autor. É por meio da análise paleográfica que se pode identificar as múltiplas “mãos” (*scriptores* ou copistas) em um único documento,

distinguindo as contribuições individuais. A descrição detalhada das “mãos” auxilia, inclusive, na reconstrução da história do documento, como alterações, revisões ou inserções feitas por diferentes *scriptores*, permitindo compreender o processo de criação e transmissão textual.

“Em resumo, a Paleografia abrange a história da escrita, a evolução das letras, bem como os instrumentos para escrever. Pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica. É arte na aplicação prática. Porém, acima de tudo, é uma técnica” (Berwanger; Leal, 2008, p. 16). Assim, complementa a análise material ao examinar a interação entre o suporte (pergaminho, papel, papiro) e a escrita, pois estuda como os instrumentos (penas, tintas) influenciaram a execução da escrita, fornecendo informações sobre a época, o local e os métodos de produção. Ademais, a análise do *layout*, das margens, da orientação do texto e das técnicas de preparação do suporte pode revelar padrões econômicos, tecnológicos e sociais relacionados à produção do documento.

Percebemos, portanto, que não se trata apenas de uma análise externa – na medida em que descreve materialmente as condições de um documento – afinal, “os aspectos scriptográficos possuem significados que podem ser usados, indiciariamente, para compreendermos aspectos de produção, circulação e recepção dos textos” (Souza, 2018, p. 74). Não se limitando à decifração de textos, ela oferece ferramentas para estabelecer autenticidade, detectar falsificações e reconstruir o contexto histórico e cultural em que um documento foi criado, fortalecendo o entendimento do legado documental da humanidade.

Num paralelo com as questões levantadas por Petrucci (2003), a Paleografia será, neste trabalho, o método capaz de responder ao *Quando?*, *Onde?* e *Como?*, destacando justamente o fato de, por ter sido relegada, alguns estudiosos que se ocuparam do códice 69 foram conduzidos a alguns equívocos.

Mais aspectos sobre o método paleográfico foram abordados na própria análise do códice, distribuída nos capítulos que seguem. Porém, assumimos, aqui, nos termos defendidos por Souza (2018), ser impossível haver uma separação clara, na análise paleográfica, entre o que *extrínseco* e o que é *intrínseco*:

Não conseguimos mais produzir no âmbito da história da leitura e da escrita, das transmissões textuais sem considerar a dimensão subjetiva, histórica, cultural, material dos sujeitos que elaboraram textos e os legaram para a contemporaneidade. Mais que decifração dos sistemas de escrita, a Paleografia hoje é leitura de mundo. (Souza *et al.*, 2018, p. 78)

2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo abordou a importância da interseção de áreas teórico-metodológicas no estudo do código 69. Aqui, compreende-se que o trabalho foi estruturado em quatro campos, a saber:

- i) **Linguística Histórica:** Discute a reconstrução da história social do português brasileiro, destacando a relevância do multilinguismo na formação linguística nacional e propondo métodos de análise com base em corpora escritos e evidências históricas;
- ii) **História Social da Cultura Escrita:** Explora o impacto da escrita e da escolarização na configuração linguística do Brasil, enfatizando uma abordagem pela “História vista de baixo” e o uso do paradigma indiciário para investigar línguas ágrafas;
- iii) **Filologia:** Analisa a contribuição da filologia na recuperação histórica e linguística das línguas indígenas e do português brasileiro, destacando a necessidade de rigor metodológico na edição de documentos históricos; e
- iv) **Paleografia:** Ressalta a importância da análise paleográfica na identificação de autores e descrições materiais, além de sua aplicação no estudo de manuscritos históricos.

A partir de uma abordagem interdisciplinar, defendemos, aqui, a recuperação e documentação de línguas indígenas de modo a refletirmos a sua contribuição para a formação do português brasileiro, integrando perspectivas históricas, sociais e linguísticas. Além disso, a partir da inclusão de agentes marginalizados, como povos indígenas e afrodescendentes, no debate sobre a formação da identidade linguística nacional, defendemos a valorização da diversidade cultural e linguística do Brasil, com destaque para a peculiaridade da sua história social.

3

O CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO: ENTRE A CRISE DA COMPANHIA DE JESUS E A REFORMA POMBALINA

Mas, enfim, se o que se pretende nos índios é civilizá-los, e fazê-los gente, este fim só, ou mais depressa, e com mais facilidade se consegue com a língua portuguesa, do que com a linguagem dos índios

Daniel, 1976, T. 2, 227

Defendidas as razões para que se considere o contexto de produção onde uma documentação se insere e as suas condições de escrita, o documento objeto deste estudo revela a sua importância, como já referido anteriormente, pelo marco temporal que o abrange, uma vez que apresenta a marca temporal do ano 1750 – nove anos antes da expulsão dos jesuítas do Reino de Portugal e seus domínios. Antes, portanto, de abordarmos o documento em si, sua localização e autoria, além de suas características físicas – o que será apresentado nos capítulos seguintes – importa analisar as relações sociopolíticas que vigoram no lastro temporal enquadrado pelo manuscrito – de forma a viabilizar a posterior análise sociolinguística da Amazônia setecentista, quando da produção da *Gramatica da lingua geral do Brasil, com hum dictionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua* – o códice 69.

De acordo com Petrucci (1999), estudar as relações entre cultura escrita e sociedade é tarefa que deve considerar a difusão social da escrita; a sua função no âmbito

de cada sociedade e a que cada tipo e/ou produto gráfico assume no ambiente que o produz e o emprega. Assim, para o paleógrafo, enquanto os estudos do alfabetismo estão no âmbito da relação entre cultura escrita e sociedade, a função que a escrita assume está ligada à questão do *porquê* se escreve, sendo a sua difusão relacionada a *quem* escreve, considerando que as sociedades que possuem escrita são formadas por analfabetos e alfabetizados. Consequentemente, ambos os aspectos também se relacionam a *quando* se escreve e *como* se escreve, conforme defende Souza (2018, p.76).

Considerar o contexto histórico-político para o estudo do códice 69 – *o quando* – é também considerar que a expansão colonial portuguesa do século XVIII se ampara na dimensão religiosa, sendo impossível dissociá-la, já que a conversão dos povos nativos era um dos elementos fundamentais para o seu expansionismo. Porém, dada a vastidão do território da América Portuguesa, hoje conhecido como Brasil, a estruturação das missões se deu de modo a atender especificidades de cada parte do Império. De forma geral, no Brasil, essas missões foram organizadas por povoados onde os indígenas eram reunidos e preparados, através da catequese e da disciplina diária, para ingressarem na vida cristã – o que ficou conhecido como “aldeamento”.

A catequese, nesses moldes, foi implantada após 1549 – ano de desembarque dos primeiros religiosos da *Companhia de Jesus*, recém-criada – e funcionou até 1758 nos domínios portugueses, quando foi abolida a administração dos missionários sobre as aldeias. Assim, nos dois séculos que se seguiram, missionários de diferentes ordens religiosas (Clero Regular) e do Clero Secular tentaram converter e tornar cristãos a vasta quantidade de nativos do território que viria a ser o Brasil.

Essa prática de “aldear”, isto é, de reunir em aldeias determinados povos ou grupos indígenas, no entanto, foi um elemento fundamental na catequese e povoações resultantes do “aldeamento”, as quais, conforme Santos (2012, p. 43), “não eram nem propriamente indígenas, nem inteiramente coloniais”. É a supressão dessas aldeias, por meio do alvará de 1758, que marcará, em tese, o fim do sistema dos jesuítas, modelo de catequese predominante até aquele momento. No entanto, a revogação dos aldeamentos já havia acontecido pelas leis de 6 e 7 de junho de 1755.

O alvará, por sua vez, segue uma série de conflitos, que se estenderam por anos, quanto à força de trabalho indígena e às políticas linguísticas. O códice 69, objeto de nosso estudo, demarca os momentos finais da atuação jesuíta num ambiente

linguisticamente complexo – a Amazônia setecentista – e se localiza temporalmente no limiar entre a iminência da expulsão da Companhia de Jesus e as reformas pombalinas.

Neste capítulo, em **3.1**, contextualizamos o códice 69, um manuscrito do século XVIII, dentro das tensões entre a Companhia de Jesus e as reformas pombalinas, analisando o impacto da catequese jesuíta e do sistema de aldeamentos no controle social, político e linguístico na Amazônia colonial. Em **3.2**, exploramos o papel das missões religiosas antes das reformas de Pombal, com destaque para as disputas entre as diferentes ordens religiosas pelo controle das aldeias indígenas no norte do Brasil; a atuação jesuíta, especialmente sob lideranças como as de Antônio Vieira e João Felipe Bettendorff; e examinamos as estratégias de catequese e os métodos de alfabetização em línguas indígenas. Por fim, em **3.3**, analisamos a política de línguas no contexto das reformas pombalinas que promoveram o português como instrumento de civilização em detrimento das línguas indígenas, vistas como “bárbaras”.

3.1 O SÉCULO XVIII E A ESCOLARIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Conforme defende Maciel (2008), a história da escolarização é também a história da educação primária, a história da leitura e da escrita, a história do livro, a história da participação social pela via da cultura escrita e a história dos analfabetos, semialfabetizados e alfabetizados. Por tudo isso, fala-se numa reconstrução da história da escolarização, pois, segundo Abreu (2011, p. 43), “a ideia de uma história da escolarização em Língua Portuguesa no Brasil inaugura uma nova forma de considerarmos a história das línguas inserida nos estudos linguísticos”.

Todavia, para a reconstrução de uma história da escolarização em Língua Portuguesa em território brasileiro, é essencial a recuperação de políticas que existiram ao longo da história do país, isto é, aquela que precedeu a institucionalização do ensino – a saber, a dos jesuítas que aqui chegaram com o primeiro governador-geral –; e a pombalina de meados do século XVIII, que incentivou a formalização como objeto para a civilização.

Sendo o códice 69 um limiar entre o fim da primeira e início da segunda política, os questionamentos de Gomes (1995, p. 36-37) acabam por dar uma ideia do completo

contexto que o Estado português vivenciava no século XVIII e que culminou na expulsão dos jesuítas do seu território:

Quanto à secularização das estruturas do Estado, pergunto-me: não seria esse um dos motivos que levaram à expulsão dos jesuítas? E interrogo-me novamente: a expulsão dos jesuítas foi uma causa ou um efeito? Quero dizer: o Marquês de Pombal — e o mesmo aconteceu com quase todos os governantes, por essa Europa fora... — criou um sistema estatal de ensino porque, expulsos os jesuítas, o país se viu perante um vazio nesse domínio, ou expulsou os jesuítas porque sentiu ou pressentiu (embora esse sentimento ou pressentimento não fosse bem explicitado, mesmo no seu próprio espírito) que era atribuição do Estado criar um sistema público de ensino?

Assim, aqui, entendemos que a educação colonial na Amazônia se dava nos termos defendidos por Avellar (1983, p. 161):

A educação no Brasil colonial pode ser dividida em duas fases: antes e depois de 1760. A primeira foi eminentemente jesuítica, embora seja discutível o aparente caráter exclusivamente privado da escola, face à união entre Estado e a Igreja e aos favores oficiais concedidos aos inacianos. Mas, a partir da expulsão da Companhia, pela primeira vez, reconhecia-se de maneira inequívoca a educação como dever do Estado.

A transição entre as duas políticas, portanto, foi permeada de conflitos, como atesta o padre José Caeiro, em sua obra *Sobre o Exílio das Províncias Transmarinas da Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus Durante o Ministério do Marques de Pombal*, escrita ainda no século XVIII:

Durante 15 anos andou o Procurador das Camaras do Pará e do Maranhão, Paulo Nunes, recolhendo queixas, coligindo documentos e redigindo acusações e falsidades, que em 1755 serviram de armas para Carvalho arruinar a Companhia primeiro no Maranhão e depois em todo o mundo.

Já assim pensava havia mais de um século o célebre naturalista Martins, quando escreveu: “A história da supressão da Ordem dos jesuitas explica-se quanto a Portugal pela posição por eles tomada nos negocios do Pará”.

O mal destes jesuitas, escreveu o P. Burnichon, esteve em eles se anteciparem dois séculos á campanha anti-escravista do último século.

Teve assim começo nas terras do Maranhão a guerra contra a Companhia, que pelo Breve de Clemente XIV veio a sucumbir victima de calunias, origináriamente provocadas, por ela defender os seus irmãozinhos indios contra a crueldade dos brancos (Caeiro, 1936, p. 313)

Isso sugere que o projeto civilizatório na colônia, encabeçado historicamente pela política pombalina, já se delineava muito antes da nomeação do próprio marquês de Pombal, já que:

Se é verdade que havia uma íntima relação entre a Companhia de Jesus e a Coroa no que tange às atividades colonizadoras e que aquela tinha suas ações

avalizadas pelo Estado português — o que pode caracterizá-las como estatais — também é verdade que o que se passou na Amazônia, em meados do século XVIII, foi uma ruptura radical e inconciliável entre o Estado (representado pelo irmão do marquês de Pombal) e os jesuítas. (Damasceno; Santos; Palheta, 2018, p. 262)

Apesar disso, é incontestável a importância da Companhia de Jesus no desenvolvimento das colônias, sobretudo na educação, conforme observam Wehling e Wehling (1999, p. 297):

A educação foi, em grande parte, obra dos jesuítas. Os colégios da companhia de Jesus — 21 ao todo no século XVIII, mais sete seminários para a formação de sacerdotes — ensinavam gramática, aritmética e os demais estudos básicos. Os “reais Colégios” de Salvador e São Luís eram “Colégios de Artes”, onde se estudavam filosofia e teologia em nível equivalente ao dos cursos superiores.

Assim, é necessário considerarmos que, tal qual defendeu Abreu (2011), no tocante à história da educação brasileira, o termo “escolarização” alia-se às ideias de *tecnização* e *civilização*, segundo a perspectiva elisiana; mas também às concepções de *alfabetização* e *letramento*. Nesse sentido, Franchetto (2008, p. 31) destaca que:

Entre as experiências mais marcantes da história do encontro entre populações indígenas e colonizadores estão a descoberta, a entrada, a aquisição e o impacto da escrita, com seus inevitáveis corolários: alfabetização, letramento e escolarização. Instrumentos delicados e ao mesmo tempo poderosos nas mãos dos agentes “civilizadores”, essas experiências operam mudanças significativas nas sociedades indígenas. Pouco se tem refletido sobre este tema no âmbito da história dos povos indígenas no Brasil e pouco se tem ouvido o que os índios dizem e contam sobre ele.

Sobre a escolarização, Veiga (2002), ao se apropriar do conceito de *dispositivo de sexualidade*, elaborado por Foucault, indica a necessidade de reflexão sobre os conceitos de educação e escolarização. Nesse sentido, para a autora, a escola produziu o analfabeto como indivíduo ignorante. Já sobre os termos *alfabetização* e *letramento*, Soares (2012, p. 15-18) destaca que o debate se desenvolve em torno de dois pontos de vista: entre o aspecto “mecânico” da língua escrita e a compreensão/expressão de significados.

O termo *letramento*, especificamente, vem sendo utilizado desde a década de 1980 com o objetivo de indicar uma prática que está além da decodificação de textos, marcando uma diferenciação entre a aquisição do código linguístico e as habilidades de leitura e escrita — a *alfabetização* — e a prática que envolve a habilidade de fazer uso da leitura e da escrita — que é o *letramento* propriamente dito. Como fora mencionado, tais práticas

são indissociáveis, mas também simultâneas, e envolvem conhecimentos e habilidades específicas, com formas e procedimentos de aprendizagem e ensino diferenciadas.

Para Soares (2001), letramento vai além da alfabetização, sendo um estado ou condição da pessoa que interage com diferentes suportes de leitura e escrita, diferentes gêneros e tipos de leitura e escrita, e com as diferentes funções que as duas atividades exercem em nosso cotidiano. O termo, inclusive, teve uma das primeiras ocorrências no livro de Mary Kato, *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, publicado em 1981, no qual a autora defende que a língua falada culta é consequência do letramento. Tem relevância, também, *A Gramática do Letrado*, de Petrucci, na qual ele explora o papel da escrita na formação cultural e social das sociedades europeias ao longo da história.

Em 1988, porém, Leda Tfouni procura diferenciar os dois termos — alfabetização e letramento — em seu livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*.

Essa diferenciação entre *letrar* e *alfabetizar* é também destacada por Soares (2001).

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (Soares, 2001, p. 47)

Kleiman (1995), baseada em Scribner e Cole (1981), defende que o letramento pode ser definido como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos e com objetivos específicos:

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática — de fato, dominante — que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (Kleiman, 1995, p. 19)

Assim, a alfabetização com foco no letramento objetiva trabalhar as habilidades de forma a considerar o conhecimento de mundo do indivíduo, construindo oportunidades reais de participação através da fala, da escrita e da argumentação eficiente. É o que

defende também Paulo Freire, que teve um papel importantíssimo no estabelecimento do termo no Brasil.

Aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que homens e mulheres percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. (Freire, 1982, p. 49)

É também nesse contexto que são delineados os dois modelos de letramento: o “autônomo”, que pressupõe uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento, na maioria das vezes associada a resultados e efeitos civilizatórios, com caráter individual (cognitivos) ou social (tecnológicos, de progresso e de mobilidade social); e o “ideológico”, que defende que as práticas de letramento são social e culturalmente determinadas e, por isso, assumem significados e funcionamentos específicos dos contextos, instituições e esferas sociais em que se desenvolvem.

Diante dessa distinção, uma pessoa não escolarizada pode ser considerada letrada, uma vez que pode conviver com diversas modalidades de textos e vivenciar eventos e práticas de letramento, mesmo sem dominar a leitura e a escrita. Implica dizer, portanto, que letramento é um fenômeno que ultrapassa a escrita. Mas seria essa a concepção de indivíduo letrado do século XVIII, ainda que tais termos não tivessem sequer sido formulados?

O método de civilização, ideal da política pombalina, se observarmos, não era tão contraditório à religião assim, e isto porque o Diretório pombalino não propôs nenhuma medida inovadora no trato com as línguas indígenas, mas, sim, “uma rede complexa de tecnologias de controle, tais quais métodos de ensino, gramáticas, escolas, formação de professores, materiais didáticos, os quais, na concepção de Foucault (2009), recebem o nome de poder disciplinar”, havendo, também, estímulo à língua geral, como veremos nos capítulos seguintes.

A catequese, por si só, era vista como ineficaz e insuficiente no contexto da colonização. Sem a civilização, que estava pautada no aprendizado civil, na dedicação ao trabalho e na produção econômica, os indígenas não iriam abandonar os seus hábitos considerados gentílicos. A ideia de “civilizá-los” consistia, portanto, em equipará-los aos demais vassalos do rei; e, para que esse método fosse eficaz, seria preciso aplicar ao maior

número de indígenas possível, inclusive aos que se “embrenhavam” pelo território brasileiro.

Assim, iniciou-se um processo de povoamento pelo interior. Por outro lado, a concepção de língua portuguesa como “língua de civilização”, colocando as demais línguas na condição de línguas bárbaras, não diferia da própria concepção das ordens, como se observa no famoso *Sermão do Espírito Santo*, do padre Vieira (1959, vol. 2, p. 415-416):

Pois se a Santo Agostinho, sendo Santo Agostinho, se à águia dos entendimentos humanos se lhe fez tão dificultoso aprender a língua grega, que tão vulgarizada entre os latinos e tão facilitada com mestres, com livros, com artes, com vocabulários e com todos os outros instrumentos de aprender, que serão as línguas bárbaras e barbaríssimas de umas gentes onde nunca houve quem soubesse ler nem escrever? Que será aprender o Nheengaíba, o Juruna, o Tapajó, o Tremembé, o Mamaianá, que só os nomes parecem que fazem horror?

As letras dos Chinas e dos japões muita dificuldade têm porque são letras hieroglíficas, como a dos Egípcios; mas enfim, é aprender línguas de gente política e estudar por letra e por papel. Mas haver de arrostar com uma língua bruta e de brutos, sem livro, sem mestre, sem guia e no meio daquela escuridade e dissonância haver de cavar os primeiros alicerces e descobrir os primeiros rudimentos dela, distinguir o nome, o verbo, o advérbio, a proposição, o número, o caso, o tempo, o modo e modos nunca vistos nem imaginados, como o de homens enfim tão diferentes dos outros nas línguas, como nos costumes, não há dúvida que é empresa muito árdua à qualquer entendimento e muito mais árdua à vontade que não estiver muito sacrificada e muito unida com Deus.

Só no século XIX é que conseguimos notar a desassociação das línguas indígenas ao paganismo, na busca dos autores românticos por uma identidade linguística essencialmente brasileira, sobretudo após a Independência do Brasil em relação a Portugal:

Em geral nós, os brasileiros da costa, pensamos que a língua tupi só é falada por pagãos. Há engano nisso; temos milhares de compatriotas cristãos que a falam, e que não falam o português, os quais concorrem já com muitos milhões para a riqueza pública, pagam todos os impostos, inclusive o imposto de sangue (Couto de Magalhães, 1876, p. 137).

Dessa forma, de acordo com Veiga (2002), só foi possível discutir sobre a oferta de escolarização para toda a população a partir do momento que as classes altas e médias já se percebiam civilizadas e conscientes de que a civilização ainda não havia se completado, uma vez que os não-escolarizados funcionavam como um entrave para a efetivação de um programa civilizatório. A formalização do ensino, de fato, só foi

possível no século XIX; mas será que o processo de escolarização foi realmente colocado como uma oferta a todos a partir daí? Não seria essa noção de “escolarização para todos” algo muito mais recente?

O fato é que ainda são raros os estudos que relacionam escolarização e letramento — o que não acontece em relação à alfabetização — e as discussões sobre os problemas de letramento da população brasileira e suas relações com o processo de escolarização pouco avançaram, pois, se há fluidez e imprecisão nas definições acerca de letramento, o mesmo acontece sobre a concepção de escolarização.

No âmbito do início do processo de instituição das escolas no Brasil, Veiga (2002, p. 100) afirma que “a escola se estrutura como prática social com base no dispositivo de escolarização; é produtora e reprodutora de formas sociais, da socialização, expressa na difusão da cultura escrita, do saber científico, e na produção dos talentos e da individualização”. Este aspecto defendido pela autora inclui-se naquilo que Barton e Hamilton. (2000, p. 7) entendem por letramento dominante e letramento local ou vernacular:

Os letramentos dominantes estão associados a organizações formais tais como a escola, as igrejas, o local de trabalho, o sistema legal, o comércio, as burocracias. [...] Já os letramentos locais ou vernaculares não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais. Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência.

Para Soares, a escola, de certa forma, autonomizou as atividades de leitura e escrita, criando eventos e práticas próprias e peculiares. Essa pedagogização do letramento, conforme defende Street (1995), confere à leitura e à escrita uma integração a eventos e práticas específicas que são associadas à aprendizagem, com natureza bastante distinta dos eventos e práticas não-escolares.

A pedagogização da leitura e da escrita, isto é, dos eventos e das práticas de letramento, é inerente à escolarização de conhecimentos e práticas e é resultado da didática de ensino de práticas e saberes. Assim, a escola, enquanto instituição, transformou os saberes, as práticas e as culturas como “ensináveis”.

No caso da leitura e da escrita, trata-se de práticas sociais de letramento transformadas em práticas de letramento a ensinar (no sentido atribuído a “práticas” na expressão práticas de letramento, acima conceituada); estas, por sua vez, transformam-se em práticas de letramento ensinadas que, finalmente, resultam em práticas de letramento adquiridas. (Soares, 2002, p. 89-113)

Nessa perspectiva, portanto, e no âmbito do ensino da língua portuguesa na Amazônia do século XVIII, não se concebe um indivíduo “letrado” sem considerar a formalização do ensino, isto é, o surgimento das instituições escolares. Esse letramento autônomo, escolar e dominante a que Veiga (2002) se refere, mesmo sem fazer uma única menção aos termos, que resulta da pedagogização do letramento social, acaba por dominar o próprio letramento social, como defende Street (1995b) e outros tantos estudiosos, contaminando os eventos e as práticas no contexto extraescolar, impondo padrões escolares de letramento e marginalizando outras variedades de letramento. Soares (2002) chama a atenção para algo semelhante que acontece com o vínculo entre alfabetização e escolarização, em que a alfabetização escolar se torna padrão e parâmetro para as modalidades de alfabetização não-escolar.

O período jesuítico, assim, pautava-se no letramento religioso. Para Rosowsky (2008), uma das características desse tipo de letramento é a presença maior de textos religiosos, em comparação à escrita. Esse elemento é invisibilizado sobre a escolarização do Brasil, na concepção de Veiga (2002). Para Street (1995), no entanto, os usos da leitura e da escrita são socialmente determinados, têm valor e significado específico para cada comunidade, portanto, não podem ser tratados isoladamente como “neutros”.

Um outro ponto não esclarecido por Veiga (2002) é o contexto de multilinguismo na sócio-história linguística do Brasil. Tal aspecto é sobremaneira valorizado na perspectiva de pesquisa dos Novos Estudos de Letramento (NEL):

Ao combinar os termos “multilíngue” e “letramentos”, temos a intenção de sinalizar que as configurações de língua e letramentos, consideradas aqui, não são vistas sob uma ótica determinista. Queremos também ressaltar que as práticas específicas que envolvem o uso de diferentes línguas faladas e escritas são sempre submetidas a um processo de reafirmação e redefinição dentro dos repertórios individuais relacionados à vida individual e a um nível cultural mais amplo (Martin-Jones; Jones, 2000, p. 8)

É nesse sentido que Street (2000) destaca a importância de se falar em *práticas de letramento*, pois considera que o letramento, enquanto prática social, engloba as várias culturas, linguagens e modos de fazer uso da escrita. Posteriormente, Street (2006) argumenta ser mais adequado se falar em *letramentos*, no plural, justificando que o termo seria útil para expressar as diferentes formas como diferentes grupos sociais se apropriam e usam a escrita, de acordo com seus interesses e objetivos.

Com relação ao contexto de implantação do modelo de civilização e aos entraves que esse projeto encontrou, emergiu a figura do professor. Como tônica da política pombalina, a alfabetização dos indígenas do século XVIII estava, a partir de então, a cargo de pessoas que nenhuma experiência possuía na área. Com a educação agora gerida pelo Estado, notamos a primeira e desastrosa reforma do ensino no país que ainda vivia a sua segunda fase colonial. Essa nova figura — a do professor — não consegue suprir totalmente a lacuna deixada pela expulsão dos jesuítas.

Carneiro (2005), sobre a escolarização no Brasil, diferente da ideia de não-escolarização antes do século XIX, proposta por Veiga (2002), afirma que o período em que ela esteve confiada ao clero pode ser dividido em dois momentos, a saber: a) fundação de colégios para meninos, aulas primárias e avulsas, seminários, cursos superiores de teologia, Artes, Matemáticas e o envio de alunos da elite para a Universidade de Coimbra; e b) aldeamento e aculturação dos indígenas sobreviventes que não tinham como voltar ao interior do país.

Notamos, portanto, que a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a vinda da Corte para o Brasil, em 1808, aliadas às novas medidas de Pombal, causaram uma grande desorganização. Essa instabilidade, como consequência de tantas mudanças, provocou, como era de se esperar, uma grande decadência do ensino colonial, uma vez que Pombal não conseguiu substituir a homogeneidade que o sistema jesuítico oferecia. O que retoma, mais uma vez, a importância do código 69, de produção limítrofe entre esses dois momentos.

3.2 A AMAZÔNIA PRÉ-POMBALINA: O ÚLTIMO REDUTO DA CATEQUIZAÇÃO

Considerando a grandeza do território, haja vista que o norte do Estado do Brasil ocupava dimensões bem diferentes da atual região amazônica brasileira, o processo de colonização/catequização foi lento e complexo, pois a região encontrava-se dividida política e administrativamente em suas grandes capitanias: a capitania do Maranhão, cuja capital era São Luís, que foi tomada dos franceses em 1615; e a capitania do Grão-Pará, com capital em Belém, fundada pelos portugueses em 1616.

A ocupação do norte do Estado Brasil fazia parte de uma política militar que objetivava evitar a invasão de nações estrangeiras; mas também era parte de um plano

político e econômico que fazia parte, de acordo com Cardoso (2011), de um projeto hispano-luso de proteção e integração comercial na fronteira entre América Portuguesa e as “índias castelhanas”. Assim, não era raro o deslumbre de muitos grupos que viam, na ocupação da região norte, a possibilidade de construção de uma nova elite econômica e política independente do Estado do Brasil.

Tendo ciência do vasto quadro historiográfico sobre a bibliografia das ordens, destacamos o trabalho extremamente bem estruturado de Jesuíta (2020), o qual utilizamos para ilustrar o momento “pré-Pombal” da região norte da colônia. O autor assinala que as missões religiosas, no Maranhão e Grão-Pará, não tiveram início com os jesuítas, já que outras ordens religiosas também tiveram demasiada importância nesse contexto missionário. Assim, destacam-se os mercedários, carmelitas e os franciscanos da ordem de Santo Antônio de Lisboa.

O momento de efetiva implantação dessas ordens, na Amazônia setecentista, é mais bem ilustrado no quadro abaixo de Arenz (2008), adaptado por Jesuíta (2020):

Quadro 2: Ordens religiosas que atuaram na Região Norte entre os séculos XVII-XVIII

Ordens religiosas e suas províncias	Implantação efetiva na Amazônia
Franciscanos da província de Santo Antônio de Lisboa ou capuchos (Portugal)	1617 (fundação de um convento em Belém) 1624 (chegada da Superior e primeira expedição)
Jesuítas (vindos do Estado do Brasil); em 1726 vice província; internacionalização do pessoal.	1622 (chegada em São Luís — sob a direção de Luís Figueira) 1653 (chegada de Antônio Vieira como superior visitador)
Carmelitas (sobretudo de origem portuguesa)	1616 (chegada em São Luís) 1627 (chegada em Belém)
Mercedários (inicialmente de origem espanhola)	1640 (chegada) 1646 (retorno após a expulsão)
Franciscanos da província de Nossa Senhora da Piedade da Vila Viçosa (Portugal).	1693 (instalação no interior — sobretudo no forte de Guarupá)
Franciscanos da província da Imaculada Conceição da Beira e Minho. (Portugal)	1706 (instalação no interior)

Fonte: Arenz (2008) (Adaptada por Jesuíta, 2020).

Desse modo, é possível observar que os primeiros missionários foram os franciscanos capuchos — que diferem dos capuchinhos —, os quais aportaram em Belém

no ano de 1617. Os frades capuchos chegaram em seguida e estavam encarregados da catequese dos indígenas, conforme determinado por Felipe II.

Vem dos frades capuchos as primeiras denúncias formais sobre o abuso e violência da parte dos colonos sobre os indígenas, como demonstra Jesuita (2020) ao citar que as denúncias resultaram no alvará de 1624, assinado por Felipe II, o qual tirava a administração das aldeias da responsabilidade dos colonos e delegava aos franciscanos. Eles se tornaram administradores espirituais e temporais dos indígenas do Estado do Maranhão, iniciando a disputa entre as ordens religiosas e as autoridades municipais.

Foi na terceira expedição que os padres jesuítas começaram a se estabelecer no norte da colônia, tendo chegado, em 1622, os padres Luís Figueira e Benedito Amoedi ao Estado do Maranhão; juntamente com o Capitão-Mor Antônio Muniz Barreiros e o regimento que concretizou a nomeação do padre Luís Figueira como conselheiro do Governador, o que incomodou inacianos, colonos e autoridades locais. Por estarem impedidos de exercer atividade e sendo alvos da desconfiança dos moradores e autoridades municipais, os padres jesuítas passaram a se dedicar à pregação e ao ensino (Jesuita, 2020).

Embora a hostilidade dos moradores tivesse diminuído, o conflito entre os frades capuchos da ordem de Santo Antônio e os da Companhia de Jesus crescia em virtude da luta pela tutela temporal e espiritual dos indígenas. Por conta das denúncias de maus tratos dos indígenas e da falta de recursos financeiros e de pessoal, ocorre, em 1630, o abandono da missão pelos frades capuchos – o que verdadeiramente irá favorecer o sucesso da missão da Companhia de Jesus, uma vez que, de acordo com Silva (1985, p. 54):

[...] os jesuítas foram talvez os que mais aprenderam com as falhas dos franciscanos: observando a sua pobreza e as bases em que administraram temporal e espiritualmente as aldeias indígenas – sem apoio e proteção suficiente –, os jesuítas formaram idéias sobre o que era necessário ao sucesso da tarefa missionária e lutaram para assegurar auxílio financeiro e amplos poderes para a sua Ordem.

A partir de então, ainda conforme Jesuita (2020), surge a tentativa, por parte da Companhia de Jesus, de ocupar esse espaço deixado pelos franciscanos. Nesse sentido, Figueira escreve três relatos sobre a missão do Maranhão. O primeiro se destinava a descrever os sucessos contra as nações estrangeiras que exploravam o norte da colônia (*Relação de vários sucessos acontecidos no Maranhão e Gram Pará assim de paz como de guerra, contra o rebelde Holandês, Ingleses e Franceses, e outras nações — 1631*); o

segundo com caráter edificante, buscando promover o apostolado dos jesuítas na Amazônia (*Missão que fes o P. Luis Figueira da Companhia de Jesus, superior da Rezidencia do Maranhão, indo ao Grão Pará, Camutã e Curupã, capitancias do Rio das Alamazonas, no anno de 1636*), e, finalmente, um texto escrito em Lisboa, com título *Memorial sobre as terras e gentes do Maranhão, Grão-Pará e Rio das Amazonas* (1637).

Neste, relata ao rei Felipe IV os problemas econômicos, religiosos e políticos que afligiam a região, destacando o retrato da situação de penúria e abandono dos indígenas e da corrupção e violência dos colonos:

No temporal também os pobres índios padecem grandes injustiças dos portugueses que aqui se não podem referir por extenso: como são muitos cativeiros injustos contra a forma das leis de sua Magestade mandaoos vender pera fora da terra & das conquistas. Outros oprimê os pobres com grande violência, obrigandoos a serviços muy pesados como he fazer tabaco em que se trabalha sete & oito meses contínuos de dia & de noite; dandolhe por isso quatro varas de pano, ou três ou duas somente. E se faltão nestes serviços, os portugueses os metem no tronco & os açoitam algumas vezes. Por isso fogê pera os matos, dispovoando suas aldeas: outros morrem de desgosto no mesmo serviço sem remédio algum. (Figueira, 1927 [1637], p. 431 *apud* Jesuita, 2020, p. 69)

Tais denúncias resultaram no alvará de 25 de julho de 1639, o qual afirmava, em relação à administração temporal e espiritual das aldeias:

A experiência tem mostrado que entregandosse a administração das Aldeas dos índios daquelas partes a pessoas seculares he ocasião de se lhe dar mau tratamento, cativando huns e servindosse uns outros sem lhe pagarem e fazerem se lhes outras vexações contra o serviço de Deos [...] resolvy que para a conversão das Aldeas assy no espirital como no temporal, convinha que os administradores delas fossem também religiosos da companhia. (Leite, 1940 p. 217 *apud* Jesuita, 2020, p. 69)

Assim, nessa nova lei, a administração temporal e espiritual dos indígenas era confiada aos padres da Companhia de Jesus, com o objetivo, segundo Arenz e Silva (2012, p. 18), de evangelização dos indígenas dentro de um quadro jurídico e econômico aprovado pela metrópole. Com a morte de Figueira pelos aruãs, na Ilha do Marajó, a missão no Norte passa a ter um novo impulso com o padre Antônio Vieira, marcando um período de política centralizadora e expansionista e de intensificação do conflito entre jesuítas e colonos (Jesuita, 2020).

3.2.1 Catequizar para civilizar: a importância de Antônio Vieira e João Felipe Bettendorff

Jesuita (2020) assinala que a chegada de Vieira à missão do Maranhão e Grão-Pará é marcada pela perda de parte do prestígio na corte e o conflito com o Santo Ofício. Ao desembarcar em São Luís, em 16 de janeiro de 1653, sob o título de Visitador e Superior da missão, trouxe a ira dos moradores e das autoridades municipais.

O Alvará Régio de 1653, publicado poucos dias após a chegada de Vieira, por sua vez, culminou numa revolta por conta da liberdade de todos os indígenas cativos, intensificando os conflitos entre os moradores:

A primeira ideia foi que se obrigassem os jesuítas a retirarem-se. Fez-se às pressas um escrito ao capitão-mor, com o pedido de que a lei se suspendesse enquanto se requeria para a corte a sua revogação. O estado não podia sustentar-se sem índios; os atuais escravos eram legítimos, os cativos lícitos, os selvagens, gente bárbara e inimiga, que convinha submeter por defesa e coagir ao trabalho por utilidade comum. (Azevedo, 2008, p. 255)

Assim, houve a revogação do documento que pedia a anulação da nova lei, o qual fora assinado pelos membros da câmara, moradores e, segundo Azevedo (2008), superiores carmelitas e capuchos que tinham conventos no Maranhão e apreciavam a situação caótica na qual os jesuítas se encontravam. Nesse sentido, com o objetivo de evitar a expulsão dos jesuítas, Vieira propõe um acordo que estabelece a formação de uma junta para avaliar o caso do cativo dos indígenas.

O remédio que V. M., senhor, e os senhores reis antecessores de V. M. procuraram dar a esta tirania foi mandar totalmente cerrar os sertões e proibir que não houvesse resgates e declarar por livres a todos os resgatados de qualquer modo que o fossem. Esse remédio, senhor, verdadeiramente é o mais efetivo de quantos se podem representar; mas é dificultosíssimo e quase impossível de praticar, como a experiência tem mostrado em todos os tempos, e muito mais nos motins deste ano, fundados todos em serem os índios o único remédio e sustento dos moradores, que sem eles pereceriam.

O meio que parece mais conveniente e praticável (como já se tem começado a executar) é examinarem-se os cativos, e ficarem livres os que se acharem ser livres, e cativos os que se acharem ser cativos (Vieira, 2003, p. 434 *apud* Jesuita, 2020, p. 71).

Tudo se tratava de discutir o estatuto jurídico dos indígenas, para que, uma vez considerados cativos, voltassem à posse dos seus senhores. Aqueles considerados forros só poderiam voltar a trabalhar nas fazendas mediante pagamento — prática firmada desde a lei de 1587 e reafirmada no Alvará de 1596, na Lei de 1611; no Regimento do

governador geral do Maranhão e Grão-Pará e no Diretório de 1757, conforme afirma Perrone-Moisés (1998). Jesuita (2020) reforça que a proposta foi considerada impraticável em virtude do estado de quase penúria da maioria dos moradores, sendo considerada uma extorsão por parte da aristocracia local.

Ainda assim, os moradores continuavam a exigir o controle sobre a repartição da força de trabalho indígena. Nesse sentido, era possível realizar o recrutamento da mão de obra dos indígenas de três maneiras diferentes: *descimentos*, *resgates* e *guerras justas*. Com relação aos descimentos, Jesuita (2020) reforça que, desde o regimento expedido pelo Rei a Tomé de Souza (1547) até o diretório pombalino (1757), esta era a forma privilegiada de recrutamento da força de trabalho indígena. O objetivo era convencer os indígenas a deixarem suas aldeias de origem e descerem para as aldeias de repartição, as quais podiam ser administradas tanto por missionários como por moradores.

Freire (2004) relembra que tais aldeias de repartição eram núcleos artificiais, onde indígenas de diferentes línguas e culturas eram reunidos para serem alugados e distribuídos entre os colonos. Esses indígenas “descidos” recebiam o estatuto jurídico de livres e a eles era garantida a liberdade das suas aldeias, a posse de suas terras, os bons tratos e a garantia do trabalho assalariado. Porém, Perrone-Moisés (1998) destaca a violação de tal liberdade, com prazo de trabalho desobedecido e salários não pagos.

Quanto aos *resgates*, podiam produzir escravos ou libertos, dependendo da legislação vigente. Jesuita (2020) os considera, na prática, como expedições de trocas comerciais entre os portugueses e os indígenas considerados aliados. A possibilidade de resgate acontecia apenas para os “índios de corda”, que eram os prisioneiros da guerra entre as tribos. A justificativa era a salvação da alma dos indígenas cativos e o impedimento do ritual de canibalismo.

As *guerras justas*, por sua vez, eram expedições militares organizadas pelos colonos ou pela Coroa. O objetivo, segundo Jesuita (2020), era capturar os indígenas inimigos. Eram considerados inimigos os grupos indígenas que praticassem qualquer hostilidade, quebrassem acordos firmados com os colonos ou impedissem a pregação dos missionários. No entanto, a guerra justa precisava de autorização do governador; daí a necessidade de cultivar uma imagem de um indígena bárbaro e selvagem, “e de provar a presença de um inimigo real. Tudo leva a crer que muitos desses inimigos foram construídos pelos colonizadores cobiçosos de obter braços escravos para suas fazendas e indústrias.” (Perrone-Moisés, 1998, p. 215). Assim, o aldeamento representava o ideal do

projeto colonial, objetivando a conversão, a ocupação do território, sua defesa e uma reserva de mão de obra.

É nessa perspectiva que Freire (2004) argumenta sobre o profundo impacto dos deslocamentos de nações inteiras na história das línguas indígenas, uma vez que os indígenas aldeados, com o passar do tempo, acabavam perdendo sua língua de origem e adquirindo uma língua franca que possibilitava a comunicação entre os agentes desse sistema – a saber, brancos, indígenas, negros e mestiços.

No entanto, até então, não tratamos, aqui, de uma *política linguística* propriamente, já que, segundo Calstelnau-L’Estoile (2006), o papel dos jesuítas, na política de expansão portuguesa no Brasil, era diplomático, sem o objetivo inicial de nenhuma metodologia de ensino da língua portuguesa. Ou seja, interessava o reconhecimento da dominação portuguesa, mas por meio da paz. Evidentemente, torna-se dificultosa qualquer pacificação sem domínio das vias de comunicação e, por esta razão, a língua e a religião se tornam um meio para isso.

3.2.1.1 A perda do poderio jesuítico

A lei de 1653 é objeto de uma proposta de revisão, em 1654, por Vieira. Assim, com a publicação do Alvará Régio de 1655, determinou-se que:

- ✓ Aos índios gentios, não se faça guerra ofensiva sem ordem de Vossa Majestade, nem se lhes faça injúria, violência, ou moléstia alguma, e somente se possa deles os escravos, que forem legitimamente cativos, para que com este bom trato queiram receber a fé, e se afeiçoem à vassalagem de Vossa Majestade e a viver com os portugueses.
- ✓ Os índios cristãos e vassalos, que vivem nas Aldeias, não possam ser constrangidos a servir mais que no tempo e na forma determinada pela lei, e que no demais vivam como livres que são, e sejam governados nas suas Aldeias pelos principais da sua nação, e pelos Párocos, que delas têm cuidado.
- ✓ Os missionários façam as missões ao sertão com tal independência dos que governam, que eles não possam impedir as ditas missões, antes lhes deem todo o favor, e ajuda para elas, e a escolta dos soldados que for necessária, quando se houver de fazer por passos perigosos; e porque dos capitães depende o comedimento ou desordens dos soldados, que a pessoa, que os ditos governadores houverem de eleger por cabo delas seja o que o Superior dos ditos missionários julgar por idônea e conveniente para isso. (Jesuita, 2020, p. 75)

A evangelização e distribuição da mão de obra indígena ficou a cargo, portanto, dos jesuítas. Assim, deu-se início ao projeto de “conquista espiritual” do norte da colônia,

tendo sob supervisão de Vieira, entre 1655 e 1661, mais de 50 aldeias (11 no Maranhão e Gurupá, 6 nas vizinhanças do Pará, 7 no Tocantins e 28 no Amazonas), segundo os dados de Azevedo (1901).

Mas essa expansão missionária acabou por aumentar o problema da falta de missionários na região norte da colônia, como destaca Jesuita (2020). Ao indicar a incapacidade de Portugal de suprir a missão com a mão de obra necessária, Vieira aponta, como solução, o envio de missionários estrangeiros que não representassem perigo à hegemonia portuguesa. Dados de Leite (2004, T. VII, p. 87), reunidos por Jesuita (2020), demonstram que a presença de missionários estrangeiros foi tímida durante o período em que a Companhia de Jesus esteve nos Estados do Brasil, Maranhão e Grão-Pará.

Quadro 3: Origem dos missionários atuando no Estado do Brasil

Catálogo	Nascidos fora do Brasil	%	Nascidos no Brasil	%	Estrangeiros	%	Total
1549	5	83,40	-	-	1	16,60	6
1574	88	80,00	16	14,50	8	5,50	110
1610	125	72,50	28	17,00	12	7,80	165
1654	106	62,40	59	34,70	5	2,90	170
1698	174	57,20	113	37,20	17	5,60	304
1732	184	53,30	164	45,30	5	1,40	362
1757	244	51,40	210	44,40	20	4,20	474

Fonte: Jesuita (2020)

Quadro 4: Origem dos missionários atuando no Estado do Maranhão e Grão-Pará

CATÁLOGO	NASCIDOS FORA DO BRASIL	%	NASCIDOS NO BRASIL	%	ESTRANGEIROS	%	TOTAL
1652	15	100	-	-	-	-	15
1697	48	75,40	7	11,40	8	13,10	61
1722	61	80,20	7	9,20	8	10,60	76
1740	114	89,00	6	4,70	8	6,30	128
1760	134	86,50	8	5,20	12	8,30	155

Fonte: Jesuita (2020)

Jesuita (2020) destaca que, de acordo com a documentação da época, os missionários nascidos no Brasil que não fossem nem indígenas nem negros, eram considerados portugueses. O que gera um problema quanto à classificação dos missionários portugueses, já que não se sabe, ao certo, se seriam portugueses de fora do Brasil ou nascidos no Brasil, uma vez que a constituição enquanto país ainda não existia.

Quanto ao pequeno número de missionários “estrangeiros”, Castelnau-L’Estoile (2006) aponta, como causa, o caráter cosmopolita da Companhia de Jesus e da Igreja Católica, que era mediado pela política do padroado da coroa portuguesa — um regime que responsabilizava as coroas de Portugal e Espanha a assegurarem e financiarem a ação da Igreja Católica. Portanto, no caso da região norte, cabia apenas à coroa portuguesa o envio de missionários.

Jesuita (2020) também destaca que, com a ciência dos moradores sobre a lei de 1655, houve intensas solicitações de revogação da lei do cativo indígena e os primeiros movimentos de revolta contra padres. Em 1655, foi exigido a Vieira o cumprimento da lei que ordenava que as expedições deveriam beneficiar os colonos; mas a negativa de Vieira fez com que aumentasse a hostilidade entre missionários e moradores.

Com o motim de 1661, em São Luís, são expostas as justificativas para a prisão e expulsão dos jesuítas. Os motivos, ainda conforme Jesuita (2020, p. 79), foram a divulgação do conteúdo de dois documentos e a prisão de um indígena. No primeiro, uma relação de 1659, consta as dificuldades da missão e os conflitos dos missionários com as autoridades locais; e o segundo expunha as contradições de alguns religiosos na propagação da fé e do desrespeito que tinham com a lei da liberdade dos indígenas. Vieira, neste, cita como transgressores, os religiosos da ordem das carmelitas.

Já a terceira acusação envolvia a prisão do indígena Lopo de Sousa Guaraúba, principal da aldeia Maracanã, considerado como gentio por Vieira. Ao padre é atribuída a afirmação de que Guaraúba, “embora cristão antigo”, vivia nos modos de gentio. Tal prisão culminou na revolta da aldeia Maracanã.

Jesuita (2020) aponta que, com a prisão e expulsão dos missionários da Companhia de Jesus, tem-se o fim do período de expansão da missão e do ideal missionário de Vieira para o Estado do Maranhão e Grão-Pará. O retorno da ordem ocorre em 1663, mas o autor destaca que Vieira é proibido de regressar à missão do Maranhão em virtude dos acontecimentos passados.

Nesse momento, ganha relevância a figura de João Felipe Bettendorff (Johannes Phillipus Bettendorff), um luxemburguês com formação jesuítica e grande desejo de fazer missões no Oriente. Em 1650, com a chegada de uma carta do padre Antônio Vieira sobre a necessidade de missionários no Maranhão, o jovem religioso vê a possibilidade da realização do seu desejo:

Logo que o nosso muito reverendo padre mandou a carta do padre subprior, Antônio Vieira, para a província de Galo-Bélgica, tratou o padre Provincial de uns missionários com que lhe socorrer. Estava eu àquele tempo teólogo do quarto ano no colégio da Universidade de Dohai, com esperanças próximas de ir para a Missão do Japão em China, e como a providência de Deus é que tudo dispõe, conforme os seus desejos eternos, que moveram-se interiormente para oferecerem-me a Missão do Maranhão [...] (Bettendorff, 2010, p. 168).

Tendo passado uma temporada em Lisboa para o aprendizado da Língua Portuguesa e do Tupi, Bettendorff acaba por traduzir, do português para o latim, a *Arte da Lingua Brasilica*, do padre Luís Figueira; e um pequeno catecismo na Língua Geral. No ano de 1660, Bettendorff parte para o Maranhão, envolto na crise da missão resultante do levante dos moradores e das demais ordens religiosas contra os padres da Companhia de Jesus.

Ele permanece por algum tempo na aldeia de Mortiguara, para aperfeiçoar o aprendizado da língua indígena a partir do contato com a fala dos povos. Abaixo, vemos a descrição do missionário sobre o ensino das primeiras letras às crianças da aldeia e o trabalho de pregação diária na língua dos indígenas:

Em esta aldea de Mortigura, tendo o padre subprior e visitador Antônio Vieira despedido o padre Manuel Nunes e o padre João Maria Gorsony para os Ingaíbas, e mandando ficar a mim por companheiro do padre Francisco da Veiga para aprender a língua, ensinando o ABC aos meninos, voltou-se para o Pará; dei-me belamente com o padre Francisco da Veiga, tomando por minha conta a doutrina de cada dia, e a classe dos meninos para ensiná-los a ler e escrever; juntaram-se muitos discípulos e entre eles o capitão Jacaré; e são estes os mais autorizados e velhos da aldeia (os meus discípulos) e porque, por falta de livros, tinta e papel, não deixassem de aprender, lhes mandei fazer tinta de pacobeiras e para lhes facilitar tudo lhes pus um pauzinho na mão por pena, e os ensinei a formar e conhecer as letras assim grandes como pequena no pó e areia das praias, com que gostaram tanto que enchiam a aldeia e as praias de letras, ficando aldeia e praias alaistradas todas; mas como os mistérios de nossa santa fé são os que se devem saber e ensinar antes de tudo o mais neles também os exercitava no fim da classe, e com isso ia também aprendendo a língua da terra, cuja gramática já tinha trasladado em latim, estando ainda em Portugal, e mandando-a para a minha província para que aprendessem por ela os que lá quisessem vir para esta Missão do Maranhão (Bettendorff, 2010, p. 178).

Apesar das dificuldades com a falta de material e o estado de pobreza da missão, à medida que ensinava, o padre também ia aprendendo a língua e, a partir dessa troca linguística, a gramática acabou se tornando um instrumento de conversão e o catecismo um instrumento de aprendizagem (Jesuita, 2020, p. 84). Depois, encarregado por Vieira de fundar a aldeia Tapajós, o missionário passou a estruturar a missão e um método melhor de catequização, pensando na elaboração de um catecismo em língua geral.

[...] estando as coisas da missão nestes termos, cheguei ao Tapajós com o alferes João Correia. A primeira cousa que lá fiz foi com a ajuda de meu companheiro e alguns índios grandes línguas fazer uns catecismos em vários idiomas daqueles seus principais, todos pela língua geral, um era em língua dos tapajós, outro os urucucus, que comumente entendiam, e com este os ia ensinando e batizando [...] (Bettendorff, 2010, p. 191)

De uma forma geral, havia uma preocupação da Companhia de Jesus em produzir material para catequização, sendo esta até uma obrigatoriedade. De Vieira, tem-se, por exemplo, catecismos em seis línguas diferentes, conforme destaca Jesuita (2020): um na Língua Geral da costa do mar, outro na língua dos Nheengaíbas, outro na língua dos Bocas e Jurunas e dois nas línguas dos Tapajós. O padre Manuel Nunes também compôs catecismo para os índios Tapuias de “língua travada”, da ilha do Marajó. Em 1740, porém, foi introduzido obrigatoriamente uma versão única dos catecismos para todas as aldeias da missão. A respeito disso, trataremos no capítulo seguinte.

Os levantes iniciados em São Luís chegaram, então, a Belém e às aldeias do interior. Tal situação resultou na expulsão e prisão de padres e na chegada, em 1662, do novo governador, Rui Vaz de Siqueira, o qual estava encarregado de prover a ordem.

O novo governador declara, então, o perdão geral, e afirma que “pela informação que tirei por ordem expressa de S. Majestade sobre a dita expulsão, me não consta de particular delinquente, e sendo a culpa comum de todos, costumam os Reis usar de sua clemencia e benignidade, sendo o arrependimento o mais equivalente castigo” (Leite, 2004, T. IV, p. 25). Nesse período conflituoso, Bettendorff foi nomeado Superior da Missão do Maranhão e Grão-Pará (1668-1674), exercendo, nos primeiros anos, um mandato de tranquilidade, conforme constata Jesuita (2020), quando dedicou seu tempo à reorganização da infraestrutura interna da missão e à pastoral mais próxima dos colonos portugueses.

Jesuita (2020) relata que uma de suas obrigações enquanto Superior da missão era a de visitar as aldeias e as residências dos padres da Companhia, e isso o permitiu observar que algumas aldeias se sustentavam com dificuldade e outras estavam em completo abandono. Assim como atestado por Vieira, em inúmeras comunicações feitas à corte e ao geral da Companhia, a falta de missionário era uma questão central durante o período em que a Companhia de Jesus permaneceu no Estado do Maranhão e Grão-Pará. Essa situação foi agravada com a expulsão dos jesuítas e ameaça de outras ordens à hegemonia jesuítica na região (Jesuita, 2020, p. 88).

Em 1680, com a promulgação de uma lei inspirada no padre Antônio Vieira, tentava-se a integração da região amazônica à rede comercial do Atlântico português. Assim, foram criadas duas medidas, a saber: a proibição do cativo dos indígenas e a introdução do escravo africano. Dessa forma, os indígenas cativos por “guerras justas” adquiriram o status de prisioneiros e a repartição dos indígenas de serviço passou a ser de responsabilidade do bispo, do prelado de Santo Antônio e da câmara municipal.

Cabia aos jesuítas, portanto, o controle temporal e espiritual das aldeias dos indígenas cristãos. No entanto, essa nova legislação causou mais conflitos entre os moradores e as ordens devido à, novamente, discordância sobre a distribuição da mão de obra indígena, a qual, agora, passaria a ser substituída pelo escravo africano. Havia, então, conforme atesta Jesuita (2020), uma expectativa de prosperidade por conta dessa mudança, uma vez que a reivindicação pela introdução do escravo negro, por parte dos moradores e das ordens religiosas, era antiga.

A Companhia do Comércio do Maranhão e Grão-Pará (1682) foi criada para facilitar a introdução desse escravo negro. No entanto, ainda assim, a coroa portuguesa não conseguiu fazer com que a economia do Estado reagisse, surgindo, dessa forma, os primeiros rumores de um novo levante dos moradores, justificados pelo fato de que a Companhia do Comércio não respeitava a cota mínima de escravos exigida por lei, além da cobrança elevada por cada peça de escravos, o que impossibilitava o acesso à força de trabalho africana.

O pano de fundo da crise, desse modo, pautou-se em dificuldades econômicas, na proibição do cativo indígena e no fracasso da introdução do escravo africano; resultando na expulsão dos jesuítas em 1684, quando, liderados por Manuel Bekmann, os moradores afastaram os jesuítas da administração temporal e espiritual dos indígenas. Isso levou ao fim o monopólio da Companhia de Comércio no tráfico negreiro.

Com a expulsão, havia o dilema: ou desfazer a missão e retirarem-se dela; ou adaptarem-se ao meio ambiente, cedendo à rigidez primitiva” (Leite, 2004, T. IV, p. 31). Para o Jódoco Peres, superior da missão, a solução seria a retirada imediata dos padres da Companhia de Jesus. Por outro lado, Bettendorff defendia uma negociação para a permanência dos padres na missão do Maranhão e Grão-Pará (Jesuita, 2020).

Jesuita (2020) destaca que o padre luxemburguês, então, conseguiu assegurar a permanência dos jesuítas e ajudou na elaboração de acordos que resultaram no Regimento

das Missões (1686), documento que procurava dar uma maior segurança jurídica tanto à administração das aldeias quanto à organização da mão de obra indígena.

Quanto à administração das aldeias, o governo temporal e espiritual dos indígenas passou a ser dividido entre a ordem dos franciscanos de Santo Antônio e os jesuítas. Além disso, houve a criação do cargo de *procurador dos indígenas* e determinação de um maior controle da entrada de brancos e saída de indígenas nas aldeias. Sobre a organização e distribuição da mão de obra indígena, a lei estabeleceu que os indígenas de serviço (de 13 a 50 anos) deveriam ser divididos em dois grupos: um para serviço interno — trabalho de sustento das aldeias — e outro para serviço externo — trabalho a serviço dos colonos e coroa portuguesa.

Percebemos, portanto, o perfil conciliador de Bettendorff. O padre luxemburguês, para manter a missão do Maranhão e Grão-Pará, renunciou ao monopólio jesuíta no trabalho de catequização dos indígenas e concordou com o aumento do tempo de serviço indígena destinado a suprir as necessidades dos moradores e da metrópole portuguesa, conforme observado por Jesuita (2020).

Assim, o Regimento das Missões foi o resultado do último esforço da Companhia de Jesus na influência de uma legislação indígena no norte da colônia. Tais propostas vigoraram, com algumas modificações, até o início do século XVIII. A partir de 1693, o poder da Companhia de Jesus, na região, diminui consideravelmente, já que a Coroa decidiu repartir as missões do Estado do Maranhão entre as demais ordens religiosas.

Nesse sentido, esse contexto permite a constatação do labor extremamente dificultoso de identificação da autoria — o *quem escreveu*, na perspectiva de Petrucci (2003) — do código 69, objeto de nosso trabalho —, considerando que, a partir de então, a catequese estaria sob responsabilidade de várias ordens.

3.3 A ESTIGMATIZAÇÃO LINGUÍSTICA POMBALINA: AS LÍNGUAS “NÃO-CIVILIZADAS”

Para entendermos a perspectiva conceitual sobre a política de línguas que circunscreve o código 69, precisamos considerar que ela prenuncia aquilo se conheceu como “ideais civilizatórias”, pensamento reformista do reinado de D. José (1750-1777) que se difunde fortemente a partir das mudanças introduzidas na legislação colonial por Sebastião José de Carvalho e Mello, o futuro marquês de Pombal, e por seus

colaboradores, a saber, seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão-geral do estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1759).

O código 69 inclui-se justamente do início de uma política definida como “civilizatória” (Almeida, 1997; Domingues, 2000; Falcon, 1993; Maxwell, 1996). Obviamente, ainda que o documento faça referência temporal explícita ao primeiro ano de governo, tanto de Pombal quanto de Mendonça Furtado, o arcabouço dessa política já se delineava desde a crise do sistema jesuíta e se inspirou em notícias várias, já que o próprio Mendonça Furtado, enquanto ocupava a Secretaria de Negócios Estrangeiros e da Guerra, escrevia frequentemente a respeito dos aldeamentos e das ordens religiosas no Grão-Pará.

Assim, é possível que o “cheiro” da política civilizatória já beirasse a colônia desde muito antes; inclusive porque percebemos, a partir do que foi exposto até aqui, que as diretrizes para o Plano Civilizador nasceram da Carta de Nóbrega ao padre Miguel de Torres, em 1558, e do *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* (1556-1557). Além disso, no caso do Brasil, as definições de domínio, sujeição, castigo, tutela e o assenhoreamento dos índios foram estratégias elaboradas por Nóbrega (1988). Ao longo de sua experiência em contato com as populações indígenas, tais palavras ganharam dimensões dentro de um campo de debates e de significados, os quais serviram ao conjunto de leis na política do Estado.

Além disso, foi em 1751 que Mendonça Furtado iniciou um projeto de revitalização e de reordenamento administrativo da região amazônica, a qual, em 1750, fora incorporada ao Tratado de Madri, o que demonstra, dado o imediatismo da ação, que o plano de governo já se delineava desde antes. Essa é uma constatação feita também por Almeida (1997), pois a autora acentua a continuidade do Diretório em relação às diferentes políticas indigenistas que vigoraram na América portuguesa antes de 1750 e no Brasil após o fim do período colonial. A autora, nesse sentido, não historiciza a própria noção de civilização nem considera que o termo tenha surgido imediatamente no contexto em que foi promulgado o Diretório.

Por outro lado, embora o Diretório dos Índios (1757-1798), com Pombal, trouxesse inovações, já havia uma prática que mediava uma relação que foi construída, ao longo do tempo e pelos missionários, entre colonos e gentios. Dessa forma, o que se deduz é que as premissas defendidas por Nóbrega (1549-1560/1988) foram metamorfoseadas e viraram a base norteadora das leis que daí seguiram.

3.3.1 “Civilizar para escolarizar”

Santos (2014) afirma que o ideal de civilização difundido a partir de 1750 contrapunha-se ao sistema de catequese dos jesuítas e de outros religiosos do século XVI. De acordo com o autor, no principal vocabulário português do período moderno, publicado no início do século XVIII, não havia registro das palavras “civilizar”, “civilizado” ou “civilização”. O termo *civilidade* só viria a ser registrado, posteriormente por Raphael Bluteau, e, diferente do sentido jurídico atribuído ao termo na mesma época, na França, significava “descortesia, grosseria, rusticidade”.

A ideia de civilização, em Portugal, expressa por meio do verbo “civilizar” e do substantivo “civilidade”, se difunde no período pombalino também como reflexo das ideias reformistas (Santos, 2014). Importa salientar que o termo “civilidade” estava, na maioria dos países europeus, ligado a um gênero literário específico que se tornou comum pela influência do livro *De civilitate morum puerilium*, de Erasmo de Roterdã. Esse era um pequeno manual sobre as maneiras de se comportar em diversos ambientes que “reafirma a necessidade de controle sobre as emoções e as reações naturais, instintivas, em prol da vida em sociedade e mesmo da manutenção das distinções sociais, aspectos que seriam retomados por uma longa tradição literária, presentes em vários países” (Santos, 2014, p. 239).

Santos (2014) defende que essa obra, provavelmente, exerceu influência na literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII, mas, segundo ele, a tradição que se filia a Erasmo não foi tão forte em Portugal – embora existam obras portuguesas parecidas, como a *Arte de Criar bem os Filhos na idade da Puerícia*, do padre Alexandre de Gusmão.

O mais antigo “manual de civilidade” de que se tem notícia, no entanto, é *Escola de política, ou tractado pratico da civilidade portuguesa*, de João de Nossa Senhora da Porta Siqueira; mas é o livro *Corte na aldeia* a mais importante obra sobre a temática em Portugal. Santos (2014) afirma que esse último difere muito do pequeno manual de Erasmo de Roterdã no estilo e, também, na abordagem, uma vez que, no livro *Corte na aldeia*, a civilidade era encarada como algo acessível a todos, enquanto a cortesia pertencia àqueles que frequentavam ou podiam frequentar a Corte. Assim, a adoção da palavra “civilização” era algo novo que, no contexto colonial e indigenista, causou

grandes rupturas, pois os indígenas herdaram o estatuto que, na Europa, era atribuído aos camponeses.

No âmbito das questões indígenas, a figura de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do Estado do Grão-Pará, liga-se à lei de 6 de junho de 1755 em favor de uma suposta liberdade dos povos originários. Sobre essa figura, Santos (2014) observa que, desde a sua nomeação, Furtado havia sido instruído sobre a questão indígena, fundamental naquele território. Assim, estava implícita a reestruturação econômica da região e a diminuição do poder político e econômico dos religiosos, que eram tidos como um entrave para o Estado e para os colonos.

A liberdade dos indígenas foi promulgada quando da criação da Companhia do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, responsável por implantar a mão de obra africana e desenvolver a agricultura e o comércio. Desse modo, as povoações indígenas deveriam figurar economicamente e, como tal, complementando a promulgação da liberdade dos indígenas, foi decretado o fim da administração dos missionários nas aldeias.

Mendonça Furtado, então, diagnostica a situação de atraso econômico e declínio da população indígena argumentando que os indígenas viviam na mesma “barbaridade” e “gentilismo” dos seus antepassados, o que prejudicava a propagação da doutrina cristã e o aumento do número de fiéis “alumiados da luz do Evangelho”. Segundo Santos (2014), os povos originários que desciam dos sertões para as aldeias viviam em situação miserável ou desapareciam com o tempo, o que incentivava os demais a continuarem nos sertões como “bárbaro” e “gentílico”. A sua conversão só se daria “pelo próprio, e eficaz meyo de se civilizarem”.

Esses aspectos norteavam a política missionária e colonial da década de 1750 com base no reformismo político; e foram retomados no alvará de 8 de maio de 1758, o qual frisava que o objetivo da Coroa era proporcionar “huma forma de governo propria para civilizallos, e attrahillos” (Santos, 2014, p. 243). Esse método civilizatório, segundo Veiga (2002), funcionou como um dispositivo para a escolarização; mas, como vimos, ao contrário do que defendeu Santos (2014), no tocante à língua, não diferia da prática missionária.

3.3.1.1 Os agentes civilizadores do século XVIII: um paralelo com o litoral da Bahia setecentista

A expulsão dos jesuítas e a perda do território pelos religiosos fizeram com que houvesse o predomínio dos chamados *agentes civilizadores* – militares, ouvidores, naturalistas, viajantes, observadores, positivistas, sertanistas, entre outros – nesses espaços.

Os “agentes civilizadores” eram os funcionários civis envolvidos no âmbito das questões indígenas (Santos, 2014, p. 196) e tinham como objetivo “promover a civilidade” dos indígenas. Vale ressaltar que, embora ainda não houvesse uma língua oficial na colônia, o ideal de civilização já encontrava uma norma, isto é, já existia um sistema de avaliação social linguística que dizia o que era “certo” e o que era “errado” e que derivou, evidentemente, dos grupos sociais detentores do poder.

Os primeiros “civilizadores de índios” foram os ministros civis que estavam encarregados de transformar as aldeias em vilas. Essa tarefa, na Bahia, cabia às autoridades que ocupavam cargos próprios para a execução das determinações do Tribunal do Conselho Ultramarino. Com o Diretório dos Índios, promulgado em 1757, foi criado o posto de diretor das povoações e vilas indígenas. Assim, o diretor se constituía como verdadeiro *civilizador dos índios* e tinha como principal obrigação promover a “civilidade dos índios”. Porém, o Tribunal do Conselho Ultramarino considerou impraticável a nomeação de diretores e, em vez disso, sugeria que os escrivães nomeados para as novas vilas ocupassem interinamente “a direcção das povoaçoens em que residem”.

Esses “escrivães diretores” seriam encarregados de ensinar a ler e a escrever e de zelar pela observância de quase todos os parágrafos do Diretório, entre os quais os referentes à promoção da civilidade dos indígenas (§§ 5 a 15); o incentivo à agricultura e comércio (§§ 17, 18 e 36); as providências para que os povos originários não fossem enganados pelos colonos nem aceitassem aguardente como pagamento por seu trabalho (§§ 39 a 42), além de outros aspectos e recomendações gerais a respeito do zelo, cuidado e desinteresse, exigidos para o exercício da função (§§ 92 a 95) (Santos, 2014).

De acordo com o entendimento dos membros do tribunal, esses e outros parágrafos deveriam ser copiados e enviados aos escrivães para que os observassem e fizessem observar. Dessa forma, formou-se um novo grupo de “civilizadores” que se constituía pelos próprios ouvidores das comarcas. Esses “civilizadores” começaram a ganhar destaque a partir de 1750 e estavam motivados pela nova legislação, que prezava

pela diminuição de missionários após a expulsão dos jesuítas e pela criação de novas comarcas.

No contexto da Bahia, nenhum outro foi maior que a figura do Capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto, autor do *Plano sobre a Civilização dos Índios do Brasil*, documento que foi objeto de estudo da minha dissertação de mestrado, como já referido aqui. A presença de pessoas como o capitão Muniz Barreto visava suprir a ausência ou a pouca atividade dos escrivães-diretores e a sua contribuição é importantíssima quando traçamos um paralelo entre as tentativas de civilização ocorridas na Bahia do século XVIII –litoral – e a Amazônia do século XVIII, último reduto de catequização e interior do Brasil.

O novo método adotado baseava-se no “solido meyo da Civilização dos ditos Índios”, de forma que, antes da pregação da fé e da doutrina cristã, era necessário torná-los “sociáveis, e civilizados”. No caso do capitão, ele propunha que, antes de tudo, fosse buscado o cuidado e reparo da religião e dos costumes, e isso deveria ser feito com a retirada dos missionários das aldeias que ainda restavam, reduzindo-as a vilas.

O plano do capitão Muniz Barreto é, assim, o primeiro “projeto de civilização dos índios” de que temos notícia. Dividido em três partes que o autor chama de “demonstração”, ele tece, na primeira, algumas considerações desde a descoberta do Brasil, sobre a missão naqueles primeiros anos, até o projeto missionário dos jesuítas; e dialoga com o período político da época, evocando todo o pensamento antijesuítico condizente com a política de colonização vigente. A segunda demonstração diz respeito à implantação do Diretório na Bahia; e, por fim, na última, o militar descreve o seu método para civilizar os “índios mansos e bravos”.

Influenciado pelos ideais do século XVIII, ele não nega, em seu *Plano*, a ideia de inferioridade indígena. Como um intelectual típico do século XVIII, ele ainda expõe a recente expulsão dos jesuítas e a concepção da época, que conferia aos jesuítas a responsabilidade pela “desordem espiritual”. De acordo com ele, o zelo dos missionários jesuítas disfarçava o verdadeiro interesse pela mão de obra indígena.

Além disso, o capitão Muniz Barreto também faz uma análise da situação em que se encontravam os indígenas desde o Diretório Pombalino, fazendo críticas ao próprio método utilizado pelo Diretório e aos Diretores de Aldeia. O plano de civilização proposto por ele centrava-se, então, na necessidade de reconstruir a confiança dos indígenas que,

em sua perspectiva, foi perdida no âmbito das políticas pombalinas dos diretores e dos colonos e do fim da dos jesuítas.

Assim, o militar defende que o novo método deveria, inicialmente, ser aplicado, aos indígenas que estavam aldeados. No entanto, notamos que ele se direciona, na maior parte do texto, aos indígenas que estavam embrenhados nas matas e que eram considerados “desconfiados”. Desse modo, o capitão divide-os em duas classes: *índios mansos* e *índios bravos* – dicotomia já conhecida desde o início do período colonial, em que *mansos* eram os mais dóceis e tratáveis, e *bravos* aqueles que estavam embrenhados nas matas.

De fato, podemos notar que o objetivo principal do *Plano* era a conversão do “gentio bravo” e, para isso, o autor traçou algumas medidas para a educação daquela, segundo ele, “espécie de indígenas”, pois, para o capitão, os “mansos”, que tinham mais facilidade de serem civilizados, deveriam ser reduzidos para facilitar a comunicação com os bravos.

O Diretório dos Índios, na Bahia, não chegou a nomear diretores para as novas vilas, utilizando como justificativa a falta de pessoas aptas para o cargo; porém, de acordo com dados sobre o século XVIII, havia escrivães-diretores, nos moldes propostos pelo Tribunal do Conselho Ultramarino. Esses escrivães nomeados, por vezes, tinham a função de diretores e mestres de ler e escrever, figurando, portanto, também como professores.

O diretor, nomeado pelo governador, ao contrário dos missionários, que exerciam autoridade espiritual e temporal sobre os indígenas, teria autoridade somente “diretiva”, no intuito de ajudá-los a superar a “lastimosa rusticidade, e ignorância, com que até agora forão educados” – isto é, pelos missionários. (Santos, 2014, p. 244)

Segundo dados coletados pelo capitão Muniz Barreto sobre os moradores da vila do Prado, em 1803, os escrivães-diretores ensinavam os indígenas a lerem e escreverem, mas as poucas escolas que já existiam eram pouco frequentadas, o que era, por muitas vezes, a justificativa dada pela ineficácia da sua atuação. Notamos, portanto, que, na política pombalina, existiu uma tentativa de atribuir à Companhia de Jesus todos os problemas educacionais e culturais na metrópole e na colônia. No âmbito dessas questões, o capitão narra que as igrejas que deveriam atender os indígenas aldeados “foram indecentemente construídas” e que a situação em que se encontravam os povos originários do Brasil, naquela época, era crítica.

De acordo com Pompa (2001), o uso da língua geral pelos jesuítas fez com que o inaciano não considerasse no mesmo patamar as outras línguas como instrumentos de catequese, embora elaborassem catecismos e gramáticas em línguas não tupi, como é o caso do Kariri. Nesse sentido, o termo “tapuia” surge justamente da necessidade de estabelecer um contraste entre esses falantes não tupi que, como ilustra o próprio capitão Muniz Barreto, eram concebidos como uma oposição ao “mundo tupi” e surgem na oposição litoral/sertão e na constituição de uma norma, como dito, pautada numa prática de letramento dominante.

O militar, então, lista os aimorés, que são descendentes dos tapuias, e os *verdadeiros tapuias* que, tendo algum princípio de conversão, se embrenharam depois para os sertões, tendo-os como inimigos. Com o intuito de recuperar a amizade dos “mansos”, o capitão propõe, na Bahia, a criação de uma casa de educação que deveria ser dividida em duas partes – uma para indígenas menores e outra para mulheres indígenas. Esses indígenas deveriam ficar reclusos no seminário e impedidos de se comunicarem com os pais; e seriam o alvo da civilização, funcionando como missionários dentro de suas famílias. Quanto às indígenas, deveriam ser ensinadas por uma mulher branca.

Aqui, podemos perceber que o capitão não acreditava na mera aquisição do código, pois considera a influência das práticas sociais na formação do indivíduo que considera letrado: ou seja, o indivíduo, para ser considerado letrado, deveria estar distanciado das práticas sociais familiares, o que prova que, para ele, não bastava simplesmente aprender ler e escrever em Língua Portuguesa em contexto de exposição a um ambiente formal, mas seria necessário, também, estar inserido em alguma prática social que fosse favorável ao uso da Língua Portuguesa.

Nesse processo, a presença de portugueses, nos aldeamentos, era fundamental para influenciar os indígenas nos seus hábitos e promover o casamento entre brancos e mulheres indígenas e homens indígenas e mulheres brancas, revelando uma preocupação com o aumento da população. No entanto, o militar Muniz Barreto informa que eram poucos os matrimônios contraídos naquelas zonas e afirma que, de acordo com informações dos párocos daquelas regiões, essa era a realidade de praticamente todas as freguesias. Embora o capitão registre que os casamentos entre brancos e indígenas eram escassos, há, em sua narrativa, a presença de uma população mestiça que fazia parte da Tropa da Capitania da Bahia.

Esses mamelucos da Bahia do século XVIII, estudados também por Carneiro e Lacerda (2017), acabaram por ocupar alguns cargos administrativos e participar da cultura escrita. Fato também ilustrado pelo capitão Muniz Barreto e identificado por Carneiro e Almeida (2009 [2002]) e Carneiro (2009, 2011, 2013) em pesquisa feita nos catálogos do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), via *Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco*, conforme pode-se observar no requerimento abaixo:

1758, Dezembro, 9, Bahia – CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. José sobre os requerimentos dos índios moradores da Vila da Nova Abrantes, solicitando professores, ajuda de custo para vestuário, funcionários administrativos e judiciários, reformas de antigos prédios jesuíticos, etc. AHU Baía (Cx. 146, Doc. 40; cx. 147, Doc. 85/AHU ACL CU 005; Cx. 138, Doc. 106.675)

Os dados levantados pelo capitão ainda apontam para a presença da língua geral como L1, ainda em finais do século XVIII e no sul da Bahia, uma vez que o próprio militar aconselha o ensino através do que ele chama de *língua brasílica* e, à medida que ia se aldeando, deveriam os indígenas ser instruídos com o idioma português. Dessa forma, observamos que, embora o Diretório (e o próprio capitão) defendesse o uso do português, o *Plano* também estimulava o uso da língua geral como mecanismo de intimidação dos indígenas mansos.

Quanto aos *índios bravos*, deveriam ser dispensados dos seminários, uma vez que eram desconfiados e zelosos com seus filhos. Assim, o militar propunha a distribuição dos *índios bravos* em aldeias dispersas para que melhor fossem controlados, uma vez que, na perspectiva do militar, a necessidade de conquista e civilização destes estava ligada à preocupação econômica.

O documento do militar, então, confronta a ideia de não escolarização antes do século XIX, defendida por Veiga (2002), na medida em que, já naquela época, entendia-se por “escolarizado” o indivíduo que estava imerso na cultura escrita. As “pistas” deixadas pelo capitão ilustram uma noção de escolarização que não se dissocia das práticas sociais e uma cultura de escrita e leitura com objetivos próprios, ainda que civilizatórios.

Foi justamente a vivência na catequese, nos colégios ainda não formalizados e referidos pelo capitão, e em atividades administrativas, que possibilitou a esses indígenas as condições para a produção de suas expressões. Assim, fica nítido que o plano de

civilização proposto é um incentivo ao letramento religioso e dominante, já iniciado pelos próprios jesuítas.

Observamos, portanto, que o método proposto pelo capitão pouco diferia daquele descrito no Diretório, em que se deveria primeiro reparar a religião. O militar defende que a civilização, tal qual consta no Diretório, deveria se dar pela religião cristã, de forma que os indígenas reconhecessem o poder das leis, a liberdade civil e política e, principalmente, o poder de uma rainha.

Apesar das ferrenhas críticas aos jesuítas, o capitão não esconde a necessidade que a colônia tinha da mão de obra indígena e até sugere que as novas igrejas fossem construídas por eles. Apesar de usar sempre os termos “docilidade” e “brandura” para se referir ao tratamento que deveria ser dado aos povos originários, ele questiona a forma branda com que eram tratados os que atacavam os viajantes.

Alguns estudiosos defendem que este é um dos primeiros indícios do ressurgimento da ideia de tratá-los de uma forma mais rígida para conseguir a “civilização” dos autóctones mais rapidamente. Mas é na conduta linguística que observamos que o método do capitão é realmente similar ao método utilizado pelos jesuítas, que utilizavam a língua geral para fins religiosos.

No que toca à educação, o militar faz duras críticas à ação dos diretores na Comarca da Bahia e atribuiu a falta de bons diretores à baixa remuneração e ao fato das funções diretor/escrivão estarem unidas. Além disso, o autor narra que foram mandados para as aldeias da Bahia homens “que nem os primeiros rudimentos de ler, escrever, e contar sabiaõ com perfeição: eraõ pela mayor parte escreventes de cartorios judiciais, e ainda entre estes os de menos prestimo, e mais indigencia”.

Finalmente, constatamos que havia uma quantidade considerável de indígenas que entendiam e falavam o português na Bahia do século XVIII, embora não soubessem ler nem escrever; que a instrução foi mediada por línguas gerais; e que a população de mamelucos que esteve ligada à Tropa e à Administração era considerada não apenas alfabetizada, mas também letrada, o que comprova que as práticas sociais motivadoras da escrita produziram efeitos coletivos marcantes, gerando fontes documentais que não são apenas indícios, mas provas desse letramento.

Na Capitania da Bahia, o capitão narra a presença das línguas gerais, faladas pelos indígenas “mansos” ocupantes da costa. Ademais, o militar também narra a situação

linguística dos *bravos*, com destaque para os aimorés. Segundo o autor, essa nação se recolheu ao interior dos sertões, onde não podiam ser achados e, pela falta de comunicação com as demais tribos, perderam a sua “própria linguagem”, dando origem a outra. Essa língua, nas palavras do militar, não é entendida de nenhuma outra nação, nem mesmo pelos tapuias, de quem descendem, “porque além da diferença dos nomes, que deraõ a todas as cousas, pronunciaõ com voz gutural, e arrancada do peito”.

Com relação ao contexto setecentista amazônico e à implantação da língua portuguesa, segundo Freire (2008), percebemos que o fato de os jesuítas utilizarem o português como língua, inicialmente, não foi por nacionalismo, já que esta não era a preocupação. O autor observa que os jesuítas acabaram por perceber que uma criança com pouca idade tem mais facilidade para aprender uma segunda língua do que qualquer adulto, e investiram nessa metodologia. Exatamente como acontecera no litoral.

Apesar de apostarem nas crianças, após um ano, os indígenas continuavam sem falar português; então, decidiram investir numa língua filiada ao Tupi que podia ser compreendida por indígenas de outras línguas, e essa língua acabou funcionando como uma língua de comunicação interna da colônia. Assim, percebemos que os contextos, embora diferentes, partiram de uma concepção metodológica semelhante.

Até a metade do século XVIII, portanto, Freire (2008) verifica que houve, na Amazônia, uma política de estímulo muito maior ao uso interno e local da língua geral. Desse modo, nesse momento, tínhamos o português, que era a língua oficial de comunicação externa, e havia a língua geral, que era a língua de comunicação interna; de forma que as pessoas falavam a língua geral entre elas, embora não a escrevessem. Assim, distinguiram-se dois tipos de línguas: *as línguas particulares* e *as línguas gerais*.

Portanto, importa descrevermos, com base no códice 69, como a língua portuguesa conseguiu suplantar um contexto linguisticamente tão complexo, numa região muito maior que o litoral e com numerosas famílias linguísticas. Diante do contexto em que se insere, conseguimos identificar o *porquê* a produção de uma *Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum dictionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua*.

3.3.2 A subjugação linguística

Entendemos, então, que os processos civilizatórios foram originados pela ação de instrumentos ou tecnologias que pretendiam a escolarização. Esse processo é aquilo que tomamos, aqui, como *pré-escolarização*.

Abreu (2011, p. 59), ao tratar sobre o dispositivo de escolarização, atesta que as relações de micropoderes “manifestam-se concreta ou simbolicamente nas vidas das pessoas e configuram-se [...] em uma constante universal. Ao grupo que consegue impor aos demais a sua maneira de ler o mundo”. Dessa forma, de um lado há os *establishments* e do outro e *outsiders*.

A relação entre os dois grupos é a materialização das relações de poder que os *establishments* impõem aos demais grupos. Nessa perspectiva, segundo Elias e Scotson (2000), há uma autoimagem de superioridade que se baseia em valores muitas vezes advindos de tradições inventadas. Dessa forma, as construções culturais seriam, nas palavras de Abreu (2011, p. 59), “alvo de uma natural segregação na qual ficariam visíveis as tentativas dos grupos de impor como melhor as suas práticas, passando obrigatoriamente pela desqualificação das práticas culturais dos demais grupos”.

Assim, o grupo que se vê como superior elege o elemento cultural sobre o qual postulará a sua superioridade, para construir sua autoimagem a partir da declaração de possuidor de todos os atributos e virtudes distintas:

A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a precondition decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer. O desprezo absoluto e a estigmatização unilateral e irremediável dos outsiders, tal como a estigmatização dos intocáveis pelas castas superiores na Índia ou a dos escravos africanos ou seus descendentes na América, apontam para um equilíbrio de poder muito instável. Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso enfraquecê-lo e desarmá-lo. (Elias; Scotson, 2000, p. 23)

Dessa forma, os *outsiders* perdem a capacidade de contra estigmatizar e passam a se ver como realmente inferiores, assumindo as características que a eles foram

imputadas. Conforme aponta Abreu (2011), tais relações de poder através das línguas, no entanto, não são exatamente uma novidade no campo da Linguística, mas a proposta de Elias e Scotson (2000) mostra a dinâmica dessa relação e fornece elementos para compreender o resultado das forças que operaram na pré-escolarização linguística aqui e na própria escolarização.

Nesse sentido, Abreu (2011, p. 61) destaca que uma das consequências sociais que o Diretório pombalino vai gerar é a “potencialização da balança linguística entre *establishments* e *outsiders* no Brasil”, pois, com a reforma pombalina, os falantes do português têm sua condição de carisma grupal distintivo reforçada, já que, além de língua de civilização, o português passa a ser a língua dos civilizados – diferente das línguas gerais, “a língua dos bárbaros”.

A partir da hipótese de Vitral (2001) de que as línguas gerais eram associadas à barbárie enquanto a língua portuguesa era vista como língua de civilização, a escolarização foi um dos caminhos para resolver o estigma de línguas “não-civilizadas”, um passaporte para nova condição de cidadania, nos termos defendidos por Abreu (2011).

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

O contexto de produção do códice 69 demarca os momentos finais da atuação jesuíta num ambiente linguisticamente complexo – a Amazônia setecentista –, sendo o limiar entre a expulsão dos jesuítas e a implantação do Diretório pombalino. Percebemos que ele permite uma análise da história da escolarização em língua portuguesa no Brasil, considerando a sua localização temporal limítrofe.

A figura do professor, por exemplo, acaba por emergir de um contexto extremamente precário desde a expulsão dos jesuítas e da falta de uma pedagogização estável por parte daqueles que ficaram a cargo do processo, o que contribuiu para uma crise educacional que deixa vestígios ainda hoje. Podemos dizer, portanto, que o processo de escolarização, ao contrário do que defende Veiga (2002), não se deu propriamente no século XIX, mas está intimamente ligado ao que aconteceu durante a conduta linguística dos jesuítas, ao hiato educacional que se deu no século XVIII e que representou uma constante busca por uma metodologia de ensino na época colonial e às práticas de letramento que aí foram gestadas.

O método de civilização, ideal da política pombalina, acabou por não ser contraditório à religião, já que o Diretório pombalino não propôs nenhuma medida inovadora no trato com as línguas indígenas e, sim, tecnologias para o ensino. Por outro lado, não havia uma política estritamente linguística por parte dos jesuítas, já que seu papel era diplomático, sem o objetivo inicial de nenhuma metodologia de ensino da língua portuguesa. No entanto, para promover a comunicação, havia uma preocupação da Companhia de Jesus em produzir material para catequização e esse material norteou, também, a política de governo pombalino. Nesse contexto, destacam-se as figuras dos padres Antônio Vieira e Bettendorff.

O código 69, com sua gramática e dicionário, é datado justamente do início de uma política definida como “civilizatória”, como dito. Todavia, o que é plausível é que ele tenha sido inspirado nas concepções de línguas advindas dos conflitos com os jesuítas e da perda de seu poderio na região amazônica.

Também é perfeitamente factível que a política nomeada como *civilizatória* tenha se delineado muito antes da posse de Pombal e que os ideais pombalinos também tenham influenciado o entendimento que se tinha sobre as línguas gerais quando o código 69 foi escrito. Entretanto, no tocante àquilo que se entende por *política linguística*, dado o limiar temporal do documento, embora o Diretório dos Índios (1757-1798), com Pombal, trouxesse inovações, já havia uma prática que mediava uma relação que foi construída, ao longo do tempo e pelos missionários, entre colonos e gentios. E o que aconteceu, ao fim e ao cabo, foi que as premissas jesuítas foram metamorfoseadas e viraram a base norteadora das leis que daí seguiram.

Que houvesse divergência no que seria língua geral ou não, o fato é que, em ambos os momentos, houve um estímulo ao uso dessa língua – seja para catequese ou na formalização do ensino por meio das tecnologias pombalinas. A política de civilização, do ponto de vista linguístico, não passou, portanto, de uma extensão da pedagogia jesuítica.

Considerando os questionamentos de Petrucci (2003), a autoria (*quem?*) do código deve ser analisada dentro de um ambiente complexo, em que diferentes agentes, como missionários jesuítas e autoridades coloniais, disputavam a produção e o controle da escrita. Assim, o documento foi produzido em um contexto de regulamentações impostas pelo Estado, com forte influência (ou prenúncio) das reformas pombalinas, que exigiam

uma padronização da escrita para atender aos objetivos civilizatórios e econômicos (*quando?*).

Aqui, neste capítulo, portanto, do ponto de vista da língua, não identificando uma diferenciação clara – do ponto de vista linguístico – entre os dois momentos políticos e considerando que o limiar entre os dois períodos não indicou necessariamente a mudança de políticas linguísticas, justificamos o uso da expressão *conduta linguística*. No capítulo a seguir, aprofundamos mais tal perspectiva.

4

O CONTEXTO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO: A BABEL AMAZÔNICA E A TENTATIVA DE NORMATIZAÇÃO DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA

Quando Deus confundiu as línguas na torre de Babel, ponderou Filo Hebreu que todos ficaram mudos e surdos, porque, ainda que todos falassem e todos ouvissem, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel, houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas, já se conhecem mais de cento e cinquenta. E assim, quando lá chegamos, todos nós somos mudos e todos eles, surdos. Vede agora quanto estudo e quanto trabalho serão necessários para que esses mudos falem e esses surdos ouçam.

Vieira, A., 1959, p. 23 –24.

A língua, sob a perspectiva do uso, assumida aqui, é definida, a partir de Mikhail Bakhtin (1999) como um fato social. Assim, lançar o olhar sobre os estudos linguísticos é ir muito além das estruturas gramaticais, pois é na linguagem que presenciaremos aquilo que ficou conhecido como uma “arena”, onde se travam lutas, debates ideológicos e de poder entre os agentes sociais envolvidos. Nessa perspectiva, além de ser um meio de comunicação, a linguagem é a própria comunicação constituinte da sociedade, isto é, é reflexo e refração dela própria.

O ser humano, de igual modo, é um ser social e é na língua que estão comportados um sistema de signos vinculados ao processo das relações sociais, já que é por meio das palavras, que a comunicação humana acontece. As palavras, nesse sentido, segundo

Biderman (1978), correspondem a um processo cognoscitivo e implicam modos de organização dos dados sensoriais, das experiências de um grupo.

A língua, portanto, assim definida, pode ser compreendida como um sistema simbólico que constitui, dessa forma, instrumentos de conhecimento e de comunicação, e, assim sendo, de visões de mundo e de percepção do mundo social (Bourdieu, 1996). A linguagem, desse modo, também comunica a posição ocupada por quem a utiliza. Dessa forma, conforme afirmou Bourdieu (1996), o poder não estará nas palavras em si, mas na legitimidade dada a elas por quem as fala e as escuta.

Freire (2008) exemplifica que, no século XIX, a língua era representada, pelos autores românticos, como um organismo vivo e, por isso, havia uma busca por refletir o pensamento, os valores e o espírito de uma nação. A nação seria entendida, então, “como o primeiro grupo natural a compartilhar significados linguísticos” (Freire, 2004, p. 38) e a língua, por sua vez, devia ser vista como um sistema homogêneo, tendo qualquer variação ou diferença avaliadas pelos gramáticos como caos e ameaça à unidade do idioma nacional e da própria nação. Para Burke (1995), aqueles que investiam nessa descrição de formas linguística se restringiam à evolução dos aspectos sistêmicos da língua, pois preocupavam-se com ideias nacionais (ou nacionalistas) e não sociais, priorizando a história interna das línguas e negligenciando a externa, isto é, a história do seu uso.

O ideal nacionalista romântico do século XIX, porém, com sua noção de identidade coletiva, não foi capaz de suplantar o que ocorria em uma vasta extensão do território nacional, onde cidadãos indígenas e não indígenas se mantinham sintonizados a uma vida econômica, social e política, mesmo desconhecendo a língua portuguesa – o que contrariava o ideal de unidade linguística, conforme Freire (2004) constata.

O autor destaca que tal situação era, na verdade, oposta à ideia de unidade linguística que se pretendia estabelecer, evidenciando a expansão de uma língua indígena – conhecida como *Língua Geral*, *Nheengatu* e *Tupi*, entre outras nomenclaturas – que se tornou objeto de estudo e curiosidade de viajantes, estudiosos, nacionais e estrangeiros (Freire, 2004, p. 38). Foi essa língua de comunicação interna da Amazônia que, desde o período colonial até as primeiras décadas do século XIX, desempenhou funções básicas dentro da comunidade e retardou a hegemonia da “língua do príncipe”.

O autor observa que o esquecimento desse fato favoreceu outros apagamentos que foram resultados do desinteresse dos pesquisadores pela história social da língua, uma vez que não se considerava a força ativa, organizadora da sociedade e do próprio tecido histórico (Freire, 2003, p. 38); e isso conduziu a uma lacuna que se tentou preencher por observações preconceituosas sobre os grupos indígenas.

Dáí a necessidade de se repensar a figura dos povos originários, a qual foi, ao longo desses anos, tipicamente estereotipada no imaginário europeu e latino-americano. O mito do “bom selvagem”, conservado historicamente até mesmo na própria literatura brasileira, através de obras como *O Guarani*, e difundido pelo Pe. Antônio Vieira, apaga o papel desses povos na construção da realidade linguística, histórica e social brasileira, atribuindo-lhes uma função meramente passiva, tendo em vista a suposta proteção aos indígenas na doutrina cristã/católica.

Enquanto o africano era traduzido como rebelde e “representação demoníaca”, a Europa dos séculos XV e XVI, conforme afirmam Pacheco de Oliveira e Freire (2006), mostrava concepções divergentes criadas pelos colonizadores portugueses: a) indígenas eram seres humanos degradados, vivendo como selvagens, mas com potencial para se tornarem cristãos; b) indígenas eram seres inferiores, animais que não poderiam se tornar cristãos, mas que podiam ser escravizados ou mortos. De acordo com Pompa (2002), tais concepções conduzem a dois blocos monolíticos sobre a colonização, a saber: “um que impõe seus esquemas culturais e religiosos e o outro absorvendo-os, sendo destruído (ou aculturado) por eles ou, por outro lado, ‘resistindo’ em volta de sua imutável tradição”.

Monteiro (1995), por sua vez, critica a construção do indígena passivo, a exclusão destes enquanto legítimos atores históricos e o tratamento dos povos indígenas como populações em vias de desaparecimento. Para o autor, essa é uma visão perigosa porque investe numa imagem indígena cristalizada, fossilizada – “seja como habitantes de um passado longínquo ou de uma floresta distante”. Assim, os estudos dos povos originários, nesse processo, é ainda uma grande lacuna, aliada à visão “cristalizada” do indígena colonial; o que exige que sejam feitos estudos para “redefinições identitárias”, de modo a tornar possível “recuperar uma suposta ‘originalidade’ indígena e reconstituir o quanto foi ‘perdido’ ao longo do processo do contato” (Pompa, 2002).

Se, no capítulo anterior, analisamos o contexto histórico-político na tentativa de situar as estratégias políticas do limiar entre a catequização e reforma pombalina, analisar a sócio-história das línguas envolvidas nesse período, portanto, permite adentrar, de fato,

naquilo que é propriamente política linguística, de forma a aprofundarmos o escopo de observação sobre uma Amazônia social e linguisticamente complexa e situarmos o código 69. Interessa, então, o estudo das medidas, explícitas ou implícitas, que o Estado português adotou entre 1750 – ano aludido no código 69 – e 1759 – quando da expulsão dos jesuítas. Mas, também, as tomadas por outros agentes sociais com o objetivo de ordenar as línguas faladas.

Assim, importa destacarmos aquilo que se entende por *política de línguas*, as quais, segundo Freire (2004, p. 81), são:

[...] as normas jurídicas e as ações deliberadas desenvolvidas pelos aparelhos burocráticos de Estado, da mesma forma que inclui também o conjunto de atividades sociais, que de alguma forma interferem no destino das línguas, cujas funções são analisadas, dessa forma, como um elemento de ordenamento social [...] a intervenção do Estado, enquanto poder político institucionalizado e força política organizada, que gera diferentes tipos de mudanças linguísticas e transforma experiências individuais e coletivas, com implicações nas formas e usos linguísticos da comunidade e, em consequência, nas atitudes dos falantes antes as línguas.

Considerando que, segundo Hamel (1993, p. 8), cabe às línguas função relevante tanto para organizar a dominação quanto para resistir a elas, nosso foco é a relação entre as línguas gerais – nomeadamente, a amazônica – e a implantação da língua portuguesa. Nesse sentido, Freire (2004) aponta que, no caso da Amazônia brasileira, há provas documentais que indicam a *Língua Geral Amazônica* (doravante, LGA) como língua de brancos, indígenas e mestiços, utilizada na maioria das suas práticas e como principal meio de interação, principalmente no período colonial aludido no código 69, repleto de tensões que existiram entre a língua portuguesa e as línguas indígenas, as quais forçaram a criação de gramáticas.

Freire (2008, p. 81) destaca que, diferente do processo colonial ibero-americano, onde “as línguas que historicamente se constituíram como nacionais passaram a desempenhar um papel hegemônico somente após uma série de estratégias, que sempre incluíram o uso das denominadas Línguas Gerais”, a América portuguesa enfrentou processos históricos diferentes.

Como visto no capítulo anterior, os principais agentes a formularem e executarem uma política estritamente linguística foram os missionários, a partir dos problemas comunicativos existentes em virtude das situações de multilinguismo na catequese e

evangelização. Por isso, de acordo com Alfaro (2001), as ordens tiveram que selecionar as línguas, delimitando funções, domínios e âmbitos para elas. É nesse afã que surgem instrumentos como gramáticas, dicionários e vocabulários.

Assim, em comparação à América hispânica, Ninyoles (1976) elaborou três propostas para desenvolver uma política de línguas:

- i) definir os papéis de cada língua no contexto multilíngue, determinando seus usos e funções no âmbito público, com discursos legitimadores: eclesiásticos, jurídicos, eruditos (área externa);
- ii) estabelecer normas gramaticais e produzir dicionários e alfabetos dessas línguas (área interna);
- iii) desenvolver programas e metodologias de ensino (campo pedagógico).

Com base nelas, Freire (2003) defende a importância, no caso do Grão-Pará, de se discutir as medidas linguísticas tomadas nessas três áreas, com destaque para a resolução dos problemas de comunicação. Nessa perspectiva, é oportuno definir o papel da LGA no contexto multilíngue da colônia, no ano 1750; entender a importância de uma (tentativa) de normatização dessa língua – neste caso, da *gramática* acostada no códice 69 – e procurar indícios dessa metodologia de ensino, com base na pretensa tecnização.

Assim, em **4.1**, abordamos o impacto das políticas coloniais na diversidade linguística e a predominância da LGA como língua franca, destacando a miscigenação e o aldeamento; em **4.2**, discutimos como a Linguística de Contato ajuda a entender as mudanças na LGA; em **4.3**, discutimos a evolução da LGA, marcada pelo bilinguismo e pelas influências linguísticas de outras línguas indígenas, africanas e do português; em **4.4**, analisamos as estratégias coloniais que promoveram a substituição das línguas indígenas pelo português e a instrumentalização da LGA como meio de dominação e catequese; e, por fim, em **4.5**, abordamos como se deu tentativa de normatização da LGA.

4.1 AS LÍNGUAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA SETECENTISTA

Como já mencionado, a colonização do território que hoje é conhecido como brasileiro aconteceu de maneira a considerar a divisão dos dois Estados em administração e políticas coloniais: o Estado do Brasil e do Grão Pará – ilustrados na figura abaixo:

Figura 5: Brasil Colonial

Fonte: <https://marcosbau.com.br/geobrasil-2/1763-2/>

Freire (1983), a partir da constatação da precariedade dos dados linguísticos obtidos a partir das fontes históricas, apresenta o quadro, com base em Loukotkoka (1968), da distribuição dos grupos linguísticos da Amazônia do século XVI – cunhada pelo padre Vieira, no século XVII, como *nova Babel*:

Quadro 5: Grupos linguísticos da Amazônia do século XVI

Tronco linguístico	Número de grupos
Tupi	130
Karib	108
Aruak	83
Pano	34
Tukano	26
Ge	66
Línguas isoladas ou não classificadas	271
TOTAL	718

Fonte: Freire (1983)

Loukotka (1968) afirma que, no momento do contato com o europeu, cerca de 1.500 línguas eram faladas na América do Sul. Já Rodrigues (2000), baseado em dados históricos das primeiras penetrações portuguesas – para os quais existe documentação confiável –, estimou que existiam 1.273 línguas indígenas faladas naquele momento, sendo 495 faladas ainda hoje na Amazônia brasileira. As divergências evidentes em relação ao número de línguas indígenas da Amazônia revelam, como observou Freire (1983), os problemas relacionados às fontes, aos métodos usados para sua estimativa, aos critérios usados para estabelecer os limites geográficos da Amazônia e até o conceito que se utiliza para se conceber o que é uma língua.

No entanto, o que há de consenso é que a Amazônia já formava, mesmo antes da chegada do europeu, uma constelação linguística, com línguas numerosas que pertenciam a diferentes famílias, faladas dentro de um território com unidade geográfica por onde circulavam povos com os quais mantinham relações amistosas ou belicosas (Freire, 2004). É também consenso que os povos da Amazônia, adeptos do que Freire (2004) define como *cultura da floresta tropical* – baseada na agricultura intensiva – foram impactados pela chegada do europeu, já que o sistema colonial acabou por desestruturar grande parte das culturas da floresta tropical e isso reordenou a ocupação do espaço em outras bases. Dessa forma, os indígenas, de fato, passaram a ser a principal riqueza da região, pois só eles poderiam ser a força capaz de extrair da floresta os produtos de interesse para o mercado europeu.

Nesse sentido, os aldeamentos favoreceram a mistura de falantes de línguas diversas, mas em espaços artificialmente criados, o que deixou muitos indígenas sem interlocutores em suas línguas maternas. Essas línguas se tornaram “anêmicas, por, a partir de então, contarem com um número reduzido de usuários (Rodrigues, 2000). Na tentativa de estabelecer uma unidade política, a presença portuguesa, na região, tornou o quadro linguístico mais complexo por obrigar os povos a se deslocarem e estabelecerem contatos para suprir os interesses coloniais.

Esses contatos, por sua vez, eram feitos através da Língua Geral e da Língua Portuguesa – a língua do colonizador. As duas línguas, inevitavelmente, influenciaram uma à outra; no entanto, a história social das línguas na Amazônia, como bem observa Freire, precisa ser entendida a partir das diferentes políticas de línguas que a atravessaram.

O manuscrito setecentista desta pesquisa, portanto, incentivador do uso de uma dita *língua geral*, pertence a um período de demasiada importância, já que, durante mais

de um século, a administração colonial estimulava oficialmente o uso e a expansão da Língua Geral em detrimento da Língua Portuguesa. No entanto, é justamente em meados do século XVIII que essa perspectiva é modificada, o que torna necessário analisar as razões para tal, os resultados das políticas linguísticas do período e o próprio conceito de língua geral.

4.2. A COMPLEXA DEFINIÇÃO DE *LÍNGUA GERAL*

Alinhar-se a uma definição de *língua geral* talvez tenha sido um dos pontos mais difíceis da constituição deste trabalho, visto que existem vários conceitos que partem de divergentes hipóteses levantadas por alguns pesquisadores. Apesar das extensas contribuições de especialistas, não há, ainda um consenso quanto ao termo, o que torna a empreitada de investigações sobre a temática delicada. Nesse sentido, Nobre (2016) apresenta as definições mais genéricas da LG, as quais são: i) a língua tupinambá; ii) uma língua que resulta do aprendizado de dialetos tupis; iii) um tupi simplificado e gramatizado pelos jesuítas; e, finalmente, iv) uma língua de origem tupi-guarani, surgida no uso dos mamelucos.

Essas cinco definições, para o autor, são significativas por englobarem o “contexto sociolinguístico de *pidginização* e *crioulização*” (Nobre, 2016, p. 47). Desse modo, o autor destaca que o termo se liga a diferentes tipos de línguas, conforme podemos observar abaixo:

(1) Variedades coloniais do tupinambá surgidas em São Paulo e no sul da Bahia durante o século XVI, faladas principalmente por mamelucos e por filhos de famílias brancas nascidos no Brasil, em situação de bilinguismo sem language shift, e extintas no início do século XIX; (2) Língua colonial historicamente nova, surgida na região amazônica durante o século XVII, falada inicialmente por índios tapuias, como resultado da crioulização do tupinambá em contato com suas línguas nativas, havendo language shift; é falada ainda nos dias atuais por cerca de três mil pessoas, principalmente da etnia baré, porém mais conhecida pelo nome de *nheengatu*, tendo como principais áreas de uso o Médio e o Alto Rio Negro, o Baixo Içana e o Xié; é falada como primeira língua, como segunda língua e como língua franca nestas regiões; (3) Línguas francas coloniais, recobridoras de línguas afins – indígenas e africanas –, a exemplo da língua geral Cariri, afiliada ao tronco Macro-Jê falada no Nordeste –, e da língua geral de Minna, afiliada a línguas africanas da costa de Mina – falada em Minas Gerais; (4) Português colonial brasileiro, em sua variedade popular, estruturalmente modificado pelo contato com línguas indígenas e africanas; (5) Variedade colonial do guarani, que teria sido utilizada também em São Paulo. (Nobre, 2016, p. 47)

Olivera, Zanolli e Módolo (2019), de acordo com os conceitos listados por Nobre (2016), apontam seis hipóteses sobre a LG. São eles: (1) *a hipótese de três LGs no Brasil*; (2) *A LG definida nos moldes da Linguística Histórico-Comparativa*; (3) *a LG e a hipótese mameluca*; (4) *a LG referindo-se a línguas africanas faladas no Brasil colonial*; (5) *a LG e o português colonial brasileiro em sua variedade popular*; e (6) *a LG e propostas ligadas à Linguística de Contato*.

A seguir, são resumidos os apontamentos das autoras sobre cada uma das hipóteses, com uma breve análise de cada um deles e acréscimos.

(1) A hipótese de três LGs no Brasil

No intuito de reunir o maior número de conceitos sobre língual geral, nos deparamos com o quadro linguístico de Veiga (2015), em sua dissertação de mestrado intitulada *Do oral para o escrito: a narratividade em nheengatu no alto do Rio Negro-AM*, escrita sob a orientação do Prof. Dr. D'Angelis.

Veiga (2015, p. 24) discorre sobre a existências dessas três línguas gerais; as quais, na perspectiva da autora, foram o Guaraní, falado em grande parte do Rio Grande do Sul até o começo do século XIX, na região de influência espanhola; a Língua Geral Paulista e a Amazônica – ambas faladas por indígenas brasileiros, colonos portugueses e padres por um período significativo durante a colonização.

Olivera, Zanolli e Módolo (2019) defendem, no entanto, que as LGs citadas na história linguística brasileira são: a Língua Geral Paulista; a Língua Geral do Sul da Bahia (doravante, LGBa) e a Língua Geral Amazônica. Rodrigues (1996), entre outros, já apontava para as diferenças de formação entre a LGP e a LGBa. Por outro lado, Argolo (2013) argumenta que a LGP e a LGBa tiveram seu processo consolidado ao longo dos séculos XVI e XVIII, com seus declínios e extinção no início do século XIX.

Foi Rodrigues (1996), no entanto, quem primeiro elaborou uma definição concisa do termo “língua geral” como termo técnico da descrição linguística, baseando-se nas realidades históricas de formação:

Na colonização da América do Sul pelos portugueses e pelos espanhóis houve pelo menos três situações em que a miscigenação em grande escala de homens europeus com mulheres indígenas teve como consequência a rápida formação de populações mestiças cuja língua materna foi a língua indígena das mães e não a língua europeia dos pais. Isto se deu onde a conquista e colonização foi praticada, de início, predominantemente por homens desacompanhados de

mulheres atuando sobre um povo indígena numeroso e socialmente aberto ao estabelecimento de alianças matrimoniais com os forasteiros. Essas condições se produziram mais tipicamente entre os portugueses e os tupis (também chamados tupinakins ou tupinikins) de São Vicente e do planalto de Piratininga, no leste do atual estado brasileiro de São Paulo, no século XVI; entre os espanhóis e os guaranis do Paraguai, nos séculos XVI e XVII; e entre os portugueses e os tupinambás no norte dos atuais estados brasileiros do Maranhão e do Pará, no século XVII. (Rodrigues, 1996, p. 6)

Dietrich (2014) aponta que uma linha de tradição sobre esse conceito começou com o jesuíta João Daniel (1722-1776), que distinguiu “a língua geral antigas dos tupinambases” ou “verdadeira língua geral” e a “língua geral corrupta” (Daniel, 2004, p. 226-227; Barros, 2003, p. 87) falada na Amazônia na época da sua estadia na região. Assim a definição de Rodrigues, que se ajusta à realidade socio-histórica brasileira e paraguaia, segundo Dietrich (2014), difere do significado usado na história do espanhol da América, que se refere à língua indígena de uso “geral” em grandes territórios.

Antes da publicação do artigo de Aryon Rodrigues, porém, o termo se empregava com pouca preocupação teórica. Nobre (2011, p. 57-80), inclusive, dá o panorama de obras de historiadores da língua portuguesa, de Serafim da Silva Neto até Joaquim Mattoso Câmara e Ivo Castro, que “pensavam na identidade do tupinambá original com a língua geral como ‘construção’ dos missionários ou, simplesmente, não faziam reflexões teóricas sobre a natureza do fenômeno” (Dietrich, 2014, p. 593).

Rodrigues (1996, p. 1996, p. 10-11) defende que “não houve, em nenhum momento, interrupção na transmissão dessas línguas, isto é, não ocorreu mudança de língua (*language shift*) nos descendentes mestiços europeus e das índias tupis-guaranis”. Para Dietrich (2014), isso já seria o suficiente para desmentir a crítica de Nobre (2011, p. 93), que aceita a ideia da “não-interrupção” na formação da LGP, mas, nas suas considerações, houve interrupção na transmissão da língua no caso da formação da LGA. Para Nobre (2011, p. 93), ela “se delineou quando os jesuítas iniciaram a catequização sistemática das centenas de povos tapuias, falantes de centenas de línguas diferentes”.

A inclusão de uma perspectiva que aborda a formação de uma língua geral no sul da Bahia é mais fortemente vista em Nobre (2013), já que o próprio Rodrigues inclui também a existência de três línguas gerais diferentes – perspectiva seguida por Veiga (2015). Dietrich (2014, p. 595), então, destaca que essa objeção não se coaduna com a definição de Rodrigues, pois a LGA era a língua materna dos mestiços do Maranhão e do Pará, não a dos indígenas que a aprendiam como segunda ou terceira língua. Assim, “o

fato de os jesuítas terem usado a LGA para a sua catequese não tem relação com a existência desta na população não-indígena, só reflete a extensão da LGA na Amazônia brasileira daquela época”.

O maior problema, porém, é no que se refere à existência da LGBa. Rodrigues (1996) explica o fato de não se ter constituído uma língua geral “do Rio ao Piauí” em virtude da falta, na costa da Bahia e de Pernambuco, de “aliança matrimoniais em grande escala com os respectivos povos tupis-guaranis”, pela presença de portugueses, pelas ações de extermínio dos indígenas e pela chegada das grandes massas de africanos.

Nobre (2011, p. 103-163) tentou refutar esta afirmação argumentando, com dados, sobre a existência histórica de falantes de língua geral em um certo número de vilas e aldeias do sul da Bahia. Numa defesa a Rodrigues (1996), Dietrich (2014, p. 595) argumenta que, “ainda que seja inegável este fato histórico, a observação de Rodrigues não perdeu validade porque ele insistira em situações de ‘miscigenação em grande escala de homens europeus com mulheres indígenas’”. O autor também destaca a possibilidade de mudança da definição de Rodrigues no sentido da existência de grupos menores de falantes de língua geral entre o Rio e o Piauí, mas considera a situação da língua geral observada no sul da Bahia como um fato sociolinguístico, e não linguístico. E isto porque não temos documentação linguística da possível LGBa.

Nobre (2013) segue defende, então, uma modalização dos pontos levantados por Rodrigues (1986; 1996), a exemplo da afirmação categórica da inexistência de uma língua geral entre o Rio de Janeiro e o Piauí e ausência de uma população mameluca bilíngue em Tupinambá L1/ português L2 para que se formasse uma língua geral na região costeira onde se insere o sul da Bahia. Para isso, o autor se baseou nos dados sócio-históricos encontrados nas cartas XIV e XV de Vilhena (1969) e na exposição dos dados sócio-históricos encontrados por Mott (1988).

Assim, Nobre (2013) faz menção a um documento de 1794, “referente à Vila de Olivença, no sul da Bahia, no qual Antônio da Costa Camelo é requerido no sentido de prover Manuel do Carmo de Jesus no cargo de Diretor de Índios, alegando como principal razão para tal o fato “[...] de ser criado naquela vila e saber a língua geral de índios para melhor saber ensinar”” (Lobo; Machado Filho; Mattos e Silva, 2006, p. 609). Também a outros três documentos que, igualmente, fazem referência a uma língua geral no sul da Bahia, mais especificamente nas Capitanias de Ilhéus (à qual pertencia Olivença) e de Porto Seguro.

Assim, o autor questiona:

[...] se, segundo Rodrigues (1996), no território costeiro compreendido entre o Rio de Janeiro e o Piauí, não houve condições sociolinguísticas para a formação de uma língua geral, então como explicar a referência explícita, constante nos documentos expostos, a uma língua geral falada nas Vilas de São José da Barra do Rio de Contas (atual Itacaré), Olivença, Barcelos, Santarém (Serinhaém), Aldeias de Almada e São Fidélis – na Capitania de Ilhéus – e na Vila do Prado – na Capitania de Porto Seguro? (Nobre, 2013, p. 307)

Nobre (2013), então, segue argumentando que, como consequência de tal questionamento, há indícios de que a afirmação de Rodrigues (1996) não estaria de acordo com a sócio-história linguística do Brasil colonial sobre as línguas gerais. A justificativa para essa oposição a Rodrigues fundamenta-se em duas linhas de pesquisa.

A primeira, proposta por Lobo, Machado Filho e Mattos e Silva (2006, p. 609-630), em seu artigo intitulado *Indícios de língua geral no sul da Bahia na segunda metade do século XVIII*, levanta a possibilidade de que o conceito de LG de Rodrigues (1996) condiciona a formação de uma língua geral à formação prévia de uma população mameluca e, segundo os autores, não houve, na Vila de Olivença (Capitania de Ilhéus), condições demográficas para a formação desse tipo de população, embora tenha havido relatos de uma língua geral na região.

Assim, os autores, a partir do documento de 1794, onde há a menção explícita de uma língua geral na Vila de Olivença, apresentam esboços de possibilidades conceituais para a LG que divergem da noção construída por Rodrigues (1996) e que partem, também, de uma análise de dados demográficos da Vila de Olivença, os quais atestam que, naquela região, não houve, de fato, condições demográficas para se formar uma população mameluca, nos termos defendidos por Rodrigues (1996) para a formação de uma língua geral. Nobre (2013, p. 308), portanto, interroga: “se não se apresentaram as condições sociolinguísticas constatadas por este autor, como explicar que, ainda assim, se houvesse formado uma língua geral na Vila de Olivença?”

Assim, o autor, mais uma vez, destaca a contribuição de Lobo, Machado Filho e Mattos e Silva (2006) ao concluírem que, se houve precisão na afirmação de que não se formou uma população mameluca relevante na região costeira compreendida entre o Rio de Janeiro e o Piauí, o mesmo pode não ter ocorrido ao condicionar-se o surgimento de uma língua geral à existência de tal população mestiça, pois, na Vila de Olivença, de acordo com os dados demográficos apresentados pelos autores, não existiu uma

população mameluca relevante, mas, ainda assim, houve a formação de uma língua geral (Lobo; Machado Filho; Mattos e Silva, 2006, p. 628)

Assim, na perspectiva de Lobo, Machado Filho e Mattos e Silva (2006), a partir dos dados demográficos, o conceito de língua geral de Rodrigues (1996) deveria ser ampliado, considerando a possibilidade de formação de uma língua geral em populações não-mamelucas, pois só assim a definição de Rodrigues (1996) poderia dar conta da realidade linguística que se apresentou na Vila de Olivença.

A segunda linha de pesquisa, por sua vez, “não considera que a possível imprecisão factual esteja no conceito de língua geral de Rodrigues (1996) [...], mas, sim, na sua afirmação categórica de que, na faixa costeira compreendida entre o Rio de Janeiro e o Piauí, não houve as condições sociolinguísticas [...] necessárias para a formação de uma língua geral” (Nobre, 2013, p. 309). Por essa via, a formação de uma população mameluca seria a condição para a existência de uma língua geral, considerando a transmissão do tupinambá L1, mantendo-o em situação de bilinguismo com o português L2.

Assim, por inferência, na Vila de Olivença, a formação de uma língua geral teria se dado porque, ao contrário dos dados demográficos levantados por Lobo, Machado Filho e Mattos e Silva (2006), se configurariam não só nessa localidade, mas também nas Vilas de São José da Barra, Rio de Contas (atual Itacaré), Barcelos, Santarém (Serinhaém), Aldeia de Almada e São Fidélis (Capitania de Ilhéus), e na Vila do Prado (Capitania de Porto Seguro), as condições sociolinguísticas de miscigenação, com homens “brancos” e mulheres indígenas tupinambás.

No entanto, segundo Nobre (2013, p. 310), o que nos levaria a considerar a possibilidade de os dados demográficos apresentados por Lobo, Machado Filho e Mattos e Silva (2006) não corresponderem à realidade da região em questão? Os autores responsáveis pelo levantamento dos dados informam que os dois recenseamentos utilizados como fonte de dados demográficos foram elaborados entre 1735 e 1805, um período em que os recursos estatísticos disponíveis para a coleta de dados não eram tão precisos, já que, ainda hoje, há uma margem de erro para a coleta de dados dessa natureza.

Além disso, Nobre (2013) comenta a estranheza de um número tão pequeno (76) de recenseados, o que induz à crença de que muitos habitantes da Vila de Olivença teriam ficado de fora dos recenseamentos apresentados. Outro ponto a ser considerado é que,

mesmo os poucos que se consideravam “brancos” nos recenseamentos da época, poderiam ser, na verdade, mamelucos e não teriam assumido essa condição – como no caso de um recenseamento feito durante a Devassa da Inquisição, sobre a Capitania de Ilhéus e apresentado por Mott (1988), onde aparece listado apenas um indivíduo, em toda a capitania, como mameluco.

A despeito das outras documentações tratadas por Nobre (2013), cumpre mencionar, mais uma vez, a minha dissertação de mestrado, a qual utilizou como objeto de estudo o manuscrito *Plano de Civilização dos índios da Capitania da Bahia*. Considerando as vias de pesquisas dadas pelo autor, citadas anteriormente, o militar Barreto narra a existência de uma língua específica em dois momentos:

[fol. 15r] **fallaõ aquella lingoa commua e| de que os Iesuitas composeraõ⁶**, e ordena=| raõ huma arte. [espaço] Saõ os mais principa=| es entre elles e mais conhecidos, em primeiro| lugar os Igbirayras, a que nós os Portue=| zes chamamos Bilreiros, por serem estes| de bons costumes, e uzarem da monogamã,| e não comerem carne humana, tendo su=| geiçaõ a huma sô cabeça. [espaço] Depois destes| saõ os Tobayarar, Tupís, Tupinambás, Tu=| pinaquís, Tupigoães, Tumiminós, Amoig=| pyras, Araboyaras, Rariguoáras, Potigo=| áres, Tamoyos, de que hê principal o grande Gato,| e Carijós; e todos estes, e outros menos conhe=| cidos, fazem huma sô especie, ainda que,| vivaõ dispersos em differentes Lugares.|| Entre estes Indios os que per=| tendem ser os primeiros povoadores, chamados| a seu modo Senhores da terra saõ os Tabo=| (Santos, 2016, p. 86)

Aqui, ele faz referência a uma “língua comum” que os jesuítas compuseram e que é falada em toda costa do Brasil pelos “índios mansos”. Em outro momento, o militar faz referência explícita à existência de uma *língua brasílica* na Vila de Vitória, na Capitania do Espírito Santo, que deveria ser usada na instrução:

[fol. 90r] **para auxiliar aos Missionarios que forem| nomeados para este fim, para que senaõ exponhaõ nem| queiraõ sô a força de persuazaõ fazer-se| entender de huns homens sem arte, nem| policia alguma, e para isso se devem instru=| ir na lingua geral Brasilica⁷**, aprenden=| do-a, como com facilidade o podem fazer| por haver ainda muitas pessoas, que a naõ| ignoraõ, e assim poderaõ melhor intimar| aos gentios, com aquella força, e fê, que pede| a sua pouca crensa; porem logo que se| forem aldeyando, os que se reduzirem ao| gremio, se lhe deve hir pouco a pouco en=| sinando o idioma portuguez, e não como| costumavaõ os Iesuitas de os fazer intei=| ramente ignorar esta lingua, para que não po=| dessem ser entedidos mais que delles, por se=| rem os unicos que fallavaõ a sua natural linguagem.|| Os Padre que // (Santos, 2016, p. 115)

⁶ Destaque nosso.

⁷ Destaque nosso.

Na primeira manifestação, como vimos, o militar – que, inclusive, transitou com bastante frequência entre a Bahia, o Rio de Janeiro, Lisboa e o sul do Brasil (Rio Grande de São Pedro e Colônia do Sacramento), atuando como “agente civilizador” (Santos, 2016) – atesta a presença de uma língua comum na Costa. Aquilo que se entende, no termos defendidos por Anchieta (1990), como uma espécie de “língua geral”

Na perspectiva de Rodrigues (1996), essa língua geral não deve ser considerada como “geral” do ponto de vista de contato, mas no sentido da amplitude; e, nesses termos, tal língua tinha o Tupi Antigo como base, sendo também chamada de *língua brasílica*, denominação que podemos observar na segunda referência que o militar faz. Em suma, o autor defende a inexistência de uma língua geral do Rio de Janeiro ao Piauí por:

[1] A costa de São Paulo e a costa do Maranhão e Pará foram, no século XVI, os extremos meridional e setentrional do domínio português no Brasil e ficaram mais distantes da sede da administração colonial, situada centralmente em Salvador, na costa da Bahia;

[2] Como consequência do exposto acima, aquelas áreas receberam inicialmente menos imigrantes europeus que a área central, especialmente Bahia e Pernambuco, onde a imigração portuguesa foi mais continuada, inclusive com o estabelecimento de famílias já formadas;

[3] [Por esse motivo,] nas áreas centrais da costa não se produziram as situações de intensa mestiçagem com os povos tupiguaranis ali estabelecidos que permitiram, em São Paulo e Maranhão e Pará o predomínio da língua indígena sobre a portuguesa;

[4] [Na costa central, área compreendida entre o Rio de Janeiro e o Piauí, os índios foram] alvo de ações de extermínio por parte dos portugueses já no século XVI. Só o governador Mem de Sá exterminou os tamoios ou tupinambás do Rio de Janeiro [...], promoveu a guerra contra os Kaetés da Bahia e de Pernambuco [...], e fez guerra também contra grande parte dos tupinambás da Bahia;

[5] Em Pernambuco, os dois primeiros donatários, Duarte Coelho e seu filho do mesmo nome, despovoaram inteiramente a costa. Os temiminós das capitanias de Ilhéus e Porto Seguro foram igualmente eliminados;

[6] [...] as terríveis epidemias de varíola (bexigas) que reiteradamente grassaram na Bahia e regiões vizinhas no século XVI dizimaram os índios que estavam em contato pacífico com os portugueses, seja como catecúmenos, seja como escravos;

[7] O resultado desses e outros acontecimentos foi a rapidíssima redução da população indígena, à qual se contrapôs uma maciça importação de escravos africanos e a continuada imigração de portugueses (Rodrigues, 1996, p. 5)

Entretanto, a qual língua, então, o militar Barreto se refere, numa oposição à Língua Portuguesa, ao sugerir o uso de uma dita “língua brasílica” para ensino do próprio idioma Português, no fragmento citado acima que trata da Vila de Vitória no Espírito Santo?

Aqui, então, é necessário atentar-se não tanto para concepção da própria noção de língua geral – pelo que Rodrigues (1996) faz questão de dizer que poderia se tratar de uma expressão referente à amplitude do uso, como dito –, mas à oposição documental, datada do século XVIII, que considera a existência de uma língua que deveria ser usada para mediar o próprio ensino do Português numa área negada por Rodrigues (1996), em virtude dos pré-requisitos colocados por ele.

Mas, ainda que atentemos às condições sociolinguísticas próprias definidas por Rodrigues, além de todos os argumentos que Nobre (2013) levanta em prol de uma modalização do conceito de língua geral estabelecido por Rodrigues (1996), tem-se, no mesmo documento sobre a civilização dos indígenas da Bahia do século XVIII, os seguintes contextos:

[fol. 70r] forma, ainda sem despeza da Real Fazen=| da.|| Os Parrochos que foraõ esco=| lhidos não sendo entaõ os mais habeis nem| os de mais prestimo, nem hum proveito tem| tirado na conversão da quellas almas desgarr=| radas. [espaço] Eu posso attestar o que me con=| tou hum Parrocho destes, pertendendo eu| saber delle a razão de haverem **taõ poucos| cazamentos na quellas Freguezias**, havendo| aliaz huma grande propagação em pecca-| do: ao que me respondeo, que na sua Fregue=| zia / e entendia que **em todas as outras era| o mesmo / se não promoviaõ os cazamen=| tos, por se não poder vedar, que a consumação| do matrimonio no primeiro dia em que caza=| vaõ os Índios não fosse feita na presença| de todos os parentes dos dous consortes, pro=| curando para isso os mátos, e no citio mais ac=| comodado punhaõ em pratica aquelle barbaro**⁸ // (Santos, 2016, p. 107)

[fol. 78v] Santos com seus Laços de fitas, de varias| cores, a que são muito inclinados. [espaço] Hum dos| principaes objetos, em que tambem os Par=| rochos devem ter hum grande cuidado,| **hê em promover o Sacramento do Ma=| trimonio, não permittindo que vivaõ em| mancebia, nem que sejaõ feitos ao modo gen=| tilico, com superstiçãoens, danças tôrpes, e obscenas, e huma publica consumação**,| o que deveraõ, punir exemplarmente quando tal suc=| céda, porque huma vez que elles sevejaõ, por| hum lado tractados com docilidade, sucê=| go, e brandura, por outro elles conheceraõ| tambem quando se fazem Reos merecedô=| res de serem punidos; e feito o exemplo| no primeiro que transgredir, com aquellas penas| que a mim me não toca arbitrar, nem exa=| minar as que devem ser proprias para isso, elles| se conteraõ para o futuro. [espaço] (Santos, 2016, p. 110)

[fol. 88r] mesma conta, mas athê nos reputaõ| usurpadores do seo Paíz.|| Por esta causa, não sô fica| visivel a necessidade de entrar-mos nes=| ta emprêza com brandura, efficacia e pru=| dencia, mas com muita consideração.|| A primeira causa em que se deve| cuidar logo, hê em regular, e pôr em ou=| tro pê em que não está o Corpo de Tropa,| que foi creado, e existe na Capitania da Ba=| hia, denominado do gentio barbaro, po=| is ainda que se acha com Capitam mor, Of=| ficiaes, e soldados, que pela mayor par=| te são Índios mansos, **ou mestiços**⁹; com| tudo está reduzido a decadencia e desfal=| cado, cobrando os que existem sômente os soldos| sem exercicio algum, e sem aquelles co=| nhcimentos que devem ser proprios do // (Santos, 2016, p. 114)

⁸ Destaque nosso.

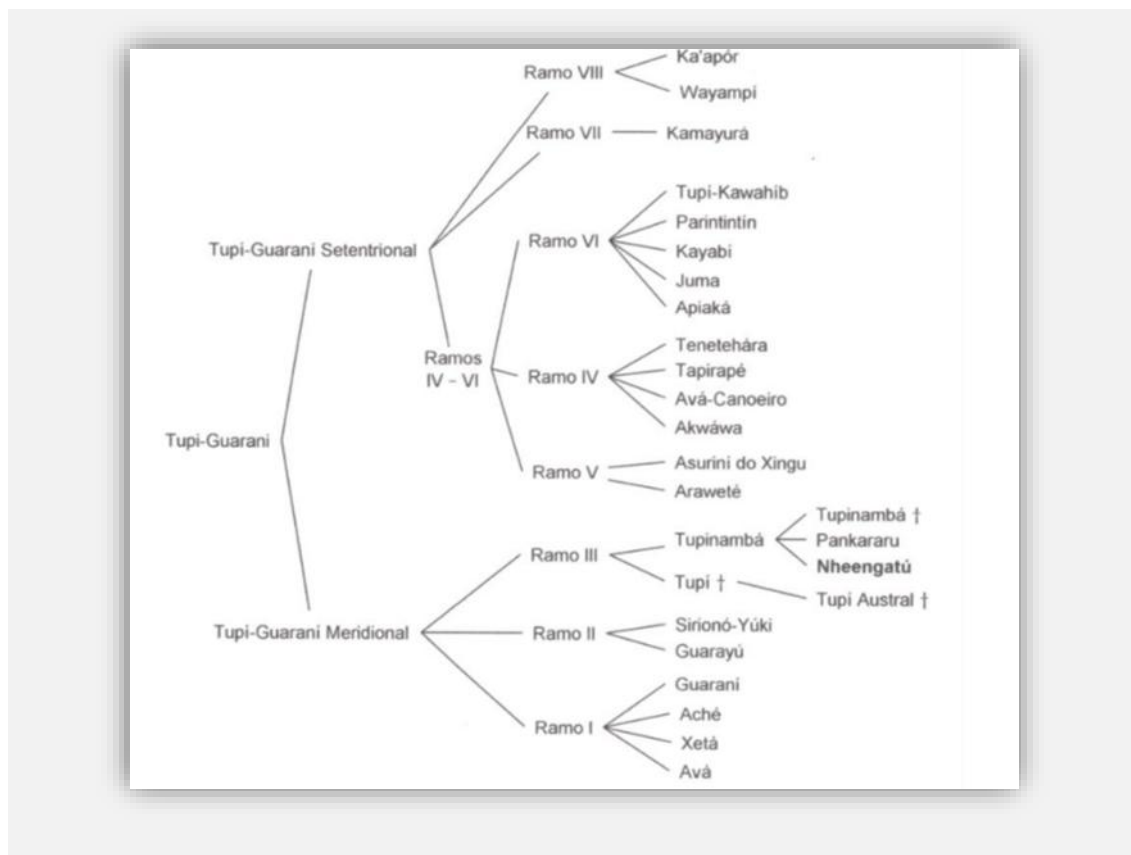
⁹ Destaque nosso.

Neles, notamos que, a miscigenação, uma política que fazia parte do projeto pombalino, estava em franco acontecimento, ainda que não houvesse documentação para atestar os casamentos. Por esses indícios atestados na documentação, percebemos que os casamentos eram “consumados”. Além disso, embora poucos, aqueles reconhecidos com certidão, aconteciam e isso já advoga a favor da existência de uma população mestiça, também mencionada pelo capitão Barreto, na Capitania da Bahia, agora em específico.

Também, em todo o *Plano de Civilização da Capitania da Bahia*, há um longo relato da presença de indígenas “mansos” e “bravos”, o que contraria a afirmação categórica de Rodrigues (1996) sobre a dizimação total desses povos nesse período e dentro desse contexto local. Essa realidade é atestada não apenas para a Capitania da Bahia, mas também para a Vila de Vitória, na Capitania do Espírito Santo, no século XVIII. Até porque, se não houvesse mais população indígena na Bahia, qual seria o sentido de se escrever um plano de civilização desses povos?

(2) *A LG definida nos moldes da linguística histórica-comparativa*

A maioria dos linguistas defende que a LG deve ser inserida na teoria da árvore genealógica (*Stammbaumtheorie*), na perspectiva de Shleicher (1861), classificando as línguas em famílias. Assim, seguindo a tradição dos estudos indigenistas brasileiros, as famílias linguísticas com características comuns mais antigas, como o Macro-Jê e o Tupi, são chamadas de “tronco”. Nesse sentido, Rodrigues (1985) fornece as bases para a composição de uma ligação genética das línguas, como observamos abaixo:

Figura 6: Nheengatu e o Tupinambá na família Tupi-Guarani

Fonte: Rodrigues (1985)

As autoras Oliveira, Zanoli e Módolo (2019) também destacam o fato de que há, na literatura sobre a área, propostas que defendem que o *nheengatu* (LGA) seja uma expressão moderna da língua Tupi. Isso é o que atesta Navarro (2012), que defende a existência de uma língua Tupi que foi falada até o final do século XVII; se transformou na LG; e que, por sua vez, na perspectiva do autor, gerou dois ramos principais: o amazônico e o meridional.

(3) A LG e a hipótese mameluca

Para alguns autores, a LGP, a LGBa e a LGA surgem como produto de culturas mestiças – ideia defendida pelo próprio Couto de Magalhães (2013 [1876]). Desse modo, Rodrigues (1996), e outros, consideram que essas línguas passaram a ser: i) língua de uma

população mameluca (homens “brancos” e mulheres indígenas tupis e tupinambás) –; e ii) a língua de filhos de famílias de europeus.

Tais comunidades sócio-histórico-linguísticas e bilíngues – para Rodrigues (1996), uma característica de alguns homens europeus no Brasil colônia –, falante de Tupinambá como L1 – o qual Rodrigues (1996, p. 7) destaca como distinta da língua Tupi – e de Português como L2, teriam se formado em duas frentes geolinguísticas: na histórica área da Capitania de São Vicente e na região amazônica, no norte do Brasil.

(4) *A LG referindo-se a línguas africanas faladas no Brasil colonial*

As autoras destacam que o termo pode se referir a uma diversidade linguística e social do período colonial, como também defende Nobre (2016), ao apontar, como exemplo, a *LG da Mina* – uma língua franca africana que era falada em Minas Gerais, no século XVIII.

(5) *A LG e o Português colonial brasileiro em sua variedade popular*

Nobre (2016, p. 47) se refere ao *português colonial brasileiro* “em sua variedade popular, estruturalmente modificado pelo contato com línguas indígenas e africanas”. Nesse sentido, o *português vernacular brasileiro* é encarado como uma consequência das mudanças ocorridas no português do período colonial, que poderia ter resultado em um processo de *language shift* moderado/forte, mas que originou o que se denominou LG – uma língua próxima ou relativamente próxima à língua alvo – *target language* – (o português, no caso).

Essa concepção, atrelada à hipótese sobre o português brasileiro, fortaleceu a tese de que o PB teria uma origem crioula (Guy, 1981a, 1981b) e que seria, em seu estado atual, um resultado do fenômeno de descrioulização. Tarallo (1993), por outro lado, argumenta que, caso o português falado no Brasil fosse resultado de uma descrioulização, estaríamos, então, nos aproximando da variedade de Português-alvo, isto é, o Português de Portugal, o que não se pode conceber já que o PB e o PE encontram-se em grande distância sintática.

(6) A LG e as propostas ligada à Linguística de Contato

Seguindo a perspectiva de Rodrigues (1996), a contribuição mais significativa sobre propostas que vinculam a LG à Linguística de Contato, o autor aponta que umas das possíveis análises direcionadas à LG seja a de tratá-la como “[...] um *pidgin* ou um crioulo originado no contacto de portugueses com índios de diferentes afinidades [...], ou mesmo formado já antes da chegada dos europeus” (Rodrigues 1996, p. 6).

Assim, carecendo, nas palavras do autor, de fundamento histórico e linguístico, ele opta por caracterizar a LGP e a LGA fora do conjunto das línguas *pidgins* e crioulas por entender que “[...] não houve, em nenhum momento, interrupção na transmissão dessas línguas, isto é, não ocorreu mudança de língua (*language shift*)” (Rodrigues 1999, p. 10).

4.2.1 A formação da Língua Geral Amazônica

Como visto, as flutuações no conceito sobre o termo *língua geral* derivam muito da confusão proveniente da própria documentação histórica. Admite-se aqui, no entanto, segundo a perspectiva de Rodrigues (1996), ser este um termo técnico que deve servir para designar uma categoria de línguas faladas na América do Sul, nos séculos XVI e XVII, em condições próprias de contato entre europeus e povos indígenas.

Por outro lado, considera-se também, aqui, as contribuições de Argolo (2013) quanto à formação das línguas gerais, destacando igualmente que há indícios mais que suficientes para uma modalização daquilo que Rodrigues (1996) considerou com relação à costa do território brasileiro: uma população mameluca; menção à existência de uma outra língua, até o século XVIII, que deveria ser incentivada para mediar o ensino da língua portuguesa; e a presença de indígenas, a ponto de se promover um plano específico para os que estavam na Bahia setecentista.

Relativamente à LGA, segundo Freire (2004), ela começa a constituir-se historicamente quando os primeiros colonos portugueses chegados ao Pará, em 1616, passaram a ter contato com o Tupinambá falado na costa do Salgado até a boca do rio Tocantins. Desse contato, foi possível estabelecer um nível de comunicação aceitável, já

que, em Pernambuco e Maranhão, onde estavam, se falava a chamada *língua brasílica*, já mencionada, que era usada na catequese do litoral, desde o século XVI, pelos jesuítas.

Assim, o quadro linguístico que delineou as políticas linguísticas, a partir de então, contava com: i) os recém-chegados (colonos, missionários e indígenas bilíngues) que já falavam uma língua de base Tupi; e ii) os falantes do Tupinambá, uma língua também de origem Tupi. Dessa forma, o Tupinambá acabou por exercer a função inicial de língua de comunicação entre os portugueses e os vários povos tupis da região; tornando-se, aos poucos, a língua materna dos mestiços.

Dada a sua constituição e expansão, o Tupinambá, então, passou a ser conhecido, no período colonial, como *Língua Geral* e foi “reajustando-se e diferenciando-se do tupinambá falado pelos índios que sobreviveram até meados do século XVIII” (Rodrigues, 1996, p. 10). Tal qual aconteceu no litoral, os filhos dos portugueses que nasciam no Pará e eram criados por amas indígenas acabavam adquirindo a Geral como primeira língua, tornando-se lusofalantes somente “depois de andarem alguns anos na escola e tratarem com os Portugueses que vão de Portugal”, de acordo com a avaliação do padre Jacinto de Carvalho (Reis, 1961, p. 495).

Para Freire (2003), no entanto, ainda não estão claras as razões para a consolidação da LGA na Amazônia. Porém, para o autor, talvez a sua expansão e consolidação tenham sido facilitadas pela filiação ao Tupi de grande parte dos povos que habitavam as vias fluviais de mais fácil acesso na época da Conquista; além das afinidades culturais, designadas por Von Martius como “espiritualidade prática” (Spix; Martius 1981, T.3, p. 44). A espontaneidade da reprodução também pode ter sido um fator facilitador; no entanto, Freire (2004) destaca o fato que esta passou a ser sistematizada e planejada através da catequese.

A catequese em Tupinambá, então, passa a ter um papel importante na difusão dessa língua – o que também aconteceria posteriormente, com a pré-escolarização para expansão da Língua Portuguesa –, e isso acabou por criar uma língua considerada por Freire (2004, p. 52) como supraétnica: “válida para todas as etnias que eram, compulsoriamente, integradas ao sistema colonial”. Por outro lado, Freire (2004) também relembra o estranhamento do governador João Maia da Gama, no século XVIII, sobre a situação dos indígenas de filiação não-tupi, que eram trazidos para as aldeias de repartição próximas a Belém: “se esse índio desconhecia tanto a língua portuguesa como a Geral, se

ambas eram diferentes de sua língua materna, se ele teria que adquirir uma nova língua, por que então não aprendia diretamente o português?” (Freire, 2004, p. 53).

Embora se saiba pouco sobre o processo e os métodos de reprodução institucional da Língua Geral, o próprio governador descreve a causa para a situação que relatara: “apenas ‘um quarto de hora ou meia’ para aprender o português com o missionário, ‘o resto do dia e da noite passa fallando, conversando e tractando com os outros Índios e, com este contínuo tracto, aprende mais facilmente a língua geral que a portuguesa, e assim parece justo que na geral se doutrinem [...]’” (Reis 1961, p. 495 *apud* Freire, 2004, p. 53).

Fato incontestável é que a LGA se tornou a língua oficial das missões da Amazônia, passando a ser usada de forma sistematizada pelos indígenas de diferentes famílias linguísticas e a partir da sua gramatização. Por outro lado, Freire (2004) ressalta que seu uso no ensino das “primeiras letras”, até meados do século XVIII, representou uma “imposição arbitrária do poder colonial” para os grupos de filiação linguística não-tupi.

Mas o autor também supõe que, dados os resultados posteriores, muitos desses indígenas menores, que foram arrancados cedo de suas famílias para viverem nas aldeias de repartição, acabaram participando de práticas sociais, pelo resto de suas vidas, em Língua Geral. Sobre os indígenas escravos, o autor ressalta que a aprendizagem, mesmo precária, continuava a se dar “por imersão”, isto é, em contato com outros indígenas ou com seus proprietários portugueses, que também falavam a Língua Geral fluentemente.

Dessa forma, o quadro descrito por Freire (2004) constata a existência de uma situação de multilinguismo, transformada pelos colonizadores portugueses a partir do momento em que línguas indígenas de diferentes famílias e troncos passaram a ter contato sistemático com uma delas – o Tupinambá – e com uma língua europeia – o Português.

4.2.2.1 Mudanças pelo contato

Ainda que a Linguística de Contato conte com um arcabouço metodológico próprio, Freire (2004) argumenta que a noção de “línguas em contato” ainda é de difícil definição, considerando o caráter abstrato das noções de língua; e que a natureza, a escala e o grau desse contato devem ser definidos a ponto de determinar quem entra em contato com quem.

Considerando o caráter sócio-histórico de nossa análise, assim como Freire (2004), importa-nos as condições sociais e históricas desse processo. Daí a necessidade de se discutir o bilinguismo como prática individual de cada falante em duas línguas; mas também o bilinguismo social, caracterizado no fato de uma sociedade funcionar com mais de língua, mesmo que nem todos os indivíduos que a compoñham sejam bilíngues (Heye, 1999, p. 8). É no reordenamento linguístico, segundo Freire (2004), que se atribui lugar e função para cada uma das línguas, considerando os interesses sociais, políticos, econômicos e ideológicos – elementos que podem explicar a desigualdade funcional entre elas.

Numa situação de contato, o bilinguismo é, fatalmente inevitável (Thomason; Kauffman, 1988), e isso gera mudanças linguísticas nos falantes e nas estruturas das línguas envolvidas. Essas mudanças podem operar tanto no empréstimo de léxico quanto naquilo que se entende por *efeito do substrato*. Dessa forma, embora existam relatos históricos de João Daniel sobre a ausência de mudanças significativas, em virtude da não penetração da religião, da língua e dos costumes europeus nos “corações e nas mentes” dos ex-alunos das escolas de ler e escrever, a história mostra mudanças substanciais que ocorreram nos dois primeiros séculos de colonização, afetando a Língua Geral, as línguas indígenas e o Português, além da própria relação entre elas (Freire, 2004, p. 58).

O panorama desenhado por Freire (2004, p. 58) o conduz a questionar: “até que ponto o uso da LGA estava se universalizando na Amazônia? Como estava ocorrendo esse processo? Quais as suas consequências nos planos histórico e linguístico?”.

O autor argumenta que, entre os séculos XVII e XVIII, a Língua Geral se expandiu a tal ponto que manteve contato com as línguas indígenas da família Tupi e as de outros troncos linguísticos (Aruak, Tukano, Pano), faladas por indígenas que foram incorporados ao sistema colonial pelas aldeias de repartição. Também com o Português, falado em menor número pelos colonos militares, funcionários e missionários; com outras línguas europeias de fronteira, como o espanhol, o holandês, o inglês, o alemão e o francês; e, em menor escala, com as línguas africanas trazidas com os negros escravos a partir do século XVII. Assim, foi a língua de contato dos aldeados, da população mestiça e cabocla e dos muitos filhos de portugueses e de escravos de origem africana.

É, portanto, no século XVIII, marco temporal do códice 69, que ela se consolida como uma língua de comunicação interétnica, e seu uso passar a ser incentivado nas escolas, na catequese, na igreja, nas aldeias e nas relações de trabalho. O contato constante

com outras línguas, assim, contribuiu para que a LGA sofresse mudanças que a distanciaram do Tupinambá original, sendo esta a explicação para o fato de alguns linguistas preferirem atribuir a ela nomes diferentes, como *tupinambá colonial* e *tupinambá tribal* – faladas em momentos e locais diferentes da região.

Considerar essa afirmação é importante pois ajuda a entender, também, os motivos pelos quais a documentação do século XVIII faz referência a uma “língua geral verdadeira” – que corresponde ao falar dos indígenas tupinambás, usado em aldeias, práticas religiosas, orais e escritas (catecismo, confissões etc.) – e a uma “língua geral corrupta”, de uso oral e falada por um grupo linguisticamente heterogêneo, formado por indígenas não-tupi e por portugueses não nativos de Língua Geral.

De acordo com registros do padre João Daniel (Barros, 2000, p. 15), até meados do século XVIII, os falantes da *língua geral corrupta* não entendiam os falantes da variedade usada nos catecismos por causa das várias mudanças. Freire (2004) descreve que essas mudanças ocorreram em dois momentos: entre os séculos XVII e XVIII, quando o Português era minoritário e a LGA a principal língua da Amazônia; e no século XIX, quando cada vez menos falantes de uma outra língua aprendia a LGA, enquanto cada vez mais falantes de LGA aprendiam o Português, o que resultou num aumento do grau de bilinguismo (Moore; Facundes; Pires, 1993).

Quanto ao sistema, as mudanças na variante *tupinambá colonial* podem ser percebidas nos níveis fonológico, morfológico e lexical, segundo Borges e Nunes (1998). Fonologicamente, integrou as consoantes /b/, /d/ e /g/, que eram ausentes no *tupinambá tribal*, e excluiu, em alguns casos, algumas realizações de consoantes nasais, presentes na variante tribal. Morfológicamente, ocorreu redução tanto do sistema de demonstrativos, que ficaram restritos a duas formas, quanto do sistema de pronomes pessoais. Sobre o sistema verbal, nesse nível, houve uma simplificação.

Lexicalmente, enfim, foram incorporados muitos termos emprestados do português, mas também de outras línguas europeias de convívio, havendo algum exagero, segundo relata Freire (2008, p. 60), na dimensão dessa influência. Os empréstimos do Português, por sua vez, aconteceram a partir da substituição de palavras tradicionais – “como é o caso do termo *ipéca*, que desapareceu, substituído por pato – seja para nomear conceitos, funções e utensílios novos e, neste caso, sofreram adaptações fonéticas/fonológicas: cavalo (*cauarú*), cruz (*curusá*), soldado (*surára*), calça, ceroula

(*cerura*), porco (*purucu*), livro (*libru* ou *ribru*), papel (*papéra*), amigo, camarada (*camarára*)” (Freire, 2008, p. 60).

A LGA, portanto, ampliou o valor semântico de palavras Tupinambá para suplantar uma nova realidade, nomeando com nomes Tupi certos objetos e animais domésticos que eram desconhecidos pelos indígenas, mas com os quais havia analogias: “boi e vaca foram denominados de *tapyira* (anta); cachorro passou a ser designado pela palavra *iauára* (onça); tesoura recebeu a denominação de *piranha* (peixe); vinho foi chamado de *cauín*” (Freire, 2003, p. 60). Também incorporou noções novas referentes a tempo, espaço e distância e, devido ao contato e às mudanças, alguns autores do início do século XX sustentaram que o produto foi uma nova língua simplificada, adaptada, disciplinada pelos jesuítas e documentada em gramáticas, dicionários e catecismos, surgindo o termo *tupi jesuítico* – um uso impróprio, na perspectiva de Freire (2004), para designá-la.

Diante de uma documentação escassa que seja específica para a análise do contato linguístico, Freire (2004) considera que os dados da força de trabalho indígena, nas aldeias de repartição, permitem sugerir que, nas primeiras décadas da história colonial, a LGA conviveu com algumas línguas indígenas, aparentadas ou não, e isso levou os indivíduos a desenvolverem característica de algum tipo de bilinguismo – ao passo que Rodrigues (2002) defende a existência de um bilinguismo parcial com o Português, sendo a maioria monolíngues na língua geral e a minoria bilíngues. Inevitavelmente, esse tipo de contato deve ter produzido mudanças, também, e em diferentes níveis, nas chamadas *línguas minoritárias*.

A noção de *língua minoritária*, então, é ampla e de aplicação diversa. Este trabalho, no entanto, filia-se à noção de *língua minoritária* usada por Freire (2004), isto é, língua falada por minorias etnolinguísticas (que não são necessariamente minorias étnicas). Essas minorias sobrevivem em ambientes hostis, onde suas línguas são discriminadas enquanto outras são legitimadas pela escola, poder político e administração.

Assim, as gramáticas da Língua Geral estimularam um prestígio que era subsidiado por um alfabeto e por uma escrita que, embora de uso restrito, relegaram as demais línguas às práticas domésticas e à oralidade, em espaços à parte. Como consequência, muitas línguas minoritárias foram extintas, uma vez abandonadas nos seus

usos e funções de língua materna pelos indígenas nascidos nas aldeias de repartição e em virtude do extermínio físico dos próprios falantes.

Por esse motivo, Freire (2004, p. 64) defende que “uma análise da política de mão-de obra no período colonial, realizada através de uma abordagem transdisciplinar, pode revelar muito mais sobre o destino das línguas do que os enfoques tradicionais sobre a política de línguas.”

4.2.2. A questão do português regional

O padre Antônio Vieira, no *Sermão do Ano Bom*, relata a existência das *meias línguas* “porque eram meio políticas e meio bárbaras: meias línguas, porque eram meio portuguesas e meio de todas as outras nações, que as pronunciavam, ou mastigavam a seu modo” (Vieira, T. VII, 165-6 *apud* Silva Neto, 1957).

Nessa perspectiva, uma *meia língua* seria uma denominação proveniente do senso comum e que era usada para designar uma fala “mutilada”, associada a um falante não nativo ou a um camponês iletrado, com competência discursiva limitada. Freire (2004) observa que essa denominação aparece em alguns personagens de Lope de Vega, Quevedo, Calderón de la Barca, Góngora e outros autores dos séculos XVII, “para ser ridicularizada, como uma forma de caracterizar a ‘ilegitimidade’ dessas falas” (Freire, 2004, p. 71). Essa concepção também foi usada na América, onde a designação de *meia língua* passou a indicar “lenguaje balbuciente y elemental, infantil, empleado por el misionero en sus empeños proselitistas” (Solano, 1991, p. 88)

O padre Vieira concebeu o português falado no Brasil, especialmente na Amazônia setecentista, como uma *meia língua*, produto de uma política colonial que propiciou a expansão da LGA e a mediação necessária para que a Língua Portuguesa se tornasse hegemônica na região. Alterando a função de língua franca por mais de três séculos, Brezinger (1993), de forma mais radical, concebe tanto o português quanto a LGA como línguas usurpadoras, por relegarem às línguas minoritárias com o apoio do governo. Nesse processo, no entanto, as duas línguas mudaram – o que levou Freire (2004) a questionar sobre o fim que levou a variante regional da língua portuguesa, para que Vieira a classificasse como “meia língua”. Para Orlandi e Souza (1988), a tentativa era de que se apagasse a influência do Tupi no português. Todavia, do fatídico contato, “as duas línguas, em níveis diferentes, foram-se com efeito, alterando, trocando entre si

elementos, assimilando palavras, segundo a fonética peculiar a cada uma” (Sampaio 1955, p. 122).

Orlandi e Souza (1988), então, consideram localizar a questão da influência do ponto de vista sociolinguístico, destacando que a língua portuguesa, derivada da convivência com a LGA, se inscreve numa história de contato e de processos próprios de significação. Assim, é importante dimensionar as marcas profundas deixadas pelas línguas indígenas na Língua Portuguesa, mas também as deixadas pela Língua Portuguesa nas línguas indígenas.

No que se refere à variante regional do português escrito, Freire (2004) destaca a possibilidade de identificação dessas contribuições pela documentação a respeito desse português em cartas, relatório, petições e registros vários feitos no Grão-Pará, no período colonial. Também podem ser encontrados registros documentados no século XIX, principalmente entre 1832 e 1842, durante a Cabanagem – quando usam a LG como instrumento de interação oral, já que os “cabanos” (indígenas tapuias, negros, caboclos e variados tipos de mestiços), em sua maioria, não eram “letrados”.

Chieavenato (1984) destaca, no entanto, que os poucos alfabetizados que recorriam à escrita optavam pela língua portuguesa e não pela LGA. Essa parcela era conhecida como “ralé semianalfabeta”, por fazerem uso de um português regional que esteve em contato com a LGA. As marcas dessa oralidade (vacilações visíveis da ortografia e segmentação das palavras, principalmente) dominam o texto escrito nessas condições e orientam na discussão sobre as funções dos registros nas línguas em contato. Há, nesse momento, uma mescla de formalidade – observada nas fórmulas de tratamento e marcas de despedida – e oralidade.

Freire (2004, p. 75) observa, também, que esses textos reproduzem algumas das formas características do português falado sub-padrão:

[...] concordância que só marca o plural num único elemento do sintagma nominal – *pellos mal / otros patrício / enbargasons soficiente* – frente à norma cuja regra deve atingir todos os elementos do sintagma e não um só. A concordância de gênero e número, obrigatória ao interior do sintagma nominal, assim como a de número e pessoa, no sintagma verbal, caracterizam o sistema gramatical padrão do português. A obrigatoriedade da regra se aplica a todos os elementos determinantes flexionais do SN e do SV: quando o núcleo está no plural, os outros elementos do sintagma devem necessariamente acompanhar a flexão. No entanto, os estudos da modalidade do português falado não apenas na Amazônia, mas em todo Brasil, atestam que dentro de condições determinadas, as marcas de gênero e número, no caso do SN, e de número e pessoa, no caso do SV, não regem todos os constituintes do sintagma e assim, freqüentemente, só um elemento do sintagma leva a marca na flexão.

A presença dessas marcas também é percebida em escritos oficiais das próprias forças legalistas, repressoras da cabanagem; o que revela que “os dois lados compartilhavam a mesma ‘meia língua’” (Freire, 2004, p. 75).

4.3 A PERIODIZAÇÃO DA LGA (FREIRE, 2004)

Feita a delimitação teórica tanto do conceito de *língua geral*, como também da acepção da expressão *política de línguas*, inserimos este trabalho dentro do recorte temporal idealizado por Freire (2004), cujas fases são:

- **Fase 1 – Expansão da LGA:** Nesta fase da periodização proposta por Freire (2004), o objetivo era definir os papéis de cada língua no contexto de multilinguismo a partir de discursos legitimadores de eclesiásticos, jurídicos e eruditos. Este período foi de 1616 a 1750, quando houve uma expansão do Tupinambá, agora usado como língua franca. Nota-se, portanto, que é justamente a fase que abrange o códice 69, quando há o estímulo do uso da LGA através do incentivo à normatização dessa língua, com gramáticas e dicionários;
- **Fase 2 – Proibição da LGA:** Localizada entre 1750 e 1840, marca a tentativa de proibição da LGA, no intento de substituí-la pelo português, através das políticas pombalinas e devido à disputa do território amazônico entre portugueses e espanhóis;
- **Fase 3 – O Português como língua majoritária:** Iniciada a partir de 1840, é quando ocorre a alteração na situação linguística no território amazônico: a língua portuguesa se sobrepõe à LGA em virtude do extermínio de muitos falantes de LGA na Cabanagem (1837-1838); da Guerra do Paraguai (1864-1870), quando falantes da LGA foram convocados a lutar e morreram durante o combate; e da migração de muitos nordestinos, falante de português L1, para os seringais (1840-1912).

4.4 A GRAMATIZAÇÃO DA LGA

Correspondendo à primeira fase da periodização proposta por Freire (2004), a gramatização das línguas indígenas é uma consequência da expansão do catolicismo, já

que os missionários perceberam que o domínio da língua era fundamental para o trabalho de catequização. Por isso, mais uma vez, destaca-se que ensinar a Língua Portuguesa não era o objetivo de nenhuma ordem missionária, a ponto de se falar propriamente em política linguística. O objetivo das ordens, como dito nos capítulos anteriores, era apenas um: catequização.

Assim, inegavelmente, as ordens religiosas – jesuítas, dominicanos, franciscanos, agostinianos e mercedários – têm uma importância sobremaneira na história das línguas indígenas do Novo Mundo, pois assumiram a tarefa de estudar o léxico, explicar a gramática e atribuírem uma literatura escrita a línguas ágrafas.

Esse intenso trabalho começa, na América, no século XVI, e conta com a produção de gramáticas sobre as línguas ameríndias por missionários, conforme levantamento feito por Vinânza (1977), que revelou a desproporção que existe entre as gramáticas das línguas indígenas produzidas na América Espanhola e na América Portuguesa. Jesuita (2020) reforça, portanto, a divergência entre os motivos (políticos, linguísticos e econômicos) que inspiraram os gramáticos europeus do Renascimento na produção de gramáticas e dicionários e o que levou os missionários a produzirem gramáticas e dicionários na América, pois o objetivo das gramáticas sobre as línguas ameríndias não foi “a preservação de nenhum patrimônio literário, tampouco a afirmação de uma nacionalidade, mas a comunicação da mensagem evangélica” (Altman, 1999, p. 156), no intuito de desfazer a “torre de babel” e promover um novo “pentecostes”, como afirma Jesuita (2020).

Nesse sentido, autor já faz um trabalho muito relevante sobre a história das gramáticas das línguas indígenas ameríndias e, por isso, aqui, nosso foco é tratar dos processos e objetivos para uma gramatização da LGA num momento de “virada política”. Destacamos, no entanto, o consenso de que a “concepção do ensino da língua como uma ferramenta do trabalho de catequização ocorre pelo uso de exemplos que evocam a moral cristã” (Jesuita, 2020, p. 110), com exemplos que deveriam orientar as normas de comportamento consideradas adequadas pelos religiosos e colonos, isto é, o discurso sobre o léxico era “amarrado” ao discurso religioso e colonizador:

Enquanto *modelos morais*, que orientam a uma determinada ação, os *exemplos* são dirigidos ao índio por intermédio do missionário. Nós temos aqui exemplos sociais relativos não à sociedade indígena, mas ao modelo religioso (cultural) europeu que procuram instituir. O gramático reconstrói aqui a cena da catequese onde coloca um locutor indígena e um locutor missionário, o discípulo e seu mestre, como enunciativos de exemplos, de modo a dar a este

último o suporte linguístico para o seu trabalho de catequização. (Horta-Nunes; Rodríguez-Alcalá, 2008, p. 48, grifos do autor)

4.4.1 A referência latina

Aurox (1998) observa que a gramática latina era modelo de descrição de diversas línguas. Esse paradigma foi seguido, inclusive, por João de Barros na declinação de palavras portuguesas, como observamos no quadro abaixo de Jesuita (2020):

Quadro 6: Declinação dos nomes de acordo com João de Barros (1540)

Nomes singular	Nomes plural
Nominativo – a rainha	Nominativo – as rainhas
Genitivo – da rainha	Genitivos – das rainhas
Dativo – à rainha	Dativo – às rainhas
Acusativo – a rainha	Acusativo – as rainhas
Vocativo – ó rainha	Vocativo – ó rainhas
Ablativo – da rainha	Ablativo – das rainhas

Fonte: Jesuita (2020)

O Latim era, assim, o ponto de referência, um modelo de codificação gramatical e uma fonte de empréstimos vocabulares. Barros (1971, p. XLIII) constata que essa tríade se mantém em gramáticos dos séculos seguintes, como no próprio Luís Figueira, tendo o modelo de descrição gramatical greco-latino e leitura que os gramáticos dos vernáculos europeus fizeram dessa tradição por influenciar os religiosos encarregados de descrever as línguas indígenas.

No entanto, embora os missionários conhecessem a tradição latina, chegavam à América sem domínio das línguas indígenas. Por isso, o interesse de normatização funcionava em favor dos religiosos que não conheciam as línguas, sendo instrumentos de aprendizado de uma L2 cujos destinatários eram outros missionários, como atesta Maminani (1877 [1699], Ao leytor):

Conhecendo pois a necessidade que tem a nação dos Kiriris nesta provincia do Brasil de [sic] sogeitos que tenham noticia da sua lingua para tratar de suas almas, não julguey tempo perdido, nem occupação escusada, antes muito necessária, formar hua Arte com suas regras, & preceitos para se aprender mais facilmente. He verdade que como os naturaes della vivem sem regras, & sem ley, & delles se não pode alcãçar regra alguã de raiz, não parecia tão fácil poder acertar sem mestre. Mas cõtudo procurei cõ o exercicio de algũ anos da mesma lingua, & com o estudo particular della, tirar os fundamentos, & regras mais certas, para que com ellas se formasse hua Arte fácil, & clara, quanto bastasse aos nossos missionários das aldeas dos kiriris aprêderẽ a lingua.

Por outros lados, existiam autores que argumentavam a favor de um afastamento do modelo latino na descrição da realidade linguística ameríndia, como o jesuíta Antonio del Rincón:

Não é possível guardar em todo um mesmo método e arte, para ensinar todas as línguas, sendo elas (como são) tão distantes e diferentes entre si, antes a uniformidade nisto seria grande deformidade, e, por conseguinte, confusão e estorvo para quem as aprendesse. Mas com tudo isso não se pode negar senão que o caminho mais plano e breve para aproveitar em qualquer língua é o que foi trilhado pela latina e a grega, como se vê pelo artifício que se ensina e aprende: não só por haver reduzido a certo número todas as partes a oração colocando os nomes conforme o seus ofícios e qualidades, mas também por haver mostrado a variação das partes, que entre elas são variáveis, ensinando o artifício de juntar ou construir umas com as outras e finalmente dando regras da própria e boa pronúncia, pela qual havendo eu de escrever arte para aprender e ensinar a língua mexicana não me pareceu apartar-me do ordinário caminho por onde a língua latina, que é a mais sabida entre nós, nem tampouco me é querido obrigar a seguir de todo a sua regra, porque seria levar muito diferentes preceitos. De maneira que aquilo que me é podido aproveitar da gramática latina sempre me apoiarei nela, porém nas demais coisas, por ser elas novas, há sido forçoso reduzi-las a novas regras, com o novo estilo que se requiere (Rincón, 1595, Al lector - tradução de Jesuíta, 2020)

Isso também é observado nas gramáticas sobre as línguas indígenas brasileiras, as quais afirmam, em seu teor, ser o modelo latino não correspondente nem mesmo à realidade do território. Apesar disso, foi o modelo teórico e metodológico adotado para a descrição das mais variadas línguas do continente americano.

Embora os religiosos estivessem cientes de que a realidade linguística que descreviam estava distante da língua latina, Jesuíta (2020) destaca que, justamente por isso, “iam fazendo, cada qual a sua maneira, as adaptações necessárias para descrever essa nova realidade linguística” (Jesuíta, 2020, p. 119).

4.4.2 Os recursos metodológicos para a descrição das línguas indígenas ameríndias no século XVIII

Para a descrição das línguas indígenas através do modelo greco-latino, os missionários perceberam a possibilidade de comparar línguas, mesmo aquelas de famílias distintas – como é o caso do Tupi e do Latim. Foi essa comparação um recurso didático facilitador para aprendizagem das línguas nativas, como constata Aroux (1998, p. 82)

Se a descrição de uma língua “exótica” tem por fim permitir a um europeu falá-la ou compreendê-la, é provavelmente mais econômico partir das categorizações de sua própria língua ou de uma língua bem conhecida, como o latim, e dar seus equivalentes [...] (Aroux, 1998, p. 82)

Além disso, havia a comparação com o próprio português, como acontecia nas gramáticas do Tupi e do Kiriri. O objetivo era, de acordo com Jesuita (2020), esclarecer o sentido da expressão em língua indígena e a tradução português-língua indígena ou língua indígena-português permitia o apontamento de diferenças e similitudes na construção da oração:

Como esta maneira de futuro não é de resolução clara, corresponde bem à linguagem portuguesa para que, como erú pirá, taúne traze peixe para que eu coma (quer se siga o efeito de comê-lo ou não) mesmo ainda que a própria linguagem ao pé da letra se diz: traze o peixe, comê-lo-ei. (Anchieta, 1990 [1595], p. 175)

A colocação de notas também funcionava como um recurso didático, tornando possível “esclarecer pontos considerados de difícil compreensão e refletir sobre a variedade da língua em uso” (Jesuita, 2020, p. 123).

Além disso, o ato de recorrer à autoridade de escritores reconhecidos e pessoas cultas acabava por funcionar, também, como um recurso para a descrição dessas línguas de tradição oral; pautando-se, para isso, nos missionários “bons línguas” – aqueles que sabiam língua dos indígenas e que muitas vezes serviam como intérprete dos missionários no processo de catequização – e nos próprios povos nativos.

No aspecto oralidade, Anchieta, talvez, tenha sido o que mais importância deu a esse fator, trazendo uma contribuição fonético/fonológica extensa:

Isto das letras, ortografia, pronúncia e acento servirá para saberem pronunciar o que acharem escrito os que começam aprender: mas como a língua do Brasil não está em escrito, se não no contínuo uso do falar, o mesmo uso e viva voz ensinará melhor as muitas variedades que têm, porque no escrever e acentuar cada um fará como melhor lhe parecer. (Anchieta, 1990 [1595], p. 156)

Dessa forma, havia um cuidado em descrever as formas em uso e as consideradas mais “elegantes” do ponto de vista descritivo do gramático:

Mas o uso mais universal, principalmente em verbos compostos com outros verbos ou advérbios etc. é tirar a última consoante do primeiro verbo; assim temos os dois verbos epiaka ver, potára querer, compõem-se deste modo a-s-epiá-potár eu quero ver [...] (Anchieta, 1990 [1595], p. 149)

Pondo-lhe ambas as negações, isto é, nda no princípio e eym-i no fim, é muito usado e elegante, e fazem uma afirmação, como a-i potár eu o quero, nd-a-i-potár-eym-i eu não deixo de o querer, isto é eu quero. (Anchieta, 1990 [1595], p. 187)

Muitos verbos e outras partes da oração há que ajuntando-se com alguns verbos, os fazem ir ao gerúndio: dos quaes poremos aqui os mais comuns e frequentes [...] (Figueira, 1880 [1621], p. 148)

Embora estivessem descrevendo, é comum, também, uma conduta prescritiva que apontava erros. Como atesta Figueira, ao dizer que “[...] Tenus, sempre se põe depois do nome que rege: e seria erro intolerável mudar-lhe o sítio, pondo-a antes do nome como as outras [partículas]” (Figueira, 1880 [1621], p. 153).

Portanto, embora o objetivo fosse impor uma cultura e uma religião, não se pode negar que as gramáticas funcionavam também como um instrumento de comunicação sociológica a partir do momento que produziam informações e mediavam uma interação sociocultural.

4.4.3 Tupinização e tapuização para dominação

Vimos, até aqui, que a LGA, quando se expandiu, não o fez espontaneamente, mas sendo imposta por missionários que tinham o aval da coroa portuguesa para tal, no intuito de forjar uma homogeneidade e facilitar o processo colonial. Barros (2003) denomina esse processo de “tupinização e tapuização”, quando a língua – e seu aparato cultural –, a partir da imposição, penetra na vida indígena e a integra no sistema colonial.

O tupinambá, inicialmente, imposto como língua geral – hiperlíngua ou língua supraétnica (Aroux, 1998) – no trabalho missionário-colonial, sendo de origem Tupi, ganhou espaço de significação em outras comunidades de fala; o que é chamado de *tupinização* por alguns autores. Moreira Neto (1988, p. 46 *apud* Veiga, 2015, p. 33), no entanto, argumenta sobre a “inviabilidade da transfiguração de uma única tradição cultural indígena para uma realidade cultural e linguística tão diversificada como a amazônica”. Para ele, o processo de homogeneização dos povos seguiu uma descaracterização de suas tradições culturais originais e a formação de um indígena genérico – o tapuio.

O significado do termo *tapuia*, no entanto, não é consensual na documentação. Se na região sudeste, era usado para designar os indígenas considerados como “escravos” na dinâmica colonial, no Norte, o termo adquire nova acepção. Ainda no Nordeste, é possível depreender do *Plano* do próprio capitão Barreto várias noções:

=| [fol. 17r] 51. // interior do sertão a lugares fragozos, e es=| tereis, onde não podessem ser achados e| delles assim separados vieraõ por falta de| communicaçaõ, pelo decurso do tempo, se=| us filhos, e netos a perder a propria lingua=| gem, e tal desconserto fizeraõ nesta, que| formaraõ outra, a qual de nem huma ou=| tra naçaõ hê entendida, nem ainda mes=| mo dos Tapuyas de quem descendem, por| que alem da differença dos nomes, que deraõ a| todas as cousas, pronunciaõ com voz gutu=| ral, e arrancada do peito. [espaço] (Santos, 2016, p. 86)

[fol. 17v] sobre folhas no chaõ, cobrem-se com os ra=| mos das arvores, e se defendem assim da| chuva, e calor do Sol. [espaço] Comem frutas sil=| vestres, e caça crua. [espaço] Nada semêaõ. Saõ| muito amigos de carne humana, que lhes| hê mui saborôzo pasto. Para a terem daõ| continuos assaltos, acomettendo sempre a| traiçaõ, porem se chegaõ a ser descobertos| e se lhes resiste, logo fogem, sem fê, ou leal=| dade alguma entre si. [espaço] Este barbaro cos=| tume hê taõ horrôzo à natureza, que posto| o neguem alguns escriptores, o praticaõ na| verdade.|| Estes verdadeiros salvagens,| de que hã grande número saõ os perturbado=| res dos povos de Porto seguro, e da Comarca| dos Ilheos.|| Alem destes Aymorés,| descendentes, como já disse dos Tapuyas, hã. // [fol. 18r] hã outra especie de verdadeiros Tapuyas,| que quer dizer na sua lingua contrario| de todas as naçoens. [espaço] Verificaõ toda a| força do seu nome, porque não perdem oc=| caziaõ de cevar a sua gula em qual queres| miseravel que encontrem de outra na=| çaõ, a fim do que fomentaõ continuadas| guerras. [espaço] O seu número hê imenso: al=| guns escriptores chegaraõ a afirmar, que| excedia ao de todas as outras naçoens jun=| tas. Isto hê verosimil, porque elles occu=| paõ huma grande parte das terras do| Brasil e principalmente as margens do rio graõ Pará. (Santos, 2016, p. 87)

Na região norte, especificamente no códice 69, o termo *tapuia* quer dizer “gentio, bárbaro”. Por outro lado, quando o indígena passa a ser considerado “manso” – sendo bilíngues –, a vida nas aldeias de descimento levava ao monolinguismo em língua geral, já que os catecismos e a comunicação com outros indígenas eram realizados geralmente nessa língua. Uma vez monolíngues em LGA, passavam a ser considerados tapuios.

Dessa forma, a *tapuiização* foi uma estratégia para que os indígenas incorporassem as suas origens na memória e modo filiados à moral cristã e às práticas de trabalho colonial. Para isso, era necessário esquecer sua origem étnica, o que facilitava o domínio colonial.

A missão é o centro por excelência de destribalização e de homogeneização deculturativa daqueles “restos de nações menos bravias”, concentrados nos aldeamentos catequéticos. O produto final é o índio privado de sua identidade étnica, o tapuio (Neto, 1988, p. 23).

A partir de então, os objetivos dos missionários eram padronizar e homogeneizar essa forma de transmissão da doutrina a partir de catecismos em Tupinambá, como na gramática do padre Luís Figueira. O Tupi, então, de acordo com Barros (2003), foi um

exemplo de tentativa de padronização de catecismos, já que – em tese – não davam margem para criação individual dos “línguas”.

Na tentativa de normatizar, esse processo de padronização pelos textos catequéticos, criou-se, segundo Veiga (2015), uma “fossilização da língua geral”, já que, em virtude da grande variedade nos usos da língua geral, surgiram várias modalidades que refletiam as diferenças étnicas e línguas vernáculas.

4.4.4 As fontes “tapuitingas”

Como referido nos capítulos anteriores, em dado momento, o padre Antônio Vieira solicita a presença de jesuítas não-portugueses à missão da região norte. Os jesuítas da Europa Central – assim chamados por Meier e Aymoré (2005) – que chegaram à Amazônia entre 1750 e 1753 eram identificados como *tapuitingas*, segundo relato de David Fay, em 1753.

O termo *tapuitinga* já havia sido usado no “Catecismo na lingua brasilica” de Antônio Araújo e Bertholameu Leão (1686) como referência à população da Índia (“Índia Tapyitinga retâme” ‘Índia país dos bárbaros brancos’), em uma passagem sobre os lugares pelos quais São Tomé teria passado (ARAÚJO; LEÃO, 1686, p. 238). Em dicionários tupis setecentistas em circulação na Amazônia, essa palavra é usada para referir-se aos franceses (DICIONÁRIO, [s.d.], fl. 63; GRAMÁTICA, 1750, fl. 299). O comum nesses usos (ARAÚJO; LEÃO, 1686; RÓNAI 1942; GRAMÁTICA, 1750; DICIONÁRIO, [s.d.]) é uma identificação do não-português para *tapuitinga*, como explica Eckart: “Sic quoque Brasili exteros omnes, qui no sunt Lusitani, appellant, Tapúiatinga” (Eckart, 1779, p. 122) (Barros; Monserrat, 2015, p. 237)

Sobre essa categoria, Barros e Monserrat (2015) apresentam o conjunto de fontes manuscritas da língua geral que contêm indícios de terem sido escritas por jesuítas da Europa Central, chegados à Amazônia na década de 50 do século XVIII. As autoras, para denominar essa língua indígena, usaram tanto o termo *língua geral*, recorrente no século XVIII, como *tupi*, mais conhecido na literatura.

De acordo com Aymoré, os padres *tapuitingas* pertenciam à Assistência Germânica da Companhia de Jesus, que compreendia os colégios jesuíticos nas regiões do que é hoje Holanda, Bélgica, Alemanha, Suíça, Áustria, Hungria, Polônia e República Checa. As autoras destacam que, “entre os 12 jesuítas que aqui chegaram na década de 50 do século XVIII, oito eram coadjutores espirituais – cargo direcionado às funções da evangelização dos índios – e, como tal, com obrigação de aprender a língua geral; e dois

eram coadjutores temporais, que não atuavam diretamente na conversão” (Barros; Monserrat, 2015, p. 238). São eles:

Quadro 7: Lista dos coadjutores espirituais que chegaram à Amazônia entre 1750 e 1753

Nome	Nascimento e morte	Período na Amazônia	Missões de atuação
Eckart, Anselm	1721-1809	1753-1757	Piraguirí, Trocano, Abacaxis, Caeté
Fay, David	1722-1767	1753-1757	Tapuitapera, São José, Acarará e entre os indígenas Amanajés
Hoffmayer, Henrique	1722-1757?	1753-1757	Santa Cruz
Kaulen, Lourenço	1722-1757?	1753-1757	Piraguirí, Mortigura e Sumaúma
Kayling, José	1716-1797	1750-1757	Indígenas Tremembé, São João de Cortes
Meisterburg, Anton	1719-1799	1750-1760	Trocano, Abacaxis, Arucará, Santa Cruz
Schwartz, Martinho	1719-1788	1753-1759	Guaricuru, Araticum
Szluha, João Nepumoceno	1723-1803	1753- 1759	Amanajé, Pindaré

Fonte: Barros e Monserrat (2015)

Barros e Monserrat (2015) destacam que a vinda dos jesuítas *tapuitingas* foi organizada, em 1749, pelo padre Roque Hundertpfund, missionário, na Amazônia, que recebeu apoio da rainha de Portugal, Maria Ana da Áustria, e do Padre Geral da Companhia de Jesus, Franz Retz – da Boêmia. Conforme as autoras, ambos de “fala alemã”.

As autoras também inventariaram os códices sobre a língua geral, conforme quadro abaixo, que apontam para autoria *tapuitinga*, revelando a importância desse grupo em documentar a LGA num período tão crítico:

Quadro 8: Códices em língua geral

Códice e biblioteca depositária	Datação e autoria	Conteúdo	Referências geográficas
Vocabulário da Língua Brasil (Biblioteca Nacional de Lisboa, códice 3143)	Anônimo Sem data	Dicionário Português-Língua Geral	Missão de Abacaxis (rio Madeira)
Prosódia. Dicionário da língua falada por índios do Brasil	Anônimo Sem data	Dicionário Português-Língua Geral, lista de termos do corpo humano, canções e sonetos religiosos em	Missão de Arucará (rio Xingu)

(Academia de Ciências de Lisboa, no. 569)		tupi, narrativas rimadas com temas profanos.	
Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português. (Biblioteca Municipal de Trier, Códice 1136/2048)	Anônimo 1756	Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português	Missão de Piragui (rio Xingu)
Doutrina christã em lingoa geral dos Índios do Estado do Brasil e Maranhão, [...] traduzida em lingoa geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos (Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms.1089)	Anônimo Sem data	Diálogo de perguntas e respostas e textos exortativos	
Material confiscado de Eckart em 1759 (Torre do Tombo m. 59 n. 4)	1753 (?) - 1759	Pequenas listas lexicais	
Correspondência de David Fay aos familiares na Hungria (<i>apud</i> Rónai, 1942)	1753	Oração do Pai Nosso traduzida para o tupi	

Fonte: Barros e Monserrat (2015)

Esses religiosos ficaram na Amazônia por pouco tempo e, com a morte da rainha Maria Ana de Áustria e o início da política pombalina, os padres *tapuitingas* foram perseguidos pela administração, conforme denúncias dos padres David Fay, Anselm Eckart e Antônio Meisterbug no documento anônimo, citado por Barros e Monserrat (2015), *Relação abreviada da república que os religiosos jesuítas das Províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias* (1757). No entanto, suas produções são de grande valia para os estudos sobre as línguas gerais.

4.5 O PARALELISMO FONÉTICO-GRAFEMÁTICO

Diante do contexto descrito até aqui, negar a importância das ordens – principalmente os jesuítas – para a história das línguas indígenas é desconsiderar que,

numa cultura ágrafa, propor uma história, é também olhar para o passado. E esse passado, agora, só pode ser acessado através da documentação remanescente.

No processo de gramatização, que tomou o latim como base para descrição das línguas indígenas, Batista (2005, p. 125) percebe aspectos como

[...] a busca por equivalência entre as categorias gramaticais latinas e categorias das línguas indígenas; a utilização de um quadro descritivo das classes de palavras das línguas indígenas a partir das partes do discurso divididas tal como no latim e/ou grego; e a manutenção da metalinguagem.

Segundo Auroux (1992), isso possibilitou o aprendizado de muitas línguas, pois o momento de expansionismo marítimo favorecia o “reconhecer” e o “interpretar” pelo olhar comparativo. Assim, no campo linguístico, Batista (2005) relembra que línguas, até então desconhecidas, passaram a ser encaradas a partir do ponto de vista comparativo, o qual ressaltava a falta de sons e as diferenças nos sistemas que descreviam – fossem eles americanos, asiáticos ou africanos, em contraste com o sistema europeu.

Dessa forma, o uso das gramáticas possibilitou o surgimento de um procedimento que “descrevia a combinação, as transformações morfofonológicas, a associação de palavras nas orações” (Batista, 2005, p. 129). Por isso, surgiram critérios no plano sonoro, gramático, morfológicos, funcionais e semânticos; e esses critérios, segundo Batista (2005), seguiam uma abordagem baseada nas unidades mais elementares (letras), da constituição como palavra (unidade fundamental da gramática) à combinação em segmentos maiores como a oração.

Sobre as unidades sonoras, que seguiam a descrição comparativa entre o português e o latim, os critérios de análise foram os auditivos e os articulatórios – principalmente o primeiro. Estes levavam o gramático a descrever e registrar as unidades conforme ouvia, sem rigor de detalhes do processo de produção dos sons, mas com foco na produção articulatória.

Batista (2005) observou que havia uma manutenção dos procedimentos de descrição e análise da Antiguidade clássica ocidental – por exemplo, a descrição de unidade sonoras a partir de um alfabeto, de um registro escrito; o que era o método dos gregos. Nas análises das gramáticas escritas pelos jesuítas, nesse sentido, o autor notou uma menor atenção dedicada à parte sonora da língua – uma tradição renascentista. Nessa perspectiva, Anchieta, ao contrário de Figueira e Mamiani, descreve as unidades sonoras de maneira diferente, pois abordou vários processos morfofonológicos do Tupi Antigo.

Embora não apresente uma forma sistemática nem a apresentação das letras como unidades sonoras e grafemáticas, como faz Figueira e Mamiani, a gramática de Anchieta ordena os elementos num esquema alfabético, descrevendo a percepção auditiva das unidades e explicação da produção; e isso talvez se deva a sua formação intelectual, que diferia da formação dos outros gramáticos, já que Anchieta não se formou com base no *Ratio Studiorum* (Batista, 2005, p. 132).

Figueira e Mamiani utilizam o mesmo esquema de Manuel Álvares, pois expõem as unidades sonoras divididas em vogais e consoantes; e as sílabas do latim, justificando a produção/percepção de algumas unidades – como /f/, /s/, /h/, /i/, /j/, /u/, /m/, /n/ –, em uma descrição que devia seguir a estrutura alfabética. Tendo como paralelo o latim, a descrição das unidades relevantes ocorreu com base nos alfabetos latino e português, com o objetivo de buscar equivalências entre as línguas indígenas e uma outra língua mais conhecida dos missionários:

Nesta lingoa do BraRil não há f. l. s. z. rr. dobrado nem muta com liquida. vt cra, pra, &c. Em lugar do s. in principio, ou médio dictionis Rerue, ç. com zeura, vt Açô, çatâ. (Anchieta, 1990 [1595], p. 23)

As letras de que Re vRa neRta língua, Rão as Reguintes. A, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, N, O, P, Q, R, T, V, X, til. Ficão excluídas, F, L, S, Z. Tambem Re não vRa rr dobrado ou aRpero. (Figueira, 1621, fl. 1)

Entre as letras usadas nesta língua são as seguintes: A, æ, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, N, O, P, R, S, T, V, W, Z, til. (Mamiani 1877 [1699], p. 1)

A noção de letra vem justamente da tradição gramatical greco-latina, e significava, na altura, tanto um elemento sonoro (fonema) quanto a representação escrita de uma unidade sonora (o grafema). Porém, mesmo a descrição fonético-fonológica dos séculos XVII e XVIII esteve, inevitavelmente, relacionada à escrita, pois, segundo Zimmerman (1997), houve a criação de um alfabeto para o Tupi, mas com base latina.

Batista (2005) define as alterações que representavam as particularidades das línguas indígenas no uso de diacríticos ou de grafemas de pouco uso, como o <y>, no alfabeto português. Embora não houvesse uma convenção ortográfica para essas línguas, os gramáticos demonstravam ter consciência de quando se referiam ao plano oral e quando se referiam ao plano da escrita.

No entanto, isso não exime problemas advindos da descrição escrita de uma língua sem escrita e que não depende fundamentalmente dela para que exista. A vivência dessa língua, por outro lado, perpassa, muitas vezes, pela atribuição de uma escrita a ela.

4.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Abordamos o contexto histórico-linguístico da Amazônia setecentista e analisamos a relevância do códice 69 sob a perspectiva da política linguística e da tentativa de normatização da Língua Geral Amazônica (LGA). Também contextualizamos a Amazônia como um espaço de enorme diversidade linguística, descrito como uma “nova Babel” pelo padre Antônio Vieira. Com mais de 150 línguas indígenas coexistindo no período colonial, a chegada dos portugueses e a política missionária dos jesuítas alteraram profundamente a dinâmica linguística da região.

A LGA, baseada no Tupinambá, emergiu como uma língua franca na Amazônia, utilizada por indígenas, colonos e missionários para comunicação interétnica e catequização. O códice 69 reflete a tentativa de sistematizar a LGA por meio de gramáticas e dicionários, consolidando-a como ferramenta de integração colonial. Apesar disso, a LGA enfrentou desafios devido à complexidade sociolinguística e ao multilinguismo regional. Inicialmente, favorecida pelas missões, começou a ser vista como uma ameaça à hegemonia da “língua do príncipe”. A tentativa da sua normatização, destacada no códice 69, buscava uniformizar seu uso em aldeamentos e missões, mas também revelou tensões entre a preservação cultural indígena e os interesses coloniais.

A gramaticização da LGA pelos jesuítas visava à catequização, mas também contribuiu para sua transformação em uma língua supracultural. O contato constante com o português e outras línguas europeias gerou mudanças fonológicas, morfológicas e lexicais na LGA, distanciando-a de suas origens indígenas. Destacamos como a imposição colonial e a reorganização territorial influenciaram a extinção de muitas línguas indígenas e a consolidação do português como língua majoritária. A LGA, embora funcional como língua franca, gradualmente perdeu espaço para o português, especialmente após as reformas pombalinas e os conflitos como a Cabanagem.

Aqui, combinamos os aspectos documentais do códice 69 com o cenário linguístico amazônico, evidenciando o papel central da LGA e suas transformações na história sociolinguística da região.



**EDIÇÃO DE UM CÓDICE EM LÍNGUA GERAL E ASPECTOS
PALEOGRÁFICOS**



5

“A GRÂMÁTICA DA LINGUA GERAL DO BRAZIL, COM HUM DICCIONARIO DOS VOCABULOS MAIS UZUAES PARA INTELLIGENCIA DA DITA LINGUA”: ENTRE O MATERIAL E O DIGITAL

A distância temporal torna o acontecimento irremediável: é inútil tentar tocá-lo e modificá-lo, como inútil imaginavam os antigos ser o desejo de abraçar as sombras do Hades. Isso não impede que, mesmo assim, queiramos abraçar as sombras: e o que corresponde a esse abraço é a compreensão. [...] No estudo dos documentos, de algum modo, o tempo fugaz se detém. Aquilo que na vida em ação mostra-se por um breve momento e logo deixa de existir aqui se coloca aos nossos olhos sem outros limites a não ser a nossa vontade de entender e a capacidade de resposta dos documentos. Capacidade, porém, limitada, pois o documento é apenas uma pista, um indício, um sinal. [...] A natureza do sinal é ser manifesto; a natureza do significado é ser oculto.

Prosperi, A. 2011. p. 26-27

Uma edição precisa amparar-se não apenas numa transcrição, mas também, como bem colocou Silva de Jesus (2021, p. 82), em uma sistematização de informações que possibilitem ao leitor o “suporte necessário sobre a história da produção e das características formais do documento”. No entanto, como destacaram Lose e Sacramento (2020), é importante lembrar

que as concepções de *texto*, *documento* e *dados* são diferentes, a depender da forma como o objeto de uma prática escrita é apropriado.

Ao se utilizar o termo *documento* para se referir a esse objeto cultural, “evocamos o valor testemunhal e, a depender da perspectiva, damos a ele um valor de verdade, probatório, ou entendemo-lo como uma construção cultural fruto de uma rede de interesses que forjam relações socioculturais” (Lose; Sacramento, 2020, p. 27). Tal concepção não se desvincula, em sua completude, daquilo que algumas linhas da Linguística concebem. Todavia, a partir da relação da Filologia com a Linguística Histórica, atentamos ao problema de perceber um objeto fruto de uma prática de escrita apenas como dado que se isola do contexto social – como entendem os formalistas.

Esse diálogo destaca que o significado cultural do texto também está associado às condições sociolinguísticas que possibilitaram a sua produção, pois “nenhum texto é apenas documento (uma espécie de transparência informacional de determinados dados) ou dado de língua. Todo texto é tomado para um ou outro fim” (Lose; Sacramento, 2020, p. 28).

Neste capítulo, com base em questões teórico-metodológicas, já mencionadas previamente, apresentamos o códice “*Grãmatica da lingua geral do Brazil, com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*” – em sua titulação real, tal qual consta em sua folha de rosto; diferindo, assim, do título usado na catalogação digital dos fac-símiles –, com destaque para os aspectos materiais, isto é, extrínsecos; mas também digitais, no que se refere à sua catalogação e disponibilidade em fac-símile.

Nesse sentido, Lose *et al.* (2009), definem a descrição extrínseca como:

[...] a apresentação minuciosa das características físicas da obra: tamanho do suporte e da mancha escrita, quantidade de fólios, tipo de letra, indicação de presença de letras ornadas e descrição das suas características, tinta utilizada, quantidade de linhas escritas por fólio, estado de conservação do documento, indicação da presença de ornamentos e descrição das suas características, em suma, uma descrição detalhada das características externas da obra, deixando-se de fora, neste momento [para fins didáticos e organizacionais], o seu conteúdo e a sua língua. (Lose *et al.* 2009, p. 34)

Assim, em **5.1**, exploramos a catalogação do códice, alocado na Biblioteca da Universidade de Coimbra, identificamos incongruências na numeração e descrevemos elementos que situam o manuscrito no contexto histórico de 1750, como marcas temporais e geográficas; em **5.2**, descrevemos o estado material do códice, incluindo dimensões, desgaste e detalhes paleográficos, destacando a necessidade de uma edição semidiplomática; em **5.3**,

focalizamos a conservação do códice, com detalhes sobre a encadernação, tinta e papel; e, em 5.4, examinamos as marcas de posse e d'água presentes no códice.

5.1 CATALOGAÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

O códice 69 faz parte de um conjunto maior de manuscritos, referentes ao Brasil e pertencentes à Universidade de Coimbra (UC); disponível para consulta, inicialmente, na UC *Digitalis* — Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra. Destacamos que, aqui, iremos nos referir, na identificação do conteúdo, ao termo página, considerando a paginação do próprio documento.

Jesuita (2020), no Quadro 9, lista os seis documentos, presentes no acervo da Universidade, que podem interessar para o estudo das línguas indígenas brasileiras. Destacamos que a titulação do códice segue a forma como foi catalogada.

Quadro 9: Documentos sobre as línguas indígenas da Universidade de Coimbra

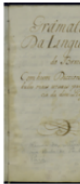
Documento	Título
Códice 69	<i>Gramatica da Lingua Geral do Brazil, com hum dictionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua</i>
Códice 81	<i>Diccionario da Lingua geral do Brasil que se fala em todas as villas, Logares e Aldeas deste vastissimo Estado</i>
Códice 94	<i>Diccionario da Lingua Brasilica</i>
Códice 148	<i>Miscelânea onde se encontra um estudo sobre os significados de alguns termos e phrases da lingua brasilica</i>
Códice 601	<i>Carta de Felipe III relativa à evangelização do Brasil pelos padres da Companhia de Jesus</i>
Códice 1089	<i>Doutrina Christan em lingoa geral dos indios do estado do Brasil e Maranhão composta pelo pe. Betendorff, traduzida em lingoa irregular e vulgar usada nestes tempos.</i>

Fonte: Jesuita (2020).

O códice é, portanto, composto por um conjunto maior de textos, não se tratando apenas de uma gramática e um dicionário, como consta no título da folha de rosto do manuscrito. Foi catalogado como pertencente ao ano de 1750, conforme observação das fichas dos acervos digitais que alocam o documento – marcação corroborada principalmente por Edelweiss (1969), Barros e Lessa (2004), Mota (2017) e Jesuita (2020).

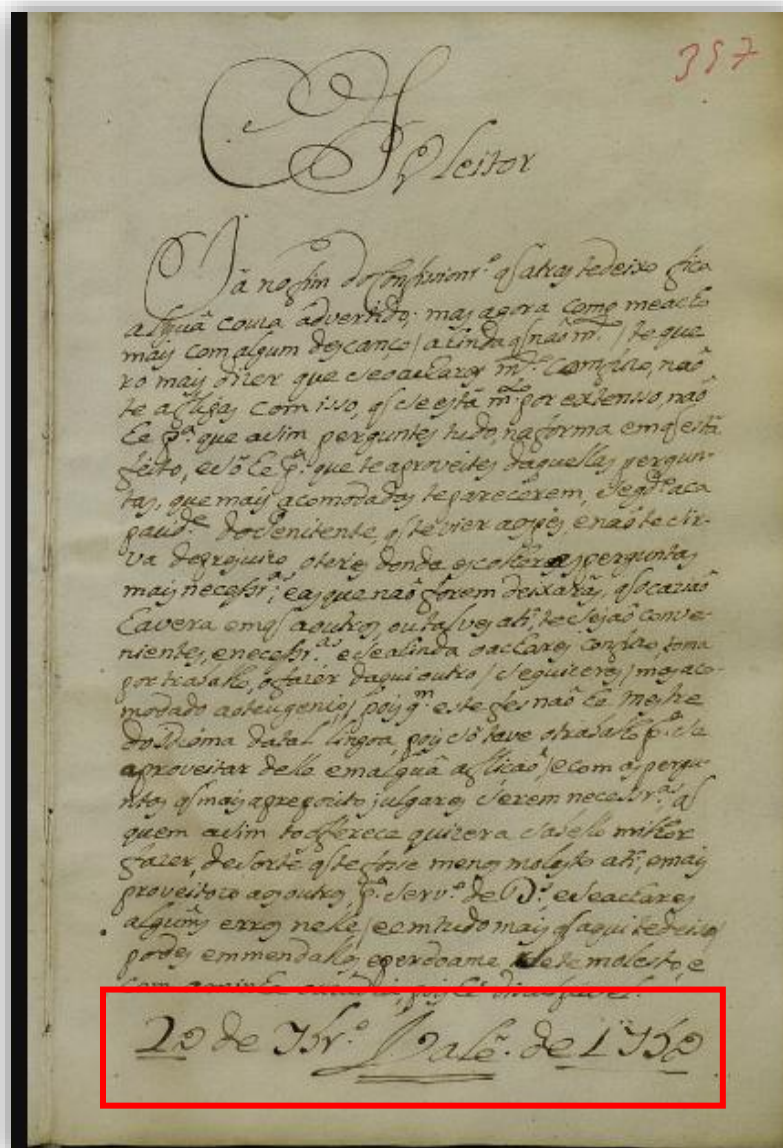
Pode-se, no entanto, localizar a datação no corpo do documento – especificamente, com a data de “20 de setembro de 1750”, na página 397, e título “Ao leitor”, conforme as Figuras 5 e 6, abaixo. Além, disso a própria morfologia de escrita e o estágio da língua em que foi escrito coincidem com o século XVIII.

Figura 7: Catalogação do códice 69 na UC *Digitalis*

<p>Obra</p> <p>Gramática da língua geral do Brasil, com hum Dicionario dos vocabulos mais uzuales para a intelligencia da dita lingua [manuscrito], [1750].</p> <p>Ficha Bibliográfica</p> <p>Cópia em JPEG</p>	<p>Ficha Bibliográfica</p> <p>[b1829401]</p> <p>GRAMÁTICA GERAL DA LÍNGUA DO BRASIL, COM UM DICIONÁRIO DOS VOCÁBULOS MAIS USUAIS PARA A INTELIGÊNCIA DA DITA LÍNGUA</p> <p>Gramatica da lingua geral do Brazil, com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuales para a intelligencia da dita lingua [manuscrito]. - [Pará, 1750]. - [1], [3] f. [1 br.] [1] f., 224 p. [2] f., [4 br.], [86] f., [3 br.], [1] f.: papel; 215x150 mm. Texto em português e em tupi. - Local e data de produção retirados do texto (p. 407, p. 397). - Inclui: Dicionario da lingua geral do Brazil (p. 237-369); Doutrina no idioma da lingoa geral (p. [370]); Confissionr.º no idioma da lingoa geral... (p. [381]); Pratica p.ª ajudar a bem morrer (p. [399]); Dias em que os Indios tem obrigação de ouvir missa, e jejuar (p. [415]). - Referenciado em: Catálogo de manuscritos [da Biblioteca da Universidade]: códices 1 a 250. Coimbra, 1940, p. 68. - Referido por Maria Cândida Barros - Um dicionário tupi de 1771 como crônica da situação linguística na Amazônia pombalina. In Landi e o século XVIII na Amazônia. - Mss. relacionados : UCBG, Ms.81, com letra da mesma mão, Ms. 94, Ms. 148, Ms. 1089. - Códice manchado de humidade, acidez da tinta e sujidade. - Guarda inferior mutilada. - Os 15 primeiros cadernos do códice, numerados, com pag. original (?), nos outros 15 cadernos, numeração de p., posterior, a tinta vermelha, apenas na frente. - Enc. em papel de fantasia, muito deteriorada; lombada inexistente; costura sobre 3 nervos, partida.</p> <p>CDU: 030:811.87:811.134.3 "17"</p> <p>UCBG</p> <p>Ms. 69</p>	
<p>Índice</p> <p>[Encadernação]</p> <p>cada g g g</p> <p>[Página de título]</p> <p>costo b</p> <p>Grãos de parentesco</p> <p>ii liv iii llv b b</p> <p>Artigos</p> <p>v</p> <p>Pronomes</p> <p>v</p> <p>Dativos de proveito</p> <p>vv</p> <p>Conjugação do verbo Jucá = Matar</p> <p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13</p> <p>Conjugação do negativo do verbo Jucá</p> <p>14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27</p> <p>28 29 30 31 32 33 34 35</p> <p>Segunda conjugação [do verbo Jucá]</p> <p>36 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48</p>		

Fonte: Biblioteca Digital UC *Digitalis* (2024)

Figura 8: Marcação temporal explícita do códice 69

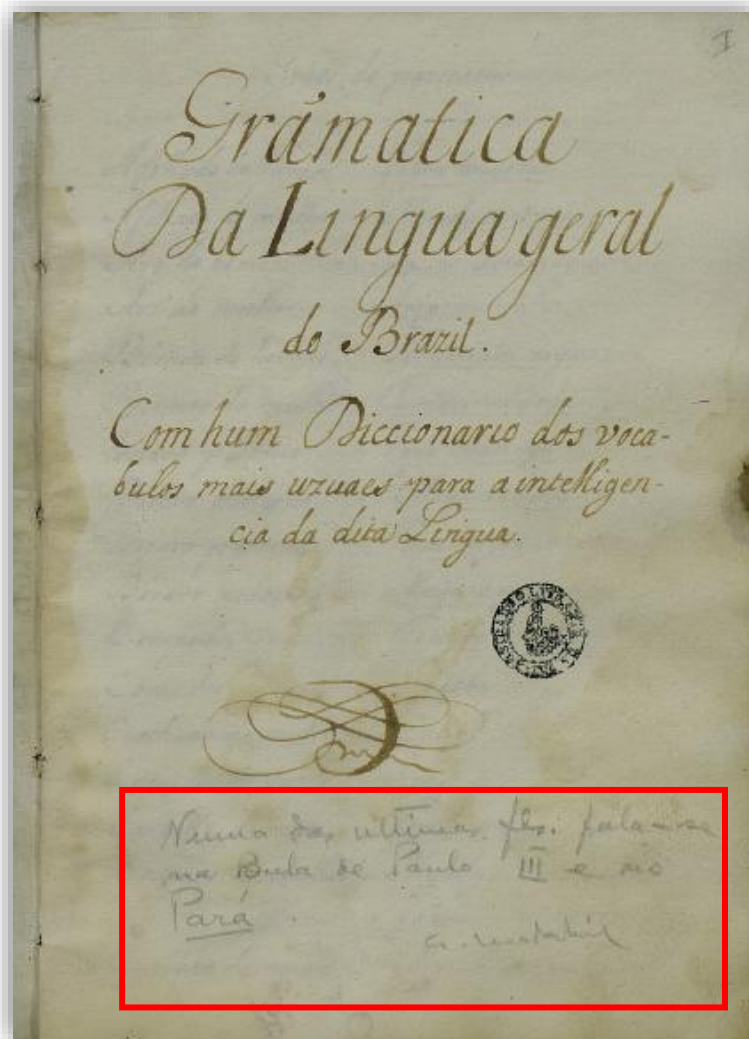


Fonte: Própria autora

Com relação à marcação geográfica, existe um apontamento posterior feito à lápis, na folha de rosto, que sugere o Pará como local de produção, apontando os últimos fólhos como comprovação. De fato, essa informação pode ser constatada na página 407 do códice – nomeadamente, com título “Advertencia”, como vemos a seguir:



Figura 10: Inserção posterior na folha de rosto com sugestão temporal



Fonte: Própria autora

Analisando o fac-símile do códice, no site *Digitalis*, percebemos que as partes que o compõem se dividem em três grupos. A saber:

Textos metalinguísticos:

- Gramática da Língua Geral do Brasil (p. 1-236);
- Dicionário da Língua Geral do Brasil – Bilíngue (português-língua geral) (p. 237-354);
- Lista de graus de parentesco – Bilíngue (português-língua geral) (p. II- IV);
- Lista com os nomes da parte do corpo – Bilíngue (português-língua geral) (p. 356- 360);
- Primeira tabela com os artigos, pronomes e dativos de proveito (p. V - VI);
- Segunda tabela com os artigos, pronomes e dativos de proveito (p. 355)

- Lista de advérbios (p. 361-369).

Textos religiosos:

- Doutrina Cristã na língua geral (p. 370-380);
- Confessionário (p. 381-396);
- Prática para ajudar a bem morrer (p. 399-406);
- Calendário com os dias em que os índios têm de jejuar e ouvir a missa (p. 411-412).

E dois textos menores:

- Ao leitor (p. 397-398);
- Advertência (p. 407).

Esse agrupamento também foi feito por Jesuita (2020), porém, nota-se incongruência entre a sua distribuição e aquilo que consta no próprio fac-símile, como a atribuição da página 255 à tabela de artigos, pronomes e dativos; quando, na verdade, as primeiras páginas com esses tópicos vão da V a VI. Além disso, Jesuita (2020) afirma que a lista com os nomes das partes do corpo começa na página 361 do documento, o que é incorreto, pois, na realidade, vai da página 356 à página 360. Além disso, o autor não comenta a existência de duas tabelas de artigos, pronomes e dativos – a segunda, esta sim, consta na página 255 do códice.

5.1.1 Sobre uma transcrição já realizada e a necessidade de uma nova edição

Segundo ficha catalográfica descritiva on-line, de número 005, do Centro de Documentação em Historiografia Linguística – CEDOCH, da Universidade de São Paulo (USP), existe uma transcrição (nesses termos) do códice realizada por Magalhães (1981).

Segundo descrição da edição consultada, trata-se de uma transcrição datilografada da primeira parte do manuscrito, isto é, da gramática, precedida dos capítulos “O tupi no Litoral”; “Língua e Evangelização”; “A Língua Geral do Brasil” e “A Gramática da Língua Geral do Brasil”; e sucedida de Conclusão e Bibliografia da tese acadêmica de título *Digressões sobre um manuscrito*.

A ficha também informa que não há informações sobre uma edição moderna e que, até julho de 2009, havia a notícia de uma edição sendo preparada na Universidade de Brasileira (UnB) sob a supervisão de Aryon Rodrigues. Tal ficha foi elaborada por Renata Silveira e Patrícia de Souza Borges, com colaboração de Cristina Altman.

Até o presente momento, não se obteve informação da natureza dessa transcrição, uma vez que a tese supracitada não se encontra disponível em nenhum meio on-line. Através de troca de e-mails, foi solicitada, mas ainda não enviada, uma cópia digitalizada da referida transcrição à Biblioteca Florestan Fernandes, da USP. Até a finalização desta investigação, não se obteve retorno quanto ao pedido, portanto, é possível considerar o trabalho como inacessível.

Por outro lado, o fato de se tratar de uma transcrição datilografada, por si só, já deve indicar limitações quanto à reprodução dos elementos gráficos da obra, já que uma máquina dessa natureza não dispunha de todos os recursos necessários para uma transcrição fidedigna – em especial, no que se refere ao uso de acentos e clíticos presentes no manuscrito. Além disso, fala-se da transcrição de um trecho do documento, isto é, aparentemente não se trata de uma transcrição em sua completude. Quanto à edição que estaria sendo preparada sob supervisão de Aryon Rodrigues, em 2009, a busca por informações mostrou-se infrutífera até o momento.

Um dos objetivos do presente trabalho, portanto, foi tornar o documento acessível a outros pesquisadores, incluindo os de outras áreas, através da preparação de uma nova edição já que há, aqui, uma defesa pela interdisciplinaridade dos estudos. Assim, é tarefa desta pesquisa fornecer material, a ser difundido amplamente, para um público que se interesse por fontes abalizadas por análises paleográficas e estudos das materialidades da escrita para suas pesquisas.

Com relação aos tipos de edição, para Cambraia (2005), existem as *edições gerais*, que variam de acordo com o material, qualidade do suporte, sistema de registro, integridade do texto etc.; e existem os *tipos fundamentais de edição*. É consenso, na Filologia, portanto, que a escolha do tipo de edição dependa da análise de alguns aspectos: i) haver ou não edições anteriores àquela que se propõe; ii) identificar o público-alvo da edição já existente ou eleger um público-alvo para a edição que se pretende preparar; iii) havendo uma edição anterior, verificar a sua qualidade, funcionalidade e acessibilidade.

Como não há notícias de uma edição anterior a de Magalhães, nosso intento já é relevante. Quanto ao público-alvo eleito por nós para a edição aqui preparada — estudiosos de todas as áreas das Ciências Sociais e Humanas e quem mais possa estar interessado no tema, na forma ou na escrita do nosso documento-base —, a edição semidiplomática foi vista como uma solução, já que este é um tipo de edição conservadora em que há poucas interferências do editor e maior preocupação com a preservação das características do original.

Spina (1921) também chama esse tipo de edição de diplomático-interpretativa, por entender que a eliminação das dificuldades paleográficas – sendo a maior delas a alteração do tipo gráfico, de manuscritos para tipográfico-digitais –, desenvolvimento de abreviaturas e inserção de palavras ou letras por inferência, constituem um tipo de interpretação. Todavia, destacamos, aqui, que, por mais cuidado que se tenha nos critérios filológicos, no preparo de uma edição e/ou transcrição, isso não torna a leitura filológica do fac-símile preterível. Além disso, mesmo com o menor grau de intervenção, o próprio fac-símile não pode ser argumento para a defesa de uma suposta fidedignidade, já que as condições de iluminação, por exemplo, já comprometem aquilo que é o próprio documento. Melhor dizendo, nenhum fac-símile dispensa, em sua completude, a consulta *in loco* do próprio documento.

Em suma, o que se defende é o “uso consciente das edições disponíveis e não pelo argumento de autoridade das edições ‘conservadoras’, que nem sempre mostram a diversidade material fruto de uma leitura paleográfica e crítica” (Lose; Sacramento, 2020, p. 19), pois:

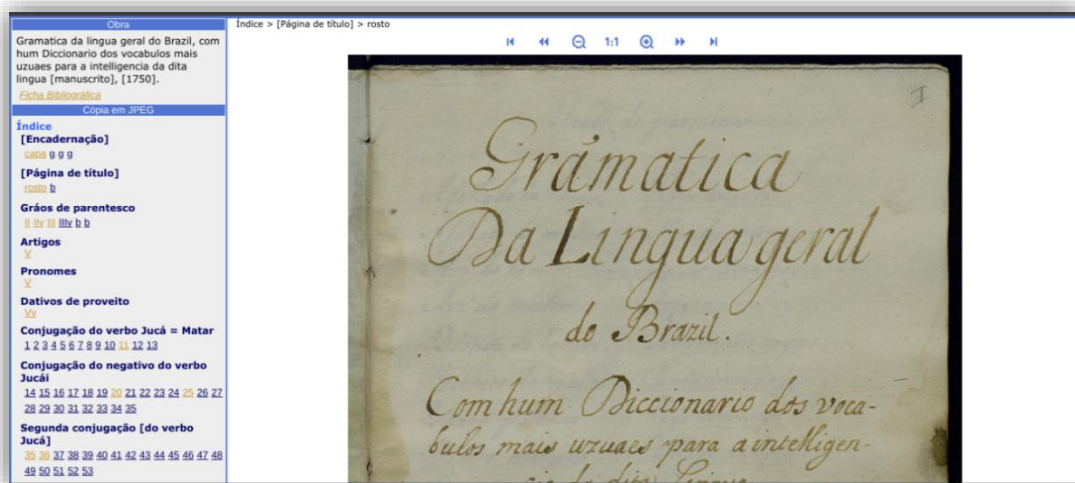
A rigor, contemporaneamente, reconhecemos não só as distâncias tempo-raias entre o contexto de emergência do texto (o suposto original) e o con-texto em que ele está sendo editado, mas também uma aguçada leitura material dos sentidos envolvidos nos usos sociais da escrita, dos suportes e tintas etc. Assim, pretendemos chamar atenção para o fato de que a Filologia não é apenas uma ciência ancilar, auxiliar, um suporte para o estudo linguístico, mas, de modo contumaz, as condições de produção para proposição de variáveis sociais e históricas para a pesquisa (Lose; Sacramento, 2020, p. 12)

Ao fim e ao cabo, ao idealizarmos a elaboração desta tese, acreditamos que a edição semidiplomática aproximará os leitores do texto, — sejam eles quem forem —, facilitando a leitura ao mesmo tempo em que mantém a confiabilidade do que foi escrito originalmente.

5.2 PARA UMA EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA: ASPECTOS FÍSICOS DO CÓDICE

O trabalho de edição foi feito com base nos fac-símiles disponibilizados pela Universidade de Coimbra através da Biblioteca *Digitalis*. A princípio, o único fac-símile disponível era o ilustrado abaixo:

Figura 11: Alocação do fac-símile na *Digitalis*



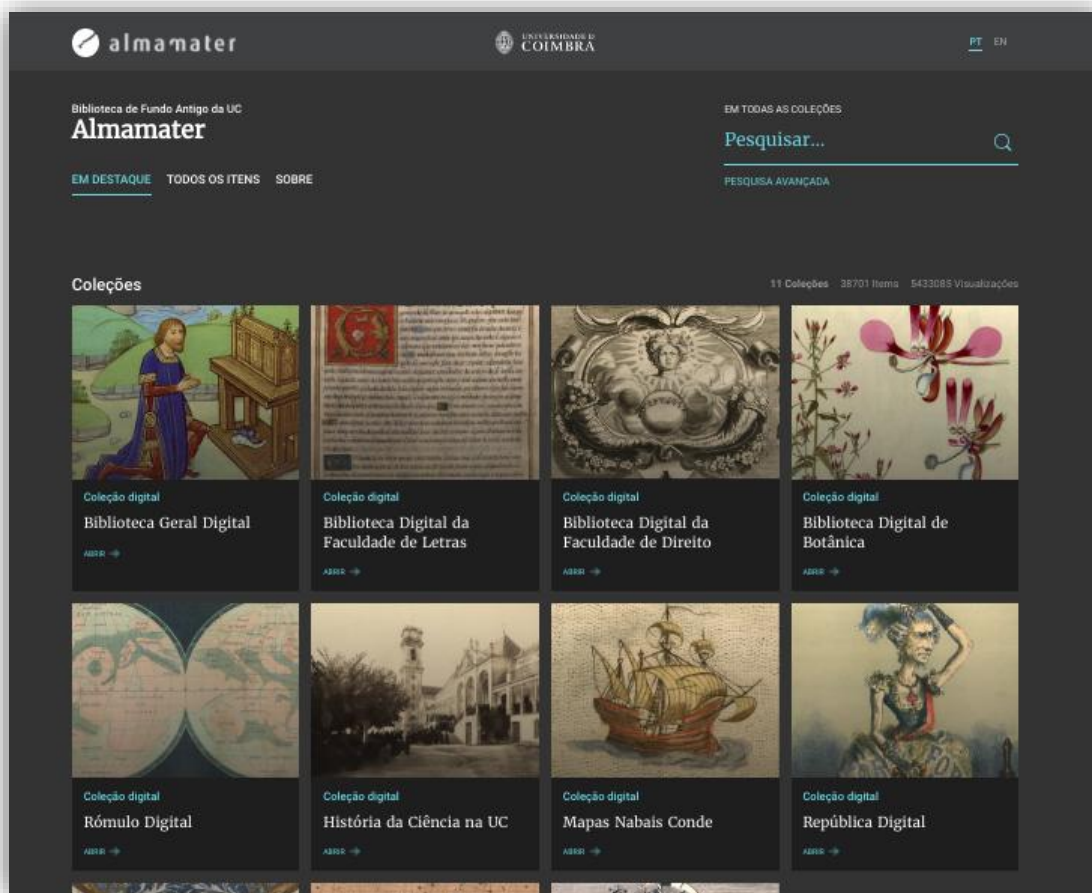
Fonte: UC Digitalis (2024)

Em 2017, a coleção passou por reformulação. Por isso, um novo *upload* do arquivo foi feito e alocado em um novo domínio, também vinculado à *Digitalis*, mas em um novo fundo intitulado ALMA MATER – Biblioteca de Fundos Antigos da UC.

A UC *Digitalis* – uma plataforma digital para a disseminação e impacto de conhecimento científico e cultural produzido no universo da lusofonia – é um projeto global da Universidade de Coimbra que objetiva a valorização, validação e difusão de conteúdos digitais, além de intensificar a ligação da Universidade com o meio em que se insere, em nível nacional e internacional, a fim de promover a visibilidade e impacto da ciência produzida dentro da lusofonia. Posteriormente, passaram a fazer parte da *Digitalis* os fundos ALMA MATER, POMBALINA e IMPACTUM.

Segundo descrição do próprio site, o fundo ALMA MATER tem a intenção de unir e valorizar várias bibliotecas já existentes, incluindo as mais recentes, como a *Rómulo Digital*. Além disso, abrange, também, bibliotecas temáticas, como a *República Digital*, a *História da Ciência*, os *500 anos / 500 livros* e a coleção de *Mapas Nabais Conde*. Alguns desses projetos contaram com o financiamento, em Portugal, do Ministério da Cultura; do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; da Fundação para a Ciência e Tecnologia e da Rede de Centros Ciência Viva, além dos recursos próprios da Universidade de Coimbra, que tem investido na valorização do patrimônio português.

Figura 12: Biblioteca de Fundo Antigo – ALMA MATER/UC



Fonte: Site da ALMA MATER (2024)

Hoje, o fundo tornou-se a biblioteca digital de fundo antigo da Universidade de Coimbra, sendo, desde então, constituída por um vasto acervo de obras – em geral publicadas antes de 1940 –, incluindo importantes núcleos que integram o patrimônio bibliográfico e documental das bibliotecas de diversas faculdades, como é o caso da Faculdade de Direito; da Faculdade de Letras; do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia; e da Biblioteca Geral. Nela, encontram-se livros antigos, manuscritos, cartas e outros materiais de tipologia semelhante, bem como espólio de autores formados pela Universidade de Coimbra e de outros que passaram por lá e deixaram a sua produção intelectual (Miguéis, 2020).

Trata-se de um projeto que contou com a coordenação do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC) e seu conteúdo, assim como os que estão alocados nas demais bibliotecas digitais, estão, em parte, integrados à *Europeana*, o grande projeto digital sobre patrimônio cultural, de responsabilidade da União Europeia.

O ano de criação do site é 2018, conforme verificamos no rodapé do site da ALMA MATER. Não é possível, no entanto, identificar o ano do novo *upload* do código aqui estudado:

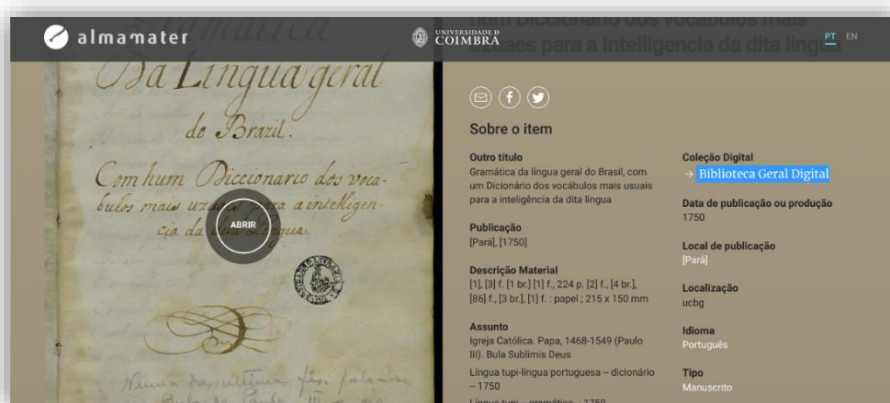
Figura 13: Ano de criação do site ALMA MATER/UC



Fonte: Site da ALMA MATER/ UC (2024)

Em comunicação, por e-mail, com Ana Eva Miguéis, coordenadora das Bibliotecas da Universidade de Coimbra, o que se sabe é que a digitalização do código foi feita há muitos anos, correspondendo a um dos primeiros projetos de digitalização realizados pela Universidade Coimbra, em 2008, com apoio de Programa Operacional da Cultura (POC), do Ministério da Cultura de Portugal.

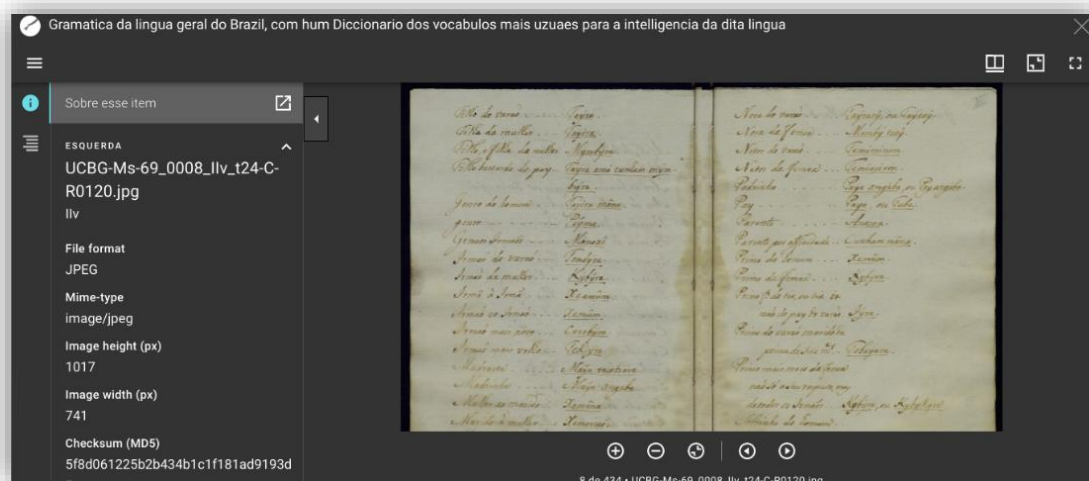
Figura 14: Nova interface do fac-símile no site ALMA MATER/UC



Fonte: Própria autora

A nova interface conta com a visualização simultânea de dois fólios, o que não acontecia antes:

Figura 15: Visualização simultânea do códice 69 no fundo ALMA MATER/UC



Fonte: Biblioteca digital ALMA MATER/ UC (2024)

De acordo com os metadados disponíveis, as dimensões do documento seriam de 215 x 150 mm — informação em comum nas duas plataformas. No entanto, observamos uma divergência quanto à numeração do códice: se, no site da UC *Digitalis* constava a informação de que este documento representava o “catálogo de manuscrito 69”, consta, agora, que pertence ao catálogo 68.

No catálogo do domínio atualizado, no entanto, há ainda a presença da descrição do códice como 69, o que nos leva a inferir que a confusão da numeração aconteceu por mero lapso de inserção do dado no site, já que o manuscrito apresenta duas marcações “69” na foto da folha de guarda fixa da edição atualizada:

Figura 16: Catalogação do códice 69 na ALMA MATER/UC

NUMERO DE REGISTO Ver Coleção Inteira ☐ Limitar pesquisa a exemplares disponíveis

Título Uniforme
Título
Publicação/Produção
Descrição Material
Nota

Indexado por
Referenciado em
Assunto

CDU

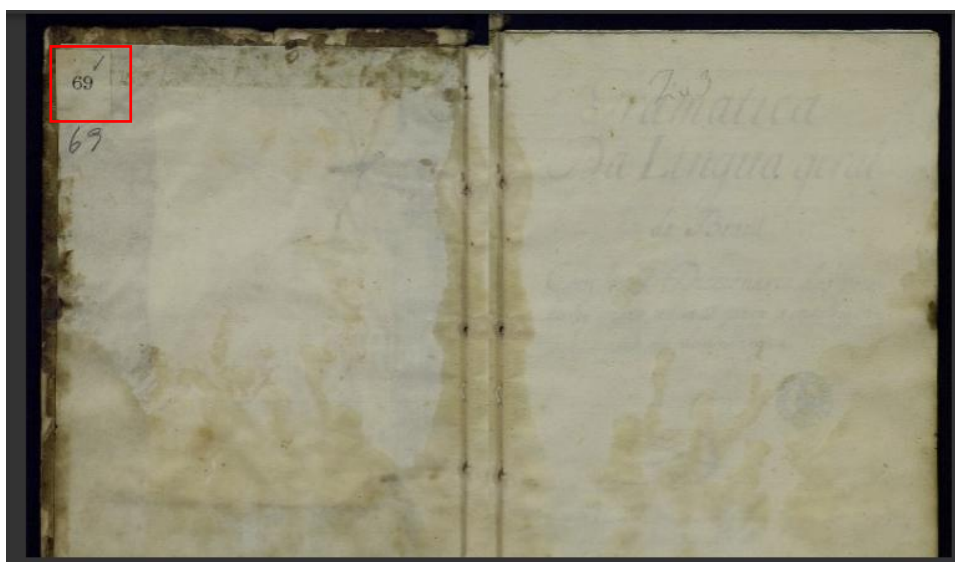
Gramática da língua geral do Brasil, com um Dicionário dos vocábulos mais usuais para a inteligência da dita língua.
 Gramática da língua geral do Brasil, com hum Dicionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua [manuscrito].
 [Pará], [1750]
 [1]. [2] f. [1 br.] [1] f., 224 p. [2] f., [4 br.], [86] f., [3 br.], [1] f. : papel ; 215 x 150 mm.
 Texto em português e em tupi.
 Inclui: Dicionario da lingua geral do Brazil (p. 237-369); Doutrina no idioma da lingoa geral (p. [370]); Confessionr.º no idioma da lingoa geral... (p. [381]); Pratica p.ª ajudar a bem morrer (p. [399]); Dias em que os Indios tem obrigação de ouvir missa, e jejuar (p. [415])
 Local e data de produção retirados do texto (p. 407, p. 397).
 Mss. relacionados: BGUC Ms. 81, com letra da mesma mão, Ms. 94, Ms. 148 e Ms. 1089.
 Maria Cândida Barros - Um dicionário tupi de 1771 como cronica da situação linguística na Amazonia pombalina. In Landi e o século XVIII na Amazonia.
 Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - Catálogo de manuscritos, 68.
 Igreja Católica. Papa, 1468-1549 (Paulo III). Bula Sublimis Deus.
 Língua tupi-língua portuguesa -- dicionário -- 1750.
 Língua tupi -- gramática -- 1750.
 030:811.87:811.134.3 "17"
 811.87

Ligar a
[Recurso electrónico](#)
[Visualizador IIIF](#)
[Manifesto IIIF](#)
[Imagem de exemplo](#)

Biblioteca	Cota	Nota de exemplar	Disponibilidade	Cat. Empréstimo
UC Biblioteca Geral	Ms. 69	Os 15 primeiros cadernos numerados, com pag. original (?); nos outros 15 cadernos, numeração de f. a tinta vermelha, apenas na frente. Manchado de humidade, acidez da tinta e sujidade. - Guarda inferior mutilada. - Enc. em papel de fantasia, com vestígios de dourados, muito deteriorada, com faltas; lombada inexistente; costura sobre 3 nervos, partida.	UTIL. INTERNA	NÃO AUTORIZADO

Fonte: Fundo ALMA MATER

Figura 17: Dupla umeração do códice na folha de guarda fixa



Fonte: Própria autora

O fac-símile foi, portanto, uma mais valia pois, como é possível observar na ficha de catalogação da Universidade de Coimbra, o códice não apresenta um bom estado de conservação, já que “[...] apresenta mancha de umidade, acidez da tinta e sujidade. A Guarda

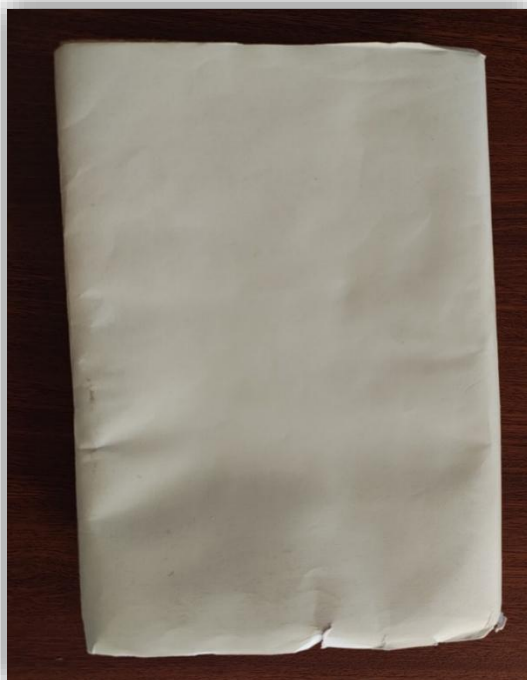
inferior está mutilada. A encadernação é feita em papel de fantasia, muito deteriorada; lombada inexistente; costura sobre 3 nervos, partida”.

Além disso, a existência de uma edição fac-similar contribuiu, em parte, para a análise dos aspectos codicológicos e paleográficos. Mas, sendo a única edição existente do manuscrito que se pode consultar, como atesta Cambraia (2005, p. 91), “[...] tem a desvantagem de poder ser consultada apenas por especialistas, porque pressupõe a capacidade de se ler um texto na escrita original”, o que reforça a necessidade de uma edição mais democrática e acessível.

Por isso, em outubro deste ano, a Profa. Dra. Alicia Duhá Lose, orientadora desta pesquisa, juntamente com a também doutoranda (em modalidade sanduíche) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade de Coimbra, Libânia da Silva, tiveram acesso presencial à Sala de Reservados da Biblioteca de Coimbra, o que tornou possível a identificação de muitos outros elementos que os fac-símiles, não apresentavam. Tais informações sobre a materialidade do volume foram possibilitadas pelo uso de luzes especiais (Ultravioleta e LED amarela) e posicionamento do volume em ângulos variados – sempre priorizando, nas manipulações, a conservação do códice. Sem estas imagens, análises físicas, contato tátil e visual com a mediação de lupas, negatoscópio e microscópio, várias informações não seriam percebidas

O códice, devido às suas más condições, encontrava-se coberto por uma sobrecapa de papel de alta gramatura para sua proteção, na qual se indicava a sua catalogação:

Figura 18: Imagem da sobrecapa de proteção do códice 69



Fonte: Lose e Silva (2024)

Fonte 19: Imagem da lombada com sobrecapa de proteção com etiqueta de catalogação colada com fita adesiva



Fonte: Lose e Silva (2024)

Assim, tínhamos, agora, as dimensões reais do códice, medidas pela Profa. Dra. Alícia Duhá Lose, com a sobrecapacapa de proteção: 220 mm x 158 mm; com espessura do conjunto de folhas em 33 mm.

Figura 20: Medição da largura do códice 69 com sobrecapa de proteção



Fonte: Lose e Silva (2024)

Figura 21: Medição da altura do códice 69 com sobrecapa de proteção



Fonte: Lose e Silva (2024)

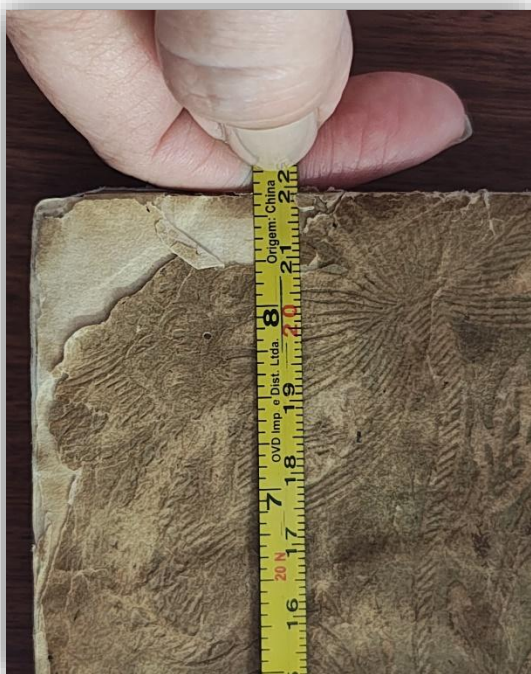
Figura 22: Medição da espessura do conjunto de cadernos



Fonte: Lose e Silva (2024)

Sem a sobrecapa de proteção, tem-se as dimensões mais precisas do volume, que são de 220 mm x 156 mm. Isso nos faz constatar que as dimensões, com sobrecapa de proteção e sem ela, diferem das medidas informadas na catalogação do fac-símile, na UC *Digitalis*, conforme figuras abaixo:

Figura 23: Medição da altura do códice 69 sem a sobrecapa de proteção



Fonte: Lose e Silva (2024)

Figura 24: Largura do códice 69 sem a sobrecapa de proteção



Fonte: Lose e Silva (2024)

Os fólhos, por sua vez, possuem dimensões de 210 mm x 145 mm, de acordo com as figuras abaixo:

Fonte: Lose e Silva (2024)

5.3 ENCADERNAÇÃO E SUPORTE: AS MARCAS DO TEMPO

Segundo Mársico (2015), no processo de encadernação, deve-se considerar capa, cobertura, lombada, folhas de guarda, cortes, cabeceado, tipo/modelo e marcações com ou sem douração. No códice analisado, como forma de conferir a breve descrição que consta nos sites onde os fac-símiles estão alocados, observamos capas desgastadas, com a presença de quatro furos de costura, com medidas menores entre cabeça e pé do volume e maiores nos dois furos centrais.

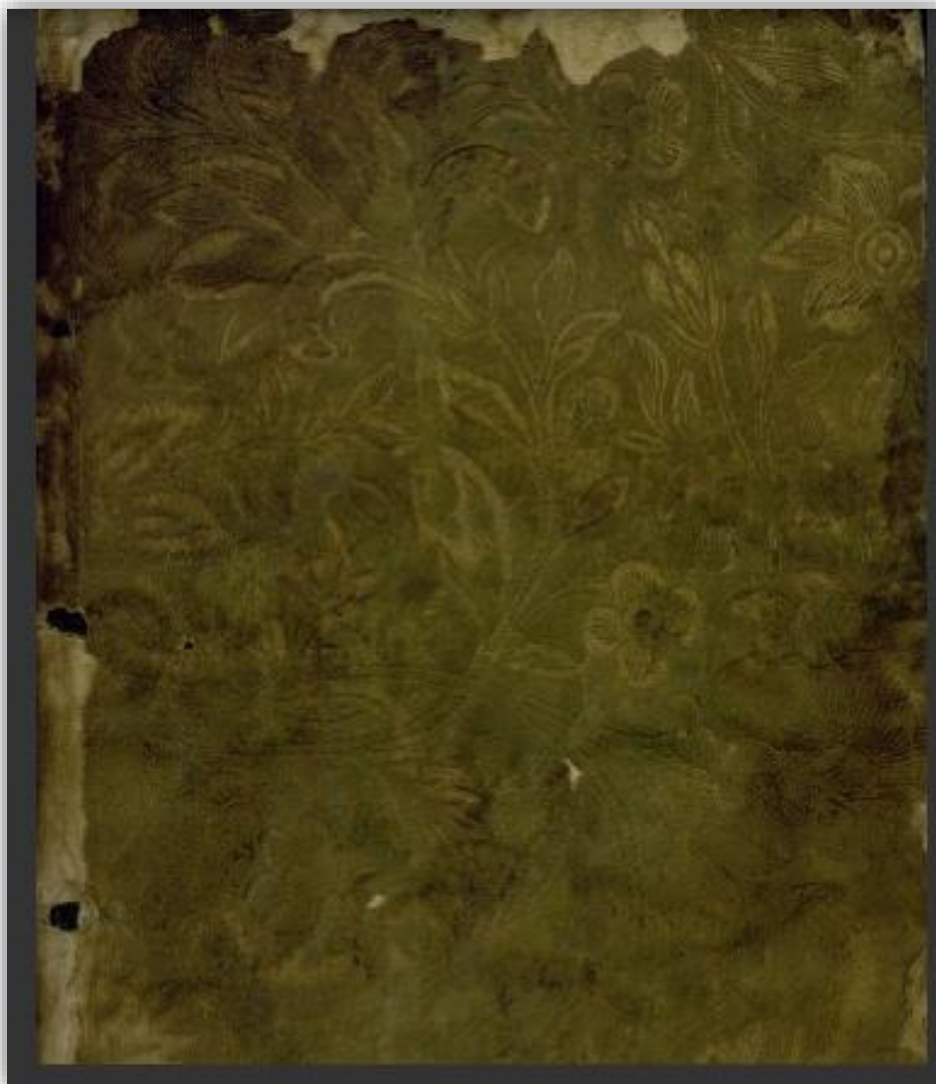
Figura 27: Costura do códice 69 apontada no fac-símile



Fonte: Própria autora

Ainda na digitalização, percebemos que o papel que recobre as capas está se desmanchando em alguns pontos e os relevos do papel já estão pouco evidentes na parte inferior da capa:

Figura 28: Fac-símile capa do códice 69



Fonte: UC *Digitalis*

Apesar da aparência de veludo decorado, a consulta *in loco* deixou claro que o revestimento das pastas – em papelão – da encadernação é feita de papel. Os sinais de desgaste e manchas indicam a passagem do tempo e a exposição do volume à umidade ou/e ao calor.

A decoração do revestimento é composta por desenhos de flores, folhas variadas e arabescos em relevo, comuns em encadernações de caprichadas do século XVIII. Há bordas desgastadas, lacerações e sinais de deterioração, em especial nas bordas externas e na lombada.

Figura 29: Consulta *in loco* do códice 69- primeira capa do códice



Fonte: Lose e Silva (2024)

A contracapa, ou quarta capa, aparenta estar na mesma situação, de acordo com o fac-símile. Vê-se também que o papel possuía dourações em alguns pontos. Tais elementos dourados não estão mais visíveis nas partes externas das capas.

Figura 30: Fac-símile capa do fundo



Fonte: UC *Digitalis* (2024)

Só se percebe a real condição do códice, no entanto, em consulta *in loco*. Notamos, diante das capas de frente e fundo, que a lombada se encontra comprometida, uma vez que se nota a falta de papel nessa região, assim como na parte superior da capa frontal. Observamos, também, que o códice apresenta dois tipos de papéis; além de ser possível – apenas na consulta presencial e com a luz ultravioleta – perceber as marcas de umidade e presença de fungos, algo que não fica tão perceptível na digitalização básica oferecida pela UC *Digitalis*.

Figura 31: Consulta *in loco*/ Estado da lombada e capa do códice, mostrando, através do desgaste do revestimento da encadernação, as três nervuras que prendem a capa ao miolo do volume



Fonte: Lose e Silva (2024)

Figura 32: Consulta *in loco*/ Estado das folhas de gurada da contracapa

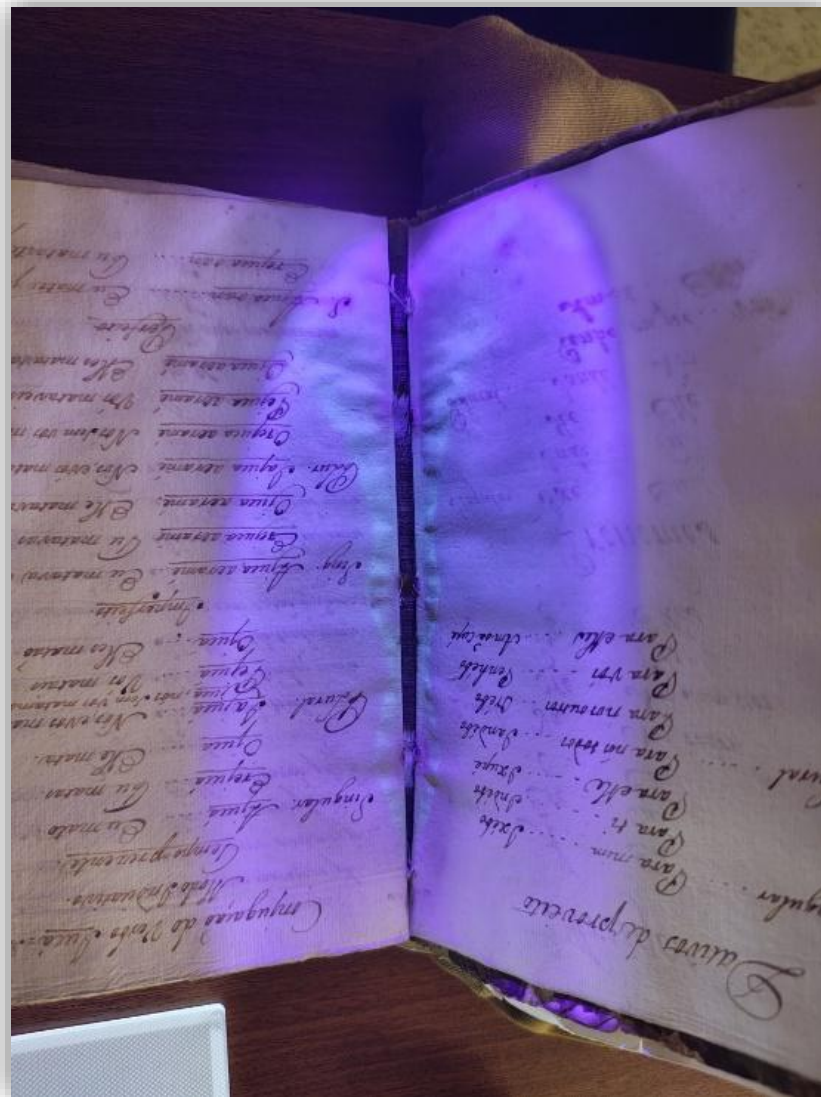


Fonte: Lose e Silva (2024)

Figura 33: Consulta *in loco*/ Marca de presença de bolor na folha de guarda fixa da capa do fundo

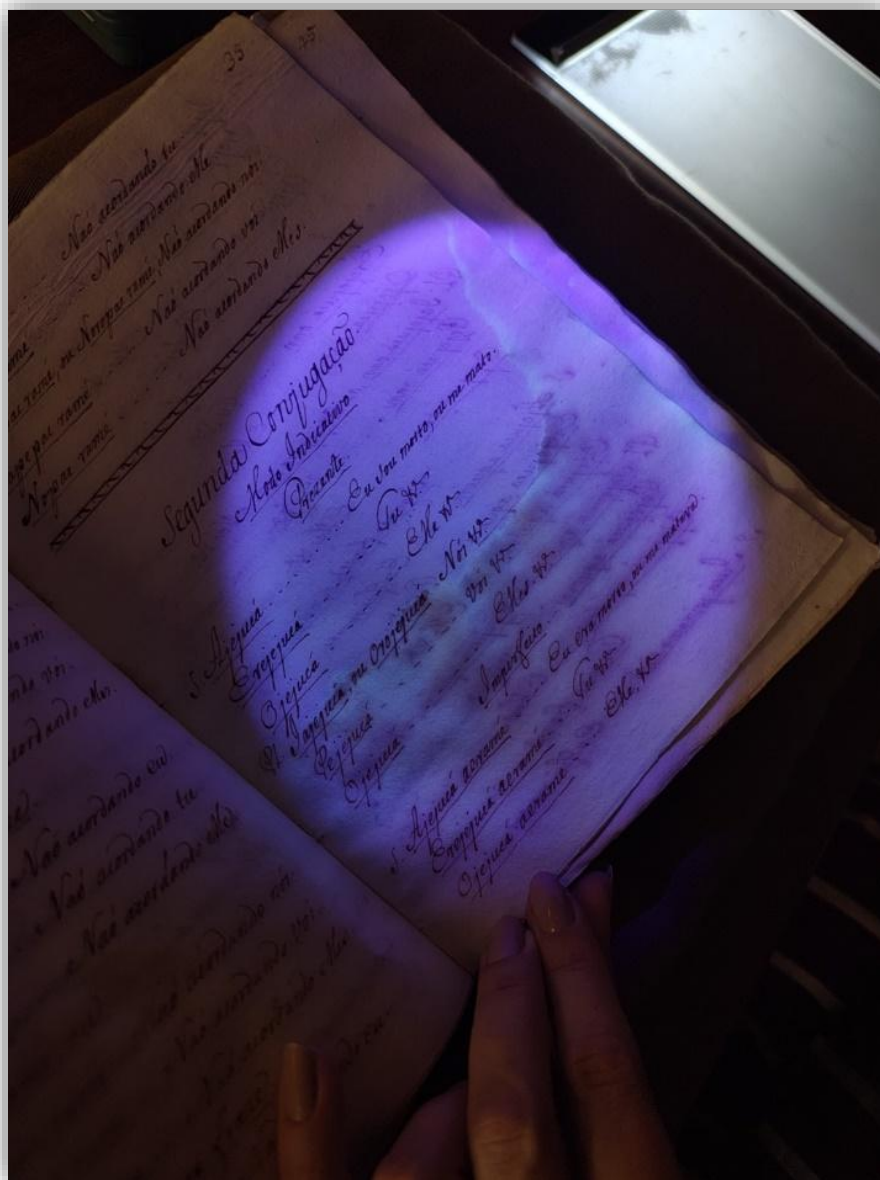


Fonte: Lose e Silva (2024)



Fonte: Lose e Silva (2024)

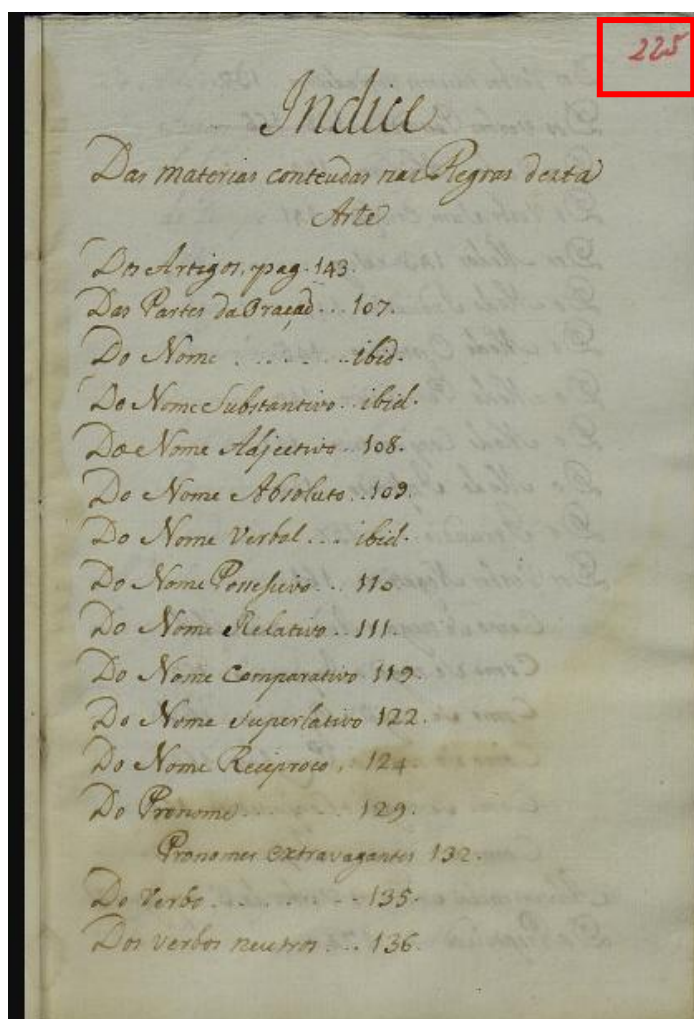
Figura 35: Consulta *in loco*/ Imagem obtida com projeção de luz UV, deixando claras as marcas de umidade nos fólhos do códice



Fonte: Lose e Silva (2024)

Segundo a própria ficha de catalogação da instituição, as primeiras folhas são numeradas a lápis com algarismos romanos (listas de graus de parentesco). Nas folhas seguintes, a gramática é numerada a lápis com algarismos indo-arábicos (1-224). A partir da folha 225, a numeração é moderna e passa a ser feita à caneta e de cor vermelha e segue assim até a folha 407. Da 408 em diante, a numeração volta a ser feita a lápis

Figura 37: Fac-símile com numeração posterior feita com caneta de tinta vermelha



Indice

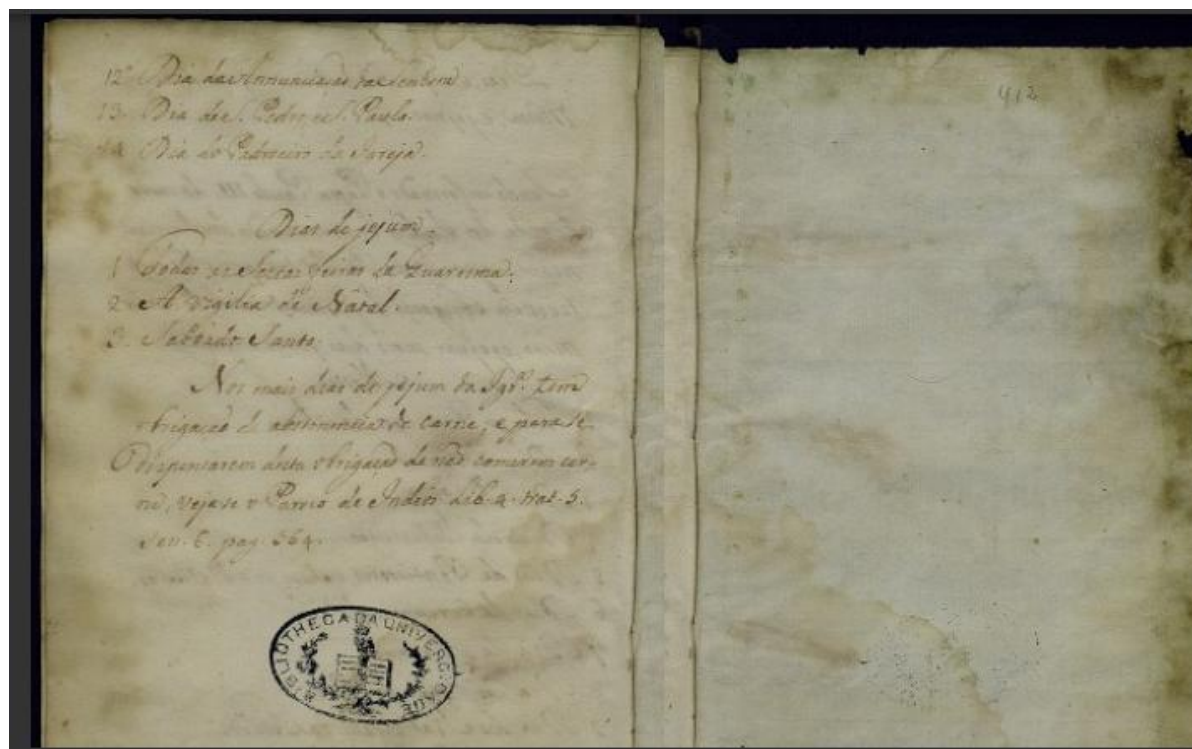
Das materias contidas nas Regras desta
Arte

<i>Do Artigos</i>	<i>pag. 143.</i>
<i>Das Partes da Oracão</i>	<i>... 107.</i>
<i>Do Nome</i>	<i>... ibid.</i>
<i>Do Nome Substantivo</i>	<i>... ibid.</i>
<i>Do Nome Adjectivo</i>	<i>... 108.</i>
<i>Do Nome Absoluto</i>	<i>... 109.</i>
<i>Do Nome Verbal</i>	<i>... ibid.</i>
<i>Do Nome Participio</i>	<i>... 110.</i>
<i>Do Nome Relativo</i>	<i>... 111.</i>
<i>Do Nome Comparativo</i>	<i>... 112.</i>
<i>Do Nome Superlativo</i>	<i>... 122.</i>
<i>Do Nome Reciproco</i>	<i>... 124.</i>
<i>Do Pronome</i>	<i>... 129.</i>
<i>Pronomes Extravagantes</i>	<i>132.</i>
<i>Do Verbo</i>	<i>... 135.</i>
<i>Do Verbo neutro</i>	<i>... 136.</i>

Fonte: Própria autora

Não há, em nenhum momento, a explícita identificação da autoria do documento. Como podemos observar na última folha escrita:

Figura 38: Fac-símile da última página do códice, mostrando o carimbo¹ atual da Biblioteca da Universidade



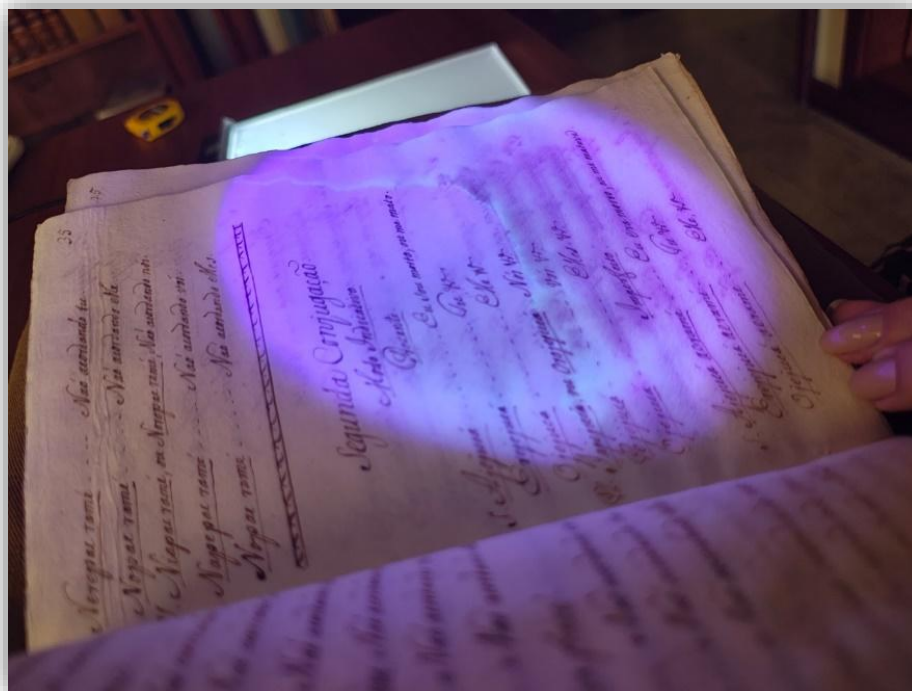
Fonte: UC Digitalis

Percebe-se a cor pardacenta do papel e linhas muito discretas no festo. Quanto à tinta, em tons de preto e marrom escuro, apesar das questões com a umidade, se mantém bastante legível, mesmo depois de tantos anos. É possível perceber a presença de, pelos menos, duas tonalidades de tinta: uma mais clara, passível de desbotamento e não corrosiva; outra mais escura que, apesar da boa conservação da escrita do códice, pode-se tratar de tinta ferrogálica – uma mistura líquida composta por água, vinho ou vinagre, sulfato de ferro, goma arábica e noz de galha – ou outra receita metaloácida.

Não é possível afirmar que se trate de tintas diferentes, uma vez que o códice esteve exposto a condições capazes de alterarem a tonalidade daquilo que foi escrito. Nas páginas mais próximas às capas, a coloração fica mais clara, e é justamente nessa região onde se percebem os maiores danos ao documento:

¹ Ambos os carimbos presentes no volume são indicativos de posse, pois são carimbos da mesma instituição, mas produzidos e usados em épocas variadas.

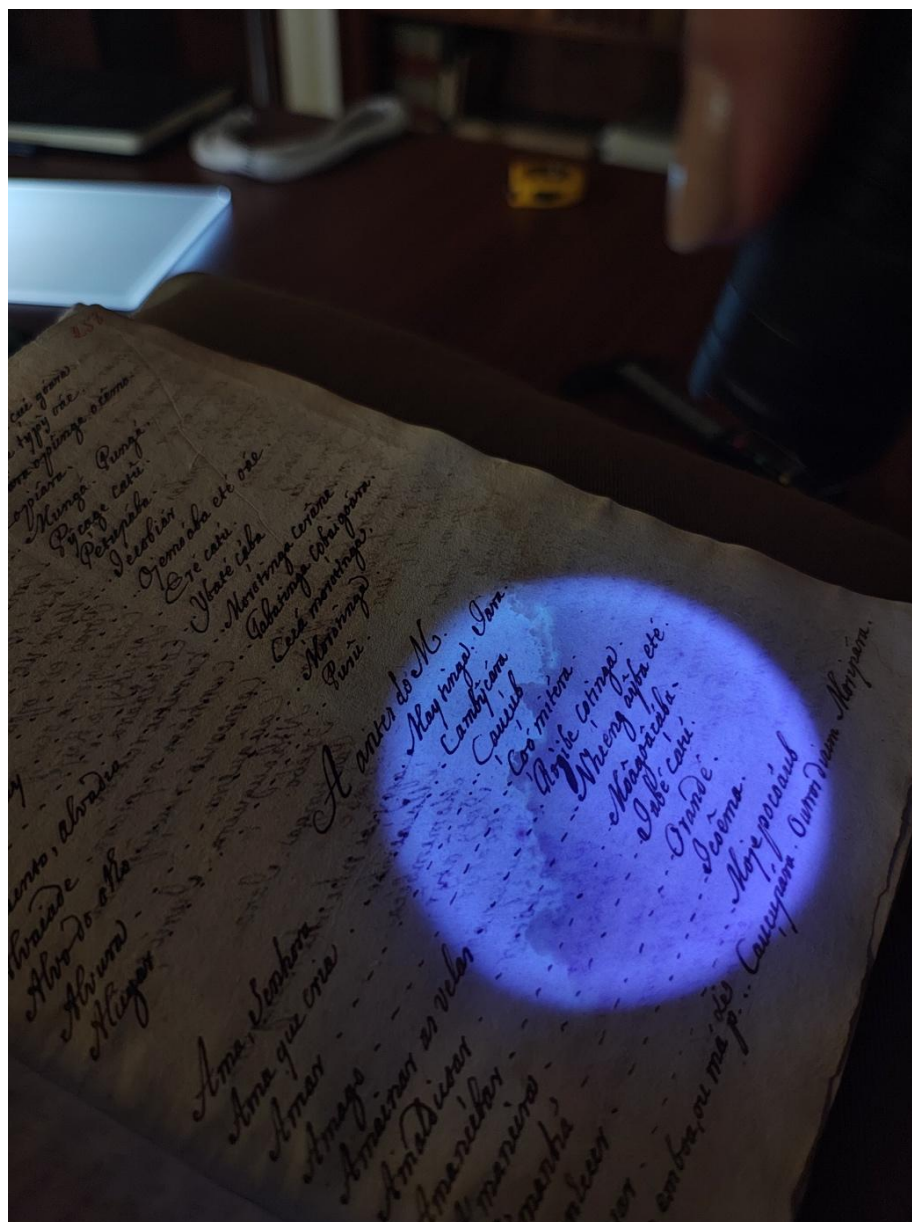
Figura 39: Consulta *in loco*/ Imagem obtida com projeção de luz UV, deixando claras as marcas de umidade em fólio mais próximo da capa



Fonte: Lose e Silva (2024)

Há alguns fólhos mais comprometidos que outros. Neles, podemos notar o comprometimento da tinta pela umidade e o desgaste do suporte. Ainda assim, não são encontrados sinais de corrosão por tinta, como é mostrado na imagem a seguir:

Figura 40: Consulta *in loco*/ Imagem obtida com projeção de luz UV, deixando clara o estado de conservação do papel e da tinta



Fonte: Lose e Silva (2024)

O contexto temporal em que se insere a produção material do documento indica que o instrumento utilizado para a escrita foi a pena de ave, já que, segundo Brito (2010), este foi praticamente o principal instrumento de escrita das sociedades consideradas civilizadas por mais de dois milênios. O autor destaca que havia uma preferência por penas de ganso, cisne ou pato² – em suma, animais de aves robustas, geralmente migratória – devido a sua cânula larga

² Tendo sido, provavelmente, o códice produzido em terras brasileiras, é possível que tenha sido produzido com penas de aves naturais destas terras.

e oca que se transformava num bom depósito para a tinta. Acredita-se que este tenha sido o tipo de pena utilizado na escrita do códice 69, uma vez que só a partir do século XIX é que as penas metálicas começam a ser utilizadas, conforme Santos Filhos (1997).

O texto, como observamos, organiza-se, em sua maior parte, em colunas e, a despeito do que foi aqui apresentado em relação à materialidade documental, uma análise mais assertiva sobre o documento só foi possível através do contato físico com o manuscrito, a qual permitiu identificar as marcas d'água do documento, não visíveis em digitalizações simples, disponibilizados nos sites das bibliotecas digitais.

5.4 AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA

As marcas de proveniência, encontradas em livros, manuscritos ou impressos, dizem respeito a qualquer informação que expliquem o itinerário de um livro (Lose, 2022), mas elas também podem ser consistentes indícios do uso do próprio documento (Salazar, 2019). Nesse sentido, também podem funcionar como pistas e evidências para a reconstrução dos acervos e da própria história do lugar e origem das fontes (Lose, 2022; Grimsted, 2019).

As folhas de papel que compõem o miolo do códice 69, como mencionado, apresentam marcas d'água variadas, o que indica que o documento, como era comum à época, foi produzido com papeis de variados fabricantes, embora todos da mesma composição (papel de celulose de algodão: papel de trapo). Feitas as devidas análises, em contato físico direto com o original, foram identificados os seguintes conjuntos de marcas:

5.4.1 Marcas de propriedade

As marcas de propriedade são sinais, inscrições ou elementos inseridos em um documento ou livro que indicam quem o possui ou possuía. São exemplos: ex-libris, assinaturas, selos, carimbos, brasões, ou até anotações marginais com o nome do proprietário. Aqui, consideramos tais marcas de propriedade também como marcas de proveniência porque elas documentam uma etapa no percurso histórico de posse.

A proveniência refere-se à história de origem e transmissão de um item ao longo do tempo; e as marcas de propriedade são evidências concretas e diretas que ajudam a identificar quem foi o dono ou quem teve posse desse item em determinado momento.

A primeira marca de posse que aparece no códice está na folha de rosto – outras constam em mais duas páginas do seu interior, uma delas é a página numerada como 239. Trata-se de um carimbo da Livraria da Universidade de Coimbra.

Figura 41: Carimbo da Livraria da Universidade na página numerada como 239 no códice 69



Fonte: Lose e Silva (2024)

Figura 42: Carimbo da Livraria da Universidade, na folha de rosto do códice 69, sob luz ultravioleta



Fonte: Lose e Silva (2014)

O mesmo carimbo foi encontrado em outros documentos catalogados na Biblioteca Digital ALMA MATER e relacionados, pelo sistema de busca do site, ao códice 69 por motivo que se desconhece. São eles:

Figura 43: Recorte do fâc-símile do *Diccionario da lingua brazilica* – ALMA MATER/UC



Fonte: Própria autora

Figura 44: Recorte do fâc-símile do *Loci communes sententiarum et exemplorum memorabilium, ex probatissimis scriptoribus probatissima electione deprompti, liberaliu[m] artium studiosis & catholicae observationi consecratis perutilis lectio* – ALMA MATER /UC



Fonte: Própria autora

Figura 45: Recorte do fac-símile *Tratado dos oleos de enxofre, vitriolo, philosophor[um], alecrim, salva, e da agoa ardente, por mandado del Rey N[osso] S[enho]r D[om] João o quarto, dedicado ao mesmo S[enh]or* – ALMA MATER /UC



Fonte: Própria autora

Figura 46: Recorte do fac-símile *Diccionario da lingua geral do Brasil, que se falla em todas as villas, lugares, e aldeas deste vastissimo Estado, escrito na cidade do Pará, anno de 1771* – ALMA MATER /UC



Fonte: Própria autora

Figura 47: Recorte do fac-símile *Primeira parte da regra de sacerdotes em a qual se contem as cousas mais necessarias de sua obrigação com muytas considerações sobre ellas*– ALMA MATER /UC



Fonte: Própria autora

O segundo carimbo encontrado faz referência à atual biblioteca que custodia o documento – a Biblioteca Geral de Coimbra – e encontra-se mais nítido e menos desgastado que o primeiro, como vemos abaixo:

Figura 48: Carimbo da UC na última folha escrita



Fonte: Própria autora

5.4.2 Marcas d'água

A presença de uma marca d'água associada a um fabricante renomado era uma forma de assegurar a qualidade do papel, o que era muito valorizado na produção de documentos importantes. Os papéis com essas marcas ajudavam a evitar falsificações, já que a marca d'água era difícil de replicar e exigia equipamento específico para sua fabricação. De acordo com Ruas (2014), a disposição da posição delas, no papel, é capaz de inferir muitas considerações.

A autora também destaca que países como a França, a Itália, a Alemanha, a Bélgica, a Escandinávia e a Espanha apresentavam variadas marcas d'água. Em Portugal, no entanto, apesar de ser uma arte comum, se mantinha, nos séculos XV, XVI e XVII, em pequenas produções locais, como Leiria, Alcobaça e Alemquer. Apenas no século XVIII, no ano de 1716 aproximadamente, que se inicia uma produção mais intensa, a partir de Louza.

Portanto, a importância da marca d'água como elemento identificador do papel já é, praticamente, senso comum. Através dela, é possível localizar e datar materialmente o suporte, identificando fabricantes e períodos de uso de determinados padrões e combinações de imagens e letras para formar o conjunto de marcas: marca d'água principal, marca d'água complementar, marcas complementares de canto etc. além de se poder utilizar as distâncias entre os pontusais para inferir a produção de papéis a partir de um mesmo bastidor. A variação na qualidade da imagem resultante do bordado do arame sobreposto e costurado sobre as vergaturas e pontusais do bastidor, por sua vez, se devem ao fato de ser este um trabalho altamente artesanal ou indicam o uso do mesmo desenho por outro fabricante, o que também era muito comum (Lose, no prelo).

As folhas de papel que compõem o miolo do códice 69, como mencionado, apresentam marcas d'água variadas, o que indica que o documento, como era comum à época, foi produzido com papéis de variados fabricantes, embora todos da mesma composição (papel de celulose de algodão: papel de trapo). Feitas as devidas análises, em contato físico direto com o original, foram identificados os seguintes conjuntos de marcas:

5.4.2.1. Leão

Uma das marcas d'água identificadas foi a do leão, elemento associado historicamente à realeza e a cristandade. Sobre a cabeça do animal, nota-se uma coroa em igual alusão à realeza.

As marcas, conforme a figura abaixo, ocupam o meio da dobradura do papel no miolo do livro. Sendo assim, a nossa visualização teve de ser feita a partir da parte central (do festo) de páginas conjugadas:

Figura 49: Imagem da cabeça do leão coroado, capturada com a utilização de negatoscópio entre as folhas do volume e incidência de luz ultravioleta



Fonte: Lose e Silva (2014)

Figura 50: Imagem da metade inferior do leão, capturada com a utilização de negatoscópio entre as folhas do volume e incidência de luz ultravioleta

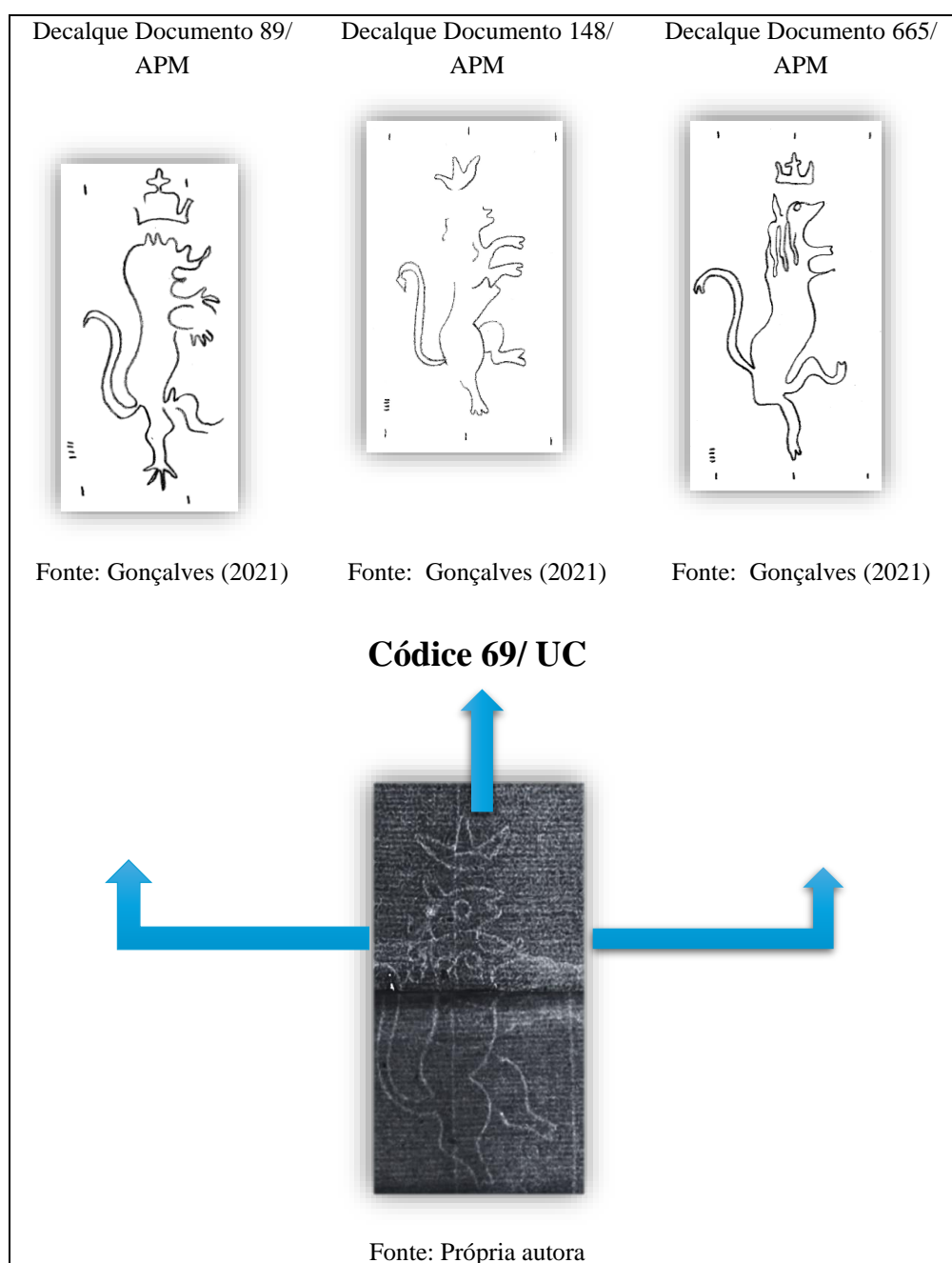


Fonte: Lose e Silva (2024)

Na busca de documentos referentes ao ano de 1750, essa marca foi identificada – como contramarca principal pelo banco de dados do site *Berstein – The Memory of Paper* – em papéis de três documentos, todos eles custodiados ao Arquivo Público Mineiro (APM), em Belo Horizonte.

O *Berstein* catalogou com base na pesquisa de Furtado (2021) sobre as marcas d'água do fundo Casa dos Contos, do APM. Da reunião desses dados e com base no decalque das marcas feito por Gonçalves (2021), obtivemos, então, o seguinte quadro comparativo ao Fundo

Quadro 10: Catalogação da marca d'água com a imagem do leão rampante coroado em documentos pertencentes ao Fundo Casa dos Contos, do APM.



Segundo Gonçalves (2021), a marca d'água identificada nos documentos alocados no APM – e que coincide com a mesma marca d'água identificada no códice – é provavelmente da Itália, um dos maiores fabricantes de papel da época e grande fornecedor de papel para Portugal e, conseqüentemente, Brasil (Lose, no prelo).

5.4.2.2 Flor de lis em medalha e sob grande coroa

A marca d'água com a figura do leão, conforme as imagens anteriores do APM, veio acompanhada, em duas ocorrências, de uma outra que representa uma flor de lis encimada por uma coroa e, na parte de baixo, o desenho de uma circunferência ovalada, com ornamentos externos circulares; e, internamente, um elemento, aparentemente fitomórfico. No códice objeto deste estudo, este mesmo desenho também aparece.

No banco de dados *Berstein – The Memory of Paper*, são apontadas as mesmas ocorrências listadas por Gonçalves (2021), com igual indicação de provável fabricação italiana.

No códice, assim como o leão, ela aparece ocupando duas folhas, conforme imagens abaixo:

Figura 51: Primeira metade da marca d'água flor de lis no códice 69



Fonte: Lose e Silva (2024)

Figura 52: Segunda metade da marca d'água flor de lis no códice - segunda parte

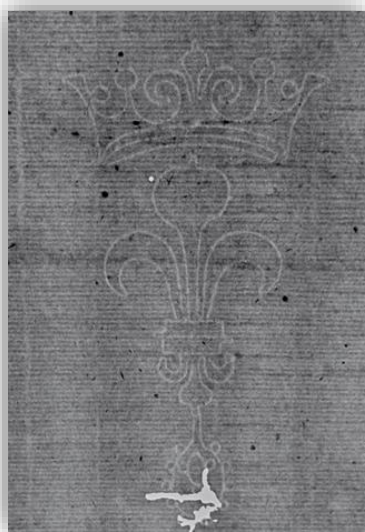


Fonte: Lose e Silva (2024)

A comparação fica mais evidente no quadro abaixo, cujas imagens digitalizadas das marcas tiveram seu contraste alterado:

Quadro 11: Comparação das marcas d'água flor de lis com base em Gonçalves (2021)

Documento 89/APM



Documento 148/APM



Códice 69/ UC



Fonte: Própria autora

5.4.2.3 Letras “B” e “A”

Foram encontradas, também, as letras maiúsculas “B”, “A” e “P”, como marcas d’água complementares de canto, em fólhos de parte do códice, conforme figuras:

Figura 53: Imagem da letra maiúscula “B” como marca d’água complementar de canto no códice 69



Fonte: Lose e Silva (2024)

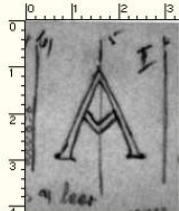
Figura 54: Imagem da letra maiúscula “A” como marca d’água complementar de canto no códice 69



Fonte: Lose e Silva (2024)

Não foram encontradas ocorrências para a inicial “B” como marca d’água complementar de canto no catálogo de *Berstein – The Memory of Paper*. No entanto, a marca “A” aparece catalogada em documentos da Biblioteca Nacional Alemã, mas sem indicação de posição ou função (se como contramarca ou marca d’água complementar de canto):

Figura 55: Ficha de catalogação da marca d’água “A” na Biblioteca Nacional Alemã



Wasserzeichen Informationssystem

Detailansicht

Número de referência	DE4815-DNB-L-WZ-0000637 <Link permanente>
Grupo motivo	Letras/números - uma letra - letra A - livre, sem símbolos - dois contornos - afilado
fonte	Alemanha, Biblioteca Nacional Alemã, Museu Alemão do Livro e da Escrita ↳ DNB/DBSM , Leipzig, WZ-II-387-0000637 1750, papel feito à mão Jena
coleção	Coleção de marca d’água ↳ DNB/DBSM/WZ
Dimensões	28mm, largura 20mm, altura 21mm
Fábrica de papel	Arnstadt, fábrica de papel (mapa) (arquivo de autoridade comum)

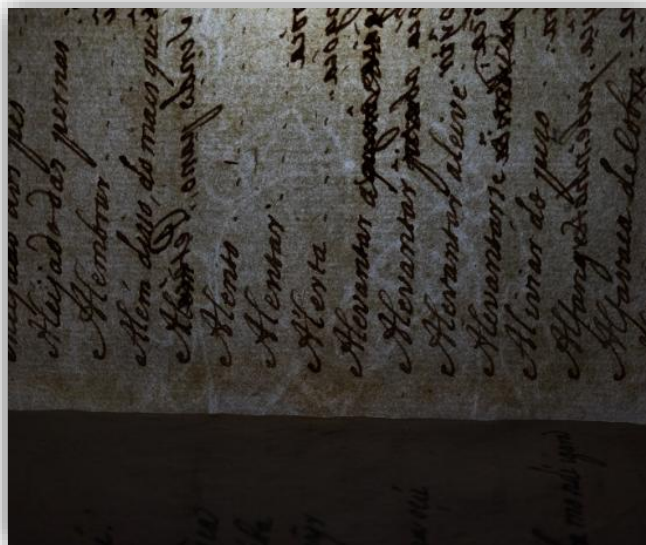
Fonte: Biblioteca Nacional Alemã

Conforme ficha, a marca “A” do catálogo alemão, foi usada pelo fabricante de papel Arnstadt, pertencente a Johann Konstantin Schock.

5.4.2.4 Brasão

Há, também, fólios cujo papel apresenta, como marca principal, um brasão com a inscrição “Libertas”. Tal desenho foi profusamente usado em papeis de vários fabricantes italianos, como Andrea Polera, Diferrari, entre outros (Lose; Magalhães, no prelo).

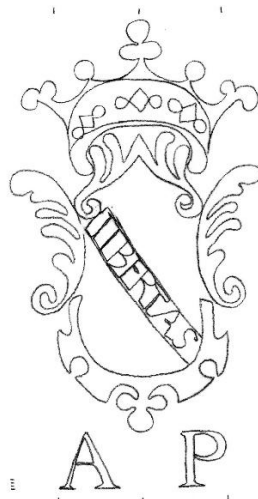
Figura 56: Marca d'água brasão no códice



Fonte: Lose e Silva (2024)

A marca é similar à outra catalogada por Gonçalves (2021), localizada em documentos do fundo Casa dos Contos, do APM, assim como as anteriores:

Figura 57: Decalque Documento 680/ APM



Fonte: Gonçalves (2021)

Com relação ao códice 69, embora Zwartjes (2011) sugira que, pelo fato de nenhuma outra cópia ter sido encontrada, a obra tenha sido destinada ao uso pessoal, a presença de todas

essas marcas d'água, com produção distribuída entre Itália e Alemanha, indicam uma preocupação com a autenticidade da obra.

O local de fabricação do papel, como já se disse, pode oferecer pistas sobre a data/período da produção material do documento e, por vezes, ajudar na inferência de autoria, uma vez que pode sugerir locais ou instituições que mais utilizaram papéis de determinados fabricantes. As pessoas que fizeram partes dessas instituições ou estiveram nesses locais, consequentemente, tiveram mais acesso a esses papéis e deles fizeram mais uso. Desses aspectos, tratamos no capítulo a seguir.

5.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Analizamos detalhadamente o códice *Grāmatica da língua geral do Brazil, com hum dictionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*, com destaque para a identificação de marcas materiais e a importância da consulta *in loco*. Essas análises contribuem significativamente para a compreensão da história do documento, sua proveniência e possíveis inferências sobre sua autoria.

As digitalizações disponíveis em plataformas como UC *Digitalis* permitiram análises preliminares, mas apresentaram limitações, como a dificuldade em identificar marcas d'água, sinais de desgaste e detalhes paleográficos. A consulta presencial revelou informações cruciais sobre a materialidade do códice. Essas observações foram possíveis graças ao uso de instrumentos especializados, como lupas, microscópios e negatoscópios, destacando a relevância do contato direto com o manuscrito.

A análise das marcas d'água e outros elementos materiais sugere a utilização de papéis de origem italiana e alemã, amplamente empregados em documentos religiosos e oficiais da época.. As marcas revelam uma preocupação com autenticidade, indicando que o códice pode ter sido produzido para uso formal ou institucional, como o contexto missionário jesuíta.

Zwartjes (2011) sugere que a ausência de cópias indica um uso restrito ou privado, mas as marcas apontam para uma produção mais elaborada e conectada a redes europeias de fornecimento de materiais. Essas marcas revelam o uso de papéis de diferentes fabricantes europeus, reforçando a autenticidade e o caráter singular do códice, além de evidenciar a circulação de materiais de alta qualidade na época. A correlação entre os fabricantes dos papéis

e o local de produção levanta hipóteses sobre os autores ou grupos responsáveis pela elaboração do manuscrito, dos quais falaremos no capítulo seguinte.

A abordagem material e presencial, combinada à análise histórica, enriquece a interpretação do códice como um artefato cultural único. Além de identificar marcas de proveniência e elementos materiais, o estudo possibilita inferências sobre a autoria e o uso do documento, consolidando sua relevância para investigações interdisciplinares.

6

AS MÃOS QUE ESCRIVEM O CÓDICE 69: DESCRIÇÃO GRAFEMÁTICA E OS “RASTROS” DE AUTORIA

Até nos testemunhos mais resolutamente voluntários, o que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser o objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo. [...] Entre as vidas dos santos da alta Idade Média, pelo menos três quartos são incapazes de nos ensinar qualquer coisa de concreto sobre os piedosos personagens cujo destino pretendem nos retratar. Interrogamo-las, ao contrário, sobre as maneiras de viver e pensar particulares às épocas que foram escritas, todas as coisas que o hagiógrafo não tinha menor desejo de expor. Vamos achá-las de um valor inestimável. Em nossa inevitável subordinação ao passado, ficamos portanto pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de seus vestígios, conseguimos todavia saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer. É, pensando bem, uma grande revanche da inteligência sobre o dado.

Bloc, M., 2001, p. 78.

Sendo a transformação do texto em fonte linguística, tal qual defende Emiliano (2003), consequência de um conveniente trabalho de processamento e interrogação, não basta a edição dos textos escritos no Brasil para que estes possam ser considerados representativos de um português brasileiro; mas saber “quem” os escreveu, já que, “no Brasil do passado, a pena esteve nas mãos de portugueses, brancos, brasileiros, africanos, índios e imigrantes — todos, com

maior ou menor perícia, escrevendo em português” (Lobo, 2009, p. 312) —, e como os escreveu.

Nesse sentido, é coerente recordar a famosa definição de Labov (1972), a qual diz que a Linguística Histórica é “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados”. Por isso,

Os documentos históricos sobrevivem por acaso, não por desígnio, e a seleção que se pode obter é produto de uma série de acidentes históricos imprevisíveis. As formas linguísticas em tais documentos são frequentemente distintas das formas vernaculares dos seus escritores e, por isso, refletem esforços para dominar um dialeto normativo que jamais foi língua de nenhum falante nativo. Como resultado, muitos documentos estão crivados com os efeitos de hipercorreção, mistura dialetal e erro de escriba. Além disso, os documentos históricos apenas podem fornecer evidências positivas. Evidências negativas sobre o que é agramatical podem apenas ser inferidas das falhas óbvias na distribuição, e, quando os materiais remanescentes são fragmentários, essas falhas são muito provavelmente resultado do acaso. Geralmente, sabe-se muito pouco sobre a posição social dos escritores e não muito mais sobre a estrutura social da comunidade. Embora se saiba o que foi escrito, não se sabe nada sobre o que foi entendido e não há como realizar experimentos controlados sobre compreensão inter-dialetal. O conhecimento do que era distintivo e do que não era é severamente limitado, uma vez que não se pode usar a intuição dos falantes nativos para diferenciar variantes não-distintivas de variantes distintivas. (Labov, 1995, p. 11)

Considerando a afirmação de Labov sobre o fato de que “sabe-se muito pouco sobre a posição social dos escritores e não muito mais sobre a estrutura social da comunidade”, a edição de textos para integrar uma amostra linguística de qualquer sincronia do passado, consoante Lobo (2009), não pode estar limitada à Crítica Textual *stricto sensu*. Tal tarefa exige do linguista-filólogo “a reconstrução da estrutura social da comunidade ‘de fala’ e a identificação da posição social dos que escreveram no passado” (Lobo, 2009, p. 312).

A língua falada, como afirmou Silva Neto (1979, p. 77), “não se deixa fotografar”, e, por isso, os testemunhos escritos das épocas passadas precisam ser vistos como vestígios de uma realização linguística, mas não s: também como indício de uma sócio-história linguística. Dessa forma, uma edição, com critérios bem definidos, é necessária para que se possa, conforme Silva de Jesus pontuou (2020, p. 194), “vislumbrar a materialização da língua de nossos antepassados”.

Quando falamos de línguas ágrafas, o trabalho é imensamente mais árduo uma vez que a maioria dessas línguas possuem uma história linguística por se descobrir, com uma reconstrução que demanda um trabalho arqueológico capaz de dar conta das sincronias e da história da própria língua. Considerar esses aspectos é importante para que sejam evitadas leituras equivocadas quando da preparação do texto.

Assim, como observa Silva de Jesus (2021), conhecer a língua é entender o funcionamento de sua estrutura interna, as mudanças que ocorreram — se ocorreram — ao longo do tempo, mas, também, compreender os elementos socioculturais e os vestígios que essa língua carrega consigo. No caso da história das línguas indígenas do século XVIII, ágrafas por natureza, sabe-se que a maioria delas não possuem mais falantes para que possamos falar sobre “língua compartilhada pela vida social”. Assim, o acesso que temos a essas línguas que existiram se dará através de outros vestígios: a própria documentação europeia que buscou descrevê-las, assim como toda a descrição da cultura dos povos considerados estranhos.

Felizmente, no caso do códice 69, falamos de um reduto local — a Amazônia — que ainda mantém uma língua geral — o *nheengatu* — mas, certamente, este não é mais o *nheengatu* de séculos atrás, tal como a língua portuguesa não é mais a mesma daquele período. É justamente através dos indícios, das pistas deixadas por *scriptores* falantes de línguas não-indígenas, que acessamos rastros de realidades vividas em diferentes momentos do tempo e do espaço. No caso deste trabalho, importa, ainda, a relação de tais línguas com a língua portuguesa.

Assim, aqui, exploramos diferentes hipóteses sobre a autoria do códice 69 e consideramos que a gramática e o dicionário contidos nele foram elaborados em momentos distintos, refletindo estágios diferentes de desenvolvimento linguístico. Além disso, analisamos paleograficamente os traços de escrita dos dois principais *scriptores* do códice. As seções apontam para o fato de que o códice 69 é uma obra coletiva, fruto da interação entre culturas e tradições linguísticas e caligráficas.

6.1 A QUESTÃO DA AUTORIA: ALGUMAS HIPÓTESES

Antes de mais, é necessário levar em consideração o fato de tratarmos de um códice composto por uma gramática e um dicionário. Assim, a questão da autoria é posta por Jesuita (2020) como uma grande lacuna e como um ponto que, segundo o autor, não é pacífico entre os poucos estudiosos que se debruçaram sobre o documento em questão.

O maior dos problemas para a inferência de uma autoria é, sobretudo, o trabalho paleográfico que tem sido relegado ao longo de todas essas análises anteriores. Sem desmerecer, evidentemente, o trabalho de todos os pesquisadores até aqui — pois reconhecemos, também, que não se tinha os mesmos recursos para análise paleográfica que se tem hoje —, a identificação

da autoria em manuscritos dessa natureza deveria estar pautada na dedicação em se descrever os aspectos paleográficos do códice.

A própria ficha catalográfica – tanto do site da UC *Digitalis* quanto do site da ALMA MATER – em nenhum momento faz menção, por exemplo, à existência de marcas d’água no códice, tratadas no capítulo anterior. Desconsiderar a análise de todos os elementos que estão na superfície do papel – e daqueles que são inferidos pela análise sócio-histórica – é perpetuar uma narrativa que ficou limitada pela ausência de uma metodologia adequada e canonizar conclusões que trataram meramente de aspectos gerais, como se o documento nada mais pudesse dizer.

Nesse sentido, contrariamente ao que afirma Mota (2017) sobre a materialidade dos manuscritos – segundo a autora, desnecessária para determinar ou delimitar o conteúdo de um texto –, esta é, sim, primordial para qualquer fundamentação que se faça, principalmente sobre a autoria, já que:

[...] uma única folha de papel é um documento para o filólogo e para o teórico da literatura, pois traz o esboço de uma poesia; é um documento para o geneticista, pois traz os movimentos da feitura da obra; e é um documento para o biógrafo, pois traz dados que, aliados a alguns outros, apresentam informações sobre a vida do escritor. É, também, um documento para o historiador, pois retrata de alguma forma a sociedade contemporânea a ele. Portanto, um fato registrado sobre um testemunho autoral diz respeito à biografia de seu autor, à história de sua sociedade, de sua criação literária, da cultura de sua época... a materialidade dos documentos – marcas de copo, marcas de fogo, marcas de água, marcas do cuidado e do descuido, marcas do tempo – são como as cicatrizes em um corpo: contam a sua história. (Lose, 2004, p. 27)

Sobre a autoria do códice 69, vigorou por muito tempo, em primeiro lugar, a hipótese de Edelweiss (1969). O autor considerava que o códice tinha sido escrito por franciscanos baseando-se no uso do termo *Língua Geral*, que, segundo o próprio, não poderia ser usado por um jesuíta para denominar a língua da gramática. Conforme Edelweiss, não existe, na documentação, o “tupi padronizado” dos jesuítas, mas aquilo que ele chama de *brasiliano*. Tal confusão, segundo ele, só poderia ser feita por um franciscano, desconhecedor das diferenças que Edelweiss acredita existirem entre *tupi jesuítico* e *brasiliano*.

O conceito de *tupi jesuítico* – concebido como tupi original, ou puro – diferencia-se daquilo que preconizou Aryon Rodrigues, aspecto já trabalhado nos capítulos anteriores. Embora sejam de grande relevância os estudos de Edelweiss, do ponto de vista linguístico de Rodrigues, o *tupi jesuítico*, ao contrário do que defendia Edelweiss (1969), não era uma forma puramente indígena do Tupi, mas uma variante simplificada, mesclada com elementos do

Português, usada como uma língua franca entre os missionários e os diversos povos. Rodrigues (1996) via esse processo de adaptação como uma forma de “reconstrução” da língua, que muitas vezes distorcia ou simplificava aspectos importantes da língua original. Em suas obras, ele também destacou como a língua Tupi foi influenciada e modificada pelos interesses coloniais, especialmente pela tentativa dos jesuítas de evangelizar os povos indígenas.

Dessa forma, é delicado chamar o *tupi jesuítico* de exemplo fiel da língua Tupi, já que estudos mais recentes comprovam que ele foi uma espécie de código de comunicação adaptado para as necessidades do momento, mas que não refletia a complexidade e a riqueza da língua indígena original. Para Edelweiss, no entanto, “1) a língua tupi ou língua brasílica é aquela uniformizada pelos jesuítas em seus vários compêndios; e 2) na Amazônia, não há obras jesuíticas mas sim franciscanas e o que encontramos nos textos não é o tupi uniformizado pelos jesuítas, mas sim um dialeto que ele batiza de ‘brasiliano’” (Mota, 2017, p. 16).

Mas, tenhamos sempre presente, que o brasileiro não é um dialeto uniforme como o tupi jesuítico. Entre cerca de 1580 e 1760 houve, de contínuo, tribos, que falavam um tupi relativamente original, ao lado de camadas de mestiços e índios em escalas das mais díspares aculturações lingüísticas. Tivemos, assim, com o correr do tempo, não apenas um, mas toda uma gama de dialetos brasileiros (Edelweiss, 1989, p. 146).

Ademais, sem delimitar conceitos de autoria ou cópia, o tupinólogo atribui a autoria não apenas a mais de um autor – nos termos defendidos por ele –, mas também a pelo menos 2 copistas franciscanos (Edelweiss, 1969, p. 143) por conta dos verbetes do Dicionário, como “frade de missa” e “frade leigo”. Mota (2017), mais uma vez, corrobora sua hipótese:

Além disso, para ele, essa língua não é o tupi jesuítico, mas o dialeto brasileiro. É um argumento consistente, tendo em vista que quando analisamos detidamente o manuscrito de 1750, vemos no dicionário inscrições do copista como “é antigo, é tupinambá”. Lembremos, como dito acima, que para ele todas as obras escritas em “tupi do século XVIII” são dos franciscanos, com exceção do texto do jesuíta Bettendorff. (Mota, 2017, p. 146)

A língua descrita no códice 69, na perspectiva do autor, apresentaria diferenças em relação à língua do confessionário oficial dos jesuítas, à obra de Antônio de Araújo de 1618 e à reeditada por Bartolomeu de Leão, em 1686. Além disso, Edelweiss afirma que Bettendorff, quando queria se referir à “língua geral”, denomina-a como “língua irregular e vulgar” e, por isso, o códice não seria obra de religioso jesuíta. Voltaremos a esses pontos mais adiante., mas, por ora, do ponto de vista linguístico e filológico, a hipótese de autoria franciscana simplesmente pela menção ao termo “frade” não se sustenta pois há, sim, referências ao termo “padre” no códice 69, como é possível perceber na página numerada como 135 do códice. Além

disso, a menção colocações como “é antigo”, ou “é tupinambá”, só comprovam a perspectiva de Aryan Rodrigues.

O *Tupi Antigo*, nas considerações de Rodrigues (1986), como termo mais abrangente, referia-se à língua falada pelos povos indígenas que habitavam a costa brasileira nos séculos XVI e XVII, durante os primeiros contatos com os colonizadores europeus, sendo uma reconstrução linguística feita a partir de registros históricos, como gramáticas e vocabulários produzidos por missionários e viajantes, especialmente os trabalhos de Anchieta e outros jesuítas. Também era utilizado para designar o tronco linguístico Tupi, que abrange diversas línguas faladas por povos indígenas em todo o Brasil. Dentro do tronco Tupi, o *Tupi Antigo* seria apenas uma das línguas. Outras línguas relacionadas incluem o *Guarani*, o *Nheengatu* e o *Munduruku*. O termo era usado por Rodrigues para se referir ao grupo maior de línguas e culturas relacionadas.

O *Tupinambá*, na prática, referia-se à versão dialetal específica do *Tupi Antigo* utilizada pela etnia tupinambá. A LGA, por sua vez, seria, portanto, uma variação da língua para a qual os missionários criaram uma norma. Diferente do *Tupi Antigo*, sofreu influências do Português e de outras línguas indígenas da Amazônia. É uma língua viva, enquanto o *Tupi Antigo* é considerado uma língua extinta. Serviu como língua franca entre indígenas e colonos, especialmente na região amazônica.

Em suma, a LGA, foi derivada do *Tupi Antigo*, que, por sua vez, era fortemente influenciado pelo *tupinambá*. Portanto, há uma relação indireta: o *Tupinambá* serviu como uma das principais fontes do *Tupi Antigo*, que foi simplificado e adaptado para formar a LGA. Ao transformar o *Tupi Antigo* na LGA, os missionários jesuítas simplificaram a gramática e o vocabulário para facilitar a comunicação com um público diverso, incluindo indígenas de diferentes etnias, colonizadores portugueses e mestiços. A influência do *Tupinambá* permaneceu evidente na LGA, especialmente na fonologia, no vocabulário básico e nas estruturas sintáticas mais simples (Rodrigues, 1986).

Dessa forma, “polida” era o modelo formal e padronizado da Língua Geral Amazônica, ensinado e promovido principalmente pelos missionários jesuítas nas missões religiosas. Servia como instrumento de catequese e comunicação oficial entre colonizadores, religiosos e indígenas. Havia uma padronização gramatical e lexical, baseada nas normas introduzidas pelos missionários; uso em contextos religiosos, administrativos e em interações formais; e uma tentativa de “purificação” da língua, aproximando-se das bases do *Tupi Antigo* documentado.

A forma considerada “vulgar” era a cotidiana e coloquial da Língua Geral Amazônica, falada pelos indígenas e por outros grupos sociais em suas interações diárias. Apresentava maior variação dialetal, com influências regionais, como o contato com outras línguas indígenas amazônicas e o Português, simplificações e adaptações espontâneas para atender às necessidades práticas de comunicação e era mais distante da forma idealizada e padronizada pelos missionários (Rodrigues, 1986; Dias, 2011; Navarro, 2013).

O código 69 não trata, portanto, do *Tupi Jesuítico*, ou *Tupi Antigo* na perspectiva de Rodrigues, muito embora a catalogação da *Digitalis* assim afirme. Além do próprio título contradizer esse argumento, trazendo a referência explícita a uma *gramática em língua geral*, no conteúdo do texto, notamos a mistura entre as duas línguas que originou a língua geral: a indígena e a portuguesa, como vemos abaixo. Portanto, não se trataria de uma simples estandarização do tupi, mas do reconhecimento de uma mudança linguística que culminou na designação de um outro termo.

Figura 58: Fragmento do dicionário do código 69 com expressão que mistura o português e as línguas indígena



Fonte: Própria autora

Com base nessas informações, construímos o quadro abaixo:

Quadro 12: Relação entre Tupi Antigo, Tupi, Tupinambá e Língua Geral Amazônica do Século XVIII

Aspecto	Tupi Antigo	Tupi	Tupinambá	LGA
Origem	Língua falada pelos povos indígenas do litoral brasileiro nos séculos XVI-XVII.	Tronco linguístico abrangendo várias línguas indígenas	Dialeto específico do tupi antigo falado pelos Tupinambás	Derivada do tupi antigo, adaptada pelos jesuítas no século XVIII.
Função Original	Comunicação cotidiana, cultural e cerimonial dos povos indígenas	Classificação ampla para línguas do tronco Tupi.	Língua nativa do grupo Tupinambá.	Língua franca nas missões e na comunicação colonial na Amazônia.
Contexto de Uso	Usada por indígenas do litoral brasileiro.	Línguas Tupi-Guarani e outras subfamílias relacionadas.	Restrita ao grupo Tupinambá no litoral.	Usada por indígenas de diversas etnias, colonos e religiosos na Amazônia.

Características Linguísticas	Complexa, rica em gramática e vocabulário.	Grande diversidade linguística entre as línguas do tronco Tupi.	Variante do tupi antigo, base para os registros linguísticos históricos.	Simplificada, com gramática mais fácil, influenciada pelo português e outras línguas.
Relação com o Tupi Antigo	É o próprio tupi antigo.	Termo abrangente; inclui o tupi antigo e outras línguas.	Um dos dialetos mais bem documentados do tupi antigo.	Derivada diretamente do tupi antigo, com modificações missionárias.
Relação com o Tupinambá	Base para o registro do tupi antigo.	Inclui o tupinambá como uma das línguas Tupi-Guarani.	É o dialeto base para os registros históricos do tupi antigo.	Indiretamente influenciada pelo tupinambá via tupi antigo.
Relação com a LGA	Língua ancestral da LGA.	Forneceu as bases para a criação da LGA, especialmente via tupi antigo	Serviu como modelo para o tupi antigo usado pelos jesuítas.	Versão adaptada e funcional do tupi antigo para comunicação na Amazônia.

Fonte: Própria autora

A consideração dessa distinção de variedades, feita no conteúdo do códice, permite vislumbrar o contexto complexo de uma iminente mudança linguística ao percebermos o registro da existência de uma variante “menos polida, e mais usada” em oposição a outro registro de uma variante “muy polida, e pouco usada”. Uma marca documentada de diglossia linguística.

Uma evidência disso é o próprio uso de *nitio* como forma para negar sentenças no códice 69, inclusive no confessionalário acostado, mas diferindo das gramáticas em Tupi de Anchieta e Figueira. Sobre essa forma de negar, Anselmo Eckart (1778), outro autor setecentista que tratou da descrição das línguas gerais e tupi, considera ser própria das missões no Baixo Amazonas: “Deus non moritur, Tupà nomanói. este é genuíno modo de falar no Brasil o dialeto Toupinambeus (sic). Mas nas Missões Paraenses, onde o idioma já está um tanto quanto corrompido, assim dizem: Deus, Tupã, ou Tupána, non, nitiú, moritur, omanó” (Eckart *apud* Rosa, 1994, p. 177).

Por sua vez, Zwartjes (2011, p. 169) afirma que o manuscrito foi composto por pelo menos três autores diferentes. Jesuita (2020) ampara a sua pesquisa também nessa hipótese. É de se admirar, todavia, que, ainda que sejam poucos os estudos que se ocupem do códice 69, mesmo estes, que levantam hipóteses sobre a autoria, não empreenderam a composição de um quadro grafemático ou ao menos a caracterização da morfologia do traçado, já que tanto

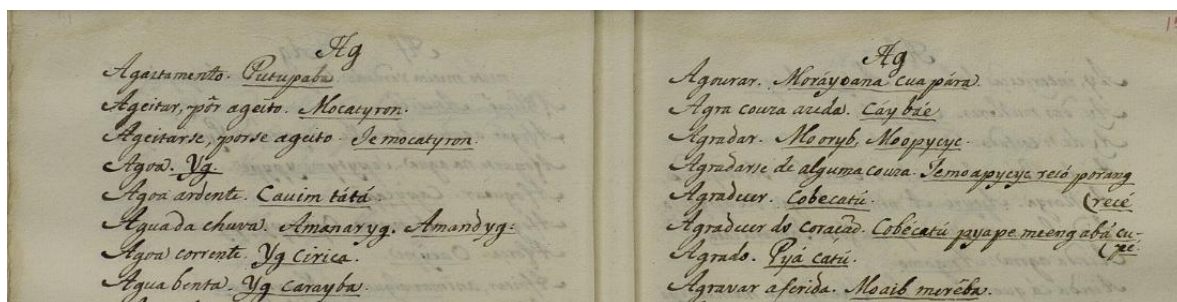
Zwartjes quanto Edelweiss atribuem mais de uma mão, ainda que utilizem de forma equivocada, do ponto de vista paleográfico e filológico, os conceitos de *autoria* e *cópia*.

Nessa hipótese, porém, diferentemente de Edelweiss, Zwartjes considera a obra de responsabilidade dos jesuítas:

[...] dos três autores, o primeiro é o gramático, não apenas produzindo um tratamento clássico ‘rudimentar’ das partes do discurso, um capítulo sobre sintaxe e 10 páginas de regras gramaticais adicionais que excedem essas seções tradicionais (f. 206-216), mas também fazendo várias alegações de ter conhecimento de outras línguas brasileiras (egf 107, 132). Curiosamente, de acordo com a entrada do catálogo (‘Ficha bibliográfica’) para este manuscrito na Biblioteca da Universidade de Coimbra, outro manuscrito anônimo, *Diccionario da língua geral do Brasil* (1771), escrito na Cidade do Pará (‘Escrito na Cidade de Pará’), é redigido pela mesma mão. Por outro lado, o autor do dicionário de 1750 aqui, ou seja, a segunda mão, é explícito sobre não ser um mestre da gramática (‘mestre [não] sou della’) (f. 361). O terceiro escriba não faz tais alegações, no entanto, é digno de nota que ele apenas escreve segmentos em Língua geral, exceto no caso de cabeçalhos internos em português, para o catecismo monolíngue, confessionalário etc. e sua Advertencia de encerramento (f. 407) (Zwartjes, 2011, p. 169).

Aqui, há um problema ainda maior, pois Zwartjes compara a mão que escreve o dicionário do códice 69 à mão que escreve um outro dicionário em língua geral, mas de 1771 – o códice 81, cujo fac-símile também se encontra alocado na Biblioteca Digital ALMA MATER. Informação incompleta, conforme observamos no fac-símile dos dois manuscritos, pois o códice 69 apresenta um dicionário escrito por duas mãos:

Figura 59: Mão do códice 81 – parte do dicionário



Fonte: Site ALMA MATER

Figura 60: Mão do scriptor A à esquerda e mão do scriptor B à direita do códice 69 – parte do dicionário



Fundo: Site ALMA MATER

A colocação equivocada do autor é induzida pelo erro da ficha bibliográfica da UC *Digitalis* – que atribui a mesma mão ao códice 81, sem considerar a existência de mais de um punho escrevendo o códice 69. Há que se considerar, também, a menção, na mesma ficha, a um *dicionário em tupi*, divergindo do próprio título do códice, que faz referência à *Língua Geral*. Merece destaque, também, o fato de que é no mínimo curioso que, do início ao fim, o códice 69 não faça uma única referência ao termo *Tupi* propriamente, mas o seu conteúdo atesta, por outro lado, a existência de outras línguas convivendo com a língua geral quando são descritas as partes da oração.

Zwartjes também considera o códice, como dito no capítulo anterior, uma obra de uso pessoal. Essa hipótese deve ser repensada a partir da presença de marcas d'água, que podem, dentre outros fins, atribuir autenticidade ao documento. Havendo a necessidade de uma prova de autenticidade, é possível que o objetivo do códice não fosse restringir-se ao uso de um único indivíduo.

Embora o próprio Zwartjes (2011, p. 168) sugira que “[a gramática] ainda não foi [analisada] satisfatoriamente no contexto da história da linguística”, o autor chega a se contradizer ao tentar se provar com as próprias partes do documento:

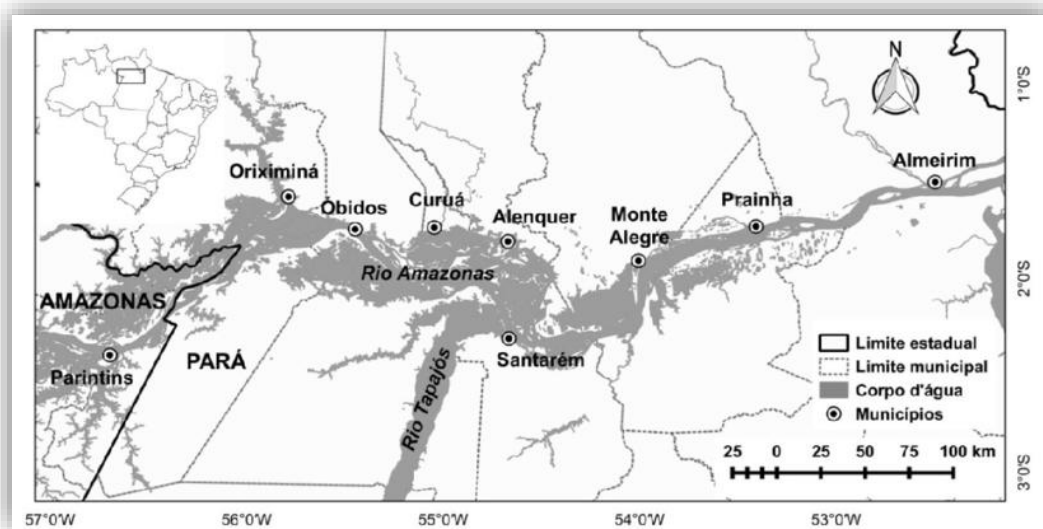
[...] que a obra não é destinada a novatos aprendendo tupi em um ambiente escolar que podem precisar de português, latim ou ambos para referência. Sabemos, no entanto, que esta parte do texto foi concebida para ser compartilhada, pois em sua mensagem ao leitor no final do confessional, o autor pede que futuros usuários corrijam seus erros desculpáveis como acharem adequado.

Barros (2003), por sua vez, constrói uma outra hipótese. Através de um levantamento das produções de jesuítas da Europa Central, a autora indica ser a obra de autoria de missionários jesuítas da Europa Central (Holanda, Bélgica, Suíça e Hungria) – identificados como *tapuitinga* na documentação remanescente do século XVIII – que chegaram à região amazônica entre 1750 e 1753. O códice faria, então, parte de uma política linguística própria do século XVIII que refletia uma postura diferente.

Assim, haveria mais respeito à tradição jesuítica nos textos impressos, enquanto os manuscritos apresentariam menos rigor na estandarização linguística e, por isso, carregavam marcas da oralidade. A autora, nesse sentido, compara a “Confissão” do códice 69 ao *Compendio da Doutrina Christã*, alegando que as duas versões são idênticas, com exceção de minúsculas diferenças quanto a letras, acentos ou abreviaturas.

A localidade identificada por Edelweiss como origem do dicionário do códice 69 – o Baixo Amazonas –, é ilustrada a seguir:

Figura 62: Mapa da região do Baixo Amazonas que se estende do município de Parintins - AM até o município de Almeirim – PA



Fonte: Cruz *et al.* (2017)

Com base nessas hipóteses, construímos o quadro-síntese a seguir:

Quadro 13: Hipóteses de autoria do código 69

Hipótese	Defensores	Argumentos
Autoria Franciscana	Edelweiss (1969), Mota (2017)	Uso do termo “Língua Geral”; confusão entre tupi jesuítico e brasileiro; termos como “frade de missa”; Presença de mais de um copista; registros de variantes linguísticas (“mais usada” e “muy polida”).
Autoria Jesuítica	Zwartjes (2011), Jesuita (2020)	Identificação de três autores, sendo um deles gramático jesuíta.
Autoria Jesuítas Tapuitingas	Barros (2003)	Obra atribuída a missionários da Europa Central; semelhança com textos de Bettendorff; marcas da oralidade.
Tradicional	Senso comum	Associação geral do estudo do Tupi à atividade missionária jesuítica, sem identificação específica de autores.

Fonte: Própria autora.

6.2 A MORFOLOGIA DAS MÃOS DOS *SCRIPTORES*: DESCRIÇÃO INTRÍNSECA

O labor científico requer método. Por isso, todas as hipóteses elencadas anteriormente carecem de análise paleográfica detalhada e validação metodológica mais rigorosa. Aqui, o objetivo é, portanto, a descrição dos grafemas utilizados pelos *scriptores*, as diferentes maneiras de organizá-los, as flutuações gráficas e os pormenores da execução caligráfica, pois são esses fatores que constituirão os fatos linguísticos que dizem respeito às descrições intrínsecas, que são, conforme Lose *et al.* (2009, p. 47):

Características intrínsecas são definidas aqui como aquelas características ainda não ligadas à — língua, mas sim às peculiaridades — ortográficas de cada *scriptor*. É importante fazer uma ressalva para o fato de que — ortografia, neste contexto, não deve ser pensada como a escrita correta, mas sim como a forma de escrever e de dispor e combinar os grafemas, criando, desta forma, fatos linguísticos a serem analisados.

Assim, os seguintes elementos constituintes da escrita que nos interessam para este estudo são: morfologia, ângulo, ductos, módulo, peso, ligaduras e nexos.

A *morfologia* diz respeito à forma, o aspecto exterior das letras. O *ângulo* está relacionado à posição do instrumento de escrita em relação à linha. O *ductus*, por sua vez, é a ordem de sucessão e o sentido de execução dos traços que formam a letra, enquanto o *módulo* busca informar a altura e a largura das letras. Com relação ao *peso*, dependendo do suporte e do instrumento utilizado para escrever, indica se o traçado da escrita é resulta grosso ou fino. Por fim, temos as *ligaduras*, que são os traços que ligam as letras (Contreras, 1994, p. 47-53).

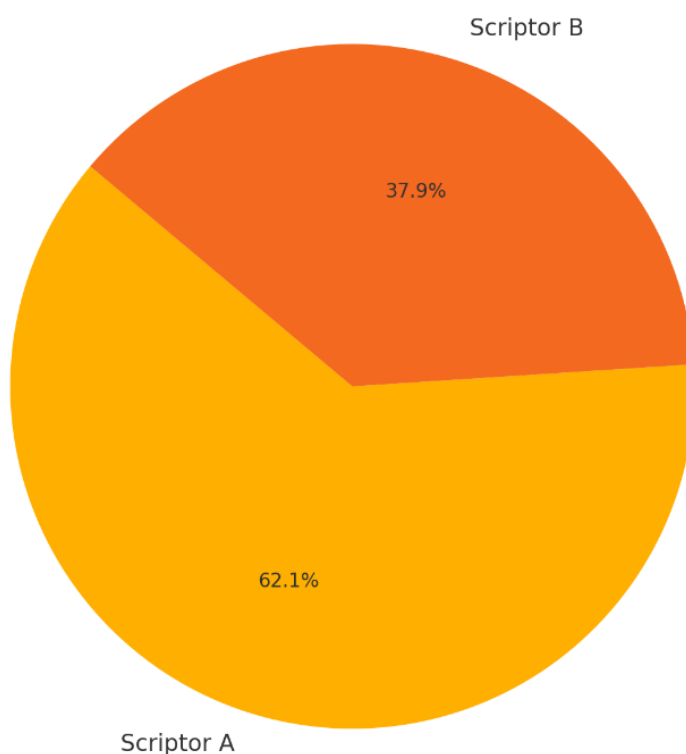
Já os nexos – que, no códice 69, aparecem em latim – são palavras ou expressões que conectam partes de um texto ou discurso, estabelecendo relações lógicas, temporais, causais, entre outras. Serviam principalmente para conferir erudição, formalidade e precisão ao texto, refletindo a formação humanista da época, pois o Latim era a língua da Igreja, da ciência, do direito e das elites letradas, e seu uso era um recurso estilístico para destacar a seriedade do documento e reforçar sua legitimidade.

Salientamos que as noções de *scriptor*, *autor* e *copista* não são iguais para a Filologia moderna. Dessa forma, admite-se, aqui, que *autor* é quem cria o texto original e detém o status de “autoridade”. O *scriptor* é o “escritor” no sentido de quem materializa o texto, mas sem necessariamente alterar ou interpretar o conteúdo, pois realiza o trabalho de transcrever as ideias de outros, seguindo os modelos existentes, sem um papel criativo e apenas reproduzindo o texto tal como foi concebido. Por fim, o *copista* é quem copia o texto manualmente, papel muito comum nos mosteiros medievais, podendo ser um mero replicador do texto ou alguém que

introduz pequenas mudanças (conscientes ou não), como acréscimos, correções ou variações estilísticas. Assim, optamos por atribuir, nesse primeiro momento, a condição de *scriptores* às mãos que escrevem o códice 69.

Nesse sentido, na análise do códice, foram identificados dois punhos, cuja distribuição pelos fólhos é representada no gráfico abaixo:

Figura 63: Distribuição das “mãos” pela mancha gráfica



Fonte: Própria autora

6.2.1 Configuração da mão *scriptor* A

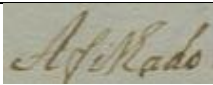
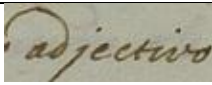
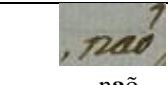


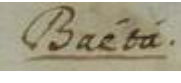
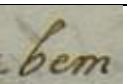
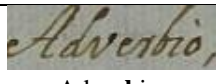
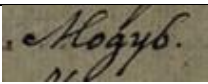
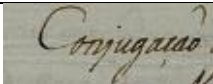
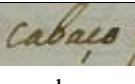
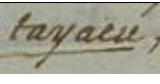
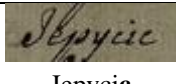
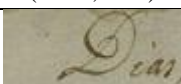

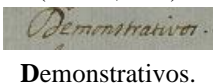
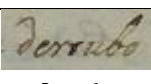

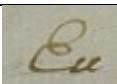

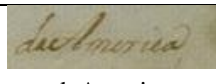

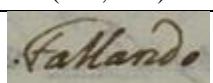
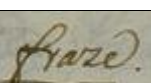
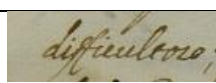
O códice 69 foi iniciado por um *scriptor* que chamaremos de “A” e identificamos o seu punho desde a folha de rosto até a página numerada posteriormente como 254. Após esse intervalo, a mesma mão volta a aparecer na página numerada como 411.

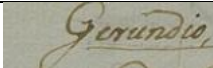
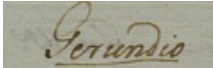
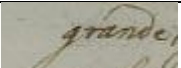
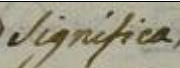
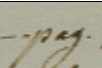
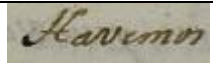

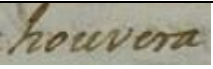

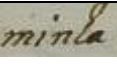
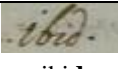
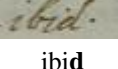
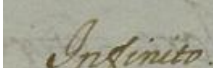
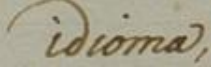
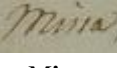
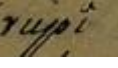


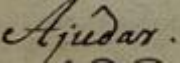
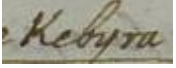

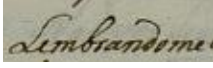
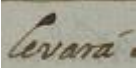
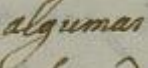
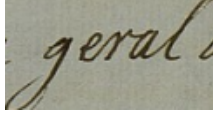
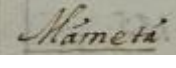
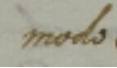
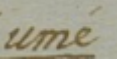
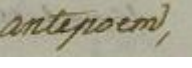
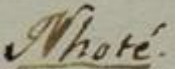
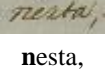
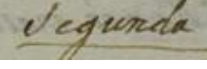
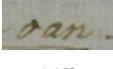
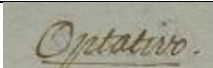
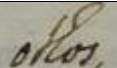
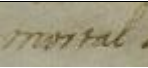
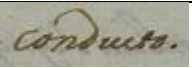
Entre a página numerada como I (a folha de rosto) e a página numerada como 105, nota-se uma mancha gráfica que se estrutura em colunas, distribuindo-se mais ou menos em 20 linhas por coluna. Da página numerada como 107 até a página numerada como 215, tem-se a

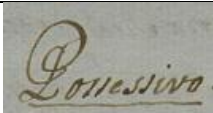
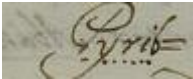
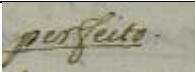
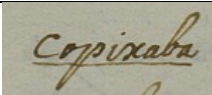
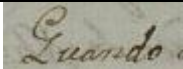
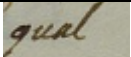
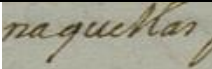


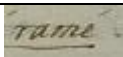
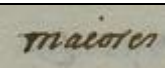
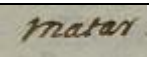
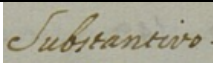
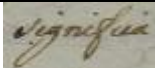
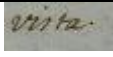
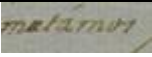
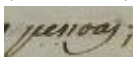

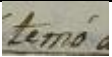
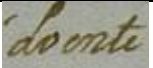

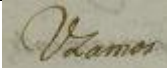
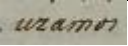
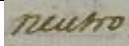
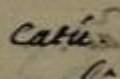
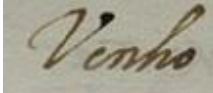
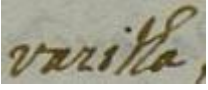
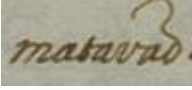



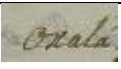
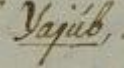

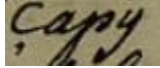
predominância de uma mancha gráfica sem a divisão das colunas e que se apresenta em parágrafos.

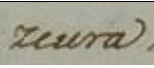
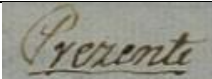
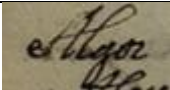
Assim, sobre o *scriptor* A, e considerando os intervalos mencionados, foi possível elaborar o quadro scriptográfico a seguir. A numeração utilizada para localização dos grafemas segue a marcada em página e não a do fôlio:

Quadro 14: Levantamento scriptográfico do *scriptor* A

Grafema	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
<a>	 Afilhado (P. II, L. 3)	 adjectivo (P. 142, L. 4)	 , naõ (P. 107, L. 4)	 terra, (P. 108, L. 4)
	 Baenêi (P. 218, L. 13)  Baetá. (P. 218, L. 14)	 bem (P. 147, L. 16)	 Adverbio, (P. 107, L. 5)	 Mogyb . (P. 240, L. 9)
<c>	 Conjugação (P. 64, L. 2)	 cabaço (P. 117, L. 2)	 tayacú (P. 118, L. 3)	 Iepycie (P. 240, L. 14)
<d>	 Dias (P. 411, L. 1)  Do (P. 227, L. 2)  Demonstrativos. (P. 227, L. 8)	 derrubo (P. 92, L. 4)	 aldeia (P. 215, L. 3)	Sem ocorrências
<e>	 Eu (P. 7, L. 3)	 ellas (P. 107, L. 6)	 deAmerica (P. 411, L. 5)	 fé (P. 241, L. 9)
<f>	 Fallando (P. 214, L. 6)	 frazz. (P. 15, L. 5)	 difficultozo; (P. 143, L. 17)	Sem ocorrências

<g>	 Gerundio (P. 73, L. 4)  Gerundio (P. 84, L. 2)	 grande (P. 212, L. 6)	 significa (P. 215, L. 7)	 pag(ina) (P. 223, L. 4)
<h>	 Havemos (P. 213, L. 11)  He (P. 178, L. 8)	 houvera (P. 93, L. 7)  hum (P. 151, L. 2)	 minha (P. 153, L. 9)	 ibid (P. 225, L. 7)  ibid (P. 225, L. 8)
<i>	 Infinito (P. 73, L. 2)	 idioma (P. 108, L. 2)	 Missa (P. 411, L. 3)	 rupi (P. 239, L. 4)
<j>	 Iá (P. 17, L. 6)	 já (P. 108, L. 21)	 Ajudar (P. 250, L. 2)	Sem ocorrências
<k>	 Kebyra (P. 152, L. 6)	Sem ocorrências	 iké (P. 246, L. 7)	Sem ocorrências
<l>	 Lembradome (P. 63, L. 11)	 levará (P. 200, L. 6)	 algumas (P. 201, L. 12)	 geral (P. 217, L. 3)
<m>	 Māmeta (P. 220, L. 3)	 modo (P. 207, L. 2)	 umé (P. 20, L. 2)	 antepoem, (P. 205, L. 6)
<n>	 Nhoté (P. 221, L. 2)	 nesta, (P. 127, L. 10)	 Segunda (P. 15, L. 5)	 oan (P. 2, L. 2)
<o>	 Optativo (P. 80, L. 4)	 olhos, (P. 114, L. 2)	 mortal (P. 411, L. 7)	 conducto. (P. 216, L. 7)

<p>	 Possessivo (P. 110, L. 11)  Pyrib= P. 175, L. 6	 perfeito (P. 7, L. 10)	 copixaba (P. 111, L. 2)	Sem ocorrências
<q>	 Quando (P. 207, L. 5)	 qual (P. 122, L. 3)	 naquellas (P. 145, L. 8)	 porq(ue) (P. 202, L. 11)
<r>	 Relativo (P. 111, L. 8)	 ramé (P. 51, L. 4)	 maiores (P. 123, L. 2)	 matar (P. 199, L. 2)
<s>	 Substantivo. (P. 225, L. 8)	 significa (P. 212, L. 7)	 vista (P. 134, L. 2)	 matámos (P. 2, L. 33)  pessoas; (P. 214, L. 2)
<t>	 Taba (P. 215, L. 3)	 temó (P. 12, L. 5)	 doente (P. 119, L. 14)	 ut (P. 152, L. 11)
<u>	 Uzamos (P. 125, L. 18)	 uzamos (P. 130, L. 6)	 neutro (P. 207, L. 2)	 catú (P. 248, L. 6)
<v>	 Venho (P. 212, L. 9)	 vazilha (P. 117, L. 11)	 matavaõ (P. 10, L. 2)	 adu(érbio) (P. 220, L. 4)
<w>	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
<x>	 Xe (P. 54, L. 6)	 xoer (P. 25, L. 2)	 Oxalá (P. 185, L. 3)	Sem ocorrências
<y>	 Yajúb (P. 103, L. 7)	Sem ocorrências	 Paya (P. 245, L. 6)	 çapy (P. 247, L. 12)

<L>	Sem ocorrências	 zeura (P. 172, L. 15)	 <u>Prezente</u> (P. 54, L. 5)	 Algoz (P. 252, L. 2)
-----	-----------------	---	--	--

Fonte: Própria autora

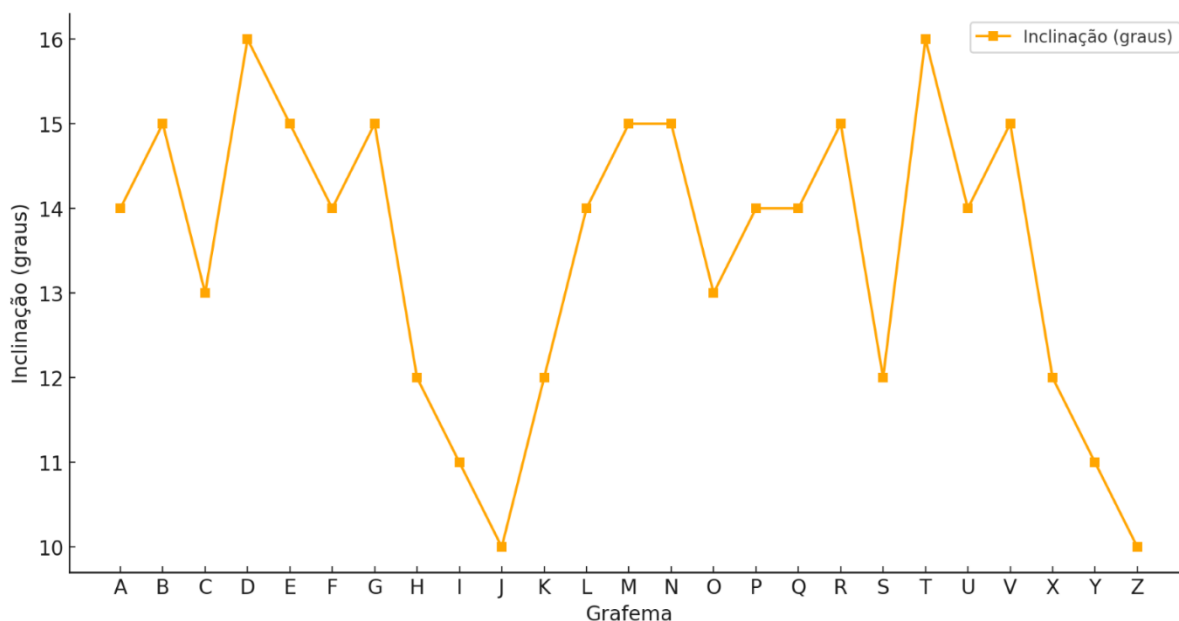
A escrita deste punho é semicursiva, visto que, no meio de cada palavra encontram-se diversos pontos de fuga e novos pontos de ataque, sendo a pena retirada do papel em diversos casos, para, logo em seguida, retornar, um pouco adiante, para continuação do mesmo vocábulo. Portanto, não fazendo traços de ligação (ligaduras) em todos ou na maioria dos grafemas da mesma palavra, o que nos faria considerá-la como efetivamente cursiva.

Apesar de ser uma escrita modelar, aos moldes do que chamamos no Brasil de caligráfica portuguesa colonial (Acioli, 1994), usada desde os princípios do período das escritas consideradas humanísticas e profusamente aplicadas depois da publicação e circulação, em Portugal e suas colônias, de manuais de ler, escrever e contar como os de Manuel de Andrade Figueiredo (1722), entre outros, há traços característicos, como veremos a seguir.

As maiúsculas apresentam maior complexidade estrutural, com maior elaboração ornamental em alguns grafemas, como <A>, e <L>. As minúsculas tendem a ser simplificadas e apresentam variações em suas formas conforme a posição na palavra e o remate do grafema que as antecede e sucede, no caso daquelas em posição medial.

Em posição inicial, os traços são mais marcados, frequentemente com linhas ascendentes que se destacam. Em posição medial, as linhas são contínuas e, havendo ligaduras, conectam as letras com fluidez, exibindo simplicidade na forma. Em posição final, as terminações com traços ascendentes ou curvas nos pontos de fuga podem ser mais leves ou enfatizadas, dependendo do grafema em questão. De uma forma geral, os traços são harmônicos, com certa regularidade e adaptabilidade entre o formato cursivo e uma escrita adaptada para legibilidade, portanto, o semicursivo.

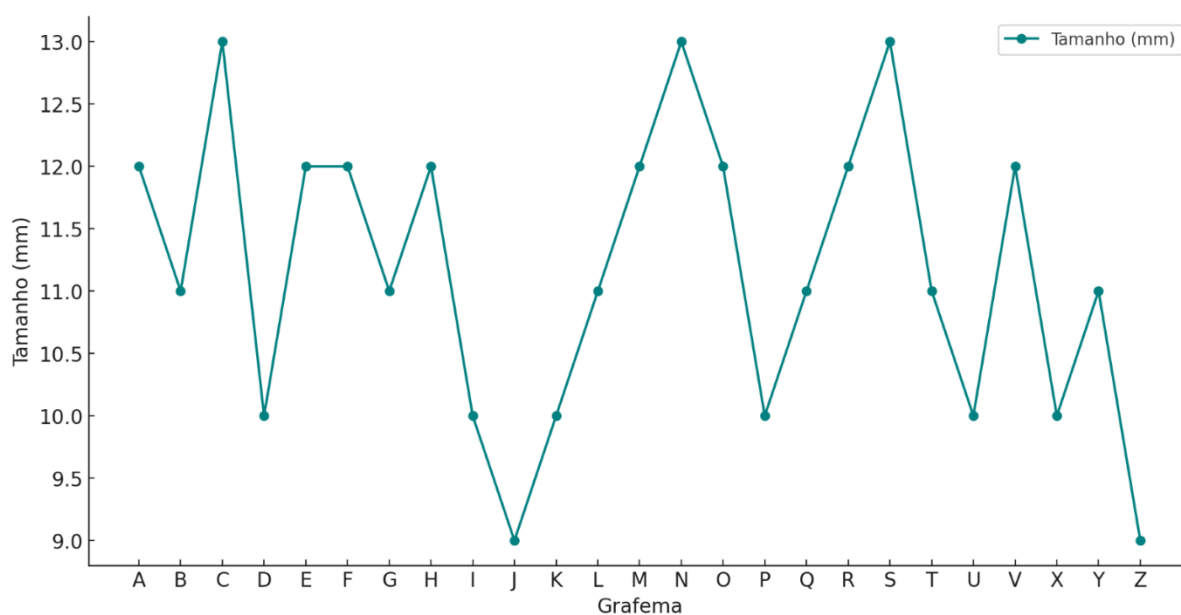
Quanto ao *ângulo*, a inclinação da escrita é consistentemente orientada para a direita, variando entre 10° e 15° em relação à perpendicular da linha, conforme mostra o gráfico a seguir. Essa inclinação é típica de escrita cursiva funcional e denota dinâmica e agilidade, além de indicar boa coordenação entre a pressão da mão e o fluxo do texto.

Figura 64: Inclinação dos grafemas - *Scriptor A*

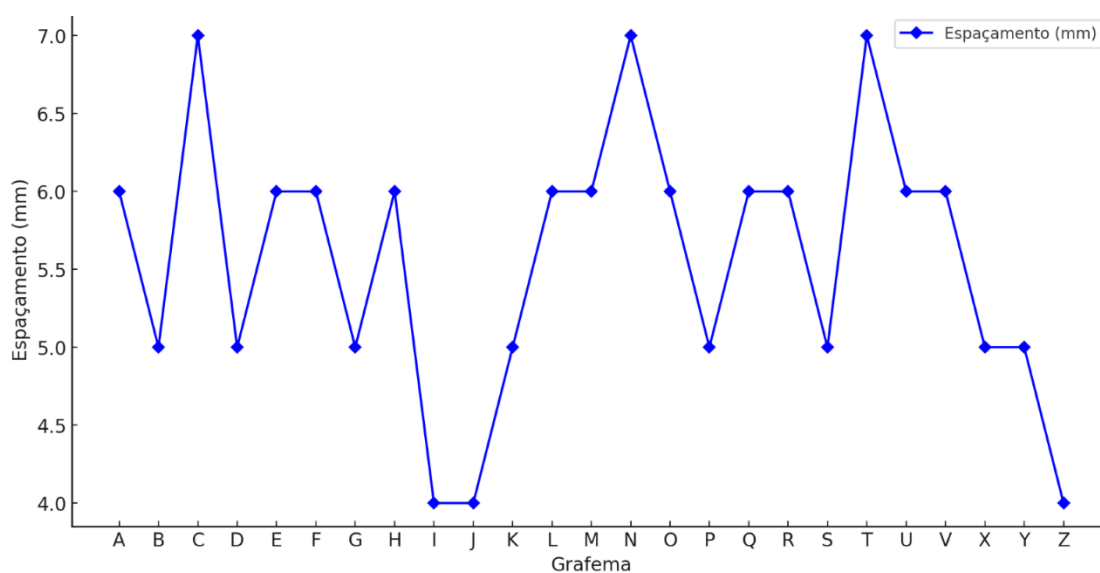
Fonte: Própria autora

Os *ductos* são predominantemente contínuos, com poucas quebras ou interrupções perceptíveis em um mesmo grafema, embora haja grafemas produzidos com dois, ou até três traços, e havendo pontos de desconexão entre letras de uma mesma palavra. Essa característica é notável em palavras de composição longa. Há variação controlada na espessura, sendo mais fina em ligações e mais densa em traços descendentes ou nas curvas dos grafemas, especialmente em <g>, <q> e <d>. Os movimentos são lineares e previsíveis, reforçando a ideia de consistência e treinamento caligráfico.

O *módulo* da escrita é uniforme. As letras minúsculas possuem alturas regulares, com poucas variações no alinhamento médio e superior. O corpo das letras tende a ser compacto, mas legível. As maiúsculas são significativamente maiores que as minúsculas, criando contraste visual e hierarquia no texto. Geralmente têm uma altura entre 1,5 e 2 vezes o tamanho das minúsculas, chamando atenção para o início das frases – outro elemento característico da escrita caligráfica no modelo aqui indicado. O espaçamento entre letras e palavras é moderado, garantindo clareza sem comprometer a ligação entre os elementos. Esses dados foram ilustrados nos gráficos abaixo:

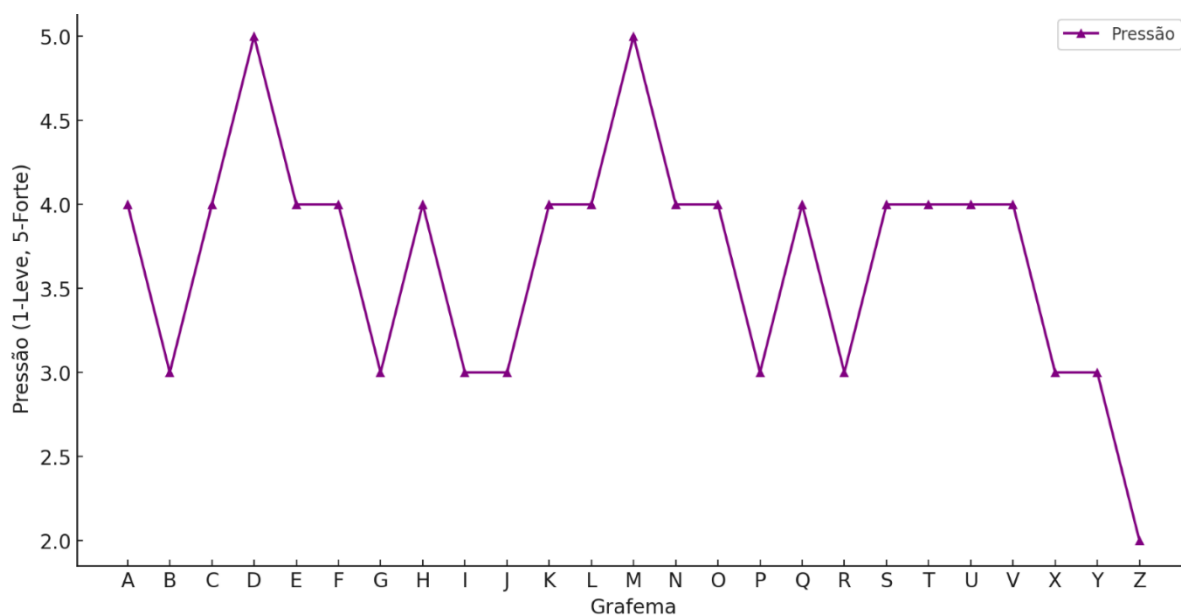
Figura 65: Tamanho médio dos grafemas - *Scriptor A*

Fonte: Própria autora

Figura 66: Espaçamento entre letras - *Scriptor A*

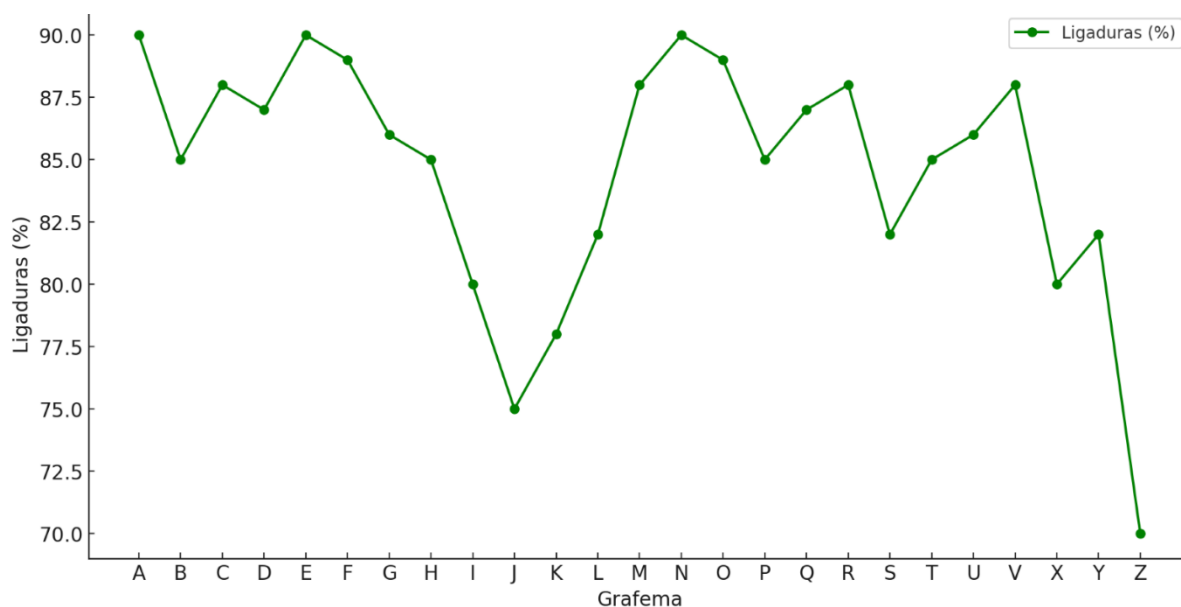
Fonte: Própria autora

O *peso* do traçado é médio, indicando uma pressão uniforme do instrumento de escrita sobre o suporte. Existe contraste perceptível entre traços ascendentes e descendentes, sendo os descendentes mais marcantes e os ascendentes mais leves. O peso confere destaque visual às palavras sem torná-las excessivamente densas, preservando a leveza da escrita semicursiva.

Figura 67: Pressão do traçado- *Scriptor A*

Fonte: Própria autora

As *ligaduras* são predominantes em pares de letras comuns como “ae”, “st” e “ti”. A conexão é fluida, sugerindo um movimento contínuo da mão. Algumas ligaduras são simplificadas, enquanto outras possuem ornamentos discretos, como em combinações que incluem letras com hastes ou laços (“h”, “l”, “f”), contribuindo para a coesão visual e a leitura contínua do texto, viabilizando melhor a legibilidade. Quanto aos nexos, é comum o uso de *et caetera*, *verbi gratia* e *ut*.

Figura 68: Ligaduras entre letras- *Scriptor A*

Fonte: Própria autora

A regularidade em termos de ângulo, peso e espaçamento sugere prática e controle motor refinado. Apesar da complexidade de algumas ligaduras, a escrita mantém-se clara e funcional, adequando-se a fins que demandam estética e compreensão rápida. A presença de pequenos ornamentos, como em <f> e <g>, indica um toque pessoal e estilístico, mas sem exageros que comprometam a simplicidade geral.

Essas características sugerem que os documentos foram escritos por alguém treinado em caligrafia formal, com modelo caligráfico e estilístico muito presente em documentos do século XVIII.

6.2.1.1 As pistas para identificação o *scriptor A*

Com base no quadro dos grafemas identificados para o *scriptor A*, portanto, como dito, a hipótese de Edelweiss, que atribui a autoria a um franciscano simplesmente pelo uso do termo “frade” e não “padre”, torna-se obsoleta, já que comprovamos que há a menção ao termo “padre” no próprio códice, especialmente feita pelo *scriptor A*.

À primeira vista, a titulação dos capítulos pode gerar estranheza, dadas as ornamentações e destaques; mas, pode-se comprovar, no levantamento scriptográfico, que apenas uma mão escreve da folha de rosto até a página numerada posteriormente como 254 e

da página 411 em diante – embora use modelos caligráficos levemente distintos, o que, mais uma vez, denota uma mão bem treinada nas artes da escrita. O quadro demonstra que há realizações gráficas variadas para letras como <G> e , por exemplo, o que sugere habilidade do *scriptor* em diferenciar o corpo do texto dos destaques dos títulos. No entanto, essa variedade compartilha, ainda, de características em comum, como vemos abaixo:

Quadro 15: Comparação grafemática entre e <G> no título e no corpo do texto

Grafema	Realização gráfica em títulos	Realização gráfica no corpo do texto
B-	 <p>Brazil. Folha de rosto</p>	 <p><u>Baenêi</u> (P. 218, L. 13)</p>
G-	 <p>Grãmatica Folha de rosto.</p>	 <p><u>Gerundio</u> (P. 84, L. 2)</p>

Fonte: Própria autora

A hipótese de Zwartjes também não se sustenta, pois, como vimos, o *scriptor* A se restringe aos intervalos mencionados. Resta, então, verificar a hipótese de Barros, isto é, se o códice seria de autoria *tapuitinga*, de um jesuíta estrangeiro. Um caminho possível para a identificação dessa mão começa no próprio Edelweiss, que coloca o missionário Bettendorff como uma exceção à exclusividade da produção franciscana na região norte da colônia.

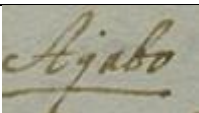
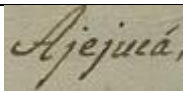

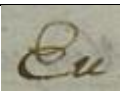
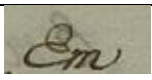

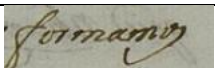
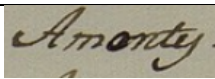
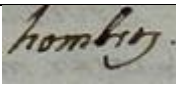

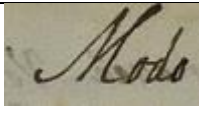
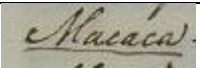
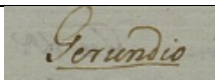
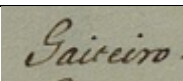
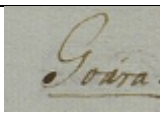
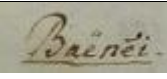
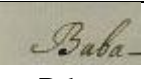
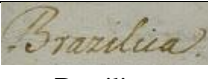
Avaliando a ficha catalográfica, encontramos outras pistas. Lá, estão apontadas a relação de documentos que possuem “mesma mão”, e é justamente dessa relação que Zwartes categoricamente afirma que o *scriptor* que escreve o dicionário, no códice 69, é o mesmo do códice 81, esquecendo de destacar que existe um segundo *scriptor* que escreve não só a maior parte do dicionário, mas também o catecismo, a nova tabela de artigos, pronomes e dativos, e todas as seções subsequentes: parte do corpo, advérbio, uma doutrina para o idioma, notas ao leitor e de advertência, além do confessionalário.

Além do códice 81, a ficha aponta, “com letra da mesma mão” o códice 94, 148 e 1089. Como a prática nos mostra que não é prudente nos valermos apenas de uma ficha catalográfica, consultamos os únicos documentos que estavam disponíveis para consulta no Fundo Digital ALMA MATER – justamente o códice 81 e 94 – e verificamos que, para além do teor similar

(Barros; Lessa, 2004), de fato a mão do *scriptor* A – responsável, em sua maior parte, pela gramática e não pelo dicionário – pode ser percebida nos dois códices.

Mesmo considerando as similitudes dos padrões caligráficos ensinados, aprendidos e profusamente utilizados por diversas mãos em um mesmo período, há traços distintivos de cada *scriptor* – e é sempre a eles que buscamos – que nos levam a esta confirmação. A seguir, apontamos algumas semelhanças entre elas:

Quadro 16: Exemplos de similaridades grafemática entre os códices 69, 81 e 94

Grafema em maiúscula	Códice 69	Códice 81	Códice 94
A-	 <u>Ajabo</u> (P. 73, L. 5)	 Ajejúá (P. 3, L. 2)	 <u>Anhó</u> (P. 71, L. 6)
E-	 Eu (P. 15, L. 6)	 Em (P. 66, L. 2)	 Eu (P. 69, L. 7)
- s	 formamos (P. 207, L. 6)	 Amontes (P. 19, L. 17)	 hombros (P. 7, L. 7)
M-	 <u>Mãmeta</u> (P. 220, L. 3)	 Modo (P. 1, L. 2)	 Macaca (P. 36, L. 9)
G-	 <u>Gerundio</u> (P. 84, L. 2)	 Gaiteiro (P. 81, L. 3)	 <u>Goára</u> (P. 73, L. 3)
B-	 <u>Baenêi</u> (P. 218, L. 13)	 Baba- (P. 31, L. 13)	 Brazilica. (P. I, L. 3)

Fonte: Própria autora

É irrefutável, portanto, que se trata do mesmo *scriptor* nos outros dois códices. No entanto, tanto o códice 81 quanto o 94 também são considerados, até o momento, como

anônimos. Assim, a segunda pista encontrada foi o terceiro códice apontado com “mesma mão”, com título *Doutrina christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos*. Dada a exceção levantada por Edelweiss para a figura de Bettendorff, a segunda via seria encontrar um documento assinado pelo próprio missionário. Na impossibilidade de acesso pela Biblioteca Geral de Coimbra – já que não havia nenhuma documentação assinada pelo padre Bettendorff no seu catálogo on-line –, notamos que esse documento foi estudado pelas professoras Barros e Monserrat.

Apesar do título fazer referência ao missionário, Barros e Monserrat (2015) não atribuem a Bettendorff a autoria, mantendo a indicação de autor anônimo para o códice 1089. Nesse sentido, a comparação entre as mãos dos *scriptores* não foi viável por esse caminho, já que não havia fac-símile acessível. Porém, as autoras admitem que a única amostra de diálogo de doutrina que temos dos autores *tapuitingas* é o códice 1089, com marcas enunciativas que denunciavam, na escrita, um falante de português como L2.

Considerando o códice 1089, as marcas enunciativas que apontam para um *scriptor* que não tem o português como primeira língua são, segundo as autoras:

- i) inserções em alemão e em latim nos dicionários;
- ii) falta de coerência no registro da nasalidade na língua geral;
- iii) registro da oclusiva velar – surda e sonora – oscilante quando antecede “e”³, “i”, “y”, “k”, “ck”, “qu”, “c”, “g”, “gh”. o uso de “k” e “ck” é típico da escrita alemã;
- iv) uso de consoantes duplas em português;
- v) troca entre oclusivas dentais “t”/ “d” em português;
- vi) troca entre oclusivas labiais “p”/ “b” em português;
- vii) troca entre oclusivas velares “k”/ “g” em português;
- viii) variação entre “e”/ “a”/ “o” em português;
- ix) variação entre “r” / “rr” em português;
- x) variação entre “k”/ “g” depois de “n” em língua geral;

³ Optamos por tratar como caractere, pois, por se tratar de um falante de português L2, não é possível a interpretação do *scriptor* para o que é som e o que é grafema.

xi) variação entre “p” / “b” depois de “m” em língua Geral;

xii) troca de gênero ou regência em português;

xiii) uso de sinal gráfico de parênteses característico da escrita do alemão antigo: os jesuítas da Europa Central faziam uso de uma forma gráfica de parênteses⁴ - /: :/ - não encontrada na tradição paleográfica portuguesa, que usa apenas barras - / / - ou semicírculos - () ;

xiiii) pequenas listas lexicais.

Alguns desses indícios estão presentes, no códice 69, na manifestação do *scriptor* A. Além da constante presença do Latim em explicações, percebemos oscilações na marca de nasalidade, ora marcada com acento agudo (como em “grámatica”), ora com o til (como em “homẽ”), tanto em português quanto em LG.

Há cinco ocorrências do uso de “gh” diante de vogal palatal, as quais talvez se expliquem, de acordo com Prudente (2013), pela pouca familiaridade do autor com a pronúncia de [g] como oclusiva na Língua Geral, pronúncia que divergia do que tinha aprendido em português. O autor argumenta que a grafia “gh”, usada no italiano, devia ser conhecida dos missionários católicos, até dos alemães, pelo conhecimento geral do italiano. Esta grafia repete-se nos dicionários de Eckart e Meisterburg.

Também é comum, no códice 69, o uso de consoantes duplicadas em português – evento comum no português clássico. Na escrita do *scriptor* A, no entanto, nota-se que a ocorrência de “mm”, “ff”, “tt”, “ll”, por exemplo, poderia se dar pela própria influência latina ou por uma tradição alemã que, em alguns casos, usava a duplicação de consoantes em certos contextos, especialmente em palavras que envolviam sons longos ou duplos, como em “ommen” (um tipo de transliteração do som nasal ou de “m” com duração prolongada). Além disso, nota-se a presença de grafemas tremados e que não são presentes nos fac-símiles mais antigos aos quais tivemos acesso – a saber, as cartas de Camarão (Navarro, 2022) e as poesias em tupi do século XVI, agrupados por Von Martius, publicados por Martins (1945) –, como “ä”, “ë”, “ö” e “ÿ”

No caso do “ÿ”, pode representar sons que posteriormente foram unificados com o “i” ou o “e”. Em francês, o “ÿ” aparece em algumas palavras como *L’Hay-les-Roses* (uma cidade)

⁴ Em Portugal, *parênteses* são barras obliquas. O que chamam *semicírculos*, em Portugal, é o que entendemos como *parênteses* no Brasil.

e em nomes próprios como *Adélaïde d'Orléans*. Serve para indicar que o “y” deve ser pronunciado separadamente da vogal anterior, ou seja, que não forma ditongo. Também no holandês, pode ser encontrado em nomes próprios, como em *Van der Smýt*. No entanto, há a presença, também, de vogais tremadas.

Notamos certa conformidade com os compêndios – principalmente, o de Bettendorff, conforme Edelweiss (1969) –, mas também alguns distanciamentos. Jesuita (2020), nesse sentido, percebe a influência de Figueira, no trabalho do *scriptor* A, na sua concepção gramatical. Ainda assim, o autor aponta que a parte da gramática do códice 69 não apresenta os capítulos dedicados ao estudo das letras ou à descrição das declinações dos nomes como fazem Anchieta e Figueira. Ela segue a tradição greco-latina das oito partes da oração (nome, pronome, verbo, particípio, preposição, advérbio, conjunção e interjeição); enfatiza o critério semântico enquanto Figueira foca em aspectos sintáticos e morfológicos; distancia-se da doutrina de Figueira na descrição dos pronomes, mas inova ao elencar a classe dos “pronomes extravagantes”; e, na sintaxe, há conceitos idênticos aos de Figueira.

Embora Jesuita (2020) considere ser uma reescrita das obras de Anchieta e Figueira – o que já indica uma autoria jesuíta –, a presença das marcas aqui listadas denuncia um *scriptor* que não tinha o português como L1, embora fosse muito conhecedor da tradição gramatical.

Retomamos, portanto, à conclusão da origem dos papéis, mencionada no capítulo anterior. O próprio Bettendorff, como citado anteriormente, destaca a ausência de materiais para a alfabetização de indígenas e, no caso do *scriptor* A, dentre as marcas que ocupam os papéis escritos por essa mão, uma delas é propriamente alemã. As considerações feitas por Edelweiss (1969) e Barros e Monserratt (2014), então, nos conduziram a considerar o próprio Bettendorff como possível autor da gramática que consta no códice 69, pela sua formação alemã, alta erudição e contato extremo com a língua portuguesa e línguas indígenas.

6.2.1.2 A plausibilidade da autoria de Bettendorff

Assim, dada a relevância de Bettendorff na região do Baixo Amazonas, a origem alemã dos papéis e o alto grau de instrução de Bettendorff – o qual, dentre outras tarefas, se ocupou do letramento dos indígenas –, buscamos algum documento, ou ao menos o fac-símile que estivesse assinado por ele no intento de descartar ou comprovar sua autoria. A sua biografia, portanto, foi compilada na ficha abaixo:

Quadro 17: Ficha bibliográfica Padre Bettendorff


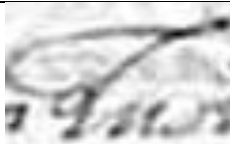
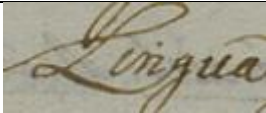


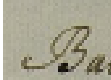
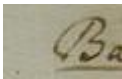
<p>Possível Scriptor A</p> 	<p>João Filipe Bettendorff (<i>Johannes Philippus Bettendorff</i>)</p> <p>Nascimento: 25/08/1625 Falecimento: 5/08/1698</p> <p>Localidade de nascimento: Lintgen, Condado de Luxemburgo</p> <p>Localidade de falecimento: Belém, Pará (Brasil)</p> <p>Filiação: Matthieu Andreu e Marguerite Reinerts</p> <p>Formação: Estudou Humanidades no colégio jesuíta de Luxemburgo; Filosofia na Universidade Trier (atual Alemanha); Direito na Universidade de Cueno, na Itália; e Teologia na Universidade de Douai, na França.</p> <p>Início do Noviciado: 1647, Tournai (atual Bélgica)</p> <p>Envio para a Missão no Maranhão: 1659</p> <p>Chegada em São Luis do Maranhão: 20/01/1661</p> <p>Principais atividades: Superior da residência jesuítica de Santo Alexandre na cidade (1662-1668) e Superior da Missão do Maranhão (1668)</p> <p>Obras: Construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, antiga aldeia jesuíta dos Tapajós, atual cidade de Santarém, no Pará; Construção do altar e retábulo da capela da antiga aldeia jesuíta de Gurupatuba, atual cidade de Monte Alegre, no Pará; <i>Compendio da doutrina christam na Lingua Portugueza, & Brasilica: em que se comprehendem os principais mysterios de nossa Santa Fe Catholica, & meios de nossa salvação: Ordenada a maneira de Dialogos accomodados para o ensino dos Indios, com duas breves Instruções: hua para bautizar em caso de extrema necessidade, os que ainda são Pagãos, & outra, para os ajudar a bem morrer, em falta de quem saiba fazerlhe esta charidade;</i> Reedição da Gramática Tupi do Padre Jesuíta Luís Figueira. <i>Arte de Grammatica da Lingua Brasilica e Chronica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão</i></p>
---	---

Fonte: Própria autora

Assim, em contato com o Arquivo IESU, tivemos acesso ao primeiro; e, em contato com o professor Karl Arenz, tivemos contato com o segundo. Importa destacar que não tivemos acesso aos documentos na íntegra, mas apenas a fragmentos e com imagens de baixa resolução, mas legíveis. De posse deles, ambos assinados pelo padre Bettendorff, elaboramos o quadro abaixo:

Quadro 18: Comparação entre o *Scriptor A* e os documentos assinados por Bettendorff

Grafema	Fragmento Documento 1- Bettendorff	Fragmento Documento 2- Bettendorff	<i>Scriptor A</i> - código 69
A-			
M-			
-y			
P-			
-p-			
D			
H		-	
-d-			
d-			
e- (com laçada)			

L-			
B-			 

Fonte: Própria autora

Ambas as imagens exibem uma formação de grafemas que segue o padrão do alfabeto latino com algumas variações nas proporções e na fluidez dos traços. Por exemplo, as letras “L” e “H” são formadas de maneira semelhante, com traços longos e retos seguidos de curvaturas suaves. As letras “e”, “a”, “o” e “s” são claramente legíveis e bem definidas, com uma curvatura consistente e traços contínuos.

As letras são bastante regulares, com exceção das variações de tamanho de algumas letras, como “t” e “g”, que são ligeiramente mais altas ou mais baixas. As letras minúsculas mantêm um comportamento consistente, com as mesmas proporções e curvaturas, mas a segunda amostra apresenta um pouco mais de espaçamento entre as letras, indicando uma ligeira diferença no fluxo de escrita. As letras com ascendentes, como “h” e “d”, e as descendentes, como “g” e “y”, apresentam uma estrutura semelhante nas amostras, embora haja pequenas variações no comprimento das hastes ascendentes.

No texto corrido, é possível observar algumas semelhanças entre as três manifestações gráficas. Entre elas, o calibre uniforme, com letras bem proporcionadas em ambas as imagens; espaçamento regular entre palavras e linhas; boa proporção entre letras altas e baixas, mantendo a harmonia; as linhas seguem alinhamento consistente com o papel e a base das palavras está alinhada, sem ondulações evidentes. A inclinação é leve e para a direita em ambas as escritas; as letras “o” e “a” apresentam formato oval; as hastes das letras “l” e “h” mantêm o padrão de altura.

Com relação à *morfologia*, notamos que, no códice 69, as formas das letras apresentam maior atenção a detalhes, com curvas bem definidas e remates cuidadosos – isto pode se dar em virtude de uma intenção de circulação do material –, enquanto nos demais as letras têm um

estilo mais simplificado, com algumas irregularidades nas curvas. Mas, apesar das diferenças, a base estrutural das formas das letras (morfologia geral) é consistente entre as três amostras.

Quanto ao *peso*, o código 69, apresenta traços com um peso mais leve e uniforme. Nas demais amostras, o peso dos traços parece ser mais grosso e apresentar variações mais perceptíveis, a despeito da qualidade dos fac-símiles que obtivemos. A diferença no peso pode indicar mudança de instrumento de escrita ou exaustão da mão (comum em finais de períodos médios e longos de escrita contínua), e não é elemento que descarte a possibilidade de serem produção do mesmo punho mesmo autor. Quanto ao *ducto*, no código 69, é fluido, com movimentos contínuos e poucos cortes nas letras cursivas. Nos demais, é mais hesitante, com interrupções visíveis. Diferenças claras, mas a estrutura básica dos *ductos* sugere compatibilidade.

Com base nos critérios avaliados, as semelhanças sugerem alta compatibilidade entre as escritas. Entretanto, as diferenças menores, como o peso e variações no módulo, podem ser explicadas por fatores como mudança de instrumento de escrita, de condições físicas ou temporais, exaustão da mão, velocidade no traçado.

Por outro lado, importa levar em consideração, evidentemente, o distanciamento entre a data que consta no dicionário (1750) e o ano da morte de Bettendorff – ponto que pode impossibilitar a autoria plausível do missionário luxemburguês, a não ser pela consideração de que tanto a gramática quanto o dicionário, embora agrupados, demarcam momentos linguísticos diferentes e apontam para uma gramática muito anterior ao dicionário. Isto é, a descrição da LG da gramática parece ter acontecido bem antes da descrição da LG do dicionário.

Segundo Edelweiss (1969, p. 146), o *scriptor* da gramática está mais adequado aos velhos compêndios clássicos, “misturando os seus ensinamentos a locuções colhidas entre grupos, que se achavam evidentemente em estádios diversos de desenvolvimento”. Assim, o tupinista acima citado atribui certas divergências entre a gramática e o dicionário, como:

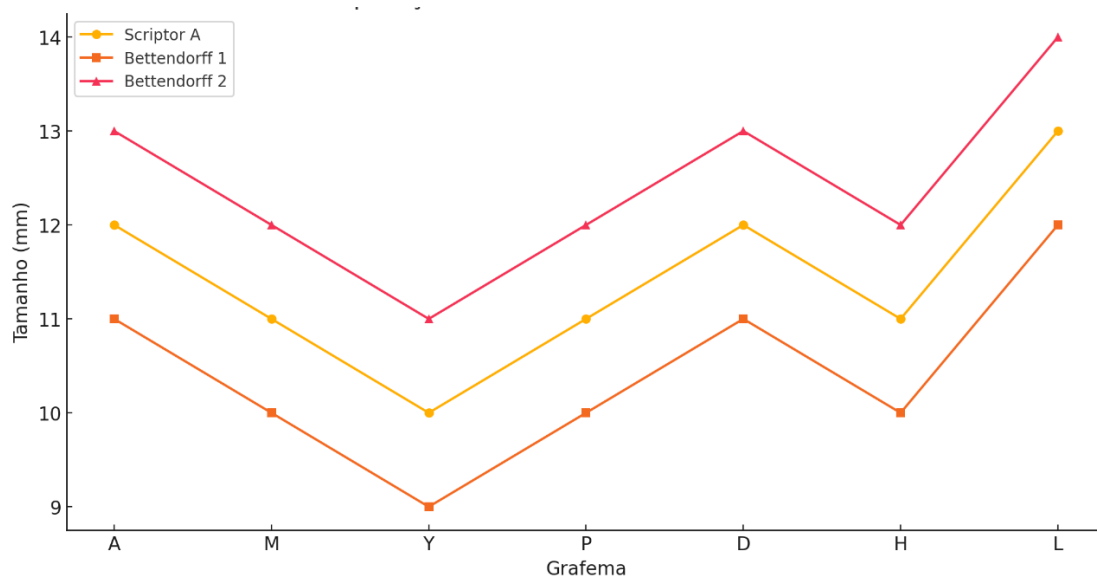
Quadro 19: Divergências entre gramática e dicionário do código 69

Vocábulos	Gramática	Dicionário
amanhã	oirandé	orandé
então	aérame	aramé
nada	nitibi	nitio mbaé
não	na.....i, na, umé, eyma, nitibi, nitio;	nitio
por que?	mbaé arama ta?	mbaèrama resé?
vir	iore	ur

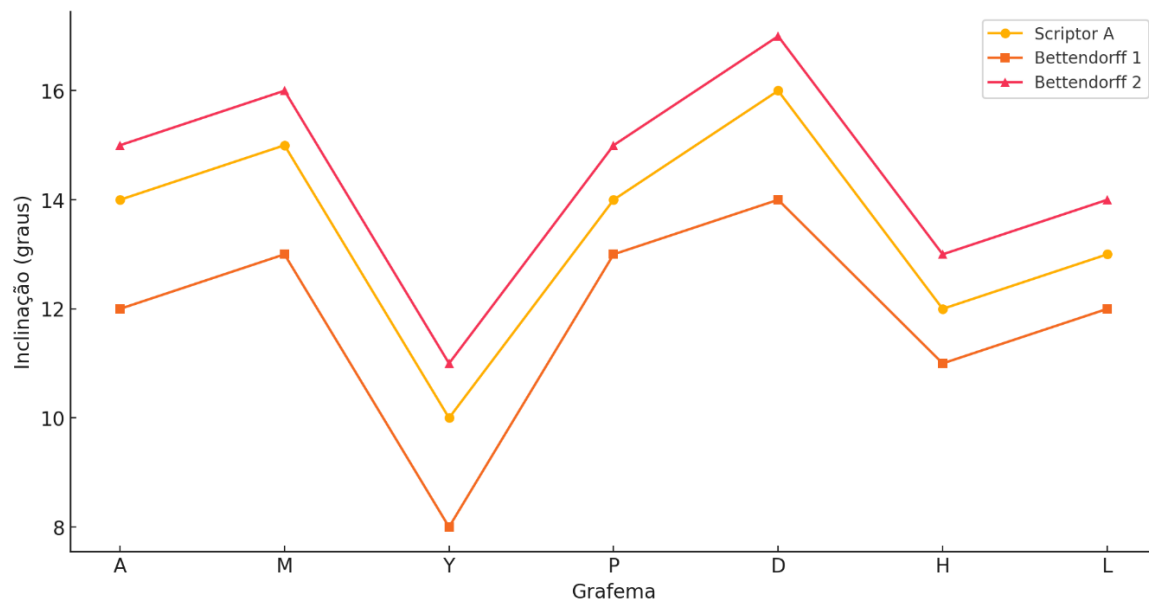
Fonte: Edelweiss (1969)

Portanto, estudos futuros precisam quantificar em quanto tempo antecede a gramática ao dicionário, para realmente podermos atribuir a autoria a Bettendorff. No entanto, pelas similaridades grafemáticas aqui descritas e indícios, que vão desde a origem do papel até a experiência com alfabetização e letramento de indígenas, identificação da necessidade de materiais para a escolarização dos indígenas e marcas essencialmente alemãs nesse *scriptor*, acreditamos ser altamente plausível atribuir a autoria de Bettendorff para a gramática, apontada como muito anterior ao dicionário, como vimos, sendo incontestável se tratar de um produto jesuíta, e não franciscano.

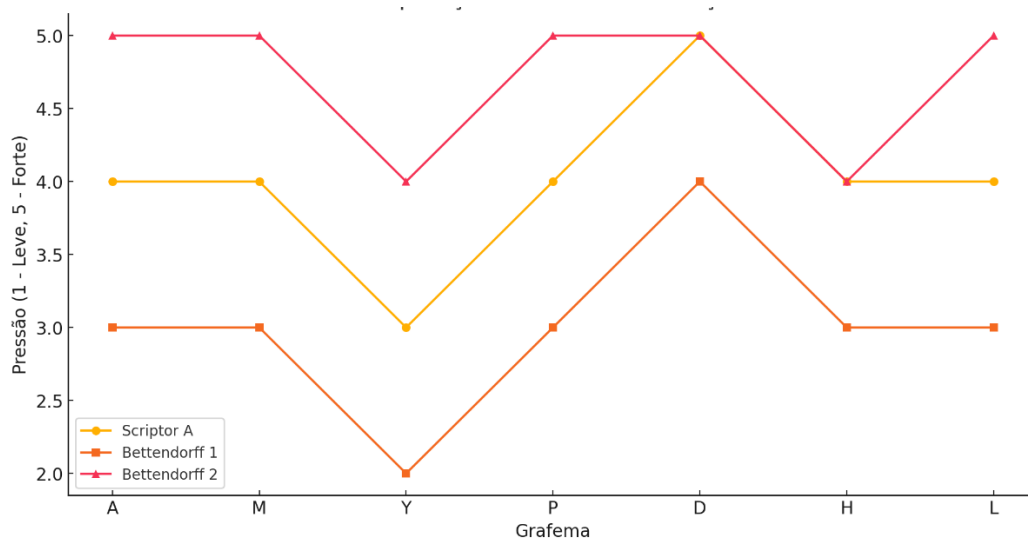
As semelhanças são evidentes nas curvas mostradas pelos gráficos abaixo:

Figura 69: Comparação do tamanho médio dos grafemas

Fonte: Própria autora

Figura 70: Comparação da inclinação dos grafemas

Fonte: Própria autora

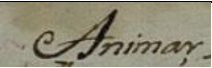
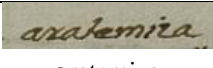
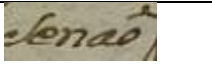
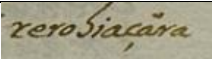
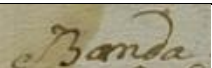
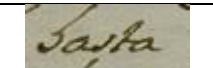
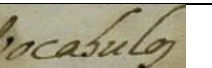
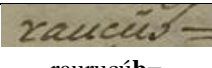
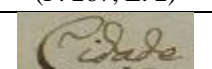
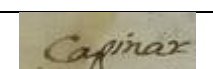
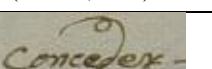
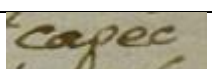
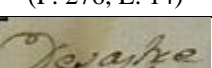
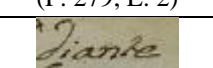
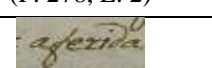
Figura 71: Comparação da pressão do traçado

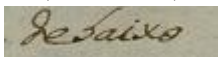
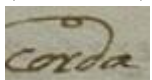
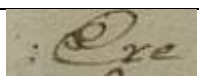
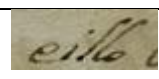
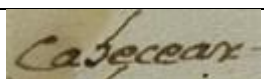
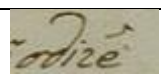
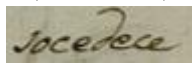

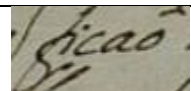
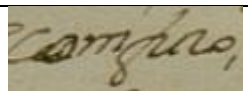
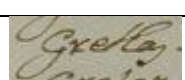
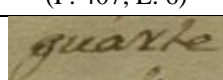
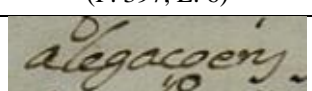
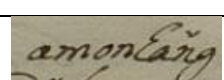
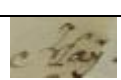
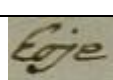
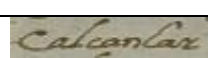
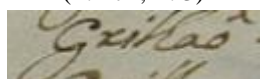
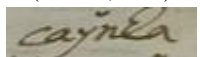
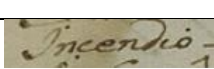
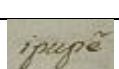
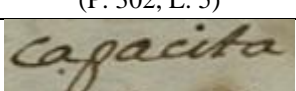
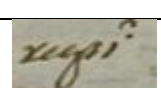
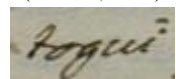
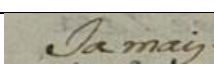
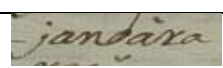
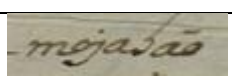
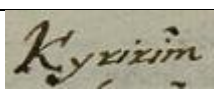
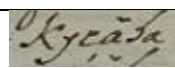
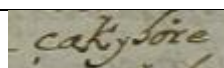
Fonte: Própria autora.

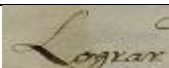
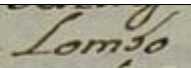
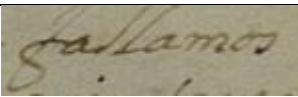
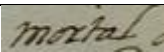
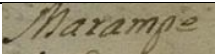
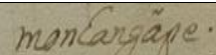

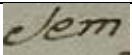
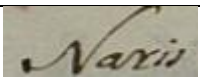
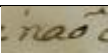
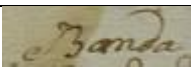
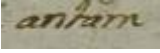
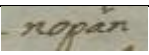
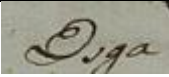
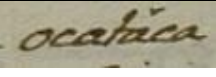

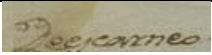
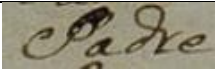
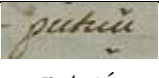
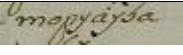

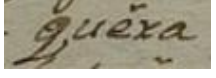
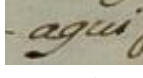
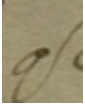
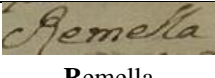
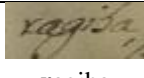
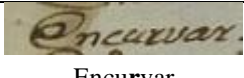
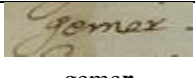
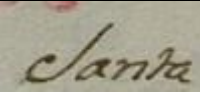
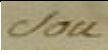
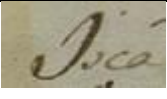
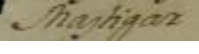
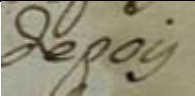
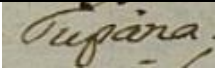
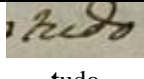
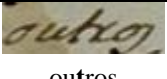
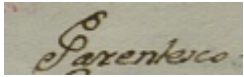
6.2.2 Configuração da mão o *scriptor* B

A identificação do *scriptor* B acontece na página numerada como 255 e segue até a página numerada como 405. A partir dessas ocorrências, elaboramos o quadro scriptográfico a seguir e levantamos as marcações de mão características do *scriptor* B:

Quadro 20: Levantamento scriptográfico do *scriptor* B

Grafema	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
<a>	 Animar (P. 256, L. 2)	 aratemiza (P. 263, L. 2)	 senaô (P. 259, L. 2)	 rerobiaçara (P. 263, L. 5)
	 Banda (P. 267, L. 2)	 basta (P. 367, L. 7)	 vocalbulos (P. 359, L. 9)	 raurucúb= (P. 396, L. 4)
<c>	 Cidade (P. 276, L. 14)	 capinar (P. 279, L. 2)	 conceder - (P. 278, L. 2)	 çapec (P. 275, L. 16)
<d>	 Desafio	 diante	 aferida	Sem ocorrências

	(P. 285, L. 2)	(P. 364, L. 2)  debaixo (P. 364, L. 7)	(P. 251, L. 7)  corda (P. 262, L. 2)	
<e>	 Ere (P. 367, L. 2)	 eillo (P. 367, L. 2)	 cabecear (P. 271, L. 2)	 odizê (P. 369, L. 2)  socedee (P. 369, L. 4)
<f>	 Falla (P. 296, L. 2)	 ficaô (P. 407, L. 6)	 comfuzo, (P. 397, L. 6)	Sem ocorrências
<g>	 Grelhas (P. 302, L. 2)	 guarte (P. 397, L. 12)	 alegaçoens (P. 407, L. 12)	 amonháng (P. 396, L. 2)
<h>	 Hay (P. 303, L. 2)	 hoje (P. 407, L. 12)	 calcanhar (P. 272, L. 3)  Grilhaô (P. 302, L. 8)  caýnha (P. 302, L. 5)	Sem ocorrências
<i>	 Incendio - (P. 305, L. 3)	 ipupé (P. 289, L. 2)	 capacita (P. 366, L. 4)	 rupî (P. 350, L. 6)  toguî (P. 350, L. 14)
<j>	 Iamaís (P. 304, L. 2)	 jandára (P. 305, L. 5)	 mojabáo (P. 266, L. 3)	Sem ocorrências
<k>	 Kyrirîm	 kyçába (P. 350, L. 3)	 çakybóre (P. 251, L. 8)	Sem ocorrências

	(P. 349, L. 2)			
<l>	 Lograr (P. 309, L. 5)	 lombo (P. 309, L. 7)	 fallamos (P. 368, L. 23)	 mortal (P. 407, L. 5)
<m>	 Marango (P. 377, L. 11)	 monhangápe (P. 377, L. 2)	 amó (P. 389, L. 2)	 sem (P. 407, L. 4)
<n>	 Naris (P. 316, L. 2)	 naô (P. 301, L. 4)	 Bando (P. 267, L. 2)  antam (P. 269, L. 3)	 nopán (P. 274, L. 3)
<o>	 Osga (P. 320, L. 3)	 ocatáca (P. 271, L. 2)	 doer (P. 288, L. 2)	 Deescarneio (P. 283, L. 2)
<p>	 Padre (P. 320, L. 27)	 putucú (P. 285, L. 6)	 mopyayba (P. 293, L. 3)	Sem ocorrências
<q>	 Queijo (P. 332, L. 2)	 quéra (P. 406, L. 3)	 aqui (P. 364, L. 4)	 q(ue) (P. 368, L. 18)
<r>	 Remella (P. 358, L. 17)	 ragiba (P. 358, L. 15)	 Encurvar (P. 291, L. 3)	 gemer (P. 301, L. 4)
<s>	 Santa (P. 340, L. 1)	 sou (P. 361, L. 5)	 Isca (P. 306, L. 13)  Mastigar (P. 311, L. 32)	 depois (P. 368, L. 7)
<t>	 Tupána (P. 345, L. 5)	 tudo (P. 345, L. 6)	 outros (P. 217, L. 9)  Parentesco (P. 322, L. 2)	Sem ocorrências

<u>	 Vngir (P. 352, L. 21)	 vntar (P. 352, L. 27)	 huiké (P. 394, L. 3)  menduár (P. 394, L. 8)	 tyapú (P. 339, L. 2)
<v>	 Vangloriarse (P. 349, L. 19)	 virtuozo (P. 352, L. 12)	 ouvir (P. 407, L. 5)	Sem ocorrências
<w>	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências	Sem ocorrências
<x>	 Xeringa (P. 353, L. 11)	 xerínga (P. 353, L. 11)	 praxe (P. 368, L. 18)	Sem ocorrências
<y>	 Ybý (P. 365, L. 9)	 - ymyrá (P. 263, L. 6)	 kytý (P. 365, L. 8)	 nambý (P. 358, L. 2)
<z>	 Zelar (P. 353, L. 14)	 zunir (P. 353, L. 17)	 uzaô (P. 361, L. 8)	 cruz (P. 370, L. 5)

Fonte: Própria autora

Podemos observar uma diferença clara entre a primeira e a segunda mão. As letras do *scriptor* B se apresentam com pouco cursividade, traz elementos decorativos bem elaborados, especialmente nas iniciais e nos títulos. As maiúsculas são marcantes, com ornamentos distintivos e proporções amplas, enquanto as minúsculas seguem uma forma arredondada e padronizada. Além disso, predomina uma escrita humanista ou chanceleresca, característica de documentos oficiais ou estilizados da época.

De uma forma geral, os traços apresentam espessura variável, refletindo mudanças na pressão aplicada pelo escritor. Traços descendentes tendem a ser mais grossos (causados pelo uso da pena com a apara em posição reta), enquanto ascendentes são mais finos (causados pelo uso da pena com a apara em posição lateral), sugerindo um movimento descendente mais enfático, com a torcida da direção da pena. O espaçamento entre as letras não é uniforme. Letras conectadas por traços curtos demonstram fluidez, enquanto algumas disjunções trazem interrupção da fluidez da escrita. As lacunas entre palavras variam, possivelmente relacionadas à necessidade de adaptação ao espaço disponível na linha, o que, por vezes, pode denotar falta de consciência espacial do *scriptor* que não faz uma boa programação prévia da mancha a ser escrita.

As letras variam em altura e largura, com hastes (zonas superiores e inferiores) frequentemente desproporcionais em relação à zona medial. Isso pode indicar um estilo mais livre ou falta de orientação de pauta rígida. As letras geralmente seguem uma linha imaginária, mas desvios sugerem inconsistência na pressão ou no movimento. Algumas palavras apresentam inclinação para cima ou para baixo, indicando instabilidade no traçado horizontal.

Letras como “A”, “V”, e “N” apresentam ângulos bem definidos, sugerindo um traço firme e controlado. Traços curvilíneos, como em “S” e “O”, mostram variação de pressão, com entradas e saídas pouco homogêneas. Há uma inclinação leve para a direita, que pode indicar destreza manual do *scriptor* ou características de um estilo semicursivo predominante na época.

Os ataques são geralmente suaves, mas variam conforme o grafema. Ataques mais marcados são visíveis nas letras maiúsculas. Há fluidez em letras conectadas (em palavras com maior cursividade) e os traços finais podem ser abruptos ou alongados, mostrando variação estilística. O traçado mínimo, especialmente em letras como “i” e “j”, demonstra economia de movimento, mas com variação de inclinação e pressão.

O campo gráfico apresenta organização, a despeito do que dissemos anteriormente, mas revela pequenos deslocamentos verticais e horizontais. O movimento gráfico é irregular, com momentos de hesitação e retomada no ritmo. Os traços ascendentes são finos e por vezes desproporcionais, com inclinação acentuada; enquanto os descendentes são mais intensos, reforçando o padrão de maior pressão no movimento descendente.

Letras como “o”, “a” e “d” têm traçados que variam entre perfeitos e achatados, dependendo da fluidez do movimento. As hastes são longas e muitas vezes desiguais, podendo ultrapassar os limites visuais do campo gráfico. As laçadas são visíveis em letras como “g” e “y”, apresentam variações de proporção e simetria. As partes essenciais das letras são bem delineadas, enquanto as secundárias, como enfeites ou traços extras, variam em intensidade.

Na zona inicial dos grafemas, os traços são geralmente bem marcados, com variações de inclinação. Na zona superior, há inclinações e alongamentos predominantes. A zona medial é regular, mas algumas letras apresentam variações desproporcionais. Na zona final, os traços finais são frequentemente alongados, sugerindo fluidez; e, na zona inferior, há um comportamento mais irregular, com laçadas muitas vezes inconsistentes.

Sendo uma escrita semicursiva, a frequência do uso de ligaduras é variável. Portanto, as ligaduras são frequentes entre letras de traçado contínuo, como “e”, “l” e “i”. Algumas combinações, como “t” e “h” ou “o” e “n”, mostram traços conectados suavemente, enquanto

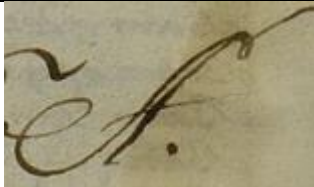
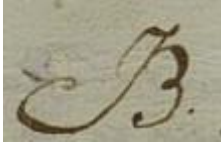


outras, como “s” e “t”, frequentemente não são ligadas, sugerindo uma preferência estilística ou falta de padronização. A fluidez das ligaduras varia de acordo com o contexto, indicando momentos de escrita mais apressados ou pausados.


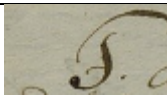
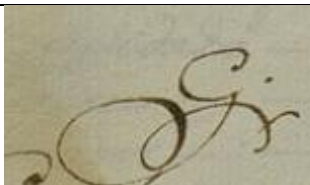
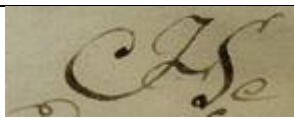
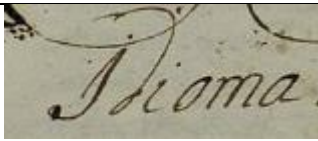
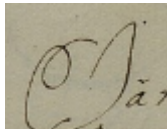
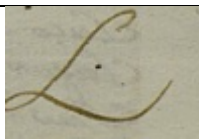

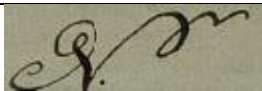
6.2.2.1 Letras em posição de destaque

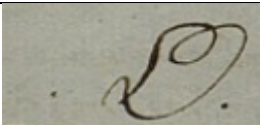


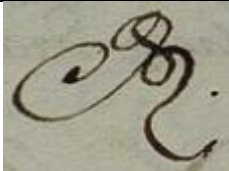

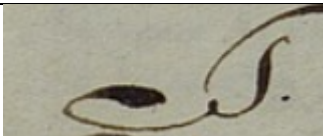
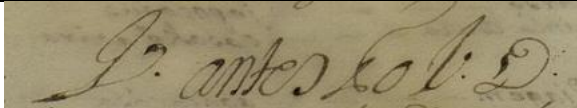

Em contexto de titulação, ou destaque – como no caso de início de parágrafos – notamos uma realização gráfica mais rebuscada, ilustrada no quadro abaixo. Aqui, os exemplos, em sua maioria, são dos destaques das letras no próprio dicionário contido no códice. Para contextos em que a realização gráfica é comum a duas letras (como acontece com “i”, “j”, “u” e “v”), procuramos palavras de destaque para que o contexto permita a distinção.


No entanto, na edição, essa característica foi mantida. Então, se o *scriptor*, na mancha gráfica, utilizava um mesmo grafema para a letra “i” e “j”, realizando ambos como <i>, essa manifestação foi mantida, como nos casos da palavra “unha”, transcrita como “vnha”, pela falta de diferenciação entre <v> e <u> em alguns casos.

Quadro 21: Levantamento scriptográfico de grafemas em posição de destaque

Letra	Realização gráfica
A	 <p>A. (P. 270, L. 25)</p>
B	 <p>B. (P. 268, L. 2)</p>
C	 <p>C. (P. 275, L. 9)</p>
D	 <p>Doutrina</p>

	(P. 370, L. 2)
E	 E (P. 300, L. 8)
F	 F. (P. 299, L. 6)
G	 G. (P. 301, L. 13)
H	 He (P. 361, L. 12)
I/J	 Idioma (P. 370, L. 3)  Iá (P. 397, L. 3)
K	Sem ocorrências
L	 L. (P. 275, L. 9)
M	 M. (P. 304, L. 19)
N	 N.

	(P. 255, L. 5)
O	 <p>O. (P. 320, L. 2)</p>
P	 <p>P. (P. 320, L. 21)</p>
Q	 <p>Q. (P. 331, L. 4)</p>
R	 <p>R. (P. 358, L. 6)</p>
S	 <p>S. (P. 358, L. 6)</p>
T	 <p>T. (P. 346, L. 8)</p>
U/V	 <p>V. antes do V. O. (P. 350, L. 19)</p>
W	Sem ocorrências
X	 <p>X. (P. 353, L. 10)</p>
Y	Sem ocorrências

Z	 <p data-bbox="1058 510 1217 537">(P. 353, L. 13)</p>
---	---

Fonte: Própria autora

6.2.2.2 As pistas para identificação o *scriptor* B

Até o final desta pesquisa, não foram encontrados outros documentos que apresentassem a mesma configuração de mão, o que dificulta a identificação pelo confronto de fontes. É possível perceber, no entanto, que o *scriptor* B tem particularidades que o difere em muito do *scriptor* A.

Há muitas inconsistências com relação à marca de tonicidade e nasalidade, por exemplo, sendo esse fato um pouco mais crítico se compararmos ao *scriptor* A. A marca de nasalidade oscila entre o um acento agudo (´), que se confunde com a marca de tonicidade, e um acento circunflexo (^), não sendo clara a distinção. Também há a marcação através de um acento em formato de “v” sobre algumas vogais, mas não se percebe se é uma nasalidade ou tonicidade.

O próprio *scriptor* afirma não dominar a “arte” da língua geral e, em muitos momentos, repete vocábulos em LGA com atribuições de significados diferentes. Além disso, há a manifestação de geminadas, como “ll” e “mm” e dos tremados “ÿ”, “ä”, “ë”, “ï”, tal qual no *scriptor* A. O *scriptor* B, no entanto, apresenta, também, o “g tremado”, que não aparece no *scriptor* A.

Um fato interessante é o betacismo cometido, em alguns momentos, por esse *scriptor*, como na palavra “cotubello”, “barrer” e “basoura”. Também não há clareza no uso da letra “z” em posição final, sendo frequente o uso de “crus” e “cruz”. Comuns, também, são ocorrências de metátese, como em “bautismo” e há indícios de palatalização na língua portuguesa, como em “xeringa”.

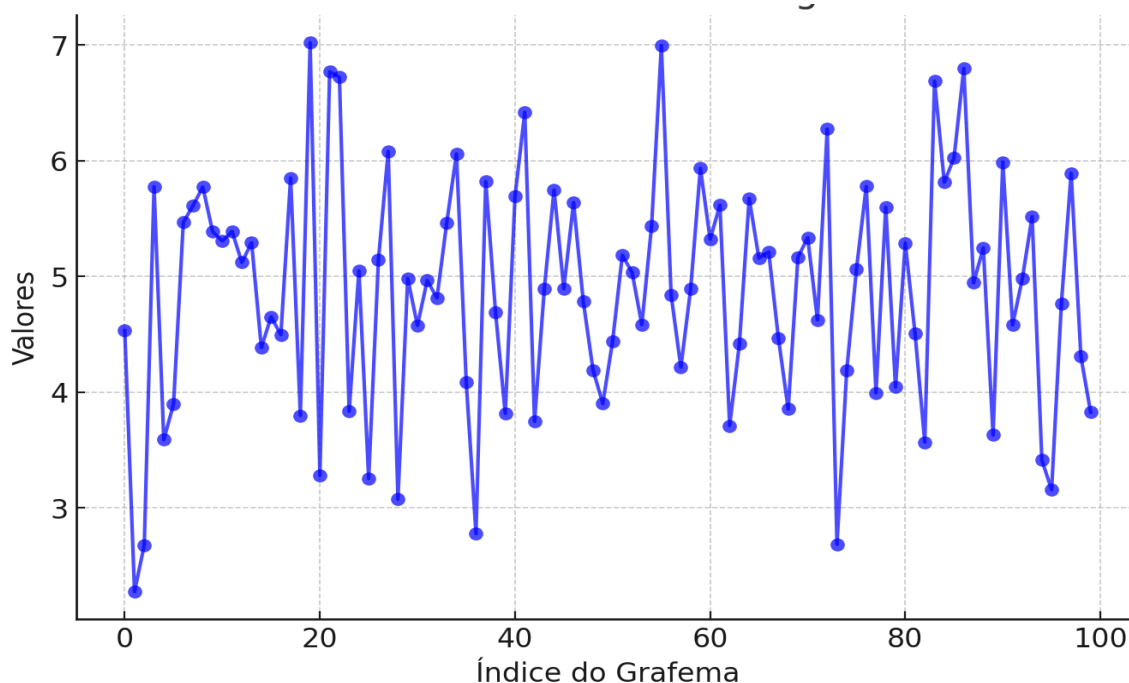
O uso do sinal gráfico de barras oblíquas “/ /” e “=:”, em contexto de interlocução do leitor, sugere, de acordo com os indícios apontados por Barros e Monserrat, a autoria jesuíta tapuitinga, como o primeiro *scriptor*. Diferente do *scriptor* A, no entanto, o uso do grafema

<k> só acontece acompanhando de <y>. Isso atesta, mais uma vez, uma familiaridade maior do primeiro *scriptor* com a língua portuguesa, apesar dos pontos levantados. O uso de “ky” atrelado ao uso de consoante tremadas sugere pouca familiaridade com a língua portuguesa do século XVIII, indicando um possível esforço de representar mais precisamente o som nas línguas indígenas ou uma tentativa de usar uma grafia que fosse mais consistente com a fonologia do alemão.

Um ponto importante a se destacar é que o uso do trema na transcrição das línguas indígenas não foi encontrado nem mesmo na escrita dos indígenas Camarões, no ano de 1645, transcritas por Navarro (2022) – já que, no códice 69, frequentemente se nota o uso de trema na transcrição da LGA. Infere-se que, no códice, houve uma preocupação – isso torna-se frequente na documentação setecentista que descreve as línguas indígenas – em demonstrar fonologicamente a realização dessa língua; por outro lado, chama a atenção a marcação de tremas também em palavras portuguesas e em latim (como a sigla da expressão *verbi gratia*, em que o “g” sempre aparece tremado pela mão do *scriptor* B.

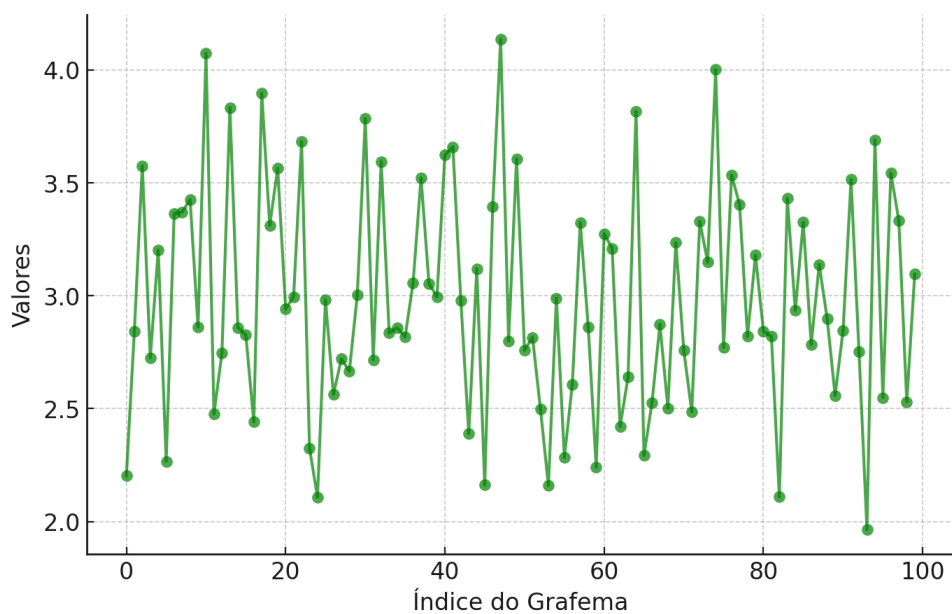
Os gráficos abaixo ilustram melhor o desempenho do *scriptor* B:

Figura 72: Tamanho médio dos grafemas- *Scriptor B*



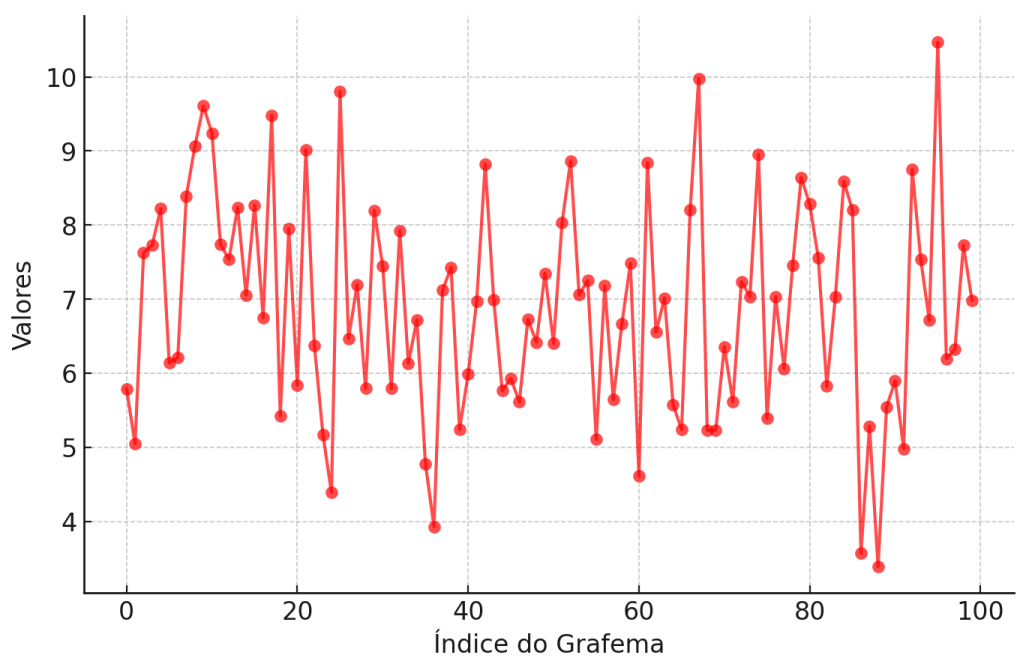
Fonte: Própria autora.

Figura 73: Espaçamento entre letras ao longo do documento- *Scriptor B*



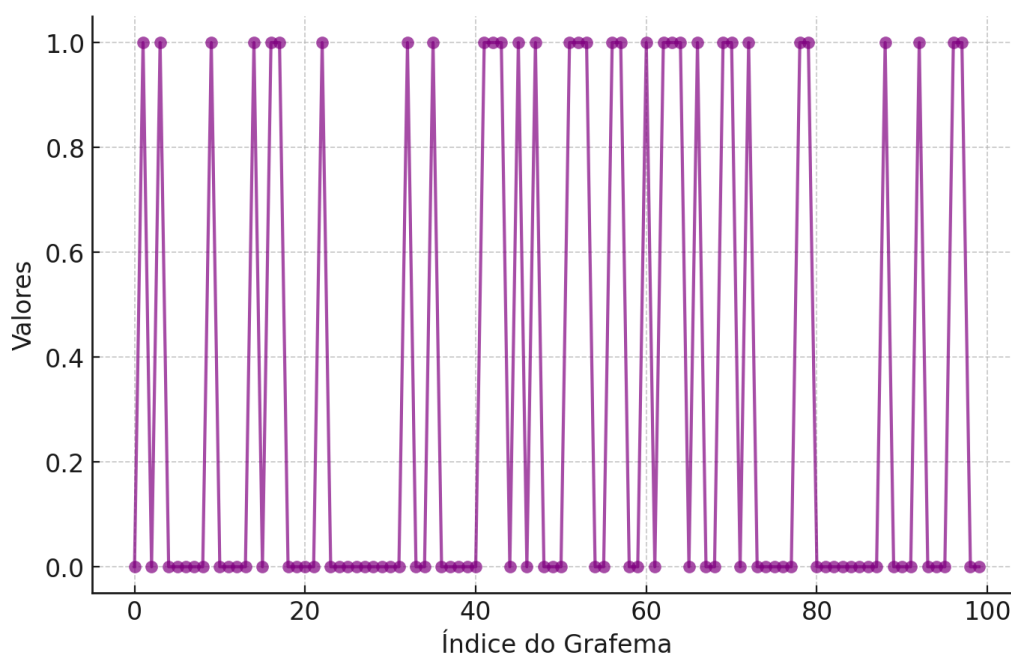
Fonte: Própria autora

Figura 74: Pressão do traçado ao longo do documento- *Scriptor B*



Fonte: Própria autora

Figura 75: Ocorrência de ligaduras ao longo do documento- *Scriptor B*



Fonte: Própria autora

6.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Analizamos a autoria e a grafia do códice 69, um documento histórico-linguístico essencial para compreender a formação e a evolução da Língua Geral Amazônica (LGA). A investigação parte da questão da autoria, debatendo hipóteses que atribuem o texto a franciscanos, jesuítas ou missionários europeus da Companhia de Jesus, conhecidos como *tapuitingas*.

Edelweiss sustenta que o uso de termos como “frade” indicaria uma autoria franciscana, enquanto Zwartjes e Jesuita identificam sinais de autoria jesuítica, incluindo a contribuição de múltiplos autores. Barros, por sua vez, sugere que o códice seja obra de missionários tapuitingas, argumentando que marcas enunciativas revelam um escritor com o português como segunda língua. A análise aponta que a gramática e o dicionário presentes no códice foram produzidos em momentos diferentes, devido a variações estilísticas e vocabulares, indicando uma colaboração ao longo do tempo.

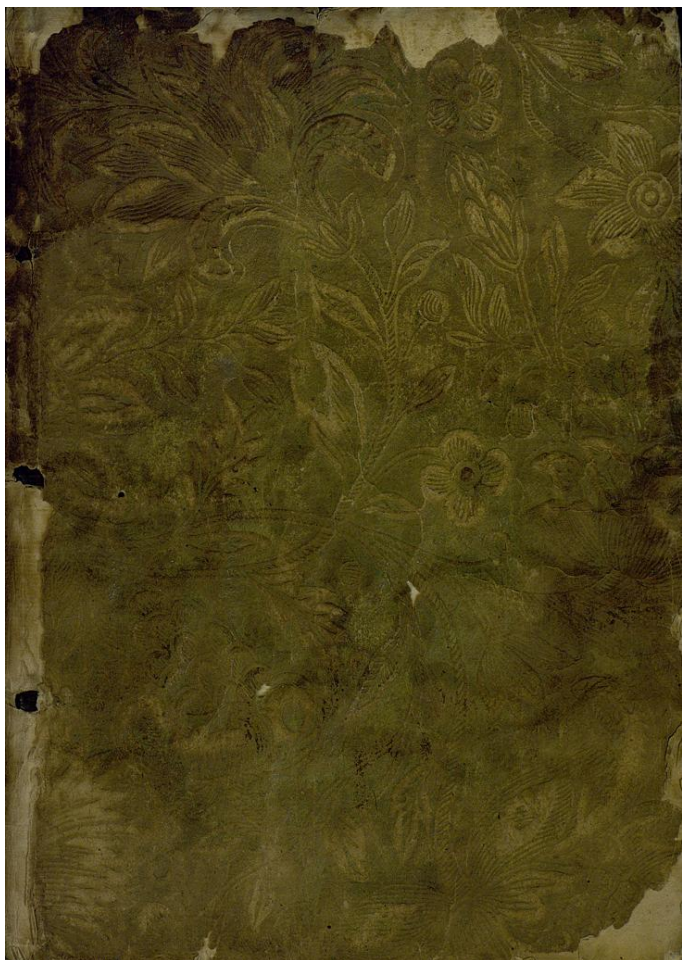
A análise grafemática também detalhou a escrita dos dois principais *scriptores* responsáveis pelo códice. O *Scriptor* A, identificado como o provável autor da gramática, apresenta traços de escrita sofisticados, associados à tradição jesuítica. Evidências como a origem alemã do papel, o uso de marcas gráficas típicas de jesuítas europeus e semelhanças com documentos atribuídos ao missionário Bettendorff apontam para sua autoria. Apesar de Bettendorff ter falecido em 1698, a análise sugere que a gramática, muito anterior ao dicionário, pode ter sido escrita durante sua vida. Já o *Scriptor* B, responsável por seções posteriores, possui um estilo gráfico distinto, com inconsistências de escrita que sugerem pouco domínio da língua portuguesa do período e marcas que direcionam a nacionalidade linguística de um falante alemão, tal qual o primeiro *scriptor*.

O estudo conclui que o códice 69 é uma obra coletiva, refletindo transformações linguísticas e culturais da época e marcando o encontro entre línguas indígenas, língua portuguesa, mas não: há fortes indícios da influência de línguas da Europa Central, considerando se tratar de *scriptores* que não possuem a língua portuguesa como L1. A investigação paleográfica não apenas reforça a autoria jesuítica, mas também destaca a complexidade histórica e sociolinguística do documento, consolidando sua importância para os estudos da LGA e da interação entre as culturas indígena e europeia.

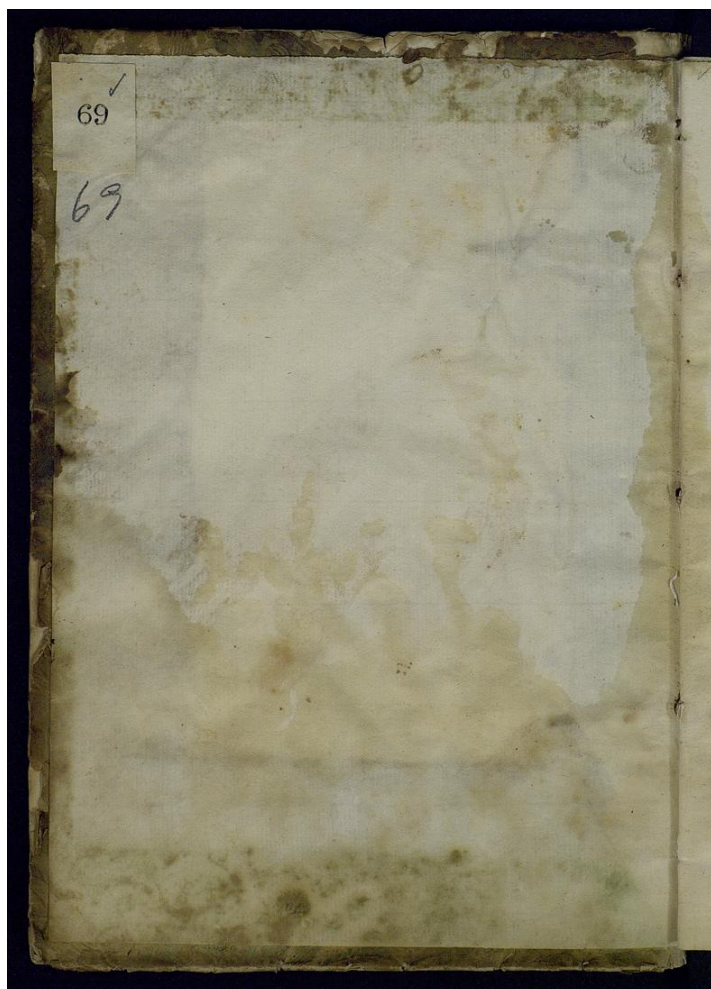
7

A EDIÇÃO

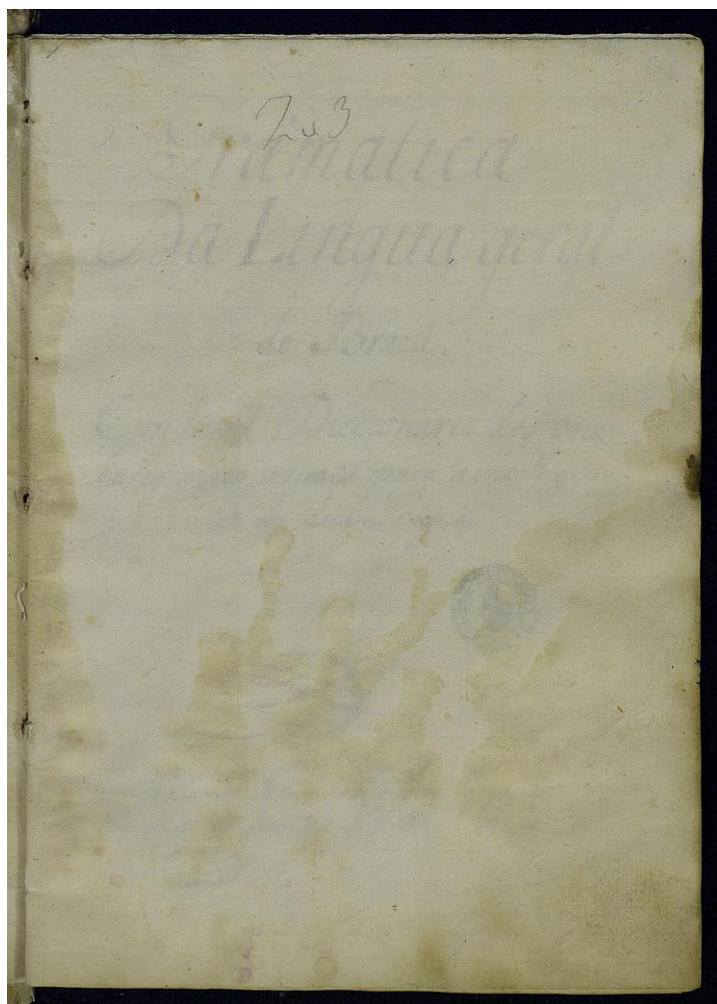
Capa



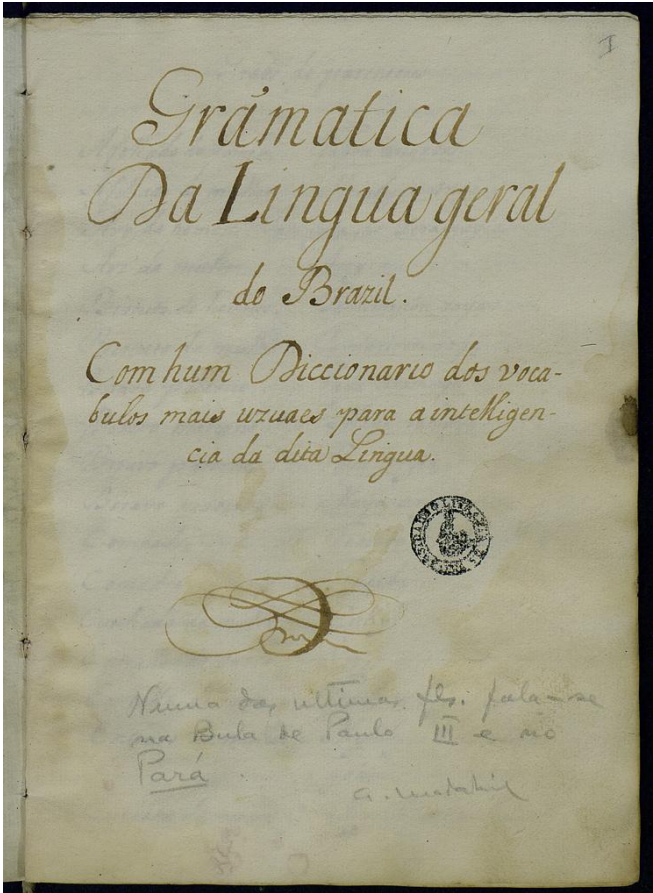
Folha de guarda fixa



Folha de guarda volume



Folha de rosto



¹ Anotação posterior.

² Anotação posterior.

1
2
3
4
5
6
7
9
9
10
11
12
13

I¹

Grãmatica
Da Lingua geral
Do Brazil

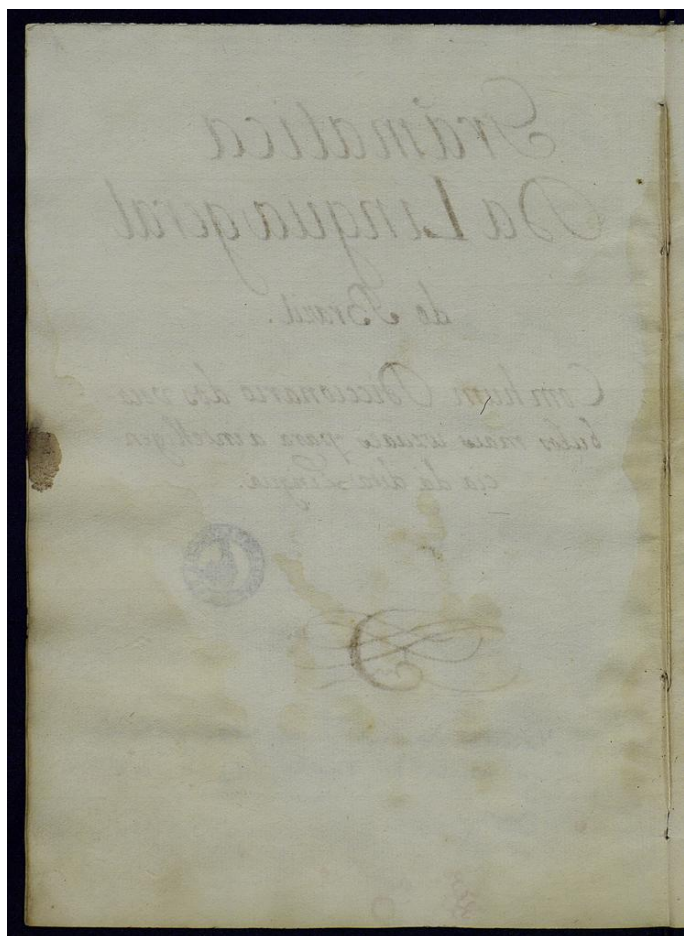
Com hum Diccionario dos voca-
bulos mais uzuaes para a intelligen-
cia da dita Lingua.
[Carimbo da universidade de Coimbra]

[laçada ornamental]

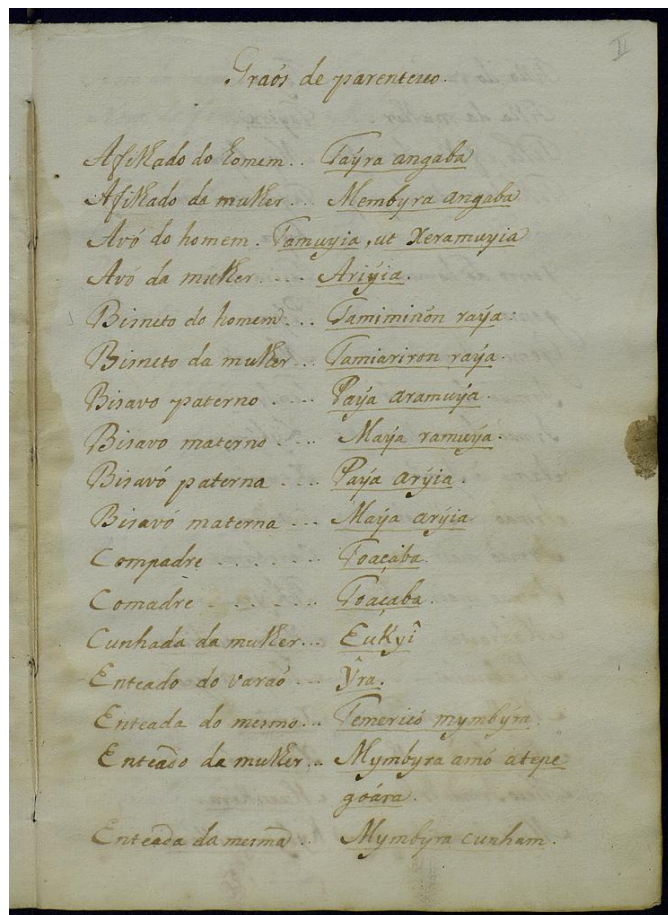
Numa das ultimas f(o)l(ha)s fala-se
na Bula de Paulo III e no
Pará.²

[assinatura ilegível]

Folha de rosto (v)



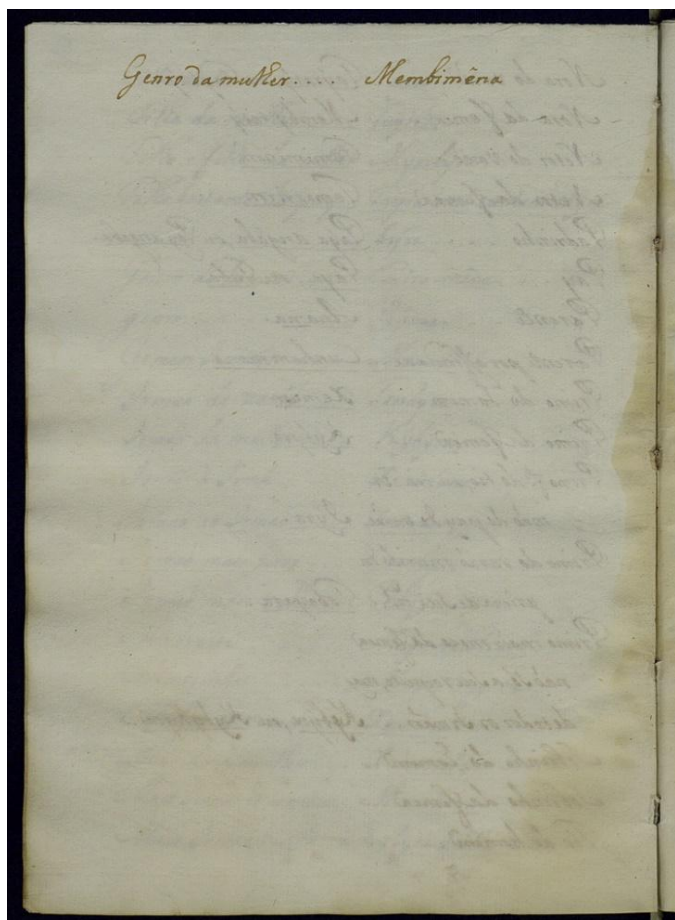
1r

II³

- 1
2 Graos de parentesco.
- 3 Afilhado do homem . . Taýra angaba
 4 Afilhado da mulher . . . Membyra angaba
 5 Avô do homem . Tamuyia, ut Xeramuyia
 6 Avô da mulher . . . Ariýia.
 7 Bisneto do homem . . . Tamiminón rayá.
 8 Bisneto da mulher . . . Tamiariron rayá.
 9 Bisavo paterno . . . Paýa aramuyá
 10 Bisavo materno . . . Maýa ramuyá.
 11 Bisavó paterna . . . Paýa arýia.
 12 Bisavó materna . . . Maýa arýia
 13 Compadre Toaçaba
 14 Comadre Toaçaba.
 15 Cunhada da mulher . . . Eukyî
 16 Enteadado do varão . . . Ýra.
 17 Enteadada do mesmo . . . Temericó mymbýra.
 18 Enteadada da mulher . . . Mymbyra amó atepe
 19 goára.
 20 Enteadada da mesma . . Mymbyra cunham

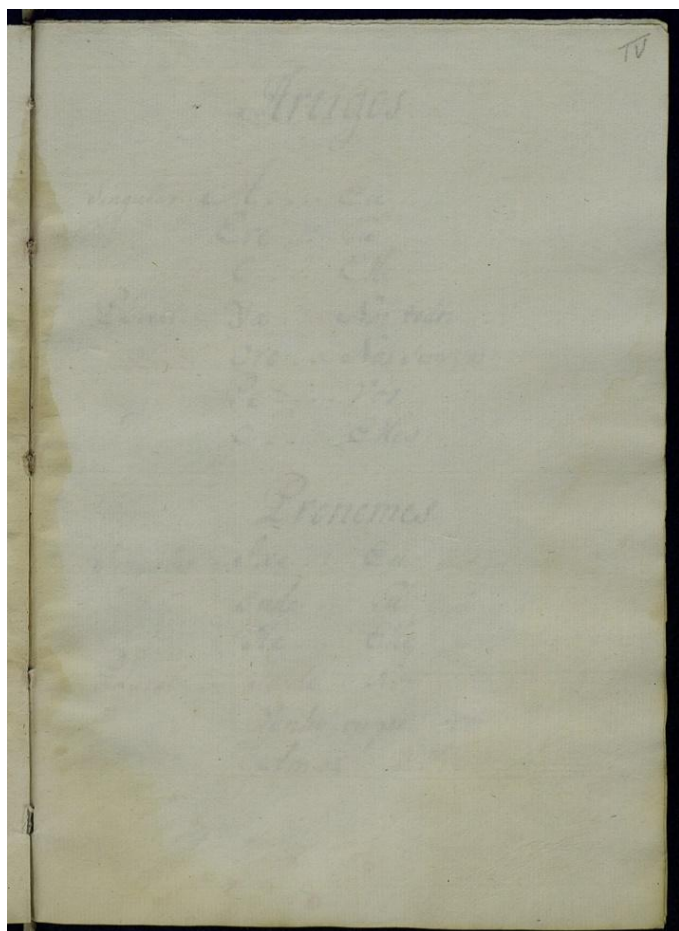
³ Anotação posterior.

2v



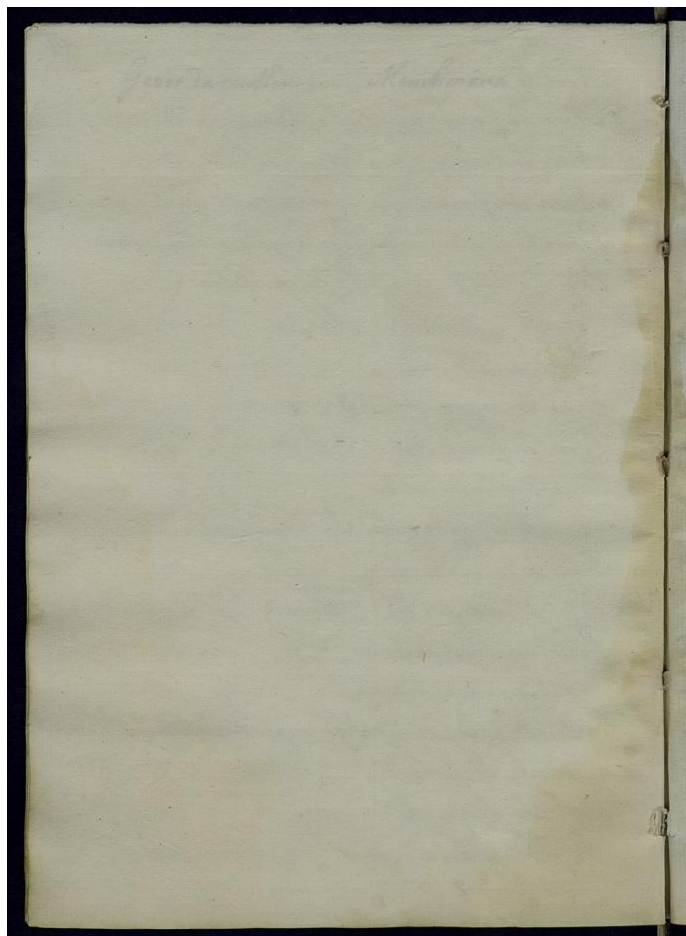
1 Genro da mulher Membimêna

3r

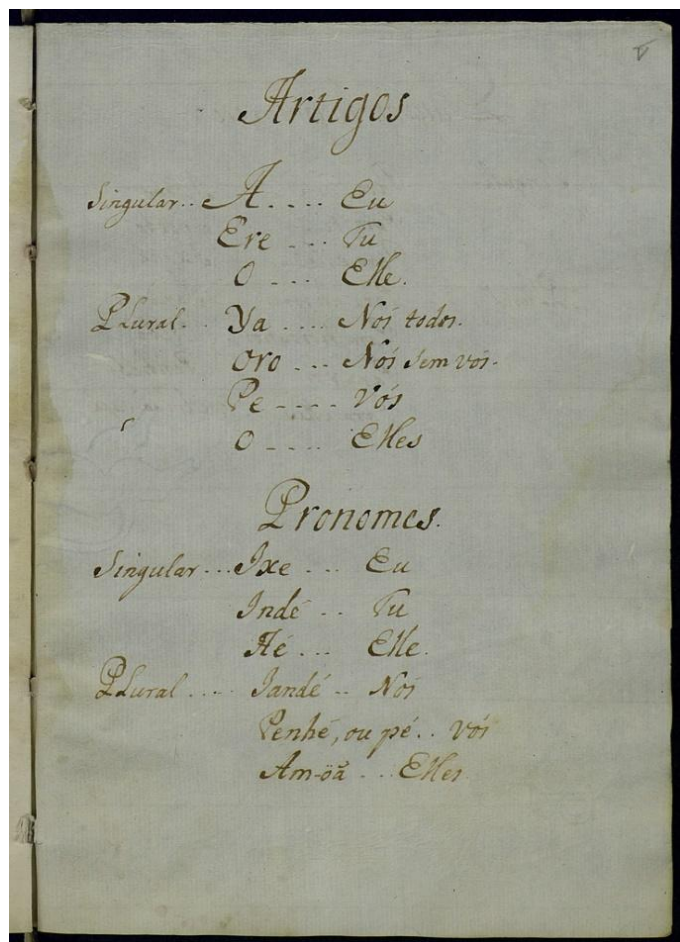
IV⁵

⁵ Anotação posterior.

3v



4r



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

Artigos

Singular . . A Eu

Ere . . . Tu

O . . . Elle.

Plural. Ya . . . Nós todos.

Oro . . . Nós sem vós.

Pe Vós

O Elles

Pronomes.

Singular . . . Ixe . . . Eu

Indé . . Tu

Hé . . . Elle.

Plural . . . Iandé . . Nós

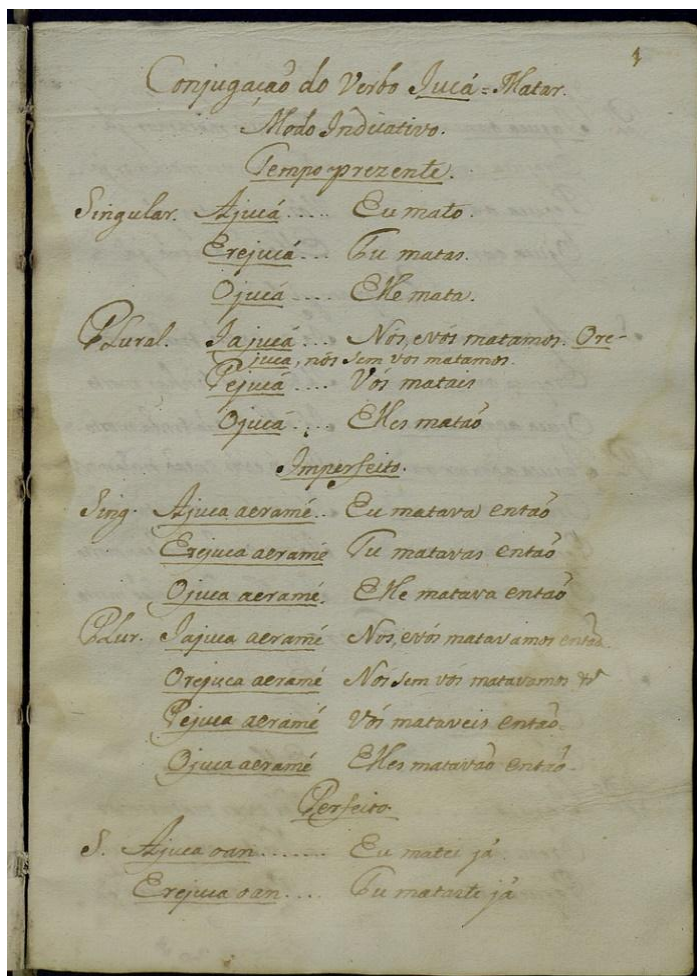
Penhé, ou pé . . vós

Am-õã . . Elles

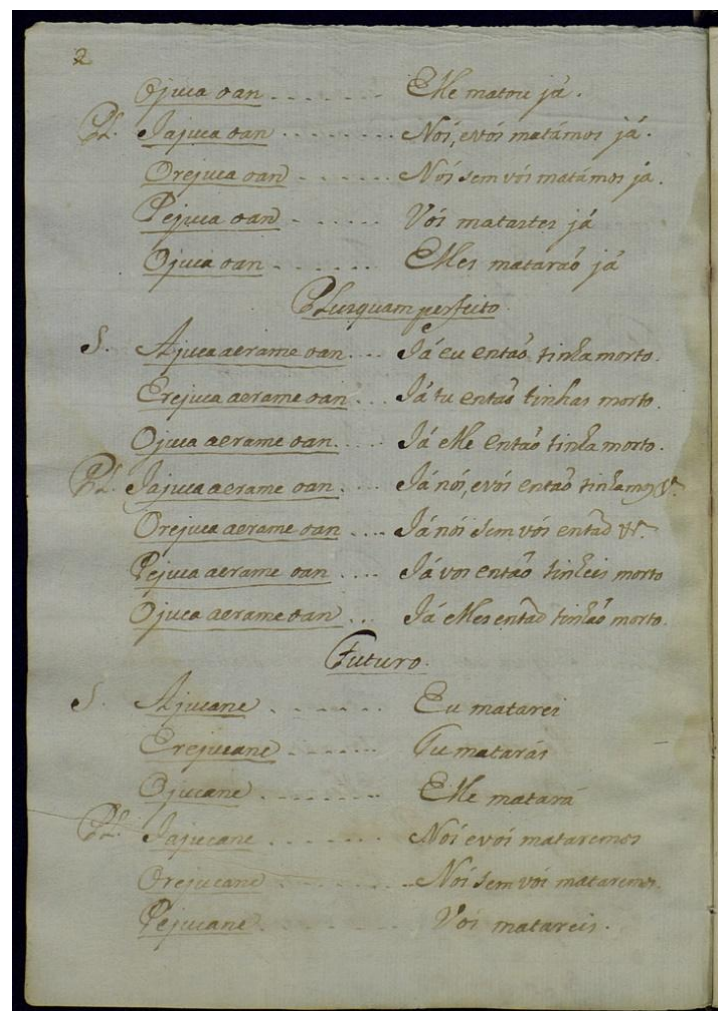
4⁶

⁶ Anotação posterior.

5r



1
 2 Conjugação do Verbo Iucá= Matar.
 3 Modo Indicativo.
 4 Tempo presente.
 5 Singular. Ajúca . . . Eu mato
 6 Erejúca . . . Tu matas.
 7 Ojúca . . . Elle mata.
 8 Plural Iajúca . . . Nós, evós matamos. Ore- [juca, nós sem vós matamos.]
 9 Pejúca . . . Vós matais
 10 Ojúca . . . Elles matao
 11 Imperfeito.
 12 Sing(ular) Ajúca aeramé . . . Eu matava entao
 13 Erejúca aerame Tu matavas entao
 14 Ojúca aerame. Elle matava entao
 15 Plur(al) Iajúca aeramé Nos, evós matavamos entao.
 16 Orejúca aeramé Nos sem vós matavamos (et caetera)
 17 Pejúca aeramé Vós mataveis entao
 18 Ojúca aeramé Elles matavao entao
 19 Perfeito
 20 S(ingular) Ajúca oan Eu matei já
 21 Erejúca oan Tu mataste já



1

2

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Ojuca oan Elle matou já.

Pl(ural) *Iajuca oan* Nós, evós matámos já.

Orejuca oan Nós sem vós matámos já.

Pejuca oan Vós matastes já

Ojuca oan Elles mataraõ já

Plusquam perfeito.

S(ingular) *Ajuca aerame oan* Já eu entaõ tinha morto.

Erejuca aerameoan Já tu entaõ tinhas morto.

Ojuca aerame oan Já elle entaõ tinha morto.

Pl(ural) *Iajuca aerame oan* Já nós, evós entaõ tinhamos (et caetera)

Orejuca aerame oan Já nós sem vós entaõ (et caetera)

Pejuca aerame oan Já vos entaõ tinheis morto

Ojuca aerame oan Já elles entaõ tinhaõ morto.

Futuro.

S(ingular) *Ajucane* Eu matarei

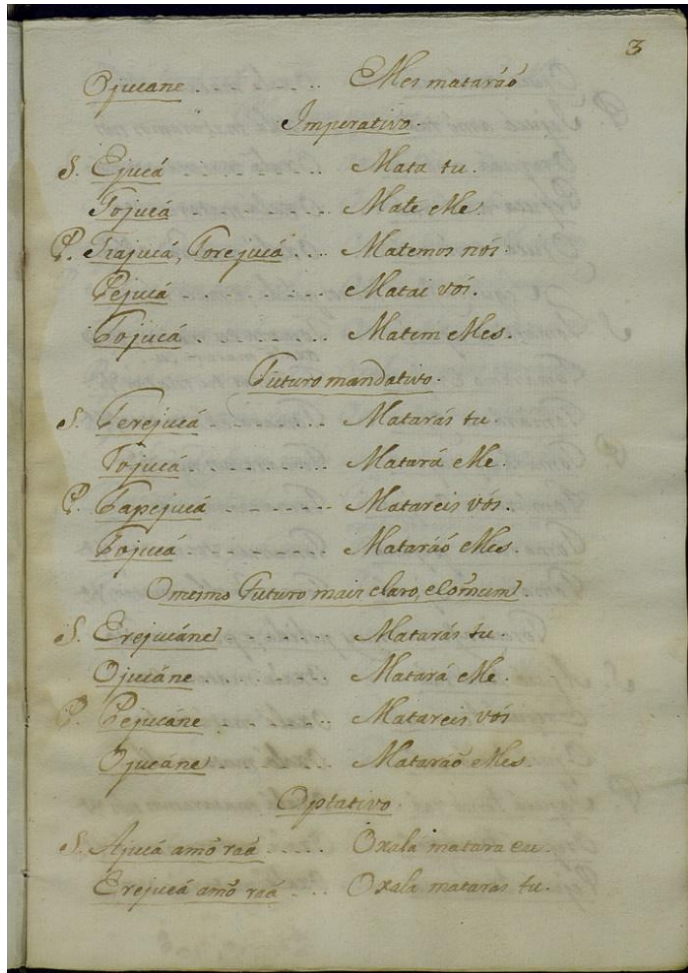
Erejuane Tu matarás

Ojucane Elle matará

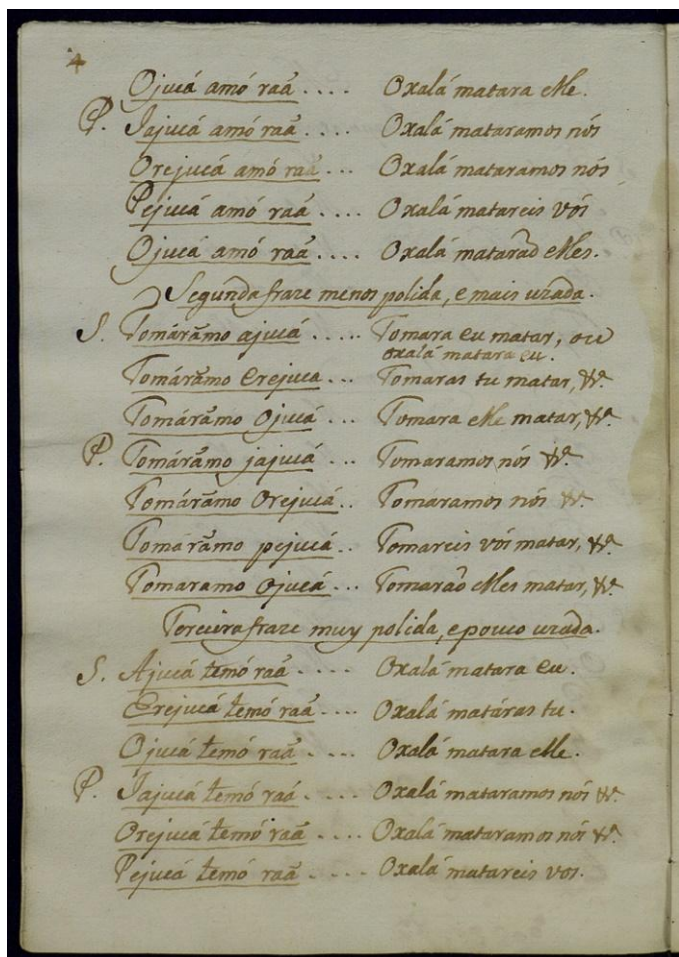
Pl(ural) *Iajucane* Nós, evós mataremos

Orejuane Nós sem vós mataremos

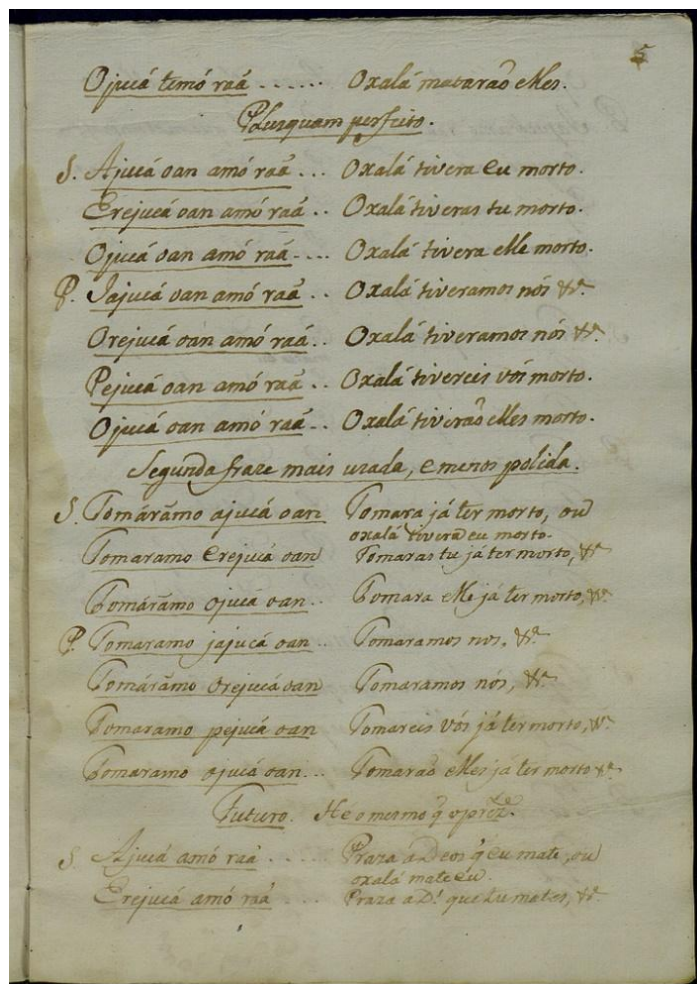
Pejuane Vós matareis.



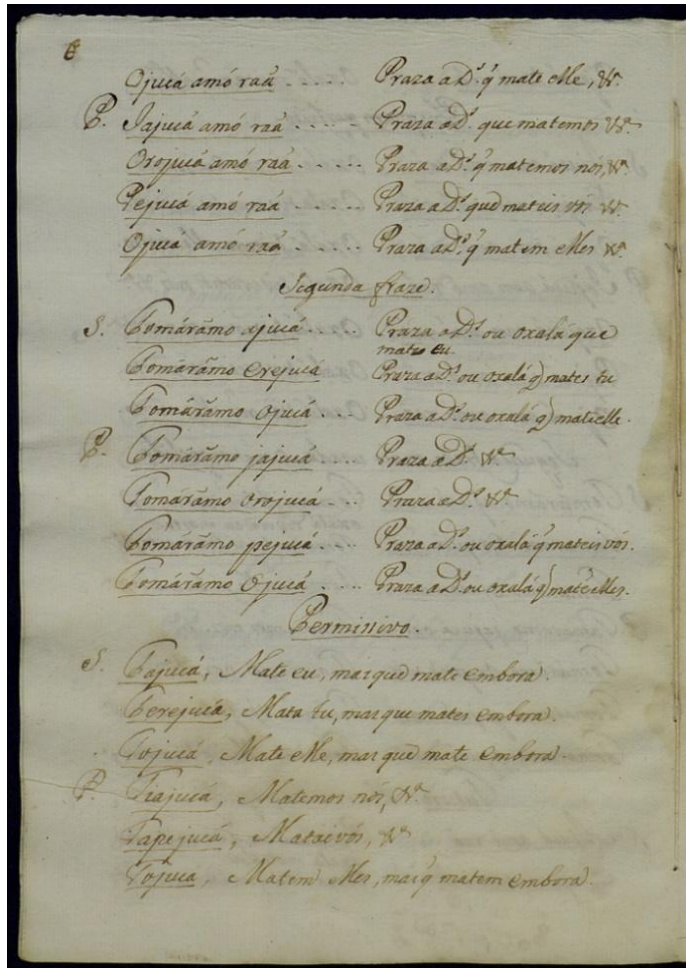
- 1
2 Ojucane Elles mataráo
- 3 Imperativo.
4 S(ingular) Ejucá Mata tu.
5 Tojucá Mate elle.
6 P(lural) Tiajucá, Torejucá . . . Matemos nós
7 Pejucá Matai vós.
8 Tojucá Matem elles.
- 9 Futuro mandativo.
10 S(ingular) Terejucá Matarás tu.
11 Tojucá Matará elle.
12 P(lural) Tapejucá Matareis vós.
13 Tojucá Matarão elles.
- 14 O mesmo Futuro mais claro, e comum.
15 S(ingular) Erejucâne Matarás tu.
16 Ojucâne Matará elle.
17 P(lural) Pejucane Matareis vós
18 Ojucane Matarão elles.
- 19 Optativo.
20 S(ingular) Ajucá amõ raã Oxala matara eu.
21 Erejucá amõ raã . . . Oxala mataras tu.



- 1
 2 Ojucá amó raã Oxalá matara elle.
 3 P(lural) Iajucá amó raã Oxalá mataramos nós
 4 Orejucá amó raã Oxalá mataramos nós
 5 Pejucá amó raã Oxalá matareis vós
 6 Ojucá amó raã Oxalá mataraõ elles.
 7
 8 Segunda fraze menos polida, e mais uzada.
 9 S(ingular) Tomárãmo ajucá Tomara eu matar, ou [↓ oxalá matara eu.]
 10 Tomárãmo erejuca . . . Tomaras tu matar, (et caetera)
 11 Tomárãmo ojucá . . . Tomara elle matar, (et caetera)
 12 P(lural) Tomárãmo jajucá . . . Tomaramos nós (et caetera)
 13 Tomárãmo orejucá . . . Tomaramos nós (et caetera)
 14 Tomárãmo pejucá . . Tomareis vós matar (et caetera)
 15 Tomaramo Ojucá . . . Tomaraõ elles matar, (et caetera)
 16
 17 Terceira fraze muy polida, e pouco uzada.
 18 S(ingular) Ajucá temó raã Oxalá matara eu.
 19 Erejucá temó raã Oxalá matáras tu.
 20 Ojucá temó raã Oxalá matara elle.
 21 P(lural) Iajucá temó raã Oxalá mataramos nós (et caetera)
Orejucá temó raã Oxalá mataramos nós (et caetera)
Pejucá temó raã Oxalá matareis vós.



- 1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
- 5
- Ojucá temó raã Oxalá mataraõ elles.
Plusquam perfeto.
S(ingular) Ajucá oan amó raã . . . Oxalá tivera eu morto.
Erejucá oan amó raã . . Oxalá tiveras tu morto.
Ojucá oan amó raã . . . Oxalá tivera elle morto.
P(lural) Jajucá oan amó raã . . Oxalá tiveramos nós (et caetera)
Orejucá oan amó raã . . Oxalá tiveramos nós (et caetera)
Pejucá oan amó raã . . Oxalá tiverais vós morto.
Ojucá oan amó raã . . Oxalá tiveraõ elles morto.
Segunda fraze mais uzada, e menos polida.
S(ingular) Tomarámo ajucá oan Tomara já ter morto, ou [↓oxalá tivera eu morto.]
Tomaramo erejucá oan Tomaras tu já ter morto, (et caetera)
Tomarámo ojucá oan . . Tomara elle já ter morto (et caetera)
P(lural) Tomaramo jajucá oan . . Tomaramos nós, (et caetera)
Tomarámo orejucá oan Tomaramos nós, (et caetera)
Tomaramo pejucá oan Tomareis vós já ter morto, (et caetera)
Tomaramo ojucá oan . . . Tomaraõ elles já ter morto (et caetera)
Futuro. He o mesmo q(ue) oprez(en)te.
S(ingular) Ajucá amó raã Praza aDeos q(ue) eu mate, ou [↓ oxalá mate eu.]
Erejucá amó raã . . . Praza a D(e)o que tu mates, (et caetera)



1

6

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Ojucá amó raã Praza a D(eo)s q(ue) elle, (et caetera)

P(lural) Iajucá amó raã Praza aD(eo)s que matemos (et caetera)

Orojucá amó raã Praza aD(eo)s q(ue) matemos nós, (et caetera)

Pejucá amó raã Praza aD(eo)s que mateis vós (et caetera)

Ojucá amó raã Praza aD(eo)s q(ue) matem elles (et caetera)

Segunda fraze.

S(ingular) Tomárãmo ajucá Praza aD(eo)s ou oxalá que [↓mate eu.]

Tomárãmo erejucá Praza aD(eo)s ou oxalá q(ue) mates tu

Tomárãmo ojucá Praza aD(eo)s ou oxalá q(ue) matielle.

P(lural) Tomárãmo jajucá Praza aD(eo)s (et caetera)

Tomárãmos orojucá Praza aD(eo)s (et caetera)

Tomárãmo pejucá praza aD(eo)s ou oxalá q(ue) mateis vós.

Tomárãmo ojucá Praza aD(eo)s ou oxalá q(ue) mateelles.

Permissivo.

S(ingular) Tajucá, Mate eu, mas que mate embora.

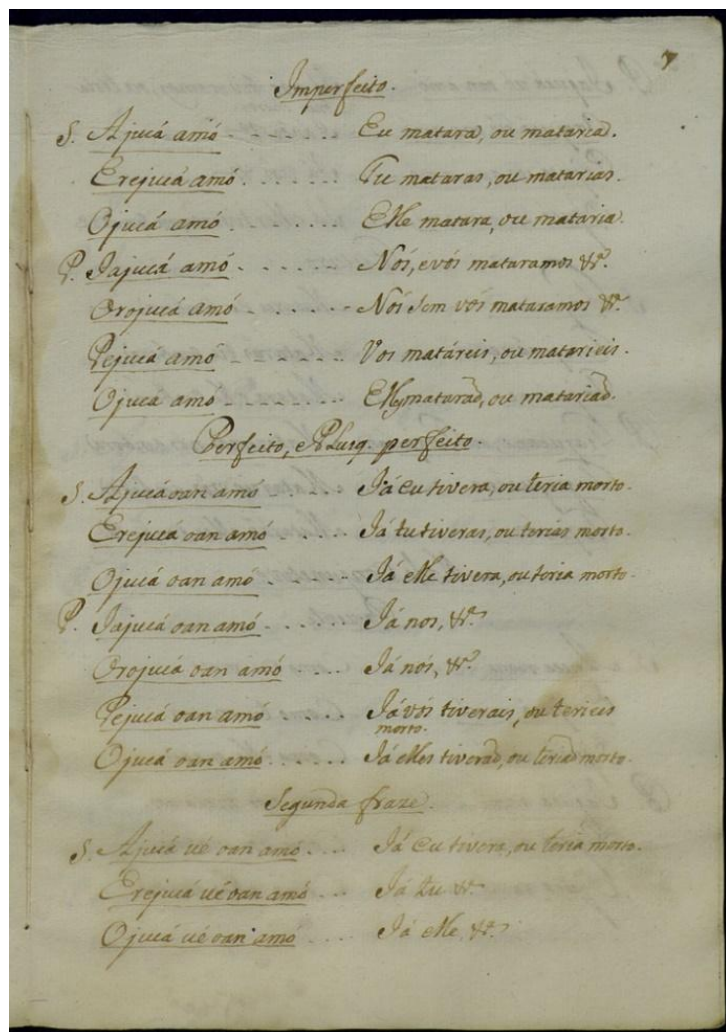
Terejucá, Mata tu, mas que mateis embora.

Tojucá, Mate elle, mas que mate embora.

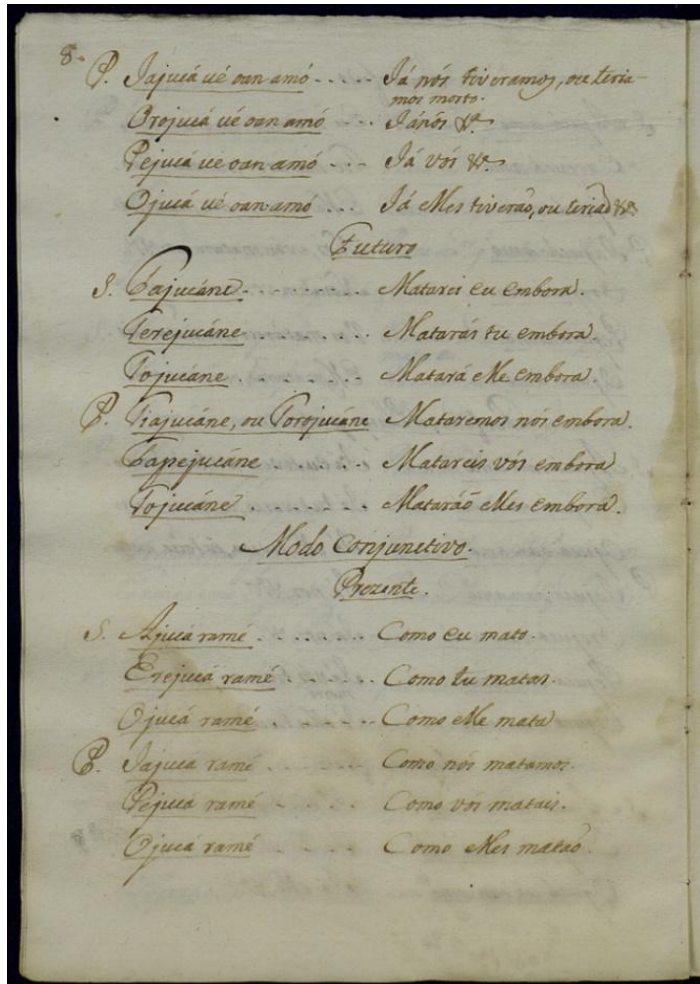
P(lural) Tiajucá, Matemos nós, (et caetera)

Tapejucá, Matai vós, (et caetera)

Tojucá, Matem elles, mas q(ue) matem embora.

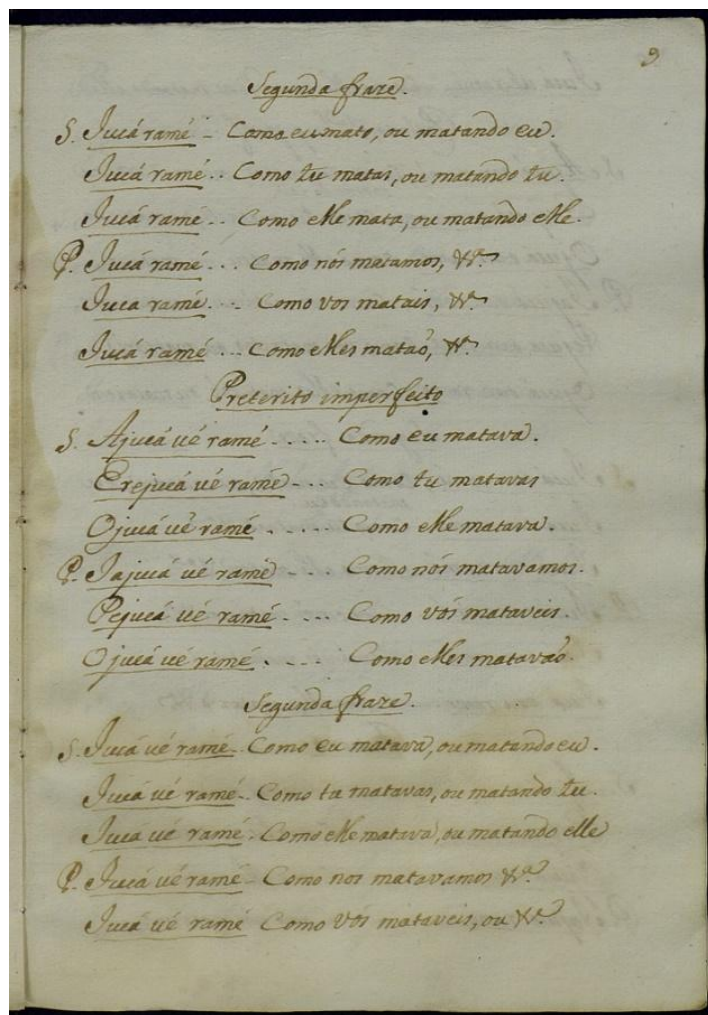


1			
2			
3		<u>Imperfeito</u>	
4	S(ingular)	<u>Ajúca amó</u>	Eu matara, ou mataria.
5		<u>Erejucá amó</u>	Tu mataras, ou matarias.
6		<u>Ojúca amó</u>	Elle matara, ou mataria.
7	P(lural)	<u>Iajúca amó</u>	Nós, evós mataramos (et caetera)
8		<u>Orojucá amó</u>	Nós sem vós mataramos (et caetera)
9		<u>Pejúca amó</u>	Vós matáreis, ou mataries.
10		<u>Ojúca amó</u>	Elles mataraõ, ou matariaõ
11			<u>Perfeito, e Plusq(uam) perfeito.</u>
12	S(ingular)	<u>Ajúca oan amó</u>	Já eu tivera, ou teria morto.
13		<u>Erejucá oan amó</u>	Já tu tiveras, ou terias morto.
14		<u>Ojúca oan amó</u>	Já elle tivera, ou teria morto.
15	P(lural)	<u>Iajúca oan amó</u>	Já nós, (et caetera)
16		<u>Orojucá oan amó</u>	Já nós, (et caetera)
17		<u>Pejúca oan amó</u>	Já vós tiverais, ou teries [↓morto]
18		<u>Ojúca oan amó</u>	Já elles tiveraõ, ou teriaõ morto.
19			<u>Segunda frase.</u>
20	S(ingular)	<u>Ajúca ué oan amó</u>	Já eu tivera, ou teria morto.
21		<u>Erejucá ué oan amó</u>	Já tu (et caetera)
		<u>Ojúca ué oan amó</u>	Já elle, (et caetera)

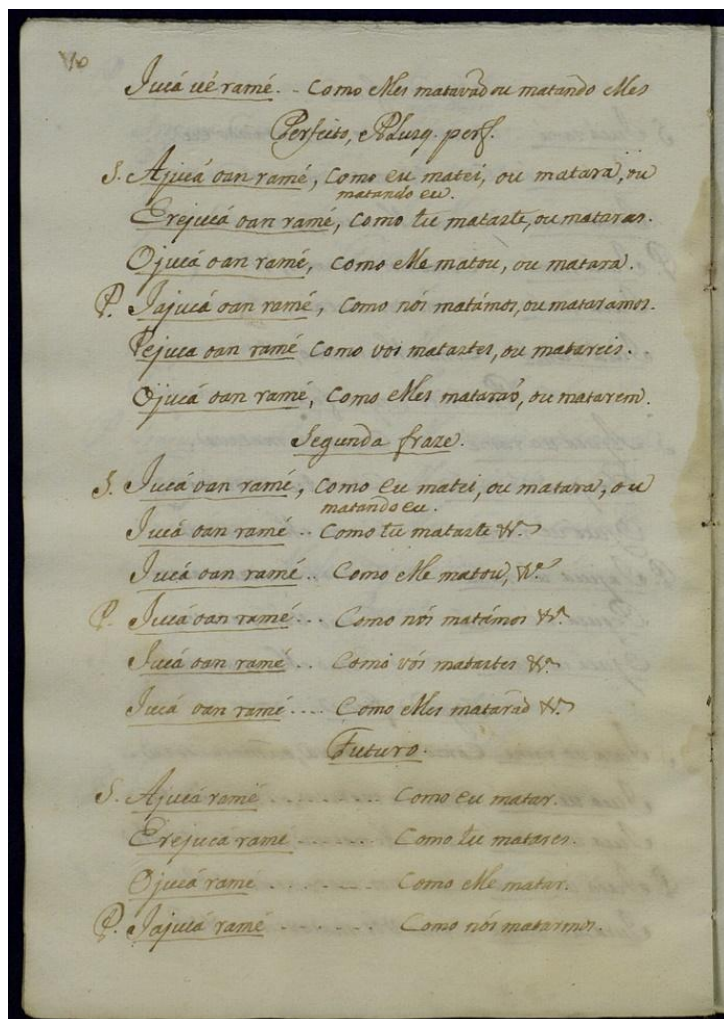


- 1 8
- 2 P(lural) Iajucá ué oan amó Iá nós tiveramos, ou teria- [↓mos morto.]
- 3 Orojucá ué oan amó . . . Iánós (et caetera)
- 4 Pejucá ue oan amó . . . Iá vós (et caetera)
- 5 Ojucá ué oan amó . . . Iá elles tiveraõ, ou teriaõ (et caetera)
- 6 Futuro
- 7 S(ingular) Tajucáne Matarei eu embora.
- 8 Terejucáne Matarás tu embora.
- 9 Tojucáne Matará elle embora.
- 10 P(lural) Tiajucáne, ou Torojucáne Mataremos nós embora.
- 11 Tapejucáne Matareis vós embora
- 12 Tojucáne Mataráõ embora.
- 13 Modo Conjuntivo.
- 14 Prezente.
- 15 S(ingular) Ajucá ramé Como eu mato.
- 16 Erejucá ramé Como tu matas.
- 17 Ojucá ramé Como elle mata
- 18 P(lural) Iajuca ramé Como nós matamos.
- 19 Pejucá ramé Como vós matais.
- 20 Ojucá ramé Como elles mataõ.

19r



- 1
2
3 *Segunda fraze.*
4 S(ingular) Iucá ramé - Como eu mato, ou matando eu.
5 Iucá ramé .. Como tu matas, ou matando tu.
6 Iucá ramé .. Como elle mata, ou matando elle.
7 P(lural) Iucá ramé ... Como nós matamos, (et caetera)
8 Iucá ramé ... - Como vós matais, (et caetera)
9 Iucá ramé ... como elles matao, (et caetera)
- 10 *Preterito imperfeito*
11 S(ingular) Ajucá ué ramé Como eu matava.
12 Erejucá ué ramé ... Como tu matavas.
13 Ojucá ué ramé Como elle matava.
14 P(lural) Iajucá ué ramé ... Como nós matavamos.
15 Pejucá ué ramé ... Como vós mataveis.
16 Ojucá ué ramé ... Como elles matavao.
- 17 *Segunda fraze.*
18 S(ingular) Iucá ué ramé . Como eu matava, ou matando eu.
19 Iucá ué ramé .. Como tu matavas, ou matando tu.
20 Iuca ué ramé . Como elle matava, ou matando elle
21 P(lural) Iucá ué ramé . Como nos matavamos (et caetera)
Iucá ué ramé Como vós mataveis, ou (et caetera)



Lucá uéramé . . Como elles matavaõ ou matando elles
Perfeito, ePlusq(uam)perfe(ito)

S(ingular) Ajúca oan ramé, Como eu matei, ou matara, ou [↓matando eu.]

Erejúca oan ramé, Como tu mataste, ou matares.

Ojúca oan ramé, como elle matou, ou matara.

P(lural) Iajúca oan ramé, Como nós matámos, ou matáramos.

Pejúca oan ramé Como vos matastes, ou matareis.

Ojúca oan ramé, Como elles mataraõ, ou matarem.

Segunda fraze.

S(ingular) Lucá oan ramé, Como eu matei, ou matara, ou [↓matando eu.]

Lucá oan ramé . . Como tu mataste (et caetera)

Lucá oan ramé . . Como elle matou, (et caetera)

P(lural) Lucá oan ramé . . .Como nós matámos (et caetera)

Lucá oan ramé . . Como vós matastes (et caetera)

Lucá oan ramé Como elles mataraõ (et caetera)

Futuro.

S(ingular) Ajúca ramé Como eu matar.

Erejúca ramé Como tu matares.

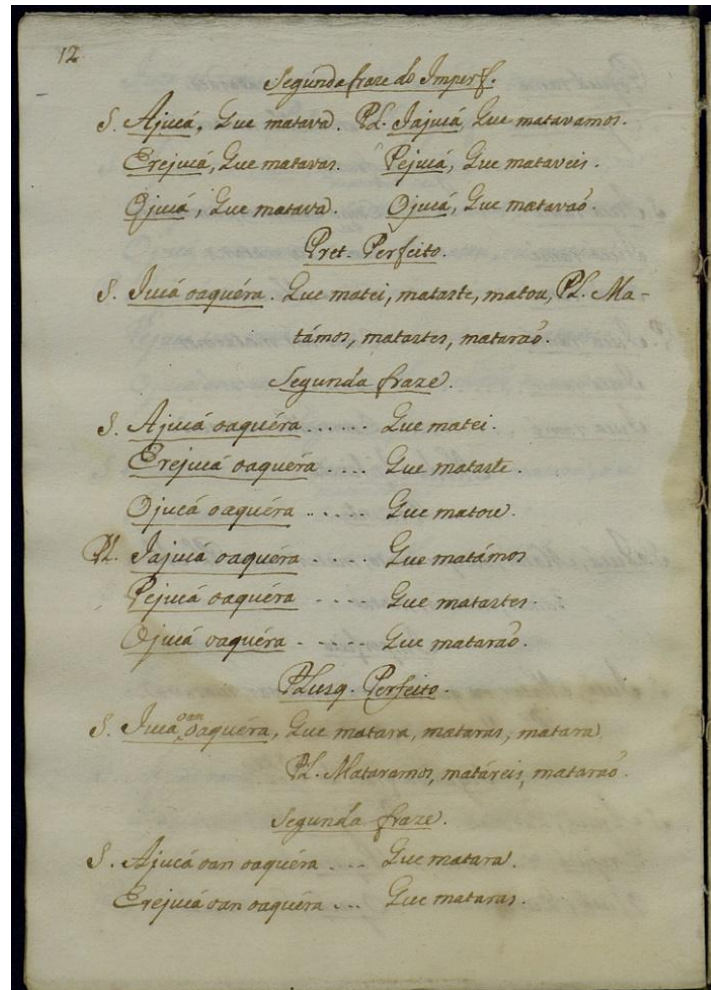
Ojúca ramé Como elle matar.

P(lural) Iajúca ramé Como nós matarmos.

10r

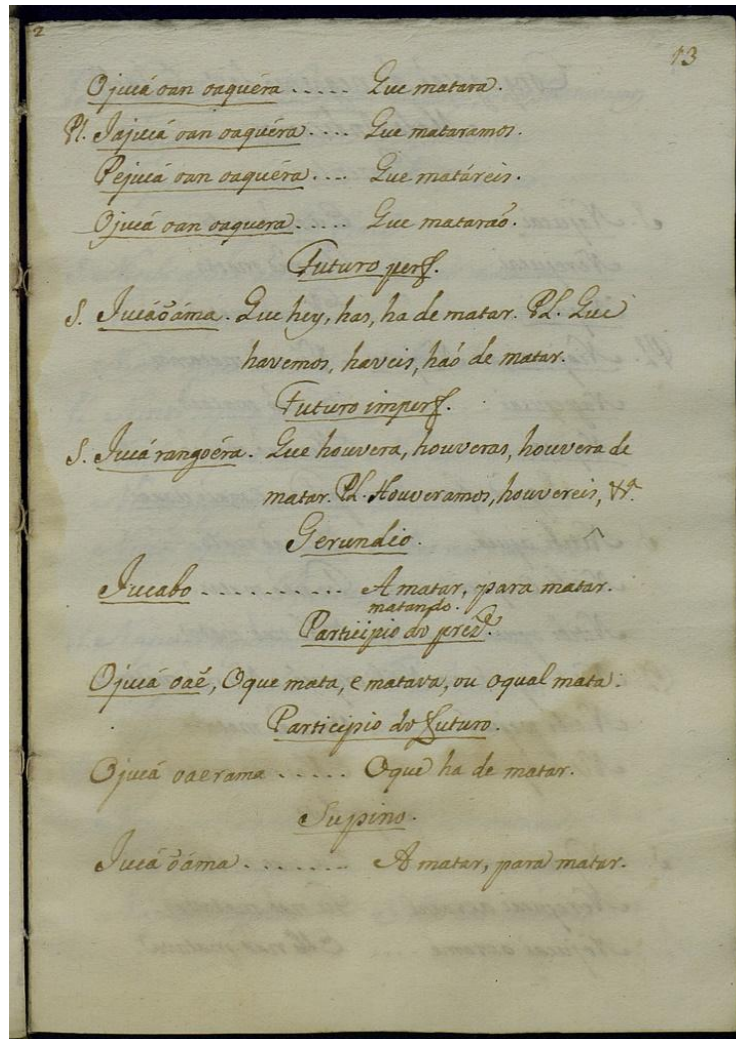
Pejúca ramé Como vós matardes.
Ojúca ramé Como elles matarem.
Segunda frase.
S. Jucá ramé Como eu mato, ou matando eu.
Jucá ramé Como tu matares
Jucá ramé Como elle matar
P. Jucá ramé Como nós matarmos
Jucá ramé Como vós matardes.
Jucá ramé Como elles matarem.
Modo Infinito
Presente
S. Jucá, Matar, ou que mato, mato, mata. Pl. Ma-
tamos, matais, matao.
Imperfeito
S. Jucá, Matar, ou que matava, matava, matava.
Pl. Matavam, mataveis, matavao.
Segunda frase do Prez.
S. Ajucá, Que mato. Pl. Ajucá, Que matamos.
Erejúca, Que matas. Pejúca, Que matais.
Ojúca, Que mata. Ojúca, Que matao.

1
2 *Pejúca ramé Como vós matardes.*
3 *Ojúca ramé Como elles matarem.*
4 *Segunda frase.*
5 S(ingular) *Jucá ramé Como eu mato, ou matando [↓ eu]*
6 *Jucá ramé Como tu matares*
7 *Jucá ramé Como elle matar*
8 P(lural) *Jucá ramé Como nós matarmos*
9 *Jucá ramé Como vós matardes.*
10 *Jucá ramé Como elles matarem.*
11 *Modo Infinito*
12 *Presente*
13 S(ingular) *Jucá, Matar, ou que mato, matas, mata. Pl(ural) Ma-*
14 *tamos, matais, matao.*
15 *Imperfeito*
16 S(ingular) *Jucá, Matar, ou que matava, matavas, matava.*
17 *Pl(ural) Matavam, mataveis, matavao.*
18 *Segunda frase do Prez(en)te*
19 S(ingular) *Ajucá, Que mato. Pl(ural) Iajucá, Que matamos.*
20 *Erejúca, Que matas. Pejúca, Que matais.*
21 *Ojúca, Que mata. Ojúca, Que matao.*



- 1 12
- 2 *Segunda frase do Imperf(eito)*
- 3 S(ingular) *Ajúca*, Que matava. Pl(ural) *Iajúca*, Que matávamos
- 4 *Erejúca*, Que matavas. *Pejúca*, Que mataveis.
- 5 *Ojúca*, Que matava. *Ojúca*, Que matavaõ.
- 6 *Pret(eito) Perfeito.*
- 7 S(ingular) *Iúca* oaquéra. Que matei, mataste, matou. Pl(ural) Ma-
- 8 támos, matastes, mataraõ
- 9 *Segunda frase.*
- 10 S(ingular) *Ajúca* oaquéra Que matei.
- 11 *Erejúca* oaquéra Que mataste.
- 12 *Ojúca* oaquéra Que matou.
- 13 Pl(ural) *Iajúca* oaquéra Que matámos
- 14 *Pejúca* oaquéra Que matastes.
- 15 *Ojúca* oaquéra Que mataraõ
- 16 *Plusq(uam) Perfeito.*
- 17 S(ingular) *Iuca* [↑oan] oaquéra, Que matara, mataras, matara.
- 18 Pl(ural). *Matáramos*, matáreis, mataraõ.
- 19 *Segunda frase.*
- 20 S(ingular) *Ajúca* oan oaquéra Que matara
- 21 *Erejúca* oan oaquéra Que mataras.

11r



- 1
2 Ojucá oan oaquéra Que matava.
3 Pl(ural) Iajucá oan oaquéra Que mataramos.
4 Pejucá oan oaquéra Que matáreis.
5 Ojucá oan oaquera Que mataraõ
6 Futuro Perf(eito)
7 S(ingular) Iucáõáma. Que hey, has, há de matar. Pl(ural) Que
8 havemos, haveis, haõ de matar
9 Futuro imperf(eito)
10 S(ingular) Iucá rangoéra. Que houvera, houveras, houvera de
11 matar. Pl(ural) Houveramos, houvereis, (et caetera)
12 Gerundio.
13 Iucabo A matar, para matar [↓matando.]
14 Participio do preze(n)te.
15 Ojucá oaé, O que mata, e matava, ou O qual mata.
16 Participio do futuro.
17 Ojucá oaerame O que ha de matar.
18 Supino.
19 Iucá õáma A matar, para matar.

13

14

Conjugação do negativo do verbo Iucái
Modo Indicativo
Presente

S. *Najucái* Eu não mato.
Nerejucái Tu não matas.
Nojucái Elle não mata.

Pl. *Niajucái*, ou *Norojucái* Nós não matamos.
Napejucái Vós não matais.
Nojucái Elles não matao.

Segunda frase menos polida, e mais uzada

S. *Nitibi ajucá* Eu não mato.
Nitibi erejucá Tu não matas.
Nitibi ojucá Elle não mata.

Pl. *Nitibi iajucá*, ou *Nitibi orojucá*, Nós não matamos.
Nitibi pejucá Vós não matais.
Nitibi ojucá Elles não matao.

Imperfeito

S. *Najucái aeramé* Eu não matava.
Nerejucái aeramé Tu não matavas.
Nojucái aeramé Elle não matava.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

Conjugação do negativo do verbo Iucái
Modo Indicativo
Presente

S(ingular) Najucái Eu não mato.
Nerejucái Tu não matas.
Nojucái Elle não mata.

Pl(ural) Niajucái, ou Norojucái Nós não matamos.
Napejucái Vós não matais
Nojucái Elles não matao

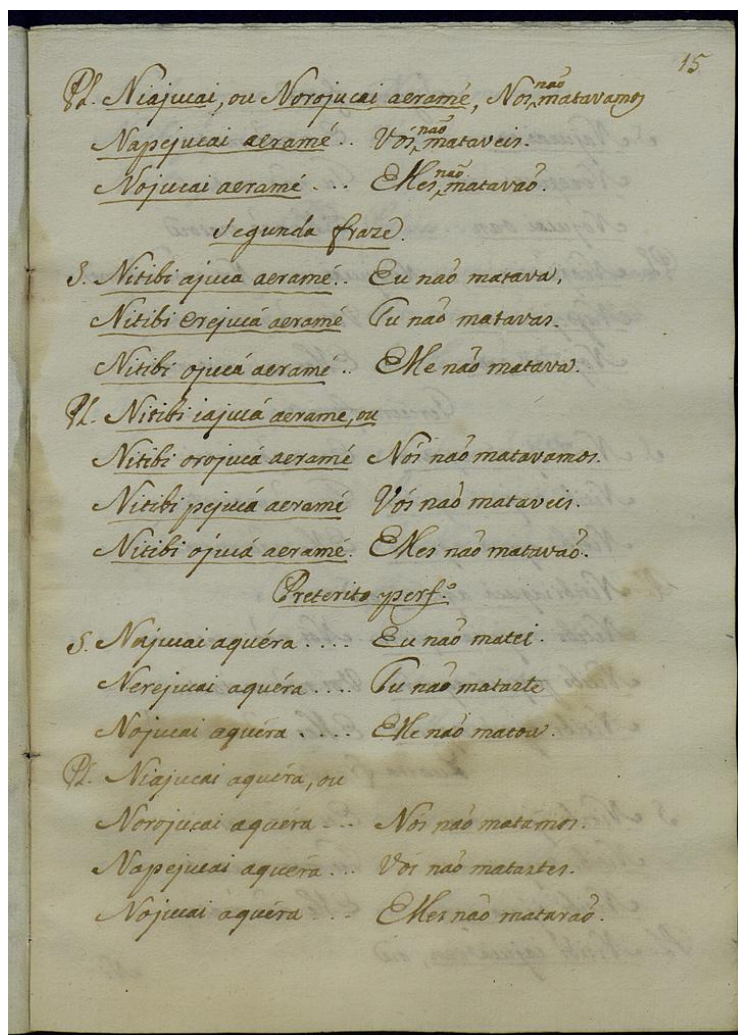
Segunda frase menos polida, e mais uzada

S(ingular) Nitibi ajucá Eu não mato.
Nitibi erejucá Tu não matas.
Nitibi ojucá Elle não mata.

Pl(ural) Nitibi iajucá, ou Nitibi orojucá, Nós não matamos.
Nitibi pejucá Vós não matais
Nitibi ojucá Elles não matao.

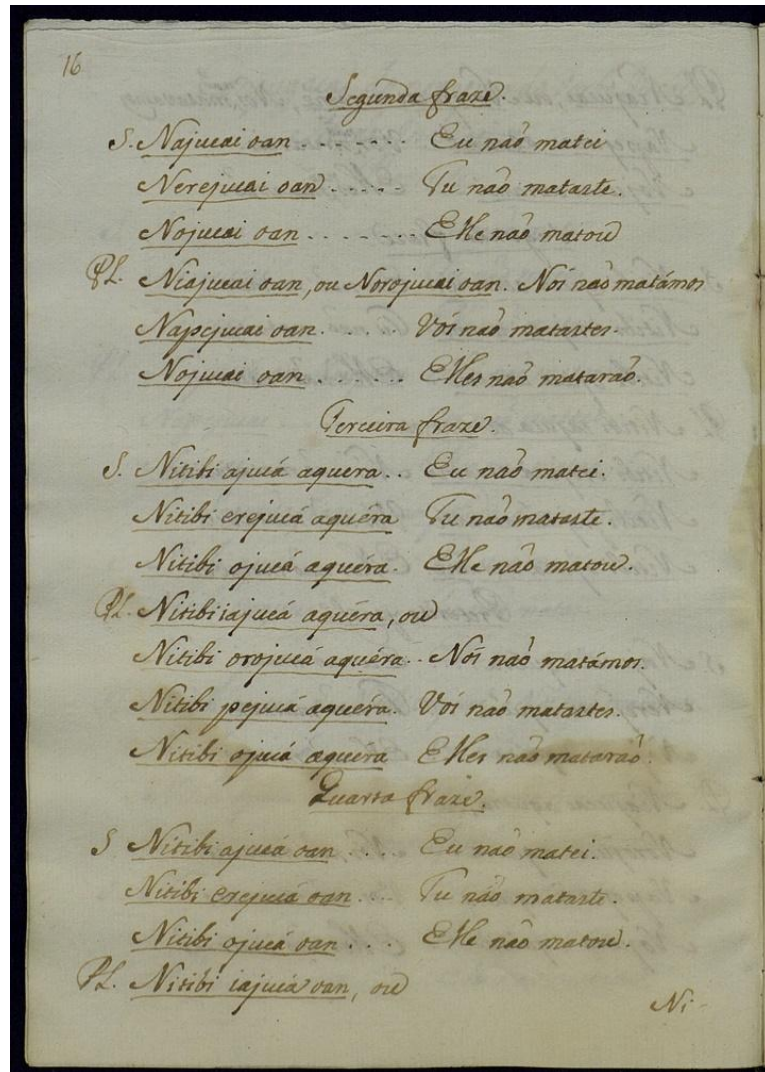
Imperfeito

S(ingular) Najucái aeramé . . . Eu não matava.
Nerejucái aeramé . . . Tu não matavas.
Nojucái aeramé Elle não matava.



- 1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
- 15
- Pl(ural) Niajucai, ou Norojucai aeramé, Nos [↑ naõ] matavamos
Napejucai aeramé . . Vós [↑ naõ] mataveis.
Nojucai aeramé . . . Elles [↑ naõ] matavaõ.
Segunda frase.
S(ingular) Nitibi ajuca aeramé .. Eu naõ matava.
Nitibi erejucá aeramé Tu naõ matavas.
Nitibi ojucá aeramé .. Elle naõ matava.
Pl(ural) Nitibi iajucá aerame, ou
Nitibi orojucá aeramé Nós naõ matavamos.
Nitibi pejucá aeramé Vós naõ mataveis.
Nitibi ojucá aeramé . Elles naõ matavaõ
Preterito perf(eit)o
S(ingular) Najucui aquéra . . . Eu naõ matei.
Nerejucai aquéra Tu naõ mataste
Nojucai aquéra Elle naõ matou.
Pl(ural) Niajucai aquéra, ou
Norojucai aquéra . . . Nós naõ matamos.
Napejucai aquéra . . . Vos naõ matastes.
Nojucai aquéra . . . Elles naõ mataraõ

12v



16

Segunda frase.

S(ingular) Najucai oan Eu não matei.
Nerejucai oan Tu não mataste.
Nojucai oan Elle não matou.

Pl(ural) Niajucai oan, ou Norojucai oan. Nós não matámos.
Napejucai oan Vós não matastes.
Nojucai oan Elles não mataram.

Terceira frase.

S(ingular) Nitibi ajucá aquera . . Eu não matei.
Nitibi erejucá aquera . Tu não mataste.
Nitibi ojucá aquera . Elle não matou.

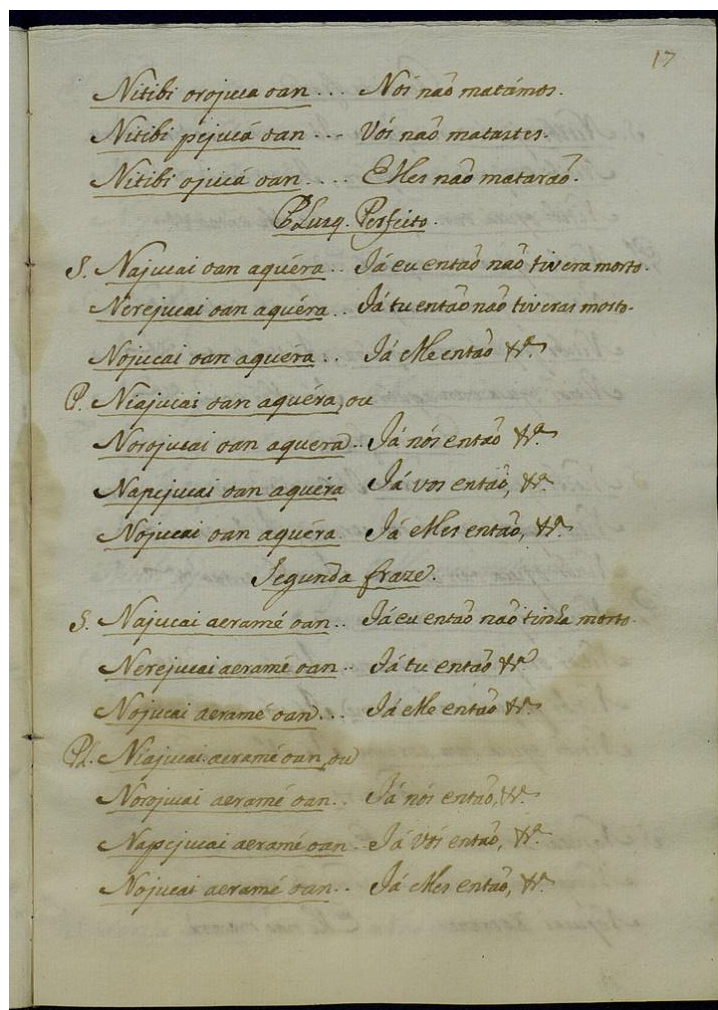
Pl(ural) Nitibi iajucá aquera, ou
Nitibi orojucá aquera . . Nós não matámos.
Nitibi pejucá aquera . Vós não matastes.
Nitibi ojucá aquera . Elles não mataram.

Quarta frase.

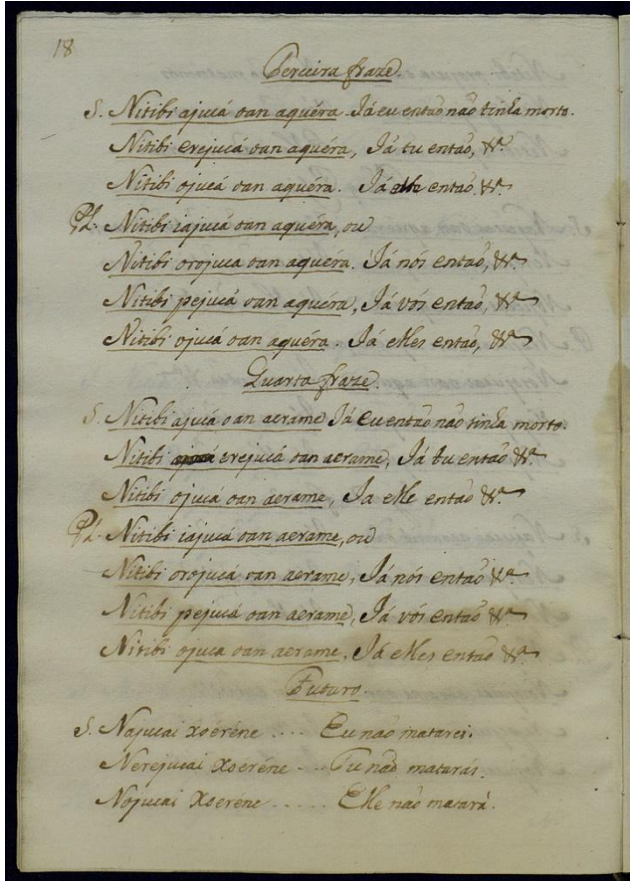
S(ingular) Nitibi ajucá oan Eu não matei.
Nitibi erejucá oan Tu não mataste.
Nitibi ojucá oan Elle não matou.

Pl(ural) Nitibi iajucá, ou

Ni



- 1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
- 17
- Nitibi orojuca oan . . . Nós não matámos.
Nitibi pejuca oan . . . Vós não matastes.
Nitibi ojuca oan . . . Elles não mataraõ.
- Plusq(uam) Perfeito.
- S(ingular) Najucaí oan aquera . . Já eu entaõ não tivera morto.
Nerejucaí oan aquera . . Já tu entaõ não tiveras morto.
Nojucaí oan aquera . . Já elle entaõ (et caetera)
- P(lural) Niajucaí oan aquera, ou
Norajucaí oan aquera . . Já nós entaõ (et caetera)
Napejucaí oan aquera Já vós entaõ, (et caetera)
Nojucaí oan aquera Já elles entaõ, (et caetera)
- Segunda frase.
- S(ingular) Najucaí aeramé oan . . Já eu entaõ não tinha morto.
Nerejucaí aeramé oan . . Já tu entaõ (et caetera)
Nojucaí aeramé oan . . Já elle entaõ (et caetera)
- Pl(ural) Niajucaí aeramé, ou
Norajucaí aeramé oan . . Já nós entaõ, (et caetera)
Napejucaí aeramé oan Já vós entaõ, (et caetera)
Nojucaí aeramé oan. Já elles entaõ, (et caetera)



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

18

Terceira frase.

S(ingular) Nitibi ojucá oan aquéra. Já eu entaõ não tinha morto.
Nitibi erejucá oan aquéra, Já eu entaõ, (et caetera)
Nitibi ojucá oan aquéra . Já elle entaõ. (et caetera)

Pl(ural) Nitibi iajucá oan aquéra, ou
Nitibi orojuca oan aquéra. Já nós entaõ, (et caetera)
Nitibi pejucá oan aquéra, Já vós entaõ, (et caetera)
Nitibi ojucá oan aquéra. Já elles entaõ, (et caetera)

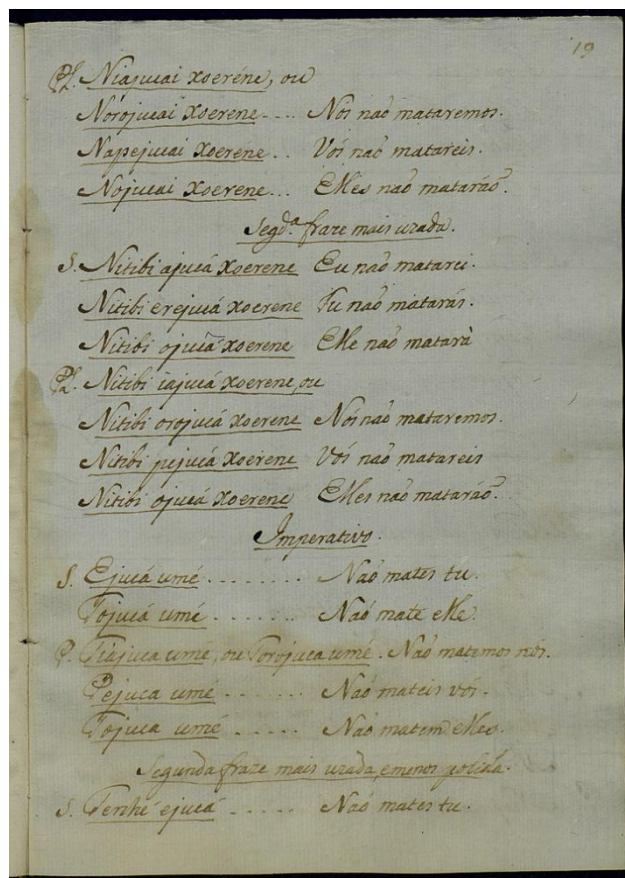
Quarta frase.

S(ingular) Nitibi ajucá o an aerame Já eu entaõ não tinha morto.
Nitibi ~~ajucá~~ erejucá oan aerame, Já tu entaõ (et caetera)
Nitibi ojucá oan aerame, Já elle entaõ (et caetera)

Pl(ural) Nitibi iajucá oan aerame, ou
Nitibi orojuca oan aerame, Já nós entaõ (et caetera)
Nitibi pejucá oan aerame, Já vós entaõ (et caetera)
Nitibi ojuca oan aerame, Já elles entaõ (et caetera)

Futuro.

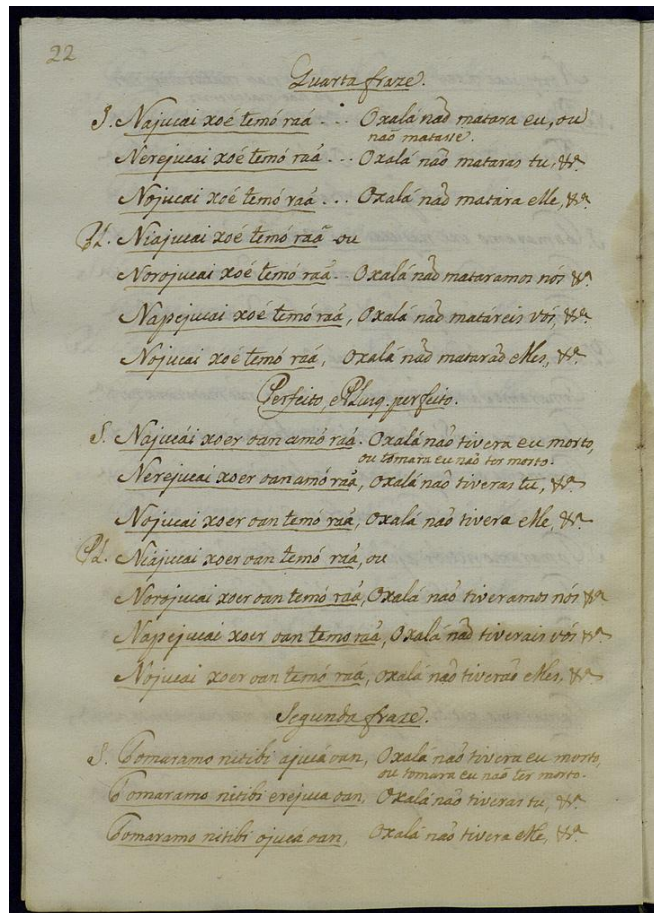
S(ingular) Najucaí xoéréne Eu não matarei.
Nerejucai xoéréne . . . Tu não matarás.
Nojucai xoeréne Elle não matará

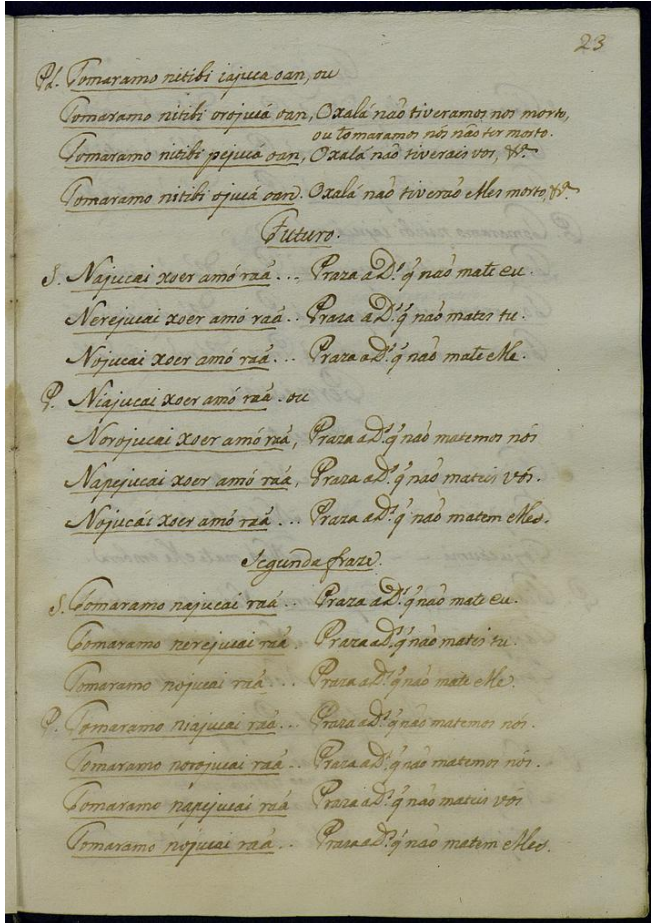


- 1
2 Pl(ural) Niajucai xoeréne, ou
3 Norajucai xoerene Nós não mataremos.
4 Napejucai xoerene . . Vós não matareis.
5 Nojucai xoerene . . . Elles não matarão.
6 Seg(un)da frase mais uzada.
7 S(ingular) Nitibi ajucá xoerene Eu não matarei.
8 Nitibi erejucá xoerene Tu não matarás.
9 Nitibi ojucá xoerene Elle não matará
10 Pl(ural) Nitibi iajucá xoerene, ou
11 Nitibi orojucá xoerene Nós não mataremos.
12 Nitibi pejucá xoerene Vós não matareis.
13 Nitibi ojucá xoerene Elles não matarão.
14 Imperativo.
15 S(ingular) Ejucá umé Não mates tu.
16 Tojucá umé Não mate elle.
17 P(lural) Tiajuca umé, ou Torojuca umé. Não matememos nós.
18 Pejuca umé Não mateis vós.
19 Tojuca umé Não matem elles
20 Segundafrase mais uzada, emenos polida.
21 S(ingular) Tenhé ejucá Não mates tu.

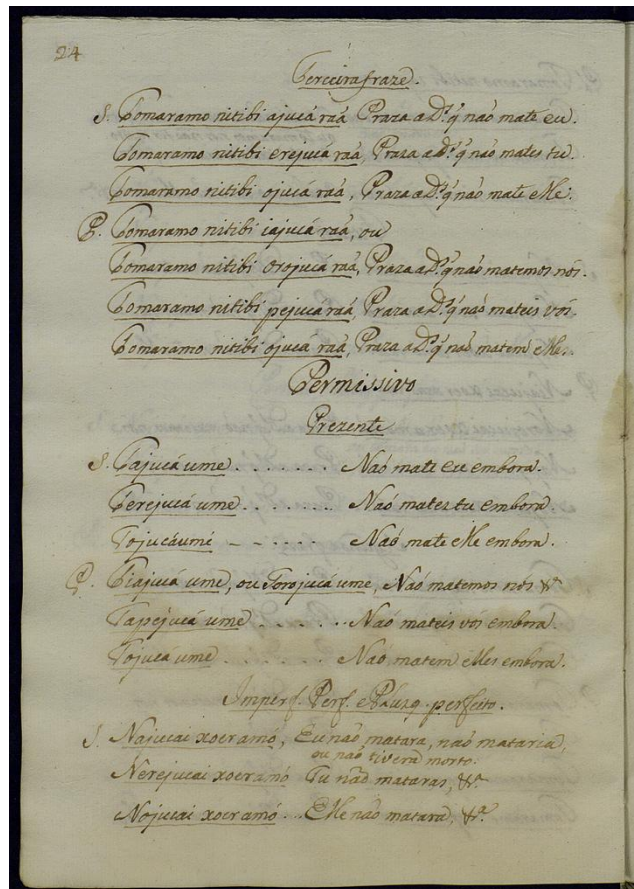
20 Tojucá umé Não mate elle.
 Pl. Tiajucá umé, ou Tojucá umé, Não matemos nós.
 Terhé pejucá Não mateis vós.
 Tojucá umé Não matem elles.
Futuro mandativo.
 S. Terejucá umé Não matará tu.
 Tojucá umé Não matará elle.
 Pl. Tapejucá umé Não matareis vós.
 Tojucá umé Não matarão elles.
Segunda frase.
 S. Terejucá umene Não matará tu.
 Tojucá umene Não matará elle.
 Pl. Tapejucá umene Não matareis vós.
 Tojucá umene Não matarão elles.
Optativo
Prezente e Imperf.
 S. Najucá xoer amó raã. Oxalá não matará eu, ou
 não matasse.
 Nerejucá xoer amó raã. Oxalá não matará tu, &c.
 Nojucá xoer amó raã. Oxalá não matará elle, &c.
 Pl. Nijucá xoer amó raã, ou

1
 2 Tojucá umé Não mate elle.
 3 Pl(ural) Tiajucá umé, ou Torojucá umé, Não matemos nós
 4 Tenhé pejucá Não mateis vós
 5 Tojucá umé Não matem elles.
 6 Futuro mandativo.
 7 S(ingular) Terejucá umé Não matará tu.
 8 Tojucá umé Não matará elle.
 9 Pl(ural) Tapejucá umé Não matareis vós.
 10 Tojucá umé Não matarão elles.
 11 Segunda frase.
 12 S(ingular) Terejucá umene Não matará tu.
 13 Tojucá umene Não matará elle
 14 Pl(ural) Tapejucá umene Não matareis vós.
 15 Tojucá umene Não matarão elles.
 16 Optativo
 17 Prezente, e Imperf(eit)o
 18 S(ingular) Najucá xoer amó raã. Oxalá não matara eu, ou [↓nao
 matasse.]
 19 Nerejucá xoer amó raã Oxalá não mataras tu, (et caetera)
 20 Nojucá xoer amó raã. Oxalá não matara elle (et caetera)
 21 Pl(ural) Nijucá xoer amó raã, ou

Quarta frase.S(ingular) Najucái xoé temó raá . . . Oxalá naõ matara, ou [↓ naõ matasse.]Nerejucái xoé temó raá . . . Oxalá naõ mataras tu, (et caetera)Nojucái xoé temó raá . . . Oxalá naõ matara elle, (et caetera)Pl(ural) Niajucái xoé temó raá, ouNorojucái xoé temó raá . . Oxalá naõ mataramos nós (et caetera)Napejucái xoé temó raá, Oxalá naõ matáreis vós, (et caetera)Nojucái xoé temó raá, Oxalá naõ mataraõ elles, (et caetera)Perfeito, ePlusq(uam) perfeito.S(ingular) Najucái xoer oan amô raá. Oxalá naõ tivera eu morto, [↓ou tomara eu naõ ter morto.]Nerejucái xoer oan amô raá, oxalá naõ tiveras tu, (et caetera)Nojucái xoer oan amô raá, oxalá naõ tivera elle, (et caetera)Pl(ural) Niajucái xoer oan amô raá, ouNorojucái xoer oan amô raá, Oxalá naõ tiveramos nós (et caetera)Napejucái xoer oan amô raá, Oxalá naõ tiverais vós (et caetera)Nojucái xoer oan amô raá, oxalá naõ tiveraõ elles, (et caetera)Segunda frase.S(ingular) Tomaramo nitibi ajucá oan. Oxalá naõ tivera eu morto, [↓ou tomara eu naõ ter morto.]Tomaramo nitibi erejucá oan, Oxalá naõ tiveras tu, (et caetera)Tomaramo nitibi ojucá oan, Oxalá naõ tivera elle, (et caetera)



1
2 Pl(ural) Tomaramo nitibi iajuca oan, ou
3 Tomaramo nitibi orojucá oan, Oxalá não tiveramos nos morto, [↓ou
tomaramos nós não ter morto.]
4 Tomaramo nitibi pejucá oan, Oxalá não tiveraõ vos, (et caetera)
5 Tomaramo nitibi ojucá oan. Oxalá não tiveraõ elles morto, (et caetera)
6 Futuro.
7 S(ingular) Najucái xoer amó raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não mate eu.
8 Nerejucai xoer amó raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não matas tu.
9 Nojucai xoer amó raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não mate elle.
10 P(lural) Niajucai xoer amó raã, ou
11 Norojucai xoer amó raã, Praza aD(eo)s q(ue) não matemos nós
12 Napejucai xoer amó raã, Praza aD(eo)s q(ue) não matem vós.
13 Najucái xoer amó raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não matem elles.
14 Segunda fraze.
15 S(ingular) Tomaramo najucái raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não mate eu.
16 Tomaramo nerejucai raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não mates tu.
17 Tomaramo nojucai raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não mate elle.
18 P(lural) Tomaramo niajucai raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não matemos nós.
19 Tomaramo norojucai raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não matemos nós.
20 Tomaramo napejucai raã Praza aD(eo)s q(ue) não mates vós
21 Tomaramo nojucai raã . . . Praza aD(eo)s q(ue) não matem elles.



1 24

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

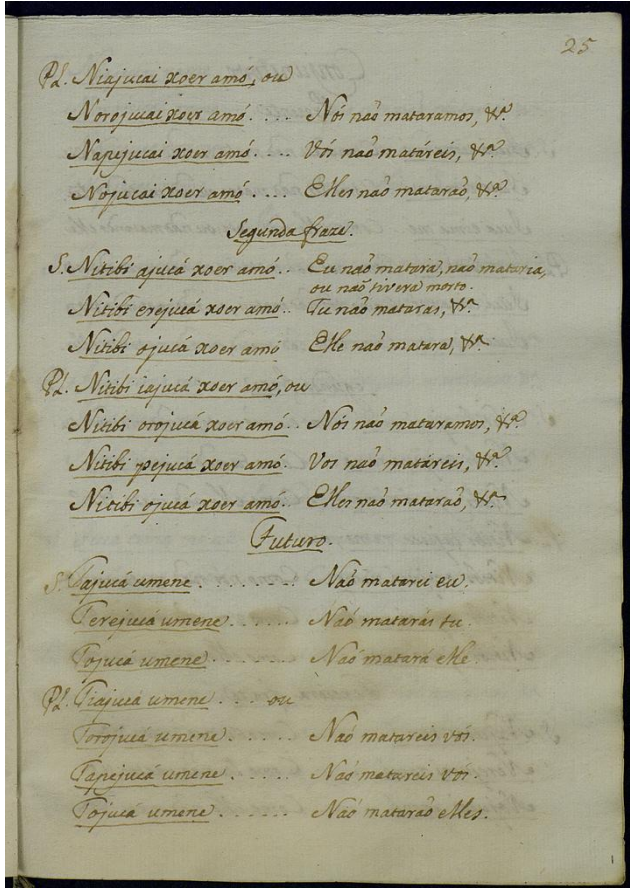
20

21

24

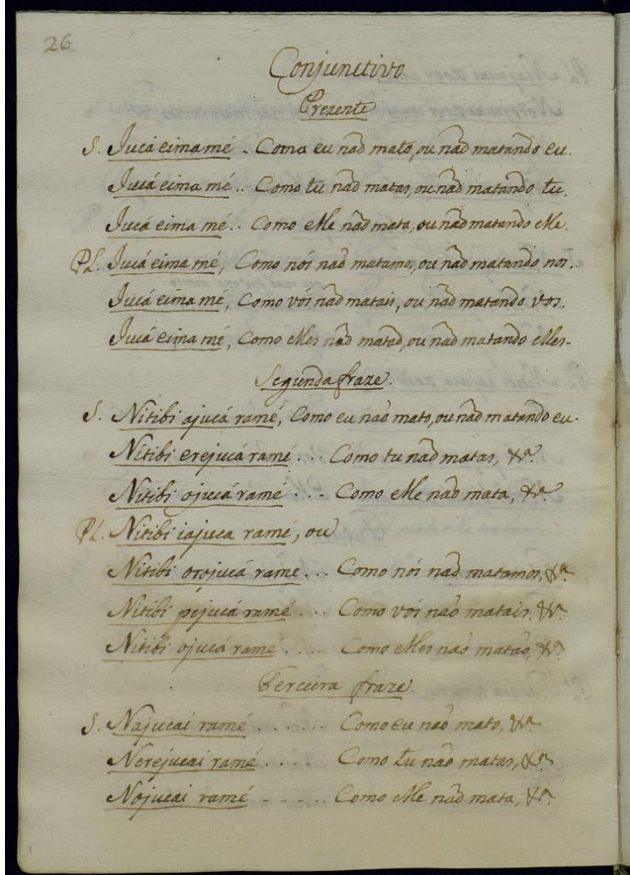
Terceira fraze.S(ingular) Tomaramo nitibi ajucá raã Praza aD(e)s q(ue) não mate eu.Tomaramo nitibi erejucá raã, Praza aD(e)s q(ue) não mate tu.Tomaramo nitibi ojucá raã, Praza aD(e)s q(ue) não mate elle.P(lural) Tomaramo nitibi iajucá raã, ouTomaramo nitibi orojucá raã, Praza aD(e)s q(ue) não matemós nós.Tomaramo nitibi pejucá raã, Praza aD(e)s q(ue) não mateis vós.Tomaramo nitibi ojucá raã, Praza aD(e)s q(ue) não matem elles.PermissivoPrezente.S(ingular) Tajucá ume Não mate eu embora.Terejucá ume Não mates tu embora.Tojucá ume - - - - . Não mate elle embora.P(lural) Tiajucá ume, ou Torojucá ume, Não matemós nós (et caetera)Tapejucá ume Não mateis vós embora.Tojucá ume Não matem elles embora.Imperf(eito) Perf(eito) ePlusq(uam) perfeito.S(ingular) Najucá xoer amó, Eu não matara, não mataria, [Jou não tivera morto.]Nerejucá xoer amó Tu não mataras, (et caetera)Nojucá xoer amó . . . Elle não matara, (et caetera)

17r



- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
 - 6
 - 7
 - 8
 - 9
 - 10
 - 11
 - 12
 - 13
 - 14
 - 15
 - 16
 - 17
 - 18
 - 19
 - 20
 - 21
- 25
- Pl(ural) Niajucai xoer amó, ou
Norojucai xoer amó Nós naõ mataramos, (et caetera)
Napejucai xoer amó Vós naõ matáreis, (et caetera)
Nojucai xoer amó Elles naõ mataraõ, (et caetera)
Segundafrase.
S(ingular) Nitibi ajucá xoer amó . . Eu naõ matara, naõ mataria, [↓ou naõ tivera morto.]
Nitibi erejucá xoer amó . . Tu naõ mataras, (et caetera)
Nitibi ojucá xoer amó . Elle naõ matara, (et caetera)
Pl(ural) Nitibi iajucá xoer amó, ou
Nitibi orojucá xoer amó .. Nós naõ mataramos, (et caetera)
Nitibi pejucá xoer amó. Vos naõ matáreis, (et caetera)
Nitibi ojucá xoer amó .. Elles naõ mataraõ, (et caetera)
Futuro.
S(ingular) Tajucá umene Naõ matarei eu.
Terejucá umene Naõ matará tu.
Tojucá umene Naõ matará elle
Pl(ural) Tiajucá umene . . . ou
Torojucá umene Naõ matareis vós.
Tapejucá umene Naõ matareis vós.
Tojucá umene Naõ mataraõ elles.

17v



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

26

Conjuntivo
Presente

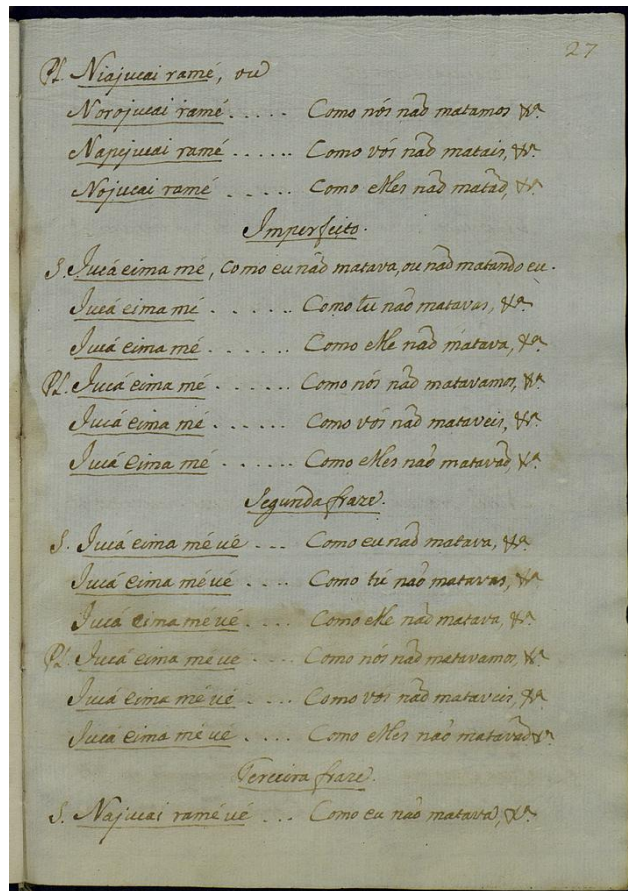
S(ingular) Iucá eimamé . Como eu não mato, eu não matando eu.
Iucá eima mé . . Como tu não matas, ou não matando tu.
Iucá eima mé . . Como elle não mata, ou não matando elle
Pl(ural) Iucá eima mé, Como nós não matamos, ou não matando nos..
Iucá eima mé, Como vós não matais, ou não matando vos.
Iucá eima mé, Como elles não mataõ, ou não matando elles.

Segunda frase.

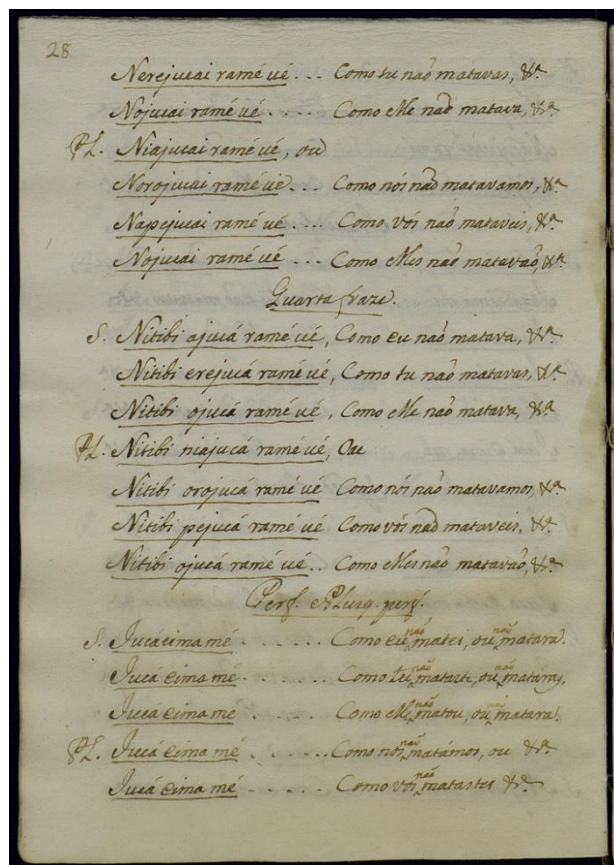
S(ingular) Nitibi ajucá ramé, Como eu não mato, ou não matando eu.
Nitibi erejucá ramé . . . Como tu não matas, (et caetera)
Nitibi ojucá ramé . . . Como elle não mata, (et caetera)
Pl(ural) Nitibi iajucá ramé, ou
Nitibi orojucá ramé . . . Como nós não matamos, (et caetera)
Nitibi pejucá ramé . . . Como vós não matais, (et caetera)
Nitibi ojucá ramé . . . Como elles não mataõ, (et caetera)

Terceira frase.

S(ingular) Najucá ramé Como eu não mato, (et caetera)
Nerejucá ramé Como tu não matas, (et caetera)
Nojucá ramé Como elle não mata, (et caetera)

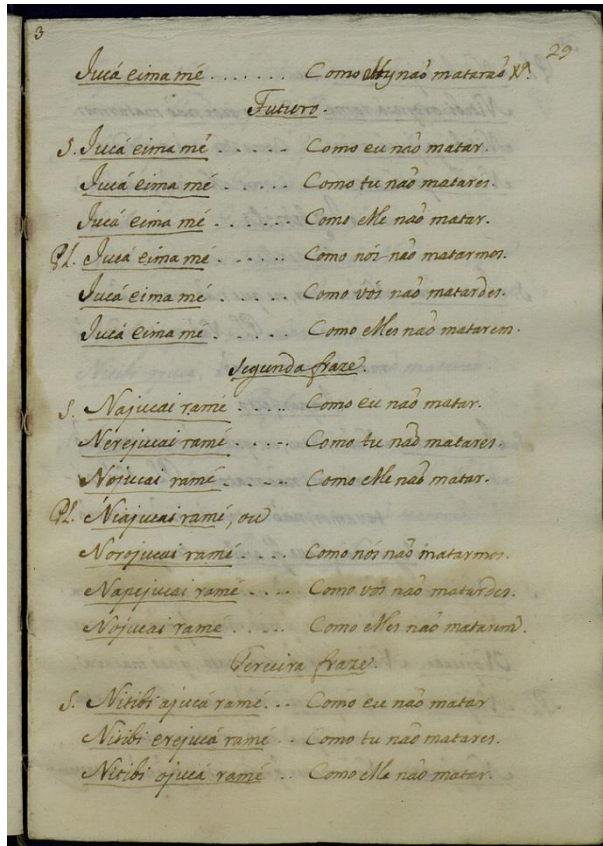


- 1
2 Pl(ural) Niajucai ramé, ou
3 Norojucai ramé Como nós não matamos (et caetera)
4 Napejucai ramé Como vós não matais, (et caetera)
5 Nojucai ramé Como elles não matao, (et caetera)
6 Imperfeito.
7 S(ingular) Iucá eima mé, como eu não matava, ou não matando eu.
8 Iucá eima mé Como tu não matavas, (et caetera)
9 Iucá eima mé Como elle não matava, (et caetera)
10 Pl(ural) Iucá eima mé Como nós não matavamos, (et caetera)
11 Iucá eima mé Como vós não mataveis(et caetera)
12 Iuca eima mé Como elles não matavao (et caetera)
13 Segunda frase.
14 S(ingular) Iucá eima mé ué Como eu não matava, (et caetera)
15 Iucá eima mé ué Como tú não matavas, (et caetera)
16 Iucá eima mé ué Como elle não matava, (et caetera)
17 Pl(ural) Iucá eima mé ué Como nós não matavamos, (et caetera)
18 Iucá eima mé ué Como vos não mataveis, (et caetera)
19 Iucá eima mé ué Como elles não matavao (et caetera)
20 Terceira frase.
21 S(ingular) Najucai ramé ué Como eu não matava, (et caetera)



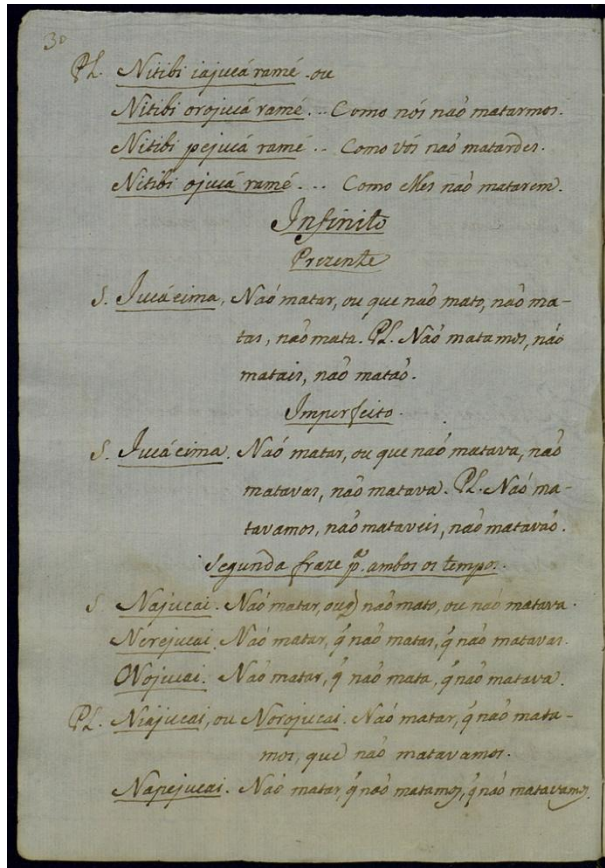
- 1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
- Nerejucai ramé ué . . . Como tu não matavas, (et caetera)
Nojucai ramé ué Como elle não matava, (et caetera)
 Pl(ural) Niajucai ramé ué, ou
Norojucai ramé ué . . . Como nós não matavamos, (et caetera)
Napejucai ramé ué Como vós não mataveis, (et caetera)
Nojucai ramé ué . . . Como elles não matavaõ, (et caetera)
Quarta fraze.
 S(ingular) Nitibi ajucá ramé ué, Como eu não matava, (et caetera)
Nitibi erejucá ramé ué, Como tu não matavas, (et caetera)
Nitibi ojucá ramé ué, Como elle não matava, (et caetera)
 Pl(ural) Nitibi niajucá ramé ué, Ou
Nitibi orojucá ramé ué Como nós não matavamos, (et caetera)
Nitibi pejucá ramé ué Como vós não mataveis, (et caetera)
Nitibi ojucá ramé ué . . Como elles não matavaõ, (et caetera)
Perfeito ePlusq(uam) perf(eito)
 S(ingular) Iucá eima mé Como eu [↑naõ] matei, ou [↑naõ] matara.
Iucá eima mé Como tu [↑naõ] matava, ou [↑naõ] mataras.
Iucá eima mé Como elle [↑naõ] matou, ou [↑naõ] matara.
 Pl(ural) Iucá eima mé Como nós [↑naõ] matámos, ou (et caetera)
Iucá eima mé Como vós [↑naõ] matastes (et caetera)

19r



- 1 3
- 2
- 3 Lucá eima mé Comoelles não mataraõ (et caetera)
- 4 Futuro.
- 5 S(ingular) Lucá eima mé Como eu não matar.
- 6 Lucá eima mé Como tu não matares.
- 7 Lucá eima mé Como elle não matar.
- 8 Pl(ural) Lucá eima mé Como nós não matarmos.
- 9 Lucá eima mé Como evós não matardes.
- 10 Lucá eima mé Como elles não matarem.
- 11 Segundafrase.
- 12 S(ingular) Najucái ramé Como eu não matar.
- 13 Nerejucái ramé Como tu não matares.
- 14 Nojucái ramé Como elle não matar.
- 15 Pl(ural) Najucái, ou
- 16 Norojucái ramé Como nós não matarmos.
- 17 Napejucái ramé Como vos não matardes.
- 18 Nojucái ramé Como elles não matarem.
- 19 Terceira frase.
- 20 S(ingular) Nitibi ajucá ramé Como eu não matar.
- 21 Nitibi erejucá ramé Como tu não matares
- 22 Nitibi ojucá ramé Como elle não matar.

29



Pl(ural) Nitibi iajucá ramé .ou

Nitibi orojucá ramé . . . Como nós não matarmos.

Nitibi pejucá ramé . . . Como vós não matardes.

Nitibi ojucá ramé Como elles não matarem.

Infinito

Presente

S(ingular) Iucá eima. Não matar, ou que não mato, não ma-
 tas, não mata. Pl(ural) Não matamos, não
 matais, não matao

Imperfeito.

S(ingular) Iucá cima. Não matar, ou que não matava, não
 matavas, não matava. Pl(ural) Não ma-
 tavamos, não mataveis, não matavao

Segunda frase p(ar)a ambos os tempos.

S(ingular) Najucai. Não matar, ou q(ue) não mato, ou não matava.

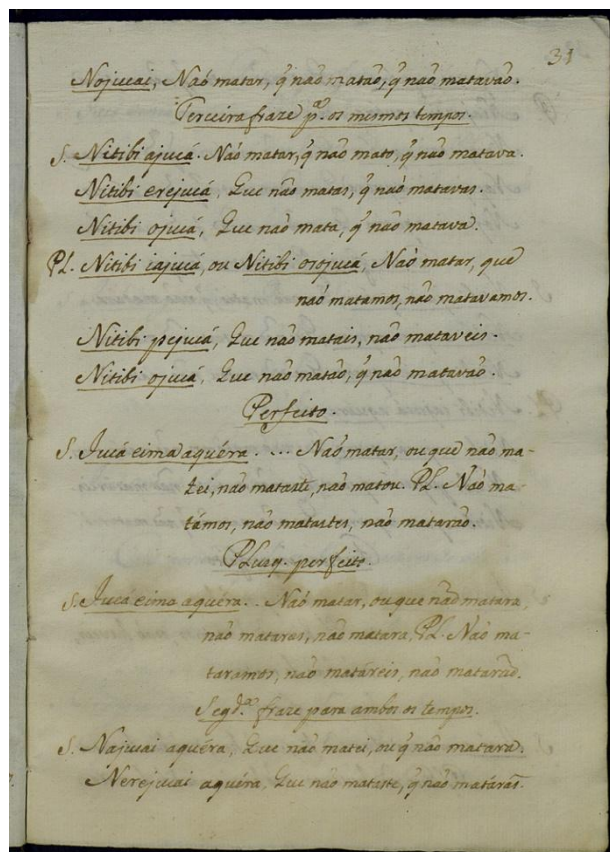
Nerejucai. Não matar, q(ue) não matas, q(ue) não matavas.

Nojucai. Não matar, q(ue) não mata, q(ue) não matava.

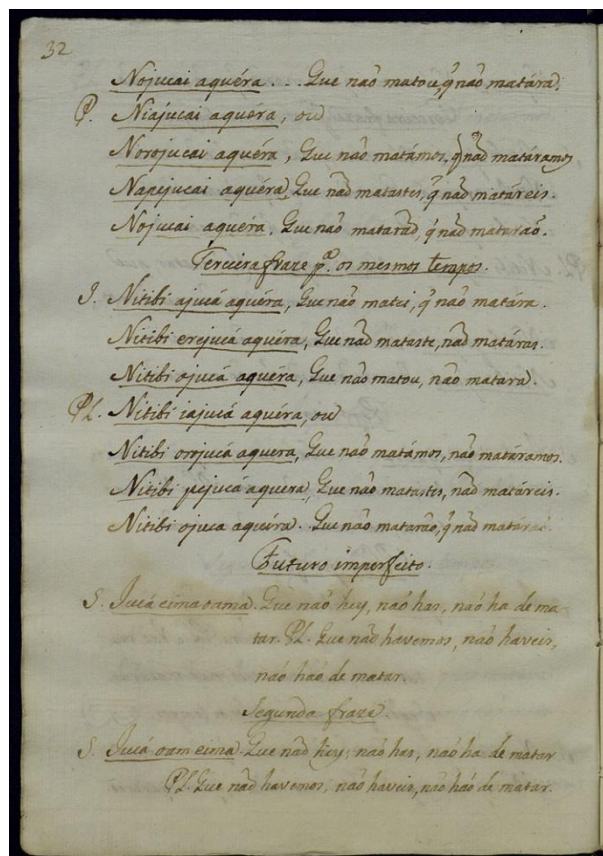
Pl(ural) Niajucai, ou Norojucai. Não matar, q(ue) não mata-
 mos, que não matavamos

Napejucai. Não matar, q(ue) não matamos, q(ue) não
 matavamos.

20r

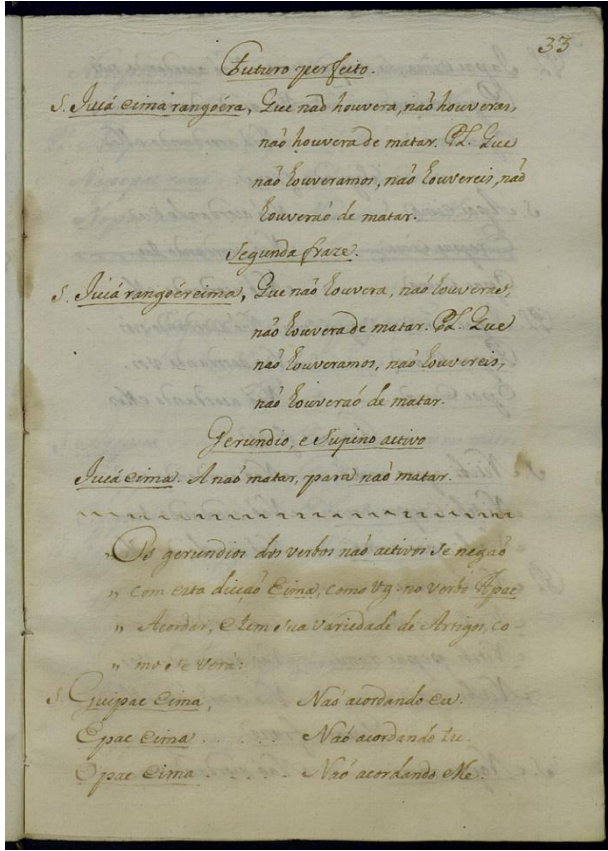


- 1
2 Nojucai, Não matar, q(ue) não matao, q(ue) não matavao. 31
4 Terceira fraze p(ar)a os mesmos tempos.
5 S(ingular) Nitibi ajucá. Não matar, q(ue) não mato, q(ue) não matava
6 Nitibi erejucá, Que não matas, q(ue) não matavas.
7 Nitibi ojucá. Que não mata, q(ue) não matava
8 Pl(ural) Nitibi iajucá, ou Nitibi orojucá. Não matar, que
9 não matamos, não matávamos.
10 Nitibi pejucá, Que não matais, não mataveis.
11 Nitibi ojucá, Que não matao, q(ue) não matavao.
12 Perfeito.
13 S(ingular) Iucá eima aquéra Não matar, ou que não ma-
14 tei, não mataste, não matou. Pl(ural) Não ma-
15 tamos, não matastes, não matarao
16 Plusq(uam) perfeito.
17 S(ingular) Iucá eima aquéra . Não matar, ou que não matara.
18 não mataras, não matara, Pl(ural). Não ma-
19 taramos, não matáreis, não matarao.
20 Seg(un)da fraze para ambos os tempos.
21 S(ingular) Najucái aquéra, Que não matei, ou q(ue) não matara.
22 Nerejucai aquéra, Que não mataste, q(ue) não matárao



- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- Nojucai aquera . . . Que não matou, q(ue) não matára.
- P(lural) Niajucai aquera, ou
- Norajucai aquera, Que não matámos, q(ue) não matáramos.
- Napejucai aquera, Que não matastes, q(ue) não matáreis.
- Nojucai aquera. Que não mataraõ, q(ue) não mataraõ.
- Terceira frase p(ar)a os mesmos tempos.
- S(ingular) Nitibi ajucá aquera, Que não matei, q(ue) não matára.
- Nitibi erejucá aquera, Que não mataste, não matáras.
- Nitibi ojucá aquera, Que não matou, não matara.
- Pl(ural) Nitibi iajucá aquera, ou
- Nitibi orojucá aquera, Que não matámos, não matáramos.
- Nitibi pejucá aquera, Que não matastes, não matáreis.
- Nitibi ojuca aquera. Que não mataraõ, q(ue) não matáraõ.
- Futuro imperfecto.
- S(ingular) Jucá eima oama. Que não hey, não has, não ha de matar. Pl(ural). Que não havemos, não haveis, não haõ de matar.
- Segunda frase.
- S(ingular) Jucá oam eima. Que não hey, não has, não há de matar.
- Pl(ural) Que não havemos, não haveis, não haõ de matar.

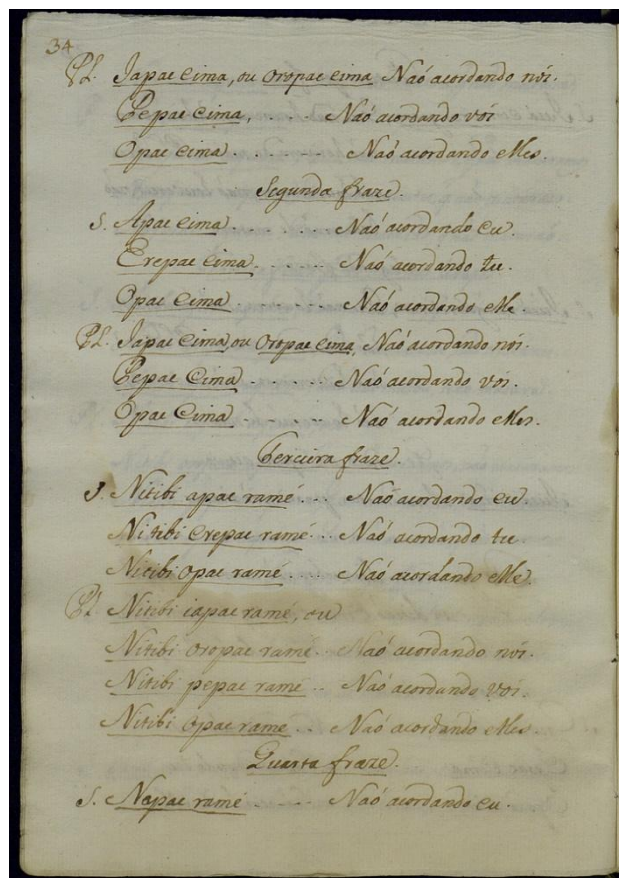
21r



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

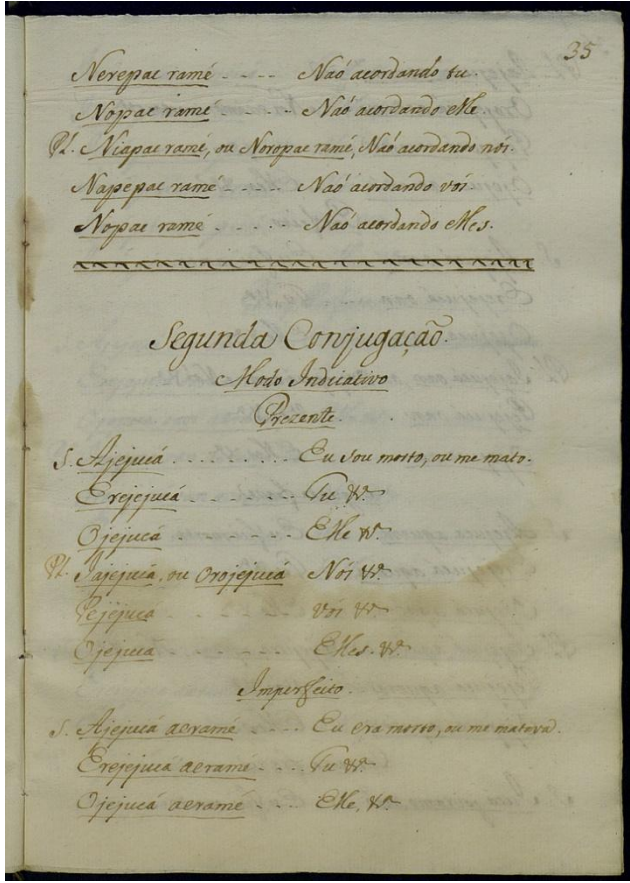
33

Futuro perfeito.
S(ingular) Lucá eima rangoéra, Que não houvera, não houveras,
não houvera de matar. Pl(ural) Que
não houveramos, não houvereis, não
houveraõ de matar.
Segunda fraze.
S(ingular) Lucá rangoéreima, Que não houvera, não houveras
não houverade matar. Pl(ural) Que
não houveramos, não houverais,
não houveraõ de matar.
Gerundio, e Supino activo.
Lucá eima. A não matar, para não matar.
~~~~~  
" Os gerundios dos verbos não activos se negaõ  
" com esta dicção Eima, como v(erbi) g(ratia) no verbo Apae  
" Acordar, e tem sua variedade de Artigos, co  
" mo se verá:  
S(ingular) Guipae eima, Naõ acordando eu.  
Epae eima . . . . . Naõ acordando tu.  
Opae eima . . . . . Não acordando elle.



- 1 34  
 2 Pl(ural) Iapae eima, ou Oropae eima Naõ acordando nós.  
 3 Pepae eima, . . . Naõ acordando vós  
 4 Opaie eima . . . . . Naõ acordando elles.  
 5 Segundafrase.  
 6 S(ingular) Apae eima . . . . . Naõ acordando eu.  
 7 Erepae eima . . . . . Naõ acordando tu.  
 8 Opaie eima . . . . . Naõ acordando elle.  
 9 Pl(ural) Iapae eima, ou Oropae eima, Naõ acordando nós.  
 10 Pepae eima . . . . . Naõ acordando vós.  
 11 Opaie eima . . . . . Naõ acordando elles.  
 12 Terceirafrase.  
 13 S(ingular) Nitibi apae ramé . . . Naõ acordando eu.  
 14 Nitibi erepae ramé . . . Naõ acordando tu.  
 15 Nitibi Opaie ramé . . . Naõ acordando elle.  
 16 Pl(ural) Nitibi iapae ramé, ou  
 17 Nitibi oropae ramé . . . Naõ acordando nós.  
 18 Nitibi pepae ramé . . . Naõ acordando vós.  
 19 Nitibi Opaie ramé . . . Naõ acordando elles.  
 20 Quartafrase.  
 21 S(ingular) Napae ramé . . . . . Naõ acordando eu.

22r



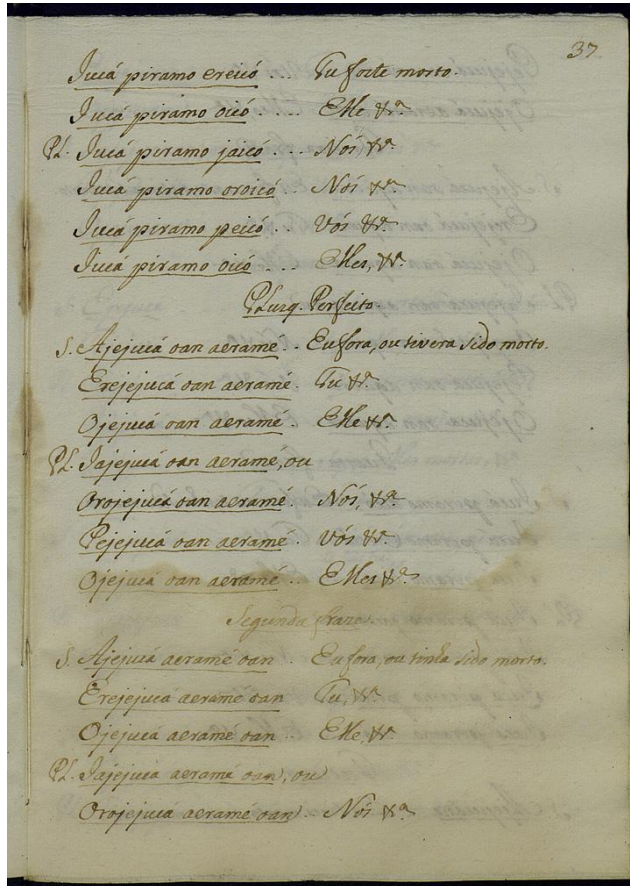
|    |                                                                           |                        |
|----|---------------------------------------------------------------------------|------------------------|
| 1  |                                                                           | 35                     |
| 2  | <u>Nerepae ramé</u> . . . . Naõ acordando tu.                             |                        |
| 3  | <u>Nopae ramé</u> . . . . Naõ acordando elle.                             |                        |
| 4  | Pl(ural) <u>Niapae ramé</u> , ou <u>Noropae ramé</u> , Naõ acordando nós. |                        |
| 5  | <u>Napepae ramé</u> . . . . Naõ acordando vós.                            |                        |
| 6  | <u>Nopae ramé</u> . . . . Naõ acordando elles.                            |                        |
| 7  | -----                                                                     |                        |
|    | ~~~~~                                                                     |                        |
|    | -----                                                                     |                        |
| 8  |                                                                           |                        |
| 9  |                                                                           | Segunda Conjugação.    |
| 10 |                                                                           | <u>Modo Indicativo</u> |
| 11 |                                                                           | <u>Prezente.</u>       |
| 12 | S(ingular) <u>Ajejúca</u> . . . . . Eu sou morto, ou me mato.             |                        |
| 13 | <u>Erejejúca</u> . . . . . Tu (et caetera)                                |                        |
| 14 | <u>Ojejúca</u> . . . . . Elle (et caetera)                                |                        |
| 15 | Pl(ural) <u>Iajejúca</u> , ou <u>Orojejúca</u> Nós (et caetera)           |                        |
| 16 | <u>Pejejúca</u> . . . . . Vós (et caetera)                                |                        |
| 17 | <u>Ojejúca</u> . . . . . Elles. (et caetera)                              |                        |
| 18 |                                                                           | <u>Imperfeito</u>      |
| 19 | S(ingular) <u>Ajejúca aeramé</u> . . . . Eu era morto, ou me matava.      |                        |
| 20 | <u>Erejejúca aeramé</u> . . . . Tu (et caetera)                           |                        |
| 21 | <u>Ojejúca aeramé</u> . . . Elle, (et caetera)                            |                        |



36  
Pl. Iajejucá aeramé, ou  
Orojejucá aeramé . . . Nos eramos mortos. *3<sup>a</sup>*  
Pejejucá aeramé . . . Vos *4<sup>a</sup>*  
Ojejucá aeramé . . . Elles, *5<sup>a</sup>*  
*Perfeito.*  
S. Ajejucá oan . . . Eufui morto.  
Erejejucá oan . . . Tu, *6<sup>a</sup>*  
Ojejucá oan . . . Elle *7<sup>a</sup>*  
Pl. Iajejucá oan, ou Orojejucá oan, Nós *8<sup>a</sup>*  
Pejejucá oan . . . Vós *9<sup>a</sup>*  
Ojejucá oan . . . Elles *10<sup>a</sup>*  
*Segunda fraze.*  
S. Ajejucá aquéra . . . Eufui morto.  
Erejejucá aquéra . . . Tu *11<sup>a</sup>*  
Ojejucá aquéra . . . Elle *12<sup>a</sup>*  
Pl. Iajejucá aquéra, ou Orojejucá aquéra, Nós *13<sup>a</sup>*  
Pejejucá aquéra . . . Vós *14<sup>a</sup>*  
Ojejucá aquéra . . . Elles. *15<sup>a</sup>*  
*Terceira fraze.*  
S. Iucá piramo aicó . . . Eufui morto. *16<sup>a</sup>*

1 36  
2  
3 Pl(ural) Iajejucá aeramé, ou  
4 Orojejucá aeramé . . . Nos eramos mortos (et caetera)  
5 Pejejucá aeramé . . . Vos (et caetera)  
6 Ojejucá aeramé . . . Elles, (et caetera)  
7 *Perfeito.*  
8 S(ingular) Ajejucá oan . . . Eufui morto.  
9 Erejejucá oan . . . Tu, (et caetera)  
10 Ojejucá oan . . . Elle (et caetera)  
11 Pl(ural) Iajejucá oan, ou Orojejucá oan, Nós (et caetera)  
12 Pejejucá oan . . . Vós (et caetera)  
13 Ojejucá oan . . . Elles (et caetera)  
14 *Segunda fraze.*  
15 S(ingular) Ajejucá aquéra . . . Eufui morto.  
16 Erejejucá aquéra . . . Tu (et caetera)  
17 Ojejucá aquéra . . . Elle (et caetera)  
18 Pl(ural) Iajejucá aquéra, ou Orojejucá aquéra, Nós (et caetera)  
19 Pejejucá aquéra . . . Vós (et caetera)  
20 Ojejucá aquéra . . . Elles.  
21 *Terceira fraze.*  
S(ingular) Iucá piramo aicó . . . Eufui morto.

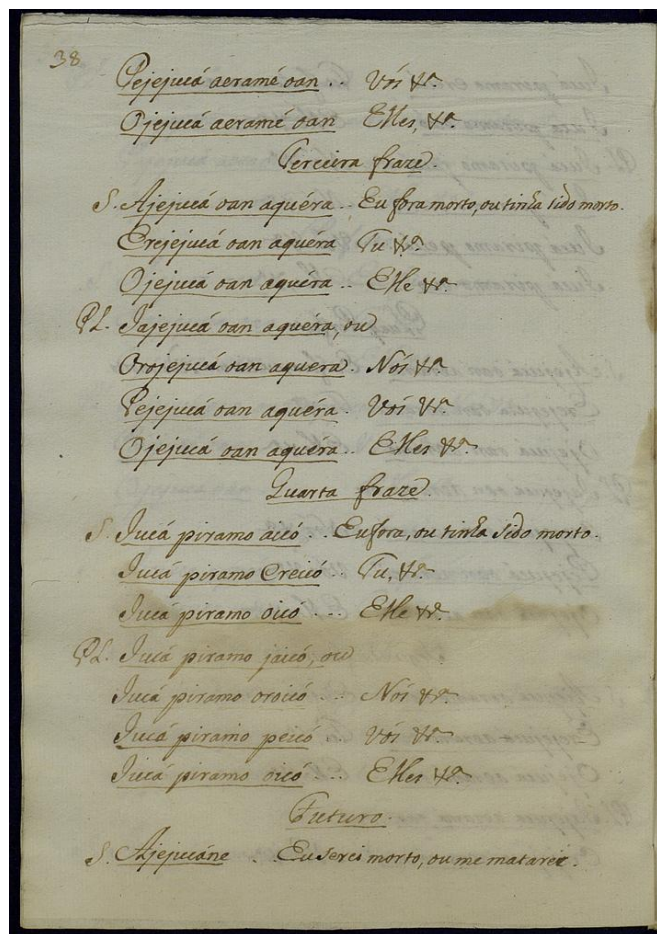
23r



- 1  
2 Iucá piramo ereicó . . Tu foste morto.  
3 Iucá piramo oicó . . . Elles (et caetera)  
4 Pl(ural) Iucá piramo jaicó . . . Nós, (et caetera)  
5 Iucá piramo oroicó . . Nós (et caetera)  
6 Iucá piramo peicó . . Vós (et caetera)  
7 Iucá piramo oicó . . . Elles, (et caetera)  
8 Plusq(uam) Perfeito.  
9 S(ingular) Ajejúca oan aeramé . . Eufora, ou tivera sido morto.  
10 Erejejúca oan aeramé . Tu (et caetera)  
11 Ojejúca oan aeramé .. Elles (et caetera)  
12 Pl(ural) Iajejúca oan aeramé, ou  
13 Orojejúca oan aeramé . Nós, (et caetera)  
14 Pejejúca oan aeramé . Vós (et caetera)  
15 Ojejúca oan aeramé .. Elles (et caetera)  
16 Segunda fraze.  
17 S(ingular) Ajejúca aeramé oan . Eu fora, ou tinha sido morto.  
18 Erejejúca aeramé oan Tu (et caetera)  
19 Ojejúca aeramé oan .. Elle, (et caetera)  
20 Pl(ural) Iajejúca aeramé oan, ou  
21 Orojejúca aeramé oan .. Nós (et caetera)

37

23v



38

Pejejúca aeramé oan . . Vós (et caetera)

Ojejúca aeramé oan Elles, (et caetera)

Terceira frase.

S(ingular) Ajejúca oan aquéra . . Eu foramorto, ou tinha sido morto.

Erejejúca oan aquéra Tu (et caetera)

Ojejúca oan aquéra .. Elles (et caetera)

Pl(ural) Iajejúca oan aquéra, ou

Orojejúca oan aquera. Nós (et caetera)

Pejejúca oan aquéra . Vós (et caetera)

Ojejúca oan aquéra .. Elles (et caetera)

Quarta frase.

S(ingular) Iucá piramo aicó . . Eufora, ou tinha sido morto.

Iucá piramo ereicó . . Tu, (et caetera)

Iucá piramo oicó . . . Elle (et caetera)

Pl(ural) Iucá piramo jaicó, ou

Iucá piramo oroicó . . Nós (et caetera)

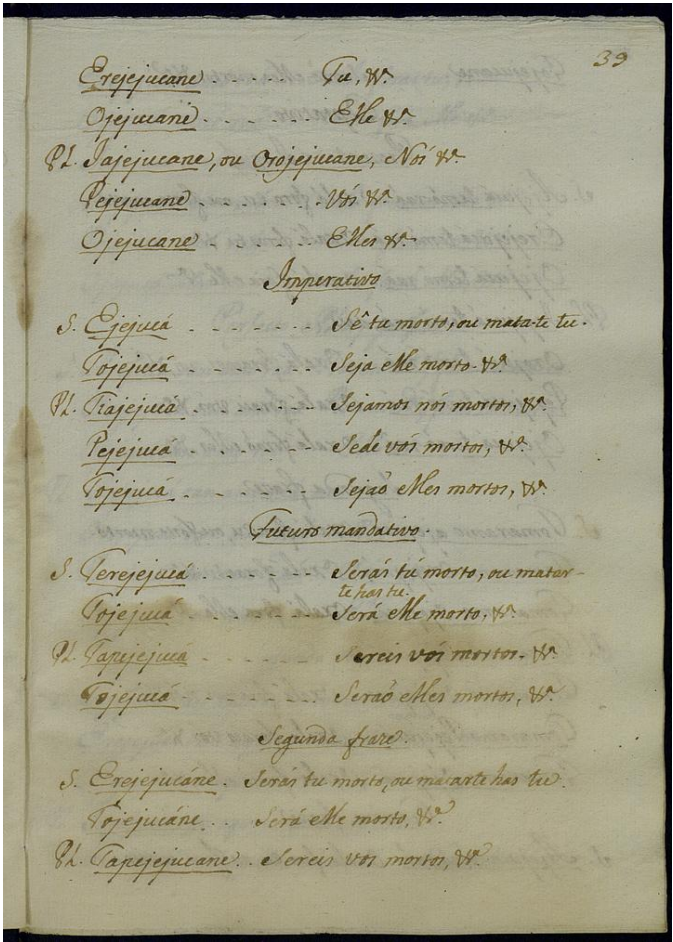
Iucá piramo peicó . . Vós (et caetera)

Iucá piramo oicó . . . Elles (et caetera)

Futuro

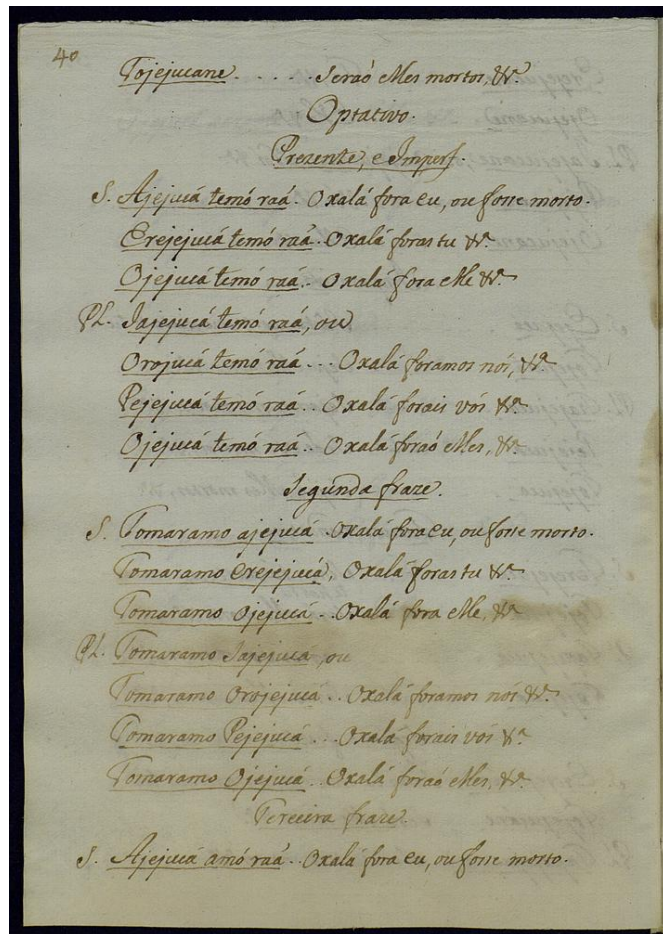
S(ingular) Ajejúcane . . Euserei morto, ou me matarei.





1  
2 Erejejucane . . . . . Tu, (et caetera)  
3 Ojejucane . . . . . Elle (et caetera)  
4 Pl(ural) Tajejucane, ou Orojejucane, N<sup>os</sup> (et caetera)  
5 Pejejucane . . . . . V<sup>os</sup> (et caetera)  
6 Ojejucane . . . . . Elles (et caetera)  
7 Imperativo  
8 S(ingular) Ejejucá . . . . . Sê tu morto, ou mata-te tu.  
9 Tojejucá . . . . . Seja elle morto (et caetera)  
10 Pl(ural) Tiajejucá . . . . . Sejamos nós mortos, (et caetera)  
11 Pejejucá . . . . . Sede v<sup>os</sup> mortos, (et caetera)  
12 Tojejucá . . . . . Sejaõ elles mortos, (et caetera)  
13 Futuro mandativo  
14 S(ingular) Terejejucá . . . . . Serás tu morto, ou matar-[te has tu.]  
15 Tojejucá . . . . . Será elle morto, (et caetera)  
16 Pl(ural) Tapejejucá . . . . . Sereis v<sup>os</sup> mortos, (et caetera)  
17 Tojejucá . . . . . Seraõ elles mortos, (et caetera)  
18 Segunda fraze  
19 S(ingular) Erejejucâne . Serás tu morto, ou matarte has tu.  
20 Tojejucâne . . Será elle morto, (et caetera)  
21 Pl(ural) Tapejejucane . . Sereis vos mortos, (et caetera)





Tojejucane . . . . S'eraõ elles mortos, (et caetera)

Optativo.

Presente, e Imperf(eito)

S(ingular) Ajejucá temó raã. Oxalá fora eu, eu fosse morto.

Erejejucá temó raã. Oxalá foras tu (et caetera)

Ojejucá temó raã. Oxalá fora elle (et caetera)

Pl(ural) Iajejucá temó raã, ou

Orojucá temó raã . . . Oxalá foramos nós, (et caetera)

Pejejucá temó raã . . Oxalá forais vós (et caetera)

Ojejucá temó raã .. Oxalá foraõ elles, (et caetera)

Segunda fraze.

S(ingular) Tomaramo ajejucá . Oxalá fora eu, ou fosse morto.

Tomaramo erejejucá. Oxalá foras tu (et caetera)

Tomaramo Ojejucá . Oxalá fora elle, (et caetera)

Pl(ural) Tomaramo Iajejucá, ou

Tomaramo Orojejucá . . Oxalá foramos nós (et caetera)

Tomaramo Pejejucá . . . Oxalá forais vós (et caetera)

Tomaramo Ojejucá . . Oxalá foraõ elles, (et caetera)

Terceira fraze

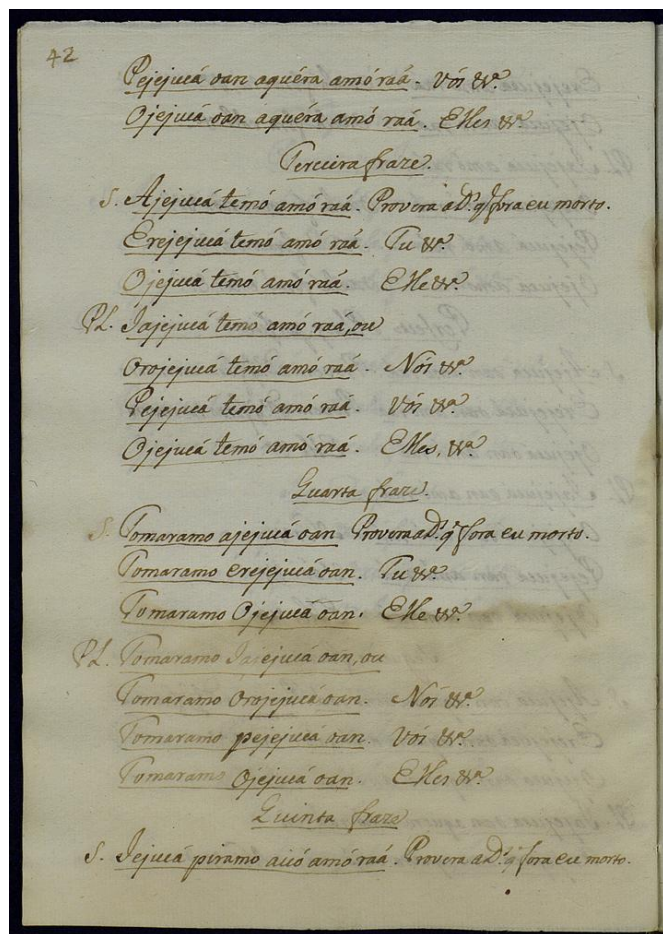
S(ingular) Ajejucá amó raã .. Oxalá fora eu, ou fosse morto.

25r

Erejejúca amó raã . . . Oxalá foras tu, *4<sup>ta</sup>*  
Ojejúca amó raã . . . Oxalá fora elle *4<sup>ta</sup>*  
Pl. Iajejúca amó raã, ou  
Orojejúca amó raã . . . Oxalá foramos nós *4<sup>ta</sup>*  
Pejejúca amó raã . . . Oxalá forais vos, *4<sup>ta</sup>*  
Ojejúca amó raã . . . Oxalá foraõ elles, *4<sup>ta</sup>*  
Perfeito, ePlusq(perfeito)  
S. Ajejúca oan amó raã. Provera aD(eo)s q(u)e fora eumorto.  
Erejejúca oan amó raã. Provera aD(eo)s q(u)e foras tu morto.  
Ojejúca oan amó raã. Elle *4<sup>ta</sup>*  
Pl. Iajejúca oan amó raã, ou  
Orojejúca oan amó raã. Nós *4<sup>ta</sup>*  
Pejejúca oan amó raã. Vós *4<sup>ta</sup>*  
Ojejúca oan amó raã. Elles *4<sup>ta</sup>*  
Segunda frase.  
S. Ajejúca oan aquéra amó raã. Provera aD(eo)s q(u)e fora eu morto.  
Erejejúca oan aquéra amó raã. Tu *4<sup>ta</sup>*  
Ojejúca oan aquéra amó raã. Elle *4<sup>ta</sup>*  
Pl. Iajejúca oan aquera amó raã, ou  
Orojejúca oan aquéra amó raã. Nós, *4<sup>ta</sup>*

1  
 2 Erejejúca amó raã . . . Oxalá foras tu, (et caetera)  
 3 Ojejúca amó raã . . . Oxalá fora elle (et caetera)  
 4 Pl(ural) Iajejúca amó raã, ou  
 5 Orojejúca amó raã .. Oxalá foramos nós (et caetera)  
 6 Pejejúca amó raã . . . Oxalá forais vos, (et caetera)  
 7 Ojejúca amó raã . . . Oxalá foraõ elles, (et caetera)  
 8 Perfeito, ePlusq(uam) perfeito.  
 9 S(ingular) Ajejúca oan amó raã. Provera aD(eo)s q(u)e fora eumorto.  
 10 Erejejúca oan amó raã Provera aD(eo)s q(ue) foras tu morto.  
 11 Ojejúca oan amó raã . . Elle (et caetera)  
 12 Pl(ural) Iajejúca oan amó raã, ou  
 13 Orojejúca oan amó raã .. Nós (et caetera)  
 14 Pejejúca oan amó raã . . Vós(et caetera)  
 15 Ojejúca oan amó raã . Elles (et caetera)  
 16 Segundafrase.  
 17 S(ingular) Ajejúca oan aquéra amó raã. Provera aD(eo)s q(u)e fora eu  
 18 [↓morto]  
 19 Erejejúca oan aquéra amó raã. Tu (et caetera)  
 20 Ojejúca oan aquéra amó raã . Elle (et caetera)  
 21 Pl(ural) Iajejúca oan aquera amó raã, ou  
 22 Orojejúca oan aquéra amó raã. Nós, (et caetera)

25v



1

42

2

Pejejúca oan aquera amó raã. Vós (et caetera)

3

Ojejúca oan aquera amó raã. Elles (et caetera)

4

Terceira fraze.

5

S(ingular) Ajejúca temó amó raã. Provera aD(eo)s q(u)e fora eu morto.

6

Erejejúca temó amó raã. Tu (et caetera)

7

Ojejúca temó amó raã. Elles (et caetera)

8

Pl(ural) Iajejúca temó amó raã, ou

9

Orojejúca temó amó raã. Nós (et caetera)

10

Pejejúca temó amó raã. Vós (et caetera)

11

Ojejúca temó amó raã. Elles, (et caetera)

12

Quarta fraze.

13

S(ingular) Tomaramo ajejúca oan Provera aD(eo)s q(u)e fora eu morto.

14

Tomaramo erejejúca oan. Tu (et caetera)

15

Tomaramo ojejúca oan. Elle (et caetera)

16

Pl(ural) Tomaramo Iajejúca oan, ou

17

Tomaramo Orojejúca oan. Nós (et caetera)

18

Tomaramo pejejúca oan. Vós (et caetera)

19

Tomaramo Ojejúca oan. Elles (et caetera)

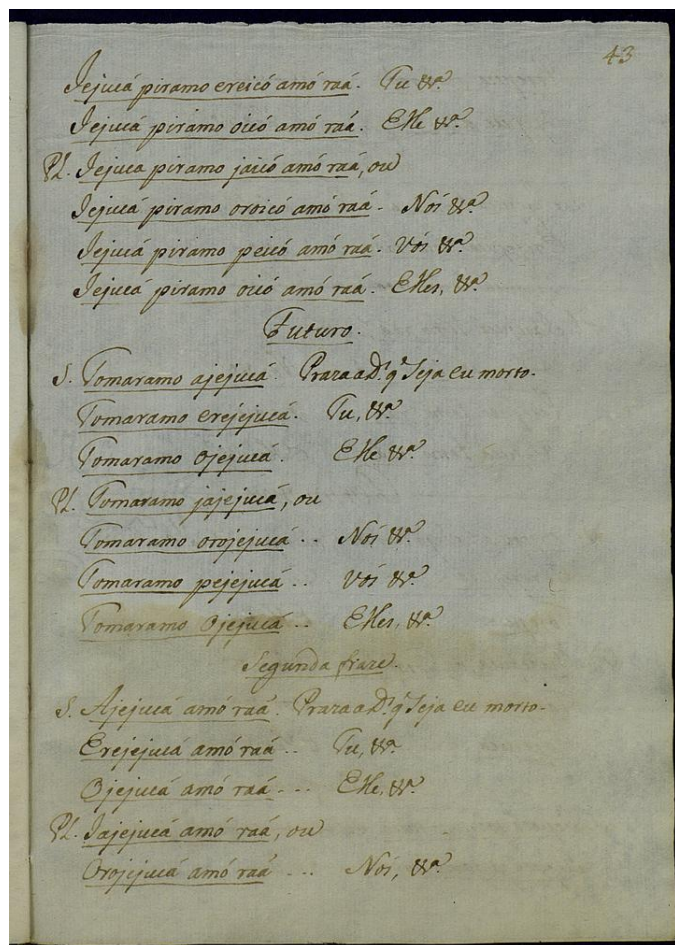
20

Quinta fraze

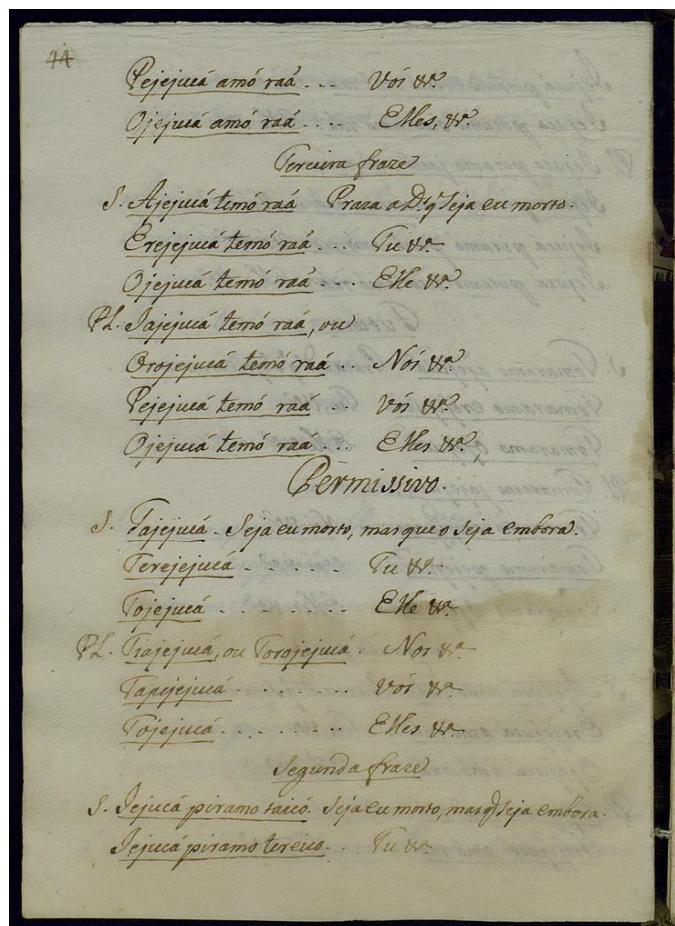
21

S(ingular) Iejúca piramo aicó amó raã. Provera aD(eo)s q(u)e fora eu morto.





- 1
- 2 Iejucá piramo ereicó amó raã. Tu (et caetera)
- 3 Iejucá piramo oicó amó raã. Elle (et caetera)
- 4 Pl(ural) Iejuca piramo jaicó amó raã, ou
- 5 Iejucá piramo oroicó amó raã. Nós (et caetera)
- 6 Iejucá piramo peicó amó raã. Vós (et caetera)
- 7 Iejucá piramo oicó amó raã. Elles, (et caetera)
- 8 Futuro.
- 9 S(ingular) Tomaramo ajejucá Praza aD(eo)s q(u)e seja eu morto.
- 10 Tomaramo erejejucá. Tu (et caetera)
- 11 Tomaramo ojejucá. Elle(et caetera)
- 12 Pl(ural) Tomaramo jajejucá, ou
- 13 Tomaramo orojejucá . . Nós (et caetera)
- 14 Tomaramo pejejucá . . Vós (et caetera)
- 15 Tomaramo ojejucá . . Elles, (et caetera)
- 16 Segunda fraze.
- 17 S(ingular) Ajejucá amó raã. Praza aD(eo)s q(u)e seja eu morto.
- 18 Erejejucá amó raã. . Tu, (et caetera)
- 19 Ojejucá amó raã . . . Elle, (et caetera)
- 20 Pl(ural) Jajejucá amó raã, ou
- 21 Orojejucá amó raã . . . Nós, (et caetera)

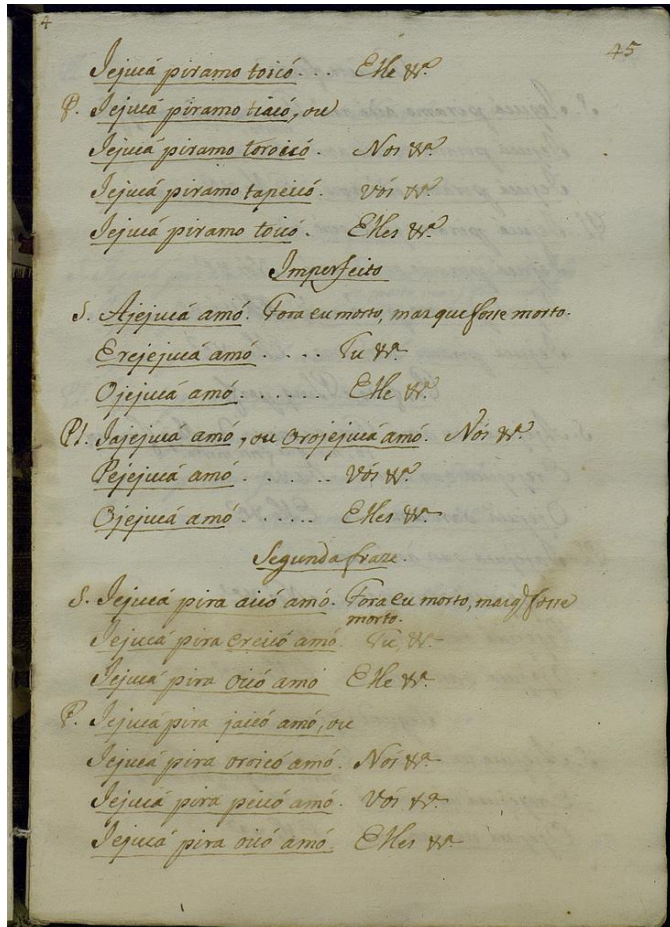


1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21

44

*Pejejucá amó raã . . Vós (et caetera)*  
*Ojejucá amó raã . . . . . Elles, (et caetera)*  
*Terceira frase.*  
 S(ingular) *Ajejucá temó raã* Praza aD(eo)s q(ue) seja morto.  
*Erejejucá temó raã . . . Tu (et caetera)*  
*Ojejucá temó raã . . . Elle (et caetera)*  
 Pl(ural) *Iajejucá temó raã, ou*  
*Orojejucá temó raã . . Nós (et caetera)*  
*Pejejucá temó raã . . Vós (et caetera)*  
*Ojejucá temó raã . . . Elles (et caetera)*  
*Permissivo.*  
 S(ingular) *Tajejucá.* Seja eu morto, mas que o seja embora.  
*Terejejucá . . . . . Tu (et caetera)*  
*Tojejucá . . . . . Elle (et caetera)*  
 Pl(ural) *Tiajejucá, ou Torojejucá.* Nós (et caetera)  
*Tapejejucá . . . . . Vós (et caetera)*  
*Tojejucá . . . . . Elles (et caetera)*  
*Segunda frase*  
 S(ingular) *Iejucá piramo taicó.* Seja eu morto, masq(u)e seja embora.  
*Iejucá piramo tereico . . Tu (et caetera)*

27r



- 1 4
- 2
- 3 Iejucá piramo toicó . . . Elle (et caetera)
- 4 P(lural) Iejucá piramo tiacó, ou
- 5 Iejucá piramo toroicó. Nos (et caetera)
- 6 Iejucá piramo tapeicó. Vós (et caetera)
- 7 Iejucá piramo toicó. Elles (et caetera)
- 8 Imperfeito
- 9 S(ingular) Ajejúca amó. Fora eu morto, mas que fosse morto.
- 10 Erejejúca amó . . . . . Tu (et caetera)
- 11 Ojejúca amó . . . . . Elle (et caetera)
- 12 Pl(ural) Iajejúca amó, ou orojejúca amó. Nós (et caetera)
- 13 Pejejúca amó . . . . . Vós (et caetera)
- 14 Ojejúca amó . . . . . Elles(et caetera)
- 15 Segundafrase.
- 16 S(ingular) Iejucá pira aicó amó. Fora eu morto, masq(u)e fosse [↓morto]
- 17 Iejucá pira ereicó amó. Tu (et caetera)
- 18 Iejucá pira oicó amó Elle (et caetera)
- 19 P(lural) Iejucá pira jaicó amó, ou
- 20 Iejucá pira oroicó amó. Nós (et caetera)
- 21 Iejucá pira peicó amó. Vós (et caetera)<sup>a</sup>
- 22 Iejucá pira oicó amó. Elles (et caetera)
- 45



46

*Terceira fraze*

1. *Iejucá piramo aicó amó.* Fora eu morto, masq(u)e fosse morto.  
*Iejucá piramo ereicó amó.* Tu *VR.*  
*Iejucá piramo oicó amó.* Elle *VR.*

2. *Iejucá piramo jaicó amó.* ou  
*Iejucá piramo oroicó amó.* Nós *VR.*  
*Iejucá piramo peicó amó.* ~~VR.~~ Vós *VR.*  
*Iejucá piramo oicó amó.* Elles *VR.*

*Perfeito, e Plusq(uam) perfe(ito)*

3. *Ajejucá oan amó.* Fosse eu morto, doulhe q(u)e fosse morto, masque fosse morto.  
*Erejejucá oan amó.* ... Tu *VR.*  
*Ojejucá oan amó.* ... Elle *VR.*

4. *Iajejucá oan amó.* ou  
*Orojejucá oan amó.* ... Nós *VR.*  
*Pejejucá oan amó.* ... Vós *VR.*  
*Ojejucá oan amó.* ... Elles *VR.*

*Segunda fraze.*

5. *Ajejucá ué oan amó.* Fosse eu morto, doulhe q(u)e fosse morto, masque fosse morto.  
*Erejejucá ué oan amó.* Tu *VR.*  
*Ojejucá ué oan amó.* Elle *VR.*

1 46

2 *Terceira fraze.*

3 S(ingular) *Iejucá piramo aicó amó.* Fora eu morto, masq(u)e fosse [↓morto.]

4 *Iejucá piramo ereicó.* Tu (et caetera)

5 *Iejucá piramo oicó amó.* Elle (et caetera)

6 Pl(ural) *Iejucá piramo jaicó amó,* ou

7 *Iejucá piramo oroicó amó.* Nós (et caetera)

8 *Iejucá piramo peicó amó.* ~~VR.~~ Vós (et caetera)

9 *Iejucá piramo oicó amó.* Elles (et caetera)

10 *Perfeito, e Plusq(uam) perfe(ito)*

11 S(ingular) *Ajejucá oan amó.* Fosse eu morto, doulhe q(u)e fosse mor- [↓to, masque fosse morto.]

12 *Erejejucá oan amó . . .* Tu (et caetera)

13 *Ojejucá oan amó . . .* Elle (et caetera)

14 Pl(ural) *Iajejucá oan amó,* ou

15 *Orojejucá oan amó . . .* Nós (et caetera)

16 *Pejejucá oan amó . . .* Vós(et caetera)

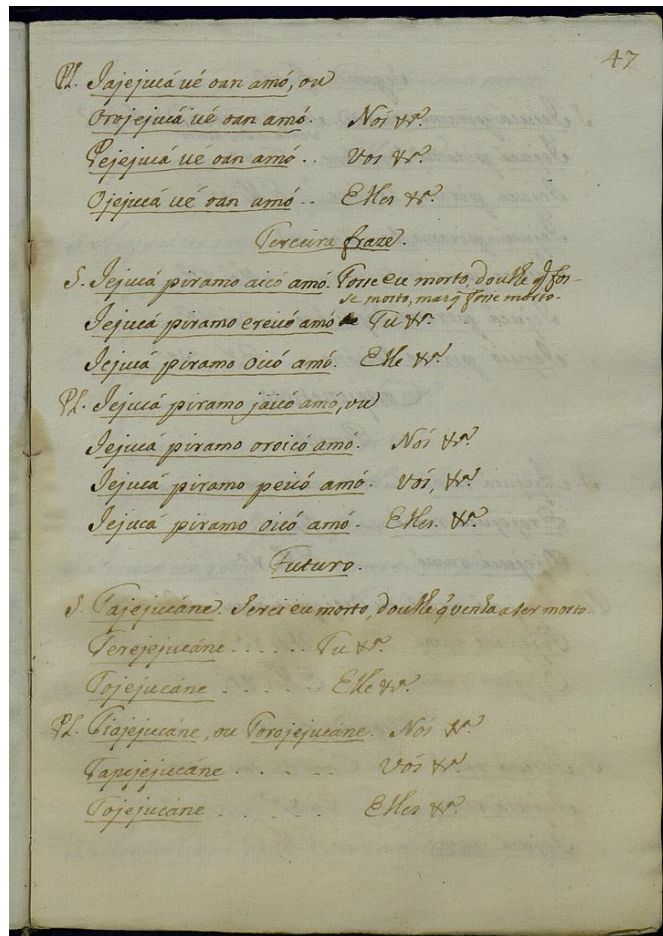
17 *Ojejucá oan amó . .* Elles(et caetera)

18 *Segunda fraze*

19 S(ingular) *Ajejucá ué oan amo.* Fosse eu morto doulhe q(u)e fosse [↓morto, masque fosse morto.]

20 *Erejejucá ué oan amó* Tu (et caetera)

21 *Ojejucá ué oan amó.* Elle (et caetera)



- 1  
 2 Pl(ural) Iajejucá ué oan amó, ou  
 3 Orojejucá ué oan amó . Nós (et caetera)  
 4 Pejejucá ué oan amó . Vos (et caetera)  
 5 Ojejucá ué oan amó . Elles (et caetera)  
 6 Terceira fraze.  
 7 S(ingular) Iejucá piramo aicó amó. Fosse eu morto, doulhe q(ue) fos-[↓ se  
 morto, masq(ue) fosse morto.]  
 8 Iejucá piramo ereicó amó [†] Tu (et caetera)  
 9 Iejucá piramo oicó amó. Elle (et caetera)
- 10 Pl(ural) Iejucá piramo jaicó amó, ou  
 11 Iejucá piramo oroicó amó. Nós (et caetera)  
 12 Iejucá piramo peicó amó. Vós, (et caetera)  
 13 Iejucá piramo oicó amó. Elles. (et caetera)  
 14 Futuro.  
 15 S(ingular) Tajejucáne. Serei eu morto, doulhe q(ue) venha a ser morto.  
 16 Terejejucáne . . . . . Tu (et caetera)  
 17 Tojejucáne . . . . . Elle (et caetera)  
 18 Pl(ural) Tiajejucáne, ou Torojejucáne. Nós (et caetera)  
 19 Tapejejucáne . . . . . Vós (et caetera)  
 20 Tojejucáne . . . . . Elles (et caetera)



48

Segunda fraze.

S. Iejucá piramo taicóne. Serei eu morto, doulhe que  
 venha a ser morto.

Iejucá piramo tereicóne. Tu v.?

Iejucá piramo toicóne. Elle v.?

Iejucá piramo tiaicóne, ou

Iejucá piramo toroicóne. Nós v.?

Iejucá piramo tapeicóne. Vós v.?

Iejucá piramo toicóne . . . Elles, v.?

Conjunctivo.

Prezente

S. Aiejucá ramé. Como eusou morto.

Ereiejucá ramé . . . Tu, v.

Oiejucá ramé . . . Elle, v.

Pl. Iajejucá ramé, ou Oxo jejucá ramé. Nós v.

Pejejucá ramé . . . Vós v.

Ojejucá ramé . . . Elles v.

Segunda fraze.

S. Iejucá ramé . . . Como eu sou morto.

Iejucá ramé . . . Tu v.

Iejucá ramé . . . Elle v.

1 48

2

3 Segunda fraze.  
 S(ingular) Iejucá piramo taicóne. Serei eu morto, doulhe que [↓venha  
 aser morto.]

4 Iejucá piramo tereicóne . Tu (et caetera)

5 Iejucá piramo toicóne. Elle (et caetera)

6 Iejucá piramo tiaicóne, ou

7 Iejucá piramo toroicóne. Nós (et caetera)

8 Iejucá piramo tapeicóne. Vós (et caetera)

9 Iejucá piramo toicóne . . . Elles, (et caetera)

10 Conjunctivo.

11 Prezente

12 S(ingular) Aiejucá ramé. Como eusou morto.

13 Ereiejucá ramé . . . Tu, (et caetera)

14 Oiejucá ramé . . . Elle (et caetera)

15 Pl(ural) Iajejucá ramé, ou Oxo jejucá ramé . Nós (et caetera)

16 Pejejucá ramé . . . Vós (et caetera)

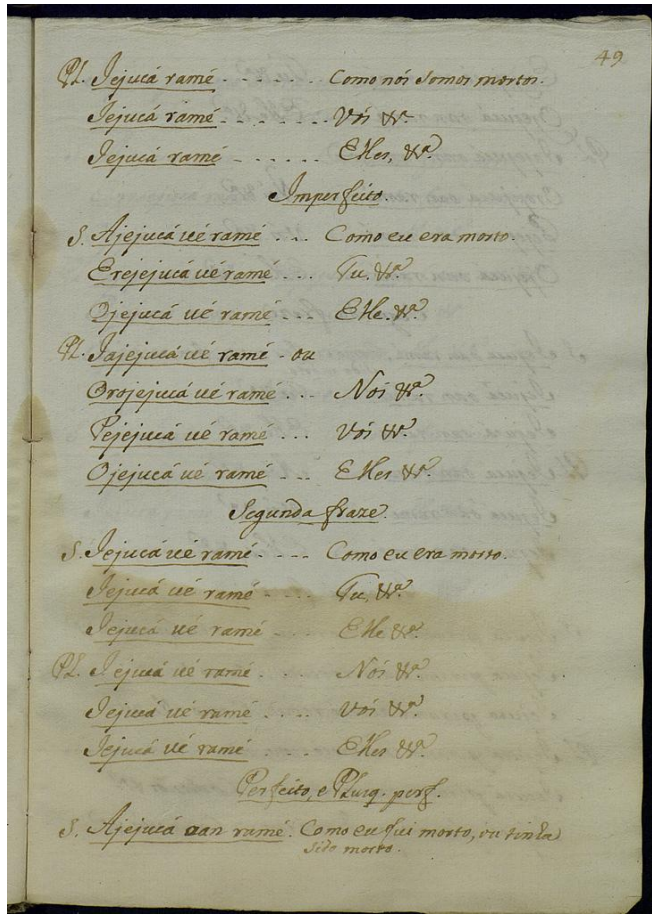
17 Ojejucá ramé . . . Elles (et caetera)

18 Segunda fraze.

19 S(ingular) Iejucá ramé . . . Como eu sou morto.

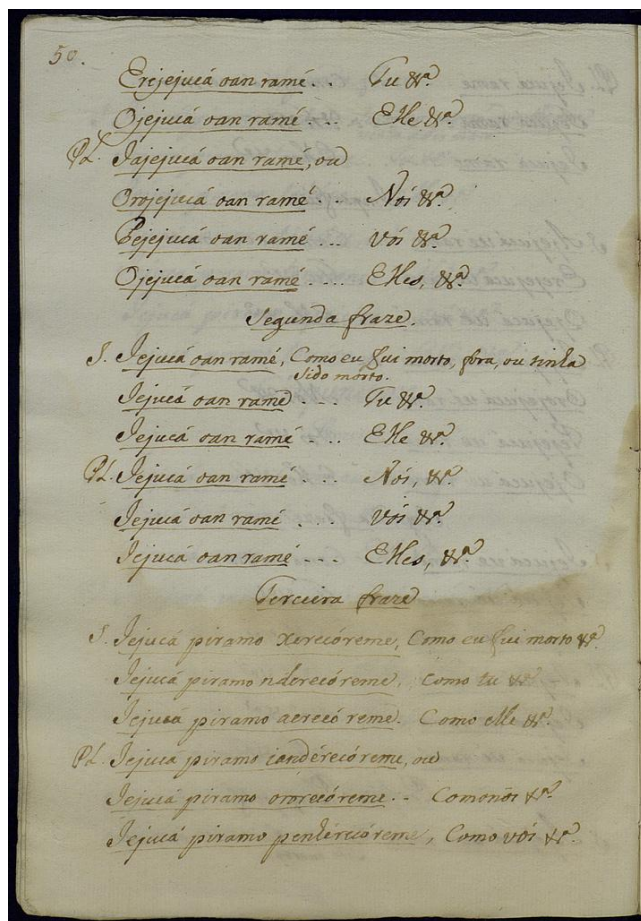
20 Iejucá ramé . . . Tu (et caetera)

21 Iejucá ramé . . . Elle (et caetera)



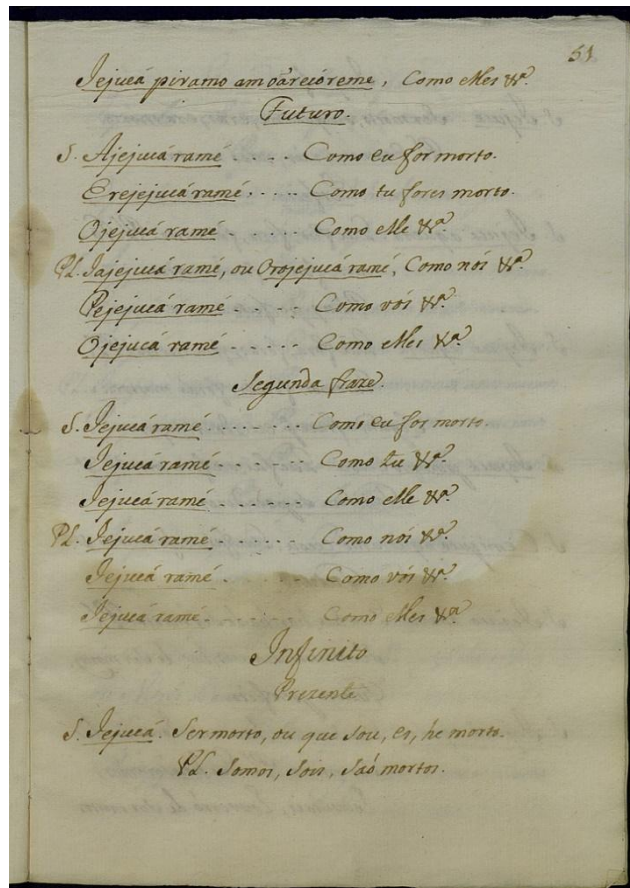
1  
2 Pl(ural) Iejucá ramé . . . . . Como nós somos mortos.  
3 Iejucá ramé . . . . . Vós (et caetera)  
4 Iejucá ramé . . . . . Elles, (et caetera)  
5 Imperfeito.  
6 S(ingular) Ajejúca ué ramé . . . Como eu era morto.  
7 Erejejúca uéramé . . . Tu. (et caetera)  
8 Ojejúca ué ramé . . . Elle. (et caetera)  
9 Pl(ural) Iajejúca ué ramé. ou  
10 Orojejúca ué ramé . . . Nós (et caetera)  
11 Pejejúca ué ramé . . . Vós (et caetera)  
12 Ojejúca ué ramé . . . Elles (et caetera)  
13 Segundafrase.  
14 S(ingular) Iejucá ué ramé . . . Como eu era morto.  
15 Iejucá ué ramé . . . Tu. (et caetera)  
16 Iejucá ué ramé . . . Elle (et caetera)  
17 Pl(ural) Iejucá ué ramé . . . Nós (et caetera)  
18 Iejucá ué ramé . . . Vós (et caetera)  
19 Iejucá ué ramé . . . Elles (et caetera)  
20 Perfeito, ePlusq(uam) perf(eito).  
21 S(ingular) Ajejúca oan ramé. Como eu fui morto, eu tinha [↓sido morto.]

29v



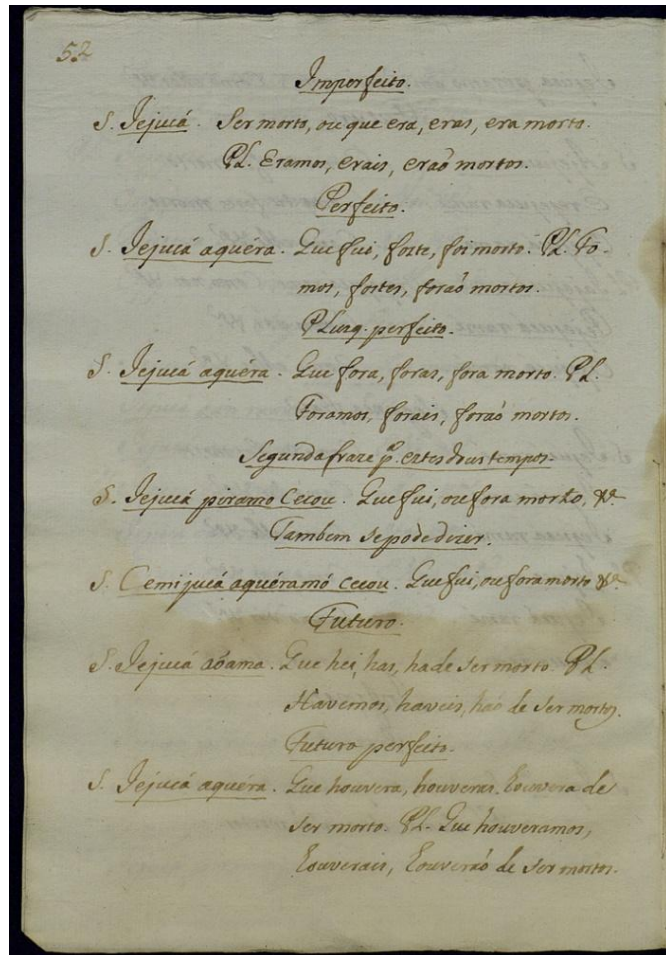
- 1 50.
- 2 Erejejúca oan ramé . . Tu (et caetera)
- 3 Ojejúca oan ramé . . Elle (et caetera)
- 4 Pl(ural) Iajejúca oan ramé, ou
- 5 Orojejúca oan ramé . . Nós (et caetera)
- 6 Pejejúca oan ramé . . Vós (et caetera)
- 7 Ojejúca oan ramé . . . Elles, (et caetera)
- 8 Segunda fraze.
- 9 S(ingular) Iejucá oan ramé, Como eu fui morto, fora, ou tinha [↓sido
- 10 morto.]
- 11 Iejucá oan ramé . . Tu (et caetera)
- 12 Iejucá oan ramé . . Elle (et caetera)
- 13 Pl(ural) Iejucá oan ramé . . Nós, (et caetera)
- 14 Iejucá oan ramé . . Vós (et caetera)
- 15 Iejucá oan ramé . . Elles, (et caetera)
- 16 Terceira fraze.
- 17 S(ingular) Iejucá piramo xerecóreme, Como eu fui morto (et caetera)
- 18 Iejucá piramo nderecóreme, como tu (et caetera)
- 19 Iejucá piramo aerecóreme, Como elle (et caetera)
- 20 Pl(ural) Iejucá piramo iandérecóreme, ou
- 21 Iejucá piramo ororecóreme . . Comonós (et caetera)
- Iejucá piramo penhérecóreme, Como vós (et caetera)

30r



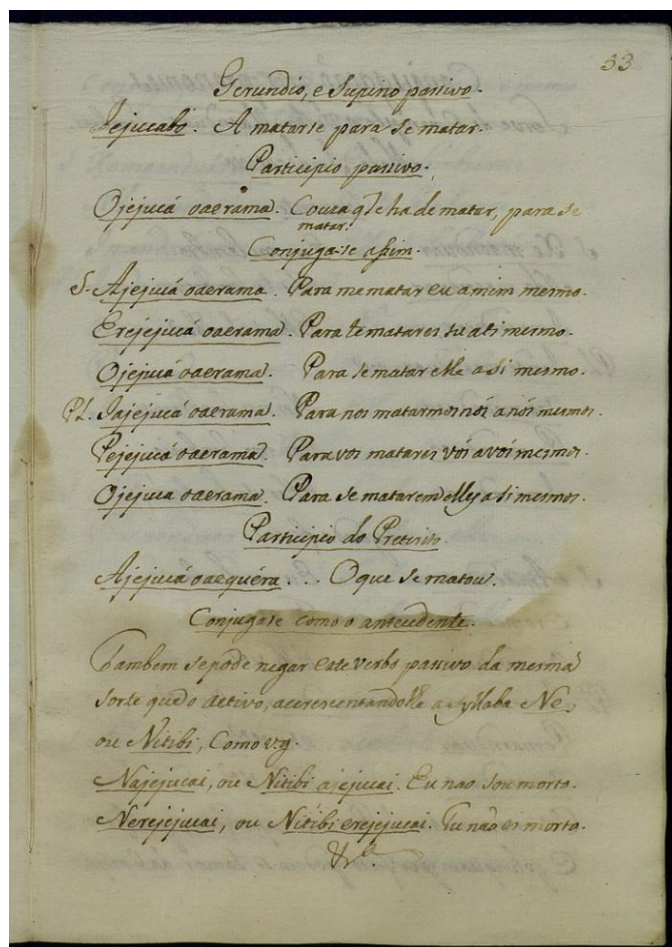
- 1
  - 2
  - 3
  - 4
  - 5
  - 6
  - 7
  - 8
  - 9
  - 10
  - 11
  - 12
  - 13
  - 14
  - 15
  - 16
  - 17
  - 18
  - 19
  - 20
- 51
- Iejucá piramo am oãrecó reme, Como elles (et caetera)
- Futuro.
- S(ingular) Ajejúcá ramé . . . . Como eufor morto.
- Erejejúcá ramé . . . . Como tu fores morto.
- Ojejúcá ramé . . . . Como elle (et caetera)
- Pl(ural) Iajejúcá ramé, ou Orojejúcá ramé, Como nós(et caetera)
- Pejejúcá ramé . . . . Como vós (et caetera)
- Ojejúcá ramé . . . . . Como elles, (et caetera)
- Segunda frase.
- S(ingular) Iejucá ramé . . . . . Como eufor morto.
- Iejucá ramé . . . . . Como tu (et caetera)
- Iejucá ramé . . . . . Como elle (et caetera)
- Pl(ural) Iejucá ramé . . . . . Como nós (et caetera)
- Iejucá ramé . . . . . Como vós (et caetera)
- Iejucá ramé . . . . . Como elles (et caetera)
- Infinito
- Prezente
- S(ingular) Iejucá. Ser morto, ou que sou, es, he morto.
- Pl(ural) Somos, Sois, Saõ mortos.



Imperfeito.S(ingular) Jejúá. Ser morto, ou que era, era, era morto.

Pl(ural) Eramos, erais, eraõ mortos.

Perfeito.S(ingular) Jejúá aquêra. Que fui, foi morto. Pl(ural) Fomos, fostes, foraõ mortos.Plusq(uam) perfeito.S(ingular) Jejúá aquêra. Que fora, foras, fora morto. Pl(ural) Foramos, forais, foraõ mortos.Segundafrase p(ar)a estes dous tempos.S(ingular) Jejúá píramo cecou. Que fui, ou fora morto, (et caetera)Tambem sepodedizer.S(ingular) Cemi júá aquêramó cecou. Que fui, ou fora morto (et caetera)Futuro.S(ingular) Jejúá aõma. Que hei, has, hade ser morto. Pl(ural) Havemos, haveis, hao de ser mortos.Futuro perfeito.S(ingular) Jejúá aquêra. Que houvera, houveras, houvera de ser morto. Pl(ural) Que houveramos, houverais, houveraõ de ser mortos.



- 1  
 2  
 3 Gerundio, e Supino passivo.  
 4 Iejucabo. A matar se para se matar.  
 5 Participio passivo.  
 6 Ojejúca oae rama. Couza q(ue) te há de matar, para se [↓matar.]  
 7 Conjuga-se assim.  
 8 S(ingular) Ajejúca o aerama. Para me matar eu a mim mesmo.  
 9 Erejejúca o aerama. Para tematares tu ati mesmo.  
 10 Ojejúca o aerama. Para se matar elle asi mesmo.  
 11 Pl(ural) Iajejúca o aerama. Para nos matarmos nós anós mesmos.  
 12 Pejejúca o aerama. Para vos matares vós avós mesmos.  
 13 Ojejúca o aerama. Para se matarem elles asi mesmos.  
 14 Participio do Preterito.  
 15 Ajejúca o aequéra. . . O que se matou.  
 16 Conjugase como o antecedente.  
 17 Tambem se pode negar este verbo passivo da mesma  
 18 sorte que o activo, accrescentandolhe a syllaba Ne,  
 19 ou Nitibi, como v(erbi) g(ratia)  
 20 Najejúcai, ou Nitibi ajejúcai. Eu nao sou morto.  
 21 Nerejejúcai, ou Nitibi erejejúcai. Tu não es morto.  
 (et caetera)

54

Conjugação por pronomes.  
Serve de Exemplo o verbo Maenduar - Lembrar.

Modo Indicativo

Presente

1. Xe maenduar . . . . . Eu me lembro.  
Nde maenduar . . . . . Tu te Lembras.  
I maenduar . . . . . Elle se lembra.  
Pl. Iande maenduar, ou  
Oro maenduar . . . . . Nós nos Lembramos.  
Pe maenduar . . . . . Vós vos Lembrais.  
I maenduar . . . . . Elles se lembrão.

Segunda frase.

1. Amaenduar . . . . . Eu me lembro.  
Ere maenduar . . . . . Tu te  
O maenduar . . . . . Elle se  
Pl. Iamaenduar, ou Oro maenduar. Nós nos  
Pemaenduar . . . . . Vós vos  
O maenduar . . . . . Elles, se  
Os incrementos do Preterito imperfecto, perfeito,  
E plusquam perfeito podem-se tomar da Conju-

Conjugação por pronomes.  
Serve de Exemplo o verbo Maenduar - Lembrar

Modo Indicativo

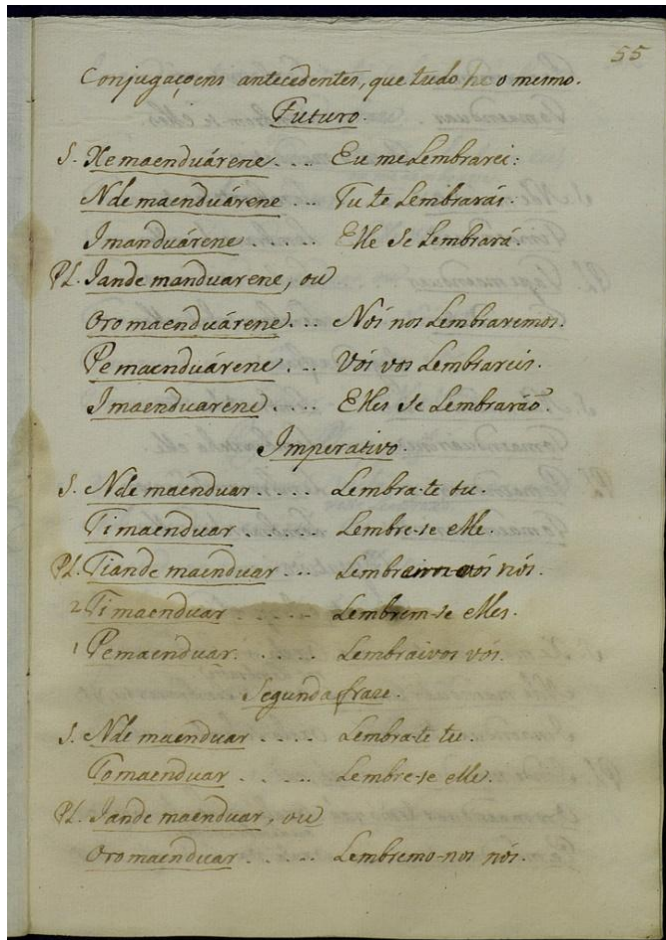
Presente

S(ingular) Xe maenduar . . . . . Eu me lembro.  
Nde maenduar . . . . . Tu te Lembras.  
I maenduar . . . . . Elle se lembra.  
Pl(ural) Iande maenduar, ou  
Oro maenduar . . . . . Nós nos Lembramos.  
Pe maenduar . . . . . Vós vos Lembrais.  
I maenduar . . . . . Elles se lembrão.

Segunda frase.

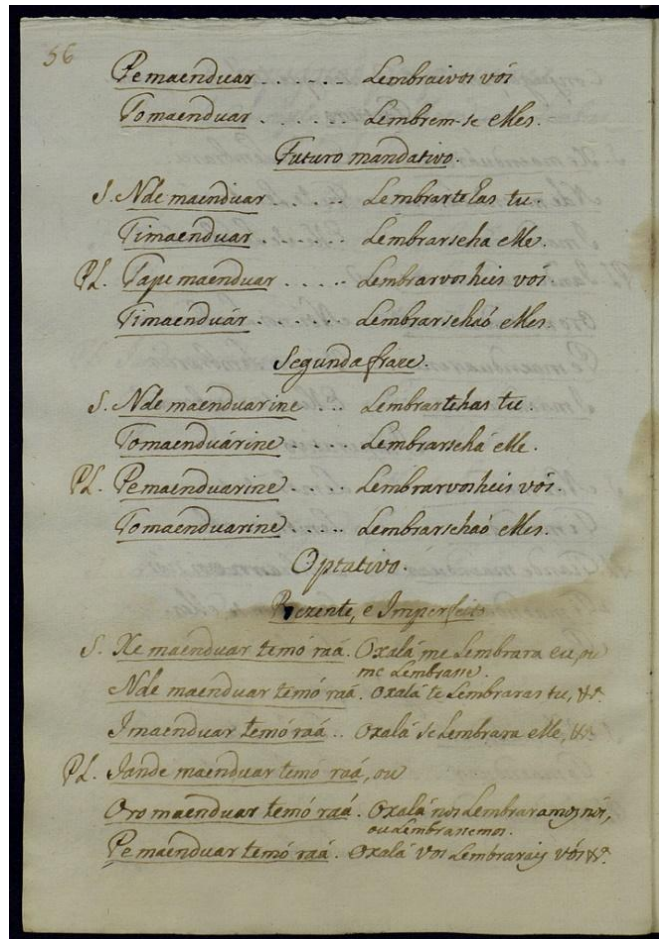
S(ingular) Amaenduar . . . . . Eu me lembro.  
Ere maenduar . . . . . Tu (et caetera)  
O maenduar . . . . . Elle (et caetera)  
Pl(ural) Iamaenduar, ou Oro maenduar. Nós (et caetera)  
Pemaenduar . . . . . Vós (et caetera)  
O maenduar . . . . . Elles, (et caetera)

Os incrementos do Preterito imperfecto, perfeito,  
E plusquam perfeito podem-se tomar da Conju-



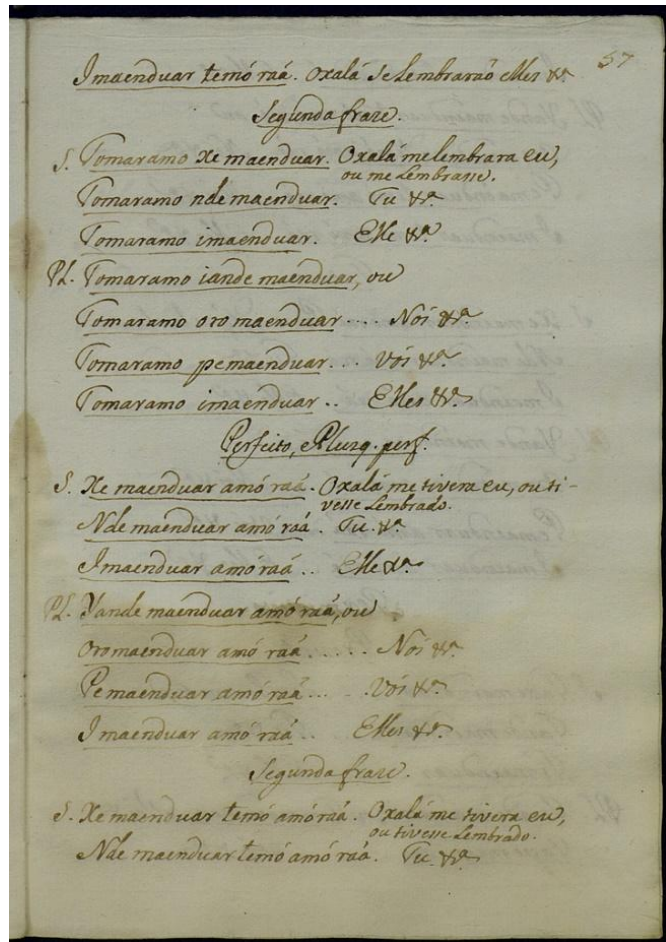
- 1
- 2 Conjugações antecedentes, que tudo he o mesmo.
- 3 Futuro.
- 4 S(ingular) Xe maenduérene . . . Eu meLembrarei:
- 5 Nde maenduérene . . . Tu te Lembrarás.
- 6 I maenduérene . . . . . Elle Se Lembrará.
- 7 Pl(ural) Iande maenduérene, ou
- 8 Oro maenduérene . . . Nós nos Lembraremos.
- 9 Pe maenduérene . . . Vós vos Lembrareis.
- 10 I maenduérene . . . . . Elles Se Lembrarão
- 11 Imperativo.
- 12 S(ingular) Nde maenduar . . . . . Lembra-te tu.
- 13 Ti maenduar . . . . . Lembre-se elle.
- 14 Pl(ural) Tiande maenduar . . . Lembrar-nos nós.
- 15 2 Ti maenduar . . . . . Lembrem-se elles.
- 16 1 Pe maenduar . . . . . Lembraivos vos.
- 17 Segunda frase.
- 18 S(ingular) Nde maenduar . . . . . Lembra-te tu.
- 19 Tomaenduar . . . . . Lembre-se elle.
- 20 Pl(ural) Iande maenduar, ou
- 21 Oro maenduar . . . . . Lembremo-nos nós.





- 1  
 2 Pe maenduar . . . . . Lembraivos vós  
 3 To maenduar . . . . . Lembrem-se elles.  
 4 Futuro mandativo.  
 5 S(ingular) Nde maenduar . . . . . Lembrarte has tu.  
 6 Timaenduar . . . . . Lembrarseha elle  
 7 Pl(ural) Tape maenduar . . . . . Lembrarvos heis vós.  
 8 Timaenduar . . . . . Lembrarsehaõ elles.  
 9 Segundafrase.  
 10 S(ingular) Nde maenduar ine . . . . . Lembrartehas tu.  
 11 Tomaenduár ine . . . . . Lembrarsehá elle.  
 12 Pl(ural) Pe maenduar ine . . . . . Lembrarvos heis vós.  
 13 To maenduar ine . . . . . Lembrarsehaõ elles.  
 14 Optativo.  
 15 Presente, e Imperfeito.  
 16 S(ingular) Xe maenduar temó rá . Oxalá me Lembrara eu, ou [↓me Lembrasse.]  
 17 Nde maenduar temó raá . Oxalá te Lembraras tu, (et caetera)  
 18 I maenduar temó raá .. Oxalá Se Lembrara elle, (et caetera)  
 19 Pl(ural) Iande maenduar temó raá, ou  
 20 Oro manduar temó raá . Oxalá nos Lembraramos nós, [↓ou  
 Lembrassemos.]  
 21 Pe maenduar temó raá . Oxalá vos Lembrarais vós (et caetera)

33r

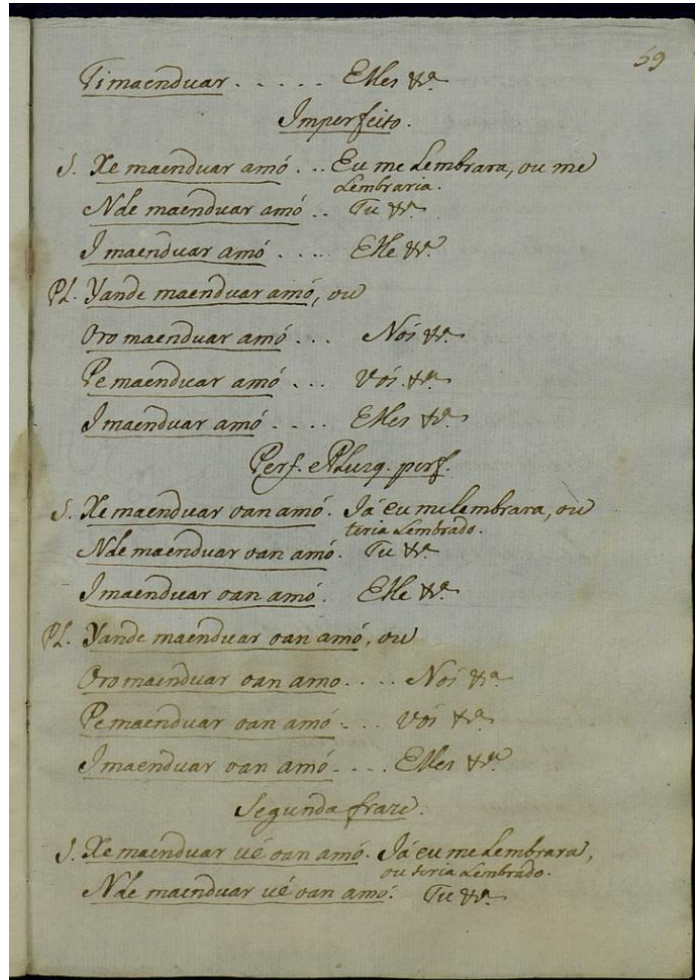


- 1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21
- 57
- I maenduar temó raã . Oxalá se Lembraraõ elles (et caetera)
- Segunda fraze.
- S(ingular) Tomaramo xe maenduar . Oxalá me lembrara eu, [↓ou me Lembrasse.]
- Tomaramo nde maenduar . Tu (et caetera)
- Tomaramo imaenduar . Elle (et caetera)
- Pl(ural) Tomaramo iande maenduar, ou
- Tomaramo oro maenduar . ... Nós (et caetera)
- Tomaramo pe maenduar . . . Vós (et caetera)
- Tomaramo imaenduar . . Elles (et caetera)
- Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)
- S(ingular) Xe maenduar amó raã . Oxalá me tivera eu, ou ti- [↓vesse Lembrado.]
- Nde maenduar amó raã . Tu (et caetera)
- I maenduar amó raã . . Elle (et caetera)
- Pl(ural) Yande maenduar amó raã, ou
- Oro maenduar amó raã . . . . Nós (et caetera)
- Pe maenduar amó raã ... Vós (et caetera)
- I maenduar amó raã . . Elles (et caetera)
- Segunda fraze.
- S(ingular) Xe maenduar temó amó raã . Oxalá me tivera. Eu, [↓ou tivesse Lembrado.]
- Nde maenduar temó amó raã . Tu (et caetera)

58. I maenduar temó amó raã. Elle 4<sup>o</sup>.  
Pl. Vande maenduar temó amó raã, ou  
Oro maenduar temó amó raã. Noi 4<sup>o</sup>.  
Pe maenduar temó amó raã. Vós 4<sup>o</sup>.  
I maenduar temó amó raã. Elles 4<sup>o</sup>.  
Futuro.  
S. Xe maenduar amó raã. Para aD(ig)u lembre eu.  
Nde maenduar amó raã. Tu 4<sup>o</sup>.  
I maenduar amó raã. Elle 4<sup>o</sup>.  
Pl. Vande maenduar amó raã, ou  
Oro maenduar amó raã. Noi 4<sup>o</sup>.  
Pe maenduar amó raã. Vós 4<sup>o</sup>.  
I maenduar amó raã. Elles 4<sup>o</sup>.  
Permissivo.  
Presente.  
S. Taxe maenduar. . . . Lembre-me eu, embora.  
Tande maenduar. . . . Tu 4<sup>o</sup>.  
Ti maenduar. . . . Elle 4<sup>o</sup>.  
Pl. Tiande maenduar, ou Toro maenduar. Noi 4<sup>o</sup>.  
Tape maenduar. . . . Vós 4<sup>o</sup>.

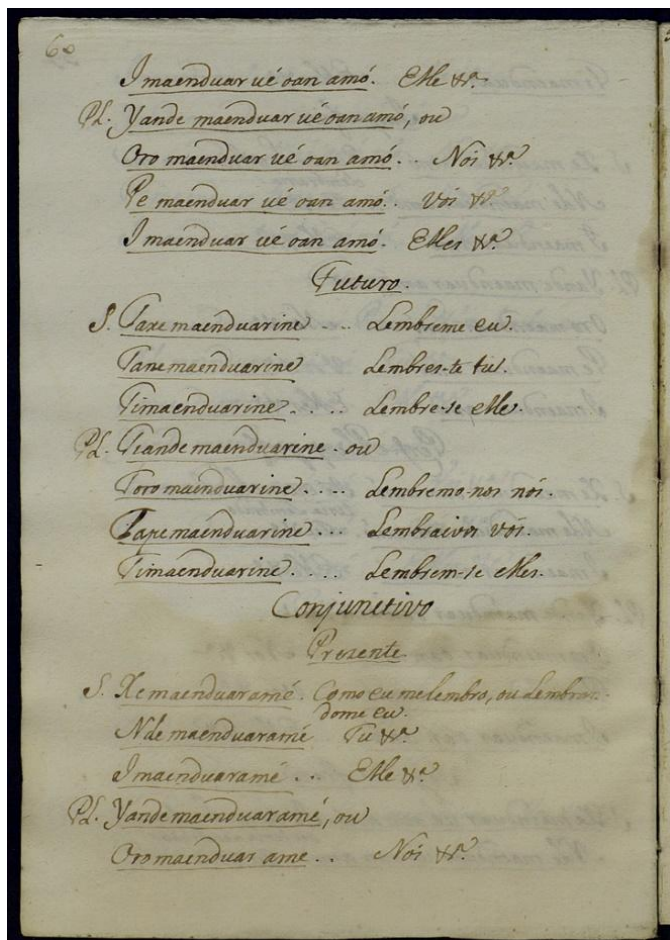
1  
2 I maenduar temó amó raã. Elle (et caetera)  
3 Pl(ural) Yande maenduar temó amó raã, ou  
4 Oro maenduar temó amó raã. Nós (et caetera)  
5 Pe ma enduar temó amó raã. . . Vós(et caetera)  
6 I maenduar temó amó raã. Elles (et caetera)  
7 Futuro.  
8 S(ingular) Xe maenduar amó raã. Praza aD(eo)s q(ue) me lembre eu.  
9 Nde maenduar amó raã Tu (et caetera)  
10 I maenduar amó raã. . . Elle (et caetera)  
11 Pl(ural) Yande maenduar amó raã, ou  
12 Oro maenduar amó raã. . . . Nós (et caetera)  
13 Pe maenduar amó raã. . . . Vós (et caetera)  
14 I maenduar amó raã. . . Elles (et caetera)  
15 Permissivo.  
16 Presente.  
17 S(ingular) Taxe maenduar. . . . Lembre-me eu. Embora.  
18 Tande maenduar. . . . Tu (et caetera)  
19 Ti maenduar. . . . Elle (et caetera)  
20 Pl(ural) Tiande maenduar, ou Toro maenduar. Nós (et caetera)  
21 Tape maenduar. . . . . Vós (et caetera)





- 1 Ti maenduar . . . . . *Elles (et caetera)*  
 2 *Imperfeito.*  
 3 *S(ingular) Xe maenduar amó* . . . *Eu me Lembrara, ou me [Lembraria.]*  
 4 *Nde maenduar amó* . . . *Tu (et caetera)*  
 5 *I maenduar amó* . . . . . *Elle (et caetera)*  
 6 *Pl(ural) Yande maenduar amó, ou*  
 7 *Oro maenduar amó* . . . *Nós (et caetera)*  
 8 *Pe maenduar amó* . . . *Vós (et caetera)*  
 9 *I maenduar amó* . . . . . *Elles (et caetera)*  
 10 *Perf(eito) e Plusq(uam) perf(eito)*  
 11 *S(ingular) Xe maenduar oan amó* . *Já eu me lembrara, ou [↓ teria Lembrado.]*  
 12 *Nde maenduar oan amó* . *Tu (et caetera)*  
 13 *I maenduar oan amó* . *Elle (et caetera)*  
 14 *Pl(ural) Yande maenduar oan amó, ou*  
 15 *Oro maenduar oan amó* . . . . . *Nós (et caetera)*  
 16 *Pemaenduar oan amó* . . . *Vós (et caetera)*  
 17 *I maenduar oan amó* . . . . . *Elles (et caetera)*  
 18 *Segunda frase.*  
 19 *S(ingular) Xe maenduar ué oan amó* . *Já eu me Lembrara, [↓ ou teria Lembrado.]*  
 20 *Nde maenduar ué oan amó* . *Tu (et caetera)*  
 21

34v



60

1 I maenduar ué oan amó. Elle (et caetera)

2

3 Pl(ural) Yande maenduar ué oan amó, ou

4 Oro maenduar ué oan amó . . Nós (et caetera)

5 Pe maenduar ué oan amó .. Vós (et caetera)

6 I maenduar ué oan amó . Elles (et caetera)

7 Futuro.

8 S(ingular) Taxe maenduarine . . . Lembreme eu.

9 Taxe maenduarine Lembres-te tu

10 Timaenduarine . . . . Lembre-se elle.

11 Pl(ural) Tiande maenduarine . ou

12 Toro maenduarine . . . . Lembremo-nos nós.

13 Tapemaenduarine . . . Lembraivos vós.

14 Timaenduarine . . . . Lembrem-se elles.

15 Conjuntivo

16 Presente.

17 S(ingular) Xe maenduar amé . Como eu me lembro, ou Lembrar

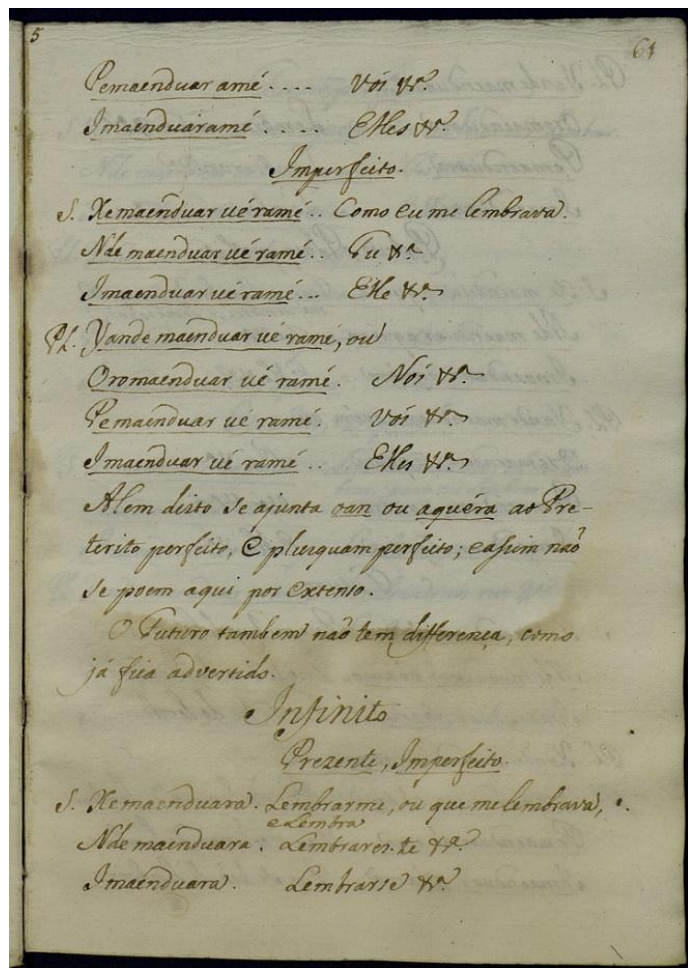
18 Nde maenduar amé Tu (et caetera)

19 I maenduar amé . . Elle (et caetera)

20 Pl(ural) Yande maenduar amé, ou

21 Oro maenduar amé . . Nós (et caetera)

35r

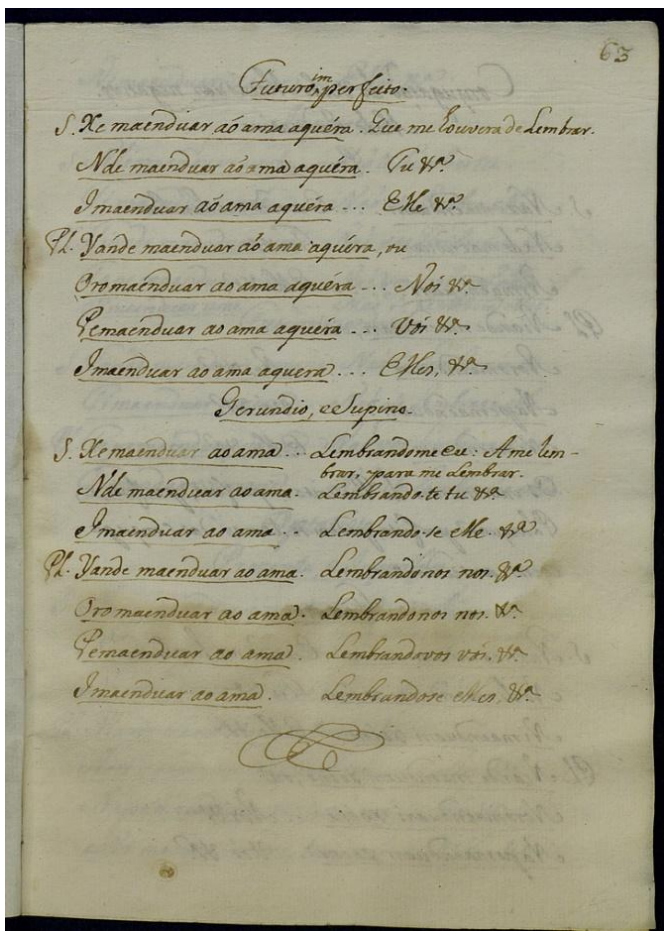


- 1 5 61
- 2 Pemaenduar amé . . . Vós (et caetera)
- 3 I maenduar amé . . . Elles (et caetera)
- 4 Imperfeito.
- 5 S(ingular) Xe maenduar ué ramé . . Como eu me lembrava.
- 6 Nde maenduar ué ramé . . Tu (et caetera)
- 7 I maenduar ué ramé . . Elle (et caetera)
- 8 Pl(ural) Yande maenduar ué ramé, ou
- 9 Oro maenduar ué ramé . Nós (et caetera)
- 10 Pe maenduar ué ramé . Vós (et caetera)
- 11 I maenduar ué ramé . . Elles (et caetera)
- 12 Alem disto se ajunta oan ou aquera aoPre-
- 13 terito perfeito, e plusquam perfeito, eassim não
- 14 se poem aqui por extenso.
- 15 O Futuro também não tem differença, como
- 16 já fica advertido.
- 17 Infinito
- 18 Prezente, Imperfeito
- 19 S(ingular) Xe maenduar . Lembrarme, ou que me lembrava, [JeLembra]
- 20 Nde maenduar, Lembrares-te (et caetera)
- 21 I maenduar . Lembrarse (et caetera)



62  
Pl. Yande maenduará, ou  
Oro maenduará . . . . . Lembrar no nos *1<sup>a</sup>*  
Pemaenduará . . . . . Lembrar vos *2<sup>a</sup>*  
Imaenduará . . . . . Lembrarem-se *3<sup>a</sup>*  
Perfeito, e Plusq. perfeito.  
S. Xe maenduar aquíra . . . . . *Forme Lembrado, ou que*  
Nde maenduar aquíra . . . . . *me lembrei, e Lembrara.*  
Imaenduar aquíra . . . . . *Tu 1<sup>a</sup>*  
Pl. Yande maenduar aquíra, ou  
Oro maenduar aquíra . . . . . *Nós 1<sup>a</sup>*  
Pemaenduar aquíra . . . . . *Vós 2<sup>a</sup>*  
Imaenduar aquíra . . . . . *Elles 3<sup>a</sup>*  
Futuro.  
S. Xe maenduar aó ama . . . . . *Que me hey de Lembrar.*  
Nde maenduar aó ama . . . . . *Que te has de Lembrar.*  
Imaenduar aó ama . . . . . *Que se ha de Lembrar.*  
Pl. Yande maenduar aó ama, ou  
Oro maenduar aó ama . . . . . *Que nos havemos de Lembrar.*  
Pemaenduar aó ama . . . . . *Que vos haveis de Lembrar.*  
Imaenduar aó ama . . . . . *Que se hão de Lembrar.*

1  
2 62  
3 Pl(ural) Yande maenduará, ou  
4 Oro maenduará . . . . . Lembrarmo-nos (et caetera)  
5 Pemaenduará . . . . . Lembravos (et caetera)  
6 I maenduará . . . . . Lembrarem-se (et caetera)  
7 Perfeito, e Plusq(uam) perfeito.  
8 S(ingular) Xe maenduar aquíra. Ter me Lembrado, ou que [↓ me Lembreis, e  
9 Lembrara.]  
10 Nde maenduar aquíra Tu (et caetera)  
11 I maenduar aquíra . . Elle (et caetera)  
12 Pl(ural) Yande maenduar aquíra, ou  
13 Oro maenduar aquíra . . . Nós (et caetera)  
14 Pe maenduar aquíra . . Vós (et caetera)  
15 I maenduar aquíra .. Elles  
16 Futuro.  
17 S(ingular) Xe maenduar aó ama. Que me hey delembrar,  
18 Nde maenduar aó ama. Que te has de Lembrar.  
19 I maenduar aó ama . . . Que se ha deLembrar.  
20 Pl(ural) Yande maenduar aó ama, ou  
21 Oro maenduar aó ama . . . Que nos havemos de Lembrar.  
Pe maenduar aó ama . . . Que vos haveis deLembrar.  
I maenduar aó ama . . . Que Se hão deLembrar.



1  
2  
3 Futuro [<sup>↑</sup>im]perfeito.  
4 S(ingular) Xe maenduar ao ama aquera. Que me houvera de Lembrar.  
5 Nde maenduar ao ama aquera. Tu (et caetera)  
6 I maenduar ao ama aquera . . . Elle(et caetera)  
7 Pl(ural) Yande maenduar ao ama aquera, ou  
8 Oro maenduar ao ama aquera . . . Nós (et caetera)  
9 Pemaenduar ao ama aquera . . . Vós (et caetera)  
10 I maenduar ao ama aquera . . . Elles, (et caetera)  
11 Gerundio, eSupino.  
12 S(ingular) Xe maenduar ao ama . . . Lembrandome eu: Ame lem-[brar para me  
13 Lembrar.]  
14 Nde maenduar ao ama. Lembrando-te tu (et caetera)  
15 I maenduar ao ama . . Lembrando-se elle. (et caetera)  
16 Pl(ural) Yande maenduar ao ama. Lembrandonos nos. (et caetera)  
17 Oro maenduar ao ama. Lembrandonos nos. (et caetera)  
18 Pe maenduar ao ama. Lembradovos vós. (et caetera)  
19 I maenduar ao ama. Lembradosse elles, (et caetera)  
[laçada ornamental]



64

Conjugação do Verbo Maenduar negativo.

Modo Indicativo

Presente.

S(ingular) Naxe maenduari . . . . Eu não meLembro  
Nade maenduari . . . . Tu V.  
Nimaenduari . . . . Elle V.  
Pl(ural) Niande maenduari, ou  
Noromaenduari . . . . Nós V.  
Napemaenduari . . . . Vós V.  
Nimaenduari . . . . Elles V.  
Os incrementos do Preterito imperfeito, perfeito, e  
Plusquam perfeito, podem-se tomar das conjuga-  
ções antecedentes.

Futuro.

S(ingular) Naxema enduari xoéne Eu não meLembrarei.  
Nade maenduari xoéne Tu V.  
Nimaenduari xoéne . Elle V.  
Pl(ural) Niande maenduari xoéne, ou  
Noromaenduari xoéne . . Nós V.  
Napemaenduari xoéne . . Vós V.

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21

Conjugação do verbo Maenduar negativo.

Modo Indicativo

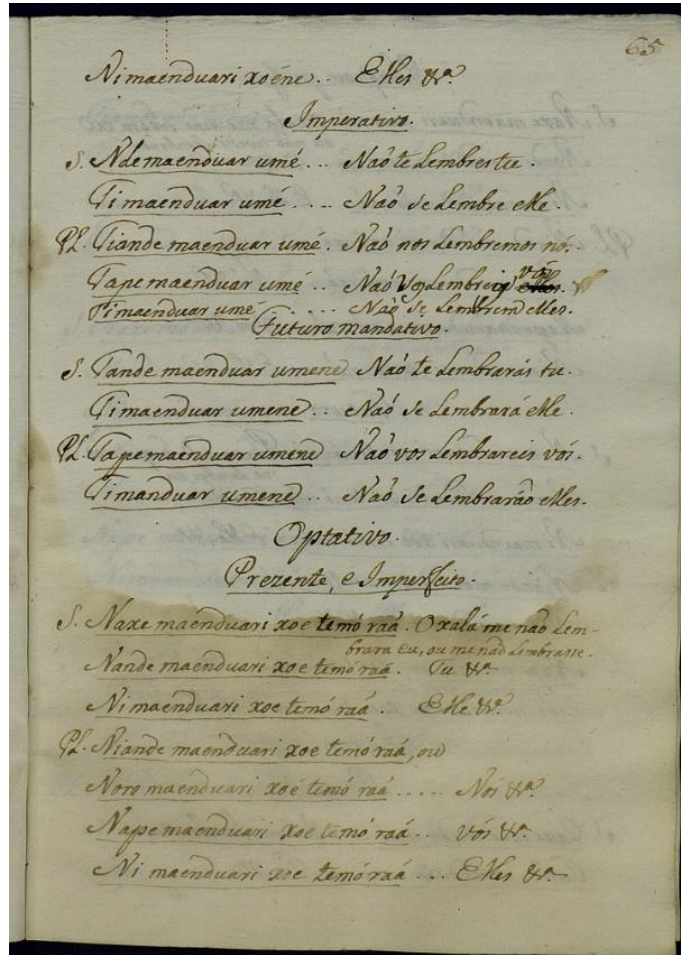
Presente.

S(ingular) Naxe maenduari .... Eu não meLembro  
Nade maenduari . . . . Tu (et caetera)  
Nimaenduari . . . . Elle (et caetera)  
Pl(ural) Niande maenduari, ou  
Noro maenduari . . . . Nós(et caetera)  
Napemaenduari . . . . Vós (et caetera)  
Nimaenduari . . . . Elles (et caetera)  
Os incrementos do Preterito imperfeito, perfeito, e  
Plusquam perfeito, podem-se tomar ´ das conjuga-  
ções antecedentes

Futuro.

S(ingular) Naxema enduari xoéne Eu não meLembrarei.  
Nade maenduari xoéne Tu (et caetera)  
Niamenduari xoéne . Elle (et caetera)  
Pl(ural) Niande maenduari xoéne, ou  
Noromaenduari xoéne . . Nós (et caetera)  
Napemaenduari xoéne . . Vós (et caetera)

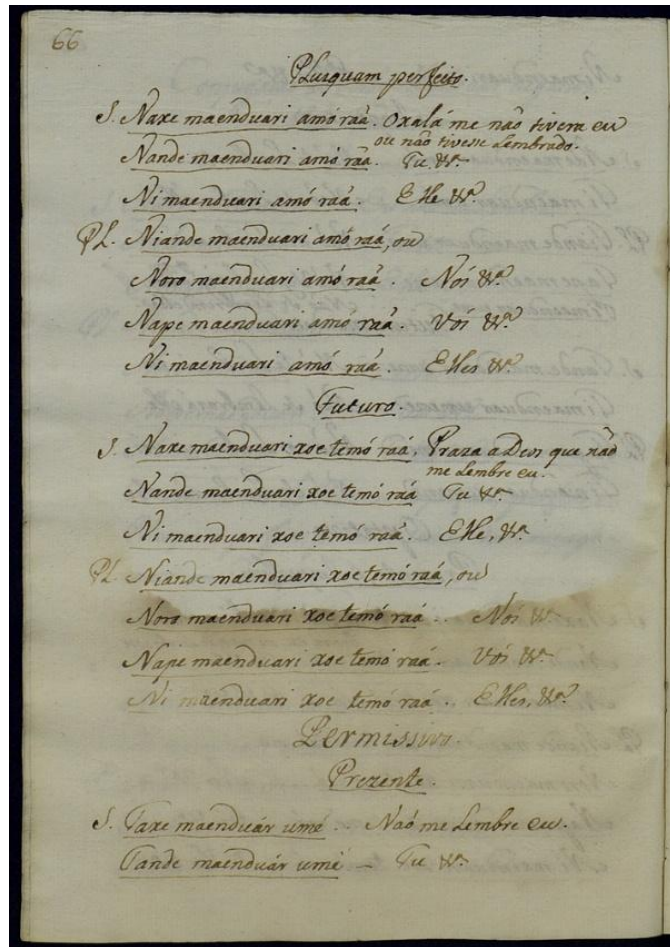
37r



- 1  
2 Ni maenduari xoéne . . Elles(et caetera)  
3 Imperativo.  
4 S(ingular) Nde maenduar umé . . Naõ te Lembres tu.  
5 Ti maenduar umé . . . Naõ se Lembre elle.  
6 Pl(ural) Tiande maenduar umé . Naõ nos Lembremos nós.  
7 Tape maenduar umé . . Naõ vosLembreis ~~elles~~ [↑vós]  
8 Ti maenduar umé . . . . Naõ se Lembrem elles.  
9 Futuro mandativo.  
10 S(ingular) Tande maenduar umene Naõ te Lembrará tu.  
11 Ti maenduar umene . . Naõ se Lembrará elle.  
12 Pl(ural) Tape maenduar umene Naõ vos Lembrareis vós.  
13 Ti manduar umene . . Naõ Se Lembraráo elles.  
14 Optativo.  
15 Prezente, e Imperfeito.  
16 S(ingular) Naxe maenduari xoe temó raã. Oxalá me naõ Lem- [↓brara eu, ou me naõ  
Lembrasse.]  
17 Nande maenduari xoe temó raã . Tu (et caetera)  
18 Ni maenduari xoe temó raã . Elle (et caetera)  
19 Pl(ural) Niande maenduari xoe temó raã, ou  
20 Noro maenduari xoé temó raã . . . . Nós (et caetera)  
21 Nape maenduari xoe temó raã . . Vós (et caetera)  
22 Ni maenduari xoe temó raã . . . Elles (et caetera)

65

37v



66

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21Plusquam perfeito.

S(ingular) Naxe maenduari amó raã . Oxalá menaõ tivera eu [↓ ou não tivesse  
 Lembrado]

Nande maenduari amó raã . Tu (et caetera)

Ni maenduari amó raã . Elles (et caetera)

Pl(ural) Niande maenduari amó raã, ou

Noro maenduari amó raã . Nós (et caetera)

Nape maenduari amó raã . Vós (et caetera)

Ni maenduari amó raã . Elles(et caetera)

Futuro.

S(ingular) Naxe maenduari xoe temó raã, Praza aDeos que não [↓me Lembre eu.]

Nande maenduari xoe temó raã Tu (et caetera)

Ni maenduari xoe temó raã. Elle, (et caetera)

Pl(ural) Niande maenduari xoe temó raã, ou

Noro maenduari xoe temó raã . . Nós(et caetera)

Nape maenduari xoe temó raã . Vós (et caetera)

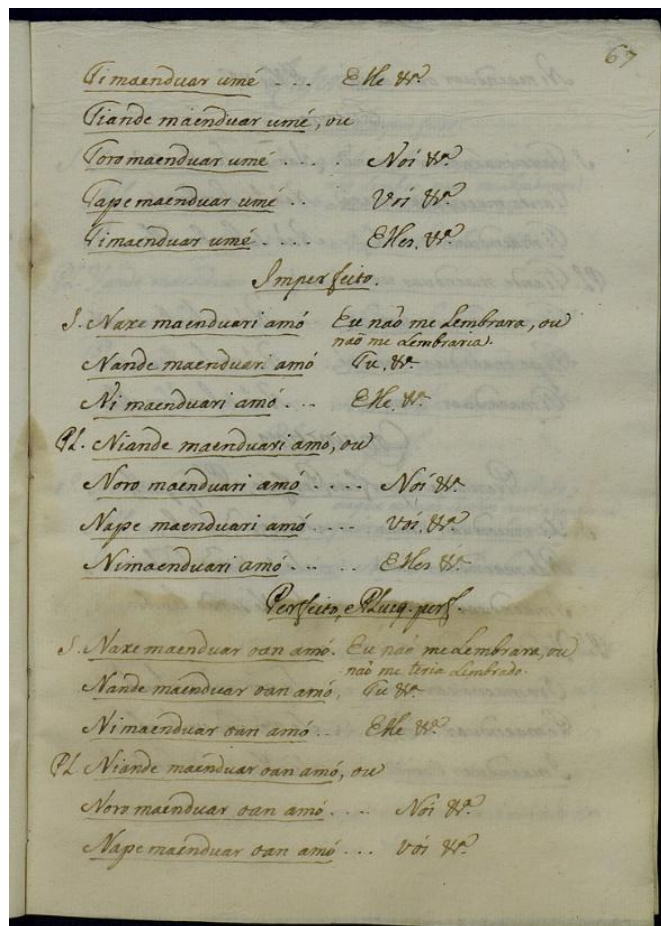
Ni maenduari xoe temó raã . . Elles, (et caetera)

Permssivo.Prezente.

S(ingular) Taxe maenduár umé . . Não me Lembre eu.

Tande maenduár umé - Tu (et caetera)

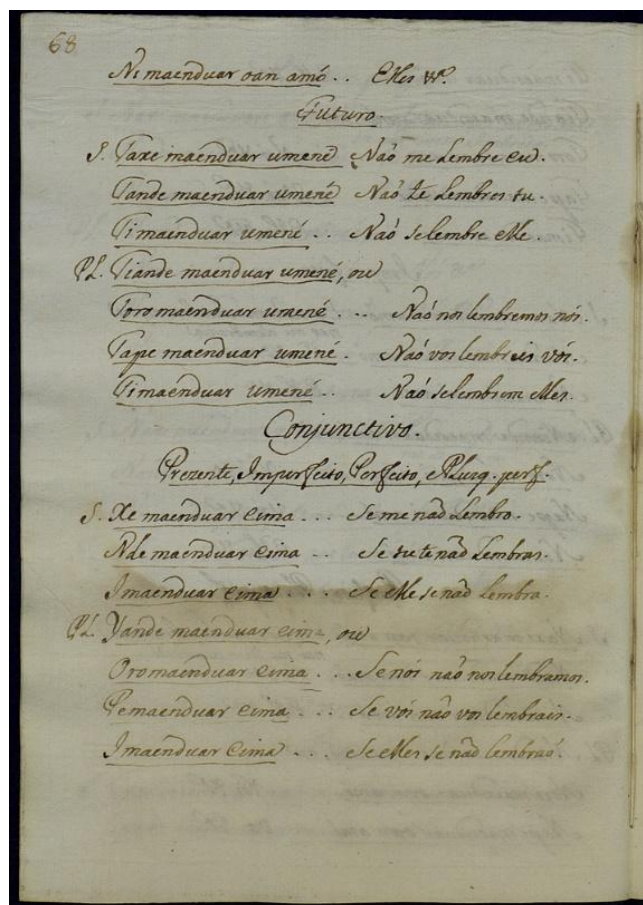
38r



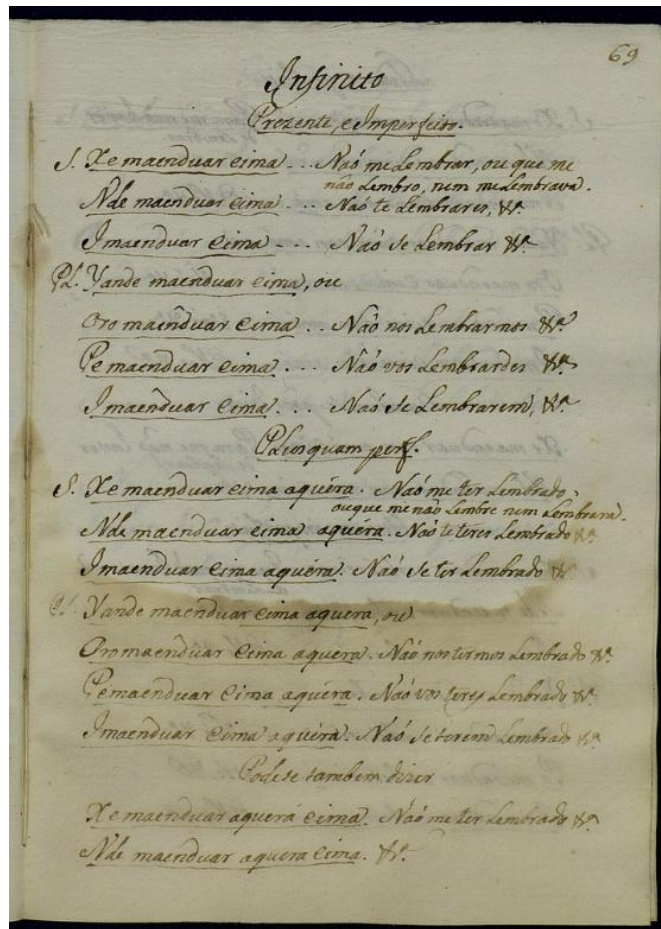
- 1  
2 Ti maenduar umé . . . Elle (et caetera)  
3 Tiande maenduar umé, ou  
4 Toro maenduar umé . . . Nós (et caetera)  
5 Tape maenduar umé . . Vós (et caetera)  
6 Ti maenduar umé . . . Elles, (et caetera)  
7 Imperfeito.  
8 S(ingular) Naxe maenduari amó Eu não me Lembrara, ou [↓naõ me Lembraria.]  
9 Nande maenduari amó Tu (et caetera)  
10 Ni maenduari amó . . . Elle, (et caetera)  
11 Pl(ural) Niande maenduari amó, ou  
12 Noro maenduari amó . . . Nós (et caetera)  
13 Nape maenduari amó . . . Vós, (et caetera)  
14 Nimaenduari amó . . . Elles (et caetera)  
15 Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)  
16 S(ingular) Naxe maenduar oan amó. Eu não me Lembrasse, ou [↓naõ me teria Lembrado.]  
17 Nande maenduar oan amó, Tu (et caetera)  
18 Ni maenduar oan amó . . Elle (et caetera)  
19 Pl(ural) Niande maenduar oan amó, ou  
20 Noro maenduar oan amó . . . Nós (et caetera)  
21 Nape maenduar oan amó . . . Vós (et caetera)

67





- 1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19
- No maenduar oan amó . . Elles (et caetera)
- Futuro
- S(ingular) Taxe maenduar umenê Não me Lembre eu.  
Tande maenduar umenê Não te Lembres tu.  
Ti maenduar umenê . . Não selembre elle.
- Pl(ural) Tiande maenduar umenê, ou  
Toro maenduar umenê . . . Não nso lembremos nós  
Tape maenduar umenê . Não vos lembrais vós.  
Ti maenduar umenê . . Não selembrem elles.
- Conjunctivo.
- Prezente, Imperfeito, Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)
- S(ingular) Xe maenduar eima . . . Se me não Lembro.  
Nde maenduar eima . . Se tu te não Lembras.  
I maenduar eima . . . Se elle se não Lembra.
- Pl(ural) Yande maenduar eima, ou  
Oro maenduar eima . . . Se nós não nos lembramos  
Pe maenduar eima . . . Se vós não vos lembrais.  
I maenduar eima . . . Se elles se não lembraõ.



## Infinito

## Presente, e Imperfeito.

S(ingular) Xe maenduar eima . . . Não me Lembrar, ou que me [Não Lembro, nem me Lembrava.]

Nde maenduar eima . . . Não te Lembrares, (et caetera)

I maenduar eima . . . Não se Lembrar (et caetera)

Pl(ural) Yande maenduar eima, ou

Oro maenduar eima . . Não nos Lembrarmos (et caetera)

Pe maenduar eima . . . Não vos Lembrardes (et caetera)

I maenduar eima . . . Não se Lembrarem, (et caetera)

## Plusquam perf(eito)

S(ingular) Xe maenduar eima aquera. Não me ter Lembrado, [ou que me não Lembre nem Lembrara.]

Nde maenduar eima aquera. Não te teres Lembrado (et caetera)

I maenduar eima aquera . Não se ter Lembrado (et caetera)

Pl(ural) Yande maenduar eima aquera, ou

Oro maenduar eima aquera. Não nos termos Lembrado (et caetera)

Pe maenduar eima aquera. Não vos teres Lembrado (et caetera)

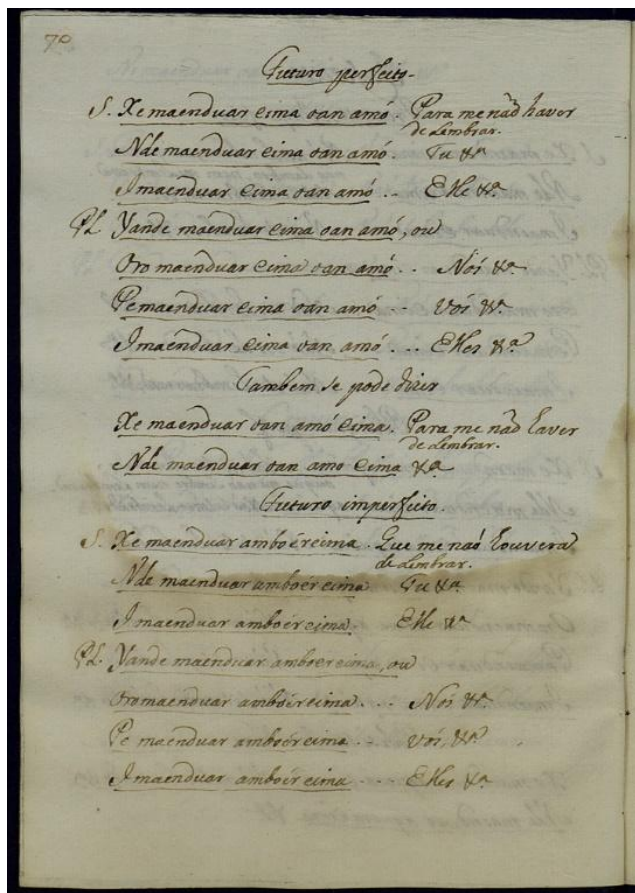
I maenduar eima aquera. Não se terem Lembrado (et caetera)

## Podese tambem dizer

Xe maenduar aquera eima . Não me ter Lembrado (et caetera)

Nde maenduar aquera eima . (et caetera)

39v



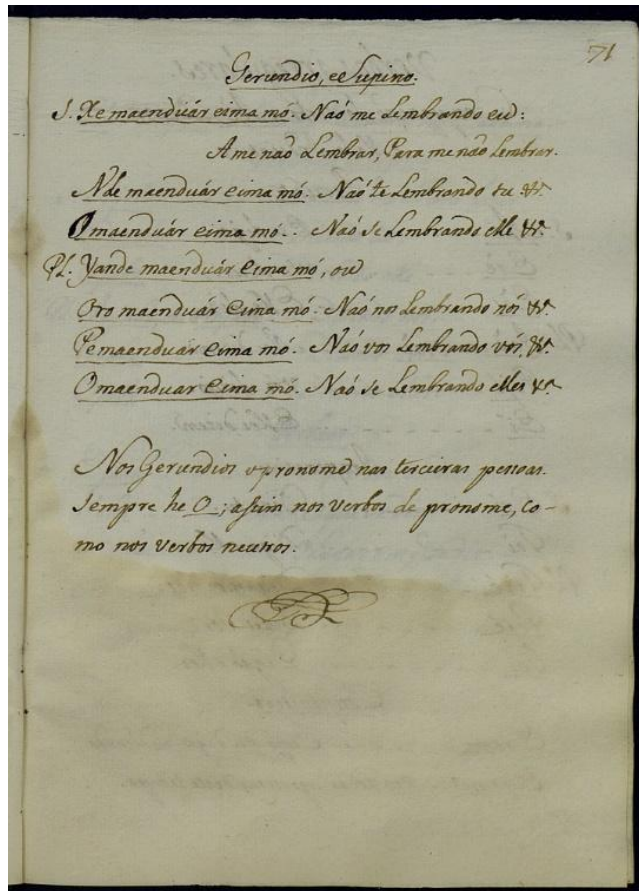
70

Futuro perfeito.S(ingular) Xe maenduar eima oan amó . Para me naõ haver [↓de Lembrar.]Nde maenduar eima oan amó . Tu (et caetera)I maenduar eima oan amó . . Elle (et caetera)Pl(ural) Yande maenduar eima oan amó, ouOro maenduar eima oan amó . . Nós (et caetera)Pe maenduar eima oan amó . . Vós (et caetera)I maenduar eima oan amó . . Elles (et caetera)

Tambem se pode dizer

Xe maenduar oan amó eima. Para me naõ haver [↓de Lembrar.]Nde maenduar oan amó eima (et caetera)Futuro imperfeito.S(ingular) Xe maenduar amboé eima. Que me naõ houvera [↓de Lembrar.]Nde maenduar amboér eima .Tu (et caetera)I maenduar amboér eima. Elle (et caetera)Pl(ural) Yande maenduar amboér eima, ouOro maenduar amboér eima . . . Nós (et caetera)Pe maenduar amboér eima . . . Vós, (et caetera)I maenduar amboér eima . . . Elles (et caetera)

40r



1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15

Gerundio, e Supino.

S(ingular) Xe maenduár eima mó. Naõ me Lembrando eu:

A me não Lembrar, Para me não Lembrar.

Nde maenduár eima mó. Naõ te Lembrando tu. (et caetera)

O maenduár eima mó. . Naõ Se Lembrando elle (et caetera)

Pl(ural) Yande maenduár eima mó, ou

Oro maenduár eima mó. Naõ nos Lembrando nós (et caetera)

Pe maenduár eima mó. Naõ vos Lembrando vós. (et caetera)

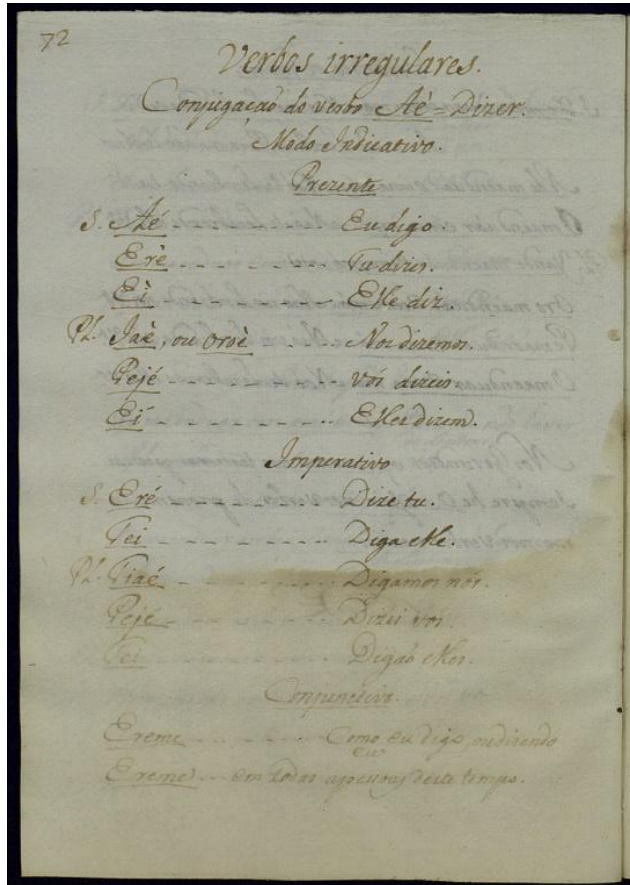
O maenduar eima mó. Naõ Se Lembrando elles (et caetera)

Nos Gerundios o pronome nas terceiras pessoas.  
 sempre he O; assim nos verbos de pronome, co-  
 mo nos verbos neutros

[laçada ornamental]

71





1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

72

Verbos irregulares.

Conjugação do verbo Aê = Dizer.

Modo Indicativo.

Prezente.

S(ingular) Aê ..... Eu digo.

Erê ..... Tu dizes.

Ei ..... Elle diz.

Pl(ural) Iaê, ou Oroê ..... Nos dizemos.

Pejê ..... Vós dizeis.

Ei ..... Elles dizem.

Imperativo

S(ingular) Erê ..... Dize tu.

Tei ..... Diga elle.

Pl(ural) Tiaê ..... Digamos nós.

Pejê ..... Dizei vós.

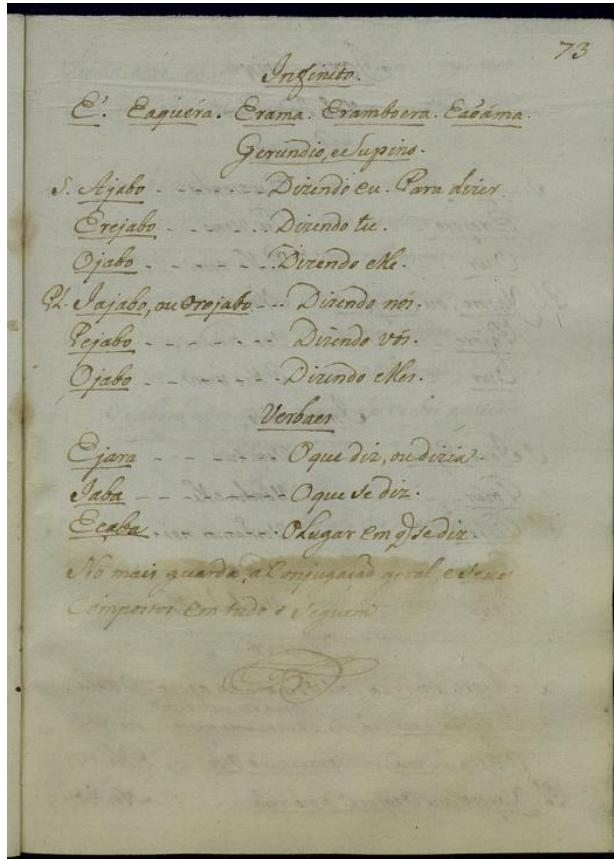
Tei ..... Digaõ elles.

Conjunctivo.

Ereme ..... Como eu digo, oudizendo [Jeu]

Ereme ... em todas apessoas deste tempo.

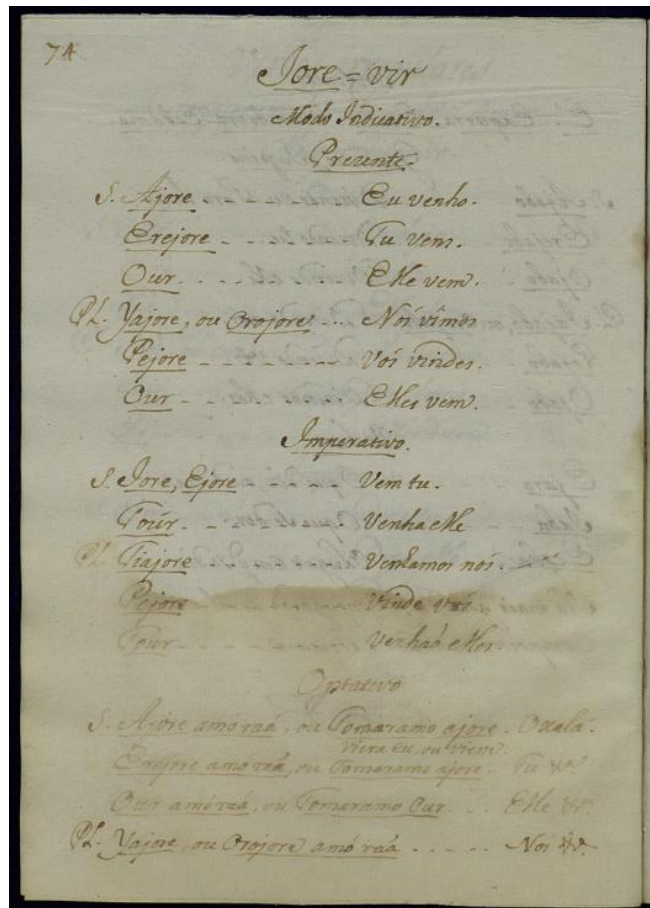
41r



- 1  
2  
3 Infinito.  
4 E'. Eaquéra. Erama. Eramboera. Eaõáma.  
5 Gerundio, e Supino.  
6 S(ingular) Ajabo . . . . . Dizendo eu. Para dizer.  
7 Erejabo . . . . . Dizendo tu.  
8 Ojabo . . . . . Dizendo elle.  
9 Pl(ural) Iajabo, ou Orojabo . . . Dizendo nós.  
10 Pejabo . . . . . Dizendo vós  
11 Ojabo . . . . . Dizendo elles.  
12 Verbaes.  
13 Ejara . . . . . O que diz, ou dizia.  
14 Iabi . . . . . O que se diz.  
15 Eçaba . . . . . O lugar em q(ue) sediz.  
16 No mais guarda, a conjugação geral, e seus  
17 Compostos em tudo o seguem  
18 [laçada ornamental]

73

41v



74

1 *Iore = vir*

2 *Modo Indicativo.*

3 *Prezente.*

4 S(ingular) *Ajore . . . . . Eu venho.*

5 *Erejore . . . . . Tu vens.*

6 *Our . . . . . Elle vem.*

7 Pl(ural) *Yajore, ou Orojore . . . Nós vímos*

8 *Pejore . . . . . Vós vindes.*

9 *Our . . . . . Elles vem.*

10 *Imperativo.*

11 S(ingular) *Iore, Ejore . . . . Vem tu.*

12 *Tour . . . . . Venha elle*

13 Pl(ural) *Tiajore . . . . . Venhamos nós.*

14 *Pejore . . . . . Vinde vós.*

15 *Tour . . . . . Venhaõ elles.*

16 *Optativo.*

17 S(ingular) *Ajore amó raã, ou Tomaramo ajore. Oxalá: [↓viera eu, ou viesse.]*

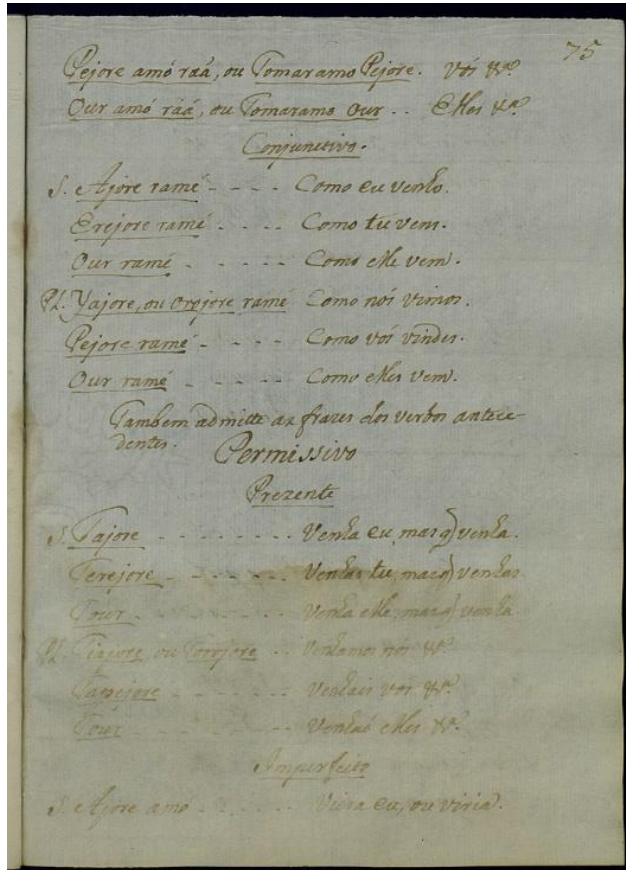
18 *Erejore amó raã, ou Tomaramo ajore. Tu (et caetera)*

19 *Our amó raã, ou Tomaramo Our . . . Elle (et caetera)*

20 Pl(ural) *Yajore, ou Orojore amó raã . . . . Nós (et caetera)*

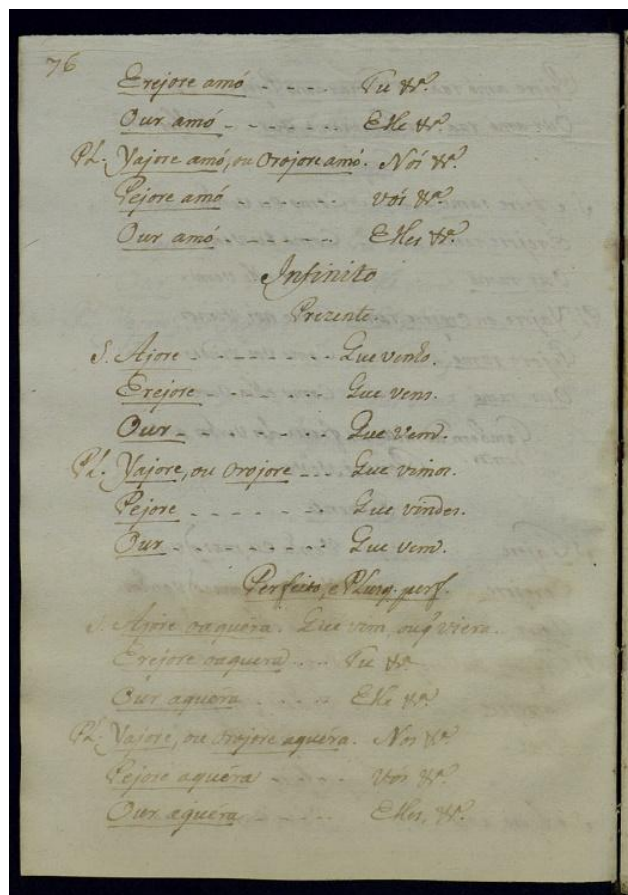
21

42r



- 1  
2 Pejore amó raã, ou Tomaramo Pejore . Vós (et caetera)  
3 Our amó raã, ou Tomaramo our . . Elles (et caetera)  
4 Conjunctivo.  
5 S(ingular) Ajore ramé . . . . Como eu venho.  
6 Erecore ramé . . . . Como tu vens.  
7 Our ramé . . . . . Como elle vem.  
8 Pl(ural) Yajore, ou Orojore ramé Como nós vimos.  
9 Pejore ramé . . . . Como vós vindes.  
10 Our ramé . . . . . Como elles vem.  
11 Tambem admite as frases dos verbos antece-  
12 dentes.  
13 Permissivo  
14 Prezente  
15 S(ingular) Tajore . . . . . Venha eu, mas q(ue) venha.  
16 Terecore . . . . . Venhas tu, masq(ue) venhas.  
17 Tour . . . . . Venha elle, masq(ue) venha.  
18 Pl(ural) Tiajore, ou Torojore . . Venhamos nós (et caetera)  
19 Tapejore . . . . . Venhais vós (et caetera)  
20 Tour . . . . . Venhaõ elles (et caetera)  
21 Imperfeito  
22 S(ingular) Ajore amó . . . . . Viera eu, ou viria.

75



1 Erejure amó . . . . Tu (et caetera)

2 Our amó . . . . . Elle (et caetera)

3 Pl(ural) Yajore amó, ou Orojore amó . Nós (et caetera)

4 Pejore amó . . . . . Vós (et caetera)

5 Our amó . . . . . Elles (et caetera)

6 Infinito

7 Presente.

8 S(ingular) Ajore . . . . . Que venho.

9 Erejure . . . . . Que vens.

10 Our . . . . . Que vem.

11 Pl(ural) Yajore, ou Orojore . . . Que vimos.

12 Pejore . . . . . Que vindes.

13 Our . . . . . Que vem.

14 Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)

15 S(ingular) Ajore oaquéra . Que vim, ouq(ue) viera.

16 Erejure oaquera . . . Tu (et caetera)

17 Our aquéra . . . . . Elle (et caetera)

18 Pl(ural) Yajore, ou Orojore aquéra . Nós (et caetera)

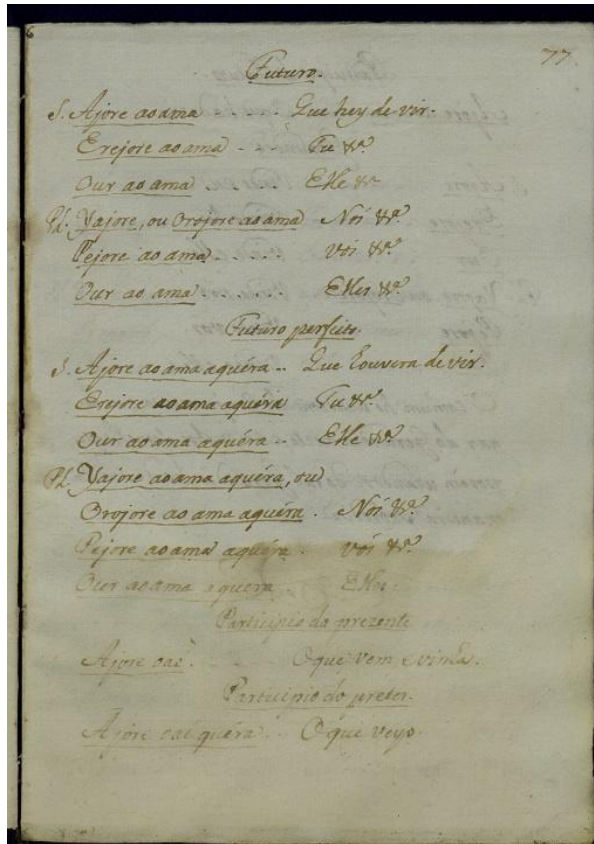
19 Pejore aquéra . . . . Vós (et caetera)

20 Our aquéra . . . . . Elles, (et caetera)

21

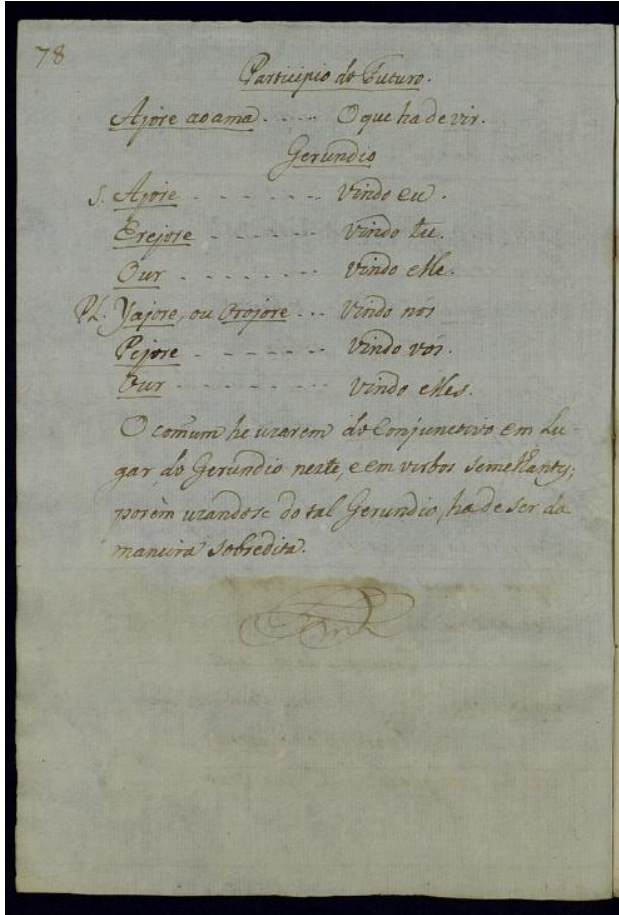


43r



- 1  
2  
3 Futuro  
4 S(ingular) Ajore ao ama . . . . . Que hey de vir.  
5 Erejure ao ama . . . Tu (et caetera)  
6 Our ao ama . . . . Elle (et caetera)  
7 Pl(ural) Yajore, ou Orojore ao ama Nós (et caetera)  
8 Pejore ao ama . . . . . Vós (et caetera)  
9 Our ao ama . . . . . Elles (et caetera)  
10 Futuro perfeito  
11 S(ingular) Ajore ao ama aquéra .. Que houvera devir.  
12 Erejure ao ama aquéra Tu (et caetera)  
13 Our ao ama aquéra .. Elle (et caetera)  
14 Pl(ural) Yajore ao ama aquéra, ou  
15 Orojore ao ama aquéra . Nós (et caetera)  
16 Pejore ao ama aquéra . Vós (et caetera)  
17 Our ao amo aquera . Elles.  
18 Participio do presente  
19 Ajore oaé . . . . . Oque vem, evinha.  
20 Participio do preter(ito)  
Ajore oaé aquéra . . . Oque veyo.

77



1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15

Participio do Futuro.

Ajore ao ama . . . . . O que hade vir.

Gerundio

S(ingular) Ajore . . . . . vindo eu.

Erejore . . . . . vindo tu.

Our . . . . . vindo elle.

Pl(ural) Yajore, ou Orojore . . . vindo nós

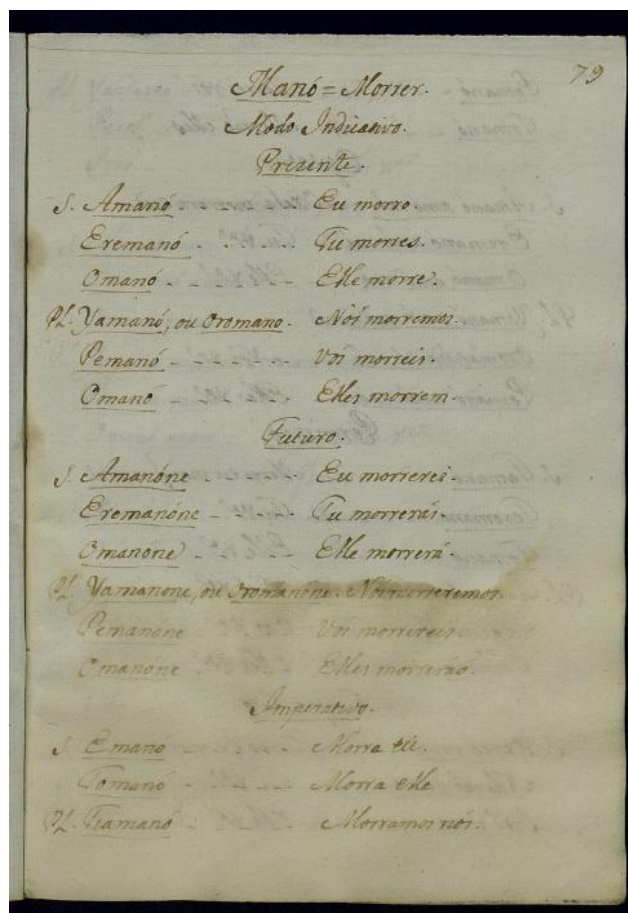
Pejore . . . . . vindo vós.

Our . . . . . vindo elles.

O comũ he uzarem do Conjunctivo em Lugar do Gerundio neste, eem verbos semelhantes; porẽm uzandose do tal Gerundio, hade ser da maneira sobredita.

[laçada ornamental]

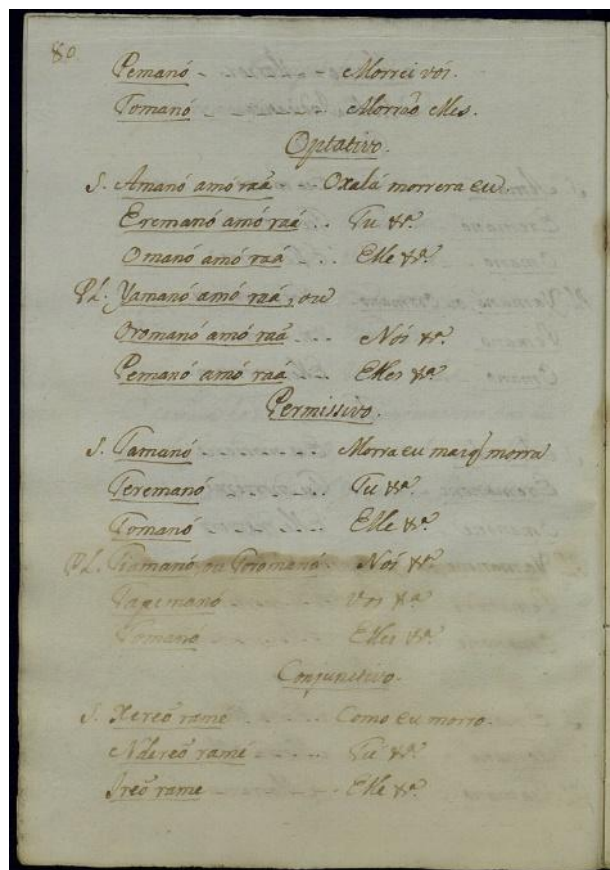
44r



79

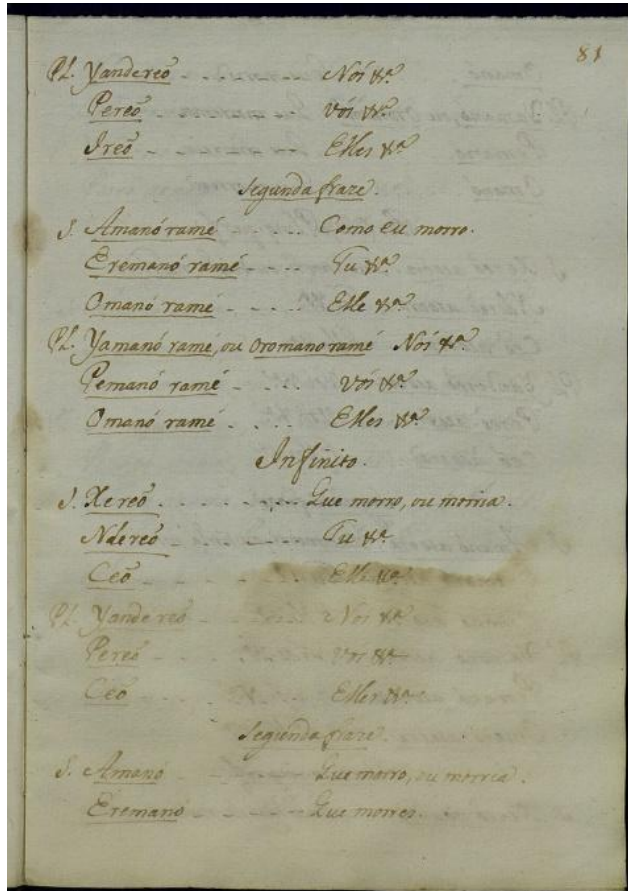
- 1
- 2 Manó = Morrer.
- 3 Modo Indicativo.
- 4 Presente.
- 5 S(ingular) Amanó . . . . . Eu morro.
- 6 Eremanó . . . . . Tu morres.
- 7 Omanó . . . . . Elle morre.
- 8 Pl(ural) Yamanó, ou Oromano . Nós morremos
- 9 Pemanó . . . . . Vós morreis.
- 10 Omanó . . . . . Elles morrem.
- 11 Futuro:
- 12 S(ingular) Amanóne . . . . . Eu morrerei.
- 13 Eremanóne . . . . . Tu morrerás.
- 14 Omanóne . . . . . Elle morrerá.
- 15 Pl(ural) Yamanone, Oromanóne. Nós morreremos.
- 16 Pemanóne . . . . . Vós morrereis
- 17 Omanóne . . . . . Elles morrerao
- 18 Imperativo.
- 19 S(ingular) Emano . . . . . Morra tu.
- 20 Tomanó . . . . . Morra elle
- 21 Pl(ural) Tiamanó . . . . . Morramos nós.





- 1  
2 Pemanó . . . . . Morrei vós.  
3 Tomanó . . . . . Morraõ elles.  
4 Optativo.  
5 S(ingular) Amamó amó raã . . . Oxalá morrera eu.  
6 Eremanó amó raã . . Tu (et caetera)  
7 Omanó amó raã . . . Elle (et caetera)  
8 Pl(ural) Yamanó amó raã, ou  
9 Oro manó amó raã . . . Nós (et caetera)  
10 Pemanó amó raã . . . Elles (et caetera)  
11 Permissivo.  
12 S(ingular) Tomanó . . . . . Morra eu masq(ue) morra  
13 Teremanó . . . . . Tu (et caetera)  
14 Tomanó . . . . . Elle (et caetera)  
15 Pl(ural) Tiamanó, ou Toromanó . Nós (et caetera)  
16 Tapemanó . . . . . Vós (et caetera)  
17 Tomanó . . . . . Elles (et caetera)  
18 Conjuntivo.  
19 S(ingular) Xereõ ramé . . . . . Como eu morro.  
20 Ndereõ ramé . . . . . Tu (et caetera)  
21 Ireõ rame . . . . . Elle (et caetera)

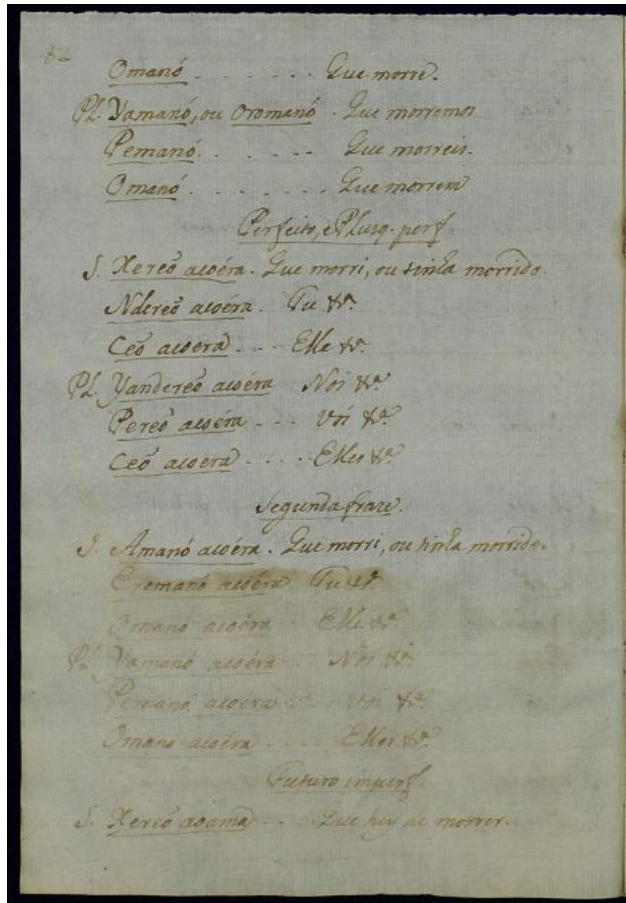
45r



- 1  
2 Pl(ural) Yandereō . . . . . Nós (et caetera)  
3 Pereō . . . . . Vós (et caetera)  
4 Ireō . . . . . Elles (et caetera)  
5 Segundafrase.  
6 S(ingular) Amanó ramé . . . . . Como eu morro.  
7 Eremanó ramé . . . . . Tu (et caetera)  
8 O manó ramé . . . . . Elle (et caetera)  
9 Pl(ural) Yamanó ramé, Oro mano ramé Nós (et caetera)  
10 Pemanó ramé . . . . . Vós (et caetera)  
11 O manó ramé . . . . . Elles (et caetera)  
12 Infinito.  
13 S(ingular) Xereō . . . . . Que morro, ou morria.  
14 Nde reō . . . . . Tu (et caetera)  
15 Ceō . . . . . Elle (et caetera)  
16 Pl(ural) Yande reō . . . . . Nós (et caetera)  
17 Pereō . . . . . Vós (et caetera)  
18 Ceō . . . . . Elles (et caetera)  
19 Segundafrase.  
20 S(ingular) Amanó . . . . . Que morro, ou morria.  
21 Eremanó . . . . . Que morres.

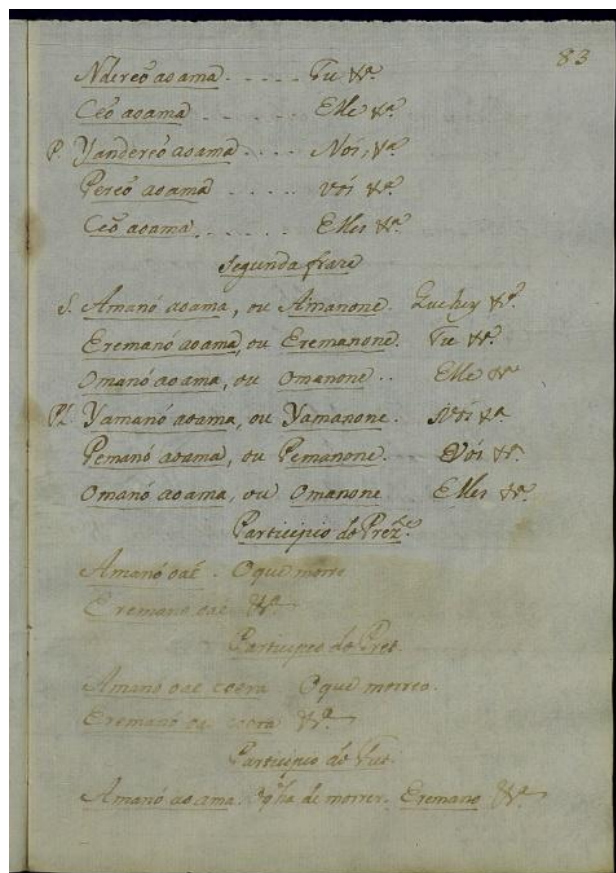
81

45v



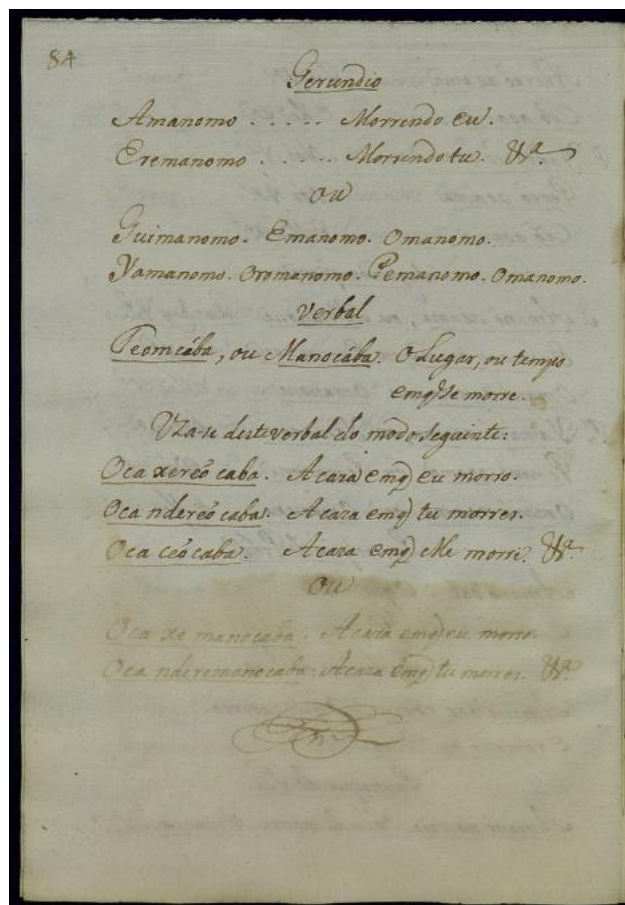
82

- 1 O manó . . . . . Que morre.
- 2
- 3 Pl(ural) Yamanó, ou Oromanó . Que morremos
- 4 Pemanó . . . . . Que morreis.
- 5 O manó . . . . . Que morrem
- 6 Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)
- 7 S(ingular) Xe reõ acoéra. Que morri, ou tinha morrido.
- 8 Ndereõ acoéra . Tu (et caetera)
- 9 Ceõ acoera . . . Elle (et caetera)
- 10 Pl(ural) Yandereõ acoéra Nós (et caetera)
- 11 Pereõ acoéra . . . Vós (et caetera)
- 12 Ceõ acoera . . . . . Elles (et caetera)
- 13 Segundafrase.
- 14 S(ingular) Amanó acoéra. Que morri, ou tinha morrido.
- 15 Eremanó acoéra. Tu et caetera
- 16 O manó acoéra Elle et caetera
- 17 Pl(ural) Yamanó acoéra . . Nós (et caetera)
- 18 Pemanó acoéra . . . Vós (et caetera)
- 19 O manó acoéra . . . . . Elles (et caetera)
- 20 Futuro imperf(eito)
- 21 S(ingular) Xereõ aoamã . . . . . Que hey de morrer.



- 1
- 2 Ndereõ ao ama . . . . Tu (et caetera)
- 3 Ceõ ao ama . . . . Elle (et caetera)
- 4 Pl(ural) Yandereõ ao ama . . . . Nós (et caetera)
- 5 Pereõ ao ama . . . . Vós (et caetera)
- 6 Ceõ ao ama . . . . Elles (et caetera)
- 7 Segundafrase
- 8 S(ingular) Amanó aoama, ou Amanone. Que hey (et caetera)
- 9 Eremanó ao ama, ou Eremanone. Tu (et caetera)
- 10 Omanó ao ama, ou Omanone .. Elle (et caetera)
- 11 Pl(ural) Yamanó aoama, ou Yamanone . . Vós (et caetera)
- 12 Pemanó aoama, ou Pemanone . . Vós (et caetera)
- 13 Omanó ao ama, ou Omanone . . Elles (et caetera)
- 14 Participio doPrez(en)te
- 15 Amanó oae . O que morre
- 16 Eremanó oae (et caetera)
- 17 Participio doPret(erito)
- 18 Amanó oae coéra O que morto.
- 19 Eremanó oa coera (et caetera)
- 20 Participio doFut(uro)
- 21 Amanó ao ama. Oq(u)e ha de morrer. Eremano (et caetera)

46v



84

Gerundio

Amanomo . . . . Morrendo eu.

Eremanomo . . . . Morrendo tu (et caetera)

ou

Guimanomo. Emanomo. Omanomo.

Yamanomo. Oromanomo. Pemanomo. Omanomo.

VerbalTeomcába, ou Manocába. O lugar, ou

emq(u)e morre.

Uza-se desteverbal do modo seguinte:

Oca xereõ caba. A caza emq(ue) eu morro.Oca ndereõ caba. A caza emq(ue) tu morres.Oca ceõ caba. A caza emq(ue) elle morre. (et caetera)

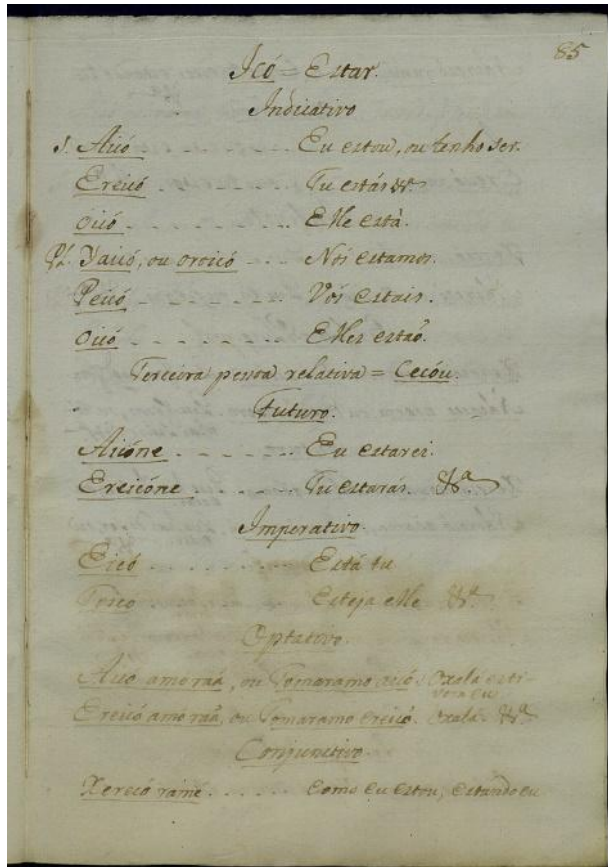
ou

Oca xe manocaba. A caza emq(ue) eu morro.Oca nderemanocaba. Acaza emq(ue) tu morres. (et caetera)

[laçada ornamental]



47r



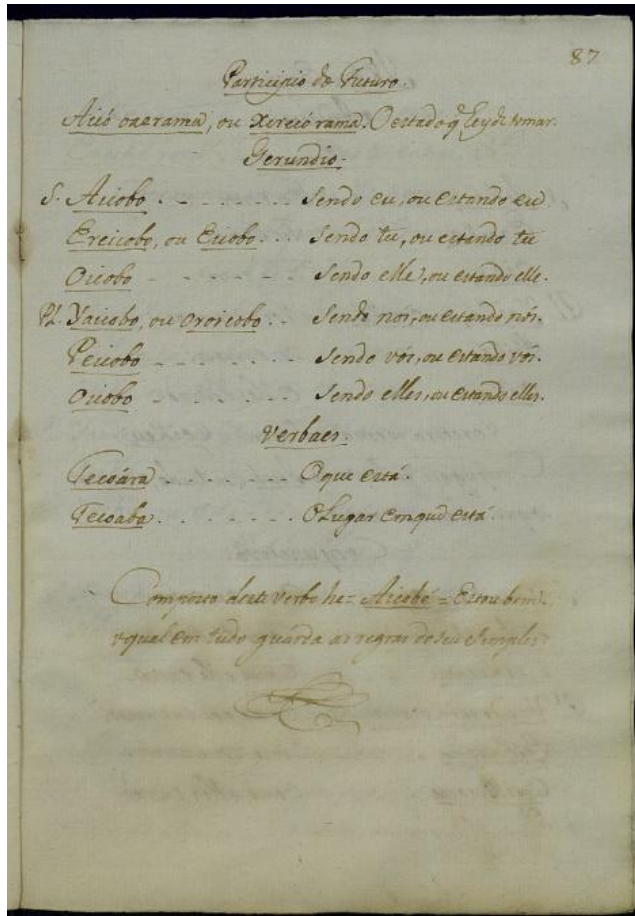
|    |                                                                          |
|----|--------------------------------------------------------------------------|
| 1  |                                                                          |
| 2  | <u>Icô</u> = Estar                                                       |
| 3  | Indicativo                                                               |
| 4  | S(ingular) <u>Aicô</u> . . . . . Eu estou, ou tenho ser.                 |
| 5  | <u>Ereicô</u> . . . . . Tu estás (et caetera)                            |
| 6  | <u>Oicô</u> . . . . . Elle está.                                         |
| 7  | Pl(ural) <u>Yaicô</u> , ou <u>oicô</u> . . . . . Nós estamos.            |
| 8  | <u>Peicô</u> , . . . . . Vós estais.                                     |
| 9  | <u>Oicô</u> . . . . . Elles estão                                        |
| 10 | Terceira pessoa relativa = <u>Cecôu</u> .                                |
| 11 | <u>Futuro</u> .                                                          |
| 12 | <u>Aicône</u> . . . . . Eu estarei.                                      |
| 13 | <u>Ereicône</u> . . . . . Tu estarás. (et caetera)                       |
| 14 | <u>Imperativo</u> .                                                      |
| 15 | <u>Eicô</u> . . . . . Está tu                                            |
| 16 | <u>Toicô</u> . . . . . Esteja elle (et caetera)                          |
| 17 | <u>Optativo</u> .                                                        |
| 18 | <u>Aicô amô raá</u> , ou <u>Tomaramo aicô</u> , Oxalá esti- [↓ vera eu.] |
| 19 | <u>Ereicô amô raã</u> , ou <u>Tomaramo ereicô</u> . Oxalá. (et caetera)  |
| 20 | <u>Conjuntivo</u> .                                                      |
| 21 | <u>Xerecô ramé</u> . . . . . Como eu estou, estando eu.                  |

85





48r



1

2

3 Participio do Futuro.

4 Aicó oacarama, ou xerecó rama. O estado q(u)e hey de tomar.

5 Gerundio.

6 S(ingular) Aicobo . . . . . Sendo eu, ou estando eu

7 Ereicobo, ou Eriobo . . . Sendo tu, ou estando tu

8 Oicobo . . . . . Sendo elle, ou estando elle.

9 Pl(ural) Yaicobo, ou Oroicobo . . Sendo nós, ou estando nós.

10 Peicobo . . . . . Sendo vós, ou estando vós.

11 Oriobo . . . . . Sendo elles, ou estando elles.

12 Verbaes.

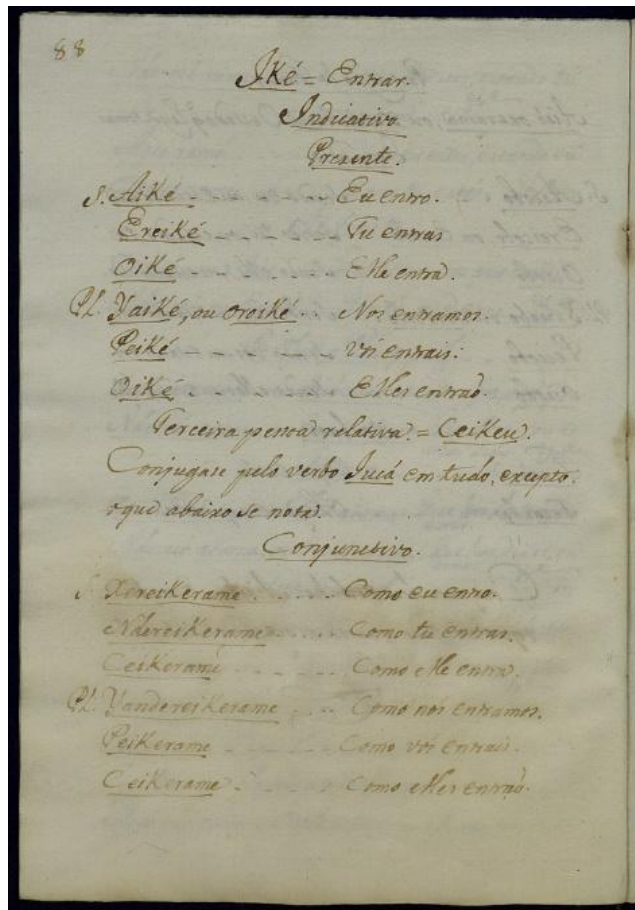
13 Tecóara . . . . . O que está.

14 Tecoaba . . . . . O lugar em que está.

15

16 Composto deste verbo he= Aicobé = Estou bem.  
 equal em tudo guarda as regras doseu Simples.

17 [laçada ornamental]



Iké = Entrar.

Indicativo

Presente.

S(ingular) Aiké . . . . . Eu entro.

Ereiké . . . . . Tu entras

Oiké . . . . . Elle entra.

Pl(ural) Yaike, ou oioiké . . . . . Nós entramos.

Peiké . . . . . Vós entraís.

Oiké . . . . . Elles entraõ

Terceira pessoa relativa. = Ceikeu.

Conjugase pelo verbo Iucá em tudo, excepto o que abaixo se nota.

Conjunctivo.

S(ingular) Xereikerame . . . . . Como eu entro.

Ndereikrame . . . . . Como tu entras.

Ceikeramè . . . . . Como elle entra.

Pl(ural) Yandereikerame . . . . . Como nós entramos.

Peikerame . . . . . Como vós entraís.

Ceikerame . . . . . Como elles entraõ.

49r

89

*Segunda fraze.*

*Aiké ramé . . . . . Como eu entro.*

*Ereiké ramé . . . . . Como tu entras. H.*

*Conjunctivo absoluto = Teikereme.*

*Relativo = Ceikereme*

*Infinito.*

*S (ingular) Xerei ke, ou Aiké. Que entro.*

*Ndereiké, ou Ereiké. Que entras.*

*Ceiké, ou Oiké . . . Que entra.*

*Pl (ural) Yandereike, ou Yaiké. Que entramos.*

*Peiké . . . . . Que entraís.*

*Ceiké, ou Oiké . . . . . Que entraõ.*

*Perfeito, e Plusq. perf.*

*S (ingular) Xerei ké acoéra, ou Aiké acoéra. Que entrei, ouq(ue) [↓entrara.]*

*Ndereike acoéra, ou eike acoéra. Que entraste, ou [↓q(ue) entraras (et caetera)]*

*Futuro.*

*Xerei ké rama, ou Xerei ké aoama. Que hey de [↓entrar.]*

*Ndereike rama, ou Nderei ké aoama. Que has de [↓entrar. (et caetera)]*

*Futuro perfeito.*

*Xerei ké angóera . . . . . Que houvera de entrar.*

1

2 *Segunda fraze.*

3 *Aiké ramé . . . . . Como eu entro.*

4 *Ereiké ramé . . . . . Como tu entras. (et caetera)*

5 *Conjunctivo absoluto = Teikereme.*

6 *Relativo = Ceikereme*

7 *Infinito.*

8 *S (ingular) Xerei ke, ou Aiké. Que entro.*

9 *Ndereiké, ou Ereiké. Que entras.*

10 *Ceiké, ou Oiké . . . Que entra.*

11 *Pl (ural) Yandereike, ou Yaiké. Que entramos.*

12 *Peiké . . . . . Que entraís.*

13 *Ceiké, ou Oiké . . . . . Que entraõ.*

14 *Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito).*

15 *S (ingular) Xerei ké acoéra, ou Aiké acoéra. Que entrei, ouq(ue) [↓entrara.]*

16 *Ndereike acoéra, ou eike acoéra. Que entraste, ou [↓q(ue) entraras (et caetera)]*

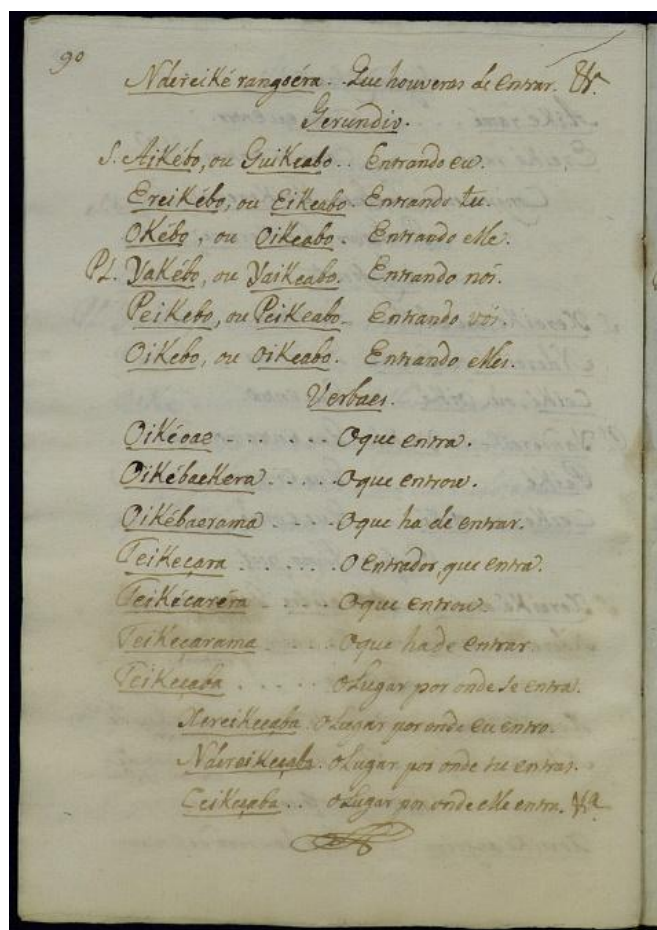
17 *Futuro.*

18 *Xerei ké rama, ou Xerei ké aoama . Que hey de [↓entrar.]*

19 *Ndereike rama, ou Nderei ké aoama. Que has de [↓entrar. (et caetera)]*

20 *Futuro perfeito.*

*Xerei ké angóera . . . . . Que houvera de entrar.*



Ndereiké rangoéra . . Que houveras de entrar. (et caetera)

Gerundio.

S(ingular) Aikébo, ou Guikeabo . . Entrando eu.

Ereikébo, ou Eikeabo . Entrando tu.

Okébo, ou Oikeabo . Entrando elle.

Pl(ural) Yakébo, ou Yaikéano. Entrando nós.

Peikebo, ou Peikeabo. Entrando vós.

Oikebo, ou Oikeabo. Entrando elles.

Verbaes.

Oikéaoe . . . . . Oque entra.

Oikébaekera . . . . . Oque entrou.

Oikébaerama . . . . . Oque ha de entrar.

Teikeçara . . . . . O entrador, que entra.

Teikécaréra . . . . . Oque entrou.

Teikeçarama . . . . . Oque hade entrar.

Teikeçaba . . . . . oLugar por onde se entra.

Xereikeçaba . oLugar por onde eu entro.

Ndereikeçaba . oLugar por onde tu entra.

Ceikeçaba . . . oLugar por onde elle entra. (et caetera)

[laçada ornamental]



91

Ityc = Derrubar.

Indicativo.

S. Aityc . . . . . Eu derrubo.  
Ereityc . . . . . Tu derrubas.  
Oityc . . . . . Elle derruba.  
Pl. Yaityc, ou Oroityc . . . Nós derrubamos.  
Peityc . . . . . Vós derrubais.  
Oityc . . . . . Elles derrubaõ.

Conjuga-se em tudo pelo verbo Iucá, excepto oque abaixo se nota.

Conjunctivo.

Como este verbo he activo, nunca commumente se conjuga sem o seu accusativo: e para me explicar melhor, oponho em praxe com pronomes, que pelos artigos, fica já conjugado no Indicativo, etambem aqui no Conjunctivo

Por artigos.

Aityc rame, ou Aityc mé. Como eu derrubo  
Ereityc ramé, ou Ereityc mé. Como tu derrubas.

1 Ityc = Derrubar.

2 Indicativo.

3 S(ingular) Aityc . . . . . Eu derrubo.

4 Ereityc . . . . . Tu derrubas.

5 Oityc . . . . . Elle derruba.

6 Pl(ural) Yaityc, ou Oroityc . . Nós derrubamos.

7 Peityc . . . . . Vós derrubais.

8 Oityc . . . . . Elles derrubaõ.

9 Conjuga-se em tudo pelo verbo Iucá excepto oque abaixo se nota.

10

11 Conjunctivo.

12 Como este verbo hé activo, nunca commumente

13 se conjuga sem o seu accusativo: e para me explicar

14 melhor, oponho em praxe com pronomes, que pelos

15 artigos, fica já conjugado no Indicativo, etambem aqui

16 no Conjunctivo

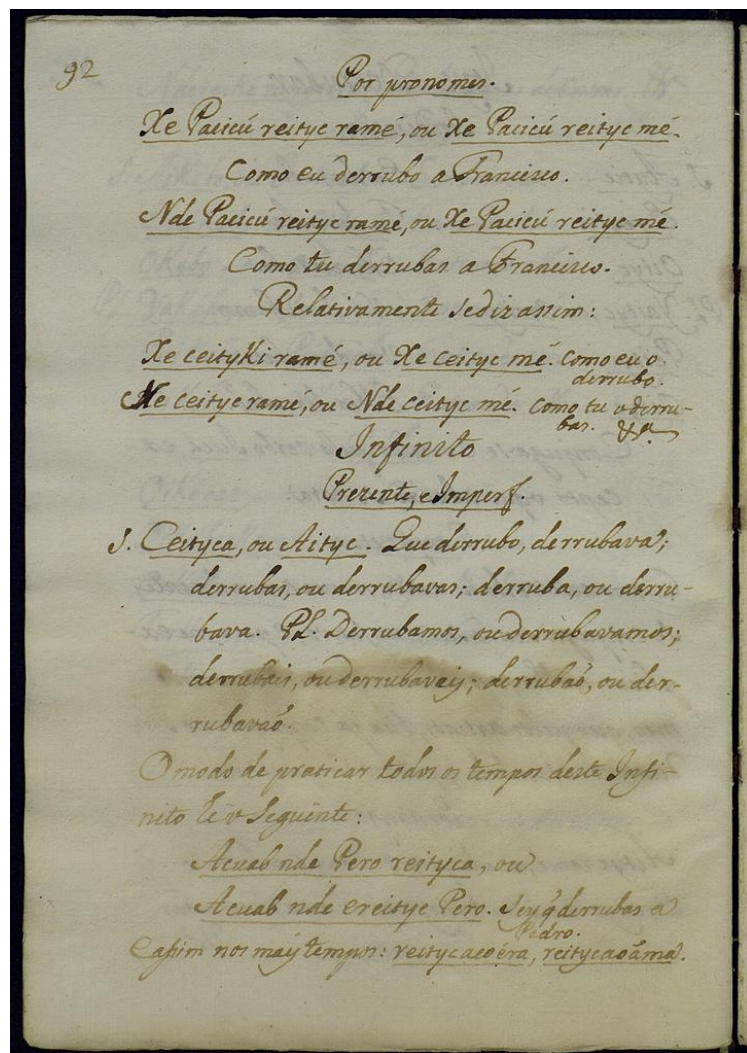
17 Por artigos.

18 Aityc rame, ou Aityc mé. Como eu derrubo

19 Ereityc ramé, ou Ereityc mé. Como tu derrubas.

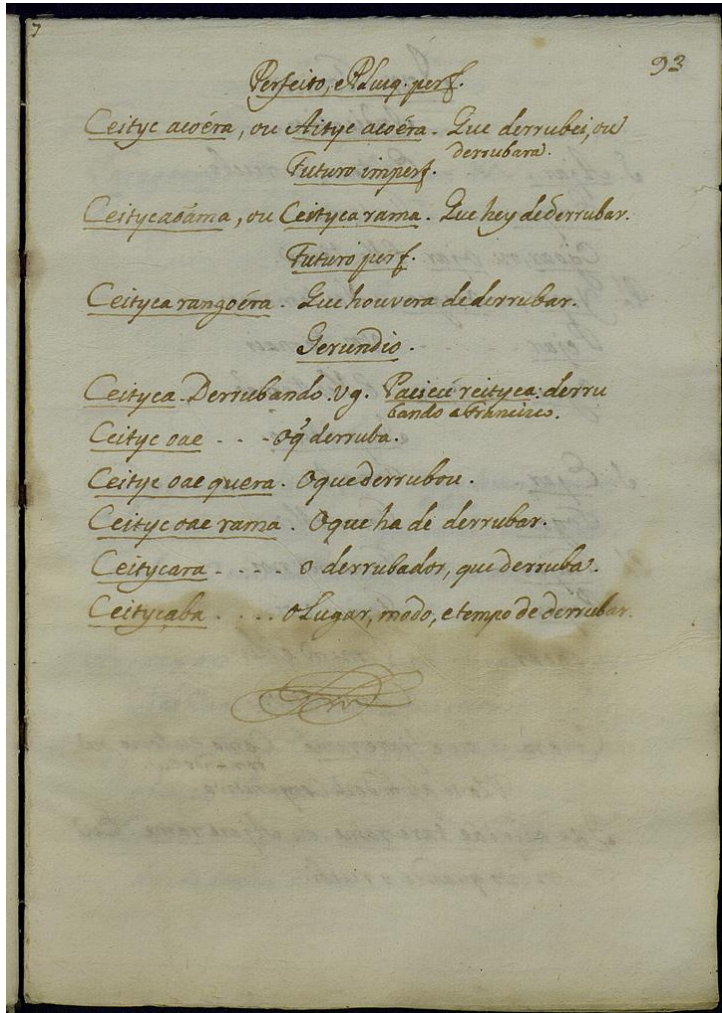
20 (et caetera)

91



- 1 92 Por pronomes.
- 2 Xe Paicú reityc ramé, ou Xe Paicú reityc mé.
- 3 Como eu derrubo a Francisco.
- 4 Nde Paicú reityc ramé, ou Xe Paicú reityc mé.
- 5 Como tu derrubas a Francisco.
- 6 Relativamente sediz assim:
- 7 Xe ceityki ramé, ou Xe ceityc mé. como eu o [↓ derrubo]
- 8 Ne ceityc ramé, ou Nde ceityc mé. como tu oderru-[↓ bas (et caetera)]
- 9 Infinito
- 10 Prezente, e Imperf(eito).
- 11 S(ingular) Ceityca, ou Aityc. Que derrubo, derrubava;
- 12 derrubas, ou derrubavas; derruba, ou derru-
- 13 bava. Pl(ural) Derrubamos, ou derrubavamos;
- 14 derrubais; ou derrubaveis; derrubaõ, ou der-
- 15 rubavaõ.
- 16 O modo de praticar todos os tempos deste Inf-
- 17 nito he o seguinte:
- 18 Acuab nde Pero reityca, ou
- 19 Acuab nde ereityc Pero. Sey q(ue) derrubas a [↓ Pedro.]
- 20 E assim nos mais tempos: reitycaeo éra, reitycaoãma.

51r



1

7

93

2

Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)

3

Ceityc acoéra, ou Aityc acoéra. Que derrubei, ou [↓ derrubara]

4

Futuro imperf(eito)

5

Ceitycaõama, ou Ceityca rama. Que hey dederrubar.

6

Futuro perf(eito)

7

Ceityca rangoéra. Que houvera dederrubar.

8

Gerundio.

9

Ceityca, Derrubando. v(erbi) g(ratia). Pais ecé reityca: derru [↓ bando a Francisco.]

10

Ceityc oae . . . Oq(ue)derruba.

11

Ceityc oae quera. Oque derrubou.

12

Ceityc oae rama. Oque ha de derrubar.

13

Ceitycara . . . o derrubador, que derruba.

14

Ceitycaba . . . oLugar, modo e tempo de derrubar.

15

[laçada ornamental]



51v

94

Iar = Tomar.  
Indicativo.  
S. Ajar . . . . . Eutomo, ou recebo.  
Erejar . . . . . Tutomas.  
Ogöar, ou Ojar. Elle toma.  
Pl. Yajar, ou Orogoar. Nos tomamos  
Pejar . . . . . Vós tomais  
Ogoar, ou Ojar. Elles tomaõ.  
Imperativo.  
S. Ejar . . . . . Toma tu  
Togoar . . . . . Tome elle  
Pl. Tiajar . . . . . Tomemos nós.  
Pejar . . . . . Tomai vós  
Togoar . . . . . Tomem elles.  
Conjunctivo.  
Tare ramé, ou Ajare ramé. Como eu tomo, ou  
tomando eu.  
Vza-se assim deste Conjunctivo.  
Ixe acipiãe tare rame, ou Ajare ramé. Eu  
vi isto quando o recebi.

1

94

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Iar= Tomar.

Indicativo.

S(ingular) Ajar . . . . . Eutomo, ou recebo.

Erejar . . . . . Tutomas.

Ogöar, ou Ojar. Elle toma.

Pl(ural) Yajar, ou Orogoar. Nos tomamos

Pejar . . . . . Vós tomais

Ogoar, ou Ojar. Elles tomaõ.

Imperativo.

S(ingular) Ejar . . . . . Toma tu

Togoar . . . . . Tome elle

Pl(ural) Tiajar . . . . . Tomemos nós.

Pejar . . . . . Tomai vós

Togoar . . . . . Tomem elles.

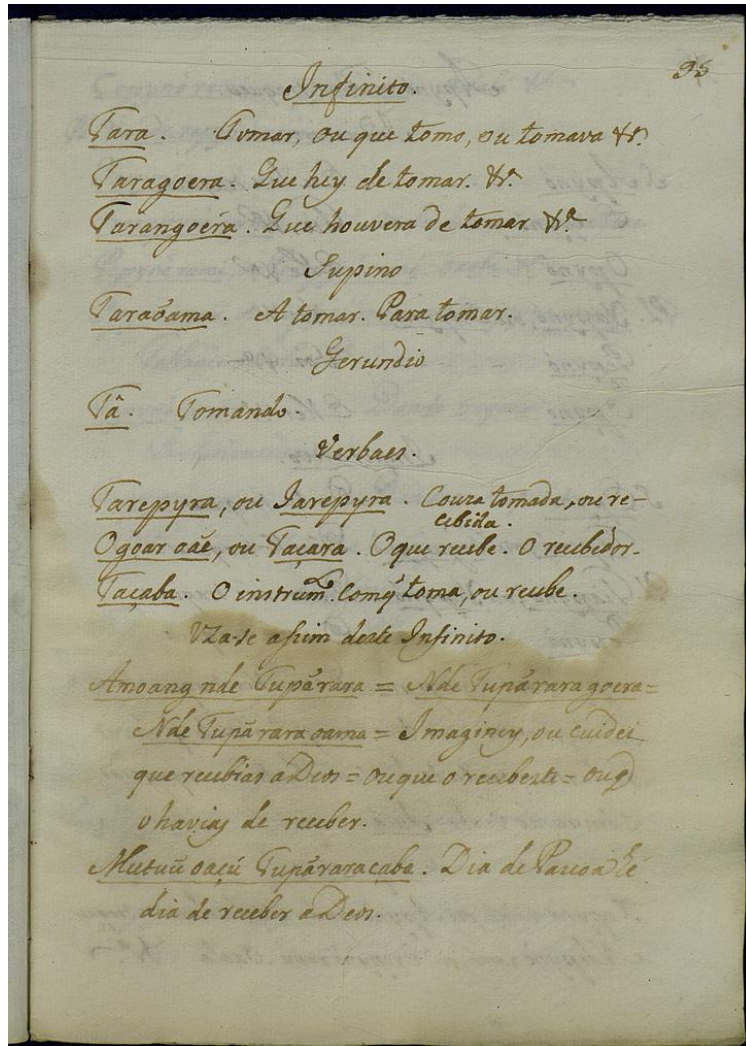
Conjunctivo.

Tare ramé, ou Ajare ramé. Como eu tomo, ou [↓ tomando eu.]

Vza-se assim deste Conjunctivo.

Ixe acipiãe tare rame, ou Ajare ramé. Eu

vi isto quando o recebi.



Infinito.

Tara. Tomar, ou que tomo, ou tomava (et caetera)

Taragoera. Que hey de tomar. (et caetera)

Tarangoera. Que houvera de tomar (et caetera)

Supino

Taraõama. A tomar. Para tomar.

Gerundio

Tâ. Tomando.

Verbaes.

Tarepyra, ou Iarepyra. Couza tomada, ou re-[↓ cebida].

Ogoar oãe, ou Taçara. O que recebe. O recebedor.

Taçaba. O instrum(ento) comq(ue) toma, ou recebe.

Vza-se assim deste Infinito.

Amoang nde Tupārara = Nde Tupārara goera =

Nde Tupārara oama = Imaginey, ou cuidei

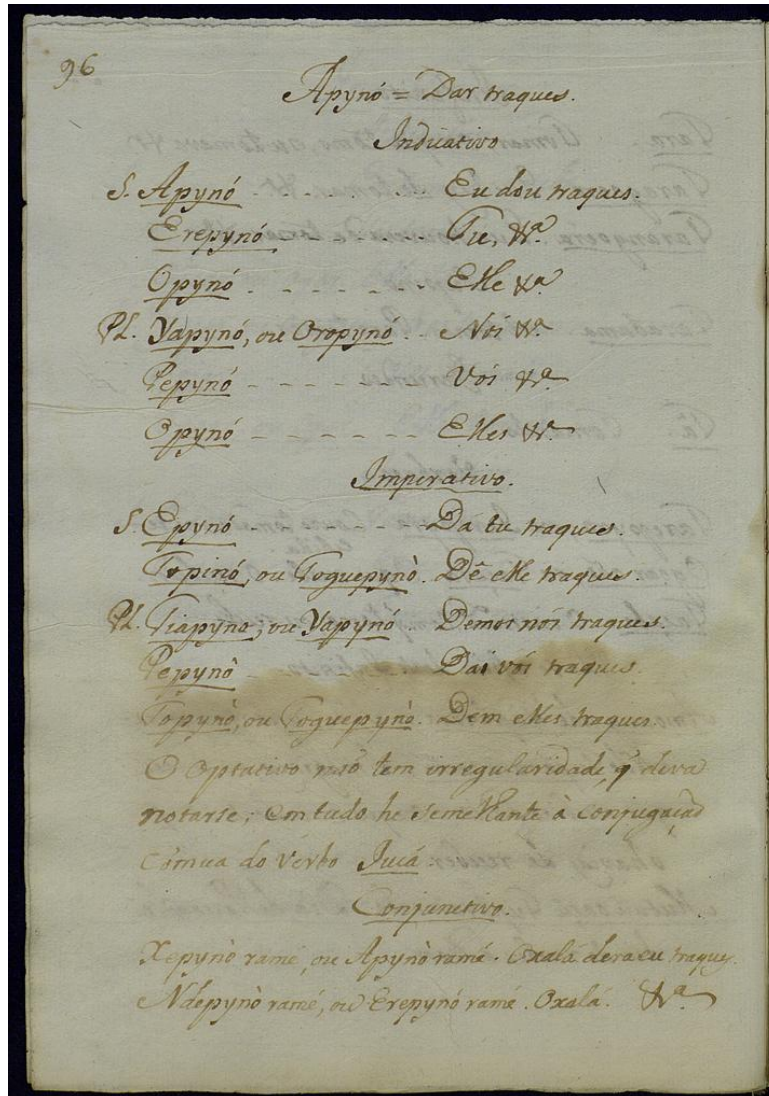
que recibias aDeos = ou que o recebeste = ouq(ue)

o havias de receber.

Mutuũ oacũ Tupāraraçaba. Dia de Pascoa hé

dia de receber aDeos.

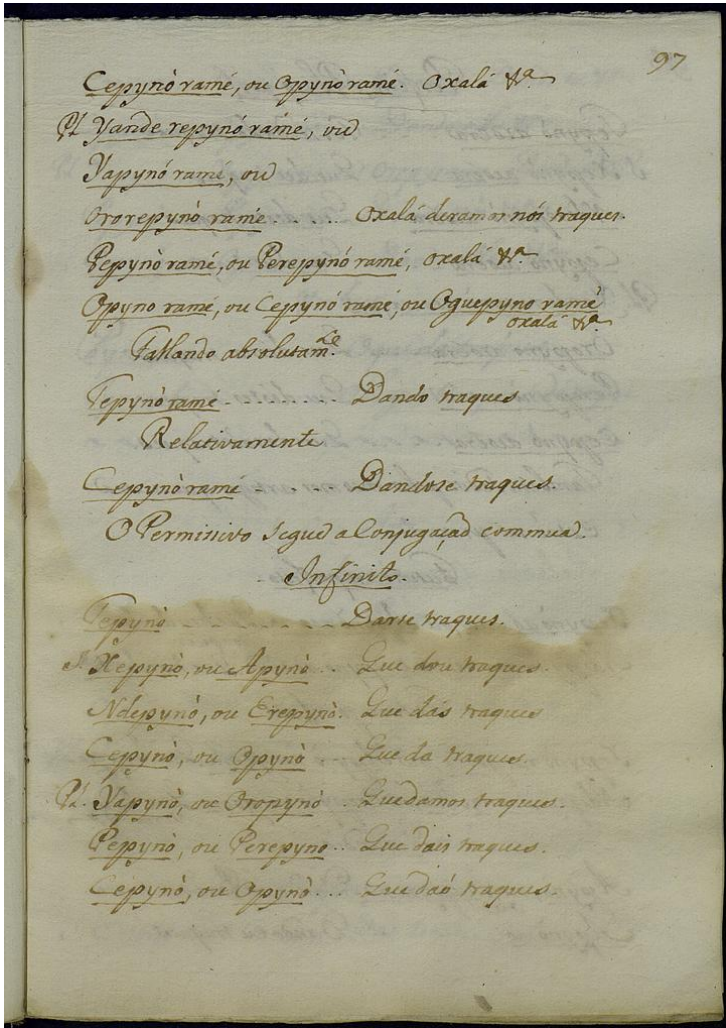
52v



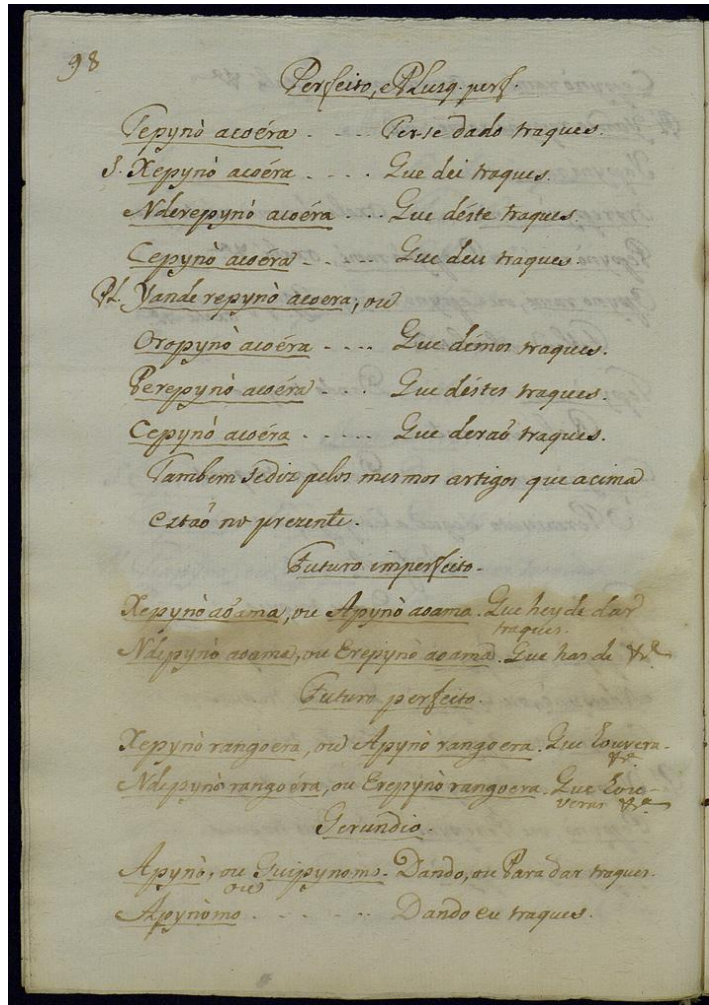
1 96

- 2 Apynó= Dar traques.
- 3 Indicativo
- 4 S(ingular) *Apynó* . . . . . Eu dou traques.
- 5 *Erepynó* . . . . . Tu, (et caetera)
- 6 *Opynó* . . . . . Elle (et caetera)
- 7 Pl(ural) *Yapynó, ou Oropynó* . . Nós (et caetera)
- 8 *Pepynó* . . . . . Vós (et caetera)
- 9 *Opynó* . . . . . Elles (et caetera)
- 10 *Imperativo.*
- 11 S(ingular) *Opynó* . . . . . Da tu traques.
- 12 *Topinó, ou Toguepynó* . Dê elle traques.
- 13 Pl(ural) *Tiapynó, ou Yapynó* . Demos nós traques.
- 14 *Pepynó* . . . . . Dai vós traques.
- 15 *Tapynó, ou Toguepynó* . Dem elles traques
- 16 O Optativo não tem irregularidade, q(ue) deva
- 17 notarse; em tudo he semelhante à conjugação
- 18 cômua do verbo *Lucá*
- 19 *Coniunctivo.*
- 20 Xepynó ramé, ou Apynó ramé. Oxalá dera eu traques.
- 21 Ndepynó ramé, ou Erepynó ramé. Oxalá. (et caetera)



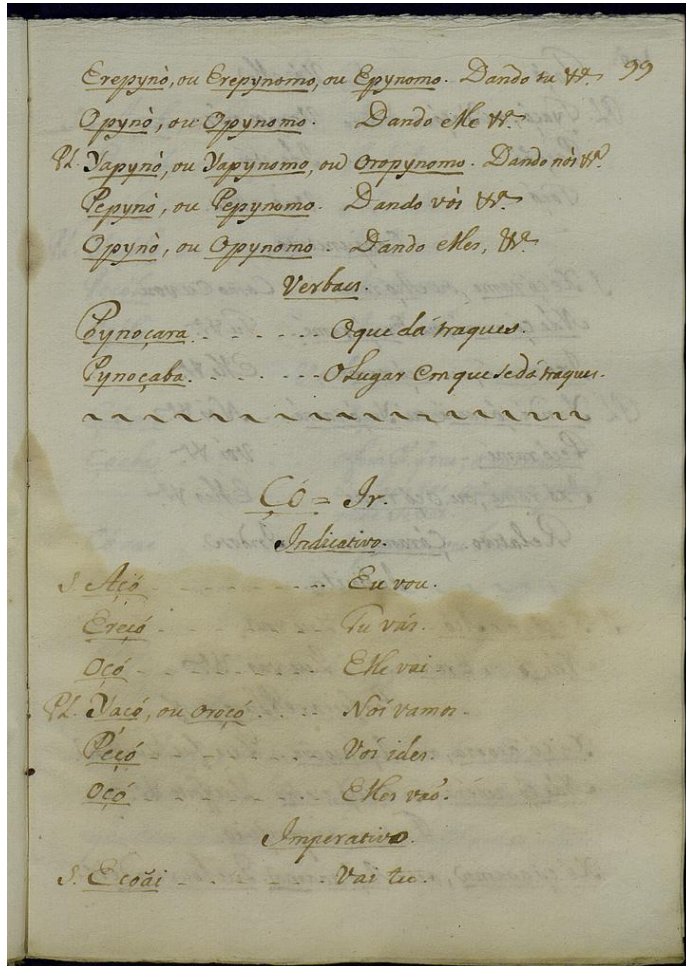


- 1 *Cepynò ramé, ou Opynò ramé. Oxalá (et caetera)*
- 2
- 3 *Pl(ural) Yande repynò ramé, ou*
- 4 *Yapynò ramé, ou*
- 5 *Ororepynò ramé. . . . Oxalá deramos nós traques.*
- 6 *Pepynò ramé, ou Perepynò ramé, oxalá (et caetera)*
- 7 *Opyno ramé, ou Cepynò ramé, ou Oguepyno ramé. [↓ oxalá (et caetera)]*
- 8 *Fallando absolutam(en)te*
- 9 *Tepynò ramé. . . . . Dando traques*
- 10 *Relativamente*
- 11 *Cepynò ramé. . . . Dandose traques.*
- 12 *O Permissivo segue aConjugação commua.*
- 13 *Infinito.*
- 14 *Tepynò. . . . . Darse traques.*
- 15 *S(ingular) Xepynò, ou Apynò. . Que dou traques.*
- 16 *Ndepynò, ou Erepynò. Que dás traques*
- 17 *Cepynò, ou Opynò. . . Que dá traques*
- 18 *Pl(ural) Yapynò, ou Oropynò. Quedamos traques.*
- 19 *Pepynò, ou Perepyno. . Que dais traques.*
- 20 *Cepynò, ou Opynò. . . Que daó traques.*



- 1
- 2 *Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)*
- 3 *Tepynò acoéra* . . . Ter-se dado traques.
- 4 S(ingular) *Xepynò acoéra* . . . Que dei traques.
- 5 *Nderepynò acoéra* . . . Que deste traques.
- 6 *Cepynò acoéra* . . . Que deu traques.
- 7 Pl(ural) *Yande repynò acoera, ou*
- 8 *Oropynò acoéra* . . . Que démos traques.
- 9 *Perepynò acoéra* . . . Que déstes traques.
- 10 *Cepynò acoéra* . . . Que deraõ traques.
- 11 Tambem sediz pelos mesmos artigos que acima
- 12 eztaõ no presente.
- 13 *Futuro imperfecto.*
- 14 *Xepynò aõ ama, ou Apynò aoama.* Que hey de dar [↓ traques.]
- 15 *Ndepynò aoama, ou Erepynò aoama.* Que has de (et caetera)
- 16 *Futuro perfeito*
- 17 *Xepynò rangoera, ou Apynò rangoera.* Que houvera- [↓ (et caetera)]
- 18 *Ndepynò rangoéra, ou Erepynò rangoera.* Que hou-[↓ veras (et caetera)]
- 19 *Gerundio.*
- 20 *Apynò, ou Guipynomo.* Dano, ou Para dar traques.
- 21 *Apynòmo* [↑ ou] . . . Dando eu traques.

54r



1 99

2 Erepynò, ou Erepynomo, ou Epyynomo. Dando tu (et caetera)3 Opynò, ou Opynomo. Dando elle (et caetera)4 Pl(ural) Yapynò, ou Yapynomo, ou Oropynomo. Dando nós (et caetera)5 Pepynò, ou Pepynomo. Dando vós (et caetera)6 Opynò, ou Opynomo. Dando elles, (et caetera)7 Verbaes.8 Pynoçara . . . . . Oque dá traques.9 Pynoçaba. . . . . . OLugar em que se dá traques.

10 ~~~~~

11 Ço = Ir.12 Indicativo.13 S(ingular) Açô . . . . . Eu vou.14 Ereçô . . . . . Tu vás.15 Oçô . . . . . Elle vai16 Pl(ural) Yaçô, ou oroçô . . . . . Nós vamos.17 Pecô . . . . . Vós ides.18 Oçô . . . . . Elles vão19 Imperativo.20 S(ingular) Ecoãi . . . . . vai tu.



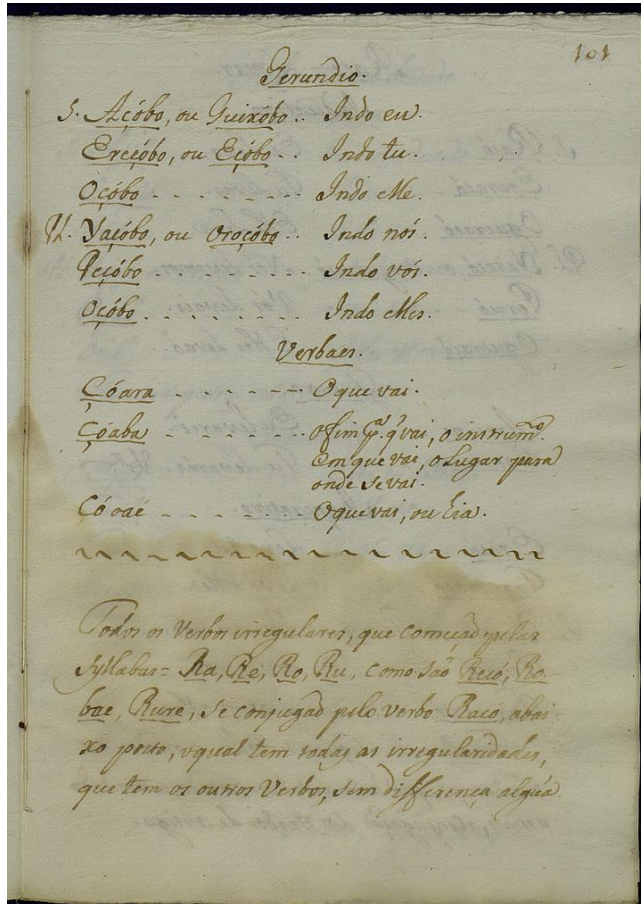
54v

100 Toçó . . . . . Vá elle.  
 Pl. Tyaçó, ou Yaçó . . . . . Vamos nós.  
 Peçoãi . . . . . Ide vós.  
 Toçó . . . . . Vão elles.  
Conjunctivo.  
 S. Xé có rame, ou Açó rame . . . Como eu vou.  
 Nde có rame, ou Ereçó rame . . . Tu vrs.  
 Ixó rame, ou Oçó rame . . . Elle vrs.  
 Pl. Yandé có rame, ou Yaió rame . . . Nós vrs.  
 Peço rame . . . . . Vós vrs.  
 Ixó rame, ou Oçó rame . . . Elles vrs.  
Relativo. Córame . . . Indose.  
Infinito.  
 S. Xecó, ou Açó . . . . . Que vou.  
 Nde có, ou Ereçó . . . . . Que vás (et caetera)  
Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)  
 Xe có acoéra, ou Açó acoéra . . . Que fui. Que fora.  
 Nde có acoéra, ou Ereçó acoéra . . . Que foste (et caetera)  
Futuro imperfeito.  
 Xé có aoama, ou Açó aoama . . . Que houverade ir.

1 100

2 Toçó . . . . . Vá elle.  
 3 Pl(ural) Tyaçó, ou Yaçó . . . . . Vamos nós.  
 4 Peçoãi . . . . . Ide vós.  
 5 Toçó . . . . . Vão elles.  
 6 Conjunctivo.  
 7 S(ingular) Xecó rame, ou Açó rame . . . Como eu vou.  
 8 Nde có rame, ou Ereçó rame . . . Tu (et caetera)  
 9 Ixó rame, ou Oçó rame . . . Elle (et caetera)  
 10 Pl(ural) Yandé có rame, ou Yaió rame . . . Nós (et caetera)  
 11 Peço rame . . . . . Vós (et caetera)  
 12 Ixó rame, ou Oçó rame . . . Elles e(et caetera)  
 13 Relativo. Córame . . . Indose.  
 14 Infinito.  
 15 S(ingular) Xecó, ou Açó . . . . . Que vou.  
 16 Nde có, ou Ereçó . . . . . Que vás(et caetera)  
 17 Perfeito, e Plusq(uam) perf(eito)  
 18 Xe có acoéra, ou Açó acoéra. Que fui. Que fora.  
 19 Nde có acoéra, ou Ereçó acoéra. Que foste (et caetera)  
 20 Futuro imperfeito.  
 21 Xé có aoama, ou Açó aoama. Que houverade ir.





*Gerundio.*

S(ingular) Açóbo, ou Guixóbo .. Indo eu.  
Ereçóbo, ou Eçóbo .. Indo tu.  
Oçóbo .. Indo elle.  
Pl(ural) Yaçóbo, ou Oroçóbo .. Indo nós.  
Peçóbo .. Indo vós.  
Oçóbo .. Indo elles.

Verbaes.

Córa .. O que vai.  
Cáaba .. ofim p(ar)a q(ue) vai, o instrum(ento)  
em que vai, o lugar para  
onde se vai.  
Có oáé .. O que vai, ou hia.

~~~~~

Todos os verbos irregulares, que começaõ pelas
syllabas = Ra, Re, Ro, Ru, como são Recó, Ro-
bae, Rure, se conjugão pelo verbo Raco, abai-
xo posto, oqual tem todas as irregularidades,
que tem os outros verbos, sem differença algũa

55v

102

Racó = Levar.

Indicativo

S. Racó Eu Levo.
Ereracó Tu Levas.
Ogueracó Elle Leva.
Pl. Yaracó, ou Orogueracó . Nós Levamos.
Peracó Vós Levais.
Ogueracó Elles Levaõ.

Futuro

Aracóne Eulevarei.
Ereracóne Tu Levarás. &c.

Imperativo

Erecó Leva tu.
Togueracó Leve elle.
Pl. Yaracó, ou Tiaracó . . Levemos nós.
Peracó Levai vós.
Togueracó Levem elles.

Finalmente segue em todos os modos as mudanças, que acima se tem notado, e em tudo o mais, a conjugação dos verbos de artigo.

102

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

Racó = Levar.

Indicativo

S(ingular) Racó Eu Levo.
Ereracó Tu Levas.
Ogueracó Elle Leva.
Pl(ural) Yaracó, ou Orogueracó. Nós Levamos.
Peracó Vós Levais.
Ogueracó Elles Levaõ

Futuro

Aracóne Eulevarei.
Ereracóne Tu Levarás. (et caetera)

Imperativo

Erecó Leva tu.
Togueracó Leve elle.
Pl(ural) Yaracó, ou Tiaracó . . Levemos nós.
Peracó Levai vós.
Togueracó Levem elles.

Finalmente segue em todos os modos as mudanças, que acima se tem notado, e em tudo o mais, a conjugação dos verbos de artigo.

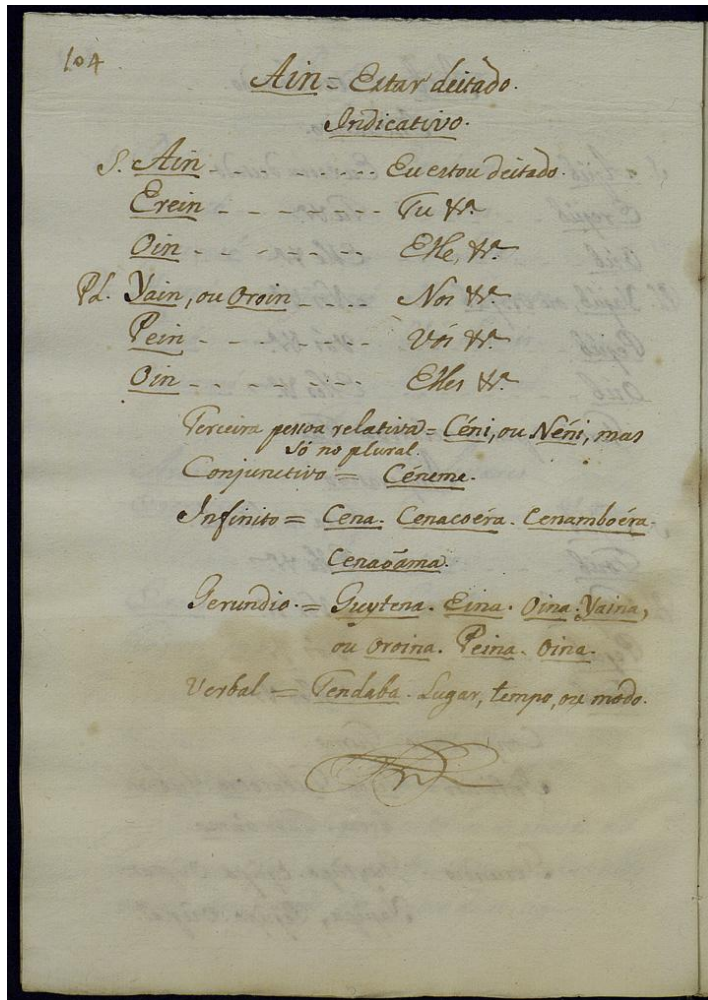
56r

<u>Iub</u> = Estar deitado. 103	
<u>Indicativo.</u>	
S. <u>Ajúb</u> - - - - -	Eu estou deitado.
<u>Erejúb</u> - - - - -	Tu <u>HA</u> .
<u>Oúb</u> - - - - -	Ele <u>HA</u> .
Pl. <u>Yajúb</u> , ou <u>Orojúb</u> - - - - -	Nós <u>HA</u> .
<u>Pejúb</u> - - - - -	Vós <u>HA</u> .
<u>Oúb</u> - - - - -	Eles <u>HA</u> .
Terceira pessoa relativa <u>Túi</u> .	
<u>Imperativo.</u>	
S. <u>Ejúb</u> - - - - -	Está tu deitado.
<u>Toúb</u> - - - - -	Ele <u>HA</u> .
Pl. <u>Tiajúb</u> - - - - -	Nós <u>HA</u> .
<u>Pejúb</u> - - - - -	Vós <u>HA</u> .
<u>Toúb</u> - - - - -	Eles <u>HA</u> .
<u>Conjunctivo</u> = <u>Tume</u> .	
<u>Infinito</u> = <u>Tuba</u> , <u>Tubacoéra</u> , <u>Tubam-</u> <u>boéra</u> , <u>Tuba oâma</u> .	
<u>Gerundio</u> = <u>Guytûpa</u> , <u>Ejûpa</u> , <u>Oûpa</u> , <u>Yajûpa</u> , <u>Pejûpa</u> , <u>Oûpa</u> .	

103

Iub = Estar deitado.Indicativo.S(ingular) Ajúb Eu estou deitado.Erejúb Tu (et caetera)Oúb Elle(et caetera)Pl(ural) Yajúb, ou Orojúb Nós (et caetera)Pejúb Vós (et caetera)Oúb Elles (et caetera)Terceira pessoa relativa Túi.Imperativo.S(ingular) Ejúb Está tu deitado.Toúb Elle (et caetera)Pl(ural) Tiajúb Nós (et caetera)Pejúb Vós (et caetera)Toúb Elles (et caetera)Conjunctivo = Tume.Infinitivo = Tuba, Tubacoéra, Tubam-
boéra, Tuba oâma.Gerundio = Guytûpa, Ejûpa, Oûpa,
Yajûpa, Pejûpa, Oûpa.

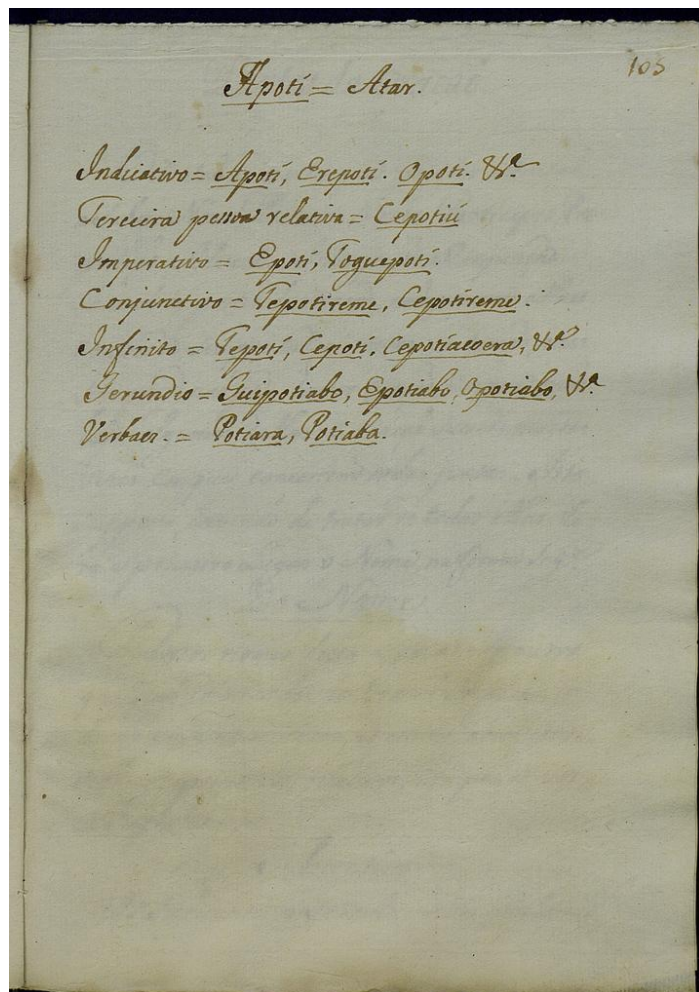
56v



104

- 1
 2 Ain = Estar deitado.
 3 Indicativo.
 4 S(ingular) Ain Eu estou deitado.
 5 Erein Tu (et caetera)
 6 Oin Elle (et caetera)
 7 Pl(ural) Yain, ou Oroin Nos (et caetera)
 8 Pein Vós (et caetera)
 9 Oin Elles (et caetera)
 10 Terceira pessoa relativa = Céni, ou Néni, mas [↓ só no plural]
 11 Conjunctivo = Céneme.
 12 Infinito = Cena. Cenacoéra. Cenamboéra.
 13 Cenaõama.
 14 Gerundio. = Guytena. Eina. Oina. Yaina,
 15 ou oroina. Peina. oina.
 16 Verbal = Tendaba. Lugar, tempo, ou modo.
 17 [laçada ornamental]

57r



1

2

Apotí = Atar.

105

3

Indicativo = Apotí, Erepotí, Opotí, (et caetera)

4

Terceira pessoa relativa = Cepotiú

5

Imperativo = Epotí, Toguepotí

6

Conjunctivo = Tepotireme, Cepotíreme.

7

Infinito = Tepotí, Cepotí, Cepotíacoera, (et caetera)

8

Gerundio = Guipotíabo, Epotíabo, Opotíabo, (et caetera)

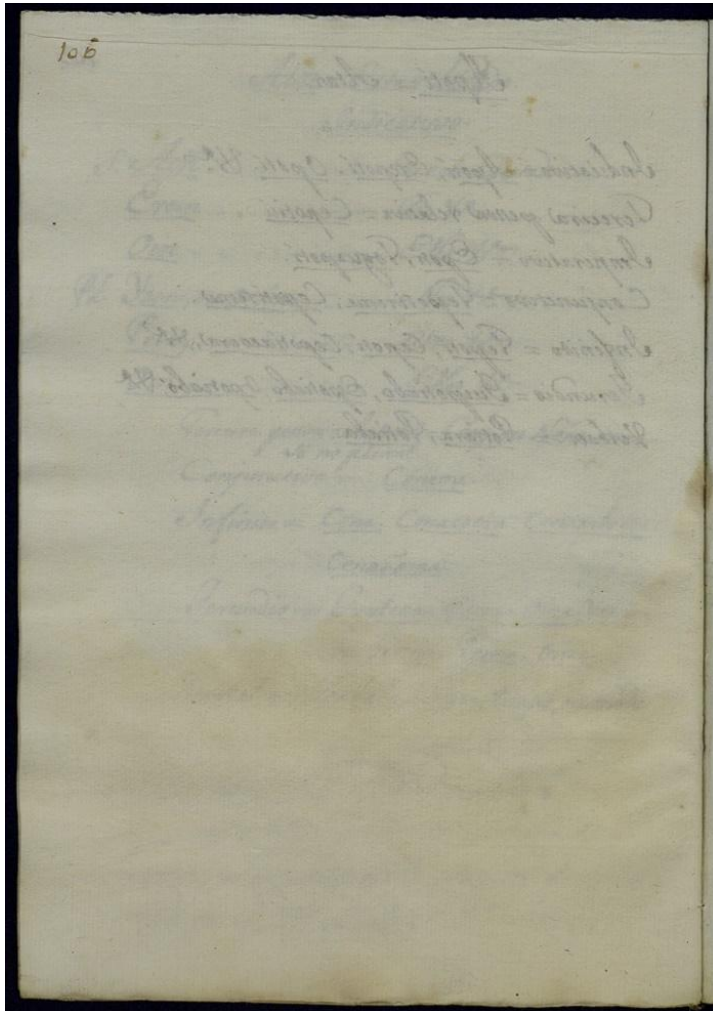
9

Verbaes = Potiara, Potiaba.

57v

1

106



Partes da Oração.

107

Oito são as partes que pode ter a Oração,
a saber: Nome, Pronome, Verbo, Participio, Pre-
posição, Advérbio, Interjeição, e Conjunção.
Chamão-se partes da Oração, não porque ellas
concorraõ sempre todas juntas na Oração, mas
sim porq(ue) não pode haver Oração, em que não
haja algumas dellas; e Oração succede muitas
vezes, em que concorrem todas juntas. Isto
supposto, havendo de tratar de todas ellas, te-
rá o primeiro Lugar o Nome, na forma seg(ue)nte.

Do Nome.

Todos os nomes desta Lingua, e de vltra
qualquer idioma dos do Brazil se podem re-
duzir em Substantivos, adjectivos, absolutos,
verbaes, possessivos, relativos, comparativos,
e superlativos.

Substantivo.

Os Substantivos se conduem em qualquer

Partes da Oração.

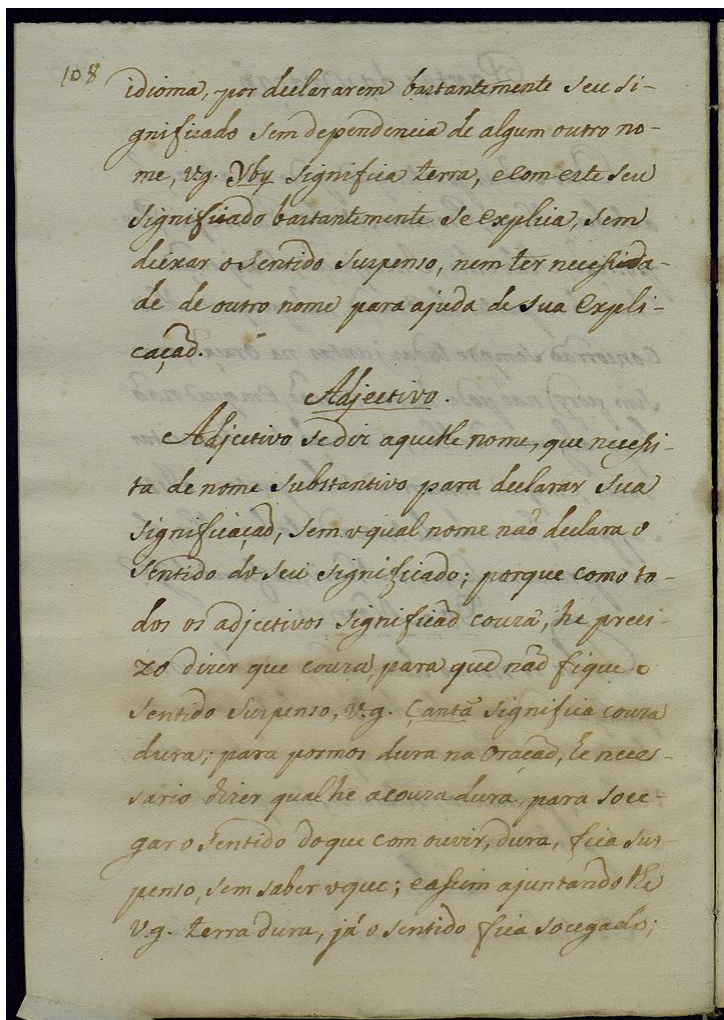
Oito são as partes que pode ter a Oração,
a saber: Nome, Pronome, verbo, Participio, Pre-
posição, Advérbio, Interjeição, e Conjunção.
Chamão-se partes da Oração, não porque ellas
concorraõ sempre todas juntas na Oração, mas
sim porq(ue) não pode haver Oração, em que não
haja algumas dellas; e Oração succede muitas
vezes, em que concorrem todas juntas. Isto
supposto, havendo de tratar de todas ellas, te-
rá o primeiro Lugar o Nome, na forma seg(ue)nte.

Do nome.

Todos os nomes desta Lingua, e de outro
qualquer idioma dos do Brazil se podem re-
duzir em Substantivos, adjectivos, absolutos,
verbaes, possessivos, relativos, comparativos,
e superlativos.

Substantivo.

Os Substantivos se conhecem em qualquer

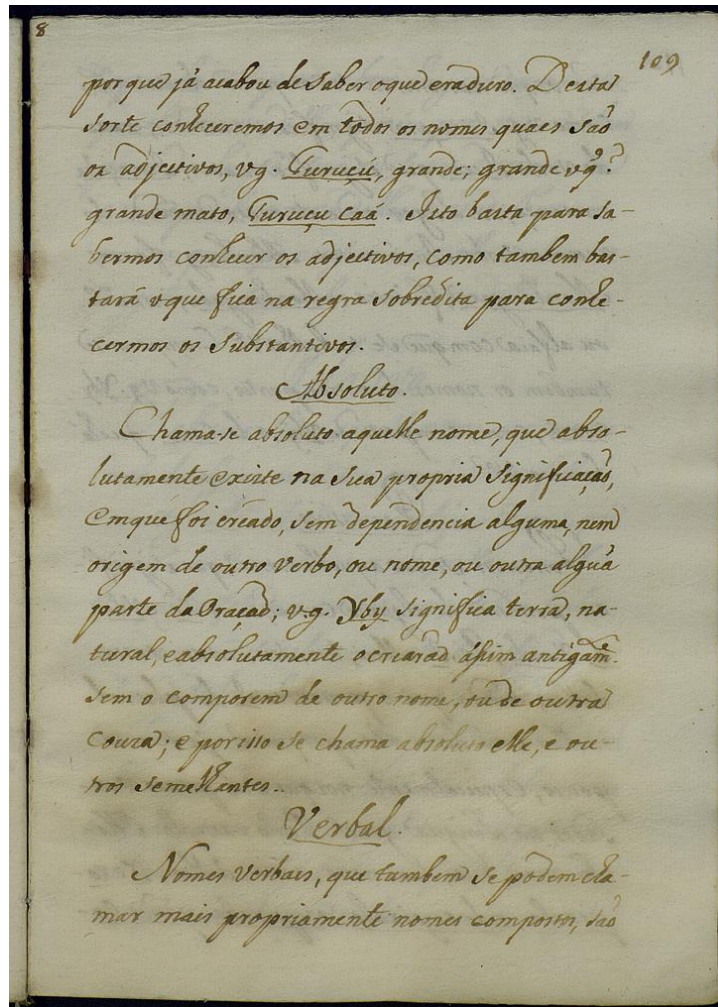


idioma, por declararem bastantemente seu si-
gnificado sem dependencia de algum outro no-
me, v(erbi) g(ratia). Yby significa terra, e com este seu
significado bastantemente se explica, sem
deixar o sentido suspenso, nem ter necessida-
de de outro nome para ajuda de sua expli-
cação.

Adjectivo.

Adjectivo se diz aquelle nome, que neces-
sita de nome substantivo para declarar sua
significação, sem o qual nome não declara o
sentido do seu significado; porque como to-
dos os adjectivos significão couza, he preci-
so dizer que couza, para que não fique o
sentido suspenso, v(erbi) g(ratia), Cantã significa couza
dura; para pormos dura na oração, he neces-
sario dizer qual he a couza dura, para soce-
gar o sentido do que com ouvir, dura, fica sus-
penso, sem saber o que; e assim ajuntando lhe
v(erbi) g(ratia) terra dura, já o sentido fica socegado;

59r



1 [18]

109

2 por que já acabou de saber o que era duro. Desta
3 sorte conheceremos em todos os nomes quaes são
4 os adjectivos, v(erbi) g(ratia), Turucú, grande; grande v(erbi) g(ratia) [19] ?
5 grande mato, Turucu caá. Isto basta para sa-
6 bermos conhecer os adjectivos, como também bas-
7 tará o que fica na regra sobredita para conhe-
8 cermos os substantivos.

9 Absoluto.

10 Chama-se absoluto aquelle nome, que abso-
11 lutamente existe na sua propria significação,
12 em que foi creado, sem dependencia alguma, nem
13 origem de outro verbo, ou nome, ou outra alguã
14 parte da Oraçãõ; v(erbi) g(ratia) Yby significa terra, na-
15 tural, eabsolutamente o crearaõ ássim antigam(en)te
16 sem o comporem de outro nome, ou de outra
17 couza, e por isso se chama absoluto elle, e ou-
18 tros semelhantes..

19 Verbal.

20 Nomes verbaes, que também se podem cha-
21 mar mais propriamente nomes compostos, são

59v

110
 são o que nascem, ou se compoem de outra p^{te},
 como v.g. Iucaçara significa o matador, nasce
 do verbo Iucá, que significa matar; Iucaçaba,
 matança, ou Lugar onde se mata, derivado do
 mesmo verbo Iucá, matar. Monhang, fazer;
Monhangara, feitoria; Monhangaba, instrum^{to}.
 ou alfaia com que se trabalha &c. Compoem-se
 tambem os nomes de outras partes, como v.g. Yby-
coara, cova, composto de Yby, e de Coara, que he
 buraco. &c.

Possessivo.
 Possessivo se diz aquelle nome, que signifi-
 ca possesão de alguma couza, como Xe, Nde,
I, Yandé, Pé, I, Meu, teu, seu, nosso, vosso,
delles; ainda que o possessivo I do plural
 melhor será dizer acõa; porque I ja se usa
 pouco, especialmente nosque são poucos ver-
 sados na Lingua geral. Ponho exemplo: Mi-
nha rossa, tua, sua, nossa, vossa, delles; Xe co-
pixaba, nde copixaba, icopixaba, yande co-

110

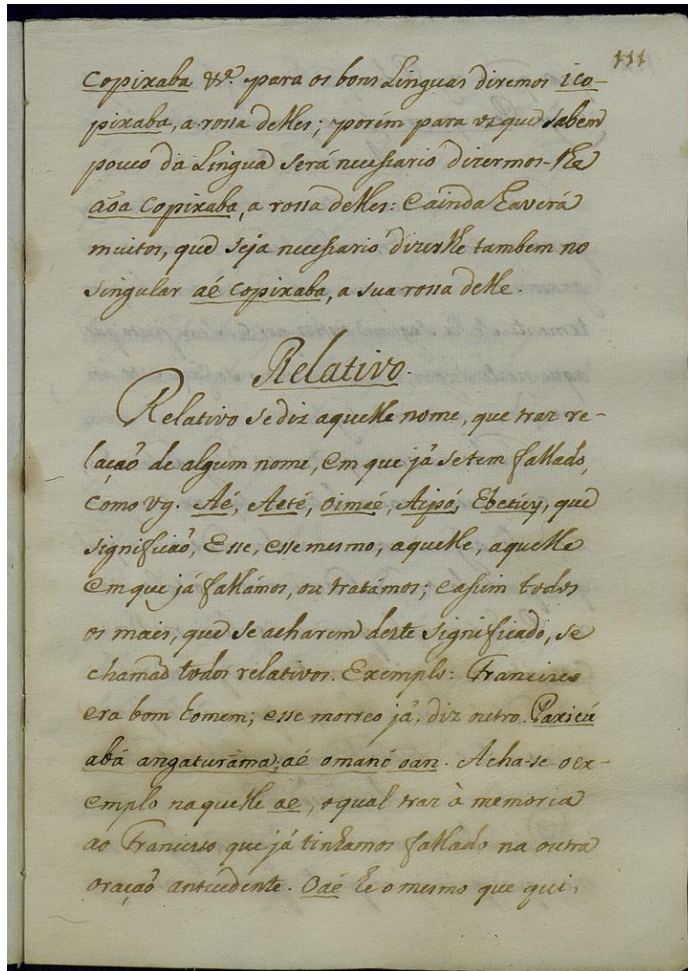
1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21

são osque nascem, ou se compoem da outra p(ar)te,
 como verbi gratia Iucaçara significa o matador, nasce
 do verbo Iucá, que significa matar; Iucaçaba
 matança, ou Lugar onde se mata, derivado do
 mesmo verbo Iucá, matar. Monhang, fazer;
Monhangara, feitoria; Monhangaba, instrum(en)to
 ou alfaia comque se trabalha et (caeter)a Compoem-se
 tambem os nomes de outras partes, como verbi gratia. Yby-
coara, cova, composto de Yby, e de coara, que hé
 buraco et (caeter)a

Possessivo.

Possessivo sediz aquelle nome, que signifi-
 ca possesão de alguma couza, como Xe, Nde,
I, Yandé, Pé, I, Meu, teu, seu, nosso, vosso,
delles; ainda que o possessivo I do plural
 melhor será dizer acõa; porque I ja se uza
 pouco, especialmente nosque são pouco ver-
 sados na Lingua geral. Ponho exemplo: Mi-
nha rossa, tua, sua, nossa, vossa, delles; Xe co-
pixaba, nde copixaba, icopixaba, yande co-

60r



111

1
 2 *copixaba et (caeter)a* para os bons Linguas diremos *ico-*
 3 *pixaba*, a rossa delles; porém para os que sabem
 4 pouco da Lingua será necessario dizermos-lhe
 5 *aõa copixaba*, a rossa delles: e ainda haverá
 6 muitos, que seja necessario dizerlhe tambem no
 7 singular *aé copixaba*, a sua rossa delle.

Relativo.

10 Relativo se diz aquelle nome, que traz re-
 11 lação de algum nome, em que já setem fallado,
 12 com verbi gratia. *Aé, Aeté, oimaé, Aipó, Ebetúy*, que
 13 significão, Esse, esse mesmo, aquelle, aquelle
 14 em que já fallámos, ou tratámos, e assim todos
 15 os mais, que se acharem deste significado, se
 16 chamaão todos relativos. Exemplo: Francisco
 17 era bom homem; esse morreo já, diz outro. *Paxicú*
 18 *abá angaturāma: aé o manó oan*. Acha-se o ex-
 19 emplo naquella *aé*, o qual traz à memoria
 20 ao Francisco que já tinhamos fallado na outra
 21 oração antecedente. *Oáe* he o mesmo que qui,

112

quæ, quod, v.g. Pedro que hontem foi ao mar, já
veyo. Pero quecé oçó oae paraname, oúr oan.

Annotação 1.^a

Como ordinariamente nos relativos, e terceiras
pessoas relativas dos verbos succede ajuntarse na
grammatica nomes, que acabando em i, subsequen-
temente se lhe seguem outros por c, será justo que
aqui neste Lugar, e não em outro se faça esta an-
notação na maneira seguinte.

Todas as vezes, que nesta Lingua se achar,
ou concorrer i, antes de c, ou seja na compo-
zição de algum nome, ou verbo, ou de outra qual-
quer parte da oração, se deve mudar o tal e, em
x. Ponho exemplo para me explicar melhor:
çoc, socar, ou pilar, na terceira pessoa relati-
va sedirá ixoc, e não icoc; porque se ajuntou
i, antes de c, . Esta he regra geral neste idioma

Annotação 2.^a

Dizem ha tambem nesta Lingua alguns no-
mes, que principiaõ por t; porém a mim mais

quæ, quod, *verbi gratia* Pedro que hontem foi ao mar, já
veyo. Pero quecé oçó oae paraname, oúr oan.

Annotação 1.^a

Como ordinariamente nos relativos, e terceiras
pessoas relativas dos verbos succede ajuntarse na
grammatica nomes, que acabando em i, subsequen-
temente se lhe seguem outros por c, será justo que
aqui neste Lugar, e não em outro se faça esta an-
notação na maneira seguinte.

Todas as vezes, que nesta Lingua se achar,
ou concorrer i, antes de c, ou seja na compo-
zição de algum nome, ou verbo, ou de outra qual-
quer parte da oração, se deve mudar o tal e, em
x. Ponho exemplo para me explicar melhor:
çoc, socar, ou pilar, na terceira pessoa relati-
va sedirá ixoc, e não icoc; porque se ajuntou
i, antes de c, . Esta he regra geral neste idioma

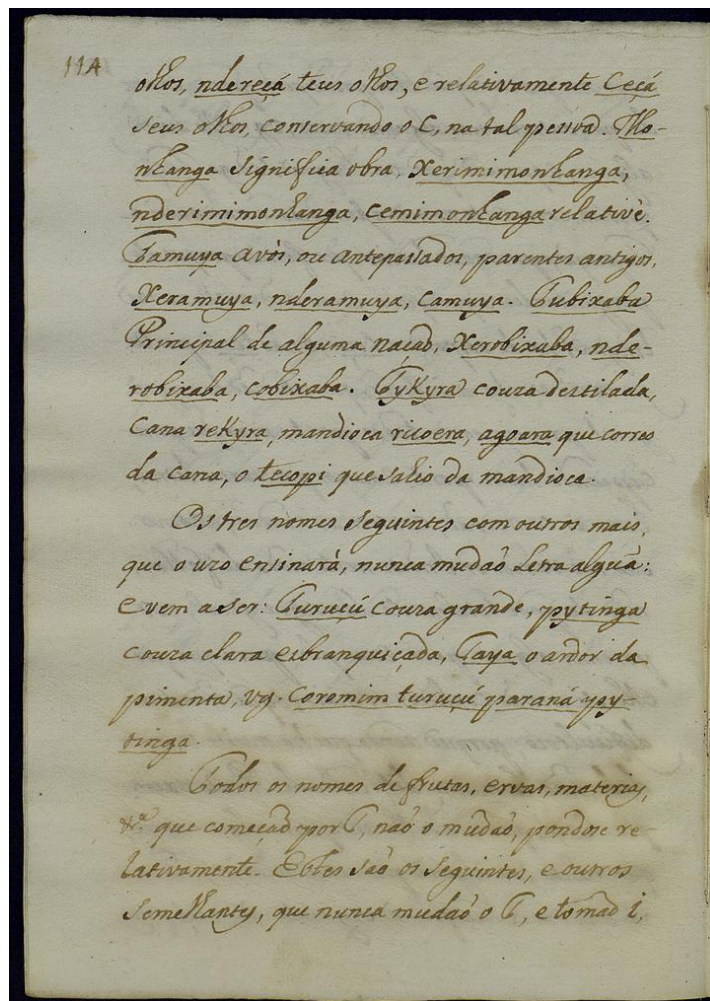
Annotação 2.^a

Dizem ha tambem nesta Lingua alguns no-
mes, que principiaõ por t; porém a mim mais

mais me parece, que elles principiaõ por c, eain-
 da por outras Letras algumas vezes; v.g. Olho dizem
 alguns, equerem que na Lingua sediga Teçá;
 porém como este nome assim dito o não ouvi a
 Tapuya, por mais ladino que fosse; porque se
 perguntardes aqualquer: Como se diz Olho na tua
 lingua? ha de responder Cecá, e não teçá: por cu-
 ja razão venho a inferir, que isto não he regra
 geral principiaem todos por t; mas que prin-
 cipiando hum por t, e outros por varias letras,
 eum as conservaõ, e outros as mudaõ; e como
 são tão varios os Indios neste modo de fallar,
 não se pode totalmente dar regra geral, esó
 poremos alguns para exemplo, para que por
 elle se possaõ conhecer os mais; oque não será
 difficilto; porque ainda que ha muita varie-
 dade, não ha muita difficuldade. Porão exem-
 plo: Cecá, quando se lhe antepozar algum nome,
 que relata, ou algum pronome relativo, muda-
 rá o C, em R. na forma seguinte: Xerecá, meus

1
 2 mais me parece que elles principiaõ por c, eain-
 3 da por outras Letras algumas vezes; *verbi gratia*: Olho dizem
 4 alguns, equerem que na Lingua sediga Teçá;
 5 porém como ezte nome assim dito o não ouvi a
 6 Tapuya, por mais ladino quefosse; porque se
 7 perguntardes aqualquer: Como sediz olho na tua
 8 lingua? ha de responde cecá, e não teçá: por cu-
 9 ja razão venho a inferir, que isto não he regra
 10 geral principiaem todos por t; mas que prin-
 11 cipiando hum por t, e outros por varias letras,
 12 huns as conservaõ, e outros as mudaõ; ecomo
 13 são tão varios os Indios neste modo defallar,
 14 não se pode totalmente dar regra geral, esó
 15 poremos alguns para exemplo, para quepor,
 16 elle se possaõ conhecer os mais; oque não será
 17 difficilto; porque aindaque ha muita varie-
 18 dade, não ha muita difficuldade. Ponho exem-
 19 plo: Cecá, quando se lhe antepozar algum nome,
 20 que relata, ou algum pronome relativo, muda-
 21 rá o C, em R. naforma seguinte: Xerecá, meus

61v



114

1
2 olhos nderecá teus olhos, e relativamente Ceçá
3 seus olhos, conservando o C, na tal pessoa. Mo-
4 nhanga significa obra, xerimimonhangá,
5 nderimimonhangá, cemimonhangá relativè
6 Tamuya avós, ou antepassados, parentes antigos,
7 Xeramuya, nderamuya, camuya. Tubixaba
8 Principal de alguma nação, xerobixaba, nde-
9 robixaba, cobixaba. Tykyra couza destilada,
10 cana reKyra, mandioca ricoera, agoara que corres
11 da cana, o tecopi que sahio da mandioca.

12 Os tres nomes seguintes com outros mais,
13 que o uzo ensinará, nunca mudão Letra alguã:
14 e vem a ser: Turuçú couza grande, pytinga
15 couza clara ezbranquiçada, Taya o andar da
16 pimenta, verbi gratia coromim turuçú paraná py-
17 tinga.

18 Todos os nomes de frutos, ervas, materias,
19 et (caetera) que comecão por T, não o mudão, pondose re-
20 lativamente. Estes são os seguintes, e outros
21 semelhantes, que nunca mudão o T, e tomaõ i,

por relativo. Taba aldea, Xe taba minha al-¹¹⁵
 dea, nde taba tua aldea, i taba sua aldea. Tapera, ou taperera, sitio, ou aldea que foi;
Xe tapera, nde tapera, itapera. Tepopyre-
caba Largueza, ou largura, Xe tepopyrecaba,
nde tepopyrecaba, i tepopyrecaba. Tapyia o
 barbaro, Xe tapyia, nde tapyia, i tapyia. Ty-
ba o Lugar, ou Sitio, onde se acha muita couza,
 vg. Pyrá tyba o perqueiro, Lugar, ou sitio, on-
 de ha muito peixe, relativa mente ityba. Toi-
moacaba velhice, Xe toimoacaba a minha
 velhice, nde toimoacaba atua velhice, itoimo-
acaba a sua velhice. Tupana Deos, Xe Tupa-
na o meu Deos, nde Tupana o teu Deos, i Tu-
pana o seu Deos.

Os nomes de animais, que os Tapuyas criaõ
 em suas cazas, tambem não mudão Letra alguã,
 por que se lhes ajunta este nome Cembaba, que
 quer dizer criação, sem o qual nome m(u)to pou-
 cas vezes, ou nenhuma se deve exprimir nome

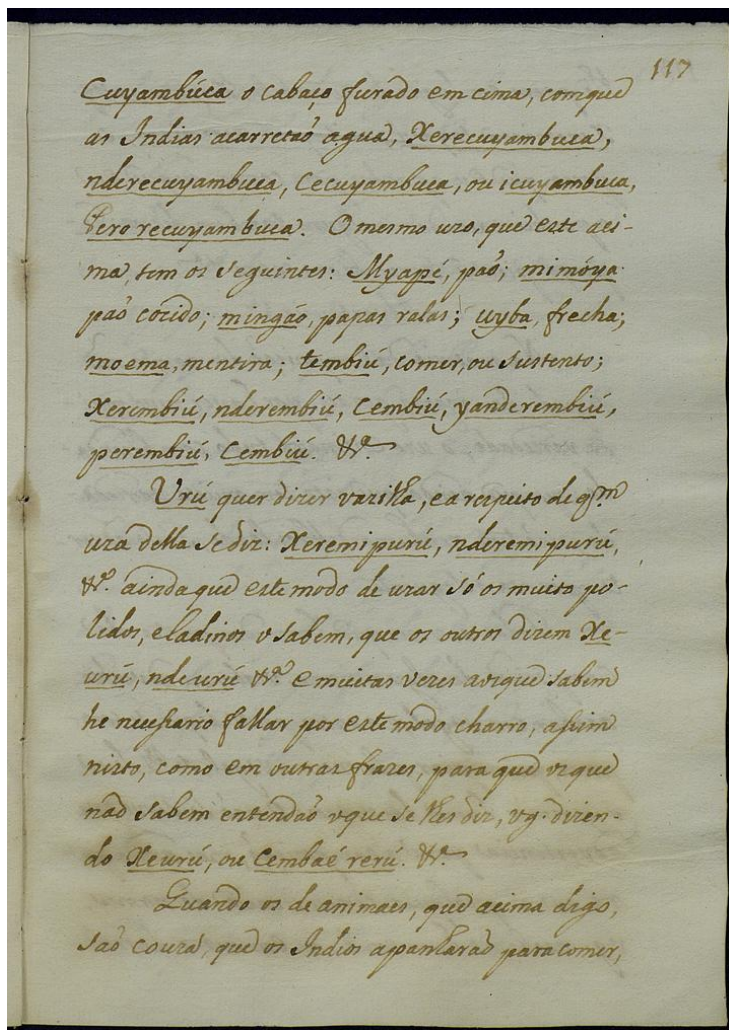
1
 2 por relativo, Taba aldea, xe taba minha al-
 3 dea, nde taba tua aldea, i taba sua aldea et (caeter)a
 4 Tapera, ou taperera, sitio, ou aldea que foi;
 5 Xe tapera, nde tapera, itapera. Tepopyre-
 6 caba Largueza, ou largura, xe tepopyrecaba,
 7 nde tepopyrecaba, i tepopyrecaba. Tapyia o
 8 barbaro, Xe tapyia, nde tapyia, i tapyia. Ty-
 9 ba oLugar, ou Sitio, onde se acha muita couza,
 10 verbi gratia. Pyrá tyba, opesqueiro, Lugar, ou sitio, on-
 11 de ha muito peixe, relativa mente ityba. Toi-
 12 moacaba velhice, Xe toimoacaba a minha
 13 velhice, nde toimoacaba atua velhice, itoimo-
 14 acaba asua velhice. Tupana Deos, Xe Tupa-
 15 na o meu Deos, nde Tupana o teu Deos, i Tu-
 16 pana o seu Deos.

17 Os nomes de animais, que os Tapuyas criaõ
 18 em suas cazas, tambem não mudaõ Letra alguã,
 19 por que se lhes ajunta este nome Cembaba, que
 20 quer dizer criação, sem o qual nome m(u)to pou-
 21 cas vezes, ou nenhuma se deve exprimir nome

116
 algum de animal. Ponho exemplo: Tapyra
 significa vaca: para eu dizer, minha vaca,
 he necessario nesta lingua que lhe ajunte apa-
 Lavra Cembaba, v.g. Xerembaba tapyra, a mi-
 nha criação vaca. Tayaçu porco do mato, Xe-
rembaba tayaçu, a minha criação porco, nde-
rembaba tayaçu, atua et (caeter)a cembaba tayaçu a
 sua &c.
 Os nomes seguintes não mudão nada, eto-
 mã a syllaba cé inteira por relativo: e não
 sendo aterceira pessoa relativa, em Lugar do
 C, tomão R. Exemplo: Nimbó significa fio:
 para se dizer meu fio, teu fio, seu fio, diremos
 assim: Xerenimbó, nderenimbó, cenimbó; ain-
 da que neste quem disse inimbó, falla mais
 proprio, e intelligivel para o uzo, ainda que
 menos elegante gramaticalmente. Cuya signi-
 fica o cabaço de arvore assim chamado vulgar-
 mente; Xerecuya, nderecuya, Cecuya, ou
icuya. Pero recuya, a Cuya de Pedro. Cuyam-

1
 2 algum de animal. Ponho exemplo: Tapyra
 3 significa vaca: para eu dizer, minha vaca,
 4 he necessario nesta lingua que lhe ajunte apa-
 5 Lavra cembaba, verbi gratia xerembaba tapyra, a mi-
 6 nha criação vaca. Tayaçu porco do mato, Xe-
 7 rembaba tayaçu, a minha criação porco, nde-
 8 rembaba tayaçu, atua et (caeter)a cembaba tayaçu a
 9 sua et (caeter)a

10 Os nomes seguintes não mudaõ nada, eto-
 11 mã asyllaba cé inteira por relativo: e não
 12 sendo aterceira pessoa relativa, em Lugar do
 13 C, tomaõ R. Exemplo: Nimbó significa fio:
 14 para sedizer meu fio, teu fio, seu fio, diremos
 15 assim: Xerenimbó, nderenimbó, cenimbó, ain-
 16 da que neste quem disse inimbó, falla mais
 17 proprio, e intelligivel para o uzo, ainda que
 18 menos elegante gramaticalmente. Cuya signi-
 19 fica o cabaço de arvore assim chamado vulgar-
 20 mente; Xerecuya, nderecuya, Cecuya, ou
 21 icuya. Pero recuya, aCuya de Pedro. Cuyam-



2 Cuyambúca o cabaço furado em cima, comque
 3 as Indias acarretaõ agua, Xerecuyambuca,
 4 nderecuyambuca, cecuyambuca, ou icuyambuca,
 5 Pero recuyambuca. O mesmo uzo, que este aci-
 6 ma, tem os seguintes: Myapé, paõ; mimóya
 7 paõ cozido; mingão, papas ralas; uyba, frecha;
 8 moema, mentira; tembiú, comer, ou sustento;
 9 xerembiú, nderembiú, cembiú, yanderembiú,
 10 perembiú, cembiú. et (caeter)a

11 Urú quer dizer vazilla, ea respeito de q(ue)m
 12 uza della sediz: Xeremipurú, nderemipurú,
 13 et (caeter)a aindaque este modo de uzar só os mais po-
 14 lidos, eladinos o sabem, que os outros dizer Xe-
 15 urú, ndererú et (caeter)a e muitas vezes aosque sabem
 16 he necessario fallar por este modo charro, assim
 17 nisto, como em outrasfrazes, para que os que
 18 não sabem entendaõ oque se lhes diz, verbi gratia dicen-
 19 do Xeurú, ou Cembaé rerú. et (caeter)a

20 Quando os animais, que acima digo,
 21 são couza, que os Indios apanhaõ para comer,

He poem em lugar de Xerembaba, Xeremiara, Vg.
Xeremiara tayacú, ou tayacú xeremiara, o
 porco, que eu apanhei para comer, ou que eu
 apanhei caçando: e alguns tambem dizem: Ta-
puya picacú xerembiara coéra *W.*

Advertencia 1.^a

Na materia da composiçã dos nomes não
 se pode dar regras geraes, por haver nisto mui-
 ta variedade; o uzo ensinará tudo combrevida-
 de; porque ainda que isto tem muita varia-
 de, não tem nenhuma difficuldade, só se adver-
 te por ora o seguinte.

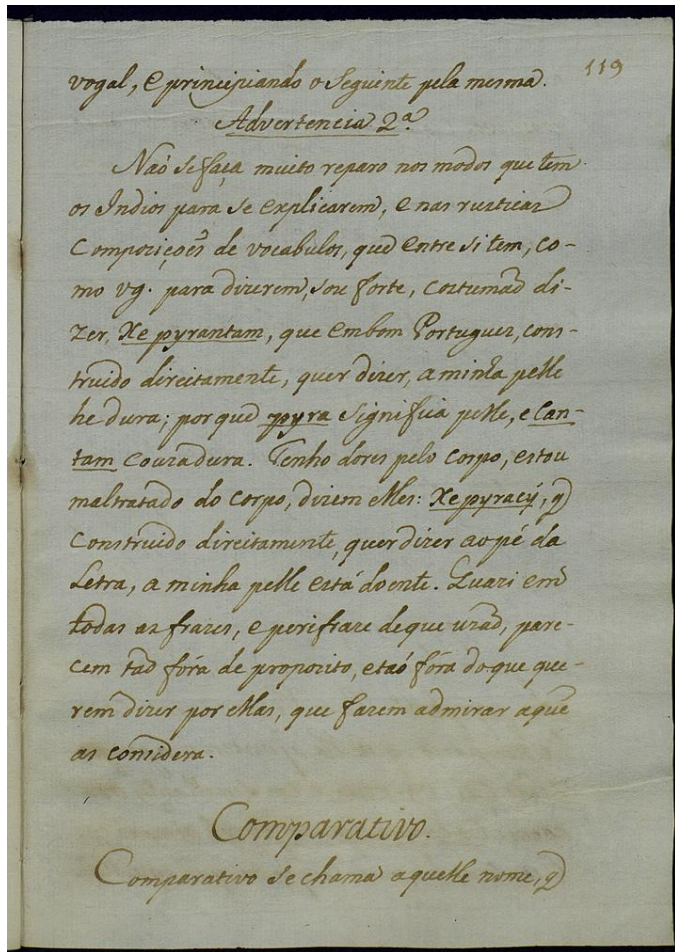
Todas as vezes que hum das partes da
 composiçã de algum nome, verbo, ou adverbio
 acabar em vogal, e a outra parte deque se com-
 puzer, principiar pela mesma vogal, se lhe deve
 suprimir hum das vogaes: Enão só serve esta
 advertencia para a composiçã, mas ainda pa-
 ra outra qualquer concurrencia de nomes,
vg. acabando hum em á, ou em outra Letra

lhe poem em lugar de xerembaba, Xeremiara, *verbi gratia*
Xeremiara tayacú, ou tayacú xeremiara, o
 porco, que eu apanhei para comer, ou que eu
 apanhei caçando: e alguns tambem dizem: Ta-
puya picacú xerembiara coéra *et (caeter)a*

Advertencia 1.^a

Na materia da composiçã dos nomes não
 se pode dar regras geraes, por haver nisto mui-
 ta variedade; o uzo ensinará tudo combrevida-
 de; porque ainda que isto tem muita varia-
 de, não tem nenhuma difficuldade, só se adver-
 te por ora o seguinte.

Todas as vezes que hum das partes da
 composiçã de algum nome, verbo, ou adverbio
 acabar em vogal, e a outra parte deque se com-
 puzer, principiar pela mesma vogal, se lhe deve
 suprimir hum das vogaes: enão só serve esta
 advertencia para a composiçã, mas ainda pa-
 ra outra qualquer concurrencia de nomes,
verbi gratia acabando hum em á, ou em outra Letra



2 vogal, e principiando o seguinte pela mesma.

Advertencia 2.^a

5 Não se faça muito reparo nos modos que tem

os Indios para se explicarem, e nas rusticas

composições de vocabulos, que entre si tem, co-

mo *verbi gratia* para dizerem, sou forte, costumão di-

zer, Xe pyrantam, que embom Portuguez, cons-

truido directamente, quer dizer, a minha pelle

he dura; por que pyra significa pelle, e can-

tam couzadura. Renho dores pelo corpo, estou

maltratado do corpo, dizem elles: Xe pyracý, q(ue)

construido directamente, quer dizer ao pé da

Letra, a minha pelle está doente. Quazi em

todas as frases, e perifrases de que uzaõ, pare-

cem tão fóra de propozito, estão fóra do que que-

rem dizer por ellas, que fazem admirar aquê

as considera.

Comparativo.

Comparativo se chama a quelle nome, q(ue)

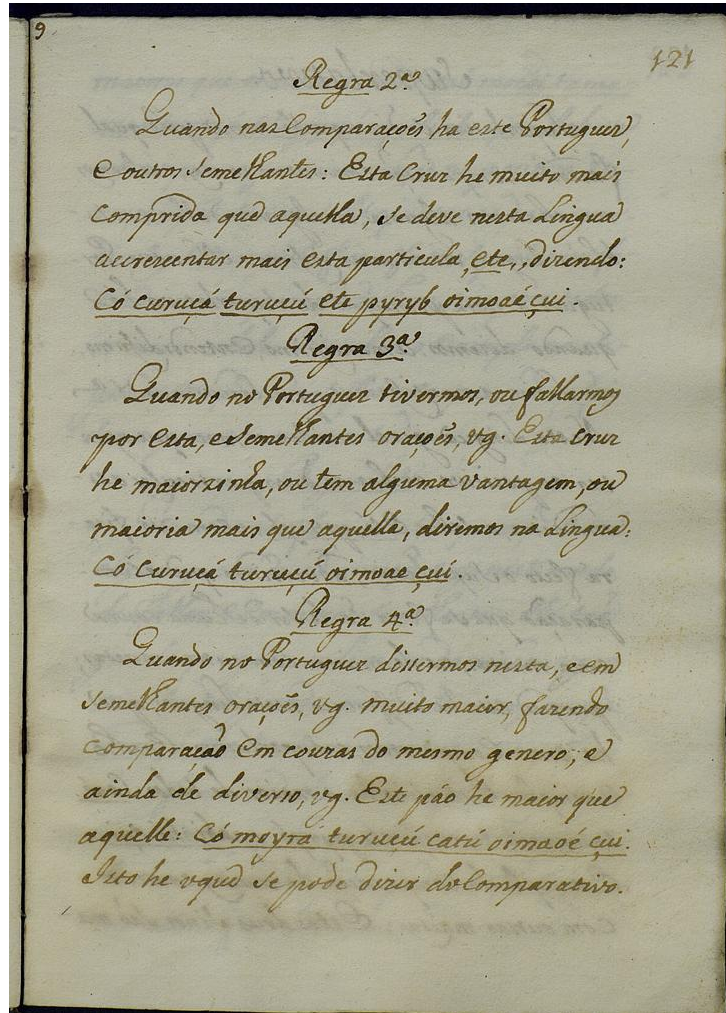
64v

120
 accrescenta, oudiminue o significado aalgum
 positivo. Conhece-se este no Latim levando
 a syllaba, or, accrescentada ao seu positivo, vz.
 amans, amantior; adolens, adolentior;
 magnus, maior &c. No Portuguez sediz com-
 parativo aquelle positivo, aquê accrescenta-
 mos esta palavra, mais; vz. amante é po-
 sitivo; para o fazermos Comparativo, accres-
 centamos-lhe a palavra, mais; vz. mais aman-
 te. Isto supposto, digo que nesta Lingua
 geral se formão os Comparativos, ajuntan-
 do aqualquer positivo a particula, pyryb,
 quê quer dizer mais; vz. Cantam é hum
 positivo, que significa couza forte, ou du-
 ra: para dizermos mais dura, diremos: Can-
 tam pyryb &c. Para lhe formarmos caso,
 he necessario, quê lhe ajuntemos a propo-
 zicão Cui; vz. nesta, e em semelhantes ora-
 ções: Co curuçá ipucú pyryb oimo aé cui.
 Esta cruz he mais comprida, quê aquella.

120

1
 2 accrescenta, oudiminue o significado aalgum
 3 positivo, conhece-se este no Latim levando
 4 a syllaba, or, accrescentada ao seu positivo, verbi gratia
 5 amans, amantior; adolens, adolentior;
 6 magnus, maior et (caeter)a No Portuguez sediz com-
 7 parativo aquelle positivo, aque accrescenta-
 8 mos esta palavra, mais; verbi gratia amante he po-
 9 sitivo; para o fazermos comparativo, accres-
 10 centamos-lhe a palavra, mais; verbi gratia mais aman-
 11 te. Isto supposto, digo que nesta Lingua
 12 geral se formão os Comparativos, ajuntan-
 13 do aqualquer positivo a particula, pyryb,
 14 que quer dizer mais; verbi gratia, cantam he hum
 15 positivo, que significa couza forte, ou du-
 16 ra: para dizermos mais dura, diremos: Can-
 17 tam pyryb et (caeter)a Para lhe formarmos caso,
 18 he necessario; que lhe ajuntemos a propo-
 19 zicão cui; verbi gratia nesta, e em semelhantes ora-
 20 ções: Co curuçá ipucú pyryb oimo aé cui.
 21 Esta cruz he mais comprida, que aquella.

65r



[19]

121

Regra 2.^a

Quando nas Comparações ha este Portuguez,
e outros semelhantes: Esta cruz he muito mais
comprida que aquella, se deve nesta Lingua
acrescentar mais esta particula, ete, dizendo:
Có curucá turucú ete pyryb oimoeé cui.

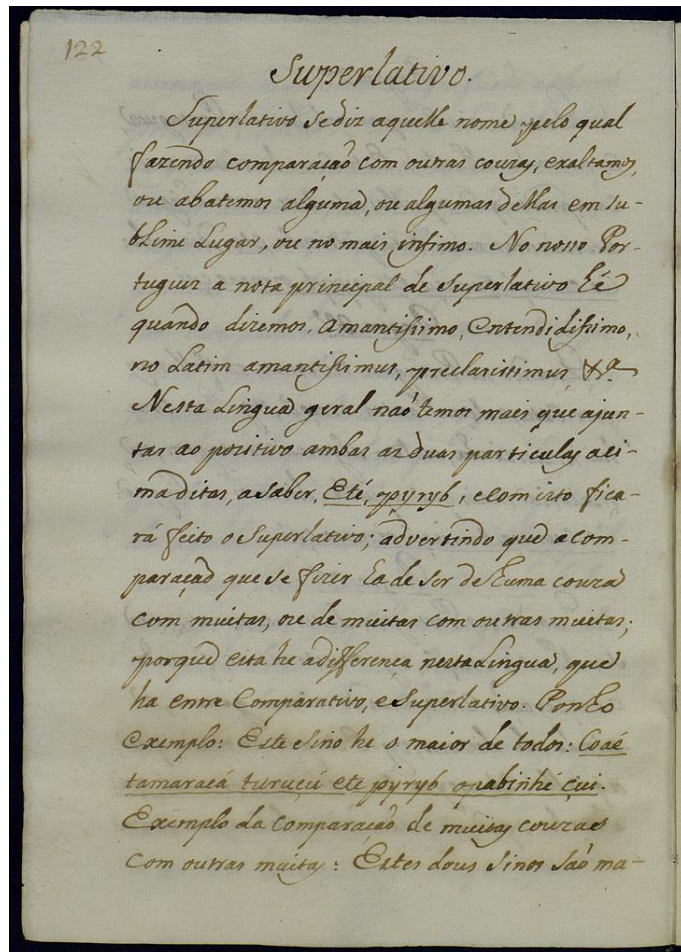
Regra 3.^a

Quando no Portuguez tivermos, ou fallarmos
por esta, e semelhantes orações, *verbi gratia* Esta cruz
he maiorzinha, ou tem alguma vantagem, ou
maioria mais que aquella, diremos na Lingua:
Có curucá turucú oimoeé cui.

Regra 4.^a

Quando no Portuguez dissermos nesta, e em
semelhantes orações, *verbi gratia* muito maior, fazendo
comparação em couzas do mesmo genero; e
ainda de diverso, *verbi gratia* Este pão he maior que
aquelle: Có moyrá turucú catú oimoeé cui:
Isto he oque se pode dizer do Comparativo.

65v



122

Superlativo.

Superlativo sediz aquelle nome pelo qual fazendo comparaçã com outras couzas, exaltamos, ou abatemos alguma, ou algumas dellas em sublimidade, ou no mais infimo. No nosso Portuguez a nota principal de Superlativo he quando dizemos, *amantissimo, entendidissimo*, no Latim *amantissimus, preclarissimus, et (caetera)*

Nesta Lingua geral não temos mais que ajuntar ao positivo ambas asduas particulas acimaditas, asaber, Eté, pyryb, e com isto ficará feito o Superlativo; advertindo que a comparação que se fizer ha de ser de uma couza com muitas, ou de muitas com outras muitas; porque esta he a differença nesta Lingua, que ha entre Comparativo, e Superlativo, Ponho exemplo: Este sino he o maior de todos: Coaé tamaracá turucú ete pyryb opabinhé cui.

Exemplo da comparaçã de muitas couzas com outras muitas: Estes dous sinos são ma-

maiores que os outros todos: Coaé mocóí tama-
racá turucú ete pyryb opabinhe cui. Acha-se
o Exemplo na primeira oração no positivo tur-
rucú, que só com se lhe ajuntar as duas par-
ticulas Ete pyryb, ficou feito Superlativo, fa-
zendo-se a comparação de hum sino para todos
os mais. Acha-se também o Exemplo na se-
gunda oração, onde se faz a comparação de dois
sinos para com os outros todos.

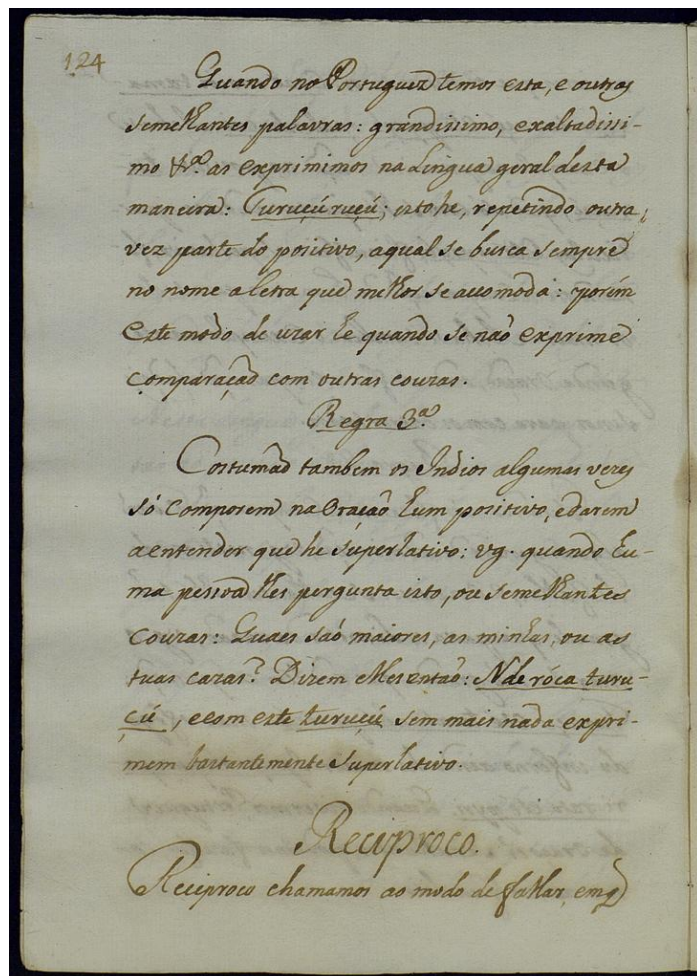
Regra 2.^a

Quando nós fazemos a comparação com
algun genero de admiracão, *vg.* neste modo
de falar, e em outros semelhantes: Hé tão
grande, que passa os Limites da razaõ; *vg.* o
mar he tão grande, que não tem comparaçãõ:
Turucú ete tecatunhé paraná: mas ofogo
do inferno ainda he maior: Ipupé oé jurupa-
ri rata ete pyri. Quando tivermos Portuguez
de Orações semelhantes, podemos fazellas, co-
mo acima fica dito.

maiores que os outros todos: Coaé mocóí tama-
racá turucú ete pyryb opabinhe cui. Acha-se
o exemplo na primeira oração no positivo tu-
rucú, que só com se lhe ajuntar as duas par-
ticulas Ete pyryb, ficou feito Superlativo, fa-
zendo-se a Comparação de hum sino para todos
os mais: Acha-se também o exemplo na se-
gunda oração, onde se faz a comparação de dois
sinos para com os outros todos.

Regra 2.^a

Quando nós fazemos a Comparação com
algun genero de admiracão, *verbi gratia* neste modo
de fallar, e em outros semelhantes: Hé tão
grande, que passa os Limites da razaõ; *verbi gratia* o
mar he tão grande, que não tem comparaçãõ:
Turucú ete tecatunhé paraná: mas ofogo
do inferno ainda he maior: Ipupé oé jurupa-
ri rata ete pyri. Quando tivermos Portuguez
de Orações semelhantes, podemos fazellas, co-
mo acima fica dito.



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Quando no Portuguez temos esta, e outras
semelhantes palavras: grandissimo, exaltadissi-
mo et (caeter)a as exprimimos na Lingua geral desta
maneira: Turuçú ruçú, isto he, repetindo outra,
vez parte do positivo, aqual se busca sempre
no nome aletra que melhor se accomoda: porém
ezte modo de uzar he quando se não exprime
comparaçã com outras couzas.

Regra 3.ª

Costumã tambem os Indios algumas vezes
só comporem na Oraçã hum positivo, edarem
a entender que he superlativo: *verbi gratia* quando hu-
ma pessoa lhes pergunta isto, ou semelhantes
couzas: Quaes são maiores, as minhas, ou as
tuas cazas? Dizem elles entãõ: Nde róca turu-
cú, ecom este turuçú sem mais nada expri-
mem bastantemente Superlativo

Reciproco.

Reciproco chamamos ao modo de fallar, em q(ue)

as pessoas tornão sobre si mesmas, ou sobre suas
 couzas, de que já fallaraõ. São notas de reci-
 proco estas tres particular, je, o, i. Acha-
 se reciproco nos verbos, que duas pessoas tor-
 nãõ sobre si mesmas; v.g. neste, eem semelhan-
 tes modos de fallar: Francisco se mata; ou
 Francisco mata-se así: Paxicú ojejúcá. O
 Exemplo do reciproco se ve em je, que he
 a nota que acimadissee, aqual se acha en-
 tre o artigo, eo verbo; porque tornou em si mes-
 mo. Esta particula, nhe, tambem alguns,
 aindaque poucos a uzaõ em Lugar de je.
 Esta casta de reciprocos acima ditos faz que
 os verbos sejaõ passivos, pois não ha outra cas-
 ta de passivos nesta Lingua.

Regra 2.^a

Uzamos tambem do reciproco, quando
 tornamos sobre couzas nossas, neste, eem se-
 melhantes modos de fallar: Corto a minha
 cabeça, Ajeacámondoc; ajeacangoe, tiro a

as pessoas tornaõ sobre si mesmas, ou sobresuas
 couzas, de que já fallaraõ. São notas de reci-
 proco estas tres particular, je, o, i. Acha-
 se reciproco nos verbos, que suas pessoas tor-
 nãõ sobre si mesmas; *verbi gratia* neste, eem semelhan-
 tes modos de fallar: Francisco se mata; ou
 Francisco mata-se así: Paxicú ojejúcá. O
 exemplo do reciproco se ve em je, que he
 a nota que acimadissee, aqual se acha en-
 tre o artigo, eo verbo; porque tornou em si mes-
 mo. Esta particula, nhe, tambem alguns,
 aindaque poucos a uzaõ em Lugar de je.
 Ezta casta de reciprocos acima ditos faz que
 os verbos sejaõ passivos, pois não ha outra cas-
 ta de passivos nesta Lingua.

Regra 2.^a

Uzamos tambem do reciproco, quando
 tornamos sobre couzas nossas, neste, eem se-
 melhantes modos de fallar: Corto a minha
 cabeça, Ajeacámondoc; ajeacangoe, tiro [Ja]

67v

126
 a minha cabeça; edesta casta de reciprocos formamos alguns verbos, que conjugamos pela primeira conjugação; v.g. Aje acamondoc, Erejeacamondoc &c. Ajembae mondéb, vitome, Erejembae mondéb: que se não quizermos fallar reciprocamente, que será o melhor, diremos: Amondebexembae, amandoc xe a-canga

Regra 3.^a
 Quando o reciproco for na terceira pessoa, uzaremos do nosso, o, e algumas vezes do, i, v.g. Pedro está na sua rossa: Pero i copixape ce-coé. Tem sua mãy com sigo: i maya oguerecô, o irunamo. Acha-se o Exemplo em copixape, que estando posto reciprocamente, está notado com i, atrás por reciproco: acha-se mais em irunamo, que estando também reciprocamente, está notado com o, sinal também de reciproco.

Regra 4.^a
 Quando noPortuguez tivermos este, eoutros

126

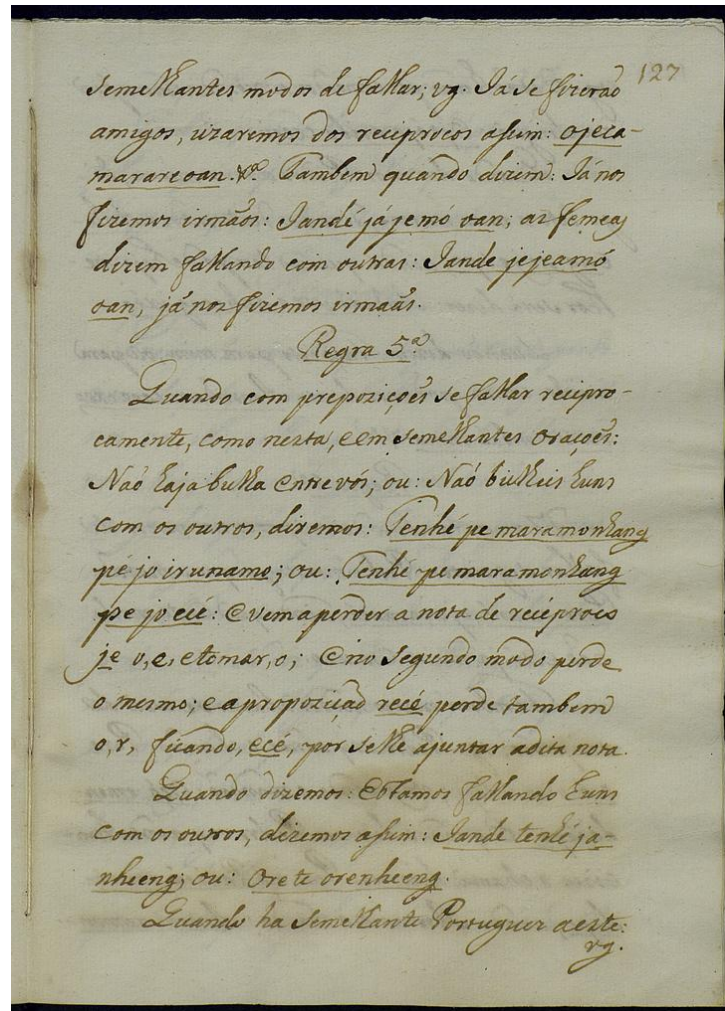
a minha cabeça; edesta casta de reciprocos formamos alguns verbos, que conjugamos pela primeira conjugação; verbi gratia Aje acamondoc, Erejeacamondoc et (caetera) Ajembae mondéb, vitome, erejembae mondéb: que se não quizermos fallar reciprocamente, que será o melhor, diremos: Amondebexembae, amandoc xe a-canga

Regra 3.^a

Quando o reciproco for na terceira pessoa, uzaremos do nosso, o, e algumas vezes do, i, verbi gratia Pedro está na sua rossa: Pero i copixape ce-coé. Tem sua mãy com sigo: i maya oguerecô, o irunamo. Acha-se o Exemplo em copixape, que estando posto reciprocamente, está notado com i, atrás por reciproco: acha-se mais em irunamo, que estando também reciprocamente, está notado com o, sinal também de reciproco.

Regra 4.^a

Quando noPortuguez tivermos este, eoutros [↓se-]



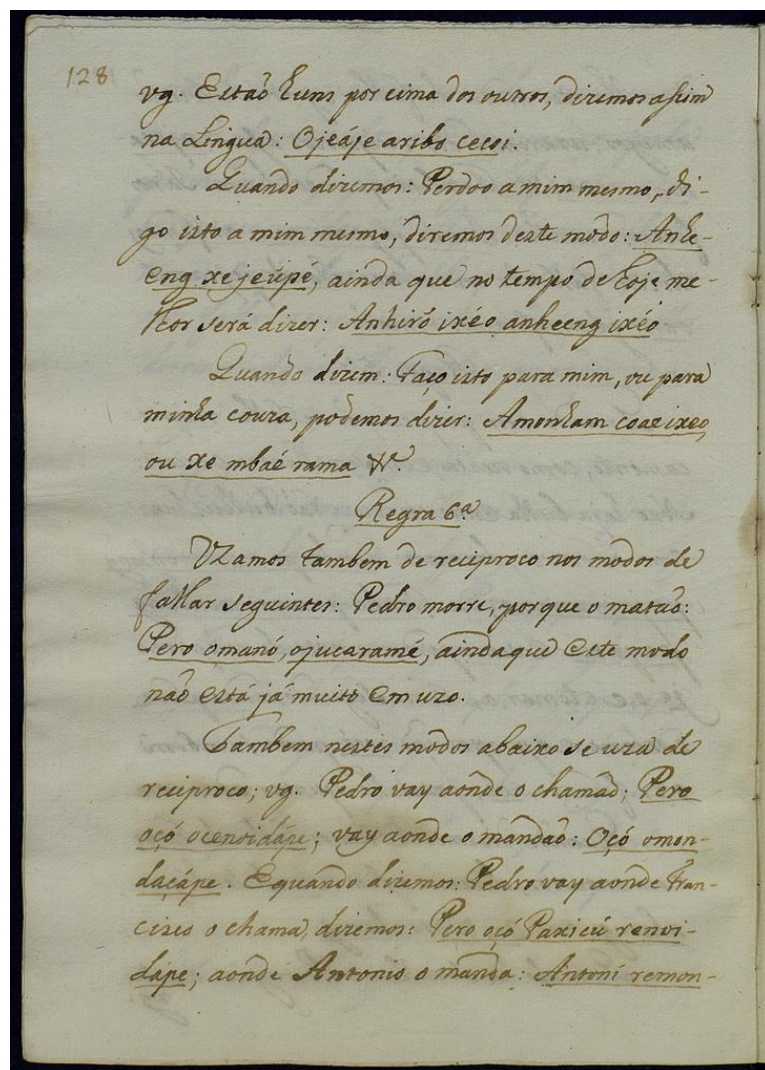
1
2 semelhantes modos de fallar; verbi gratia Já se fizeraõ
3 amigos, uzaremos dos reciprocos assim: ojeca-
4 marare oan et (caeter)a Também quando dizem: Já nos
5 fizemos irmaãos: Iandé já jemó oan; asfemeas
6 dizem fallando com outras: Iande jejeamó
7 oan, já nos fizemos irmaãos.

8 Regra 5.ª

9 Quando com preposições se fallar recipro-
10 camente, como nesta, eem semelhantes orações:
11 Não haja bulha entre vós; ou: Não bulheis huns
12 com os outros, diremos: Tenhé pe mara monhang
13 pe jo irunamo; ou: Tenhé pe mara monhang
14 pe jo ecé: e vem a perder a nota de recíproco
15 je u, e, etomar, o; e no segundo modo perde
16 o mesmo; e a propozição, recé perde também
17 o, r, ficando, ecé, por selhe ajuntar adita nota.

18 Quando dissermos: Estamos fallando huns
19 com os outros, diremos assim: Iande tendé ja-
20 nheeng; ou: Ore te orenheeng.

21 Quando ha semelhante Portuguez aeste: [↓verbi gratia]



1
2 v(erbi) g(ratia) Eztaõ hum por cima dos outros, dizemos assim
3 na Lingua: Ojeáje aribo cecoi.

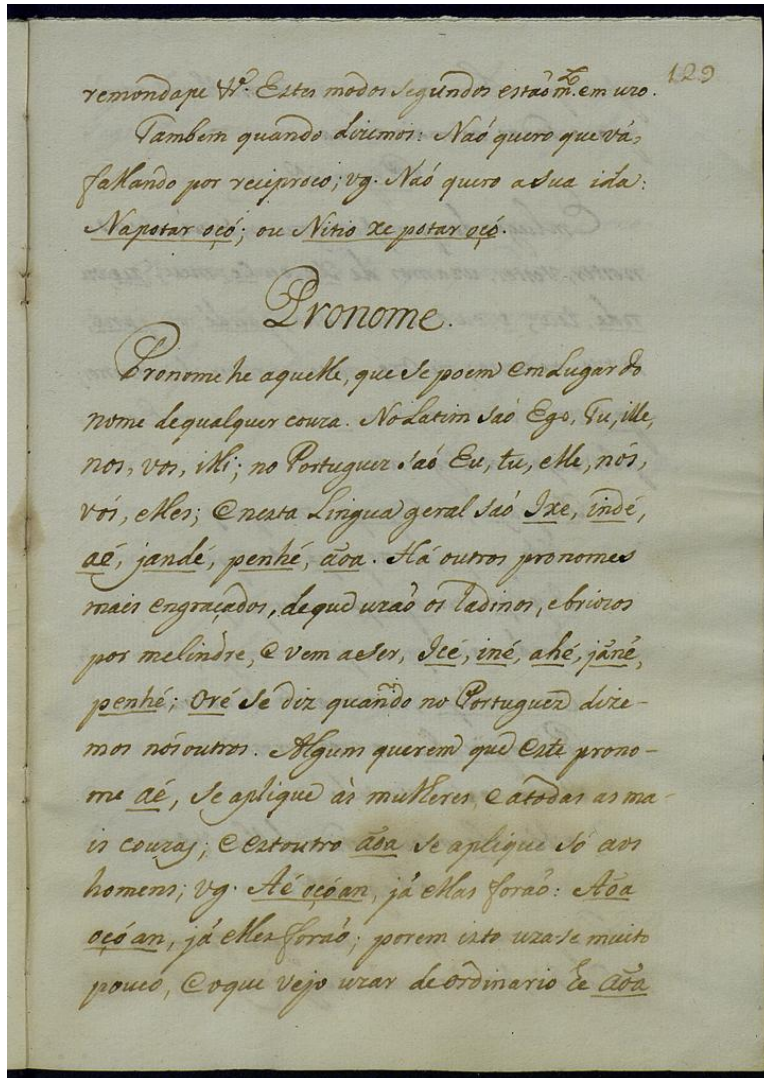
4 Quando dizemos: Perdoo a mim mesmo, di-
5 go isto a mim mesmo, diremos deste modo: Anhe-
6 eng xejeúpe, ainda que no tempo de hoje me-
7 lhor será dizer: Anhirõ ixéo anheeng ixéo.

8 Quando dizem: Faço isto para mim, ou para
9 minha couza, podemos dizer: Amonham coae ixéo,
10 ou xe mbaé rama (et caetera)

11 Regra 6.^a

12 Vzamos tambem de reciproco nos modos de
13 fallar seguintes: Pedro morre, porque o mataõ:
14 Pero omanó, ojucaramé, aindaque ezte modo
15 naõ está já muito em uzo.

16 Tambem nestes modos abaixo se uza de
17 reciproco; v(erbi) g(ratia) Pedro vay aonde o chamaõ; Pero
18 oçó ocenoidápe; vay aonde o mandaõ: Oçó omon-
19 daçápe. Equando dizemos: Pedro vay aonde Fran-
20 cisco o chama, dizemos: Pero oçó Paxicú ren oi-
21 dápe; aonde Antonio o manda: Antoní remon-



remondape (et caetera) Estes modos segundos estão m(ui)to em uso.

Tambem quando dizemos: Não quero que vá,
 fallando por reciproco; v(erbi) g(ratia) Não quero asua ida:
Napotar oco; ou Nitio xe potar oco.

Pronome.

Pronome he aquelle, que se poem em Lugar do
 nome dequalquer couza. No Latim são Ego, Tu, ille,
 nos, vós, illi; no Portuguez são Eu, tu, elle, nós,
 vós, elles; e nesta Lingua geral são Ixe, indé,
ae, jandé, penhé, ãoa. Há outros pronomes
 mais engraçados, deque uzaõ os ladinos, ebriozos
 por melindre, e vem aser, Icé, iné, ahé, jãñé,
penhé; oré se diz quando no Portuguez dize-
 mos nós outros. Algum querem que este prono-
 me ae, se aplique às mulheres e atodas as ma-
 is couzas; e estoutro ãoa se aplique só aos
 homens; v(erbi) g(ratia). Aé açó an, já ellas foraõ: Aõa
ocó an, já elles foraõ; porem isto uza-se muito
 pouco, e oque vejo uzar de ordinario he ãoa

130

assim para homens, como para mulheres, como
para todas as mais couzas.

Regra 2.^a

Em lugar dos possessivos meus, tuus, suus,
noster, vester, uzamos de Xe, ou Ce, meu; ne, ou
nde, teu; i, ou o, seu ou sua; jandé, ou jané,
nosso, ou nossa; ou Oré, nosso, ou nossa de nós outros;
pé, vosso, ou vossa; i, ou o, Seu, ou sua. Exem-
plos sejam os seguintes:

Xe paya, ou Ce paya, meu pay.

Nde paya, ou ne paya, teu pay.

I paya, ou o paya, Seu pay.

Iande ramūya, ou jane ramuya, nossos avós.

Ore ramūya, nossos avós de nós outros.

Pé copixaba, a vossa roupa.

I óba, o seu vestido

Aõa óba, o seu vestido delles. &c.

Regra 3.^a

Os pronomes, que nesta Língua fazem as ve-
zes de hic, hæc, hoc, são os seguintes; Có, ou Coaé,

assim para homens, como para mulheres, como
para todas as mais couzas.

Regra 2.^a

Em lugar dos possessivos meus, tuus, suus,
noster, vester, uzamos de Xe, ou Ce, meu; ne, ou
nde, teu; i, ou o, seu ou sua, jandé, ou jané,
nosso, ou nossa; ou Oré, nosso, ou nossa de nós outros;
pé, vosso, ou vossa; i, ou o, Seu, ou sua. Exem-
plos sejam os seguintes:

Xe paya, ou Ce paya, meu pay.

Nde paya, ou ne paya, teu pay.

I paya, ou o paya, Seu pay.

Iande ramūya, ou jane ramuya, nossos avós.

Ore ramūya, nossos avós de nós outros.

Pé copixaba, a vossa roupa.

I óba, o seu vestido

Aõa óba, o seu vestido delles. (et caetera)

Regra 3.^a

Os pronomes, que nesta Língua fazem as ve-
zes de hic, hæc, hoc, são os seguintes: Có, ou Coaé

Significa este, ou esta, ou isto. Ang, ou angoaé 131
Significa o mesmo. Coaõa, ou Coaétá Significa
Este, ou Estas, ou isto. Ha

Costuma-se muitas vezes ajuntar ao prono-
me Xe esta particula te, que quer dizer, mesmo,
ou aé; Vg. Xe te, ou Xe aé, Eu mesmo.

Ajunta-se He algumas vezes assim aeste,
como aos mais pronomes esta palavra racó, que
quer dizer, esse, ou estes; Vg. Abáta coaé omonhang?
quem fez isto? Ixé racó; Eu fui em que ofiz.
Forão já os negros? Ocó oan apyaba etá? Ocó
oan racó, já forão esses que dizes. Esta parti-
cula Rã, também tem o mesmo significado, e a mes-
ma explicação; e algumas vezes succede ser mais
elegante polla em algumas orações doq^{ue} o racó;
e algumas vezes succede ser elegantissimo am-
bas juntas, como fazem os ladinis por melindre
nesta, e em semelhantes orações: Anhé racó-
rã, Ora isso assim he. Outras vezes succede por-
se roã, em Lugar de rã, e isso he oque mais vezes

significa ezte, ou esta, ou isto. Ang, ou angoaé
significa o mesmo. Coaõa, ou Coaétá significa
eztes, ou estas, ou isto

Costuma-se muitas vezes ajuntar ao prono-
me Xe ezta particula te, que querdizer, mesmo,
ou aé; *verbi gratia* Xe te, ou Xe aé, eu mesmo.

Ajunta-se He algumas vezes assim aeste,
como aos mais pronomes esta palavra racó, que
quer dizer, esse, ou estes; *verbi gratia* Abáta coaé omonhang?
quem fez isto? Ixé racó; eufui esse que ofiz.

Forão já os negros? Ocó oan apyaba etá? Ocó
oan racó, já forão esses que dizes. Esta parti-
cula Rã, também tem o mesmo significado, e a mes-
ma explicação; e algumas vezes succede ser mais
elegante polla em algumas orações doq^{ue} o racó;
e algumas veses succede ser elegantissimo am-
bas juntas, como fazem os ladinis por melindre
nesta, e em semelhantes orações: Anhé racó-
rã, Ora isso assim he. Outras vezes succede por-
se roã, em Lugar de rã, e isso he oque mais vezes [se↓]

132 se uza; porém pondose junta com racó, se ha de pôr rã, e não roã; porém ambos os dous se pronunciaõ com hum só.

Advertencia

Alguns Linguas dizem, que estas particulas acima: racó, rã, e roã, não significaõ per si Couza alguma, mas que sómente são hums so-taques, ou galas, que se ajuntão nas palavras, para as fazer mais lustrosas, e engraçadas. Não me parece mal esta opiniaõ; porém amim me parece, que são pronomes; porque tendo noticia de outras Linguas, as acho nellas clara-mente feitas pronomes.

Pronomes extravagantes.

Ha outra casta de pronomes extravagantes, q são nascidos de adverbios, e são os seguintes: uĩã, uĩãẽ, que significaõ aquelles, ou aquellas, aquelle, ou aquelle, ou aquillo que acolá está. Alguns em Lugar delles dizem tambem, mĩã; Vg. Erúr uĩã itá, traze aquella pedra, que acolá

se uza; porém pondose junta com racó, se há depór rã, e não roã; porém ambos os dous se pronunciaõ com hum só.

Advertencia

Alguns Linguas dizem, que ezas particulas acima: racó, rã e roã, não significaõ per si couza alguma, mas que sómente são hums so-taques, ou galas, que se ajuntão nas palavras, para asfazer mais lustrosas, eengraçadas. Não me parece mal ezta opiniaõ; porém amim me pare, que são pronomes; porque tendo noticia de outras Linguas, as acho nellas clara-mente feitas pronomes.

Pronomes extravagantes.

Ha outra casta de pronomes extravagantes, q(ue) são nascidos de adverbios, e são os seguintes: uĩã, uĩãẽ, que significaõ aquelles, ou aquellas, aquelle, ou aquella, ou aquillo que acolá está. Alguns em Lugar delles dizem tambem, mĩã; verbi gratia Erúr uĩã itá, traze aquella pedra, que acolá

está; ou ũaẽ itá; ou aindaque mais tosca, mas, ¹³³
inteligivelmente, mã itá.

Maoá, ou maoaé significa, qual, *vg.* Estão
aqui tres, qual destes queres? Oicó iké moçapir
maoá, ou masaétá erepotar?

Eboquói, ou Eboquí significa esse, ou essa,
esses, ou essas, ou isto; *vg.* Nitio erepotar ebo-
quói itá? Não queres esse ferro, ou essa ferramen-
ta? aindaque o segundo não se uza tanto, como
o primeiro.

Eboquói também significa eis la vai, ou
eilo lá vai; *vg.* Eboquói oçó oan igára; eis lá
vai alanoa. Eboquói ur oan maracatim, eis
lá vem o navio.

Tambem significa, certamente, *vg.* Ebo-
quói corí xe mondo, Lá mandarei certamente
aodepois.

Uieépe, outros dizem mĩ cépe aquillo
que lá está longe a perder de vista; *vg.* Onde
vem essa canoa? Uimeépe, ou mĩ cépe, Lá vem

está; ou ũaẽ itá; ou aindaque mais tosca, mas
inteligivelmente, mã itá.

Maoá, ou maoaé significa, qual, *verbi gratia*, Eztaõ
aqui tres, qual destes queres? Oicó iké moçapir
maoá, ou maoaétá erepotar?

Eboquói, ou Eboquéi significa esse, ou essa,
esses, ou essas, ou isto; *verbi gratia* Nitio erepotar ebo-
quói itá? Não queres esseferro, ou essa ferramen-
ta? aindaque osegundo não se uza tanto, como
o primeiro.

Eboquói também significa eis la vai, ou
eilo lá vai; *verbi gratia* Eboquói oçó oan igára; eis Lá
vai acanoa. Eboquói ur oan maracatim, eis
lá vem o navio.

Tambem significa, certamente, *verbi gratia* Ebo-
quói corí xe mondo, Lá mandarei certamente
aodepois.

Uieépe, outros dizem mĩ cépe aquillo
que lá está longe a perder de vista; *verbi gratia* Onde
vem essa canoa? Uimeépe, ou mĩ cépe, Lá vem

71v

134

aperder de vista.

Acói significa aquella, ou aquella, aquellos, ou aquellas, ou aquillo; Vg. Erecipiae van así xe mombeú aequera endéo? Vistes já aquillo, que eu te tinha dito? Aquei, aqueioaé, significão o mesmo, mas uzaõ-se menos.

Aipó, este, esta, estes, estas, isto; Vg. Aipó dez Tupãna acerecô monhangaba; ou janderecô monhangaba, quehe omelhor; Estes dez mandamentos, deque acima fallamos; Estes dez mandamentos que fãrem a nossa Ley; ou os sobreditos mandamentos.

Tambem significa Vg. aquillo em que tinhãmos fallado, como por exemplo: Tem algum fallado em huma negra, edahi vay ella por acolá passando, diz: Aipó cerá cunham; aquella he a negra, ou he ella aquella em que tinhãmos fallado.

Tambem significa, isto, neste sentido Vg. quando alguém diz: Dame agua ardente, res-

134

aperder de vista.

Acói significa aquella, ou aquella, aquellos, ou aquellas, ou aquillo; *verbi gratia* Erecipiae oan acói xe mombeú aequera endéo? Vistes já aquillo, que eu te tinha dito? Aquei, aqueioaé, significão o mesmo, mas uzaõ-se menos.

Aipó, este, esta, estes, estas, isto; *verbi gratia* Aipó dez Tupãna acerecô monhangaba; ou janderecô monhangaba, quehe omelhor; eztes dez mandamentos, deque acima fallamos; estes dez mandamentos quefazem a nossa Ley; ou os sobreditos mandamentos.

Tambem significa *verbi gratia* aquillo em que tinhãmos fallado, como por exemplo: Tem algum fallado emhuma negra, edahi vay ella por acolá passando, diz: Aipó cerá cunham; aquella he a negra, ou he ella aquella em que tinhãmos fallado.

Tambem significa, isto neste sentido *verbi gratia* ficando alguém diz: Dame agua ardente, res-

72r

responde o outro: Uy, isso me has dedizer? Não
saber, que não atenho. Responde então o Tapuya:
Aipó aé, Eu dizia isto não mais para que se
podesse ser, se me fizesse: Aipó aéroam, aipó-
aénhóté.

Algumas vezes significa, que, *vg. nute*,
sentido: Olha que lá fallou o Padre; Aipó Paí
onheeng.

Ipó significa, isto, *vg. Ae será coae?*
Responde: Hê hê ipó, Sim, deve ser esse; porém
sempre ficando em duvida se será, ou não.

Verbo.

Verbo he huma ordem de palavras, que per-
si fallão; que a subtileza dos homens tem in-
ventado para saberem com fundamento todos
os idiomas. Isto supposto, he de saber, que
todos os verbos desta lingua se dividem em do-
is generos, que vem a ser activos, e não acti-
vos. Activo se chama aquelle verbo, que no

132

1 responde o outro: Uy, isso me has dedizer? Não 135
2 saber, que não atenho. Responde então o Tapuya:
3 Aipó aé, eu dizia isto não mais para que se
4 podesse ser, se me fizesse: Aipó aéroam, aipó-
5 aénhóté.

6 Algumas vezes significa, que, *verbi gratia* neste
7 sentido: Olha que lá fallou o Padre; Aipó Paí
8 onheeng.

9 Ipó significa, isso; *verbi gratia* Ae será coae?
10 Responde: Hê hê ipó, Sim, deve ser esse; porém
11 sempre ficando em duvida se será, ou não.

12 Verbo.

13 Verbo he huma ordem de palavras, que per-
14 si fallão, que a subtileza dos homens tem in-
15 ventado para saberem com fundamento todos
16 os idiomas. Isto supposto, he de saber, que
17 todos os verbos desta lingua se dividem em do-
18 us generos, que vem a ser activos, e não acti-
19 vos. Activo se chama aquelle verbo, que no

136 modo de fallar mostra sua acção sobre alguma
couza, vg. Amo. Aqui fica suspenso o sentido
até que se declare a acção do verbo; por que
quem diz que ama, por força alguma couza
hade amar; e assim dizendo nos: Amo aDe-
os, já com este, aDeos, se declarou bastante-
mente aacção do verbo, edeixou acabada a
oração.

Assim tambem nesta Lingua: Amo-
nhang, faço: eo que? a minha caza, Xe roca.
Este xeroca he sobre que cahio a signifi-
cação do verbo, e por isso ficou sendo seu ac-
cusativo. Desta sorte se conhecem os verbos
activos em todas as Linguas.

Os não activos huns são neutros, outros
de alguma sorte podemos chamar passivos, e
outros, que podemos chamar absolutos.

Verbos neutros.

Verbos neutros são todos aquelles, que não
tem acção, ou dominio sobre alguma couza,

modo defallar mostra sua acção sobre alguã
couza, *verbi gratia* Amo. Aqui fica suspenso o sentido
até que se declare a acção do verbo; por que
quem diz que ama, por força alguma couza
hade amar; e assim dizendo nos: Amo aDe-
os, já com este, aDeos, se declarou bastante-
mente aacção do verbo, edeixou acabada a
oração.

Assim tambem nesta lingua: Amo-
nhang, faço: eo que? a minha caza, Xe roca.
Este xeroca he sobre que cahio a signifi-
cação do verbo, e por isso ficou sendo seu ac-
cusativo. Desta sorte se conhecem os verbos
activos em todas as Linguas.

Os não activos huns são neutros, outros q(ue)
de alguma sorte podemos chamar passivos, e
outros, que podemos chamar absolutos.

Verbos neutros.

Verbos neutros são todos aquelles, que não
tem acção, ou dominio sobre alguma couza,

por cuja cauza não pedem cazo algum, salvo por
 virtude de alguma prepozição. Estes se co-
 nheceraõ pela maneira seguinte. Observare-
 mos todas as significações dos verbos, e aque-
 lles, que virmos que não tem acção, aesses cha-
 maremos verbos neutros; vg. Apae, durmo,
 ou acordo. Este durmo, ou acordo, não mostra
 do minio, ou acção sobre couza alguma, e por-
 isso não pede cazo: Logo este verbo diremos,
 que he neutro.

Neutros verdadeiros.

Chamamos nesta lingua neutros verdadei-
 ros atodos aquelles verbos dos pronomes Xe,
 Ne, I, et (caeter)a que se formão de nomes adjectivos;
 vg. Entendendose o verbo sum na maneira se-
 guinte: Catú significa couza boa, junto com
 o pronome Xe compomos hum verbo na manei-
 ra seguinte: Xe catú, eu sou bom, Ne catú
 tu es bom, Icatú elle hebom, et (caeter)a o qual verbo
 conjugaremos pela Segunda Conjugação, que

por cuja cauza não pedem cazo algum, salvo por
 virtude de alguma prepozição. Estes se co-
 nheceraõ pela maneira seguinte. Observare-
 mos todas as significações dos verbos, eaque-
 lles, que virmos que não tem acção, aesses cha-
 maremos verbos neutros; *verbi gratia*. Apae, durmo,
 ou acordo. Este durmo, ou acordo, não mostra
 dominio, ou acção sobre couza alguma, e por-
 isso não pede cazo: Logo este verbo diremos,
 que he neutro.

Neutros verdadeiros.

Chamamos nesta Lingua neutros verdadei-
 ros atodos aquelles verbos dos pronomes Xe,
 Ne, I, et (caeter)a que se formaõ de nomes adjectivos;
verbi gratia, entendendose overbo sum na maneira se-
 guinte: Catú significa couza boa, junto com
 o pronome Xe compomos hum verbo na manei-
 ra seguinte: Xe catú, eu sou bom, Ne catú
 tu esbom, Icatú elle hebom, et (caeter)a o qual verbo
 conjugaremos pela Segunda Conjugação, que

73v

138 *atrasfica.*

Quando porém juntamos pronomes a
nomes substantivos, selhe entende entã o verbo
Sum, por ter, na maneira seguinte: Maenduar
significa Lembrança: Xe maenduar, eu tenho
Lembrança, ou me lembro. Copixaba significa
rossa, Xe copixaba, tenho rossa et (caeter) a ainda que
em alguns fica mais intelligivel pondo lhe o
verbo arecô, que significa ter; v.g. na oração
sobredita: Arecô xe copixaba, tenho minha
rossa. Estes, e os seus semelhantes, são os ver-
bos que se conjugão pela segunda conjugação,
e não outros.

Passivos.

Há outros verbos, que de alguma maneira po-
demos chamar passivos, que são os que se fazem
dos activos, juntandolhe a particula jé. v.g.
Ajejúca, eu me mato, ou sou morto de outro.
Compoem-se este verbo do activo Iucá, e da
particula jé. A explicação destes verbos pas-

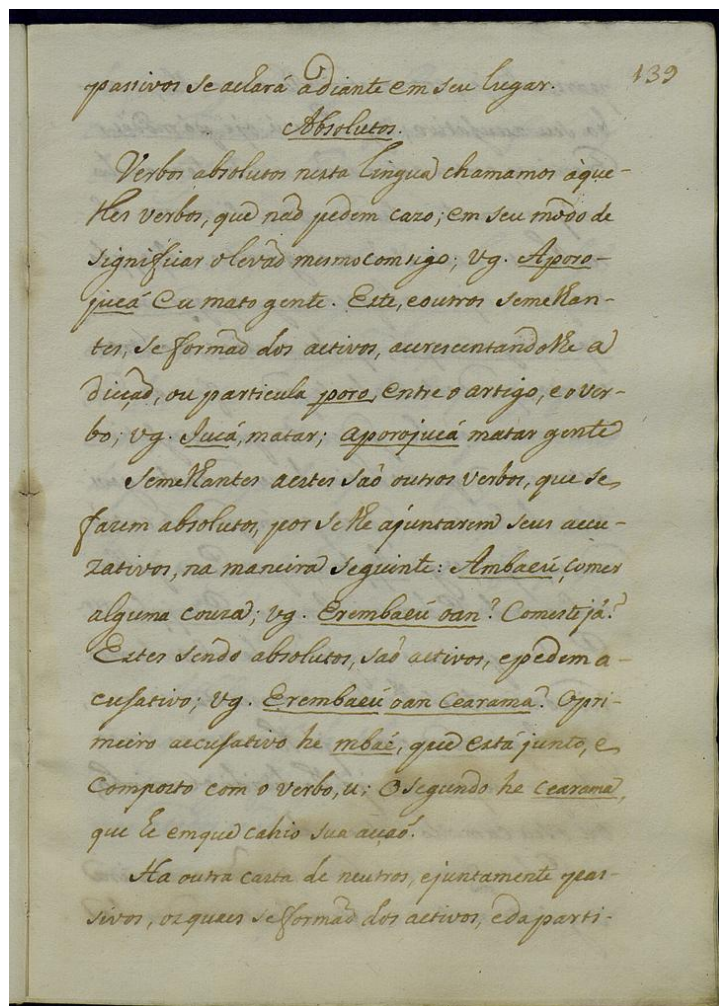
1 138

2 atrasfica.

3 Quando porém juntamos pronomes a
4 nomes substantivos, selhe entende entã o verbo
5 Sum, por ter, na maneira seguinte: Maenduar
6 Significa Lembrança: Xe maenduar, eu tenho
7 Lembrança, ou me lembro. Copixaba significa
8 rossa, Xe copixaba tenho rossa et (caeter) a ainda que
9 em alguns fica mais intelligivel pondo lhe o
10 verbo arecô, que Significa ter; *verbi gratia* na oração
11 sobredita: Arecô xe copixaba, tenho minha
12 rossa. Estes, e os seus semelhantes, são os ver-
13 bos que se conjugão pela Segunda conjugação,
14 e não outros.

Passivos.

16 Há outros verbos, que de alguma maneira po-
17 demos chamar passivos, que são os que se fazem
18 dos activos, juntandolhe a particula jé *verbi gratia*
19 Ajejúca, eu me mato, ou sou morto de outro.
20 Compoem-se este verbo do activo Iucá, e da
21 particula jé, A explicação destes verbos pas-



passivos se achará adiante em seu lugar.

Absolutos.

Verbos absolutos nesta lingua chamamos àque-
lles verbos, que não pedem cazo; em seu modo de
significar olevão mesmo com sigo; *verbi gratia* Aporo-
jucá eu mato gente. Ezte, e outros semelhan-
tes, se formaõ dos activos, accrescentadolhe a
dicção, ou particula poro, entre o artigo, e o ver-
bo; *verbi gratia* Jucá, matar; aporojucá matar gente

Semelhantes aestes são outros verbos, que se
fazem absolutos, por se lhe ajuntarem seus accu-
sativos, na maneira seguinte: Ambaeú, comer
alguma couza; *verbi gratia* Erembaeú oan? Comeste já?
Eztes sendo absolutos, são activos, e pedem a-
cusativo, *verbi gratia* Erembaeú oan cearama? O pri-
meiro accusativo he mbae, que está junto, e
composto com o verbo, u; O segundo he cearama,
que he em que cahio sua acção.

Ha outra casta de neutros, ejuntamente pas-
sivos, os quaes se formaõ dos activos, eda parti-

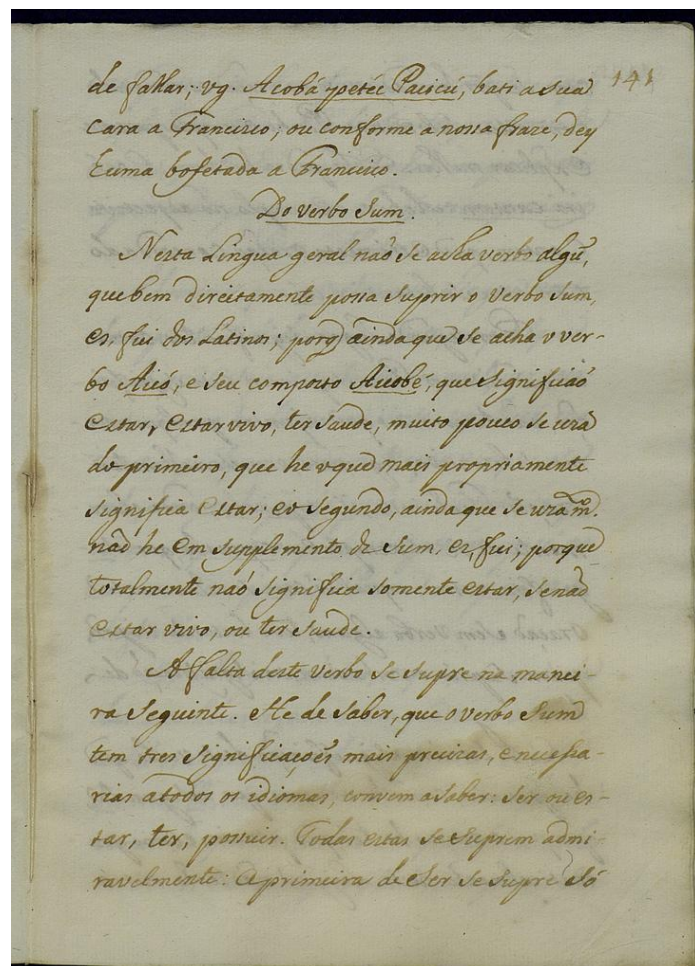
140ª particula je, entremetendolhe entre ella, eo verbo seu accusativo; v.g. Paxicú oje pó mōdóc, Francisco cortou asua mão; isto he tornando reciprocamente o sentido sobre si mesmo. Semelhantes aeste são os seguintes: Ajejyba mo péne, ajenambipócanong, ajejy motáe, ajeacang moatyro, ajeoba coatiar, e outros muitos, quedeste modo se podem formar. Estes, e outros como elles podem ter por accusativo outro nome, que no Latim houveradeser genitivo de *Quotiescumque*; porém perderá entã adicção je; v.g. Ajyba mo pén Pero, quebrei os braços de Pedro; ou Amo pen Pero jyba &c. Pode-se porém o accusativo do tal verbo relativamente, selhe deve accrescentar i, ou e, v.g. Aipó mondoc oan, já lhe cortei as mãos, Açape mo jaoc oan, já lhe dividi o caminho, ou o seu caminho a sua mão.

Pode-se fazer tambem a Oração na maneira seguinte neste, e em semelhantes modos de

particula jé, entremetendolhe entre ella, eo verbo seu accusativo; *verbi gratia* Paxicú oje pó mōdóc, Francisco cortou asua mão, isto he tornando reciprocamente o sentido sobre si mesmo. Semelhantes aeste são os seguintes: Ajejyba mo péne, ajenambipócanong, ajejy motáe, ajeacang moatyro, ajeoba coatiar, e outros muitos, quedeste modo se podem formar. Estes, e outros como elles podem ter por accusativo outro nome, que no Latim houveradeser genitivo de *Quotiescumque*; porém perderá entã adicção je; *verbi gratia*. Ajyba mo pén Pero, quebrei os braços de Pedro; ou Amo pen Pero jyba et (caeter)a Pondose porém o accusativo do tal verbo relativamente, selhe deve accrescentar i, ou e, *verbi grata* Aipó mondoc oan, já lhe cortei as mãos, Açape mo jaoc oan, já lhe dividi o caminho, ou o seu caminho asua mão

Pode-se fazer tambem a Oração na maneira seguinte neste, e em semelhantes modos de

75r



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

de fallar; *verbi gratia. Acobá petéc Paicú*, bati asua
 cara a Francisco, ou conforme a nossa fraze, dey
 huma bofetada a Francisco.

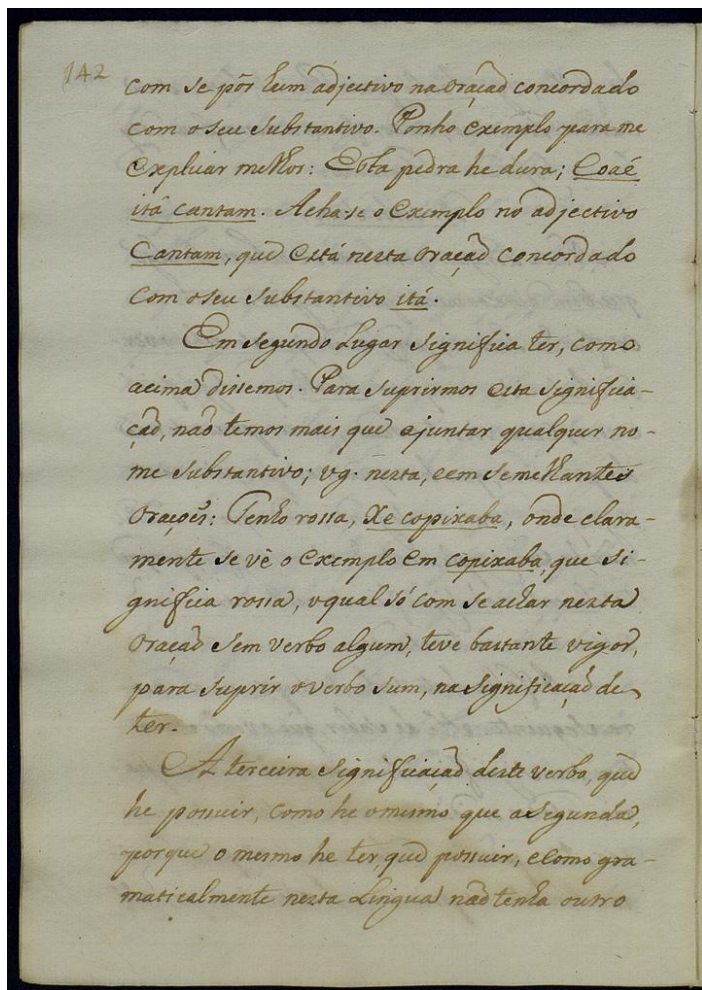
Do verbo Sum.

Nesta Lingua geral não se acha verbo algũ,
 quebem directamente possa suprir o verbo Sum,
 es, fui dos Latinos; porq(ue) aindaque se acha o ver-
 bo *Aicó*, e seu composto *Aicobé*, que significaõ
 eztas, eztar vivo, ter saude, muito pouco se uza
 do primeiro, que he oque mais propriamente
 significa eztar; eosegundo, aindaque se uza m(ui)to
 não he em supplemento de Sum, es, fui; porque
 totalmente não significa somente eztar, senão
 eztar vivo, ou ter saude.

A falta deste verbo se supre na manei-
 ra seguinte. He de saber, que o verbo Sum
 tem tres significações mais precizar, e necessa-
 rias atodos os idiomas, convem asaber: ser ou es-
 tar, ter, possuir. Todas estas sesuprem admi-
 ravelmente: a primeira de ser se supre só

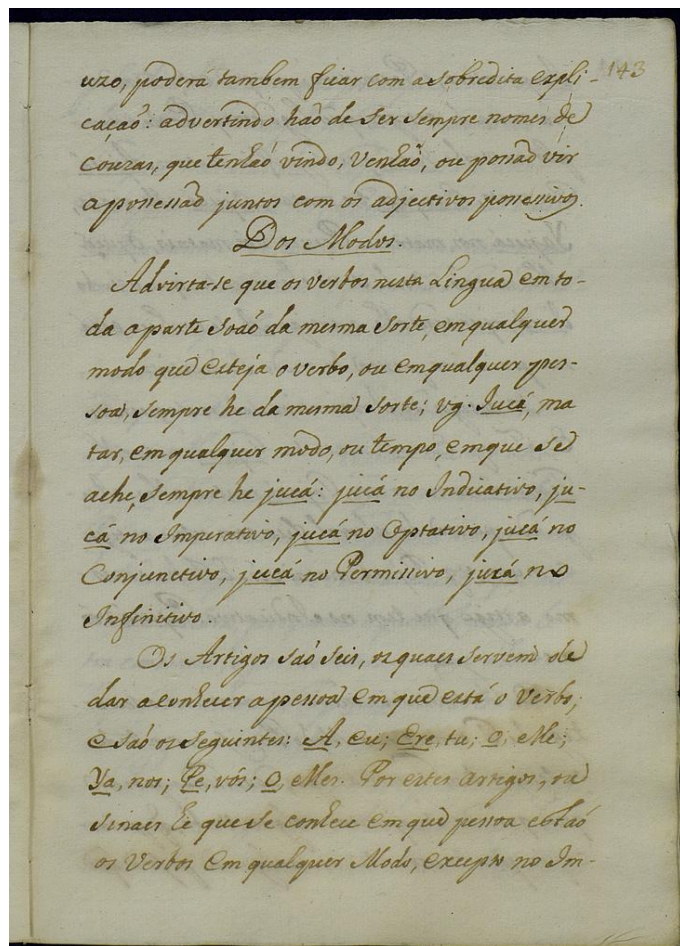
141

75v



142

1 com se pôr hum adjectivo na oração concordado
 2 com o seu substantivo. Ponho exemplo para me
 3 explicar melhor: Esta pedra he dura; Coaé
 4 itá cantam. Acha-se o exemplo no adjectivo
 5 Cantam, que está nesta oração concordado
 6 com o seu substantivo itá.
 7
 8 Em segundo Lugar significa ter, como
 9 acima dissemos. Para suprimos esta significa-
 10 ção, não temos mais que ajuntar qualquer no-
 11 me substantivo; verbi gratia nesta, eem semelhantes
 12 orações: Tenho rossa, Xe copixaba, onde clara-
 13 mente se vê o exemplo em copixaba, que si-
 14 gnifica rossa, o qual só com se achar nesta
 15 oração sem verbo algum, teve bastante vigor,
 16 para suprir o verbo Sum, na significação de
 17 ter.
 18 A terceira significação deste verbo, que
 19 he possuir, como he o mesmo que aSegunda,
 20 porque o mesmo he ter, que possuir, e como gra-
 21 maticalmente nesta lingua não tenha outro

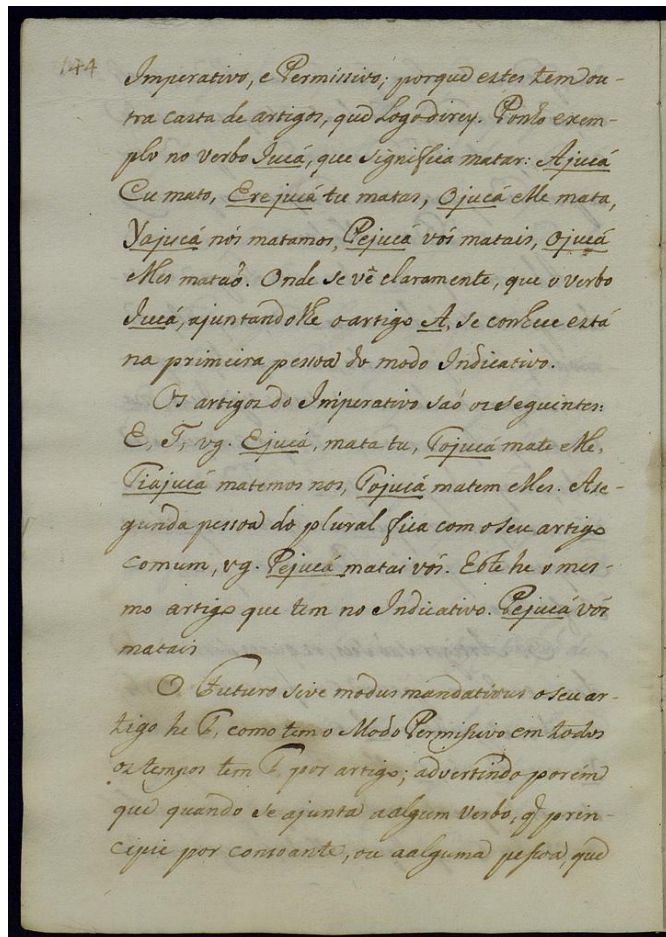


1 uzo, poderá também ficar com asobredita expli-
 2 cação: advertindo haõ de ser sempre nomes de
 3 couzas, que tenhaõ vindo, venhaõ, ou possaõ vir
 4 appossessão juntos com os adjectivos possessivos.
 5

6 Dos Modos.

7 Advirta-se que os verbos nesta Lingua em to-
 8 da a parte soaõ da mesma sorte, emqualquer
 9 modo que esteja o verbo, ou emqualquer pes-
 10 soa, sempre he da mesma sorte; *verbi gratia* Jucá, ma-
 11 tar, em qualquer modo, ou tempo, emque se
 12 ache, sempre he jucá: jucá no Indicativo, ju-
 13 cá no Imperativo, jucá no Optativo, jucá no
 14 Conjunctivo, jucá no Permissivo, jucá no
 15 Infinitivo.

16 Os Artigos são seis, os quaes servem de
 17 dar a conhecer a pessoa em que está o verbo;
 18 são os seguintes: A, eu; E, tu; O, elle;
 19 Ya, nos, Pe, vós; O, elles. Por estes artigos, ou
 20 sinaes he que se conhece em que pessoa estão
 21 os verbos em qualquer Modo, excepto no Im-

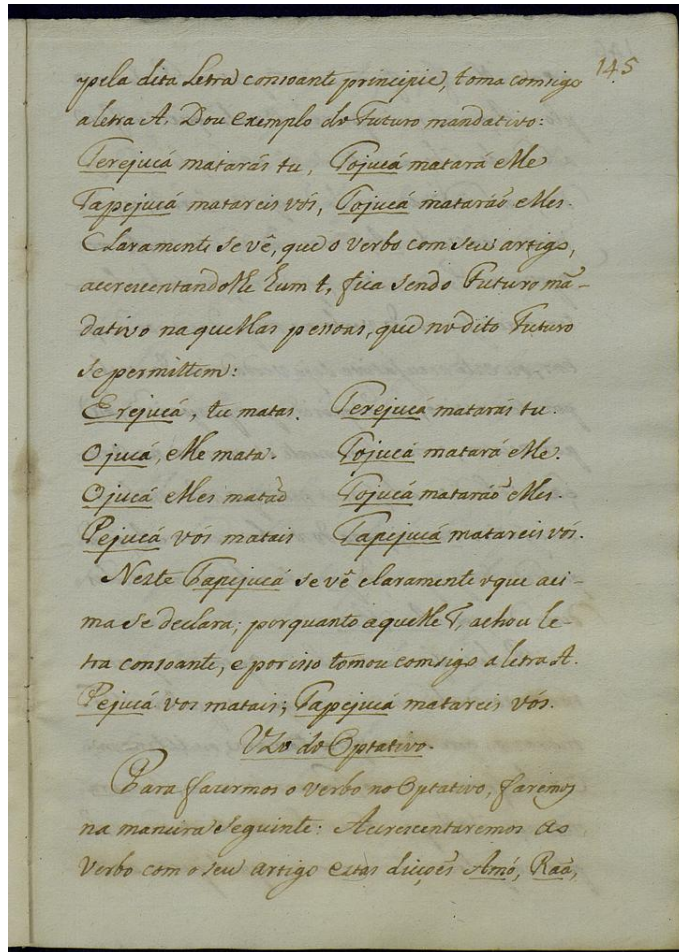


Imperativo, e Permissivo; porque eztes tem ou-
tra casta de artigos, que Logodirey. Ponho exem-
plo no verbo Jucá, que significa matar: Ajucá
eu mato, Ere jucá tu matas, Ojucá elle mata,
Yajucá nós matamos, Pejucá vós matais, Ojucá
elles matao. Onde se vê claramente, que o verbo
Jucá, ajuntandolhe o artigo A, se conhece eztá
na primeira pessoa do modo Indicativo.

Os artigos do Imperativo são os seguintes:
E, T, *verbi gratia*, Ejucá, mata tu, Tojucá mate elle,
Tiajucá matemos nos, Tojucá matem elles. A se-
gunda pessoa do plural fica com o seu artigo
comum, *verbi gratia* Pejucá matai vós. Este he o mes-
mo artigo que tem no Indicativo. Pejucá vós
matais

O Futuro seve *modus mandativus* o seu ar-
tigo he T como tem o Modo Permissivo em todos
os tempos tem T, por artigo; advertindo porém
que quando se ajunta aalgum verbo, q(ue) prin-
cipie por consoante, ou aalguma pessora, que

77r



145

- 1
- 2 pela dita Letra consoante principie, toma consigo
- 3 a letra A, Dou exemplo do Futuro mandativo:
- 4 Terejucá matará tu, Tojucá matará elle
- 5 Tapejucá matareis vós, Tojucá mataráo elles.
- 6 Claramente se vê, que o verbo com seu artigo,
- 7 acrescentandolhe hum t, fica sendo Futuro mã-
- 8 dativo naquellas pessoas, que no dito Futuro
- 9 se permitem:
- 10 Erejucá, tu matas . Terejucá matará tu.
- 11 Ojucá, elle mata. Tojucá matará elle.
- 12 Ojucá elles matao Tojucá matao elles.
- 13 Pejucá vós matais. Tapejucá matareis vós.
- 14 Neste Tapejucá se vê claramente oque aci-
- 15 mase declara; porquanto aquelle T, achou le-
- 16 tra consoante, e por isso tomou consigo a letra A.
- 17 Tejucá vos matais; Tapejucá matareis vós.
- 18 Uzo do Optativo.
- 19 Para fazermos o verbo no Optativo, faremos
- 20 na maneira seguinte: Acrescentaremos ao
- 21 verbo com o seu artigo estas dicções Amó, Raã,

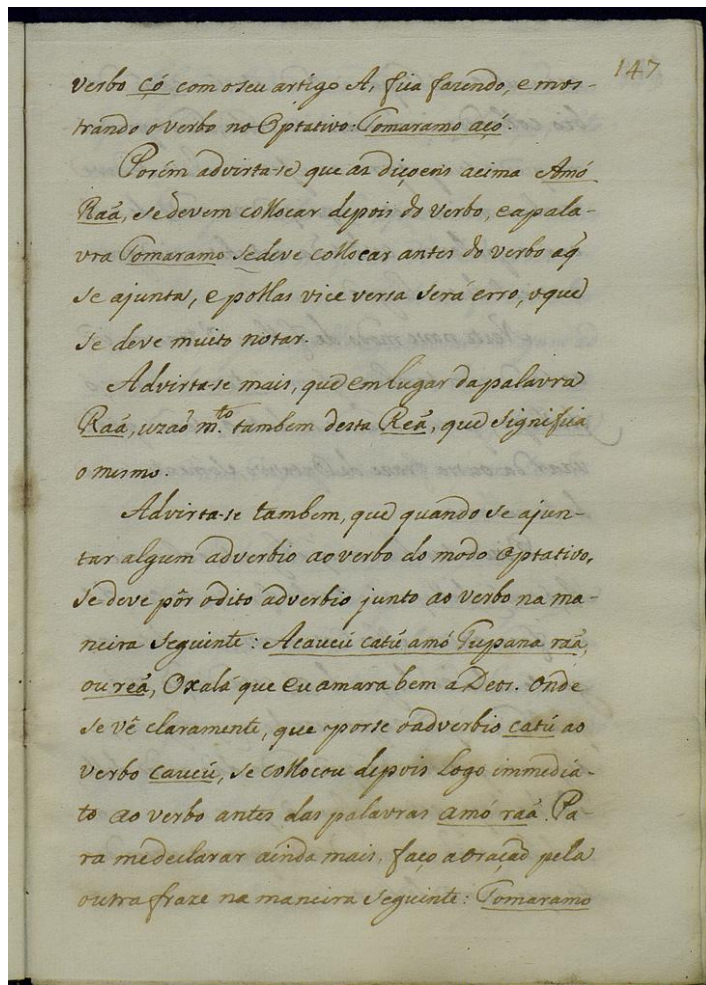
77v

146
 e com ellas fica formado o Optativo. Ponho exem-
 plo: Açó amó mairipe raã, Oxalá que eu fosse
 á Cidade. Claramente se vê o exemplo nasduas
 dicções indicativas de desejo amó raã, as quaes
 juntas ao verbo Açó, mostram aodito verbo no
 Optativo. Porém note-se, que sempre se ha de me-
 ter o accusativo do verbo no meyo dasduas dic-
 ções, ou este accusativo seja verdadeiro do verbo,
 por ser activo, ou adquirido por preposição, ou
 por neutro, como claramente se mostra na Ora-
 ção sobredita: Açó amó mairipe raã, onde o
 accusativo mairi, cazo do verbo neutro Açó, ad-
 quirido da preposição pe, se acha no meio das
 duas dicções Amó, Raã.
 Podese formar tambem o Optativo, ajuntan-
 do ao verbo com seu artigo esta palavra To-
maramo, que significa tomara, ou Utinam.
 Oxalá fora eu ao ceo, Tomara ir ao ceo; Tomara
mo açó ibaKepe. Onde claramente se ve o exê-
 plo na palavra tomaramo, aqual junta ao ver-

146

ecom ellas fica formado o Optativo. Ponho exem-
 plo: Açó amó mairipe raã, Oxalá que eu fosse
 á Cidade. Claramente se vê o exemplo nasduas
 dicções indicativas de desejo amó raã, as quaes
 juntas ao verbo Açó, mostram aodito verbo no
 optativo. Porém note-se, que sempre se ha de me-
 ter o accusativo do verbo no meyo dasduas dic-
 ções, ou este accusativo seja verdadeiro do verbo,
 por ser activo, ou adquirido por preposição, ou
 por neutro, como claramente se mostra na Ora-
 ção sobredita: Açó amó mairipe raã, onde o
 accusativo mairi, cazo do verbo neutro Açó, ad-
 quirido da preposição pe, se acha no meio das
 duas dicções Amó, Raã.

Podese formar tambem o Optativo, ajuntan-
 do ao verbo com o seu artigo esta palavra To-
maramo, que Significa tomara, ou Utinam;
 Oxalá fora eu ao ceo, Tomara ir ao ceo; Tomará
mo açó ibaKepe. Onde claramente se ve o exê-
 plo na palavra tomaramo, aqual junta ao ver-



verbo có com o seu artigo A, fica fazendo, e mos-
 trando o verbo no Optativo: Tomaramo açó.

Porém advirta-se que as dições acima Amó
Raã, se devem collocar depois do verbo, e a pala-
 vra Tomaramo se deve collocar antes do verbo aq(ue)
 se ajunta, e pollas vice versa será erro, o que
 se deve muito notar.

Advirta-se mais, que em lugar da palavra
Raã, uzaõ m(ui)to desta Reã, que significa
 o mesmo.

Advirta-se também, que quando se ajun-
 tar algum adverbio ao verbo do modo optativo,
 se deve pôr o dito adverbio junto ao verbo na ma-
 neira seguinte: Acaucú catú amó Tupana raã,
 ou reã, Oxalá que eu amara bem a Deos. Onde
 se vê claramente, que por se o adverbio catú ao
 verbo caucú, se collocou depois Logo immedia-
 to ao verbo antes das palavras amó raã. Pa-
 ra medeclarar ainda mais, faço a Oração pela
 outra frase na maneira seguinte: Tomaramo

178. acaucub catú Tupana. Onde se vê o catú adverbio collocado immediato ao verbo, ainda primeiro, que o seu proprio accusativo. Isto sedeve tambem muito notar; porque no modo de collocar as palavras esta toda a substancia grammatical desta Lingua.

Neste nosso modo de fallar: O' tomara ir ao Ceo, dizem tambem assim: O tomaramo açó YbaKepe; porém uzando-se deste o, senão pode uzar da outra frase de Optativo, somente se usa de tomaramo.

Dizem tambem muy elegante, e claramente: Açó amó ybeKepe oé; Oxalá fora eu ao ceo; O' se eu fora ao ceo. Nos Catecismos, e na Arte antiga se acha em lugar de oé, esta dicção mã, a qual ainda que ao parecer he muy elegante, e algumas pessoas há, que ainda dão razão della, não ha hoje pessoa alguma, que a uze; eas mais dellas não a entendem; e por isso uzem desta, que acima declaro. M.

acaucub catú Tupana. Onde se vê o catú adverbio collocado immediato ao verbo, ainda primeiro, que o seu proprio accusativo. Isto sedeve tambem muito notar; porque no modo de collocar as palavras ezta toda a substancia grammatical desta Lingua.

Neste nosso modo de fallar: O' tomara ir ao Ceo, dizem tambem assim: O tomaramo açó YbaKepe; porém uzando-se deste o, senão pode uzar da outra frase de Optativo, somente se usa de tomaramo.

Dizem tambem muy elegante, e claramente: Açó amó ybeKepe oé; Oxalá fora eu ao ceo, Ó se eufora ao ceo. Nos Catecismos, e na Arte antiga se acha em lugar de oé, ezta dicção mã, a qual ainda que ao parecer he muy elegante, e algumas pessoas há, que ainda dão razão della, não ha hoje pessoa alguma, que a uze; eas mais dellas não a entendem; e por isso uzem desta, que acima declaro. Al-

Alguns Indios mais ladinos nos imitam no 149
 Optativo, dizendo: O' tomaramo açó YbaKepe; O'to-
 mara ir ao ceo.
 Esta particula Ne ajuntandose ao verbo
 o denota, e mostra no futuro do Indicativo.
 Para denotarmos o verbo no futuro do
 Optativo, he preciso Ne ajuntemos algum ad-
 verbio de tempo nesta forma: Acaucú amó
angareiré xeremiamotarey ma raã; Praza a
 Deos, que ame daqui por diante aquem tenho
 odio.
Modo Permissivo, ou concessivo.
 Chama-se este Modo permissivo, porque
 o seu significar não he totalmente mandando
 fazer as couzas, mas sim pedindo Licença pa-
 ra as fazer, ou permitindo que se façam. No
 que se vem a cifrar quasi todo o modo de
 usar deste Permissivo, he o seguinte: Açó amó
mairipe, arure amó cauim. Se eu fora à Ci-
 dade, havia de trazer vinho. E assim entao co-

[↑11]

Alguns Indios mais ladinos nos imitaõ no
 Optativo, dizendo: O' tomaramo açó YbaKepe; O'to-
 mara ir ao ceo.

Esta particula Ne ajuntandose ao verbo
 o denota, e mostra no futuro do Indicativo.

Para denotarmos o verbo no futuro do
 Optativo, he preciso Ne ajuntemos algum ad-
 verbio de tempo nesta forma: Acaucú amó
angareiré xeremiamotarey ma raã; Praza a
 Deos, que ame daqui por diante aquem tenho
 odio.

Modo Permissivo, ou concessivo.

Chama-se este Modo permissivo, porque
 o seu significar não he totalmente mandando
 fazer as couzas, mas sim pedindo Licença pa-
 ra as fazer, ou permitindo que se façam. No-
 que se vem a cifrar quasi todo o modo de
 usar deste Permissivo, he o seguinte: Açó amó
mairipe, arure amó cauim. Se eu fora à Ci-
 dade, havia de trazer vinho. E assim entao co-

150 concluiríamos, que o verbo está no Permissivo, quando virmos, que tem consigo esta particula amó, aqual particula nos verbos, que acabarem em, a, perde o seu, a, na maneira seguinte: Ajúcá mó jagoára; matára eu o caõ. Porém selhe ajuntarmos o seu, a, ainda que será menos polido, com tudo não será erro; vg. Ajúcá amó jagoára; matára eu o caõ.

O presente deste Permissivo se conhece, por selhe ajuntar hum T, aos artigos na forma seguinte: Tajucá; mate eu embora. Onde se vê o verbo Ajúcá accrescentandolhe no principio hum T, fica permissivo.

O Futuro do Permissivo he o mesmo que do Indicativo, só selhe accrescentade mais o sobredito T, oqual pondose atras do artigo, mostra o verbo no Permissivo; vg. Ajúcâne eu matarey; Tajucâne matarei eu por ventura; Ajúcá eu mato; Tajucá mate eu embora.

conhecemos, que o verbo está no Permissivo, quando virmos, que tem consigo esta particula amó, aqual particula nos verbos, que acabarem em, a, perde o seu, a, na maneira seguinte: Ajúcá mó jagoára, matára eu o caõ. Porém selhe ajuntarmos o seu, a, ainda que será menos polido, com tudo não será erro; verbi gratia Ajúcá amó jagoára; matára eu o caõ.

O presente deste Permissivo se conhece, por se lhe ajuntar hum T, aos artigos na forma seguinte: Tajucá; mate eu embora. Onde se vê o verbo Ajúcá accrescentandolhe no principio hum T, fica permissivo.

O Futuro do Permissivo he o mesmo que do Indicativo, só selhe accrescentade mais o sobredito T, oqual pondose atras do artigo, mostra o verbo no Permissivo; verbi gratia Ajúcâne eu matarey; Tajucâne matarei eu por ventura; Ajúcá eu mato; Tajucá mate eu embora.

Não he bem se passe em silencio hum mo-
do de fallar, que hoje he muy cõmun; que ainda
que eu tenho minhas duvidas se pertence ao con-
junctivo, com tudo mais me inclino aque per-
tence ao Permissivo, e he o seguinte: Açó moracó
coecé copixape, Aicó oan itá amó coyr; Se eu
hontem fora para a rossa, já agora aqui estava,
ou estivera: Ou, Fora eu hontem para a rossa,
que já agora aqui estaria. Ou melhor: Açó mo-
racó coecé copixape, aicó oan iKé moracó coyr.
Ou: Seemo coacé açó copixape coyr açó oan iKé
amó; Se eu hontem fora para a rossa, já agora
aqui estaria: Fora eu hontem W.

Modo Conjunctivo.

Para denotarmos conjunctivo, he necessa-
rio ajuntarmos ao verbo com seu artigo esta
particula ramé, aqual significa como, quan-
do, porque, se; vg. Acauçúb ramé Tupana,
arecú catú xeonga. Se amo aDeos, faço bem
á minha alma: quando amo aDeos: como amo W.

1
2 Não he bem se passe em silencio hum mo-
3 do de fallar, que hoje he muy cõmun; que ainda
4 que eu tenho minhas duvidas se pertence ao con-
5 junctivo, com tudo mais me inclino aque per-
6 tence ao Permissivo, e he o seguinte: Açó moracó
7 coecé copixape, Aicó oan itá amó coyr; Se eu
8 hontem fora para a rossa, já agora aqui estava,
9 ou estivera: Ou, Fora eu hontem para a rossa,
10 que já agora aqui estaria. Ou melhor: Açó mo-
11 racó coecé copixape, aicó oan iKé moracó coyr.
12 Ou: Seemo coacé açó copixape coyr açó oan iKé
13 amó; Se eu hontem fora para a rossa, já agora
14 aqui estaria: Fora eu hontem et caetera

Modo Conjunctivo.

16 Para denotarmos conjunctivo, he necessa-
17 rio ajuntarmos ao verbo com seu artigo ezta
18 particula ramé, aqual significa como, quan-
19 do, porque, se; verbi gratia Acauçúb ramé Tupana,
20 arecú catú xeonga. Se amo aDeos, faço bem
21 á minha alma: quando amo aDeos: como amo et caetera

80v

152 Quando se uzar da Conjunção, se, como fi-
ca acima declarado no modo Permissivo, se fará
a Oração de duas maneiras; Vg. Uae amó indé
ereicó iKé xe Kebyra noma nói xoéramó =
Ende ereicó amo iKé xe Kebyra nomanó xoér
amó, Se tu aqui estiveras, não morreria meu
irmão. Estiveras tu aqui, que meu irmão não
teria de morrer.

Tambem costumam uzar da letra P, em lu-
gar da particula, ut, e esta sobredita letra se
ajunta ao artigo do verbo na maneira seg(uin)te,
ou para me explicar melhor, me explicarey
da mesma sorte que se acha conjugado no
presente do Permissivo; Vg. agora neste modo
de fallar: Erur y tacé, Traze agua para que
eu beba. Emonghetá catú tocó, Pratica-o bem
para que vá. Acaucú catú Tupana toxeraco
yba Kepe, Amo muito a Deos para que me leve
ao Ceo. &c.

Algumas vezes tem o verbo do Conjunctivo

152

1 Quando se uza de Conjunção, se, como fi-
2 ca acima declarado no modo Permissivo, se fará
3 a Oração de duas maneiras; verbi gratia Uae amó indé
4 ereicó iKé xe Kebyra noma nói xoéramó =
5 Ende ereicó amo iKé xe Kebyra nomanó xoér
6 amó, Se tu aqui estiveras, não morreria meu
7 irmão. Estiveras tu aqui, que meu irmão não
8 havia de morrer.

10 Tambem costumam uzar da letra T, em lu-
11 gar da particula, ut, e esta sobredita letra se
12 junta ao artigo do verbo na maneira seg(uin)te,
13 ou para me explicar melhor, me explicarey
14 da mesma sorte que se acha conjugado no
15 presente do Permissivo; verbi gratia agora neste modo
16 de fallar: Erur y tacé, Traze agua para que
17 eubeba. Emonghetá catú tocó, Pratica-o bem
18 para que vá. Acaucú catú Tupana toxeraco
19 yba Kepe, Amo muito a Deos para que me leve
20 ao Ceo et caetera
21 Algumas vezes tem o verbo do Conjunctivo [ar-↓]

artigo, outras vezes selhe poem o pronome xe, q(uan)do
 diremos: Paxicú açauçú ramé; quer dizer ao pé
 da Letra: Quando amo a Francisco. Ixe Paxicú
raucú ramé; quer dizer: Quando tenho amor a
 Francisco; quando amo a Francisco. Aco ramé
coaype erimbaé. Antigamente quando eu fui
 ao Reino de Portugal. Xecó ramé coaype. Pé
 foi da minha ida ao Reino. A particula rame
 he comua atodos otempo do Coniunctivo; q(uan)do
 a linguagem falla do imperfecto do dito Modo,
 he mais elegante ajuntarse. He esta particula
ué ao ramé; vg. Ajucá ramé ué; quando eu
 matava; ou tambem, ainda que menor elegan-
 te, Ajucá ué ramé. Porém advirto, que adia
 a particula ué, não he precizamente necessaria,
 pois sem ella se pode fazer a Oraçãõ, porém
 he mais proprio para o imperfecto.

Não differem os Preteritos, ou Futuros do
 Coniunctivo, nem outro qualquer Modo, mais
 que nos adverbios de tempo que se lhe ajuntaõ,

artigo, outras vezes selhe poem o pronome xe, q(uan)do
 dizemos: Paxicú açauçú ramé; quer dizer ao pé
 da Letra: Quando amo a Francisco. Ixe Paxicú
raucú ramé; quer dizer: Quando tenho amor a
 Francisco; quando amo a Francisco. Aco ramé
coaype erimbaé. Antigamente quando eu fui
 ao Reino de Portugal. Xecó ramé coaype. Q(uan)do
 foi da minha ida ao Reino. A particula rame
 he comua atodos otempo do Coniunctivo; q(uan)do
 a linguagem falla do imperfecto do dito Modo,
 he mais elegante ajuntarse. He esta particula
ué ao ramé; verbi gratia Ajucá ramé ué, quando eu
 matava; ou tambem, ainda que menos elegan-
 te, Ajucá ué ramé. Porém advirto, que adita
 particula ué, não he precizamente necessaria,
 pois sem ella se pode fazer a Oraçãõ, porém
 he mais proprio para o imperfecto.

Não differem os Preteritos, ou Futuros do
 Coniunctivo, nem outro qualquer Modo, mais
 que nos adverbios de tempo que se lhe ajuntaõ,

154 como já fua advertido; v.g. Ajucá oan ramé.
 Advertase, que sem artigo, ou pronome
 se não costuma uzar já nos tempozdo Coniunctivo.

Do Modo Infinitivo.

Pode-se pôr o Verbo no Infinitivo sem arti-
 gos na forma seguinte: Aimoang ade guyrá
jucá. Cuido que tu matas huma ave.

Pode-se também pôr com seus artigos cômuns,
 e isso he oque mais cômummente se uzar, na ma-
 neira seguinte: Amó endé erejucá guyrá,
 não tendo o Verbo. Imagino, que tu matas huma
 ave. E assim não tem o Verbo mais distincão no
 Infinito, que a de virem dous verbos juntos na
 Oraçãõ, com humi que nomeio.

Quando se ajuntão dous verbos juntos, or-
 dinariamente se compoem hum com outro na
 maneira seguinte: Amonhá coare, sei fazer:
Acoatiar potar, quero pintar. Porem ordinaria-
 mente não he geral esta regra para todos os Ver-
 bos, e só he particular para os verbos cuab, po-

como já fica advertido; *verbi gratia* Ajucá oan ramé et caetera

Advirtase, que sem artigo, ou pronome
 se não costuma uzar já nos tempozdo Coniunctivo.

Do Modo Infinitivo.

Pode-se pôr o verbo no Infinitivo sem arti-
 gos na forma seguinte: Aimoang ade guyrá
jucá. Cuido que tu matas huma ave.

Pode-se também pôr com seus artigos cômuns,
 e isso he oque mais cômummente se uza, na ma-
 neira seguinte: Amó endé erejucá guyrá,
 não tendo o verbo. Imagino, que tu matas huma
 ave. E assim não tem o verbo mais distincão no
 Infinito, que a de virem dous verbos juntos na
 Oraçãõ, com hum que nomeio.

Quando se ajuntão dous verbos juntos, or-
 dinariamente se compoem hum com outro na
 maneira seguinte: Amonhá coare, sei fazer:
Acoatiar potar, quero pintar. Porem ordinaria-
 mente não he geral esta regra para todos os ver-
 bos, e só he particular para os verbos cuab, po-

potar; e para esta particula Ucar; vg. Amonhã 155
nhã potar; quero fazer: Açó potar; quero ir:
Ajebyr potar; quero tornar, &c. O verbo Iebyre
tambem aqui pertence; vg. Amonhã jebyre.
A particula Ucar significa constrangimento
de se fazer alguma couza; vg. Amonhã ucar,
mando fazer, constranjo aque se faça; vg. Amonhã
ucar xe cobixaba apyaba etá cupé, mando
fazer a minha rossa aos negros.

Advirta-se, que compounde hum verbo com
outro, aquelle que houvera de estar no Infinito
esse se antepoem na composiçã ao outro, e aelle
se ajunta o artigo, que houvera de estar no ou-
tro, na forma seguinte: Quero fazer a minha ro-
ssa: Amonhã potar xe copixaba. Onde claram-
te se vê, que o fazer, que no Latim houvera de estar
no Infinito, compounde com o verbo potar, se
lhe antepoz, e aelle ajuntou o artigo Amonhã
potar.

O accusativo destes verbos assim compostos

1 potas; e para esta particula Ucar; verbi gratia Amo-
2 nhã potar; quero fazer: Açó potar, quero ir:
3 Ajebyr potar, quero tornar, et caetera O verbo Iebyre
4 tambem aqui pertence; verbi gratia. Amonhã jebyre.
5 A particula Ucar significa constrangimento
6 de se fazer alguma couza; verbi gratia Amonhã ucar,
7 mandofazer, constranjo aque sefaça; verbi gratia. Amonhã
8 ucar xe cobixaba apyaba etá cupé, mando
9 fazer a minha rossa aos negros.

11 Advirta-se, que compounde hum verbo com
12 outro, aquelle que houvera de estar no Infinito
13 esse se antepoem na composiçã ao outro, e aelle
14 se ajunta o artigo, que houvera de estar no ou-
15 tro, naforma seguinte: Quero fazer a minha ro-
16 ssa: Amonhã potar xe copixaba. Onde claram(en)te
17 se vê, que ofazer, que no Latim houvera de estar
18 no Infinito, compounde com o verbo potar, se
19 lhe antepoz, ese lhe ajuntou o artigo Amonhã
20 potar.

O accusativo destes verbos assim compostos

156 ou pode por-se antes, ou depois do verbo na forma seguinte: Amonhã potar xe copixaba; ou
Xe Copixaba amonhã potar.

Algumas vezes do verbo, edo seu accusativo se compoem hum verbo; vg. Apó mondóc
Pero, corto a mão de Pedro; porém isto não he geral para todos os verbos, e só se faz em alguns, que o ous ensinará.

Quando os verbos são activos, etem seu accusativo, em lugar da Composição acima posta, se pode fazer a Oração na forma seguinte: vg. Quero fazer a minha rossa, Apotar xe copixaba monhangá. Onde se vê claram. o verbo no Infinitivo com seu accusativo atraz, sem que se componhão os verbos hum com outro, não obstante não terem, que, entre si. Porém advirta-se, que neste modo de fallar se não antepozerem o accusativo ao verbo do Infinito, que fica errada, e muda o sentido da Oração.

Esta sobredita regra pode servir de degenera-

ou pode por-se, ou depois do verbo na forma seguinte: Amonhã potar xe copixaba; ou
xe copixaba amonhã potar.

Algumas vezes do verbo, edo seu accusativo se compoem hum verbo; *verbi gratia*. Apó mondóc
Pero, corto a mão de Pedro; porém isto não he geral para todos os verbos, e só se faz em alguns, que o ous ensinará.

Quando os verbos são activos, etem seu accusativo, em lugar da Composição acima posta se pode fazer a Oração na forma seguinte: *verbi gratia*
Quero fazer a minha rossa, Apotar xe copixaba monhangá. Onde se vê claram(en)te o verbo no Infinitivo com o seu accusativo atraz, sem que se componhão os verbos hum com outro, não obstante não terem, que, entre si. Porém advirta-se, que neste modo de fallar se não antepozerem o accusativo ao verbo do Infinito, que fica errada, e muda o sentido da Oração.

Esta sobredita regra pode servir de degenera-

generalidade para o verbo do Infinitivo, havendo 157
de uzarse delle em semelhantes orações, como a de
cima.

O que a naz temozdito do Infinitivo ares-
peito de ter, e não ter artigos, também nos Futuros
se observa; v.g. Sei que hey de matar huma ave.
Fazendo nós a Oração com artigos, que he o mais
elegante, diremos: Acoau oje guyrá xe ajucá
ao ama. Se afizemos sem artigos, diremos: A-
coau oje pe guyrá xejucá oama, &c. Exemplo
do preterito: Acoau oje pé guyrá xe ajucá oan;
ou Acoau oje pé guyrá xe jucá oan. Onde se
vê claram. que o Verbo no Infinitivo pode con-
servar, ou perder o artigo assim no presente,
como no preterito, ou futuro.

Do Gerundio.

Os Gerundios dos verbos activos não admit-
tem artigos, como se vê nesta oração: Destruo o
peixe matandoo; Amo canheme pyrá yjucáe.
Pemoete Tupana caucupa; Honray a D(eo)s amandoo.

1 generalidade para o verbo do Infinitivo, havendo 157
2 de uzarse delle em semelhantes orações, como a de
3 cima.

4 O que atraz temozdito do Infinitivo ares-
5 peito de ter, e não ter artigos, também nos Futuros
6 se observa; *verbi gratia* Sei que hey de matar huma ave.
7 Fazendo nós a Oração com artigos, que he o mais
8 elegante, diremos: Acoau oje guyrá xe ajucá
9 ao ama. Se afizemos sem artigos, diremos: A-
10 coau oje pe guyrá xejucá oama, et caetera Exemplo
11 do preterito: Acoau oje pé guyrá xeojuca oan;
12 ou Acoau oje pé guyrá xe jucá oan. Onde se
13 vê claram(en)te que o verbo no Infinitivo pode con-
14 servar, ou perder o artigo assim no presente,
15 como nopreterito, ou futuro.

Do Gerundio.

16 Os Gerundios dos verbos activos não admit-
17 tem artigos, como se vê nesta oração: Destruo o
18 peixe matandoo; Amo canheme pyrá yjucáe.
19 Pemoete Tupana caucupa; Honray a D(eo)s amandoo.
20

83v

158 *Ainda que o gerundio em di, no Latim serve de genitivo, como nesta Lingua não ha genitivo, costumad uzar do Verbo no Infinito sem artigo, para de algum modo se accommodarem ao sobredito modo de fallar, na forma seguinte: Ocy oan coyr mbaé jucá ára; Já agora chegou tempo de matar alguma couza; isto he, fallandose absolutamente; que se determinasse pessoa, se havia de fazer adita oraçaõ de outra sorte; vg. Ocy oan coyr ara mae erejucá ao ama. Já chegou o tempo para matares alguma couza; ou de matares alguma couza.*

Em lugar da preposição, ex, ou de, q^{ue} o Latim dá ao gerundio, se uza nesta Lingua da preposição cui; vg. neste sentido: Já estou farto de comer peixe: Xe apong oan piraú cui; ou em estrutura: Já estou enfastiado de comer peixe: Ajurucei oan piraú cui &c.

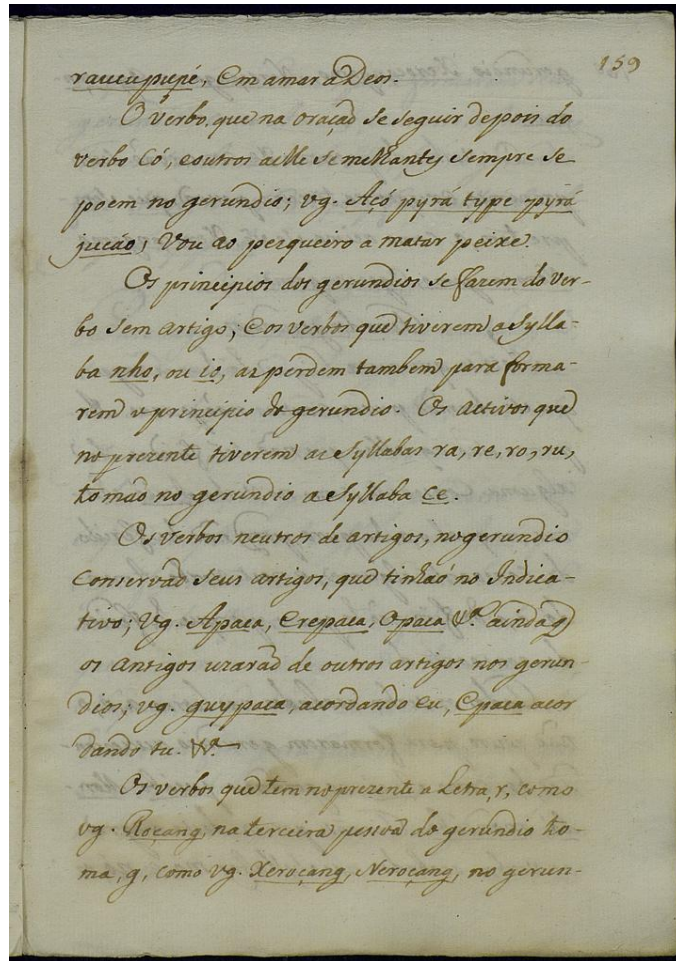
Em lugar da preposição In, se p^oem pupé; vg. Tupana raucuba pupé; ou Tupana

158

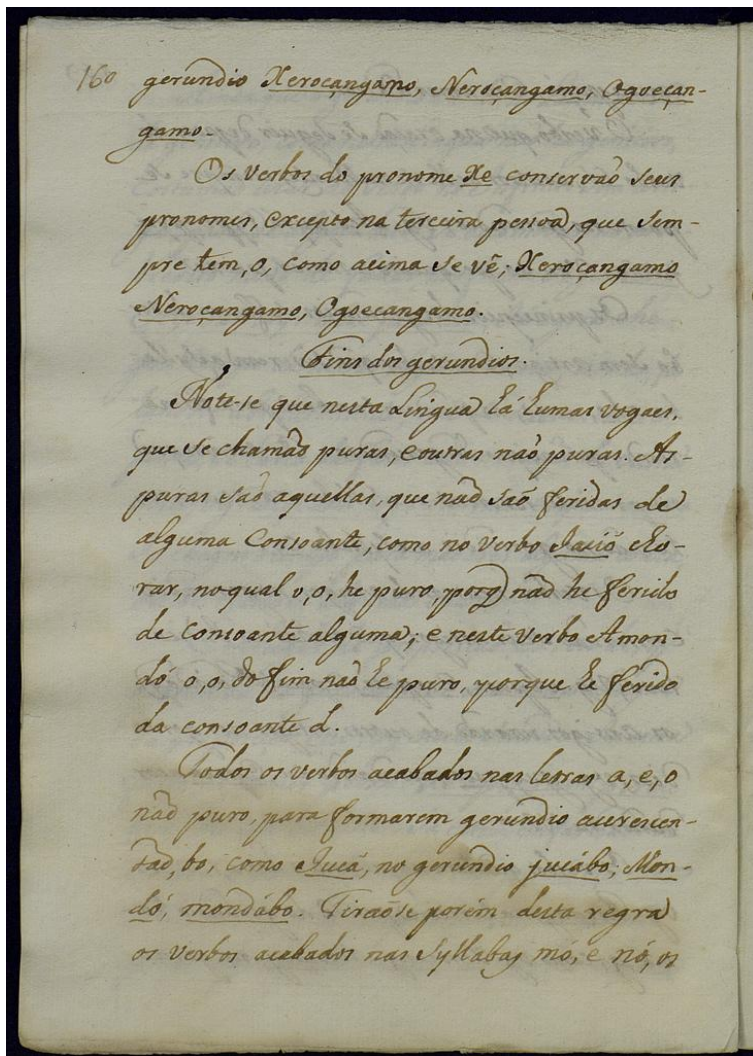
Ainda que o gerundio em di, no Latim serve de genitivo, como nesta Lingua não ha genitivo, costumad uzar do verbo no Infinito sem artigo, para de algum modo se accommodarem ao sobredito modo de fallar, na forma seguinte: Ocy oan coyr mbaé jucá ára; Já agora chegou tempo de matar alguma couza; isto he, fallandose absolutamente; que se determinasse pessoa, se havia de fazer adita oraçaõ de outra sorte; *verbi gratia* Ocy oan coyr ara mae erejucá ao ama. Já chegou o tempo para matares alguma couza; ou de matares alguma couza.

Em lugar de preposição, ex, ou, de, q(ue) o Latim dá ao gerundio, se uza nesta Lingua da preposição cui; *verbi gratia* neste sentido: Já estou farto de comer peixe: Xe apong oan piraú cui; ou em estrutura: Já estou enfastiado de comer peixe: Ajurucei oan piraú cui et caetera

Em Lugar da preposição In, sepoem pupé; *verbi gratia* Tupana raucuba pupé; ou Tupana



- 1 raucupupé, em amar aDeos.
- 2
- 3 O verbo, que na oração se seguir depois do
- 4 verbo Có, eoutros aelle semelhantes sempre se
- 5 poem no gerundio; *verbi gratia* Açó pyrá type pyrá
- 6 jucáo, vou ao pesqueiro a matar peixe.
- 7 Os principios dos gerundios sefazem do ver-
- 8 bo sem artigo; eos verbos que tiverem asylla-
- 9 ba nho, ou io, asperdem tambem para forma-
- 10 rem oprincipio dogerundio. Os activos que
- 11 nopresente tiverem asSyllabas ra, re, ro, ru,
- 12 tomaõ no gerundio aSyllaba ce.
- 13 Os verbos neutros de artigos, no gerundio
- 14 conservaõ seus artigos, que tinão no Indica-
- 15 tivo; *verbi gratia* Apaca, erepaca, opaca et caetera ainda q(ue)
- 16 os artigos uzará de outros artigos nos gerun-
- 17 dios; *verbi gratia* guypaca, acordando eu, epaca acor-
- 18 dando tu. et caetera
- 19 Os verbos que tem no presente aLetra, r, como
- 20 *verbi gratia* Rocang, na terceira pessoa do gerundio to-
- 21 ma, g, como *verbi gratia* Xerocang, Nerocang, no gerun-



160 gerundio Xeroçangamo, Neroçangamo, Ogoecangamo.

Os verbos do pronome Xe conservão seus pronomes, excepto na terceira pessoa, que sempre tem, o, como acima se vê; Xeroçangamo, Neroçangamo, Ogoecangamo.

Fins dos gerundios.

Note-se que nesta Lingua lá humas vogaes, que se chamão puras, e outras não puras. As puras são aquellas, que não são feridas de alguma Consoante, como no verbo Iació chorar, no qual o, o, he puro, porq(ue) não he ferido de Consoante alguma; e neste verbo Amondó o, o, do fim não he puro, porque he ferido da consoante d.

Todos os verbos acabados nas letras a, e, o não puro, para formarem gerundio accrescentão, bo, como Iucã, no gerundio jucábo; Mon-dó, mondábo. Tiraõse porém desta regra os verbos acabados nas syllabas mó, e nó, os

gerundio Xeroçangamo, Neroçangamo, Ogoecangamo.

Os verbos do pronome Xe conservão seus pronomes, excepto na terceira pessoa, que sempre tem, o, como acima se vê; Xeroçangamo, Neroçangamo, Ogoecangamo.

Fins dos gerundios.

Note-se que nesta Lingua lá humas vogaes, que se chamão puras, e outras não puras. As puras são aquellas, que não são feridas de alguma consoante, como no verbo Iació chorar, no qual o, o, he puro, porq(ue) não heferido de consoante alguma; eneste verbo Amondó o, o, do fim não he puro, porque he ferido da consoante d.

Todos os verbos acabados nas letras a, e, o não puro, para formarem gerundio accrescentão, bo, como Iucã, no gerundio jucábo; Mon-dó, mondábo. Tiraõse porém desta regra os verbos acabados nas syllabas mó, e nó, os

85r

os quaes accrescentaõ mó, para formarem seus ¹⁶¹
 gerundios; como Amanó, eu morro, Amanómo.
 Tira-se tambem o verbo IKé, que no gerundio
 faz iKebo; tira-se CiKije, q(ue) faz aciKijebo. A-
jepea, ajepeabo.
Dos Verbos negativos.
 Para negarmos qualquer couza nesta Lingua,
 se uzade varios modos de negaçoes, todas anne-
 xas ao verbo, compondo-se com ellas, e com o verbo
 affirmativo outro verbo negativo: e note-se que
 todas as negaçoes principiaõ pela Letra N.
 Seja Exemplo o Verbo affirmativo Iucá, que
 significa matar: accrescentando nós hum N,
 aeste verbo affirmativo, fica feito o verbo ne-
 gativo na maneira seguinte: Ajucá, eu mato;
Najucai, eu não mato: accrescentase-lhe tambẽ
 hum, i, no fim para ficar mais elegante como
 se vê no verbo acima; porém quem lhe não ajun-
 tar odito, i, sempre o entenderão quasi da mes-
 ma sorte. Em

161

1 os quaes accrescentaõ mó, paraformarem seus
 2 gerundios; como Amanó, eu morro, Amanómo.
 3 Tira-se tambem o verbo IKé, que no gerundio
 4 faz iKebo; tira-se CiKije, q(ue) faz aciKijebo. A-
 5 jepea, ajepeabo.
 6

7 Dos verbos negativos.

8 Para negarmos qualquer couza nesta Lingua,
 9 se uzade varios modos de negaçoes, todas anne-
 10 xas ao verbo, compondo-se com ellas, e com o verbo
 11 affirmativo outro verbo negativo: e note-se que
 12 todas as negaçoes principiaõ pela Letra N.
 13 Seja exemplo overbo affirmativo Iucá, que
 14 significa matar: accrescentando nós hum N,
 15 aeste verbo affirmativo, fica feito o verbo ne-
 16 gativo na maneira seguinte: Ajucá, eu mato;
 17 Najucai, eu não mato: accrescentase-lhe tambẽ
 18 hum, i, no fim para ficar mais elegante, como
 19 se vê no verbo acima; porém quem lhe não ajun-
 20 tar odito, i, sempre o entenderão quase da mes-
 21 masorte. Em

85v

162 Em Lugar do dito N, selhe pode ajuntar outra
qualquer casta de negação, como *vg.* Nitibi, Nitio,
Nangai, Nangaité: Najucái, ou Najucá, Ni-
tibi ajucá, Nitio ajucá, Nangai ajucá, Nanga-
ité ajucá. Tudo isto acima dito se observa ate
o futuro, o qual se nega desta forma: Nitibi a-
jucá xoerene, ou Nitibi xoer ajucáne, ou Na-
jucá xoerne, Eu não matarey.

Como se nega o Imperativo.

O Imperativo se nega de duas maneiras, ou
pondo lhe depois esta dicção umé, ou antes esta
dicção Tenhé na forma seguinte: Ejucá umé,
ou Tenhé ejucá, Não mates tu.

Algun tambem costumão negar desta ma-
neira, ajuntandolhe as negações ambas juntas,
vg. Tenhé umé ejucá; ou tirandolhe o, u, desta
maneira Tenhé mé ejucá. Algun tambem
dizem Ejucá mé.

Como se nega o Optativo.

O Optativo se nega desta sorte: Najucái amó

162

Em Lugar do dito N, selhe pode ajuntar outra
qualquer casta de negação; como *verbi gratia* Nitibi, Nitio,
Nangai, Nangaité: Najucái, ou Najucá, Ni-
tibi ajucá, Nitio ajucá, Nangai ajucá, Nanga-
ité ajucá. Tudo isto acima dito se observa ate
o futuro, o qual se nega desta forma: Nitibi a-
jucá xoerene, ou Nitibi xoer ajucáne, ou Na-
jucá xoerne, eu não matarey.

Como se nega o Imperativo.

O Imperativo se nega de duas maneiras, ou
pondo lhe depois esta dicção umé, ou antes esta
dicção Tenhé na forma seguinte: Ejucá umé,
ou Tenhé ejucá, Não mates tu.

Algun tambem costumão negar desta ma-
neira, ajuntandolhe as negações ambas juntas,
verbi gratia Tenhé umé ejucá; ou tirandolhe o, u, desta
maneira Tenhé mé ejucá. Algun tambem
dizem ejucá mé

Como se nega o Optativo.

O Optativo se nega desta sorte: Najucái amó

raã, ou Tomaramo ixe nitibi ajucá, ou Nitibi 163
xoer amó ajucá raã, como alguns dizem. Outros
 também dizem: Tomaramo ixe najucái raã; ou,
 ainda que menos se usa, Najucái xer temó raã.
 Como se nega o Permissivo.
 O Permissivo no presente se nega com adic-
 ção Umé; v.g. Tajucá umé, não mate eu: no fu-
 turo se lhe acrescenta esta Uméne. Não mata-
 rey eu: nos mais tempos se nega como o Opta-
 tivo, excepto que não se lhe acrescenta a parti-
 cula raã; v.g. Najucá xoer amó, Eu não mata-
 ra, ou não mataria, ou não teria morto; ou
Nitibi ajucá xoer amó.
 Além das negações sobreditas, podemos tam-
 bém usar dos modos seguintes: Aé amó- Caé
amó- Ramé amó. Exemplo: Aé amó jagoára
icatú: Najucá xoer amó. Se o caõ fora bom, não
 o matara eu = Fora o caõ bom, que eu o não mata-
 ra. Costumão também dizer assim: Caé amó jago-
ára icatú nitibi xoeramo ajucá; ou assim: Ia-

1
 2 raã, ou Tomaramo ixe nitibi ajucá, ou Nitibi
 3 xoer amó ajucá raã, como alguns dizem. Outros
 4 também dizem: Tomaramo ixe najucái raã; ou,
 5 aindaque menos se uza, Najucái xer temó raã.
 6 Como se nega o Permissivo.
 7 O Permissivo nopresente se nega com adic-
 8 ção umé; verbi gratia Tajucá umé, não mate eu: no fu-
 9 turo se lhe acrescenta ezta Uméne. Não mata-
 10 rey eu: nos mais tempos se nega como o Opta-
 11 tivo, excepto que não selhe acrescenta aparti-
 12 cula raã; verbi gratia Najucá xoer amó, Eu não mata-
 13 ra, ou não mataria, ou não teria morto; ou
 14 Nitibi ajucá xoer amó.
 15 Além das negações sobreditas, podemos tam-
 16 bém uzar dos modos seguintes: Aé amó- Caé
 17 amó- Ramé amó. Exemplo: Hé amó jagoára
 18 icatú: Najucá xoer amó. Se o caõ fora bom, não
 19 o matara eu = Fora o caõ bom, que eu o não mata-
 20 ra. Costumaõ também dizer assim: Caé amó jago-
 21 ára icatú nitibi xoeramo ajucá; ou assim: Ia-

164 *Jagoára icatú ramé mó nitibi xoer ajucá amó.*
 Mudandolhe os artigos se pode variar pelas
 mais pessoas na maneira seguinte: Aé amó
jagoára icatú nitibi xoer erejucá; isto é,
 não o matarias, ou não havias, ou houveras de
 matar. Aémó nojucá xoer; ou Nitibi ojucá
xoer. Não o havia elle de matar. Assim se vai
 conjugando nas mais pessoas.

Como se nega o Conjunctivo.

O Conjunctivo nega-se da forma seguinte:
 Se delle se uzar alguma vez sem artigo, se ne-
 gará com esta dicção Eyma; *verbi gratia* Iucáeyma ra-
mé. Sendo porém com artigos se negará abor-
 ta maneira: Najucái ramé; ou Nitibi ajucá
ramé. Quando o verbo não tiver junto a si al-
 gum adverbio de tempo, se suppoem, e deve su-
 pôr, que está no presente; *verbi gratia* Namaeú iramé
ajaió. Assim nestas, como em semelhantes
 Orações se vê claramente o verbo no presente
 do Conjunctivo. Se porém se lhe ajuntar al-

1 Jagoára icatú ramé mó nitibi xoer ajucá amó.
 2 Mudandolhe os artigos se pode variar pelas
 3 mais pessoas na maneira seguinte: Aé amó
 4 jagoára icatú nitibi xoer erejucá; isto é
 5 não o matarias, ou não havias, ou houveras de
 6 matar. Aémó nojucá xoer; ou Nitibi ojucá
 7 xoer. Não ohavia elle de matar, Eassim se vai
 8 conjugando nas mais pessoas.
 9 Como se nega o Conjunctivo.
 10 O Conjunctivo nega-se da forma seguinte:
 11 Se delle se uzar alguma vez sem artigo, se ne-
 12 gará com esta dicção Eyma; *verbi gratia* Iucáeyma ra-
 13 mé. Sendo porém com artigos se negará des-
 14 ta maneira: Najucái ramé; ou Nitibi ajucá
 15 ramé. Quando o verbo não tiver junto asi al-
 16 gum adverbio de tempo, se suppoem, e deve su-
 17 pôr, que está no presente; *verbi gratia* Namaeú iramé
 18 ajaió. Assim nestas, como em semelhantes
 19 Orações se vê claramente o verbo no presente
 20 do Conjunctivo. Se porém se lhe ajuntar al-

12
 165
 algum adverbio de tempo, por elle se conhecerá; v.g.
Coecé acóramé, Hontem quando fui. Onde se vê
 que o adverbio Coecé mostra o verbo no preterito.
 Advirta-se o modo affirmativo nesta materia.
 No preterito imperfecto, quando tem a particula
bé, se nega assim: Najucá ramébe; ou Naju-
cá ué ramé; ou Iucáeyma ramé ué.
 Como se nega o Infinito.
 Nega-se o Infinito não tendo artigos com esta
 dicção Eyma; v.g. Iucáeyma. Tendo porém ar-
 tigos, como o Indicativo, da mesma sorte que o
 Indicativo se deve negar; v.g. Najucái. No
 gerundio se deve negar com esta dicção Eyma,
 v.g. Apae eyma, Não acordando eu &c.
 Advirta-se aqui, que ordinariamente se não
 costuma uzar do gerundio, principalmente nas
 primeira, e segunda pessoa, mas em lugar
 dasditas pessoas se costuma uzar do Conjuncti-
 vo na maneira seguinte: Napae ramé, ou Ni-
tibi apae ramé. Não acordando eu, em lugar de

165
 1 [↑12]
 2 algum adverbio de tempo, por elle se conhecerá; *verbi gratia*
 3 Coecé acó ramé, Hontem quando fui. Onde se vê
 4 que o adverbio coecé mostra o verbo no preterito.
 5 Advirta-se o modo affirmativo nesta materia.
 6 No preterito imperfecto, quando tem a particula
 7 bé, se nega assim: Najucá ramébe; ou Naju-
 8 cá ué ramé, ou Iucáeyma ramé ué.
 9 Como se nega o Infinito.
 10 Nega-se o Infinito não tendo artigos com esta
 11 dicção Eyma; *verbi gratia* Iucá eyma. Tendo porém ar-
 12 tigos, como o Indicativo, da mesma sorte que o
 13 Indicativo se deve negar; *verbi gratia* Najucái. No
 14 gerundio se deve negar com esta dicção Eyma,
 15 *verbi gratia* Apae eyma Não acordando eu et caetera
 16 Advirta-se aqui, que ordinariamente se não
 17 costuma uzar do gerundio, principalmente na
 18 primeira, e segunda pessoa, mas em lugar
 19 dasditas pessoas se costuma uzar do Conjuncti-
 20 vo na maneira seguinte: Napae ramé, ou Ni-
 21 tibi apae ramé. Não acordando eu, em Lugar de

87v

166. *de Apae eyma et caetera.*
 Naquellel modos que se negão antes do arti-
 go, se no fim se lhe quizer ajuntar esta dicção
Eyma, serão duas negações que affirmão, *vg.*
Najucai, ou Nitibi ajuca, Eu não mato, Na-
jucá, ou Nitibi ajuca eyme, Não deixo de matar.
 O futuro do Indicativo quando se nega
 com N, antes do artigo, ajuntandose-lhe adic-
 ção xoer, poderá conservar o, i, do fim, ou per-
 dello na maneira seguinte: Najucai xoer,
 ou Najucá xoer. Se porém se negar com
 esta negação Nitibi, se lhe não deve nunca
 pôr, i, no fim; *vg.* Nitibi ajucá, enão Ni-
tibi ajucai; porque he erro.
 Quando a letra N, não ha vogal, com quem
 se ajunte, se lhe ajunta a letra A; *vg.* Pejucá
 Vos matais, Napejucai, Vos não matais.
Do Verbo Passivo.
 O verbo se faz de alguma maneira passivo,
 accrescentandolhe alguma destas syllabas Ie,

166

de Apae eyma et caetera
 Naquellel modos que se negão antes do arti-
 go, se no fim se lhe quizer ajuntar esta dicção
eyma, serão duas negações que affirmão, *verbi gratia*
Najucai, ou Nitibi ajucá, Eu não mato, Na-
jucá, ou Nitibi ajuca eyme, Não deixo de matar.
 O futuro do Indicativo quando se nega
 com N, antes do artigo, ajuntandose-lhe adic-
 ção xoer, poderá conservar o, i, do fim, ou per-
 dello na maneira seguinte: Najucai xoer,
 ou Najucá xoer. Seporém se negar com
 esta negação Nitibi, se lhe não deve nunca
 pôr, i, no fim; *verbi gratia* Nitibi ajucá, e não Ni-
tibi ajucai; porque he erro.
 Quando a letra N, [↑naõ] acha vogal, com quem
 se ajunte, selhe ajunta a letra A; *verbi gratia* Pejucá
 vos matais, Napejucai, vos não matais.
Do Verbo Passivo.
 O verbo se faz de alguma maneira passivo,
 accrescentandolhe alguma destas syllabas, Ie,

ou nhé; *vg.* Iucá matar, Jejucá ser morto, ou ¹⁶⁷
matar-se.

Advirta-se, que ajuntandose o verbo Aicó
a qualquer verbo activo, faz o mesmo que o ver-
bo Sum, es, fui, no latim; *vg.* nesta, e em seme-
lhantes orações: Ijucá pyramo aicó, Sou mor-
to. Ijucá pyramo aicó oan coecé, Fui morto
hontem. Também podemos occultar o Aicó
na maneira seguinte: Ijucá pyra ixé, Eu
sou morto. Ijucá pyra ixé coecé, Fui hontem
morto, ou Fui matado, que assim he o seu sen-
tido Literal.

A terceira pessoa do verbo Aicó se diz re-
lativamente Cecói, ou Cecou; mas deste segun-
do modo he menos uzada. E se dissermos oicó
vg. Ijucá pyramo oicó, mas he pouco polido,
e uzado.

O ablativo da Couza paciente para o ver-
bo passivo se deve fazer de humas de duas ma-
neiras; ou usando do possessivo Xeremi, ou

ou nhé; *verbi gratia.* Iucá matar, Iejucá ser morto, ou
matar-se

Advirta-se, que ajuntandose o verbo Aicó
a qualquer verbo activo; faz o mesmo que o ver-
bo Sum, es, fui, no latim; *verbi gratia* nesta, e em seme-
lhantes orações: Ijucá pyramo aicó, Sou mor-
to. Ijucá pyramo aicó oan coecé, Fui morto
hontem. Também podemos occultar o Aicó
na maneira seguinte: Ijucá pyra ixé, Eu
sou morto. Ijucá pyra ixé coecé, Fui hontem
morto, ou Fui matado, que assim he o seu sen-
tido Literal.

A terceira pessoa do verbo Aicó sediz re-
lativamente Cecói, ou Cecou; mas deste segun-
do modo he menos uzada. E se dissermos oicó
verbi gratia Ijucá pyramo oicó, mas he pouco polido,
e uzado.

O ablativo da couza paciente para o ver-
bo passivo se deve fazer de humas de duas ma-
neiras; ou usando do possessivo Xeremi, ou

168 ou da preposição cui, como v.g. na oração seguinte: Ajucá amó guyrá, feita pela passiva se dirá assim: Oicó amó guyrá xeremi jucá; ou assim: Xe cui guyrá ijucá pyrá oicó amó; ainda que este segundo modo não he tão usado; porém he intelligivel.

Além das embrulladas sobreditas se usa muito do nome possessivo verbal nas Orações seguintes, e outras semelhantes: Taicó nere-mijucá, Seja eu morto de ti. Aicó amó nere-mijucá; ou ixé amó aicó nere-mijucá, Se eu fora por ti, ou de ti morto. Aicó amó nere-mijucá réra, Se eu fosse, ou tivesse sido por ti, ou de ti morto: ou Nderemijucá aco-éra. Pode-se occultarlhe o verbo Sum; v.g. Ixé amó nere-mijucá réra; porém este modo não he tão usado.

Além do uso da conjugação = Tojejucane, ou Ijucá pyramo taicóne, podemos tambem dizer: Cemijucá rama taicó; ou Ijucá pyra-

ou da preposição cui, como v(erbi) g(ratia) na oração seguinte: Ajucá amó guyrá, feita pela passiva sedi-rá assim: Oicó amó guyrá xeremi jucá; ou assim: Xe cui guyrá ijucá pyrá oicó amó; ainda que ezte segundo modo não he tão uzado; porém he intelligivel.

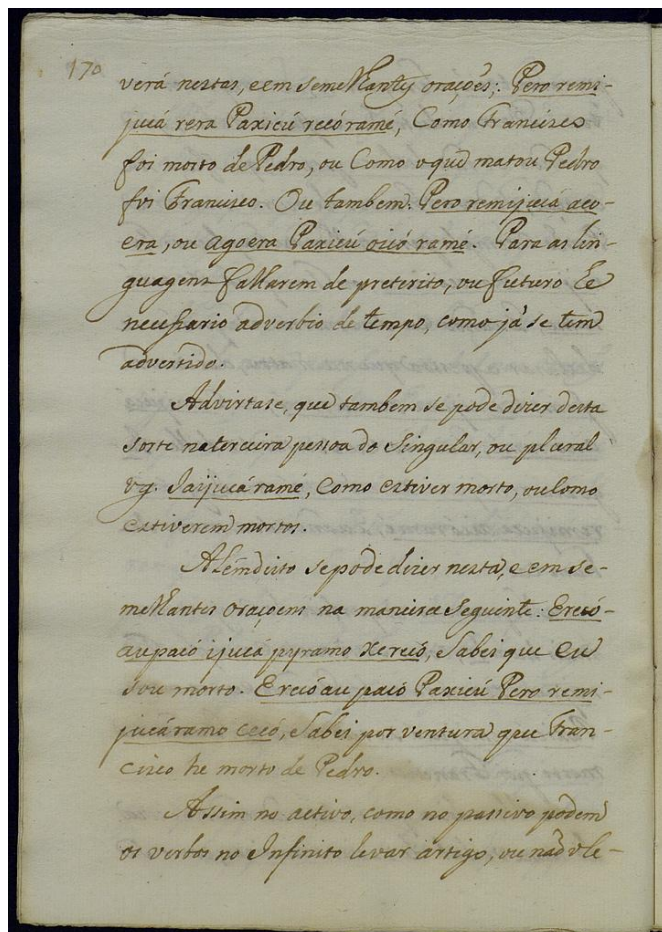
Além das embrulladas sobreditas se uza muito do nome possessivo verbal nas Orações seguintes, e outras semelhantes: Taicó nere-mijucá, Seja eu morto deti, Aicó amó nere-mijucá; ou ixé amó aicó neremijucá, Se eu fora por ti, oude ti morto. Aicó amó nere-mijucá réra, Se eufosse, ou tivessesido por ti, ou de ti morto: ou Nderemijucá aco-éra. Pode-se occultarlhe overbo Sum; verbi gratia Ixé amó neremijucá réra; porém ezte modo não he tão uzado.

Além do uzo da conjugação= Tojejucane, ou Ijucápyramo taicóne, podemos tambem dizer: Cemijucá rama taicó; ou Ijucá pyra-

pyrama tasiõ, Serey morto, ou virey aser mor¹⁶⁹
 to. De mais disto, he necessario saber, que
 quando se não declara pessoa, que faça na
 oração, se deve observar de outra maneira.
 Ponho exemplo para melhor me explicar: Te-
 mijucá xerecô ramé, ou Cemijucá xe aicó
 ramé, Quando eu sou morto. Se porém se
 declarar a pessoa que me matou, diremos
 assim: Cemijucá xerecô ramé; ou Cemijucá
 aicó ramé, Quando eu sou morto delle. Ia-
 goára remijucá xerecô ramé; ou Iagoára
 remijucá aicó ramé, Quando sou morto de
 hum caõ.
 Nopreterito imperfecto do Conjunctivo
 mais hum bé; como se vê neste exemplo: Te-
 mijucá xerecô ramé bé, Quando eu era morto.
Paxicú remijucá xerecô ramé bé, Quando era
 morto por Francisco.
 Alem disto, que se tem advertido, se usa
 do nome verbal de varias maneiras, como se

1 169
 2 pyrama tasiõ, Serey morto, ou virey aser mor
 3 to. De mais disto, he necessario saber, que
 4 quando se não declara pessoa, que faça na
 5 oração, se deve observar de outra maneira.
 6 Ponho exemplo para melhor me explicar: Te-
 7 mijucá xerecô ramé, ou Cemijucá xe aicó
 8 ramé, Quando eu sou morto. Se porém se
 9 declarar a pessoa que me matou, diremos
 10 assim: Cemijucá xerecô ramé; ou Cemijucá
 11 aicó ramé, Quando eu sou morto delle. Ia-
 12 goára remijucá xerecô ramé; ou Iagoára
 13 remijucá aicó ramé, Quando sou morto de
 14 hum caõ.
 15 Nopreterito imperfecto do Conjunctivo
 16 mais hum bé, como se vê neste exemplo: Te-
 17 mijucá xerecô ramé bé, Quando eu era morto.
 18 Paxicú remijucá xe recó ramé bé, Quando era
 19 morto por Francisco.
 20 Alem disto, que se tem advertido, se usa
 21 do nome verbal de varias maneiras, como se

89v



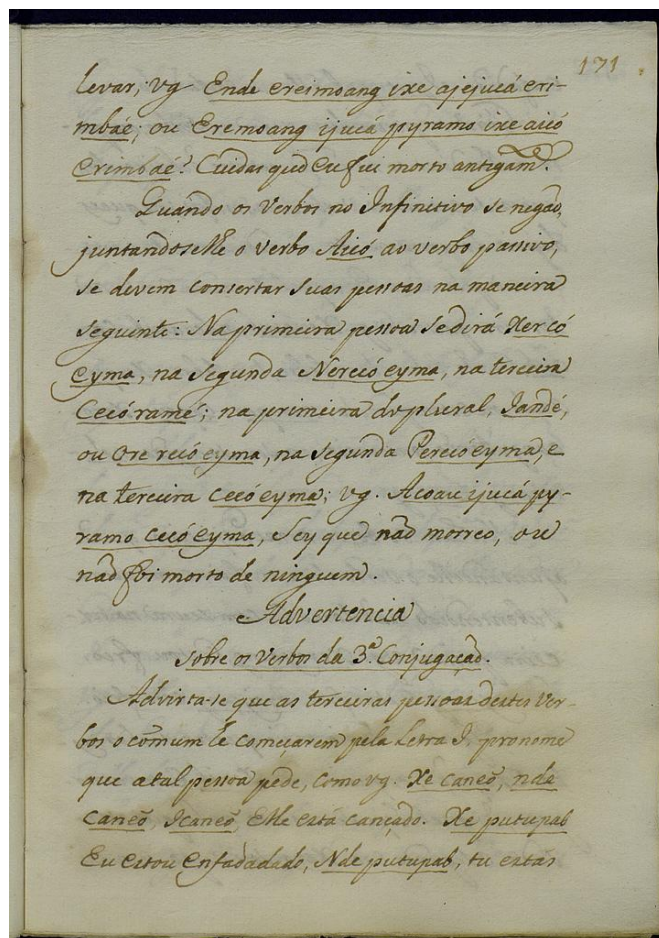
1 170

2 verá nestas, eem semelhantes oraçoẽs: Pero remi-
 3 jucá rera Paxicú recó ramé, Como Francisco
 4 foi morto de Pedro, ou Como oque matou Pedro
 5 foi Francisco. Ou tambem: Pero remijucá aco-
 6 era, ou agoera Paxicú oicó ramé. Para as lin-
 7 guagens fallarem de preterito, ou futuro he
 8 necessario adverbio de tempo, como já se tem
 9 advertido.

10 Advirtase, que tambem se pode dizer desta
 11 sorte naterceira pessoa do Singular, ou plural
 12 *verbi gratia*. Iaijucá ramé, como estiver morto, ou Como
 13 eztiverem mortos.

14 Além disto se pode dizer nestas, eem se-
 15 melhantes oraçoens na maneira seguinte: Erecó-
 16 aupacó ijucá pyramo xerecô, Sabeis que eu
 17 sou morto. Erecó au pacó Paxicú Pero remi-
 18 jucá ramo cecô, Sabeis por ventura que Fran-
 19 cisco he morto de Pedro.

20 Assim no activo, como no passivo podem
 21 os verbos no Infinito levar artigo, ou não ole-



- 1 171
- 2 levar; *verbi gratia* Ende ereimoang ixe ajejúca eri-
- 3 mbáe; ou Ere moang ijucá pyrama ixe aicó
- 4 erimbaé? Cuidar que eu fui morto antigam(en)te.
- 5 Quando os verbos no Infinitivo se negão,
- 6 juntandosse o verbo Aicó ao verbo passivo,
- 7 se devem consertar suas pessoas na maneira
- 8 seguinte: Na primeira pessoa sedirá Xer có
- 9 eyma, na segunda Nerecô eyma, na terceira
- 10 Cecô ramé; na primeira do plural, Iandé,
- 11 ou Ore recô eyma, na segunda Perecô eyma, e
- 12 na terceira cecô eyma; *verbi gratia*, Acoau ijucá py-
- 13 rama cecô eyma, Sey que não morreo, ou
- 14 não foi morto de ninguém.
- 15 Advertencia
- 16 Sobre os verbos da 3ª Conjugação.
- 17 Advirta-se que as terceiras pessoasdestes ver-
- 18 bos o cômum he começarem pela Letra I, pronome
- 19 que atal pessoa pede, como *verbi gratia* Xe caneõ, nde
- 20 caneõ, Icaneõ, Elle está cançado. Xe putupab
- 21 Eu estou enfadado (sic), Nde putupab, tu estás

172 enfadado, Iputupab. Elle está enfadado.
 Tirad-se porém desta regra os verbos, ou pa-
 ra melhor dizer os nomes adjectivos, debaixo dos
 quaes se entende o verbo Sum, es, fui; os quaes
 depois do pronome xe immediatamente come-
 çarem pela Letra R, aqual se muda em C, na
 terceira pessoa; v.g. Xeracub, nderacub, ca-
cub, Tendo febre, tens febre, tem febre. Xeropar,
 ando, ou eztou perdido, neropar, copar. Xero-
cang, tendo paciencia, ou sou socegado, nde-
roçang, Coçang.
 Ha hum verbo, ou nome adjectivo, que se
 ajuntando o verbo Sum, es, fui, como acima
 subentendido não toma C, com zeura na ter-
 ceira pessoa, v.g. Xeroyçang, Estou frio,
nderoyçang Está frio, Iroyçang está frio.
 Algumdia havia mais quatro verbos nes-
 ta excepção, os quaes eraõ Xerób, Estou amar-
 gozo, do qual hoje se não uza na lingua ver-
 sada. Osegundo era Xeró sou vesgo, em Lu-

1 enfadado, Iputupab, Elle está enfadado.
 2
 3 Tiraõ-se porém desta regra os verbos, ou pa-
 4 ra melhor dizer os nomes adjectivos, debaixo dos
 5 quaes se entende o verbo Sum, es, fui; os quaes
 6 depois do pronome xe immediatamente come-
 7 çarem pela Letra R, aqual se muda em C, na
 8 terceira pessoa; *verbi gratia* Xeracub, nderacub, ca-
 9 cub, Tendo febre, tens febre, tem febre. Xeropar,
 10 ando, ou eztou perdido, neropar, copar. Xero-
 11 cang, tenho paciencia, ou sou socegado, nde-
 12 roçang, Coçang.
 13 Hahum verbo, ou nome adjectivo, que
 14 ajuntandolhe o verbo Sum, es, fui, como acima
 15 subentendido não toma C, com zeura na ter-
 16 ceira pessoa, *verbi gratia* Xeroyçang, estou frio
 17 nderoyçang estás frio, Iroyçang está frio.
 18 Algumdia havia mais quatro verbo nes-
 19 ta excepção, os quaes eraõ Xerób estou amar-
 20 gozo, doqual hoje se não uza nalingua ver-
 21 sada. osegundo era Xeró sou vesgo, em Lu-

Lugar do qual se usa Xerecá opé, ou Xerecá bang. Xerurú. Estou inchado: diz-se hoje Xepungá. 173

Também se exceptua da regra acima os verbos compostos de nomes, cuja primeira letra T, fica na terceira pessoa, ainda que na primeira e segunda se mude em R, imediato ao artigo; *vg.* Xerair Eu tenho filhos, nderayr, tayr.

Adverta-se aqui que alguns Indios usam do artigo O, em lugar do pronome I, *vg.* Xenhiró, eu perdoo, ndenhyró, inhyrô, ou Onhyrô.

A respeito dos Gerundios dos verbos sedever, advertir, que o mais comum he não se uzar delle, mas em seu lugar uzar do Conjunctivo; *vg.* Mairi cui ajore ramé, vindo eu da Cidade. Este he o modo mais comum de fallar, e delle devemos uzar. Esta, e semelhantes orações sedeverem fazer assim, quando acontecerem; *vg.* Vi isto quando o recebi; Coae aci-

1 173

2 Lugar do qual se usa Xerecá opé, ou Xerecá

3 bang. Xerurú eztou inchado: diz-se hoje

4 Xepungá.

5 Também se exceptua da regra acima

6 os verbos compostos de nomes, cuja primeira

7 Letra T, fica na terceira pessoa, ainda que na

8 primeira, e segunda se mude em R, immedi-

9 ato ao artigo; *verbi gratia* Xerair eu tenho filhos, nde-

10 rayr, tayr.

11 Adverta-se aqui que alguns Indios uzaõ

12 do artigo O, em lugar do pronome I, *verbi gratia* Xe-

13 nhiró, eu perdoo, ndenhyró, inhyrô, ou Onhyrô.

14 A respeito dos Gerundios dos verbos sedever

15 advertir, que o mais comum he não se uzar de-

16 lle, mas em seu Lugar uzar do Conjunctivo;

17 *verbi gratia* Mairi cui ajore ramé, vindo eu da Cida-

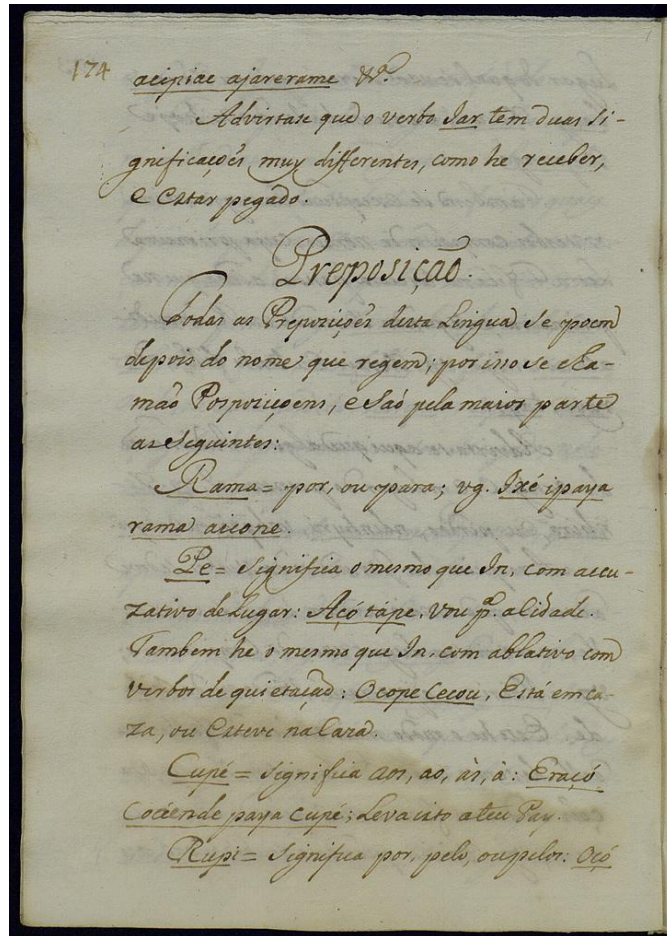
18 de. Ezte he o modo mais comũ defallar, e

19 delle devemos uzar. Esta, e esemelhantes ora-

20 ções sedeverem fazer assim, quando acontece-

21 rem; *verbi gratia* Vi isto quando o recebi; Coae aci-

91v



174

acipiae ajarerame et caetera

Advirtase que o verbo lar tem duas significações muy differentes, como he receber, e eftar pegado.

Preposição.

Todas as Preposições desta Lingua se poem depois do nome que regem; por isso se chamaõ Posposições, e São pela maior parte as seguintes:

Rama = por, ou para; verbi gratia Ixé ipaya rama aicone.

Pe = Significa o mesmo que In, com accusativo de Lugar: Açó tápe, vou p(ar)a a Cidade. Também he o mesmo que In, com ablativo com verbos de quietação: Ocope cecou, Está em casa, ou esteve na Casa.

Cupé = significa aos, ao, às, à: Eraçó coáende paya cupé; Leva isto ateu Pay.

Rupi = significa por, pelo, ou pelos: Oçó

92r

oco' caá rupi, Foy pelo mato. Ké rupi oco', Foy 175
 por aqui.
Arpe, ou Aribo = Significa Em cima: Oca
aribo, Em cima da Caza.
Pyrib = Significa mais: Turuçú pyryb
 mais grande, maior. E assim se forma o Compa-
 rativo: Esta Caza he maior que aquella. Coaé
oca turuçu pyryb oimoae çui. He a maior
 de todas: Turuçu Eté; ou Turuçu ete pyryb
o pabinhe çui. Não ha mais comparativos, ne
 Superlativos nesta Lingua.
Çui = Significa o dos, das, de, do Latim; *verbi gratia*.
Oca çui xejore, Venho de Caza..
Guyra, Ibyra = Significa por baixo: Caá-
guyra rupi oatá, Anda por baixo do mato.
Pocé = Comigo, na mesma cama, ou Lugar.
Xe pocé oKer, Dormo comigo na mesma re-
 de, ou Lugar Em que eu durmo.
Ranhé = primeiro, ou antes: Xe ranhé
açone, Eu irey antes, ou primeiro.

175

1 oco' caá rupi, Foy pelo mato. Ké rupioçó, Foy
 2 por aqui.
 3 Arpe, ou Aribo = significa em cima: Oca
 4 aribo, Em cima da Caza.
 5 Pyrib = significa mais: Turuçu pyryb
 6 mais grande, maior. E assim se forma o Compa-
 7 rativo. Esta caza he maior que aquella. Coaé
 8 oca turuçu pyryb oimoae çui. He a maior
 9 de todas: Turuçu eté; ou Turuçu ete pyryb
 10 o pabinhe çui. Não ha mais comparativos, nê
 11 Superlativos nesta Lingua.
 12 Çui = significa o dos, das, de, do Latim; *verbi gratia*
 13 Oca çui xejore, venho de caza.
 14 Guyra, Ibyra = Significa por baixo: Caá-
 15 guyra rupi oatá, Anda por baixo do mato.
 16 Pocé = Comigo, na mesma cama, ou Lugar:
 17 Xe pocé oKer, Dormo comigo na mesma re-
 18 de, ou Lugar em que eu durmo.
 19 Ranhé = primeiro, ou antes: Xe ranhé
 20 açone, Eu irey antes, ou primeiro.
 21

92v

176 CobaKé = Em presença: XerobaKé, em mi-
nha presença.
Tenondé = antes, ou primeiro: Xerenon-
dé ecoi, vai tu antes, ou primeiro de eu vá.
Tá = he huma nota de perguntar: Abátá
ende? Quem és tu?
Taé = he nota de perguntar: Abátáé
ende: Quem estu? he que digo.
Aé = se ajunta no fim da oração
para repetir segunda vez ao que a primei-
ra vez a não ouvis: advertindo que o accento
he no á.
Pyri = Junto de mim, à minha illarga:
Có ajore ndé apyri, Venho ter contigo, ou Ve-
nho aqui junto, ou aopè deti para fallarte, ou
dizerte alguma couza. Alguns dizem Apyri.
Irunamo, ou Iruno = comigo: Xe iruna-
mo.
Pabé = he o mesmo que ade cima; porém
comummente quer os verbos no plural: Yacó

176

1
2 CobaKé: em presença: XerobaKé, emmi-
3 nha presença.
4 Tenondé = antes, ou primeiro. Xerenon=
5 dé ecoi, vai tu antes, ou primeiro q(ue) eu vá.
6 Tá = he huma nota de perguntar: Abátá
7 ende? Quem és tu?
8 Taé = he nota de perguntar: Abátáé
9 ende: Quem estu? he que digo.
10 Aé = se ajunta no fim da oração
11 para repetir segunda vez ao que a primei-
12 ra vez a não ouvis: advertindo que o accento
13 he no á.
14 Pyri = Junto de mim, à minha illarga:
15 Có ajore ndé apyri, Venho ter contigo, ou Ve-
16 nho aqui junto, ou aopè deti para fallarte, ou
17 dizerte alguma couza. Alguns dizem Apyri.
18 Irunamo, ou Iruno = comigo: Xe iruna-
19 mo.
20 Pabé = he o mesmo que ade cima; porém
21 comummente quer os verbos no plural: Yacó

xabé, Vamos huns com outros; ou todos de patru- 177
 lha. Tiaçó xepabé, Vamos ambos, tu comigo.
 Recé, ou no relativo Cecé = significa ome-
 mo que o propter dos Latinos; em Portuguez
 por amor: Tupana recé, por amor de Deos. He
 também o mesmo que cum: Omendar oan cu-
nhã recé, Já casou com huma mulher. Oicó
cunhã recé, Faz com huã mulher. Algumas
 vezes significa por: A Tupã mong hetá ende-
recé, Rogo a Deos por ti. Xe pyá ayb nderecé.
 Por ti estou aflito. Também significa de,
Nderecarai umé xerecé, Não te esqueças de
 mim. Aicó abá recé. Esta frase também sig-
 nifica entender por mal com alguém, ou es-
 tar contra elle; v.g. Tenhé eicó xerecé, Não
 estejas contra mim, ou não bullas comigo:
Apocoe baé recé. Ainda algumas vezes sig-
 nifica furtar; com tudo a mais pratica, e
 comua significação he aplicar ao trabalho:
Niranhé apococ mbaé recé, Ainda não fiz

1 pubé, Vamos huns com outros; ou todos de patru- 177
 2 lha. Tiaçó xepabé, Vamos ambos, tu comigo.
 3 Recé, ou no relativo Cecé = significa ome-
 4 mo que o propter dos Latinos; em Portuguez
 5 por amor: Tupana recé, por amor de Deos. He
 6 também o mesmo que cum: Omendar oan cu-
 7 nhã recé, Já casou com huma mulher. Oicó
 8 cunhã recé: Faz com huã mulher. Algumas
 9 vezes significa por,: A Tupã mong hetá ende-
 10 recé, Rogo a Deos por ti. Xe pyá ayb nderecé.
 11 Por ti estou aflito. Também significa de,
 12 Nderecarai umé xerecé, Não te esqueças de,
 13 mim. Aicó abá recé. Eztafrase também sig-
 14 nifica entender por mal com alguém, ou es-
 15 tar contra elle; *verbi gratia* Tenhé eicó xerecé, Não
 16 estejas contra mim, ou não bullas comigo:
 17 Apocoe baé recé. Ainda alguma vezes sig-
 18 nifica furtar; com tudo a mais pratica, e
 19 comua significação he aplicar ao trabalho:
 20 Niranhé apococ mbaé recé, Ainda não fiz

93v

178 nada. Significa tambem tocar alguma couza
 honesta, ou desonestamente, ou palpalla: Ere-
 poc i cama recé, Pegaste-lhe nos peitos &c.
 Ketý = corresponde ao versus dos Lati-
 nos: Tapira oçó Ketý: Os bois foraõ p(ara) abanda
 das cazas.
 Pupé = He o mesmo que in, com abla-
 tivo; v.g. Oicoé goyaba iyba pupé; ou Oicoé
goyaba yba pupé yá; Lá eztaõ goiaba, ou fru-
 ta na goiabeira. Quando porém sedisser
 em caza, sedirá óca pupé, e naõ ocapýpé
 isto he dentro em caza. Tambem se ajunta
 com couza de instrumento: Ainupá xerayra
y mirá pupé, Castigo meu filho com huma va-
 ra, ou páo.
 Reiré, ou Riré = corresponde ao Postquam
 dos Latinos: Aereiré, depois disso. Açó reiré
erecône: Hireis depois de eu ir.

178

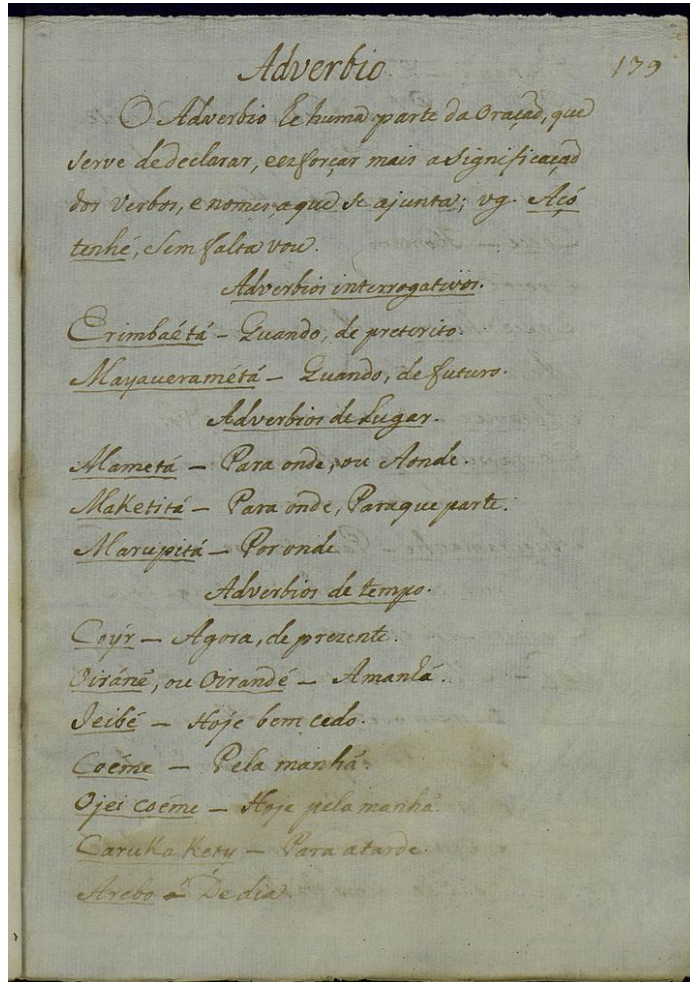
nada. Significa tambem tocar alguma couza
 honesta, ou desonestamente, ou palpalla: Ere-
poc i cama recé, Pegaste-lhe nos peitos et caetera

Ketý = corresponde ao versus dos Lati-
 nos: Tapira oçó Ketý: Os bois foraõ p(ara) abanda
 das cazas.

Pupé = He o mesmo que in, com abla-
 tivo; *verbi gratia* Oicoé é goyaba iyba pupé, ou Oicoé
goyaba yba pupé yá; Lá eztaõ goiaba, ou fru-
 ta na goiabeira. Quando porém sedisser
 em caza sedirá óca pupé, e naõ ocapýpé
 istohe dentro em caza. Tambem se ajunta
 com couzade instrumento: Ainupá xerayra
y mirá pupé, Castigo meu filho comhuma va-
 ra, ou páo.

Reiré, ou Riré = corresponde ao *Postquam*
 doz Latinos: Aereiré, depois disso. Açó reiré
erecône: Hireis depois de eu ir.

94r



179

- 1
- 2 Adverbio.
- 3 O Adverbio he huma parte da Oração, que
- 4 serve dedeclarar, eesforçar mais aSignificação
- 5 dos verbos, e nomes, aque se ajunta; *verbi gratia* Açó
- 6 tenhé, Sem falta vou.
- 7 Adverbios interrogativos.
- 8 Erimbaétá - Quando, de preterito.
- 9 Mayaueramétá - Quando, de futuro.
- 10 Adverbios de Lugar.
- 11 Mametá - Para onde, ou Aonde.
- 12 Maketitá - Para onde, Paraque parte.
- 13 Marupitá - Por onde
- 14 Adverbios de tempo.
- 15 Coýr - Agora, de presente.
- 16 Oirânê, ou Oirandé - Amanhã.
- 17 Ieibé - Hoje bem cedo.
- 18 Coéme - Pela manhã.
- 19 Ojei coéme - Hoje pela manhã.
- 20 Caruka Kety - Para atarde.
- 21 Arebo - De dia.

94v

180 Pytuname – De noite.
Piçaje – Pela noite adiante, bem de noite.
Ipi – Cõmum(m), Sempre, cadadia.
Cori – Corié – Coriecoré – Hoje será, de futuro.
Coecé – Hontem.
Coecé Coecé – Antehontem.
Coecénheron – Antigamente.
Aerame – Então.
Aérameé – Então mesmo he q(ue) foi.
Coarapucújabé – Sempre emquanto o
 mundo for mundo.
Aujeramanhé – Para sempre, Logo. Toe-
rir aujeramanhé, Que traga logo.
Curutei – Depressa.
Té – Mesmo. Xe té, eu mesmo. Ende té
 tu mesmo. Aeté oçó, Elle mesmo foi.
 He neccessario, que se lhe ponhaõ claros
 os pronomes; Vem asignificar fazer
 as cousas sem dependencia: Aeté
oçó, Elle mesmo foi sem que a mandassem.

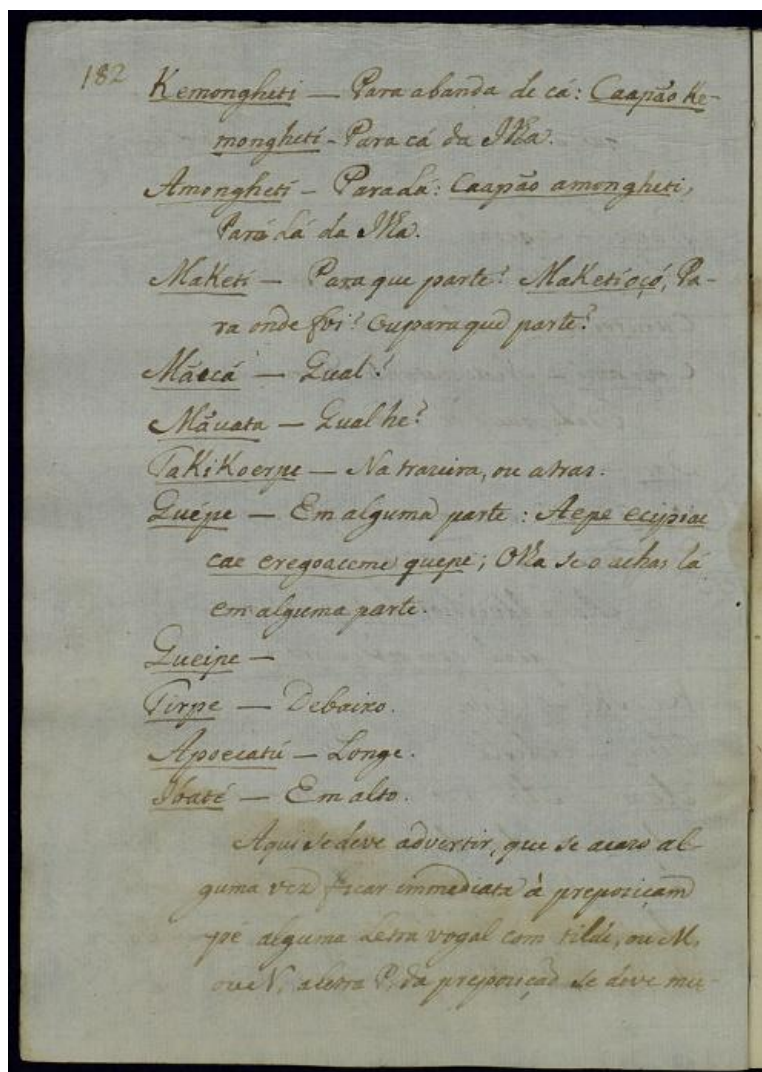
1 180

2 Pytuname – De noite.
 3 Piçaje – Pela noite adiante, bem de noite.
 4 Ipi – Cõmum(en)te, Sempre, cadadia.
 5 Cori – Corié – Coriecoré – Hoje será, de futuro.
 6 Coecé – Hontem.
 7 Coecé Coecé – Antehontem.
 8 Coecénheron – Antigamente.
 9 Aerame – Então.
 10 Aérameé – Então mesmo he q(ue) foi.
 11 Coarapucújabé – Sempre emquanto o
 12 mundo for mundo.
 13 Aujeramanhé – Para sempre, Logo. Toe-
 14 rir aujeramanhé, Que traga logo.
 15 Curutei – Depressa.
 16 Té – Mesmo. Xe té, eu mesmo. Ende té
 17 tu mesmo. Aeté oçó, Elle mesmofoi.
 18 He neccessario, que se lhe ponhaõ claros
 19 os pronomes; Vem asignificar fazer
 20 ascouzas sem dependencia: Aeté
 21 oçó, Elle mesmo foi sem que o mandassem.

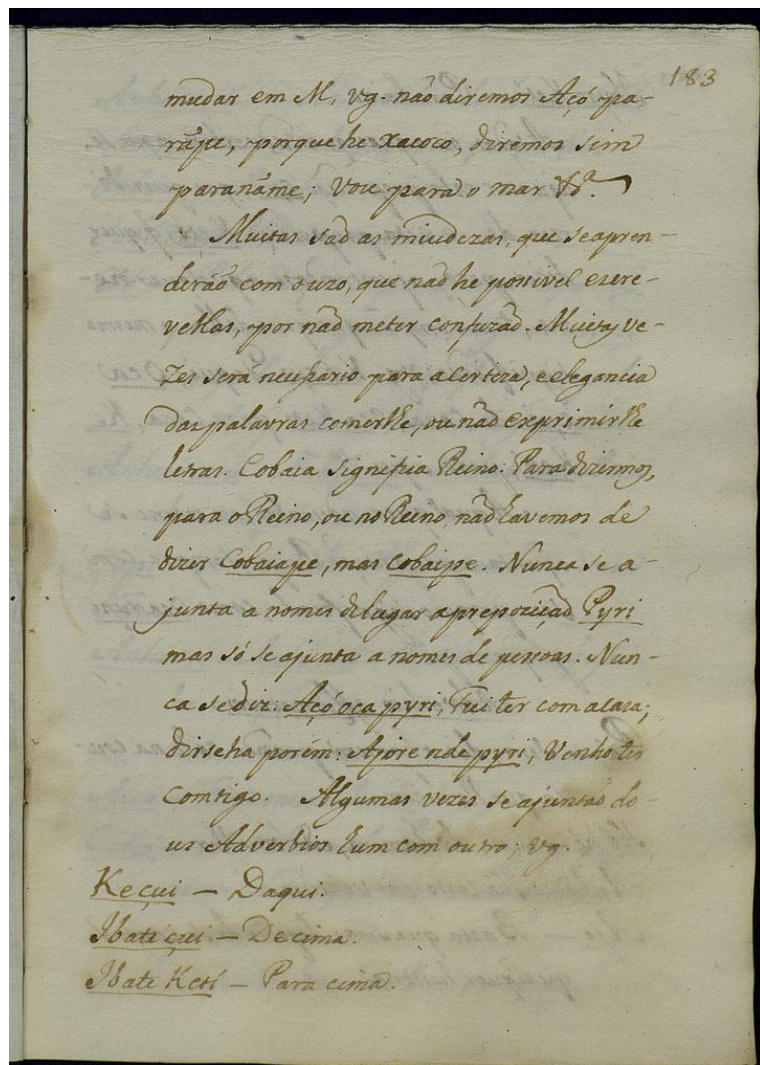
95r

Meme – Sempre, da mesma maneira. Ainda ¹⁸¹
 que o não uzaõ muito, Entendemno a ma-
 ior parte delles.
Ramó – Agora
Amó – He o mesmo com menos uzo.
Curutei ramó – Ainda agora.
Coýr amó – Neste instante. Denota mais bre-
 vidade, que o de cima.
Oan – Já.
Oman – He o mesmo, ainda que com menos
 uzo da gente ladina.
Aos Adverbios de Lugar se res-
ponde com os seguintes.
Ké - Iké – Aqui.
Oimé – Acolá.
Aepe – Ahi, ou Lá onde dizeis, ou estais.
Aquéi – Aquella, ou aquella que.
Kemonghetí – Mais para cá, ou p(ar)a estouta banda.
Amonghetí – Mais p(ar)a lá, ou p(ar)a a outra banda.
KeKetí – Mais para aqui.

1 [↑13] 181
 2 Meme – Sempre, da mesma maneira. Ainda
 3 que o não uzaõ muito, entendemno a ma-
 4 ior parte delles.
 5 Ramó – Agora
 6 Amó – He o mesmo com menos uzo.
 7 Curutei ramó – Ainda agora.
 8 Coýr amó – Neste instante. Denota mais bre-
 9 vidade, que ode cima.
 10 Oan – Já.
 11 Oman – He o mesmo, aindaque com menos
 12 uzo da gente ladina.
 13 Aos Adverbios deLugar se res-
 14 ponde com os seguintes.
 15 Ké – Iké – Aqui.
 16 Oimé – Acolá.
 17 Aepe – Ahi, ou Lá onde dizeis, ou estais.
 18 Aquéi – Aquelle, ou aquella que.
 19 Kemonghetí – Maiz para cá, ou p(ar)a estoutra banda.
 20 Amonghetí – Mais p(ar)a lá, ou p(ar)a a outra banda.
 21 KeKetí – Mais para aqui.



- 2 Kemonghuti — Para abanda de cá: Caapão Kemongheti — Para cá da Ilha.
 3 Amongheti — Parala Caapão amongheti,
 4 Para Lá da Ilha.
 5 MaKetí — Para que parte? MaKetí oçó, Para onde foi? Oupara que parte?
 6 Mãecã — Qual?
 7 Mauata — Qual he?
 8 TaKiKoerpe — Na trazeira, ou atras.
 9 Quepe — Em alguma parte: Aepe ecipiae
 10 cae eregoaceme quepe; Olha se o achas lá
 11 em alguma parte.
 12 Queipe —
 13 Tirpe — Debaixo.
 14 Apocatu — Longe.
 15 Ibaté — Em alto.
 16
 17 Aqui se deve advertir, que se acazo alguma vez ficar immediata à prepoziçam
 18 pé alguma Letra vogal com tilde, ou M,
 19 ou N, a letra P, da prepozição se deve mu-



mudar em M, *verbi gratia*, não diremos Açó pa-

rãpe, porque he xacóco, diremos sim

paranãme; vou para o mar *et caetera*

Muitas são as miudezas, que se apren-

derão com o uzo, que não he possível escre-

vellas, por não meter confusão. Muitas ve-

zes será necessario apra acerteza, e elegancia

daspalavras comerlhe, ou não exprimir lhe

letras. Cobiaia significa Reino: Para dizermos,

para oReino, ou no Reino não havemos de

dizer Cobaiape, mas cobaipe. Nunca se a-

junta a nome delugar apreposição Pyri

mas só se ajunta a nomes de pessoas. Nun-

ca sediz: Açó oca pyri, Fui ter com acaza

dirseha porém: Apore nde pyri, Venho ter

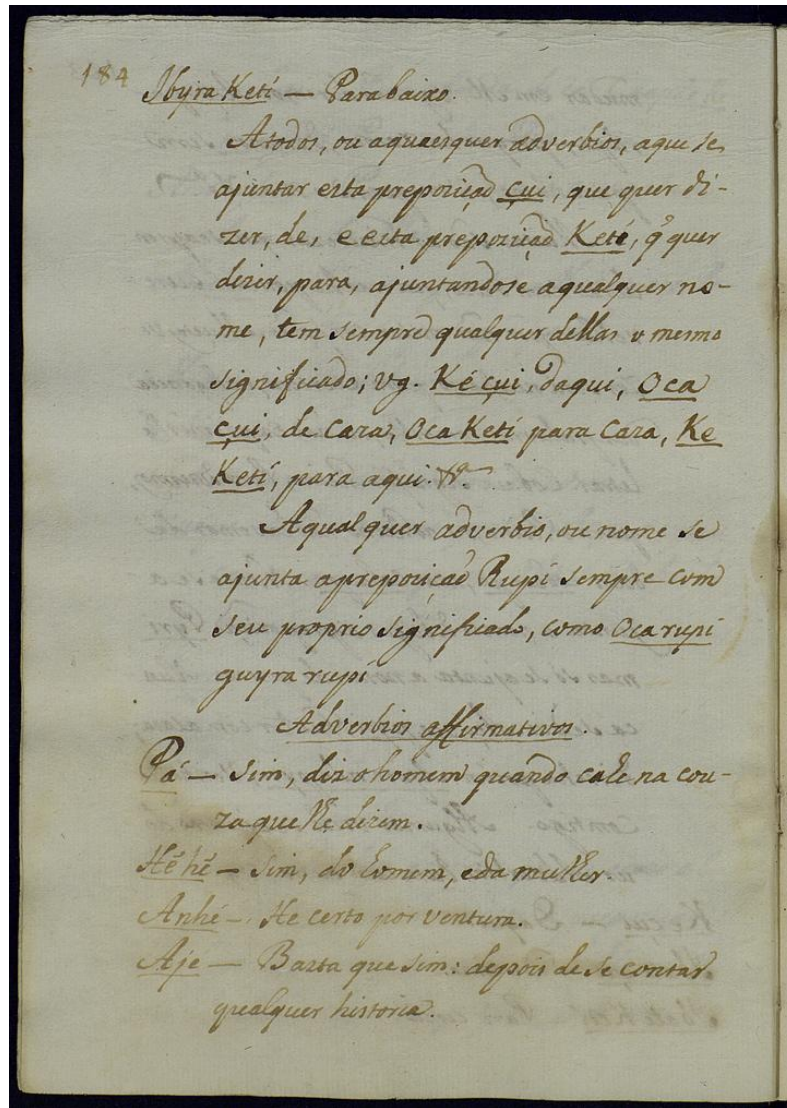
contigo. Algumas vezes seajuntão do-

us Adverbios hum com outro; *verbi gratia*.

Ke cui - Daqui.

Ibaté cui - De cima.

Ibaté Ketí - Para cima.



Ibyra Ketí — Para baixo.

Atodos, ou aquaesquer adverbios, aque se,
ajuntar ezta preposição cui, que quer di-
zer, de, e ezta preposição Keté, q(ue) quer
dizer, para, ajuntandose aqualquer no-
me, tem sempre qualquey dellas o mesmo
significado; *verbi gratia*. Ké cui, daqui, Oca
cui, de caza, Oca Ketí para Caza, Ke
Ketí, para aqui. *et caetera*

Aqualquer adverbio, ou nome se
ajunta a preposição Rupi sempre com
seu proprio significado, como Oca rupí
guyra rupí

Adverbios affirmativos.

Pá — Sim, diz ohomem quando cahhe na cou-
za que lhe dizem.

Hê hê — Sim, do homem, eda mulher.

Anhé — He certo por ventura.

Ajé — Basta que sim: depois de se contar
qualquer historia.

97r

185
Anhé coreã — He verdade: dos homens, som(en)te.
Amõ reã — Oxalá que assim fora, ou fosse.
Iabé — Assim.
Iabé catú — Dessa maneira.
Xó — Palavra que se põe antes daquillo,
 que se quer engrandecer, augmentar, ou
 aniquilar. Vem a significar esta pala-
 vra, huy. Xó cetá coé, Huy são muitos.
Anheté catú — Anhejatú — Anhetitué. Assim
 he sem fallencia.
Çupí — He verdade. Alguns tambem dizem
Titué.
Anhé coé — Anhé cóũ — He sem duvida, q' assim
 he isso que dizes.
Có — Esse, esse mesmo.
Aécó — Este mesmo he.
CóKa — He palavra deshonesto, significa for-
 nicote, aindaque alguns são de parecer
 que significa Irra.
Hyua — Hora. Daz mulheres somente.

185
 1 Anhé coreã — He verdade: dos homens, som(en)te.
 2 Amõ reã — Oxalá que assim fora, ou fosse.
 3 Iabé — Assim.
 4 Iabé catú — Dessa maneira.
 5 Xó — Palavra que se põe antes daquillo,
 6 que se quer engrandecer, augmentar, ou
 7 aniquilar. Vem a significar ezta pala-
 8 vra, huy. Xó cetá coé, Huy são muitos.
 9 Anheté catú — Anhejatú — Anhetitué. Assim
 10 he sem fallencia.
 11 Çupí — He verdade. Alguns tambem dizem
 12 Titué.
 13 Anhécoé — Anhé cóũ — He sem duvida, q(ue) assim
 14 he isso que dizes.
 15 Có — Esse, esse mesmo.
 16 Aécó — Este mesmo he.
 17 CóKa — He palavra deshonesto, significa for-
 18 nicote, aindaque alguns são de parecer
 19 que significa Irra.
 20 Hyua — Hora. Daz mulheres somente.
 21

186 Có- Racó- Coé- Ruã- Ra- são sotaques, que
 se ajuntão aos fins das orações para
 as fazer elegantes, e engraçadas; v.g. Aé-
có- Aéracó- Aeruã- Aéra. Esse he
 o mesmo de que se falla.
Pacó- Tá, Portventura.
Rapocó- Poi não?
Mayaué- Como he? oque?
Mayauetá- Mayaué pacó- Poi como? Ma-
yaué pacó erenheeng? Poi como me
 dizes isso?
Baétá- Que he isso? aque vem? Baétá ere-
potar. Que queres?
Adverbios negativos
Báenēi- As avessas. couza q(ue) não he.
Anangai- De nenhuma maneira.
Anangaité- Nem nada: de nenhuma sorte.
 detodo nada: Anangaité oan apyaba.
 Não ha nem hum unico negro.
Angai- Nada, ou de todo nada.

186
 1 Có- Racó- Coé- Ruã- Ra- são sotaques, que
 2 se ajuntão aos fins das orações para
 3 as fazer elegantes, e engraçadas; v(erbi) g(ratia). Aé-
 4 có- Aéracó- Aeruã- Aéra. Esse he
 5 o mesmo de que se falla.
 6 Pacó- Tá, Portventura.
 7 Rapocó- Poi não?
 8 Mayaué- Como he? oque?
 9 Mayauetá- Mayaué pacó- Poi como? Ma-
 10 yaué pacó erenheeng? Poi como me
 11 dizes isso?
 12 Baétá- Que he isso? aque vem? Baétá ere-
 13 potar. Que queres?
 14 Adverbios negativos
 15 Báenēi- As avessas. couza q(ue) não he.
 16 Anangai- De nenhuma maneira.
 17 Anagaité- Nem nada: de nenhuma sorte.
 18 detodo nada: Anangaité oan apyaba.
 19 Não ha nem hum unico negro.
 20 Angai- Nada, ou de todo nada.
 21

Angaité — Couza nenhuma: Nitibi angai - 187
té apyaba, Naõ ha negro algum.

Nem merim — Detodo nada.

Nitibi ~~na~~ Nada, ou naõ.

Nitio — Naõ; ordinariamente para gra-
 ça, elegancia se lhe ajunta esta dicção
Co, ou Coé, ou Coum.

Iaué — Assim he.

Iarié catú — Assim mesmo he.

Iarié ruã — O mesmo.

Najariéruã — Naõ he dessasorte.

Iaué tenhé — Assim he que he.

Aé vinhé — Isso he tambem.

Aé jebyre — Ene he tambem.

Iojáy — Ridicularia, brinco, ou zombaria.

Anheraupé — He zombaria, ou he couza de
 rizo?

Adverbios Demonstrativos.

Cobé — Eis aqui.

Eboquéi — Eis lá vai. Eis ahi está.

Angaité — Couza nenhuma: Nitibi angai-
té apyaba, Naõ ha negro algum.

Nem merim — Detodo nada.

Nitibi ~~na~~ — Nada, ou naõ.

Nitio — Naõ; ordinariamente para gra-
 ça, elegancia se lhe ajunta esta dicção
Co, ou Coé, ou Coum.

Iaué — Assim he.

Iarié catú — Assim mesmo he.

Iarié ruã — o mesmo.

Najariéruã — Naõ he dessasorte.

Iaué tenhé — assim he que he.

Aé vinhé — - Isso he tambem.

Aé jebyre — Esea he tambem.

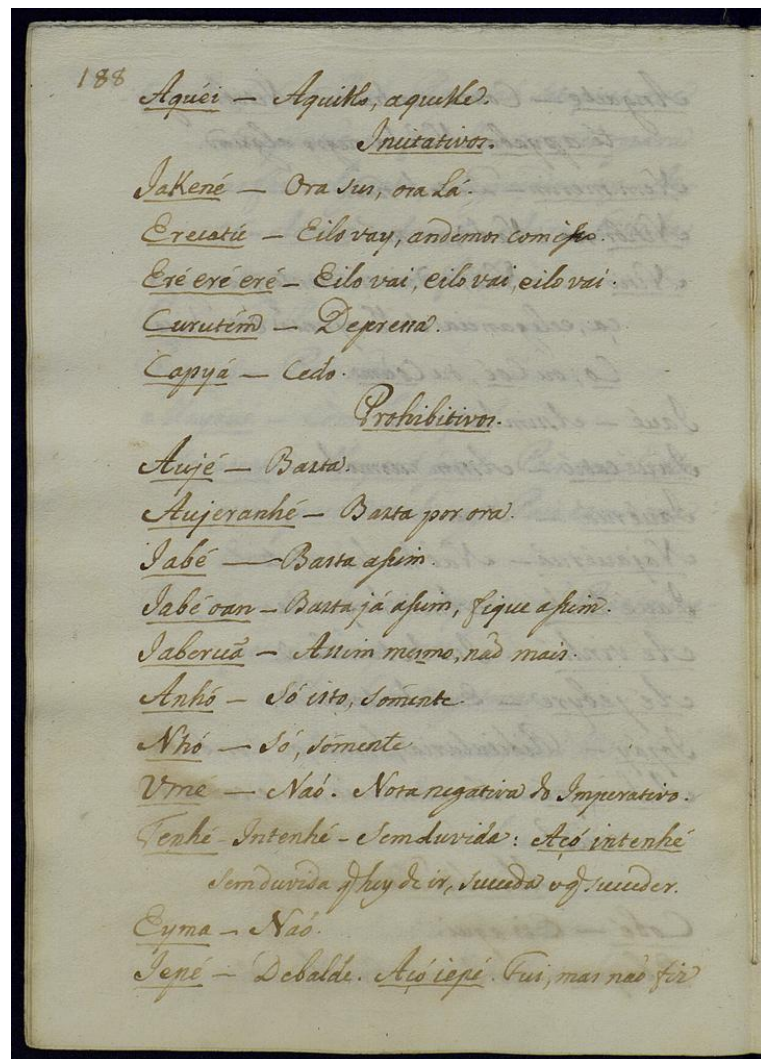
Iojáy — Ridicularia, brinco, ou zombaria.

Anheraupé — He zombaria, ou he couza de
 rizo?

Adverbios Demonstrativos.

Cobé — Eis aqui.

Eboquéi — Eis lá vai. Eis ahi está.



Aquí – Aquillo, aquelle.

Incitativos.

IaKené – Ora sus, ora Lá.

Erecatú – Eilo vay, andemos com isso.

Eré eré eré – Eilo vai, eilo vai, eilo vai.

Curutém – Depressa.

Capyá – Cedo.

Prohibitivos.

Aujé – Basta.

Aujeranhé – Bazta por ora.

Iabé – Basta assim.

Iabé oan – Basta já assim, fique assim.

Iaberuã – Assim mesmo, não mais.

Anhó – Só isto, sómente.

Nhó – Só, sómente.

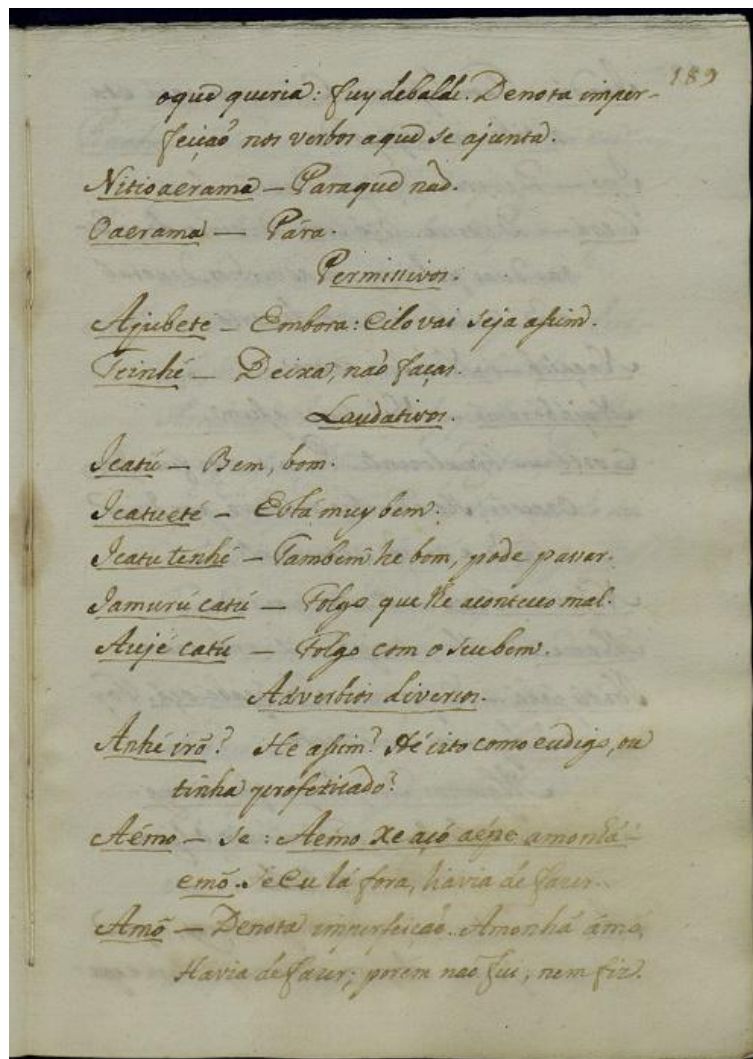
Vmé – Não. Nota negativa do Imperativo.

Tenhé – Intenhé – Sem duvida: Açó intenhé
Sem duvida q(ue) hey de ir, succeda oq(ue) succeder.

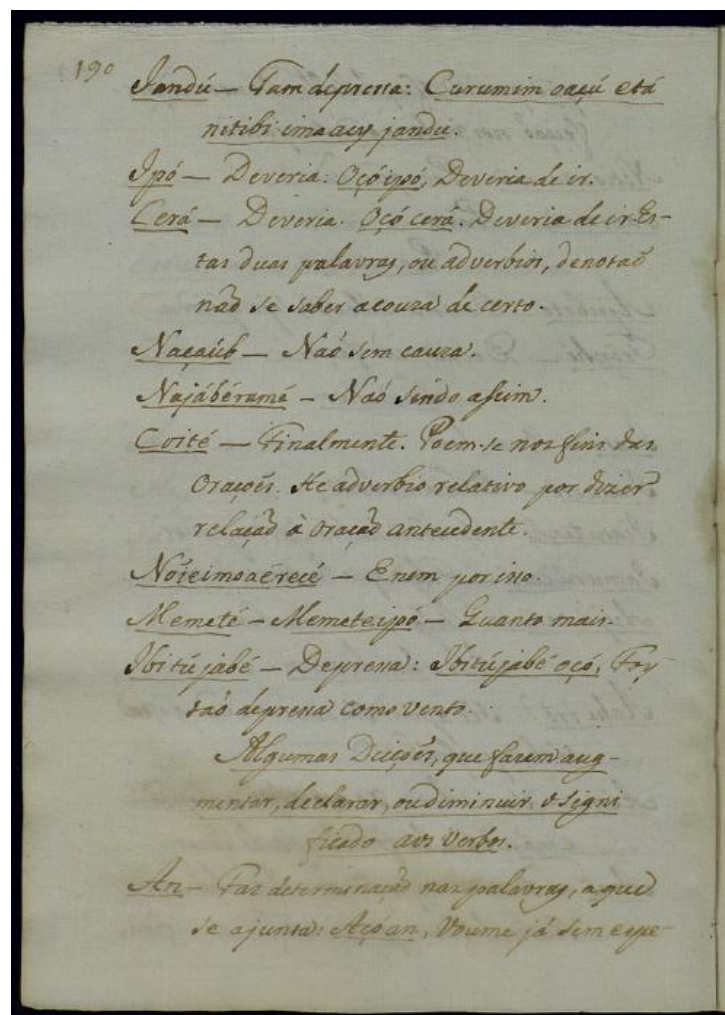
Eyma – Não.

Iepé – Debalde. Açó iepé. Fui, mas não fiz

99 r

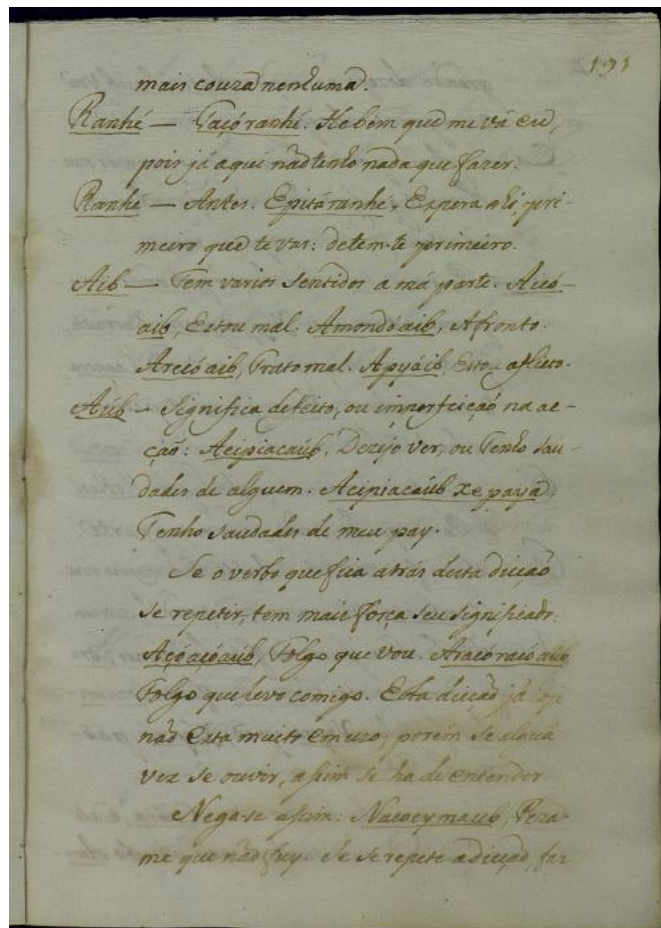


- 1 189
 2 oque queria: fuy de balde. Denota imper-
 3 feição nos verbos aque se ajunta.
 4 Nitioaerama – Paraque não.
 5 Oaerama – Pára.
 6 Permissivos.
 7 Ajubeté – Embora: eilo vai seja assim.
 8 Teinhé – Deixa, não faças.
 9 Laudativos.
 10 Icatú – Bem, bom.
 11 Icatueté – Está muy bem.
 12 Icatu tenhé – Também he bom, pode passar.
 13 Iamurú catú – Folgo que lhe aconteeo mal.
 14 Aujé catú – Folgo com o seubem.
 15 Adverbios diversos.
 16 Anhé irô? He assim? Hé izto como eudigo, ou
 17 tinha profetizado?
 18 Aémo – Se: Aémo xe açó aépe amonhã
 19 emô. Seeu lá fora, havia de fazer.
 20 Amô – Denota imperfeição. Amonhã amô,
 21 Havia de fazer; porém não fui, nem fiz.



- 1 190
- 2 Jandú – Tam depressa: Curumim oacú etá
- 3 nitibi ima acy jandú.
- 4 Ipó – Deveria: Oco ipó, Deveria de ir.
- 5 Cerá – Deveria: Oco cerá, Deveria de ir. Es-
- 6 tas duas palavras, ou adverbios, denotão
- 7 não se saber a cauza de certo.
- 8 Naçaúb – Não sem cauza.
- 9 Najáberamé – Não sendo assim.
- 10 Coité – Finalmente. Poem-se nos fins das
- 11 orações. He adverbio relativo por dizer
- 12 relação à oração antecedente.
- 13 Noíemoaérecé – E nem por isso.
- 14 Memeté – Memeteipó – Quanto mais.
- 15 Ibitújabé – Depressa: Ibitújabé oco, Foy
- 16 tão depressa como vento.
- 17 Algumas Dicções, que fazem aug-
- 18 mentar, declarar, ou diminuir, osigni-
- 19 ficado aos verbos.
- 20 An – Faz determinação nas palavras, aque
- 21 se ajunta: Aco an, Voume já sem espe-

100r



1

191

2

mais couza nenhuma.

3

Ranhé — Tacó ranhé. Hebem que me vá eu,

4

pois já aqui não tenho nada que fazer.

5

Ranhé — Antes. Epitá ranhé, Espera ahi, pri-

6

meiro que te vas: detem-te primeiro.

7

Aib — Tem varios sentidos a má parte. Aicó-

8

aib, Estou mal. Amondó aib, Afronto.

9

Arecó aib, Trato mal. Apyáib, Estou aflicto.

10

Aúb — Significa defeito, ou imperfeição na ac-

11

ção: Acipiacaub, Dezejo ver, ou Tenho sau-

12

dades de alguém. Acipiacaub xe paya,

13

Tenho saudades de meu pay.

14

Se o verbo quefica atrás desta dicção

15

se repetir, tem maisforça seu significado:

16

Açó açó aúb, Folgo que vou. Aracó racó aúb

17

Folgo quelevo comigo. Esta dicção já hoje

18

não está muito em uso; porém se alguã

19

vez se ouvir, assim se ha de entender.

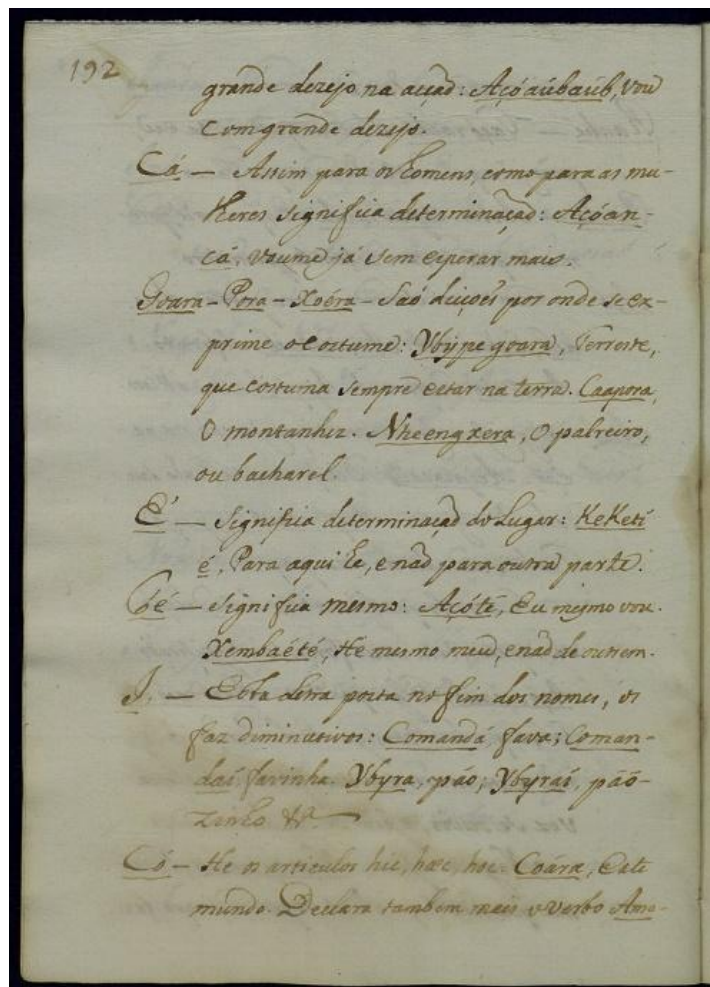
20

Nega-se assim: Nacoey maub, Peza-

21

me que não fuy. Se se repete adicção, faz

100v



1

192

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

grande dezejo na acção: Açó aúbaúib, vou
com grande dezejo.

Cá - Assim para os homens, como para as mu-
lheres significa determinação: Açóan-
cá, voume já sem esperar mais.

Goara - Pora - Xoéra - São dicções por onde se ex-
prime o costume: Ybýpe goara, Terreste,
que costuma sempre estar na terra. Caapora,
O montanhez. Nheeng xera, O palheiro,
ou bacharel.

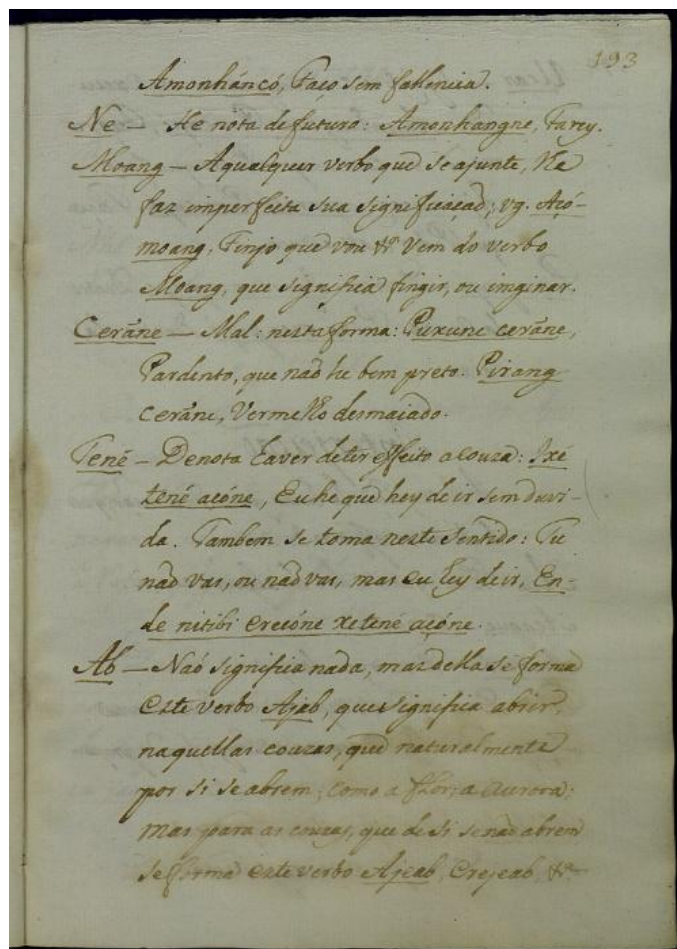
É - Significa determinação do Lugar: Keketí
é, Para aqui he, e não para outra parte.

Té - Significa mesmo: Açóte, Eu mesmo vou.
Xembaété, He mesmo meu, enão de outrem.

L - Esta Letra posta no fim dos nomes, os
faz diminutivos: Comandá, fava; Coman-
daí, favinha. Ybyra, páo; Ibyraí, pão-
zinho (et caetera)

Có - He os articulos hic, hæc, hoc. Coára, Este
mundo. Declara também mais o verbo Amo-

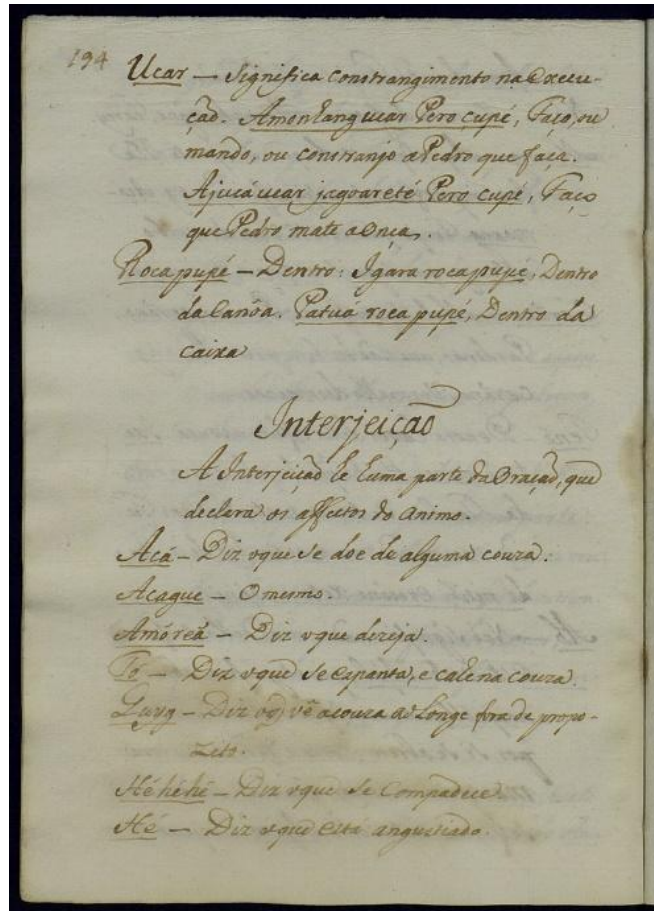
101r



193

- 1
- 2 Amonhancó, Faço sem fallencia.
- 3 Ne – He nota de futuro: Amonhangne, Farey.
- 4 Moang – Aqualquer verbo que se ajunte, lhe
- 5 faz imperfeita sua significação; v(erbi) g(ratia). Açó-
- 6 moang, Finjo que vou (et caetera) Vem do verbo
- 7 Moang, que significa fingir, ou imaginar.
- 8 Cerâne – Mal: nesta forma: Puxune cerâne,
- 9 Pardento, que não he bem preto. Pirang-
- 10 cerâne, vermelho desmaiado.
- 11 Tené – Denota haver deter effeito a couza: Ixe
- 12 tené açóne, Eu he que hey de ir sem duvi-
- 13 da. Tambem se toma neste sentido: Tu
- 14 não vas, ou não vas, mas eu hey de ir, En-
- 15 de nitibi erecône xetené açóne.
- 16 Ab – Não significa nada, mazdella se forma
- 17 ezte verbo Ajab, que significa abrir,
- 18 naquellas couzas, que naturalmente
- 19 por si se abrem; como a flor, a aurora;
- 20 mas para as couzas, que de si se não abrem
- 21 se forma este verbo Ajeab, erejeab, (et caetera)

101v



1

194

2

Ucar — significa constrangimento na execu-

3

ção. Amonhangucar Pero cupé, Faço, ou

4

mando, ou constranjo a Pedro que faça.

5

Ajucáucar jagoareté Pero cupé, Faço

6

que Pedro mate a onça.

7

Rocapupé — Dentro: Igara rocapupé, Dentro

8

da Canôa. Patua roca pupé, Dentro da

9

caixa

10

Interjeição

11

A Interjeição he huma parte da Oração, que

12

declara os affectos do animo.

13

Acá — Diz oque se doe de alguma couza.

14

Acague — O mesmo.

15

Amôreã — Diz oque deseja.

16

Tó — Diz oque se espanta, e cade na couza.

17

Quyg — Diz oq(ue) vê acouza ao Longe fora de propo-

18

zito.

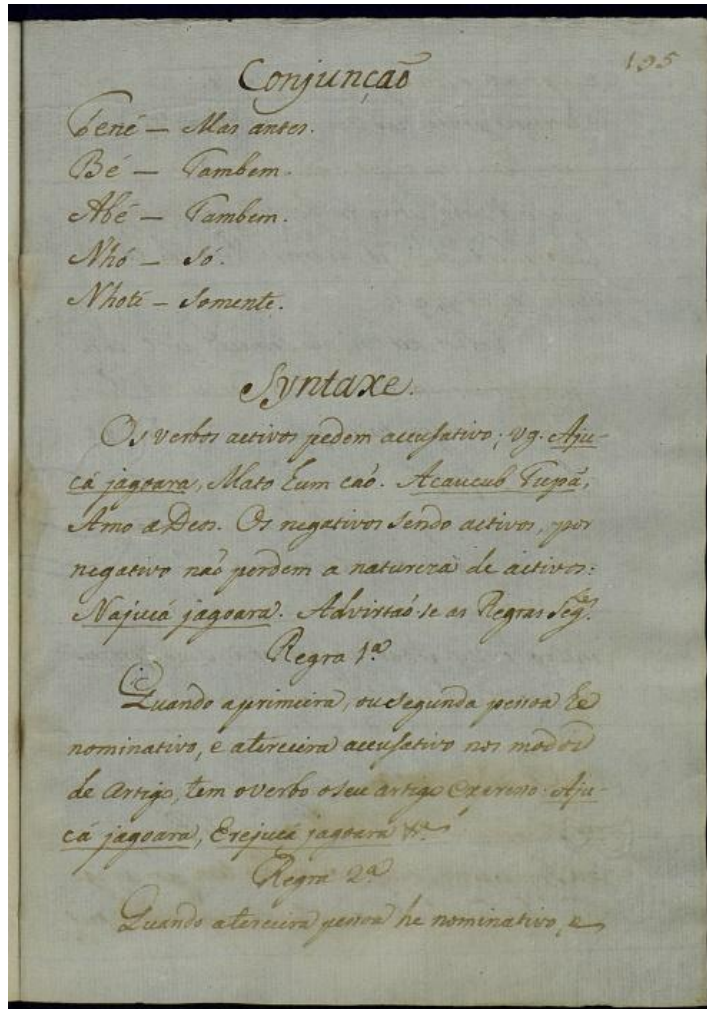
19

Hé héhé — Diz oque se compadece.

20

Hé — Diz oque está angustiado.

102r



1

195

2

Conjunção

3

Tené – Mas antes.

4

Bé – Tambem.

5

Abé – Tambem.

6

Nhó – Só.

7

Nhoté – Somente.

8

Syntaxe.

9

Os verbos activos pedem accusativo; v(erbi) g(ratia). Aju-

10

cá jagoara, Mato hum caõ. Acaucub Tupã,

11

Amo aDeos. Os negativos sendo activos, por

12

negativo não perdem a natureza de activos:

13

Najucá jagoara. Advirtaõ-se as Regras seg(uin)tes

14

Regra 1.^a

15

Quando a primeira, ou segunda pessoa he

16

nominativo, e a terceira accusativo nos modos

17

de artigo, tem o verbo o seu artigo expresso: Aju-

18

cá jagoara, Erejucá jagoara (et caetera)

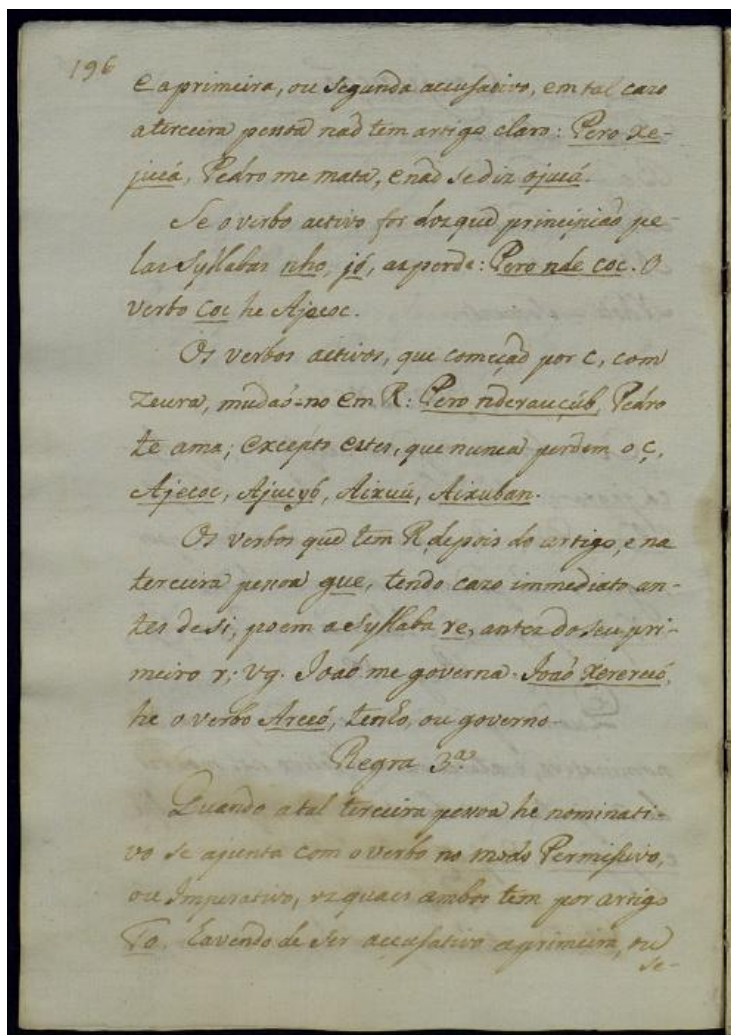
19

Regra 2.^a

20

Quando a terceira pessoa he nominativo, e

102v



1 196

2 e a primeira, ou segunda accusativo, em tal cazo
3 a terceira pessoa não tem artigo claro: Pero xe-
4 jucá, Pedro me mata, e não sediz ojucá.

5 Se o verbo activo for dozque principiaõ pe-
6 laz Syllabas nho, jó, asperde: Pero nde coc. O
7 verbo coc he Ajecoc.

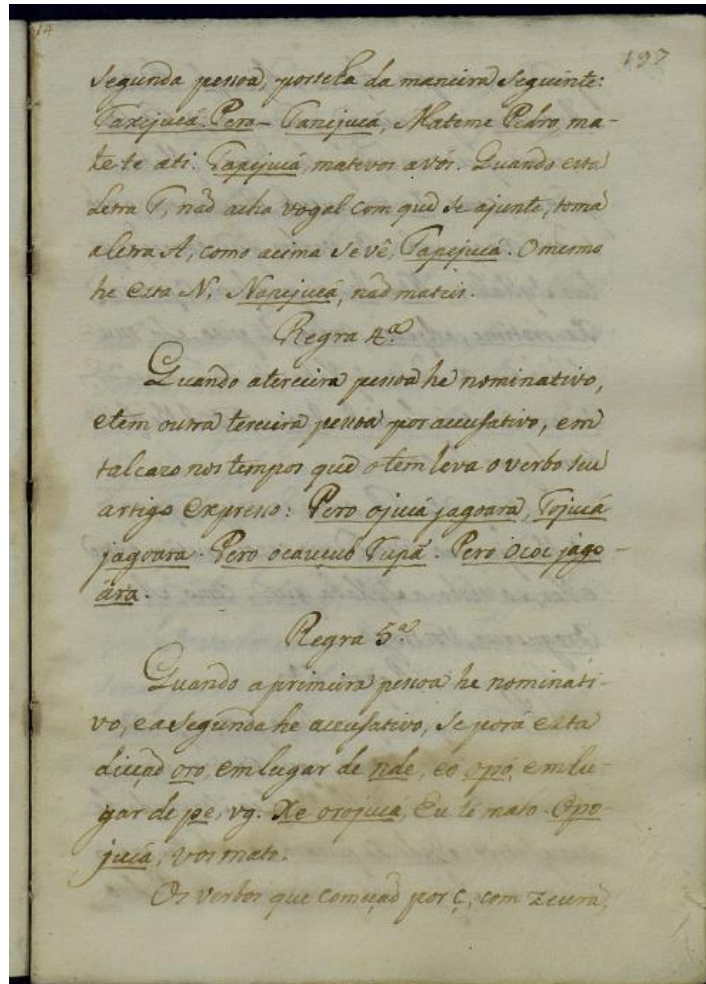
8 Os verbos activos, que comecão por c, com
9 zeura, mudaõ-no em R: Pero nderaucúb, Pedro
10 te ama; excepto eztes, que nunca perdem o ç,
11 Ajecoc, Ajucyb, Aixuí, Aixuban.

12 Os verbos que tem R, depois do artigo, e na
13 terceira pessoa que, tendo cazo immediato an-
14 tes desi, poem asyllaba re, antezdoseu pri-
15 meiro r; v(erbi) g(ratia) Ioaõ me governa. Ioaõ xererecô,
16 he o verbo Arecô, tendo, ou governo.

17 Regra 3.^a

18 Quando atal terceira pessoa he nominati-
19 vo se ajunta com o verbo no modo Permissivo,
20 ou Imperativo, osquaes ambos tem por artigo
21 To, havendo se ser accusativo a primeira, ou [se-↓]

103r



1 [114]

197

2 segunda pessoa, porseha da maneira seguinte:
 3 Taxejucá. Pero- Tanejucá, Mateme Pedro, ma-
 4 tete ati: Tapejucá, matevos avós. Quando ezta
 5 Letra T, não outra vogal com que se ajunte, toma
 6 a letra A, como acima se vê, Tapejucá. O mesmo
 7 he ezta N, Napejucá, não mateis.

Regra 4.^a

8
 9 Quando a terceira pessoa he nominativo,
 10 etem outra terceira pessoa por accusativo, em
 11 tal caso nos tempos que otem leva o verbo seu
 12 artigo expresso: Pero ojucá jagoara, Tojucá
 13 jagoara. Pero ocauçub Tupã. Pero ocoi jago-
 14 ára.

Regra 5.^a

15
 16 Quando a primeira pessoa he nominati-
 17 vo, e a segunda he accusativo, se porá ezta
 18 dicção oro, em lugar de nde, eo opo, em lu-
 19 gar de pe, v(erbi) g(ratia). Xe orojuca, Eu te mato. Opo-
 20 jucá, vos mato.

21 Os verbos que começaõ por ç, com zeura,

104r

199
 matar a Onça. Da mesma sorte negandose o
 verbo: Napotar inde xejuca, Não quero q me
 mateis.

Os verbos activos, que começam por ç (exce-
 pto os sobreditos na Regra 2.^a) guardão o que
 se tem dito no perdimento da tal Letra. Porẽ
 não estando immediato o seu accusativo, acon-
 servão, elles serve de relativo: Amando nós
 a Deos, Tupana jande çauçub ramé. Iande
Tupana rareçub ramé &c.

Todo overbo activo admite por virtude
 de alguma preposição outro caso: Amonhang
etá Tupana nderecê, Rogo a Deos por ti.

Os verbos neutros não admittem casos,
 senão por virtude de alguma preposição; v.g.
Aker xe Keçaba pupé. Keçaba he admitido
 por virtude da preposição pupé.

Advirtão-se as Regras seguintes para
 se saber em que modos se hão de por, ajun-
 tandose dous verbos juntos.

1

199

2 matar a Onça. Da mesma sorte negandose o
 3 verbo: Napotar inde xejuca, Não quero q(ue) me
 4 mateis.

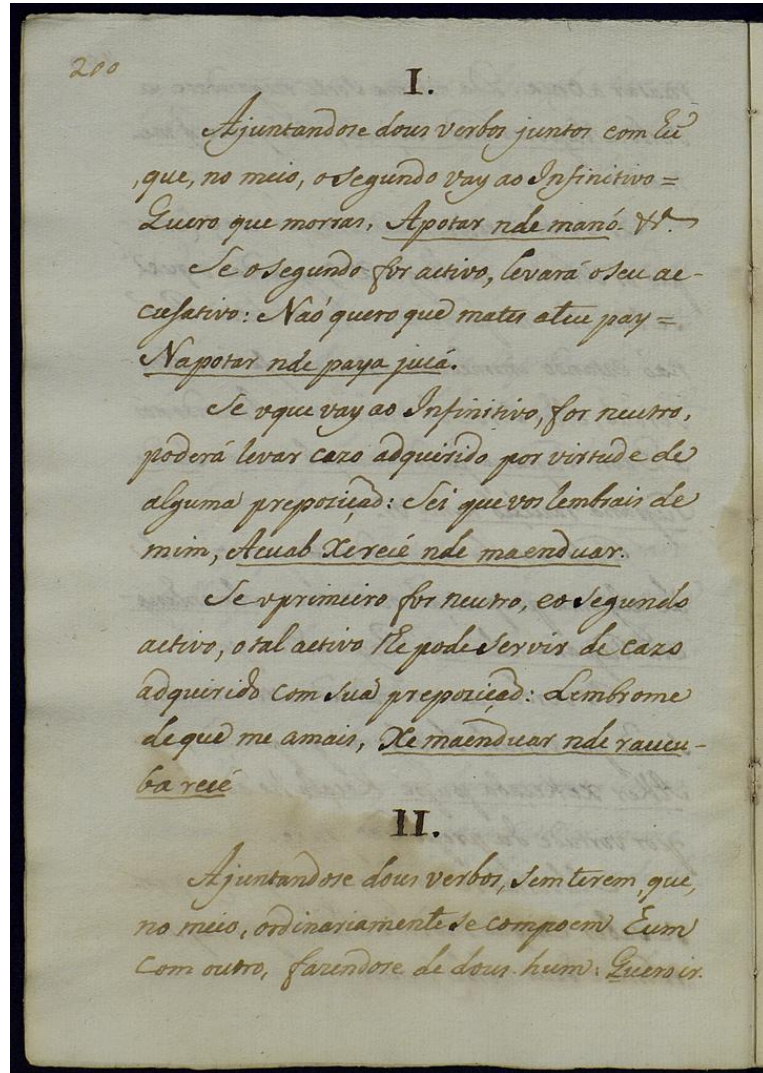
5 Os verbos activos, que começam por ç (exce-
 6 pto os sobreditos na Regra 2.^a) guardão o que
 7 se tem dito no perdimento da tal Letra. Porẽ
 8 não estando immediato o seu accusativo, acon-
 9 servão, elles serve de relativo: Amando nós
 10 a Deos, Tupana jande çauçub ramé. Iande
 11 Tupana rareçub ramé (et caetera)

12 Todo overbo activo admite por virtude
 13 de alguma preposição outro caso: Amonhang
 14 etá. Tupana nderecê, Rogo a Deos por ti.

15 Os verbos neutros não admittem casos,
 16 senão por virtude de alguma preposição; v(erbi) g(ratia)
 17 Aker xe Keçaba pupé. Keçaba he admitido
 18 por virtude da preposição pupé.

19 Advirtão-se as Regras seguintes para
 20 se saber em que modos se hão de por, ajun-
 21 tandose dous verbos juntos.

104v



200

I.

Ajuntandose dous verbos juntos em hũ
 , que, no meio, o segundo vay ao Infinitivo =
 Quero que morras, Apotar nde manó, (et caetera)

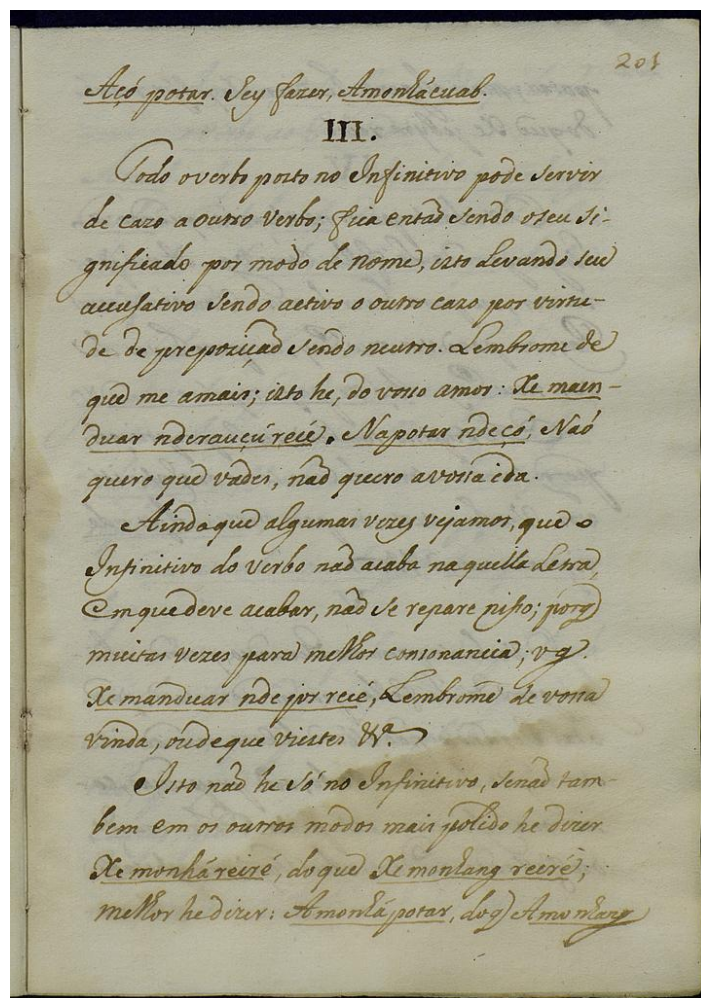
Se o segundo for activo, levará o seu ac-
 cusativo: Não quero que mates ateu pay =
Napotar nde paya jucá.

Se o que vay ao Infinitivo, for neutro,
 poderá levar cazo adquirido por virtude de
 alguma preposição: Sei que vos lembrais de
 mim, Acuab xerecé nde maenduar.

Se o primeiro for neutro, e o segundo
 activo, o tal activo lhe pode servir de cazo
 adquirido com sua preposição: Lembrome
 de que me amais, Xe maenducar nde raucu-
 ba recé

II.

Ajuntandose dous verbos, sem terem, que,
 no meio, ordinariamente se compoem hum
 com outro, fazendose de dous hum: Quero ir.



Açó potar. Sey fazer. Amonhãcuab.

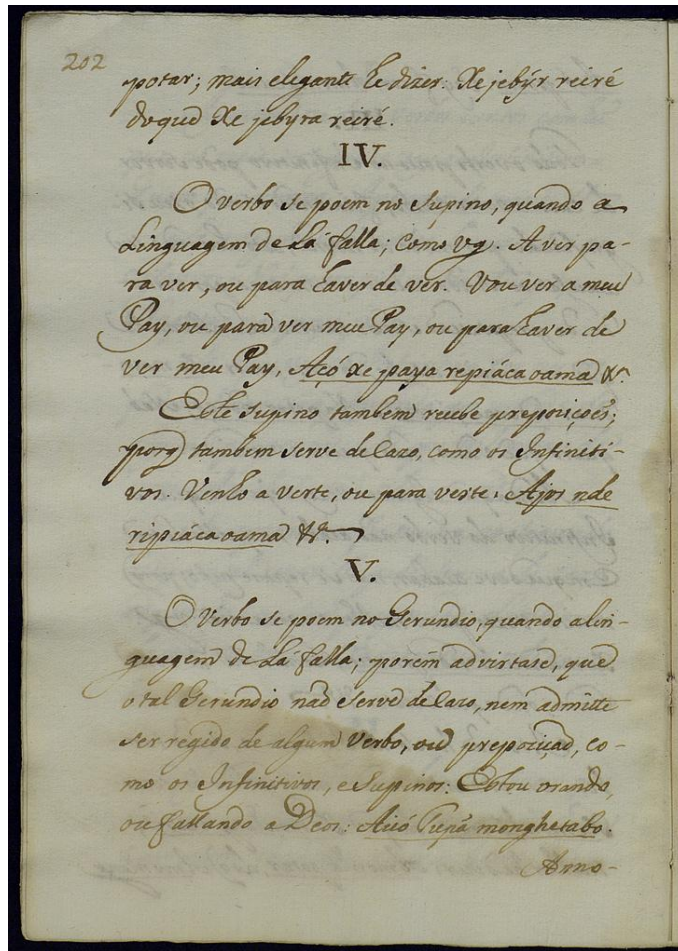
III.

Todo overbo posto no Infinitivo pode servir de cazo a outro verbo; fica entã sendo oseu significado por modo de nome, isto levando seu accusativo sendo activo o outro cazo por virtude de prepozição sendo neutro. Lembrome de que me amais; isto he, do vosso amor: Xe maenducar nderauçu recé. Napotar ndecó. Naõ quero que vades, naõ quero avossa ida.

Ainda que algumas vezes vejamos, que o Infinitivo do verbo naõ acaba naquella letra, emquedeve acabar, naõ se repare nisso; porq(ue) muitas vezes para melhor consonancia; v(erbi) g(ratia) Xe manduar nde jor recé, lembrame de vossa vinda, oudeque viestes (et caetera)

Isto naõ he só no Infinitivo, senão tam- bem em os outros modos mais polido he dizer Xe monhã reiré, do que Xe monhan reiré; melhor hedizer: Amonhá potar, doq(ue) Amo nhang

105v



202

1
 2 potar; mais elegante hedizer: Xe jebýr reiré
 3 doque Xe jebýra reiré.

IV.

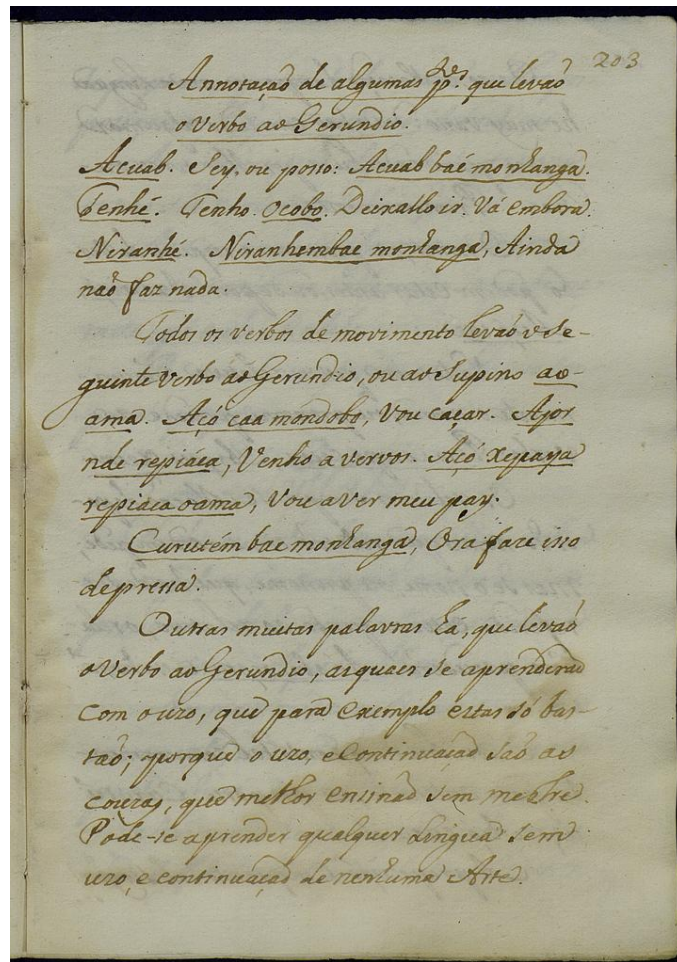
5 O verbo se poem no Supino, quando a
 6 linguagem delá falta; como v(erbi) g(ratia). A ver pa-
 7 ra ver, ou para haver de ver. Vou ver a meu
 8 Pay, ou para ver meu Pay, ou parahaver de
 9 ver meu Pay, Açó xe paya repiáca oama (et caetera)

10 Este supino também recebe preposições;
 11 porq(ue) também serve de caso, como os Infiniti-
 12 vos. Venho a verte, ou para verte. Ajor nde
 13 ripiáca oama (et caetera)

V.

15 O verbo se poem no Gerundio, quando alin-
 16 guagem delá falla; porém advirtase, que
 17 o tal Gerundio não serve de caso, nem admite
 18 ser regido de algum verbo, ou preposição, co-
 19 mo os Infinitivos, e Supinos: Estou orando,
 20 ou fallando a Deos: Aicó Tupã monghetabo.

Anno-



- 1
- 2 Annotação de algumas p(ar)tes que levão
- 3 o verbo ao Gerundio.
- 4 Acuab. Sey, ou posso: Acuab baé monhanga.
- 5 Tenhé. Tenho. Ocobo. Deixallo ir. Vá embora.
- 6 Niranhé. Niranhembae monhanga, Ainda
- 7 não faz nada.
- 8 Todos os verbos de movimento levão ose-
- 9 guinte verbo ao Gerundio, ou ao Supino ao-
- 10 ama. Açó caa mondobo, vou caçar. Ajor
- 11 nde repiaca, Venho a verros. Açó xepaya
- 12 repiaca oama, vou aver meu pay.
- 13 Curutém bae monhanga, Orafaze isso
- 14 depressa.
- 15 Outras muitas palavras há, que levão
- 16 overbo ao Gerundio, asquas se aprenderão
- 17 com ouzo, que para exemplo estas só bas-
- 18 taõ; porque o uzo, e Continuação são as
- 19 couzas, que melhor ensinão sem mestre.
- 20 Pode-se aprender qualquer Lingua sem
- 21 uzo, e continuação de nenhuma Arte.

204 O uzo, e collocação das partes nesta lingua
he muy vario: dirsehaõ com tudo algumas
regras para cada hum por ellas tirar ou-
tras. Primeiramente.

O nome, ou pronome a respeito do Ver-
bo podem estar antes, ou depois: Ixé aicó,
Aicó ixé.

Naterceira penha relativa comum-
mente o nome, ou pronome precede ao
verbo: Pero cocope cecou, Eboquei xecou.

Os relativos sempre se collocão depo-
is do nome que relataõ, como a ordem pede;
mas se o nome, ou pronome, que hade ser
referido estiver junto ao relativo, o rela-
tivo precederá: Aé aba ocone. Esse homẽ
irá.

O adverbio emquanto tal com um men-
te pode antepor-se, ou pospor-se: Curuteí
aço. Aicó curuteí.

A preposição emquanto tal sempre

O uzo, e collocação das partes nesta lingua
he muy vario: dirsehaõ com tudo algumas
regras para cada hum por ellas tirar ou-
tras. Primeiramente.

O nome, ou pronome a respeito do ver-
bo podem estar antes, ou depois: Ixé aicó,
Aicó ixé.

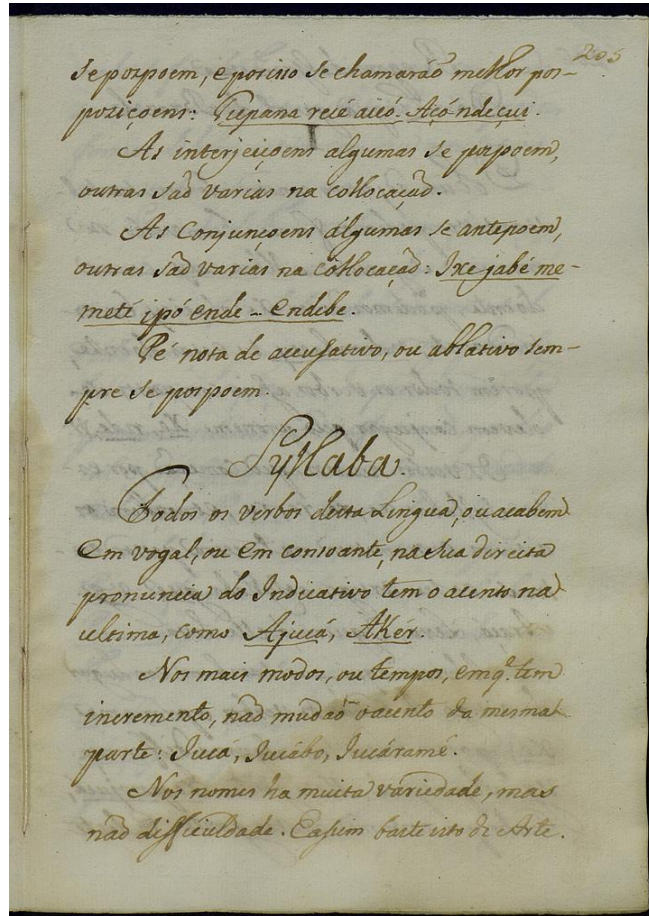
Naterceira pessoa relativa comum-
mente o nome, ou pronome precede ao
verbo: Pero cocope cecou, Eboquei xecou.

Os relativos sempre se collocão depo-
is do nome que relataõ, como a ordem pede;
mas se o nome, ou pronome, que hade ser
referido estiver junto ao relativo, o rela-
tivo precederá: Aé aba ocone. Esse homẽ
irá.

O adverbio emquanto tal com um men-
te pode antepor-se, ou pospor-se: Curuteí
aço. Açó curuteí

A preposição emquanto tal sempre [des↓]

107r



205

1
 2 se pospoem, e porisso se chamaraõ melhor pos-
 3 posiçoens: Tupana recé aicó. Açó ndeçui.

4 As interjeiçoens algumas se pospoem,
 5 outras são varias na collocacão.

6 As Conjunçoens algumas se antepoem,
 7 outras são varias na collocacão: Ixejabé me-
 8 meté ipó ende - endebe.

9 Pé nota de accusativo, ou ablativo sem-
 10 pre se pospoem.

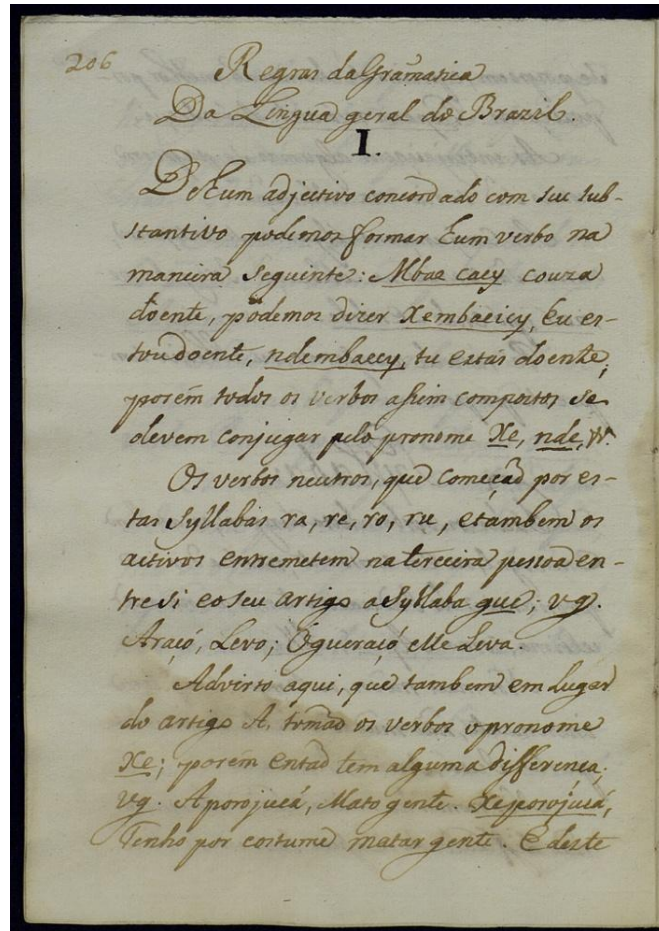
11 Syllaba.

12 Todos os verbos desta Lingua, ou acabem
 13 em vogal, ou em consoante, na sua direita
 14 pronuncia do Indicativo tem o acento na
 15 ultima, como Ajúcá, Akér.

16 Nos mais modos, ou tempos, emq(u)e tem
 17 incremento, não mudaõ o acento da mesma
 18 parte: Iucá, Iucábo, Iucáramé.

19 Nos nomes ha muita variedade, mas
 20 não difficuldade. E assim baste isto de Arte.

107v



206

Regras da Grammatica
Da Lingua geral do Brazil.

I.

De hum adjectivo concordado com seu substantivo podemos formar hum verbo na maneira seguinte: Mbae caey couza doente, podemos dizer xembaeicy, Eu estou doente, ndembaeicy, tu estás doente; porém todos os verbos assim compostos se devem conjugar pelo pronome Xe, nde, (et caetera).

Os verbos neutros, que começam por estas syllabas ra, re, ro, ru, etambem os activos entremetem na terceira pessoa entresi eoseu artigo a syllaba gue; v(erbi) g(ratia) Araçó, Levo; Oguaçó elle leva.

Advirto aqui, que tambem em lugar do artigo A, tomão os verbos o pronome Xe; porém entãõ tem alguma differença; v(erbi) g(ratia). Aporojucá, Mato gente. Xeporojucá, Tenho por costume matar gente. E deste

modo se faz de hum activo neutro, compondo-
 se com seu accusativo: Et tambem se pode
 formar de hum activo com seu accusativo
 outro verbo activo.

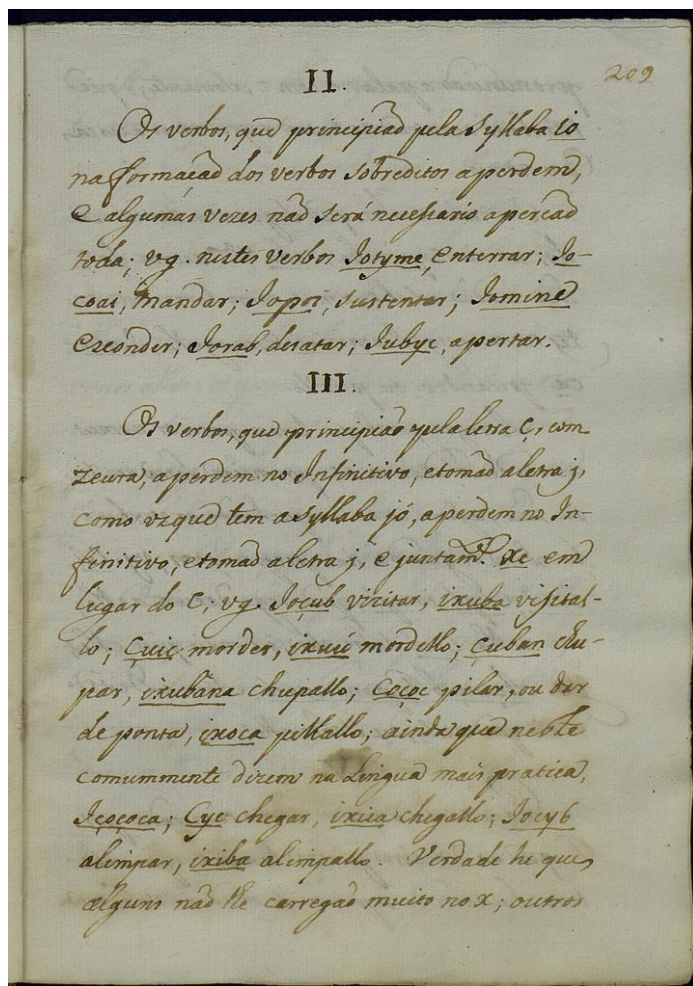
Quando de hum verbo activo formamos
 com seu cazo outro activo, ou algum neutro,
 como acima fica declarado: se acazo o tal
 verbo começar por ç com zeura v(erbi) g(ratia) pelas Sy-
 llabas ça, ce, cy, ço, cu, dosque servem de
 pronome relativo naditaformaçãõ, perde o
 tal ç; v(erbi) g(ratia) Çarú, ser nocivo á gente [~~onde do~~]
~~verbo Çara~~, Poroarú, fazer mal, ou ser noci-
 vo; onde do verbo Çaru, e do seu accusativo
Poro, se formou o verbo neutro, ou absoluto
Poroarú, perdendo o seu ç, que tinha. seme-
 lhantes aestes são Capirô, prantear; capi-
ar, obedecer; Çaucub, amar; ceçuy, puxar;
abeçuy, arrepellar os cabellos; ereabaçuy,
 puxar os cabellos ou arrepellallos; Cybycoĩ
 cavar. Deste verbo tambem podemos formar

1
 2 modo se faz de hum activo neutro, compondo-
 3 se com seu accusativo: etambem se pode
 4 formar de hum activo com seu accusativo
 5 outro verbo activo.

6 Quando de hum verbo activo formamos
 7 com seu cazo outro activo, ou algum neutro,
 8 como acima fica declarado: se acazo o tal
 9 verbo começar por ç com zeura v(erbi) g(ratia) pelas Sy-
 10 llabas ça, ce, cy, ço, cu, dosque servem de
 11 pronome relativo naditaformaçãõ, perde o
 12 tal ç; v(erbi) g(ratia) Çarú, ser nocivo á gente [~~onde do~~]
 13 [~~†~~], Poroarú, fazer mal, ou ser noci-
 14 vo; onde do verbo Çaru, edoseu accusativo
 15 Poro, seformou o verbo neutro, ou absoluto
 16 Poroarú, perdendo o seu ç, que tinha – seme-
 17 lhantes aestes são Capirô, prantear; capi-
 18 ar, obedecer; Çaucub, amar; ceçuy, puxar;
 19 abeçuy, arrepellar os cabellos; ereabaçuy,
 20 puxar os cabellos /ou arrepellallos; Cybycoĩ
 21 cavar. Deste verbo tambem podemos formar

208 outro; v.g. Nhum yby coi, cavar o campo: A-
nhum yby coi pão corine, Hey hoje de cavar
 todo o campo; ou Hey hoje de acabar de cavar
 todo o campo. Nosobredito exemplo vemos,
 que Nhum yby coi, verbo formado de Nhum,
 campo, e de yby coi cavar activo, cuja letra
 ç se perde, como acima vemos. Equerendo
 nós uzar do verbo simples, diremos Acebecoi
pab nhum corine, Hey hoje de acabar de
 cavar o campo. Çape oceKendab, Cerrar,
 ou tapar, o qual ç primeira letra do ver-
 bo se perde na Sobredita composição. Po-
 nhamos exemplo: Ende xerapé eKendab. Tu
 taposteme o caminho. Nheangupyre, le-
 vantar o coração. Este verbo se compoem de
Nheeng coração, e de Cupyre, levantar, on-
 de a primeira letra deste verbo se perde, q.
 delle compomos ode cima, ou outro semelh.
 v.g. Enheangupyre Tupana Kety, levanta
 o coração para Deos.

1 outro v(erbi) g(ratia). Nhum yby coi, cavar o campo: A-
 2 nhum yby coi pão corine, Hey hoje de cavar
 3 todo o campo; ou Hey hoje de acabar de cavar
 4 todo o campo. Nosobredito exemplo vemos,
 5 que nhum yby coi, verbo formado de Nhum,
 6 campo, e de yby coi cavar activo, cuja letra
 7 ç se perde, como acima vemos. Equerendo
 8 nós uzar do verbo simples, diremos Acebecoi
 9 pab nhum corine, Hey hoje de acabar de
 10 cavar o campo: Çape oceKendab, Cerrar,
 11 ou tapar, o qual ç primeira letra do ver-
 12 bo se perde na Sobredita composição. Po-
 13 nhamos exemplo: Ende xerapé eKendab. Tu
 14 taposteme o caminho. Nheangupyre, le-
 15 vantar o coração. Este verbo se compoem de
 16 Nheeng coração, e de Cupyre, levantar, on-
 17 de a primeira letra deste verbo se perde, q(uan)do
 18 delle compomos ode cima, ou outro semelh(ant)e
 19 v(erbi) g(ratia) Enhe angupyre Tupana Kety, levanta
 20 o coração para Deos.
 21
 22

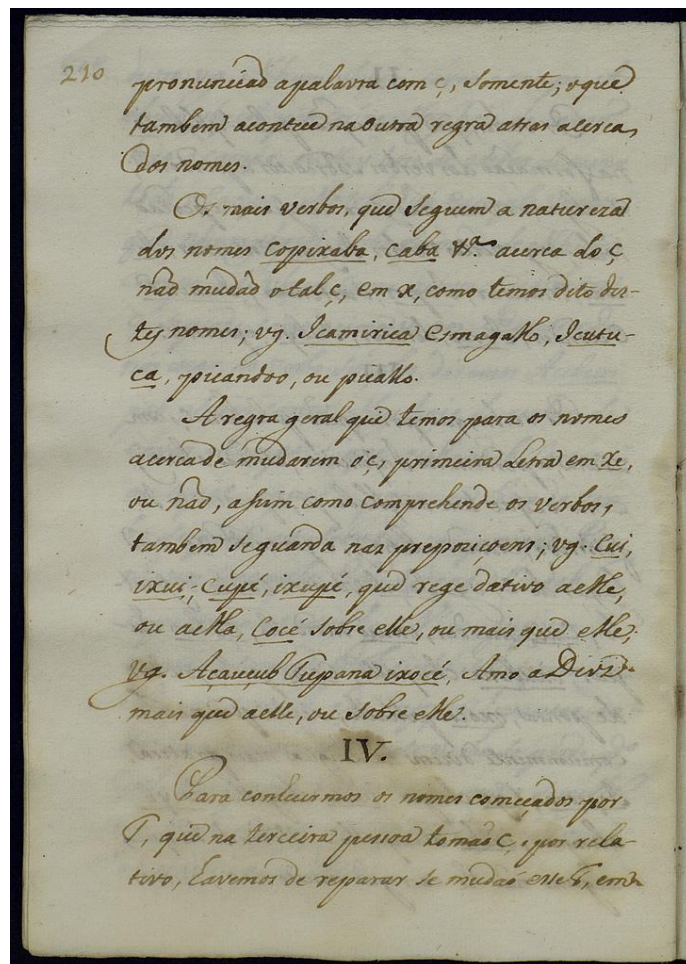


II.

Os verbos, que principiaõ pela Syllaba io
na formação dos verbos sobreditos aperdem,
e algumas vezes não será necessario apercaõ
toda; v(erbi) g(ratia) nestes verbos Iotyme, Enterrar; Io-
coai, mandar, Iopoi, sustentar; Iomine
esconder, Iorab, desatar; Iubye, apertar.

III.

Os verbos, que principiaõ pela letra ç, com
zeura, aperdem no Infinitivo, etomaõ aletra j,
como os que tem a Syllaba jó, aperdem no In-
finitivo, etomaõ aletra j, e juntam(en)te xe em
lugar do C; v(erbi) g(ratia) Iocub vizitar, ixuba visital-
lo; Çuic morder, ixuú mordello; çuban chu-
par; ixubana chupallo; coçoc pilar, ou dar
de ponta, ixoca pillallo, ainda que neste
comummente dizem na lingua mais pratica,
Içoçoca; Cye chegar, ixica chegallo; Iocyb
alimpar, ixiba alimpallo. Verdade he que
alguns não lhe carregão muito no x; outros



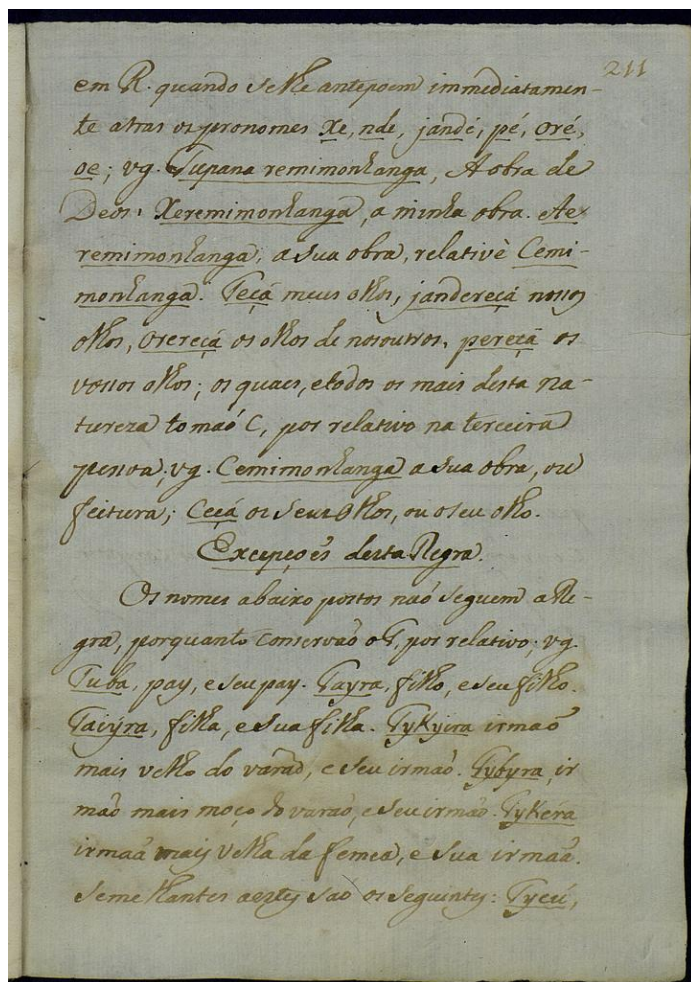
pronunciaõ apalavra com ç, somente; oque
tambem acontece na outra regra atras acerca
dos nomes.

Os mais verbos, que segue a natureza
dos nomes copixaba, caba (et caetera). acerca do ç
naõ mudaõ o tal ç, em x, como temos dito des-
tes nomes; v(erbi) g(ratia). Icamirica esmagallo, Icutu-
ca, picandoo, ou picallo.

A regra geral que temos para os nomes
acerca de mudarem o ç, primeira letra em xe,
ou naõ, assim como comprehende os verbos,
tambem se guarda nas preposicoens; v(erbi) g(ratia). Cui,
ixui; cupé, ixupé, que rege dativo aelle,
ou aella, Cocé sobre elle, ou mais que elle;
v(erbi) g(ratia). Açaucub Tupana ixocé, Amo a Deos
mais que aelle, ou sobre elle.

IV.

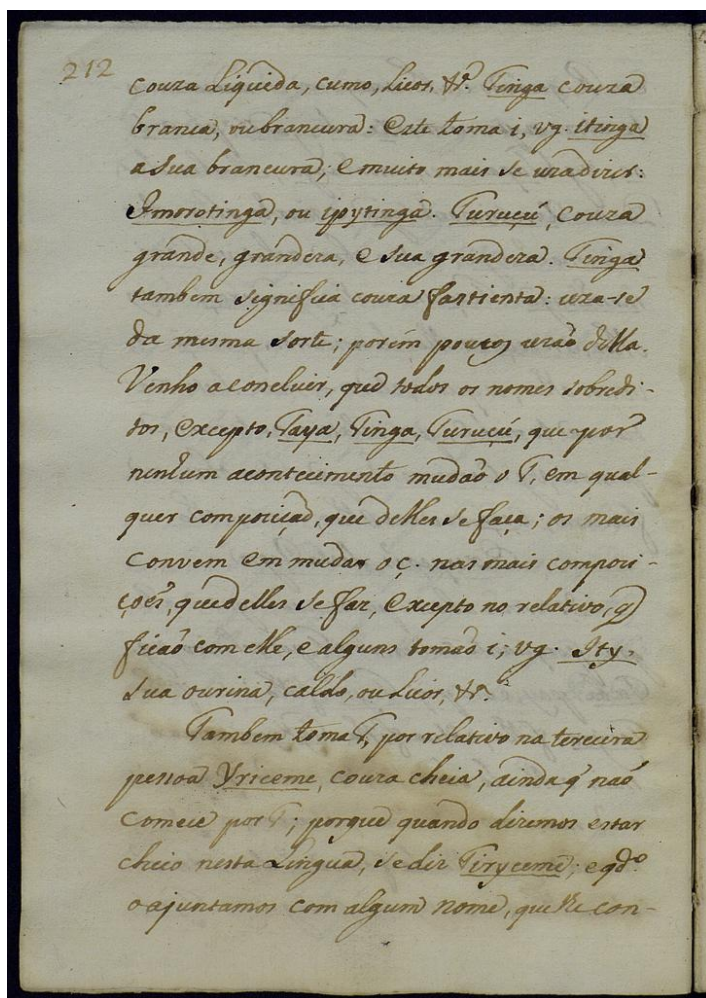
Para conhecermos os nomes começados por
T, que na terceira pessoa tomaõ ç, e por rela-
tivo, havemos de reparar se mudão esse T, em



1 em R. quando selhe antepoem immediatamen-
2 te atras os pronomes xe, nde, jandé, pé, oré,
3 oe; v(erbi) g(ratia) Tupana remimohanga, Aobra de
4 Deos, Xeremimohanga, a minha obra. Ae
5 remimohanga, asua obra, relativè Cemi-
6 monhanga, Teçá meus olhos, jandereçá nossos
7 olhos, Orereçá os olhos de nosoutros, pereçá os
8 vossos olhos; os quaes, etodos os mais desta na-
9 tureza tomaõ C, por relativo na terceira
10 pessoa; v(erbi) g(ratia) Cemimohanga asua obra, ou
11 feitura; Cecá os SeusOlhos, ou oseu olho.

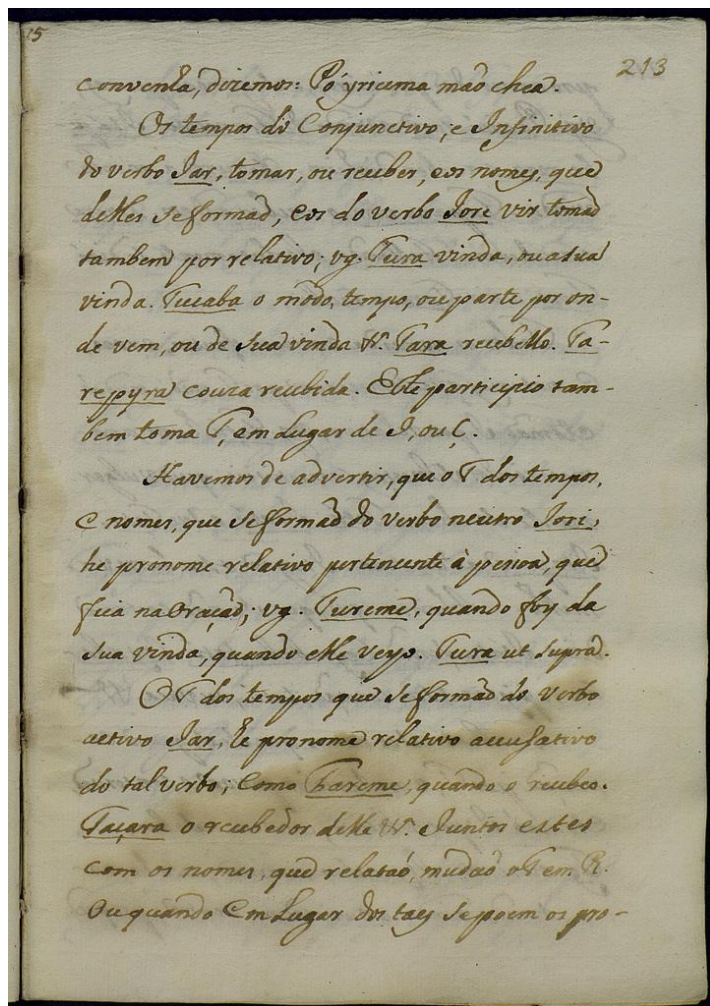
12 Excepções desta Regra.

13 Os nomes abaixo postos não seguem aRe-
14 gra, porquanto conservaõ oT, por relativo; v(erbi) g(ratia)
15 Tuba, pay, e seu pay. Tayra, filho, eseufilho.
16 Taiyira, filha, esua filha. Tykyira irmão
17 mais velho do varaõ, e seu irmão. Tybyra, ir-
18 maõ mais moço do varaõ, eseu irmão. TyKéra
19 irmã mais velha da femea, esua irmã.
20 semelhantes aestes são os seguintes: Tycú,
21



1
 2 couza líquida, cumo, licor, (et caetera) Tinga couza
 3 branca, ou brancura: ezte toma i, v(erbi) g(ratia) itinga
 4 asua brancura; emuito mais se uzadizer:
 5 Imorotinga, ou ipytinga. Turuçú, couza
 6 grande, grandeza, e sua grandeza. Tinga
 7 também significa couza faztenta: uza-se
 8 da mesma sorte; porém poucos uzaõ della.
 9 Venho aconcluir, que todos os nomes sobredi-
 10 tos, excepto, Taya, Tinga, Turuçú, que por
 11 nenhum acontecimento mudaõ o T, em qual-
 12 quer composiçã, que delles sefaça; os mais
 13 conuem em mudar o ç. nas mais compozi-
 14 ções, quedelles sefaz, excepto no relativo, q(ue)
 15 ficaõ com elle, ealguns tomaõ i; v(erbi) g(ratia) Ity,
 16 sua ourina, caldo, oulicor, (et caetera)

17 Também toma T, por relativo na terceira
 18 pessoa Yriceme, couza cheia, aindaq(ue) não
 19 comece por T; porque quando dizemos estar
 20 cheio nesta lingua, se diz Tirycheme; eq(uan)do
 21 oajuntamos com algum nome, quelhecon-

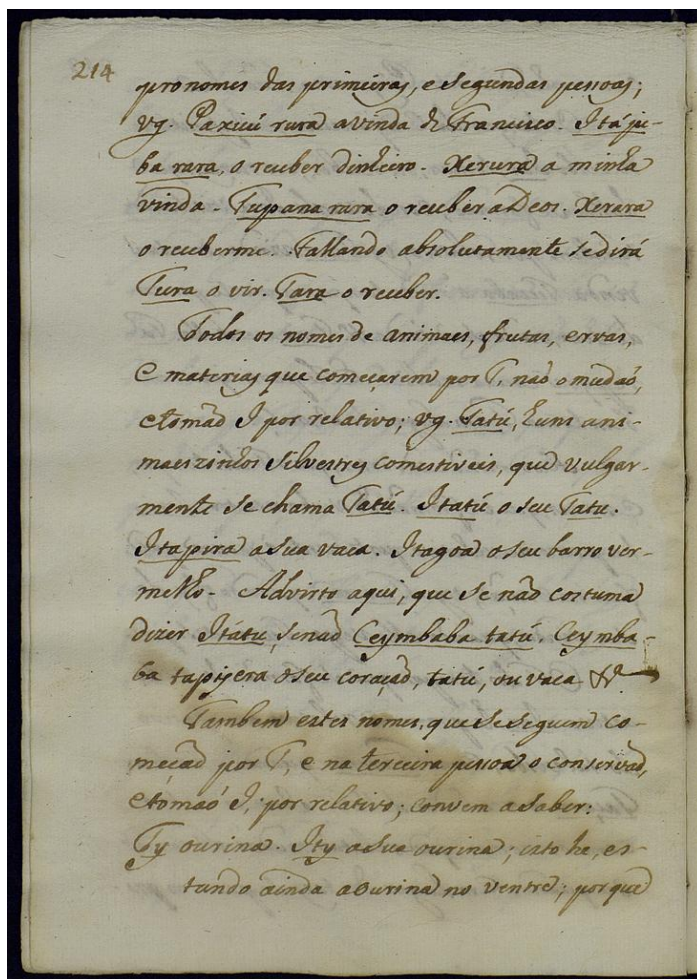


convenha, dizemos: Pó yricema mã chea.

Os tempos do Conjunctivo; e Infinitivo
do verbo Iar, tomar, ou receber, eos nomes, que
delles seformaõ, eos do verbo Iore vir tomaõ
tambem por relativo; v(erbi) g(ratia) Tura vinda, ou asua
vinda. Tucaba o modo, tempo, ou parte por on-
de vem, ou de sua vinda (et caetera) Tara recebello. Ta-
repyra couza recebida. Este participio tam-
bem toma T, em lugar de I, ou Ç.

Havemos de advertir, que o T dos tempos,
e nomes, que seformaõ do verbo neutro Iori,
He pronome relativo pertencente à pessoa, que
fica naOração; v(erbi) g(ratia) Tureme, quando foy da
sua vinda, quando elle veyo. Tura ut supra.

O T dos tempos que seformaõ do verbo
activo Iar, he pronome relativo accusativo
do tal verbo; como Tareme, quando o recebeo.
Tacara o recebedor delle (et caetera) Juntos estes
com os nomes, que relataõ, mudaõ, oT em R.
Ouquando em lugar dos taes sepoem os pro-



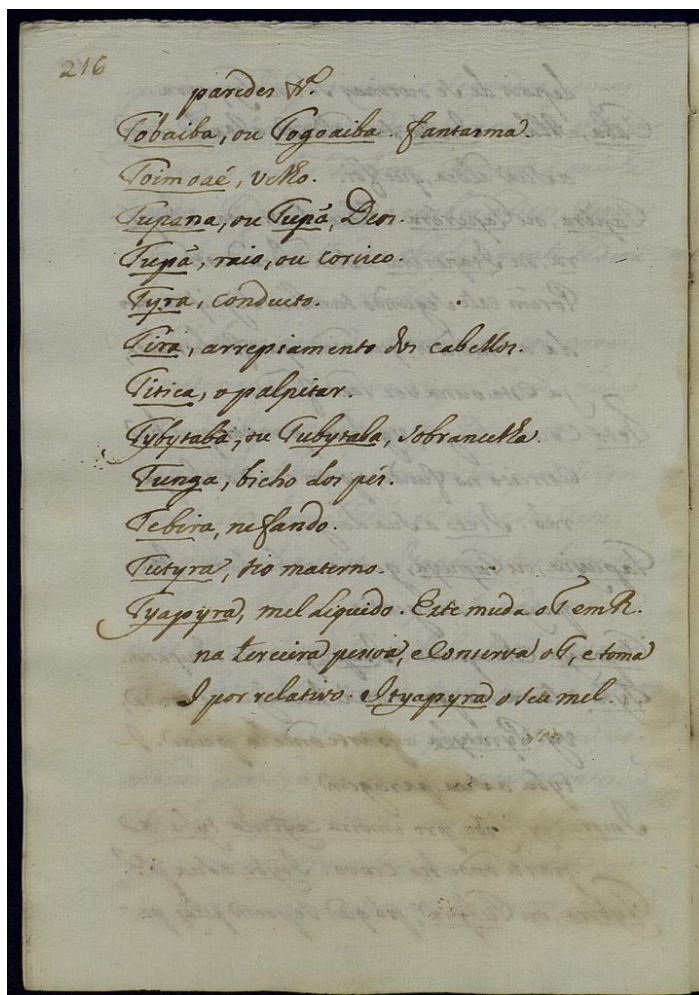
1
 2 pronomes das primeiras, e segundas pessoas;
 3 v(erbi) g(ratia) Paxicú rura avinda de Francisco. Itá pi-
 4 ba rara, o receber dinheiro. Xerura a minha
 5 vinda. Tupana rara o receber a Deos. Xerara
 6 o receberme. Fallando absolutamente sedirá
 7 Tura o vir. Tara o receber.

8 Todos os nomes de animaes, frutas, ervas,
 9 e materias que começarem por T, não o mudaõ,
 10 etomaõ I por relativo; v(erbi) g(ratia) Tatú, hums ani-
 11 maesinhos silvestres comestiveis, que vulgar-
 12 mente se chama Tatú. Itatú o seu Tatu.
 13 Itapira asua vaca. Itagoa o seu barro ver-
 14 melho. Advirto aqui, que se não costuma
 15 dizer Itatú, senão Ceymbaba tatú, Cey mba-
 16 ba tapijera o seu coração, tatú, ou vaca (et caetera).

17 Tambem estes nomes, que se segund co-
 18 meçam por T, e na terceira pessoa o conservaõ,
 19 etomaõ I; por relativo; convem asaber:
 20 Ty ourina. Ity asua ourina; isto he, es-
 21 tando ainda a ourina no ventre; por que

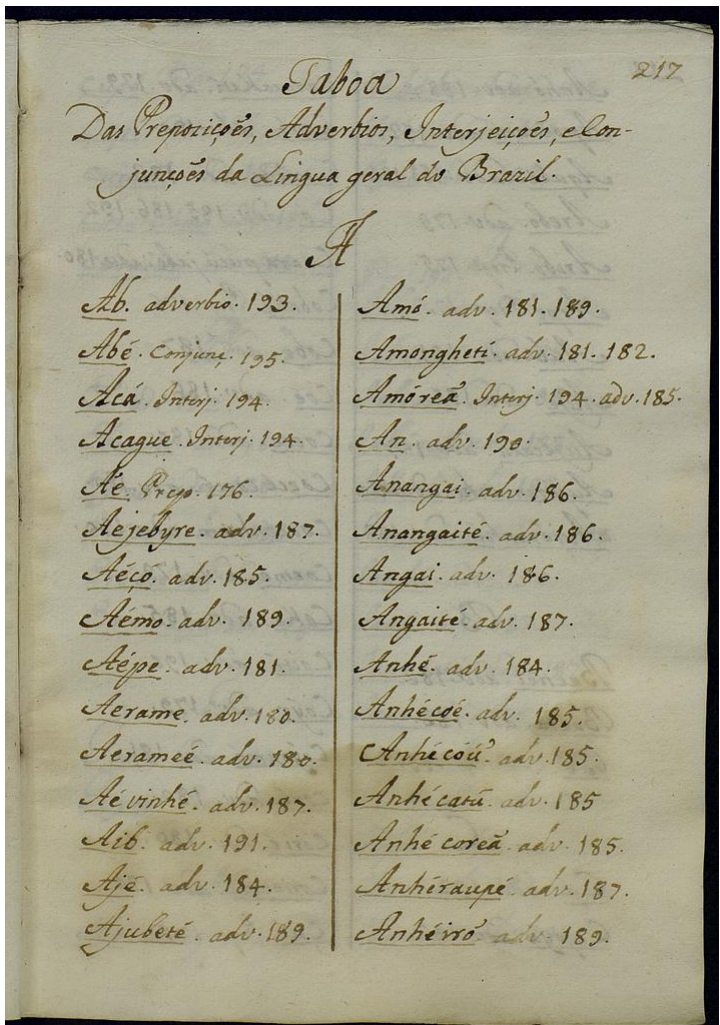
215
 depois de se ourinar se diz Tyquéra.
Taba, Aldea. Itaba sua aldea. Itaba coera
 a sua aldea, que foi.
Tapéra, ou Taperéra. Aldea destruida. Itapé-
ra, ou Itaperéra a sua aldea destruida.
 Porém este segundo tambem significa, e
 dá a entender, que ainda que foi destruida,
 já está outra vez reedificada.
Tetó Couza larga; v.g. hum paneiro, que he
 estreito no fundo, e para cima o alarga-
 raõ. Itetó a sua largueza.
Tapuyia, ou Tapuya, gentio, ou barbaro. Ita-
 puya o seu gentio.
Tapuya choupana. Itapuya asua choupana.
Tyba a terra ou posto onde ha alguma couza;
 v.g. Pyratyba a parte onde ha peixe. I-
 tyba a sua paragem.
Imora cayi tyba pro imoira cayi na tyba, a
 parte onde ha cravo. Ityba a sua pte.
Tybira, ou Tubyra, pó que sepoem pelas pa-

1
 2 depois de se ourinar se diz Tyquéra.
 3 Taba, Aldea. Itaba sua aldea. Itaba coera
 4 asua aldea, que foi.
 5 Tapéra, ou Taperéra. Aldea destruida. Itapé-
 6 ra, ou Itaperéra asua aldea destruida.
 7 Porém este segundo tambem significa, e
 8 dá a entender, que ainda que foi destruida,
 9 já está outra vez reedificada.
 10 Tetó couza larga; v(erbi) g(ratia) hum paneiro, que he
 11 estreito no fundo, e para cima o alarga-
 12 raõ. Itetó asua largueza.
 13 Tapuyia, ou Tapuya, gentio, ou barbaro. Ita-
 14 puya o seu gentio.
 15 Tapuya choupana. Itapuya asua choupana.
 16 Tyba aterra ou posto onde ha alguma couza;
 17 v(erbi) g(ratia) Pyratyba aparte onde ha peixe. I-
 18 tyba asua paragem.
 19 Imora cayidyba pro imoira cayinha tyba, a
 20 parte onde ha cravo. Ityba asua p(art)e
 21 Tybira, ou Tubyra, pó que sepoem pelas pa-



- 1
- 2 paredes (et caetera)
- 3 Tobaiba, ou Togoiba fantasma.
- 4 Toim oae, velho.
- 5 Tupana, ou Tupã, Deos.
- 6 Tupã, raio, ou corisco.
- 7 Tyra, conducto.
- 8 Tira, arrepiamento dos cabellos.
- 9 Titica, opalpitar.
- 10 Tybytaba, ou Tubytaba, sobrançella.
- 11 Tunga, o bicho dos pés.
- 12 Tebina, nefando.
- 13 Tutyra, tio materno.
- 14 Tyapyra, mel liquido. Ezte muda o T em R.
- 15 na terceira pessoa, e conserva o T, e toma
- 16 I por relativo. Ityapyra o seu mel.

113r



113v

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Taboa

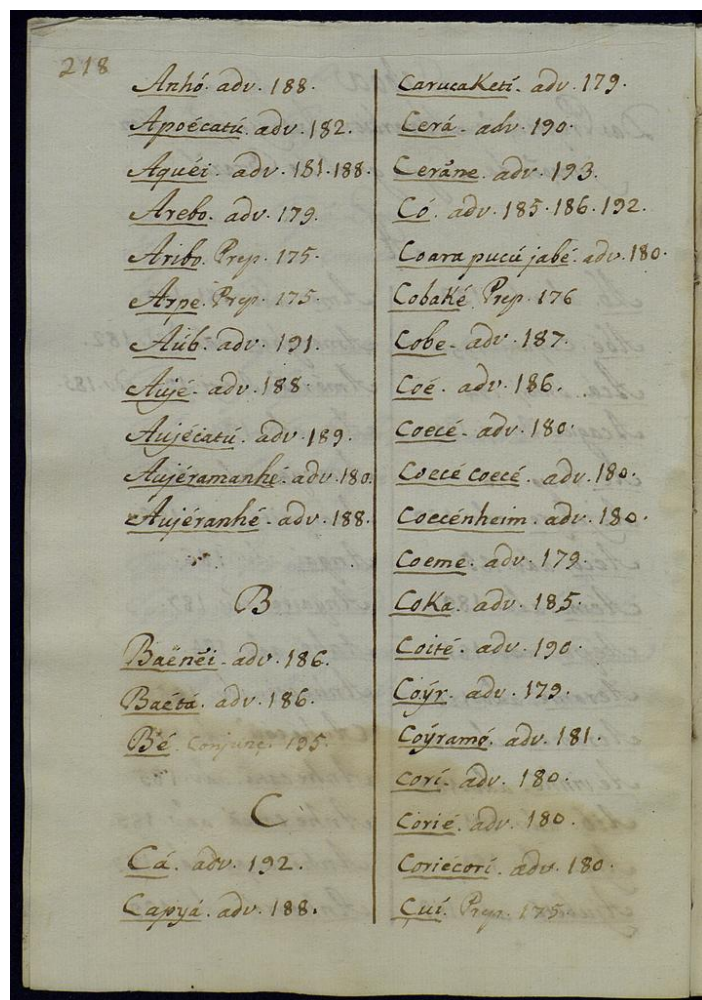
Das Prepozições, Adverbios, Interjeições, e Conjunções da Lingua geral do Brazil.

A

Ab. adverbio. 193.
Abé. conjunç(ão). 195.
Acá. Interj(eiçãõ). 194.
Acague. Interj(eiçãõ). 194.
Aé. Prep(osiçãõ). 176.
Aejebyre. adv(erbio). 187.
Aécó. adv(erbio). 185.
Aémo. adv(erbio). 189.
Aépe. adv(erbio). 181
Aerame. adv(erbio). 180.
Aerameé. adv(erbio). 180.
Aé vinhé. adv(erbio). 187.
Aib. adv(erbio). 191.
Aje. adv(erbio). 184.
Ajubeté. adv(erbio). 189

Amó. adv(erbio). 181. 189.
Amonghetí. adv(erbio). 181. 182.
Amó reã. Interj(eiçãõ). 194. adv(erbio). 185.
An. adv(erbio). 190.
Anangai. adv(erbio) 186.
Anagaité. adv(erbio) 186.
Angai. adv(erbio) 186.
Angaité. adv(erbio) 187.
Anhé. adv(erbio) 184.
Anhécoé. adv(erbio) 185.
Anhé cou? adv(erbio) 185.
Anhé catú. adv(erbio). 185.
Anhé coreã. adv(erbio). 185.
Anhéraupé. adv(erbio) 187.
Anhéirô adv(erbio) 189.

217



218

- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
 - 6
 - 7
 - 8
 - 9
 - 10
 - 11
 - 12
 - 13
 - 14
 - 15
 - 16
 - 17
 - 18
 - 19
 - 20
 - 21
- Anhó. adv(erbio) 188.
Apoécatu. adv(erbio) 182.
Aquéi. adv(erbio) 181. 188.
Arebo. adv(erbio) 179.
Aribo. Prep(osiçaõ) 175.
Arpe. Prep(osiçaõ) 175.
Aúb. adv(erbio) 191.
Aujé. adv(erbio) 188.
Aujécátú. adv(erbio) 189.
Aujéramanhé. adv(erbio) 180.
Aujéranhé. adv(erbio) 188.

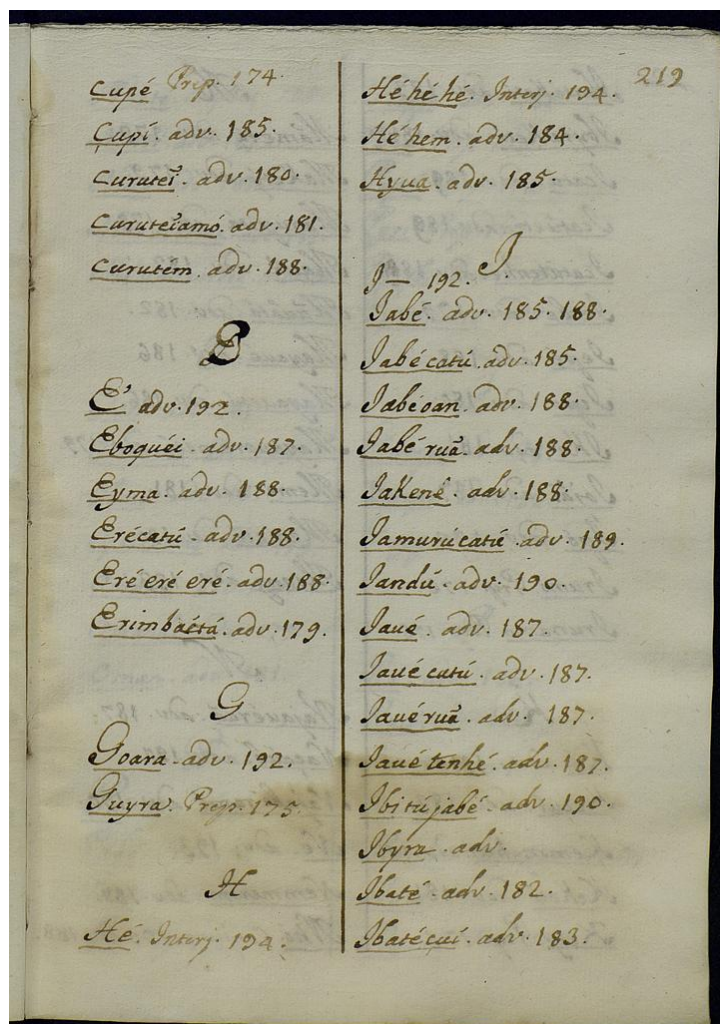
B

- Baenēi. adv(erbio) 186.
Baéba. adv(erbio) 186.
Bé. conjunç(aõ) 195.

C

- Cá. adv(erbio) 192.
Capyá. adv(erbio) 188.

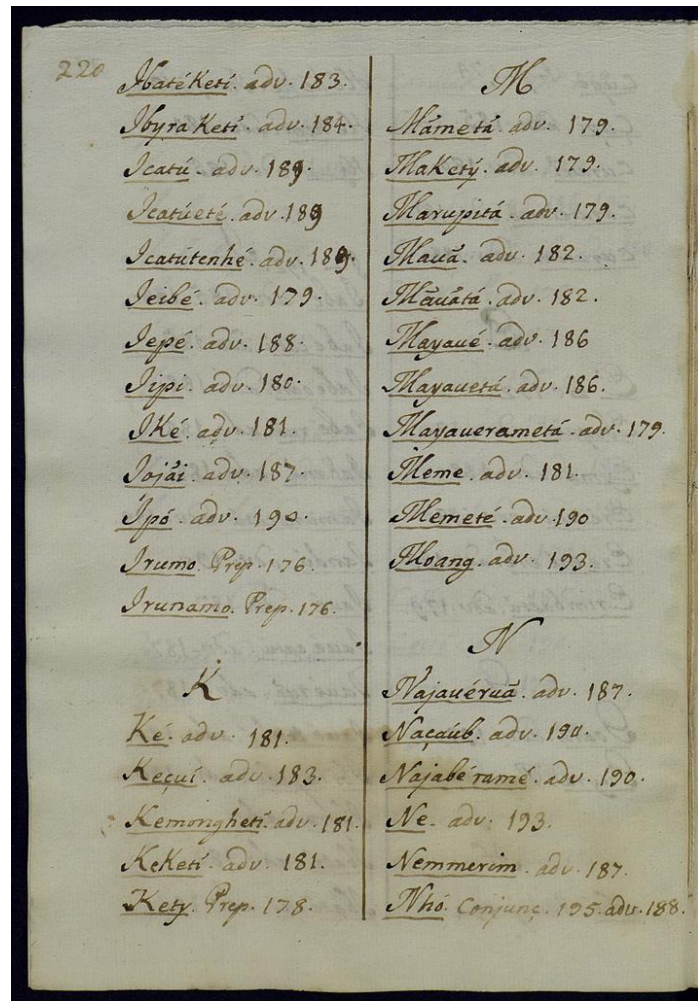
- CarucaKetí. adv(erbio) 179.
Cerá. adv(erbio) 190.
Cerāne. adv(erbio) 193.
Có. adv(erbio) 185. 186. 192.
Coara pucú jabé. adv(erbio) 180.
CobaKé. Prep(osiça) 176.
Cobe. adv(erbio) 187.
Coé. adv(erbio) 186.
Coecé. adv(erbio) 180.
Coecé coecé. adv(erbio) 180.
Coecénheim. adv(erbio) 180.
Coeme. adv(erbio). 179.
CoKa. adv(erbio) 185.
Coité. adv(erbio) 190.
Coýr. adv(erbio) 179.
Coýramó. adv(erbio) 181.
Corí. adv(erbio) 180.
Córié. adv(erbio) 180.
Coriécorí. adv(erbio) 180.
Cuí. Prep(osiçaõ) 175.



- 1
2 Cupé. Prep(osição) 174.
3 Cupí. adv(erbio) 185.
4 Curateĩ. adv(erbio) 180.
5 Curuteĩamó. adv(erbio) 181.
6 Curutém. adv(erbio) 188.
7
8 E
9 É adv(erbio) 192.
10 Eboquẽi. adv(erbio) 187.
11 Eyma. adv(erbio) 188
12 Erécaturú. adv(erbio) 188
13 Eré eré eré. adv(erbio) 188
14 Erimbaétá. adv(erbio). 179.
15
16 G
17 Goara. adv(erbio) 192.
18 Guyra. Prep(osição) 175.
19
20 H
21 Hé. Interj(eição) 194.

- Hé hé hé. interj(eição) 194
Hé hem. adv(erbio) 184.
Hyua. adv(erbio) 185.
I
I- 192.
Iabé. adv(erbio) 185. 188.
Iabé catú. adv(erbio) 185.
Iabé oan. adv(erbio) 188.
Iabé ruã. adv(erbio) 188.
Iakené. adv(erbio) 188.
Iamurú catú. adv(erbio) 189.
Iandú. adv(erbio) 190.
Iaué. adv(erbio) 187.
Iaué catú. adv(erbio) 187.
Iaué ruã. adv(erbio) 187.
Iaué tenhé. adv(erbio) 187.
Ibitújabé. adv(erbio) 190.
Ibyra. adv(erbio)
Ibaté. adv(erbio) 182.
Ibaté çuí. adv(erbio) 183.

114v



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

220

Ibatéketí. adv(erbio) 183.
Ibyra Ketí. adv(erbio) 184.
Icatú. adv(erbio) 189.
Icatúeté. adv(erbio) 189.
Icatútenhé. adv(erbio) 189.
Ieibé. adv(erbio) 179.
Iepé. adv(erbio) 188.
Iipe. adv(erbio) 180.
Iké adv(erbio) 181.
Iojãĩ. adv(erbio) 187.
Ipó. adv(erbio) 190.
Irumo. Prep(osiçaõ) 176.
Irunamo. Prep(osiçaõ) 176.

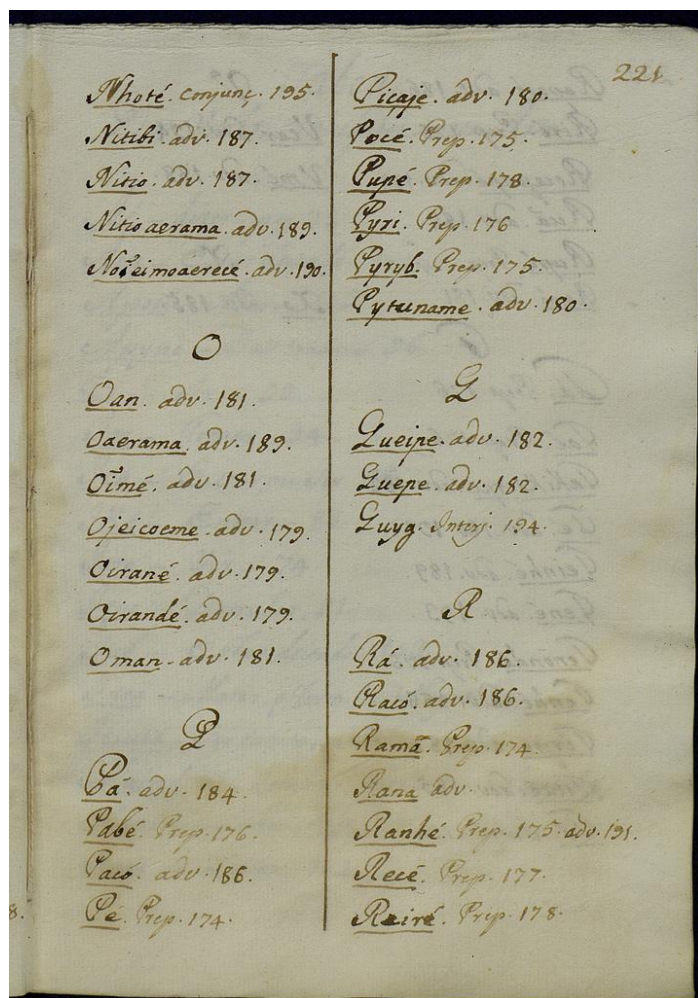
K
Ké. adv(erbio) 181
Keçuí. adv(erbio) 183
Kemonghetí. adv(erbio) 181
Keketí. adv(erbio) 181
Kety. Prep(osiçaõ) 178

M

Māmetã. adv(erbio) 179.
MaKety. adv(erbio) 179.
Marupitá. adv(erbio) 179.
Mauã. adv(erbio) 182.
Mãuãtá. adv(erbio) 182.
Mayaué. adv(erbio) 186
Mayauetá. adv(erbio) 186.
Mayauerametá. adv(erbio) 179.
Meme. adv(erbio) 181.
Memeté. adv(erbio) 190
Moang. adv(erbio) 193.

N
Najauéruã. adv(erbio) 187
Naçauíb. adv(erbio) 190
Najabé ramé. adv(erbio) 190
Né. adv(erbio) 193
Nemmerim. adv(erbio) 187
Nhó. Conjunc(aõ). 195. adv(erbio) 188

115r



- 1
2 Nhoté. conjunç(aõ) 195.
4 Nitibi. adv(erbio) 187.
5 Nitio. adv(erbio) 187.
6 Nitio aerama. adv(erbio) 189.
7 Noĩ eimoaerecé. adv(erbio) 190
8
9 O
10 Oan. adv(erbio) 181.
11 Oaerama. adv(erbio) 189.
12 Oĩmé. adv(erbio) 181.
13 Ojeicoeme. adv(erbio) 179.
14 Oirané. adv(erbio) 179.
15 Oirandé. adv(erbio) 179.
16 Oman. adv(erbio) 181.
17
18 P
19 Pá. adv(erbio) 184.
20 Pabé. Prep(osiçaõ) 176.
21 Pacó. adv(erbio) 186.
22 Pé. Prep(osiçaõ) 174.

221

Picaje. adv(erbio) 180.
Pocé. Prep(osiçaõ) 175.
Pupé. Prep(osiçaõ) 178.
Pyri. Prep(osiçaõ) 176
Pyryb. Prep(osiçaõ) 175.
Pytuname. adv(erbio) 180.

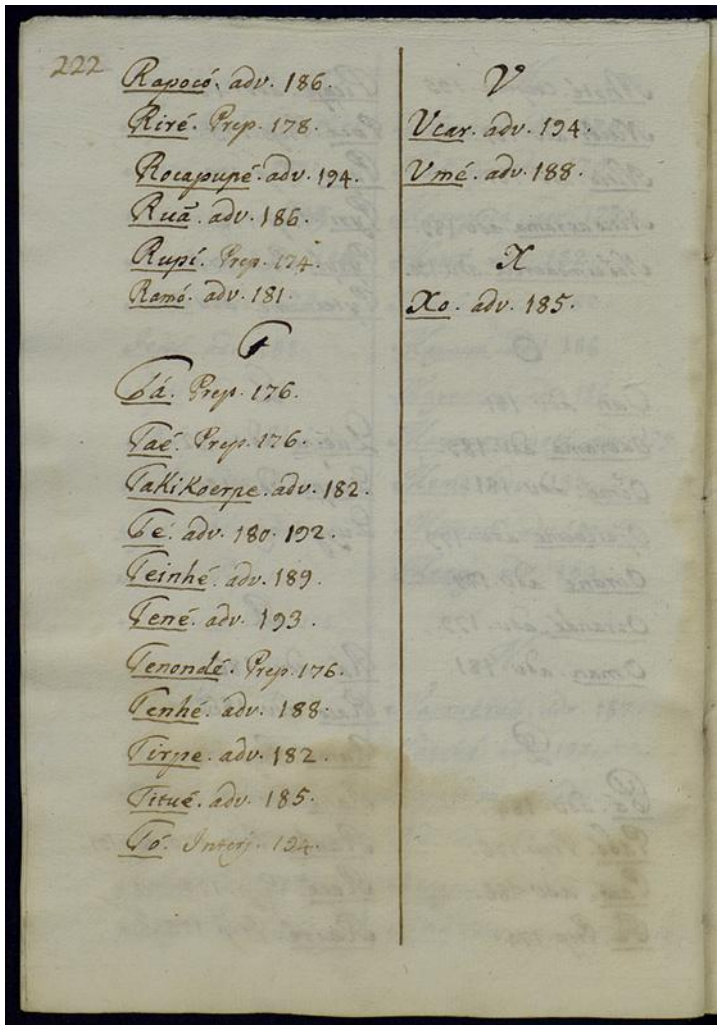
Q

Queipe. adv(erbio) 182.
Quepe. adv(erbio) 182.
Quyg. Interj(eiçaõ) 194.

R

Rá. adv(erbio) 186.
Racó. adv(erbio) 186.
Ramã. Prep(osiçaõ) 174.
Rana. adv(erbio)
Ranhé. Prep(osiçaõ) 175. adv(erbio) 191.
Recé. Prep(osiçaõ) 177.
R[aliré. Prep(osiçaõ) 178.

115v



222

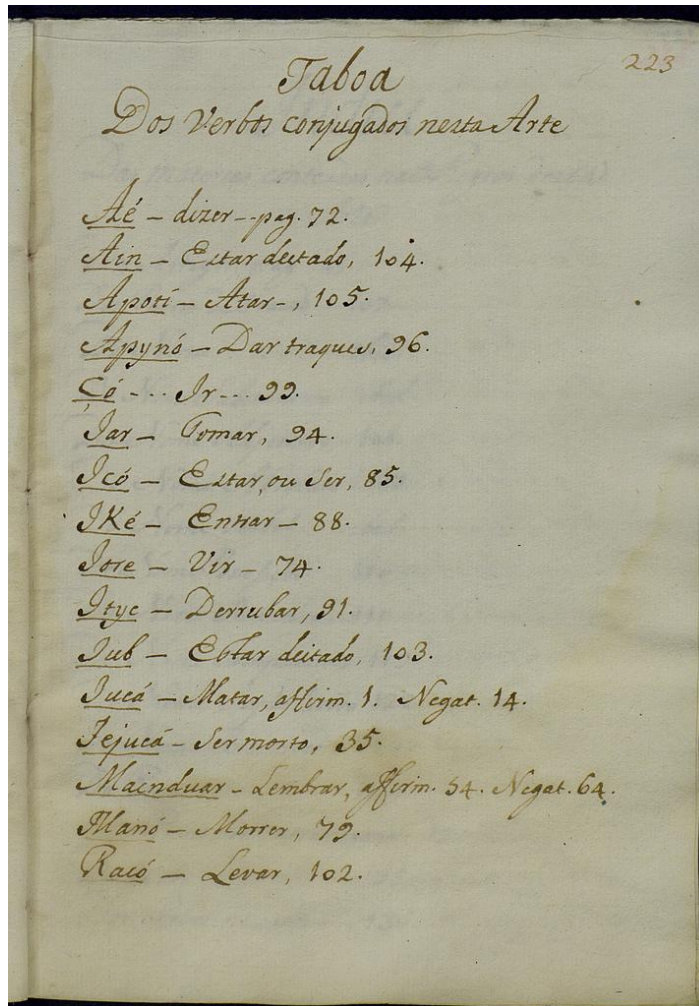
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19

V
Vcar. adv(erbio) 194.
Vmé. adv(erbio) 188.

X
Xo. adv(erbio) 185.

Rapocó. adv(erbio) 186.
Riré. Prep(osiçaõ) 178.
Rocapupé. adv(erbio) 194.
Ruã. adv(erbio) 186.
Rupí. Prep(osiçaõ) 174.
Ramó. adv(erbio) 181.

T
Tá. Prep(osiçaõ) 176.
Taé. Prep(osiçaõ) 176.
Takikoerpe. adv(erbio) 182.
Té. adv(erbio) 180. 192.
Teinhé. adv(erbio) 189
Tené. adv(erbio) 193
Tenondé. Prep(osiçaõ) 176.
Tenhé. adv(erbio) 188.
Tirpe. adv(erbio) 182.
Titué. adv(erbio) 185.
Tó. Interj(eiçaõ) 194.



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

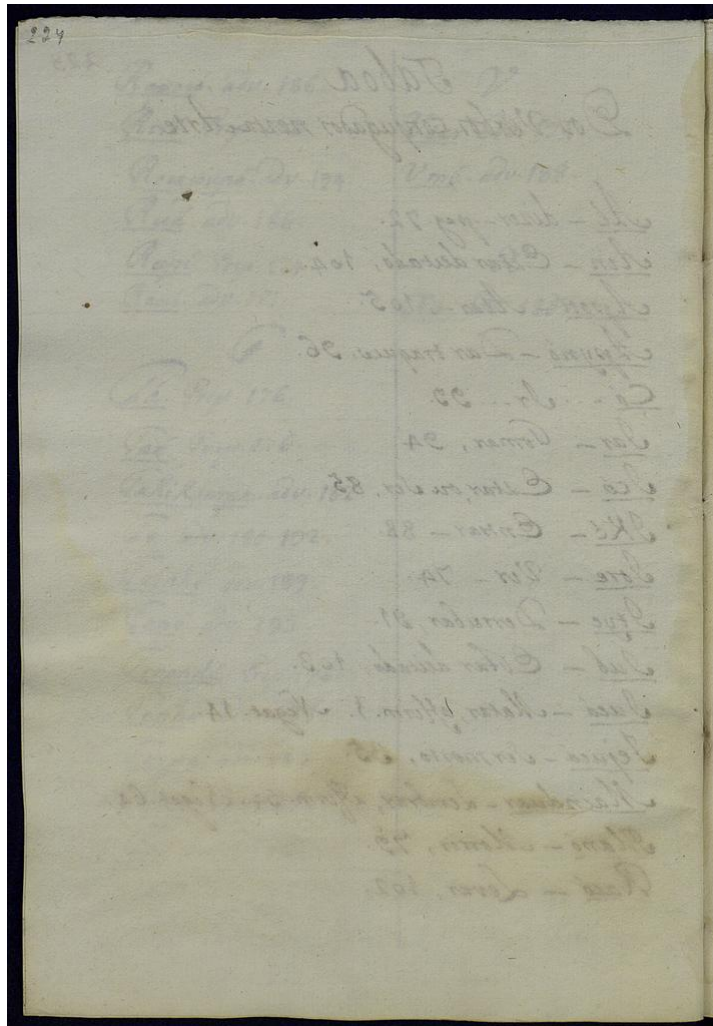
Taboa

Dos Verbos conjugados nesta Arte

- Aê – dizer - - pag(ina). 72.
Ain – Eztar deitado, 104.
Apoti – Atar –, 105.
Apynó – Dar traques, 96.
Cô - - - Ir... 99.
Iar – Tomar, 94.
Icó – Eztar, ou Ser, 85.
Iké – Entrar – 88.
Iore – Vir – 74.
Itye – Derrubar, 91.
Iub – Estar deitado, 103.
Iucá – Matar, assim. 1. Nega(ivo) 14.
Iejucá – Ser morto, 35.
Mainduar – Lembrar, affirm(ativo). 54. Negat(ivo) 64.
Manó – Morrer, 79.
Racó – Levar, 102.

116v

1

224⁷

⁷ Anotação posterior.

117r

225

Indice

Das materias conteudas nas Regras desta Arte.

Dos Artigos, pag. 143.

Das Partes da Oraçaõ... 107.

Do Nome... ibid.

Do Nome Substantivo... ibid.

Do Nome Adjectivo... 108.

Do Nome Absoluto... 109.

Do Nome Verbal... ibid.

Do Nome Possessivo... 110.

Do Nome Relativo... 111.

Do Nome Comparativo 119.

Do Nome Superlativo 122.

Do Nome Reciproco... 124.

Do Pronome... 129.

Pronomes extravagantes 132.

Do Verbo... 135.

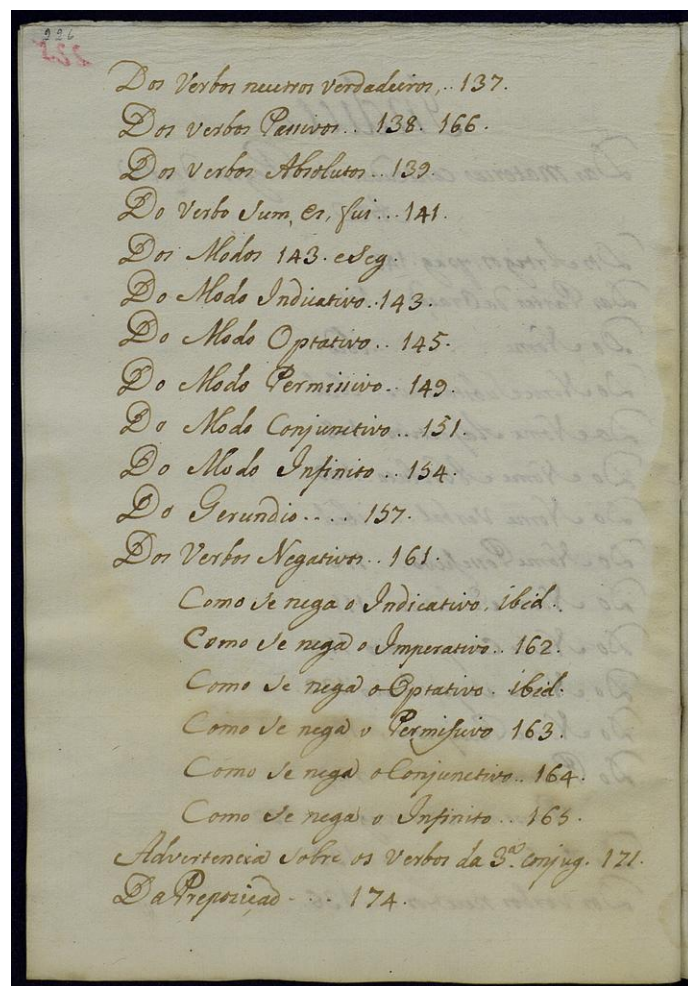
Dos verbos neutros... 136.

1	
2	Indice
3	Das materias conteudas nas Regras desta
4	Arte.
5	Dos Artigos, pag(in) 143.
6	Das Partes da Oraçaõ . . . 107.
7	Do Nome ibid(em)
8	Do Nome Substantivo . . ibid.
9	Do Nome Adjectivo . . 108.
10	Do Nome Absoluto . . 109.
11	Do Nome Verbal . . . ibid.
12	Do Nome Possessivo . . . 110.
13	Do Nome Relativo . . 111.
14	Do Nome Comparativo 119.
15	Do Nome Superlativo 122.
16	Do Nome Reciproco, . 124.
17	Do Pronome 129.
18	Pronomes extravagantes 132.
19	Do verbo 135
20	Dos verbos neutros . . . 136.
21	

225⁸

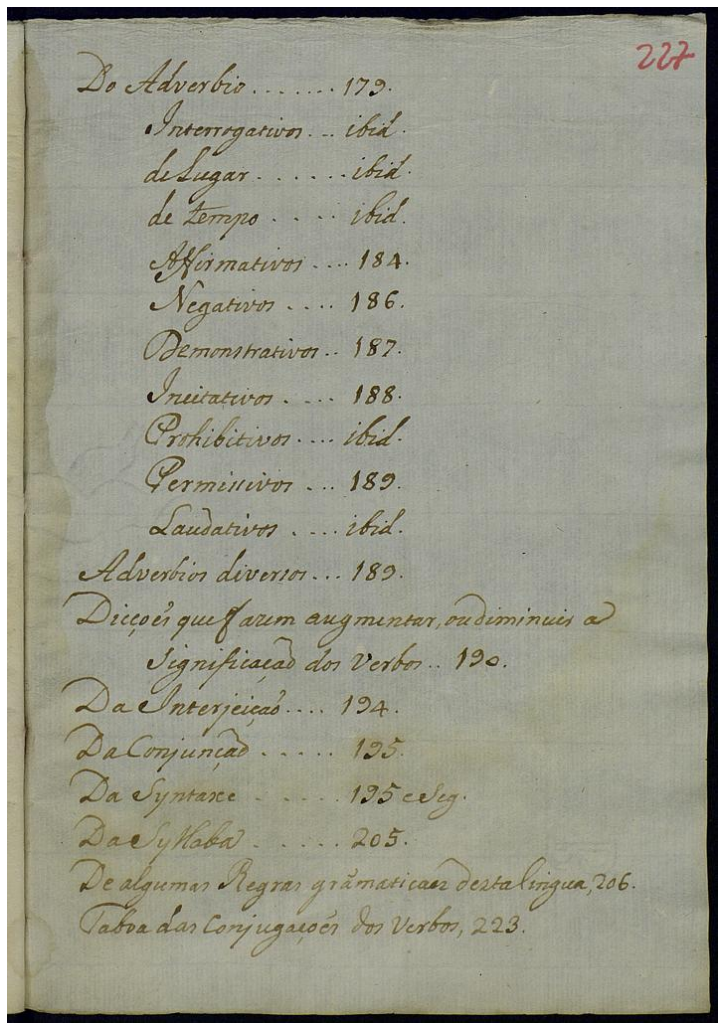
⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

117v

226⁹

1	
2	Dos verbos neutros verdadeiros, .. 137.
3	Dos verbos Passivos . . 138. 166.
4	Dos verbos Absolutos . . 139.
5	Do verbo Sum, Es, fui . . . 141.
6	Dos Modos 143. e seg(uintes)
7	Do Modo Indicativo . . 143.
8	Do Modo Optativo . . 145.
9	Do Modo Permissivo . . 149.
10	Do Modo Conjunctivo . . 151.
11	Do Modo Infinitivo . . 154.
12	Do Gerundio 157.
13	Dos Verbos Negativos . . 161.
14	Como se nega o Indicativo, ibid(em)
15	Como se nega o Imperativo . . 162.
16	Como se nega o Optativo. ibid(em)
17	Como se nega o Permissivo 163.
18	Como se nega o Conjunctivo .. 164.
19	Como se nega o Infinito . . 165.
20	Advertencia sobre os verbos da 3ª conjug(ação). 171.
21	Da Preposição . . . 174.

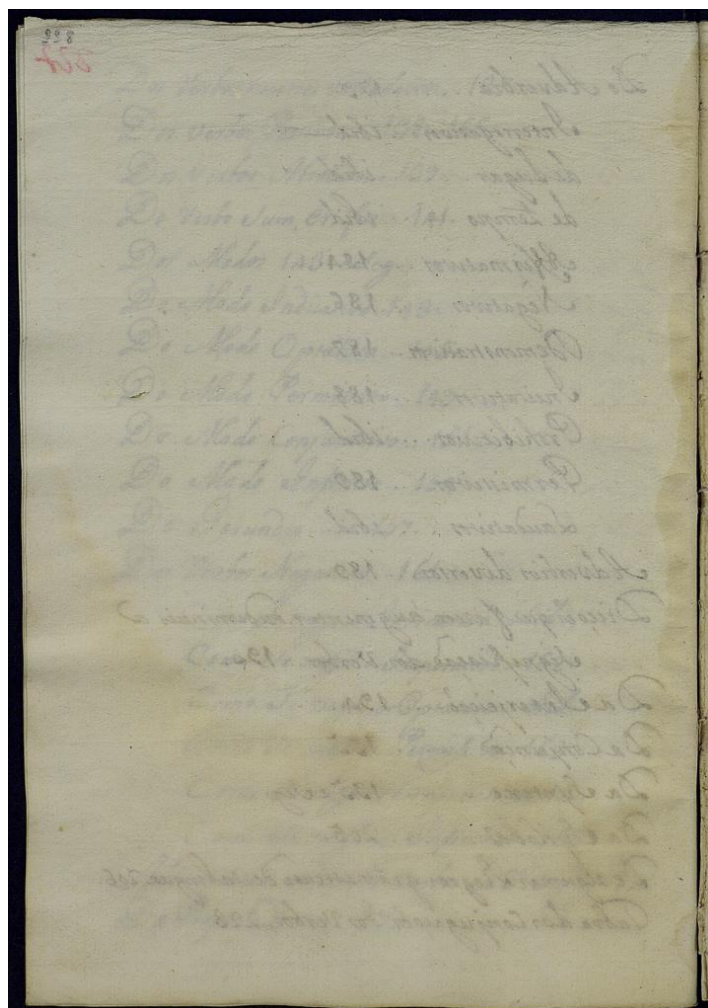
⁹ Anotação posterior.



1	
2	Do Adverbio 179.
3	Interrogativos . . . ibid(em)
4	delugar ibid(em)
5	de tempo ibid(em)
6	Affirmativos 184.
7	Negativos 186.
8	Demonstrativos . . 187
9	Incitativos 188.
10	Prohibitivos ibid(em)
11	Permissivos 189.
12	Laudativos ibid(em)
13	Adverbios diversos . . . 189.
14	Dicções que fazem augmentar, ou diminuir a
15	significação dos verbos . . 190.
16	Da Interjeição .. 194.
17	Da Conjunctão 195.
18	Da Syntaxe 195 eseg(uintes)
19	Da Syllaba 205.
20	De algumas regras grãmaticaes destalingua, 206.
21	Taboa das conjugações dos verbos, 223.

¹⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

118v

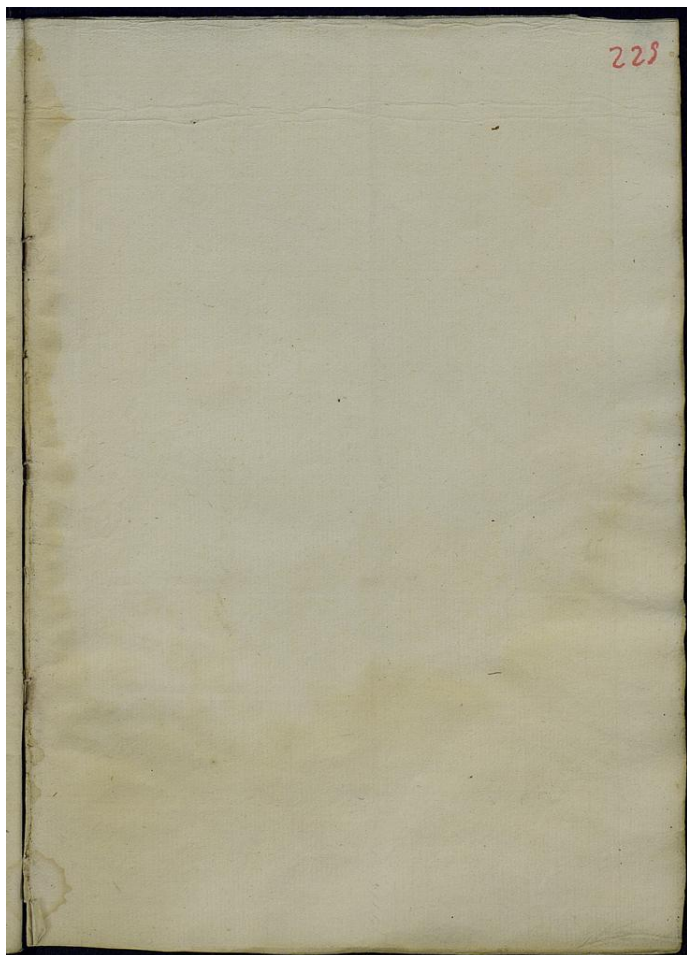


1

228¹¹

¹¹ Anotação posterior.

119r

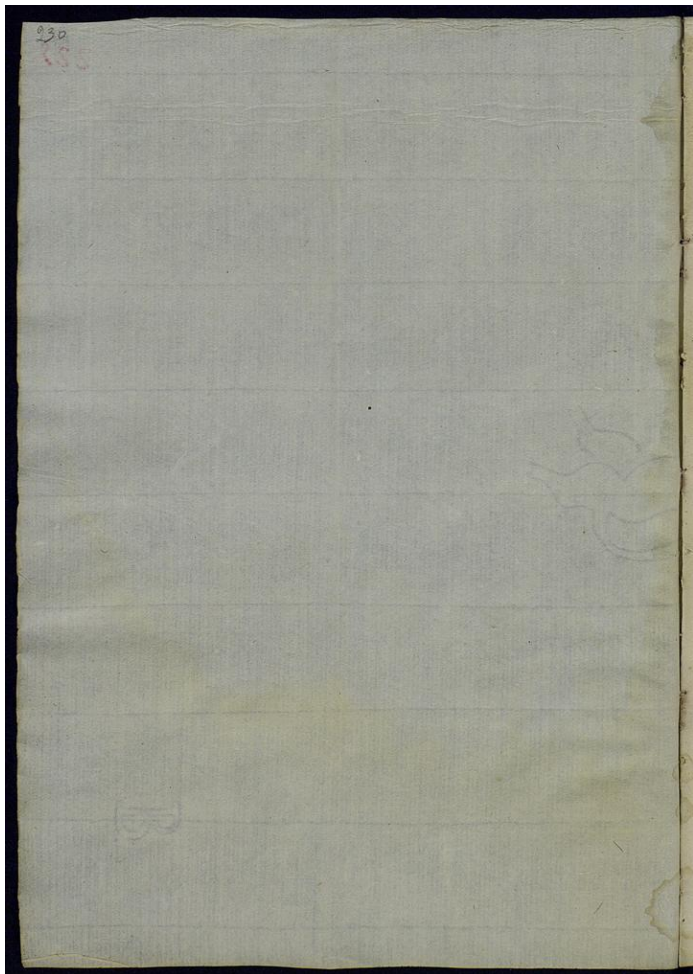


1

229¹²

¹² Anotação posterior com caneta vermelha.

119v

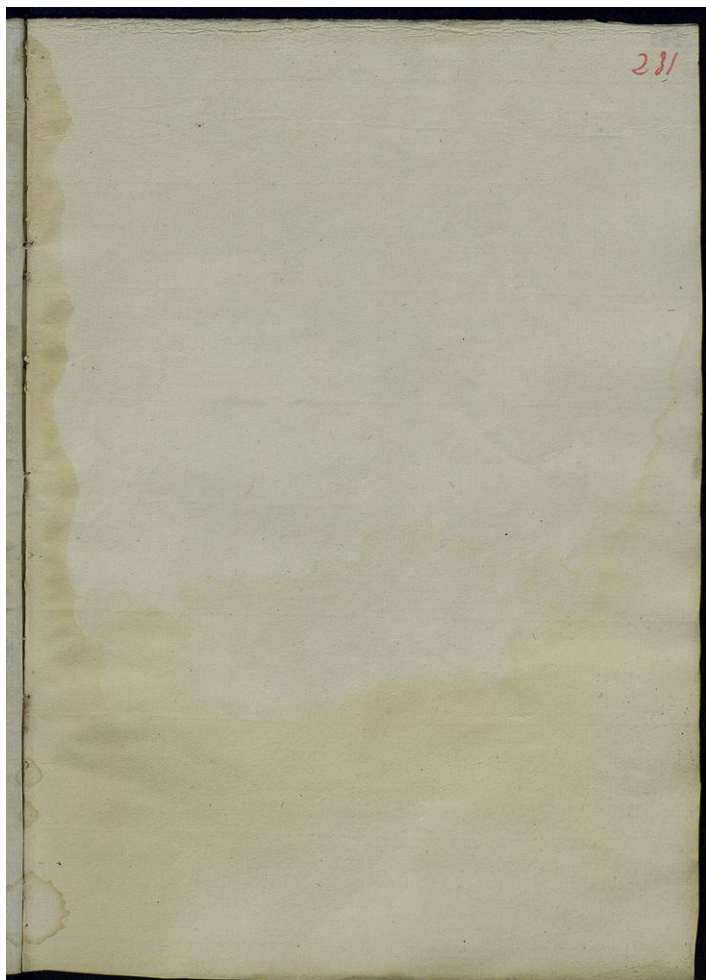


1

230¹³

¹³ Anotação posterior.

120r

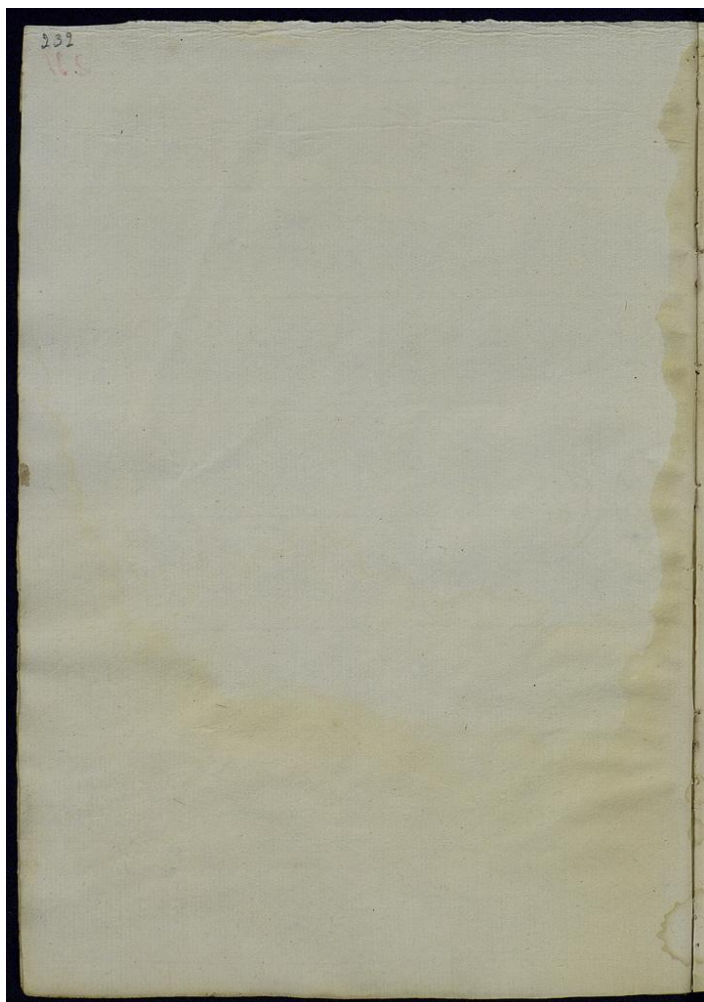


1

231¹⁴

¹⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

120v

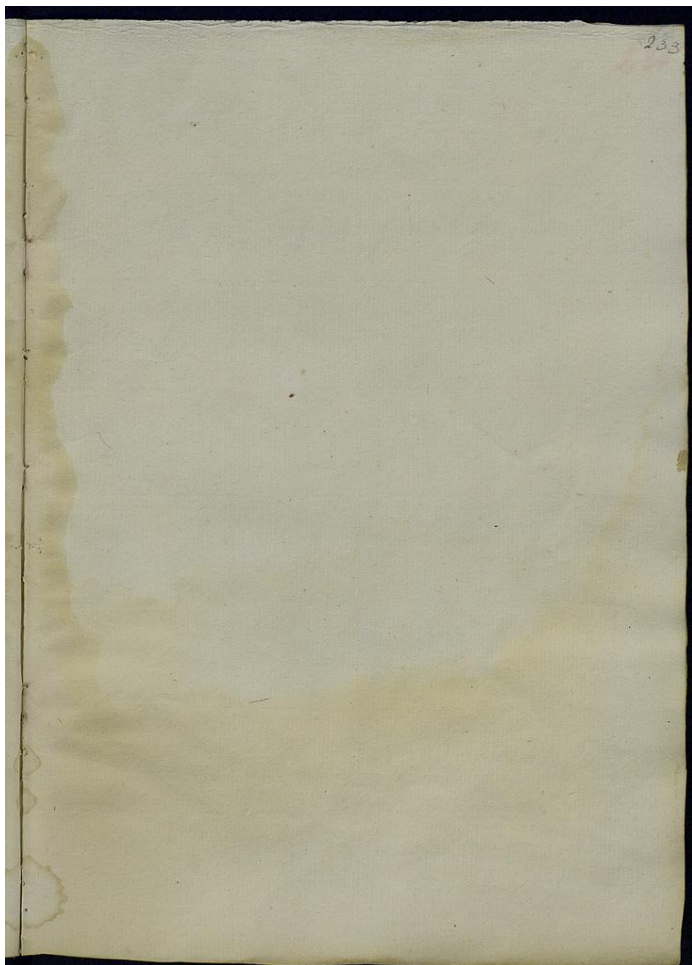


1

232¹⁵

¹⁵ Anotação posterior.

121r

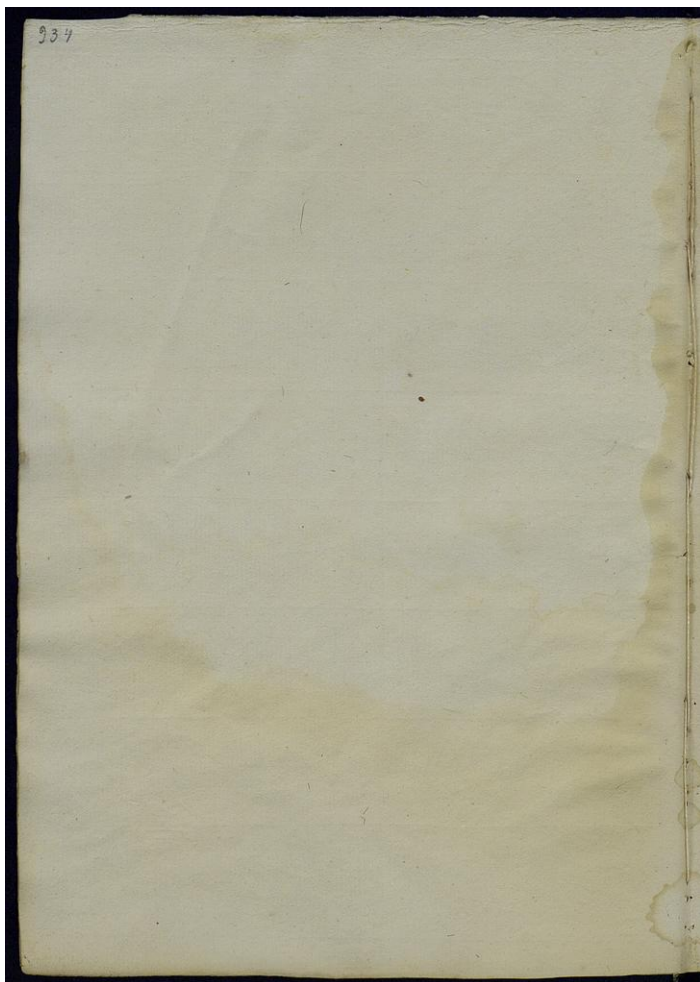


1

233¹⁶

¹⁶ Anotação posterior.

121v

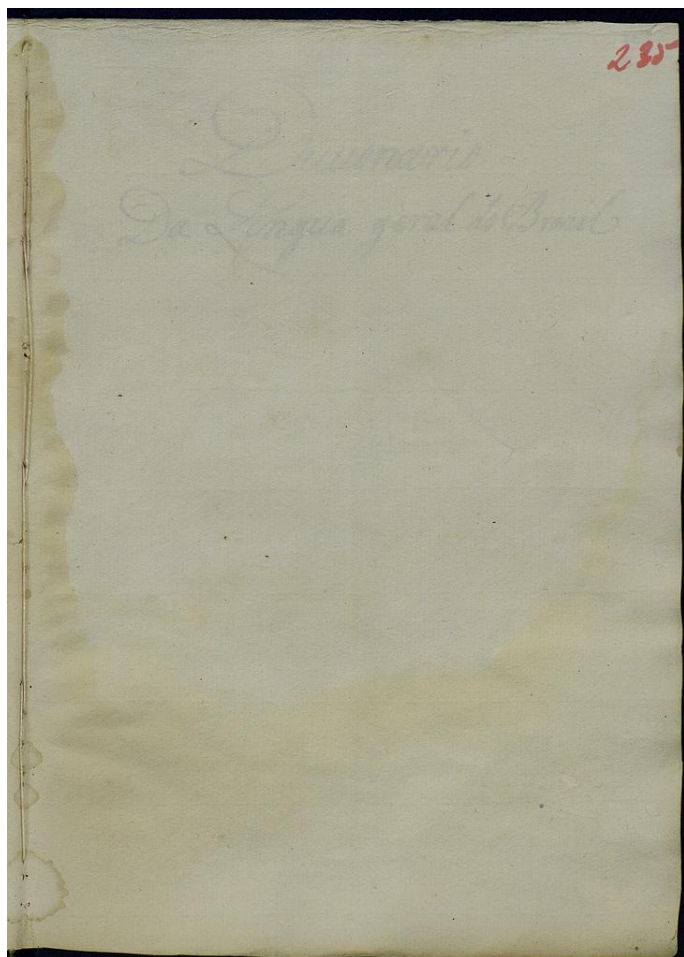


1

234¹⁷

¹⁷ Anotação posterior.

122r

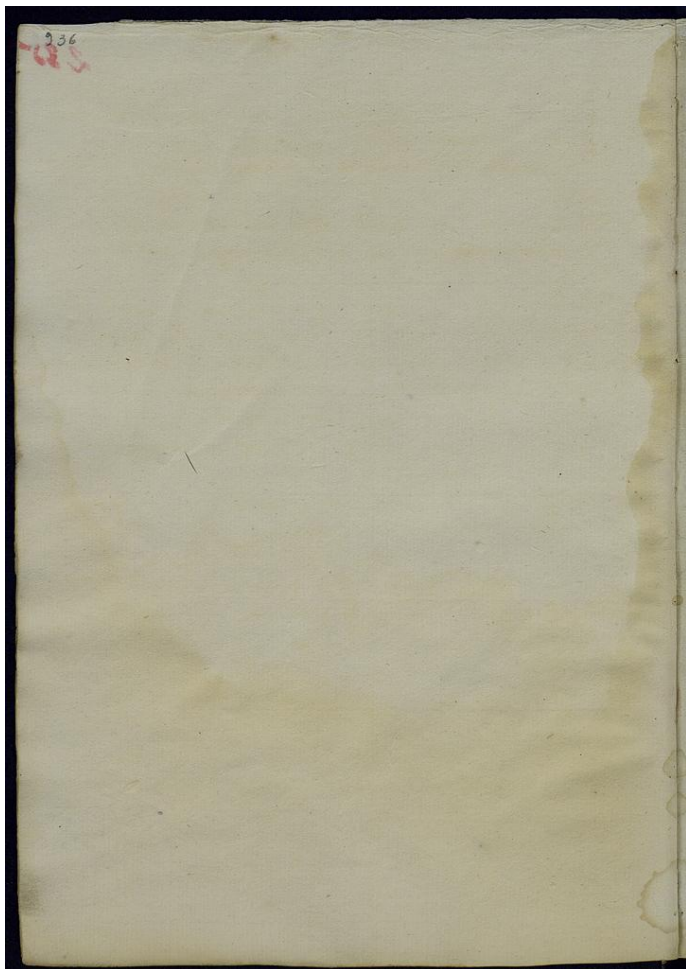


1

235¹⁸

¹⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

122v

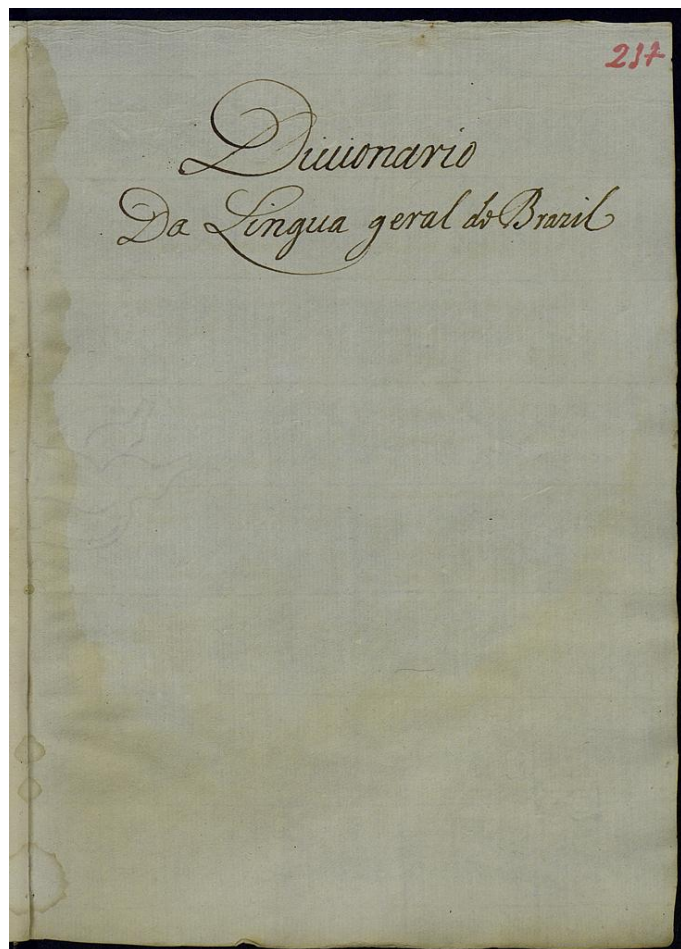


1

236¹⁹

¹⁹ Anotação posterior.

123r



1

2

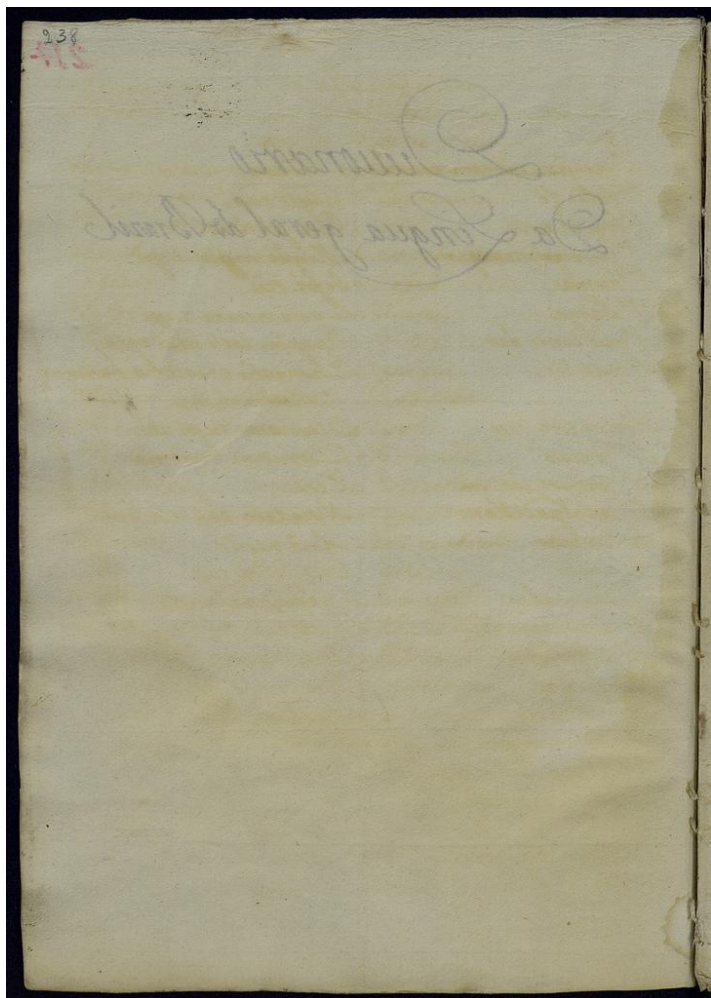
3

237²⁰

Diccionario
Da Lingua geral do Brazil

²⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

123v

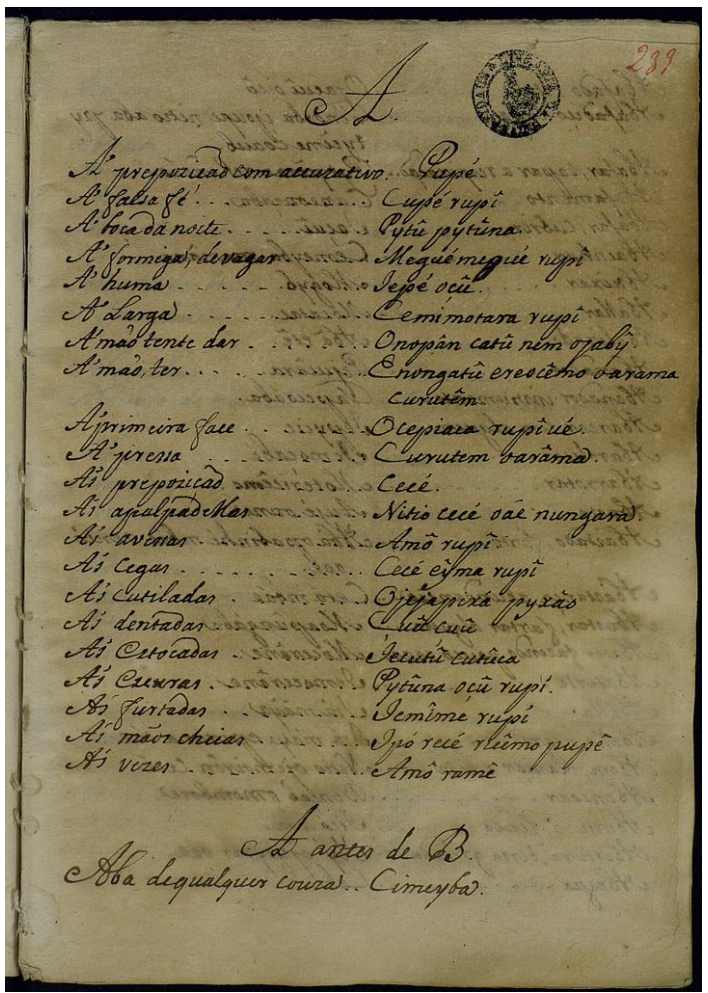


1

238²¹

²¹ Anotação posterior.

124r



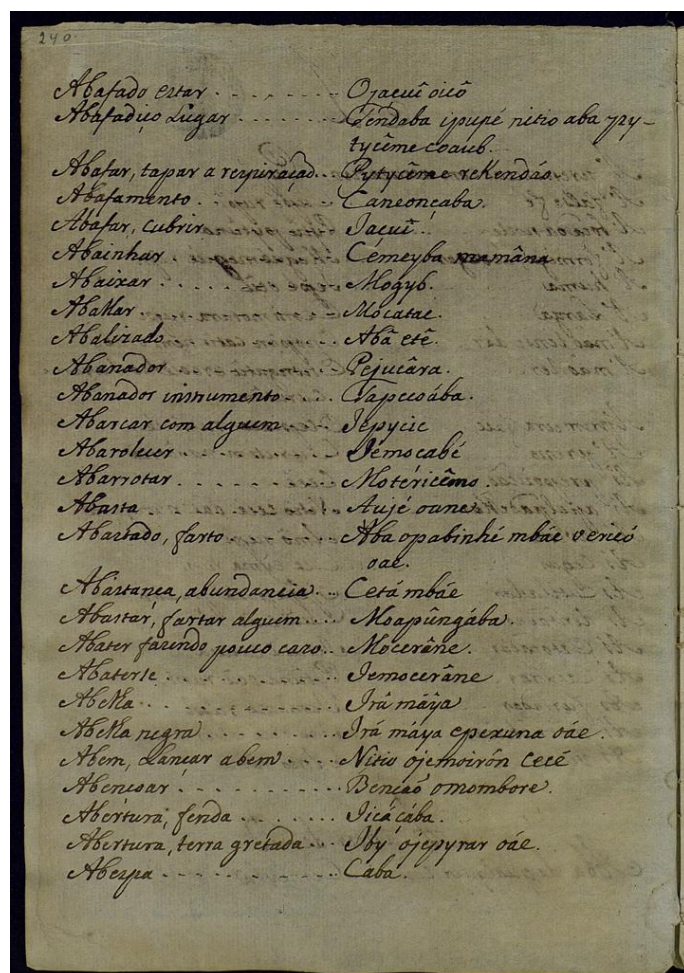
1	A.	[carimbo úmido: BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE] 239 ²²
2		
3	A' prepozição com accuzativo.....	Pupé
4	A' falsa fê.....	Cupé rupí
5	A' boca da noite.....	Pytû pytûna
6	A' formiga, devagar.....	Meguê meguê rupí
7	A' huma.....	Iepé ocû.
8	A' Larga.....	Cemi motara rupí
9	A' mão tente dar.....	Onopân catû nem ojabý.
10	A' mão, ter.....	Enongatû creocêmo oarama
11		curutêm.
12	A' primeira face.....	Ocepiara rupê ué.
13	A' pressa.....	Curutem oraâma.
14	A's prepozição.....	Cecé.
15	A's apalpadellas.....	Nitio cecé oâe nungara.
16	A's avessas.....	Amô rupí.
17	A's cegas.....	Cecé eýma rupí
18	A's cutiladas.....	Ojejapixá pyxão
19	A's dentadas.....	Çuû çuû
20	A's eztocadas.....	Iecutû cutûca
21	A's ezcuras.....	Pytûna ocû rupí.
22	A's furtadas.....	Iemîme rupí
23	A's mãos cheias.....	Ipó recé recêmo pupê
24	A's vezes.....	Amô ramê

²² Anotação posterior com caneta vermelha.

25 A antes de B.

26 Aba dequalquer couza Cimeyba.

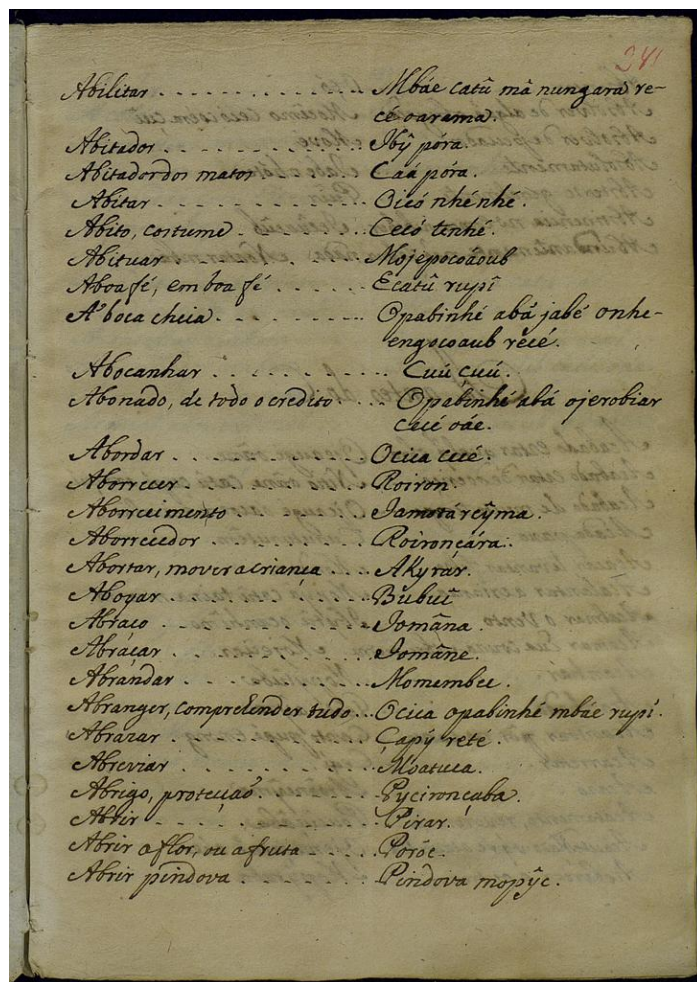
124v

240²³

1		
2	Abafado estar.....	Ojaçu oicô
3	Abafado lugar.....	Tendaba ipupé nitio aba py-
4		tycême coaub.
5	Abafar, tapar a respiração.....	Pytycêre reKendão.
6	Abafamento.....	Caneonçaba.
7	Abafar, cubrir.....	Iaçu.
8	Abainhar.....	Cemeyba mamâna
9	Abaixar.....	Mogyb.
10	Aballar.....	Mocatae.
11	Abalizado.....	Abâ etê.
12	Abanador.....	Pejucâra.
13	Abanador instrumento.....	Tapeçoába.
14	Abarcar com alguém.....	Iepycic.
15	Abarolecer.....	Iemoçabê.
16	Abarroter.....	Motericêmo.
17	Abasta.....	Aujé oane
18	Abastado, farto.....	Aba opabinhé mbáe vericó
19		oae.
20	Abastança, abundância.....	Cetá mbáe
21	Abastar, faltar alguém.....	Moapungába.
22	Abater fazendo pouco caso.....	Mocerâne.
23	Abaterse.....	Iemocerâne
24	Abella.....	Irâ máya
25	Abella negra.....	Irâ máya epexuna oae.
26	Abem, lançar abem.....	Nitio ojemoirón cecê
27	Abençoar.....	Benção omombore.
28	Abertura; fenda.....	Jicá çába.

²³ Anotação posterior.

29	Abertura, terra gretada.....	Iby opepyrar oáe.
30	Abespa.....	Caba.



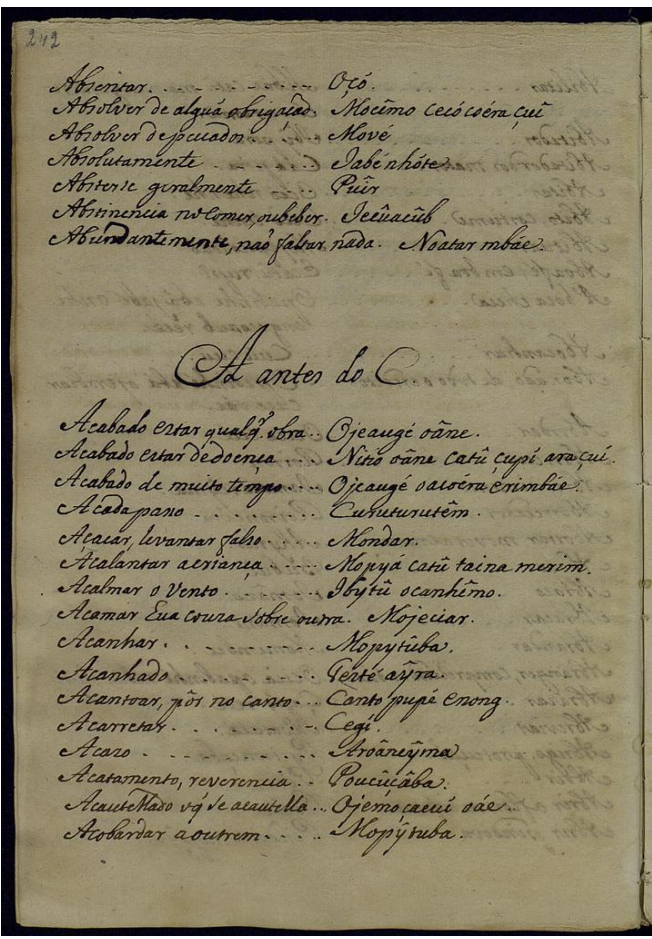
1		
2	Abilitar.....	Mbaé catû mã nungara re-
3		cé oarama.
4	Abitador	Ibÿ póra.
5	Abitadordos matos	Caá póra.
6	Abitar	Oicó nhénhé.
7	Abito, costume	Cecó tenhé.
8	Abituar	Mojepocoáoub
9	Aboa fé, em boa fé	Ecatû rupî
10	A' boca cheia	Opabinhé abá jabé onhe-
11		engocoaub recé.
12	Abocanhar	Cuú cuú.
13	Abonado, de todo o credito	Opabinhé abá ojerobiar
14		cecé oáe.
15	Abordar	Ocica cué.
16	Aborrecer	Roiron.
17	Aborrecimento	Iamotá reÿma.
18	Aborrecedor	Roironçára.:
19	Abortar, mover acriança	Akyrar.
20	Aboyar	Bubuí
21	Abraço	Iomâna.
22	Abraçar	Iomâne.
23	Abrandar	Momembec.
24	Abranger, comprehender tudo	Ocica opabinhé mbáe rupî.
25	Abrazar	Çapy reté.
26	Abreviar	Moatua.

241²⁴

²⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Abrigo, protecção	Pycironçaba.
28	Abrir	Pirar.
29	Abrir a flor, ou a fruta	Porôc.
30	Abrir pindova	Pindova mapye.

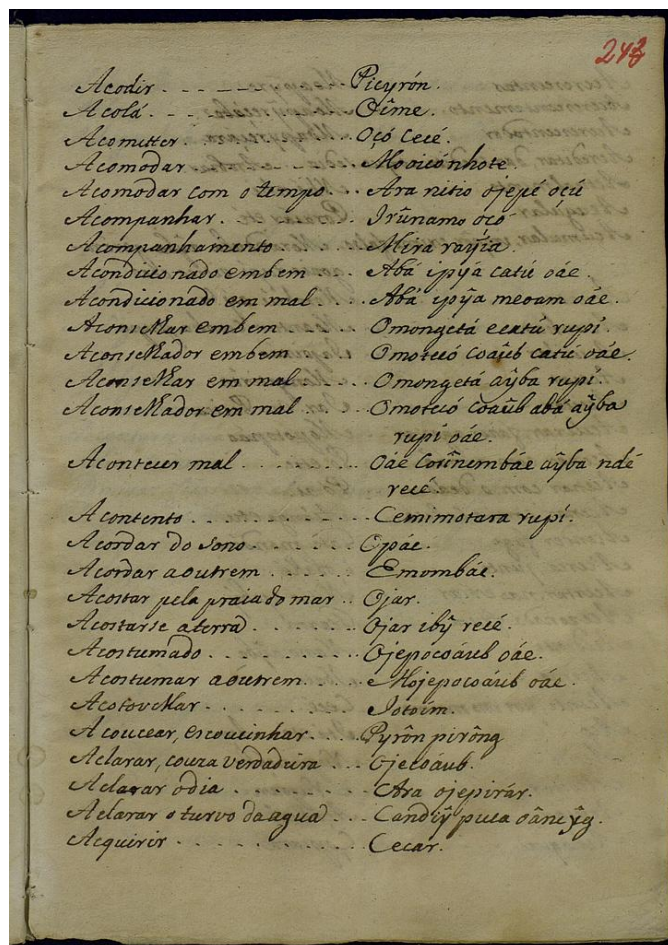
125v



1	242 ²⁵	
2	Absentar.....	Oçó.
3	Absolver de alguma obrigação.....	Mocêm cecó coéra çuí
4	Absolver de peccados.....	Mové
5	Absolutamente.....	Iabé nhóte
6	Absterse geralmente.....	Puîr
7	Abstinencia nocomer, ou beber.....	Iecûacûb
8	Abundantemente, não faltar nada.....	Notar mbáe.
9	A antes do C.	
10	Acabado de estar em qualq(e)r obra.....	Ojeaugé oâne.
11	Acabado estar de doença.....	Nitio oâne catû, çupí araçuí.
12	Acabado de muito tempo.....	Ojcaugé oacoéra erimbáe.
13	A cada passo.....	Curuturutêm
14	Açacar, levantar falso.....	Mondar.
15	Acalantar acriança.....	Mopyá catû taina merim.
16	Acalmar o vento.....	Ibyrû ocanhêmo.
17	Acamar hua couza sobre outra.....	Mojeciar.
18	Acanhar.....	Mopytûba.
19	Acanhado.....	Testé aÿra.
20	Acantoar, pôr no canto.....	Canto pupé enong.
21	Acarretar.....	Cegí.
22	Acazo.....	Aroâneÿma
23	Acatamento, reverencia.....	Poucûcâba.

²⁵ Anotação posterior.

24	Acautellado oq(ue) se acautella.....	Ojemo çaeuí oáe.
25	Acobardar aoutrem.....	Mopýtuba.

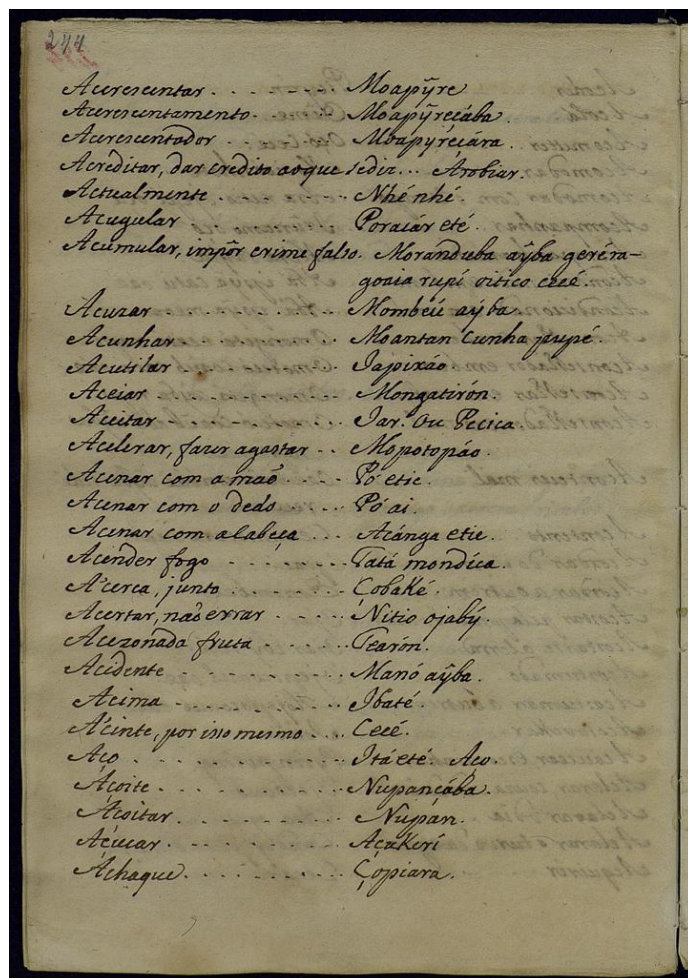


1		
2	Acodir	Picyrón.
3	Acolá	Oíme.
4	Acometter	Oçó cecé.
5	Acomodar	Mo oicó nhote.
6	Acomodar com o tempo	Ara nitio ojepe oçú
7	Acompanhar	Irûnamo oçó
8	Acompanhamento	Mira rayĩa.
9	Acondicionado em bem	Abá ipyá catú oáe.
10	Acondicionado em mal	Abá ipyá meoam oáe.
11	Aconselhar embem	Omongetá ecatū rupĩ.
12	Aconselhador em bem	O motecó coaúb catpu oãe.
13	Aconselhar em mal	O mongetá aýba rupí.
14	Aconselhador em mal	Omotecó coaúb abá aýba
15		rupé oáe.
16	Acontecer mal	Oáe Corînembáe aýba ndé
17		recé.
18	A contento	Cemimotara rupí.
19	Acordar do sono	Opáe.
20	Acordar aoutrem	Emombáe.
21	Acostar pela praia do mar	Ojar.
22	Acostarse aterra	Ojar ibý recé.
23	Acostumado	Ojepocoáub oáe.
24	Acostumar aoutrem	Mojepocoáub oáe.
25	Acofovelhar	Iotoím.
26	Acoucer, escoucinar	Pyrôn pirông

243²⁶

²⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Aclarar, couza verdadeira	Ojecoáub.
28	Aclarar odia	Ara ojepirár.
29	Aclarar o turvo daagua	Condiy puca o âni yg.
30	Acquirir	Cecar.

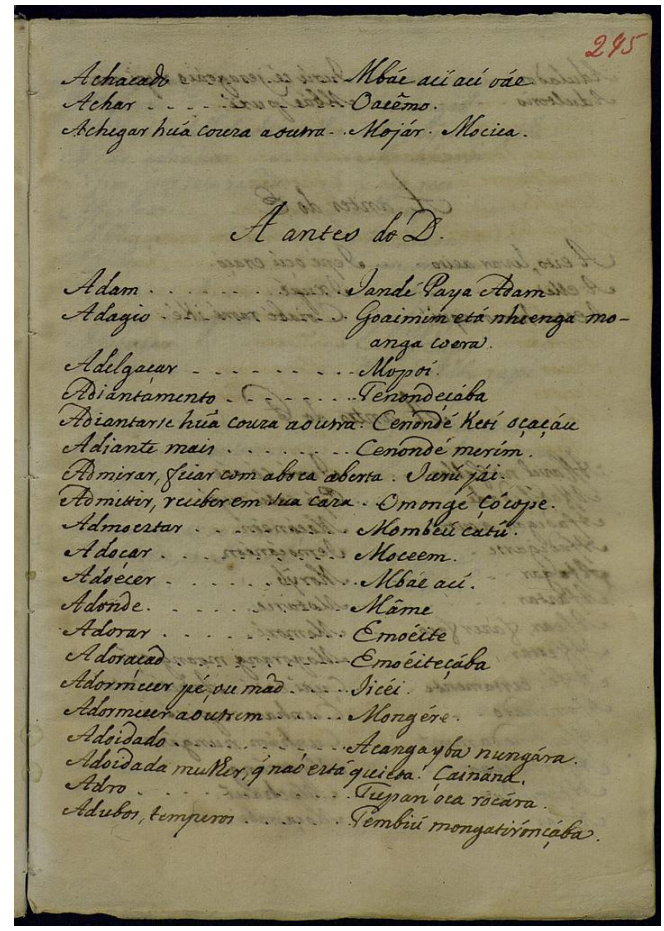


1		
2	Accrescentar	Moapÿre
3	Accrescentamento.....	Moapÿreçába.
4	Accrescentador.....	Moapyreçára.
5	Acreditar, dar credito aoque sediz.....	Arobiar.
6	Actualmente.....	Nhé nhé.
7	Acugular.....	Poracár eté.
8	Acumular, impôr crime falto.....	Moranduba aÿba geréra-
9		goaia rupí oítico cecé.
10	Acusar.....	Mombeú aÿ ba
11	Acunhar	Mantam cunha pupé.
12	Acutilar	Iapixaõ.
13	Aceiar	Mongatirón.
14	Aceitar	Iar. Ou Pecica..
15	Acelerar, fazer agastar	Mopotopáo.
16	Acenar com a maõ	Pó etie.
17	Acenar com o dedo	Pó ai.
18	acenar com acabeça	Acánga etie.
19	Acender fogo	Tatá mondíca.
20	A' cerca, junto	ÇobaKé.
21	Acertar, naõ errar	Nitio ojabý.
22	Acezonada fruta	Tearón.
23	Acidente.....	Manó aÿba.
24	Acima	Ibaté.
25	A' cinte, por isso mesmo	Cecé.
26	Aço	Itá eté. Açõ.

²⁷ Anotação posterior.

27	Açoite	Nupançába.
28	Açoitar	Nupan.
29	Açúcar	AçaKerí
30	Achaque	Çopiara.

127r



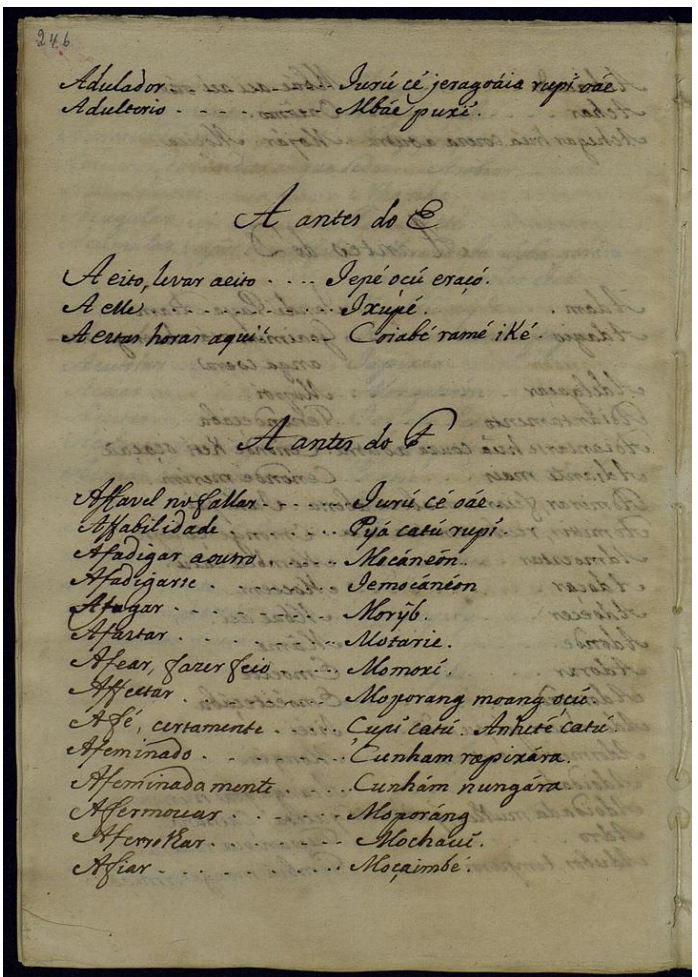
245²⁸

1		
2	Achacado.....	Mbáe aci aci oáe
3	Achar	Oacêmo.
4	Achejar huã couza aoutra	Mojár. Mocica.
5		A antes do D.
6		
7	Adam	Iandé Paya Adam
8	Adagio.....	Goaimim etá nheenga mo-
9		anga coera.
10	Adelgaçar.....	Mopói.
11	Adiantamento	Tenondeçaba
12	Adiantar-se huã couza aoutra	Cenondé Ketí açacáu
13	Adiante mais	Cenondé merím.
14	Admirar, ficar com aboca aberta	Iurú jái.
15	Admittir, receber em sua caza.....	Omongé, Çócope.
16	Admoestar	Mombeú catú.
17	Adoçar	Moceem.
18	Adoecer	Mbáe aci.
19	Adonde	Mâme
20	Adorar	Emoéite
21	Adoração	Emoéiteçaba
22	Adormecer pé, ou mão	Iicéi.
23	Adormecer aoutrem	Mongére.
24	Adoidado	Acangayba nungára.
25	Adoidada mulher, q(ue) não está.....	quieta. Çainãna.

²⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

26	Adro	Tupan oca rocára.
27	Aubos, temperos	Tembiu mongatirónçába.

127v



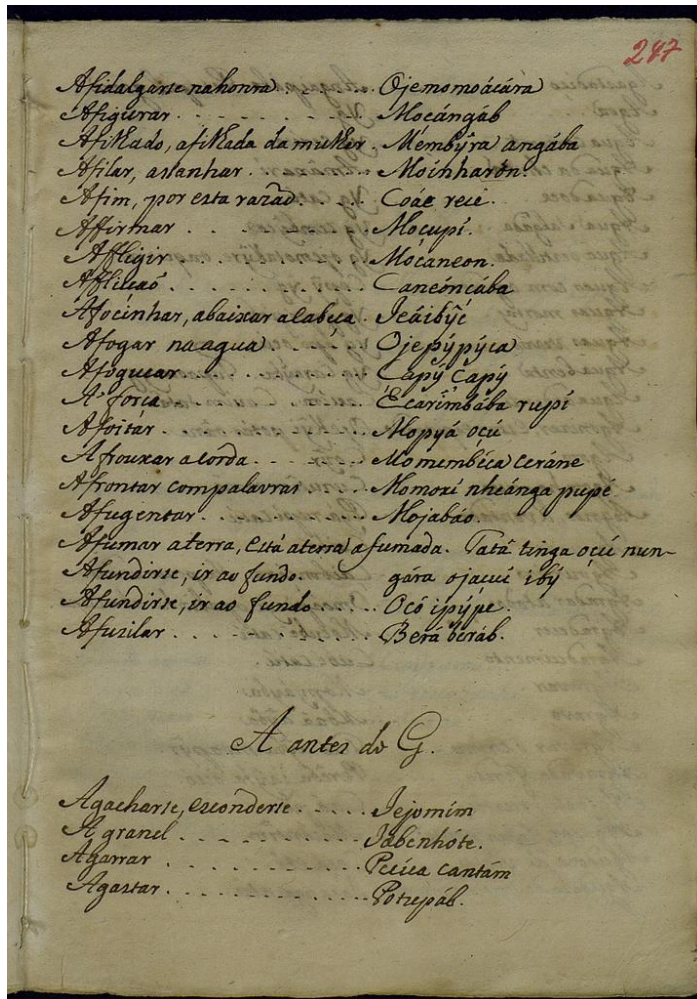
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22

246²⁹

Adulador	Iurú cé jeragoáia rupí oáe.
Adulterio	Mbáe puxi.
A antes do E.	
A eito, levar aeito	Iepé oçú eraçó.
A elle	Ixupé.
A estas horas aqui'	Coiabé ramé iKé.
A antes do F.	
Affavel nofallar	Iurú cé oáe.
Affabilidade	Pyá catú rupí.
Afadigar aoutro	Mocáneón.
Afadigarse	Iemocáneón
Afogar	Moryb.
Afastar	Motarie.
Afear, fazer feio	Momoxí.
Affectar	Moporang moang oçú.
Afé, certamente	Çupí ctú. Anheté catú.
Afeminado	Cunham rapixára.
Afeminada mente	Cunhám nungára.
Afermourar	Moporáng
Aferrolhar	Mochauí.
Afiar	Moçaimbé.

²⁹ Anotação posterior.

128r



1		247 ³⁰
2	Afidalgarse nahonra.....	Ojemomoácára
3	Afigurar.....	Moçangáb
4	Afilhado, afilhada da mulher	Membyra angába
5	Afilar, aslanhar	Moinharon.
6	Afim, por esta razão	Coáe rece.
7	Affirmar	Moçupi.
8	Affligir	Mocaneon.
9	Afflicção	Canéonçába
10	Afocinhar, abaixar acabeça	Jeáibýe
11	Afogar naagua	Ojepýpýca
12	Afoguear	Capý capý
13	A'força	'Ecarimbába rupí
14	Afoitar	Mopyá oçú
15	Afrouxar acorda	Momembéca ceráne
16	Afrontar compalavras	Momoxí nheánga pupé
17	Afugentar	Mojabáo.
18	Afumar aterra, eztá aterra afumada	Tatâ tinga oçú nun
19	Afundirse, ir ao fundo	gára ojaçuí ibý
20	Afundirse, ir ao fundo	Ocó ipýpe.
21	Afuzilar	Béra beráb.
22	A antes do G.	
23	Agacharse, esconderte	Iejomím
24	A granel	Iabenhóte.
25	Agarrar	Pecúa cantám

³⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

26 Agastar Potupáb.

248

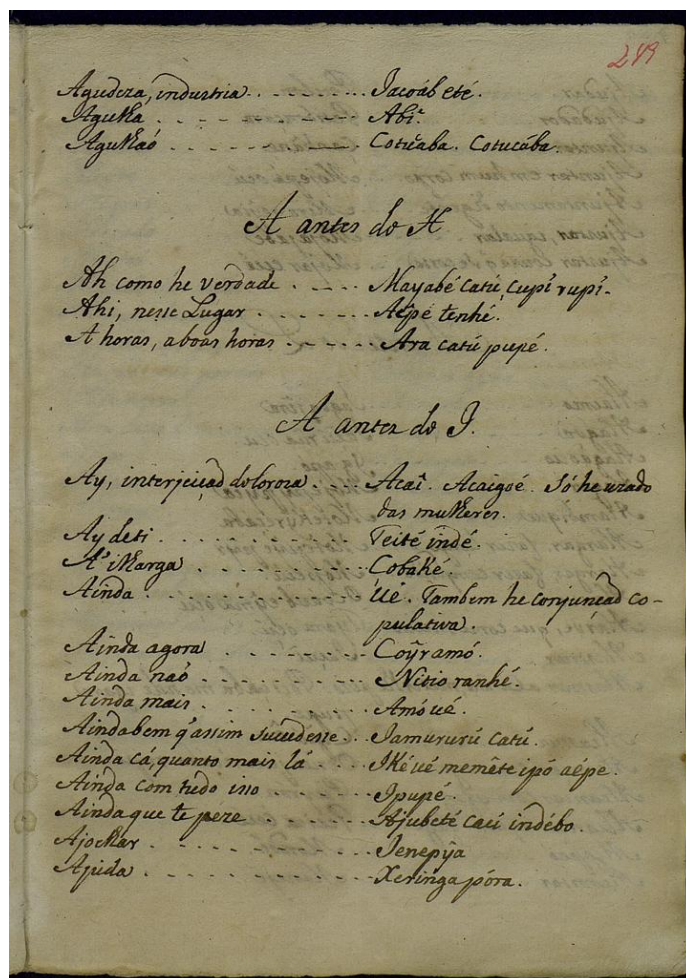
Agastadiço	Angaipába Potupáb goera
Agoa	Yg
Agua corrente	Yg cerica
Agua da chuva	Amânari
Aguadoce	Yg catú
Agua salgada	Yg cambôca
Agua destillada	Yg ojemotakÿre oaquera
Aguar com aguador	Cepÿ Yg
Aguas mortas	Yg gapô páb
Aguas vivas	Yg apô ocú
Agua benta	Yg caraÿba. Tupana yg
Agua ardente	Cauím. Cauím tatá
Agonizar, eftar espirando	Ojekÿi potár oâne
Agora	Coÿr
Agora ha pouco	Curutêm ramó
Agosto, á vontade	Pyá rupí catú
Agourar	Çaibó
Agoureiro	Çaiboncára. He pouco uzado
Agradar atodos	Omoápceÿe opabinhé abá cupé
Agradecer	Mocubé catú
Agradecimento	Cubé catú
Agravar	Mopyáÿba
Agravo	Mbaá aÿba
Agravar o crime	Tecó aÿba moapÿr
Agravada ferida	Perêba iaÿba oicó
Averte, rustico	Caá pora
Aguar, fazer porta	Môcandim
Ajudora de vista	Cecá eté
Aquiescente entendimento	Jasanga atú

1		
2	Agastadiço	Angaipába Potupáb goera
3	Agoa	Yg
4	Agua corrente	Yg cerica
5	Agua da chuva	Amânari
6	Aguadoce	Yg catú
7	Agua salgada	Yg cambôca
8	Agua destillada	Yg ojemotaKÿre oaquera
9	Aguar com aguador	Cepÿ ÿg.
10	Aguas mortas	Yg gapô páb.
11	Aguas vivas	Yg apô oçú
12	Aguabenta	Yg caraÿba. Tupana yg
13	Agua ardente	Cauím. Cauím tatá.
14	Agonizar, eftar espirando	OjeKÿi potár oâne.
15	Agora	Coÿr.
16	Agora hapouco	Curutêm ramó.
17	Agosto, á vontade	Pyá rupí catú.
18	Agourar	Çaibó
19	Agoureiro	Çaiboncára. He pouco uzado.
20	Agradar atodos	Omoápceÿe opabinhé abá cupé.
21	Agradecer	Mocubé catú
22	Agradecimento	Cubé catú.
23	Agravar	Mopyáÿba
24	Agravo	Mbaá aÿba
25	Agravar o crime	Tecó aÿba moapÿr.
26	Agravadaferida	Perêba iaÿba oicó.

³¹ Anotação posterior.

27	Agreste, rustico	Caá póra.
28	Aguçar, fazer ponta	Mocântim
29	Agudeza de vista	Ceçá eté.
30	Agudezado entendimento	Iacanga atú.

129r

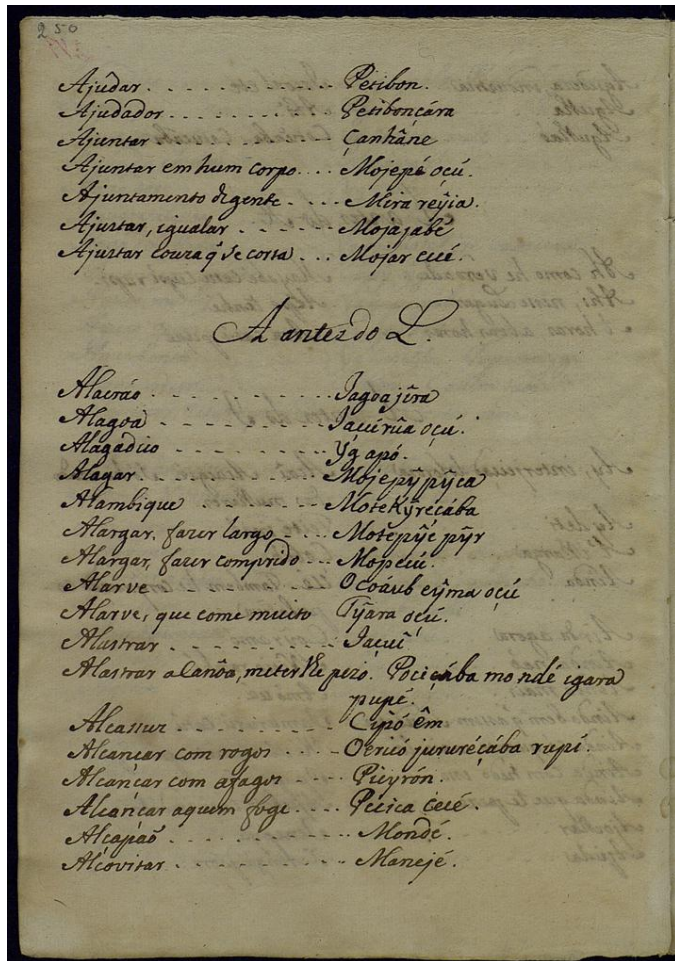


1		249 ³²
2	Agudeza, industria.....	Iacoáb eté.
3	Agulha.....	Abi.
4	Agulhaõ.....	Catuãba. Catucába.
5		Antes do H.
6	Ah como he verdade.....	Maybé catú, cupĩ rupĩ.
7	Ahi, nesse Lugar	Aêpe tenhé.
8	A horas, aboas horas	Ara catú pupé.
9		A antes do I.
10	Ay, interjeiçã dolorza.....	Acaî. Acaigoé. Só he uzado
11		das mulheres.
12	Ay deti.....	Teité indé.
13	A' iMarga.....	CobaKé.
14	Ainda.....	ué. Tambem he conjunção co-
15		pulativa.
16	Ainda agora.....	Coýramó.
17	Ainda não	Nitio ranhé.
18	Ainda mais.....	Amo ué.
19	Aindabem q(ue) assim succedeste.....	Iamururú catú.
20	Ainda cá, quanto mais lá	IKe ué memête ipó aêpe.
21	Ainda com tudo isso	Ipupé.
22	Aindaque te peze	Ajubeté caú indébo.

³² Anotação posterior com caneta vermelha.

23	Ajoelhar	Ienepÿa
24	Ajuda	Xeringapóra.

129v

250³³

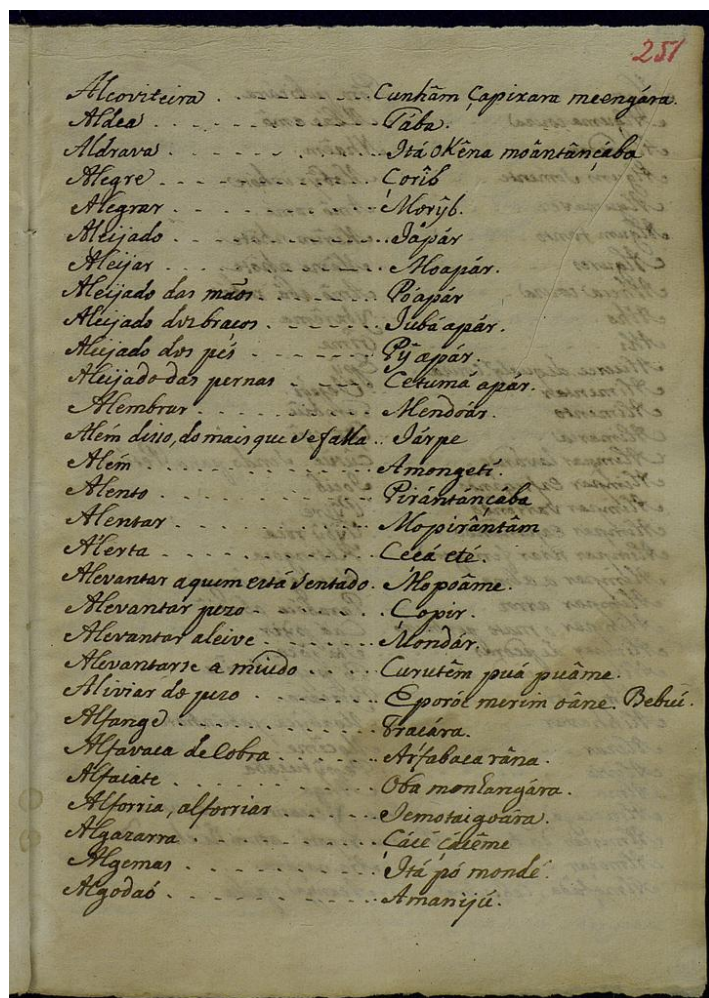
1	Ajudar	Petibon.
2	Ajudador	Petibonçára
3	Ajuntar	Çanhâne
4	Ajuntar em hum corpo	Mojepe oçú.
5	Ajuntamento de gente	Mira reýia.
6	Ajustar, igualar	Moja jabê
7	Ajustar couza q(ue) se corta.....	Mojar cecé.

A antesdo L.

9	Alaerao	Iagoajêra
10	Alagoa	Iaçú rúa oçú.
11	Alagadio	Yg apó.
12	Alagar	Mojepe pýca
13	Alambique	Motekyrecába
14	Alargar, fazer largo	Motepýe pýr
15	Alargar, fazer comprido	Mopeué.
16	Alarve	Ocoáub eýma oçú
17	Alarve, que come muito	Týara oçú.
18	Alastrar.....	Iaçuí
19	Alastrar aCanôa, meterlhe pezo.....	Pociçaba mo ndé igara
20		pupé.
21	Alcassur	Cipó êm
22	Alcançar com rogos	Oericó jururêçaba rupí.
23	Alcançar com agagor	Picyrón.
24	Alcançar quem foge	Pecica cecé.
25	Alcapão	Mondé.
26		

³³ Anotação posterior.

27 Alcovitar Manejé.

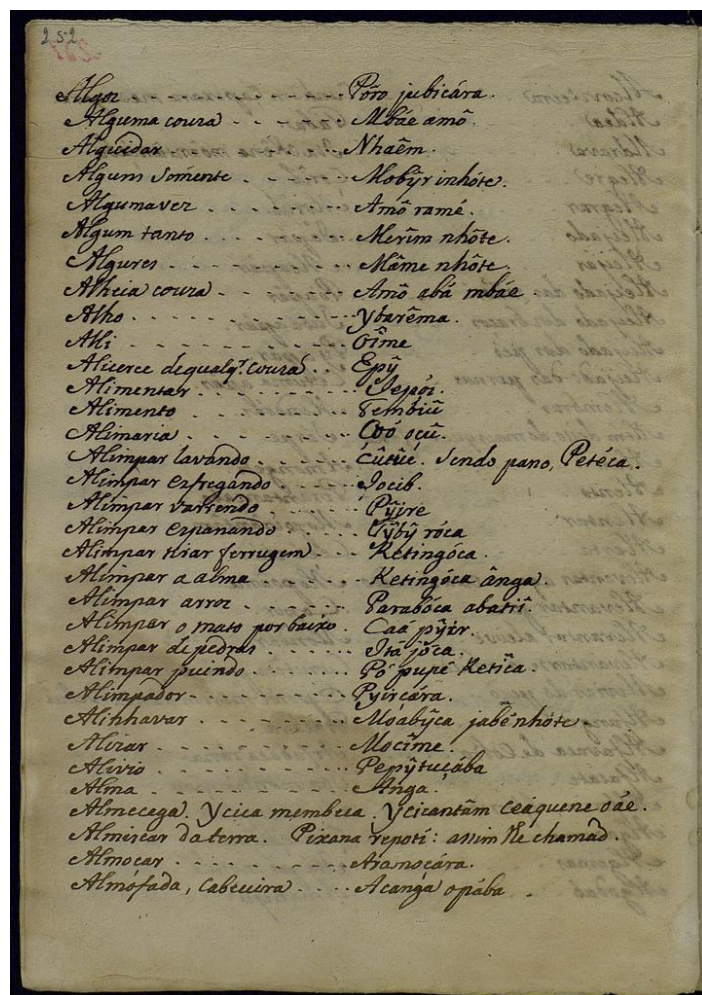


1		251 ³⁴
2	Alcoviteira	Cunhâm çapixara meengára.
3	Aldea	Tába.
4	Aldrava	Itá oKêna moântânçába
5	Alegre	Çorîb
6	Alegrar	Morÿb.
7	Aleijado.....	Iápar
8	Aleijar	Moapár.
9	Aleijado das mãos.....	Póapár
10	Aleijado dos braços.....	Iubá apár.
11	Aleijado dos pés.....	Pÿ apár.
12	Aleijado das pernas.....	Cetumá apár.
13	Alembiar.....	Mendoár.
14	Além disso, do mais que se falla.....	Iárpe.
15	Além.....	Amongetí.
16	Alento.....	Pirântânçába
17	Alentar.....	Mopirântâm
18	A'lerta.....	Ceçá eté.
19	Alevantar quem está sentado.....	Mopoâme.
20	Alevantar pezo.....	Çopir.
21	Alevantarse aleive.....	Mondár.
22	Alevantarse a muido.....	Curutêm puá puâme.
23	Aliviar do pezo.....	Eporóc merim oâne. Bebuí.
24	Alfange.....	Taçára.
25	Alfavaca decobra.....	Arfabaca râna.
26	Alfaiate.....	Oba monhangára.

³⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Alforria, alforriar.....	Iemotaigoâra.
28	Algazarra.....	Çácé çacême
29	Algemar.....	Itá pó mondé.
30	Algodaó.....	Amanijú.

130v

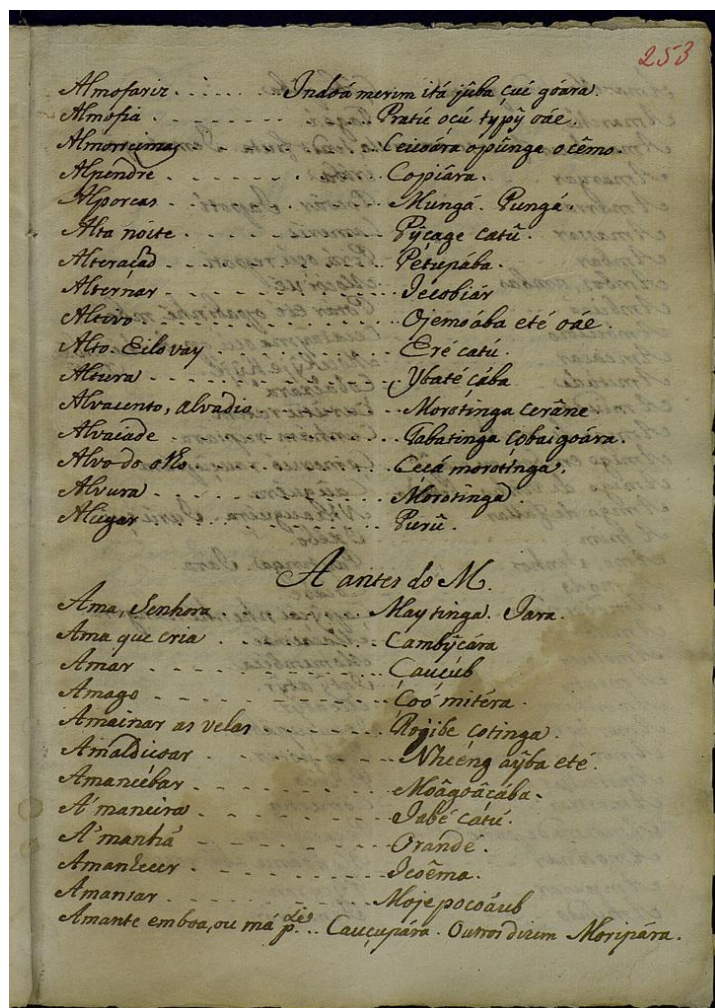
252³⁵

1		
2		
3		
4	Algoz.....	Póro jubicára.
5	Alguma couza.....	Mbáe amõ.
6	Alguidar.....	Nhaêm.
7	Algum somente.....	Mobÿr inhóte.
8	Alguma vez.....	Amõ ramé.
9	Algum tanto.....	Merûm nhôte
10	Algures.....	Môme nhôte.
11	Alheia couza.....	Amõ abá mbáe.
12	Alho.....	Ybarêma.
13	Alli.....	Oîme
14	Alicerce dequalq(e)r cousa.....	Epÿ
15	Alimentar.....	Iepõi.
16	Alimento.....	Tembiû
17	Alimaria.....	Coó oçú.
18	Alimpar lavando.....	cûtûe. Sendo pano, Petéca.
19	Alimpar esfregando.....	Iocib.
20	Alimpar varrendo.....	Pÿre
21	Alimpar espanando.....	ÿbÿ róca
22	Alimpar tirar ferrugem.....	Ketingóca.
23	Alimpar a alma.....	Ketingóca ânga
24	Alimpar arroz.....	Parabóca abatiî.
25	Alimpar o mato por baixo.....	Caá pÿir.
26	Alimpar de pedras.....	Itá jóca.
27	Alimpar puindo.....	Pó pupé ketíca.
28	Alimpador.....	Pyirçára.
	Alinhavar.....	Moabÿca jabénhote.
	Alizar.....	Mocîme.

³⁵ Anotação posterior.

29	Alivio.....	Pepÿtuçaba
30	Alma.....	Anga.
31	Almecega. ycica membeca.....	Ycicantâm ceáquera oãe.
32	Almiscar daterra. Pixana	repotí: assim lhe chamaõ.
33	Almoçar.....	Aramoçára.
34	Almofada, cabeceira.....	Acanga opába.

131r



1		253 ³⁶
2	Almofariz.....	Indoá merim itá jûba çué goara
3	Almofia.....	Pratú oçú typy oáe.
4	Almorreimas.....	Cecoára opûnga o cêmo.
5	Alpendre.....	Copiâra.
6	Alporcas.....	Mungá. Pungá.
7	Alta noite.....	Pýçage catú
8	Alteraçãõ.....	Petupába.
9	Alternar.....	Iecobiár
10	Altivo.....	Ojemo ába eté oáe.
11	Alto. Eilo vay.....	Eré catú
12	Altura.....	Ybaté çãba
13	Alvasento, alvadia.....	Moretinga cerâne.
14	Alvaiade.....	Tabatinga çobaigoára.
15	Alvodo olho.....	Ceçá morotinga.
16	Alvura.....	Morotinga.
17	Alugar.....	Purû.
18		A antes do M.
19	Ama, Senhora.....	May tinga. Iara.
20	Ama que cria.....	Cambýçar
21	Amar.....	Çauçub
22	Amago.....	Çoo mitéra.
23	Amainar as velas.....	Rogibe çotinga.
24	Amaldiçoar.....	Nheeng aýba eté.
25	Amancébar.....	Moâgoaçába -
26	A'maneira.....	Iabé catú.

³⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	A' manhã.....	Orandé.
28	Amanhecer.....	Icoêma.
29	Amansar.....	Moje pocoãub
30	Amante em bo, ou má p[†].....	Cauçupára. Outro dizem Moripára.

131v

254

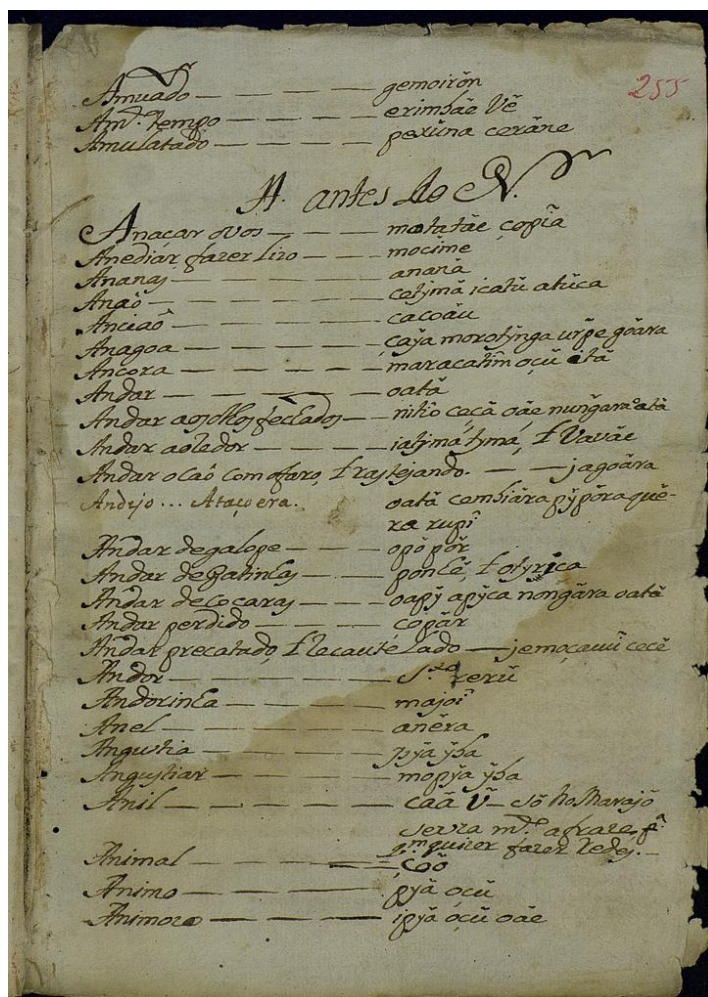
Amarcho, sendo pessoa	Çoba jûba
Amarcho	Tagoá.
Amarelecer, fazer se amarello	Iemotagoã
Amargar	iróba.
Amarrar	Pocoár. Iapoti.
Amassar	Camerié.
Ambar	Pira ocú repoti.
Ambos, ambas	Mocói ué.
Ambição	Potár eté opabinhé mbáe
Ameaçar	Cecataýma ocú opabinhé mbáe
Ametade	MoceKýjé Kýjé
A miúdo	Çobaexára
Amigo de mulheres	Curûtú rutém
Amigo em boa, ou má p[ar]	Cunhám rupiára.
Amigo de vinho, babado	Çamericó rauçúpára
Amigo de fallar	Caûguéra.
A mim	Nheauguéra. Iurú çuí.
Amo, Senhor	Ixébo.
A modo	Paytinga. Iára.
Amodornado	Coiábé.
Amolar	Çapýçái nhenhé nungára.
Amolecer	Moçaimbé.
A montes	Momembéea.
Amontar	Iatý atýr.
Amor honesto	Moatýr.
Amor dishonesto	Jeauçupába.
Amorralhar	Potár.
Amorralhar	Pókéca.
Amorralhar	Cameeng
Amorralhar de pano etc.	Pecangóera.
Amorralhar	No póame abá reie.
Amorralhar	Pýjýrín
Amorralhar	Iemoirón

254³⁷

1		
2	Amarello, sendo pessoa.....	Çoba jûba
3	Amarello.....	Tagoá.
4	Amarelecer, fazer se amarello.....	sendofruta. Iemotagoã
5	Amargar.....	iróba.
6	Amarrar.....	Pocoár. Iapoti.
7	Amassar.....	Camerié.
8	Ambas.....	Pixá ocú repoti.
9	Ambos, ambas.....	Mocói ué.
10	Ambição.....	Potár eté opabinhé mbáe.
11	Ambiciozo.....	cecataýma ocú opabinhé mbáe [recé ↓]
12	Ameaçar.....	MoceKýjé Kýjé.
13	Ametade.....	Çobaexára
14	A miúdo.....	Curûtú rutém
15	Amigo de mulheres.....	Cunhám rupiára.
16	Amigo em boa, ou má p[ar]	Çamericó rauçúpára
17	Amigo de vinho, -babado.....	Caûguéra.
18	Amigo defallar.....	Nheauguér. Iurú çuí.
19	A mim.....	Ixébo.
20	Amo, Senhor.....	Paytinga. Iára.
21	A modo.....	Coiábé.
22	Amodornado.....	Çapýçái nhenhé nungára.
23	Amolar.....	Moçaimbé.
24	Amolecer.....	Momembéea.
25	A montes.....	Iatý atýr.
26	Amontar.....	Moatýr.

³⁷ Anotação posterior.

27	Amor honesto.....	Ieauçupába.
28	Amo des honesto.....	Póro potár.
29	Amortallar.....	PoKéca.
30	Amostrar.....	Comeéng
31	Amos tra depano (et caetera).....	Peçangoéra.
32	Amotinar.....	Mopoâme abá recé.
33	Amparar.....	Pÿcÿrón
34	Amuado.....	Iemoirón

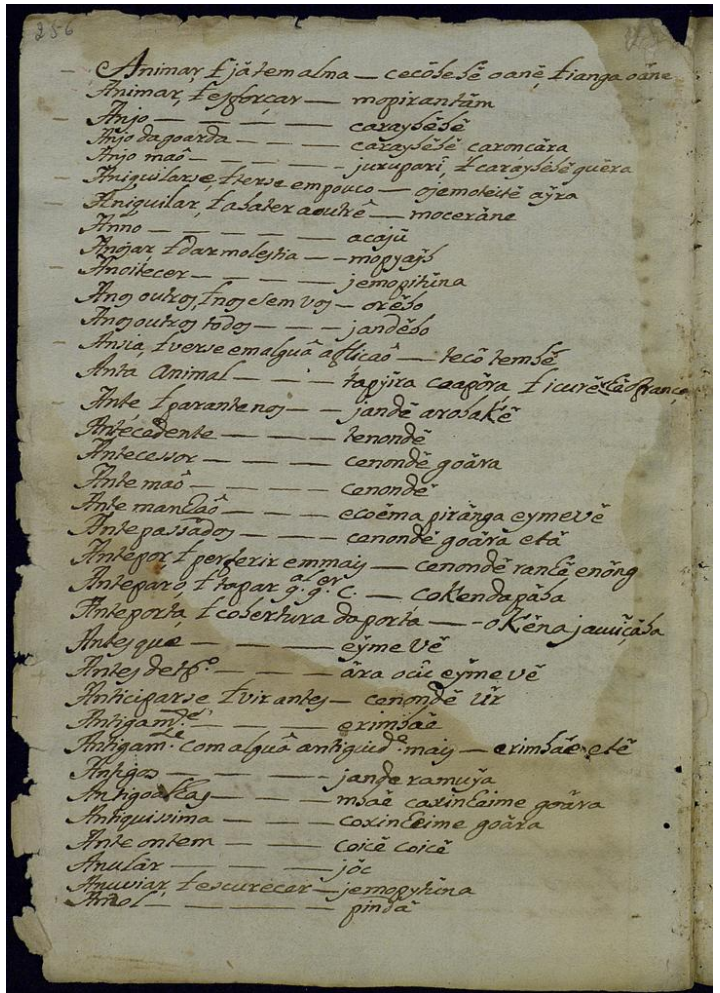


1		255 ³⁸
2	Amuado.....	gemoirón
3	Am(ui)to tempo.....	eximbaé Vé
4	Amulato.....	pexúna ceráne
5		A. antes do N.
6	Anaçar ovos.....	matatáe çopĩa
7	Anediar fazer lizo.....	mocime
8	Ananas.....	ananá
9	Anaõ.....	catymá icatú atúca
10	Anciaõ.....	cacoáu
11	Anagoa.....	caýa morotynga urpe goára
12	Ancora.....	maracatím oçú itá
13	Andar.....	oatá
14	Andar aos olhos fechados.....	nitio caçá oáe nungara [↑o]atá
15	Andar ao lados.....	iatyma tymá, £ uauãe
16	Andar o caõ com ofaxo, £ ras.....	tejando ----- jagoára
17	Andejo... Ataço era.....	oatá cambiára pýpóraqué-
18		ra rupí
19	Andar degalope.....	opó por
20	Andar depatinhas.....	ponhé, £ otyruca
21	Andar decocaras.....	oapý apýca nongára oató
22	Andar perdido.....	copár
23	Andar precatado, £ RecautéLado.....	-jemoçauú cecé
24	Andor.....	S(na)to ferú
25	Andorinha.....	majoî
26	Anel.....	anáera

³⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Angustia.....	pyá ýba
28	Angustiar.....	mopýa ýba
29	Anil.....	caá ú - só Nomarajó
30		seuza m(ui)to afraze p(ar)a
31		q(ue)m quizer fazer redes.-
32	Animal	, caó
33	Animo.....	pyá oçú
34	Animoza	ipyá oçú oáe

132v



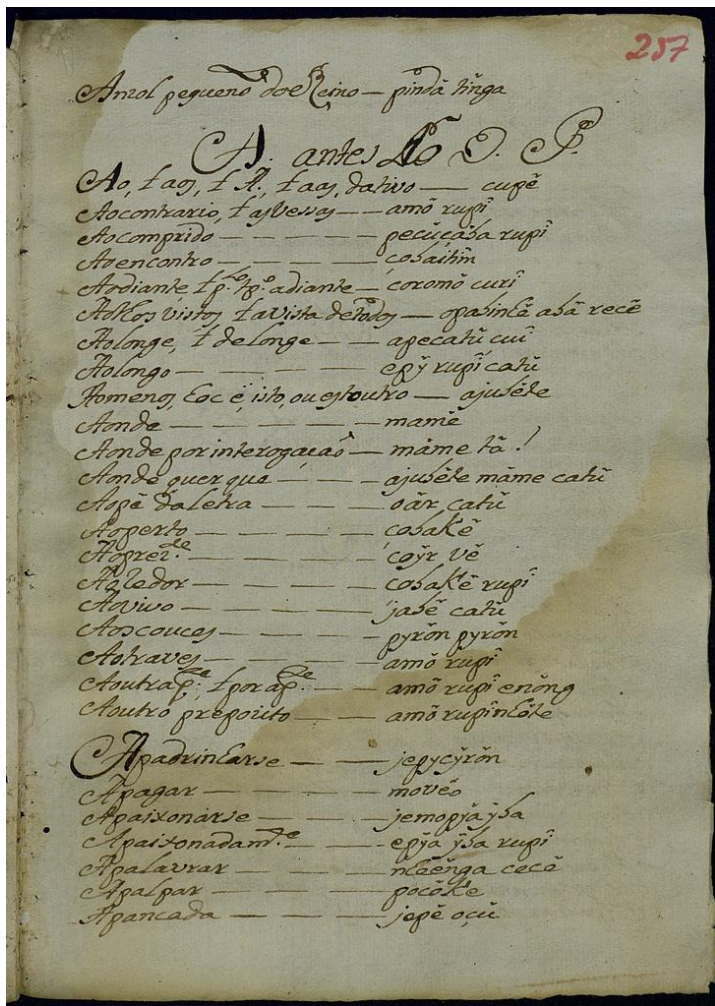
256³⁹

1		
2	Animar, £ já tem alma.....	cecóbé oané, fianga oáne
3	Animar,£ esforçar.....	mopirantám
4	Anjo.....	caraybébé
5	Anjo da goarda.....	caraybébé caronçára
6	Anjo maô.....	juruparí, £caraybébé guéra
7	Aniquilarse, £ se usa em pouco.....	ojemoteité áyra
8	Aniquilar, £ abater aoutrê.....	moceráne
9	Anno.....	acajú
10	Anojar, £ dar molestia.....	mopyayb
11	Anoitecer.....	jemopitúna
12	Anos outros, £ nos sem vos.....	arébo
13	Anos outros todos.....	jandébo
14	Ansia, £ verse em alguâ afflicão.....	tecó tembé
15	Anta animal.....	tapyíra caapóra ticuré hé ofrança
16	Ante, £ parante nos.....	jandé arobaké
17	Antecedente.....	kenondé
18	Antecessor.....	canondé goara
19	Ante maô.....	canondé
20	Ante manhaô.....	ecoéma piránga eymevé
21	Antepassados.....	canondé piránga eymeué
22	Antepor, £ perferir em mais.....	canondé ranhé enóng
23	Anteparo, £ tapar q(u)alq(u)er c(ouza).....	cokena pába
24	Anteporta, £ cobertura da porta.....	oKéna jacuícába
25	Antes que.....	eymé ué
26	Antes de £.....	ára ocié eýme ué

³⁹ Anotação posterior.

27	Anticiparse, £ vir antes.....	cariondé úr
28	Antigam(en)te.....	erimbaé
29	Antigam(en)te com lguâ	
	antiguid(a)de.....	mais - erimbaé eté
30	Antigos.....	jande ramuyá
31	Antigo olhas.....	mbaé caxinheime goára
32	Antiquissima.....	corinheime goára
33	Ante ontem.....	coicé coicé
34	Anular.....	jóc
35	Anuviar, £ escurecer.....	jemopytúna
36	Anzol.....	pindá

133r

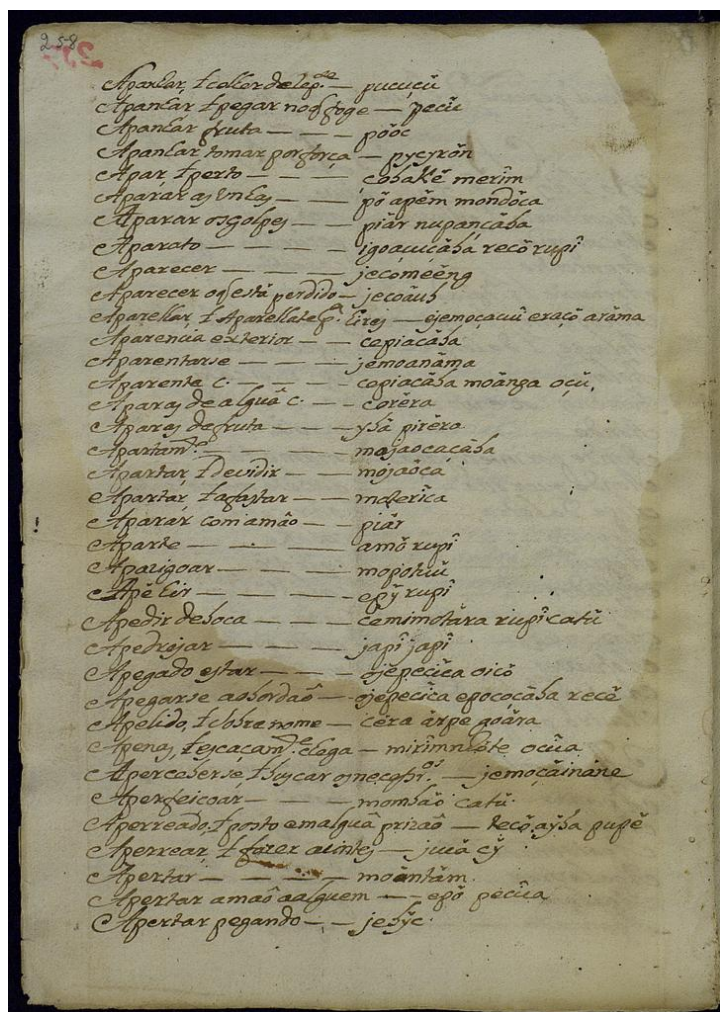


257⁴⁰

1		
2	Anzol pequeno do Reino.....	pindá tंगा
3		A. antes do O. P
4	Ao, f. aq, f. A., f. aq, dativo.....	cupé
5	Aocontrario, f. asvessas.....	amó rupi
6	Aocomprido.....	pecuçába rupi
7	Ao encontro.....	çobaitim
8	Aodiante, f. p(e)lo f. p(or) adiante.....	coromó curi
9	Aolhos vistos f. avista detodos.....	opabinhé abá recé
10	Ao londe, f. delonge.....	apecatú çui
11	Ao longo.....	epý rupi catú
12	Ao menos, hoc é, isto, ou esroutro.....	- ajubéte
13	Aonde.....	mamé
14	Aonde por interogação.....	máme tá?
15	Aonde quer que.....	ajubéte máme catú
16	Aopá da Letra.....	oár catú
17	Aoperto.....	çobaké
18	Ao prez(en)te.....	coyr ué
19	Ao lador.....	cobaké rupi
20	Aovivo.....	jabé catú
21	Aos couces.....	pyrón pyrón
22	Aotraves.....	amó rupi enóng
23	Aoutr p(ar)te, f. por ap(ar)te.....	amó rupi
24	Aoutro prepozito.....	amó rupinhóke
25	Apadrinharse.....	jepycýrón
26	Apagar.....	movéo

⁴⁰ Anotação posterior com caneta vermelha

27	Apaixonarse.....	jemopyá rupî
28	Apaixonadam(en)te.....	epyá yba rupî
29	Apalavras.....	nhaénga cecé
30	Apalpar.....	pocóke
31	Apancada.....	jopé oçú

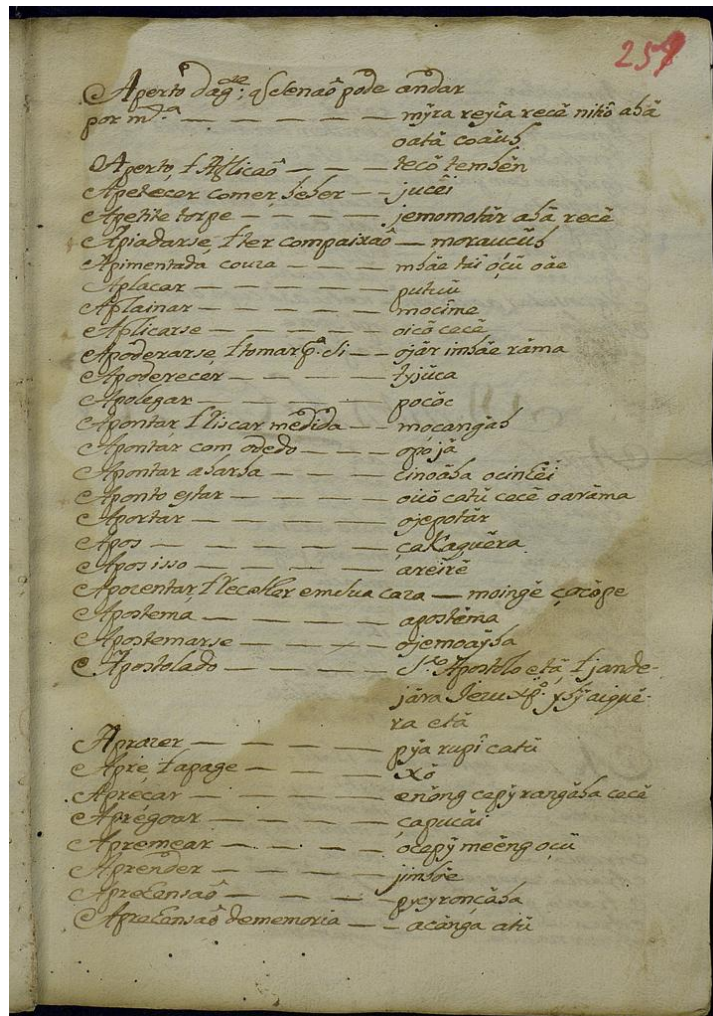


1	258 ⁴¹	
2	Apanhar, £ colher de[†].....	pucuçú
3	Apanhar £ pegar noq(ue) foge.....	pecúu
4	Apanhar fruta.....	poóc
5	Apanhar tomar por força.....	pycyrón
6	Apar, £ perto.....	cabaké merím
7	Aparar as unhas.....	pó apém mondóca
8	Aparar os golpes.....	piar nupançába
9	Aparato.....	igoaçuçába recó rupi
10	Aparecer.....	jecomeén
11	Aparecer oq(ue) está perdido.....	jecoáub
12	Aparelhar, £ Aparellarte p(ar)a hires.....	- ojemoçacuí eraçó aráma
13	Aparencia exterior.....	cepiaçába
14	Aparentarse.....	jemoanámo
15	Aparenta c(ouza).....	copiaçába moánga oçú
16	Aparas de alguâ c(ouza).....	corêra
17	Aparas da fruta.....	ybá piréro
18	Apartam(en)to.....	mojaocaçába
19	Apartar, £ devidir.....	mojaóca
20	Apartar, £ afastar.....	moferíca
21	Aparar com amão.....	piár
22	Aparte.....	amó rupi
23	Apazigoar.....	mopotuú
24	Apé hir.....	epý rupi
25	Apedir deboca.....	cemimotara rupi catú
26	Apedrejar.....	japî japî

⁴¹ Anotação posterior.

27	Apegado estar.....	ojepecíca oicó
28	Apegarse aobordaô.....	ojepecíca epocoçába recé
29	apelido, £ Sobre nome.....	céro árpe goára
30	Apenas, £ escaçam(en)te chega.....	mirîmnhóte oceía
31	Aperceber se, £ buscar os necess(a)r(i)os.....	jemoçáinane
32	Aperfeçoar.....	mombáo catú
33	Aperreado, £ posto amalgicâ prizaô.....	tecó ayjucá cýba pupé
34	Aperrér, £ fazer acintes.....	jucá cý
35	Apertar.....	moátám
36	Apertar a maô aalguem.....	epó pecûa
37	Apertar pegando.....	jebýe

134r

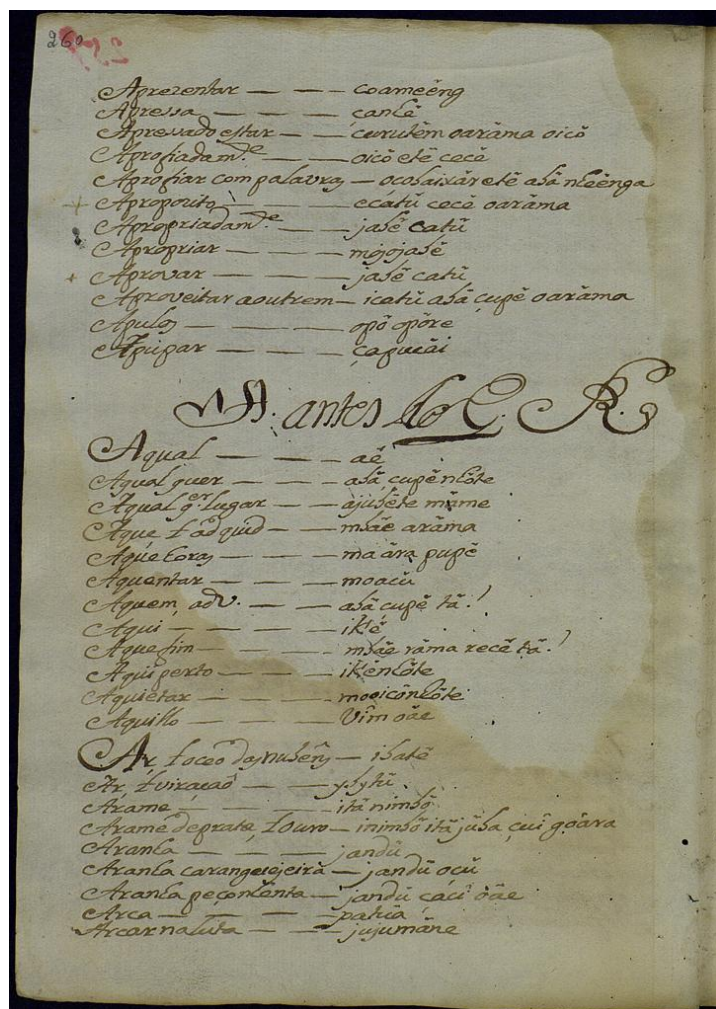
259⁴²

1		
2	Aperto daq(ue)le; q(ue) se não pode andar	mýra reyíca recé nitô abá
3	por m(ui)ta.....	oatá coaúb
4	Aperto, £ Aflicaô.....	tecó temben
5	Apetecer comer, bebe.....	jucêi
6	Apetite torpe.....	jemomotár abá recé
7	Apiadarse, £ ter compaixão.....	moraucúb
8	Apimentada couza.....	mbáe taí oçú oáe
9	Aplacar.....	putuú
10	Aplainar.....	mocîme
11	Aplicar.....	oicó cecé
12	Apoderarse, £ tomar p(ar)a si.....	ojár imbáe ráma
13	Apoderecer.....	tyúca
14	Apolegar.....	pocóc
15	Apontar, £ riscar medida.....	moçangáo
16	Aponta com odedo.....	opojá
17	Apontar a barba.....	cinoába ocinhéi
18	Aponto estar.....	oicó catú cecé oaráma
19	Aportar	ojepotár
20	Apos.....	çaKaquéra
21	Apos isso.....	areiré
22	Apozentar, £ recolher em sua caça.....	moingé çocópe
23	Apostema.....	apostéma
24	Apostemarse.....	ojemoayba
25	Apostolado.....	S(an)to apostollo etá, £ jande-
26		jára Iesu (Christ)o ybé aipué
27		ra etá

⁴² Anotação posterior com caneta vermelha.

28	Aprazer.....	pýa rupî catú
29	Apres, £ apage.....	xó
30	Apregar.....	enóng capý rangába cecé
31	Apregoar.....	çapucái
32	Apremeiar.....	acepý meéng oçú
33	Aprender.....	jimbáe
34	Aprehensão.....	pycyronçába
35	Aprehensão dememoria.....	acanga atú

134v

260⁴³

1		
2	Aprezentar.....	coameéng
3	Apressa.....	canhé
4	Apressado estar.....	curutém oaráma
5	Aprofiadam(en)te.....	oicó eté cecé
6	Aprofiar com palavras.....	oçobaixár eté abá nheénga
7	Aproposito.....	ecatú cecé oaráma
8	Appropriadam(en)te.....	jabé catú
9	Appropriar.....	mojobabe
10	Aprovar.....	jabé catú
11	Aproveitar aoutrem.....	icatú abá çupé oaráma
12	Apulos.....	opó opóre
13	Apipar.....	çapucái

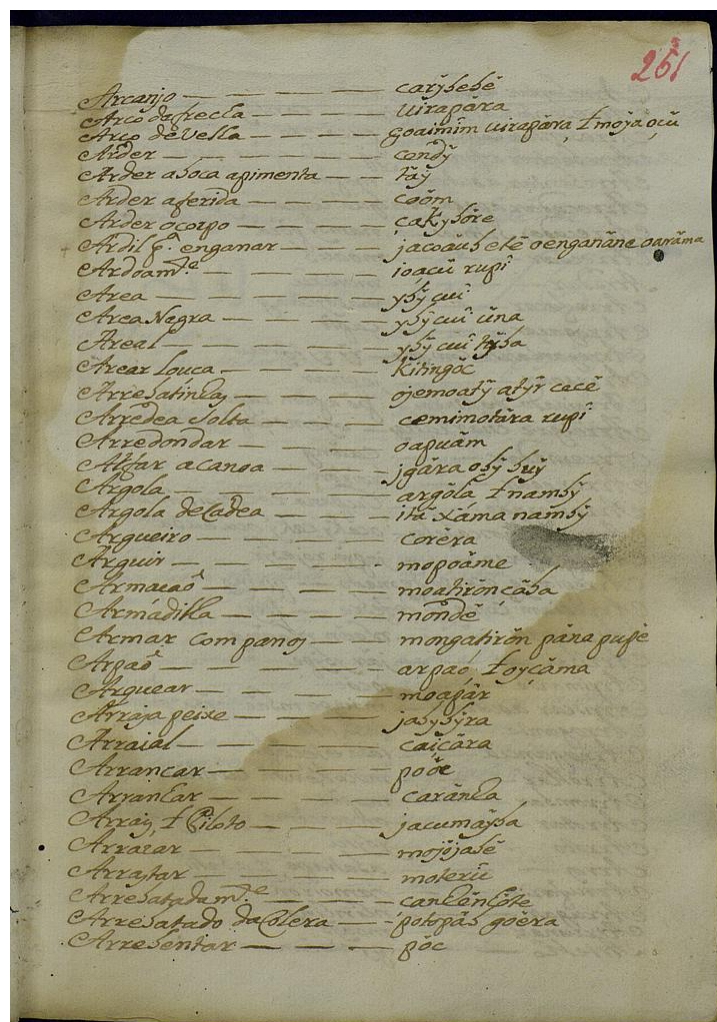
A antes de Q . R.

14		
15	A qual.....	aé
16	Aqual quer.....	abá çupé nhóte
17	Aqualq(u)er lugar.....	ajúbete máme
18	Aque £ ad quid	mbáe aráma
19	Aque horas.....	ma ára pupé
20	A quantas.....	moacú
21	Aquem, adv(erbio).....	abá çupé tá?
22	Aqui.....	iKé
23	Aquefim.....	mbaé ráma recé tá?
24	Aqui perto.....	iKénhóte
25	Aquietar.....	mooicônhóte

⁴³ Anotação posterior.

26	Aquillo.....	Uîm oáe
27	Ar, £ oceo das nubêns.....	ibaté
28	Ar, £ viraçãô.....	ybytú
29	Arame.....	itá nimbó
30	Arame deprato, £ ouro.....	inimbó itá júba luî goára
31	Aranha.....	jandú
32	Aranha caranguejeira.....	jandú oçú
33	Aranha peçonhenta.....	jandú çacî oáe
34	Arca.....	patuá
35	Arcar naluta.....	jujumáne

135r



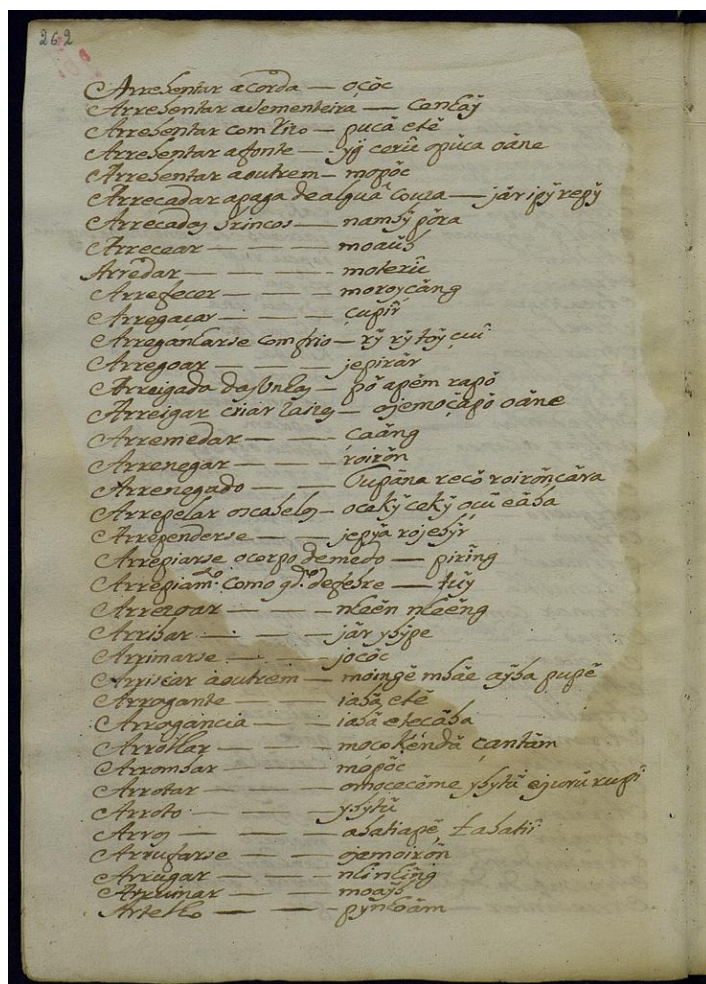
Arcanjo	carisebê
Arco da frecha	uirapára
Arco de Vella	hoaimim uirapára, f moýa ocú
Arder	cendý
Arder a boca apimentada	táy
Arder aferida	coóm
Arder a corpo	çaKybóre
Ardil p. enganar	jacoáubeté oenganáne oaráma
Ardoam(en)te	ioaçú rupi
Area	yby çui
Area Negra	yby çui cína
Areal	yby çui týba
Arreá Louça	Kitingóc
Arrebatinha	ojemoatý atý cecé
Arredeá solta	cemimotára rupi
Arredondar	oapuám
Alfar acanoa	jgára oby bý
Argola	argóla, f nambý
Argola de cadea	itá cáma nambý
Argueiro	coréra
Arguir	mopoáme
Armação	moatiróçaba
Armadiça	mondé
Armar com panos	mongatiróm pána pupé
Arpaô	arpaô, f oyçáma

1		
2	Arcanjo.....	carybebé
3	Arco da frecha.....	uirapára
4	Arco de vella.....	hoaimim uirapára, f moýa ocú
5	Arder.....	cendý
6	Arder a boca apimentada.....	táy
7	Arder aferida.....	coóm
8	Arder a corpo.....	çaKybóre
9	Ardil p(ar)a enganar.....	jacoáubeté oenganáne oaráma
10	Ardoam(en)te.....	ioaçú rupi
11	Area.....	yby çui
12	Area Negra.....	yby çui cína
13	Areal.....	yby çui týba
14	Areal louça.....	Kitingóc
15	Arrebatinhas.....	ojemoatý atý cecé
16	Arredeá solta.....	cemimotára rupi
17	Arredondar.....	oapuám
18	Alfar acanoa.....	jgára oby bý
19	Argola.....	argóla, f nambý
20	Argola de cadea.....	itá cáma nambý
21	Argueiro.....	coréra
22	Arguir.....	mopoáme
23	Armação.....	moatiróçaba
24	Armadiça.....	mondé
25	Armar com panos.....	mongatiróm pána pupé
26	Arpaô.....	arpaô, f oyçáma

261⁴⁴⁴⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Arquear.....	moapár
28	Arraja peixe.....	jabybýra
29	Arraial.....	caiçára
30	Arrancar.....	poóc
31	Arranhar.....	caránha
32	Arrais, £ Piloto.....	jacumayba
33	Arrazar.....	mojójabé
34	Arrastar.....	moterú
35	Arrebatadam(en)te.....	candénhóke
36	Arrebatado dacolera.....	potopáb goéra
37	Arrebentar.....	póc

135v



1	262 ⁴⁵	
2	Arrebeitar a corda.....	oçóc
3	Arrebeitar a sementeira.....	cenhay
4	Arrebeitar com Yizo.....	pucá eté
5	Arrebeitar a fonte.....	yg ceríe opúca oáne
6	Arrebeitar aoutrem.....	mopóc
7	Arrecadar apaga dealguâ couza.....	- jár ipý repý
8	Arrecados brincos.....	namby póra
9	Arrecaar.....	moaúb
10	Arredar.....	moteríe
11	Arrefecer.....	moroycáng
12	Arregaçar.....	çupír
13	Arreganhar-se com frio.....	rý rý tóy çuî
14	Arregoar.....	jepirár
15	Arraigada das Vnhas.....	pó apém rapó
16	Arreigar criar Raizes.....	ojemoçápó oáne
17	Arremedar	çaáng
18	Arrenegar.....	roirón
19	Arrenegado.....	Tupána recó roirónçára
20	Arrepelar os cabelos.....	aceký ceKý oçú eába
21	Arrepende-se.....	jepyá rojebýr
22	Arrepiarse o corpo demedo.....	piríng
23	Arrepiam(en)to como q(uan)do defebre	túy
24	Arrezoar.....	nheén nheéng
25	Arribar.....	jár ybýpe
26	Arrimarse.....	jocóc

⁴⁵ Anotação posterior.

27	Arriscar aoutrem.....	moingé mbáe aýba pupé
28	Arrogante.....	iabá eté
29	Arrogancia.....	ibé eteçába
30	Arrolhar.....	moçoKendá cantám
31	Arrombar.....	mopóc
32	Arrotar.....	omocecéme ybytú ejurú rupî
33	Arroto.....	ybytú
34	Arros.....	abatiapé, £ abafî
35	Arrufarse.....	ojamoirón
36	Arrugar.....	nhinnhíng
37	Arruinar.....	moáyb
38	Artelho.....	pynhoám

263

Artemijem	aratemiza
Arteria	çagica ocú
Artifice	monhangára
Artigos dafe	S(an)ta m(adr)e Igr(ej)a recó recobiaçára
Arvore	ymyrá
Arvore frutifera	imyrá, £ ybá oáe

II. antes de S. T.

Arvore	amó ramé
Asaltados soldados	Sorara etá pycyrónçába
Asco ter	jeguarú
Asmadoença	averána
Asperam(ente)	çacî rupî
Aspero	çaimbé
Ascar testemunho	modár
Asanhar	moinharón
Asar	mixíre
Asadura	mixíra
Asar fazer moquem	mocaém
Asegurar q(ue) não fuja	pecíca catú
Asemelhar	mojojabé
Asentar aoutrem	moapýca
Asentar ameza	oapýca Vmauçápe
Asento	apycába
Asentar no Sol	moapýca papéra pupé

1		
2	Artemijem.....	aratemiza
3	Arteria.....	çagica ocú
4	Artifice.....	monhangára
5	Artigos dafé.....	S(an)ta m(adr)e Igr(ej)a recó recobiaçára
6	Arvore.....	ymyrá
7	Arvore dafrutifera.....	imyrá, £ ybá oáe
8		A. antes de S. T.
9	As vezes.....	amó ramé
10	Asaltados soldados.....	Sorara etá pycyrónçába
11	Asco ter.....	jeguarú
12	Asmadoença.....	averána
13	Asperam(en)te.....	çacî rupî
14	Aspero.....	çaimbé
15	Ascar testemunho.....	modár
16	Asanhar.....	moinharón
17	Asar.....	mixíre
18	Asadura.....	mixíra
19	Asar fazer moquem.....	mocaém
20	Asegurar q(ue) não fuja.....	pecíca catú
21	Asemelhar.....	mojojabé
22	Asentar aoutrem.....	moapýca
23	Asentar ameza.....	oapýca Vmauçápe
24	Asento.....	apycába
25	Asentar no Sol.....	moapýca papéra pupé

⁴⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

26	Asetear.....	jemú jamú
27	Asim como asim.....	ajubeté jabé, £ nitfo jabé
28	Asim foi naverd(a)de.....	çupê jabé oaquéra
29	Asim he sem duvida.....	titubé
30	Asim he.....	çupî jabá
31	Asim deverer.....	jabé ipó
32	Asim como.....	jabé nungára
33	Asim demonstrativo.....	coaäbé
34	Asinalar.....	mocangáb
35	Asistir.....	oitónhánhé
36	Asistencia.....	cacoçába

136v

264

Atalhar	caaraépe enóng
Atobar	ambý óca
Atobarbar alguã c.	mojepypýcanongára
Atobar	mocanhemo
Atobarbar aoutram	mocekyjé
Atobarbar fazer sombra	jaçuí coaraci cui?
Atoprar	pejuçaba
Atopro	pejú
Atoviar	tomonheéng
Atoviaror	tomonheéng goéra
Atovio instrom	membý merím
Atustarse	jacanhemo
Astucia	ceçá eté
Asvessas	epý ketý
Asvultas	jatimá tymane
Atabalhoadam	jabé nhóte, £ teémnhóte
Atadura	pecoçába
Atalhar	çobaitím
Atanto por tanto	cecé
Atarde	caaruca ramé
Atar	pocoár, £ japoty
Atarracar	moantám
Athe	athé
Athe agora	athé cuýr
Athe qd	athé mizá ramé catú tá?
Athe ali	athé cime
Atear fogo	cajý tata
Atemorar	mocekyjé
Atempo oportuno	ara catú pupé
Atencas noauvi	jeapycacá
Atender	jejýa mongetá
Atentar por si	jemocacuí
Atirar	japi
Atoleiro	tojuçapába
Atolar	ocó epýpe tojuçapupé
Atirar opao	monlocaca
Atolar	juçajá
Atormentar	mogoxara

264⁴⁷

1		
2	Asolhar.....	coaraépe enóng
3	Asoar.....	ambý óca
4	Asobarbar alguã c(ouza).....	mojepypýcanongára
5	Asolar.....	mocanhemo
6	Asombrar, aoutram.....	moceKyké
7	Asombrar fazer sombra.....	jaçuí coaraci cui
8	Asoprar.....	pejuçaba
9	Asopro.....	pejú
10	Asoviar.....	tomonheéng
11	Asoviaror.....	tomonheéng goéra
12	Asovio instrom(en)to.....	membý merím
13	Asustarse.....	jacanhemo
14	Astucia.....	ceçá eté
15	Asvessas.....	epý ketý
16	Asvultas.....	jatimá tymane
17	Atabalhoadam(en)te.....	jabé nhóte, £ teémnhóte
18	Atadura.....	pecoçába
19	Atalhar.....	çobaitím
20	Atanto por tanto.....	cecé
21	Atarde.....	caaruca ramé
22	Atar.....	pocoár, £ japoty
23	Atarracar.....	moantám
24	Athe.....	athé
25	Athe agora.....	athé cuýr

⁴⁷ Anotação posterior.

26	Athe q(uan)do.....	athé mbaé ramé catú tá?
27	Athe ali.....	athé oîme
28	Azear fogo.....	çapý tatá
29	Atemorizar.....	moceKyjé
30	Atempo oportuno.....	ára catú pupé
31	Atençaô no ouvir.....	jeapyçacár
32	Atender.....	jepyá mongetá
33	Atentar por si.....	jemoçacuî
34	Atirar.....	japî
35	Atoleiro.....	tejudopába
36	Atolar.....	açó epýpe tejúca pupé
37	Atorar opaó.....	modoçóca
38	Atordar.....	jucaýba
39	Atormentar.....	moporará

137r

265

Atorto, edereito	cemimotára rupî nhóte
Atrahir	ceKî
Atrancar	moantá imyrá pupé
Atra	çakaguêta
Atraves	amó rupî
Atrazar	mojebýr çakaguêra Ketî
Atração	ecupé rupî
Atrevidam, te hoc é de animo	puá oçu rupî
Atreuir	moáub
Atribular	mocaneón
Atroar	eapycá mocanhémo

A. antes do V. L.

Avaliação	copy nong
Aventajem	purýb
Avarento	cecataýma
Audacia	pyá oçu
Ave Lapina	guyrá oçu
Ave	guyrá
Aventurar	çaáng
Aver mister	oicó tembé
Averse bem	oicó catú
Averse mal	nitió oicó catú
Averigoar averd	mojecoauß cupicába
Aveso	pý
Avesar	seriô aýsa
Averax	mojepécoauß
Aumentar	moápy
Avarie	oje mocanãne imdã rocé
Avisar	memorandus
Aviso	maxanduba
Avisar	jecoauß
Aviso, delua f. contra	hamuya
Aviso, delua f. contra	aryá
Avaricia	copé rupî, çakaguêra - hamdiver

1		
2	Atorto, edereito.....	cemimotára rupî nhóte
3	Atrahir.....	ceKî
4	Atrancar.....	moantá imyrá pupé
5	Atras.....	çaKquêra
6	Atraves.....	amó rupî
7	Atrazar.....	mojebýr çakaguêra Ketî
8	Atração.....	ecupé rupî
9	Atrevidam(en)te hoc é de animo.....	puá oçu rupî
10	Atrebuir.....	moáub
11	Atribular.....	mocaneón
12	Atroar.....	eapycá mocanhémo

265⁴⁸

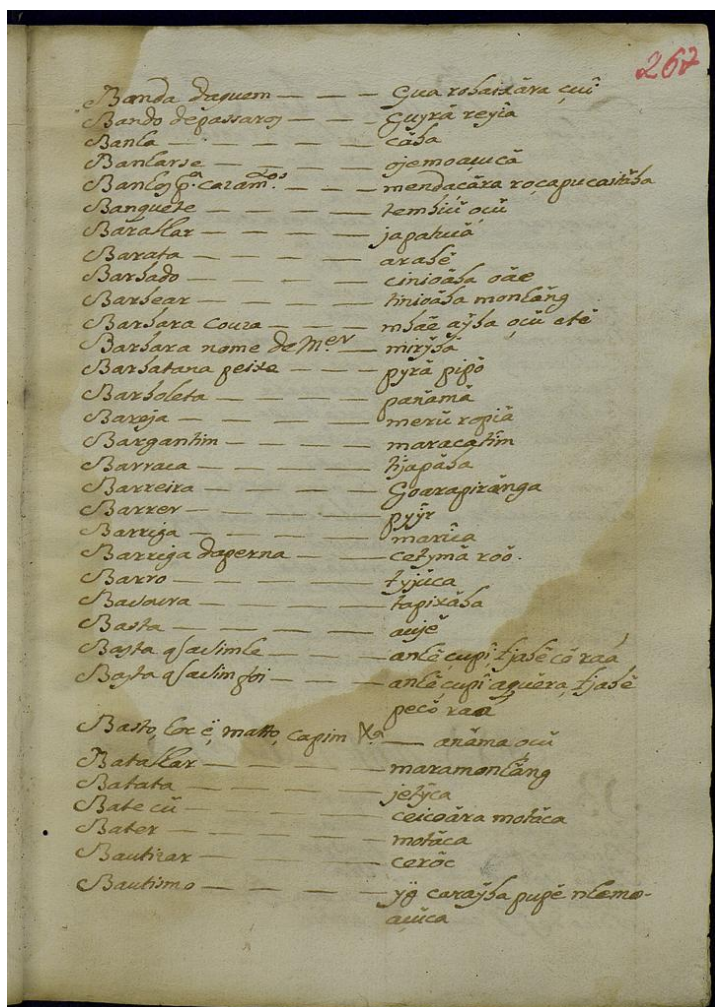
13		A. antes do V. L.
14	Avaliação.....	copy nong
15	Aventajem.....	purýb
16	Avarento.....	cecataýma
17	Audacia.....	pyá oçu
18	Ave Lapina.....	guyrá oçu
19	Ave.....	guyrá
20	Aventurar.....	çaáng
21	Aver mister.....	oicó tembé
22	Averse bem.....	oicó catú
23	Averse mal.....	nitió oicó catú
24	Averigoar averd(ad)e.....	mojecoauß cupicába
25	Aveso.....	pý

⁴⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

26	Avexár.....	oericó aýba
27	Avezar.....	mojepecoáub
28	Augmentar.....	moapýr
29	Aviarse.....	ojemoçaináne imbaé recé
30	Avizar.....	momorandúb
31	Avizo.....	morandúba
32	Avistar.....	jecoáúb
33	Avo; de hua p(ar)te eoutra.....	tamuyá
34	Avó, de huâ p(ar)te, eoutra.....	aryá
35	Auzencia.....	copé rupî, çaKaquéra - temdiver

29	Balayó.....	varaýa
30	Balança.....	çaangába
31	Balancearse.....	jatimbór
32	Balancearse acanoa.....	ogerégeréo
33	Baleja.....	pirá oçú paraná oçú póra
34	Bancos de Area.....	yby cuî oçú
35	Banda da Sem.....	çobaidápe

138r



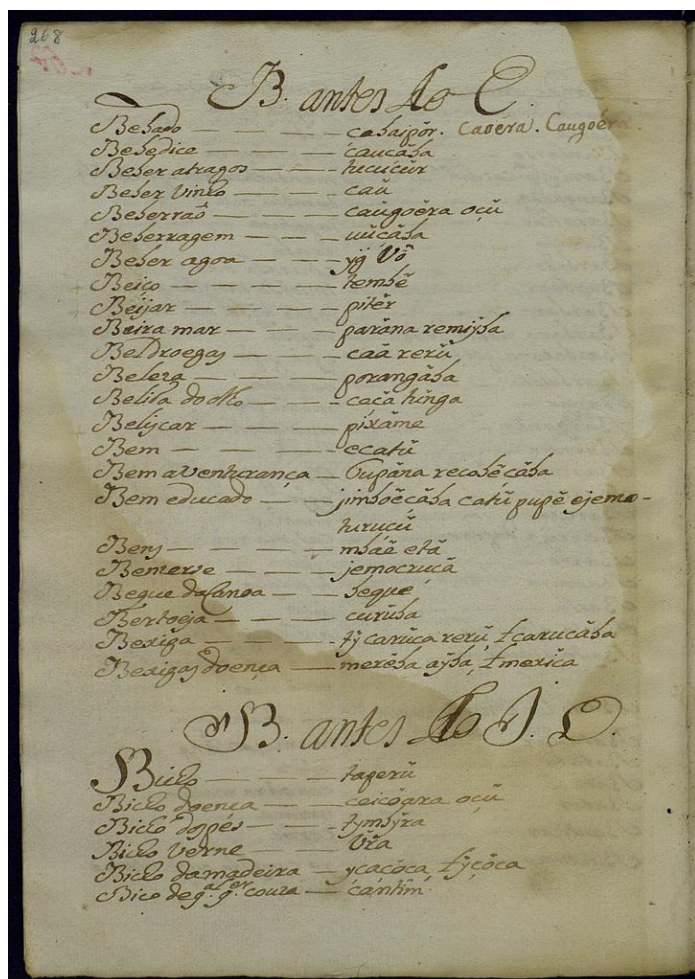
1		
2	Banda daquem.....	gua rebairára çuî
3	Bando de passaros.....	guyrá reyîa
4	Banha.....	cába
5	Banharse.....	ojemoaçicá
6	Banhos p(ar)a cazam(en)tos.....	mendaçára roçapucaitába
7	Banquete.....	tembiú oçú
8	Barallar.....	japatucá
9	Barata.....	arabé
10	Barbado.....	cinioába oáe
11	Barbear.....	tinioába monhaág
12	Barbara couza.....	mbaé aýba oçú eté
13	Barbara nome de m(ulh)er.....	mirýba
14	Barbatana peixe.....	pyrá pipó
15	Borboleta.....	panámá
16	Bareja.....	merú ropiá
17	Bargantim.....	maracotim
18	Barraca.....	tíjapába
19	Barreira.....	Goarapiránga
20	Barrer.....	pyýr
21	Barriga.....	maríca
22	Barriga daperna.....	cetyma roó
23	Barro.....	tyjúca
24	Basoura.....	tapixába
25	Basta.....	aujé
26	Basta q(ue) asim he.....	anhé cupî, £ jabé cé raá

267⁵⁰

⁵⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Basta q(ue) asim foi.....	anhé cupî, quéra £ jabé
28		pecó raá
29	Basto, hoc ẽ, matto, capim et caetera.....	- anáma oçú
30	Batalhar.....	maramonháng
31	Batata.....	jetýca
32	Bate cú.....	ceicoára motáca
33	Bater.....	motáca
34	Bautizar.....	ceróc
35	Bautismo.....	yg carayýba pupé nhemo-
36		açúca

138v

268⁵¹

B. antes do E.

1		
2		
3	Bebado.....	çabaipór. caoéra. Cauçoéra
4	Bebedice.....	caucába
5	Beber a tragos.....	tucucúr
6	Beber vinho.....	caú
7	Beberraô.....	caúgoéra oçú
8	Beberragem.....	uúçába
9	Beber agora.....	yg Vô
10	Beijo.....	tembé
11	Beijar.....	pitér
12	Beira mar.....	parána remýba
13	Beldroegas.....	caã rerú
14	Beleza.....	parangába
15	Belida do olho.....	caçá hinga
16	Beliscar.....	piráme
17	Bem.....	ecatú
18	Bem aventurança.....	Tupána recobé çába
19	Bem educado.....	jimboéçába catú pupé ojemo-
20		turuçú
21	Bens.....	mbaé etá
22	Benzerse.....	jemocruçá
23	Beque dacanoa.....	bequé
24	Bertoeja.....	curúba
25	Bexiga.....	tý carúca rerú, £ caruçába
26	Bexigas doença.....	meréba aýba, £ meríca

⁵¹ Anotação posterior.

27		B. antes do I. D.	
28	Bicho.....	taperú	
29	Bicho doença.....	caicóara oçú	
30	Bicho dos pés.....	tymbýra	
31	Bicho verme.....	Vra	
32	Bicho damadeira.....	yçaçóca tyçóca	
33	Bico de q(u)alq(u)er couza.....	cantîm	

139r

267

Bigodes	amotába
Biscuito	meapê antâm
Boa Couza	mabae catú
Boa Condição	angaturáma
Boas noutes	enepetúna catú
Bobo	moçaráigoéra
Boca	jurú
Boca danoute	pitú pitúna
Boca doRio	ygarapé romçápe
Bochacha	catypý
Bode	çuaçumé apyába
Bofe	pyá bubuí
Bofetear	çobá petéca
Boy	tapyra apyába
Bolor	çabé
Bom	catú
Bom trato em q(u)alq(ue)r c(ouza)	oericó catú
Bonança	ára catú
Bondade	catuçába
Borbulha	curúba
Bordaô	pocoçába
Borra	typotí - merda
Bostella	meréba piréra
Botar os dentes	moayb caynha
Botar a perder	moayb
Botar a lancar	momóxe
Batida	pocanga rendába
Boto peixe	pyra jaguára
Boutey	gynla
Bouina	memsý
Bras	nôa
Bradar	capuçai

B. antey B. P. C.

1		269 ⁵²
2	Bigodes.....	amotába
3	Biscuito.....	meapê antâm
4	Boa couza.....	mabae catú
5	Boa condição.....	angaturáma
6	Boas noutes.....	enepetúna catú
7	Bobo.....	moçaráigoéra
8	Boca.....	jurú
9	Boca danoute.....	pitú pitúna
10	Boca doRio.....	ygarapé romçápe
11	Bochacha.....	catypý
12	Bode.....	çuaçumé apyába
13	Bofe.....	pyá bubuí
14	Bofetear.....	çobá petéca
15	Boy.....	tapyra apyába
16	Bolor.....	çabé
17	Bom.....	catú
18	Bom trato em q(u)alq(ue)r c(ouza).....	oericó catú
19	Bonança.....	ára catú
20	Bondade.....	catuçába
21	Borbulha.....	curúba
22	Bordaô.....	pocoçába
23	Borra.....	typotí - merda
24	Bostella.....	meréba piréra
25	Botar os dentes.....	moayb caynha

⁵² Anotação posterior com caneta vermelha.

26	Botar aperder.....	mpayíb
27	Botar, lançar.....	mombóre
28	Botica.....	poçánga rendába
29	Boto peixe.....	pyrá jagoára
30	Boubas.....	pynha
31	Boina.....	membý
32	B. antes. do R. U.	
33	Braço.....	ybá
34	Bradar.....	çapucái

139v

210
195

Bramar	—	—	cacame
Branco da cabeça	—	—	ába morotínga
Branco do pao	—	—	imyrá morotínga
Branco português	—	—	carýba
Brandura	—	—	pýa mombéca
Branquear	—	—	momorotínga
Braza	—	—	tatá pýnha
Braveza	—	—	nharónçába
Breu	—	—	ycicantám
Brear	—	—	moecíca
Brevem	—	—	curutém
Brigar	—	—	maramonháng
Brincar	—	—	jemoçarái
Brotar	—	—	poróc
Brusco dia	—	—	ára Kyíe
Bruza	—	—	maracaímbára
Bucho	—	—	cipipé ocú
Bugio	—	—	macáca
Bulhaô deagoa	—	—	yg bubyra
Bulir	—	—	eauKý
Buraco	—	—	coára
Buscar	—	—	cecár
Buzio	—	—	oatapú ocú

antes do C.

Cabeça de cabaca	—	—	cabaiú
Casga	—	—	leijupáoa
Caseca	—	—	acánga
Caseca de genação	—	—	ypí
Caseca de milho	—	—	naréma acánga
Caseca de milho	—	—	ypí apó ocú
Caseca de milho	—	—	gapi acánga pupé

270⁵³

1	Bramar.....	çaçóme
2	Branco da cabeça.....	ába morotínga
3	Branco do pao.....	imyrá morotínga
4	Branco por hegos.....	carýba
5	Brandura.....	pýa mombéca
6	Branquear.....	momorotínga
7	Braza.....	tatá pýnha
8	Braveza.....	nharónçába
9	Breu.....	ycicantám
10	Brear.....	moecíca
11	Brevem(en)te.....	curutém
12	Brigar.....	maramonháng
13	Brincar.....	jemoçarái
14	Brotar.....	poróc
15	Brusco dia.....	ára Kyíe
16	Bruza.....	maracaímbára
17		
18	Bucho	cipipé ocú
19	Bugio.....	macáca
20	Bulhaô deagoa.....	yg bubyra
21	Bulir.....	eauKý
22	Buraco.....	coára
23	Buscar.....	cecár
24	Buzio.....	oatapú ocú

⁵³ Anotação posterior.

25	C. Antes do A.	
26	Cabaço £ cabaça.....	cabaçú
27	Cabana.....	tajupába
28	Cabeça.....	acánga
29	Cabeça degeraçãô.....	ypý
30	Cabeça de alhos.....	ypý
31	Cabeças de agoa.....	ygapó oçú
32	Cabeçada.....	japî acánga pupé

140r

+ Cabecear	ocatáca eacánga pupé
Cabeceira	acánga pába
Cabeceira de Igarapé	ygarapé reapyra
Cabeçudo, £ Rude em aprender	çatám eacánga
Cabello	ába
Caber	nitô osíca, £ nitô haeiké coaúb
Cabo de q. q. instrum.	yba
Cabo de terra sobre amar	paraná ramyýba
Cabra	çuácumé
Cabrunco doença	jatyî ayba
Caca	çoó
Caçar	caá modó
Caçador	caá mondaçára
Cachaço	ajurepý
Cachimbo	pitybáo
Cacho	çaryba
Cachos	yğ bubyra
Cachoeira	yğ tú
Cada hum	jabé jabé
Cadea de ferro	itá cáma
Cadeira	oapycába oçú
Cagar	caáu
Caganeira	caá caáu
Caibro	caibro
Cair	oár
Cair a fruta	coçoi
Cair evidente	canêa coçoi
Cair o coqueando	yğ çayca
Cajiz	acajú
Caixa	pakú
Cal	yğ xý cui
Caldeirão de ferro	yğ çeyre
Caldeirão	caldeirão
Calor	hexeym
Calçar com a mão	pó pye

1		
2	+ cabecear.....	ocatáca eacánga pupé
3	cabeceira.....	acánga pába
4	cabeceira da Igarapé.....	ygarapé reapyra
5	cabeçudo, £ Rude em aprender.....	çatám eacánga
6	cabello.....	ába
7	caber.....	nitô osíca, £ nitô haeiké coaúb
8	cabo de q(ual)q(er instrum(en)to.....	yba
9	cabo de terra sobre amar.....	paraná ramyýba
10	cabra.....	çuácumé
11	cabrunco doença.....	jatyî ayba
12	caça.....	çoó
13	caçar.....	caá modó
14	caçador.....	caá mondaçára
15	catchaço.....	ajurepý
16	cachimbo.....	pitybáo
17	cacho.....	çaryba
18	cachos.....	yğ bubyra
19	cachoeira.....	yğ tú
20	cada hum.....	jabé jabé
21	cadea de ferro.....	itá cáma
22	cadeira.....	oapycába oçú
23	cagar.....	caáu
24	caganeira.....	caá caáu
25	caibro.....	caibro
26	cair.....	oár

271⁵⁴⁵⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	cair a fruta.....	cocói
28	cair os dentes.....	çanha cocõi
29	cair escorregando.....	pý carýca
30	cajus.....	acajú
31	caixa.....	patuá
32	cal.....	yrý rý cuî
33	caldeiros do Rio.....	yg jebyre
34	calefetar.....	calefetar
35	calar.....	Kererým
36	colear com as mãos.....	pópýe

140v

272

Calcar com os pes	pyrón
Calcanhar	pý ropitá
Calçoens	torína
Caldeira de Agoa benta	yğ carayba rerú
Calma	ará çacú £ coaracy çacú
Calvo	apekexínga
Camaliaô	çanembý
Cameras doença	toxica, £ caá caáo
Cameras de sangue	taputý piránga
Camaroens	camaraó, £ potý
Cambada de peixe	pyrá apitáma
Caminhar	hoátá
Caminho	pé
Camiza	camixá
Campainha	tamaracá merím
Campanario	tamaracá rendába
Campina	campina
Cana daperna	catymá cangoéra
Canal de Agoa	yğ cererucába
Canavial	candýba
Candea	canéa rerú
Canhoto	jacú oae
Canoa	jgára
Cansaço	canénçába
Cansar aoutrem	mocaneón
Cantar	nlaengar
Cantiga	nlaengara
Cantareira	camolim rendába
Canto da cara	oca ogý
Cam	jagára
Capado	nito capia oae
Capaz	capia joca
Capata	verecoára
Capella do joio	caçá arisó goára
Capim	capjim

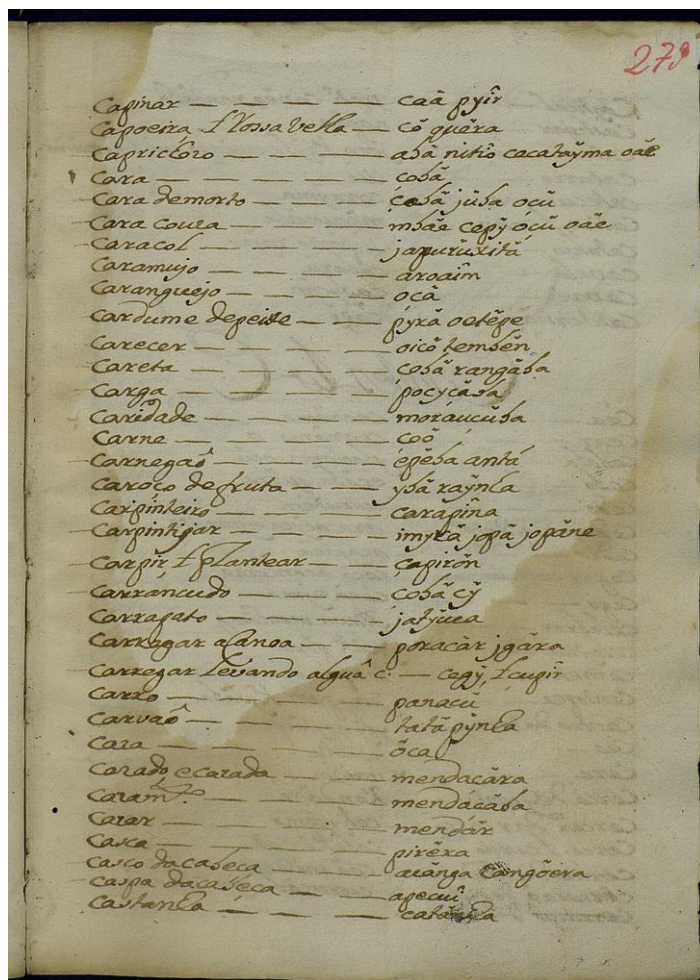
272⁵⁵

1		
2	calcar com os pes.....	pyrón
3	calcanhar.....	pý ropitá
4	calçoens.....	torína
5	caldeira de Agoa benta.....	yğ carayba rerú
6	calma.....	ará çacú £ coaracy çacú
7	calvo.....	apekexínga
8	camaliaô.....	çanembý
9	cameras doença.....	toxica, £ caá caáo
10	cameras de Sangue.....	taputý piránga
11	camaroens.....	camaraó, £ potý
12	cambada de peixe.....	pyrá apitáma
13	caminhar.....	hoátá
14	caminho.....	pé
15	camiza.....	camixá
16	campainha.....	tamaracá merím
17	campanario.....	tamaracá rendába
18	campina.....	campina
19	cana daperna.....	catymá cangoéra
20	canal de Agoa.....	yğ cererucába
21	canavial.....	candýba
22	candea.....	canéa rerú
23	canhoto.....	jacú oae
24	canoa.....	jgára
25	cansaço.....	canénçába
26	cansar aoutrem.....	mocaneón

⁵⁵ Anotação posterior.

27	cantar.....	nhéengár
28	cantiga.....	nheengára
29	cantareira.....	comotîm rendába
30	canto dacaza.....	óca epý
31	cam.....	jagoára
32	capado.....	niño capιά oáe
33	capar.....	capιά jóca
34	capatá.....	rerecoára
35	capella dos olhos.....	caçá aríbo goára
36	capim.....	capyîm

141r



Capinar	caã pyîr
Capoeira & Vossa Velha	có quera
Capricloro	abá nitio cacatáyma oáe
Cara	çobá
Cara demorto	çobá júba oçú
Cara Couza	mbaé cepý oçú oáe
Caracol	japurúxita
Caramujo	aroaím
Caranguejo	oçá
Cardume de peixe	pyxá ootépe
Carecer	oixó temben
Careta	çobá rangába
Carga	pocyçába
Caridade	morauçúba
Carne	çoó
Carnegaô	epéba antá
Carroço de fruta	ybá raínha
Carpinteiro	carapîna
Carpintijar	imurá jopá jopáne
Carpir & plantear	çapirón
Carrancudo	çobácý
Carrapato	jatyúca
Carregar a canoa	poracár jgára
Carregar levando água	cegý, & çupîr
Carro	panacú
Carvão	katá pyñca
Cara	oçá
Carado e Carada	mendacára
Caramento	mendacába
Carar	mendar
Casca	piréxa
Casca da casaca	acanga cangôra
Casca da casaca	apacú
Casimla	catámba

273⁵⁶

1	capinar.....	caã pyîr
2	capoeira & Vossa velha	có quera
3	caprichozo.....	abá nitio cacatáyma oáe
4	cara.....	çobá
5	cara demorto.....	çobá júba oçú
6	cara couza.....	mbaé cepý oçú oáe
7	caracol.....	japurúxita
8	caramujo.....	aroaím
9	caranguejo.....	oçá
10	cardume de peixe.....	pyxá ootépe
11	carecer.....	oixó temben
12	careta.....	çobá rangába
13	carga.....	pocyçába
14	caridade.....	morauçúba
15	carne.....	çoó
16	carnegaô.....	epéba antá
17	carroço de fruta.....	ybá raínha
18	carpinteiro.....	carapîna
19	carpintijar.....	imurá jopá jopáne
20	carpir, & plantear.....	çapirón
21	carrancudo.....	çobácý
22	carrapato.....	jatyúca
23	carregar a canoa.....	poracár jgára
24	carregar levando água c(ouza).....	cegý, & çupîr
25	carro.....	panacú
26		

⁵⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	carvão.....	tatápýnha
28	caza.....	óca
29	cazado e cazada.....	mendaçára
30	cazam(en)to.....	mendaçába
31	cazar.....	mendár
32	casca.....	piréxa
33	casco da cabeça.....	acánga, cangóera
34	caspa dacabeça.....	apecuî
35	castanha.....	catánha

141v

274

Castigal	irati canéa rendába
Castigar	nopán
Catar acabeça	jóca Keúba acánga cuí, ?memoirím
Catarro	uú
Catecumeno	corayma
Cativo, f. cativa	meauçúba
Cavalo	Tupána rayra
Cavar	çabycón
Cauterizar	çopy

Camelo E

Cea	cearáma
Cear	cearáma ó
Cebola	ybaréma oçú
Cebo	ecába quéra
Cedo	curutém
Cedo antes de t[†]	ára ocýca eým Ué
Cedro	acaracá
Cegar	ceçá acanhémo
Cego	ceçá eýma
Celestial	Missa monháng
Cemeterio	ybáK póra
Cantoeira	Tupán óca rocára
Canto da terra	juru parí Kybába
Cao	çabycón
Cora	çopy
Cerca de quintal	cearáma
Cercar, f. cerco	cearáma ó
Cerca, f. cerco	ybaréma oçú
Cerne da madeira	ecába quéra
Cervaa de peito	curutém
Cervaa de	ára ocýca eým Ué

1	274 ⁵⁷	
2	castiçal	iratí canéa rendába
3	castigar	nopán
4	catar acabeça	jóca Keúba acánga cuí, ?memoirím
5	catarro	uú
6	catecumeno	corayma
7	cativo, f. cativa	meauçúba
8	catoleio	Tupána rayra
9	cavalo	cabarú
10	cavar	çabycón
11	cauterizar	çopy
12		C. antes do E.
13	cea	cearáma
14	cear	cearáma ó
15	cebola	ybaréma oçú
16	cebo	ecába quéra
17	cedo	curutém
18	cedo antes de t[†]	ára ocýca eým Ué
19	cedro	acaracá
20	cegar	ceçá acanhémo
21	cego	ceçá eýma
22	celebrar	Missa monháng
23	celestial	ybáK póra
24	cemeterio	Tupán óca rocára
25	centopea	juru parí Kybába

⁵⁷ Anotação posterior.

26	centro da terra	ybé apytérpe
27	ceo	ybáKa
28	cera	iraitîm
29	cerca de quintal	Kendára
30	cerca dar cerco	ceKycémo
31	cerce & cercio	çobaKé, catú
32	cerne da madeira	çoá mitéra
33	cerração de peito	curucába ojeKendaó
34	cerração	

⁵⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

26	chegar aCanoa p(ar)a aterra.....	mocyé, £ mojár, £ moterîc
27		jgaía ybýpe, £ compeýpe
28	chegar huâ c(ouza) aoutra.....	mojár
29	cheirar tendo cheiro.....	cetúna
30	cheiro depeixe q(ue) seacha.....	pixé
31	cheiro depeixe.....	pitiú
32	cheiro deRapozinhas.....	catínga

142v

276

Cearar bem	caquere
Cearar mal	eneme
Choca galinha	xóca
Choca agoa	ynéme
Chocakairo	morandugoére
Chorai	jaceón
Chover	amána oKyí
Christo	Tupána taýra
Chuço	itá cantím
Cupar, £ chuchar	pitér
Chuva	amána
Choviscar meudo	amána opypýca
Cidade	mairý
Cidadao	tába ouçúpára
Ciar, £ ter ciuome	toírn
Cingir	pacoár
Cimplesm(en)te	jabé nhóte
Cintura	cuá
Cinza	tanimbúca
Ciozo no falar	nheénga pitá pitá
Circular	babóca
Cisco q(ue) sevarreo	ity Kéra
Clamar	çapucâi
Clara de obo	copiã tatúca
Clara couca	máã capypúca oãe
Claras damanlão	Coéma pira pizãnga
Claride	coendy
Claxim	memiã apãra
Claxigo	ay claxigo

C. antes do O.

Coax	mogaa's
Coaxarve	jemoantãm
Coaxo do geixe	torauyxa

276⁵⁹

1		
2	cheirar bem.....	çaquéne
3	cheira mal.....	enéme
4	choca galinha.....	xóca
5	choca agoa.....	ynéme
6	chocalheiro.....	morandugoéra
7	chorar.....	jceón
8	chover.....	amána oKyí
9	christo.....	Tupána taýra
10	chuço.....	itá cantím
11	cupar, £ chuchar.....	pitér
12	chuva.....	amána
13	choviscar meudo.....	amána opypýca
14	Cidade.....	mairý
15	cidadao.....	tába ouçúpára
16	ciar, £ ter ciumes.....	toírn
17	cingir.....	pacoár
18	cimplesm(en)te.....	jabé nhóte
19	cintura.....	cuá
20	cinza.....	tanimbúca
21	ciozo no falar.....	nheénga pitá pitá
22	circular.....	babóca
23	cisco q(ue) sevarreo.....	ity Kéra
24	Clamar.....	çapucâi

⁵⁹ Anotação posterior.

25	clara deovo.....	çopá tatáca
26	clara couza.....	mbaé canypúca oaé
27	claraô damanhaô.....	coéma pixá piránga
28	clarid(ad)e.....	coendý
29	clarim.....	membý opára
30	clerego.....	Paý clerigo
31	C. antes da O.	
32	Coar.....	mogoáb
33	coalharse.....	jemoantám
34	coatro olhos peixes.....	tarauýra

143r

277

Cabada	pytúba
Casaphura	jçuicaba
Cobegar	potár, £ jemetorotár
Cobra	boya
Cobra de Agoa	çucúrejú
Cobrelo	
Cobrir	jaçuî
Cocar	caránhe
Cócega	poKerýc
Cocara	juçára
Coco fruta	cóco
Coentro	caáquéne
Colera	iróba oaé maríca póra
Colher	poóça
Colhereira ave	ayaýa
Comadre	toaçába
Começar	jepyrúng
Comer	tembiú
Comigo	xe ixunámo
Como?	mayabé
Compadre	toaçába
Companheiro	irunámo goára
Compassar	pojecám
Compensar	moçocobyára, £ çapý meéng
Comprar	peripán
Compreição	cóco
Compreir apalavra	moçuî enbênga
Comprimeto	pecucába
Compreir de?	goracar camimotára
Comungar	ogya rojávi oaé cíc
Comunicação	ogamxara
Concavidade	çucúrejú
Conceder objecto	jémperora

277⁶⁰

1		
2	cobarde.....	pytúba
3	cobertura.....	jçuicaba
4	cobiçar.....	potár, £ jemetorotár
5	cobra.....	boya
6	cobra de Agoa.....	çucúrejú
7	cobrelo.....	
8	cobrir.....	jaçuî
9	coçar.....	caránhe
10	cócegas.....	poKerýc
11	coceira.....	juçára
12	coco fruta.....	cóco
13	coentro.....	caáquéne
14	colera.....	iróba oaé maríca póra
15	colher.....	poóça
16	colhereira ave.....	ayaýa
17	comadre.....	toaçába
18	começar.....	jepyrúng
19	comer.....	tembiú
20	comigo.....	xe ixunámo
21	como?.....	mayabé
22	compadre.....	toaçába
23	companheiro.....	irunámo goára
24	compassar.....	pojecám
25	compensar.....	moçocobyára, £ çapý meéng
26	comprar.....	peripán

⁶⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	compreiçaô.....	cecó
28	comprir apalavra.....	moçupî enheénga
29	comprimento.....	pecuçába
30	comprir adez[†].....	poraçár camimotára
31	compungido estar.....	opyá rojebyr oañe oicó
32	comungar.....	Tupanrár
33	comunhaô.....	Tupanrára
34	concavidade.....	typyçába
35	conceber afecto.....	jemopo[rará]

143v

248

Conceder	meéng
Concertar	mongatirón
Concha	itá yrirí
Conciencia	anga - <i>le como se explica</i>
Concorrer	peribón
Concupiscencia	jemimotára
Condenado q(ue) está em algû castigo	tecó aýba póra
Condenado do Inferno	juruparî ratá póra
Condição de genio	tecó
Conduto	týra
Confeitos	coém Kytá Kytá
Confessar	mojemombeú
Confissão	nhemombeúçaba
Confiar em alguém	jerubiár
Conforme no animo	jabé catú
Confortar	mopirántám
Conhecer	coaúb
Consequência	çaKaquéra Vé
Conselho	moacuáub
Consentir	potáre
Consentir não impedindo	cepiacánhate
Consequencia	çaKaquéra
Conservar	oericó pecú
Considerar	jepyá mongetá
Consolar	moapecýca

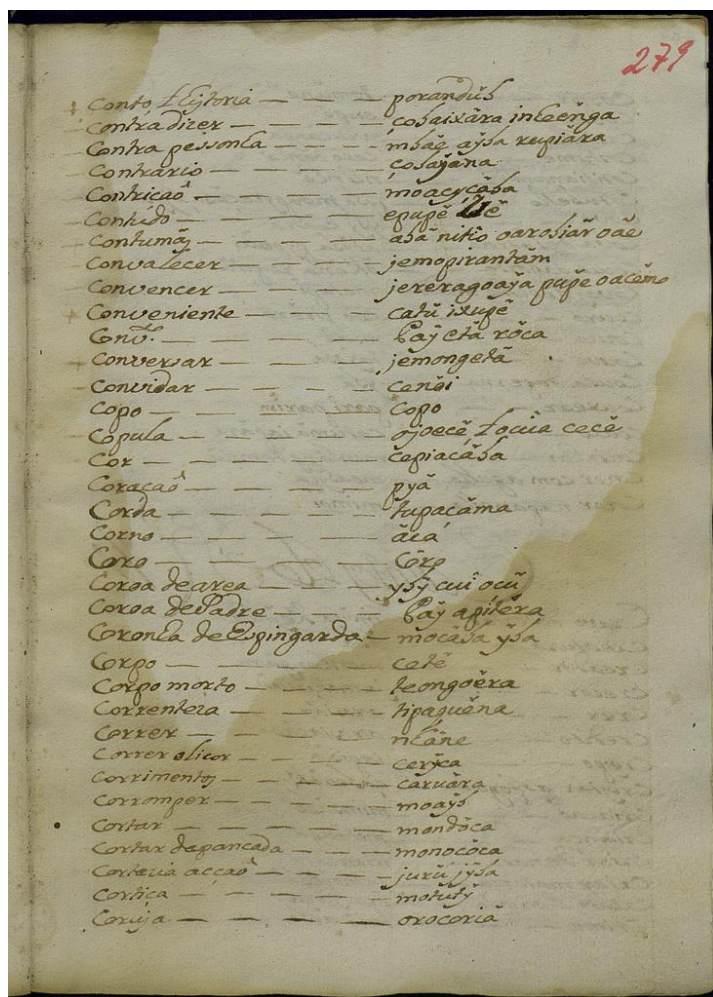
278⁶¹

1		
2	conceder.....	meéng
3	concertar.....	mongatirón
4	concha.....	itá yrirí
5	conciencia.....	árganhé como se explicaô
6	concorrer.....	peribón
7	concupiscencia.....	jemimotára
8	condenado q(ue) está em algû castigo..	- tecó aýba póra
9	condenado do Inferno.....	juruparî ratá póra
10	condição de genio.....	tecó
11	conduto.....	týra
12	confeitos.....	coém Kytá Kytá
13	confessar.....	mojemombeú
14	confissão.....	nhemombeúçaba
15	confiar em alguém.....	jerubiár
16	conforme no animo.....	jabé catú
17	confortar.....	mopirántám
18	conhecer [↓ conjunção mensal].....	coaúb [↓ iemondiará]
19	consequintem(en)te.....	çaKaquéra Vé
20	conselho.....	moacuáub
21	consentir.....	potáre
22	consentir não impedindo.....	cepiacánhate
23	consequencia.....	çaKaquéra
24	conservar.....	oericó pecú
25	considerar.....	jepyá mongetá
26	consolar.....	moapecýca

⁶¹ Anotação posterior.

27	constante.....	pýa cantám oáe
28	consumar.....	moaú pé
29	consumirse.....	jejcuá
30	conta, £ contas.....	papaçába
31	contas de Rezar.....	muýra crúça
32	contar.....	papár
33	contagio.....	emabeacy ayba
34	contentar.....	moryb
35	continuação.....	nhinhé

144r



Conto, £ historia	porandú
Contra dizer	çobaixára iheénga
Contra pessoa	mbaé aýba rupiara
Contrário	çobaýana
Contrição	moacyçába
Contudo	epupé £ dé
Contumás	abá nitio oarobiár oae
Convalecer	jemopirantám
Convecer	jereragoaýa pupé oacémo
Conveniente	catú ixupé
Convidar	cenói
Copo	copo
Copula	ojoecé, £ oceia cecé
Cor	cepiacába
Coração	pyá
Coroa	tupaçáma
Corno	ázá
Coro	córo
Coroa de area	yby cuí oçú
Coroa de Padre	Paý apitéra
Coronha de Espingarda	moçba ýba
Corpo	ceté
Corpo morto	teongoéra
Correntera	hipaquera
Correx	nláre
Correx alitor	cerxa
Corrimento	caruara
Corromper	moayá
Costar	mandica
Costar depancada	monococa
Costeira accao	juxá yáa
Costica	matutá
Costia	oxocoria

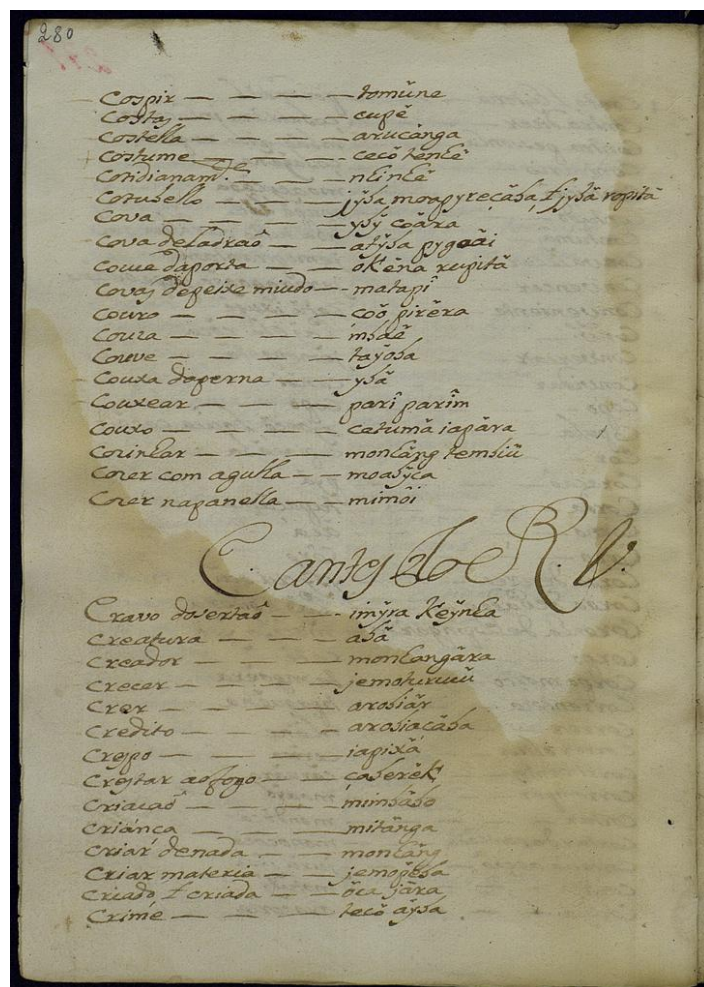
1		
2	conto, £ historia.....	porandúb
3	contra dizer.....	çobaixára iheénga
4	contra pessoa.....	mbaé aýba rupiara
5	contrário.....	çobaýana
6	contrição.....	moacyçába
7	contudo.....	epupé £ dé
8	contumás.....	abá nitio oarobiár oae
9	convalecer.....	jemopirantám
10	convecer.....	jereragoaýa pupé oacémo
11	conveniente.....	catú ixupé
12	conv(erti)do.....	Paý etá róca
13	conversar.....	jemongetá
14	convidar.....	cenói
15	copo.....	copo
16	copula.....	ojoecé, £ oceia cecé
17	cor.....	cepiacába
18	coração.....	pyá
19	corda.....	tupaçáma
20	corno.....	ázá
21	coro.....	córo
22	coroa de area.....	yby cuí oçú
23	coroa de Padre.....	Paý apitéra
24	coronha de Espingarda.....	moçba ýba
25	corpo.....	ceté
26	corpo morto.....	teongoéra

279⁶²

⁶² Anotação posterior com caneta vermelha.

27	correnteza.....	tiáquéna
28	correr.....	nháne
29	correr o licor.....	ceryca
30	corrimentos.....	caruára
31	corrompor.....	moayb
32	cortar.....	mondóca
33	cortar dapancada.....	mocóca
34	cortezia acçaô.....	jurú jýba
35	cortiça.....	motutý
36	coruja.....	orocoriá

144v

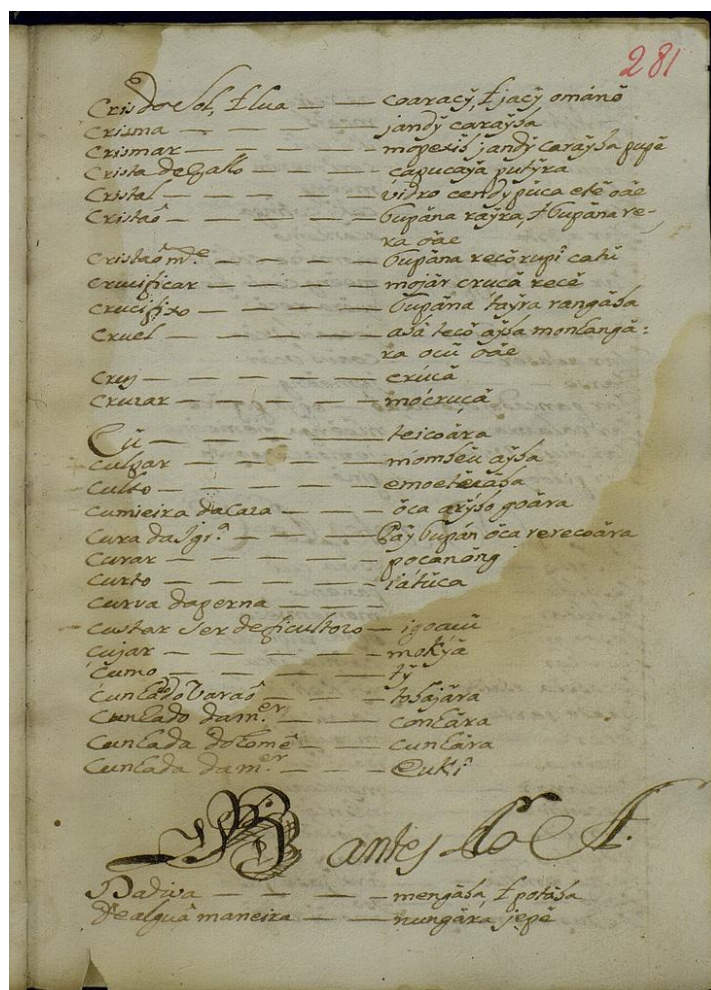
280⁶³

1		
2	cospir.....	tomûne
3	costas.....	cupé
4	costella.....	arucanga
5	costume.....	cecó tenhé
6	cotidianam(en)te.....	nhinhé
7	cotubello.....	jýba moapyreçába, £ jybá ropitá
8	cova.....	yby coára
9	cova de ladrao.....	atýba pygoái
10	couve da porta.....	okéna xupitá
11	covas de peixe miudo.....	matapî
12	couxo.....	çóó piréra
13	couza.....	mbaé
14	couve.....	tayóba
16	coux da perna.....	yba
16	couxer.....	parî parîm
17	couxo.....	catumá iapára
18	cozinhar.....	monháng tembiú
19	cozer com agulha.....	moabýca
20	cozer napanella.....	mimoi
21	C. antes do R. V.	
22	Cravo do sertao.....	imýra Keýnha
23	creatura.....	abá
24	creador.....	monhangára
25	crecer.....	jemoturucú

⁶³ Anotação posterior.

26	crer.....	arobiár
27	credito.....	arobiaçába
28	crespo.....	iapixá
29	crostar aofogo.....	çaberék
30	criaçãô.....	mimbábo
31	criança.....	mitánga
32	criar denada.....	monháng
33	criar materia.....	jemopéba
34	criado, £ criada.....	óca jára
35	crime.....	tecó aýba

145r



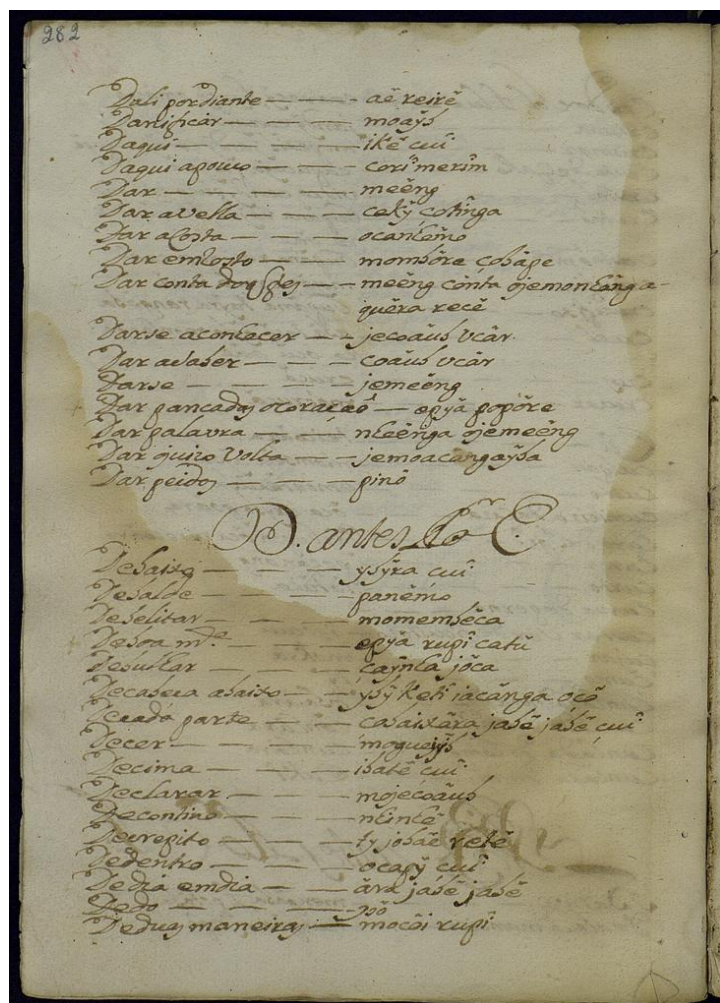
1		
2	criador do Sol, & Lua.....	coaracý, & jacý ománo
3	crisma.....	jandý carayba
4	crismar.....	mopexib jandý carayba pupé
5	crista de gallo.....	capucayá putýra
6	cristal.....	vidro cendypúca eté oáe
7	cristaô.....	Tupána rayra, & Tupána re
8		ra oáe
9	cristaô m(ui)to.....	Tupána tayra rangába
10	crucificar.....	abá tecó ayba rangába
11	crucifixo.....	abá tecó ayba monhangá=
12	cruel.....	ra ocú oáe
13		erúçá
14	cruis.....	mocruçá
15	cruzar.....	teicoára
16	Cú.....	teicoára
17	culpar.....	mombeú ayba
18	culto.....	emoetécába
19	cumieria dacaza.....	óca arýba goára
20	cura da Igre(j)a.....	Paý Tupán óca rerecoára
21	curar.....	poçanóng
22	curto.....	iatúca
23	curva daperna.....	
24	custar ser deficultozo.....	igoacú
25	çujar.....	maKyá

281⁶⁴

⁶⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

26	çumo.....	tý
27	cunha[do↑] do Varaô.....	tabajára
28	cunhado dam(ulh)er.....	cunhára
29	cunhada dohomê.....	cunhára
30	cunhada dam(ulh)er.....	Cukî
31	D antes do A.	
32	Dadiva.....	mengáb, £ potába
33	De alguâ maneira.....	nungára jepé

145v

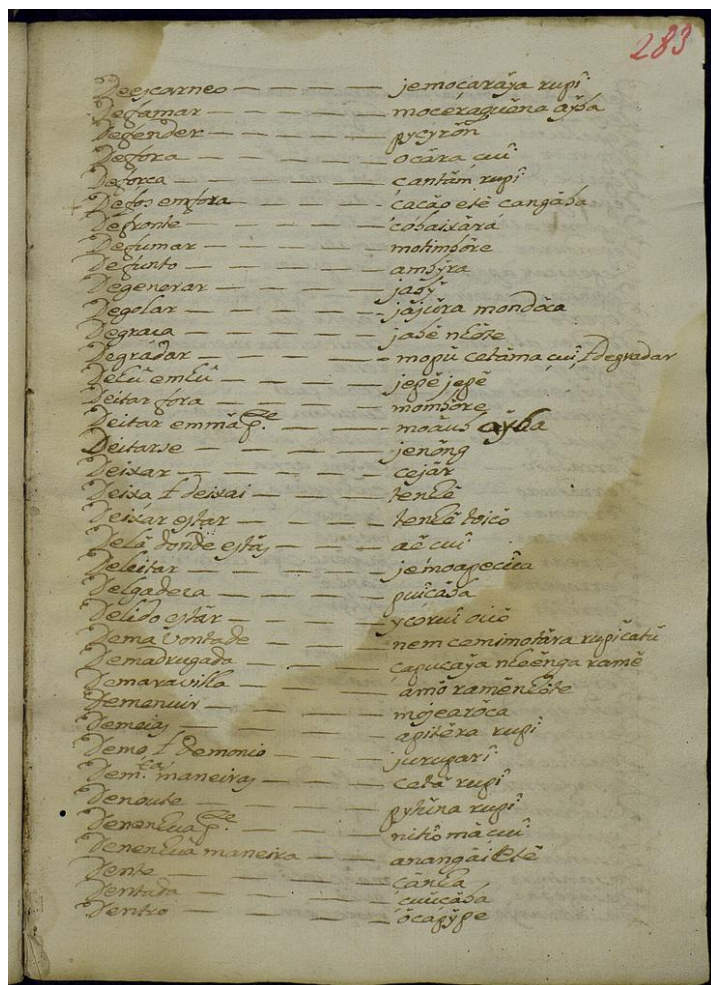


1	282 ⁶⁵	
2		
3	Dali por diante.....	aé reiré
4	Danificar.....	moayb
5	Daqui.....	iké cui
6	Daqui apouco.....	corî merim
7	Dar.....	meéng
8	Dar avelha.....	coKý çotínga
9	Dar acosta.....	ocanhemo
10	Dar em rosto.....	mombóre çobápe
11	Dar conta doq(eu)fes.....	meéng cóna ojemonhaág a-
12		quéra recé
13	Darse aconhecer.....	jecoáub ucár
14	Dar asaber.....	coaúb ucár
15	Darse.....	jemeéng
16	Dar pancadas ocoraçãõ.....	opyá popóre
17	Dar palavra.....	nheénga ojemeéng
18	Dar ojuizo volta.....	jemoacangayba
19	Dar peidos.....	pinó
20		D. antes do E.
21	Debaixo.....	ybyra cui
22	Debalde.....	panémo
23	Debelitar.....	momembéca
24	Debora m(ui)to.....	opyá rupî catú
25	Debulhar.....	caýnha jóca
26	Decabeça abaixo.....	yby Ketî iacángã oçó
27	Decada parte.....	cobaixára jabé jabé cui
28	Decer.....	moguiyb
	Decima.....	ibatê cui

⁶⁵ Anotação posterior.

29	Declarar.....	mojecoáub
30	De contino.....	nhinhé
31	Decrepito.....	ty jobaé reté
32	Dedentro.....	ocapý çuî
33	De dia em dia.....	ára jabé jabé
34	Dedo.....	joó
35	Deduas maneiras.....	mocôî rupî

146r



Deescarneio	jemoçaraya rupi
Defamar	moceraquena ayba
Defender	pycyron
Defora	ocara cui
Deforça	çantam rupi
Deito emfora	çacáo eté cangáda
Defunto	cobaixara
Defumar	motimbóre
Defunto	ambýra
Degenerar	jaby
Degolar	jajcóra mandóca
Degraça	jabé nhóte
Degradar	mopu catáma cui, degradar
Deleu emhu	jepé jepé
Deitar fora	mombóre
Deitar em má pe	moáub ayba
Deitar-se	jenóng
Deixar	cejár
Deixa f. deixai	tenhé
Deixar estar	tenhá toicó
Deleu onde está	aé cui
Deleitar	jemoapécica
Delgadeza	puicáda
Delido estár	ycorê oicó
Dema vontade	nem cemimotára rupícatú
Demaravilha	capucaya nloénga ramé
Demarar	amó ramé nhóte
Demarar	mjeatoca
Demarar	agitéra rupi
Demarar	juxupari
Demarar	catá rupi
Demarar	pyhira rupi
Demarar	nihó ma cui
Demarar	anangai Clé
Demarar	çaná
Demarar	cucáda
Demarar	ocáype

1		283 ⁶⁶
2	Deescarneio.....	jemoçaraya rupi
3	Defamar.....	moceraquena ayba
4	Defender.....	pycyron
5	Defora.....	ocara cui
6	Deforça.....	çantam rupi
7	Depos emfora.....	çacáo eté cangába
8	De fronte.....	cobaixara
9	Defumar.....	motimbóre
10	Defunto.....	ambýra
11	Degenerar.....	jaby
12	Degolar.....	jajcóra mandóca
13	Degraça.....	jabé nhóte
14	Degradar.....	mopu catáma cui, £ degradar
15	dehû emhû.....	jepé jepé
16	Deitar fora.....	mombóre
17	Deitar em má pe[†].....	moáub ayba
18	Deitar-se.....	jenóng
19	Deixar.....	cejár
20	Deixa, £ deixai.....	tenhé
21	Deixar estar.....	tenhá toicó
22	Delá donde estás.....	aé cui
23	Deleitar.....	jemoapécica
24	Delgadeza.....	puicába
25	Delido estár.....	ycorê oicó
26	Dema vontade.....	nem cemimotára rupícatú

⁶⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Demadrugada.....	çapucaýa nheénga ramé
28	Demaravilha.....	amó raménhóte
29	Demanuir.....	mojearóca
30	Demeias.....	apitéra rupî
31	Demo, £ demonio.....	juruparî
32	Dem(ui)tas maneiras.....	catá rupî
33	Denoute.....	pytúna rupî
34	Denenhua p(ar)te.....	nitîô mà çuî
35	Denenhuâ maneira.....	anangái eté
36	Dente.....	çánha
37	Dentada.....	çuíçába
38	Dentro.....	ócapýpe

146v

284

Depois depoucos dias	—	curutém oaráma
Deos	—	Tupána
Depalavra	—	nheéngapupé nhóte
Deparar	—	mojecoáub
Departe dealguem	—	abá amó nheénga rupi
Deparvagem	—	curutém oaráma
Depenar aves	—	casóca
Dependurar	—	mojaticó
Depenicar agalinha	—	pixá pixáme
Depinicar opassaro na fruta	—	opipíne
Deperto	—	çobaKé çui
Depoder absoluto	—	cimimotára rupi catúnhóte
Depois que	—	reiré
Depois, enão agora	—	curé curí
Depressa	—	curutém oaráma
Dequal q. modo	—	ajubéte jabénhóte
Derrabado	—	çobaía acýca
Derradeiro	—	çaKyquéra goára
Derramar	—	jucéne
Derrancar	—	moaýbe
Derrear	—	mopéne cópe cangoera
Derrepente	—	canhé
Derreter	—	týKyr
Derribar	—	itýc
Derribar p(ar) a abanda	—	moapár

284⁶⁷

1		
2	Dentro depoucos dias.....	curutém oaráma
3	Deos.....	Tupána
4	Depalavra.....	nheéngapupé nhóte
5	Deparar.....	mojecoáub
6	Departe dealguem.....	abá amó nheénga rupi
7	Deparvagem.....	curutém oaráma
8	Depenar aves.....	çabóca
9	Dependurar.....	mojaticó
10	Depenicar agalinha.....	pixá pixáme
11	Depinicar opassaro na fruta.....	opipíne
12	Deperto.....	çobaKé çui
13	Depoder absoluto.....	cimimotára rupi catúnhóte
14	Depois que.....	reiré
15	Depois, enão agora.....	curé curí
16	Depressa.....	curutém oaráma
17	dequal(qu)er modo.....	ajubéte jabénhóte
18	Derrabado.....	çobaía acýca
19	Derradeiro.....	çaKyquéra goára
20	Derramar.....	jucéne
21	Derrancar.....	moaýbe
22	Derrear.....	mopéne cópe cangoera
23	Derrepente.....	canhé
24	Derreter.....	týKyr
25	Derribar.....	itýc
26	Derribar p(ar) a abanda.....	moapár

⁶⁷ Anotação posterior.

27	Derribar como fruta.....	mococói
28	Desde quando.....	má ára çuî ué catú tá?
29	Desabafar p(ar)a q(ue) vapore.....	jóca iaçuîçába pýtucéme oaráma
30	Desabituar-se.....	puîr
31	Desaferrolhar.....	çoKendabóca
32	Desafrontar.....	jepýca
33	Desamarrar.....	juráo
34	Desandar.....	rojebýr
35	Desanimar.....	moacanhémo
36	Desapegar.....	puîr
37	Desarranjar.....	moçacém

27	Desemcarregar.....	océmo ixuî
28	Desemcostar.....	mopoâme
29	Desemcovar.....	mocêmo yby coára çuî
30	Desemferrujar.....	Kitingóca £ cepotî óca
31	Desemganar.....	imombeú catú
32	Desemgrosar.....	mopoî
33	Desentopir.....	jóca
34	Desesperar.....	çoçánga acanhêmo
35	Desfalecer.....	maraár
36	Desfarçar.....	jemoacoaúb eýma
37	Desfavorecer.....	cejáre nhóte

286

Desfazer	monguí
Desfiar	juráo
Desgostar aoutrem	mopýa ýba
Desigualdade	jabyçába
Desinchar	pungá quera jearóca
Desmajar	manó aýba
Desasigar	moçémo
Despachar despedir	mondó
Despedaçar	moñbiuí
Despejar	poçc
Despejar vazar	çacábóca
Despregar	moçác
Desprezar	royrén
Despropozito	marám
Destemperar	moayb
Destilar	tyKýr
Destrocar	poráo
Desviarse	tiryc, £ puír
Deter	mopýta
Deterse, £ estar m. to	oicó pecú
Devagar	megué megué
Devera	çupí
Dever	devér
Devoto	moet[†]çára
Dezombaria	moçarayá rupí

W. antes

Da	ára
Da m. de gesta	ára oke oçú
Da m. de	mutui
Da de entudo	jemhinga ára
Da de cana	kanimóica ára
Da de parça	mohúu oçu
Da de mada	ti jégói ára

1	286 ⁶⁹	
2	Desfazer.....	monguí
3	Desfiar.....	juráo
4	Desgostar aoutrem.....	mopýa ýba
5	Desigualdade.....	jabyçába
6	Desinchar.....	pungá quera jearóca
7	Desmajar.....	manó aýba
8	Desobrigar.....	moçémo
9	Despachar despedir.....	mondó
10	Despedaçar.....	moñbiuí
11	Despejar.....	poçc
12	Despejar vazar.....	çacábóca
13	Despregar.....	moçác
14	Desprezar.....	royrén
15	Despropozito.....	marám
16	Destemperar.....	moayb
17	Destilar.....	tyKýr
18	Destrocar.....	poráo
19	Desviarse.....	tiryc, £ puír
20	Deter.....	mopýta
21	Deterse, £ estar m(ui)to [†].....	oicó pecú
22	Devagar.....	megué megué
23	Devera.....	çupí
24	Dever.....	devér
25	Devoto.....	moet[†]çára
26	Dezombaria.....	moçarayá rupí

⁶⁹ Anotação posterior.

27	D. Antes de I.	
28	Dia.....	ára
29	Dia gr(an)de defesta.....	ára eté oçú
30	Dia S(an)to.....	mutuú
31	Dia deentrudo.....	jemotínga ára
32	Dia decinza.....	tenimbúca ára
33	Dia de pascoa.....	motuú oçú
34	Dia dos finados.....	tý jepôl ára

148r

287

Dia de Natal	—	Missã pytúna
Diabo	—	jurupari
Diabrura	—	jurupari remimonháng
Diante emprezença	—	çobáké catú
Dianteira	—	tenondécaba
Dianteira dacaza	—	óca róba
Diciplina	—	nopançába
Diciplinarse	—	jenopán
Dicipolo	—	camembóe
Dieta	—	jecuauíb
Diferente	—	amó rupí
Difcultar	—	mogoáui
Diminuir	—	mojearóca
Direito	—	Satambúca
Discorrer p(ar) se lembrar	—	epýá mongetá ojemondo- ár aráma
Disforme	—	ojaby çangába
Disputar	—	oçobaixáre enheénga
Dissuadir	—	ojóca iacánga çuí
Distinguir	—	mojaóca
Distribuir	—	mojaóca
Dito galante	—	nheénga póra porang
Diversid(ade) decore couzas	—	jepará parábo
Divindade	—	Tupána igoaçucába
Divorcio	—	jemombóre ixuí
Divulgar	—	maçacim
Dizer	—	momseá
Divino	—	çapána potába
Mãe	—	mamána
Moço	—	moçu refé tamaracá

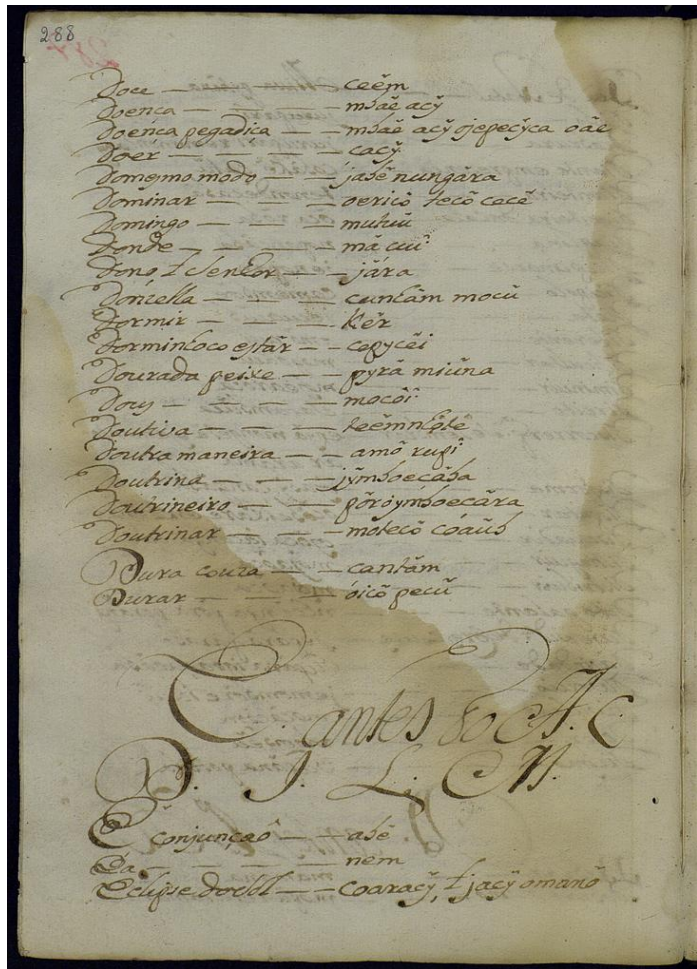
287⁷⁰

1		
2	Dia de Natal.....	Missã pytúna
3	Diabo.....	jurupari
4	Diabrura.....	jurupari remimonháng
5	Diante emprezença.....	çobáké catú
6	Dianteira.....	tenondécába
7	Dianteira dacaza.....	óca róba
8	Diciplina.....	nopançába
9	Diciplinarse.....	jenopán
10	Dicipolo.....	camembóe
11	Dieta.....	jecuauíb
12	Diferente.....	amó rupí
13	Difcultar.....	mogoáui
14	Diminuir.....	mojearóca
15	Direito.....	Satambúca
16	Discorrer p(ar) se lembrar.....	epýá mongetá ojemondo- ár aráma
17		
18	Disforme.....	ojaby çangába
19	Disputar.....	oçobaixáre enheénga
20	Dissuadir.....	ojóca iacánga çuí
21	Distinguir.....	mojaóca
22	Distribuir.....	mojaóca
23	Dito galante.....	nheénga póra porang
24	Diversid(ade) decore couzas.....	jepará parábo
25	Divindade.....	Tupána igoaçucába
26	Divorcio.....	jemombóre ixuí

⁷⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Divulgar.....	moçácém
28	Dizer.....	mombéu
29	Dizimo.....	Tupána potába
30	D. Antes do O. U.	
31	Dobrar.....	mamána
32	Dobrar o sino.....	mopû reté tamarácá

148v



1	288 ⁷¹	
2		
3	Doce.....	ceém
4	Doença.....	mbaé acý
5	Doença pegadiça.....	mbaé acý ojepecýca oáe
6	Doer.....	çacý
7	Domesmo modo.....	jabé nungára
8	Dominar.....	oericó teco cecé
9	Domingo.....	mutuú
10	Onde.....	má çuî
11	Dono, & senhor.....	jára
12	Donzella.....	cunhám mocú
13	Dormir.....	Keí
14	Dorminhoco estár.....	cepycéi
15	Dourada peixe.....	pyrá miúna
16	Doris.....	mocôî
17	Doutiva.....	teémnhóte
18	Doutra maneira.....	amó rupî
19	Doutrina.....	jýmboeçába
20	Doutrineiro.....	póroymboeçára
21	Doutrinar.....	motecó coaúb
22	Dura couza.....	çantám
23	Dura.....	oicó pecú
24	E. antes de A. C. I. L. M.	
25	E conjunção.....	abé
	Éa.....	nem

⁷¹ Anotação posterior.

26 Eclipse doSol..... coaracy, £ jacy omanó

289

Em contudo isso	ipupê vé
Em edificar	monhañg
Em aqui	cocicói
Em eiva	cecó meoám
Em eixo	poruré
Em eger	parabóca
Em ele & ela	aé
Em el rey	Reyá
Em em	pupé
Em ema animal	Ema
Em embaçar fazer baço	moperé
Em embair	pyrîng
Em embaixada trazer	morandúba orúre
Em embaixo	ybype
Em embaraçado estar	japotucá oicó
Em embarcar	eiké ygára pupé
Em embarcar alguâ c	Roár mbaé ygára pupé
Em embarrar acanoa	ygára ojapî
Em embastecer	ojemoanáma oçú
Em embebedar detodo	moçabaipór
Em embeber, verbi gratia liquido	pitér
Em embigo	peruám
Em embôa ocaziaô	ára catú pupé
Em embora	ajubéke

1		
2	E contudo isso.....	ipupé vé
3	Edeficar.....	monhañg
4	Eis aqui.....	cocicói
5	Eiva.....	cecó meoám
6	Eixo.....	poruré
7	Eleger.....	parabóca
8	Elle & Ela.....	aé
9	El Rey.....	Reyá
10	Em.....	pupé
11	Ema animal.....	Ema
12	Embaçar fazer baço.....	moperé
13	Embair.....	pyrîng
14	Embaixada trazer.....	morandúba orúre
15	Embaixo.....	ybype
16	Embaraçado estar.....	japotucá oicó
17	Embarcar.....	eiké ygára pupé
18	Embarcar alguâ c(ouza).....	Roár mbaé ygára pupé
19	Embarrar acanoa.....	ygára ojapî
20	Embastecer.....	ojemoanáma oçú
21	Embebedar detodo.....	moçabaipór
22	Embeber, verbi gratia liquido.....	pitér
23	Embigo.....	peruám
24	Embôa ocaziaô.....	ára catú pupé
25	Embora.....	ajubéke

⁷² Anotação posterior com caneta vermelha.

26	Emboscarse.....	jojemîme
27	Embranquecer.....	momorotúnga
28	Embravecer.....	monharón
29	Embrulhar.....	mamána
30	Emmagrecer.....	jemo ángaigoára
31	Emmendarse.....	puîr
32	Emmoriuecer.....	japýcá canhéncó
33	Emmudecer.....	jurú canhémo
34	Emnenhû lugar.....	nitiô máne
35	Em outra ocaziaõ.....	omó ára pupé

149v

290

Emoutra parte	—	amo máme
Empaneirar	—	çopar
Emparticular	—	jemima rupi
Empectar	—	recó aýba
Empedir	—	cosaitim
Empé estar	—	poáme oicó
Empigem	—	vaurána
Empiscar o olho fazendo pontaria	—	çapy mi
Empobrecer	—	momoriaucúba
Empolar no corpo	—	curúba
Emprezença	—	çabaké
Emprestar	—	purú
Empurrar	—	maonháne
Emtao	—	aeramé

E. antes de N. R.

Encaminhar	—	motecó coaúb
Encarar	—	maém eté
Encarecer preço	—	mogoauú
Encarnar aferida	—	ojemopiranga peréba
Encarregar	—	ameéng, epópe
Encençar	—	motimbór
Encertar	—	cauký
Encher	—	poracár
Encherse	—	ojemoterycámo
Encobrir	—	jaçuí

290⁷³

1	Emoutra parte.....	ámo máme
2	Empaneirar.....	çopar
3	Emparticular.....	jemima rupi
4	Empectar.....	recó aýba
5	Empedir	çobatim
6	Empé estar	poáme oicó
7	Empigem.....	vaurána
8	Empiscar o olho, fazendo.....	pontaria -- çapy mi
9	Empobrecer.....	momoriaucúba
10	Empolar noCorpo.....	curúba
11	Emprezença.....	çobaké
1213	Emprestar.....	purú
14	Empurrar.....	maonháne
15	Emtao.....	aeramé
16	E. antes de N. R.	
17	Encaminhar.....	motecó coaúb
18	Encarar.....	maém eté
19	Encarecer preço.....	mogoauú
20	Encarnar aferida.....	ojemopiranga peréba
21	Encarregar.....	ameéng, epópe
22	Encençar.....	motimbór
23	Encertar.....	cauký
24	Encher.....	poracár
25	Encherse.....	ojemoterycámo
26	Encobrir.....	jaçuí
27		

⁷³ Anotação posterior.

28	Encolher.....	moatúca
29	Encomendar alguâ c(ouza) p(ar)a fazer...	monháng Vcár
30	Encontrar.....	oçobaitîm
31	Encorporar.....	ojemojepé oçú
32	Encostar.....	jocóc
33	Encrespar.....	monhanhing
34	Enculcar.....	comeéng

150r

291

Encurtar a vista	— cecá pyçó ojemoatúca
Encurvar tendo marrom	— candúr
Endemoninhado	— asá jurupari sãe
Endireitar	— moçatambúca
Endouecer	— jemoacángayba
Enfadar aoutrem	— mopyayba
Enfeitar	— mongatirón
Enfeitiçar	— xemocanhámo
Enfeixar	— pocoár
Enfermo	— mbaeacybofa
Enferrujarse	— ojemojeputy
Enfiar	— ocecibó
Enfileira	— jecyrón
Enforçar	— jybyca
Enfraquecer	— momembéca
Enfuscar	— mopexúne ceráne
Enganar	— enganáne
Engasgar comendo	— jybyca
Engenho de q(u)er c(ouza)	— imyra bóca
Engomar	— moecýca
Engordar	— moKýra
Engradecer	— mogoacú
Engroçar oq(ue) está líquido	— moagýca
Engraçado estár	— çagýca
Engolir	— mocóne
Enlazar	— matuúne
Enjorar	— jegarú
Enrolar	— mamana
Enrruquecer	— curucáda jekendao
Enlizada do Rio	— tasáda parana rasáda
	— f. Casáda — relativo
Enlizar	— jimsoe
Enluarlar	— momaxi

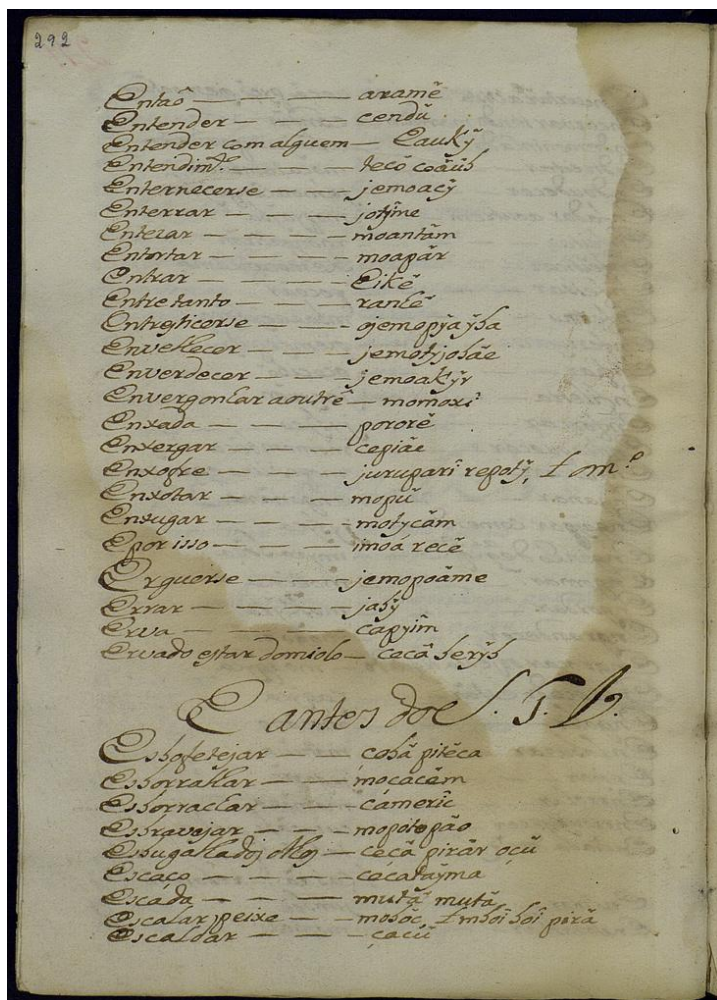
291⁷⁴

1		
2	Encurtar[↑ se] avista.....	ceçá pyçó ojemoatúca
3	Encurvar tendo marrom.....	candúr
4	Endemoninhado.....	abá jurupari oáe
5	Endireitar.....	moçatambúca
6	Endouecer.....	jemoacángayba
7	Enfadar aoutrem.....	mopyayba
8	Enfeitar.....	mongatirón
9	Enfeitiçar.....	xemocanhámo
10	Enfeixar.....	pocoár
11	Enfermo.....	mbaeacybofa
12	Enferrujarse.....	ojemojeputy
13	Enfiar.....	ocecibó
14	Enfileira.....	jecyrón
15	Enforçar.....	jybyca
16	Enfraquecer.....	momembéca
17	Enfuscar.....	mopexúne ceráne
18	Enganar.....	enganáne
19	Engasgar comendo.....	jybyca
20	Engenho de q(u)alq(u)er c(ouza).....	imyra bóca
21	Engomar.....	moecýca
22	Engordar.....	moKýra
23	Engradecer.....	mogoacú
24	Engroçar oq(ue) está líquido.....	moagýca
25	Engraçado estár.....	çagýca
26	Engolir.....	mocóne

⁷⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Enlabuzar.....	motuúne
28	Enojar.....	jegoarú
29	Enrrolar.....	mamána
30	Enrrouquecer.....	curuçába ojeKendáo
31	Enviada doRio.....	tabaá £ parana rabaá
32		£ cabaá - relativé
33	Ensinar.....	jimboé
34	Ensovalhar.....	momaxî

150v

292⁷⁵

1		
2	Então.....	aramé
3	Entender.....	cendú
4	Entender com alguém.....	Eauky
5	Entendim(en)to	tecó coáúb
6	Enternecerse.....	jemoacy
7	Enterrar.....	jotyîne
8	Entezar.....	moantám
9	Entortar.....	moapár
10	Entrar.....	Eiké
11	Entretanto.....	ranhé
12	Entresticerse.....	ojemopýa ýba
13	Envelhecer.....	jemotyjobáe
14	Enverdecer.....	jemoaKýr
15	Envergonhar aoutre.....	momoxî
16	Enxada.....	pororé
17	Enxergar.....	cepiáe
18	Enxofre.....	juruparî repotý, £ om[†]
19	Enxotar.....	mopú
20	Enxugar.....	motycám
21	E por isso.....	imoá recé
22	Erguerse.....	jemopoáme
23	Errar.....	jabý
24	Erva.....	capyîm
25	Ervado estar domiolo.....	cecâ berýb

E antes do S. T. V.

⁷⁵ Anotação posterior.

27	Esbofetejar.....	çobá pitéca
28	Esborrallar.....	moçacém
29	Esborrachar.....	cameríc
30	Esbravejar.....	mopotopáo
31	Esubalhados olhos.....	ceçá pirár oçú
32	Escaço.....	cecataýma
33	Escada.....	mutá mutá
34	Escalar peixe.....	mobóc, £ mboi boi pórá
35	Escaldar.....	çacú

293

Escama	piréra
Escandelar	mopyäyba
Escapar	jabáo
Escarnecer	moçarái
Escarrar	motumúne
Escoar como agoa	jucéne
Escolher	parabóca
Esconder	jomîme
Escoregar	pý cerýc
Escravo, f Escrava	meauçúba
Escrever	cotiár papéra
Escuma	tyjú
Escuro	pytúna oçú
Escurecer	jemopytúna
Escutar	cendú
Esfolar	pyróca
Esfregar	Ketyc
Esfriar	moroiçánga
Esgravetar	cameríe
Esmolla	Tupána potába
Esmorecer	eacanhémo
Espada	atangapéma
Espadarte peixe	aráo abá
Espadon	jybá cangoéra
Espalhar	moçacém
Espacular	cacár
Espedalar	mandocóca
Epeço	oaxua
Esperar	caron
Esperanca	çaronçáca
Esperdicar	moçanhémo, moçocáca
Epeço	cegetú
Espingarda	moçáca
Espinela	cangóera
Espinco	jú

1		
2	Escama.....	piréra
3	Escandelar.....	mopyäyba
4	Escapar.....	jabáo
5	Escarnecer.....	moçarái
6	Escarrar.....	motumúne
7	Escoar como agoa.....	jucéne
8	Escolher.....	parabóca
9	Esconder.....	jomîme
10	Escoregar.....	pý cerýc
11	Escravo, f Escrava.....	meauçúba
12	Escrever.....	cotiár papéra
13	Escuma.....	tyjú
14	Escuro.....	pytúna oçú
15	Escurecer.....	jemopytúna
16	Escutar.....	cendú
17	Esfollar.....	pyróca
18	Esfregar.....	Ketyc
19	Esfriar.....	moroiçánga
20	Esgravetar.....	cameríe
21	Esmolla.....	Tupána potába
22	Esmorecer.....	eacanhémo
23	Espada.....	atangapéma
24	Espadarte peixe.....	aráo abá
25	Espadon.....	jybá cangoéra
26	Espalhar.....	moçacém

⁷⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Espucular.....	cecár
28	Espedaçar.....	mandoçóca
29	Espelho.....	oaruí
30	Esperar.....	çarón
31	Esperança.....	çaróncába
32	Esperdiçar.....	mocanhémo, £ mococáo
33	Espeto.....	cepetú
34	Espingarda.....	mocába
35	Espinha	cangóera
36	Espinho.....	jú

294

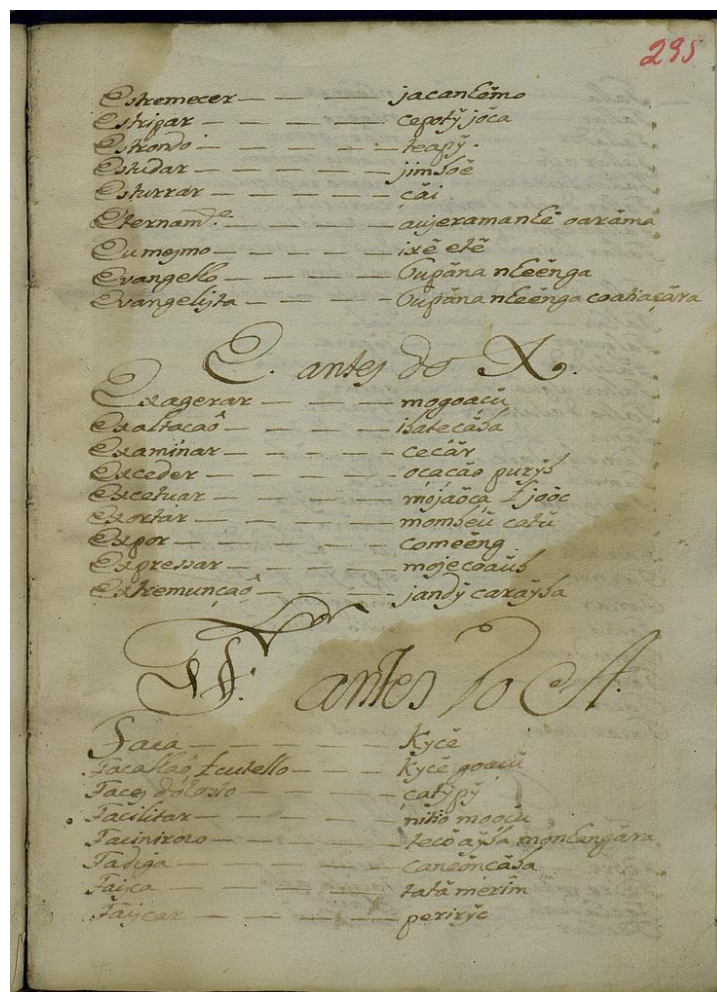
Espinhaço	—	ceçẽ cangôera
Espirro	—	açamo
Espoiar-se	—	jere jereó
Eporaô	—	çatitĩm pecũ
Espreitar	—	manhãna
Espremer	—	jamĩm
Espreguiçar-se	—	ojejecKý
Esquecer	—	ceçarái
Esquife	—	teongóera rerú, £
Esquinencia	—	curucáda epungá oçũ
Estabelecer	—	japýca
Estação de missa	—	Paý poromongeteçáda
Estáfar	—	mocaneón
Está feito	—	taujé
Estalar	—	póc
Estamago	—	cigiê oçũ
Estancar alangue	—	inopotuú tuguí
Estanho	—	itá jýca, £ Estando
Estar	—	oicó
Estar de joelhos	—	ojenypyá oicó
Estar vivo	—	oicobé Vé
Estar fora doseu direito	—	amó rupĩ oicó
Esteira	—	perĩ
Estender	—	mocém
Esteio	—	Esteio
Estorco	—	—
Estimular	—	—
Estio	—	—
Estocada	—	—
Estoria	—	—
Estorvar	—	—
Estrangeiro	—	—
Estrela	—	—
Estremadura	—	—

1	Espinhaço.....	cope cangoéra
2	Espirro.....	açamo
3	Espoiar-se.....	ojeré jereó
4	Eporaô.....	çatitĩm pecú
5	Espreitar.....	manháne
6	Espremer.....	jamĩm
7	Espreguiçar-se.....	ojejecKý
8	Esquecer.....	ceçarái
9	Esquife.....	teongóera rerú, £ [†]
10	Esquinencia.....	curucába epungá oçú
11	Estabelecer.....	japýcá
12	Estação de missa.....	Paý poromongeteçába
13	Estáfar.....	mocaneón
14	Está feito.....	taujé
15	Estalar.....	póc
16	Estamago.....	cigiê oçú
17	Estancar alangue.....	inopotuú tuguí
18	Estanho.....	itá jýca, £ Estando
19	Estar.....	oicó
20	Estar de joelhos.....	ojenypyá oicó
21	Estar vivo.....	oicobé Vé
22	Estar fora doseu direito.....	amó rupĩ oicó
23	Esteira.....	perĩ
24	Estender.....	mocém
25	Esteio.....	Esteio
26		

⁷⁷ Anotação posterior.

27	Esterco.....	kepotý
28	Estimular.....	jemoacý
29	Estiό.....	coaracý ára
30	Estocada.....	cotucába
31	Estoria	porandúba
32	Estorvar.....	moayb
33	Estrangeiro.....	amó abá retáma goára
34	Estrella.....	jacý tatá
35	Estremadura.....	çangába

152r

295⁷⁸

1		
2	Estremecer.....	jacanhémo
3	Estripar.....	cepotý jóca
4	Estrondo.....	teapý
5	Estudar.....	jimboé
6	Esturrar.....	çái
7	Eternam(en)te.....	aujeramanhé oaráma
8	Eu mesmo.....	ixé eté
9	Evangelho.....	Tupána nheénga
10	Evangeliata.....	Tupána nheénga coatiacára

E. antes do X.

11		
12	Exagerar.....	mogoacú
13	Exaltação.....	ibateçába
14	Examinar.....	cecár
15	Exceder.....	oçação purýb
16	Excetuar.....	mojaóca & joóc
17	Exortar.....	mombeú catú
18	Expor.....	comeéng
19	Expressar.....	mojecoáúb
20	Extremunção.....	jandý carayýba

F. antes do A.

21		
22	Faca.....	Kycé
23	Facalhaô. & cutello.....	Kycé goacú
24	Faces do rosto.....	çatýpý

⁷⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

25	Facilitar.....	nitño moaçu
26	Facinirozo.....	tecóayba monhengára
27	Fadiga.....	caneónçába
28	Faisca.....	tatá merím
29	Faiscar.....	porirýe

152v

296

Falla	nlænga
Fallar	nlæng
Fallador	nlænggoera
Fallar alto	nlæng cantâm
Fallar baixo	meoé rupi onlaeng
Fallar dentre dentes	cururúe
Fallar com imperio	epotopásirunámo onlaeng
Fallar liviandades, & gracejar	moçaraýa rupi nhóte onlaeng
Fallar liviendades em má parte	mbaé puxi recé onlaeng
Fallar	abá
Falquear	jopáne
Falsidade	jereragoaýa oáe
Faltar alguá c.	oatár
Falto desustento	tyabóra
Fama	ceraKoéna
Fameliridade	jepocoaúb
Familia	abá
Fantasma	mbaé aýba
Farelagem, & Farelo	coréra
Farinha	uí - Sendo de Agoa - uícatú
Farnetico	epyá yba goéra
Fartar	moapúng
Fastio	nitiô jurú cé
Favo demel	tý apýra
Favorecer	peksin
Fazer	monlaeng
Fazer fazer	conús ucár

Fante: P. E. J.

Fé católica	teruy-jp. verahacába
Ferre	tacúsa
Ferre maligna	tacúsa aýba
Fecunda	Xavi
Fecundar	madaxi

296⁷⁹

1	Falla.....	nhoénga
2	Fallar.....	nheéng
3	Fallador.....	nheéngoéra
4	Fallar alto.....	nheén çantâm
5	Fallar baixo.....	meoé rupi onhaéng
6	Fallar dentre dentes.....	cururúe
7	Fallar com imperio.....	epotopábirunámo onheéng
8	Fallar liviandades, & gracejar.....	moçaraýa rupi nhóte onheéng
9	Fallar liviendades e má parte.....	mbaé puxi recé onheéng
10	Falhar.....	jabý
11	Falquear.....	jopáne
12	Falsidade.....	jereragoaýa oáe
13	Faltar alguá c(ouza).....	oatár
14	Falto desustento.....	tyabóra
15	Fama.....	ceraKoéna
16	Fameliridade.....	jepocoaúb
17	Familia.....	abá
18	Fantasma.....	mbaé aýba
19	Farelagem, & Farelo.....	coréra
20	Farinha.....	uí - Sendo de Agoa - uícatú
21	Farnetico.....	epyá yba goéra
22	Fartar.....	moapúng
23	Fastio.....	nitiô jurú cé
24	Favo demel.....	tý apýra
25		
26		

⁷⁹ Anotação posterior.

27	Favorecer.....	petibón
28	Fazer	monhańg
29	Fazer saber.....	coaúb ucár
30	F antes do E. I.	
31	Fé cattolica.....	Iesus (Christ)o rerociaçába
32	Febre.....	tacúba
33	Febre maligna.....	tacúba aýba
34	Fechadura.....	Xauî
35	Fechar.....	moxauî

153r

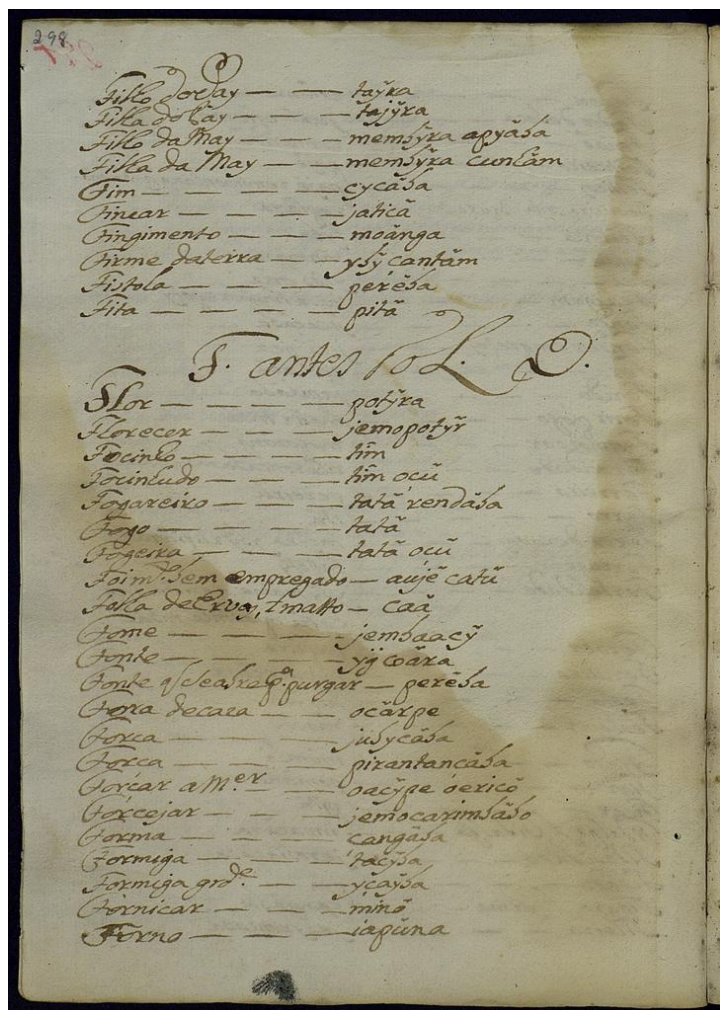
Fedor	enême
Fedor de boca	jurú enême
Feijão	comandá
Feiticeiro	pajé
Feitiço	pajé remimonháng aýba mo
Feiticeira, vide Bruxa	ropiára
Feitoria	tyba
Feixe	mamána
Fel	yrób oáé
Felugem	tatá tînga reportý
Fenda	jicaçaba
Fender em gretas	jicá jicá
Fera	çoó ocú
Ferida	japixába
Ferir fogo	moár tatá
Fermezear	maporáng
Ferocidade	nharonçába
Ferreiro	pereirú
Ferro	itá
Ferro de covas	tacýra ybý rupiára
Ferrugem	tepotý
Fertilidade	yby máme ojemonháng
Fervex	catú opabinhé mbáé
Fervura	pupúre
Festa	pupurecába
Festejar	hírýsa
Fiado	moche
Fiar	imimó
Fiar	gomâne
Fidalgo, Fidalga	pitá
Fidelidade	moacára
Fiado	jerañacába
Figura, Forma	cyá
Filéria	cangába
	jecyronçába

1		
2	Feder	enéme -
3	Fedor de boca.....	jurú enéme
4	Feijão.....	comandá
5	Feiticeiro.....	pajé
6	Feitiços.....	pajé remimonháng aýba mo
7	Feiticeira, vide Bruxa.....	ropiára
8	Feitoria.....	tyba
9	Feixe.....	mamána
10	Fel.....	yrób oáé
11	Felugem.....	tatá tînga reportý
12	Fenda.....	jicaçaba
13	Fender gretas.....	jicá jicá
14	Fera.....	çoó ocú
15	Ferida.....	japixába
16	Ferir fogo.....	moár tatá
17	Fermezear.....	maporáng
18	Ferocidade.....	nharonçába
19	Ferreiro.....	pereirú
20	Ferro.....	itá
21	Ferro de covas.....	tacýra ybý rupiára
22	Ferrugem.....	tepotý
23	Fertilidade.....	yby máme ojemonháng
24		catú opabinhé mbáé
25	Ferver.....	pupúre
26	Fervura.....	pupurecába

297⁸⁰⁸⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Festa.....	turýba
28	Festejar.....	moeté
29	Fiado.....	imimbó
30	Fiar.....	pomâne
31	Ficar.....	pýtá
32	Fidalgo, £ Fidalga.....	moacára
33	Fidelidade.....	jerobiaçába
34	Figado.....	pyá
35	Figura, £ forma.....	çangába
36	Fileira.....	jecyrinçába

153v

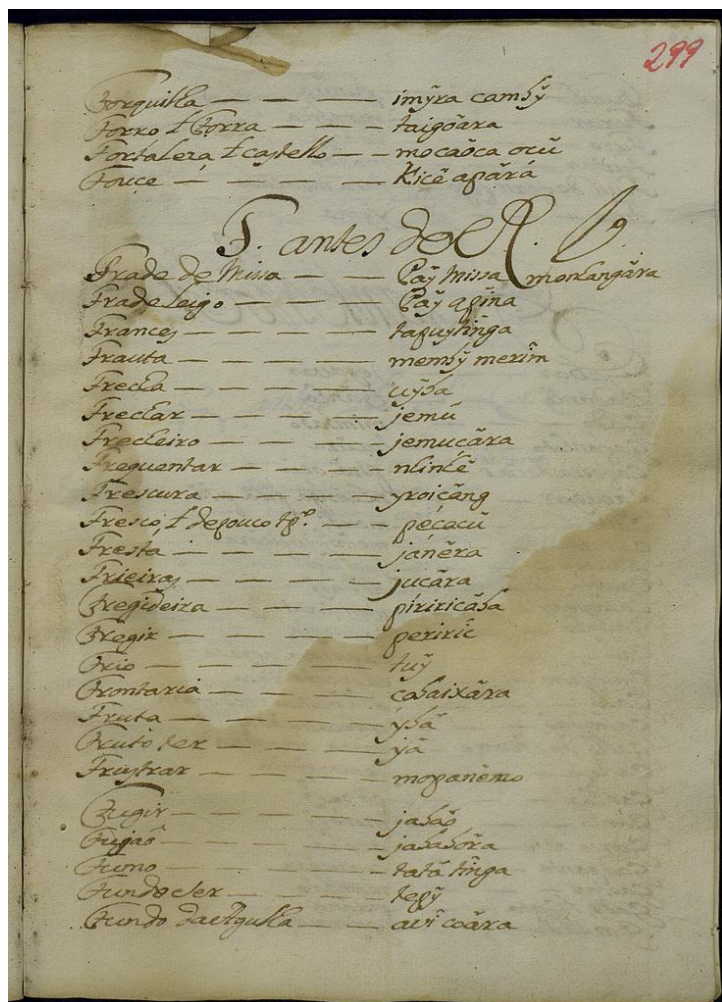
298⁸¹

1		
2	Filho do Pay.....	taýra
3	Filha do Pay.....	tajýra
4	Filho da may.....	membýra apyába
5	Filha da may.....	membýra cunhám
6	Fim.....	cycába
7	Fincar.....	jaticá
8	Fingimento.....	moánga
9	Firme daterra.....	yby çantám
10	Fistola.....	peréba
11	Fita.....	pitá
12	F. antes do L. O	
13	Flor.....	potýra
14	Florece.....	jemopotýr
15	Focinho.....	tím
16	Focinhudo.....	tím ocú
17	Fogareiro.....	tatá rendába
18	Fogo.....	tatá
19	Fogeira.....	tatá ocú
20	Foi m(ui)to bem empregado.....	aujé catú
21	Folha de Ervas, £ malto.....	caá
22	Fome.....	jembaacy
23	Fonte.....	yğ coára
24	Fonte q(ue) se abre p(ar)a purgar....	peréba

⁸¹ Anotação posterior.

25	Fora decaza.....	ocárpe
26	Forca.....	jubycába
27	Força.....	pirantançába
28	Forçar a m(ulh)er.....	oacýpe oericó
29	Forcejar.....	jemocarimbábo
30	Forma.....	çangába
31	Formiga.....	tacyba
32	Formiga gr(an)de.....	ycaýba
33	Fornicar.....	minó
34	Forno.....	iapúna

154r

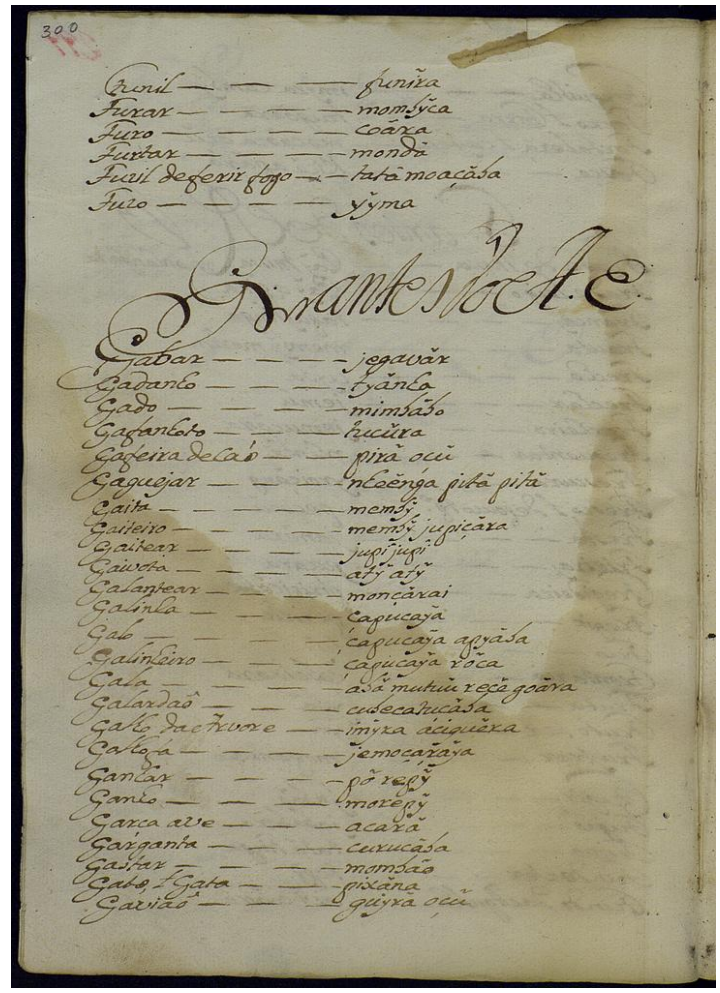


1			299 ⁸²
2	Forquilha.....	imýra cambý	
3	Forro, £ Forra.....	taigóara	
4	Fortaleza, £ castello.....	mocaóca oçú	
5	Fouçe.....	Kicé apára	
7		F. antes de R. V.	
8	Frade de missa.....	Paý missa monhangára	
9	Frade leigo.....	Paý apína	
10	Frances.....	tapuytínga	
11	Frauta.....	memby merím	
12	Frecha.....	uýba	
13	Frechar.....	jemú	
14	Frecheiro.....	jemuçára	
15	Frequentar.....	nhinhé	
16	Frescura.....	yroiçang	
17	Fresco; £ de pouco t(i)p(o).....	peçacú	
18	Fresta.....	janéra	
19	Frieiras.....	juçára	
20	Fregideira.....	piriricába	
21	Fregir.....	periríc	
22	Frio.....	tuý	
23	Frontaria.....	cabaixára	
24	Fruta.....	ybá	
25	Fruto ser.....	yá	
26	Frustrar.....	mopanémo	

⁸² Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Fugir.....	jabaó
28	Fujaô.....	jababóra
29	Fumo.....	tatá tînga
30	Fundo ser.....	tepy
31	Fundo daAgulla.....	avî coára

154v



300⁸³

1		
2	Funil.....	funíra
3	Furar.....	mombyca
4	Furo.....	coára
5	Furtar	monda
6	Fuzil deferir fogo.....	tutá moaçába
7	Fuzo.....	Yma
8	G antes de A. E.	
9	Gabar.....	jegovár
10	Gadanho.....	tyánha
11	Gado.....	mimbábo
12	Gafanhoto.....	tucúra
13	Gafeira de caó.....	pirá oçú
14	Gaguejar.....	nheénga pitá pitá
15	Gaita.....	membý
16	Gaiteiro.....	membý jupicára
17	Gaitear.....	jupí jupí
18	Gaivota.....	atý atý
19	Galantear.....	monçarai
20	Galinha.....	çapucayá
21	Galo.....	çapucaýa apyába
22	Galinheiro.....	çapucaýa róca
23	Gala.....	abá mutuú recé goára
24	Galardaô.....	cubecatucába
25	Galho da Arvore.....	imýra aciquéra

⁸³ Anotação posterior.

26	Galhofa.....	jemoçaraýa
27	Ganhar.....	pó repý
28	Ganho.....	morepý
29	Garça ave.....	acará
30	Garganta.....	curucába
31	Gastar.....	mombaó
32	Gabo, £ gata.....	pixána
33	Gaviaô.....	guýra, oçú

155r

301

Gema de ovo	copiã tagoã
Gemeo de Irmaõ	monoxi
gemex	çacemo
General	moroxába oçú
Gengiva	çaiybá
Gente	míka
Gentio	tapuyá
geração, & linha	japycá
geração, & multiplicação	poromonháng
geral m. e	opabinhé catú
Gerar	mojemonháng

G. antes do I. L. D.

Gingibre	mangaratayá
Gis	çaiçába
Girar	çaír
Globo	apuám
Gloriar-se	çoryb
Glorioso	ibák póra
Golodices	nhemomota çába
Goloso	tyára oçú
Goma	ycýca
Gomo de tenro	çoám kyfa
Gordura	icába
Gorgulho	çaçóca
Gorgurejar	cororóng
Gosto hum dos sentidos	çaáng
Gota de Agoa	yğ tykýr
Gota de cora	manô manô aysa
Governar	governar
Grax	seriçô

G. antes do R. D.

1		
2	Gema de ovo.....	çopiã tagoá
3	Gemeos de Irmaõs.....	monoxi
4	gemex.....	çacemo
5	General.....	moroxába oçú
6	Gengivas.....	çaiybá
7	Gente.....	míka
8	Gentio.....	tapuyá
9	geração, & linha.....	japycá
10	Geração, & multiplicação.....	poromonháng
11	Geralm(en)te.....	opabinhé catú
12	Gerar.....	mojemonháng

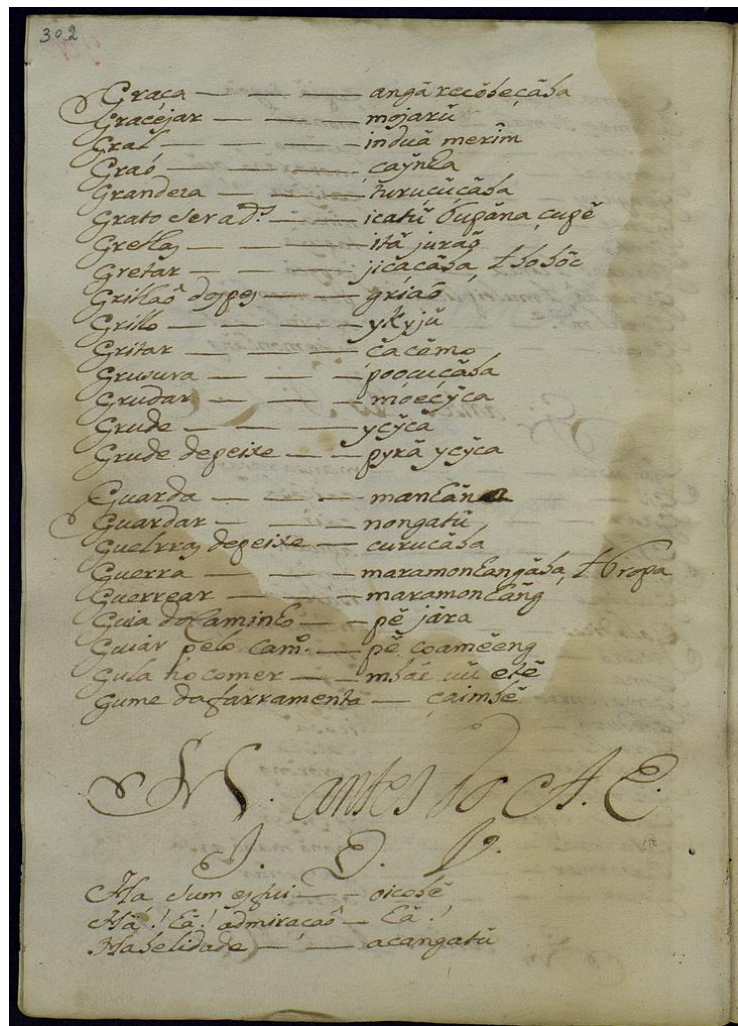
G. antes do I. L. D.

13		
14	Gingibre.....	mangaratayá
15	Gis.....	çaiçába
16	Girar.....	çaír
17	Globo.....	apuám
18	Gloriar-se.....	çoryb
19	Glorioso.....	ibák póra
20	Golodices.....	nhemomota çába
21	goloso.....	tyára oçú
22	Goma.....	ycýca
23	Gomo de tenro.....	çoám Kyfa
24	Gordura.....	icába
25	Gorgulho.....	çaçóca
26	Gorgurejar.....	cororóng
27	Gosto hum dos sentidos.....	çaáng
28	Gota de Agoa.....	yğ tykýr

301⁸⁴⁸⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Gota coral.....	manó manó aýba
30	Governar.....	gouernár
31	Gozar.....	oericó
32	G. antes do R. V.	

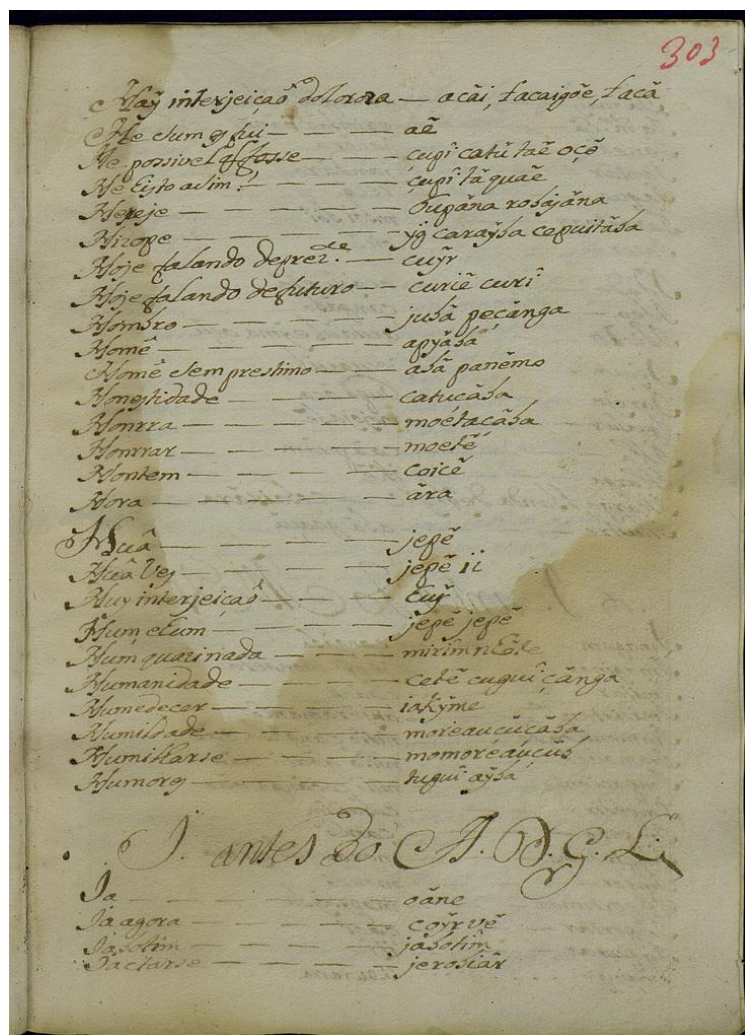
155v

302⁸⁵

1		
2	Graça.....	angá recóbeçába
3	Gracejar.....	mojarú
4	Gral.....	indua merim
5	Graó.....	çaynha
6	Grandeza.....	turuçúçába
7	Grato ser ad(eos).....	icatú Tupána çupé
8	Grelhas.....	itá juraó
9	Gretar.....	jicaçába, £ bobóc
10	Grilha dos pes.....	griaô
11	Grillo.....	ykyjú
12	Gritar.....	çacêmo
13	Grusura.....	pooçuçába
14	Grudar.....	moecýca
15	Grude.....	ycýca
16	Grude de peixe.....	pyrá ycýca
17	Guarda.....	manhán[a]
18	Guardar.....	nongatú
19	Guelrras de peixe.....	curucába
20	Guerra.....	maramonhangába, £ Tropa
21	Guerrear.....	maramonhaing
22	Guia do Caminho.....	pé jára
23	Guiar pelo cam(inh)o.....	pé coaméeng
24	Gula no comer.....	mbaé uú eté
25	Gume do farramenta.....	çaimbé
26	H. antes do A. E.	
27	I. D. V	

⁸⁵ Anotação posterior.

28	Ha Sum es fui.....	oicobé
29	Hä ! há ! admiração.....	há!
30	Habelidade.....	acangatú



1		303 ⁸⁶
2	Hay interjeição dolorosa.....	acái, f acaigõe, f acá
3	He Sum es fui.....	aé
4	He possível q(ue) fosse.....	çupî catú taé oçó
5	He histo assim!.....	çupî tá quae
6	Hereje.....	Tupána robajána
7	Hizope.....	yğ carayba cepuitába
8	Hoje falando deprez[en]te.....	cuyr
9	Hoje falando defuturo.....	curié curî
10	Hombro.....	jubá peçanga
11	Homê.....	apyába
12	Homê sem prestimo.....	abá panêmo
13	Honestidade.....	catuçába
14	Honrra.....	moetaçába
15	Honrrar.....	moeté
16	Hontem.....	coicé
17	Hora.....	ára
18	Huã.....	jepé
19	Huã Ves.....	jepé ii
20	Huy interjeição.....	huy
21	Hum, ehum.....	jepé jepé
22	Hum quazinada.....	mirîm nhóte
23	Humanidade.....	ceté cuguí cãnga
24	Humedecer.....	iakýme
25	Humildade.....	moreauçúçába
26	Humilharse.....	momoreauçúb
27	Humores.....	tuguí ayba
28	I. antes do A. O. G. L	

⁸⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Ia.....	oáne
30	Ia agora.....	coýr ué
31	Iabotim.....	jabotîm
32	Iactarse.....	jerobiâr

304

Ia mais	anangái oáne
Ia m(u)to há	erimbaé oáne
Ianella	janéxa
Iantar	jandára
Iaque	recé
Iarretear	mbói boi
Iazer	oicó
Idade	acajú etá
Idea	çangába
Idiota	acuaúb eyma oçú
Iejum	jecuacúb
Igreja	Tupá óca
Igualar	mojojabé
Ilha	caá puám
Ilharga	iké
Ilharga, £ banda deq(u)er c(ouza)	çobaixára
Illustre	abá goaçú

I. antes do M. N. O.

Imagem	çangába
Imaginar	jepýa mongetá
Imitar	çaáng
Imediatam(en)te	aujeramanhé
Immensidade	nitîo çangába oáo
Immovel	nitîo goatá oáo
Impaciente	nitîo çoçánga oáo
Impedir	çobaitîm
Impeto	caçú
Impiedade	morauçú eyma
Impor	moni
Importunar	mapyayá
Importar	caçú
Impetuar	itê
Impingem	Uaurana

1	Ia mais.....	anagái oáne
2	Ia m(ui)to há.....	erimbaé oáne
3	Ianella.....	janéxa
4	Iantar.....	jandára
5	Iaque.....	recé
6	Iarretear.....	mbói boi
7	Iazer.....	oicó
8	Idade.....	acajú etá
9	Idea.....	çangába
10	Idiota.....	acuaúb eyma oçú
11	Iejum.....	jecuacúb
12	Igreja.....	Tupá óca
13	Igualar.....	mojojabé
14	Ilha.....	caá puám
15	Ilharga.....	iké
16	Ilharga, £ banda deq(u)alq(u)er c(ouza).....	çobaixára
17	Illustre.....	abá goaçú
18		
19	I. antes do M. N. O.	
20	Imagem.....	çangába
21	Imaginar.....	jepýa mongetá
22	Imitar.....	çaáng
23	Imediatam(en)te.....	aujeramanhé
24	Immensidade.....	nitîo çangába oáo
25	Immovel.....	nitîo goatá oáo
26	Impaciente.....	nitîo çoçánga oáo
27	Impedir.....	çobaitîm

⁸⁷ Anotação posterior.

28	Impeto.....	çanhé
29	Impiedade.....	morauçúb eýma
30	Impor.....	mondó
31	Importunar.....	mopyayba
32	Importar.....	çacî
33	Imputar.....	itýc
34	Impingem.....	Uaurana.

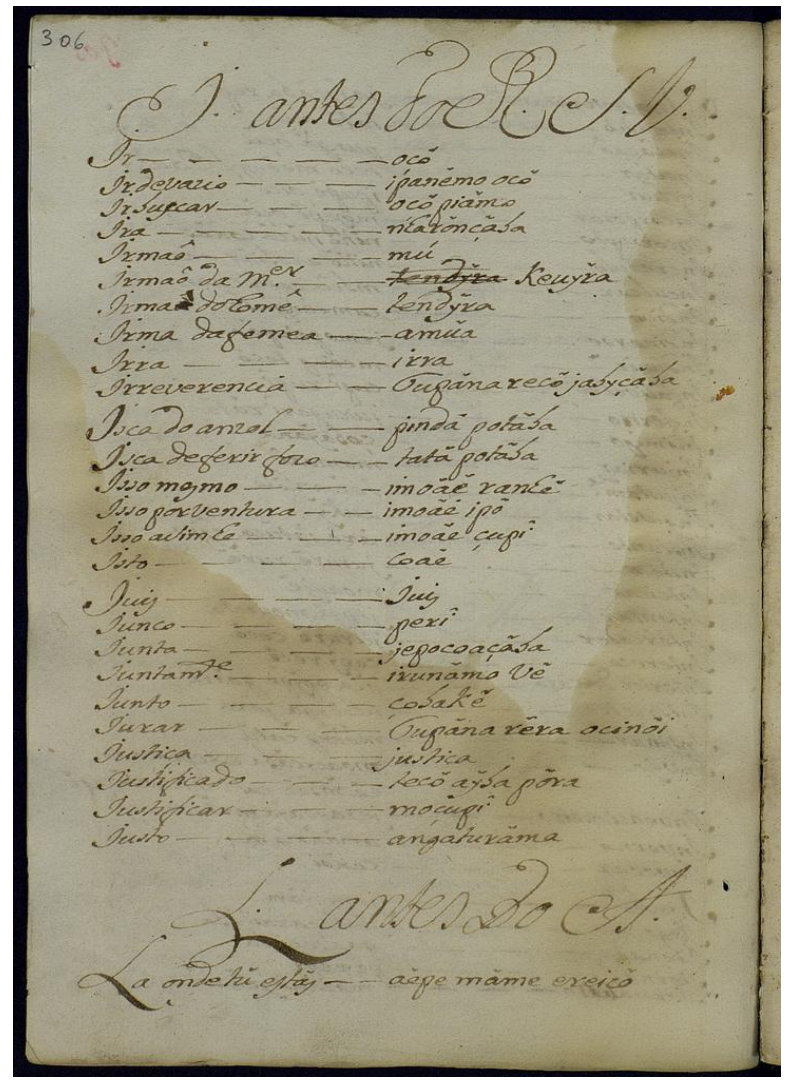
Inadvertidam	jabyçába rupi
Incendio	tatá oçú
Inchação	pungá oçú
Incitar	tecó meéng, £ Eauky
Incluir	ipupé oicó
Incorporar	mojepé oçú
Incorrupção	nitô ijúca coaúb
Incredulo	nitô arobiár oáe
Inculcar	mbeá catú cecé
Indício	comeéngába
Indinar-se	jemopotupáo
Induzir	meéng tecó
Infalível	çupí rupi
Inferno	juruparí ráta
Inimigo	çobayána
Injuriar	momari
Injustam	teémnhóte
Inquietar	auky
Instante	ára iatúca áya
Instar	jururé ruré
Intear	moaujé
Intentar	jepyá mongetá
Interceder	jururé cecé
Interece	cepý recé
Interior da caça	óca epýpé goára
Interpetre	nheénga jára
Intinar	nheéng catú
Inveja	moacycába exepiáca re
Invençioneiro	çé mbeá catú myra etáucé
Inverno	amara ára
Invocar	cerói
Isento	jenyjiám
Isso	jemocaváta
Jornada	goatáca
Jornal	pó regy
Jornaleiro	motauky cára

1	Inadvertidam(en)te.....	jabyçába rupi
2	Incendio.....	tatá oçú
3	Inchação.....	pungá oçú
4	Incitar.....	tecó meéng, £ Eauky
5	Incluir.....	ipupé oicó
6	Incorporar.....	mojepé oçú
7	Incorrupto.....	nitô ijúca coaúb
8	Incredulo.....	nitô arobiár oáe
9	Inculcar.....	mbeá catú cecé
10	Indício.....	comeéngába
11	Indinar-se.....	jemopotupáo
12	Induzir.....	meéng tecó
13	Infalível(en)te.....	çupí rupi
14	Inferno.....	juruparí ráta
15	Inimigo.....	çobayána
16	Injuriar.....	momari
17	Injustam(en)te.....	teémnhóte
18	Inquietar.....	auky
19	Instante.....	ára iatúca áya
20	Instar.....	jururé ruré
21	Intear.....	moaujé
22	Intentar.....	jepyá mongetá
23	Interceder.....	jururé cecé
24	Interece.....	cepý recé
25	Interior da caça.....	óca epýpé goára
26	Interpetre.....	nheénga jára
27	Intinar.....	nheéng catú
28	Inveja.....	moacycába exepiáca re
29		

⁸⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

30		cé mbaé catú mýra etá çupé
31	Invencioneiro.....	jeragoaýa moánga oçú
32	Inverno.....	amána ára
33	Invocar.....	cenói
34	Ioelho.....	jenypyám
35	Iogo.....	jemoçaraitába
36	Iornada.....	goataçába
37	Iornal.....	pórepy
38	Iornaleiro.....	moraukyçára

157v



306⁸⁹

1		
2		
3	I. antes do R. S. V	
4	Ir.....	oço
5	Irdevazio.....	ipanémo oco
6	Ir buscar.....	oço piámo
7	Ira.....	nharónçába
8	Irmao.....	mú
9	Irmao da M(ul)her.....	tendýra Keuyra
10	Irmao dohomê.....	tendýra
11	Irma da femea.....	amúa
12	Irria.....	irra
13	Irreverencia.....	Tupána recó jabycába
14	Isca do anzol.....	pindá potába
15	Isca de ferir fozo.....	tatá potába
16	Isso mesmo.....	imoáé ranhé
17	Isso por ventura.....	imoáé ipó
18	Isso assim he.....	imoáé çupí
19	Isto.....	coae
20	Iuis.....	Iuis
21	Iunco.....	perí
22	Iunta.....	jepocoaçába
23	Iuntam(en)te.....	irunámo vé
24	Iunto.....	çobaké
25	Iurar.....	Tupána réra ocinói
26	Iustica.....	justica
27	Iustificado.....	tecó aýba póra
28	Iustificar.....	moçupí
29	Iusto.....	angaturáma
	L. antes do A.	

⁸⁹ Anotação posterior.

30

La onde tú estás..... aépe máme ereicó

207

La vos avinde	pere imotára rupi
Labeo	moricaça
Laçada	japotycaça
Laco	juçana
Ladino	jacoáub eté
Ladrao	mondaçara
Lagartixa	taraóyra
Lagarto	teju
Lagarto q come gidos	jacaré arú
Lagarto do braço	iyba goabyrú
Lagrima	cecá rý
Lagrimijar	cecá tykír, tceçá rý, çururú
Lama	tujúca
Lamaçal	tyjúca páo
Lamber	ceréb
Lamentar	çapyrón
Lança	lança
Lançar em rosto	çobápe itýca
Lanterna	caneýa rerú
Lar do fogo	tatá rendába
Laranjal	narandýba
Largo	tepopýr
Largura	tepopyreçába
Largar	poír
Latejar a ferida	coóm
Latejar a fonte da cabeça	titýc
Lavadeira	pána petecára
Lavar loupa	pána peteca
Lavar-se todo	jemoacúca
Lavar mag. pey	juçá

Lentes A. E. J.

Ley	leco
Leicenco	jatyí
Leitao	layacú aya morim
Leite	camóy

⁹⁰ Anotação posterior em carneta vermelha.

1		
2	La vos avinde.....	pere [...] imotára rupi
3	Labeo.....	moricaça
4	Laçada.....	japotycaça
5	Laço.....	juçana
6	Ladino.....	jacoáub eté
7	Ladrao.....	mondaçara
8	Lagartixa.....	taraóyra
9	Lagarto.....	teju
10	Lagarto q(ue) come os ovos.....	jacaré arú
11	Lagarto do braço.....	iyba goabyrú
12	Lagrima.....	cecó rý
13	Lagrimijar.....	cecá tykír, & cecá rý çururú
14	Lama.....	tujúca
15	Lamaçal.....	tyjúca páo
16	Lamber.....	ceréb
17	Lamentar.....	çapyrón
18	Lança.....	lança
19	Lançar em rosto.....	çobápe itýca
20	Lanterna.....	caneýa rerú
21	Lar do fogo.....	tatá rendába
22	Laranjal.....	narandýba
23	Largo.....	tepopýr
24	Largura.....	tepopyreçába
25	Largar.....	poír
26	Latejar a ferida.....	coóm
27	Latejar a fonte da cabeça.....	titýc
28	Lavadeira.....	pána petecára

29	Lavar Roupa.....	pána petéca
30	Lavar-se todo.....	jemoaçúca
31	Lavar maos, pes.....	jucýb
32	L. antes do E. I.	
33	Ley	tecó
34	Leicenço.....	jatyî
35	Leitaô.....	tayaçú aýa merîm
36	Leite.....	camby

158v

308

Lembranças dar	—	—	mocubé catú
Lembrar	—	—	maenduár
Lendea	—	—	Keyba ropiá
Leme	—	—	jacumá
Lenha	—	—	japyába
Lenha de S(aô) de Joaô	—	—	çacai
Lepra	—	—	meréba aýba
Ler	—	—	jimboé papéra pupé
Letra	—	—	coatiaçába
Levantar alguá c.	—	—	cupîr
Levantarse	—	—	jemopoáme
Levar	—	—	eraçó
Levar por força	—	—	ecarimbábo rupî eraçó
Leve	—	—	nitfo epocý
Lezaô	—	—	meoám
Liberal	—	—	nitfo çacataýma oáe
Liberdade	—	—	cemimotára
Liçaô	—	—	jimboeçába
Licença	—	—	licença
Licitam ^{te}	—	—	catú rupî
Lidar	—	—	oicó eté morauKý recé
Ligeireza nas mãos	—	—	pó jabaó
Lima	—	—	lima
Limaduras	—	—	itá coréra
Limaô	—	—	rimaó
Limbo	—	—	yby coára ocú yby apitérpe má me pytúna ocú oicó nhinhé taýna etá ánga ceraýma pupé omá- no oáe etá rendába.
Limos	—	—	yj ába
Lingoa	—	—	japycon
Lingagem	—	—	mzença
Linça	—	—	inimboi
Linça de pescar	—	—	gynda xama
Liquor	—	—	ty
Líquido	—	—	tycú
Livrar	—	—	pycyon
Livre alvedrio	—	—	cemimotára

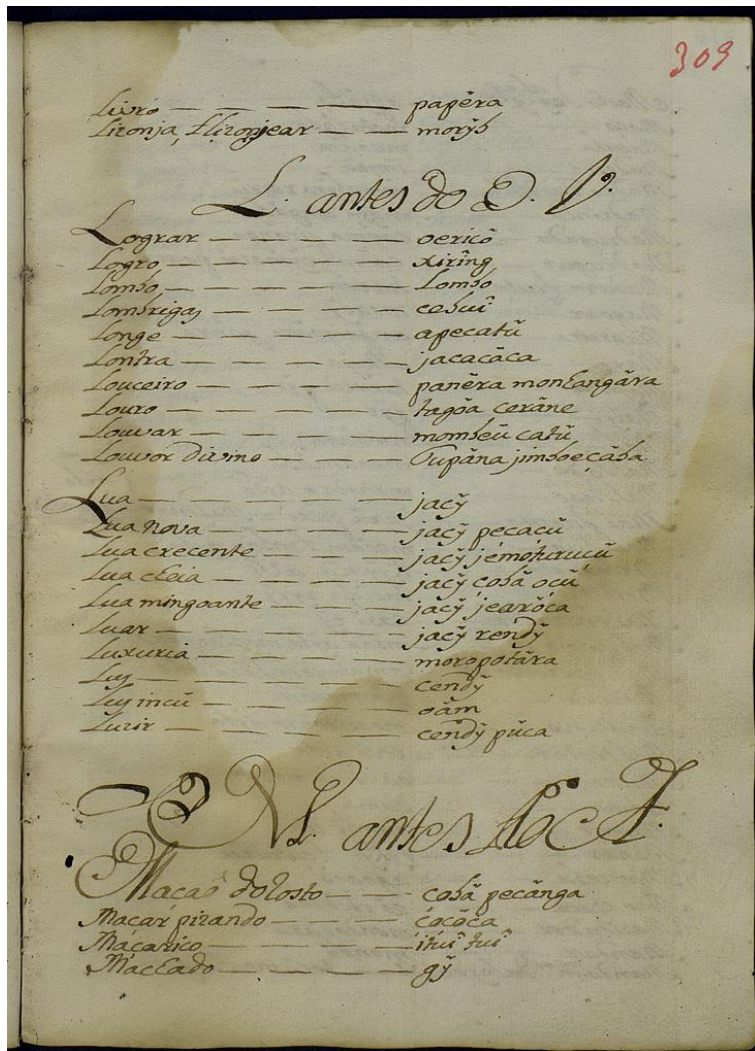
308⁹¹

1	Lembranças dar.....	mocubé catú
2	Lembrar.....	maenduár
3	Lendea.....	Keyba ropiá
4	Leme.....	jacumá
5	Lenha.....	japyába
6	Lenha de S(aô) de Joaô.....	çacai
7	Lepra.....	meréba aýba
8	Ler.....	jimboé papéra pupé
9	Letra.....	coatiaçába
10	Levantar alguá c(ouza).....	çupîr
11	Levantarse.....	jemopoáme
12	Levar.....	eraçó
13	Levar por força.....	ecarimbábo rupî eraçó
14	Leve.....	nitfo epocý
15	Lezaô.....	meoám
16	Liberal.....	nitfo çacataýma oáe
17	Liberdade.....	cemimotára
18	Liçaô.....	jimboeçába
19	Licença.....	licença
20	Licitam(en)te.....	catú rupî
21	Lidar.....	oicó eté morauKý recé
22	Ligeireza nas mãos.....	pó jabaó
23	Lima.....	lima
24	Limaduras.....	itá coréra
25	Limaô.....	rimaó
26	Limbo.....	yby coára ocú yby apitérpe má me pytúna ocú oicó nhinhé taýna etá ánga ceraýma pupé omá-
27		
28		
29		

⁹¹ Anotação posterior.

30		no oáe etá rendába.
31	Limos.....	yġ ába
32	Lingoa.....	japycón
33	Lingoagem.....	nheénga
34	Linhas.....	inimbói
35	Linha de pescar.....	pyndá xáma
36	Liquor.....	tý
37	Liquido.....	tycú
38	Livrar.....	pycyrón
39	Livre alvedrio.....	cemimotára

159r

309⁹²

1		
2	Livro.....	papéra
3	Lizonja, & lizonjear.....	moryb
4		L. antes do O. V.
5	Lograr.....	oericó
6	Logro.....	xirîng
7	Lombo.....	lombo
8	Lombrigas.....	cabuî
9	Longe.....	apecatú
10	Lontra.....	jacacáca
11	Louceiro.....	panéra monhangára
12	Louro.....	tagóá ceráne
13	Louvar.....	mombeú catú
14	Louvor diuino.....	Tupána jimboeçába
15	Lua.....	jacý
16	Lua nova.....	jacý peçacú
17	Lua crescente.....	jacý jemoturuçú
18	Lua cheia.....	jacý çobá oçú
19	Lua mingoante.....	jacý jearóca
20	Luar.....	jacý rendý
21	Luxuria.....	moropotára
22	Lus.....	cendý
23	Lus incú.....	oám
24	Luzir.....	cendý púca
25		M. antes do A.
26	Maço do Rosto.....	çobá pecánga

⁹² Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Maçar pizando.....	çoçoça
28	Maçarico.....	ituî tuî
29	Machado.....	gý

159v

316

Macho de q(u)alq(u)er c(ouza).....	apyába
Maço	motaçába
Macula.....	meoám
Madeira.....	imyrá
Madre das M(u)lher(es).....	membyra rerú
Madrinha.....	maýa angába
Madrugada.....	coéma piranga
Madrugar.....	coéma eýmevé poáme
Madura fruta.....	tiarón
Magoar.....	moacy
Magreira.....	angaigoára goéra
May.....	Maýa
Mayor.....	turucú pýr
Maij.....	pýr
Mal.....	meoám
Maldade.....	meoançába
Maldicaô.....	mongére aýbe
Mal dizente.....	jurú purí = Maldizer - [↑ aýbe] mombéu
Maleficio.....	meoám £ mbáe aýba
Malagueta.....	Kyýnha avî
Maleitas.....	tacúba ryrý
Mal encarado.....	çobá cy
Mal fazejo.....	mbáe aýba monhangára
Mal querente.....	amotareimbára oae
Malícia.....	pyá meoám
Malicioso.....	mocigoéra aýba
Mal tratar.....	recó aýba

310⁹³

1		
2	Macho de q(u)alq(u)er c(ouza).....	apyába
3	Maço	motaçába
4	Macula.....	meoám
5	Madeira.....	imyrá
6	Madre das M(u)lher(es).....	membyra rerú
7	Madrinha.....	maýa angába
8	Madrugada.....	coéma piranga
9	Madrugar.....	coéma eýmevé poáme
10	Madura fruta.....	tiarón
11	Magoar.....	moacy
12	Magreira.....	angaigoára goéra
13	May.....	Maýa
14	Mayor.....	turucú pýr
15	Mais.....	pýr
16	Mal.....	meoám
17	Maldade.....	meoançába
18	Maldicaô.....	mongére aýbe
19	Mal dizente.....	jurú purí = Maldizer - [↑ aýbe] mombéu
20	Maleficio.....	meoám £ mbáe aýba
21	Malagueta.....	Kyýnha avî
22	Maleitas.....	tacúba ryrý
23	Mal encarado.....	çobá cy
24	Mal fazejo.....	mbáe aýba monhangára
25	Mal querente.....	amotareimbára oae
26	Malícia.....	pyá meoám
27	Malicioso.....	mocigoéra aýba
28	Mal tratar.....	recó aýba

⁹³ Anotação posterior.

29	Malva.....	oaxîme merîm
30	Mama.....	câma
31	Mamar.....	camby uú
32	Mariar.....	tyKyť, £ çururú
33	Manceba.....	agóaçá
34	Maó cheia.....	pó ricéme
35	Mandador.....	mondóçára
36	Mandar.....	mondó
37	Mandam(en)tos da Ley de D(eo)s.....	tecó monhangába

Maneira	nongára
Manhaô	coéma
Manifestar	mojecoáub
Manquejar	parîm parîm
Maniiaô	pyá membéca
Manteiga	cába
Mantim	tembiú
Maô	ayba
Maô fim	cicába ayba
Maô insino	imboé ayba
Maô	pó
Maô direita	pó catú
Maô esquerda	pó açú
Mangue	pereriyúa, xereriýua
Maô dogral do Almofaris	jnduá merim ména
Maquina	ceýia
Mar	paraná
Marapiraô	motapyrôn
Maravilharse	jacanhémo
Marca	çangába
Marcar	moçangába
Marezia	iapyñoñ açú
Margulhaô aue	Guyrá megoám
Marido	iména
Mariscar	jeporacár
Marrequa	poterî
Marrecaô	oananá
Marcelo	mariera
Mar	ma
Maranteasim	ajuséke ja sé kenem
Marigar	cui
Mastro	yá
Matar	jucá
Mata dor	jucacára
Mato	caa
Materia de fenda euehaga	péla

1	Maneira.....	nongára
2	Manhaô.....	coéma
3	Manifestar.....	mojecoáub
4	Manquejar.....	parîm parîm
5	Mansidaô.....	pyá membéca
6	Manteiga.....	cába
7	Mantim(en)to.....	tembiú
8	Maô.....	ayba
9	Maô fim.....	cicába ayba
10	Máo insino.....	imboé ayba
11	Maô.....	pó
12	Maô direita.....	pó catú
13	Maô esquerda.....	pó açú
14	Mangue.....	pereriyúa, xereriýua
15	Maô dogral do Almofaris.....	jnduá merim ména
16	Maquina.....	ceýia
17	Mar.....	paraná
18	Marapiraô.....	motapyrôn
19	Maravilharse.....	jacanhémo
20	Marca.....	çangába
21	Marcar.....	moçangába
22	Marezia.....	iapyñoñ açú
23	Margulhaô aue.....	Guyrá megoám
24	Marido.....	iména
25	Mariscar.....	jeporacár
26	Marrequa.....	poterî
27	Marrecaô.....	oananá

⁹⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Martelo.....	martéra
30	Mas.....	mas
31	Mas antes asim.....	ajubéte jabé tenén
32	Mastigar.....	çuú
33	Mastro.....	ýba
34	Matar.....	jucá
35	Matador.....	jucaçára
36	Mato.....	caá
37	Materia de ferida, eu chaga.....	péba ⁹⁵

⁹⁵ Anotação feito por uma terceira mão não identifica.

⁹⁷ Anotação posterior feita por terceira mão não identificada.

27	Merecer.....	merecér
28	Merendar.....	merendára
29	Mergulhar.....	jepý púca
30	Mexo peixe.....	cunapý
31	Mes.....	jacý
32	Mes das M(ulhe)r(e)s.....	jemondyára
33	Mesmo, £ mesma.....	aé eté
34	Mestre.....	jimboeçára
35	Mestiço.....	carybóca

161r

313

Mezura	—	—
Meter discordias	—	jamotaraeýmaocarábá
Meter	—	mondé
Meter medo	—	mocekyjé
Meu	—	xe embaé
Meixer	—	mopubúre
Migalha	—	pycangoéra
Milhas da meza	—	tymbiú coréra
Milharas de peixe	—	pyra ropiá
Milho	—	abatyi antám
Mimo, & prez(en)te	—	potába
Mingoar	—	jearóca
Minhoca	—	cebúy
Ministro de ajudar amissa	—	Missa pytybonçára
Miolo dacabeça	—	apytýuma
Miolho, & massa dafruta	—	tuúma
Mizericordia	—	morauçúb
Misturar	—	monáne
Mistura nagoa	—	tycoár
Mixilhaô	—	çururú
M. antes do O. V.		
Mó	—	itá babáca
Moço	—	curumím ocú
Mocidade	—	cunhám mocus
Moderar	—	qui mezim
Moderna c	—	pycaçu
Modo	—	peço
Moer	—	mocai
Mofo	—	pytusa
Mogo	—	pixé
Moleira dacabeça	—	cangáca
	—	apytéra

313⁹⁸

1	Mezura.....	
2	Meter discordias.....	jamotaraeýmaocarábá
3	Meter.....	mondé
4	Meter medo.....	mocekyjé
5	Meu.....	xe embaé
6	Meixer.....	mopubúre
7		
8	Migalha.....	pycangoéra
9	Migalhas da meza.....	tymbiú coréra
10	Milharas de peixe.....	pyra ropiá
11	Milho.....	abatyi antám
12	Mimo, & prez(en)te.....	potába
13	Mingoar.....	jearóca
14	Minhoca.....	cebúy
15	Ministro de ajudar amissa.....	Missa pytybonçára
16	Miolo dacabeça.....	apytýuma
17	Miolho, & massa dafruta.....	tuúma
18	Mizericordia.....	morauçúb
19	Misturar.....	monáne
20	Mistura nagoa.....	tycoár
21	Mixilhaô.....	çururú
22		
23	Mó.....	itá babáca
24	Moço.....	curumím ocú
25	Moça.....	cunhám mocus
26	Mocidade.....	cerumîmocú çába

⁹⁸ Anotação posterior

27	Moderar.....	puîr merîm
28	Moderna c(ouza).....	pyçaçú
29	Modo.....	tecó
30	Moer.....	mocuî
31	Mofino.....	pytúba
32	Mofo.....	pixé
33	Molde.....	çangába
34	Moleira da cabeça.....	apytéra

161v

314

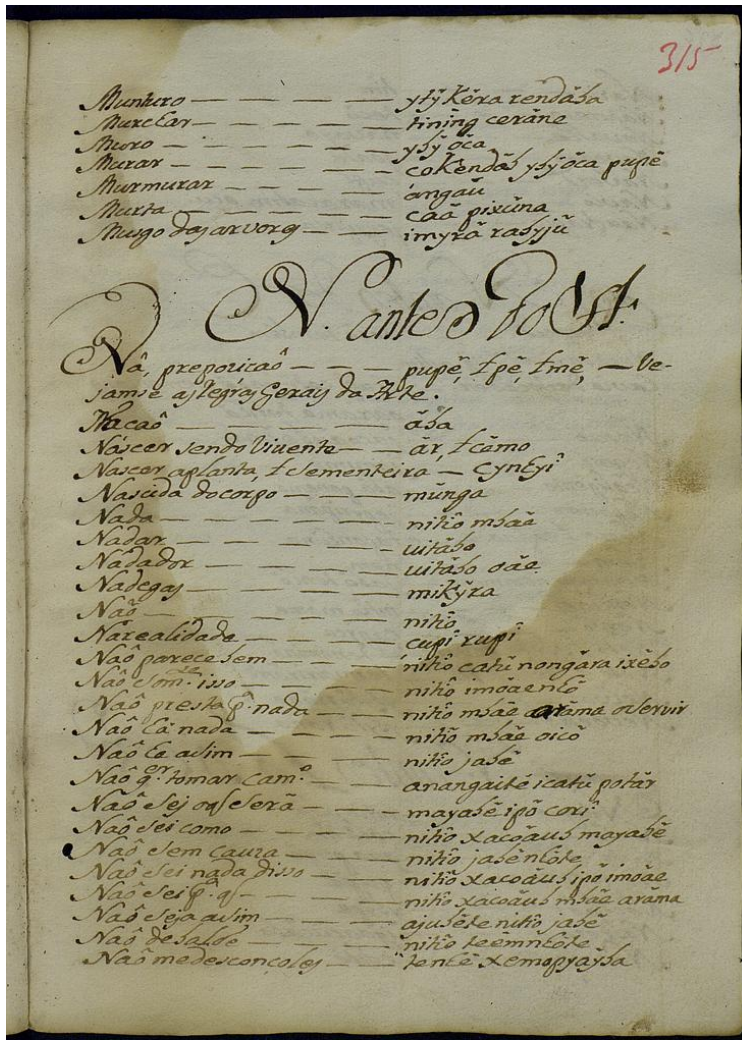
Molestar	—	—	mopya ýba
Molestia	—	—	mbáe acý acý
Molhar	—	—	moakýme
Molher	—	—	cunhám
Molho	—	—	tý
Molho de mandioca	—	—	tycopy
Monte	—	—	ybytura
Morador	—	—	óca jára
Morcego	—	—	andyrá
Morder	—	—	çuú
Mordedura	—	—	çuúçába
Morena	—	—	pixúna ceráne
Morrer	—	—	manó
Morte	—	—	teón
Mortificar	—	—	jucá ýba
Mosca	—	—	merú
Mosquito	—	—	meruím, jatiú, puí, carapá- na, morococa
Mostrar	—	—	comeéng
Mouxo	—	—	murucututú
Mouco	—	—	nitío iapycá oáe
Mover o coração	—	—	pyá momembéc
Muda pessoa	—	—	abá nitío onheéng oáe
Mudança noq se falla	—	—	amó rupi onheéng
Mudar Cuá e deluá q. q. outra	—	—	cejý
Muito	—	—	cetá
Muito antes	—	—	cenandé efé
Muito, vécey	—	—	cetá eii
Muito depressa	—	—	çapýa
Multa doença	—	—	raconó — Ea tuginansá
Multato	—	—	morabú
Multidão	—	—	cejýa
Multiplicar	—	—	goromon Cáng
Mundo	—	—	ára
Morar e Ordinar	—	—	camýi joca
Mormicão	—	—	mocasa raynéa

314⁹⁹

1		
2	Molestar.....	mopya ýba
3	Molestia.....	mbáe acý acý
4	Molhar.....	moakýme
5	Molher.....	cunhám
6	Milho.....	tý
7	Molho de mandioca.....	tycopy
8	Monte.....	ybytura
9	Morador.....	óca jára
10	Morcego.....	andyrá
11	Morder.....	çuú
12	Mordedura.....	çuúçába
13	Morena.....	pixúna ceráne
14	Morrer.....	manó
15	Morte.....	teón
16	Mortificar.....	jucá ýba
17	Mosca.....	merú
18	Mosquito.....	meruím, jatiú, puí, carapá- na, morococa
19		
20	Mostrar.....	comeéng
21	Mouxo.....	murucututú
22	Mouco.....	nitío iapycá oáe
23	Mover o coração.....	pyá momembéc
24	Muda pessoa.....	abá nitío onheéng oáe
25	Mudança noq(ue) se falla.....	amó rupi onheéng
26	Mudar huá c(ouza) dehuá p(ar)te p(ar)a outra.....	cejý
27	Muito.....	cetá

⁹⁹ Anotação posterior.

28	Muito antes.....	cenondé eté
29	Muitas vezes.....	cetá eii
30	Muito depressa.....	çapyá
31	Mulla doença.....	toconó -he tupinanbá
32	Mullato.....	moratú
33	Multidaô.....	ceĩyá
34	Multiplicar.....	pormonháng
35	Mundo.....	ára
36	Mungir, £ Ordinar.....	camby jóca
37	Muniçãô.....	mocába raynha

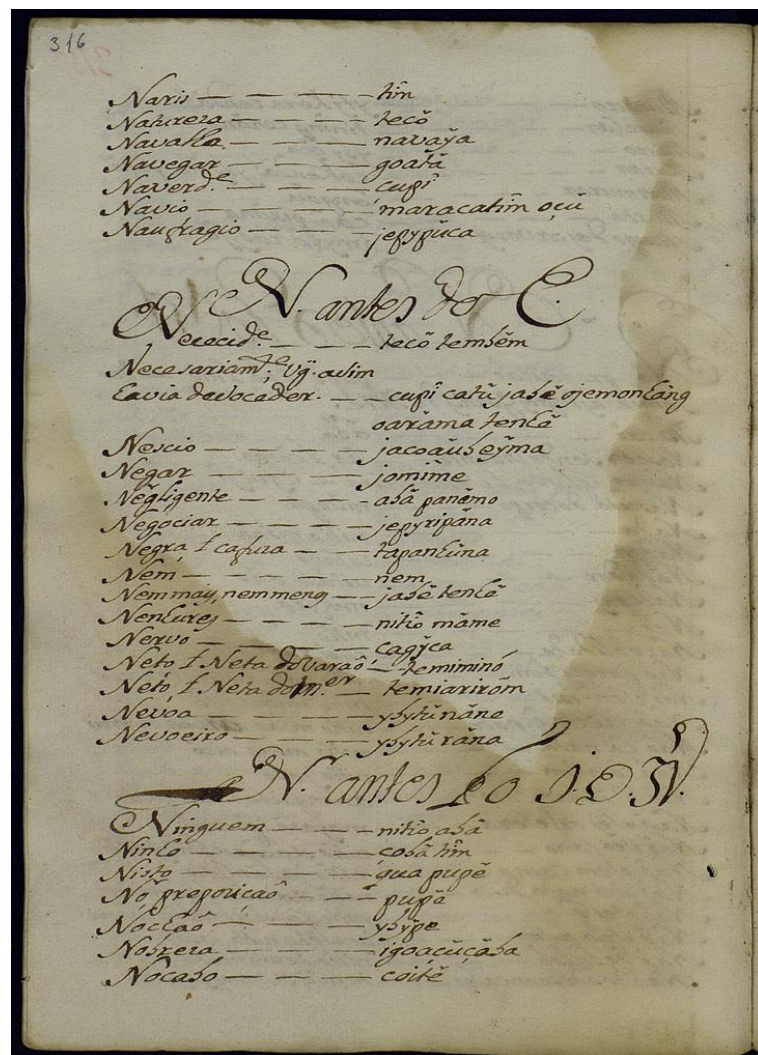


¹⁰⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

1			315 ¹⁰⁰
2	Munturo.....	ytý Kéra rendába	
3	Murchar.....	tiníng ceráne	
4	Muro.....	yby óca	
5	Murar.....	çoKendáb ybyóca pupé	
6	Murmurar.....	angau	
7	Murta.....	caá pixúna	
8	Musgo das aruores.....	imyrá rabyjú	
9		N. antes do A.	
10	Nâ, prepoziçãõ	pupé, £ pé, £ mé, -ve	
11	jamse as Regras Gerais da Arte.		
12	Naçaõ.....	ába	
13	Nascer sendo Vivente.....	ár, £ cámo	
14	Nascer aplanta, £ sementeira.....	cynhyî	
15	Nascida do corpo.....	múnga	
16	Nada.....	nitîo mbaé	
17	Nadar.....	uitábo	
18	Nadador.....	uitábo oáe	
19	Nadegas.....	mikyra	
20	Naõ.....	nitîo	
21	Narealidade.....	çupî rupî	
22	Naõ parece bem.....	nitîo catú nongára ixébo	
23	Naõ som(en)te isso.....	nitîo imoáenhó	
24	Naõ presta p(ar)a nada.....	nitîo mbaé aráma oservir	
25	Naõ há nada.....	nitîo mbaé oicó	
26	Naõ he asim.....	nitîo jabé	
27	Naõ q(uer)er tomar cam(inh)o.....	anangaité icatú potár	

28	Naô sei oq(ue) será.....	mayabé ipó corî
29	Naô sei como.....	nitîo xacoáub mayabé
30	Naô sem cauza.....	nitîo jabénhóte
31	Naô sei nada disso.....	nitîo xacoaub ipó imoáe
32	Naô sei p(ar)a q(ue).....	nitîo xacoáub mbaé aráma
33	Naô seja asim.....	ajubéte nitîo jabé
34	Naô debalde.....	nitîo teemnhóte
35	Naô medesconçoles.....	tenhé xemopyaýba

162v

316¹⁰¹

1		
2	Naris.....	tím
3	Natureza.....	tecó
4	Navalha.....	navaya
5	Navegar.....	goatá
6	Naverd(ad)e.....	çupî
7	Navio.....	maracatîm oçú
8	Naufragio.....	jepypuca
9		N. antes do E.
10	Nececid(ad)e.....	tecó tembém
11	Necesariam(en)te v(erbi)g(ratia) asim	
12	havia desoceder.....	cupî catú jabé ojemonháng
13		oaráma tenhé
14	Nescio.....	jacoaúbeýma
15	Negar.....	jomime
16	Negligente.....	abá panémo
17	Negociar.....	jepyripána
18	Negra, £ cafuza.....	tapanhúna
19	Nem.....	nem
20	Nem mais, nem menos.....	jabé tenhé
21	Nenhures.....	nitío máme
22	Nervo.....	çagýca
23	Neto £ Neta dovaraô.....	temiminó
24	Neto, £ Neta doM(ulh)er.....	temiariróm
25	Nevoa.....	ybytúnáne
26	Nevoeiro.....	ybytúrána

¹⁰¹ Anotação posterior.

27	N. antes do I. O. N.	
28	Ninguem	nitño abá
29	Ninho.....	çoba tím
30	Nisto.....	qua pupé
31	No, prepoziçãô.....	pupá
32	No chaô.....	ybýpe
33	Nobreza.....	igoaçúçába
34	Nocabo.....	coité

212

Nociva c.	mbáe aýba
Nodoa	Kyacába
Noite	pytúna
Nome	céra
Nomear	cenôî cêra rupî
Nomesmo lugar	cendápe catú
Nomesmo tempo	aeramê bé
Nos outros	oré
Notavelm(en)te	mayabé catú
Noticia	morandúba
Notificar	coáub ucár, £ momorandúba
Nova couza	mbáe pyçacú
Novello	inimbó apuám
Novilho	tapyîra corumîm ocú
Novilha	tapyîra cunhám mecú
Novicimos do homê	abá recó itycába
Noutra parte	amó máme
Nú	ecatúpe
Nuca	
Numerar	papár
Numero	papaçába
Nunca	nunca £ áne
Nutrir	jemoró - ó
Nuvem	ybytú tutínga, £ jbak'ínga

O. antes do B. C.

Obedecer	arobiár
Obediente	arabiçára
Osar	temimonlâng
Osar	monlâng
Osar	monalukycára
Osar	recó
Osar	poracár
Osar	çosaixára

1		
2	Nociva c(ouza).....	mbáe aýba
3	Nodoa.....	Kyacába
4	Noite.....	pytúna
5	Nome.....	céra
6	Nomear.....	cenôî cêra rupî
7	Nomesmo lugar.....	cendápe catú
8	Nomesmo tempo.....	aeramê bé
9	Nos outros.....	oré
10	Notavelm(en)te.....	mayabé catú
11	Noticia.....	morandúba
12	Notificar.....	coáub ucár, £ momorandúba
13	Nova couza.....	mbáe pyçacú
14	Novello.....	inimbó apuám
15	Novilho.....	tapyîra corumîm ocú
16	Novilha.....	tapyîra cunhám mecú
17	Novicimos do homê.....	abá recó itycába
18	Noutra parte.....	amó máme
19	Nú.....	ecatúpe
20	Nuca.....	
21	Numerar.....	papár
22	Numero.....	papaçába
23	Nunca.....	nunca £ áne
24	Nutrir.....	jemoró - ó
25	Nuvem.....	ybytú tutínga, £ jbak'ínga
26		O. antes do B. C.
27	Obedecer.....	arobiár

¹⁰² Anotação posterior com caneta vermelha.

28	Obediente.....	arobiaçára
29	Obra.....	temimonháng
30	Obrar.....	monhańg
31	Obreiro.....	moraukyçára
32	Obrigaçãô.....	tecó
33	Observar.....	poraçar
34	Obstaculo.....	çobaixára

163v

348

Oca couza	—	mbáe nitio ipór oáe
Ocariaô	—	ára
Ocariaô dar	—	tecó monháng
Ocazionar	—	meéng abá çupé monháng
		oaráma mbáe
Ocidente	—	máme coaracý ocanhème
O coitadinho?	—	teité ra-á
Ocorrer alguâ c. ao encontro	—	cémo ixupé
Ocorrer & lembrar	—	mendoár
Oculos	—	ceçá roá
Ocultam.	—	jemíma rupî
Ocultar	—	jumíme; cuacúb, jaçuí.
tudo segnefica emcoobrir em diversos sentidos.	—	
Ocupar	—	jocoái
Ocupador	—	jocoaiçára
Ocupação	—	morauký
O. antes do D.		
Odio	—	jamotareýma
Odiozam.	—	jamotareýma rupî
Ofender	—	moáybe
Ofensa	—	mbáe ayba
Oferecer	—	coameéng
Oferta	—	potába
Ofecial	—	mbáe monhangára
Olá incitativo q. fazer alguâ c.	—	eré catú
Oléio	—	camotim monhangára
Olaria	—	camotim monhangára & Olaria
Ofato e ont. de clizar	—	mbáe rakina
Olhar	—	maém
Olhar de quella	—	ceçá iagára iunámo omaém
Olhar adoleto	—	maém cobaké rupî
Olhar q. saizo	—	yóy keti omaém
Olhar q. tra	—	çakaguára keti omaém

318¹⁰³

1		
2	Oca couza.....	mbáe nitio ipór oáe
3	Ocariaô.....	ára
4	Ocariaô dar.....	tecó monháng
5	Ocazionar.....	meéng abá çupé monháng
6		oaráma mbáe
7	Ocidente.....	máme coaracý ocanhème
8	Ó coitadinho!.....	teité ra- á
9	Ocorrer alguâ c(ouza) ao encontro.....	cémo ixupé
10	Ocorrer, & lembrar.....	mendoár
11	Oculos.....	ceçá roá
12	Ocultam(en)te.....	jemíma rupî
13	Ocultar.....	jumíme; cuacúb, jaçuí. —
14	tudo segnefica emcoobrir em diuersos	em diversos sentidos. —
15	sentidos.....	
16	Ocupar.....	jocoái
17	Ocupador.....	jocoaiçára
	Ocupação.....	morauký
18	O. antes do D.	
19	Odio.....	jamotareýma
20	Odiozam(en)te.....	jamotareýma rupî
21	Ofender.....	moáybe
22	Ofensa.....	mbáe ayba
23	Oferecer.....	coameéng
24	Oferta.....	potába
25	Ofecial.....	mbáe monhangára
26	Olá incitativo p(ar)a fazer alguâ c(ouza)..	eré catú

¹⁰³ Anotação posterior.

27	Oleiro.....	camotîm monhangára
28	Olaria.....	camotîm monhangára £ olaria
29	Olfato sen(ti)do decheirar.....	mbaé retúna
30	Olhar.....	maém
31	Olhar de esguelha.....	ceçá iapára irunámo omaém
32	Olhar aoredor.....	maém çobaké rupî
33	Olhar p(ar)a baixo.....	Ybý Ketý omaém
34	Olhar p(ar)a tras.....	çaKaquéra Ketý omaém

219

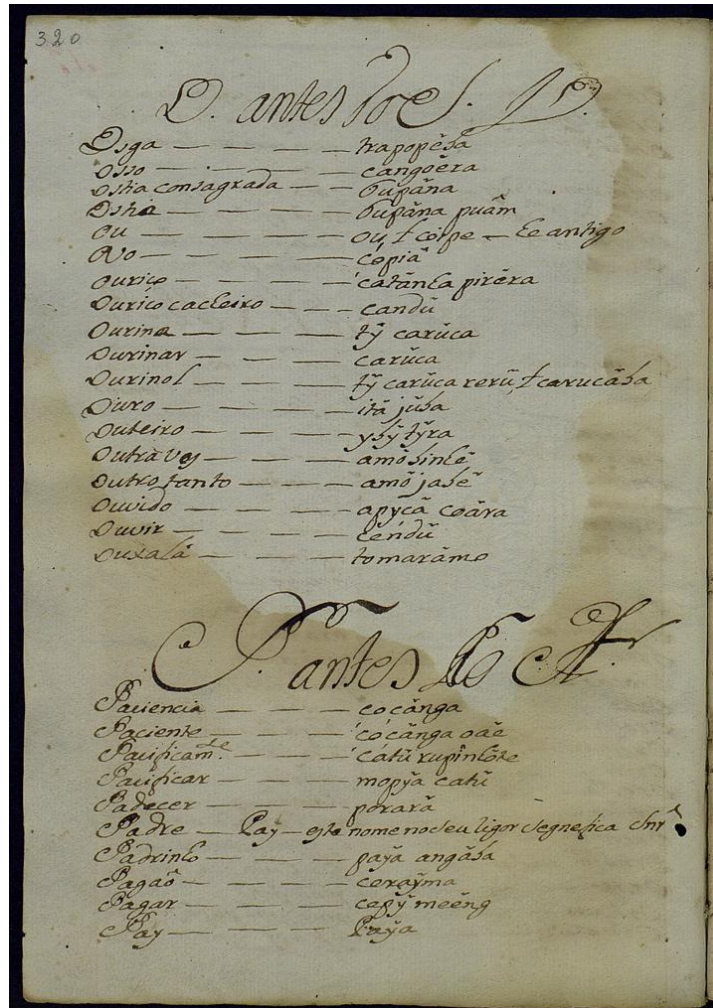
Olhar de longe	apecatu cui maem
Olhar com mãos olhos	çobácý irunámo maém
Olhai p(ar)a isto	pemaém ranhé quáe recé
Olhos	teçá
Olhos em covados	ceçá tepý tepý
Olhos de V(is)ta aguda	ceçá pycó eté
Olhos m(ui)to abertos	ceçá epirár oçú
Olhos Vesgos	ceçá iapára
O. antes do M. N. P. R.	
Omnipotente	opabinhá mbáe monhan- gára oçú anhé Tupána jabé oicó
O mesmo	aé tenhé
Onça animal	jagoára eté
Onda	japinóng
Ontem	coicé
Operar	monháng
Opilação	epungá oçú, & iapungá oçú yğ çuí
Opor	çobaixára
Oportunidade	ára catú
Opremir	recó ayba
Oração	jimboeçába
Orar	jimboé
Oratorio	Tupá óca merím
Ordinariam.	
Ordin	
Oreha	
Oreção	
Original	
Ornam. da Jr.	
Ornga	
Ortigar	
Orvalho	

1		
2	Olhar de longe.....	319 ¹⁰⁴ apecatu çuí maém
3	Olhar com mãos olhos.....	çobácý irunámo maém
4	Olhai p(ar)a isto.....	pemaém ranhé quáe recé
5	Olhos.....	teçá
6	Olhos em covados.....	ceçá tepý tepý
7	Olhos de V(is)ta aguda.....	ceçá pycó eté
8	Olhos m(ui)to abertos.....	ceçá epirár oçú
9	Olhos Vesgos.....	ceçá iapára
10		O. antes do M. N. P. R.
11	Omnipotente.....	opabinhé mbáe monhan-
12		gára oçú anhé Tupána
13		jabé oicó
14	O mesmo.....	aé tenhé
15	Onça animal.....	jagoára eté
16	Onda.....	japinóng
17	Ontem.....	coicé
19	Operar.....	monháng
19	Opilação.....	epungá oçú, & iapungá
20		oçú yğ çuí
21	Opor.....	çobaixára
22	Oportunidade.....	ára catú
23	Opremir.....	recó ayba
24	Oração.....	jimboeçába
25	Orar.....	jimboé
26	Oratorio.....	Tupá óca merím

¹⁰⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Ordinariam(en)te.....	ára jabé jabé
28	Ordin.....	jepirón
29	Orelha.....	nambý
30	Orfaô.....	nitîo o Payá oaé
31	Original.....	epý çuî goára
32	Ornam(en)tos da Igr(ej)a.....	óba Tupá óca recé goára
33	Ortiga.....	pinó pinó
34	Ortigar.....	pinó pinó pupé jupîm
35	Orvalho.....	yğ apý

164v

320¹⁰⁵

O. antes do S. V.

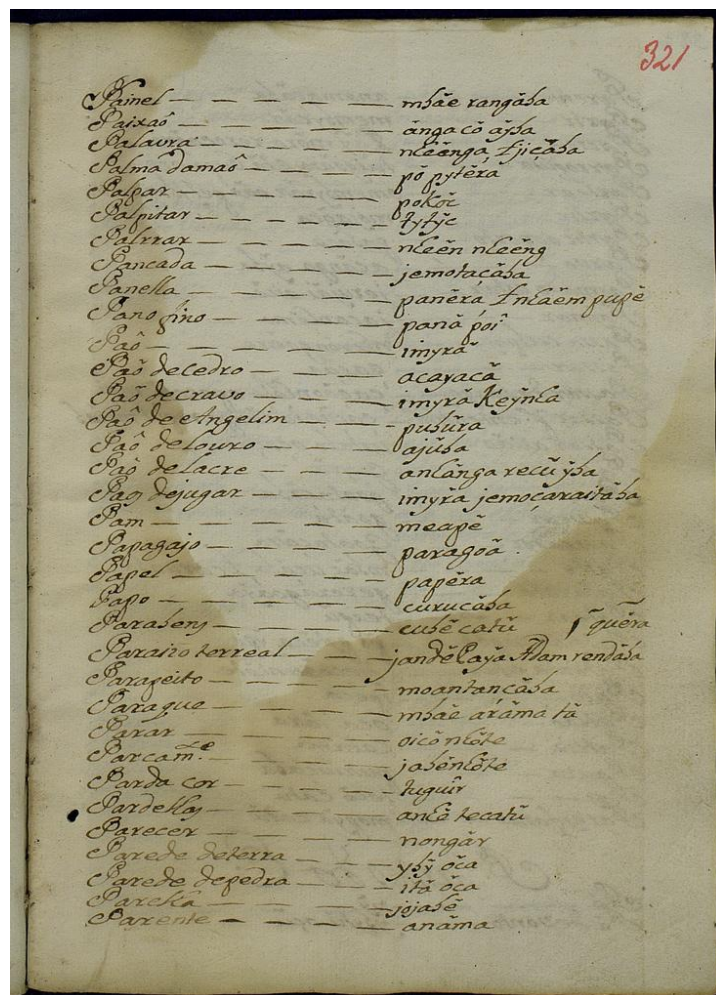
1		
2		
3	Osga.....	trapopéba
4	Osso	cangoéra
5	Ostia consagrada.....	Tupána
6	Ostia.....	Tupána puâm
7	Ou.....	ou, £ coipe - he antigo
8	Ovo.....	çopiã
9	Ouriço.....	catánha piréra
10	Ourico cacheiro.....	candú
11	Ourina.....	tý carúca
12	Ourinar.....	carúca
13	Ourinol.....	tý carúca rerú, £ caruçába
14	Ouro.....	itá júba
15	Outeiro.....	yby týra
16	Outra vez.....	amó binhé
17	Outro tanto.....	amó jabé
18	Ouvido.....	apycá coára
19	Ouvir.....	cendú
20	Ouxalá.....	tomarámo

P. antes do A.

21		
22	Paciencia.....	çoçánga
23	Paciente.....	çoçánga oae
24	Pacificam(en)te.....	catú rupinhóte
25	Pacificar.....	mopyá catú

¹⁰⁵ Anotação posterior.

26	Padecer.....	porará
27	Padre - Paý- este	nome no seu rigor segnefica S(e)n(hô)r
28	Padrinho.....	paýa angába
29	Pagaô.....	ceraýma
30	Pagar.....	cepý meéng
31	Pay.....	Paýa



Painel	mbáe rangába
Paixão	ánga có aya
Palavra	nleénga, fjiçába
Palma damaô	pó pytéra
Palpar	pokóe
Palpitar	tytyc
Palrrar	nleén nleéng
Pancada	jemotacába
Panela	panéra f nleém pupé
Pano fino	paná poi
Paó	imyra
Paó de cedro	acayacá
Paó de cravo	imyra Keynha
Paó de Angelim	pubúra
Paó de Louro	ajúba
Paó de Lacre	anhánga recú yba
Paó de jogar	imyra jemotacába
Pam	meapé
Papagajo	paragoá
Papel	papéra
Papo	cuxucába
Parabens	cubé catú
Paraizo terreal	jandé Payá Adam [↑ quéra] rendába
Parapeito	moantançába
Para que	mbáe aráma tá
Parar	oicó nleé
Parcam	jasónleé
Parda cor	huguir
Pardecho	aná teatú
Parecer	nongár
Parde de terra	yóy oia
Parde de pedra	itá oia
Parcha	jéjásé
Parxente	arama

1		
2	Painel.....	mbáe rangába
3	Paixão.....	ánga có aya
4	Palavra.....	nheénga, f jiçaba
5	Palma damaô.....	pó pytéra
6	Palpar.....	pokóc
7	Palpitar.....	tytyc
8	Palrrar.....	nheén nheéng
9	Pancada.....	jemotacába
10	Panela.....	panéra, f nhaém pupé
11	Pano fino.....	paná poi
12	Paô.....	imyra
13	Paó de cedro.....	acayacá
14	Paó de cravo.....	imyra Keynha
15	Paó de Angelim.....	pubúra
16	Paó de Louro.....	ajúba
17	Paó de Lacre.....	anhánga recú yba
18	Paos de jogar.....	imyra jemotacába
19	Pam.....	meapé
20	Papagajo.....	paragoá
21	Papel.....	papéra
22	Papo.....	cuxucába
23	Parabens.....	cubé catú
24	Paraizo terreal.....	jandé Payá Adam [↑ quéra] rendába
25	Parapeito.....	moantançába
26	Para que.....	mbáe aráma tá

¹⁰⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Parar.....	oicó nhóte
28	Parcam(en)te.....	jabénhóte
29	Parda cor.....	tuguîr
30	Pardelhas.....	anhé tecatú
31	Parecer.....	nongar
32	Parede deterra.....	ybý óca
33	Parede depedra.....	itá óca
34	Parelha.....	jojabé
35	Parente.....	anáma

165v

322

Parentesco	— — —	anamaçába
Parir	— — —	membyrá
Parroco	— — —	Paý móro rerocoára
Parroquia	— — —	taigoára etá Tupá óca
Partear	— — —	omembyrá oá petybonçára
Partir	— — —	mojaóca
Partir doporto	— — —	pabóca
Parvo	— — —	acánga ayba
Pasmado estar	— — —	jerujái oicó
Pasmar	— — —	jacanhémo
Passa culpas	— — —	nhirón goére
Passar	— — —	çaçáo
Passar de largo	— — —	çaçáonhóte apecatú rupi
Passar p(e)lo entendim(en)to	— — —	çaçáo ia cánga rupi, £ moaúb
Passar avião	— — —	uitabo oçaçáo
Passaro	— — —	Guyrá
Passo	— — —	goataçába
Passear	— — —	goáta
Passeador	— — —	Goataçára
Pasto	— — —	mbaé uçába, £ caruába
Patarata	— — —	gererágoaýa
Patear	— — —	teapú
Patejar nagoa	— — —	pó pytéca ýpe
Patente estar	— — —	ojecoáunhóte
Pato	— — —	ipéca
Patria	— — —	Caçama
Paura	— — —	guriuacába
Paz	— — —	hetó catú
Parece-falar	— — —	magya catú

C. antes do C.

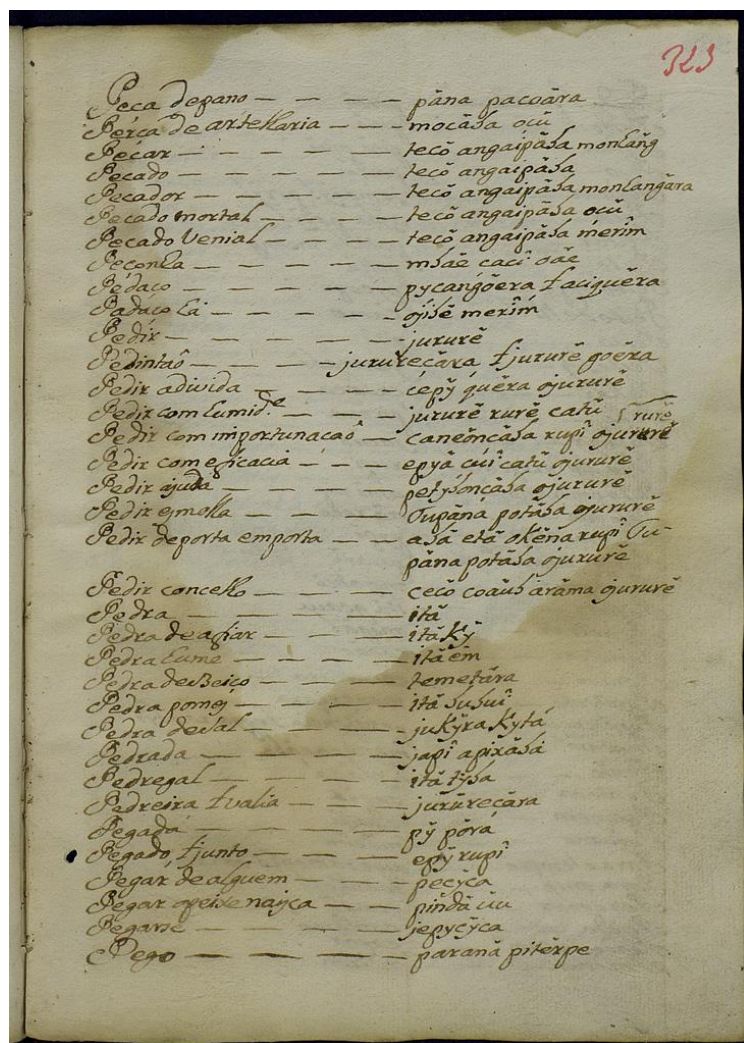
Pe de vento — — —

322¹⁰⁷

1	Parentesco.....	anamaçába
2	Parir.....	membyrá
3	Parroco.....	Paý móro rerocoára
4	Parroquia.....	taigoára etá Tupá óca
5	Partear.....	omembyrá oáe petybonçára
6	Partir.....	mojaóca
7	Partir doporto.....	pabóca
8	Parvo.....	acánga ayba
9	Pasmado estar.....	jerujái oicó
10	Pasmar.....	jacanhémo
11	Passa culpas.....	nhirón goére
12	Passar.....	çaçáo
13	Passar de largo.....	çaçáonhóte apecatú rupi
14	Passar p(e)lo entendim(en)to.....	çaçáo ia cánga rupi, £ moaúb
15	Passar avião.....	uitabo oçaçáo
16	Passaro.....	Guyrá
17	Passo.....	goataçába
18	Passear.....	goáta
19	Passeador.....	Goataçára
20	Pasto.....	mbaé uçába, £ caruába
21	Patarata.....	gererágoaýa
22	Patear.....	teapú
23	Patejar nagoa.....	pó pytéca ýpe
24	Patente estar.....	ojecoáunhóte
25	Pato.....	ipéca
26		

¹⁰⁷ Anotação posterior.

27	Patraô.....	óca jára
28	Patria.....	cetáma
29	Pauza.....	putuúçába
30	Pas.....	tecó catú
31	Pazes fazer.....	mopýa catú
32	P. antes do E.	
33	Pé.....	pý
34	Pé de vento.....	ybytú oçú



Peca depano	— — — — —	pána pacoára
Perça de artelharia	— — — — —	mocába oçú
Pecar	— — — — —	tecó angaipába monháng
Pecado	— — — — —	tecó angaipába
Pecador	— — — — —	tecó angaipába monhangára
Pecado mortal	— — — — —	tecó angaipába oçú
Pecado Venial	— — — — —	tecó angaipába merím
Peçonha	— — — — —	mbaé çací sáe
Pedaço	— — — — —	pycangóera & aciquéra
Pedaço há	— — — — —	ojibé merím
Pedir	— — — — —	jururé
Pedintaô	— — — — —	jurureçára, & jururé goéra
Pedir adiuida	— — — — —	cepý quéra ojureré
Pedir com humi	— — — — —	jururé ruré catú
Pedir com importunacao	— — — — —	caneónçába rupí ojureré
Pedir com eficacia	— — — — —	epyá çuî catú ojureré
Pedir ajuda	— — — — —	petybonçába ojureré
Pedir esmolla	— — — — —	Tupána potába ojureré
Pedir de porta em porta	— — — — —	abá etá oKéna rupí Tu- pána potába ojureré
Pedir concelho	— — — — —	cecó coaúb aráma ojureré
Pedra	— — — — —	itá
Pedra de afiar	— — — — —	itá Ky
Pedra lume	— — — — —	itá ém
Pedra de Beço	— — — — —	temetára
Pedra pomes	— — — — —	itá bubuí
Pedra desal	— — — — —	juKýra Kytá
Pedrada	— — — — —	japí apixadá
Pedregal	— — — — —	itá tisa
Pedreira finalia	— — — — —	jurureçára
Pegada	— — — — —	py póra
Pegado, finto	— — — — —	epy rupí
Pegar de alquem	— — — — —	pecyca
Pegar q'elva naja	— — — — —	pinchá uú
Pegure	— — — — —	pepyçica
Pego	— — — — —	parana piterpe

1		
2	Peça depano.....	pána pacoára
3	Perça de artelharia.....	mocába oçú
4	Pecar.....	tecó angaipába monháng
5	Pecado.....	tecó angaipába
6	Pecador.....	tecó angaipába monhangára
7	Pecado mortal.....	tecó angaipába oçú
8	Pecado venial.....	tecó anagaipába merím
9	Peçonha.....	mbaé çací oáe
10	Pedaço.....	pycangóera, & aciquéra
11	Pedaço há.....	ojibé merím
12	Pedir.....	jururé
13	Pedintaô.....	jurureçára, & jururé goéra
14	Pedir adiuida.....	cepý quéra ojureré
15	Pedir com humi(lda)de.....	jururé ruré catú
16	Pedir com importunação.....	caneónçába rupí ojureré [↑ ruré]
17	Pedir com eficacia.....	epyá çuî catú ojureré
18	Pedir ajuda.....	petybonçába ojureré
19	Pedir esmolla.....	Tupána potába ojureré
20	Pedir de porta em porta.....	abá etá oKéna tupí Tu- pána potába ojureré
21		
22	Pedir concelho.....	cecó coaúb aráma ojureré
23	Pedra.....	itá
24	Pedra de afiar.....	itá Ky
25	Pedra hume.....	itá ém
26	Pedra de Beço.....	temetára
27	Pedra pomes.....	itá bubuí
28	Pedra desal.....	juKýra Kytá

¹⁰⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Pedrada.....	japî apixába
30	Pedregal.....	itá týba
31	Pedreira £ valia.....	jurúreçára
32	Pegada.....	pý póra
33	Pegado, £ junto.....	epý rupî
34	Pegar de alguém.....	pecýca
35	Pegar opeixe naisca.....	pindá úu
36	Pegarse.....	jepycýca
37	Pego.....	paraná pitérpe

324

Pejada f. preha	poroã
Peido	pinó
Peidar	pinó pinó
Pejo	pouçú
Pejorar	jemoayb porýb
Peior	ayba porýb
Peitar	potába meéng
Peito	potiá
Peito dopé	pýcopé
Peito de m. pr.	cáma
Peixe	pirá
Peixe boy	yoarabá
Pellar	çabóca
Pelle	piréra
Pelejar	jacáo
Pela f. p. propozição	rupi
Pelo contrario	amó rupi
Pelo que	aé recé
Pena das aves	pypó
Penar emtram.	poxará
Pendurar	mojaticó
Penedo	itá goaçu
Peneirar	mogáb
Penelkar	çação
Penhor	cecobiára
Penitente	moacyçára
Penitencia	penitencia, f. epyá rojebýr
Penam.	mençacása
Penle	kytáda
Penkear	capá
Penujem	caçu
Pequana	mevím
Pera e sempre	averamanté saráma
Pera mto	manketj
Percecer	cenda
Porda	canlamo
Perder o cam.	cofár
Persear	núron

1	Pejada, f. preha.....	poroã
2	Peido.....	pinó
3	Peidar.....	pinó pinó
4	Pejo.....	pouçú
5	Pejorar.....	jemoayb porýb
6	Peior.....	ayba porýb
7	Peitar.....	potába meéng
8	Peito.....	potiá
9	Peito dopé.....	pýcopé
10	Peito de m(ulh)er(e)s.....	cáma
11	Peixe.....	pirá
12	Peixe boy.....	yoarabá
13	Pellar.....	çabóca
14	Pelle.....	piréra
15	Pelejar.....	jacáo
16	Pela f. p(e)la propozição.....	rupi
17	Pelo contrario.....	amó rupi
18	Pelo que.....	aé recé
19	Pena das aves.....	pypó
20	Penar emtram[en]ta.....	poxará
21	Pendurar.....	mojaticó
22	Penedo.....	itá goaçu
23	Peneirar.....	mogáb
24	Penetrar.....	çação
25	Penhor.....	cecobiára
26	Penitente.....	moacyçára
27	Penitencia.....	penitencia, f. epyá rojebýr
28		

¹⁰⁹ Anotação posterior.

29	Pensam(en)to.....	mendoaçába
30	Pente.....	Kybába
31	Pentear.....	capý [a]
32	Penujem.....	çabijú
33	Pequena.....	merîm
34	Para sempre.....	aujeramanhé oaráma
35	Para onde.....	manKetý
36	Perceber.....	cendú
37	Perda.....	canhémo
38	Perder o cam(inh)o.....	çopár
39	Perdoar.....	nhirón

325

Perdaô	nlironçába
Perfumar	moçákuéne
Perguntar	porandú
Permanecer	oicó tenhé
Perna	cetymá
Perna da Arvore	imyrá áca
Perseguir	oericó ayba
Persinarse	jemocruçá
Persuadir	moacángá ayb
Pertender	oicó cecé
Pertinás	nitfo arobiár
Perto	çobaké
Perturbar	jacanhémo
Pezadelo	Kér ayba
Pezar gerando	moçangáb
Pezar doendoce	moacy
Pescador delinha	pindá yticára
Pescador de parizes	peraiticára
Pescador de Rede	pindá tycára
Pescada peixe	oatocupá
Pescaria	pirá monhangába
Pescoço	ajúra
Pero dabalança	pocytába
Pesq. uei	pirá týba
Pessoa	abá
Pestanas dos olhos	ceçá çóba
Pestenejar	ceçá pomim
Peste	mdáe acj ayba oçá
Peto alle	arapaco
Peticar fogo	moár tata

ante do J. L.

Pia de otyaa semka — ougára yj reru

1		
2	Perdaô.....	nhironçába
3	Perfumar.....	moçákuéne
4	Perguntar.....	porandú
5	Permanecer.....	oicó tenhé
6	Perna.....	cetymá
7	Perna da Arvore.....	imyrá áca
8	Perseguir.....	oericó ayba
9	Persinarse.....	jemocruçá
10	Persuadir.....	moacángá ayb
11	Pertender.....	oicó cecé
12	Pertinás.....	nitfo arobiár
13	Perto.....	çobaké
14	Perturbar.....	jacanhémo
15	Pezadelo.....	Kér ayba
16	Pezar pezando.....	moçangáb
17	Pezar doendoce.....	moacy
18	Pescador delinha.....	pindá yticára
19	Pescador de parizes.....	peraiticára
20	Pescador de Rede.....	pindá tycára
21	Pescada de peixe.....	o atocupá
22	Pescaria.....	pirá monhangába
23	Pescoço.....	ajúra
24	Pezo dabalança.....	pocytába
25	Pesq(uei)ro.....	pirá týba
26	Pessoa.....	abá
27	Pestanas dos olhos.....	ceçá çóba
28	Pestenejar.....	ceçá pomim

¹¹⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Peste.....	mbaé acý aýba oçú
30	Peto ave.....	arapaçó
31	Petiscar fogo.....	moar tatá
32	P. antes do I. L.	
33	Pia de Agoa bento.....	Tupána yġ rerú

167v

326

Pia de batizar	mitánga jerocába
Pica flor ave	oainumy
Picar	cutúca
Picadura	cutucába
Picar a Ave nafruta	opipíne
Picar a abelha	pîm
Pigarro	curucába ojekendáo
Pilaô	indoá
Pilar	çoçóca
Piloto	jacumayba
Pimenta	Kiýnha
Pingar	tykyr
Pintar	coatiár
Piolho	Kiýba
Piolho ladro	Kiýba rána
Pirraça	jucá cy
Pizar	çoçóca
Pissa £ membro veril	tacoynha
Pistola	mocába merím
Pito, £ Pita	çapucaya merím
Plaina couza	mbãe epéba oáe
Plaina decarpinteiro	mocimbába, £ praina
Planicia	yby péba
Planta	mytýma
Planta dopé	pý pitéra
Plantar	jotýme

P. antes de D.

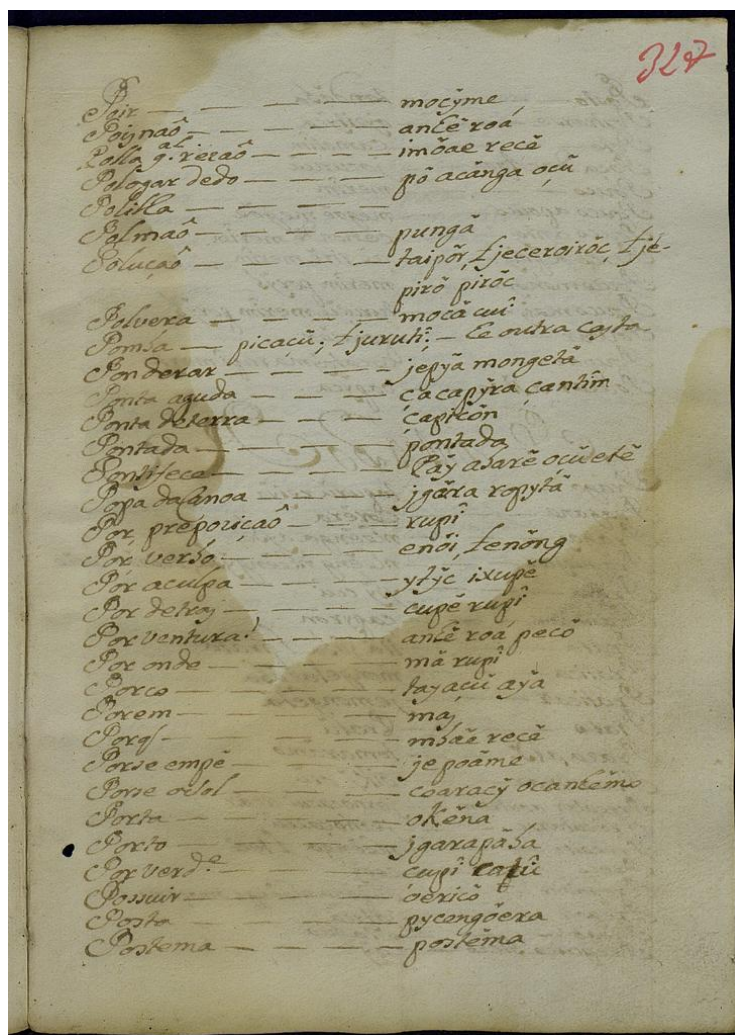
Pira	tykyra
Pirera	moreaucuista
Pica de aça	jacoraa
Pizar	keo
Patro	tyjaca

326¹¹¹

1		
2	Pia de batizar.....	mitánga jerocába
3	Pica flor ave.....	oainumý
4	Picar.....	cutúca
5	Picadura.....	cutucába
6	Picar aAve nafruta.....	opipíne
7	Picar a abelha.....	pîm
8	Pigarro.....	curucába ojekendáo
9	Pilaô.....	indoá
10	Pilar.....	çoçóca
11	Piloto.....	jacumayba
12	Pimenta.....	Kiýnha
13	Pingar.....	tykyr
14	Pintar.....	coatiár
15	Piolho.....	Kiýba
16	Piolho ladro.....	Kiýba rána
17	Pirraça.....	jucá cy
18	Pizar.....	çoçóca
19	Pissa £ membro veril.....	tacoynha
20	Pistola.....	mocába merím
21	Pito, £ Pita.....	çapucaya merím
22	Plaina couza.....	mbãe epéba oáe
23	Plaina decarpinteiro.....	mocimbába, £ praina
24	Planicia.....	yby péba
25	Planta.....	mytýma
26	Planta dopé.....	pý pitéra
27	Plantar.....	jotýme

¹¹¹ Anotação posterior.

28	P. antes do O.	
29	Pó.....	tybuýra
30	Pobre.....	moreauçuboýa
31	Pobreza.....	moreauçúba
32	Poça de Agoa.....	jacoroá
33	Poder	tecó
34	Podre.....	tyjúca



Handwritten notes in red ink: 227

P	---	---	---	mocyme
Pignão	---	---	---	anhé roá
Polla q. rezaô	---	---	---	imóae recé
Pologar dedô	---	---	---	pó acánga oçú
Polilha	---	---	---	---
Polmaô	---	---	---	pungá
Poluçãô	---	---	---	taipór, £ jeceroiróc, £ je-
---	---	---	---	piró piróc
---	---	---	---	mocá cuí
Polvera	---	---	---	---
Pomba	---	---	---	picaçú; £ juruti; - £ outra casta
Ponderar	---	---	---	jepýa mongetá
Ponta aguda	---	---	---	çacapýra çantím
Ponta deterra	---	---	---	çapicón
Pontada	---	---	---	pontada
Pontifece	---	---	---	Paý abaré oçú eté
Popa daCanoa	---	---	---	jgára ropytá
Por prepozição	---	---	---	rupi
Por verbo	---	---	---	enói, £ enóng
Por aculpa	---	---	---	ytýc ixupé
Por detras	---	---	---	cupé rupi
Por ventura!	---	---	---	anhé roá pecó
Por onde	---	---	---	má rupi
Porco	---	---	---	tayaçú aýa
Porem	---	---	---	mas
Porq	---	---	---	mbaé recé
Porse empé	---	---	---	jepoáme
Porse oSol	---	---	---	coaracy ocanhémo
Porta	---	---	---	okéna
Porto	---	---	---	jgarapáda
Porto de	---	---	---	cupi capú
Portuár	---	---	---	óerico
Porta	---	---	---	pycangáera
Portema	---	---	---	portema

1		
2	Poir.....	mocýme
3	Pois naô.....	anhé roá
4	Polla q(u)al rezaô.....	imóae recé
5	Pologar dedô.....	pó acánga oçú
6	Polilha.....	---
7	Polmaô.....	pungá
8	Poluçãô.....	taipór, £ jeceroiróc, £ je-
9		piró piróc
10	Polvera.....	mocá cuí
11	Pomba - picaçú; £ juruti;	he outra casta
12	Ponderar.....	jepýa mongetá
13	Ponta aguda.....	çacapýra çantím
14	Ponta deterra.....	çapicón
15	Pontada.....	pontada
16	Pontifece.....	Paý abaré oçú eté
17	Popa daCanoa.....	jgára ropytá
18	Por, prepozição.....	rupi
19	Por verbo.....	enói, £ enóng
20	Por aculpa.....	ytýc ixupé
21	Por detras.....	cupé rupi
22	Por ventura!.....	anhé roá pecó
23	Por onde.....	má rupi
24	Porco.....	tayaçú aýa
25	Porem.....	mas
26	Porq(ue).....	mbaé recé
27	Porse empé.....	jepoáme
28	Porse oSol.....	coaracy ocanhémo

¹¹² Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Porta.....	oKéna
30	Porto.....	jgarapába
31	Por verd(a)de.....	çupî catû
32	Possuir.....	oericó
33	Posta.....	pycengóera
34	Postema.....	postéma

328

Posto	tendába
Postarse	ojeitýca
Pote	camotím
Poca de Agoa	jacuruá
Pouco	merím
Pouco apouco	meçoé meçoé
Pouco antes	cenondé merím
Pouco depois	aé riré merím
Pouco menos	merím porýb
Pouco mais	turuçú merím porýb
Povoar	poracár
Poupar	cecataýma rupî merím
Pouzar aAve	oapýca

P. antes do R.

Praga	tapurû reiyá
Pragana	coréra
Pragas	nheénga ayba
Praguejar	nheéng nheéng yba, £ curáo curáo
Praya	yby cú
Prantear	çapyrón
Prata	itá jûba, £ prata
Pratica	mongetaçába
Praticar	jemongetá
Prato	Pratú
Prata aD.	tomarámo
Prea Mar	oiké oçú
Precahar acuhom	jemoncacú ucár
Precaharre	jemoncacú
Precaido	nheénga, £ hec
Preco	cepy
Prejador	dufara nheénga omocemo aia
Pregar	jatýca
Prego	e taqua
Prequica bicho	ay

328¹¹³

1		
2	Posto.....	tendába
3	Postarse.....	ojeitýca
4	Pote.....	camotím
5	Poça de Agoa.....	jacuruá
6	Pouco.....	merím
7	Pouco apouco.....	meçoé meçoé
8	Pouco antes.....	cenondé merím
9	Pouco depois.....	aé riré merím
10	Pouco menos.....	merím porýb
11	Pouco mais.....	turuçú merím porýb
12	Povoar.....	poracár
13	Poupar.....	cecataýma rupî merím
14	Pouzar aAve.....	oapýca
15	P. antes do R.	
16	Praga.....	tapurû reiyá
17	Pragana.....	coréra
18	Pragas.....	nheénga ayba
19	Praguejar.....	nheéng nheéng yba, £ curáo curáo
20	Praya.....	yby cú
21	Prantear.....	çapyrón
22	Prata.....	itá jûba, £ prata
23	Pratica.....	mongetaçába
24	Praticar.....	jemongetá
25	Prato.....	Pratú
26	Prata aD(eo)s.....	tomarámo
27	Prea Mar.....	oiké oçú

¹¹³ Anotação posterior.

28	Precatar aoutrem.....	jemoçacuî ucár
29	Precatarse.....	jemoçacuî
30	Preceito.....	nheénga, £ tecó
31	Preço.....	cepy
32	Pregador.....	Tupána nheénga omoçemo oáe
33	Pregar.....	jatycá
34	Prego.....	eta puá
35	Preguica bicho.....	ay

329

Preguicozo	atejma ocú
Pregunta	porandúba
Preguntar	porandúb
Premear	cepý meéng
Prender	pocoár
Preparar	mongatirón
Prezença	çobaké
Prezentear	jopô, £ ipotába mondó mondó
Prezervar	pycyrón mbáe ayba çuî
Prezido	mocaóca merím
Prezidir	oicó abá rerecoára aráma
Prezo	mondé póra
Pressa	çanhé
Prestar p(ar)a água c.	ecatú mbáe aráma
Prestimo	catúcába
Prezumir	moaúb
Prezunção, £ Soberba	jerobiár
Preta couza	pixúna
Preto, £ Preta	tapanhúna
Pretender	oicó cecé
Prim. couza	ranhé
Prim. origem	ypý
Prim. que tudo	opabinhé renondé
Primogenito	cenondé goára
Principais, £ grandes	mocára eté
Principal m.º	memete ipó
Principiar	jepirón
Prisão	leco ayba
Prubar	moámo
Proa de água	ygadim
Proceder sem	icó catú
Procição	Procição I. Oupana catú
Prociurar	cecar
Prodigio	mbáe ocú eté Oupana re mimonlanga kenle
Produtiv	jemonleng
Prova	cehá mbáe ocú ocú

1		
2	Preguicozo.....	ateýma ocú
3	Pregunta.....	porandúba
4	Preguntar.....	porandúb
5	Premear.....	cepý meéng
6	Prender.....	pocoár
7	Preparar.....	mongatirón
8	Prezença.....	çobaké
9	Prezentear.....	jopô, £ ipotába mondó mondó
10	Prezervar.....	pycyrón mbáe ayba çuî
11	Prezido.....	mocaóca merím
12	Prezidir.....	oicó abá rerecoára aráma
13	Prezo.....	mondé póra
14	Pressa.....	çanhé
15	Prestar p(ar)a água c(ouza).....	ecatú mbaé aráma
16	Prestimo.....	catúcába
17	Prezumir.....	moaúb
18	Prezunção, £ Soberba.....	jerobiár
19	Preta couza.....	pixúna
20	Preto, £ Preta.....	tapanhúna
21	Pretender.....	oicó cecé
22	Prim(ei)r(a) couza.....	ranhé
23	Prim(ei)r(a) origem.....	ypý
24	Prim(ei)r(o) que tudo.....	opabinhé renondé
25	Primogenito.....	cenondé goára
26	Principais, £ grandes.....	mocára eté
27	Principalm(en)te.....	memete ipó
28	Principiar.....	jepirón

329¹¹⁴¹¹⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Prizaô.....	tecó aýba
30	Privar.....	mocémo
31	Proa daCanoa.....	ygatîm
32	Proceder bem.....	icó catú
33	Prociçaô.....	Procicaô £ Tupaña oatá
34	Procurar.....	cecár
35	Prodigio.....	mbaé oçúeté Tupána re
36		mimonhánga tenhé
37	Produzir.....	ojemonhańg
38	Proezas.....	cetá mbáe oçú oçú

169v

330

Profanar	—	memoxi
Profiar	—	nleén nleéng
Profundidade	—	tepycába
Prolongar	—	mopecú
Prometer	—	prométer
Promptidão	—	oicó tenhé cecé aráma
Promulgar	—	ocaúb ucár
Pronusticar	—	cenondé mombeú
Pronunciar	—	mocémo
Propagar	—	moatá
Propozito	—	tecó coaúb
Propriam(en)te	—	jabé catú
Proseguir	—	tenondé oçó
Provar	—	çaáng
Provavelm(en)te	—	çupí catú ipó
Prouer	—	poracár
Proximo	—	çapixára
Prudencia	—	tecó coaúb catú
Prudente	—	tecó coaúb catú

P. antes do V.

Publicam(en)te	—	mýra reçápe
Publicar	—	roçapocái
Puir	—	mocíme
Pulo	—	póre
Pular	—	opóre
Pulga	—	jagoára Kiyva; £ tundy - he ant(ig)o
Pulso	—	çapixára
Purera Alma	—	angakurancába
Purga	—	Purga Apocanga
Purgacão da M.	—	jemonjara
Purgar	—	juçé
Purgatorio	—	çapixára rafa
Purificar	—	Kimigoc
Puta	—	gata kera

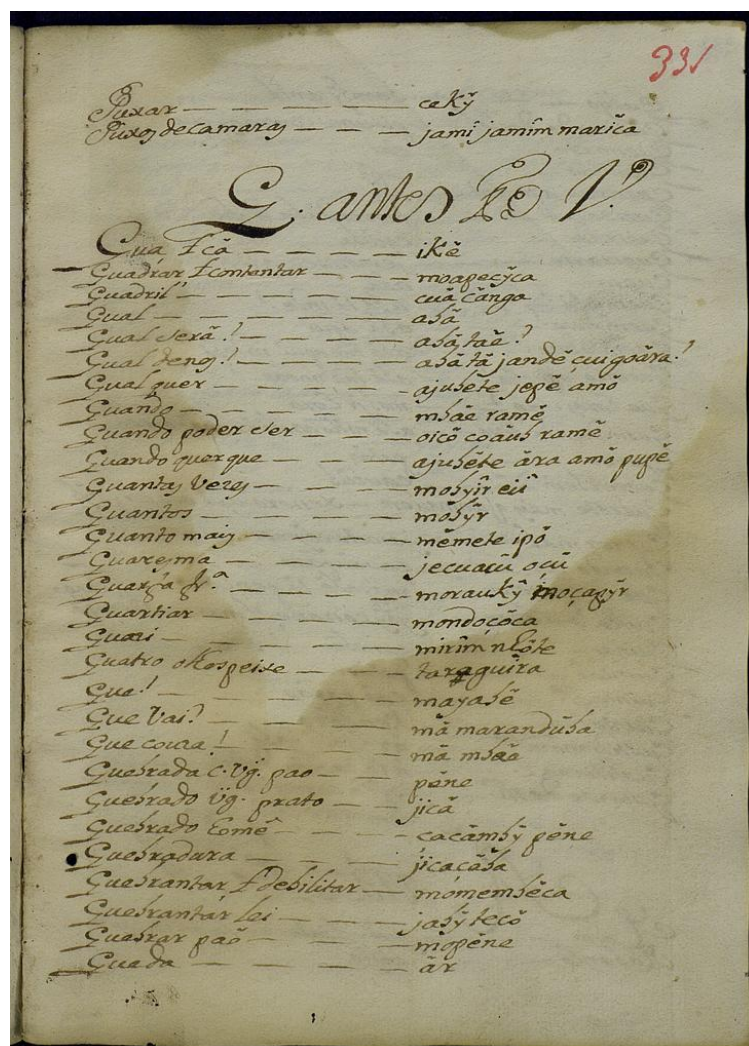
330¹¹⁵

1		
2	Profanar.....	momoxi
3	Profiar.....	nheén nheéng
4	Profundidade.....	tepycába
5	Prolongar.....	mopecú
6	Prometer.....	prométer
7	Promptidão.....	oicó tenhé cecé aráma
8	Promulgar.....	ocaúb ucár
9	Pronusticar.....	cenondé mombeú
10	Pronunciar.....	mocémo
11	Propagar.....	moatá
12	Propozito.....	tecó coaúb
13	Propriam(en)te.....	jabé catú
14	Proseguir.....	tenondé oçó
15	Provar.....	çaáng
16	Provavelm(en)te.....	çupí catú ipó
17	Prouer.....	poracár
18	Proximo.....	çapixára
19	Prudencia.....	tecó coaúb catú
20	Prudente.....	tecó coaúb catú
21	P. antes do V.	
22	Publicam(en)te.....	mýra reçápe
23	Publicar.....	roçapocái
24	Puir.....	mocíme
25	Pulo.....	póre
26	Pular.....	opóre
27	Pulga.....	jagoára Kiyva; £ tundy - he ant(ig)o

¹¹⁵ Anotação posterior.

28	Pulso.....	jybá rajýca
29	Pureza dalma.....	angaturançába
30	Purgar.....	Purga, £ poçánga
31	Purgação das M(ulh)er(e)s.....	jemondyàra
32	Purgar.....	jucýb
33	Purgatorio.....	Tupána ratá
34	Purificar.....	Kytingóc
35	Putá.....	pataKéra

200r



1		
2	Puxar	ceký
3	Puxos decamaras.....	jamí jamím maríca
5		Q. antes do V.
6	Qua, £ cá	iké
7	Quadrar, £ contentar.....	moapecýca
8	Quadril.....	cuá cánga
9	Qual.....	abá
10	Qual será?.....	abá taé?
11	Qual denos?.....	abá tá jandé çuigoára?
12	Qual quer.....	ajubete jepé amó
13	Quando.....	mbaé ramé
14	Quando poder ser.....	oicó coaúb ramé
15	Quando quer que.....	ajubéte ára amó pupé
16	Quantas vezes.....	mobyîr eií
17	Quantos.....	mobyîr
18	Quanto mais.....	memete ipó
19	Quaresma.....	jecuacú oçú
20	Quarta f(ei)ra.....	morauký moçapýr
21	Quartiar.....	mondoçóca
22	Quazi.....	mirím nhóte
23	Quatro olhos peixe.....	taraguîra
24	Que!.....	mayabé
25	Que vai?.....	má marandúba
26	Que couza!.....	má mbáa
27	Quebrada c(ouza) v(erbi) g̃(ratia) pao.....	péne
28	Quebrado v(erbi) g̃(ratia)prato.....	jicá

331¹¹⁶

¹¹⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Quebrado homê.....	çacámby péne
30	Quebradura.....	jicaçába
31	Quebrantar, £ debilitar.....	momembéca
32	Quebrantar lei.....	jabý tecó
33	Quebrar paó.....	mopéne
34	Queda.....	ár

200v

332

Queijo	camby antá
Queimado do Sol	pixúna coaracy çuí
Queimada	cái
Queimar	çapy
Queimar apimenta	taý
Queixa	morandúba ayba
Queixada	çajúba
Queixarse	jemombéu ayba
Quem	asá
Quem é tu!	asá tá inde!
Quem disse!	asá opuî
Quem to dice!	asá táé opuî indéto
Quem le aquelle!	asá táé imoáe!
Que horas são?	masin hora
Quem duvida disso	asá nitô arobiár imoáe recé
Querer	potár
Querer bem	çaucúb
Querote mais q(ue) aninguém	xeneraucúb abâ çuí purýb
Querer mal	jamotareýma
Querido	çaucúpára
Que vos parece	mayabé tá penhémo
Quilha da canoa	yby coirâne, £ maracatím cupé [↑ cánga]
Quina	çaimbé
Quinhaô	potába
Quinta f(ei)ra	çoó papáo
Quintal	Kendara
Quotidianam(en)te	ára jabé jabé
Quitar-se da m.	jopéa comericó çuí jemojac
	comericó çuí

R. Antas E. A.

Quem — jui — Ataka — Coatracaya

Quanto — çajá

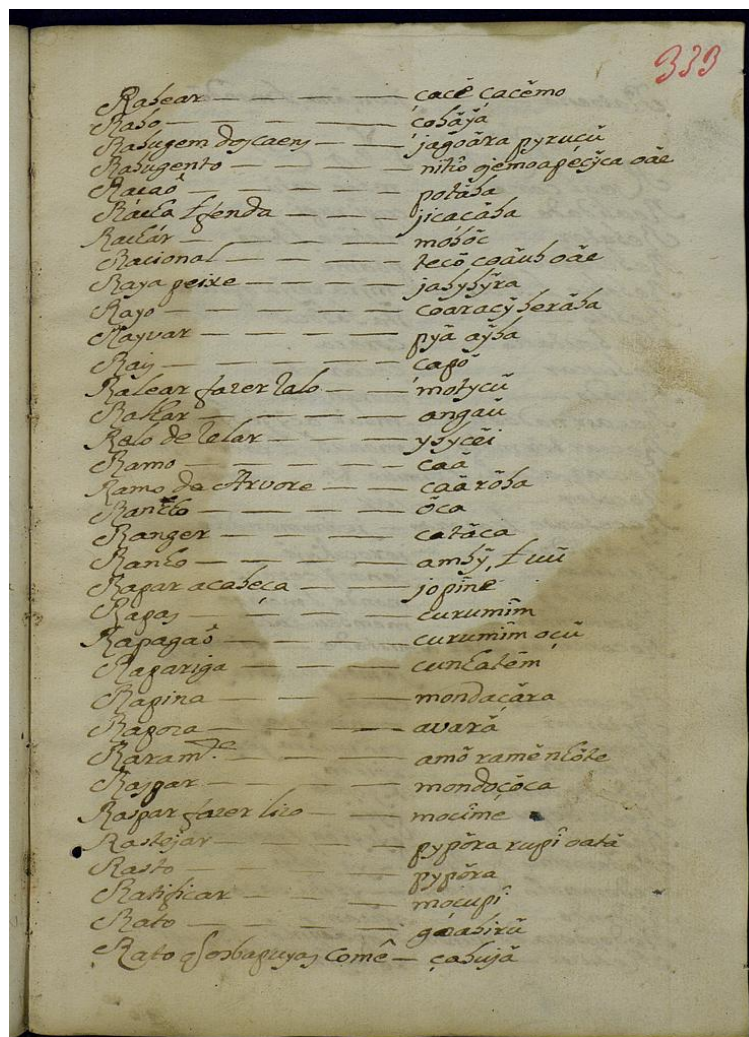
332¹¹⁷

1	Queijo.....	camby antá
2	Queimado do Sol.....	pixúna coaracy çuí
3	Queimada.....	cái
4	Queimar.....	çapy
5	Queimar apimenta.....	taý
6	Queixa.....	morandúba ayba
7	Queixada.....	çajúba
8	Queixarse.....	jemombéu ayba
9	Quem.....	abá
10	Quem es tú!.....	abá tá inde!
11	Quem disse!.....	abá opuî
12	Quem to dice!.....	abá táé opuî indéto
13	Quem he aquelle!.....	abá taí imoáe?
14	Que horas são?.....	mobyí hora
15	Quem duvida disso.....	abá nitô arobiár imoáe recé
16	Querer.....	potár
17	Querer bem.....	çaucúb
18	Querote mais q(ue) aninguém.....	xeneraucúb abâ çuí purýb
19	Querer mal.....	jamotareýma
20	Querido.....	çaucúpára
21	Que vos parece.....	mayabé tá penhémo
22	Quilha da canoa.....	yby coirâne, £ maracatím cupé [↑ cánga]
23	Quinas.....	çaimbé
24	Quinhaô.....	potába
25	Quinta f(ei)ra.....	çoó papáo
26	Quintal.....	Kendara
27	Quotidianam(en)te.....	ára jabé jabé

¹¹⁷ Anotação posterior.

29	Quotidiana c(ouza).....	ára jabion doára
30	Quitarse da m(ulh)er.....	jepeá cemicó çuî, £jemojaóc
31		cemicó çuî
32		R. antes do A.
33	Ram	juî= £ tataca - he outra casta
34	Rabanho	caiýa

201r

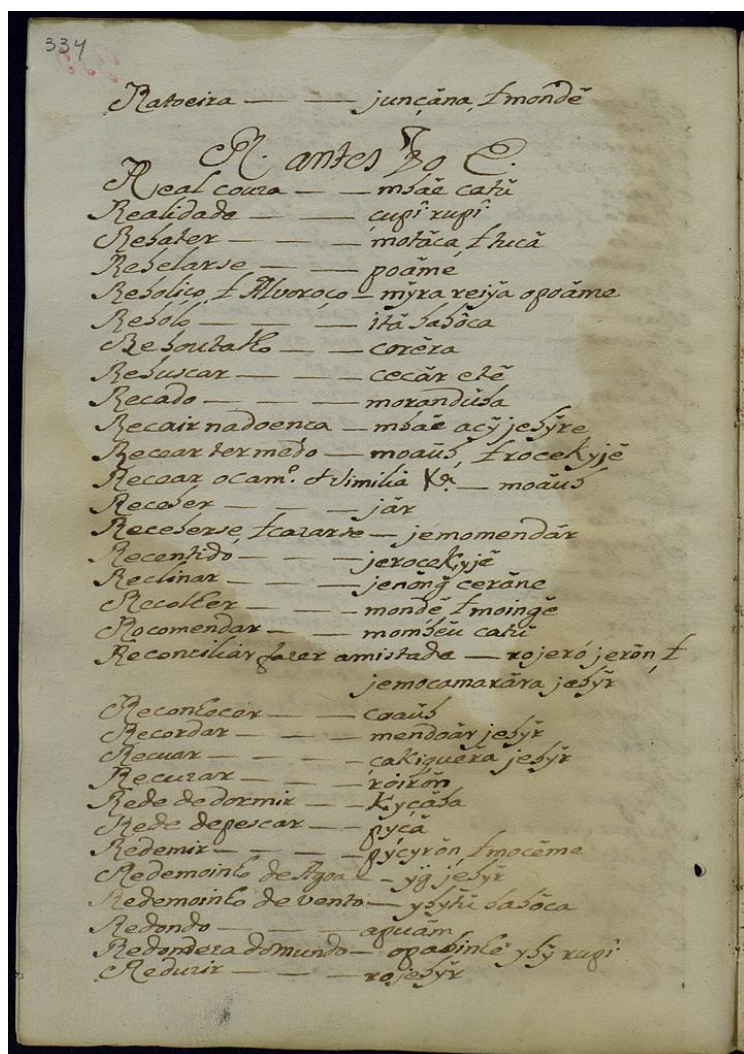


Rabear	cacé	çacémo
Rabo	caá	çabáya
Rabugem dos caens	jagoára	pyruçú
Rabugento	nitfo	ojemoapeçýca oáe
Raios	potába	
Rala fenda	jicaçába	
Ralar	mósóe	
Racional	tecó	coáub oáe
Raya peixe	jabybyra	
Rayo	coaracy	berába
Rayvar	pyá	ayba
Rai	çapó	
Ralear fazer ralo	motycú	
Ralar	angaú	
Ralo de relar	ybycéi	
Ramo	caá	
Ramo da Arvore	caá	róba
Rancho	óca	
Ranger	catáca	
Ranho	ambý, £	uú
Rapar acabeça	jopíne	
Rapas	curumím	
Rapagaô	curumím	oçú
Rapariga	cunhatém	
Rapina	mondaçára	
Rapoza	avará	
Raram	amó	ramé nhóte
Rapar	mondaçára	
Rapar fazer lio	moçime	
Rastelar	pygóra	rapi oati
Rato	pygóra	
Rastificar	moçupí	
Rato	gáabirá	
Rato q'sobrapuça	comê	çabujá

1		
2	Rabear.....	çacé çacémo
3	Rabo.....	çobáya
4	Rabugem dos caens.....	jagoára pyruçú
5	Rabugento.....	nitfo ojemoapeçýca oáe
6	Raçao.....	potába
7	Racha, £ fenda.....	jicaçába
8	Rachár.....	mobóc
9	Racional.....	tecó coáub oáe
10	Raya peixe.....	jabybyra
11	Rayo.....	coaracy berába
12	Rayvar.....	pyá ayba
13	Rais.....	çapó
14	Ralear fazer ralo.....	motycú
15	Ralar.....	angaú
16	Ralo de relar.....	ybycéi
17	Ramo.....	caá
18	Ramo da Arvore.....	caá róba
19	Rancho.....	óca
20	Ranger.....	catáca
21	Ranho.....	ambý, £ uú
22	Rapar acabeça.....	jopíne
23	Rapas.....	curumím
24	Rapagaô.....	curumím oçú
25	Rapariga.....	cunhatém
26	Rapina.....	mondaçára
27	Rapoza.....	avará
28	Raram(en)te.....	amó ramé nhóte

333¹¹⁸¹¹⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

29	Rasgar.....	mondoçóca
30	Raspar fazer lizo.....	moçíme
31	Rastejar.....	pypóra rupî oatá
32	Rasto.....	pypóra
33	Ratificar.....	moçupî
34	Rato.....	gorabirú
35	Rato q(ue) os Tapuyas comê.....	çabujá



1	334 ¹¹⁹	
2	Ratoeira.....	junçána, £ monde
3		R. antes do E.
4	Real couza.....	mbaé catú
5	Realidade.....	çupî rupî
6	Rebater.....	motáca, £ tucá
7	Rebelarse.....	poáme
8	Rebolico, £ Alvoroco.....	mýra reiyá opoáme
9	Rebolo.....	itá babôca
10	Reboulhallo.....	coréra
11	Rebuscar.....	cecár eté
12	Recado.....	morandúba
13	Recair na doença.....	mbaé acý jebýre
14	Recear ter medo.....	moaúb, £ rocekyjé
15	Recear ocam(inh)o. £ Similiá (et caetera)	moáub
16	Receber.....	jár
17	Receberse, £ cazarse.....	jemomendár
18	Recentido.....	jeroceKyjé
19	Reclinar.....	jenóng ceráne
20	Recolher.....	mondé, £ moingé
21	Recomendar.....	mombeú catú
22	Reconciliar fazer amizade.....	rojeró jerón, £
23		jemocamarára jebýr
24	Reconhecer.....	coaúb
25	Recordar.....	mendoár jebýr
26	Recuar.....	çaKiquefa jebýr
27	Recuzar.....	roiroñ

¹¹⁹ Anotação posterior.

28	Rede de dormir.....	Kyçába
29	Rede de pescar.....	pyçá
30	Redemir.....	pycyrón, £ mocéme
31	Redemoinho de Agoa.....	yğ jebyř
32	Redemoinho de vento.....	ybytú babóca
33	Redondo.....	apuám
34	Redondeza domundo.....	opabinhé ybý rupî
35	Reduzir.....	rojebýr

202r

Refeitório	arefeitório
Referir	mombeú
Reforçar	mopirantám
Reformar	mopecacu jebýr
Refrearse	puír
Refrescar	moroiçang
Regalar-se	oçacáo catú ára
Regar	moakýme
Regato de Agoa	jgarapé merim
Regedor	rerecoára
Regim. no comer	jecuacú
Regrado, moderado	çangába rupi oáe
Rey	Reya
Reina, f. do Reino	çobaigoára
Relampago	Tupan berába
Relatar	mombeú
Relar esmigalhando	mocuruí
Religio	Tupána recó
Reluzir	ára rangába
Remance do Rio	cendý púca
Remanecer	yg jbyre
Remo	oicó tenhé
Remario	yapecuitába
Remar	yapecuitára
Remela	yapecuí
Remendar	tuma
Remedex	mongahírã
Remissao	moposú galure
Remunerar	nêxonçáça
Remugar	mococasiar
Renovar	cuxuxuca
Rente	mopecacu
Regaxar notando	çosaké
	moaús

1		
2	Refeitório.....	arefe[↑i]torio
3	Referir.....	mombeú
4	Reforçar.....	mopirantám
5	Reformar.....	mopecacu jebýr
6	Refrearse.....	puír
7	Refrescar.....	moroiçang
8	Regalar-se.....	oçacáo catú ára
9	Regar.....	moaKýme
10	Regato de Agoa.....	jgarapé merim
11	Regedor.....	rerecoára
12	Regim(en)to no comer.....	jecuacúb
13	Regrado, & moderado.....	çangába rupi oáe [↓ Iemondiara ¹²¹]
	[↓ Regra das mulheres]	
14	Rey.....	Reyá
15	Reinol, & doReino.....	çobaigoára
16	Relampago.....	Tupañ berába
17	Relatar.....	mombeú
18	Relar esmigalhando.....	mocuruí
19	Religio.....	Tupána recó
20	Relogio.....	ára rangába
21	Reluzir.....	cendý púca
22	Remance doRio.....	yg jbyre
23	Remanecer.....	oicó tenhé
24	Remo.....	yapecuitába
25	Remerio.....	yapecuitára
26	Remar.....	yapecuí

335¹²⁰¹²⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.¹²¹ Anotação feita por uma terceira mão não identificada.

27	Remela.....	toúma
28	Remendar.....	mongatirón
29	Remexer.....	mopobú pobúre
30	Remissaô.....	nhironçába
31	Remunerar.....	moçocobiár
32	Remusgar.....	cururúca
33	Renovar.....	mopeçaçú
34	Rente.....	çobaKé
35	Reparar notando.....	moaúb

202v

336

Repartir	mojaóca
Repassar	çacá çacaõ
Repetitina	çanhé
Repetir	jebýr
Repicar	moçoryb
Replantar	joty mé jebýre
Replica	nheénga robaixára
Reposta	cecobiára
Repouzar	potuú merim
Repreenção	jacão
Reprezentar	comeéng
Repudiar	mombóre
Requerer	jururé
Rescaldo	tanimbúca çaçi oáe
Reservar	nongatú
Resfriar	moroyçang
Resgate	cepý
Resgatar	pyripáne
Rezedir	oicó
Rezina	yğ cýca
Rezistir	jepytaçõca
Rezolverse	jepýa mongetá
Rezolverse apostema	jebýr
Respeitar	moeté
Respingar	jemoacy

1	336 ¹²²	
2	Repartir.....	mojaóca
3	Repassar.....	çacá çacaõ
4	Repetitina(en)te.....	çanhé
5	Repetir.....	jebýr
6	Repicar.....	moçoryb
7	Replantar.....	joty mé jebýre
8	Replica.....	nheénga robaixára
9	Reposta.....	cecobiára
10	Repouzar.....	potuú merim
11	Repreenção.....	jacão
12	Reprezentar.....	comeéng
13	Repudiar.....	mombóre
14	Requerer.....	jururé
15	Rescaldo.....	tanimbúca çaçi oáe
16	Reservar.....	nongatú
17	Resfriar.....	moroyçang
18	Resgate.....	cepý
19	Resgatar.....	pyripáne
20	Rezedir.....	oicó
21	Rezina.....	yğ cýca
22	Rezistir.....	jepytaçõca
23	Rezolverse.....	jepýa mongetá
24	Rezolverse apostema.....	jebýr
25	Respeitar.....	moeté
26	Respingar.....	jemoacy

¹²² Anotação posterior.

27	Respirar.....	pytúceme
28	Resplandecer.....	cendý púca
29	Responder.....	nheéng
30	Restante.....	cembýra
31	Resta doSol.....	coaracý rendý
32	Restetuir.....	mojebýr
33	Rezumir, £ abreviar.....	moatúca
34	Resuscitar.....	cecobebé jebýre
35	Retalhar.....	mondoçóca

203r

Retalho depano	pána pycengóera
Retardar	moicó pecú
Retentiva	acánga atú
Retirar	poir
Retumbar	tiapú
Revelação	mojecuapába
Reverse ao Espelho	ojepiáca potáreté oaroâ
Rever	cepyáca jebýr
Reverdecer	jaKýr jebýr
Reverencia	emoetécába
Reverenciara	emoeté
Revestirse	jemoá mondé
Revezar	jecobiár
Revendita	jepýca potár eté
Revirar	mogéré jebýr
Revolver	pobýre
Rezar	jimboé
Rezina devidrar Louça	jetai cýca

R. antes do I. O. V.

Ribeiro, £ Ribeira	jgarapé
Rico	itá júba jára
Rigor, £ Rigoridade	tecó acý
Rijo, £ esforcado	carimbábo
Rim	piriKyúm
Rima de q(ua)l q(u)er c(ouza)	atýr
Rio	jgarapé
Riquera	setá mbáe
Rix	pucá
Risco	caicába
Risca	cair
Risco	pucá goere
Ripido de r	potopáo goere
Roca	copixába

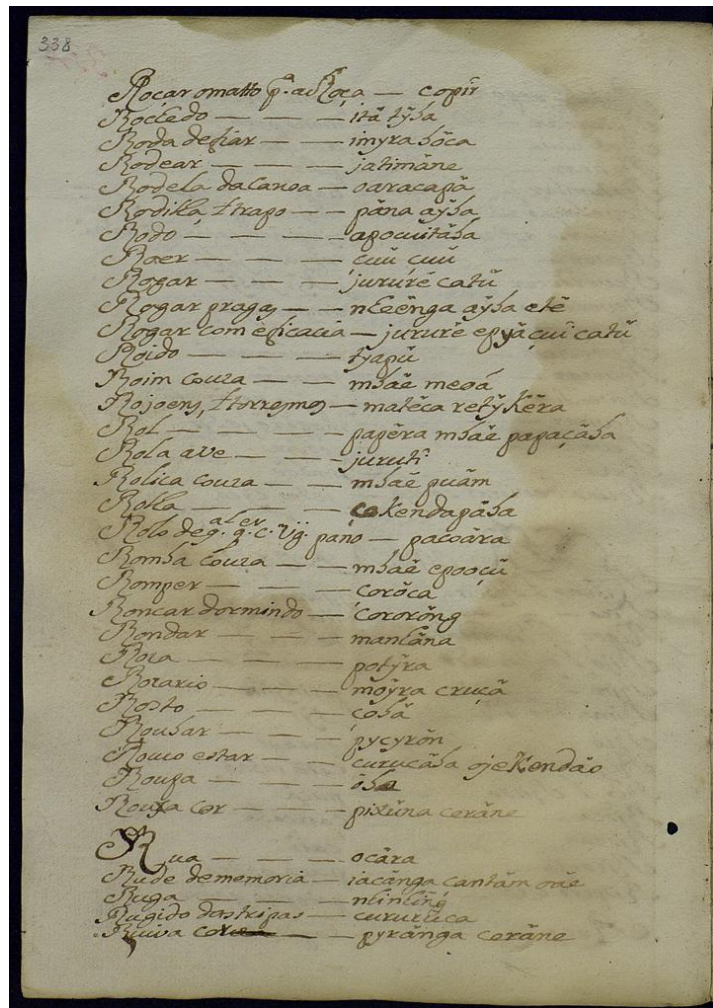
337¹²³

1	Retalho depano.....	pána pycengóera
2	Retardar.....	moicó pecú
3	Retentiva.....	acánga atú
4	Retirar.....	poir
5	Retumbar.....	tiapú
6	Revelação.....	mojecuapába
7	Reverse ao Espelho.....	ojepiáca potáreté oaroâ [↑ pupé]
8	Rever.....	cepyáca jebýr
9	Reverdecer.....	jaKýr jebýr
10	Reverencia.....	emoetécába
11	Reverenciara.....	emoeté
12	Revestirse.....	jemoá mondé
13	Revezar.....	jecobiár
14	Revendita.....	jepýca potár eté
15	Revirar.....	mogéré jebýr
16	Revolver.....	pobýre
17	Rezar.....	jimboé
18	Rezina devidrar louça.....	jetai cýca
19		
20		R. antes do I. O. V
21	Ribeiro, £ Ribeira.....	jgarapé
22	Rico.....	itá júba jára
23	Rigor, £ Rigoridade.....	tecó acý
24	Rijo, £ esforcado.....	carimbábo
25	Rim.....	piriKyúm
26	Rima de q(ua)l q(u)er c(ouza).....	atýr
27	Rio.....	jgarapé

¹²³ Anotação posterior com caneta vermelha.

28	Riqueza.....	cetá mbaé
29	Rir, & Rirse.....	pucá
30	Risca.....	çaîrçába
31	Riscar.....	çaîr
32	Rizonho.....	pucá goére
33	Rispido ser.....	poto pão goére
34	Roça.....	copixába

203v

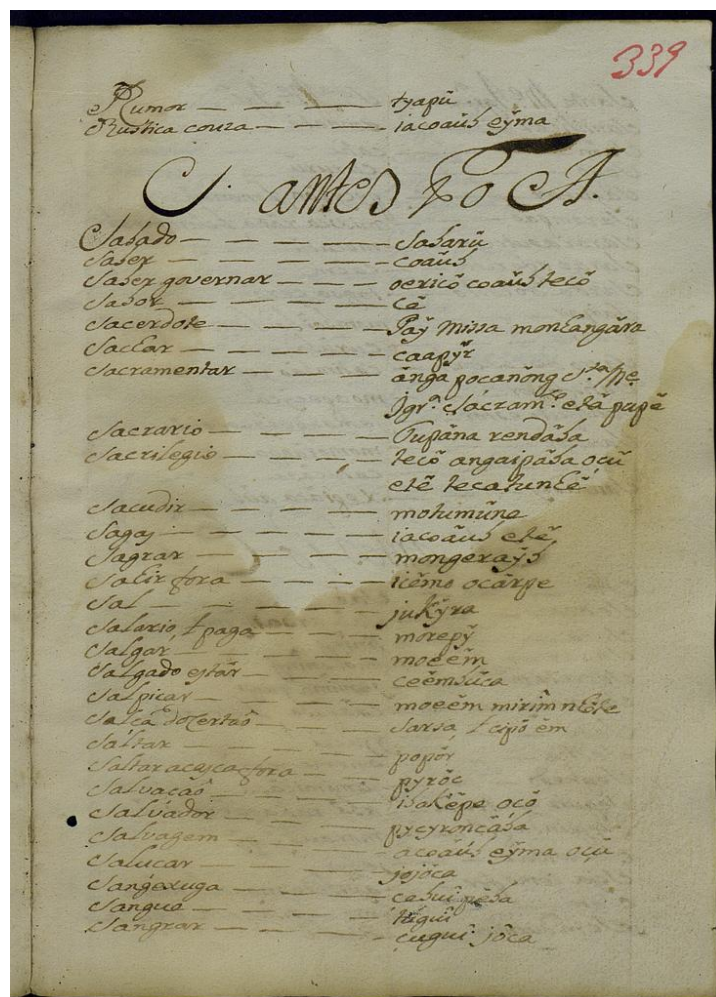
338¹²⁴

1		
2	Rogar omatto p(ar)a aRoça.....	copîr
3	Rochedo.....	itá týba
4	Roda defiar.....	imyra bóca
5	Rodear.....	jatimáne
6	Rodela da canoa.....	oaracapá
7	Rodilha, £ trapo.....	pána ayba
8	Rodo.....	apocuitába
9	Roer.....	çuú çuú
10	Rogar.....	jururé catú
11	Rogar pragas.....	nheénga ayba eté
12	Rogar com eficácia.....	jururé epyá çuú catú
13	Roido.....	tyapú
14	Roim couza.....	mbaé meoá
15	Rojoens, £ torresmos.....	matéca retý Kéra
16	Rol.....	papéra mbaé papaçába
17	Rola ave.....	jurutí
18	Rolica couza.....	mbaé puám
19	Rolha.....	çoKendapába
20	Rolo de q(u)al q(u)er c(ouza) v(erbi) g(ratia).....	pacoára
21	Romba couza.....	mbaé epooçú
22	Romper.....	çoróca
23	Roncar dormindo.....	cororóng
24	Rondar.....	manhána
25	Roza.....	potýra
26	Rozario.....	moýra cruçã

¹²⁴ Anotação posterior.

27	Rosto.....	çobá
28	Roubar.....	pycyrón
29	Rouco estar.....	curucába ojeKendáo
30	Roupa.....	óba
31	Rouxa cor.....	pixúna ceráne
32	Rua.....	ocára
33	Rude de memoria.....	iacánga çantám oáe
34	Ruga.....	nhinhíng
35	Rugido das tripas.....	cururuca
36	Ruiva cor[...].	pyránga ceráne

204r

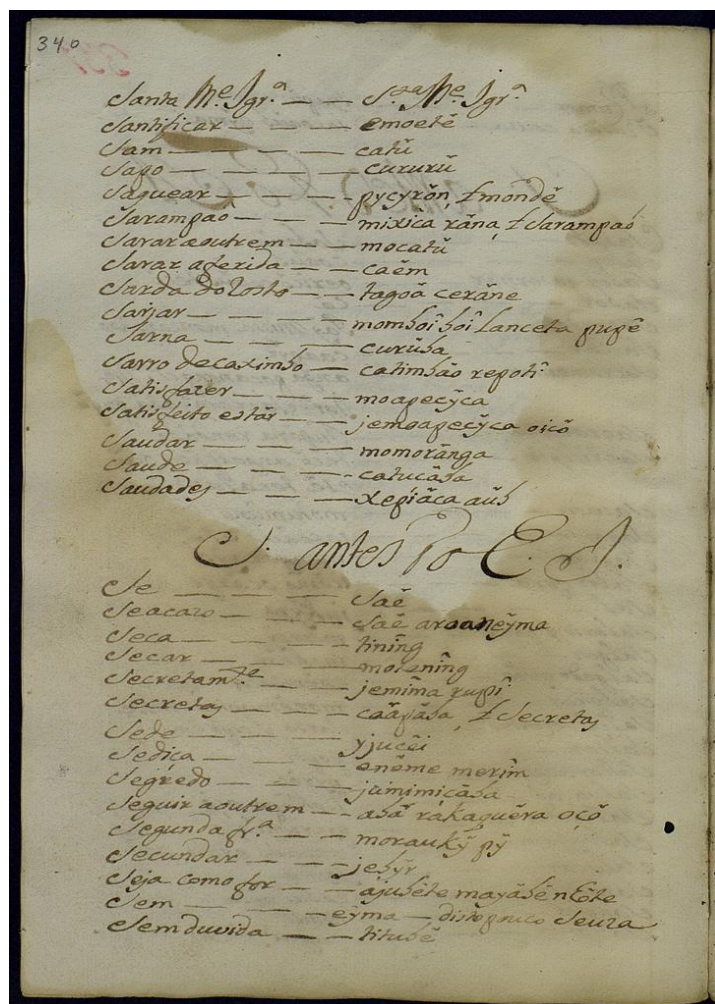


1		
2	Rumor.....	339 ¹²⁵ tyapú
3	Rustica couza.....	iacoáub eýma
4		S. antes. do A.
5	Sabado.....	Sabarú
6	Saber.....	coaúb
7	Saber governar.....	oerico coaúb tecó
8	Sabor.....	cé
9	Sacerdote.....	Paý missa monhangára
10	Sachar.....	caapýr
11	Sacramentar.....	ánga poçanóng S(an)ta M(adr)e
12		Ig(ej)a Sacram(en)to etá pupé
13	Sacrario.....	Tupána rendába
14	Sacrilegio.....	tecó angaipába oçú
15		eté tecatunhé
16	Sacudir.....	motumúne
17	Sagas.....	iacoáub eté
18	Sagrar.....	mongeraýb
19	Sahir fora.....	icémo ocárpe
20	Sal.....	juKýra
21	Salario, £ paga.....	morepý
22	Salgar.....	moeém
23	Salgado estár.....	ceémúca
24	Salpicar.....	moeém mirím nhóte
25	Salça doCertaô.....	Sarsa, £ cipó ém
26	Saltar.....	popór

¹²⁵ Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Saltar acascafora.....	pyróc
28	Salvação.....	ibaKépe oçó
29	Salvador.....	pycyronçába
30	Salvagem.....	acoáub eýma oçú
31	Saluçar.....	jojóca
32	Sangexuga.....	çebuî péba
33	Sangue.....	tuguî
34	Sangrar.....	çuguî jôca

204v

340¹²⁶

1		
2	Santa M(adr)e Igr(ej)a.....	S(an)ta M(adr)e Igr(ej)a
3	Santificar.....	emoeté
4	Sam.....	catú
5	Sapo.....	cururú
6	Saquear.....	pycyrón, f. mondé
7	Sarampaô.....	mixica rána, f. Sarampaó
8	Sarar aoutrem.....	mocatú
9	Sarar a ferida.....	caém
10	Sarda do rosto.....	tagoá ceráne
11	Sarjar.....	momboi boi lanceta pupê
12	Sarna.....	curúba
13	Sarro decaximbo.....	catimbáo repotí
14	Satisfazer.....	moapecýca
15	Satisfeito estár.....	jemoapecýca oicó
16	Saudar.....	momoránga
17	Saude.....	catuçába
18	Saudades.....	xepiáca aúb
19		S. antes do E. I.
20	Se.....	Saé
21	Seacazo.....	Saé aroaneyma
22	Seca.....	tinîng
23	Secar.....	motenîng
24	Secretam(en)te.....	jemîma rupî
25	Secretas.....	caápába, f. Secretas
26	Sede.....	yjucêi
27	Sediça.....	enéme merîm

¹²⁶ Anotação posterior

28	Segredo.....	jumimiçába
29	Seguir aoutrem.....	abá rakaquéra oçó
30	Segunda f(ei)ra.....	morauKý pý
31	Secundar.....	jebýr
32	Seja como for.....	ajubéte mayábé nhóte
33	Sem.....	eýma – disto pouco seuza
34	Sem duvida.....	titubé

205r

341

Sem falta	—	—	cupi rupi
Semblante	—	—	cepiacába
Semente	—	—	çaínha
Semear	—	—	jotýma
Semelhança	—	—	nongára
Sempre	—	—	nhe nhé
Senaô	—	—	nitô ramé
Senaô, £ nota	—	—	meoám
Senhor	—	—	jára
Senhor desi	—	—	cemimotára rupi oicó
Senhor desi sendo Tapuýa	—	—	taygoára
Sensualidade	—	—	poropotára
Sentarse	—	—	oapýca
Sentido, £ agravado	—	—	moacy
Sentim	—	—	moacycába
Separar	—	—	mojaóca
Sepultar	—	—	jotýma
Sepultura	—	—	yby coára
Sequazes	—	—	irunãmo goára etá
Sequer, £ ao menos	—	—	ajubéte
Ser, £ estar	—	—	oicó
Serafim	—	—	caxybebé
Sereno estar sem bolir, falar (et caetera)	—	—	Kererim
Serra deserrar	—	—	Serra, £ imyá Ketycába
Serrar	—	—	Ketýc
Servico	—	—	morauký

1		341 ¹²⁷
2	Sem falta.....	çupî rupî
3	Semblante.....	cepiacába
4	Semente.....	çaínha
5	Semear.....	jotýma
6	Semelhança.....	nongára
7	Sempre.....	nhe nhé
8	Senaô.....	nitô ramé
9	Senaô, £ nota.....	meoám
10	Senhor.....	jára
11	Senhor desi.....	cemimotára rupî oicó
12	Senhor desi sendo Tapuýa.....	taygoára
13	Sensualidade.....	poropotára
14	Sentarse.....	oapýca
15	Sentido, £ agravado.....	moacy
16	Sentim(en)to.....	moacycába
17	Separar.....	mojaóca
18	Sepultar.....	jotýma
19	Sepultura.....	yby coára
20	Sequazes.....	irunãmo goára etá
21	Sequer, £ ao menos.....	ajubéte
22	Ser, £ estar.....	oicó
23	Serafim.....	caxybebé
24	Sereno estar sem bolir, falar (et caetera)	Kererim
25	Serra deserrar.....	Serra, £ imyá Ketycába
26	Serrar.....	Ketýc
27	Servico.....	morauký

¹²⁷ Anotação posterior com caneta vermelha.

28	Servir.....	servir
29	Sesta f(ei)ra.....	jecuaçúba
30	Sette estrallo.....	cejuçú
31	Seu.....	emboé
32	Severidade.....	çobá oçú
33	Sevo.....	cába
34	Sim.....	e ém
35	Simples.....	pyá catú
36	Simplesmente ¹²⁸	jabé nhóte
	..	

¹²⁸ Anotação feita por uma terceira mão não identificada.

205v

342

Sinal	çangába
Sinal do rosto	çobá Kytám
Singileza	pyá catuçába
Sino	tamarácá
Sitio	tendába
Situar	ojemotapejába

S. antes do O. V.

Só	anhó
Soar	tiapú
Sobejar	pitá
Sobejos	cembýra
Soberania	iabá eteçába
Sobrado	juráo
Sobrancelha	ceçá pecánga
Sobre	árpe
Sobre ceo	arýbo goára
Sobre maneira	tecatunhé
Sobre nome	céra árpe goára
Sobre salto	acanhémo
Sobre por	eárpe enóng
Soceder, & acontecer	ojemonhaíng
Socegar	mocoínhóte
Socorrer	petybón
Sofrego no comer	iacanhémo rongára tem- buí recé

342¹²⁹

1		
2	Sinal.....	çangába
3	Sinal do rosto.....	çobá Kytám
4	Singileza.....	pyá catuçába
5	Sino.....	tamarácá
6	Sizo.....	tecó
7	Sitio.....	tendába
8	Situar.....	ojemotapejába
10		S. antes do O. V.
11	Só.....	anhó
12	Soar.....	tiapú
13	Sobejar.....	pitá
14	Sobejos.....	cembýra
15	Soberania.....	iabá eteçába
16	Sobrado.....	juráo
17	Sobrancelha.....	ceçá pecánga
18	Sobre.....	árpe
19	Sobre ceo.....	arýbo goára
20	Sobre maneira.....	tecatunhé
21	Sobre nome.....	céra árpe goára
22	Sobre salto.....	acanhémo
23	Sobre por.....	eárpe enóng
24	Soceder, & acontecer.....	ojemonhaíng
25	Socegar.....	mocoínhóte
26	Socorrer.....	petybón
27	Sofrego no comer.....	iacanhémo rongára tem-
28		buí recé

¹²⁹ Anotação posterior.

29	Sofrer.....	çoçáng
30	Sogear.....	epó urpe enóng
31	Sol.....	coaracý
32	Solda.....	ycýca
33	Soldar.....	moecýca
34	Soldado.....	sorafa
35	Solenizar.....	moeté
36	Solitario, £ Só.....	anhó aýra oáe

348

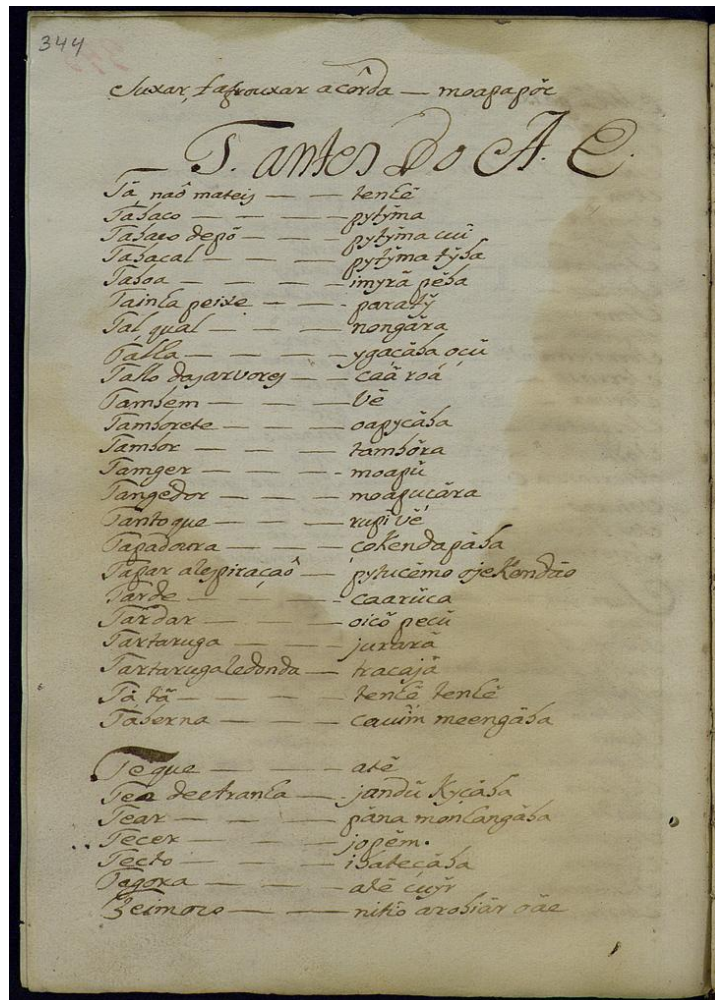
Solha peixe	aramacá
Sol posto	coaracý ocanhêmo
Soltar	joráo
Solteira, f m. livre	mendaçára ýma
Som	tyapú
Sombra	roiçánga, f ánga
Som ²	anhé
Sondar	çaáng
Sonhar	poçaucúb
Sono	pucêi
Soportar	porará
Sorrataram ²	jomíma rupi
Sorrirse	pucá moáng oçú
Sorver	pytér
Sospeitar	moaúb
Sostentar	jopói
Soterranea c	ybyuípe goára
Soturno	çobá cy
Sou f Estou	ixé aé
Soverter	mocanhêmo
Suar	cyáya
Suor	tyaýa
Subdito, f Sogeito	põ urpe oicó oáe
Subida f costa asima	jeupýrçába
Subir	jeupýr
Subitam ²	aujeramanhé
Suor	cyáya
Suor	tyaýa
Subdito, f Sogeito	põ urpe oicó oáe
Subida f costa asima	jeupýrçába
Subir	jeupýr
Subitam ²	aujeramanhé

1		
2	Solha peixe.....	aramacá
3	Sol posto.....	coaracý ocanhêmo
4	Soltar.....	joráo
5	Solteira, f m(ulh)er livre.....	mendaçára ýma
6	Som.....	tyapú
7	Sombra.....	roiçánga, f ánga
8	Som(en)te.....	anhé
9	Sondar.....	çaáng
10	Sonhar.....	poçaucúb
11	Sono.....	pucêi
12	Soportar.....	porará
13	Sorrataram(en)te.....	jomíma rupi
14	Sorrirse.....	pucá moáng oçú
15	Sorver.....	pytér
16	Sospeitar.....	moaúb
17	Sostentar.....	jopói
18	Soterranea c(ouza).....	ybyuípe goára
19	Soturno.....	çobá cy
20	Sou, f Estou.....	ixé aé
21	Soverter.....	mocanhêmo
22	Suar.....	cyáya
23	Suor.....	tyaýa
24	Subdito, f Sogeito.....	põ urpe oicó oáe
25	Subida, f costa asima.....	jeupýrçába
26	Subir.....	jeupýr
27	Subitam(en)te.....	aujeramanhé

¹³⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

28	Sumir.....	canhémo
29	Suprestição.....	Tupána reco jabyçába
30	Suplicar.....	jururé
31	Surdo.....	niño iapycá oáe
32	Suspende.....	moycónhóte
33	Suspirar.....	pytucéme
34	Sustancial.....	mopyrantám oáé
35	Sustutuir.....	moçocobyár

206v

344¹³¹

1		
2	Suxar, & afrouxar acôrda.....	moapapóc
3		T. antes do A. E.
4	Tá, não mateis.....	tenhé
5	Tabaco.....	pytýma
6	Tabaco depó.....	pytýma cui
7	Tabacal.....	pytýma týba
8	Taboa.....	imyrá péba
9	Tainha peixe.....	paraty
10	Tal, qual.....	nongára
11	Talha.....	ygaçába oçú
12	Tallo das arvores.....	caá roá
13	Tambem.....	vé
14	Tamborete.....	oapycába
15	Tambor.....	tambóra
16	Tamger.....	moapú
17	Tangedor.....	moapuçára
18	Tanto que.....	rupi vé
19	Tapadoura.....	çokendapába
20	Tapar arespiração.....	pytucémo ojekendáo
21	Tarde.....	caarúca
22	Tardar.....	oicó pecú
23	Tartaruga.....	jurará
24	Tartaruga Redonda.....	tracajá
25	Tá, tá.....	tenhé
26	Taberna.....	cauim meengába

¹³¹ Anotação posterior.

27	Teque.....	até
28	Tea deAranha.....	jundú Kyçába
29	Tear.....	pána monhangába
30	Tecer.....	jopém.
31	Tecto.....	ibateçába
32	Tegora.....	até cuýr
33	Teimozo.....	niño arobiár oác

207r

345

Telha	Telha
Telhar	jaçuí óca
Temer	cekjé
Temente a D.	Tupána moeteçára
Temperado com tudo	çangába rupî oáe
Temperar o comer	mongatirón tembiú
Tempo	ára
Tempestade	ára áyba eté
Templo	Tupána róca
Tençaô	pyá
Tenra	membéca
Tentar	enganáne
Tentador	engananeçára
Tentaçao	juruparî inganane- çába, & juruparî remi- motára
Tentear	çaáng
Ter	oericó
Ter aSua reveria	cemimotára rupî oericó
Ter amal	jemoacy
Ter febre	tacúba porará
Ter necessid.	oicó tembém
Ter conta com alguã c.	jemocoár
Ter em mto	çauçúb eté
Ter p(e)r si	moáng
Terre	moáng
Terre firme	jemaçy
Terre lamacenta	jeytacoca
Terremoto	morauky mocô
Terribel cura	ceca gunga
Terrox, & bapato	yý
	yý rebé
	tyucopáda
	yý xyty
	mbaz aya
	jacantemo

1		
2	Telha.....	Telha
3	Telhar.....	jaçuí óca
4	Temer.....	cekjé
5	Temente a D(eo)s.....	Tupána moeteçára
6	Temperado com tudo.....	çangába rupî oáe
7	Temperar o comer.....	mongatirón tembiú
8	Tempo.....	ára
9	Tempestade.....	ára áyba eté
10	Templo.....	Tupána róca
11	Tençaô.....	pyá
12	Tenra.....	membéca
13	Tentar.....	enganáne
14	Tentador.....	engananeçára
15	Tentaçao.....	juruparî inganane- çába, & juruparî remi- motára
16		
17		
18	Tentear.....	çaáng
19	Ter.....	oericó
20	Ter aSua reveria.....	cemimotára rupî oericó
21	Ter amal.....	jemoacy
22	Ter febre.....	tacúba porará
23	Ter necessid(ad)e.....	oicó tembém
24	Ter conta com alguã c(ouza).....	jemocoár
25	Ter em m(ui)to.....	çauçúb eté
26	Ter p(e)r si.....	moáng

345¹³²¹³² Anotação posterior com caneta vermelha.

27	Ter fome.....	jemácý
28	Terse com alguê.....	jepytaçóca
29	Tersa f(ei)ra.....	morauKý mocôi
30	Ter sol deolho.....	cecá pungá
31	Terra.....	yby
32	Terra firme.....	yby reté
33	Terra lamacenta.....	tyjucopába
34	Terremoto.....	yby ryrý
35	Terribel couza.....	mbaé aýba
36	Terror, £ Espanto.....	jacanhémo

346

Tezouro	itá júba yerú
Testemunha	çupiaçába acomeéng oãe
Testiculos	çapyá
Testo decobrir	jaçuí çába
Teu, £ Tua	ndé mbaé
Tes	pyréra
T. antes do I. O.	
Tiçã	tatá pynha ocú
Tigre	jagoára eté pixúna
Tingir	pixúna
Tinha doença	apeKyxínga
Tinta	Tinta
Tinteiro	Tinta rerú
Tirano	abá angaipába ocú eté
Tirania	moreauçúba
Tirar	jóca £ mocéme
Tirar por força	ceký
Tirar alguém de seu sizo	moacangayába
Tirar enformação	porandú randú
Tirarse, £ afastarse	poír
Tiritar defrio	ryry túy çuí
Tiro	mocába reapú
Tizico	auerána
Tisnar	motuúne
Tizoura	piránha
Tô clamar p. cao	ãã
Tocar	çapyá
Tocar	mocába
Todo £ toda	oetê ge
Oslos oslos	ara jãse jãse
Oslo oia	ara oetê ge

346¹³³

1	Tezouro.....	itá júba yerú
2	Testemunha.....	çupiaçába acomeéng oãe
3	Testiculos.....	çapyá
4	Testo decobrir.....	jaçuí çába
5	Teu, £ Tua.....	ndé mbaé
6	Tés.....	pyréra
7		
8		T. antes do I. O.
9	Tiçã.....	tatá pynha ocú
10	Tigre.....	jagoára eté pixúna
11	Tingir.....	pixúna
12	Tinha doença.....	apeKyxínga
13	Tinta.....	Tinta
14	Tinteiro.....	Tinta rerú
15	Tirano.....	abá angaipába ocú eté
16	Tirania.....	moreauçúba
17	Tirar.....	jóca £ mocéme
18	Tirar por força.....	ceký
19	Tirar alguém de seu sizo.....	moacangayába
20	Tirar enformação.....	porandú randú
21	Tirarse, £ afastarse.....	poír
22	Tiritar defrio.....	ryry túy çuí
23	Tiro.....	mocába reapú
24	Tizico.....	auerána
25	Tisnar.....	motuúne
26	Tizoura.....	piránha

¹³³ Anotação posterior.

27	Titubar.....	ja canhémo
28	Tó chamar p(e)lo caô.....	áá
29	Toar.....	tyapý
30	Tocar.....	moapú
31	Todo, £ Toda.....	oetépe
32	Todos os dias.....	ára jabé jabé
33	Todo odia.....	ára oetepé

208r

Todos juntos emlê corpo	—	jepé ocú
Tolo, £ Tolla	—	acoaúbeýma
Tolla daCanoa	—	tamacaríca
Tolher dos Membros	—	cefé amanó manó
Tomar	—	jár
Tomar a força	—	pycýrón
Tomar a sua conta	—	jár epópe
Tomar estado	—	jár cecó ráma
Tomar paixão	—	jemopyá ýba
Topada	—	japî
Torcer	—	pô membýca
Torcer qñ	—	pý rúca
Torcer a palavras	—	amó rupî rupî onheéng
Tormento	—	tecó áyba, £ poraraçába
Tornar	—	jebýr
Tornar aculpa aoutrem	—	amó abá çupé oetýca cecó
Tornozelo	—	pygoá
Torpeza	—	mbáe puxî
Torraô	—	yby antám
Torrar	—	moxeríc
Torto	—	iapára
Torto dos olhos	—	caçá iapàra
Tosca couza	—	mbaé ipooçú oae
Tosquenejar	—	okér merím mirím
Tosquiar	—	jopîne
Tosse	—	uû
Tostar	—	motenîng catú
Total m.	—	reté

Antes de R. D.

maahakax — morauhyára

maahakax — porauhy

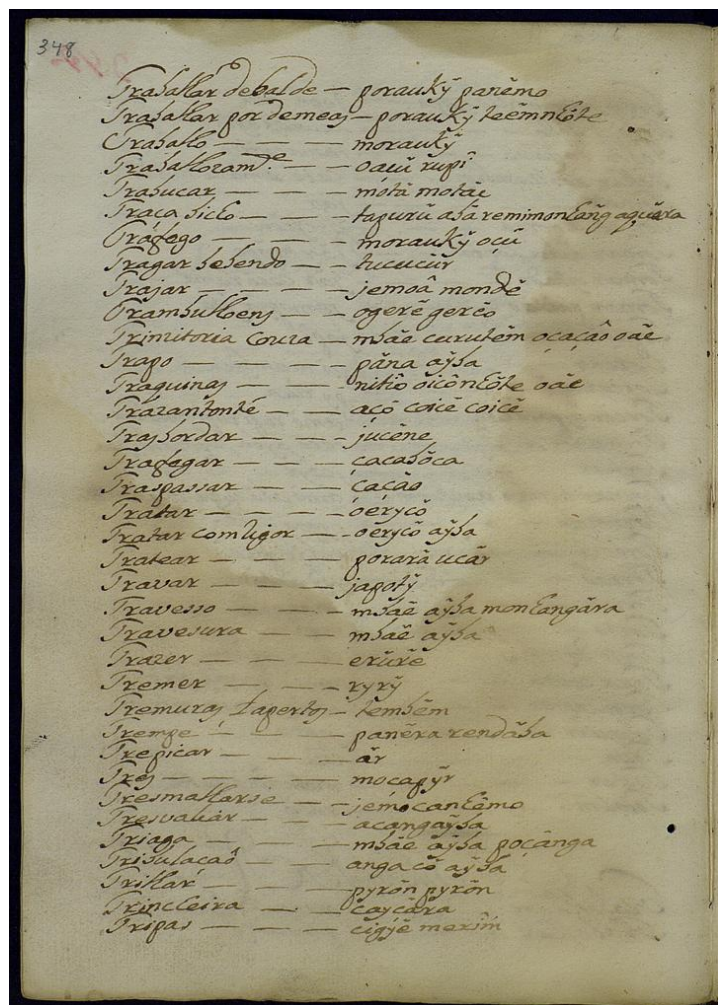
347¹³⁴

1	Todos juntos emhû corpo.....	jepé ocú
2	Tolo, £ Tolla.....	acoaúbeýma
3	Tolda daCanoa.....	tamacaríca
4	Tolher dos Membros.....	cefé [o] manó manó
56	Tomar.....	jár
7	Tomar a força.....	pycýrón
8	Tomar asua conta.....	jár epópe
9	Tomar estado.....	jár cecó ráma
10	Tomar paixão.....	jemopyá ýba
11	Topada.....	japî
12	Torcer.....	pô membýca
13	Torcer opé.....	pý rúca
14	Torcer aspalavras.....	amó rupî rupî onheéng
15	Tormento.....	tecó áyba, £ poraraçába
16	Tornar.....	jebýr
17	Tornar aculpa aoutrem.....	amó abá çupé oetýca cecó
18	Tornozelo.....	pygoá
19	Torpeza.....	mbáe puxî
20	Torraô.....	yby antám
21	Torrar.....	moxeríc
22	Torto.....	iapára
23	Torto dos olhos.....	caçá iapàra
24	Tosca couza.....	mbaé ipooçú oae
25	Tosquenejar.....	okér merím mirím
26	Tosquiar.....	jopîne
27	Tosse.....	uû
28	Tostar.....	motenîng catú
29	Totalm(en)te.....	reté
30		

¹³⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

31	T. antes do R. V.	
32	Trabalhador.....	moraukyçára
33	Trabalhar.....	porauký

208v



30	Tres.....	moçapýr
31	Tresmalharse.....	jemocanhémo
32	Tresvaliar.....	acangaýba
33	Triaga.....	mbáe aýba poçânga
34	Tribulaçaô.....	anga có aýba
35	Trilhar.....	pyrón pyrón
36	Trincheira.....	cayçára
37	Tripas.....	cigyé merîm

209r

349

Triste estar	Kyrirîm
Tristonho	çobácý
Triunfar	monçárai
Trombeta	memby
Tronco, £ prizaô	mondé
Tropa degente	myra reiýa, £ tropa
Tropego homé	abá roó nhóte oae
Tropel degente	myra ryapú
Trovaô	Tupá
Tu	indé
Tua couza	ndembáe
Tudo	opabinhé
Tumba	teongóera rejitába, £ Tumba
Turbar	moacanhémo
Turbar aAgoa	motypityng
Tutano	cangoéra póra

V. antes do A.

Vangloriar-se	jerobiár eté
Vaca	tapyíra cunhám
Vadear orio	çaçãô
Vadio	a cangpýba
Vagado	ceçá byrýb
Vaj	equém
Vaidado	
Vale	
Valentão	
Valer	
Valoroso	
Vagorax	
Vara	

1		
2	Triste estar.....	Kyrirîm
3	Tristonho.....	çobácý
4	Triunfar.....	monçárai
5	Trombeta.....	memby
6	Tronco, £ prizaô.....	mondé
7	Tropa degente.....	myra reiýa, £ tropa
8	Tropego homé.....	abá roó nhóte oae
9	Tropel degente.....	myra ryapú
10	Trovaô.....	Tupá
11	Tú.....	indé
12	Tua couza.....	ndembáe
13	Tudo.....	opabinhé
14	Tumba.....	teongóera rejitába, £ Tumba
15	Turbar.....	moacanhémo
16	Turbar aAgoa.....	motypityng
17	Tutano.....	cangoéra póra
18		V. antes do A.
19	Vangloriar-se.....	jerobiár eté
20	vaca.....	tapyíra cunhám
21	vadear orio.....	çaçãô
22	vadio.....	a cangpýba
23	vagado.....	ceçá byrýb
24	vaj.....	equém

349¹³⁶¹³⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

25	vaidade.....	mbaé curutém nhó-
26		te oçaçaô oáe
27	valle.....	ybytú goayá
28	valentaô.....	ábá carimbábo oãe
29	valer.....	valer
30	valerozo.....	epyá oçú
31	vaporar.....	pytucême
32	vara.....	imyrá î

350

Vara de medir	—	—	pāna rangāša
Varandas derede	—	—	Kyçāba memeyba
Varas	—	—	apjāša
Varejar	—	—	kapān
Variar	—	—	amō rupi
Varar a mare	—	—	cerýca
Varar botando fora	—	—	jucēne
Vascolejar	—	—	makoçoc
Vazia couza	—	—	nitio ypōr oāe
Vazilha	—	—	reru
Vazio dabarriga	—	—	marica

V. antes do E. I.

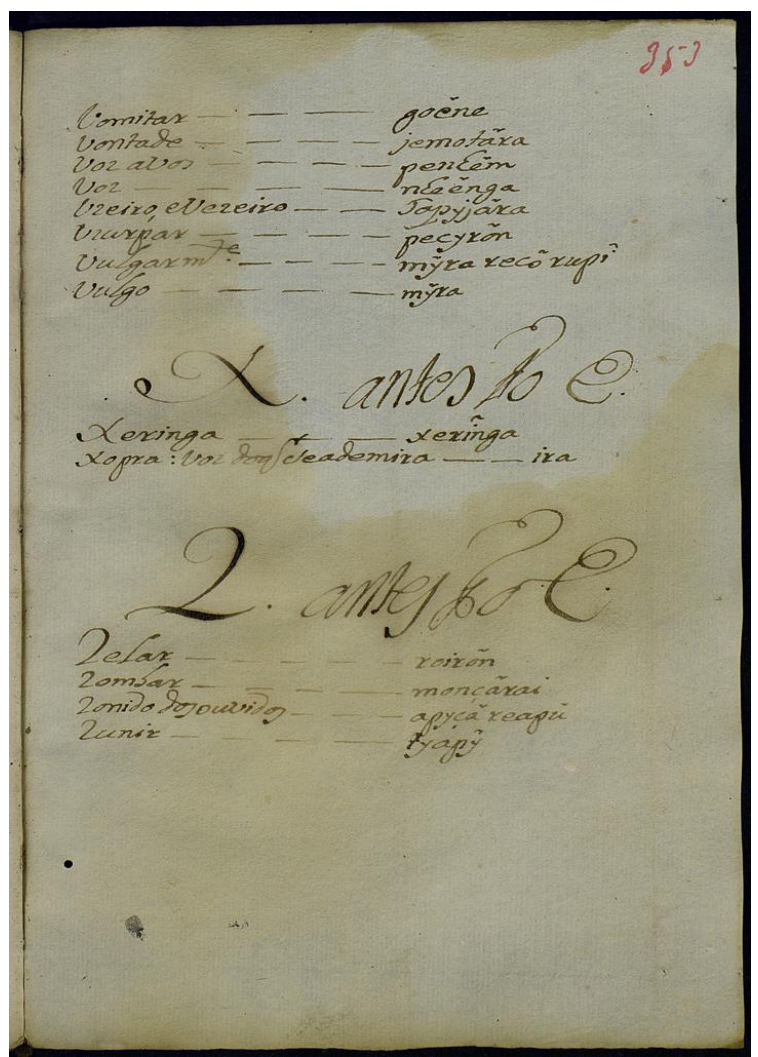
Vea	—	—	toqui rapé, f çagýca
Veado	—	—	çuaçú
Veado de cornos	—	—	çuaçú apára
Vela da canoa	—	—	jgára rotínga
Vela de cera	—	—	iraitim canéa
Velar	—	—	nitio oKér
Velejar	—	—	goatá
Velha	—	—	goaimim
Velha couza	—	—	jemáne
Velho	—	—	tyjuáe
Velhice	—	—	tyjuaeçaba
Velhaco	—	—	abá puxi
Velhecária	—	—	mbaé puxi
Vencer	—	—	mocayāne
Vender	—	—	venðer
Veneno	—	—	mdas avia, fmbie çacy oāe
Venozar	—	—	moele
Ventagem	—	—	goris
Vento do Naveio	—	—	apjñe
Vento	—	—	ylytu
Ventreca	—	—	marica
Ver	—	—	sepiaca f maem
Voras	—	—	coaracy ara

1		
2	Vara de medir.....	paña rangába
3	varandas derede.....	Kyçába memeyba
4	varaô.....	apyába
5	varejar.....	nopán
6	variari.....	amó rupî
7	vazar amare.....	cerýca
8	vazar botando fora.....	jucéne
9	vascolear.....	mokoçóc
10	vazia couza.....	nitio ypór oāe
11	vazilha.....	rerú
12	vazio dabarriga.....	marica
13		V. antes. do E. I.
14	Vea.....	toqui rapé, f çagýca
15	veado.....	çuaçú
16	veado de cornos.....	çuaçú apára
17	vela da canoa.....	jgára rotínga
18	vela de cera.....	iraitim canéa
19	velar.....	nitio oKér
20	velejar.....	goatá
21	velha.....	goaimim
22	velha couza.....	jemáne
23	velho.....	tyjuáe
24	velhice.....	tyjuaeçaba
25	velhaco.....	abá puxi
26	velhecária.....	mbaé puxi

¹³⁷ Anotação posterior.

27	vencer.....	mocaráne
28	vender.....	vendér
29	veneno.....	mbáe ayba, £ mbáe çacý oaé
30	venerar.....	moeté
31	ventagem.....	poryb
32	venta dos Narizes.....	apýnha
33	vento.....	ybytú
34	ventrecha.....	maríca
35	ver.....	xepiáca, £ maém
36	veraô.....	coaracý ára

210r



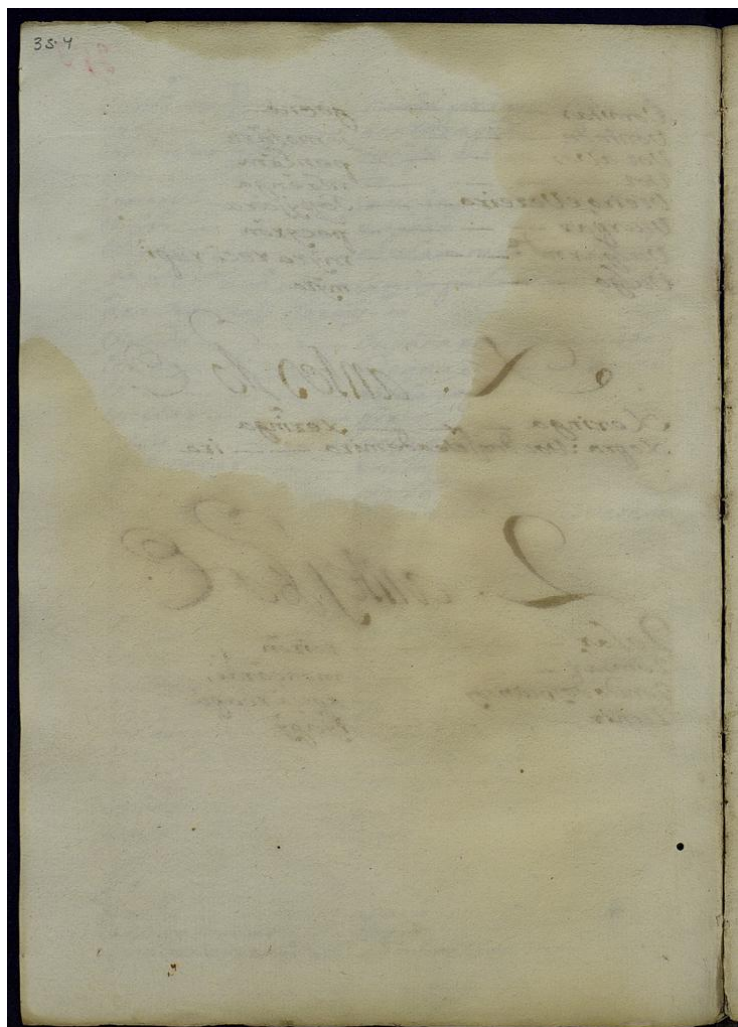
353¹³⁸

- 1
- 2 Vomitargoéne
- 3 vontade jemotára
- 4 voz avos penhém
- 5 voz nheénga
- 6 vzeiro, evezeiro..... Tapyjára
- 7 vzurpar pecyrón
- 8 vulgarm(en)te..... mýra recó rupî
- 9 vulgomýra
- 11 X. antes do E.
- 12 Xeringaxerínga
- 13 xopra: voz doq(eu) seademira.....ira
- 14 Z. antes do E.
- 15 Zelarroirón
- 16 Zombar monçárai
- 17 Zonido dos ouvidos..... apyçá reapú
- 18 Zunir tyapý

¹³⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

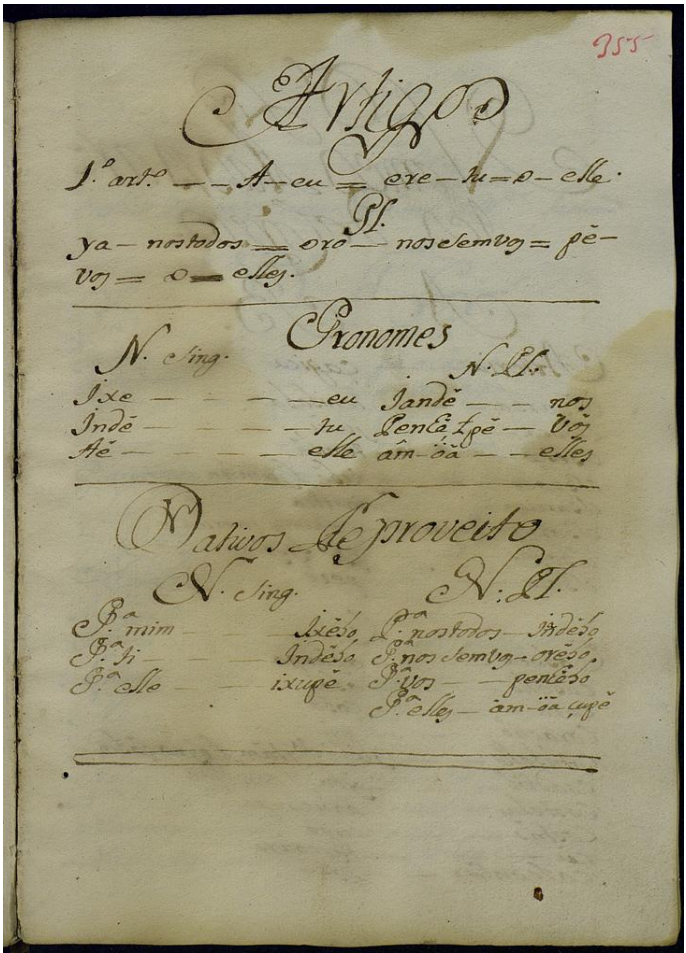
210v

1

354¹³⁹

¹³⁹ Anotação posterior.

211r



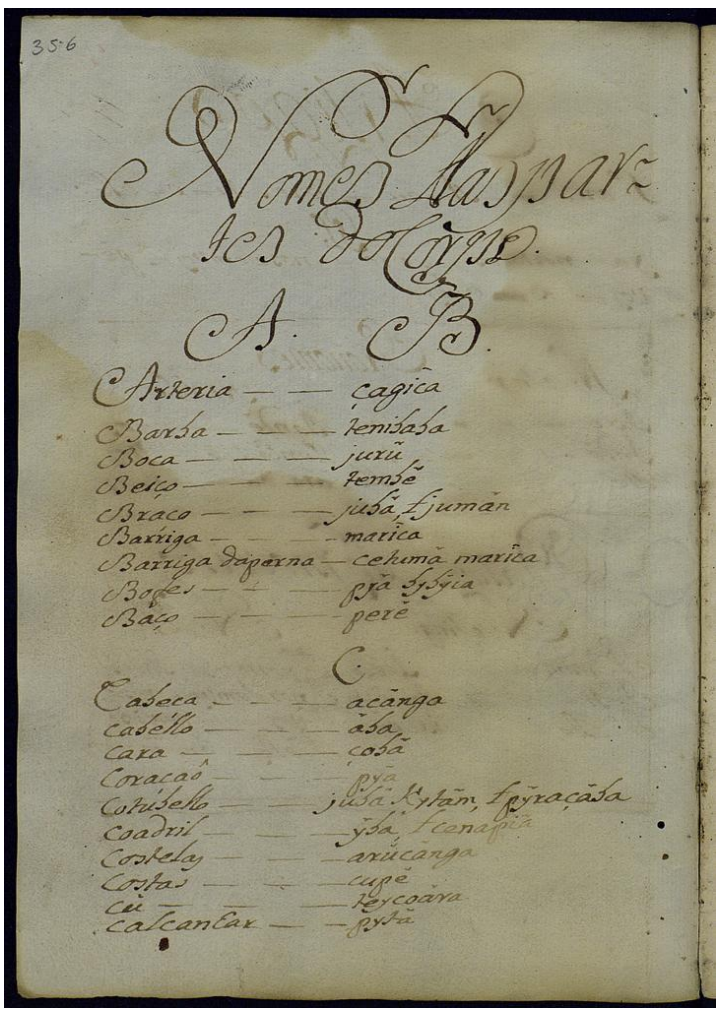
¹⁴⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

355¹⁴⁰

Artigos	
1º art(ig)o -- A -- eu = ere -- tu = o -- elle.	
Pl(ural)	
ya -- nos todos = oro -----nos sem vos = pé -	
vos = o = elles.	
Pronomes	
N(ome) Sing(ular)	N(ome) Pl(ural)
Ixe ----- eu	Iandé ----- nos
Indé ----- tu	Penhé tpé ---- vos
Aé ----- elle	âm - õã - - elles
Dativos de proveito	
N(ome) Sing(ular)	N(ome) Pl(ural)
P(ar)a mim -----Ixébo	P(ar)a nos todos ----I[↑ a] ndébo
P(ar)a ti - - - - Indébo	P(ar)a nos sem vos - orébo
P(ar)a elle ixupé	P(ar)a vos ----- penhábo
	P(ar)a elles - âm õã çupé

211v



¹⁴¹ Anotação posterior.

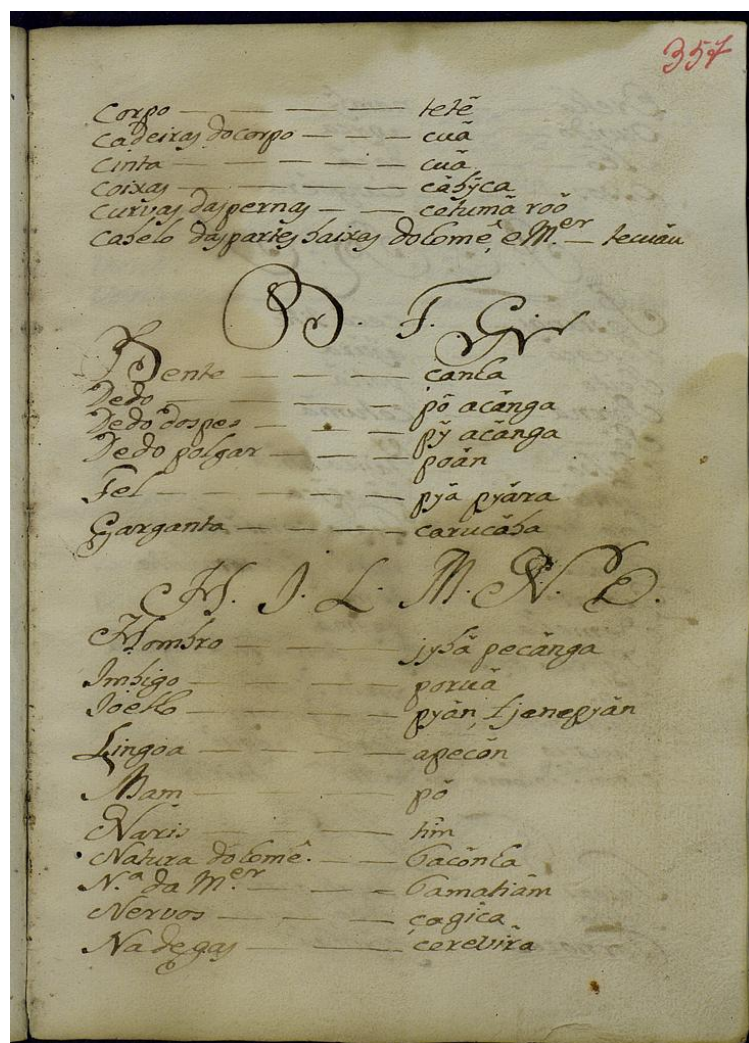
356¹⁴¹

1	
2	Nomes das par=
3	tes doCorpo
4	A . B.
5	Arteria ----- çagica
6	Barba -----tenibaba
7	Boca -----jurú
8	Beiço -----tembé
9	Braço ----- jubá, fjtumán
10	Barriga-----maríca
11	Barriga daperna --cetumá maríca
12	Bofes ----- pyá bybýia
13	Baço -----peré
14	C.
15	Cabeça -----acánga
16	cabello -----ába
17	cara -----çobá
18	coração -----pyá
19	cotúbello -----jubá, Kytám, fpyracába
20	coadril -----ýba, fcenapiá
21	costelas -----arúcanga
22	costas ----- cupé
23	cú -----teycoára

24

calcanhar -----pytá

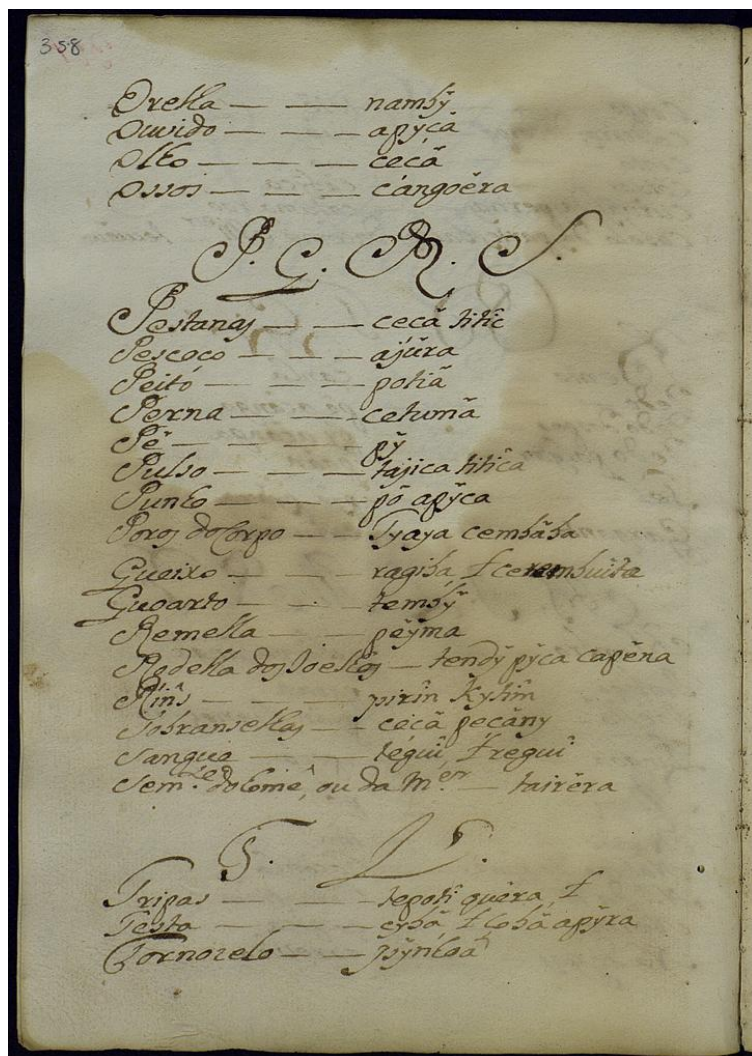
212r

357¹⁴²

- 1
2 corpo -----teté
3 cadeiras do corpo ----cuá
4 cinta -----cuá
5 coixas -----cábýca
6 curuas das pernas ----cetumá roó
7 cabelo das partes baixas do homê, e m(ulh)er--tecuaú
8 D. F. G.
9 Dente -----çanha
10 Dedo ----- pô acánga
11 Dedo dos pes -----pý acánga
12 Dedo polgar -----poán
13 Fel -----pyá pyára
14 Garganta -----carucába
15 H. I. L. M. N. O.
16 Hombro -----jýba pecánga
17 Imbigo -----poruá
18 Joelho -----pyán, fjenepyán
19 Lingoa -----apecón
20 Mam -----pó
21 Naris -----tím
22 Natura do homê -----Tacónha
23 N(atur)a da M(ulh)er ----- Tamatiâm
24 Nervos -----çagica
25 Nadegas -----cerevîra

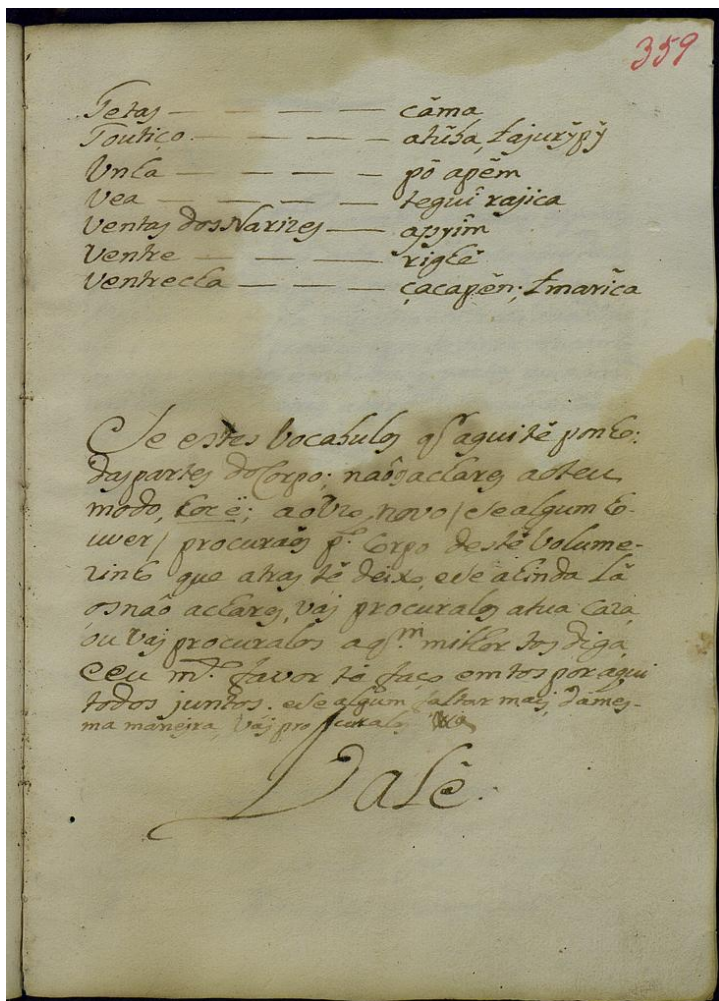
¹⁴² Anotação posterior com caneta vermelha.

212v

358¹⁴³

1	
2	Orelha -----namby
3	Ouvido -----apyca
4	Olho -----ceça
5	Osso -----cangoéra
6	P. Q. R. S.
7	Pestanas -----ceça titic
8	Pescoço -----ajura
9	Peito -----potiã
10	Perna -----cetumã
11	Pé -----pý
12	Pulso -----tajica titica
13	Punho -----põ apýca
14	Poros doCorpo -----Tyaya cembába
15	Queixo -----ragiba fcerembuita
16	Quarto -----tembý
17	Remella -----péyma
18	Rodelha dos Iolhos ----- tendý pýca capéna
19	Rîns -----pirín Kytím
20	Sobranselhas ----- ceça pecány
21	Sangue -----céguí freguî
22	Sem(en)te de homê, ou da m(ulh)er---tairéra
23	T. L.
24	Tripas -----tepotí quera, f
25	Testa -----eybá, f çobá apýra
26	Tornozelo ----- pýnhoã

¹⁴³ Anotação posterior.

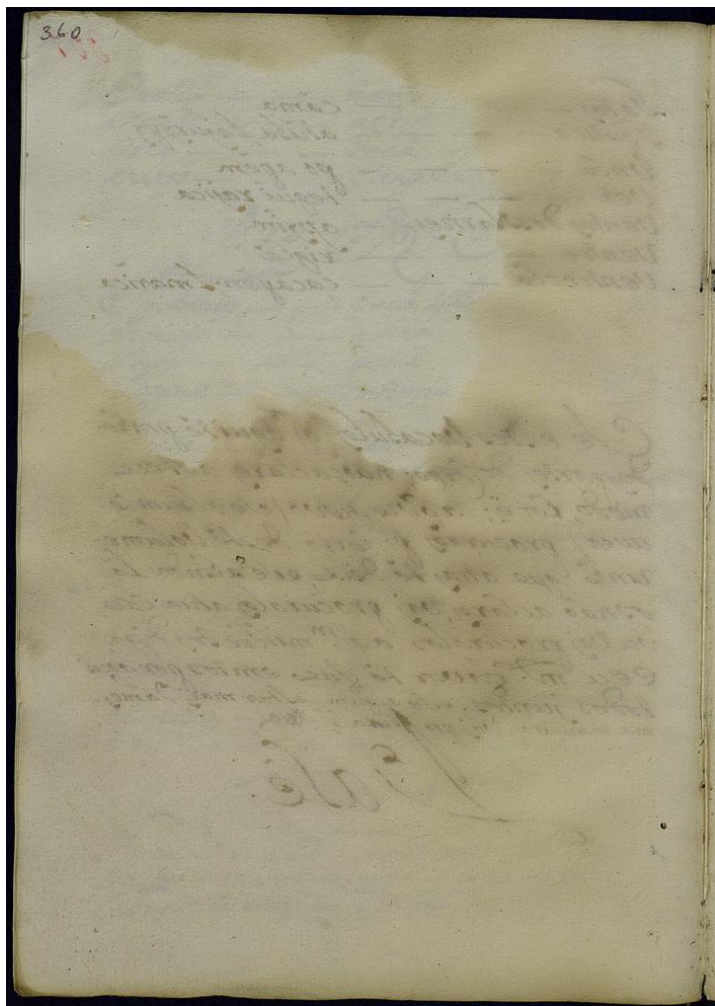


¹⁴⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

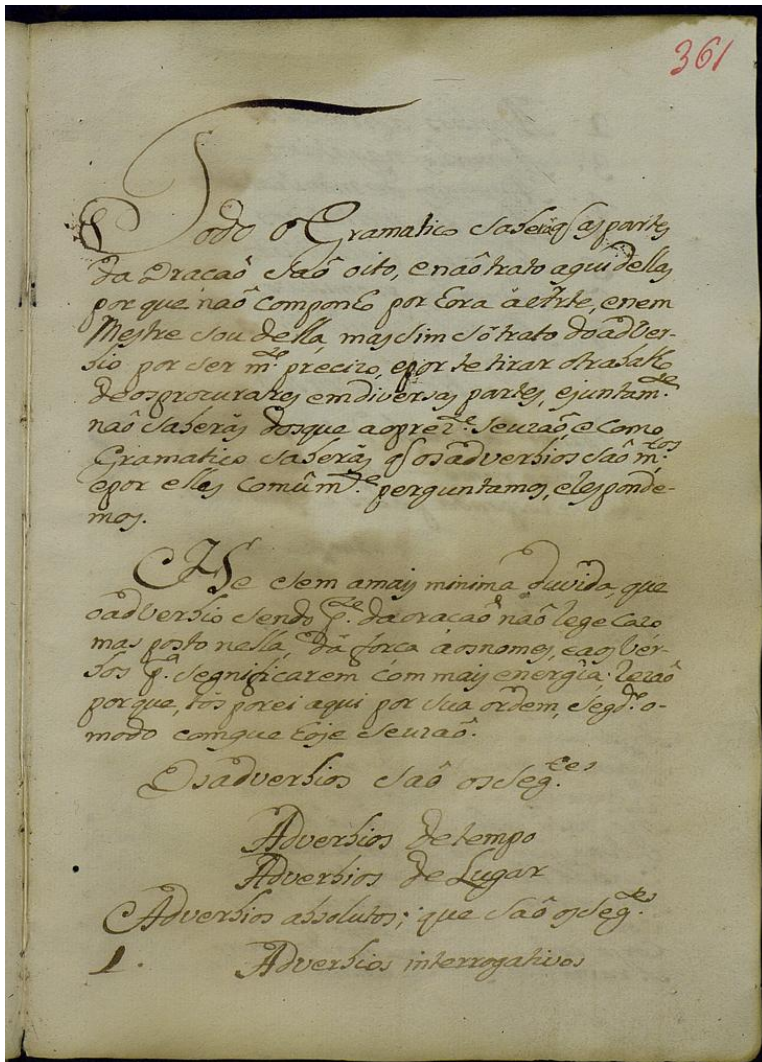
1		359 ¹⁴⁴
2	Tetas.....	cáma
3	Toutico.....	atúba, fajurýpy
4	Vnha.....	pó apém
5	Vea.....	teguî rajica
6	Ventas dos Narizes.....	apyîm
7	ventre.....	righé
8	ventrecha.....	çacapén; £maríca
9	Se estes vocabulos q(ue) aqui té ponho:	
10	das partes doCorpo, naô os achares aoteu	
11	modo, <u>hoc</u> é; aotro novo / se algum ho-	
12	uer / procuraós p(e)lo corpo desté volume-	
13	zinho que atras té deixo, ese ahinda lá	
14	os naô achares, vaj procuralos atua caza,	
15	ou vaj procuralos aq(ue)m melhor tos diga	
16	eeu m(ui)to favor té faço em tos por aqui	
17	todos juntos. ese algum faltar mais, dámes-	
18	ma maneira, vaj procuralos (et caetera)	
19	Valé.	

213v

1

360¹⁴⁵

¹⁴⁵ Anotação posterior.



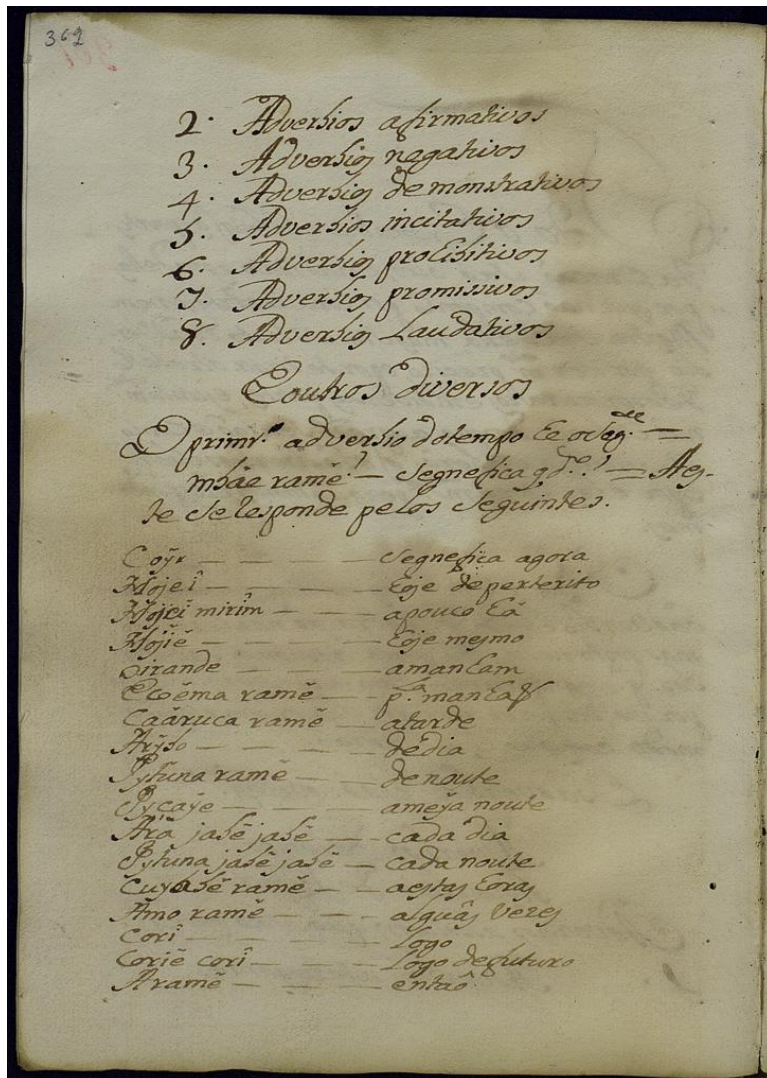
2 Todo o Gramatico saberá q(ue) as partes
3 da Oraçãõ são oito, e não trato aqui dellas
4 por que não compoño por hora á Arte, enem
5 mestre sou della, mas sim só trato do adverbio
6 por ser m(ui)to preciso, e por se tirar o trabalho
7 de os procurares em diversas partes, e juntam(en)te
8 não saberás dosque aoprez(en)te seuzaõ, e como
9 Gramatico saberás q(ue) os adverbios são m(ui)tos
10 e por elles comũ(en)te perguntamos, e responde-
11 mos

12 He sem amais minima duvida, que
13 o adverbio sendo p(ar)te da oraçãõ não rege cazo
14 mas posto nella, dá força aos nomes, e aos vér-
15 bos p(ar)a segnificarem com mais energia. Razaõ
16 porque, tós porei aqui por sua ordem, seg(und)o o
17 modo comque hoje seuzaõ.

18 Os adverbios são os Seg(uin)tes
19 Adverbios de tempo
20 Adverbios de Lugar
21 Adverbios absolutos; que são os Seg(uin)tes
22 1. Adverbios interrogativos

¹⁴⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

214v

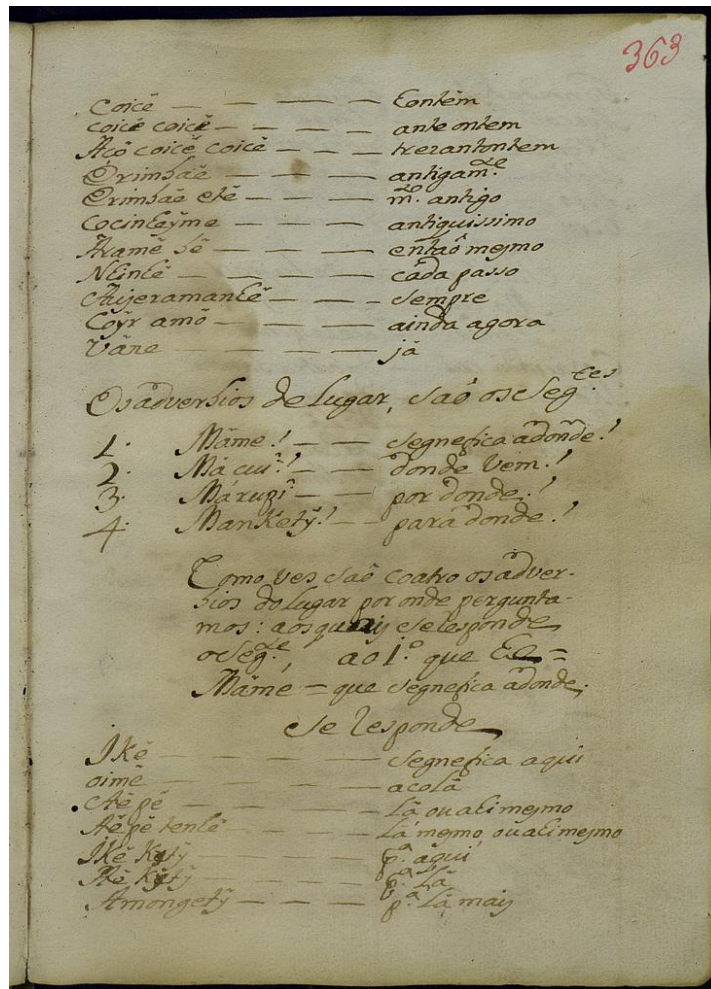
362¹⁴⁷

2. Adverbios afirmativos
3. Adverbios negativos
4. Adverbios demonstrativos
5. Adverbios incitativos
6. Adverbios proibitivos
7. Adverbios promissivos
8. Adverbios laudativos
9. E outros diversos
10. O prim(ei)r(o) adverbio dotempo he oSeg(uin)te =
11. mbáe ramé? - Segnefica q(uan)do = Aes-
12. te se Responde pelos seguintes.
13. Coýr ----- segnefica agora
14. Hojei -----hoje de perterito
15. Hojei mirim ----- apouco há
16. Hojié -----hoje mesmo
17. Oirande -----amanham
18. Ecoéma ramé ----- p(e)la manha (et caetera)
19. Caáruca ramé -----atarde
20. Arýbo -----dedia
21. Pytuna ramé -----de noute
22. Pyçaye -----ameya noute
23. Ara jabé jabé -----cada dia
24. Pytuna jabé jabé -----cada noute
25. Cuyabé ramé -----aestas horas
26. Amo ramé -----alguas vezes
27. Cori-----logo
28. Corié cori -----logo defuturo

¹⁴⁷ Anotação posterior.

29 Aramé -----entaô

215r

363¹⁴⁸

- 1
- 2 Coicé -----hontém
- 3 coicé coicé -----ante ontem
- 4 Açó coicé coicé ----- trezantontem
- 5 Erimbaé -----antigam(en)te
- 6 Erimbaé eté -----m(ui)to antigo
- 7 Cocinhaýme -----antiquissimo
- 8 Aramé bé -----então mesmo
- 9 Nhinhé -----cada passo
- 10 Aujeramanhé -----sempre
- 11 Coýr amó -----ainda agora
- 12 Váne -----já

13 Os adverbios de lugar, são os Seg(uin)tes

- 14 1. Máme? ----- Segnefica adonde?
- 15 2. Má çuí? ----- donde vem?
- 16 3. Marupí ----- por donde?
- 17 4. Manketý? ----- para donde?

18 Como ves são coatro os adver-

19 bios do lugar por onde pergunta-

20 mos: aos quais se Responde

21 oseg(uin)te, ao 1º que he =

22 Máme = que segnefica adonde;

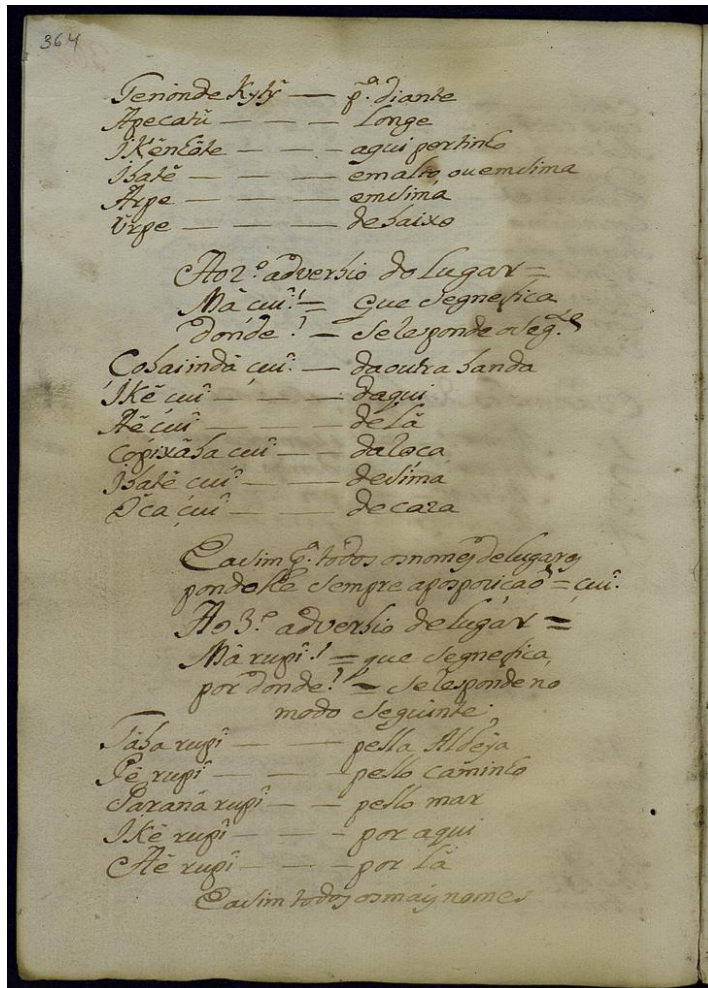
23 Se responde

24 Iké -----Segnefica aqui

¹⁴⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

- 25 oimé -----acolá
- 26 Aé pé -----lá ou ahi mesmo
- 27 Aé pé tenhé -----lá mesmo, ou ahi mesmo
- 28 Iké kytý ----- p(ar)a aqui
- 29 Aé kýty ----- p(ar)a lá
- 30 Amongetý -----p(ar)a lá mais

215v

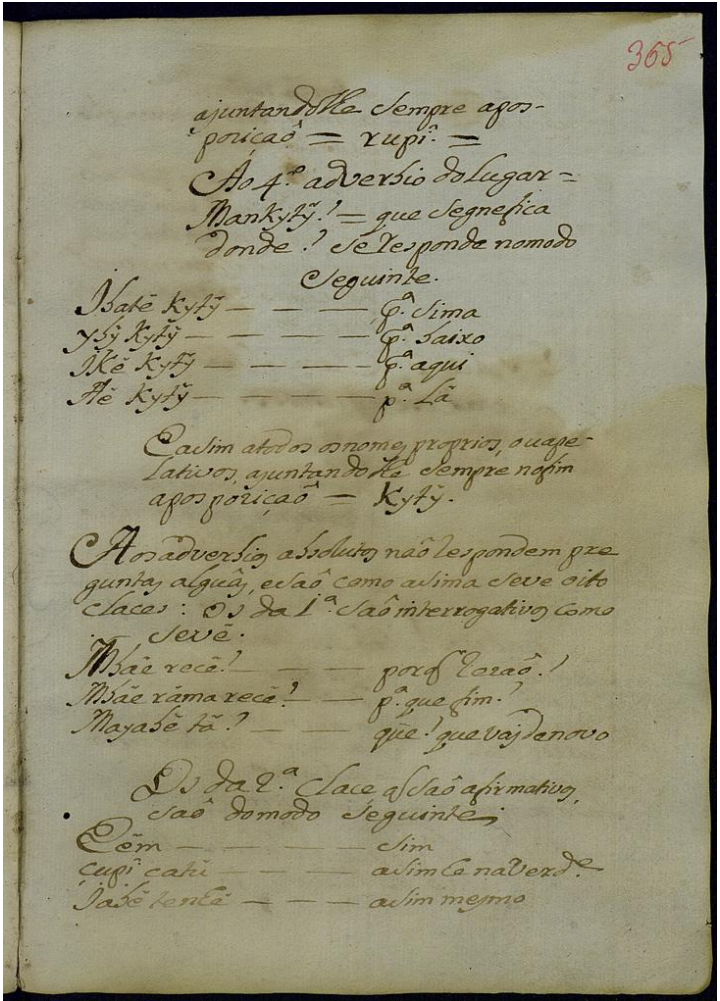
364¹⁴⁹

- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
 - 6
 - 7
 - 8
 - 9
 - 10
 - 11
 - 12
 - 13
 - 14
 - 15
 - 16
 - 17
 - 18
 - 19
 - 20
 - 21
 - 22
 - 23
 - 24
 - 25
- Tenonde Kytý ----- p(ar)a diante
 Apecatú -----Longe
 Ikēnhóte -----aqui pertinho
 Ibaté ----- em alto, ou em cima
 Arpe -----emsima
 Ûrpe -----debaixo
- Ao 2º adverbio do Lugar=
 Mã cui? = Que Segnefica
 donde? - Se Responde o Seg(uin)te
- Çobaindã cui - da outra banda
 Iké cui -----daqui
 Aé cui -----de lá
 Copixãba cui ----da Roça
 Ibaté cui -----deSima
 Óca cui -----de caça
- E assim p(ar)a todos os nomes de lugares
 pondolhe sempre apospozição = cui.
 Ao 3º adverbio de Lugar =
 Mã rupi? = que Segnefica,
 por donde? = Se responde no
 modo Seguinte.
- Tába rupi -----pella Aldeya
 Pé rupi -----pello caminho
 Paraná rupi---- pello mar

¹⁴⁹ Anotação posterior.

26 Iké rupî -----por aqui
27 Aé rupî -----por lá
28 E assim todos os mais nomes

216r



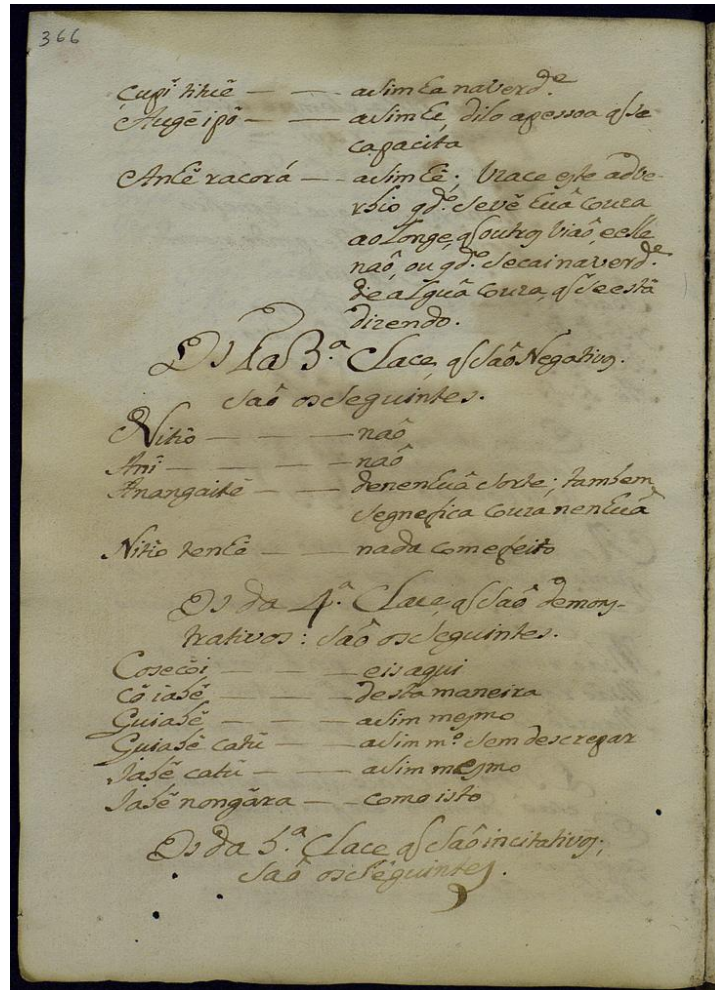
365¹⁵⁰

- 1
- 2 ajuntandolhe sempre apos-
- 3 pozição = rupi =
- 4 Ao 4º adverbio do Lugar=
- 5 Mankytý? = que Segnefica
- 6 donde? Seresponde nomodo
- 7 seguinte.
- 8 Ibaté Kytý -----p(ar)a sima
- 9 Ybý Kytý -----p(ar)a baixo
- 10 Iké Kytý -----p(ar)a aqui
- 11 Hê Kytý -----p(ar)a lá
- 12
- 13 E assim atodos os nomes proprios, ouape-
- 14 lativos ajuntandolhe sempre nofim
- 15 apospozição = Kytý
- 16
- 17 Aos adverbios absolutos não respondem pre-
- 18 guntas alguâs, esaô como asima sete oito
- 19 claces: os da 1ª são interrogativos como
- 20 seué.
- 21 Mbaé recé? -----porq(ue) Rezaô?
- 22 Mbaé ráma recé? ..p(ar)a que fim?
- 23 Mayabé tá? -----que? que vaj de nouo
- 24
- 25 Os da 2ª clace, q(ue) são afirmativos.
- 26 São domodo seguinte.
- 27 Eém -----sim
- 28 çupî catú -----asim he na verd(ad)e

¹⁵⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

28 Iabé tenhé -----asim mesmo

216v



366¹⁵¹

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

çupí titué -----asim ha naverd(ad)e
Augé ipó -----asim he, dito apessoa q(ue) se
capacita
Anhé racorá ---asim hé; Vzace este adve-
rbio q(uan)do sevé huâ couza
ao Longe, q(ue) outros viaô, eelle
naô, ou q(uan)do secai na verd(ad)e
de alguâ couza, q(ue) se está
dizendo.

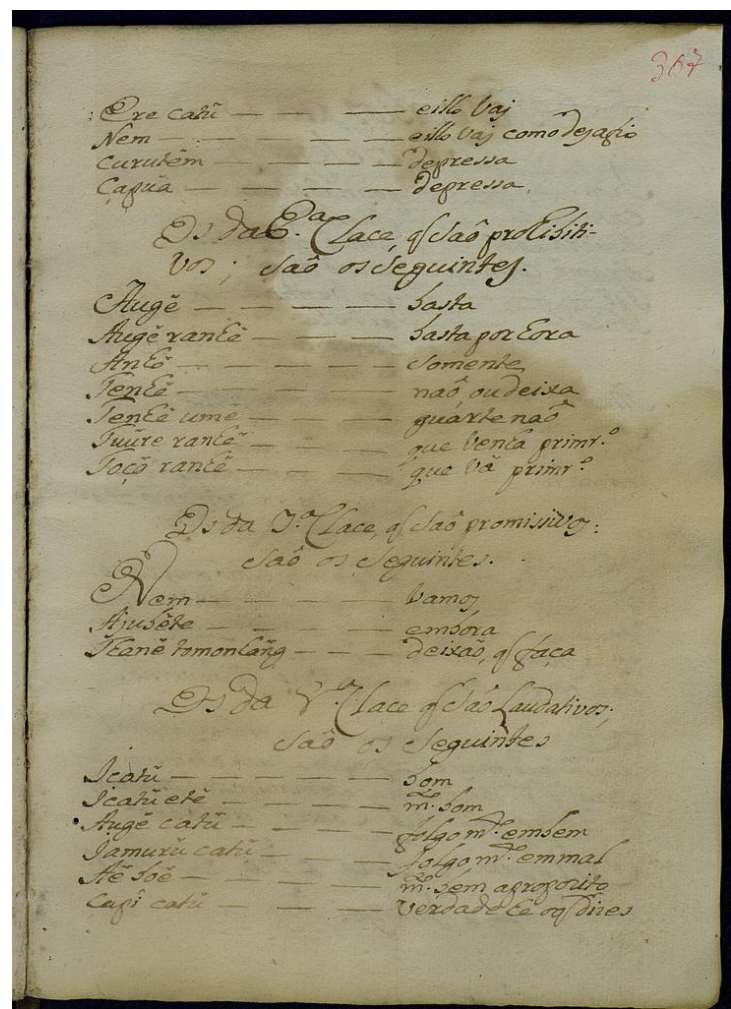
Os da 3ª Clace, q(ue) são Negativos.
São os Seguintes.
Nítio ----- naô
Ani -----naô
Anangaité -----denenhuâ sorte; tambem
Segnefica couza nenhuâ
Nítio tenhé ----nada com efeito

Os da 4ª Clace, q(ue) são demons-
trativos: São os Seguintes.
Cosecóí -----eis aqui
có iabé -----desta maneira
Quiabé -----asim mesmo
Quiabé catú ----asim m(esm)o sem descrepar
Iabé catú -----asim mesmo

¹⁵¹ Anotação posterior.

25 Iabé nongára -----como isto
26 Os da 5ª Clace, q(ue) saô incitativos;
27 Saô os Seguintes.

217r



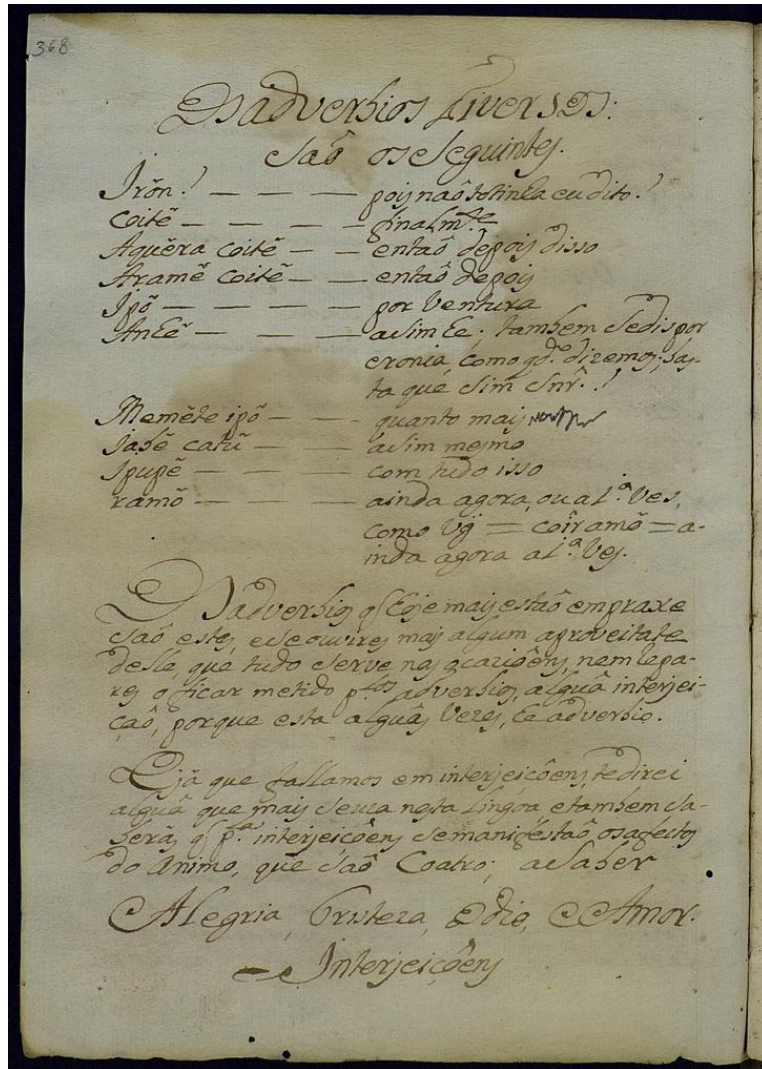
367¹⁵²

- 1
- 2 Ere catú -----eillo vaj
- 3 Nem -----eillo vaj como desafio
- 4 curutém -----depressa
- 5 çapuá -----depressa
- 6 Os da 6ª Clace, q(ue) São prohibiti-
- 7 vos; São os Seguintes.
- 8 Augé -----basta
- 9 Augé ranhé -----basta por hora
- 10 Anhó -----samente
- 11 Tenhé -----naô, ou deixa
- 12 Tenhé umé -----guarte naô
- 13 Tuúre ranhé -----que venha prim(ei)ro
- 14 Toçó ranhé -----que vá prim(ei)ro
- 15 Os da 7ª Clace, q(ue) são promissivos:
- 16 São os Seguintes.
- 17 Nem -----vamos
- 18 Ajubéte -----embora
- 19 Thané tomonhañg ---deixaô, q(ue) faça
- 20 Os da 8ª Clace q(ue) são laudativos;
- 21 São os Seguintes
- 22 Icatú -----bom

¹⁵² Anotação posterior com caneta vermelha.

- 23 Icatú eté ----- m(ui)to bom
24 Augé catú -----folgo m(ui)to em bem
25 Iamurú catú ----folgo m(ui)to em mal
26 Aé boé ----- m(ui)to bem propozito
27 Capî catú -----verdade he oq(ue) dizes

217v



368

Os adverbios diversos.

São os Seguintes.

Irón? -----pois não totinha eu dito?

Coité -----finalm(ent)e

Aquéra coité -----então depois disso

Aramé coité -----então depois

Ipó -----por ventura

Anhé -----assim he; também sedispor

eronia, como q(uan)do dizemos; bas-

ta que Sim S(e)n(ho)r!

Meméte ipó ----quanto mais¹⁵³

Iabé catú -----assim mesmo

Ipupé -----com tudo isso

ramó -----ainda agora, ou al(gum)a ues,

como v(erbi) g(ratia) = coíramó =a-

inda agora al(gum)a ues.

Os adverbios q(ue) hoje mais estão em praxe

são estes, ese ouuies mais algum aproveitate

delle, que tudo serve nas ocaziõens, nem Repa-

res o ficar metido p(e)los adverbios, alguã interjei-

ção, porque esta alguã vezes, he adverbio.

Ejá que fallamos em interjeiçõens, tedirei

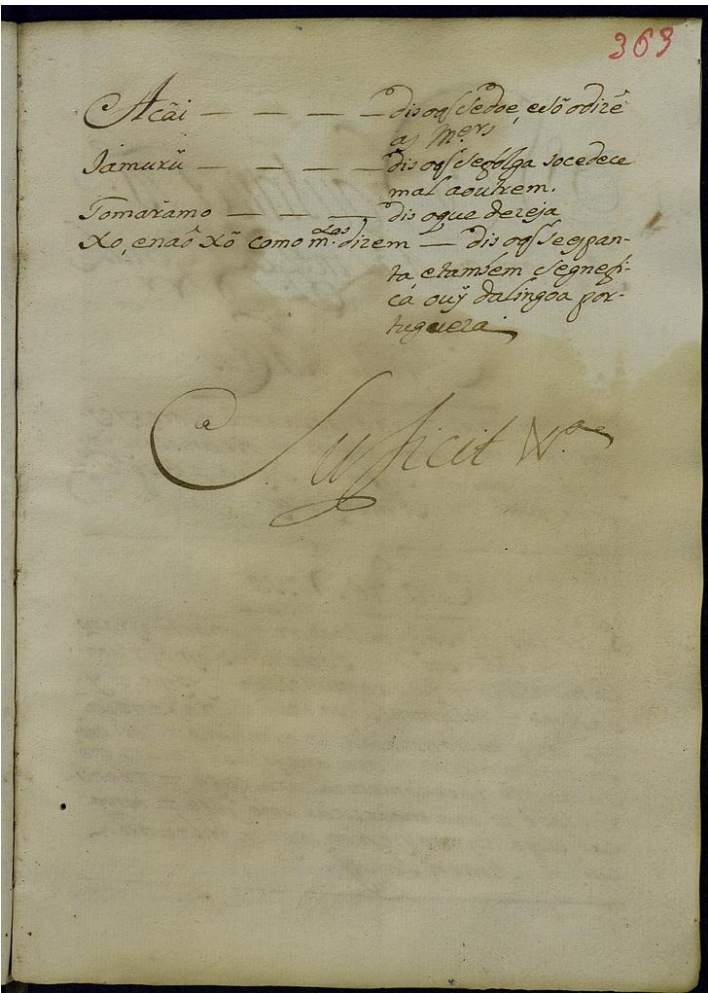
alguã que mais seuza nesta Lingoa, etambem Sa-

berás q(ue) p(e)las interjeiçõens manifestaõ os affectos

¹⁵³ Inserção posterior feita com caneta preta, com grafismo bastante irregular.

26 do animo, que saô coatro; aSaber
27 Alegria, Tristeza, Odio, e Amor.
28 Interjeições

218 r

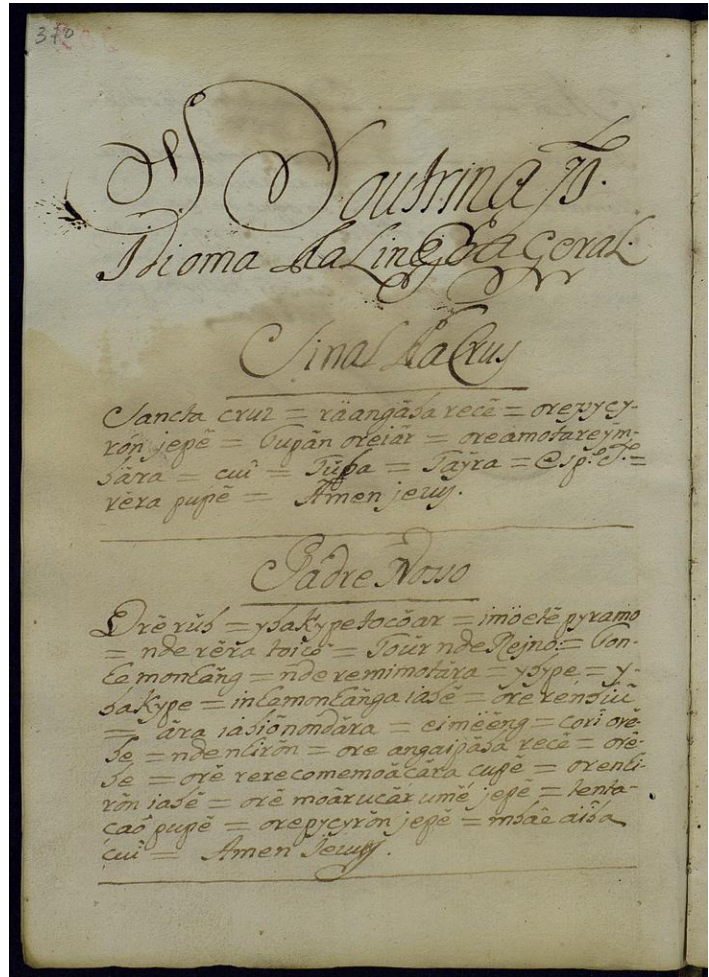


369¹⁵⁴

- 1
- 2 Acái -----dis oq(ue) se doe, e só odizê
- 3 as M(ulhe)r(e)s
- 4 Iamurú -----dis oq(ue) sefolga socedece
- 5 mal aoutrem.
- 6 Tomarámo -----dis oque dezeja
- 7 Xo, enaô xó como m(ui)tos dizem - dis oq(ue) se espan-
- 8 ta, etambem segnefi-
- 9 ca ouý dalingoa por-
- 10 tugueza
- 11 Suficit (et caetera)

¹⁵⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

218v



370¹⁵⁵

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Doutrina p(e)lo
Idioma da Lingoa Geral.

Sinal da Cruz

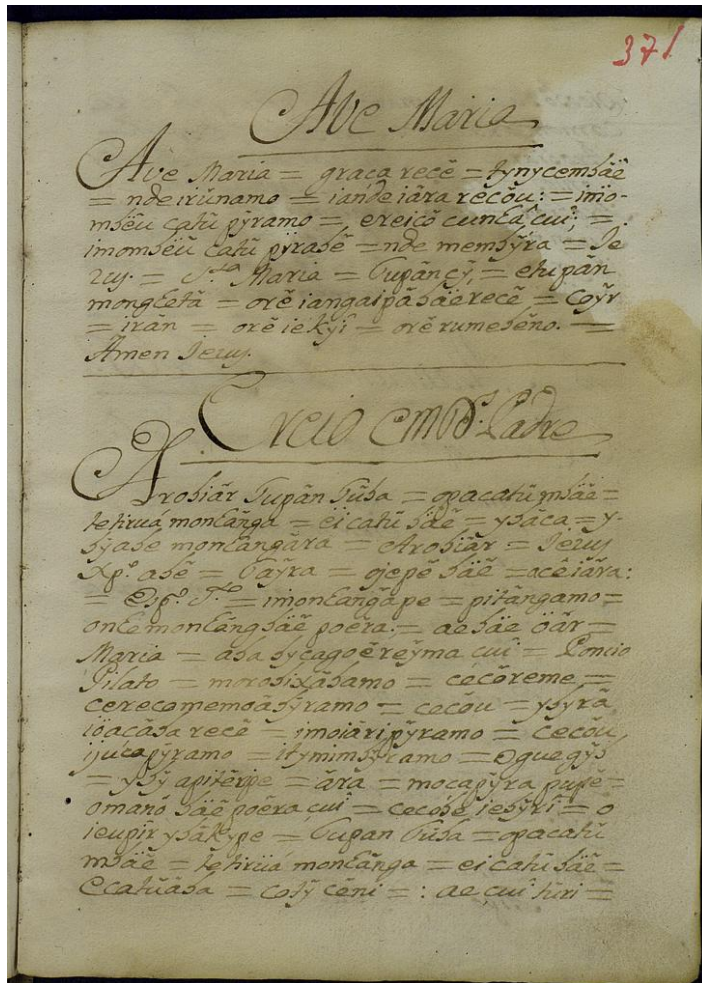
Sancta cruz= rãangába recé = orepycy-
rón jepé = Tupán oreiár = oreamotareým-
bára = cuî = Túpa = Taýra = Esp(irit)o S(an)to=
réra pupé = Amen jezus.

Padre Nosso

Oré rúb = ybakypetocóar = imöetë pyramo
= nde réra toico = Toúr nde Rejno: = Ton-
hemonháng = ñde remimotára = ybype = y-
baKype = inhemonhaंगा iabé= ore renbiú
= ára iabiñondára = eimëéng = corî oré-
be = ndenhirón = ore angaipába recé = oré-
be= oré rerecomemoáčára çupé = orenhi-
rón iabé = oré moáruçar umé jepé = tenta-
çao pupé = orepycyrón jepé = mbaê aiba
çuî= Amen Iezus.

¹⁵⁵ Anotação posterior.

219r

371¹⁵⁶

Ave Maria

Ave Maria= graça recé = tynycembäé
 = nde irúnamo = iande iára recóu: = imö-
 mbëú catú pyramo= ereicó cunhá cuî; =
 imobëu catú pyrabé = nde membýra= Ie
 zus.= S(an)ta Maria= Tupancý = etupán
 monghetá = oré iangaipábaërecé = coýr
 =irán = oré ieKyî= oré rumbéno. =
 Amen Iezus.

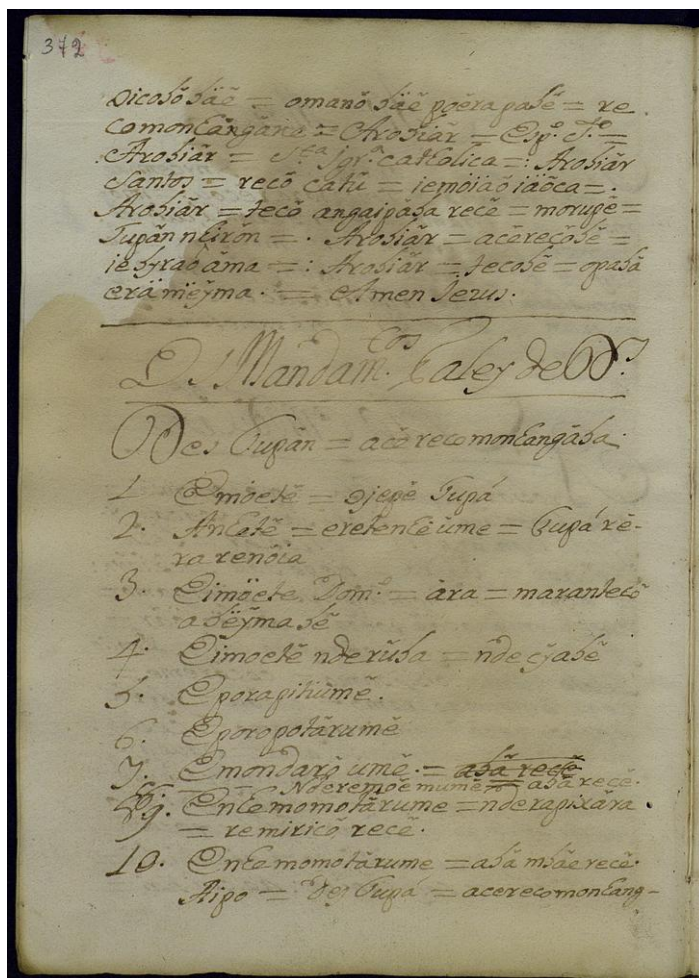
Creio em D(eo)s Padre

Arobiár Tupán Túba= opacatú mbäe=
 tetirúa monhánga =ëi catú bää = ybáca = y-
 býabe monhangára = Arobiár = Iezus
 (Christ)o abé = Taýra = ojepe bää = acéiára:
 = Esp(irit)o S(an)to = imonhangápe = pitángamo =
 anhémonhán bää poéra. = ae bää öär =
 Maria = aba bycagoéreyma çuí = Poncio
 Pilato = morobixábamo =cecóreme=
 cerecomemoábýramo = cecóu = ybyrá
 iöaçába recé = imoiáripýramo =cecóu
 ijucapýramo = itymimbýramo = Oguegyb
 = yby apitéripe = ára = moçapýra pupé=
 omanó bää poéra çuí = cecobe iebýrî = o
 ieupîr ybáKype = Tupan Túba = opacatú
 mbäe = tetirúa monhánga = ei catú bää =

¹⁵⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

28 ecatúába = cotý cénì = : ae çuî túri =

219v

372¹⁵⁷

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

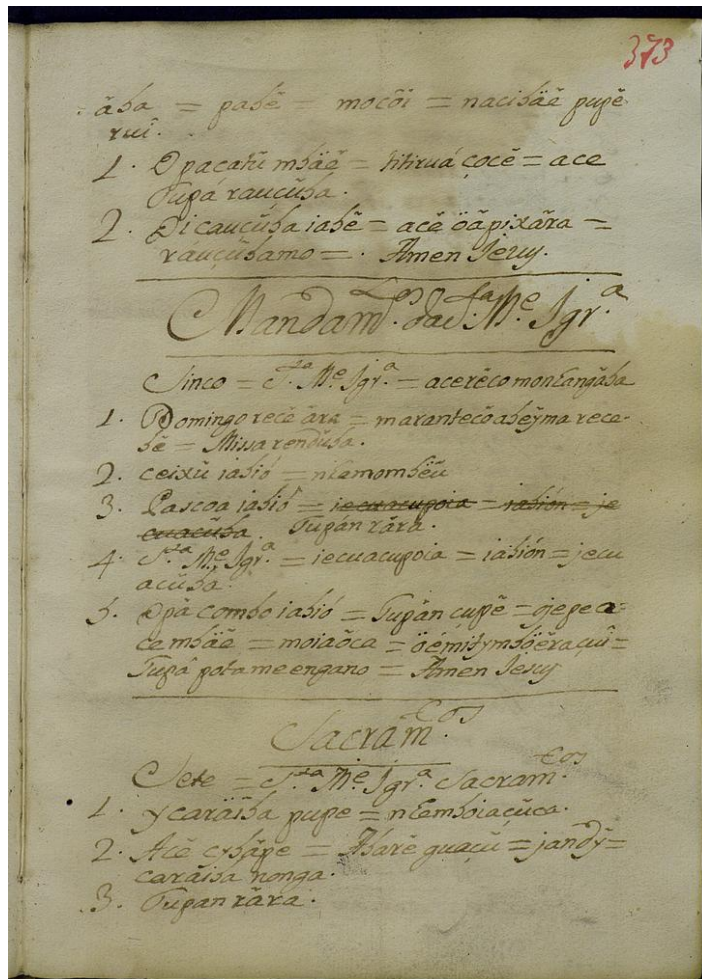
oicobó bää = omanó bää poéra pabé = re.
comonhángáne = Arobiár = Esp(irit)o S(an)to =
Arobiár = S(an)ta Igr(ej)a catholica = : Arobiár
Santos = recó catú = iemöiäó iäóca = .
Arobiár = tecó angaipába recé = morupé =
Tupán nhirón = . Arobiár = acéreçóbé =
iebyraô áma = : Arobiár = tecobé = opabá
erä mēýma. = Amen Iezus.

Os Mandam(en)tos daley deD(eo)s

Des Tupán = acé reco monhangába
1 Emoeté = ojepé Tupá
2. Anheté = eretenhé úme = Tupá ré-
ra renóia
3. Eimöete Dom(ing)o = ára = marantecó
abēýma bé
4. Eimoeté nderúba = ndecýabé
5. Eporapitiúmé.
6. Eporopotárume
7. Emondaró umé = ~~abá recé~~ ↓ 8. --Nderemoé mumé = abá recé.]
9. Enhemomotárume = nderapixára.
= remiricó recé.
10. Enhemomotárume = abá mbáe recé.
Aipo = des Tupá = acerecomonhang -

¹⁵⁷ Anotação posterior.

220r

373¹⁵⁸

- 1
2 ába = pabé = mocôî = nacibäé pupé.
3 ruî
4 1. Opacatú mbäé = titirua' cocé = ace
5 Tupá rauçúba.
6 2. Oi caucúba iabé = acé öäpixára =
7 rauçúbamo = Amen Iezus.

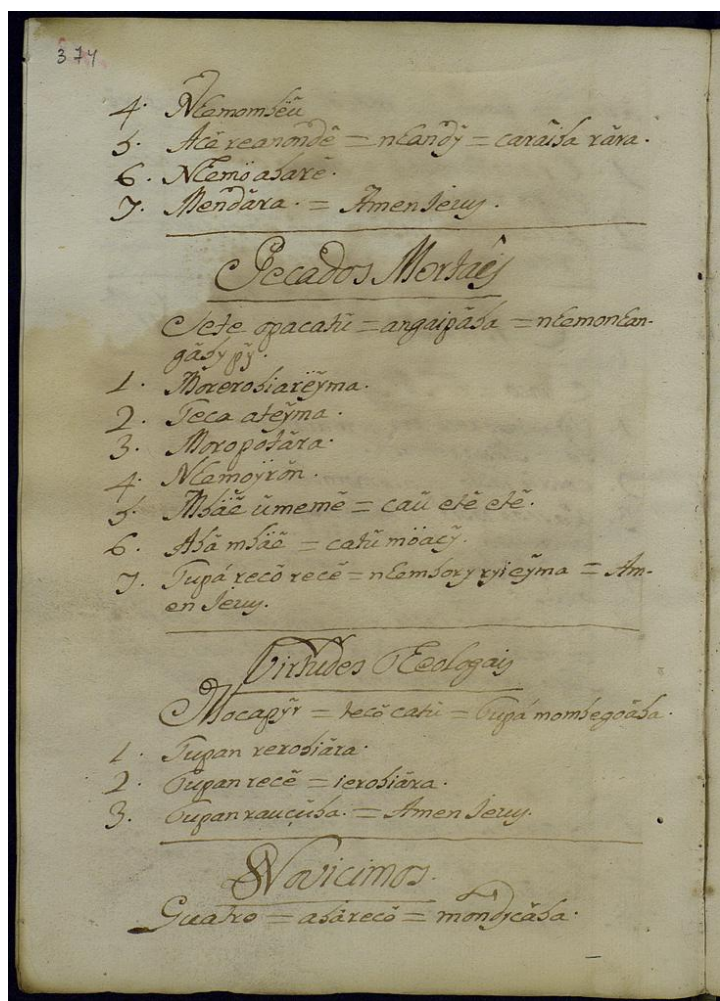
- 8
9 Mandam(en)tos daS(an)ta M(adr)e Igr(e)a
10 Sinco = S(an)ta M(adr)e Ig(rej)a = aceréco monhangába
11 1. Domingo recé ára = marantecó abeyma rece-
12 bé = Missa rendúba.
13 2. ceixú iabiô = nhemombëú
14 3. Pascoa iabiô = iecuacupoia = iabiôn = je
15 eucúba. Tupán rára.
16 4. S(an)ta M(adr)e Igr(ej)a = iecuacupoia = iabiôn = jecu
17 acúba.
18 5. Opá combo iabiô = Tupán çupé = ojepea=
19 ce mbäé = moiaóca = öémitymböéraqú =
20 Tupá potame engano = Amen Iezus.

- 21
22 Sacram(en)tos
23 Sete = S(an)ta M(adr)e Igr(ej)a Sacram(en)tos
24 1. Ycaräíba pupé = nhemboiaçúca.
25 2. Acé cybápe = Abaré guaçu = jandý=
26 caraiba nonga.

¹⁵⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

27 3. Tüpan rára.

220v



374¹⁵⁹

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26

- 4. Nhemombëú
- 5. Acé reanondê = nhandý = caraíba rára.
- 6. Nhemö abaré
- 7. Mendára. = Amen Iesus.

Pecados Mortaês

- Sete opacatú = angaipába = nhmonhan-gábypý
- 1. Morerobiarëýma.
 - 2. Teca ateýma.
 - 3. Moropotára.
 - 4. Nhemöýron.
 - 5. Mbäé úmemé = caú eté eté.
 - 6. Abá mbäe = catú moäcy.
 - 7. Tupá recó recé = nhembory ryieýma = Amen Iesus.

Virtudes Theologais

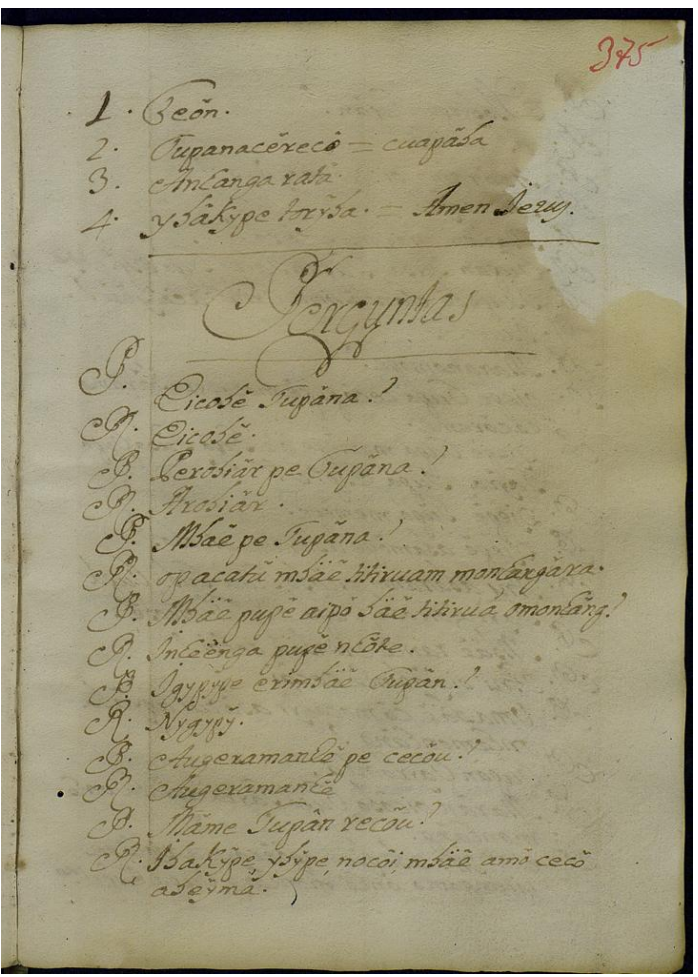
- Mocapýr = tecó catú = Tupá mombegoába
- 1. Tupan rerobiára.
 - 2. Tupan recé = ierobiára.
 - 3. Tupan rauçúba. = Amen Iesus.

Novicimos.

Quatro = abárecó = mondycába.

¹⁵⁹ Anotação posterior.

221r

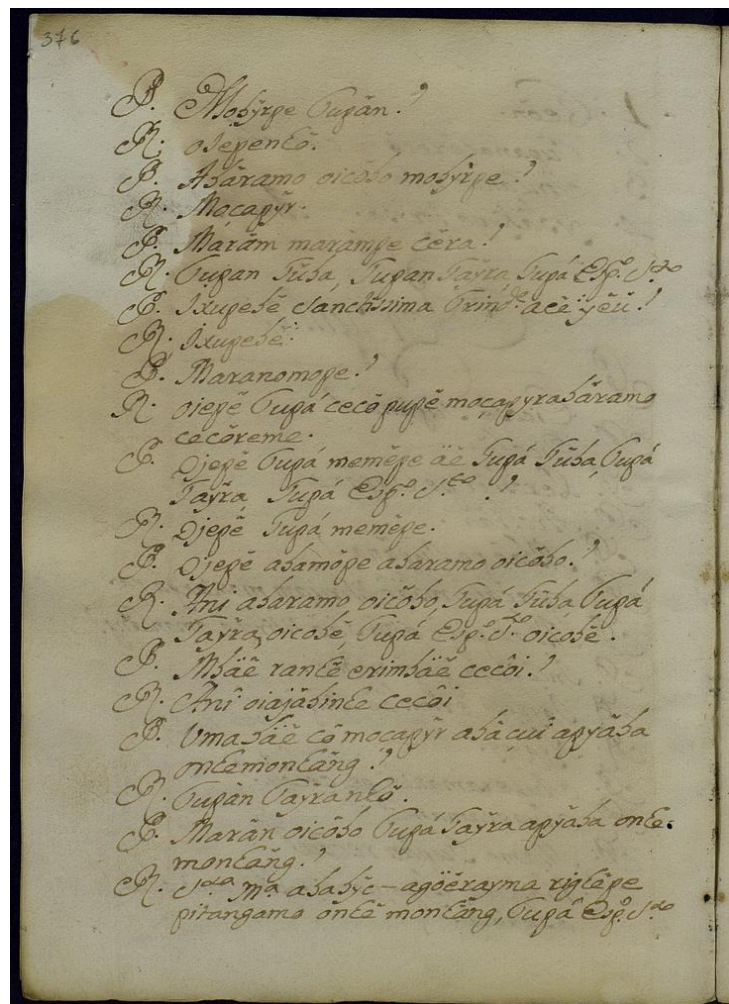


¹⁶⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

375¹⁶⁰

- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
 - 6
 - 7
 - 8
 - 9
 - 10
 - 11
 - 12
 - 13
 - 14
 - 15
 - 16
 - 17
 - 18
 - 19
 - 20
 - 21
 - 22
1. Teón.
2. Tupanacérecó = cuapába
3. Anhangá ratá.
4. Ybákype torýba. = Amen Iezus.
-
- Perguntas
- P(ergunta) Cicobé Tupána?
- R(esposta) Cicobé.
- P(ergunta) Perobiár pe Tupána?
- R(esposta) Arobiár.
- P(ergunta) Mbaé pe Tupána?
- R(esposta) opacatú mbäé titiruam monhangára.
- P(ergunta) Mbäé pupé aipó bää titiruá amonháng?
- R(esposta) Inheénga pupé nhóte.
- P(ergunta) Igypýpe erimbäe Tupán?
- R(esposta) Nygypý.
- P(ergunta) Augeramanhé pe cecóu?
- R(esposta) Augeramanhé
- P(ergunta) Máme Tupân recóu?
- R(esposta) Ibakýpe ybýpe, nocô; mbäé amó cecó abeyma.

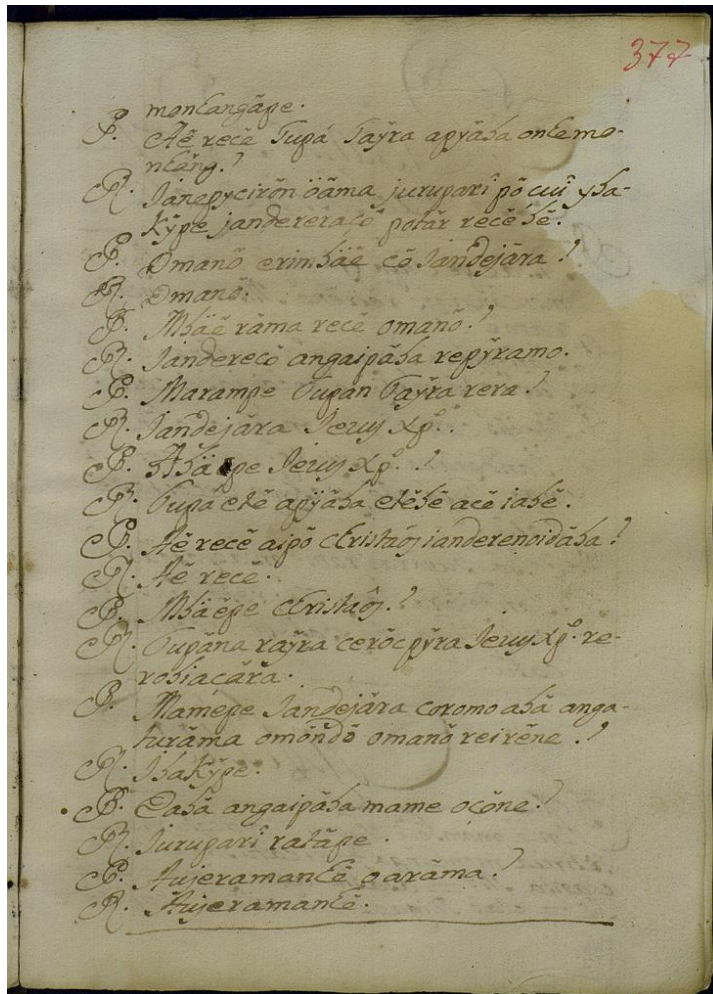
221v

376¹⁶¹

- 1
- 2 P(ergunta) Mobýrpe Tupán?
- 3 R(esposta) oIepenhó.
- 4 P(ergunta) Abáramo oicóbo mobýrpe?
- 5 R(esposta) Moçapýr.
- 6 P(ergunta) Marám marámpe céra?
- 7 R(esposta) Tupan Túba, Tupan Taýra Tupá Esp(írit)o S(an)to
- 8 P(ergunta) Ixupebé Sanctissima Trind(ad)e acé yéú?
- 9 R(esposta) Ixupebé.
- 10 P(ergunta) Maranomope?
- 11 R(esposta) Oiepe Tupá cecó pupé moçapyrabáramo
- 12 cecóreme.
- 13 P(ergunta) Ojopé Tupá memépe äé Tupá Túba, Tupá
- 14 Taýra, Tupá Esp(irit)o S(ant)to?
- 15 R(esposta) Ojepé Tupá memépe.
- 16 P(ergunta) Ojepé abamópe abaramo oicábo?
- 17 R(esposta) Ani abaramo oicóbo, Tupá Túba, Tupá
- 18 Taýra oicobé, Tupá Esp(irit)o S(ant)o oicobé.
- 19 P(ergunta) Mbäê ranhé erimbäé cecôî?
- 20 R(esposta) Anî oiajabinhe cecôî
- 21 P(ergunta) Vma bäé có moçapýr abá çuí apýába
- 22 onhemonháng?
- 23 R(esposta) Tupán Taýranhó.
- 24 P(lural) Marán ocóbo Tupá Taýra apýaba onhé.
- 25 monháng?
- 26 R(esposta) S(an)ta M(ari)a ababýc - agöérayma righépe
- 27 pitangamo onhé monháng, Tupá Esp(irit)o S(ant)o

¹⁶¹ Anotação posterior.

222r

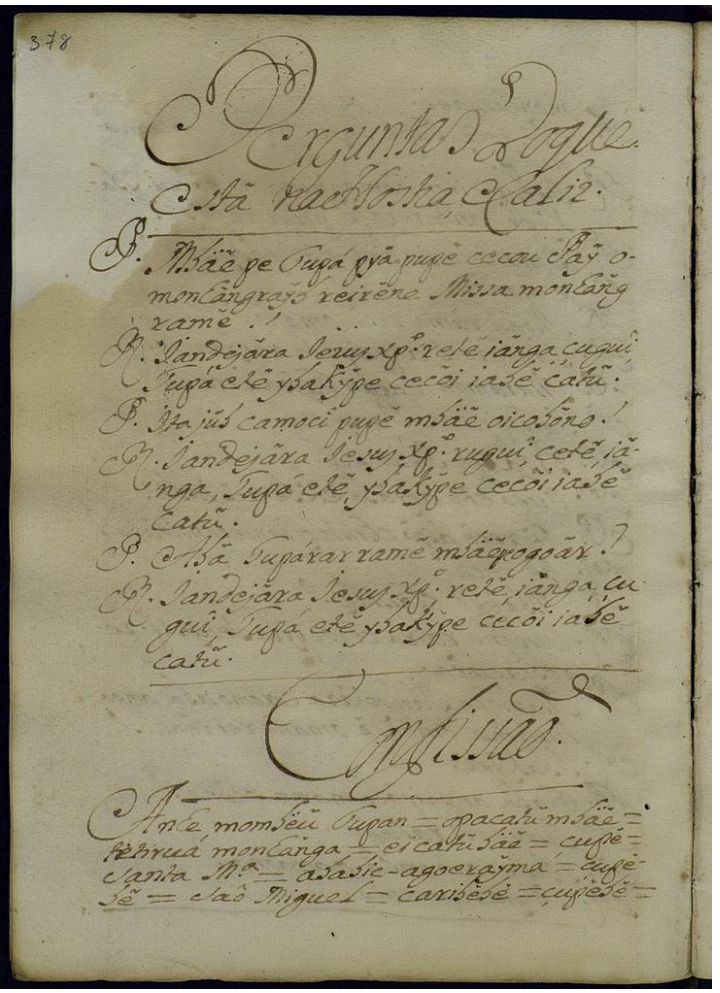


- 1
- 2 monhangápe.
- 3 P(ergunta) Aé recé Tupá Tayra apyába anhemó-
- 4 nháng?
- 5 R(esposta) Ianepycirón oáma juruparî pó cui yba-
- 6 Kýpe jandereraçô potár recé bé.
- 7 P(ergunta) Omanó erimbäé có Iandejára?
- 8 R(esposta) Omanó.
- 9 P(ergunta) Mbäé ráma recé omanó?
- 10 R(esposta) Ianderecô angaipába repýramo.
- 11 P(ergunta) Marampe Tupan Tayra rera?
- 12 R(esposta) Iandejára Iezus (Christ)o.
- 13 P(ergunta) Abä epe Iezus (Christ)o?
- 14 R(esposta) Tupá eté apýaba etébé acé iabé.
- 15 P(ergunta) Aé recé aipó Christaós ianderenoidába?
- 16 R(esposta) Aé recé.
- 17 P(ergunta) Mbä épe christaôs?
- 18 R(esposta) Tupána rayra ceróc pyra Iezus (Christ)o re-
- 19 robiaçára.
- 20 P(ergunta) Mamepe Iandejára coromo abá anga-
- 21 turáma omóndó omanó reiréne?
- 22 R(esposta) IbaKýpe.
- 23 P(ergunta) Cabá angaipába mame oçóne?
- 24 R(esposta) Iuruparî ratápe.
- 25 P(ergunta) Aujeramanhé oaráma?
- 26 R(esposta) Aujeramanhé.

377¹⁶²

¹⁶² Anotação posterior com caneta vermelha.

222v



378¹⁶³

Perguntas doque
está naHostia, eCaliz.

P(ergunta) Mbäé pe Tupá pyá pupé cecou Paý o-
monhángayb reiréne Missa monháng
ramé?

R(esposta) Iandejára Iezus (Christ)o reté iánga çuguí
Tupá eté ybaKýpe cecói iabé catú.

P(ergunta) Ita júb camocí pupé mbäé oicobóno?

R(esposta) Iandejára Iesus (Christ)o ruguî, ceté, iá-
nga, Tupá eté ybaKýpe cecói iabé
catú.

P(ergunta) Abá Tupárar ramé mbäépegoár?

R(esposta) Iandejára Iesus (Christ)o reté, iánga, çu
guí, Tupá eté ybaKýpe cecói iabé
catú.

Confissão.

Anhe mombëú Tupan = opacatú mbäé =

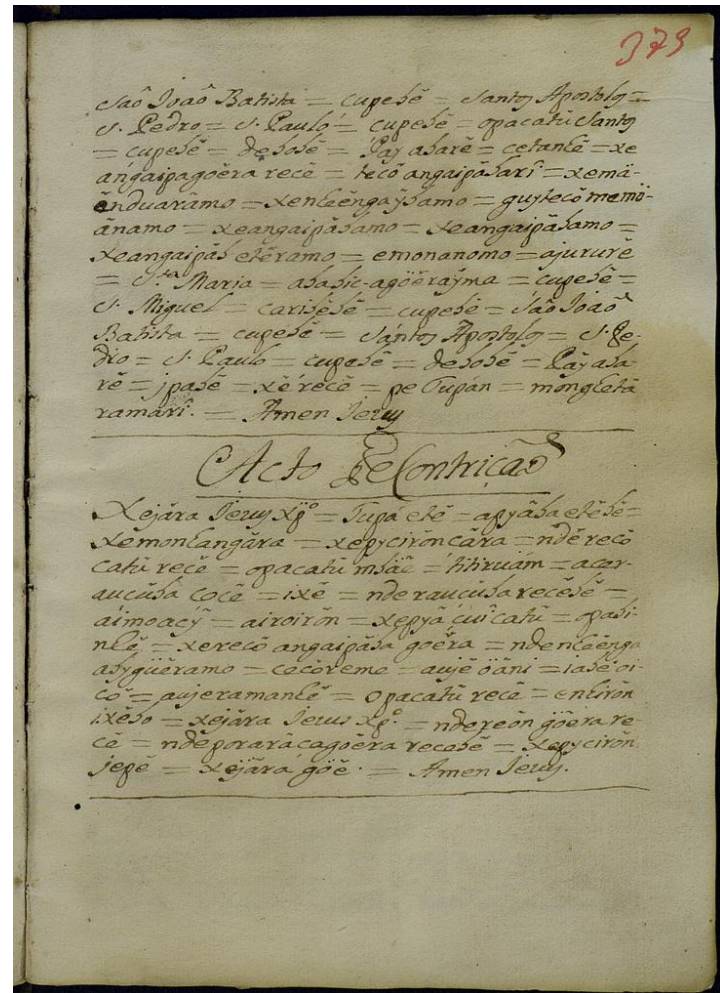
tetiruí monhánga = ei catú bää = çupé=

Santa M(ari)a = ababic - agoerayma = çupé-

bé = Saô Miguel = caribébé = çupébé =

¹⁶³ Anotação posterior.

223r



¹⁶⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

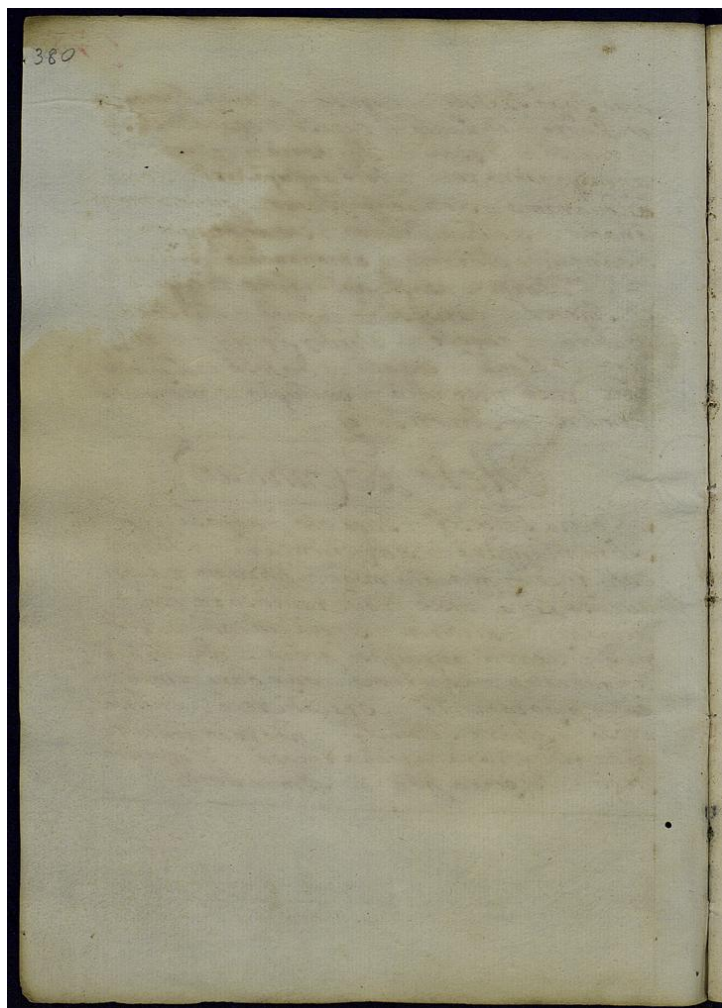
379¹⁶⁴

1
2 São Ioaõ Batista = çupebé = Santos Apostolos =
3 S(aõ) Pedro = S(aõ) Paulo = çupebé = opacatú Santos
4 = çupebé = de bobé = Pay abaré = cetanhé = xe
5 angaipagoéra recé = tecó angaipóbari = xemä-
6 ándurâmo = xenheéngaýbamo = guytecómemö-
7 ánamo = xeangaipábamo = xeangaipábamo =
8 xeangaipáb etéramo = emonanomo = ajururé
9 = S(an)ta Maria = ababic-agööraýma = çupebé =
10 S(aõ) Miguel = caribébé = çupebé = São Ioaõ
11 Batista = cupebé = Santos Apostolos = S(aõ) Pe-
12 dro = S(aõ) Paulo = cupebé = debobé = Pay aba-
13 ré = jpabé = xé recé = pe Tupán = monghetá
14 ramari = Amen Iezus

Acto deContrição

15
16
17 Xejára Iezus (Christ)o = Tupá eté = apyába etébé =
18 xemonhangára = xepyciróncára = ndérecó
19 catú recé = opacatú mbâe = titiruám = acer-
20 auçúba çocé = ixé nde rauçuba recébé =
21 aimoacy = airoirón = xepyá çuî catú = opabi-
22 nhé = xerecó angaipába goéra = ndenheénga
23 abygüéramo = cecóreme = aujé öáni = iabé oi-
24 có = aujeramanhé = opacatú recé = enhirón
25 ixébo = xejára Iezus (Christ)o = ndereón göéra re-
26 cé = ndeporaráçagoéra recebé = xapycyrón
27 jepé = xejára göé = Amen Iezus.
28

223v

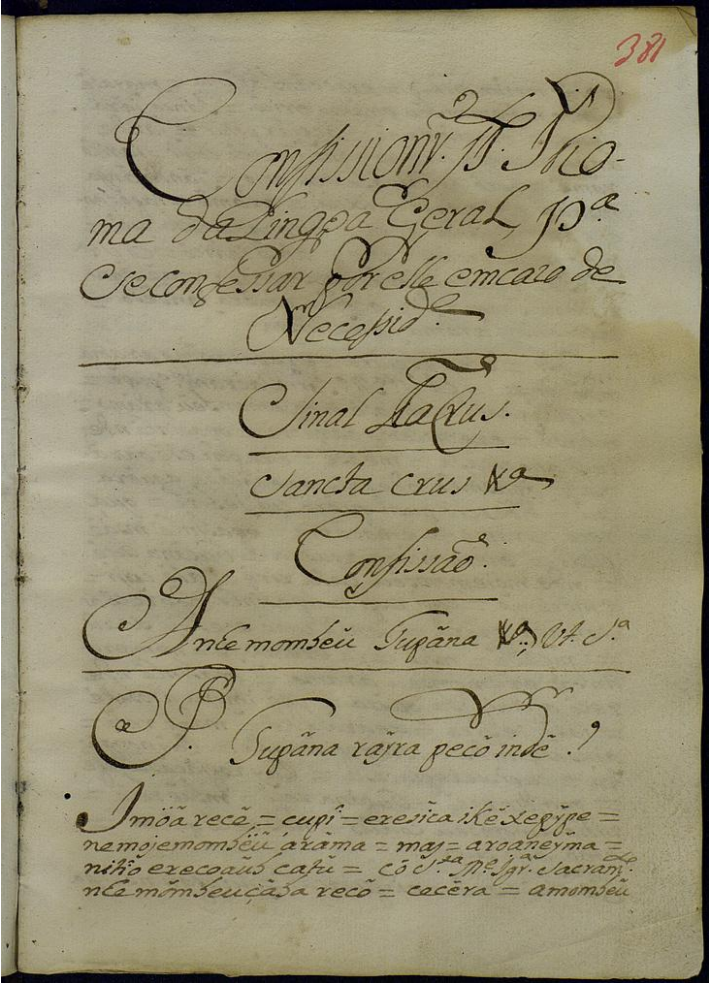


1

380¹⁶⁵

¹⁶⁵ Anotação posterior.

224r



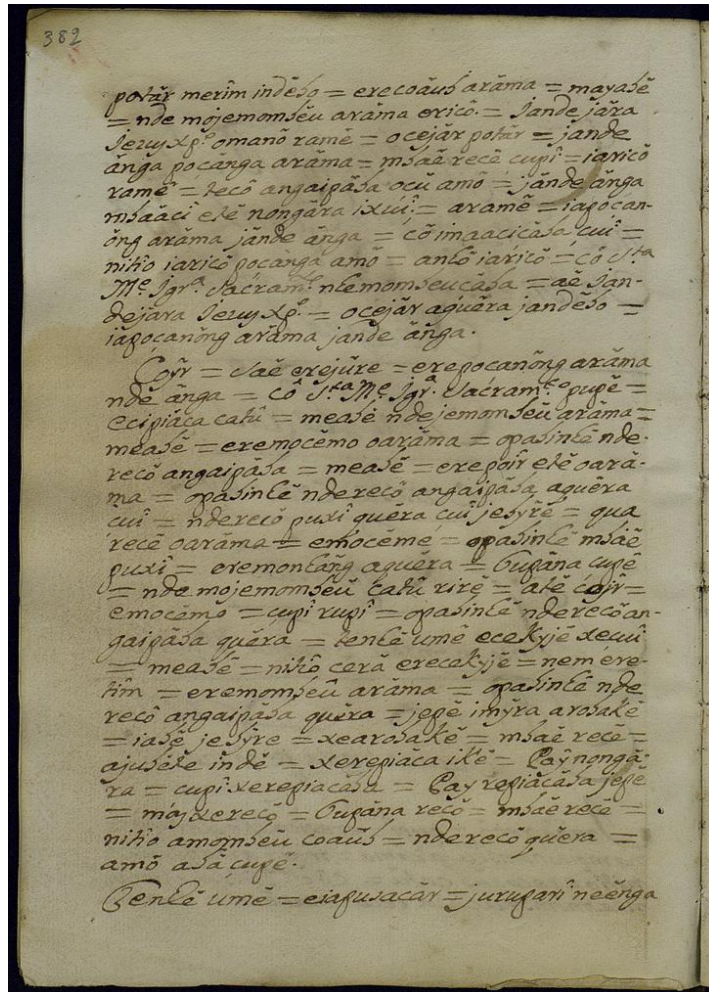
381¹⁶⁶

1
2 Confession(a)r(i)o p(e)lo Idio-
3 ma daLingoa Geral, p(ar)a
4 seconfessar por elle emcazo de
5 Necessid(ad)e.
6
7 Sinal daCrus.
8
9 Sancta crus (et caetera)
10
11 Confissão.
12
13 Anhemombeú Tupána v(erbi) g(ratia) vt. S(supr)a
14 P(ergunta) Tupána raýra pecó indé?

15 Imöá recé = çupî = eresíca iKé xepýpe =
16 nemojemombëú aráma = mas aroaneyma =
17 nitfo erecoaúb catú = có S(an)ta M(adre)e Igr(ej)a Sacram(en)to
18 nhe mómbœuçába recó = cecéra = amombeú

¹⁶⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

224v

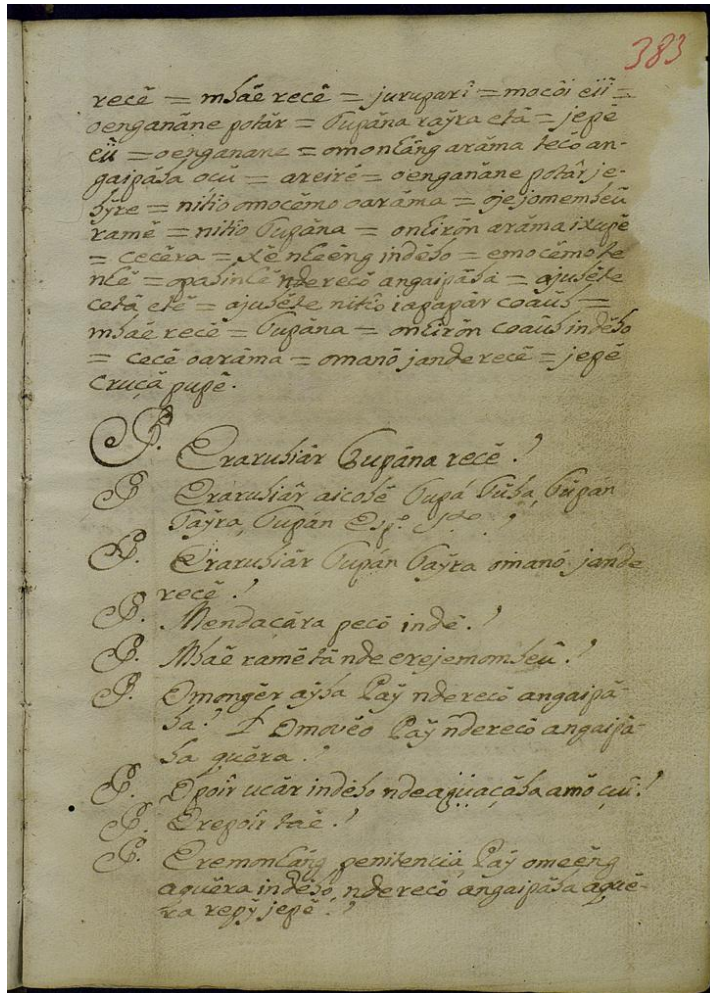
382¹⁶⁷

1 potár merím indébo = erecoáub aráma = mayabé
 2 = nde mojemombéu aráma ericó. = Iande jára
 3 Iezus (Christ)o omanó ramé = ocejár potár = jande
 4 ánga poçánga aráma = mbaé recé cupî = iaricó
 5 ramé = tecó angaipába ocú amó = jánde ánga
 6 mbaáci eté nongára ixuî; = aramé = iapoçan-
 7 óng aráma jande ánga = có imaaciçába çuî =
 8 nitíto iaricó poçanga amó = anhó iaricó = có S(an)ta
 9 M(adr)e Igr(ej)a Sacram(en)to nhemombeuçába = aé Ian-
 10 dejára Iezus (Christ)o = ocejár aquéra jandébo =
 11 iapoçanóng aráma jande ánga
 12 Coýr = saé erejúre = erepoçanóng aráma
 13 nde ánga = có S(an)ta M(adr)e Igr(ej)a Sacram(en)to pupé =
 14 ecipiáca catû = meabé nde jemombeú aráma=
 15 meabé = eremocémo oaráma = opabinhé nde.
 16 recó angaipába = meabé = erepoîr eté oará-
 17 ma = opabinhé nderecó angaipába aquéra
 18 çuî = nderecó puxî quéra çuî jebyré = qua
 19 recé oaráma = emocéme = opabinhé mbaé
 20 puxî = eremonhañg aquéra = Tupána çupé
 21 = ndo mojemombeú catû riré = até coýr=
 22 emocémo = çupî rupî = opabinhé nderecóan-
 23 gaipába quéra = tenhé umé eceKyjé xeçuî
 24 = meabé = nitíto cerá ereceKyjé = nem ere-
 25 tím = eremombeú aráma = opabinhé nde
 26 recó angaipába quéra = jepé imýra arobaKé
 27

¹⁶⁷ Anotação posterior.

- 28 = iabé jebýre xearobaKé = mbaé recé =
 29 ajubéde indé = xerepiáca iKé = Paý nongá-
 30 ra = çupî xerepiacaba = Pay repiacába jepé
 31 = más xerecó = Tupána recó = mbaé recé=
 32 nitfo amombeú coaúb = nderecó quéra =
 33 amó abá çupé.
 34 Tenhé umé = eiapusacár = juruparî neénga

225r



- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
 - 6
 - 7
 - 8
 - 9
 - 10
 - 11
 - 12
 - 13
 - 14
 - 15
 - 16
 - 17
 - 18
 - 19
 - 20
 - 21
 - 22
 - 23
 - 24
 - 25
 - 26
 - 27
- recé = mbaé recé = juruparî = mocôî eîî =
 oenganáne potâr = Tupána rayra etá = jepé
 eü = oenganane = omonháng aráma tecó an-
 gaipába oçú = areiré = oenganáne potâr je-
 býre = nitîo omocémo oaráma = oje jomembeú
 ramé = nitîo Tupána = onhirón aráma ixupé
 = cecéra xenheéng indébo = emocémote
 nhé = opabinhé nderecó angaipába = ajubéte
 cetá eté = ajubéte nitîo iapapár coaúb =
 mbaé recé = Tupána = onhirón coaúb indébo
 = cecé oaráma = omanó jande recé = jepé
 cruçá pupê.
 P(ergunta) Erarubiár Tupána recé?
 P(ergunta) Erarubiâr aicobé Tupá Túba, Túpán
 Taýra, Tupán Esp(irit)o S(an)to?
 P(ergunta) Erarubiár Tupán Taýra omanó jande
 recé?
 P(ergunta) Mendaçára pecó indé?
 P(ergunta) Mbaé ramé tá nde erejemombeú?
 P(ergunta) Omongér aýba Paý nderecó angaipá-
 ba? £ Omouéo Paý nderecó angaipá-
 ba quéra?
 P(ergunta) Opoîr ucár indébo ndeaquaçába amó çuí?
 P(ergunta) Orepoîr taé?
 P(ergunta) Eremonháng penitenciä, Paý omeéng
 aquéra indébo, nderecó angaipába aqué

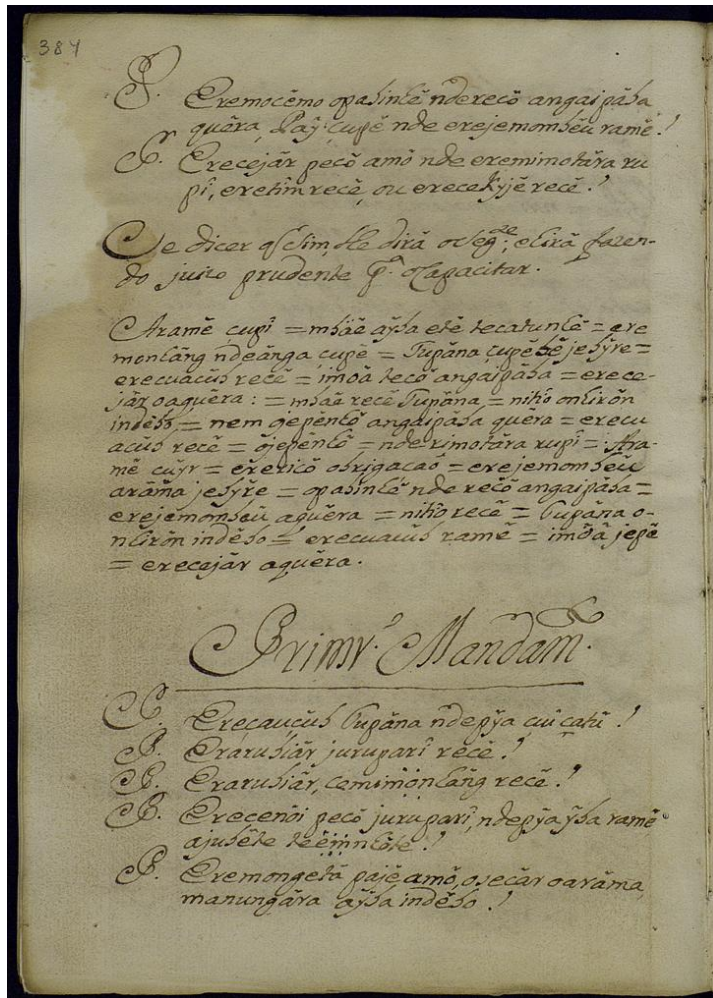
383¹⁶⁸

¹⁶⁸ Anotação posterior com caneta vermelha.

28

ra repý jepé?

225v

384¹⁶⁹

P(ergunta) Eremocémo opabinhé nderecó angaipába
quêra, Paÿ çupé nde erejemombéu ramé?

P(ergunta) Erecejár pecó amó nde eremimotára ru
pî, eretím recé, ou ereceKyjé recé?

Se dicer q(ue) sim, lhe dirá oseg(uin)te; ehirá fazen-
do juízo prudente p(ara) ocapacitar.

Aramé çupî = mbäe áyba eté tecatunhé = ere
monháng ndeánga çupé = Tupána çupébé jebýre =
erecuacús recé = imóá teco angaipába = erece=
jár oaquéra : = mbäe recé Tupána = nitío onhirón
indébo = nem ojepeñhó angaipába quera = erecu
acús recé = ojepeñhó = nhe rimotára rupî = . Ara-
mé çupî = erericó obrigaçáo = erejemombeú
aráma jebýre = opabinhé nde recó angaipába =
erejemombeú aquéra = nitío recé = Tupána o-
nhirón indébo = erecuacús ramé = imóá jepé
= erecejár aquéra.

Prim(ei)ro Mandam(en)to

P(ergunta) Ereçaucús Tupána ndepýa çuî catú?

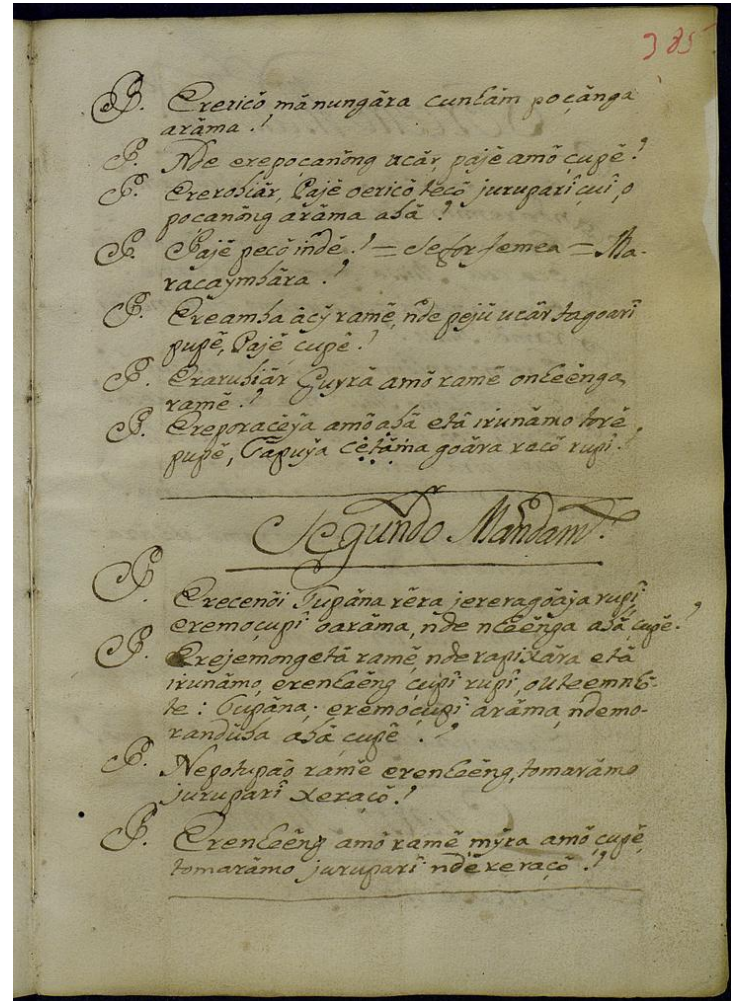
P(ergunta) Erarubiár juruparî recé?

P(ergunta) Erarubiár, cemimönhañg recé?

P(ergunta) Ereçenói pecó juruparî, ndepýa ýba ramé

¹⁶⁹ Anotação posterior.

226r

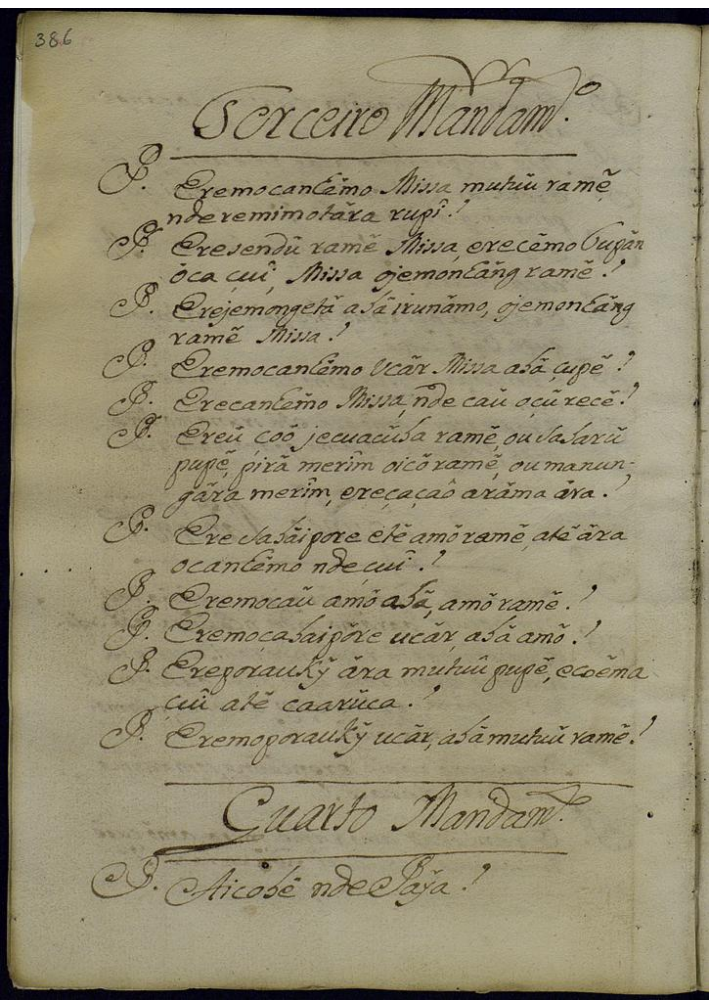


¹⁷⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

385¹⁷⁰

- 1
- 2 P(ergunta) Emericó, má nungára cunhám poçánga
- 3 aráma?
- 4 P(ergunta) Nde erepoçanóng ucár, pajé amó çupé?
- 5 P(ergunta) Ererobiár, Pajé oericó teco juruparî çuî, o
- 6 poçanông aráma abá?
- 7 P(ergunta) Pajé pecó indé? = sefor femea = Ma-
- 8 racaymbára?
- 9 P(ergunta) Ereamba ácy ramé, nde pejú ucár tagoarî
- 10 pupé, Pajé çupê?
- 11 P(ergunta) Erarubiár Guyrá amó ramé onheénga
- 12 ramé?
- 13 P(ergunta) Ereporacéya amó abá etâ irunámo toré
- 14 pupé, Tapuýa cetáma goára recó rupî?
- 15
- 16 Segundo Mandam(en)to.
- 17 P(ergunta) Erecenói Tupána réra jereragoáya rupî
- 18 eremoçupî oaráma, nde nheénga abá çupé?
- 19 P(ergunta) Erejemongetá ramé, nderapixára etá
- 20 irunámo, erenhaeéng çupî rupî, outeemnhe-
- 21 te: Tupána; eremoçupî aráma, ndemo-
- 22 randúba abá çupê?
- 23 P(ergunta) Nepotupaô ramé erenheéng, tomarámo
- 24 juruparî xeraçó?
- 25 P(ergunta) Erenheéng amó ramé myra amó çupé
- 26 tomarámo juruparî ndexeraçó?
- 27

226v



386¹⁷¹

Terceiro Mandam(en)to

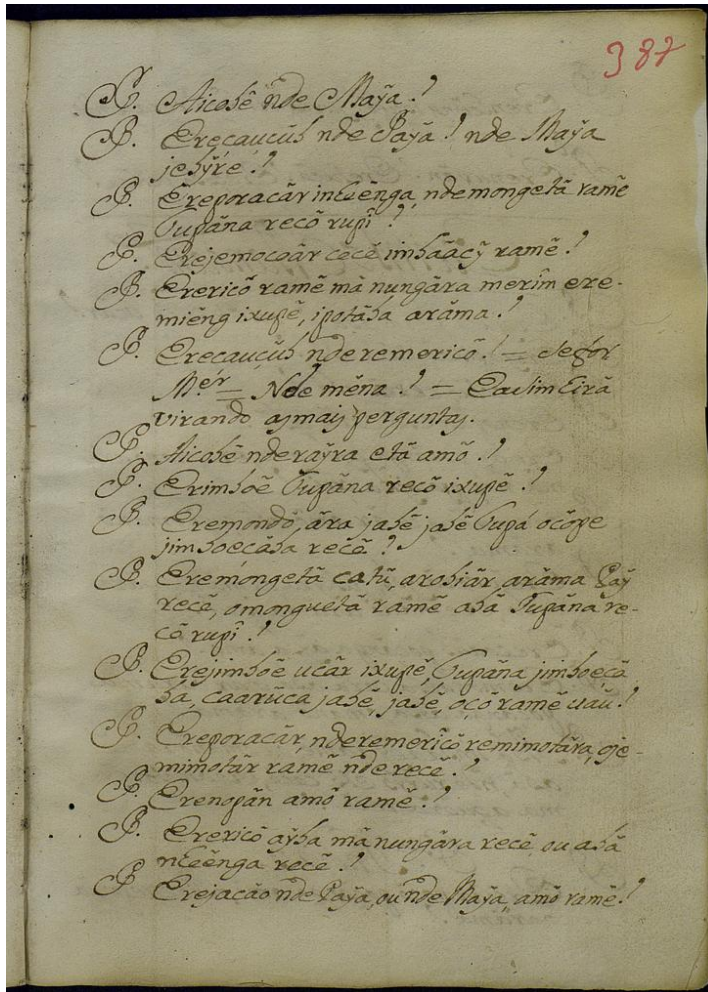
- P(ergunta) Eremocanhémo Missa mutuú ramé
nderemimotára rupi?
- P(ergunta) Eresendú ramé Missa, erecémo Tupán
óca çuî, Missa ojemonháng ramé?
- P(ergunta) Erejemongetá abá irunámo, ojemonháng
ramé Missa?
- P(ergunta) Eremocanhémo vcár Missa abá çupé?
- P(ergunta) Erecanhermo Missa, nde caú oçú recé?
- P(ergunta) Ereú çoó jecuacúba ramé, ou sabará
pupé, pirá merím oicó ramé, ou manun-
gára merím, ereçação aráma ára?
- P(ergunta) Ere sabái pore eté amó ramé, até ára
ocanhémo ndeçuí?
- P(ergunta) Eremocaú amó abá, amó ramé?
- P(ergunta) Eremoçabaipóre ucár, abá amó?
- P(ergunta) EreporausKý ára mutuú pupé, ecoéma
çuî até caarúca?
- P(ergunta) EremoporausKý ucár, abá mutuú ramé?

Quarto Mandam(en)to

- P(ergunta) Aicobé ndePaýa?

¹⁷¹ Anotação posterior.

227r

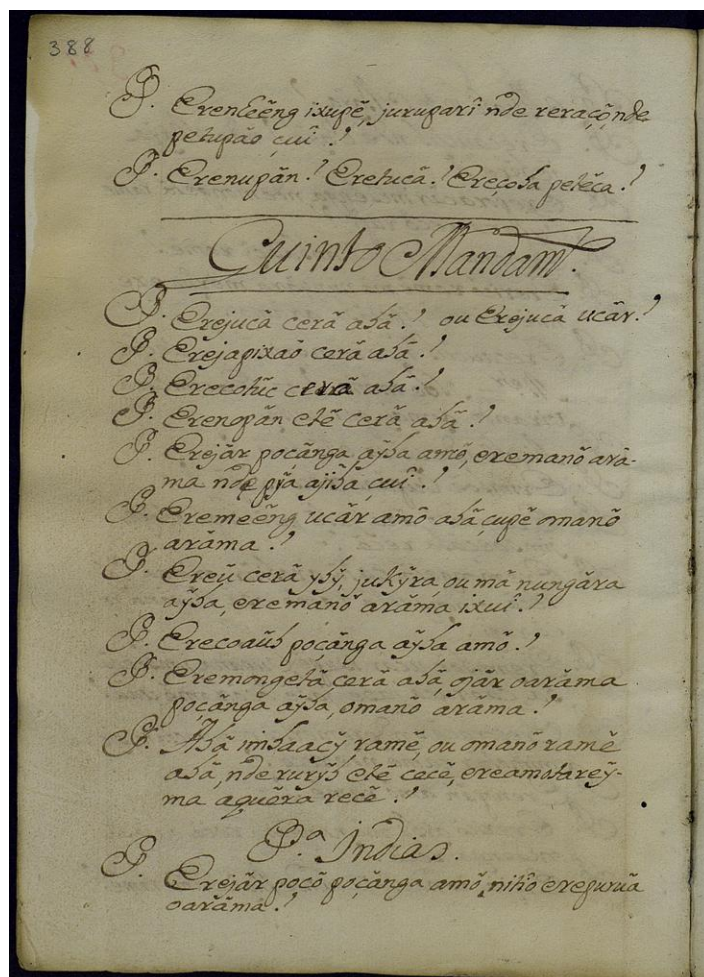


- 1
- 2 P(ergunta) Aicobê nde Maýa?
- 3 P(ergunta) Ereçauçúb nde Paýa? nde Maýa
- 4 jebýre?
- 5 P(ergunta) Ereporacár inheénga, ndemongetá ramé
- 6 Tupána recó rupí?
- 7 P(ergunta) Erejemocoâr cecé imbaácý ramé?
- 8 P(ergunta) Emericó ramé má nungára merím ere-
- 9 miéng ixupé, ipotába aráma?
- 10 P(ergunta) Ereçauçúb nde remericó? = sefor
- 11 M(ulh)er = Nde ména? = Easim hirá
- 12 virando as mais perguntas.
- 13 P(ergunta) Aicobé nderaýra etá amó?
- 14 P(ergunta) Erimboé Tupána recó ixupé?
- 15 P(ergunta) Eremondó ára jabé jabé Tupá ocópe
- 16 jimboeçába recé?
- 17 P(ergunta) Eremongetá catú, arobiár aráma Paý
- 18 recé, omoguetá ramé abá Tupána re-
- 19 có rupí?
- 20 P(ergunta) Erejimboé ucár ixupé, Tupána jimboeçá
- 21 ba, caarúca jabé, jabé, ocó ramé uau?
- 22 P(ergunta) Ereporacár, nderemeríco remimotára, oje-
- 23 mimotár ramé nderecé?
- 24 P(ergunta) Erenopán amó ramé?
- 25 P(ergunta) Emericó aýba má nungára recé ou abá
- 26 nheénga recé?

387¹⁷²

¹⁷² Anotação posterior com caneta vermelha.

27 P(ergunta) Erejacao nde Pa'ya, ou nde Ma'ya, amó ramé?

388¹⁷³

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

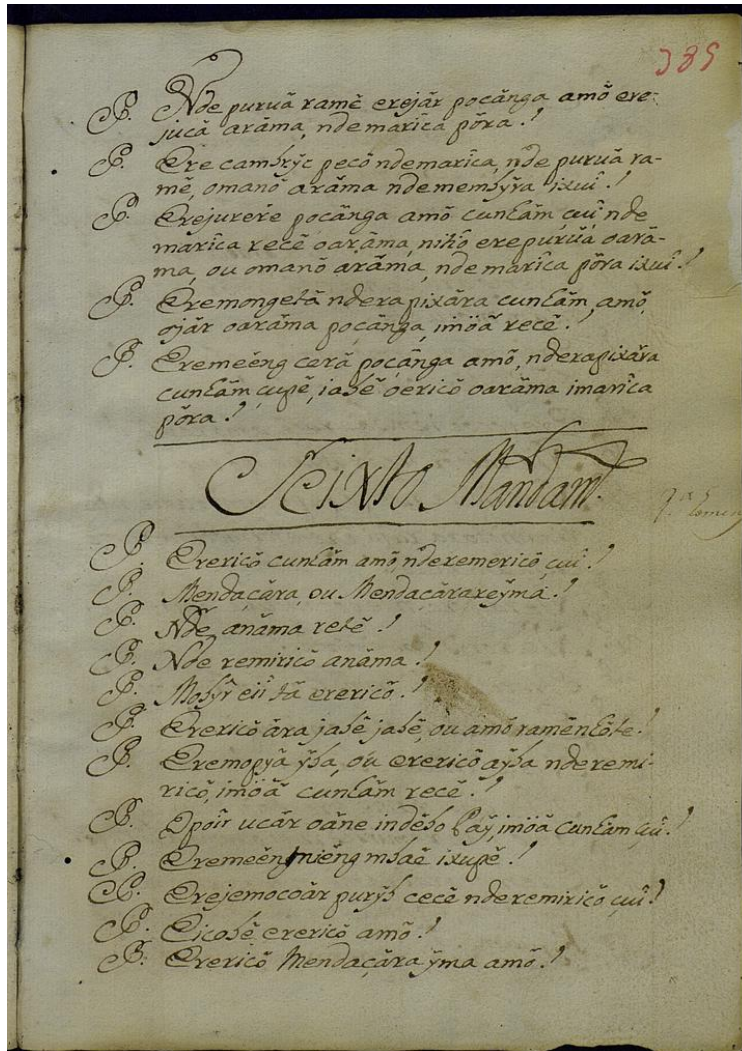
P(ergunta) Erenheéng ixupé, juruparî nde reraçõnde
petupáo çui?
P(ergunta) Erenupân? Eretucá? Ereçoba petéca?

Quinto Mandam(en)to

P(ergunta) Erejucá cerá abá? ou Erejucá ucár?
P(ergunta) Erejapixaó cerá abá?
P(ergunta) Erecotúc cerá abá?
P(ergunta) Erenopân eté cerá abá?
P(ergunta) Erejár poçánga ayba amó, eremanó ará-
ma nde pýa ajiba çui?
P(ergunta) Eremeéng ucár amô abá çupé omanó
aráma?
P(ergunta) Ereú cerá ybý, juKýra, ou má nungára
ayba, eremanó aráma ixuî?
P(ergunta) Erecoaúb poçánga ayba amó?
P(ergunta) Eremongetá cerá abá, ojár oaráma
poçánga ayba, omanó aráma?
P(ergunta) Abá imbaacy ramé, ou omanó ramé
abá, nde rurýb eté cecé, ereamaotareý-
ma aquéra recé?
P(ar)a Indias.
P(ergunta) Erejár poçó poçánga amó, nitfo erepuruá
oaráma?

¹⁷³ Anotação posterior.

228r



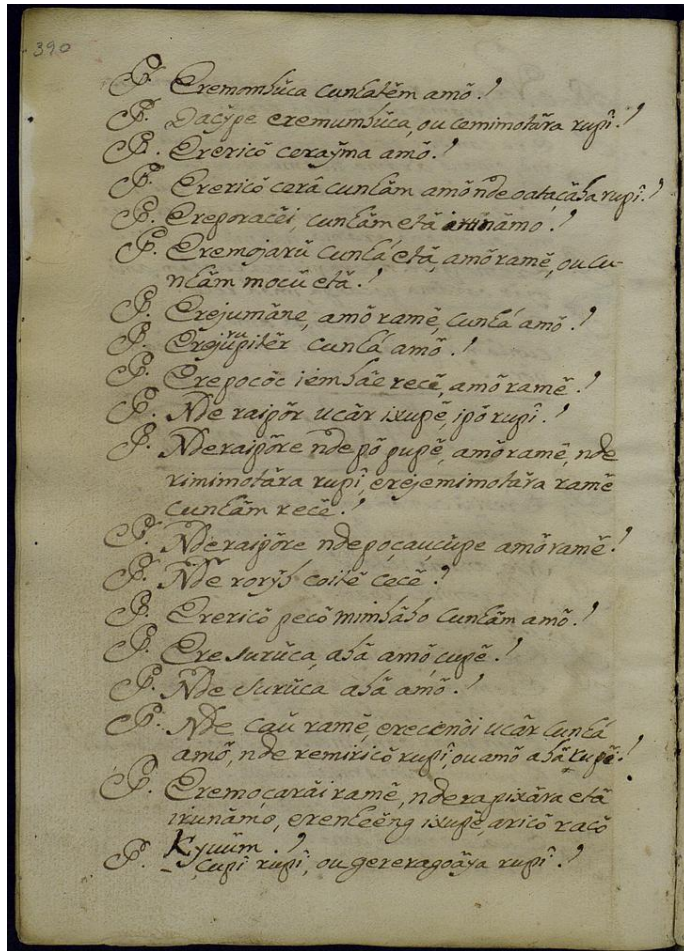
¹⁷⁴ Anotação posterior com caneta vermelha.

389¹⁷⁴

- 1
- 2 P(ergunta) Nde puruá ramé erejár pocánga amó ere-
- 3 jucá aráma, nde maríca póra?
- 4 P(ergunta) Ere cambrýc pecó ndemaríca, nde puruá ra-
- 5 mé, omanó aráma ndemembyá ixuí?
- 6 P(ergunta) Erejurere pocánga amó cunhám çuí nde
- 7 maríca recé oaráma, nitô erepuruá oará-
- 8 ma, ou omanó aráma, nde maríca póra ixuí?
- 9 P(ergunta) Eremongetá ndera pixára cunhám, amó
- 10 ojár oaráma poçánga imöá recé?
- 11 P(ergunta) Eremeéng cerá poçánga amó, nderapixára
- 12 cunhám çupé, iabé oericó oaráma imaríca
- 13 póra?
- 14
- 15 Seixto Mandam(en)to [→ p(ar)a homens]
- 16 P(ergunta) Eericó cunhám amó, nderemerico çuí?
- 17 P(ergunta) Mendaçára ou Mendaçárareýma?
- 18 P(ergunta) Nde anáma reté?
- 19 P(ergunta) Nde remiricó anáma?
- 20 P(ergunta) Mobýr eiî tá erericó?
- 21 P(ergunta) Eericó ára jabé jabé, ou amó raménhóte?
- 22 P(ergunta) Eremopyá ýba, ou erericó aýba nderemi-
- 23 ricó, imöá cunhám recé?
- 24 P(ergunta) Opoîr ucár oáne indébo Pay, imöá cunhám çuí?
- 25 P(ergunta) Eremeéngniéng mbaé ixupé?
- 26 P(ergunta) Erejemocoár purýb cecé nderemiricó çuí?
- 27 P(ergunta) Eicobé erericó amó?

28 P(ergunta) Erericó Mendaçára ýma amó?

228v



1

390¹⁷⁵

2

P(ergunta) Eremombúca cunhatém amó?

3

P(ergunta) Oacýpe eremumbúca, ou cemimotára rupi?

4

P(ergunta) Eericó ceraýma amó?

5

P(ergunta) Eericó cerá cunhám amóndeoataçába rupi?

6

P(ergunta) Ereporacéi cunhám etá arunámo?

7

P(ergunta) Eremojarú cunhá etá, amó ramé, oucu-

8

nhám mocú etá?

9

P(ergunta) Erejumáne, amó ramé, cunhá amó?

10

P(ergunta) Ereju [↑ ru] pitér cunhá amó?

11

P(ergunta) Ereporacéi cunhám etá arunámo?

12

P(ergunta) Nde raipór ucár ixupé, ipó rupi?

13

P(ergunta) Nderaipóre nde pó pupé, amó ramé, nde

14

rimimotára rupi, erejemimotára ramé

15

cunhám recé?

16

P(ergunta) Nderaipóre ndepoçaucúpe amó ramé?

17

P(ergunta) Nde roryb coité cecé?

18

P(ergunta) Eericó pecó mimbábo cunhám amó?

19

P(ergunta) Ere surúca, abá amó çupé?

20

P(ergunta) Nde surúca abá amó?

21

P(ergunta) Nde caú ramé, erecenói ucár cunhá

22

amó, nde remiricó rupi, ou amó abá rupé?

23

P(ergunta) Eremoçarai ramé, nderapixára etá

24

irunámo, erenheéng ixupé, aricó racó

25

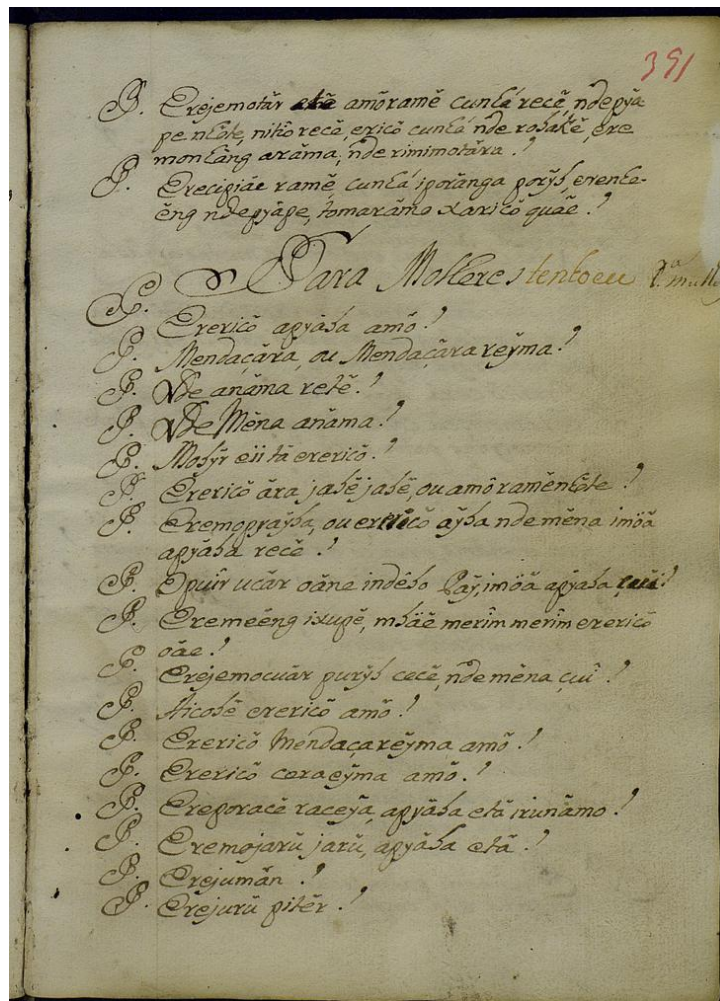
Kyuúm?

26

P(ergunta) çupí rupi, ou gereragoáya rupi?

¹⁷⁵ Anotação posterior.

229r



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

391¹⁷⁶

P(ergunta) Erejomotár eté amóramé cunhá recé, ndepýa
pe nhóte nitio recé, ericó cunhá nde robaké, ere
monháng aráma, nde rimimotára?

P(ergunta) Erecipiáe ramé cunhá iporánga porýb, erenhe-
éng ndepýape, tomarámo xaricó quáe?

Para Molheres tenho eu P(ar)a mulhe(re)s¹⁷⁷

P(ergunta) Eericó apyába amó?

P(ergunta) Mendaçára, ou Mendaçára reýma?

P(ergunta) Nde anáma reté?

P(ergunta) Nde ména anáma?

P(ergunta) Mobýr eii tá erericó?

P(ergunta) Eericó ára jabé jabé, ou amô raménhóte?

P(ergunta) Eremopyayába, ou erericó ayába nde ména imöá
apyába recé?

P(ergunta) Opuîr ucár oáne indêbo Paý, imöá apýaba çacá?

P(ergunta) Eremeéng ixupé, mbäe merîm merîm erericó
oáe?

P(ergunta) Erejemocuár purýb cecé, nde ména çuî?

P(ergunta) Aicobé erericó amó?

P(ergunta) Eericó mendaça reýma amó?

P(ergunta) Eericó ceraeýma amó?

P(ergunta) Ereporacé raceýa, apyába etá irunámo?

P(ergunta) Eremojarú jarú, apyába etá?

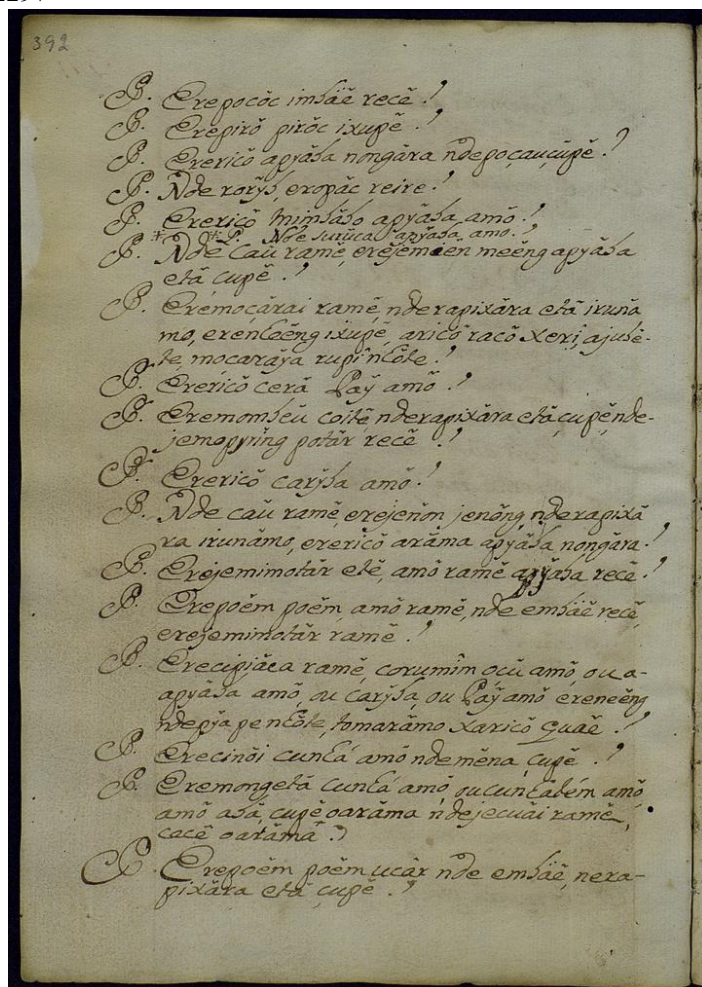
P(ergunta) Erejumán?

P(ergunta) Erejurú pitér?

¹⁷⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

¹⁷⁷ Anotação feita por terceira mão não identificada.

229v

392¹⁷⁸

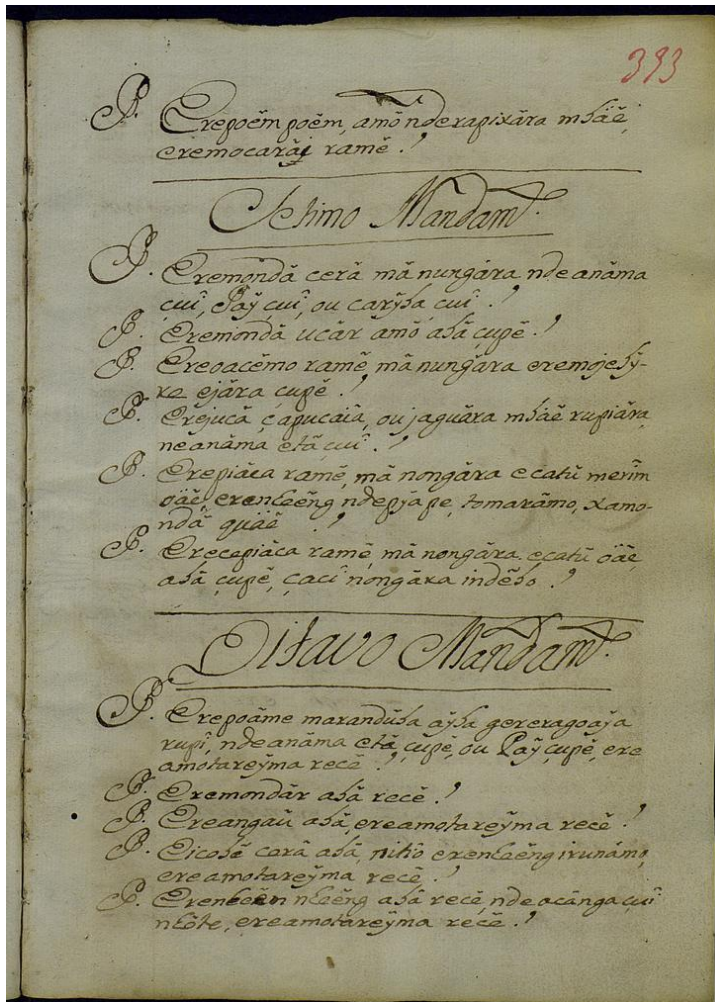
- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
 - 6
 - 7
 - 8
 - 9
 - 10
 - 11
 - 12
 - 13
 - 14
 - 15
 - 16
 - 17
 - 18
 - 19
 - 20
 - 21
 - 22
 - 23
 - 24
 - 25
 - 26
- P(ergunta) Ere pocóc imbäe recé?
- P(ergunta) Erepiró piróc ixupé?
- P(ergunta) Erericó apyába nongára ndepoçaupé?
- P(ergunta) Nde roryb, eropác reire?
- P(ergunta) Erericó mimbábo apyába amó? [↓ P(ergunta) Nde surúca apýaba amo?]
- P(ergunta) ⁺Nde⁺¹⁷⁹ caú ramé, erejemien meéng apyába etá cupé?
- P(ergunta) Eremoçarái ramé, nderapixára etá iruná mo, erenheéng ixupé, aricó racó xerí ajubéte, moçaráya rupi nhóte?
- P(ergunta) Erericó cerá Pay amó?
- P(ergunta) Eremombeu coité, nderapixára etá cupénde jemopyring potár recé?
- P(ergunta) Erericó carýba amó?
- P(ergunta) Nde caú ramé, erejenón jenóng, nderapixára irunámo, erericó aráma apyába nongára?
- P(ergunta) Erejemimotár eté, amó ramé apýaba recé?
- P(ergunta) Erepoém poém, amó ramé, nde embäe recé, erejemimotár ramé?
- P(ergunta) Erecipiáca ramé, corumím oçú amó, ou a-apyába amó, ou carýba, ou Pay amó ereneéng ndepýa penhóte, tomarámo xaricó quaé?
- P(ergunta) Erecinói cunhá amó nde ména cupé?
- P(ergunta) Eremongetá cunhá amó, oucunhadém amó amó abá, cupé oaráma ndejeuáí ramé,

¹⁷⁸ Anotação posterior.

¹⁷⁹ Há um ponto para cada quadrante das cruzes.

- 27 cecê o arámá?
- 28 P(ergunta) Erepoém poém ucár nde embäé, nera-
- 29 pixára etá çupé?

230r



¹⁸⁰ Anotação posterior com caneta vermelha.

393¹⁸⁰

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

P(ergunta) Erepoém poém, amó nderapixára mbäé
eremocarái ramé?

Setimo Mandam(en)to

P(ergunta) Eremondá cerá má nungára nde anáma
çuí, Paý çuí, ou carýba çuí?

P(ergunta) Eremondá ucár amó abá çupé?

P(ergunta) Ereocáemo ramé má nungára eremojebý-
ra ejára çupé?

P(ergunta) Erejucá ç apucaíá, ou jaguára mbäé rupiára
nde anáma etá çuí?

P(ergunta) Erepiáca ramé, má nongára ecátú merím
oäé erenheéng ndepýa pe, tomarámo, xamo-
ndá quäé

P(ergunta) Erecepiáca ramé, má nongára ecátú oäé
abá çupé, çací nongáxa indébo?

Oitavo Mandam(en)to

P(ergunta) Erepoáme marandúba ayba gereragoaýa
rupí, nde anáma etá, çupé, ou Paý çupé, ere
amotareýma recé?

P(ergunta) Eremondár abá recé?

P(ergunta) Ereangaú abá, ereamotareýma recé?

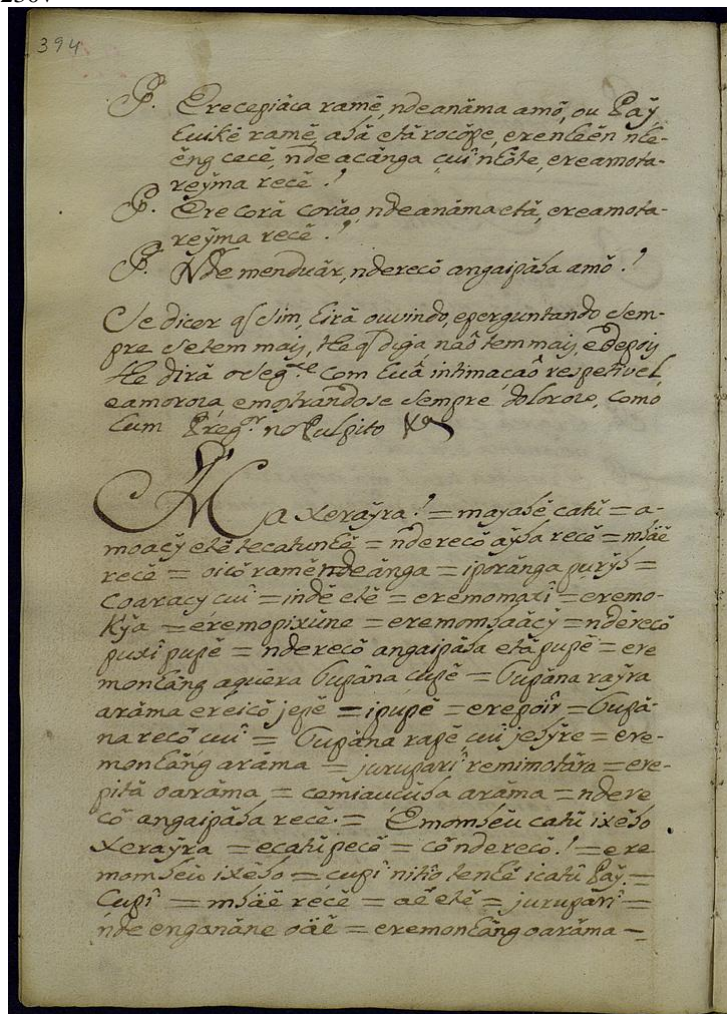
P(ergunta) Eicobé cará abá, nitó erenhaéng irunámo,
ere amotareýma recé?

P(ergunta) Erenheén nheéng abá recé, nde acángá çuí

28

nhóte, ereamotareýma recé?

230v

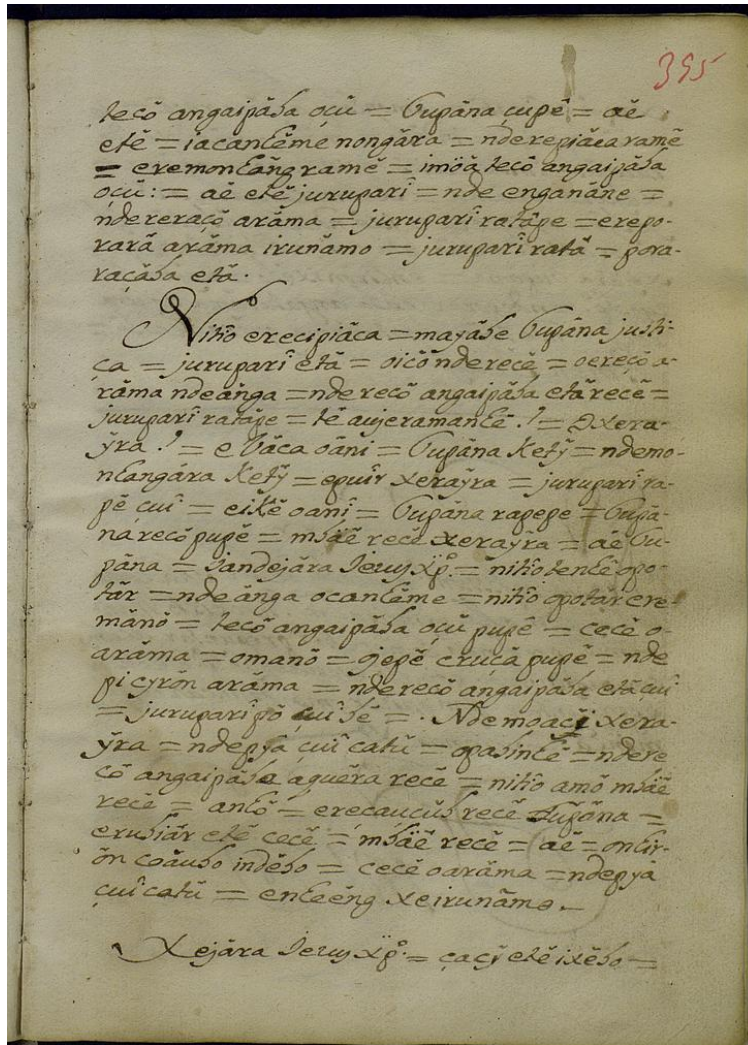


- 1 394¹⁸¹
- 2 P(ergunta) Erecepiáca ramé, ndeanáma amó, ou Paý
- 3 huiké ramé, abá etá rocópe, erenheén nhe-
- 4 éng cecé nde açánga çuî nhóte, ereamota-
- 5 reýma recé?
- 6 P(ergunta) Ere corá coráo ndeanámaetá, ereamota-
- 7 reýma recé?
- 8 P(ergunta) Nde menduár, nderecó angaipába amó?
- 9 Se dixer q(ue) sim, hirá ouvindo, eperguntando sem-
- 10 pre setem mais, the q(ue) diga não tem mais, edepois
- 11 lhe dirá oseg(uin)te com huâ intimação respetivel,
- 12 eamoroza, emostrandose sempre dolorozo, como
- 13 hum Preg(ad)or noPulpito (et caetera)
- 14 Ma xeraýra? = mayabé catú = a-
- 15 moacy eté tecatunhé = nderecó aýba recé = mbäé
- 16 recé = oicó raméndeánga = iporánga purýb=
- 17 coaracy çuî = indé eté = eremomarí = eremo-
- 18 Kýa = eremopixúne = eremombaácý = nderecó
- 19 puxí pupé = nderecó angaipába etá pupé = ere
- 20 monháng aquéra Tupána çupé = Tupána rayra
- 21 aráma ereicó jepé = ipupé = erepoír = Tupá-
- 22 na recó çuî = Tupána rapé çuî jebyre = ere
- 23 monháng aráma = juruparí remimotára = ere-
- 24 pitá oaráma = cemiauçúba aráma = ndere
- 25 có angaipába recé. = Emombéu catú ixébo

¹⁸¹ Anotação posterior.

- 26 xeraýra = ecatú pecá = có nderecó? = ere
27 mombeío ixébo = çupî nitîo tenhé icatú Paý =
28 çupî = mbäé recé = aé eté = juruparî =
29 nde enganáne oäé = eremoháng oaráma =

231r

395¹⁸²

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

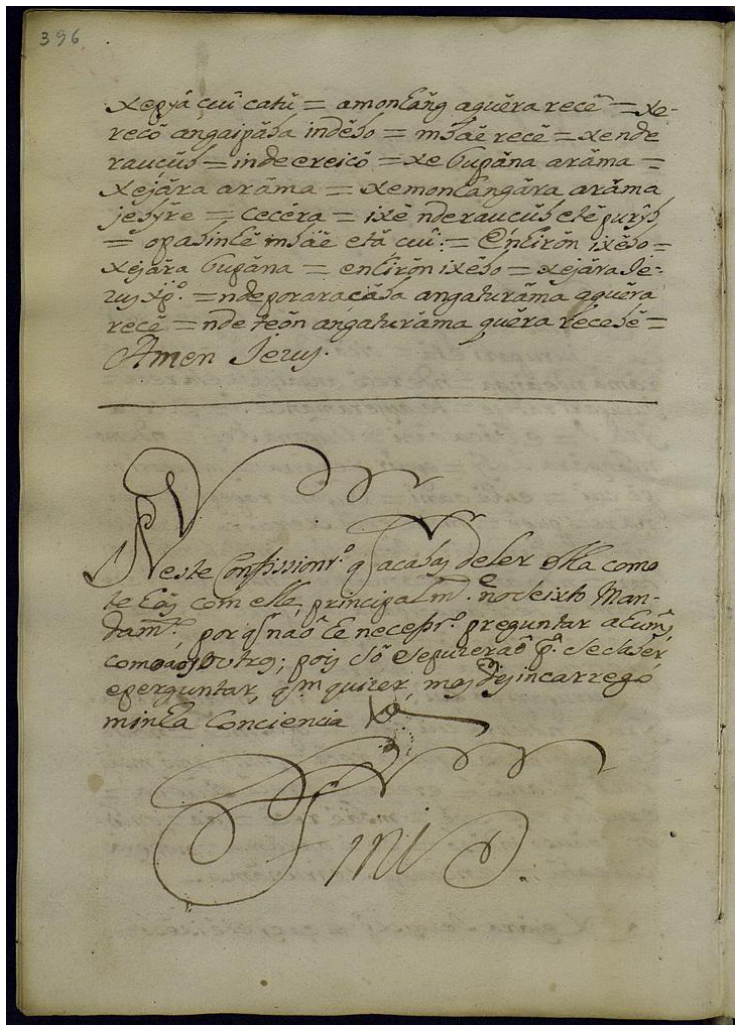
tecó angaipába oçú = Tupána çupê = aé
eté = iacanhéme nongára = nderepiáca ramé
= eremonhañg ramé = imöá tecó angaipába
oçú: = aé eté juruparî = nde enganáne=
nde reraçó aráma = juruparî ratápe = erepo-
rará aráma irunámo = juruparî ratá = pora-
raçába etá.

Nitño erecipiáca = mayábe Tupána justi-
ça = juruparî etá = oicó nderecé = oereçó a-
ráma ndeañga = nde recó angaipába etá recé=
juruparî ratápe = té aujeramanhé? = Oxera-
ýra? = e Váca oáni = Tupána Ketý = ndemo-
nhangára Ketý = epuîr xeraýra = juruparî ra-
pé çuí = eiKé oanî = Tupána rapepe = Tupá-
narecó pupé = mbäé recé xerayra = aé Tu-
pána = iandejára Iezus (Christ)o = nitño tenhé opo-
tár = nde ánga ocanhéme = nitño opotár ere-
mánó = tecó angaipába oçú pupé = cecé o-
aráma = omanó = ojepé eruçá pupé = nde
picyrón aráma = nde recó angaipába etá çuí
= juruparî pó çuí bé =. Nde moacý xera-
ýra = ndepyá çuí catú = opabinhé = ndere
có angaipába aquéra recé = nitño amó mbäé
recé = anhó = ereçaucúb recé Tupána =
erubiár eté cecé = mbäé recé = aé = onhir-
ón coáubo indébo = cecé oaráma = ndepyá

¹⁸² Anotação posterior com caneta vermelha.

- 28 çuî catú = enheéng xeriunámo -
- 29 Xejára Iezus (Christ)o = çacý eté ixébo =

231v



¹⁸³ Anotação posterior.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

13
14
15
16
17
18

19

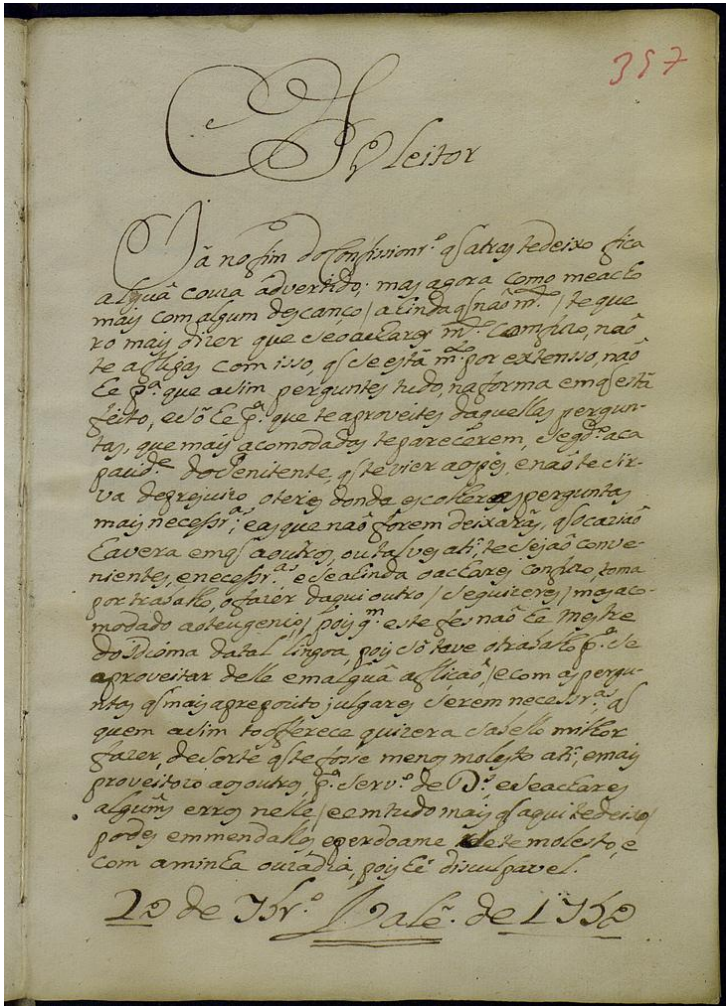
396¹⁸³

xepyá çuî catú = amonhañg aquéra recé = xe-
recó angaipába indébo = mbaé recé = xende
rauçúb = indeereicó = xe Tupána aráma =
xejára aráma = xemonhangára aráma
jebyré = cecéra = ixé nderauçúb eté purýb
= opabinhé mbäé etá çuî: = Enhirón ixébo =
xejára Tupána = enhirón ixébo = xejára Ie=
zus (Christ)o = ndeporaraçába angaturáma aquéra
recé = nde teón angaturáma quéra recebé=
Amen Iezus.

Neste Confission(a)r(i)o q(ue) acabas deler olha como
te hás com elle, principalm(en)te noseixto man-
dam(en)to, por q(ue) não he necess(a)r(i)o preguntar a hûms
como aos outros; pois só sepuzeraô p(ar)a se saber
eperguntar, q(ue)m quizer, mas desincarrego
minha consciencia (et caetera)

Finis.

232r



397¹⁸⁴

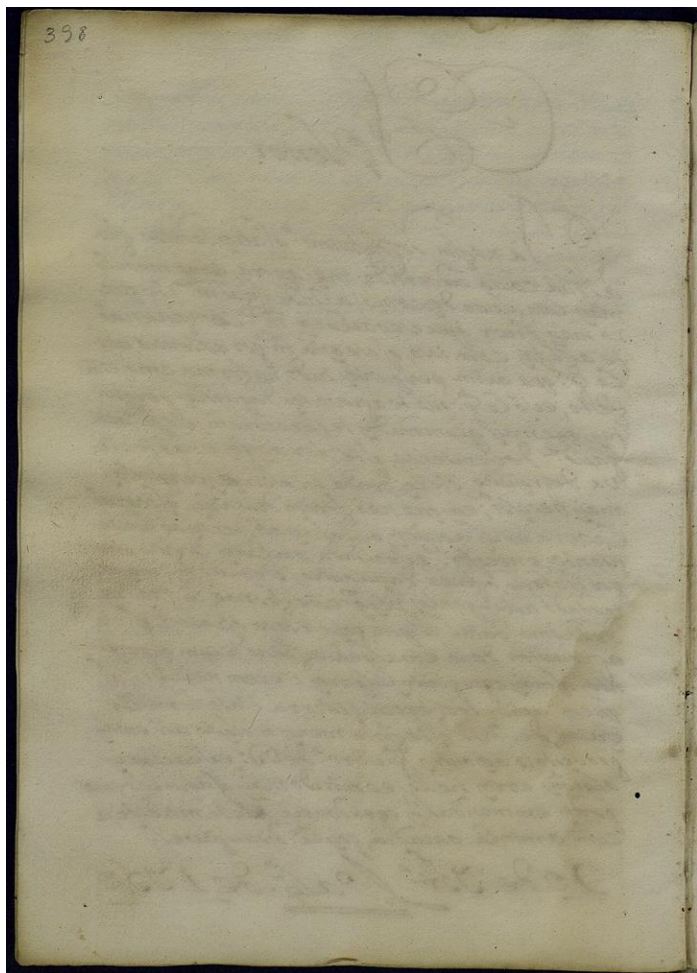
Ao leitor

Iá no fim do Confission(a)r(i)o q(ue) atras tedeixo fica
alguã couza advertido; mas agora como meacho
mais com algum descanso / ahinda q(ue) não m(ui)to / te que
ro mais dizer que seo achares m(ui)to confuzo, não
te aflijas com isso, q(ue) se está m(ui)to por extensso, não
he p(ar) que asim perguntes tudo, na forma em q(ue) está
feito, esó he p(ar)a que te aproveites daquellas pergun-
tas, que mais acomodadas te parecerem, seg(un)do aca-
paci(ad)e do Penitente, q(ue) te vier os pés, e não te sir-
va de prejuizo o teries donde escolheres perguntas
mais necess(a)r(i)as; eas que não forem deixarás, q(ue) ocaziaõ
havera em q(ue) aoutros outalves atí, te sejaõ conve-
nientes, enecess(a)r(i)as e se ahinda o achares confuzo, toma
por trabalho, o fazer daqui outro / sequizeres / mas aco-
modado a teu genio/ pois q(ue)m este fes não he mestre
do Idioma datal lingoa, pois só teve o trabalho p(ar)a se
aproveitar d'elle emalguã aflição, / ecom as pergu-
ntas q(ue) mais apreposito julgares serem necess(a)r(i)as, a
quem asim to offerece quizera sabello melhor
fazer, desorte q(ue) se fosse menos molesto atí, emais
proveitozo aos outros, p(ar)a a serv(i)ço de D(eo)s eseachares
algûms erros nelle / eemmtudo mais q(ue) aqui tedeixo /
podes emmendallos, e perdoame sete molesto, e
com aminha ouzadia, pois hé disculpavel

20 de (Setem)bro Valé de 1750

¹⁸⁴ Anotação posterior.

232v

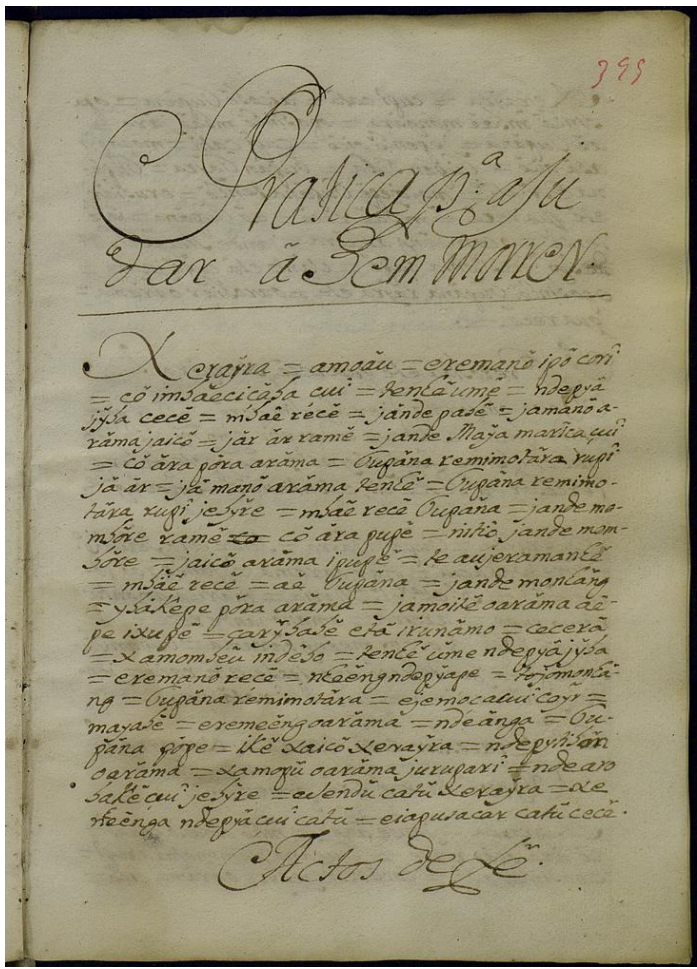


1

398¹⁸⁵

¹⁸⁵ Anotação posterior.

233r



399¹⁸⁶

1
2
3
4

5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

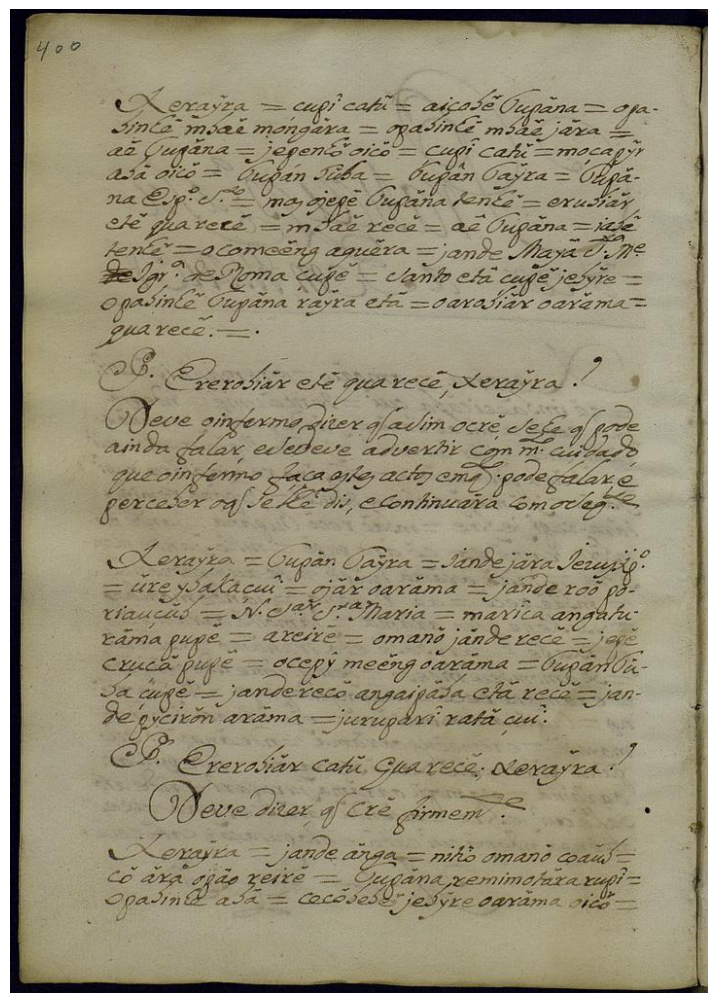
Pratica p(ar)a aju
dar á Bem morrer.

Xeraýra = amoáu = eremanó ipó cori
= çó imbaeciçába çuí = tenhé umé = ndepyá
jýba cecé = mbaé recé = jánde pabé = jamanó a-
ráma jaicó = jár ár ramé = jande Maýa maríca çuí
= có ára póra aráma = Tupána remimotára rupî
já ár = já manó aráma tenhé = Tupána remimo-
tára rupî jebýre = mbaé recé Tupána = jande mo-
mbóre ramé eo¹⁸⁷ có ára pupé = nitfo jande mem-
bóre = jaicó aráma ipupé = te aujeramanhé
= mbäé recé = aé Tupána = jande monháng
= ybáKepe póra aráma = jamoité oaráma aé-
pe ixupé = çarybabé etá irunámo = cecera
= xamombéu indébo = tenhé úme ndepyá jýba
= eremanó recé = nheéngndepýape = tojomonhá-
ng= Tupána rémimotára = ejemoçacuî coýr =
mayabé = eremeéng oaráma = ndeánga = Tu-
pána pópe = iKé xaicó xeraýra = ndepytibón
oaráma = xamopú oaráma juruparî = ndearo
baKé çuí jebýre = asendú catú xeraýra = xe
n [†h] eénga ndepyá çuí catú = eiapusacar catú cecé.
Actos defé.

¹⁸⁶ Anotação posterior com caneta vermelha.

¹⁸⁷ Tachado duplamente (=)

233v



¹⁸⁸ Anotação posterior.

1

400¹⁸⁸

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

Xerayra = çupî catú = aiçobé Tupána = opa=
binhé mbaé mongára = opabinhé mbaé jára=
aé Tupána = jepen hó oicó = cupî catú = moçapyr
abá oicó = Tupán Túba = Tupân Taýra = Tupá=
na Esp(írit)o S(an)to= mos ojepé Tupána tenhé = erubiár
eté qua recé = mbaé recé = aê Tupána = iabé
tenhé = ocomeéng aquéra = jande Mayá S(anta) M(adr)e
de Igr(ej)a de Roma çupé = Santo etá çupé jebyré =
opabinhé Tupána rayra etá = oarobiár oaráma =
quarecé. = .

P(ergunta) Ererobiár eté quarecé, xerayra?
Deve o inferno dizer q(ue) asim ocré, sehe q(ue) pode
ainda falar, esedeve advertir com m(ui)to cuidado,
que o inferno faça estes actos emq(uan)to pode falar e
perceber oq(ue) se lhe dis, econtinuára com o seg(uin)te

Xerayra= Tupán Taýra = Iande jara Iesus (Christ)o
= úre ybaKaçuî = ojár oaráma = jande roó po-
riauçúb = N(ossa) S(enho)r(a) S(an)ta Maria = maríca angatú-
ráma pupé = areiré = omanó jánde recé = jepé
cruçá pupé = ocepý meéng oaráma = Tupán Tu-
ba çupé = janderecô angaipába etá recé = jan-
de pycirón aráma = juruparî ratá çuí:

P(ergunta) Ererobiár catú qua recé: xerayra?

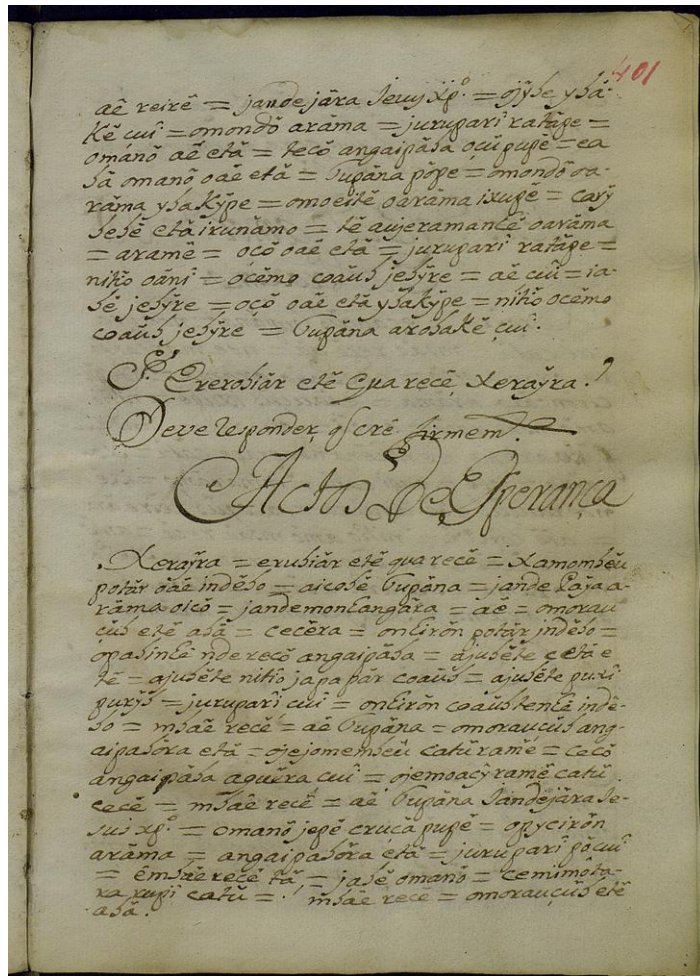
25 Deve dizer, q(ue) crê firmem(en)te

26 Xeraýra = jande ánga = nitfo omanó = coaúb=

27 có ára opáo reiré = Tupána remimotára rupî=

28 opabinhe abá = cecóbebé jebýre oaráma oicó=

234r



401¹⁸⁹

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23

aê reirê = jandejára Iezus (Christ)o = ojýbe ybá-
Ke çuî = omondó aráma = juruparî ratápe =
omanó aé etá = tecó angaipába oçúpupé = ea
bá omanó oaé etá = Tupána pópe = omondó oa-
ráma ybaKýpe = omoeité oaráma ixupé = carý
bebé etá irunámo = té aujeramanhé oaráma
= aramê = oçó oaé etá = juruparî = ratápe=
nitfo oánî = océmo coaúb jebýre = aé cuî = ia-
bé jebýre = oçó oaé etá ybaKýpe = nitfo océmo
coaúb jebýre = Tupána arobaKé çuî.

P(ergunta) Ererobiár eté qua recé, Xeraýra?

Deve responder, q(ue) cré firmem(en)te

Actos de Esperança

Xeraýra = erubiár eté qua recé = xamombéu
potár oaé indébo = aicobé Tupána = jande Paýa a-
ráma oicó = jandemonhangára = aé = omorau
çúb eté abá = cecéra = onhirón potár jndébo =
opabinhé nde recó angaipába = ajubéte cetá e
té = ajubéte nitfo japapár coaúb = ajubéte purí
purýb = juruparî çuî = onhirón coaúb tenhé indê-
aipabóra etá = ojejomembeû catú ramé = cecó
angaipába aquéra çuî = ojemoacý ramé catú.

¹⁸⁹ Anotação posterior com caneta vermelha.

- 24 cecé = mbaê recé = aé Tupána Iandejára Ie-
25 sus (Christ)o = omanó jepé cruçá pupé = opycirón
26 aráma = angaipabóra etá = juru parî pó cuî
27 = embaé recé tá = jabé omanó = cemimóta-
28 ra rupî catú = . / mbaé recé = omorauçúb eté
29 abá.

234v

402
 P. Ererubiár etá qua recé, xeraýra?
 Deve responder q(ue) sim ocré, e asim oespera
 na mizericordia de D.
 Actos de Carid. amor de D.
 do Proximo.
 Xeraýra = eçauçúb Tupána = ndeprá
 çuí catú = mbaé recé aé = nde monhangá
 ra aráma oicó = ndePaýa aráma = ndepý-
 cirónçára aráma = eçauub ixupé = nitiô
 amó mbaé recé = anhé = oicó recé = jánde Tu-
 panaaráma = enheéng ndepyápe catú = xe-
 raýra = iabé = çupî catú = tomarámo = ixé
 nderauçúb eté aquéra = acoaúb reíre ára
 = até coýr vé = nitiô amó mbaé recé = anhó
 ereicó recé = xe Tupána aráma = xe Pa-
 ýa aráma = xejára aráma = xemonhan-
 gára aráma = xepycironçára aráma.
 P. Erenheén iabé ndepyápe, xeraýra?
 Deve responder q(ue) sim.
 Pois coýr xeraýra = ejimboé Tupána çupé
 = ndepyápe catú = opabinhé mbaé catú recé =
 omonhañg aquéra indébo = ndemonhañg aquéra
 recé = omanó aquéra recé nderecé = opycirón
 aráma nde ánga = juruparî pó çuí.

402¹⁹⁰

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

P(ergunta) Ererubiár etá qua recé, xeraýra?

Deve Responder, q(ue) sim ocré, e asim oespera
na mizericordia de D(eo)s.

Actos de Carid(ad)e amor de D(eo)s;
e do Proximo.

Xeraýra = eçauçúb Tupána = ndepyá
çuí catú = mbaé recé aé = nde monhangá
ra aráma oicó = ndePaýa aráma = ndepý-
cirónçára aráma = eçauub ixupé = nitiô
amó mbaé recé = anhé = oicó recé = jánde Tu-
panaaráma = enheéng ndepyápe catú = xe-
raýra = iabé = çupî catú = tomarámo = ixé
nderauçúb eté aquéra = acoaúb reíre ára
= até coýr vé = nitiô amó mbaé recé = anhó
ereicó recé = xe Tupána aráma = xe Pa-
ýa aráma = xejára aráma = xemonhan-
gára aráma = xepycironçára aráma.

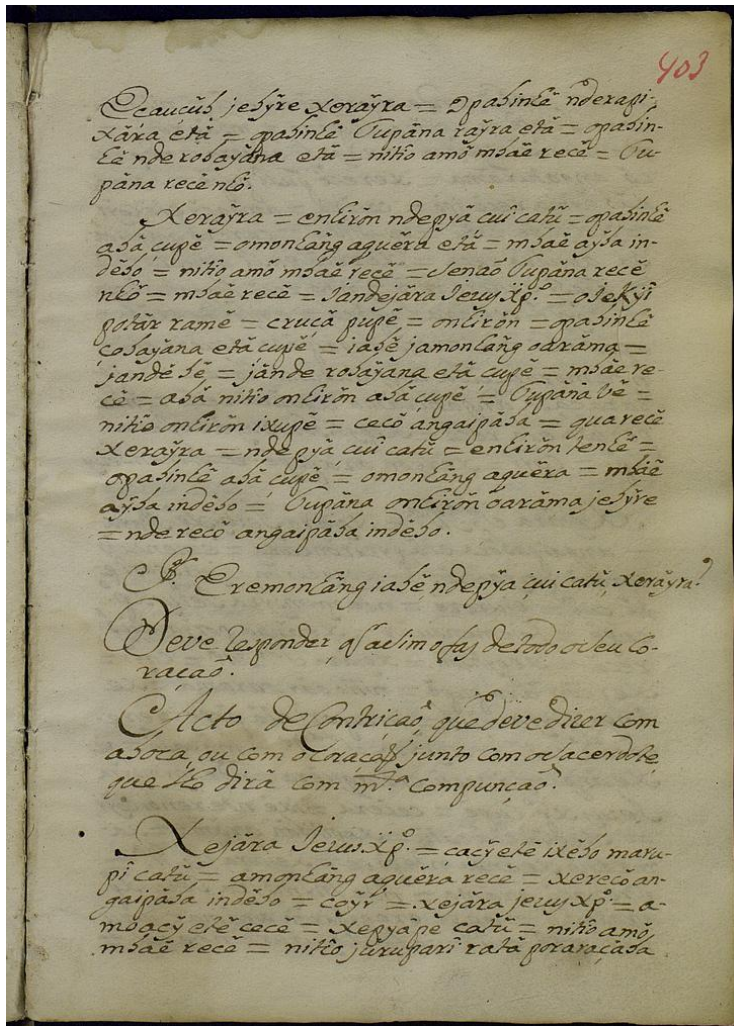
P(ergunta) Erenheén iabé ndepyápe, xeraýra?

Deve Responder q(ue) sim.

Pois coýr xeraýra = ejimboé Tupána çupé
= ndepyápe catú = opabinhé mbaé catú recé =
omonhañg aquéra indébo = ndemonhañg aquéra
recé = omanó aquéra recé nderecé = opycirón
aráma nde ánga = juruparî pó çuí.

¹⁹⁰ Anotação posterior.

235r

403¹⁹¹

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

Eçaucúb jebyré xeraýra = Opabinhé nderapi=
xára etá = opabinhé Tupána raýra etá = opabin-
hé nde robayána etá = nitfo amó mbaé recé = Tu-
pána recé nhó.

Xeraýra = enhirón ndepyá çuí catú = opabinhé
abá çupé = omonháng aquéra etá = mbaé aýba in-
débo = nitfo amó mbaé recé = senaô Tupána recé
nhó = mbaé recé = Iandejára Iezus (Christ)o = ojeKýi
potár ramé = cruçá pupé = onhirón = opabinhé
çobayána etá çupé = iabé jamonhaáng oaráma =
jandé bé = jánde robayána etá çupé = mbáe re-
cé = abá nitfo onhirón abá çupé = Tupána ué =
nitfo onhirón ixupé = cecó angaipába = quarecé
xeraýra = nde pyá çuí catú = enhirón tenhé =
opabinhé abá çupé = omonháng aquéra = mbaé
aýba indébo = Tupána onhirón oaráma jebyré
= nde recó angaipába indébo.

P(ergunta) Ereminháng iabé ndepyá çuí catú, xeraýra?
Deve Responder, q(ue) asim ofaz detodo oseu co-
ração

Acto deContrição, quedeve dizer com
aboca, ou com o coração junto com osacerdote,
que lho dirá com m(ui)ta compunção

Xejára Iezus (Christ)o = çacýeté ixébo maru-

¹⁹¹ Anotação posterior com caneta vermelha.

- 26 pî catú = amonháng aquéra recé = xerecó an-
27 gaipába indébo = coýr = xejára jezus (Christ)o = a-
28 moacy eté cecé = xepyá pe catú = nitiô amó
29 mbaé recé = nitîo juruparî ratá poraraçába

- 28 meéng xeánga ndepô pe = xejára S(ant)a M(ari)a =
29 ereraçó aráma = nde mymbýra Iezus (Christ)o
30 arobaKé = aépe erepycirón aráma = juru
31 parî etá çuî = iäbé xajururé nde çuî =.

236r

*Xepyá cui catú = iabé xacarón = nde pó an-
 gaturáma cui = emoraucúß eté Xeánga =
 Xejána S^{ta} Maria.*
*Xe carýbebe = xeánga rarônçára =
 Xepytibón = xepycirón = juruparî etá cui =
 inhírón ixêbo = nitfo recé = aporacár aquéra =
 nde neénga = iké cicói xeánga = xameéng
 ndepópe = ereraçó catú aráma = Tupána aro-
 baKé = aépe xepytibón = nitfo oár oaráma =
 juruparî etá pópe = Sáo Tupána remimotá
 ra rupî = eimoraucúßa angaturáma recé =
 Xeánga oçó Tupána ratápe = tenhé nde re
 çarâi ixuí = ejururé nhinhé cecé = Tupána
 çupé = iabé jebyré = opabinhé Tupána rayra
 etá çupé = ojimboé oaráma Tupána çupé =
 Xeánga recé = océmo oaráma curutém =
 Tupána ratá cui = iabé xacarón nde cui =
 Xeánga rarônçára.*
*Epabinhé S^{ta} etá = ybáke póra = Tupána
 arobaKé = peicó oae etá = pejururé Tupá-
 na çupé = Xeánga poryaucúß recé = nitfo oár
 oaráma = çobayána etá pópe = iabé xacarón
 pe cui.*
*Aqui lhe entregará oS^{to} nas mãos, e
 ainda onã hizer, dirá oS^{to} seguinte.*
*Xejára ~~Aráma~~ X^{to} = XeTupána = xemo-
 nçára = Xepy cirônçára = ixé nderaucúß*

405¹⁹³

1
 2 xepyá cui catú = iabé xacarón = nde pó an-
 3 gaturáma cui = emoraucúß eté xeánga =
 4 xejára S(an)ta Maria.

5 Xe carýbebe = xeánga rarônçára =
 6 xepytibón = xepycirón = juruparî etá cui =
 7 inhírón ixêbo = nitfo recé = aporacár aquéra =
 8 nde neénga = iké cicói xeánga = xameéng
 9 ndepópe = ereraçó catú aráma = Tupána aro-
 10 baKé = aépe xepytibón = nitfo oár oaráma =
 11 juruparî etá pópe = Sáo Tupána remimotá
 12 ra rupî = eimoraucúßa angaturáma recé =
 13 Xeánga oçó Tupána ratápe = tenhé ndere
 14 çarâi ixuí = ejururé nhinhé cecé = Tupána
 15 çupé = iabé jebyré = opabinhé Tupána rayra
 16 etá çupé = ojimboé oaráma Tupána çupé =
 17 xeánga recé = océmo oaráma curutém =
 18 Tupána ratá cui = iabé xacarón nde cui =
 19 xeánga rarônçára

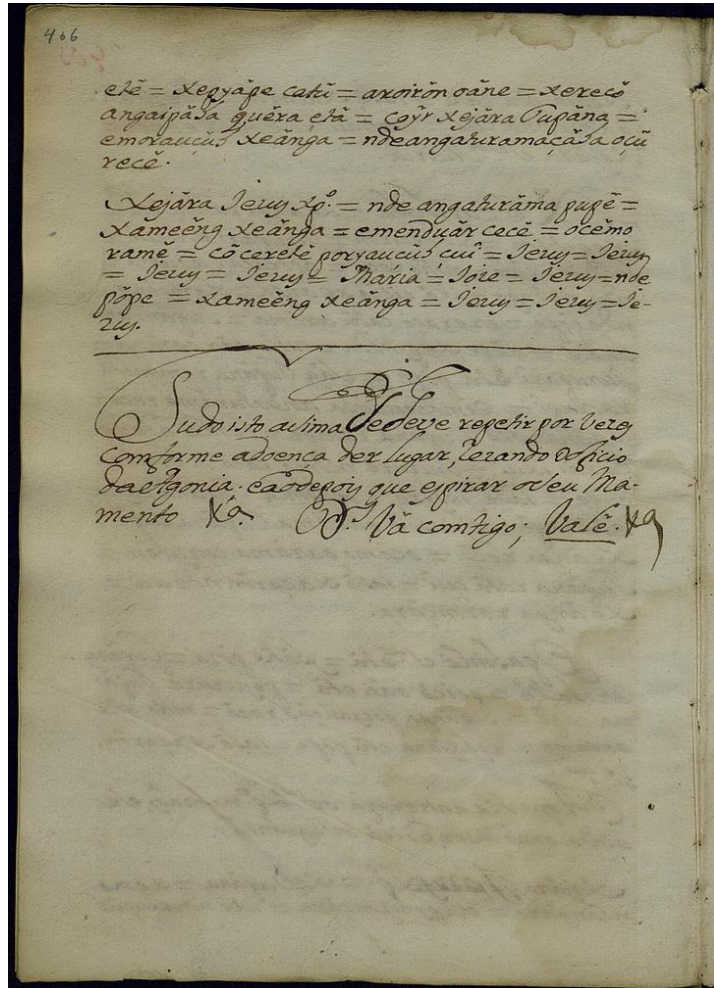
20 Epabinhé S(an)to etá = ybáke póra = Tupána
 21 arobaKé = peicó oae etá = pejururé Tupá-
 22 na çupé = xeánga poryaucúß recé = nitfo oár
 23 oaráma = çobayána etá pópe = iabé xacarón
 24 pe cui.

25 Aqui lhe entregará oS(anto) (Christ)o nas mãos, se-

¹⁹³ Anotação posterior com caneta vermelha.

- 26 ainda onaô tiver, edirá oseguinte.
- 27 Xejára Iesus (Christ)o = XeTupána =xemo-
- 28 nhangára = xepycironçára = ixé nderauçúb

236v



1

406¹⁹⁴

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

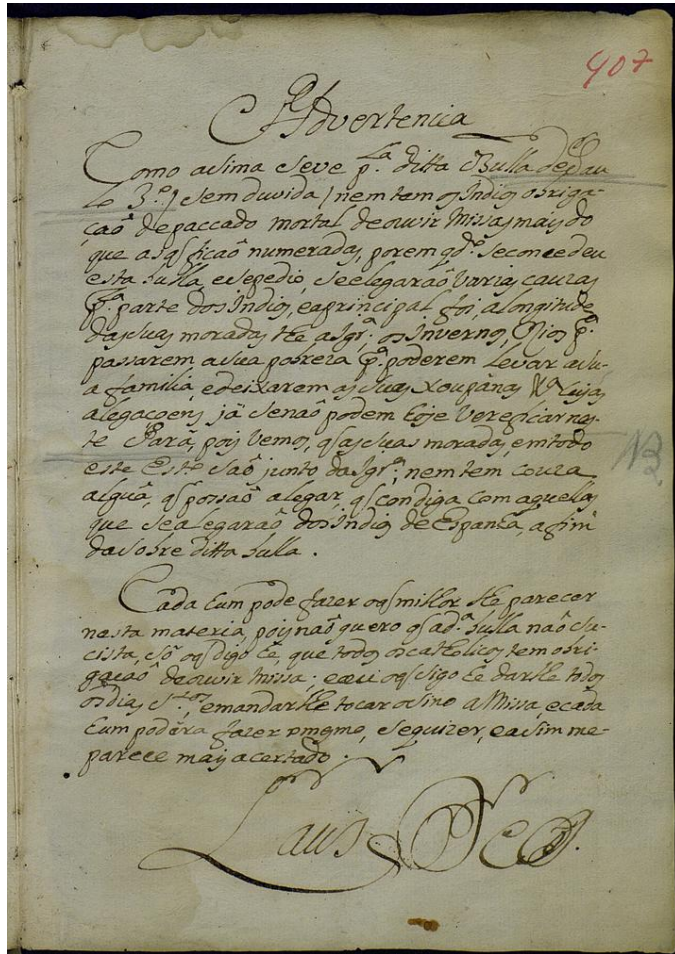
eté = xepyápe catú = aroirón oáne = xerecô
angaipába quéra etá = coýr xejára Tupána=
emoraucúb xeánga = ndeangaturamaçába oçú=
recé.

Xejára Iezus (Christ)o = nde angaturáma pupé=
xameéng xeánga = emenduçar cecé = océmo
ramé = có cereté po poryaucúb çuí = Iezus = Iezus
= Iezus = Iezus= Maria = Ioze = Iezus =nde
pópe= xameéng xeánga = Iezus= Iezus = Ie-
zus.

Tudo isto asima Sedeve repetir por vezes
comforme adoença der lugar, Rezando ooficio
daAgonia. eaodepois que espirar oseu ma-
mento (et caetera) D(eo)s Vá contigo; Valé (et caetera)

¹⁹⁴ Anotação posterior.

237r

407¹⁹⁵

Advertencia

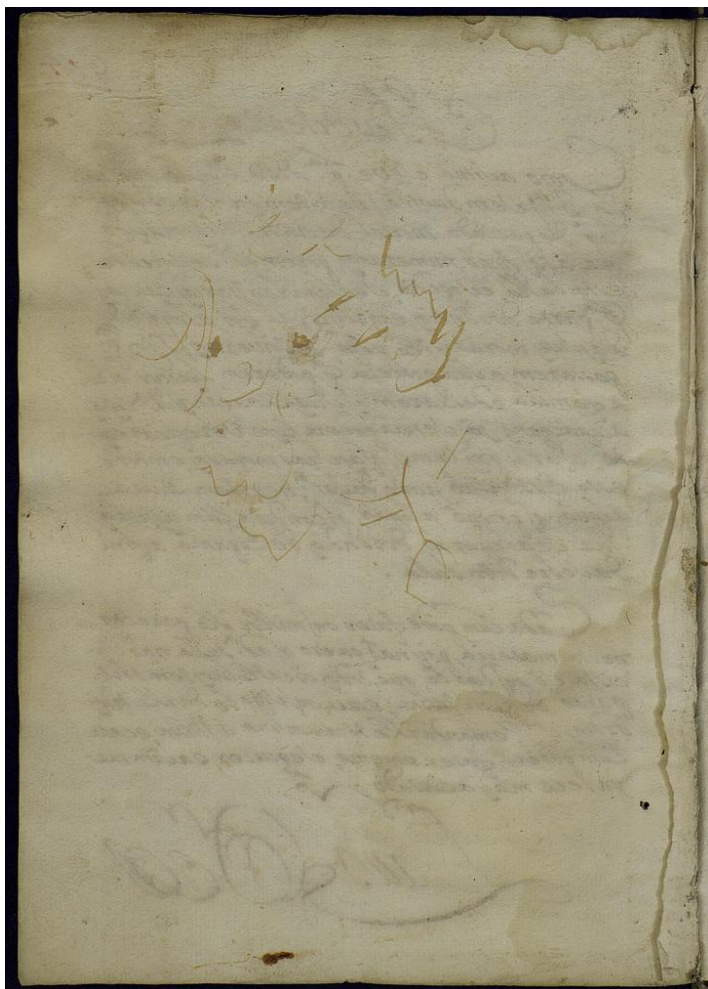
Como asima seue p(e)la ditta Bulla de Pau
lo 3º / sem duvida / nem tem os Indios obriga-
ção de paccado mortal deouvir missas mais do
que as q(ue) ficaõ numeradas, porem q(uan)do seconcedeu
esta bulla, esepedio, sechegaraõ varias cauzas
p(el)a parte dos Indios, eapincipal foi, alongitude
das suas moradas the aIgr(ej)a; os Invernors, Rios p(ar)a
passarem asua pobreza p(ar)a poderem levar asu-
a familia, edeixarem as suas xoupânas (et caetera) cujas
alegaçoens já senão podem hoje vereficar nes-
te Pará, pois vemos, q(ue) as suas moradas, em todo¹⁹⁶
este Es(ta)do são junto da Igr(ej)a; nem tem couza
alguã, q(ue) possaõ alegar, q(ue) condiga com aquellas
que sealegaraõ dos Indios de Espanha, afim
dasobre ditta bulla.

Cada hum pode fazer oq(ue) melhor lhe parecer
nesta materia, pois não quero q(ue) a d(itt)a bulla não su-
cista, só oq(ue) digo he, que todos os catholicos tem obri-
gação deouvir missa; eeu oq(ue) sigo he darlhe todos
os dias S(an)tos, e mandarlhe tocar osino amissa, e cada
hum podéra fazer o mesmo, sequizer, easim me-
parece mais acertado.

¹⁹⁵ Anotação posterior com caneta vermelha.

¹⁹⁶ Anotação posterior, com grafismo irregular.

237v

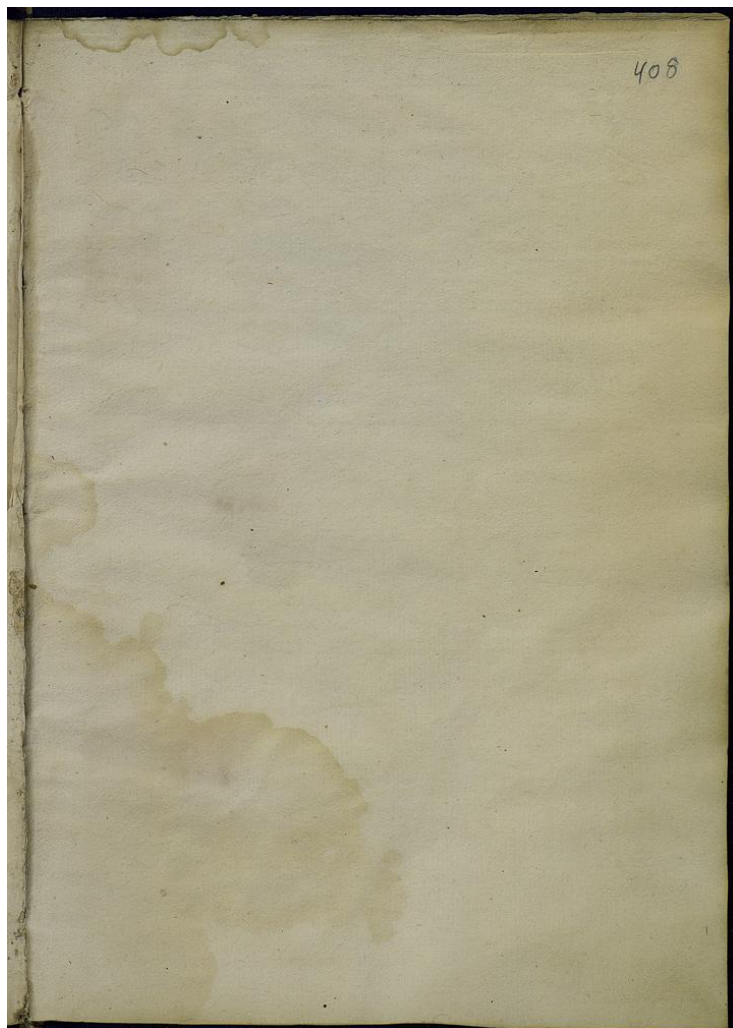


197

¹⁹⁷ Rabiscos que parecem teste de traço.

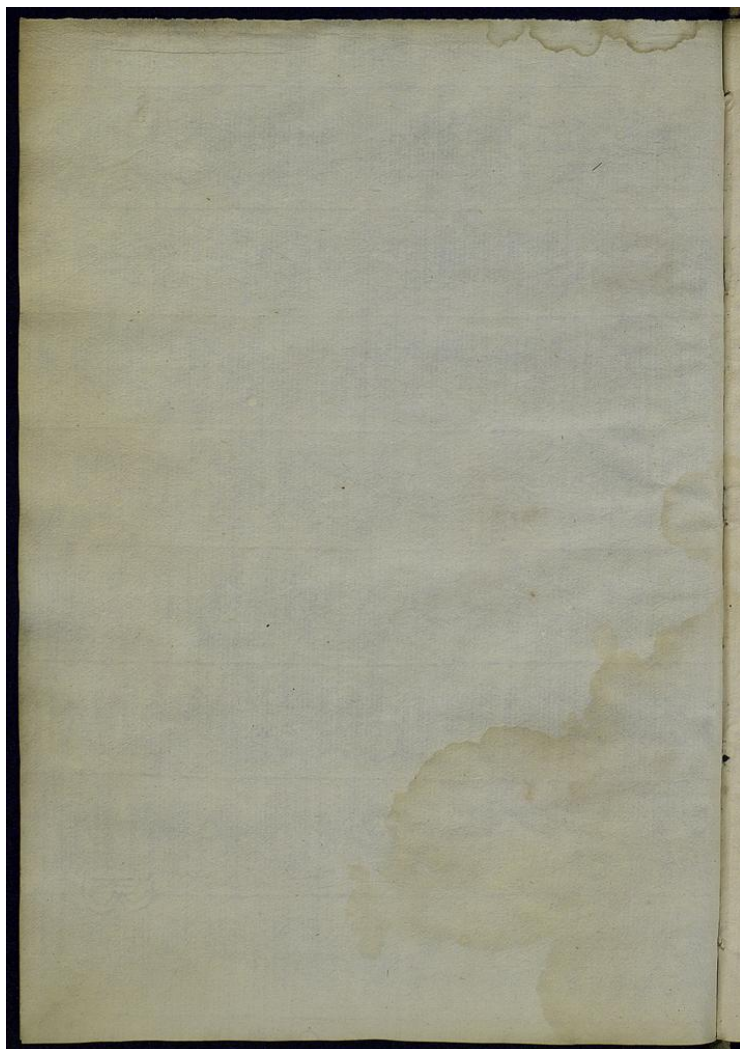
238r

1

408¹⁹⁸

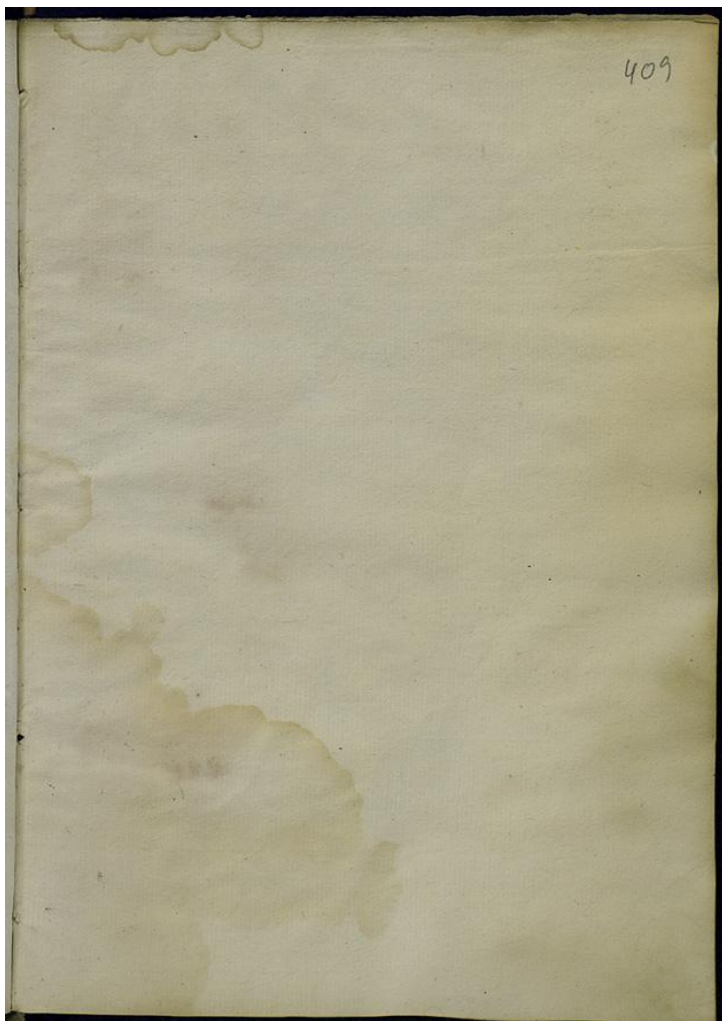
¹⁹⁸ Anotação posterior.

238v



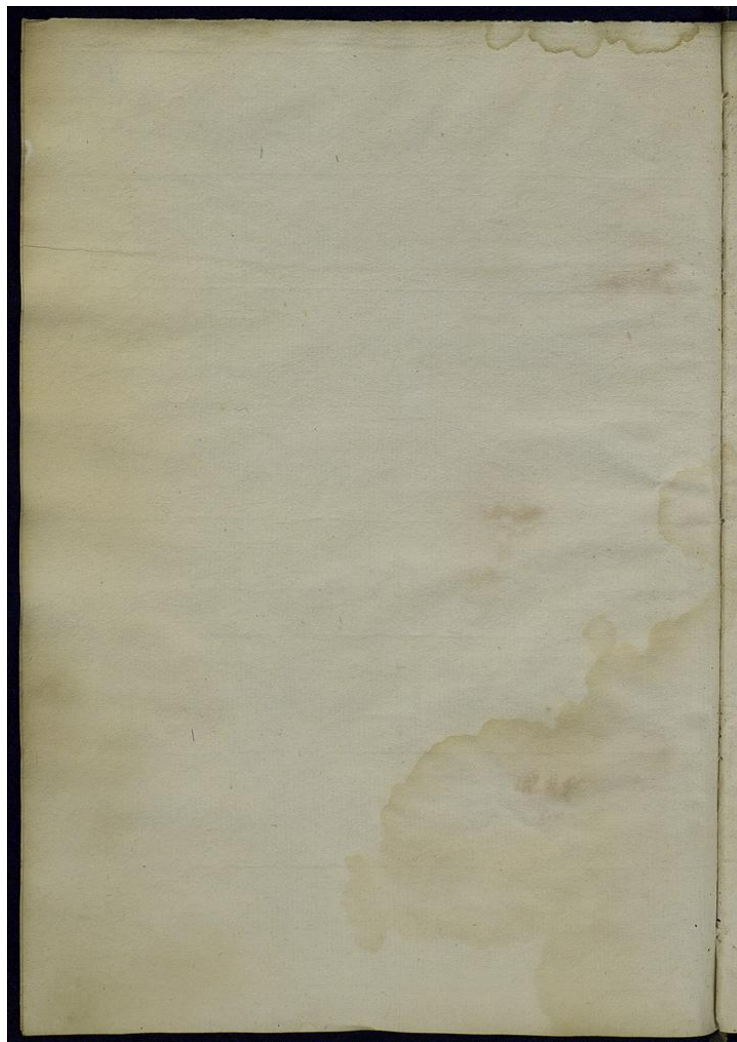
239r

1

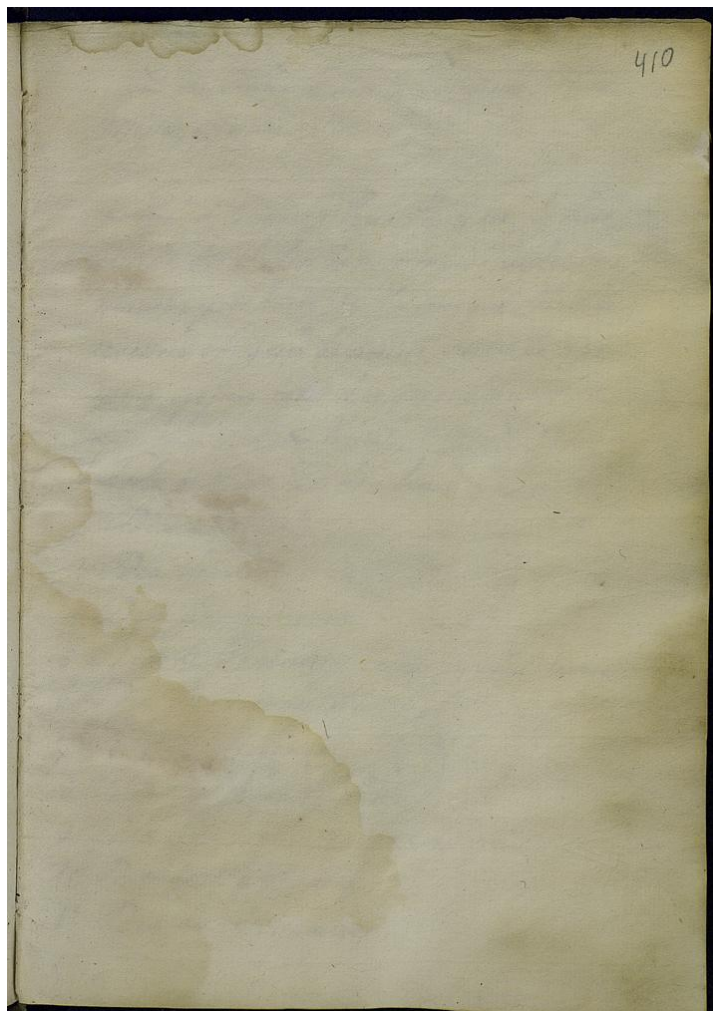
409¹⁹⁹

¹⁹⁹ Anotação posterior.

239v



240r

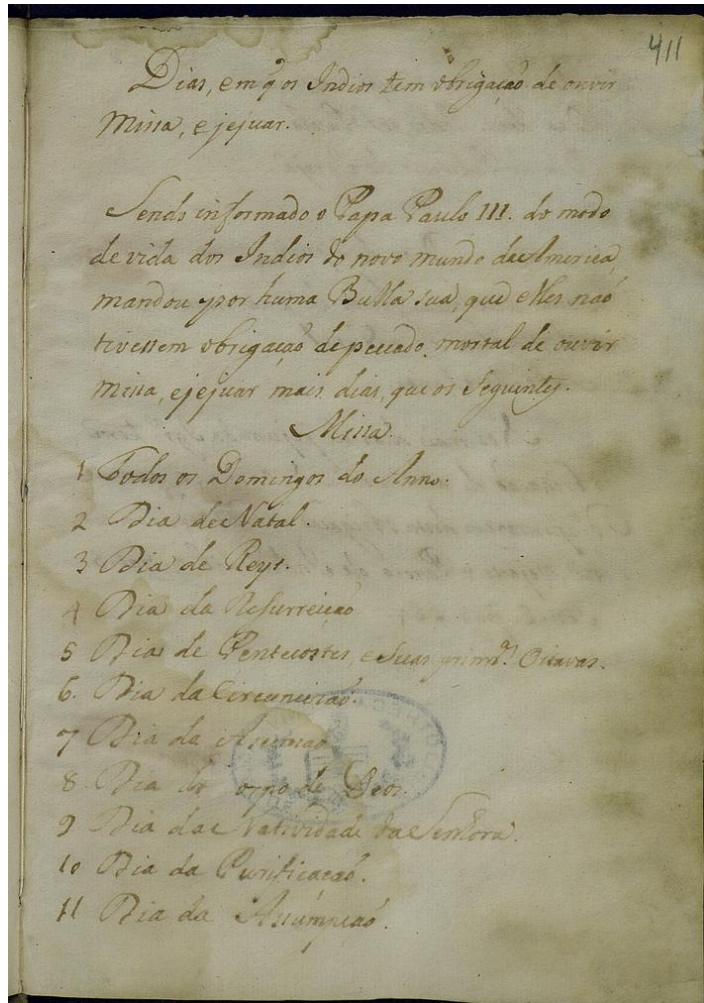


1

410²⁰⁰

²⁰⁰ Anotação posterior.

240v



1

411²⁰¹

2

Dias, em q(ue) os Indios tem obrigação de ouvir

3

Missa, e jejuar.

4

Sendo informado o Papa Paulo III. do modo

5

de vida dos Indios do novo mundo de America,

6

mandou por hum Bulla sua, que elles não

7

tivessem obrigação de peccado mortal de ouvir

8

missa, e jejuar mais dias, que os Seguintes.

9

Missa.

10

1 Todos os Domingos do Anno.

11

2 Dia de Natal.

12

3 Dia de Reys.

13

4 Dia da Resurreiçao

14

5 Dia de Pentecostes, e suas prim(eir)as Oitavas.

15

6 Dia da Circuncizaõ.

16

7 Dia da Ascensao

17

8 Dia do Corpo de Deos.

18

9 Dia da Natividade da Senhora.

19

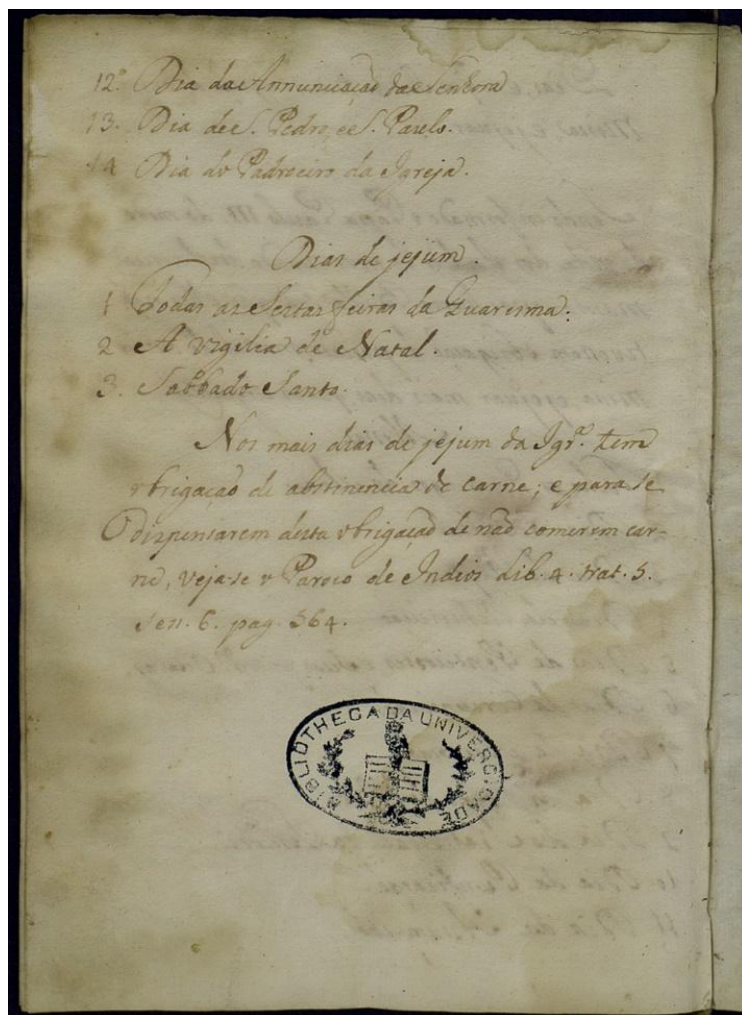
10 Dia da Purificaçao.

20

11 Dia da Assumpçao.

²⁰¹ Anotação posterior.

241r



- 1 12º Dia da Annuniação da Senhora
- 2 13. Dia de S(aõ) Pedro, e S(aõ) Paulo.
- 3 14. Dia do Padroeiro da Igreja.

4 Dias de jejum.

- 5 1 Todas as Sestas-feiras da Quaresma:
- 6 2. A vigilia de Natal.
- 7 3. Sabbado Santo.

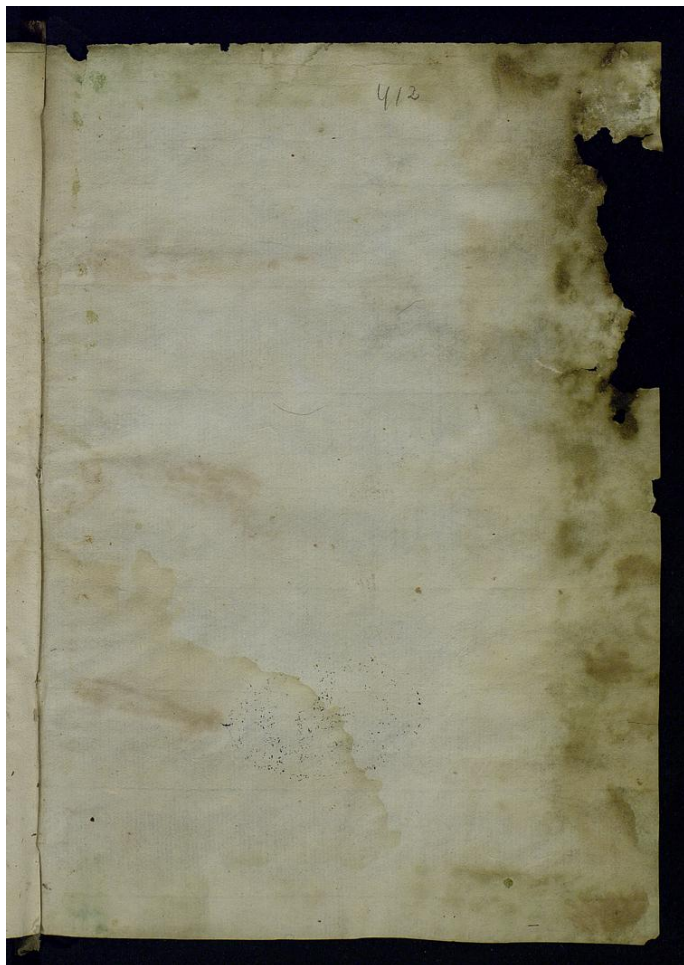
- 9 Nos mais dias de jejum da Igr(ej)a tem
- 10 obrigação da abstinencia de carne; e para se
- 11 dispensarem desta obrigação de não comerem car-
- 12 ne, veja-se o Paroco de Indios Lib(ello). 4. trat(ado). 5
- 13 sess(aõ). 6 pag(inas). 564.

[Carimbo úmido em formato oval BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE]

Folha de guarda volante (reto)

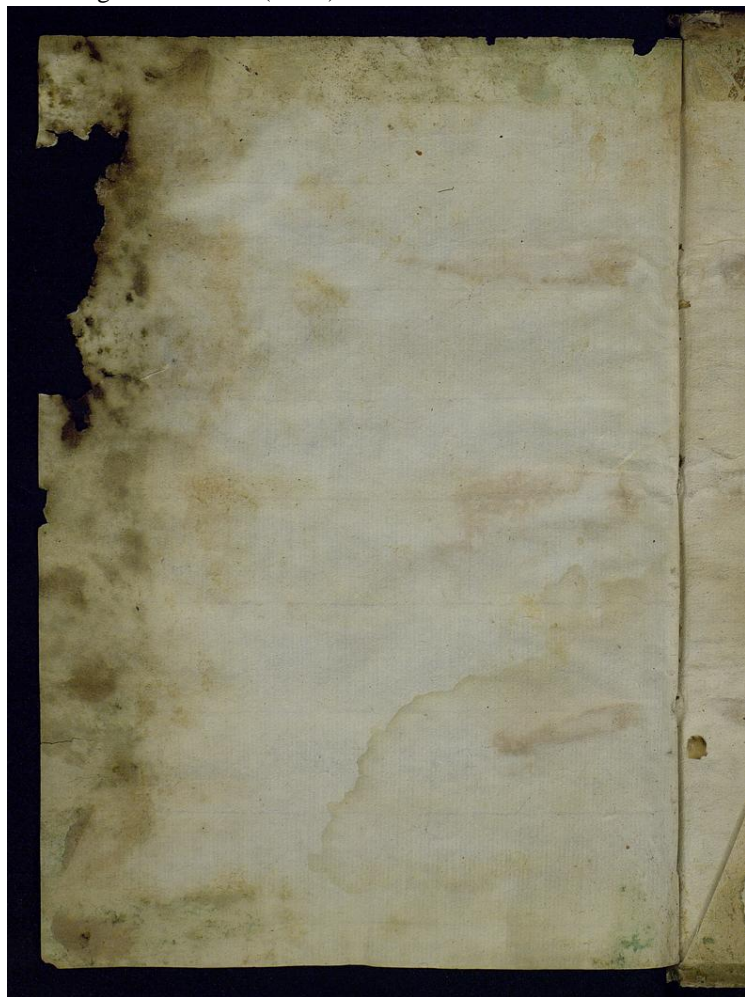
1

412²⁰²

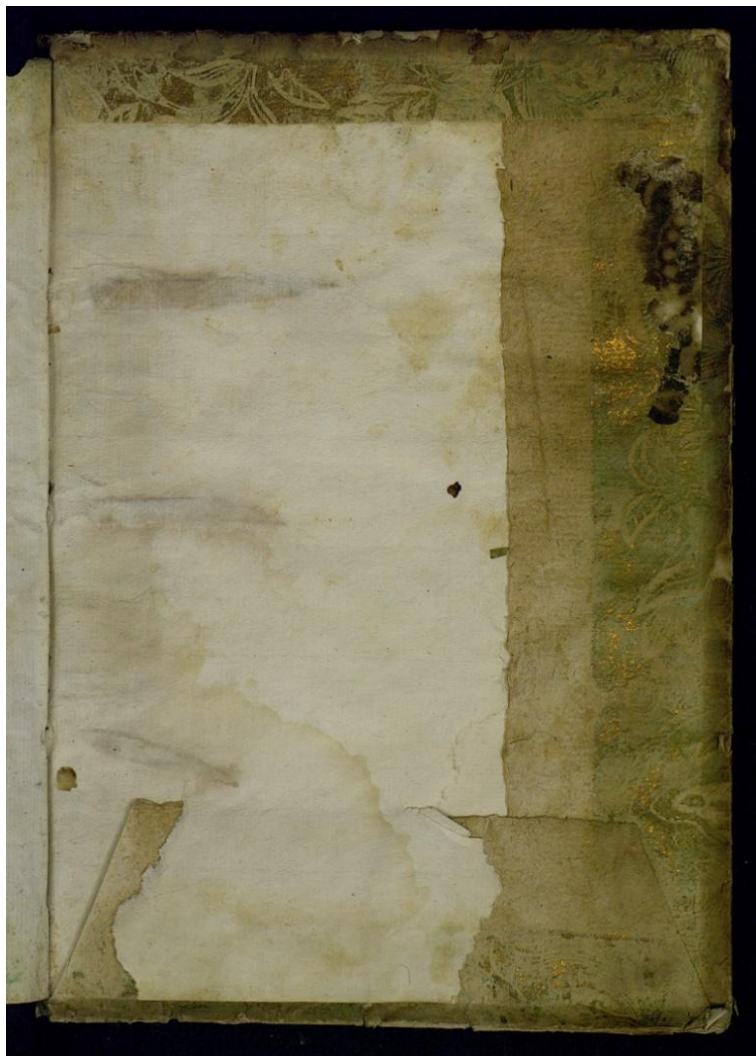


²⁰² Anotação posterior

Folha de guarda volante (verso)



Folha de guarda fixa



Contracapa



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falou-se sobre isso muitas vezes. Mas o passado é sempre novo: como a vida procede, ele muda, porque vêm à tona partes que pareciam afundadas no olvido, enquanto outras desaparecem por serem agora pouco importantes. O presente dirige o passado como um regente de orquestra dirige os seus músicos. A ele ocorrem estes ou aqueles sons, e não outros. E por isso o passado às vezes parece tão longo e, outras vezes, tão breve. Ressoa ou emudece. No presente, só reverbera a parte que é chamada para iluminá-lo ou ofuscá-lo.

SVEVO, 1968, p. 252 *apud* ROSSI, 2010, p. 97.

A análise do códice 69 revela uma política linguística e educacional já consolidada em torno de um projeto de civilização no Brasil colonial, especialmente na região amazônica. O documento, associado ao contexto missionário e pombalino, reflete as estratégias para normatizar o ensino da língua portuguesa a partir do uso de línguas gerais, em um esforço explícito de controle cultural e político. As respostas aos questionamentos centrais desta pesquisa comprovam que, no ano de 1750 – única data identificada no documento –, o governo português já havia articulado diretrizes que transcendiam a catequese, visando à integração das populações indígenas em um modelo civilizacional europeu.

Assim, sobre os questionamentos que nortearam esta investigação, tem-se as seguintes respostas:

I) Quem escreveu o documento?

Estudos paleográficos indicam a participação de duas mãos na concepção de uma gramática e de um dicionário para a LGA, o que era comum na produção missionária. A

finalidade do documento, entretanto, é clara: servir como ferramenta prática para a consolidação de uma língua franca na região e para a difusão de valores culturais europeus, evidenciando o papel do Estado e da Igreja como agentes do projeto civilizatório.

A análise do códice 69 e das hipóteses sobre a autoria de Bettendorff traz contribuições significativas para os campos da Paleografia, da Linguística Histórica e da reconstrução cultural de manuscritos coloniais. O estudo paleográfico detalhado revelou que o códice foi escrito por diferentes mãos, sendo a “mão A” destacada pela consistência caligráfica e pela compatibilidade com documentos atribuídos a Bettendorff. As evidências materiais, como a origem alemã do papel, reforçam a hipótese de autoria jesuítica, especificamente de Bettendorff, devido à sua formação acadêmica, erudição e atuação direta na Amazônia.

A gramática e o dicionário presentes no códice 69 refletem momentos distintos de desenvolvimento linguístico. A gramática, mais antiga, apresenta traços compatíveis com os compêndios jesuítas e se alinha ao trabalho de Bettendorff, enquanto o dicionário evidencia adaptações posteriores às realidades locais. Esse contraste aponta para uma mudança linguística significativa no contexto colonial, marcada pela coexistência de uma variante formal (“polida”) e outra mais coloquial (“vulgar”) da Língua Geral Amazônica, configurando um cenário de diglossia linguística. Além disso, elementos como o uso de tremas, consoantes duplicadas e grafemas típicos da escrita alemã reforçam a hipótese de que o *scriptor* A tinha o alemão como língua nativa, característica que converge com a biografia de Bettendorff.

As comparações grafemáticas entre o códice 69 e outros documentos assinados por Bettendorff revelaram alta compatibilidade, embora pequenas diferenças possam ser atribuídas a fatores contextuais, como mudança de instrumento de escrita ou exaustão manual. A análise também identificou influências de compêndios como os de Anchieta e Figueira na gramática, mas com inovações que destacam a independência do autor na organização e descrição gramatical.

O estudo desafia hipóteses anteriores, como a autoria franciscana defendida por Edelweiss, que se baseava em interpretações limitadas e em argumentos frágeis, como o uso do termo “frade”. A análise paleográfica detalhada e a consideração de elementos materiais e linguísticos tornam essa hipótese insustentável, enquanto reforçam a autoria jesuítica, possivelmente atribuída a Bettendorff. Apesar de algumas discrepâncias cronológicas, como a data de composição do dicionário em relação à morte de Bettendorff, as evidências apontam para a plausibilidade de sua autoria na gramática, que é mais antiga e alinhada ao seu estilo e contexto histórico.

Este trabalho demonstra a importância de uma abordagem interdisciplinar na análise de manuscritos históricos. A integração de métodos paleográficos, linguísticos e históricos permitiu uma compreensão mais profunda do códice 69, questionando narrativas consolidadas e avançando no entendimento das interações culturais e linguísticas do período colonial. A pesquisa revela ainda o papel central dos manuscritos como vestígios culturais e linguísticos, fundamentais para a reconstrução de línguas e práticas históricas. Por fim, a análise do códice 69 não apenas contribui para esclarecer a autoria, mas também para ampliar nosso conhecimento sobre a formação da Língua Geral Amazônica e sobre a dinâmica linguística e cultural da Amazônia colonial.

II) Como os falantes do português aprendiam as línguas gerais no século XVIII?

A obra foi destinada a falantes do português. Os falantes do português aprendiam as línguas gerais por meio de imersão cultural e da pedagogia prática nas missões. O ensino era estruturado em um bilinguismo funcional, em que a língua geral atuava como mediadora entre o português e as línguas indígenas locais. Essa abordagem foi parte de uma estratégia que ia além da comunicação: servia para criar um meio de controle social e religioso, alinhado ao objetivo civilizacional de uniformizar a comunicação e integrar os povos indígenas ao sistema colonial.

III) Qual foi a metodologia adotada, a partir da aquisição das línguas gerais, para o ensino da língua portuguesa?

A metodologia consistia em aproveitar a difusão e o prestígio das línguas gerais entre as populações locais como um alicerce para introduzir o português. A transição era gradual, com a língua geral sendo utilizada nas práticas religiosas e administrativas, enquanto o português era ensinado como idioma de poder e prestígio. Essa prática evidencia uma política linguística deliberada, cujo objetivo era não apenas catequizar, mas também transformar a estrutura cultural e social das populações indígenas, alinhando-as aos ideais do Diretório Pombalino.

IV) Quais evidências de contribuições do português às línguas indígenas?

As línguas indígenas, como a Língua Geral Amazônica (LGA), incorporaram elementos lexicais, gramaticais e fonológicos do português, transformando-se em línguas mistas. Essa mescla reflete um intercâmbio linguístico que, apesar de assimétrico, foi essencial para a

adaptação da comunicação interétnica às necessidades coloniais. A presença de vocábulos portugueses em contextos indígenas demonstra a tentativa de moldar essas línguas à luz de valores e estruturas europeias, reforçando a política de civilização.

V) Quais razões justificam a escolha de tal método justamente nos últimos momentos do processo de catequização dos indígenas do norte?

O método escolhido se justificava pela eficiência em alcançar grandes populações em um território vasto e multilíngue. As línguas gerais já eram amplamente utilizadas como veículos de comunicação entre grupos indígenas e coloniais, o que reduzia o tempo necessário para a catequese e o ensino. Além disso, em 1750, o Diretório Pombalino consolidava o afastamento da Companhia de Jesus, substituindo-a por uma abordagem mais estatal e secular, em que as línguas gerais eram instrumentos para formar súditos úteis ao sistema colonial. Essa estratégia comprova que, naquele momento, o ensino e o uso das línguas gerais estavam inseridos em um projeto de civilização que ia além da catequese.

VI) Quais implicações são observáveis, a partir da noção da língua descrita, para a história da escolarização em língua portuguesa da região amazônica no século XVIII?

O documento revela que o projeto civilizacional de 1750 estava diretamente associado à introdução do português como idioma hegemônico, utilizando as línguas gerais como ponte. A escolarização, ainda que incipiente, era moldada para integrar os indígenas ao modelo europeu, criando súditos bilíngues e culturalmente alinhados à metrópole. Esse processo foi crucial para a implementação de uma política linguística que culminaria na hegemonia do português, ao mesmo tempo em que marginalizava a diversidade linguística da região.

Conclusão Final

Transcrever um documento do século XVIII em língua geral, especialmente quando não dominamos totalmente essa língua e lidamos com textos produzidos por *scriptores* com habilidades variadas, apresenta diversas peculiaridades e desafios. Uma das principais dificuldades é a variabilidade linguística. A língua geral, como outras línguas históricas, frequentemente exhibe ortografias inconsistentes e variações regionais ou dialetais, o que dificulta tanto a compreensão quanto a padronização da transcrição. Além disso, a ausência de normas gramaticais rígidas na época torna o processo ainda mais complexo.

Outro fator significativo são as diferenças nas habilidades dos *scriptores*. Cada um pode ter adotado grafias pessoais, utilizado abreviações ou produzido formas pouco usuais, o que, aliado a caligrafias irregulares e erros humanos, introduz ambiguidades no texto. *Scriptores* menos experientes podem ter criado dificuldades adicionais ao introduzir traços pouco claros ou omissões. Quando aplicamos um critério conservador na transcrição – buscando preservar ao máximo as características originais do texto, incluindo erros e variantes –, enfrentamos o desafio de equilibrar a “fidelidade” ao documento com a necessidade de torná-lo legível para leitores modernos. Isso muitas vezes significa manter grafias antigas ou “incorretas” que podem dificultar a compreensão.

Além disso, questões materiais e paleográficas aumentam a complexidade. Documentos antigos frequentemente apresentam desgaste físico, manchas, rasuras ou letras apagadas, enquanto elementos gráficos como abreviações e ligaduras exigem conhecimento especializado para serem interpretados corretamente. A distância cultural e contextual também desempenha um papel crucial, já que a ausência de familiaridade com o contexto histórico ou cultural pode levar a interpretações equivocadas. Termos, conceitos ou mesmo formas de pensamento do período podem ser completamente desconhecidos, demandando pesquisa complementar.

Apesar desses desafios, o trabalho de transcrição oferece valiosos aprendizados. Primeiro, ele nos ensina a apreciar a variabilidade da escrita, que reflete as condições históricas, culturais e sociais da época. Percebemos que a escrita do passado não era uniforme, mas moldada por práticas locais e individuais. Além disso, esse processo nos conecta à reconstrução histórica, permitindo preservar línguas e culturas em risco de desaparecer e compreender melhor a evolução das práticas linguísticas.

A transcrição também desenvolve habilidades importantes como atenção ao detalhe, paciência e rigor, necessários para lidar com textos fragmentados ou de difícil leitura. Ela destaca a importância do contexto histórico e cultural para a correta interpretação dos textos, mostrando que compreender a intenção do autor exige um conhecimento profundo do período. Além disso, esse tipo de trabalho valoriza a colaboração interdisciplinar, envolvendo linguistas, historiadores e paleógrafos, e ensina a humildade intelectual, ao nos lembrar de que sempre haverá lacunas no nosso entendimento.

Por fim, a transcrição de textos históricos nos leva a refletir sobre as normas linguísticas modernas. O contato com ortografias e gramáticas não padronizadas desafia nossas noções de “certo” e “errado” na língua, ampliando nossa percepção da variação linguística. Assim, esse tipo de trabalho não é apenas um esforço técnico, mas também um exercício de diálogo com o

passado, que combina sensibilidade cultural, rigor acadêmico e um compromisso com a preservação da história.

O ano de 1750 marca uma mudança paradigmática nas políticas coloniais, evidenciando que o projeto de civilização já estava plenamente articulado, mesmo antes da posse do Marquês de Pombal. O códice 69 simboliza essa transição, documentando a implementação de uma política linguística e educacional que visava transformar as línguas indígenas em ferramentas de controle e integração. Ao aliar catequese, ensino e controle estatal, o Diretório Pombalino utilizou as línguas gerais como instrumentos para disseminar o português e os valores europeus, consolidando uma política de civilização que moldou a história da região amazônica e do Brasil como um todo.

Assim, o documento objeto de nossa pesquisa documenta não apenas as estratégias linguísticas e pedagógicas do período, mas também os rastros de uma complexa realidade sociolinguística em transformação. Ele evidencia a coexistência de línguas em um contexto de diglossia, onde variantes formais e informais da Língua Geral Amazônica (LGA) se adaptavam às necessidades cotidianas e formais, sob a influência da língua portuguesa e de outras línguas da Europa Central. Essas mudanças linguísticas revelam o impacto das interações entre indígenas, missionários e colonos na configuração das práticas discursivas e identitárias da região.

Portanto, este trabalho contribui para a reconstrução da história da escolarização em língua portuguesa no Brasil, situando-a em um contexto marcado por tensões políticas, linguísticas e culturais. Além de ampliar o entendimento sobre as dinâmicas de contato entre o português e as línguas indígenas, ele destaca o papel central das línguas gerais como mediadoras desse processo histórico. O legado dessas práticas linguísticas, ainda observável no multilinguismo da região amazônica contemporânea, sublinha a necessidade de valorizar e preservar a diversidade linguística e cultural que compõe a identidade brasileira. Daí a importância da disponibilidade de fontes, um objetivo desta edição semidiplomática.

Esta pesquisa, ao integrar elementos da linguística histórica, filologia, paleografia e história social – acionados não necessariamente nesta ordem –, não apenas ilumina um período crucial da formação do português brasileiro, mas também resgata vozes e práticas que moldaram os alicerces culturais e linguísticos do país. O códice 69, com seus registros das interações entre línguas, culturas e saberes, é mais do que um vestígio do passado: é um convite para refletir sobre a riqueza e os desafios da diversidade linguística em contextos históricos e contemporâneos, para que “outros passados” possam ser iluminados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ricardo Nascimento. **A escolarização linguística como projeto de civilização: o ensino de língua portuguesa na província de Sergipe, na primeira metade do século XIX, através do método lancasteriano**. 2011. 250f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária; Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1994.

ALFARO, Consuelo. As políticas linguísticas e as línguas ameríndias. Liames – Línguas Indígenas Americanas (**Revista do Instituto de Estudos da Linguagem**), Campinas (Unicamp), 2001, 1, pp. 31-42.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. **O Diretório dos Índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ALTMAN, Maria Cristina. A descrição das línguas 'exóticas' e a tarefa de escrever a história da linguística. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, p. 11-25, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1091>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**. São Paulo: Comissão Paulista de Comemorações do IV Centenário da Fundação de São Paulo, 1990. (Edição fac-similar da edição original de 1595).

ARAÚJO, Antônio de. **Catecismo na língua brasílica, no qual se contém a suma da doutrina cristã**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618.

ARAÚJO, Antônio de. **Catecismo brasílico da doutrina cristã: com o ceremonial dos sacramentos, & mais actos parochiaes**. 2. ed. rev. por Bartolomeu de Leão. Lisboa: Miguel Deslandes, 1686.

ARENZ, Karl Heinz; SILVA, Edvaldo Souza da. Ruralidades indígenas na Amazônia colonial. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 2, p. 275-292, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/cwjTpXc9Mn5PXKLmkLjQfmC/?format=pdf>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (APM). **Acervo Casa dos Contos**. Ouro Preto, MG: Arquivo Público Mineiro. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>. Acesso em: 9 jan. 2025.

AUROUX, Sylvain. **La révolution technologique de la grammatisation**. Liège: Mardaga, 1998.

AUTOR DESCONHECIDO. **Grámatica da lingua geral do Brazil, com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua**. [S.l.: s.n.], [1750?]. Manuscrito. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Códice 69. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316.2/78640>. Acesso em: 05 jan. 2025.

AVELLAR, Hélio de Alcântara. **História administrativa do Brasil: a administração pombalina**. Vol. 5. 2ª ed. Brasília: FUNCEP/ Ed. UNB, 1983.

AZEVEDO, João Lucio de. **Os jesuitas no Grão Pará: suas missões e colonização**. : Lisboa, Tavares Correia, 1901.

AZEVEDO, João Lucio de. **História de Vieira**. São Paulo. Alameda, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 389-414, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/download/20183/11732>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz. **Plano sobre a civilização dos índios do Brasil**. Manuscrito. Biblioteca Pública de Évora, Reservados, Portugal.

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha**. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971. (Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

BARROS, Leôncio. **A língua geral e a catequese: usos e transformações no Brasil colonial**. São Paulo: Loyola, 2000.

BARROS, M. C. D. M. Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII). In: FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, João Pacheco (orgs.). **História da língua geral na Amazônia: contatos e desdobramentos**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2003. p. 85-112..

BARROS, M. C. D.M.. A relação entre manuscritos e impressos em tupi como forma de estudo da política linguística jesuítica no século XVIII na Amazônia. In: **Revista Letras**, n. 61, Especial, Curitiba, 2003. pp. 125-152.

BARROS, M.C.D.M; MONSERRAT, Ruth. Fontes manuscritas sobre a língua geral da Amazônia escritas por jesuítas "tapuitinga" (século XVIII). In: MULLER, Jean-Claude; DIETRICH, Wolf; MONSERRAT, Ruth; BARROS, Cândida; ARENZ, Karl-Heinz; PRUDENTE, Gabriel (orgs.). **Dicionário de Língua Geral Amazônica**. Potsdam: Universitätsverlag Potsdam; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019. p. 45-60. Disponível em: <https://archive.org/details/muller-2018-dicionario-de-lga>. Acesso em: jan. 2025.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 2000. p. 7-15.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. V. I, História Externa das Línguas Românicas. São Paulo: Edusp, 2001.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, n. 1, p. 121-147, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/ZcQRY3mSSDKPy4ZmMzhZFyF/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BERSTEIN, Daniel. **The Memory of Paper: understanding watermarks and their role in paper history**. European Research Centre for Book and Paper Conservation-Restoration, 2013. Disponível em: <http://www.memoryofpaper.eu>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípides Franklin. Noções de paleografia e diplomática. 3. ed. Santa Maria: EdUFSM, 2008.

BETTENDORFF, João Felipe. **Compêndio da Doutrina Christã na Língua Portuguesa e Brasileira**. Lisboa: Imprensa Miguel Deslandes, 1687.

BETTENDORFF, João Filipe. **Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1978.

BLOC, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOMBARDI, Fernanda Aires. **Pelos interstícios do olhar do colonizador: descimentos de índios no Estado do Maranhão e Grão-Pará (1680-1750)**. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2014.tde-24092014-110351>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BORGES, L.; NUNES, J. **Les langues générales et la grammatisation des langues indiennes**. Langages, Paris, 1998, 130, pp. 52-67.

BOTELHO, José Mario. Estudos romanísticos sobre a linguagem no século XIX e o surgimento da linguística histórica. **Revista Philologus**, v. 27, n. 81 Supl., p. 89, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/955>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. Tradução de Heloisa Gonçalves Barbosa. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Tradução de Júlio Assis Simões. 12. ed. Porto Alegre: Editora Vozes, 2004.

BRANDÃO, Marcos Bau. Origens das fronteiras do Brasil (Terras e Tratados – 1532/1909). **GeoBau**, 2011. Disponível em: <https://marcosbau.com.br/geobrasil-2/1763-2/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BRASIL. **Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco**: inventários de documentos manuscritos avulsos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2000

BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913-1956**. Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BREZINGER, Matthias. **Langues minoritaires: un héritage culturel**. Diogenes, Paris, 1993, 161, pp. 3-21.

BRITO, Ana Paula. **História dos instrumentos de escrita**: da pena de ave à esferográfica. São Paulo: Edusp, 2010.

BURKE, Peter. **Línguas e comunidades na Europa moderna**: comunicação e comunidade nos séculos XVI e XVII. Tradução de Stella Leonardos. São Paulo: Editora UNESP, 1995

CAEIRO, José. **Sobre o exílio das províncias transmarinas da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus durante o Ministério do Marques de Pombal**. Bahia: Academia Brasileira de Letras, 1936.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Ed, IPOL, 2007.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Edson Nascimento; CURY, Maria Zilda Ferreira. Fontes primárias: saberes em movimento. **Rev. Fac. Educ.** v. 23 n. 1-2, São Paulo Jan./Dez. 1997.

CARDOSO, Lara da Silva; ANDRADE, Aroldo Leal de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. O português colonial brasileiro: uma nova agenda de pesquisas entre o português clássico e o português brasileiro moderno. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 39, n. 2, 2023.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas Brasileiras (1809-1904)**: um estudo linguístico-filológico. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **A administração colonial na Capitania da Bahia**: correspondências e documentos oficiais (1700-1821). Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. **Documentos manuscritos avulsos da Capitania da Bahia: séculos XVII e XVIII**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Políticas indígenas na América Portuguesa: a Capitania da Bahia nos séculos XVII e XVIII**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **A Capitania da Bahia e a administração dos territórios indígenas: documentos históricos (1750-1800)**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira. Indígenas alfabetizados em Português no litoral baiano setecentista: o caso de Vila de Abrantes. In: CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de (Orgs.). **Para a História do Português Brasileiro: Novos Dados e Interpretações**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017. p. 45-68.

CARREIRA, António. Situação das pesquisas acerca do tráfico em Portugal. In: MATTOSO, Kátia M. de Queirós (org.). **A escravidão no Brasil: novas perspectivas**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 15-30.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620)**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2006.

CASTRO, Ivo. **História da língua portuguesa**. Relatório (Programa e manual da cadeira). Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1992.

CHIAVENATO, Júlio José. **Cabanagem: o povo no poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, Ana Luíza F. O paradigma indiciário como metodologia para estudos historiográficos. In: **Anais do II Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire**. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2014. Disponível em: https://www.fepeg2014.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/o_p_aradigma_indiciario_como_metodologia_para_estudos_historiograficos.pdf. Acesso em: 5 jan. 2025.

CORPUS CE-DOHS. **Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão** (FAPESB 5566/2010 - Consepe UEFS 202/2010). Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda (UEFS). [Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro (CNPq. 401433/2009- 9 - Consepe UEFS 102/2009). (CNPq. Processo 401433/2009-9/Consepe: 102/2009).

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CONTRERAS, Jesús Francisco. **Introducción a la Paleografía y Diplomática**. Madrid: Editorial Síntesis, 1994.

DAMASCENO, Alberto; SANTOS, Emina; PALHETA, Daniel. A educação jesuítica na Amazônia Setecentista e os confrontos com o Pombalismo. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 259-291, set./dez. 2018.

DANIEL, João. **Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas**. Tomo 2. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. p. 227.

DIAS, Antônio Serafim. **A Língua Geral Amazônica**: aspectos históricos e linguísticos. Belém: EDUFPA, 2011.

DIETRICH, Wolf. O conceito de "Língua Geral" à luz dos dicionários de língua geral existentes. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 30, n. 3, p. 591-622, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/22489>. Acesso em: 9 jan. 2025.

DOMINGUES, Ângela. **Quando os índios eram vassalos**: colonização e relações de poder no norte do Brasil na segunda metade do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ECKART, Anselm. Specimen Linguae Brasilicae vulgaris. **Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur**, v. 6, p. 195-211, 1778.

EDELWEISS, Frederico. **Estudos tupis e tupi-guaranis**. Rio Janeiro, Brasiliana, 1969.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ERRINGTON, James Joseph. Colonial Linguistics. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v.30, p.19-39, 2001.

ERASMO de ROTTERDAM. **De civilitate morum puerilium**. 1. ed. Basiléia: Froben, 1530.

FALCON, Francisco José Calazans. **O Antigo Regime nos trópicos**: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

FIGUEIRA, Luís. **Relação de vários sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde Holandês, Ingleses e Franceses, e outras nações**. Lisboa: Matias Rodrigues, 1631.

FIGUEIRA, Luís. **Missão que fez o P. Luís Figueira da Companhia de Jesus, superior da Residência do Maranhão, indo ao Grão Pará, Camutá e Curupá, capitanias do Rio das Amazonas, no ano de 1636**. [S.l.: s.n.], 1636

FIGUEIRA, Luís. **Memorial sobre as terras e gentes do Maranhão, Grão-Pará e Rio das Amazonas**. Lisboa: Mathias Rodrigues, 1637

FIGUEIRA, Luis. **Arte da Língua Brasilica**. ed. Fac-símile de 1687. Anotada por Emílio Allain. Rio de Janeiro. Typographia Lombaerts & cia. 1880 (1621).

FIGUEIREDO, Manuel de Andrade. **Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar**. Lisboa: Officina de Pedro Ferreira, 1722.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FRANCHETTO, Bruna. A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 31-59, abr. 2008.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Da fala boa ao português na Amazônia brasileira. **Ameríndia**. Revue d' Ethnolinguistique Amérindienne. 8: 39-83, Paris, 1983.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Nheengatu: a outra língua brasileira. In: FARACO, Carlos Alberto; MOLLICA, Maria Cecília; PAGOTTO, Emerson (orgs.). **História Social da Língua Nacional**. Campinas: Mercado de Letras, 2008. pp. 119-149.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Editora Atlântica; EdUERJ, 2004

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FUNDO ALMA MATER. **Acervo de documentos históricos e culturais preservados pela Universidade de Coimbra**. Universidade de Coimbra, Portugal. Disponível em: <https://almamater.uc.pt/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

GINZBURG, Carlo. **Micro-história e outros ensaios**. Trad. Antônio Narino. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand-Brasil, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Joaquim Ferreira. **Para a história da educação em Portugal: seis estudos**. Porto: Porto Editora, 1995.

GONÇALVES, Marina Furtado. **Fazer e usar papel: caracterização material da documentação avulsa da Coleção Casa dos Contos do Arquivo Público Mineiro (1750-1800)**. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36332>. Acesso em: 9 jan. 2025.

GRIMSTED, Patricia Kennedy. Understanding provenance and its documentation in the archival context. **Archival Science**, v. 19, n. 4, p. 361-391, 2019.

GUEROLA RODRÍGUEZ, Carlos Manuel. Proporcionar aos índios a valorização das suas línguas?! Problemas discursivos na diferenciação da escola indígena. **Revista**

Brasileira de Linguística Aplicada, v. 15, n. 3, p. 779-807, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/fzztD6pZ37qm4bbKBLS3ZZx/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

GUSMÃO, Alexandre de. **Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia**. 1. ed. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: Aspects of the phonology, syntax, and language history. Pennsylvania University, PhD dissertation. 1981a.

GUY, Gregory. Parallel variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (orgs.), **Variation Omnibus**, 85-93. Edmonton: Linguistic Research. 1981b.

HAMEL, Rainer Enrique. **Plurilingüismo, lengua nacional e identidad étnica**: la planificación lingüística en América Latina. México: Siglo XXI Editores, 1993.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HEYE, Jurgen. Línguas em contato; considerações sobre bilinguismo e bilinguagem. In MORAIS, J. e CABRAL, Leoni Grimm (orgs.). **Investigando a linguagem**. Homenagem a Leonor Scliar Cabral. Florianópolis: Mulheres, 1999.

HOUAISS, Antônio. Os Filólogos. Conferência apresentada em 17 de novembro de 1997, no ciclo "Cem Anos de Cultura Brasileira", durante o **I Centenário da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.academia.org.br/videos/centenario-da-abl/conferencia-os-filologos-antonio-houaiss>. Acesso em: 5 jan. 2025.

HILL, Jonathan D. (Ed.). **History, Power, and Identity**: Ethnogenesis in the Americas, 1492-1992. Iowa City: University of Iowa Press, 1996.

JESUÍTA, Cristiano da Silva. **Uma gramática perdida nos trópicos**: um manuscrito setecentista sobre a Língua Geral do Brasil. 2020. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12345>. Acesso em: 5 jan. 2025.

KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita** - uma Perspectiva Psicolinguística. Editora Ática, 2011 Rio de Janeiro.

KLEIMAN, Angela. B. **Os significados do letramento** - uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of historical linguistics**: internal factors. Oxford/Cambridge: Blackwell. 1995.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, v. 37, e74611, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/74611>. Acesso em: 5 jan. 2025.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomos I-III e IV-VI.2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LEITE, Yonne. Línguas indígenas brasileiras e a esperança de um futuro. In: **IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA**, 2007, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ABRALIN, 2007. Disponível em: <https://filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iv/completos/palestras/Yonne%20Leite.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, Luís Costa. **História: ficção, literatura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOBO, Tânia. A formação histórica do português brasileiro: o estado da questão. Comunicação apresentada no **XI Congresso da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)**, Las Palmas de Gran Canaria, 1996. Texto inédito.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão Fernandes; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2009.

LOBO, Tânia Conceição Freire; Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil. **Estudos de Lingüística Galega**, vol. 7, 2015, pp. 69-82.

LOBO, Tânia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Índícios de língua geral no sul da Bahia na segunda metade do século XVIII. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma (orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Vol. VI: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 609-630.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; BASTOS, Mário Jorge da Motta; OLIVEIRA, Thiago Laurentino. **Olhares sobre o português medieval**: Filologia, História e Língua. Rio de Janeiro: Editora Vermelho Marinho, 2017.

LOSE, Alícia Duhá. **Arthur de Salles**: esboços e rascunhos. 2004. 265 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31789>. Acesso em: 9 jan. 2025.

LOSE, Alícia Duhá; PAIXÃO, Dom Gregório; OLIVEIRA, Anna Paula Sandes de; SANCHES, Gérsica Alves. **Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia**: edição diplomática. Salvador: EDUFBA, 2009.

LOSE, Alícia Duhá. Edições de documentos históricos: a quem interessam? a quem se destinam? **Revista da ABRALIN**, v.16, n.2 p. 71-86, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.

LOSE, Alícia Duhá. Paleografia e edição de documentos históricos: a edição dos documentos da construção da Basílica de N. Sra. da Conceição da Praia, Salvador, Bahia. In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (orgs.). **Paleografia e suas interfaces**. Salvador: Memória & Arte; Edufba, 2018. p. 24-37.

LOSE, Alicia Duhá. **Um Detalhe, Uma História. Ponto de Acesso**, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/112863975/Um_Detalhe_Uma_Hist%C3%B3ria. Acesso em: 9 jan. 2025.

LOSE, Alicia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Para uma filologia na pesquisa em linguística histórica. **Revista Letras**, n. 60, p. 17-36, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/download/61397/pdf>. Acesso em: 9 jan. 2025.

LOUKOTKA, Čestmír. **Classification of South American Indian Languages**. Los Angeles: Latin American Studies Center, University of California, 1968.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português no Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n. 12, p. 17-28, 1994.

LUCCHESI, Dante. Ideologia e contraideologia no debate social sobre a língua. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 15-30, set./dez. 2015.

LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 33, n. 2, 2017

MAIA, Clarinda de Azevedo. Linguística Histórica e Filologia. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (orgs.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 533-542.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da Alfabetização: perspectivas de análise. **História da Educação**, Pelotas, n. 18, p. 13-32, 2008.

MAGALHÃES, Erasmo D'Almeida. **Digressões a partir de um manuscrito**. 1981. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **O Selvagem**. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1876.

MAKONI, Sifree; PENNYCOOK, Alastair. Disinventing and Reconstituting Languages. In: MAKONI, Sifree; PENNYCOOK, Alastair (Ed.). **Disinventing and Reconstituting Languages**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. p. 1-4.

MAMIANI, Luís Vincencio. **Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kiriri**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. (1a. ed., Lisboa: Miguel Deslandes.). 1877[1699].

MÁRSICO, M. A. de V. Um panorama sobre a evolução histórica da encadernação. **PLANOR**: [S.l], 2015. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/panorama_evolucao_historica_encadernacao.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016. (Curso Biblioteca Nacional).

MATEUS, Maria H. Mira. Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreenda que uma língua viva em diferentes culturas?. **Revista de Letras**, n. 25, Vol. 1/2 - jan/dez. 2003 Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art14.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Português brasileiro: raízes e trajetórias (para a construção de uma história). **Discursos**, v. 3, p. 75-92, 1993.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Para a história do português brasileiro: primeiros estudos**. São Paulo: Humanitas, 2001. pp. 275-301.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, Tânia. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Volume III: novos estudos. São Paulo: Humanitas, 2002a. pp. 443-464.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de corpora para o Projeto "Para a História do Português Brasileiro". In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah (orgs.). **Para a História do Português Brasileiro: notícias sobre corpora e outros estudos**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002b. p. 17-28.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. As línguas gerais na história social-linguística do Brasil. In: ARGÔLO, Deise; LOPES, Nilda (orgs.) **Quinhentos anos de história social-linguística do Brasil: uma retrospectiva**. Salvador: EDUFBA, 2004b. p. 78.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica** – “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola, 2008.

MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MEIER, Johannes & AYMORÉ, Fernando Amado. **Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch- und Spanisch-America**. Ein bio-bibliographisches Handbuch. Band 1: Brasilien (1618-1760). Münster: Aschendorff Verlag, 2005.

MODUS SCRIBENDI – **Grupo de Pesquisas Paleográficas, Filológicas e Históricas**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. Coordenadoras: Prof.^a Dr.^a Alícia Duhá Lose e Prof.^a Dr.^a Livia Borges Souza Magalhães.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONSERRAT, Ruth. Marcas de escrita de falante de alemão no Dicionário de Trier. In: **Extrato de um dicionário jesuítico de 1756 em língua geral da Amazônia** - Letra A: Português-Língua geral. Portal BNDigital.

MONSERRAT, Ruth; BARROS, Cândida; MOTA, Jaqueline. Comparação entre dois diálogos de doutrina jesuíticos tupi: João Filipe Bettendorff (1687) e José Vidigal (1740)

In: **Anais da XIII Jornadas Internacionais Missões Jesuíticas**, Dourados. XIII Missões jesuíticas, 2010.

MOORE, Denny; FACUNDES, Sidney; PIRES, Nádia. Nheengatu (Língua Geral Amazônica), its history and the effects of language contact. **Survey Reports, Survey of California and Other Indian Languages**, n. 8, p. 1-12, 1993. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/7tb981s1>. Acesso em: 9 jan. 2025.

MOTA, Jaqueline Ferreira da. **A confissão tupi**: a problemática dos confessionários jesuítico-tupi nos séculos XVI-XVIII nas missões do Grão-Pará e Maranhão e do Brasil. 2017. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26052017-112650/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MOTT, Luiz. Bahia: **Inquisição & Sociedade**. Salvador: EDUFBA, 2010.

MORELLO, Rosângela. Política de cooficialização de línguas no Brasil. **Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa**, n. 01, Colóquio Internacional de Maputo, 2012. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/611679-RIILP-01-Coloquio-Internacional-de-Maputo-Mocambique/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MUSSA, Alberto Baeta Neves. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. 1991. 261 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000048485> Acesso em: 5 jan. 2025.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. O último refúgio da língua geral no Brasil. **Estudos Avançados** 26(76). 2012, p. 245-254.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Transcrição e tradução integral anotada das cartas dos índios Camarões, escritas em 1645 em tupi antigo**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 17, n. 3, e20210034, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-bgoeldi-2021-0034>. Acesso em: 10 jan. 2025.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo**: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2013.

NIKULIN, Andrey. Linguística histórica reconstrói línguas indígenas ancestrais. **ComCiência**, 2023. Disponível em: <https://www.comciencia.br/linguistica-historica-reconstroi-linguas-indigenas-ancestrais/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

NINYOLES, Rafael Luís. **Idioma y poder social**. Madri: Tecnos, 1976

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. **Introdução à história das línguas gerais no Brasil**: processos distintos de formação no período colonial. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8334>. Acesso em: 5 jan. 2025.

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. Colonização e Língua Geral: o caso do sul da Bahia. **Papia**, v. 23, n. 1, p. 75-96, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.etnolinguistica.org/artigo:argolo-2013>. Acesso em: 9 jan. 2025.

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. **História linguística do sul da Bahia (1534-1940)**. 2015. 300 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. As línguas gerais na história social-linguística do Brasil. **Papia**, v. 26, n. 1, p. 7-52, jan./jun. 2016.

NÓBREGA, Manuel da. Diálogo sobre a Conversão do Gentio (1556-1557). In: LEITE, Serafim (Org.). **Cartas Jesuíticas**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954. v. 1.

NÓBREGA, Manuel da. **Cartas do Brasil: 1549-1560**. Seleção e prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. 4. ed. São Paulo: Hedra, 1988.

NUNES, José Horta; RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Carolina. Langues amérindiennes à la Renaissance: norme et exemples dans les descriptions du tupi et du guarani. **Histoire Épistémologie Langage**, v. 30, n. 2, p. 105-122, 2008.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Historiografia linguística: métodos e modelos**. Florianópolis: Insular, 2001.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de.; ZANOLI, Maria de Lurdes; MÓDOLO, Marcelo. O conceito de "Língua Geral do Brasil" revisitado à luz da linguística de contato. **Lives in contact: a tribute do nine fellow creolinguists**. Tradução. Lisboa: Edições Colibri, 2019. Acesso em: 09 jan. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; SOUZA, Tânia. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, Eni (org.) **Política linguística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988, pp. 27-40.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; PERINELLI NETO, Humberto. A linguagem posta à prova pelo tempo: carlo ginzburg e suas contribuições para a história da educação. **Hist. Educ. [online]**. 2018, vol.22, n.55, pp.314-333. Epub 01-Maio-2018. ISSN 2236-3459. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/71676>.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 115-132

PETRUCCI, Armando. **Le scritture ultime**: vivere e morire nell'Italia moderna. Torino: Einaudi, 1999.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura**: primera lección de paleografía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 117-142.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução**: missionários, tupi e "tapuia" no Brasil colonial. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PORTUGAL. **Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará, e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário (1757)**. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1757.

PORTUGAL. **Relação abreviada da república que os religiosos jesuítas das Províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias; e da guerra que neles tem movido e sustentado contra os exércitos espanhóis e portugueses, formada pelos registos das secretarias e dos dois respectivos principais comissários e plenipotenciários e por outros documentos autênticos**. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1756.

PROSPERI, Adriano. **Dar a alma**: história de um infanticídio. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

PRUDENTE, Gabriel de Cassio Pinheiro. **Entre índios e verbetes**: a política linguística na Amazônia portuguesa e a produção de dicionários em Língua Geral por jesuítas centro-europeus (1720-1759). 2017. 186 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Aprudente2017/Prudente_2017_Entre_indios_e_verbetes.pdf. Acesso em: 9 jan. 2025.

RINCÓN, Antonio del. **Arte mexicana**. México: Pedro Balli, 1595.

RODRIGUES LOBO, Francisco. **Corte na aldeia, ou de conselhos a um cavaleiro para se viver e conversar na corte com os diferentes estados de pessoas que nelas assistem**. Lisboa: Officina de João Galvão, 1619.

RODRIGUES, Aryon. Classification of Tupi-Guarani. **International Journal of American Linguistics** 24. 1985. 231-234.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 9, n. 1, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45596>. Acesso em: 5 jan. 2025.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As línguas gerais sul-americanas. **Papia**, v. 3, p. 7-18, 1996.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Panorama das línguas indígenas da Amazônia. In: QUEIXALÓS, Francisco; RENAULT-LESCURE, Odile (orgs.). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2000. p. 15-28.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (orgs.). **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: UEL, 2002. p. 1-14.

ROMAINE, Suzanne. **Language in Society: An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

RÓNAI, Paulo. As cartas do P. David Fáy e a sua biografia: contribuição para a história das missões jesuíticas no Brasil no século XVIII. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 64, p. 192-273, 1942. Disponível em: <https://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:ronai-1944-cartas>. Acesso em: 05 jan. 2025.

ROSA, Maria Carlota. Um exemplo de descrição pedagógica no século XVIII: o Specimen linguae brasiliicae vulgaris e a tradição jesuítica de ensino de segunda língua. Terceira Margem. **Revista da Pós-graduação em Letras da UFRJ**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, p. 181-189, 1994

ROSOWSKY, Andrey. **Heavenly Readings: Liturgical Literacy in a Multilingual Context**. Bristol: Multilingual Matters, 2008

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RUAS, João. Notícias sobre a história do papel em Portugal. **Cultura** [online], Vol. 33 | 2014.

SALAZAR, Ana Cláudia. **Marcas de proveniência: estudo e aplicação em acervos bibliográficos**. São Paulo: Senac, 2019.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. Introdução e notas de F. G. Edelweiss. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1955 [1901]

SANTIAGO, Huda da Silva. **A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização**. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29323>. Acesso em: 5 jan. 2025.

SANTOS, Fabrício Lyrio. **Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia (1750-1800)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2012_santos_fabricio_lyrio_da_catequese_a_civilizacao_colonizacao_e_povos_indigenas_na_bahia_1750-1800.pdf. Acesso em: 5 jan. 2025.

SANTOS, Bruna Trindade Lima. **Edição do Plano Sobre a Civilização dos Índios do Brasil**: contribuições para aspectos sócio-históricos do português no Brasil do século XVIII. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/19665/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado-%20Bruna%20Trindade.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

SANTOS FILHO, José Carlos dos. **Paleografia**: leitura das antigas escritas brasileiras. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SAVIANI, Dermeval. O debate teórico-metodológico da história e sua importância para a 333 Hist. Educ. (Online) Porto Alegre v. 22 n. 55 maio/ago. 2018 p. 314-333 educação. **IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação"**. Campinas: HISTEDBR, 1997 (CD-Rom).

SCHLEICHER, August. **Kurzer Abriss einer Lautlere der indogermanischen Ursprache, des Altindischen (Sanskrit), Alteranischen (Altbaktrischen), Altgriechischen, Altitalischen (Lateinischen, Umbrischen, Oskischen), Altkeltischen (Altirischen), Altslawischen (Altbulgarischen)**. Weimar: Böhlau, 1861.

SIDER, Gerald. Identity as History: Ethnohistory, Ethnogenesis, and Ethnocide in the Southeastern United States. In: GILL, Gerard; WERBNER, Richard (Eds.). **Identities**: Global Studies in Culture and Power. New York: Berghahn Books, 1994. p. 109-134.

SILVA DE JESUS, Adilson. **O sertão por escrito no Livro de Razão**: um microcosmo sócio-histórico e linguístico da Bahia rural oitocentista. 2021. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SILVA NETO, Serafim da. **Manual de Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2ª ed. melhorada e ampliada, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC/Presença, 1979

SIQUEIRA, João de Nossa Senhora da Porta. **Escola de política, ou tratado prático da civilidade portuguesa**. Nova edição, acrescentada com o Compêndio da Doutrina Cristã. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1824.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 18, p. 5-17, 2001.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, 2002

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização: as muitas facetas. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF. São Paulo: Global Editora, 2014. p. 15-34.

SOLANO, Francisco de (org.). **Documentos sobre política linguística em Hispanoamerica (1492-1800)**. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.

SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Aspectos paleográficos para a crítica filológica. In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (orgs.). **Paleografia e suas interfaces**. Salvador: Memória & Arte; Edufba, 2018. p. 125-142.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. **Sobre o uso da Língua do Príncipe**: história social da cultura escrita, reconfigurações linguísticas e populações indígenas na Bahia setecentista. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SOUZA, Vanderci de Andrade; ABREU, Marli Quadros Leite de. Contribuições sócio-históricas e filológicas acerca da história da língua portuguesa. In: OLIVEIRA, Marco Antônio de; FARIA, Maria Auxiliadora de (Orgs.). **História da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 227-246.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**. São Paulo: Ars Poética; Edusp, 1921.

SPIX, Johann B. von; MARTIUS, Carl F. P. von. **Viagem pelo Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo/Itatiaia: EDUSP, 1981, T. 3.

STERN, Steve J. New Approaches to the Study of Peasant Rebellion and Consciousness: Implications of the Andean Experience. In: MALLON, Florencia E. (Ed.). **Peasant and Nation: The Making of Postcolonial Mexico and Peru**. Berkeley: University of California Press, 1995. p. 63-114.

STREET, Brian V. **Social Literacies: Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education**. London: Longman, 1995.

STREET, Brian V. Literacy events and literacy practices: theory and practice in the New Literacy Studies. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Eds.). **Situated Literacies: Reading and Writing in Context**. London: Routledge, 2000. p. 17-29.

STREET, Brian V. Autonomous and ideological models of literacy: approaches from New Literacy Studies. In: STREET, Brian V. (Ed.). **Literacy and Development: Ethnographic Perspectives**. London: Routledge, 2006. p. 1-21.

SVEVO, I. La morte. In: Opera omnia. v. III. Milao: Dall'Oglio, 1968, p. 252 apud ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**; seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: UNESP, 2010, p. 97

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). **Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica**, 35-68. Campinas: Editora da UNICAMP. 1993.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1982/1997.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. **The Making of the English Working Class**. New York: Vintage Books, 1963.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

UC DIGITALIS. **Repositório da Universidade de Coimbra para a preservação, valorização e acesso à produção científica e cultural**. Universidade de Coimbra, Portugal. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Biblioteca Geral. **Fundo Alma Mater**. Gramática da língua geral do Brasil, com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita *lingua*. Códice 69. [S.l.: s.n.], [1750?]. Manuscrito. Disponível em: <https://almamater.uc.pt/handle/10316.2/78640>. Acesso em: 3 jan. 2025.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.127-162.

VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como projeto de civilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 80-101, 2002.

VEIGA, Patrícia Regina Vannetti. **Do oral para o escrito: a narratividade em nheengatu no Alto Rio Negro — AM**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://www.etnolinguistica.org/tese%3Aveiga-2015>. Acesso em: 9 jan. 2025.

VIEIRA, Antônio. Sermão do Espírito Santo. In: VIEIRA, Antônio. **Obras completas do Padre Antônio Vieira**. v. 2. Porto: Lello & Irmão Editores, 1959. p. 415-416.

VIÑAZA, Cipriano Muñoz y Manzano, Conde de la. **Bibliografía española de lenguas indígenas de América**. Edición facsímil. Madrid: Atlas, 1977.

VITRAL, Lorenzo Teixeira. Língua geral versus língua portuguesa: a influência do processo civilizatório. In: SILVA, Thaís Cristófar; PAIVA, Maria da Conceição (Orgs.). **Contribuições sócio-históricas e filológicas acerca da história da língua portuguesa no Brasil**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 311-326.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª Ed., 1999.

ZIMMERMANN, Klaus. (ed.). **La descripción de las lenguas amerindias em la época colonial**. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana. 1997

ZWARTJES, Otto. **Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.